José Mendes Fonteles Filho

Subjetivação e Educação Indígena

EDIÇÕES UFC

José Mendes Fonteles Filho é graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP e Doutor em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Atualmente, é Professor Associado do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará – Campus de Sobral e coordenador do Curso de Magistério Indígena Tremembé Superior – MIT (Licenciatura Intercultural). Tem experiência nas áreas de Antropologia, Filosofia, Educação e Metodologia da Pesquisa, atuando principalmente nos temas: Cultura e Processos de Subjetivação, Educação Indígena, Formação de Professores, Movimentos Sociais, Arte-Educação e Epistemologia das Ciências Humanas.

Em 1998, o Prof. Babi Fonteles, como é conhecido, iniciou uma inusitada pesquisa-intervenção sobre o recente processo de organização das escolas diferenciadas indígenas no Ceará e no Brasil, produzindo intervenções pioneiras na construção desta modalidade de educação na Região Nordeste, como o são a criação dos cursos de formação de professores indígenas em nível médio: Curso de Magistério Indígena Tremembé - MIT e Curso de Magistério Indígena Tapeba, Pitaguary e Jenipapo-Kanindé – MITPJK, criados em 2001. Posteriormente, atuou diretamente na criação de cursos de nível superior: o Curso de Magistério Indígena Tremembé Superior – MIT, primeiro da Região a graduar uma turma de professores indígenas no ano de 2013, e o Curso de Magistério Indígena Superior Intercultural dos Povos Pitaguary, Tapeba, Kanindé, Jenipapo-Kanindé e Anacé – MISI-PITAKAJÁ, criado em 2009.

Sua tese de doutorado, defendida em 2003 e somente agora publicada, é o registro dos anos iniciais desse exitoso projeto, que se constitui um marco do protagonismo dos povos indígenas no campo da educação, mas também para a universidade brasileira, como um modelo de inclusão social dos povos indígenas no ensino superior.

SUBJETIVAÇÃO E EDUCAÇÃO INDÍGENA

educação indigena CC.indd 1 26/10/2015 11:42:59

Presidente da República
Dilma Vana Rousseff

Ministro da Educação
Renato Janine Ribeiro

Universidade Federal do Ceará – UFC
Reitor
Prof. Henry de Holanda Campos
Vice Reitor
Prof. Custódio Luís Silva de Almeida
Editora UFC
Diretor e Editor
Prof. Antônio Cláudio Lima Guimarães

Conselho Editorial
Presidente
Prof. Antônio Cláudio Lima Guimarães

Conselheiros
Profª. Angela Maria R. Mota de Gutiérrez
Prof. Gil de Aquino Farias
Prof. Italo Gurgel
Prof. José Edmar da Silva Ribeiro

José Mendes Fonteles Filho

SUBJETIVAÇÃO E EDUCAÇÃO INDÍGENA

educação indigena CC.indd 3 26/10/2015 11:42:59

Subjetivação e Educação Indigena
© 2015 Copyright by José Mendes Fonteles Filho
Impresso no Brasil / Printed in Brazil

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS
Editora da Universidade Federal do Ceará – UFC
Av. da Universidade, 2932 – Benfica – Fortaleza – Ceará
CEP: 60020-181 – Tel./Fax: (85) 3366.7766 (Diretoria)
3366.7499 (Distribuição) 3366.7439 (Livraria)
Internet: www.editora.ufc.br – E-mail: editora@ufc.br

Revisão
Leonora de Albuquerque Vale

Normalização Bibliográfica
Perpétua Socorro Tavares Guimarães – CRB 3/801-98

Capa
Valdianio Araújo Macedo

Programação Visual
Carlos Raoni Kachille Cidrão

Catalogação na Fonte
Bibliotecária: Perpétua Socorro T. Guimarães CRB 3 801–98

F 682s Fonteles Filho, José Mendes

Subjetivação e educação indígena / José Mendes Fonteles Filho. – Fortaleza: Edições UFC, 2015.

995 p.: il.

ISBN: 978-85-7282-668.6

1. Índios do Brasil 2. Educação indígena 3. Diário de campo I. Título

CDD: 371.9798081

Editora Filiada à

Associação Brasileira das Editoras Universitárias

Para José, meu filho.

educação indigena CC.indd 5 26/10/2015 11:42:59

educação indigena CC.indd 6 26/10/2015 11:42:59

Apresentação

educação indigena CC.indd 8 26/10/2015 11:42:59

Quinze anos se passaram desde que iniciei os estudos de mestrado e, posteriormente, doutorado em Educação, no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará – UFC, tendo como tema de minhas pesquisas-intervenções os processos de subjetivação indígena no Ceará. Neste tempo, saímos da condição de uma universidade em que os povos indígenas figuravam apenas como objeto de alguma rara pesquisa no campo das ciências humanas, para nos tornarmos uma referência nacional, na inclusão dos povos indígenas no ensino superior. A colação de grau da primeira turma do curso de Magistério Indígena Tremembé Superior – MITS, ocorrida no dia 6 de março de 2013, consolidou a UFC como pioneira no Nordeste e uma das primeiras universidades a graduar professores indígenas no Brasil.

Fruto primoroso do trabalho realizado durante os primeiros anos, no período de 1998 a 2003, este livro é resultado de minha tese de doutorado, defendida em maio deste mesmo ano, tendo se constituído o primeiro trabalho do gênero no Nordeste e um dos pioneiros no país. Nela, são analisados *"os processos atuais de* subjetivação dissidente (GUATTARI e ROLNIK, 1996)*, isto é, de autonomização e singularização experienciados pelos povos indígenas no*

educação indigena CC.indd 9 26/10/2015 11:42:59

Ceará, tendo como referência o campo de produção das escolas diferenciadas" (p. 3). Meu objetivo prático era "realizar uma ação concreta de apoio às lutas do *movimento indígena* local – particularmente pela escola diferenciada" (GUATTARI e ROLNIK, 1996). Assim, desde os primórdios, ainda no âmbito das ideias, este trabalho teve intenções e desdobramentos éticos e políticos, quais sejam, a contribuição direta no fortalecimento das lutas dos povos indígenas. Neste caso, por meio de intervenções na *educação diferenciada indígena*, e, mais especificamente, na formação de professores das escolas indígenas, em plena movimentação de gestação. Pois foi durante o tempo em que vivenciei um tempo privilegiado de inserção junto aos pesquisados, especialmente entre os Tremembé, em 2001, que pude contribuir diretamente na construção dos primeiros cursos de formação de professores indígenas do Ceará, à época, em nível médio: o curso de Magistério Indígena Tremembé – MIT e o curso de Magistério Indígena Tapeba, Pitaguary e Jenipapo-Kanindé – MITPJK.

Este livro quer se constituir em um registro de um capítulo recente da história da educação e das lutas dos povos indígenas no Ceará e no Brasil. Mas pretende ir mais além: deseja fortalecer no leitor a convicção de que a educação pode contribuir nos "processos de subjetivação dissidentes", que potencializam os sujeitos e suas coletividades, para se assumirem como protagonistas do próprio destino, transformando suas vidas a partir da máxima do poeta, quando diz "Gente é prá brilhar, e não prá morrer de fome" (Caetano Veloso).

José Mendes Fonteles Filho.
Meruoca/CE, dezembro de 2013

educação indigena CC.indd 10 26/10/2015 11:43:00

Sumário

Introdução | 1

Capitulo 1 – A Invenção do Objeto: do itinerário pessoal à elaboração téorico-metodológica | 9

Aproximações Iniciais do Tema | 11

Evolução da Problemática e da Pesquisa | 21

A problematização inicial | 23

O *desdobramento | 28*

Procedimentos de Investigação | 31

Aspectos teórico-metodológicos de partida | 34

O *desdobramento* teórico-metodológico | 45

Técnicas de *coleta* de dados | 47

O desenvolvimento da pesquisa e a ampliação do referencial teórico-metodológico | 52

A execução da pesquisa e os usos efetivos das *técnicas de produção de dados | 68*

Capítulo 2 – Cartografias da Subjetivação e da Educação Indígena | 81

Introdução aos Diários | 83

Diários 1º Parte | 89

Instantâneos | 889

Plástica | 913

Considerações Finais | 933

Bibliografia Geral | 945

Bibliografia Citada | 947

Bibliografia Consultada | 959

Anexos | 977

Introdução

educação indigena CC.indd 1 26/10/2015 11:43:00

educação indigena CC.indd 2 26/10/2015 11:43:00

Escrever é lutar, resistir; escrever é vir-a-ser; escrever é cartografar.
Gilles Deleuze

A emergência do movimento indígena no Ceará, no início dos anos 1980, tem colocado questões de diversas ordens para um conjunto muito vasto de atores sociais, entre os quais aqueles que, de algum modo, intervêm nos *processos de subjetivação* e sua relação com a *educação indígena diferenciada*.

Nascido das inquietações de quem tem participado, como sujeito ativo, na produção do *campo indigenista*, este trabalho pretende contribuir com o debate e as ações em torno da problemática em foco, oferecendo referências conceituais e metodológicas para pesquisadores, indigenistas e quaisquer outros atores sociais que possuam vinculações e/ou interesse em relação à *problemática indígena*, à Educação, à pesquisa em Ciências Sociais e aos temas mais teóricos, como os *processos de autonomização e singularização*.

educação indigena CC.indd 3 26/10/2015 11:43:00

Do ponto de vista *científico*, a relevância desta *intervenção* pode ser percebida pelo *tratamento teórico-metodológico* dispensado ao *objeto* da pesquisa, a saber: *a construção de cartografias dos processos de subjetivação indígena atual e suas relações com a produção das escolas diferenciadas indígenas no Ceará*.

Do ponto de vista *social*, a importância deste trabalho é, num primeiro aspecto, a disponibilização de *instrumentos de localização* em meio aos emaranhados das práticas e discursos dos agentes que, em intensas e contundentes relações políticas, interagem na produção das subjetivações indígenas atuais. Num segundo aspecto, este texto se soma à *máquina de guerra* – para usar a expressão foucaultiana-deleuziana-guattariana – contra todas as forças que intentam controlar os *fluxos de vida*, de novas possibilidades de existência social para os povos indígenas. Ainda num terceiro aspecto, minha *intervenção*, mesmo antes da *publicização* deste relatório, já está subsidiando diversos atores e agências estatais – como a Faculdade de Educação da UFC e o Conselho de Educação do Ceará – e outras, não estatais, na realização de suas atividades e/ou no cumprimento de suas responsabilidades em relação aos *índios*.

Mas a relevância maior desta *intervenção,* quero crer, foi sua contribuição decisiva na organização dos *Cursos de Magistério Indígena*, realizados pelos próprios índios, afirmando e fortalecendo sua *autonomia*. Iniciada com os Tremembé da Praia de Almofala, entre os quais se desenvolveu a maior parte da pesquisa empírica, a ideia do curso se difundiu entre os Tapeba, Pitaguary e Jenipapo-Kanindé, com desdobramentos e repercussões em muitas dimensões de suas vidas, no movimento indígena regional e, até mesmo, nacionalmente.

A partir dos cursos, têm-se intensificado as *negociações* entre professores e lideranças dos povos indígenas com as agências estatais responsáveis pela Educação Indígena, como a Universidade Federal do Ceará (UFC), o Ministério da Educação (MEC), o Conselho de Educação (CEC) e a Secretaria de Educação Básica (Seduc), sinalizando a possibilidade de algumas conquistas importantes num futuro breve, como a regulamentação da Educação Indígena no Estado pelo CEC, com o consequente credenciamento das escolas diferenciadas, e o apoio financeiro e técnico-pedagógico aos cursos pela Seduc e o MEC.

educação indigena CC.indd 4 26/10/2015 11:43:00

A temática da educação indígena, não obstante tratar-se de algo relativamente novo no Brasil, tem despertado o interesse de diversos autores como Silva (1994), Silva e Grupioni (1995), Dayrell (1996), Taukane (1996), Monte (1996, 2000); Paula (1997), Cavalcanti (1998), Porto Alegre (1998), Silva (1997 e 1999), Paladino (2001), entre muitos outros. Na Faced/UFC, especificamente, foram produzidos trabalhos por Fonteles Filho (1999), Aires (2000) e Linhares (2001). São inúmeros os documentos, estudos e outros subsídios (alguns deles assinalados na Bibliografia deste trabalho) já publicados por agências estatais e ONGs de todo o País sobre a questão, revelando sua importância e atualidade. Muitos dos trabalhos científicos têm discutido o papel da escola diferenciada no fortalecimento dos povos indígenas, considerando algumas categorias centrais na avaliação deste papel: a autonomia, a diferença e a interculturalidade. Este trabalho tem a intenção de contribuir com essa discussão.

Enquanto *objetivo geral*, a *intervenção* desejava *identificar, para fortalecer, os processos atuais de* subjetivação dissidente (GUATTARI e ROLNIK, 1996), *isto é, de autonomização e singularização experienciados pelos povos indígenas no Ceará*, tendo como referência o campo de produção das escolas diferenciadas. Este objetivo, e a ideia da pesquisa em si, surgiram para mim como a possibilidade de realizar uma ação concreta de apoio às lutas do *movimento indígena* local – particularmente pela escola diferenciada –, em meio às atividades que eu já vinha desenvolvendo junto aos índios.

O *título* deste trabalho, *Subjetivação e Educação Indígena*, quer assinalar que a organização das escolas diferenciadas, enquanto modalidade escolar de educação indígena, é um *desdobramento* dos processos atuais de reinvenção de si dos povos indígenas, com o intuito de fortalecer essa subjetivação.

Na primeira parte do capítulo 1 - *A Invenção do Objeto:* do Itinerário pessoal à elaboração teórico-metodológica, reflito sobre meu próprio itinerário, de como *aliado*, *inventei-me pesquisador* do *movimento indígena*. Esta reflexão visa explicitar as minhas *implicações libidinais ou motivacionais* com o objeto da pesquisa, oferecendo também uma contribuição ao debate sobre temas como a *objetividade* e a *relação pesquisador-objeto* na produção do conhecimento científico. Nas outras partes deste capítulo, discorro sobre o longo processo de

educação indigena CC.indd 5 26/10/2015 11:43:00

elaboração do *referencial teórico-metodológico da pesquisa*, discutindo os *procedimentos*, *instrumentos* e *técnicas de produção de dados* e o que efetivamente resultou da *execução* da pesquisa. Considerando as necessidades e desafios impostos pelo objeto, constituí um *campo inter-referencial* na operacionalização da pesquisa, articulando elementos da Antropologia, Análise Institucional, Micropolítica e Esquizo-Análise. A *observação participante* – método que envolve um conjunto diversificado de procedimentos na pesquisa de campo – e o *diário de campo* configuram-se como dispositivos fundamentais desta operacionalização.

Em se tratando do *recorte empírico* da pesquisa, como notei acima, os Tremembé são o meu interesse específico, não obstante me adentre em outros processos de subjetivação e produção de escolas diferenciadas de outros povos indígenas no Ceará. Mas o faço, a partir dos Tremembé e da relação que eles estabelecem com outros povos, ou, dito de outro modo, porque o *território* em que eles se movem é compartilhado com esses povos.

Dentre todas as escolas Tremembé, optei por privilegiar a Escola Maria Venância, localizada na *comunidade* da Praia de Almofala, dada a sua importância política para os processos de subjetivação e a produção de escolas diferenciadas Tremembé, como se verá adiante. A partir dela, realizei a inserção no cotidiano da escola e da *comunidade*, prevista nos procedimentos metodológicos da pesquisa, podendo acompanhar o desenvolvimento dos processos de subjetivação de pessoas e segmentos da *comunidade*, incluindo o nascimento e a socialização inicial de várias crianças.

A escolha da *comunidade* da Praia como local de inserção na área tremembé, se deu ainda pela relevância histórica e política da família do atual cacique, aglutinadora social e étnica do *grupo* desde os tempos de *Mãe Chiquinha*, sua bisavó. A Praia de Almofala se configurou como o centro político local, desde o início do Aldeamento, em 1706. Nela, se revelam aspectos fundamentais da "cultura" tradicional tremembé, profundamente vinculada ao mar. Revela-se também, de modo dramático, o processo de invasão de posseiros e as lutas de retomada das terras indígenas.

O capítulo 2 - *Cartografias da subjetivação e da educação indígena* tem como conteúdo meus *diários* da intervenção. Construídos como uma linguagem

educação indigena CC.indd 6 26/10/2015 11:43:00

em *bloco*, isto é, em que *descrição, análise e sistematização tendem a compor um texto único*, imbricado, eles constituem um *relato denso* de uma *experimentação intensa do objeto*, ao longo dos anos da pesquisa. Como linguagem do *ao vivo*, e inserido desta forma neste relatório, os *diários* intencionam revelar o processo real da pesquisa, em coerência com o referencial teórico-metodológico utilizado. Uma introdução específica ao capítulo foi disponibilizada ao leitor para guiá-lo nos labirintos de um texto longo, polifônico, heterodoxo, comprometido, elaborado em pleno movimento de travessia, sob a corda bamba que liga e separa, em um único instante, a experimentação e a análise, o ator-autor e o analista.

Complementando as descrições dos *diários*, que são a primeira seção deste capítulo, um conjunto de fotografias são o conteúdo de uma outra seção, *Instantâneos*, ilustrando com imagens alguns aspectos e momentos significativos dos processos de subjetivação indígena e de produção das escolas diferenciadas.

O capítulo finaliza com a seção *Plástica*, com desenhos e pinturas de crianças tremembés, cujos motivos expressam, de modo peculiar, a percepção destas crianças sobre alguns aspectos de sua subjetivação, com ênfase nas atividades desenvolvidas na Escola.

Nas *Considerações Finais*, são retomados alguns aspectos mais relevantes da intervenção, à guisa de finalização deste trabalho.

Nos *Anexos*, encontram-se o mapa das *Escolas Indígenas Tremembés*, as partituras de três canções usadas no *Torém* e, na tese original, o CD *Músicas Tremembés*. O mapa, entre outras funções, identifica as localidades tremembés onde a pesquisa foi realizada. O CD (aqui ausente) e as partituras queriam possibilitar, sobretudo, uma *experimentação estético-musical do objeto*, demarcando também o espaço das *cartografias sentimentais* dos processos de subjetivação indígena.

Finalmente, ponderando o conselho de José de Alencar no prólogo da 1ª edição de *Iracema*, reconheço que ainda "muita *cousa* me ocorre dizer sobre o assunto, que talvez deverá antecipar à leitura da obra para prevenir a surpresa de alguns e responder às observações ou reparos de outros. Mas sempre fui

educação indigena CC.indd 7 26/10/2015 11:43:00

avesso aos prólogos; em meu conceito eles fazem à obra, o mesmo que o pássaro à fruta antes de colhida: roubam as primícias do sabor literário. Por isso me reservo para depois". (2001, p. 23)

Babi Fonteles
Aldeia dos Ventos,
Eusébio/CE, 9 de abril de 2003

educação indigena CC.indd 8 26/10/2015 11:43:00

Capítulo 1

A Invenção do Objeto

Do Itinerário pessoal à elaboração teórico-metodológica

educação indigena CC.indd 9 26/10/2015 11:43:00

educação indigena CC.indd 10 26/10/2015 11:43:00

Aproximações Iniciais do Tema

educação indigena CC.indd 11 26/10/2015 11:43:00

Dize-me como constróis o teu conhecimento
e eu te direi quem és. Para além do
discurso que fazes sobre ti mesmo.
(Jacques Gauthier)

Não sei bem ao certo quando esta tese começou a nascer dentro de mim. Provavelmente, desde os mais tenros anos de minha existência, embora, com toda a certeza, eu não sabia que a estava *experimentando*, naquela acepção que Deleuze e Foucault atribuem à relação pensamento-experiência.

Lembro-me muito claramente do quarto reservado, não obstante a casa sempre pequena para uma família de onze irmãos, onde acolhíamos loucos, mendigos e doentes, sobretudo de fora, e que com frequência visitavam a cidade, geralmente para tirar esmolas. Recordo particularmente de uma dupla de "doidos dos Morrinhos"[1], Wilson e Chico, que regularmente se hospedavam naquele quarto da casa.

[1] Esta cidade era profundamente estigmatizada por nós, do Acaraú, por essa razão.

educação indigena CC.indd 13 26/10/2015 11:43:00

A presença deles mudava a rotina da cidade, como se todos fôssemos possuídos por Dioniso. Nas esquinas do Mercado e das praças, adultos e crianças se revezavam em coros de provocações aos dois e, logo em seguida desabando a correr para escapar dos arremessos de pedras e paus distribuídos pelos meus hóspedes que, assim, acabavam por justificar junto à plateia as razões dos estigmas que sofriam.

Em nossa casa, a história era bem outra. Talvez porque fôssemos instruídos a tratá-los com *caridade*[2], entre nós Wilson e Chico se manifestavam serenos, respeitosos e afetuosos. Eles *viravam* loucos somente da porta para fora. Bem sei, não havia nenhuma possibilidade de que fosse um ato refletido, mas ali, até onde posso lembrar, começou a ser gestada uma *ideia* que marcaria minha existência de muitos modos: ninguém *é*; *se inventa*.

De modo também muito espontâneo, se deu na minha infância a *experimentação* da problemática indígena.

Acima de qualquer influência dos filmes de faroeste que eu começava a assistir na televisão, ou mesmo dos conteúdos didáticos ensinados no Grupo Escolar Padre Antônio Tomaz e no Colégio das Irmãs sobre o assunto, as primeiras imagens mais vivas da "identidade" e da "cultura indígena" me foram transmitidas por Ajato, um índio não sei de que etnia, que possuía o fenótipo aguçado daquele índio que povoa o imaginário genérico, o tapajônico, de pele castanho-escura, cabelo muito preto, liso, olhos *puxados* e pouquíssimos pelos. Nunca soube se tinha família ou parentes. Mais que tudo, me chamava atenção sua dificuldade de falar a língua usual. Quando ele bebia – o que fazia com certa frequência – era impossível entender o que ele dizia, pois sua voz tornava-se ainda mais mimética, resultando em um conjunto de sons muito arcaicos, básicos, marcadamente guturais ou nasalizados, acompanhados de uma intensa gestualidade, que faz lembrar surdos-mudos.

Ajato sobrevivia de dar recados, levar e deixar encomendas e algum outro serviço doméstico. Era tido como alguém não muito confiável, talvez *sem*

[2] Parecia ser de fundo religioso a motivação que levava papai e mamãe a acolher pessoas como eles em casa.

educação indigena CC.indd 14 26/10/2015 11:43:00

muito juízo. Temido pelos que bebiam até desmaiar, por sua fama de inveterado seviciador de bêbados, vangloriava-se dos feitos, sem o menor pudor, sobretudo quando também sob efeito da bebida. O apelido lhe veio da velocidade com que andava. Outra fixação quando estava sob efeito do álcool era subir nos postes da cidade. Acabou eletrocutado. Morreu em seu *devir-luz* talvez, como as mariposas na época do inverno, atraídas pelo brilho irresistível das lâmpadas.

[3]Acaraú é o principal município da região onde habitam os *tremembés*[4]. Durante minha infância e adolescência, e até bem pouco tempo, a "cultura" local hegemônica – materializada nas diversas instituições, nos discursos e nas práticas cotidianas – apresentava uma visão estereotipada sobre os indígenas, situando-os sempre em referência ao passado, não reconhecendo sua existência no presente, chamando-os de "caboclos" ou "descendentes", opondo-os a um conceito idealizado de "índio". Apesar disso, fui socializado em meio a práticas que me fizeram vivenciar muitas expressões tidas como pertencentes à "identidade" *Tremembé*. Aprendi, por exemplo, a fazer o *mocororó*[5] ainda criança, por intermédio de minha mãe. Na adolescência, toquei na banda que fazia bailes na cidade, cujo nome era *'Os Tremembés'*. Assim, de forma espontânea, preconceituosa e contraditória, se deram meus primeiros contatos com o mundo indígena, e que denomino de *aproximação natural.*

Aos quinze anos mudei-me para Fortaleza, para continuar os estudos, e onde teve início uma fase de efervescência, de mudança, de amadurecimento das ideias e projetos que eu trouxera comigo. Minha vida ganhou uma dinâmica completamente nova. Comecei a viajar pelos sertões do Ceará. Ampliei e intensifiquei contatos pessoais. Envolvi-me com um grupo de jovens da Igreja Católica pós-Puebla[6], que inaugurava uma inusitada "opção pelos jovens e os

[3] Grande parte deste tópico é uma *atualização* de um artigo publicado na revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faced/UFC, *Educação e Debate*, ano 21, v. 2, n. 38, 1999, p. 170-177.
[4] A escrita do termo no plural e iniciado em letra minúscula quer sugerir a multiplicidade de modos de existência social sob esta categoria e/ou a heterogeneidade nas singularizações individuais destes modos.
[5] Uma bebida típica feita à base de caju, utilizada, sobretudo, por ocasião do *Torém*, que se assemelha a uma dança coletiva em que são cantadas e coreografadas estórias do cotidiano Tremembé, e que retrata também aspectos da fauna e flora local. Para mais informações, ver Oliveira Jr., 1998.
[6] Em Puebla, no México, ocorreu a II Conferência Episcopal Latino-Americana, em 1979.

educação indigena CC.indd 15 26/10/2015 11:43:00

pobres", e que me fez despertar para a realidade de miséria e fome na capital e no interior do estado. Entrei na Universidade. Descobri que meu país ainda estava mergulhado na Ditadura e conheci pessoas perseguidas pelo Regime. Fui, enfim, iniciado na problemática social, política e cultural, regional e nacional.

Minha ligação com a Igreja foi tão intensa naquele momento, que, como alguns amigos meus do grupo de jovens, decidi entrar na vida religiosa, na Companhia de Jesus, onde permaneci dos 18 aos 25 anos. Nela, tive a oportunidade de conhecer e conviver com missionários que trabalhavam e/ou moravam com "índios". O mais importante, porque mais me influenciou, foi *Yaúka*, um padre jesuíta que ganhou este nome dos *Myky*, povo indígena do Mato Grosso, com os quais conviveu durante décadas. Ele veio passar alguns meses no Centro de Estudos Superiores, onde eu morava em Belo Horizonte, para fazer uma reciclagem. Eu escutava, fascinado, suas histórias, admirando sua coragem e paixão pelos "índios". Com ele, na convivência cotidiana daqueles dias, fui despertando para a realidade dos povos indígenas no Brasil e passei também a incorporar em minhas atividades pastorais, políticas e artísticas[7] a "defesa da causa indígena", embora ainda não mantivesse contato com nenhuma "tribo". Denomino esta forma de aproximação da problemática indígena como *político-religiosa*.

Ainda dentro da vida religiosa e, depois principalmente fora dela, tornei-me um ouvinte apaixonado da chamada música "latino-americana" que me trouxe, mais que conhecimento, um *sentimento* da realidade indígena continental e uma *identificação*, que influenciaram muitas das minhas produções artísticas. Desenvolvi – em alguns períodos mais, outros menos – uma intensa atividade musical, compondo, gravando, fazendo shows, e turnês até mesmo fora do país[8]. Cheguei a adotar elementos da "cultura" indígena nas minhas composições, na indumentária dos shows e outras práticas, no cotidiano. As viagens por todo o Brasil me deram a oportunidade de estar diretamente em

[7] Tornei-me músico profissional, ainda na adolescência. Canto, componho, faço arranjos e toco violão, entre outros instrumentos.

[8] Além da pesquisa sobre a escola, estou realizando um projeto de produção cultural com os Tremembé que inclui, entre outros, a gravação de *cd-play*, *cd-rom*, *book* com fotografias e a montagem de um espetáculo para a divulgação destes produtos.

educação indigena CC.indd 16 26/10/2015 11:43:01

contato, por várias vezes, com alguns povos indígenas. Em Roraima, por exemplo, estive entre os *Macuxi* e conheci *in loco* a experiência de sua escola indígena. Chamo de *aproximação estética* a esta modalidade de contato com a "cultura" indígena.

No âmbito das atividades artísticas é que também se deu a *aproximação empírica* inicial dos *tremembés*.

Por aqueles tempos, com um grupo de amigos artistas ligados a movimentos e pastorais populares, fundamos o Movimento de Artistas da Caminhada (MARCA). Foi no encontro de novembro de 1992 do *MARCA* cearense, em Itapipoca, que entrei, pela primeira vez, em contato diretamente com os *tremembés*. Um grupo de índios, artesãos e *puxadores* do *torém*, vinha participar do Encontro.

A partir dali, iniciei uma relação de solidariedade e amizade com os *tremembés*. Conheci também integrantes da *Operação Tremembé* – OT[9], uma ONG vinculada à Igreja Católica, que muito influenciava os caminhos do *movimento indígena* no Ceará, desde o final dos anos 1980. Passei a apoiar, então, o *movimento* participando e ajudando na produção de eventos artísticos que pudessem pôr em evidência na sociedade cearense – e também na imprensa – os povos indígenas, sua "cultura" e suas "lutas". Entre muitos outros, participei, enquanto artista, do lançamento da Campanha pela Demarcação das Terras Indígenas no Ceará, em abril de 1993, quando *tremembés*, *tapebas*, *jenipapo-kanindés* e *pitaguarys* fizeram um acampamento na Praça José de Alencar. Em uma daquelas noites, com diversos artistas de Fortaleza, fiz *show* no Teatro.

A partir de janeiro de 1993, comecei a andar por Almofala, visitando os *tremembés*, sem quaisquer pretensões acadêmicas ou científicas. Minha motivação era conhecer onde eles moravam e como viviam. Simplesmente, queria aproximar-me do seu mundo. Desde o encontro de Itapipoca, me sensibilizaram o carinho e amizade que Diana, Maria Rosa e João Venança – atual cacique – passaram a ter por mim. Meu círculo de relações com eles foi se ampliando gradativamente, desde então.

[9] Nome fictício.

educação indigena CC.indd 17 26/10/2015 11:43:01

O retorno às atividades acadêmicas[10] – como professor de Antropologia da Universidade Estadual do Ceará – UECE e Universidade Federal do Ceará – UFC, em 1995 – trouxe-me a possibilidade de consolidar meus laços com os povos indígenas cearenses, e de experimentar o que chamo de uma *aproximação epistemológica*.

Este retorno, na verdade, aconteceu por imposição da sobrevivência financeira. No final de 1994, eu havia decidido parar de viajar por estar cansado dos anos ininterruptos de estrada, impostos pelo trabalho artístico. Além disso, havia conhecido a mulher com quem casaria poucos meses depois: uma pedagoga que em muito contribuiria para que, posteriormente, eu me decidisse a fazer mestrado em Educação. Tudo indicava, portanto, uma mudança, um tempo estacionado em Fortaleza, onde eu estava novamente morando desde fevereiro.

Dentro da Universidade, tentei despertar quem eu encontrava, para a problemática indígena, e em todos os espaços de que dispunha, dentro e fora da sala de aula, em debates com os próprios indígenas, nas pesquisas desenvolvidas com alunos nos acervos especializados e em campo. Tive também a oportunidade de participar de encontros científicos e de reuniões sobre a questão indígena regional[11], bem como pude proferir conferências, palestras e ministrar cursos de iniciação à antropologia indígena cearense nas universidades e em outras instituições interessadas na questão, como o fiz em 1997, para agentes da Fundação Nacional de Saúde – Funasa[12], que atuam junto às populações indígenas no Ceará.

Além disso, em 1996, fui nomeado perito antropólogo da Justiça Federal em um processo relativo à disputa de terras dos *Tapeba*[13], que foi mais uma oportunidade ímpar para aprofundar e alargar as fronteiras da aproximação, do conhecimento e da intervenção na realidade indígena do Ceará.

[10] Eu havia interrompido o Mestrado em Antropologia na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE por causa da vida artística, em 1992, quando passei alguns meses em temporada de *shows* na Europa.

[11] Destaco o *I Workshop sobre Política Indigenista no Nordeste e Leste*, organizado e realizado pela Funai em março/97, em Carpina-PE, com o objetivo de avaliar e indicar novas referências de ação para o órgão indigenista estatal.

[12] Ex-FNS.

[13] A grafia no singular é uma recomendação da Antropologia para a escrita do nome da *etnia*.

educação indigena CC.indd 18 26/10/2015 11:43:01

O envolvimento com a questão específica da *Escola Diferenciada Indígena Tremembé* (EDITE)[14] se deu a partir de 1996, quando passei a acompanhar o trabalho de formação dos professores *tremembés*, organizado e implementado inicialmente pela *Operação Tremembé*. Em 1997, se deu o *boom* da educação indígena no Ceará, antes mesmo de qualquer iniciativa, apoio e reconhecimento por parte dos órgãos governamentais competentes, como a Secretaria de Educação Básica do Estado – Seduc e a já extinta Delegacia do Ministério da Educação – DEMEC.

Neste mesmo ano, eu pretendia retomar meus estudos de pós-graduação – o que aconteceu somente em 1998 – porque o mestrado se tornara uma necessidade e uma imposição cada vez maior em minha vida profissional acadêmica.

O desejo de apoiar a experiência da EDITE foi me *invadindo* aos poucos, como resultado da *porosidade* com que passei a me relacionar com a problemática indígena. Mas somente se configurou como objeto de pesquisa por ocasião da seleção do Mestrado em Educação da Faced/UFC[15]. Eu esperava, de um lado, poder atender a uma demanda de assessoria especializada para os *formadores*[16] dos professores indígenas. Do outro lado, pessoalmente, me pareceu uma ideia plausível – quiçá com alguma originalidade no Programa – para meu projeto de dissertação.

A escolha dos *tremembés* enquanto grupo específico da pesquisa se deveu inicialmente pela força dos múltiplos vínculos que fui estabelecendo com eles. Posteriormente, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, as motivações desta escolha foram se *desnaturalizando* e incorporando *razões de ordem teórico-metodológica*. Uma vez que pude incursionar também por interessantes processos de subjetivação/educação diferenciada de outros povos indígenas, a delimitação dos *tremembés* passou a se justificar, do ponto de vista metodológico, pela sua atuação relevante, decisiva, e emblemática no processo de criação das Escolas

[14] Passei a chamá-la assim, por várias razões: 1) A sigla economiza palavras; 2) O nome feminino *Edite* lembra também o verbo editar, sugerindo que esta escola tem algo de novo a *publicar* e a tornar conhecido, em se tratando de educação escolar no Ceará.

[15] Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará.

[16] Era assim que se chamavam os que desenvolviam atividades pedagógicas de formação dos professores tremembés, à época.

educação indigena CC.indd 19 26/10/2015 11:43:01

Indígenas no Ceará, como pude perceber, configurando-os, a meu ver, como "uma *minoria* cuja mensagem e promessa representam não só os pólos de resistência, mas potencialidades de processos de transformação, suscetíveis, numa etapa ou noutra, de serem retomados por setores inteiros das massas" (Guattari e Rolnik, 1996, p. 75), neste caso, por outros povos indígenas.

Finalizando esta parte, justifico que este exercício de explicitar meus vínculos com o objeto da pesquisa advém da necessidade de coerência com o referencial teórico-metodológico *que utilizei,* o qual será explicitado adiante na parte intitulada *Procedimentos da Pesquisa*. A título de breve informação, considero com Laplantine (1988) que a relação pesquisador-pesquisados é parte do objeto construído e, com Lourau (1993, 1995) entre outros, que a revelação das nossas implicações deveria constar do relatório da pesquisa.

educação indigena CC.indd 20 26/10/2015 11:43:01

Evolução da Problemática e da Pesquisa

educação indigena CC.indd 21 26/10/2015 11:43:01

educação indigena CC.indd 22 26/10/2015 11:43:01

A problematização inicial

O projeto de pesquisa com que adentrei no mestrado em 1998 concebia, inicialmente, o *objeto* pelo viés fundamentalmente histórico-antropológico dos *Estudos de Política Indigenista*, que têm na problemática da *autonomia dos povos indígenas* seu eixo fundamental de análises. Minhas atenções estavam, dessa forma, voltadas para a *relação Tremembé x Estado*, para as lutas pelo fortalecimento da autonomia dos indígenas, enfocando particularmente um campo fundamental de embates, embora pouco analisado, que era o das *práticas relativas à conquista e produção da escola indígena diferenciada*:

> *Desejo compreender como os Tremembé estão (re)construindo, no âmbito do movimento indígena, sua autonomia na relação com o Estado, tomando como ponto de partida em minha análise, a escola indígena diferenciada como lócus privilegiado deste*

educação indigena CC.indd 23 26/10/2015 11:43:01

> *embate, desde sua conquista à efetivação de uma proposta pedagógica direcionada ao projeto de fortalecimento e ampliação da autonomia deste povo. (FONTELES FILHO, 2000, p. 23).*

Como *superfície de inscrição* inicial[17], constituí uma narrativa baseada sobre aqueles Estudos, incorporando também algumas análises sobre os *Novos Movimentos Sociais* (NMS), que eu considerava adequadas à *contextualização* do objeto, e que reproduzo em parte, a seguir:

É consenso generalizado entre os estudos de política indigenista brasileira (BEOZZO, 1983, B. RIBEIRO, 1983, CUNHA, 1987, 1992, D. RIBEIRO, 1995, FONTELES FILHO, 1996, 1999, J. CARDOSO OLIVEIRA, 1978, 1988, J. CORDEIRO OLIVEIRA, 1989, JUNQUEIRA, 1981, 1991, LEONARDI, 1996, OLIVEIRA FILHO, 1987, 1994, PORTO ALEGRE, 1998, SOUSA LIMA, 1987, entre outros) que, ao longo da história do país e até bem recentemente, antes da Constituição de 1988, a política indigenista brasileira tem sido caracterizada por ações *integracionistas* e *assimilacionistas* das sociedades indígenas na sociedade nacional. O discurso jurídico-legal que em raros momentos abre espaço para o reconhecimento e a autonomia dos povos indígenas, não se efetivou (CUNHA, 1987). As "novidades" introduzidas no aparelho burocrático estatal neste século, como a criação do Serviço de Proteção ao Índio – SPI e da Fundação Nacional do Índio – Funai, não trouxeram mudanças substanciais para o efetivo reconhecimento e autonomia dos povos indígenas (SOUSA LIMA, 1987).

Somente a partir dos anos 1970, observa-se uma reversão dessa situação, com a organização de um *movimento indígena*, no bojo dos *novos movimentos sociais* que emergiam no país (GOHN, 1994, SCHERER-WARREN, 1996, entre outros).

Para Guattari e Rolnik (1996, p. 45),

> o que caracteriza os novos movimentos sociais não é somente uma resistência contra esse processo geral

[17] O termo é utilizado por Deleuze (1992, p. 109) refletindo que "sem uma superfície de inscrição o não-oculto permanecerá não visível". Não se trata de buscar a "verdade" do Objeto, mas constituir um discurso que o sustente, como um cenário sobre o qual possa ser projetado e, assim, possa ser visto.

educação indigena CC.indd 24 26/10/2015 11:43:01

> de serialização da subjetividade, mas a tentativa de produzir modos de subjetividade originais e singulares, processos de singularização subjetiva.

Gohn (1997, p. 135), sustenta que

> a autonomia dos indivíduos e grupos sociais será a principal categoria utilizada. Ela não é vista de forma que os grupos e movimentos se isolem mas, ao contrário, como a conquista ou a construção de um processo interativo, formado à base de relações sociais novas, de caráter diferente. Por isso o processo de construção de alianças, de formar redes sociais e culturais, será tão enfatizado nos NMS.

Antes do mais, uma das grandes novidades é que, desta vez, são os próprios interessados, os índios, que buscam assumir o comando das ações que se encaminhavam rumo à definição de seus espaços na sociedade nacional. Eles produzem uma articulação jamais vista antes: 200 povos indígenas – mais de 120 mil índios – congregam-se e fazem-se representar na União Nacional dos Índios – UNI, entre outras organizações indígenas (OLIVEIRA, 1988).

O auge dos embates, e seu momento simbólico mais importante, se deu justamente na Assembleia Constituinte de 1985, com significativas vitórias dos indígenas. Entre as principais conquistas constitucionais, o *caput* do artigo 231 da Constituição de 1988 reconhece que o Brasil é um Estado composto de Nações com *autonomia* de organização social e de seus territórios. É eliminada, portanto, a perspectiva da *integração* tão presente na legislação anterior.

Os anos 1980 foram palco também de uma especialização dentro do movimento indígena: o *movimento escolar indígena*, encampando a luta por *escolas* indígenas, específicas, diferenciadas e interculturais (SILVA, 1994).

Entre as maiores conquistas do movimento escolar indígena, a LDB em vigor desde 1996, obriga o Estado a reconhecer e apoiar em todas as suas exigências e necessidades as escolas indígenas, que passam a constituir um sistema educacional específico, inclusive com carreira diferenciada, o magistério indígena.

educação indigena CC.indd 25 26/10/2015 11:43:01

Para os índios, a *escola diferenciada* tem-se tornado fundamental por

> justamente ter resgatado a concepção de educação: de ligar a prática educacional à prática de luta, daquilo que os povos indígenas propõem lutar e querem projetar para seu futuro (FOIRN, 1996, p. 14).

Deste modo, a escola está profundamente inserida dentro do cotidiano do movimento indígena atual,

> sendo inclusive uma de suas principais preocupações, presentes em assembléias e encontros, ligada sempre à luta mais ampla, como o direito e garantia das terras. Tal preocupação demonstra claramente que as lideranças vêem a escola como algo que pode contribuir na construção do seu projeto de autonomia. (FOIRN, 1996, p. 16)

[...]

No Ceará, a Escola Indígena Diferenciada (EID) é um fenômeno muito recente, o que justifica somente agora é que estão sendo desenvolvidos estudos iniciais. Os *Tremembé* foram os primeiros a implantar uma escola indígena na Comunidade da Praia, em 1991, sem qualquer apoio por parte da Seduc ou da Secretaria de Educação do Município de Itarema, onde estão localizados, tendo conquistado somente em 1997 o reconhecimento e apoio oficial às suas lutas pela escola diferenciada. Desde fevereiro daquele ano, eles têm realizado cursos de formação de 26 professores indígenas, tendo o Curso Supletivo oficializado desde maio daquele ano, sob a supervisão da Secretaria de Educação do Estado – Seduc, através do Centro Regional de Desenvolvimento da Educação – CREDE do município de Acaraú e coordenado pela *Operação Tremembé*. Esperam, dessa forma, atender à demanda de suas 18 escolas (8 para crianças, 10 para adultos) espalhadas por suas 18 comunidades (OT, 1997d). Os *Tapeba*, localizados em Caucaia, têm 6 escolas espalhadas por suas comunidades - em número de dezessete - para uma população estimada de 2.500 indivíduos. A partir de abril de 1997 foram também implantadas 2 escolas indígenas em Crateús, 1 em Poranga e 1 em Monsenhor Tabosa sob a coordenação do CREDE regional, para atender às demandas do movimento indígena local, que articula os povos *Kalabaça*, *Tabajara*, *Potiguara*, *Tupinambá* e *Kariri*. Os *Pitaguary* (localizados em Maracanaú) e os

educação indigena CC.indd 26 26/10/2015 11:43:01

Jenipapo-Kanindé (em Aquiraz) também implantaram suas escolas (uma para cada povo).

Os indígenas percebem que existe uma vinculação entre a efetivação de suas escolas diferenciadas e o fortalecimento de sua autonomia, conforme pode-se constatar pela fala de João Venança, cacique *Tremembé*: 'nós estamos trabalhando pela nossa autonomia'[18]. 'Antes nós não sabíamos por onde começar; agora, sabemos que a escola diferenciada é o ponto de partida'[19]. (FONTELES FILHO, 2000, p. 08-12)

Eu defendia, em suma, que "a instituição da escola indígena – as lutas que demanda enquanto conquista de reconhecimento, concretização material e efetivação de uma proposta pedagógica – é reveladora, e *analisadora*[20] por excelência, da questão central, histórica, das relações entre os Tremembé e o Estado, que é, em suma, o fortalecimento e ampliação da autonomia indígena". (2000, p. 22).

Como ponto de partida, propus-me algumas questões que serviriam de norte para minhas análises:

> *Como os Tremembé, a partir do campo instituinte*[21] *da escola, experienciam e (re)elaboram suas relações com o Estado? Até que ponto e de que forma as práticas políticas/pedagógicas desenvolvidas neste campo e nestas relações, estão fortalecendo/ ampliando um maior grau de autonomia do povo Tremembé? Quais as estratégias que eles estão elaborando para enfrentar as dificuldades e impasses, ambiguidades e contradições, historicamente*

[18] Discurso proferido no I Seminário de Educação Indígena no Ceará, em 20 de novembro de 1998. (Anotado em minha Agenda 1998, p. 09/Outubro)

[19] Conversa informal, em 28 de dezembro de 1998. (Anotado no *Diário de Campo* n. 1, p. 3)

[20] Em Análise Institucional, denomina-se *analisador* uma pessoa ou evento que desencadeie ou catalise processos analíticos reveladores do que funda e está em jogo na *instituição*.

[21] O que chamo de "campo instituinte" é o conjunto das práticas, dos atores sociais e dos cenários mobilizados em torno da materialização da escola Tremembé. Esta noção deve ser compreendida de forma dinâmica, dialética, na perspectiva da Análise Institucional, em que "instituinte", "instituído", e "contrainstituinte" são tão somente elementos dos processos de 'institucionalização'. A este respeito, ver Lourau, 1993, sobretudo o capítulo *Primeiro Encontro*. Parece ser semelhante a posição de Castoriadis refletindo sobre a instituição das sociedades: "a sociedade instituída não se opõe à sociedade instituinte como um produto morto a uma atividade que o originou, ela representa a fixidez/estabilidade relativa e transitória das formas-figuras instituídas em e pelas quais somente o imaginário radical pode ser e se fazer ser como social-histórico." (1982, p. 416).

educação indigena CC.indd 27 26/10/2015 11:43:01

conhecidas, presentes nas práticas políticas do Estado, suas instituições e agentes, na efetivação da Escola Tremembé?
Até que ponto e como os componentes curriculares e as práticas didático-pedagógicas desenvolvidas no âmbito das escolas materializam um projeto voltado para o fortalecimento da autogestão e da autonomia do povo Tremembé?. (FONTELES FILHO, 2000, p. 23).

O *desdobramento*

"*Não há grande pensador que não passe por crises, elas marcam as horas de seu pensamento*".
(Deleuze, 1992, p. 118).

A *experimentação* em maior intensidade do *objeto*, a inserção cada vez maior nos processos de subjetivação dos tremembés, bem como as crises e o amadurecimento teórico da problematização inicial, possibilitados pelas orientações, os estudos teóricos realizados no Mestrado[22] e a participação em encontros científicos diversos[23], me levaram a um *desdobramento*[24] da minha visão do *objeto* e, consequentemente, do projeto da pesquisa como um todo, impulsionando-me à revisão e ao adensamento das questões. Junto a outras motivações

[22] Foram, sobretudo, os estudos de Análise Institucional e, de modo generalizado, do pensamento de Nietzsche, Foucault, Deleuze e Guattari que produziram uma crise e uma abertura no referencial teórico-metodológico inicial.

[23] Entre todos, o Simpósio Internacional de Filosofia – Nietzsche e Deleuze, realizado anualmente desde 1999, em Fortaleza.

[24] O termo é inspirado em Foucault (1998), na introdução de *O uso dos prazeres,* quando justifica a *modificação do enfoque* de suas pesquisas, do *saber-poder* para o *"sujeito"*. Não deve ser compreendido na perspectiva positivista. Trata-se aqui de uma *dobra* segundo a noção deleuziana, na qual "dobrar-desdobrar já não significa simplesmente tender-distender, contrair-dilatar, mas envolver-desenvolver, involuir-evoluir" (Deleuze, 2000, p.22). É uma forma dada ao *devir-pensamento* da pesquisa.

educação indigena CC.indd 28 26/10/2015 11:43:01

de ordem pessoal, o desejo de cursar o doutorado me apareceu como condição para a concretização de uma nova fase em minha pesquisa, que demandaria mais tempo e aprofundamento teórico no tratamento das novas questões.

O *Plano de Trabalho para o Doutorado*, apresentado à Coordenação do PPGE/Faced/UFC, em novembro de 1999, com vistas à minha *progressão automática* de mestrado para doutorado, registrou com propriedade este processo. Nele, eu reconhecia que

> o recorte epistemológico a que me propus inicialmente no mestrado precisa ser ampliado [...]. Pois, de outro modo, minha pesquisa corre o risco de recortar a escola indígena diferenciada do conjunto das outras práticas sociais dos Tremembé, perdendo a sua força, a sua substância mesma e alguma novidade teórica, qual seja: *a percepção do papel da escola nos processos de [...] produção de novas e dissidentes subjetivações*. (FONTELES FILHO, 1999, p. 264)

Sobre o *desdobramento*, esclareci que "*não se trata de uma ruptura com o que pensava antes, mas uma ampliação e refinamento da problemática*. Iniciei a pesquisa enfocando as questões relativas ao *poder* e ao *saber*, a relação desta escola com o Estado e seu papel na produção da autonomia dos Tremembé. Agora, me interessa ver *como a problemática da autonomia* atravessa *a constituição dos próprios sujeitos*, desses que chamo "*tremembés*"[25]. Interessa-me, mais claramente, o *processo de subjetivação vivido por esses sujeitos*, e como as práticas *em torno*[26] da escola cristalizam, codificam e instituem *práticas de si*[27]". (FONTELES FILHO, 1999, p. 265).

A *Escola Diferenciada Indígena Tremembé* (EDITE) continuava como uma referência fundamental, mas, agora, *localizada* com maior precisão, como *desdobramento do processo de reinvenção de si dos tremembés*. Por conseguinte, as

[25] Estas aspas, embora somente aqui utilizadas, indicam não a existência de uma "identidade tremembé", mas processos de subjetivação codificados e reconhecidos sob esta categoria.

[26] O *em torno*, aqui, tem uma significação próxima de *rizoma*, em Micropolítica. Quero dizer que a escola, enquanto processo de subjetivação tremembé, é um "nó" em meio a uma teia de práticas não hierarquizadas, em relações múltiplas. Assim, se a escola é *produzida*, neste processo, ela também *produz*, *simultaneamente*, este processo.

[27] As *práticas de si* dizem respeito "às formas das relações consigo, aos procedimentos e técnicas pelas quais são elaboradas, aos exercícios pelos quais o próprio sujeito se dá como objeto a conhecer, e às práticas que permitem transformar seu próprio modo de ser" (FOUCAULT, 1998, p. 30).

educação indigena CC.indd 29 26/10/2015 11:43:01

questões norteadoras foram também reformuladas em consonância com a nova perspectiva adotada:

- Quais são as *técnicas de si* dessa escola e dos seus *sujeitos*, ou dito de outro modo, quais as *técnicas de si* que estão sendo produzidas pelos tremembés no campo da escola?[28]
- Quais as práticas que podem servir de indicativos, de elementos para a construção de cartografias deste processo de subjetivação?
- Considerando, pois, que a subjetivação é um processo, um *si*, isto é, uma *relação a si* da força consigo, uma *dobra* da força, e que, 'segundo a maneira de dobrar a linha de força, trata-se da constituição de modos de existência, ou da invenção de possibilidades de vida [...] trata-se de inventar modos de existência, segundo regras facultativas, capazes de resistir ao poder bem como se furtar ao saber, mesmo se o saber tenta penetrá-los e o poder tenta apropriar-se deles', pois "os modos de existência ou possibilidades de vida não cessam de se recriar, e surgem novos" (DELEUZE, 1992, p. 116), – a questão anterior poderia ser ainda formulada nos seguintes termos: *Quais são os modos de existência que estão sendo produzidos em torno da escola indígena diferenciada tremembé? São capazes de 'resistir ao poder bem como se furtar ao saber'*? (FONTELES FILHO, 1999, p. 265).

[28] Mas não me interessa saber *o que é* a escola. Não há espaço, em minha análise, para quaisquer essencialismos. Interessa-me o *funcionamento* da escola.

educação indigena CC.indd 30 26/10/2015 11:43:01

Procedimentos de Investigação

educação indigena CC.indd 31 26/10/2015 11:43:01

educação indigena CC.indd 32 26/10/2015 11:43:01

Tal qual o *objeto*, o *referencial teórico-metodológico* experimentou crises, reelaborações e *desdobramentos*. Submetido à apreciação da banca de qualificação do projeto de mestrado[29], tendo incorporado as sugestões mais significativas de seus membros; avaliado pela consultora externa e pela comissão do colegiado do Programa por ocasião da minha passagem do mestrado para o doutorado[30]; apresentado e discutido exaustivamente com os colegas e o professor de Seminário de Tese[31], finalmente parecia ter chegado à articulação adequada. Na prática, já vinha sendo testado e transformado desde a entrada no mestrado. O relato deste processo, nas seções seguintes, tem o intuito de desvelar este processo de *invenção do instrumental da pesquisa*.

[29] Reunida em maio de 1999, esta banca teve a participação, além da orientadora, das professoras Glória Diógenes e Ana Maria Iório Dias, que me ofereceram observações valiosas relativas à articulação teórica da pesquisa.

[30] A professora Rosa Helena Dias da Silva, da UNAM, foi quem cumpriu essa função, apresentando seu parecer favorável à minha progressão. A comissão teve como membros as professoras Ana Maria Iório Dias, Eliane Dayse Pontes Furtado e minha orientadora.

[31] Por duas vezes ao longo do ano 2000, a nova turma de doutorado se reuniu sob a coordenação do professor Jacques Therrien.

educação indigena CC.indd 33 26/10/2015 11:43:01

Aspectos teórico-metodológicos de partida

A *qualificação do* projeto de dissertação significou um marco na (re)elaboração do *referencial*, indicando uma *maturidade de partida*, não obstante as incorporações e transformações que iria sofrer durante o doutorado e a execução da pesquisa. Dada a sua relevância inicial, apresento-o a seguir praticamente na íntegra, não obstante sua extensão[32]:

Até bem recentemente, minha visão sobre a problemática indígena era informada pela Antropologia – por formação acadêmica e trabalho profissional[33]. Com a entrada neste Mestrado, tive contato com a Análise Institucional e a Micropolítica que, me fazendo rever alguns conceitos clássicos da Antropologia, têm alargado o meu referencial teórico-metodológico e me instigado a compor um campo teórico *entre*[34] estas três abordagens.

A Antropologia oferece uma importante contribuição para minhas análises sobre a EDITE, sobretudo por algumas especificidades da prática de pesquisa. A primeira delas é "a prioridade dada à experiência pessoal do *campo"*, por permitir a "observação direta dos comportamentos sociais a partir de uma relação humana." (LAPLANTINE, 1988, p. 149).

Uma análise apreendendo a dinâmica do *campo instituinte* da EDITE propõe também um método de trabalho que possa dar conta das exigências operacionais

[32] Esta parte é uma síntese de dois textos, o Projeto de Pesquisa Qualificado e o Projeto de Tese, elaborada com a intenção de revelar o referencial teórico-metodológico inicial, mas com algumas breves atualizações e correções de estilo. Ver: Fonteles Filho, 1999, p. 42-52, e 2000, p. 15 a 26.

[33] Entre 1991 e 1992, cursei o Mestrado em Antropologia Cultural da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. A partir de 1995, passei a lecionar Antropologia na UECE e UFC.

[34] O conceito de *entre*, aqui, tem ressonância profunda com o que foi formulado por Deleuze e Guattari: "*Entre* as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma *e* outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio." (1995, p. 37).

educação indigena CC.indd 34 26/10/2015 11:43:02

desta tarefa. Por esta razão, a observação direta e/ou participante parece ser o método mais adequado. Principalmente porque ela é vista "não como um método único, mas como um tipo de empreendimento de pesquisa, um estilo de combinação de vários métodos dirigidos a um fim particular", como convém à minha pesquisa. (MCCALL-SIMMONS *apud* HAGUETTE, 1992, p. 72).

Considerando que a observação participante, de modo geral, é "[...] um compartilhar consciente e sistemático, conforme as circunstâncias o permitam, nas atividades de vida e, eventualmente, nos interesses e afetos de um grupo de pessoas." (KLUCKHOHN *apud* HAGUETTE, 1992, p. 70), a primeira vantagem emerge da minha própria história de imersão no mundo dos pesquisados, como já relatei.

Um aspecto vantajoso da imersão é que ela possibilita a aquisição do que Coulon (1995) chama de *etnométodos*. Malinowski já havia detectado, em suas incursões pioneiras pela pesquisa antropológica de campo, esta necessidade/vantagem, quando diz ter tido

> de aprender como comportar-me como eles e desenvolvi uma certa percepção para aquilo que eles consideravam *boas* ou *más* maneiras. Dessa forma [...] fui começando a sentir que entrara realmente em contato com os nativos. Isto constitui, sem dúvida alguma, um dos requisitos preliminares à realização e ao bom êxito da pesquisa de campo. (1976, p. 26, grifos originais).

Referindo-se à prática antropológica de campo, Laplantine faz notar que "o etnólogo evita a utilização de protocolos rígidos [...] [porque] a busca etnográfica [...] tem algo de errante." (1988, p. 151). Possui algo também de *criação artística*, de *imaginação*, como a entende Rubem Alves (1993). Com efeito, um campo tão fluido como o das relações micropolíticas de produção da EDITE impõe uma postura teórico-metodológica aberta e criativa, para poder se aproximar e melhor compreender o objeto de estudo.

A observação direta e participante (sempre que possível), além de todos os seus méritos, é o que tem podido tornar a pesquisa viável, inclusive por não existirem

educação indigena CC.indd 35 26/10/2015 11:43:02

estudos anteriores sobre a EDITE. O *campo instituinte* – entendido como os diversos *cenários*[35] em que se *produz* e se *institui* aquela escola – tem-se tornado, portanto, a fonte da pesquisa, por excelência.

A *relação humana* com os atores envolvidos – especialmente com os *tremembés* – em se tratando propriamente da pesquisa, ganha uma conotação específica, que permite o que Laplantine chama de "impregnar-se dos temas obsessionais de uma sociedade, de seus ideais, de suas angústias." (1988, p. 150). Trata-se, antes de tudo, de uma necessidade metodológica advinda do *objeto*, que tem sido construído numa relação *entre* nós, eles e eu. É, portanto, o reconhecimento de que meus pesquisados não são meros objetos de investigação, porém são *sujeitos*, *coprodutores comigo de um saber sobre a* EDITE. É, ainda, um modo de explicitação das minhas *implicações* enquanto pesquisador e do caráter de *intervenção* que esta e qualquer outra pesquisa possui, como o demonstra a Análise Institucional, que comentarei oportunamente.

Outra especificidade da abordagem antropológica é seu enfoque *microssociológico*, que considero muito vantajoso para minhas análises, por conceder atenção especial à vida cotidiana, às relações *micropolíticas* e aos outros elementos aparentemente secundários nas práticas sociais dos atores, na instituição da EDITE. Isto me permite apreender essa *instituição* em pleno movimento *instituinte*, de gestação, por assim dizer. Esse *enfoque etnográfico* torna-se ainda especial instrumento de construção de *cartografias* do objeto, por ser *modulado* pelo potencial teórico da *Micropolítica*, como espero demonstrar mais adiante.

Laplantine faz notar também que a perspectiva microssociológica não dispensa o *estudo da totalidade*, pois "o menor fenômeno deve ser apreendido na multiplicidade de suas dimensões... [e] só adquire significação antropológica sendo relacionado à

[35] Estes cenários não são somente as escolas *tremembés*, propriamente, com suas cotidianas práticas didático-pedagógicas, localizadas em suas comunidades, mas também (e às vezes principalmente) outros espaços e eventos de suas vidas, tais como: a) os diferentes tipos de reuniões que se dão entre os Tremembé e os diversos órgãos de Estado (Procuradoria da República, Procuradoria do Estado, Justiça Federal, Seduc etc) que exercem algum tipo de poder sobre as escolas; b) as reuniões com a *Operação Tremembé*, que atua fortemente intermediando as relações entre os *Tremembé* e o Estado, ora representando-os junto às agências estatais, ora representando essas agências junto aos índios; c) os seminários de educação indígena e os cursos de formação de professores; d) as Assembleias dos Povos Indígenas do Ceará; e) as entrevistas concedidas à mídia; f) a participação em eventos das universidades, entre muitos outros.

educação indigena CC.indd 36 26/10/2015 11:43:02

sociedade como um todo na qual se inscreve e dentro da qual constitui um sistema complexo." (1988., p. 156). Parece óbvio, mas é sempre bom recordar, que uma compreensão da EDITE, de suas demandas, seus objetivos e sua problemática, passa pela análise do *contexto* político-sócio-histórico mais amplo e das práticas sociais nos quais ela se situa, qual seja, "a rede densa das interações que estas constituem com a totalidade social" (*Ibidem*). As referências à política indigenista brasileira ao longo da história e ao movimento indígena, que fiz resumidamente ao longo da problematização deste projeto, e que deverei desenvolver por ocasião do texto final da dissertação, visam atender a esta demanda metodológica.

Laplantine ressalta também a especificidade da relação *entre* pesquisador e objeto para a Antropologia, em que "o estudo da totalidade de um fenômeno social supõe a integração do observador no próprio campo de observação". Vai mais longe quando sugere que "aquilo que o pesquisador vive em sua relação com seus interlocutores (o que reprime ou sublima, o que detesta ou gosta) é parte integrante de sua pesquisa." (*Op. cit.*, p. 169).

Este aspecto parece muito interessante por possibilitar a análise do meu itinerário de construção do meu objeto de pesquisa, a história do envolvimento com a problemática indígena no Ceará e o papel que tenho desempenhado enquanto participante em alguns cenários do campo instituinte da EDITE. Dessa forma, tenho buscado alcançar em minha metodologia de pesquisa a objetividade necessária, a qual consiste em que "uma situação de interação (sempre particular) se torne o mais consciente possível" (*Ibidem*). Por essa razão, iniciei este projeto com um breve relato da minha aproximação do objeto – que pretendo também ampliar por ocasião da Tese. Porque passei a compreender que este relato tem considerável importância na descrição do processo de construção e execução da pesquisa, principalmente quando fui apresentado à Análise Institucional.

Outro aspecto vantajoso ainda do uso deste referencial teórico-metodológico é o modo como é percebido o papel político do pesquisador, que constitui uma preocupação fundamental no referencial teórico utilizado. Concebendo a pesquisa como *intervenção*, ela é um modo de participar do *campo instituinte* da escola na condição também de *sujeito* que assume suas *implicações*, tornando-as parte da própria pesquisa (LOURAU, 1993). Dessa forma, o pesquisador pode e *deve* envolver-se com seus pesquisados, utilizando-se da observação participante, conforme

educação indigena CC.indd 37 26/10/2015 11:43:02

Schwartz e Schwartz, que a veem "não só como instrumento de captação de dados, mas também com instrumento de modificação do meio pesquisado, ou seja, de mudança social". (*apud* HAGUETTE, 1992, p. 69).

O contato com a Análise Institucional (AI) veio através da disciplina de mesmo nome, ministrada pela professora Sandra Petit, minha orientadora. Descobri na AI sobretudo um referencial metodológico muito útil à minha pesquisa, pelos motivos que, a seguir, tratarei de explicar. Antes, quero discorrer um pouco sobre outra descoberta fundamental, a Micropolítica. O contato veio por intermédio do professor Sylvio Gadelha Costa, o qual, durante algumas aulas da disciplina Pesquisa em Educação, veio discutir conosco o referencial teórico de sua dissertação de mestrado.[36] A partir de então, e sob recomendação da orientadora, passei a aprofundar o assunto. Tenho encontrado na Micropolítica um instrumental teórico que tem provocado uma reviravolta em conceitos e posições sobre o objeto.

Sua primeira contribuição está no *enfoque* de análise das ações e das relações *micropolíticas* onde se dá a *produção* da EDITE. Aqui, a perspectiva *microssociológica* da abordagem antropológica clássica despe-se de qualquer tendência culturalista-funcionalista, para receber uma *modulação politizante* na percepção dos fenômenos. Isto favorece uma observação mais direcionada de como se realiza, nas práticas sociais cotidianas dos atores inseridos no campo instituinte dessa Escola, o enfrentamento da questão central, qual seja, a produção de *autonomia* e *singularização*[37].

Posso, portanto, adentrar-me no mundo dos *tremembés* e de sua escola *diferenciada* sem cair preso nas malhas dos conceitos de *cultura* e de *identidade étnica*, que se tornaram comuns em diversas abordagens antropológicas clássicas sobre

[36] Publicada, posteriormente. Ver: Costa, 1998.

[37] A *singularização* é concebida como um processo produzido pelos indivíduos e grupos em relação à subjetividade circulante nos conjuntos sociais. Relação de reapropriação, de expressão e criação: "O que vai caracterizar um processo de singularização [...] é que ele seja automodelador. Isto é, que ele capte os elementos da situação, que construa seus próprios tipos de referências práticas e teóricas, sem ficar nessa posição constante de dependência em relação ao poder global, a nível *[sic]* econômico, a nível *[sic]* do saber, a nível *[sic]* técnico, a nível *[sic]* das segregações, dos tipos de prestígio que são difundidos. A partir do momento em que os grupos adquirem essa liberdade de viver seus processos, eles passam a ter uma capacidade de ler sua própria situação e aquilo que se passa em torno deles. Essa capacidade é que vai lhes dar um mínimo de possibilidade de criação e permitir preservar exatamente esse caráter de autonomia tão importante". (GUATTARI & ROLNIK, 1986, p. 46).

educação indigena CC.indd 38 26/10/2015 11:43:02

"sociedades indígenas" e outras "culturas diferentes", onde, de modo generalizado, aparecem *reificados*:

> *Os conceitos de cultura e de identidade cultural são profundamente reacionários: a cada vez que os utilizamos, veiculamos, sem perceber, modos de representação da subjetividade que a reificam e com isso não nos permitem dar conta de seu caráter composto, elaborado, fabricado, da mesma forma que qualquer mercadoria no campo dos mercados capitalísticos. (GUATTARI & ROLNIK, 1986, p. 70).*
>
> *O conceito de cultura é [...] uma maneira de separar atividades semióticas (atividades de orientação no mundo social e cósmico) em esferas, às quais os homens são remetidos. Tais atividades, assim isoladas, são padronizadas, instituídas potencial ou realmente e capitalizadas para o modo de semiotização – ou seja, simplesmente cortadas de suas realidades políticas. (Op. cit., p. 15).*

Visualizar a "cultura" e a "identidade" por essa perspectiva, como uma questão sobremaneira política, remete à busca de um conceito de *poder* que sirva de suporte ao conjunto dos elementos operacionais da pesquisa. Embora eu não tenha pretensão de já haver encontrado ou elaborado tal conceito em definitivo, entendo que deva conter as características apontadas por Foucault, para quem o poder:

> *[...] mobiliza matérias e funções não estratificadas, utiliza uma segmentariedade muito flexível. Com efeito, não passa por formas, e sim por pontos, pontos singulares que sempre indicam a aplicação de uma força com relação a outras, quer dizer um efeito como 'estado de poder sempre local e instável'. [...] Locais, instáveis e difusas, as relações de poder não emanam de um ponto central ou núcleo único de soberania, e sim vão constantemente 'de um ponto a outro' em um campo de forças, assinalando inflexões, retrocessos,*

educação indigena CC.indd 39 26/10/2015 11:43:02

> *inversões, giros, mudanças de direção, resistências. [...] Como exercício do não estratificado, constituem uma estratégia, e as 'estratégias anônimas' são quase mudas e cegas, posto que escapam às formas estáveis do visível e do enunciável. (In DELEUZE, 1988, p. 81).*

Acredito que esta perspectiva do poder possa me ajudar a analisar como se dão as relações – sobretudo micropolíticas – entre os diversos atores, nos diferentes cenários do campo instituinte da EDITE, revelando seus interesses, objetivos, alianças, estratégias, oposições, enfim, a complexidade da rede de interações estabelecida entre eles, possibilitando-me, assim, construir *cartografias* desta Escola, enfatizando os *processos de autonomização e singularização* em produção.

Outra contribuição da Micropolítica é o conceito de *autonomia* – central em minha pesquisa – que não retrata uma essência, qualidade ou estado de indivíduos e grupos, mas uma *função* que se configura e se expressa no âmbito das relações políticas, as quais compõem um campo privilegiado de produção de *subjetividade*. Desse modo, posso melhor compreender qual a relação existente entre a *(re) elaboração da autonomia* no campo instituinte da EDITE e a produção daquilo que, a partir de Guattari & Rolnik, eu chamaria de *subjetividade Tremembé dissidente à subjetivação capitalística*[38].

> *A função da autonomização num grupo corresponde à capacidade de operar seu próprio trabalho de semiotização, de cartografia, de se inserir em níveis de relações de força local, de fazer e desfazer alianças. (1986, p. 31).*
>
> *A autonomia é uma função. A 'função da autonomia' pode se encarnar efetivamente em grupos feministas, negros, ecologistas, homossexuais etc. [...] Há também*

[38] Dissidente porque propõe valores que se contrapõem aos da subjetivação dominante, capitalística, que perpassa todos os espaços e interstícios da nossa existência. Acredito tratar-se de *dissidência* e não somente da elaboração do que ficou convencionado chamar "uma outra cultura", "uma outra identidade étnica".

educação indigena CC.indd 40 26/10/2015 11:43:02

> *outros terrenos, estes microscópicos: as relações da vida cotidiana num bairro, numa comunidade, numa escola [...]. Então o que vem a ser essa 'função da autonomia', que pode reunir tantos níveis diferentes da vida social? Eu não a definiria como algo que parte de um programa ou de uma axiomática geral, mas como algo que se expressa em nível micropolítico – exatamente, o da produção de subjetividade. (1986, p. 54-55).*

O conceito de *subjetividade*[39] em Micropolítica comporta outra contribuição significativa, por dois motivos. Primeiro, porque amplia e esclarece a perspectiva do problema da autonomia, situando-o no horizonte do processo de *produção* da escola como *subjetivação Tremembé*, que me desafia a inter-relacionar os elementos de uma totalidade complexa, *rizomática*[40], heterogênea e *dinâmica*[41]:

> *os processos de subjetivação, de semiotização – ou seja, toda a produção de sentido, de eficiência semiótica – não são centrados em agentes individuais (no funcionamento de instâncias psíquicas, egóicas, microssociais), nem em agentes grupais. Esses processos são duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extrapessoal, extra-individual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, enfim sistemas que não são mais imediatamente antropológicos), quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de desejo, de representação, de imagens, de valor, modos de*

[39] Para a Micropolítica, a subjetividade não tem uma *essência*, mas é sempre social, histórica, fabricada, modelada, recebida, consumida, como dizem Guattari e Rolnik.

[40] O conceito de *rizoma* ou *rizomática* refere-se a sistemas cujos elementos estabelecem entre si conexões que se atravessam, não hierarquizadas nem centralizadas.

[41] Dinâmica porque *contraditória*, na perspectiva da Análise Institucional.

educação indigena CC.indd 41 26/10/2015 11:43:02

> *memorização e de produção idéica, sistemas de inibição e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos etc.) (Ibidem).*

Em segundo lugar, o conceito de subjetividade que utilizo orienta o olhar para perceber a *dinâmica* do processo de produção da EDITE, no cotidiano das práticas políticas e pedagógicas desenvolvidas no campo instituinte onde *se fabrica* a autonomia, a qual, como qualquer outra subjetivação, é 'de natureza industrial, maquínica, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida' (*Op. cit.*, p. 25).

Esta visão permite também captar a *contradição* como elemento constitutivo das práticas dos atores envolvidos no campo instituinte da EDITE, possibilitando a iluminação das brechas, das ações de resistência, de dissidência, de novas *singularizações*, enfim, de *autonomização* dos *tremembés*. Admite, com isso, o uso da Análise Institucional como ferramenta teórico-metodológica privilegiada de aproximação do meu objeto de pesquisa, pelas razões que passo agora a enunciar.

Em diversos momentos deste texto utilizei a categoria *campo instituinte* para dar uma forma ao *conjunto das relações e práticas políticas e pedagógicas desenvolvidas em torno da instituição* "Escola Diferenciada Indígena Tremembé". Esclareço, contudo, que o conceito de *instituição* em minha abordagem 'não é um conceito descritivo; não designa coisas passíveis de serem vistas, sólidas concretas. [...] Trata-se de um conceito produzido por (e para) análises coletivas [...] Não temos a instituição diante de nós no início de uma pesquisa, exceto se a tomarmos no sentido banal do termo: o jurídico. [...] A noção de instituição é um artifício, um modelo teórico (LOURAU, 1993, p. 61).

Portanto, o que denomino EDITE não deve ser confundido com os equipamentos físicos onde acontecem as aulas ou com os componentes curriculares, embora englobe também estes elementos.

A Análise Institucional me parece também muito oportuna por sua perspectiva política declarada pela *autogestão*, princípio político-pedagógico e componente fundamental da autonomia presente nas propostas e nos discursos acerca da

educação indigena CC.indd 42 26/10/2015 11:43:02

EDITE[42]. Este aspecto, em particular, sintetiza toda a problemática teórica e política dessa Escola. Instiga, até mesmo, a atualizar o debate sobre o chamado *Paradigma Anarquista em Educação* [...]:

> *No paradigma anarquista [...] cada grupo social deve auto-organizar-se para construir seu sistema de ensino, definindo-lhe os conteúdos, a carga horária, a metodologia, os processos de avaliação, etc, sempre num regime de autogestão. (GALLO: 1995, p. 146).*

Enquanto conceito socionalítico, "a autogestão não é estudável em manuais; é uma construção política" (LOURAU, 1993, p. 64). Tampouco "se esconde numa sala de aula, mas é o objetivo da construção de uma nova estrutura social; [...] não é essencialmente o meio de ação, mas é o fim a ser atingido" (GALLO, 1995, p. 199).

Outro conceito importante da Análise Institucional é o de *implicação*, por me fazer explicitar minhas relações com a EDITE, admitindo, como disse anteriormente, que sou parte dela, do seu *campo instituinte* e do próprio objeto de pesquisa:

> *O cientista confere à ciência os seus próprios valores, independente da posição ideológica que possui (seja esquerda, direita ou centro). Logo, a neutralidade axiológica, a decantada 'objetividade', não existe. [Por conseguinte] a análise das implicações é o cerne do trabalho socioanalítico, e não consiste somente em analisar os outros, mas em analisar a si mesmo a todo momento, inclusive no momento da própria intervenção, [porque] a História – e em particular a história das ciências – nos mostra as implicações do pesquisador em situação de pesquisa como o essencial do trabalho científico (mesmo tais implicações sendo negadas). (LOURAU, 1993, p. 16, 36, 16).*

[42] É significativa a fala da pedagoga Cecília Lacerda sobre as escolas indígenas, propondo uma pedagogia baseada na "[...] auto-gestão indígena em suas escolas, onde o próprio índio tenha autonomia para viabilizar seu projeto pedagógico" (Jornal *O Povo*, 15/04/1997).

educação indigena CC.indd 43 26/10/2015 11:43:02

Dizer que a pesquisa é uma *intervenção* significa conceber o pesquisador como sendo 'ao mesmo tempo, técnico e praticante' (*Op. cit.*, p. 28).

A *restituição* é outro conceito da Análise Institucional que considero como fundamental, por me fazer refletir sobre as consequências políticas de minha *intervenção*, como também pela história de meu envolvimento com os *tremembés* e suas lutas, mas, principalmente, por coerência metodológica:

> *A restituição não é um ato caridoso, gentil; é uma atividade intrínseca à pesquisa, um feedback tão importante quanto os dados contidos em artigos de revistas e livros científicos ou especializados. Ela nos faz considerar a pesquisa para além dos limites de sua redação final; ou melhor, de sua transformação em mercadoria cultural para servir unicamente ao pesquisador e à academia. (Op. cit., p. 56).*

Enquanto conceito socioanalítico,

> *supõe que se deva e se possa falar de algumas coisas que, em geral, são deixadas à sombra. Essas seriam as comumente silenciadas, faladas apenas em corredores, cafés ou na intimidade do casal (Op. cit., p. 51). Também não significa confissão privada ou pública, como em seitas religiosas, mas consiste em se centrar numa tarefa – a de análise coletiva da situação presente, no presente – em função de cada um* ***com*** *e* ***na*** *situação. (Op. cit., p. 64). (grifos do autor)*

A restituição é, finalmente, a continuidade da minha *intervenção* junto aos *tremembés*, que foi iniciada muito antes de qualquer ideia de pesquisa e, assim o desejo, deverá se prolongar em um contato cada vez mais estreito, pelas diversas faces da relação que possuo com eles:

> *A pesquisa, para nós, continua após a redação final do texto, podendo, até mesmo, ser interminável. Se a*

educação indigena CC.indd 44 26/10/2015 11:43:02

população estudada recebe essa restituição, pode se apropriar de uma parte do status do pesquisador, se tornar uma espécie de pesquisador-coletivo', [...] Isso seria, efetivamente, a socialização da pesquisa. (Op. cit., p. 56)."

O *desdobramento* teórico-metodológico

A passagem ao doutorado distingue um *refinamento* e uma *ampliação* do referencial teórico-metodológico proposto inicialmente. O *desdobramento* mais significativo pode ser visto na melhor explicitação do objetivo da metodologia, a produção de *cartografias* dos processos de subjetivação tremembé e da EDITE, como o demonstra o Plano de Trabalho:

Quanto à tese, permanecendo etnográfica, ela deverá ganhar um caráter ainda mais analítico, teórico, *ampliando e clareando o projeto de elaboração de cartografias da escola*. Para isto, uma breve *arqueologia* e *genealogia* da escola, irão me servir como *complemento* e *auxílio* no processo de desterritorialização/reterritorialização comuns às *cartografias*, pois "a *dimensão arqueológica* da análise permite analisar as próprias formas de problematização; a *dimensão genealógica*, sua formação a partir das práticas e de suas modificações" (FOUCAULT, 1988, p. 15).

Nesta breve *arqueologia*, desejo analisar a maneira pela qual a escola tem sido problematizada pelos *tremembés*. Ou ainda, o modo pelo qual a EDITE 'se dá como podendo e devendo ser pensada e as práticas a partir das quais essas problematizações se formam' (*Ibidem*). As fontes utilizadas nesta tarefa serão aquelas que *prescreveram* e continuam a *prescrever* as práticas em torno da escola: discursos, documentos, cartilhas cartas, ou outras quaisquer que 'propõem regras de conduta'

educação indigena CC.indd 45 26/10/2015 11:43:02

(*Op. cit.*, p. 16), e que constituem o *arquivo*[43] da escola *produzido pelos tremembés*, e que parecem ter o que Plutarco denomina *função 'etopoética'* do discurso, isto é, o poder de "constituir a armadura da conduta cotidiana" (*Ibidem*).

Quanto à *genealogia*, não se trata de fazer uma genealogia dos *Tremembé*, de como eles foram *produzidos* e de como *são lançados* pela História e pela Antropologia enquanto *etnia indígena* – embora esta ideia me fascine – por ser um projeto muito ousado e que demanda pesquisas para as quais não estou preparado agora. O que preciso e posso fazer, por enquanto, é uma *genealogia* de sua *reaparição* atual, na onda do *movimento indígena*, que se *desdobrou* na luta pela escola indígena diferenciada[44]. Nesta *genealogia* vou fazer uso de suas falas, seus discursos, mas, sobretudo das *práticas*, do que foi feito e do que *está sendo* feito pelos próprios.

Na verdade, não preciso fazer grandes incursões na *história* para compreendê-los e à sua escola. Porque "a história, segundo Foucault, nos cerca e nos delimita; não diz o que somos, mas aquilo de que estamos em vias de diferir, não estabelece nossa identidade, mas a dissipa em proveito do outro que somos" (*In* DELEUZE, 1988, p. 119). Posso, portanto, ater-me ao que eles estão sendo no presente, o seu *devir*. Se fizer alguma incursão, é, com efeito, para analisar as condições em que passam a problematizar a escola, ou seja, para *inscrever uma superfície* [...], bem como para fazer sua *genealogia*, isto é, para iluminar as *técnicas* desta *escola*, por considerá-la como *desdobramento do processo de 'reinvenção de si' dos tremembé*. Este é o eixo fundamental sobre o qual se desdobrou minha proposta inicial de pesquisa, e sobre o qual levantei, acima, as questões norteadoras do aprofundamento da minha pesquisa para doutorado. (FONTELES FILHO, 1999, p. 265-267).

[43] Para Deleuze, o *arquivo* são as formas, o Visível e o Enunciável do saber (1992, p. 115). Uma breve análise do *arquivo* da escola me serve como vacina contra as tentações da reificação dos discursos e das práticas institucionalizadas, favorecendo uma percepção mais dinâmica do processo e do campo, o qual, a partir das práticas dos sujeitos, é rico em diversidade, contradições e conflitos. De certa maneira, se me proponho a analisar o arquivo da escola tremembé é para descobrir *como* e *em que* ela também não é 'a' escola tremembé.

[44] Acredito que a luta pela escola indígena diferenciada é, de fato, um *desdobramento* da mesma luta pela demarcação da terra, que é, fundamentalmente, luta por *autonomia e singularização*. É uma das faces mais visíveis do processo de subjetivação atual vivido por eles, intentando reinventarem-se como *sujeitos*, que não podem sê-lo senão *autônomos*.

educação indigena CC.indd 46 26/10/2015 11:43:02

Técnicas de *coleta* de dados

Junto com o referencial teórico-metodológico, me propus um conjunto de técnicas para a *obtenção* dos dados da pesquisa, selecionadas e articuladas a partir do entendimento de que *teorias e técnicas, como faces da mesma moeda, não devem andar separadas*. Neste conjunto, o *diário de campo* constituía o elemento primordial, a técnica por excelência em meio às outras, pelas razões que apresentei no Projeto:

Um outro aspecto da Análise Institucional que a aproxima da Antropologia e que reafirma a prática de pesquisa que estou delineando neste projeto é a importância atribuída ao *diário de campo*.

> *Cette technique consiste à décrire au jour le jour comme dans un journal intime, des faits organisés autour d'un vécu dans une institution [...] Il ne s'agit pas de raconter tout ce qui nous arrive dans une journée mais chaque jour (au moins trois ou quatre fois par semaine) de noter un fait maquant [...] ayant rapport avec l'objet que l'on s'est donné pour ce journal. [...]. (HESS, 1988, p. 125)* [45].

Ele é o instrumento de coleta por excelência em minha metodologia, a observação direta (e participante sempre que possível) porque, em princípio, permite apreender melhor e descrever de modo adequado a dinâmica do campo instituinte da EDITE. Além disso, permite revelar o processo de pesquisa, o que pode ser

[45] *Esta técnica consiste em descrever a cada dia, como num diário íntimo, os fatos organizados em torno de uma vivência numa instituição [...] Não se trata de relatar tudo o que nos acontece num dia, mas a cada dia (ou pelo menos três ou quatro vezes por semana) registrar um fato marcante [...] que tenha relação com o objeto ao qual se refere este diário.* (Traduzi).

educação indigena CC.indd 47 26/10/2015 11:43:02

muito útil para a compreensão dos aspectos subjetivos que envolverão o trabalho de campo e certamente interferirão no delineamento deste:

> *O diário nos permite o conhecimento da vivência cotidiana de campo (não o 'como fazer' das normas, mas o 'como foi feito da prática'. Tal conhecimento possibilita compreender melhor as condições de produção da vida intelectual e evita a construção daquilo que chamei 'lado mágico' ou 'ilusório' da pesquisa (fantasias em torno da cientificidade, gerada pela 'asséptica' leitura dos resultados finais). (LOURAU, 1993, p. 77).*

Este aspecto do diário torna-se fundamental para a análise das minhas implicações, enquanto pesquisador, e para que ele acompanhe o desenvolvimento de minha atuação em campo, já que 'reconstitui a história subjetiva do pesquisador' (LOURAU, 1993, p. 78):

> *Talvez o diário (e outros dispositivos inventados ou a inventar) possam auxiliar a produzir outro tipo de intelectual: não mais o orgânico (ou de partido), de Gramsci; nem o engajado, de Sartre (que, muitas vezes, parece esquecer as implicações de seu 'engajamento'); mas o implicado (cujo projeto político inclui transformar a si mesmo e a seu lugar social, a partir de estratégias de coletivização das experiências e análises). (op. cit., p. 85, grifo do autor).*

Assim, ao revelar a rotina de construção do objeto, o *diário de campo* também colabora na explicitação das implicações e do meu papel junto aos *tremembés*, impondo uma coerência política entre os diversos elementos que compõem minha intervenção: a problemática da EDITE, a relação com os sujeitos pesquisados e o resultado final de minha intervenção.

Outra grande vantagem da utilização do *diário de campo* é o exercício de reflexão e sistematização de todas as observações realizadas, uma vez que a atividade de

educação indigena CC.indd 48 26/10/2015 11:43:02

escrita exige repensar constantemente os dados coletados fora da sua dinâmica imediata de acontecimento, o que pode ser muito útil para aperceber-me de elementos que, no calor da ação em campo, podem passar desapercebidos. Sobre isto, Lourau assinala que "o exercício cotidiano de escrever sobre o cotidiano constrói e se apropria de realidades, num movimento *espetacular*". (*op. cit*, p. 79, grifei)

O *diário de campo* apresenta-se ainda como um excelente instrumento de *restituição* dos processos vividos no campo de pesquisa, tanto para os próprios pesquisados como para os outros leitores dos relatórios finais da pesquisa.

Além do *diário*, serão utilizados outros instrumentos de coleta de dados, descritos a seguir:

- *Entrevistas etnográficas individuais abertas e/ou semidirigidas*, que oferecem uma abordagem geral sobre as *histórias de vida* dos diversos atores que atuam no campo instituinte da escola, o processo de envolvimento, suas práticas, suas concepções e seus sentimentos em relação à questão. Abertas ou semidirigidas, flexíveis como uma *conversa*, devem permitir que os entrevistados possam falar com maior grau de liberdade e expressão, revelando seus posicionamentos com mais propriedade e individualidade.

A intenção é valorizar o discurso que os atores fazem sobre si mesmos e sobre suas ações instituintes/institucionais e confrontá-lo com as próprias práticas. Isso se faz necessário ao se conceber que não existe uma coerência absoluta entre o que os indivíduos dizem de si mesmos e o que fazem. Assim, aquilo que aparece como contraditório pode ser importante fonte de informação sobre como se constroem, em âmbito *micropolítico*, os discursos e práticas dos atores. Interessa captar o que aparece como favorável à produção de *autonomia* e *autogestão*, para reforçá-lo. Finalmente, quero saber o modo como eles compreendem e categorizam a EDITE, sua problemática e seus elementos constitutivos.

- *Entrevistas etnográficas abertas e/ou semidirigidas em pequenos grupos*. A intenção aqui é produzir confronto de ideias e debates entre conjuntos de atores – sobretudo os principais *sujeitos* – em torno das questões levantadas na pesquisa. Uma das vantagens é permitir aos entrevistados um clima favorável à reflexão, ao aprofundamento de seus pontos de vista individuais. Outra vantagem é que o grupo mesmo tem a possibilidade de direcionar as

educação indigena CC.indd 49 26/10/2015 11:43:02

questões, e não somente o pesquisador. Ainda que em nível elementar, o grupo tornar-se-ia o pesquisador de si próprio (GAUTHIER, 1999). O pesquisador assumiria um papel de coordenador e de sistematizador das discussões.

- *Documentos, relatórios de atividades e outros registros escritos* produzidos pelos *tremembés* e outros atores deverão servir de fonte auxiliar de informação. Eles serão confrontados com os discursos, as práticas individuais e coletivas dos diversos atores, pois é necessário perceber como o *instituinte* da escola vai-se *institucionalizando* e que contradições vai revelando.

- *Fotografias e filmagens em vídeo* servirão como fonte de informação e/ou ilustração. Embora não pretenda fazer um trabalho de antropologia visual, utilizarei o registro fotográfico e cinemático como completar à documentação da produção da escola. Além disso, como a escrita, o ato de fotografar parece demarcar a ação investigativa e, de certo modo, contribui para habilitar o pesquisador junto aos *sujeitos*. Afinal, eles sabem que se estão ali para "registrar". O material fotográfico e os vídeos serão, como as demais fontes, objeto de análise e de confronto com outros registros. Poderão também se tornar parte do relatório final da pesquisa, ilustrando-o.

- *Matérias jornalísticas* serão tratadas como informações e registros complementares. Entre outras funções, revela o ponto de vista da mídia, um poderoso ator no campo de produção da subjetivação tremembé. Junto com a análise dos outros registros, permite a percepção de como se está constituindo o discurso dos *formadores de opinião* sobre a EDITE.

- *Anotações pessoais* relativas a reuniões, encontros e outras atividades relacionadas à problemática, mesmo que indiretamente. Enquanto um protodiário da pesquisa, elas ajudam a reconstituir minha trajetória em relação ao campo instituinte da escola e, por conseguinte, como se foi construindo meu papel de pesquisador neste campo.

- *Seminários* com atores da EDITE. Estes seminários terão como objetivo efetuar a restituição em processo dos dados coletados, provocar *analisadores* que permitam compreender elementos de contradição nas relações entre os diferentes grupos que compõem a escola, inclusive com o pesquisador, e servirão ainda como meio de inserção nas atividades cotidianas da escola.

educação indigena CC.indd 50 26/10/2015 11:43:02

O *seminário* é uma técnica muito comum na *pesquisa-ação*. Embora este projeto não trabalhe necessariamente nessa perspectiva, acredito que este procedimento terá grande utilidade, sobretudo como tentativa de discutir com frequência os processos de pesquisa, dando vez aos sujeitos pesquisados de se posicionarem sobre a investigação dos pesquisadores na escola. Como ressalta Thiollent, "o papel do seminário consiste em examinar, discutir e tomar decisões acerca dos processos de investigação" (2000, p. 58).

A intenção dos *seminários* será ainda de contribuir com os empreendimentos da escola em buscar alternativas para aprimorar suas atividades e o resultado de seu trabalho. Pretendo, por exemplo, realizar seminários com professores e alunos nos quais possamos discutir e/ou estudar temas relacionados às suas necessidades quotidianas. As discussões podem ser deflagradas a partir de uma dinâmica ou mesmo de algum evento que tenha causado polêmica. Certamente, as formas e a frequência, assim como os limites desta ação dependerão da negociação com os membros da EDITE.

Se houver interesse e disponibilidade por parte dos pesquisados, poderemos. em algumas ocasiões, transformar-nos realmente num *grupo-pesquisador*[46], segundo a sugestão do sócio-poeta Jacques Gauthier (1999). O que fará com que a pesquisa deixe de ser apenas minha, tornando-se coletiva e fazendo com que os pesquisados se tornem efetivamente produtores de conhecimento investigativo (FONTELES FILHO, 2000, p. 26-31).

Por ocasião da passagem ao doutorado, não ocorreram desdobramentos notáveis nas propostas de técnicas de pesquisa, mas sim, quanto aos *significados* e *usos* dos dados, como se pode auferir do Plano de Trabalho.

[46] O *grupo-pesquisador*, entre outros aspectos, se caracteriza pela decisão compartilhada e pela autogestão quanto aos procedimentos fundamentais da pesquisa, como a escolha do tema, a elaboração e análise das categorias, a elaboração do relatório final da pesquisa e seu destino etc, ampliando significativamente o nível de participação dos pesquisados em relação à técnica do *seminário*.

educação indigena CC.indd 51 26/10/2015 11:43:03

O desenvolvimento da pesquisa e a ampliação do referencial teórico-metodológico

Todos os conceitos em que um processo inteiro se condensa semioticamente se subtraem à definição; definível é apenas aquilo que não tem história. (Nietzsche, Genealogia da Moral, p. 68).

Somente agora, nestes tempos de elaboração final deste relatório, sobretudo após a leitura do que registrei no *diário de campo* de 1998 a 2002, é que pude ver que havia realizado, como efetivação da proposta teórico-metodológica inicial, uma modalidade peculiar de pesquisa, não propriamente uma *observação participante*, embora a englobe, mas uma *experimentação do objeto*, em sintonia com a *pesquisa-ação*[47], a qual, para mim, concretizou-se em *um conjunto de técnicas e procedimentos teórico-metodológicos, político-pedagógicos* e *artístico-filosóficos, onde criação, descrição e análise aconteceram, geralmente, em bloco*. Assim, me pareceu que *coproduzi, vivenciei, e pensei, em um mesmo movimento,* os *processos de subjetivação tremembé* e a *função* da sua escola indígena diferenciada nestes processos.

Os *diários de campo e bordo*[48], meus instrumentos de registro da *produção* – termo mais adequado do que *coleta* – de dados[49], constituíram-se não

[47] "Le terme 'expérience' doit être ici compris non pas dans le sens de l'expérimentation scientifique mais dans celui de l'expérience de vie, qui engage l'être et son devenir." (LÉVY, 1985, p. 58 *apud* BARBIER 1996, p. 27).

[48] Esta separação apenas ressalta que o objeto estava sendo *experimentado* não somente em *campo*, mas também em minhas reflexões solitárias ou acompanhadas, em muitos outros cenários não vinculados diretamente aos processos de subjetivação tremembé e à produção da EDITE. Porque, ao longo destes anos, o objeto da pesquisa *atravessou* todos os espaços da minha vida.

[49] O termo *produção* quer significar que os dados não são dados *naturalmente* à observação, mas, como os elementos da pesquisa submetidos a um processo de desnaturalização, de análises, eles são selecionados e articulados, dito de outro modo, *inventados*, pelo pesquisador.

educação indigena CC.indd 52 26/10/2015 11:43:03

exatamente uma *etnografia*[50] extensa dos tremembés, mas *cartografias* de seus processos atuais de *subjetivação*, isto é, de *autonomização* e *singularização*; a um só tempo, *inscrição de superfície* e *descrição intensa* de *desterritorializações* e *reterritorializações* das *técnicas de si* e das práticas da EDITE; desvelamento das contradições e saltos, dos avanços e recuos, das pequenas genialidades e grandes debilidades produzidas no meu *exercício de pensar*[51]; por fim, uma *objetividade* ou *objetivação* naquela perspectiva sugerida por Nietzsche: "[...] *Quanto mais* afetos permitirmos falar sobre uma coisa, *quanto mais* olhos, diferentes olhos, soubermos utilizar para essa coisa, tanto mais completo será nosso *conceito* dela, nossa *objetividade*." (1998, p. 109, grifos originais).

Nesta *experimentação*, ao longo dela, fui ampliando meu arquivo de *ideias*, *categorias* e *conceitos*, advindos em grande parte do aprofundamento do referencial teórico-metodológico. A intenção era municiar-me de um instrumental eficiente à operacionalização das *cartografias* que, para Deleuze (1992, p. 109), é "seguir e desemaranhar as linhas". No meu caso, a realidade empírica dos processos de subjetivação tremembé e de produção da EDITE, que se me apresentavam deveras como *novelos enlinhados*. Por vezes, estas *ideias, categorias e conceitos* sofreram *deslocamentos de sentido*, quando contextualizados. Noutras vezes, emergiram como *elementos imanentes ao processo de criação* em que se configurou a pesquisa como um todo. Noutras ainda, como *sínteses, condensações ou sistematizações teóricas acerca do objeto*. Mas há também *ideias, categorias e conceitos* os quais, confrontados com as descrições do *diário*, apresentam-se como *testemunhas das lacunas*, do que não realizei, das contradições e retrocessos do meu pensamento. Se os revelo aqui é porque, além de não achar adequada a idealização e assepsia do relatório final desta pesquisa, podem me servir como uma *contramemória* para futuras investidas e uma "saudade" do que poderia ter sido.

[50] Esta avaliação leva em consideração a crítica de Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart (1998). Ao produzir cartografias, isto é, desterritorializações/reterritorializações acerca dos tremembés, minha intenção era exatamente superar a problemática das abordagens de *etnicidade*, a qual consiste, segundo os autores, em "romper com estas *definições substancialistas* dos grupos étnicos." (p. 176, grifei).

[51] Pensar é poder, isto é, estender as relações de força. Pensar como exercício de ascese, e não como *apropriação* de outrem. Ascese do pensamento, *pensamento artista*, diria Foucault.

educação indigena CC.indd 53 26/10/2015 11:43:03

Quanto à forma de apresentação destes conceitos e categorias, são anotações livres, não sistematizadas, lembrando um fichário de leituras, que foi como os fui elaborando e me servindo deles. Desejaria, assim, alcançar algum êxito quanto a *uma* das intenções – já manifestadas – deste relatório, que é revelar o processo real de criação na pesquisa:

Categorias e conceitos, usos:

- "Signos e significações são essencialmente instáveis e em deslocamento, podendo apenas ser temporariamente fixados, dependendo de como estão articulados dentro de lutas discursivas e históricas particulares". (MACLAREN, p. 123) *[*Importante para minha argumentação, para sustentar as modificações conceituais que eu possa introduzir em minhas cartografias*][52].

Teorias:

- "Todas as teorias têm uma história a contar sobre a vida social, bem como uma postura com relação a isto, ou seja, teorias refletem o posicionamento do teórico ou teórica em um estilo de vida particular". (MACLAREN, p. 170).
- *Teorias como 'pistas', como 'indicações', não como modelo. Esta é a proposta da 'sensibilidade teórica' de M. Maffesoli.*

Saber:

- "O saber não é feito para compreender, ele é feito para cortar". ("NIETZSCHE, a genealogia e a história", de Foucault, In *Microfísica do Poder*, p. 28). *[*Um dos meus objetivos com a intervenção foi exatamente este: introduzir um corte no pensamento* sobre *os índios].*

[52] As citações e comentários entre chaves, precedidas de um asterisco, e/ou em itálico, são de minha autoria.

educação indigena CC.indd 54 26/10/2015 11:43:03

- *É feito de 'estratificações', para Deleuze: define o que se pode e não se pode ver em cada formação histórica.*

Modelos, usos:

- "Modelo é aquilo que, em processo de aprendizagem, serve de referência, de identificação num 1º momento. No 2º momento, nos afastamos do modelo. No 3º recriamos autonomamente um novo modelo". (SANDRA PETIT)
- "A aprendizagem das boas perguntas passa pelo abandono dos modelos antigos de racionalidade" (J. GAUTHIER). *[*Foi isso que fiz, o 'abandono' dos modelos produzidos sobre os Tremembé, para poder auscultá-los hoje, no presente, no que eles estão sendo no presente, para assim poder fazer as perguntas de partida de minha pesquisa].*

Objeto:

- *Não existe fora de uma 'experimentação', ou seja, fora de alguma forma de* elaboração. *Esta ideia se coaduna mais com os conceitos-chaves das cartografias dos processos de subjetivação.*

Pesquisador:

- *Pesquisador como "artífice". A pesquisa como "obra de arte".*
- "O pesquisador, como o artista, não precisa meramente 'refletir' as questões dos 'pesquisados'/público. Até mesmo porque o que se reflete é um produto social, é uma nova síntese. Pode-se propor novas visões, novas questões. Não existe garantia de que as pessoas vão repercutir como se espera". (SANDRA PETIT).

Diário de Campo:

- *É um 'registro em movimento'. Problemas de foco e de enquadramento das* imagens *somente atestam o grau de mobilidade do objeto e revelam, com propriedade, sua justa forma.*

educação indigena CC.indd 55 26/10/2015 11:43:03

Dados:

- *Não há "dados", propriamente, em minha tese. Não há análises também. Há descrições/construções de imagens/discursos sobre* experimentações. *A seleção das descrições obedece a critérios de relevância, como a iluminação em uma exposição, tencionando dar melhor visibilidade sobre alguns aspectos do que está exposto. Aliás, esta ideia,* exposição, *é muito interessante e combina com cartografia. Com ela, a ideia de* instalação, *isto é, a de que a exposição não se esgota, nem de longe, no que está imediatamente visível ou naquilo que o autor deseja mostrar.*

Cartografia:

- *Uma "compreensão", uma "descrição", um "mapa", um "olhar". [*Cartografias da EDITE: olhá-la com 'olhos diferentes', 'múltiplo', como 'rizoma' em meio às outras práticas sociais].*
- *É um modo de escrita. É a escrita da genealogia, da resistência, da criatividade, dos processos micropolíticos, das experimentações intensas e de suas descrições densas. É uma estratégia e uma arma de guerra.*
- *É ruptura de sentido; movimento de desterritorialização/reterritorialização. [*No meu caso, isto se dá desde a (re)elaboração do objeto, quando experimentei a desterritorialização da Antropologia e da História como discursos sobre os índios, passando pelo método da "coleta de dados" etc. Tudo ou quase tudo em minha intervenção ocorre sob este signo].*
- "A *dimensão arqueológica* da análise permite analisar as próprias *formas da problematização*; a *dimensão genealógica*, sua formação a partir das *práticas* e suas modificações". (FOUCAULT, v.2, p. 15) [grifei]. [**A arqueologia e/ou a genealogia são 'contextuais', contextualizadoras, como uma 'inscrição de superfície', um diálogo com o 'arquivo' (científico-literário) produzido* sobre *os tremembé,* e não por eles mesmos. *Não é etnografia. Aliás, a cartografia não combina com etnografia. Pois é preciso perceber o quanto de reificação existe nesta técnica, que parte de conceitos muito questionáveis (ver Philippe Poutignat,* Teorias da Etnicidade*). Na cartografia, a descrição não visa à composição da substância étnica do grupos, suas "práticas*

educação indigena CC.indd 56 26/10/2015 11:43:03

culturais", mas, particularmente, suas práticas de si, que são políticas e não podem ser reduzidas e/ou recortadas à "cultura", embora não se possa falar de cartografia sem uma "cultura", uma "inscrição de superfície"].

Superfície de inscrição:

- *É, principalmente, o* contexto *que descrevo exaustivamente no Diário. Não falo do passado porque o tempo é breve para falar de tanta coisa que acontece no presente, que é tão decisivo em se tratando do 'devir', dos processos de subjetivação experimentados. Também porque não quero endossar a ideia – questionável – de que o presente se explicaria pelo passado. Não falo do passado, ainda por combater, abertamente, contra a ideia de 'memória' e 'tradição', tão caras à história e antropologia indigenista.*
- *As referências aos Novos Movimentos Sociais ou à História são apenas contrapontos, elementos sem consideração de importância maior que os 'dados coletados' no presente. Não há hierarquização nem privilegiamento dos 'registros do passado' ou das 'ciências' que já discursaram sobre os tremembés, isto é, sobre um objeto que não propriamente o meu, pois* os "tremembés do passado" não são propriamente o meu objeto de pesquisa.

Narrativas:

- *A narrativa não relata o acontecimento, mas é o próprio acontecimento*: "O evento não é o que aconteceu. O evento é aquele que pode ser narrado". (FELDMAN, 1991, p. 14 *apud* MCLAREN, 1997, 174).
- "Elas espelham as histórias que contamos para nós mesmos, sobre nós mesmos, histórias que dão formas tanto ao êxtase quanto ao terror do nosso mundo, que adoecem nossos valores, deslocam nossas certezas e, ainda assim, estranhamente, nos dão esperança, inspiração e estrutura para os nossos 'insights'. Não podemos escapar das narrativas, mas acredito que podemos resistir a elas e transformá-las". (MACLAREN, *Multiculturalismo Crítico*, p. 162).

educação indigena CC.indd 57 26/10/2015 11:43:03

- '*Narratologia crítica*': "Significa ler narrativas pessoais [...] contra o estoque precioso de narrativas imperiais e autoritárias da sociedade". (MACLAREN, *Multiculturalismo Crítico*, p. 165).
- *Narrativa e Poder*: "Como inscrições hegemônicas, as narrativas fazem linha de forças legíveis que se entrecruzam, cortam, congelam, prendem e reprimem o poder" (MACLAREN, *Multiculturalismo Crítico*, p. 177). *[*Muito interessante essa relação entre 'narrativa e poder' como 'linhas de força'. É coerente com a visão de Foucault/Deleuze/Guattari sobre o poder*].
- "Vivemos não apenas narrativas particulares, mas também as habitamos (assim como elas nos habitam). O grau até o qual resistimos a certas narrativas depende de como somos capazes de lê-las e reescrevê-las". (MACLAREN, *Multiculturalismo Crítico*, p. 179).
- *A ideia de 'narrativa' parece se coadunar com a de 'cartografia'. Acho que é isso o que pretendo fazer com a pesquisa, propor narrativas que 'resistam' e 'transformem' os discursos e as práticas 'sobre' os índios.*

Devir:

- "O que não é devir: imitação; correspondência de relações; semelhanças; identificação; não é progredir, nem regredir segundo a lógica das séries; não se faz na imaginação, mesmo quando esta atinge o nível mais elevado (porque o devir é da ordem da *experimentação*)" (DANIEL LINS).
- *É uma direção dada às forças que se transversalizam.*

Agenciamento:

- *Em* subjetivação, *são processos que se apoiam uns nos outros. Ele é* rizomático, *portanto, não hierarquizado. Não possui uma essência.*

Diagrama:

- "É a exposição das relações de força que constituem o poder"... (DELEUZE, *Foucault*, "Um novo cartógrafo", p. 46).

educação indigena CC.indd 58 26/10/2015 11:43:03

- *É um mapa, uma cartografia das relações de força que atravessam os campos sociais. Apenas as formações estratificadas lhe dão alguma aparência estável, por que, na verdade, ele é instável.*

Saber x Poder = Arquivo x Diagrama:

- "O saber é feito de formas, o Visível, o Enunciável, em suma, o arquivo, enquanto o poder é feito de forças, relações de força, o diagrama". (DELEUZE, *Conversações*, p. 115).

'Fora':

- *O 'fora' é o lugar de puro devir. Como se relacionar c/ ele? Como se acoplar com suas forças? Através de* 'singularidades de resistência'.

Sujeito:

- "Foucault não emprega a palavra sujeito como pessoa ou forma de identidade, mas os termos 'subjetivação', no sentido de processo e 'Si', no sentido de relação (relação a si). E do que se trata? Trata-se de uma relação da força consigo (ao passo que o poder era uma relação da força com outras forças), trata-se de uma 'dobra' da força". (DELEUZE, *Conversações*, p.116).
- *Sujeito x Indivíduo*: "O sujeito em Foucault é oscilante, isto é, em formação. O indivíduo é institucional, como o contrato". (DANIEL LINS).
- *'Sujeito' como 'estilização das práticas' e 'estética' (FOUCAULT).*
- *'Sujeito' [subject] = sujeito-objeto. Quando falo 'os tremembés', estou falando de sujeito-objeto, é sempre uma 'objetivação', um 'produto'.*

Índio:

- *Um novo conceito: índio como 'criação de si', 'modelagem', capacidade infinita de inventar-se e diversificar-se de si mesmo. A diversidade de povos*

educação indigena CC.indd 59 26/10/2015 11:43:03

indígenas – e da "identidade" de um grupo – como 'variação sobre o mesmo tema' – isto é, sobre o 'devir'.

- *Múltiplas abordagens: Jurídico-constitucional-legal; Histórico-antropológica; Imaginário 'popular'.*

Tremembés:

- *Desejo engendrar uma alternativa ao conceito marcadamente étnico que se produziu sobre os tremembés. O acento das minhas cartografias incide em torno de suas práticas. Seu nome, tremembés, é uma* estilização, *como o é o sujeito, segundo Foucault.*
- *São as ações e agenciamentos que identificam/delimitam o 'povo tremembé'. Ou seja, os tremembés são o* como *e o* onde *eles 'acontecem'. [*Interessante por que desterritorializa/desnaturaliza o discurso da etnicidade sobre os tremembés. Eles não 'são'. Eles 'operam'].*
- *Do ponto de vista da pesquisa, os tremembés não são dados 'naturalmente', mas são uma construção histórica, sociológica, jurídica, ou ainda, uma 'experimentação'. Mas é preciso cuidar também que os Tremembé são pessoas concretas: João Venança, Dijé, Raimundinha, Diana, Calisto, Maria Rosa e muitos outros.*
- *Pensá-los como um 'devir'... O* Torém, *por exemplo, é um dispositivo de experimentar o devir Tremembé.*

EDITE (Escola Diferenciada Indígena Tremembé):

- *A EDITE como 'diferenciação a si mesmo' dos tremembés, uma desterritorialização/reterritorialização, uma subjetivação dissidente a si próprios.*
- *Enquanto 'processo de subjetivação', é dinâmica, não um 'ponto de chegada', mas um 'devir' interminável.*
- *A escolha da EDITE e da sua 'rede de produção' como eixo na elaboração de minhas cartografias sobre os processos de subjetivação, se justifica pelo movimento que produz, múltiplo, em muitas direções a um só tempo; pelo modo*

educação indigena CC.indd 60 26/10/2015 11:43:03

de produção de subjetivação – pedagogização das técnicas de si –; pelo papel que recebe nos discursos e práticas; porque é um desdobramento *no processo de subjetivação iniciado com o torém.*

- *O contraditório é parte. Importa iluminar para fortalecer as novidades, os novos modos de existência, as subjetivações produzidas pela EDITE. Quais os dispositivos de avaliação, os indicadores? "Somente" os sujeitos podem avaliar/dizer. Nas minhas muitas páginas de descrição do experimentado junto aos tremembés, possuo indicadores apontados por eles mesmos. Devo privilegiar seus próprios discursos e práticas. A minha fala deverá ser especificamente analítica destes discursos e práticas. Não definidoras dos critérios, não reificadora.*

- *A escola, em si mesma, pode não ser a prática mais significativa da produção dessa subjetivação. A* rede *em que ela é produzida certamente o é. A escola, sem desconsiderar sua importância na aquisição de ferramentas importantes para a produção de subjetividade, talvez seja muito mais um 'estandarte', um 'emblema', uma 'desculpa' ou uma 'moeda' na negociação do reconhecimento, no fortalecimento das relações entre os tremembés e todos os "outros".*

'Outros sujeitos' nos processos de subjetivação tremembé:

- *São* transversalidades, *jogos de iluminação sobre as práticas e discursos dos tremembés.*

Comunidade:

- *Categoria nativa utilizada em duplo sentido:* geográfico, *para referir às localidades espalhadas na área em que habitam grupos tremembés, já delimitada formalmente (pela Funai); no sentido* político, *para demarcar a pertença ou não à "luta" ou "trabalho", isto é, ao movimento de afirmação tremembé.*

- *Ideia de comunidade: 'sucessão de ideias' e 'variação dos afetos' (Espinosa). Pressupõe, portanto, a heterogeneidade e a diferença e não uma* unidade ideal.

educação indigena CC.indd 61 26/10/2015 11:43:03

Poder:

- "O poder 'produz realidade', antes de reprimir. E também produz verdade, antes de ideologizar, antes de abstrair ou mascarar". (DELEUZE, *Foucault*, "Um novo cartógrafo", p. 38)
- *Poder: 'afecção': 'poder de afetar algo'. Imanente ao corpo social. Dissimulado no saber, para Foucault.*

Relações de poder:

- "A 'relação da força com a força, uma ação sobre a ação". (DELEUZE, *Foucault*, "Um novo cartógrafo", p. 38).
- *Relação de forças*: "é uma função do tipo 'incitar', 'suscitar', 'combinar'... No caso das sociedades disciplinares, dir-se-á: repartir, colocar em série, compor, normalizar". (DELEUZE, *Foucault*, "Um novo cartógrafo", p. 38)
- *A 'força' é uma relação como o 'lado de fora', o 'não-estratificado' que existe na forma de agitação, de mistura.*

História e Antropologia, usos:

- "O que se encontra no começo histórico das coisas não é a identidade ainda preservada da origem – é a discórdia entre as coisas, é o disparate". ("Nietzsche, a genealogia e a história", de Foucault, In *Microfísica do Poder*, p. 18) *[*Ótimo texto para fundamentar minha despretensão de buscar uma 'origem' dos tremembés nos arquivos da História e da Antropologia].*
- "Lá onde a alma pretende se unificar, lá onde o Eu inventa para si uma identidade ou uma coerência, o genealogista parte em busca do começo – dos começos inumeráveis que deixaram esta suspeita de cor, esta marca quase apagada que não saberia enganar um olho, por pouco histórico que seja; a análise da proveniência permite dissociar o Eu e fazer pulular nos lugares e recantos de sua síntese vazia, mil acontecimentos agora perdidos". ("Nietzsche, a genealogia e a história", de Foucault, In *Microfísica do Poder*, p. 20).

educação indigena CC.indd 62 26/10/2015 11:43:03

- "A pesquisa da proveniência não funda, muito pelo contrário: ela agita o que se percebia imóvel, ela fragmenta o que se pensava unido; ela mostra a heterogeneidade do que se imaginava em conformidade consigo mesmo". ("Nietzsche, a genealogia e a história", de Foucault, In *Microfísica do Poder*, p. 21).
- "É preciso despedaçar o que permitia o jogo consolente dos reconhecimentos. Saber, mesmo na ordem histórica, não significa 'reencontrar' e sobretudo não significa 'reencontrar-nos'. A história será 'efetiva' na medida em que ela reintroduz o descontínuo em nosso próprio ser. Ela dividirá nossos sentimentos; dramatizará nossos instintos; multiplicará nosso corpo e o oporá a si mesmo". ("Nietzsche, a genealogia e a história", de Foucault, In *Microfísica do Poder*, p.27s)
- "[...] Se trata de fazer da história um uso que a liberte para sempre do modelo, ao mesmo tempo metafísico e antropológico da memória. Trata-se de fazer da história uma contramemória e de desdobrar consequentemente toda uma outra forma do tempo". ("Nietzsche, a genealogia e a história", de Foucault, In *Microfísica do Poder*, p. 33)
- *História, Genealogia versus Identidade*: "A história, genealogicamente dirigida, não tem por fim reencontrar raízes de nossa identidade, mas ao contrário, se obstinar em dissipá-la; ela não pretende demarcar o território único de onde nós viemos, essa primeira pátria à qual os metafísicos prometem que nós retornaremos; ela pretende fazer aparecer todas as descontinuidades que nos atravessam". ("Nietzsche, a genealogia e a história", de Foucault, In *Microfísica do Poder*, p. 35)
- "[...] A tradição oral é uma fonte importante da História, e às vezes a mais pura e verdadeira" [J. de Alencar, *Iracema*, p. 90 (Argumento Histórico)].

Memória x Esquecimento, usos:

- "Apenas o que não cessa de 'causar dor' fica na memória". (Nietzsche, "Genealogia da Moral, p. 50) *Como livrar a memória das marcas das escoriações? Como fazer uma memória ativa (e não reativa)? Como salvar o passado do pecado, do ressentimento e da dor? A questão é que sempre foi o*

educação indigena CC.indd 63 26/10/2015 11:43:03

instinto de vingança que trabalhou o passado e a memória, segundo Nietzsche. Como fazer para que a memória não seja a memória da morte? Há um exemplo grego, na Ilíada. O apelo ao esquecimento ('menes') a Ulisses, para que não se vingue e a paz retorne à cidade. As musas gregas são definidas como 'esquecimento dos males'. O poeta é o instrumento dessa transubstanciação. A declaração solene da Anistia grega, em 405 a.C., reza: 'Eu não lembrarei a infelicidade e os males'. Minhas cartografias desejam produzir uma outra memória, atual, afirmativa, alegre, jovial, favorável aos tremembés de hoje.

- "Inocência é a criança, e esquecimento, um começar-de-novo, um jogo, uma roda rodando por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim". (*Assim Falou Zaratustra*, "Das três transmutações", Col. Os Pensadores, p. 238).

- "Não conseguir levar a sério por muito tempo seus inimigos, suas desventuras, seus malfeitos inclusive – eis o indício de naturezas fortes e plenas, em que há um excesso de força plástica, modeladora, regeneradora, propiciadora do esquecimento" (Nietzsche, *Genealogia da Moral*, p. 31). *[*Encontro esta característica nos tremembés. Não os senti, até hoje, como "ressentidos". Eles são "nobres", com certeza].*

- *Esquecimento*: "Esquecer não é simples 'vis inertiae" [força inercial] como crêem os superficiais, mas uma força inibidora ativa, positiva no mais rigoroso sentido, graças à qual o que é por nós experimentado, vivenciado, em nós acolhido, não penetra mais em nossa consciência [...]". (Nietzsche, *Genealogia da Moral*, 47).

A ruptura com o passado como ato de criação: "Sempre aniquila, quem quer ser um criador". (Nietzsche, *Assim Falou Zaratustra,* p. 241).

Diferença, usos:

- "O espaço da enunciação faz brotar o processo de duplicação (dividindo a diferença entre o Eu e Outro) – ou fixando diferenças culturais em um objeto confinável e visível quando, na verdade, a '*diferença é sempre incerta e polivocal*'". (MacLaren, *Multiculturalismo Crítico*, Comentando Bhabha, p. 180-181). "Diferenças são sempre 'diferenças em relação', elas nunca são simplesmente flutuações livres". (Op. cit., p. 133).

educação indigena CC.indd 64 26/10/2015 11:43:03

- *Diferença como 'categoria operatória', não reificada, mas construída. Triangular: Antropológico-Cultural; Político-Social; Educacional-Pedagógica.*
- *Explorar as diferenças internas 'dentro' dos tremembés, para não incorrer no equívoco de produzir uma visão e um discurso homogeneizador ou de 'unidade' de suas práticas individuais/grupais, segmentárias.*

Totalidade:

- "O conceito de totalidade não deve ser abandonado, mas, em vez disso, visto como uma 'estrutura de diferença sobredeterminada'" (MacLaren, *Multiculturalismo Crítico*, p. 133). *[*Ótima dica para trabalhar a relação Tremembés-Estado. O próprio "Estado" – e as múltiplas e complexas relações dos tremembés com essa dimensão jurídico-política-administrativa da Sociedade Nacional – podem ser vistos como uma 'sobredeterminação' dessas relações (de poder)].*

"Identidade", crítica à ideia:

- "Pois esta identidade, bastante fraca contudo, que nós tentamos assegurar e reunir sob uma máscara, é apenas uma paródia: o plural a habita, almas inumeráveis no-la disputam; os sistemas se entrecruzam e se dominam uns aos outros". ("Nietzsche, a genealogia e a história", de Foucault, In *Microfísica do Poder*, p. 34).

Agenciamento:

- "Noção mais ampla do que as de estrutura, sistema, forma etc. Um agenciamento comporta componentes heterogêneos, tanto de ordem biológica, quanto social, maquínica, gnosiológica, imaginária. Na teoria esquizoanalítica do inconsciente, o agenciamento é concebido para substituir o 'complexo' freudiano" (GUATTARI & ROLNIK, *Micropolítica*, p. 317).
- *Na perspectiva social, o agenciamento substitui as noções de "cultura", "identidade" e "etnia".*

educação indigena CC.indd 65 26/10/2015 11:43:03

Estado:

- *Não confundir o Estado com suas instituições. Percebê-lo na perspectiva da Micropolítica. Desconstruir minha visão, purificar meu olhar e, a partir da linguagem, depurar, separar: as instituições são* encarnações maquínicas *do poder inerente às relações entre indivíduos e grupos. O Estado é o 'meio' em que se dão as relações: é 'intermediário' por este motivo. É imanente à vida social. É um código e uma linguagem. Impossível de fugir, mas sempre passível de devir.*

- *Há dois momentos em minhas análises do Estado: 1)No primeiro momento, ao analisar as relações dos Tremembé com as grandes máquinas de ressonância do poder que intervém 'de fora' sobre suas existências; 2)No segundo, para esclarecer e fortalecer os processos de subjetivação dissidente-criativos, de devir, investindo na ideia de que é possível aos tremembés reinventarem o* poder *em suas relações, entre si e com 'o fora'.*

- *Uma vez afinado com uma 'perspectiva micropolítica do Estado' (se é possível falar assim), não precisarei deter-me em grandes e profundas avaliações da relação Tremembé/Instituições do Estado. Deverei investir e priorizar em minhas análises, na produção micropolítica engendrada nas múltiplas inter-relações dos tremembés.*

Etnicidade, usos:

- "Nas suas interações com outros, como os grupos no poder conseguem sustentar a impressão de que eles são menos étnicos do que as pessoas sobre quem eles exercitam o seu poder; em outras palavras, como conseguem alimentar a impressão de que suas próprias características e qualidades são meramente corretas, enquanto as qualidades correspondentes dos outros são 'étnicas'?". (DEAN MACCANNEL, 1992, p. 121-2 *apud* McLaren, 1997, p. 136).

- *Branquidade*: "Uma forma de etnicidade [...]. Uma norma invisível através da qual outras etnicidades são julgadas". (MACLAREN, *Multiculturalismo Crítico*, p. 114). "A cultura branca, de acordo com MacCannel, é uma totalização que arroga a si própria o direito de representar todos os outros grupos étnicos". (*Op. cit.*, p. 137).

educação indigena CC.indd 66 26/10/2015 11:43:03

Sociedade Nacional:

- *No início, a partir dos estudos de Política Indigenista, concebi a sociedade nacional em oposição ou contraste com os tremembés. Depois, passei a me dar conta de que a 'sociedade nacional' é uma "construção étnica" também, hegemônica, mas simplesmente uma forma de 'etnicidade', isto é, de substancialização de um 'agenciamento'. Devo situá-la portanto, no mesmo patamar de análise da sociedade Tremembé. Tanto uma quanto a outra são formas sociais de 'enunciados políticos'.*

Direito:

- "É a violência que dá o primeiro 'direito', e não há nenhum direito que não seja em seu fundamento arrogância, usurpação, ato de violência". (Nietzsche: *Cinco Prefácios para Cinco Livros Não-Escritos*, p. 46) [**Por isso Foucault não defendia os* 'direitos humanos'*! Esta ideia pode provocar uma polêmica discussão sobre os 'direitos indígenas', que não desejo incorporar demais em minhas cartografias. Porque o direito, no fundo, é o atestado da desigualdade produzida entre os homens e uma tentativa de repará-la. É uma espécie de igualização de segunda ordem, sempre instável e capenga].*

Lei/Legislação:

- "A lei não é nem um estado de paz nem o resultado de uma guerra ganha: ela é a própria guerra em ato, exatamente como o poder não é uma propriedade adquirida pela classe dominante, mas um exercício atual de sua estratégia". (Deleuze, *Foucault*, "Um novo cartógrafo", p. 40). *[*Contribuição para a crítica da visão sobre a legislação indigenista, inclusive relativa à escola diferenciada]*

Corpo, usos nas *cartografias*:

- "O corpo – e tudo o que diz respeito ao corpo, a alimentação, o clima, o solo – é o lugar da *Herkunft*: Sobre o corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados, do mesmo modo que dele

educação indigena CC.indd 67 26/10/2015 11:43:03

nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também eles se atam e de repente se exprimem, mas neles também se desatam, entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito". ("Nietzsche, a genealogia e a história", de Foucault, In *Microfísica do Poder*, p. 22).

- "A genealogia, como análise da proveniência, está portanto no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo". ("Nietzsche, a genealogia e a história", de Foucault, In *Microfísica do Poder*, p. 22).
- "Nada sabemos de um corpo se não conhecemos os seus afetos". (Deleuze) *[*Por isso as descrições densas, a busca das sutilezas de como os tremembés se deixam afetar]*

A execução da pesquisa e os usos efetivos das *técnicas de produção de dados*

No projeto[53] apresentado/discutido nos *Seminários de Tese*, expus minha proposta de *cronograma da pesquisa* de doutorado, que eu acreditava ser possível realizar em 25 meses, distribuídos da seguinte forma: *Créditos do doutorado e pesquisa bibliográfica*: 10 meses[54]; *Inserção no cotidiano escolar tremembé*: 8 meses; *Redação da tese*: 9 meses, iniciando um mês após o início da Inserção e se prolongando por mais dois meses depois[55]; *Revisão*: 3 meses, contados a partir do antepenúltimo mês da redação; *Depósito*: 3 meses, após a redação; *Banca e Revisão final*: 1 mês.

[53] Ver (Fonteles Filho) 2000, p. 32.

[54] Eu precisaria fazer apenas 18 créditos, pois iria aproveitar 30 créditos do mestrado, atingindo o exigido pelo doutorado, 48 mais os 12 créditos da redação da tese, finalizando 60 créditos.

[55] Por dispor de um *notebook*, eu achava que era conveniente, possível e coerente com a metodologia proposta escrever a parte mais significativa do relatório durante a fase de inserção.

educação indigena CC.indd 68 26/10/2015 11:43:03

Quando da execução, a proposta inicial de cronograma sofreu alterações consideráveis, à exceção do tempo previsto para os *créditos*, realizado durante todo o ano de 2000. A *pesquisa bibliográfica*, por exemplo, tem-se prolongado até os dias de hoje, pautada pela concepção de que, na produção de *cartografias*, ela adquire um sentido diverso do tradicional, quando parecia se esgotar em uma etapa muito definida da pesquisa. Para mim, ao longo de todas as etapas previstas, e ainda agora por ocasião da redação final deste texto, as leituras têm servido de inspiração para novas ideias e pontos de vista acerca de situações descritas no *diário* e outros aspectos relevantes da pesquisa, fortalecendo intuições, fundamentando afirmações, catalisando sistematizações, esclarecendo pontos obscuros, e, inevitavelmente, também revelando os limites, abismos e lacunas a serem superados.

A etapa *de inserção no cotidiano das escolas tremembés*, situadas em sua *Área*[56], se estendeu por todo o ano de 2001, vinte dias por mês, em média. Embora eu tivesse planejado permanecer um mês em cada uma das *sete* localidades onde se encontravam as escolas[57], acabei privilegiando a Escola Maria Venância, da Praia, pelo fato de ter sido, até onde pude constatar, a primeira escola diferenciada indígena no Ceará. A *descrição densa*[58] desta experiência de escola – sua genealogia, originalidade, pioneirismo, descontinuidade, ressurgimento e suas práticas naquele momento – parecia coadunar-se satisfatoriamente com a proposta teórico-metodológica da pesquisa. Todavia, a razão principal para ter estendido a inserção na *Área*, além do previsto, se deveu à organização do *Curso de Magistério Indígena Tremembé* (MIT), iniciado naquele ano, o qual se tornou um *dispositivo* assaz favorável à pesquisa, com desdobramentos surpreendentes no âmbito do movimento indígena local, como descrevo

[56] Esta categoria é usual não somente pelos tremembés, mas de modo generalizado, em referência ao espaço geográfico em que se encontram suas localidades, e que coincide com o território indígena delimitado formalmente pela Funai.

[57] À época: Praia, Panan, Mangue Alto, Passagem Rasa, Tapera, Varjota e Capim-Açu. Atualmente a escola do Panan está desativada, tendo os alunos se somado aos da escola Maria Venância. Duas novas escolas surgiram no Saquinho e Lameirão. A escola do Capim-Açu se tornou inviável para inserção, por conta dos conflitos e faccionalismos locais.

[58] O que compreendo como *descrição densa* é o relato microscópico, micropolítico e que considera as *transversalidades* dos objetos e situações descritos.

educação indigena CC.indd 69 26/10/2015 11:43:03

no *diário*. Entre outras necessidades nascidas com o curso, a orientação à pesquisa e à prática pedagógica dos professores tremembés, realizada como *disciplina* do curso, demandou a minha presença regularmente durante todo o resto daquele ano[59].

Bem mais longa foi a *inserção no campo da pesquisa*. Antes de mais nada, pelo *deslocamento* do significado desta *categoria*. Já de partida, eu concebia que o *campo da pesquisa* era um *território vasto*, composto de muitos *cenários*, habitados por diferentes *atores sociais* que *contracenavam* com os tremembés; portanto, não correspondia às fronteiras geográficas da área circunscrita à *terra indígena*. Assim, posso dizer, há tempos eu estava e estou – ainda agora, ao redigir estas páginas – plenamente inserido no *campo da pesquisa*, ou utilizando uma categoria que me apareceu como mais apropriada, na *rede*[60] de produção da EDITE e dos processos de subjetivação tremembé.

Para os fins de delimitação do período de realização da pesquisa – e das descrições contidas no *diário* – selecionei o intervalo *abril de 1998 a setembro de 2002*, tendo como critérios a primeira ida à *Área* após ter entrado no mestrado e o término das atividades de digitalização do *diário* e alguns outros dados produzidos na pesquisa. Tenho convicção que, ao longo deste período, atingi plenamente o objetivo da metodologia a que me propus: *uma experimentação intensa e a descrição densa dos processos de subjetivação tremembé e da produção da EDITE*.

Quanto às *técnicas de produção de dados*, o *diário* constitui-se, efetivamente, na técnica por excelência, revelando-se um dispositivo muito propício à construção de *cartografias*, pelos argumentos que eu já havia apresentado anteriormente, porém dilatando e intensificando seu papel em função dos múltiplos

[59] As duas disciplinas de orientação, POEFT (Prática Orientada de Ensino Fundamental Tremembé) e POPEET (Prática Orientada de Pesquisa em Educação Escolar Tremembé), foram inicialmente assumidas por Karla Monteiro e eu, respectivamente, com atividades desenvolvidas nas localidades, mensalmente.

[60] "Mais flexível que a noção de sistema, mais histórica que a de estrutura, mais empírica que a de complexidade, a rede é o fio de Ariadne destas histórias confusas" (LATOUR, 1994, p. 9). "As redes são ao mesmo tempo reais como a natureza, narradas como o discurso, coletivas como a sociedade" (*Op. cit.*, p. 12).

educação indigena CC.indd 70 26/10/2015 11:43:04

deslocamentos experimentados ao longo da pesquisa, configurando-se, ao final, como uma *linguagem-em-bloco* e uma *transmissão-ao-vivo*, a qual, como apontei anteriormente, reuniu sob o mesmo texto descrições gerais, *insigths*, elaborações, análises, sistematizações, além das lacunas e contradições que emergiram junto com a *experimentação* do objeto.

Embora assim pudesse ter sido utilizado, meu *diário* não se destinou propriamente a "análises posteriores", pois não era minha intenção utilizar o *distanciamento* como dispositivo de produção da "verdade" do objeto. Algumas informações e reflexões *pontuais* foram inseridas durante a digitalização – e deverão se prolongar até a finalização deste relatório – com o intuito de tornar mais clara alguma parte obscura, ou por demais incompleta, dos registros realizados em meio às circunstâncias da inserção na *Área*[61].

Quanto à extensão do *diário*, são 5 volumes[62] relativos às minhas estadas na *Área* durante o período da pesquisa, com destaque para o ano de 2001, de inserção no cotidiano escolar, que ocupa 4 volumes[63]. Outros 7 volumes[64] tratam de registros de leituras, aulas, encontros científicos, conversas com a orientadora e outras atividades acadêmicas, reflexões pessoais e outros eventos que compuseram o processo de produção da pesquisa. Outra parte significativa das anotações foi realizada no Ícaro, o meu *notebook*. Depois de digitalizado e organizado, o *diário* completo ficou com 977 laudas[65], sem as transcrições de entrevistas gravadas. Creio não ser necessário explicitar as razões pelas quais não apresento neste relatório o diário completo. Dos 84 arquivos que o compõem, selecionei uma parte, aproximadamente a metade,

[61] Há registros, por exemplo, que foram feitos quando eu me encontrava em meio às pescarias de jangada, em mar aberto. Mesmo que o leitor nunca tenha experimentado tal tipo de situação, poderá imaginar os limites que ela impõe à escrita: balanços, ondas que vez por outra lavam o convés, sol causticante, mudanças repentinas de posição em função do movimento dos pescadores e do equilíbrio da embarcação etc.

[62] São cadernos de 200 folhas de tamanho 160mm x 210mm.

[63] Ao longo de todo o segundo capítulo, no *Diário*, há notas de rodapé que indicam o número do volume e as páginas referentes aos eventos narrados.

[64] Estes volumes possuem diferentes formatos: são 3 agendas e 3 cadernos de tamanhos variados e 01 bloco de notas.

[65] Configurado em papel A4 e espaço 1,0.

educação indigena CC.indd 71 26/10/2015 11:43:04

observando alguns princípios que, a meu ver, resguardam as finalidades do texto: relevância dos eventos narrados, diversidade de situações enfocadas e encadeamento dos acontecimentos relativos aos processos de subjetivação tremembé e à produção da EDITE.

Complementares aos registros do *diário*, produzi 116 horas de gravações de áudio, distribuídas entre 31 cassetes e 75 CDs, contendo: entrevistas com tremembés em geral (diversificados entre localidades que habitam, gênero, faixa etária, inserção política no movimento indígena etc); entrevistas com professores e *lideranças* dos tremembés e outros povos indígenas (sobre surgimento das escolas, educação indígena diferenciada, autonomia e outros temas); entrevistas com outros agentes, não indígenas, que atuam na produção da EDITE (missionários da Igreja Metodista e da Igreja Católica, antropólogos e outros indigenistas); músicas do *Torém* e de outras danças (*Algodão*, *Reso*, *Caçador*); músicas do *Toré* (dos Tapeba, Pitaguary e Jenipapo-Kanindé); canções de "serenata" e outros tipos (louvação de acolhida; canções picantes; canções para criança e para jovens compostas pelos professores durante o curso de magistério dos tremembés e dos outros povos indígenas); seminários de educação indígena promovidos por agências estatais (Seduc e MEC); assembleias dos Povos Indígenas e outros eventos do movimento indígena local; reuniões de tremembés, realizadas em localidades e com objetivos diversos; encontros e outras modalidades de eventos acadêmicos em torno da temática indígena; reuniões Pró-Magistério Indígena Tremembé (MIT) e de outros povos; eventos diversificados realizados por ocasião das etapas do MIT (aulas, seminários, mesas-redondas, reuniões sobre questões pedagógicas, manifestações artístico-culturais etc) e reuniões com o Conselho de Educação e com a Procuradoria da República, entre outros conteúdos.

Minha intenção, ao fazer estes registros, era produzir meu próprio banco de dados para subsidiar a produção desta pesquisa e outras atividades que eu já vinha desenvolvendo com os tremembés, bem como outras que, provavelmente, poderão ser desenvolvidas. Eu desejava, inicialmente, inserir uma parte destes registros neste relatório, o que acabei não fazendo porque o tornaria impraticavelmente extenso para os fins a que se propõe. De outro modo, o diário enquanto *linguagem*, a meu ver, atende a contento às necessidades teórico-metodológicas da pesquisa e apresenta uma vantagem própria do

educação indigena CC.indd 72 26/10/2015 11:43:04

texto escrito: registro, análises e sistematizações podem ser integrados, em um mesmo *bloco*.

Quanto às *entrevistas etnográficas* individuais e em pequenos grupos, abertas e/ou semidirigidas, utilizei-as muito pouco, graças às inúmeras vantagens da *inserção* nos processos de subjetivação, na *rede* de produção da EDITE e, particularmente, no cotidiano da vida dos tremembés, em suas localidades. Se no início ainda cheguei a utilizar *entrevistas de explicitação*, aos poucos a *produção de dados* foi se tornando um processo *menos formalizado* e fui abandonando as técnicas mais diretivas na pesquisa. Os *discursos* que os tremembés faziam sobre si próprios e sobre a Escola foram me chegando de forma muito mais direta, espontânea e *situada*. A coerência ou as contradições eventuais entre o que diziam e o que faziam pareciam se evidenciar melhor à minha percepção. Algumas entrevistas gravadas sobre a história da EDITE e outras escritas no diário, sobre a vida dos professores, tiveram muito mais a função de registrar o final de uma sucessão de situações de relato, muitas vezes solicitadas pelos próprios pesquisados[66]. Inegavelmente, me serviram como informação complementar, ajudaram a estabelecer conexões entre dados heterogêneos e induziram sistematizações.

Em relação ao uso de *documentos, relatórios de atividades e outros escritos gerais* produzidos pelos tremembés e/ou outros agentes, produzi um arquivo respeitável, porém ainda não organizado[67]. Utilizei-os enquanto *fonte auxiliar de informações*, ao longo da pesquisa, fazendo cumprir assim minha intenção inicial. Particularmente durante a etapa de inserção no cotidiano escolar, e de elaboração do *diário*, servi-me de alguns tipos de documentos produzidos e/ou pertencentes aos tremembés, que digitalizei com a ajuda de um *scanner*, e que compõem apenas uma pequena parte do conjunto do arquivo a organizar:

[66] Por diversas vezes, alguns tremembés me pediam para gravar relatos que consideravam "importantes para a luta" e o "resgate da cultura".

[67] Dentre outros documentos, constam: cartilhas produzidas pelos tremembés; inúmeras cartas dirigidas a órgãos e autoridades de Estado e outras, de divulgação dos problemas enfrentados; convites para eventos diversos do movimento indígena; relatórios, *folders*, cartas e outras publicações de entidades indigenistas locais; o diário íntimo de uma professora tremembé; diversas publicações de órgãos de Estado, em âmbito local e federal, vinculados à realidade indígena (Seduc, Funasa, Funai, MEC etc) e revistas e jornais especializados na problemática indígena.

educação indigena CC.indd 73 26/10/2015 11:43:04

12 Cartas; 1 Telegrama (da Presidência da República!); 1 Recibo; 4 Documentos pessoais (carteiras do CITA[68]); 2 Poemas; 19 Bilhetes e Cartões; 41 Relatórios (sendo 2 do Mutirão de Agricultores; 3 do Núcleo Teia da Vida da Praia, destinados ao Iprede, 11 destinados à Igreja Metodista e 25 sobre Atividades das Escolas); 8 *Folders* (com temas diversos); 6 Planos de aulas e 44 outros documentos gerais relativos às Escolas. Como as gravações de áudio contribuíram para clarear, fazer conexões e sínteses de alguns dados produzidos durante a *inserção*.

Muito conveniente à *complementação e ilustração do registro* realizado sobre as *atividades escolares* foi o acesso à *produção intelectual* de professores e alunos das escolas: desenhos e pinturas, exercícios escritos e/ou ilustrados, cartazes e textos. Embora não fosse meu objetivo demorar-me em análises mais profundas sobre este tipo de produção, ela muito me ajudou a perceber, em âmbito micropolítico, como se configuravam entre alunos e professores, as relações entre os complexos processos de subjetivação tremembé e as práticas didático-pedagógicas propriamente, em pleno movimento de invenção de uma *escola indígena diferenciada*, revelando as inusitadas soluções e arranjos encontrados, bem como as latentes contradições desta *invenção*. Presentes neste relatório, mais à frente, ensejam tão somente suplementar o olhar do leitor com uma pequena amostra do que consegui digitalizar *in loco*: 177 desenhos/pinturas dos alunos e 24 dos professores, 76 exercícios ilustrados dos alunos e 26 textos escritos por alunos e 10 escritos por professores[69].

De modo semelhante, utilizei a *fotografia* para *complementar e explicitar com outra linguagem* algumas situações registradas no *diário*, sem preocupações teóricas ou técnicas. Segundo esta mesma perspectiva, selecionei algumas imagens mais ilustrativas e as inseri neste relatório, adiante. Entre outras vantagens, o ato de fotografar facilitou meu acesso aos pesquisados, de modo generalizado, pois eles não só deixavam, mas me *pediam* para fotografá-los em diversas situações. A entrega posterior das fotos acabava fortalecendo a empatia

[68] Conselho Indígena dos Tremembé de Almofala.

[69] Não consta deste montante a exuberante produção relativa ao curso de Magistério Indígena Tremembé, ainda a ser organizada.

educação indigena CC.indd 74 26/10/2015 11:43:04

e a confiança, manifestadas pela abertura e gentileza com que me permitiam não somente ver fotos de seus arquivos particulares, mas digitalizá-las com o *scanner*. Muitas vezes, a entrega ou a digitalização de fotos criava um clima de descontração ou de rememoração favorável à obtenção de informações significativas sobre acontecimentos relevantes ou ínfimos, pessoas conhecidas ou anônimas que compartilharam suas existências e outros elementos que contribuíram, de algum modo, para a elaboração de minhas *cartografias*.

Ao longo do período da pesquisa, produzi um banco de imagens com 1.673 fotografias, das quais 1.182 impressas e 491 digitalizadas das coleções particulares dos tremembés[70], contendo aspectos gerais do complexo processo dessa sua *subjetivação* atual: aspectos físicos e da *paisagem* (estradas, cercas, cancelas, lagoas, praias, rios, dunas, fauna e flora); organização social (famílias, reuniões, assembleias, mutirões); comportamento (lazer, brincadeiras, refeições, festas, casamentos, relações de gênero e de idade, educação dos filhos etc); rostos (crianças, jovens, velhos, mulheres, professores das escolas); tecnologia (produção de redes de pesca, tecedura em palha, casas de taipa, fiação e tecelagem com algodão, construção de jangadas, irrigação, fontes de eletricidade, telefonia, informação e lazer, transporte, navegação, ferramentas diversas etc); produção econômica (agricultura, pecuária, pesca, farinhada); artesanato (em palha; "acessórios" com búzios e sementes: colares, pulseiras, braceletes, gargantilhas, anéis e outros); atividades das escolas (aulas, reuniões de pais e professores, reuniões de planejamento, atividades do Curso de Magistério; produção intelectual de alunos e professores etc); seminários promovidos por agências estatais (Seduc, Funasa, MEC); movimento indígena (Assembleias dos Povos Indígenas, reuniões com ONGs e OGs, ocupação de praças públicas em Fortaleza, encontros, seminários, reuniões *políticas*[71] etc);

[70] Destas 1.182 fotos, 1.076 são de minha autoria; 106 foram realizadas por Tonio Vargas, cineasta e fotógrafo com uma produção significativa sobre a temática indígena no Ceará. As 491 fotos digitalizadas foram produzidas por diversas pessoas que, ao longo dos últimos 20 anos, tiveram contato com os tremembés. Muitas são de ótima qualidade, embora as dificuldades de preservação tenham danificado irremediavelmente algumas. A maioria das fotos é de autoria de Ivo Sousa, conforme informação dos que me disponibilizaram seus álbuns.

[71] Trata-se de reuniões específicas para discutir a participação em eleições relativas à administração pública, mas também para a coordenação do CITA – Conselho Indígena Tremembé de Almofala.

educação indigena CC.indd 75 26/10/2015 11:43:04

atividades Socioculturais (apresentações do torém, reso, dança do algodão; teatro) e participação em atividades acadêmicas (aulas, seminários, encontros científicos), entre outras.

Em relação a *filmagens em vídeo*, por motivos vários, acabei não produzindo nenhum registro próprio. Tive acesso, contudo, a algumas produções realizadas e/ou dirigidas por indigenistas, cineastas e pesquisadores. Ainda que não fossem objeto de minhas considerações, contribuíram para minha percepção de como estava se constituindo *um olhar* sobre alguns aspectos dos processos de subjetivação tremembé, a partir de alguns *agentes* desse vasto conjunto de todos os *Outros* que *contracenam* com os *índios* nessa produção. Entre os vídeos, destacam-se: *Resistência Tremembé* (1993, Guaracy Rodrigues e Edmar Oliveira Júnior); *Torém* (1994, por Ivo Sousa e Alex Ratts); *Reso* (1998, Tonio Vargas); *Alma Fala*, (2000, Ivo Sousa) e *As Caravelas Passam* (2001, Ivo Sousa e Marcos Passerini).

Enquanto "poderoso agente no campo de produção da subjetivação tremembé", como eu já havia assinalado no projeto da pesquisa, as *matérias produzidas pelos principais jornais locais*[72] evidenciavam, de modo muito eficaz, os discursos, as posturas e as ações de um sem-número de outros agentes que ocupavam estes veículos da comunicação de massa. Por meio de editoriais, reportagens de rotina ou especiais, artigos, cartas, colunas, *breves*, anúncios artísticos, charges e fotografias, ocupando todos os espaços dos jornais (capa, caderno cultural, caderno infantil, seção cidades, opinião, regional, jornal do leitor, turismo), jornalistas, antropólogos, pedagogos, historiadores, religiosos, militantes da *causa indígena*, políticos, estudantes, advogados, artistas, juristas, procuradores da República, secretários de Estado, cidadãos comuns, crianças e *índios* de várias etnias alimentavam(*se*) (*n*)essa subjetivação. Nem de longe imaginei debruçar-me sobre as implicações da mídia nesse processo. Minha intenção, semelhante ao que fiz com os vídeos, era obter *contrapontos* às práticas e discursos daqueles que se afirmam tremembés em relação a todos os *outros* que compartilham com eles o *movimento* de produção de sua subjetividade atual.

[72] Segundo a ordem de importância pela quantidade de matérias veiculadas: *O Povo*, *Diário do Nordeste* e *Tribuna do Ceará*.

educação indigena CC.indd 76 26/10/2015 11:43:04

Eu desejava enriquecer minhas *cartografias* abrindo espaço para a emergência da *multiplicidade* de pontos de vista, a *heterogeneidade* das ideias, a *heterodoxia* e as *contradições* das práticas indigenistas. No meu entendimento, a despeito de quaisquer dispositivos de controle do que era veiculado, abertos ou velados, a mídia atendia a este objetivo[73].

A escolha da *imprensa* se deveu tão somente pela facilidade de obtenção das matérias e o seu manuseio na pesquisa, aumentada com a edição de versões digitais dos jornais na *Internet*, e que me permitiram, ao longo do período da pesquisa, compor um arquivo pessoal com 375 matérias, sendo: 35 impressas e 67 digitais específicas sobre as escolas indígenas diferenciadas; 121 impressas e 73 digitais com temas variados (com destaque para a demarcação das terras, além de artesanato, cultura, saúde, história, violência, cotidiano e atividades de pesquisadores); 58 impressas e 11 digitais relativas a outros povos indígenas de fora do Ceará[74].

Auxílio prestimoso forneceram minhas *velhas agendas* na elaboração de uma *genealogia* particular da minha *aproximação à temática da pesquisa*, descrita no início deste capítulo. Enquanto *protodiário* da pesquisa, elas testemunham, mesmo que de modo muito superficial, os momentos iniciais do meu envolvimento com os povos indígenas e sua problemática. Foi por meio delas, por exemplo, que registrei a data do primeiro contato empírico com um grupo de tremembés, nos dias 20 e 21 de novembro de 1992, ou a data da primeira visita que fiz a eles na praia de Almofala, em 17 de janeiro de 1993.

A técnica *seminário* (THIOLLENT, 2000) deu lugar ao mais propício *dispositivo* à realização da pesquisa, que eu podia imaginar, o *curso de Magistério Indígena Tremembé* (MIT), ainda que ele não se tenha constituído com tal fim. Minha participação em sua produção se deu antes de tudo como enfrentamento de um desafio concreto, proposto pelos professores tremembés, que assim

[73] Convenci-me completamente desta ideia quando tive a oportunidade de orientar uma pesquisa pioneira sobre o papel da imprensa na produção de subjetividade indígena no Ceará. Ver: Martiniano, 2001.
[74] A parte digital do arquivo foi montada a partir de pesquisas na Internet, onde se encontram disponíveis os sites dos jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste*, aos quais pertencem todas as publicações. Uma parte desse arquivo é tão somente a versão digital de matérias impressas na edição convencional.

educação indigena CC.indd 77 26/10/2015 11:43:04

pareciam desejar uma maior *implicação* de minha parte no fortalecimento de suas atividades docentes na EDITE. Significou também a *restituição da pesquisa em pleno movimento de sua produção* e um *imperativo ético da prática política do pesquisador*, além de ter se tornado um *analisador* muito potente, que continua ressoando em novos desdobramentos a cada dia, a ponto tal que me foi difícil *definir* o término da pesquisa[75], como o indicam minhas anotações no *diário*, e do qual ele ocupa parte significativa dada a sua importância para a elaboração das *cartografias*. Por fim, embora não tenha organizado *situações formais*, como o *seminário*, para discutir e tomar decisões acerca da pesquisa, as *práticas* dos tremembés, principalmente, e dos outros agentes mobilizados na produção do MIT tornaram-se marcos referenciais na *orientação* de minhas escolhas e procedimentos investigativos.[76]

Outra técnica de produção de dados, ainda não explicitada suficientemente nos seus usos, foi a *pesquisa bibliográfica*. Estudos estatísticos, mapas, literatura indianista, de ficção e *folclore*, relatórios de OGs e ONGs, artigos, dissertações e teses sobre história, etnologia, legislação, educação, movimento e política indigenista, textos específicos de metodologia da pesquisa e do referencial teórico-metodológico compõem uma lista ainda não contabilizada de obras consultadas, não obstante a Bibliografia apresentada no final do relatório

[75] Permaneço participando ativamente da produção do curso, que se tornou Projeto de Extensão da UFC (sob o nome Cuaba). Atualmente, se encontra em processo de reconhecimento pelo Conselho de Educação do Ceará (CEC).

[76] Não cheguei a organizar nenhum *grupo-pesquisador* específico com a missão de *produzir dados*. Também não utilizei os *dispositivos artísticos* comuns à pesquisa propriamente *Sociopoética*. Talvez tenha produzido um *deslocamento de perspectiva* deste referencial teórico-metodológico, quando, no intuito de delimitar os sujeitos da pesquisa, inventei para mim mesmo uma noção operacional de *grupo-pesquisador* em sentido amplo, qual seja, *o conjunto dos agentes da rede de produção da EDITE e dos processos de subjetivação tremembé, dando ênfase aos que se denominavam sob esta categoria*. Minha intenção era minimizar o quanto possível o uso de dispositivos *formais* na pesquisa, como um grupo organizado com este objetivo. A inserção na *rede*, e especialmente, no cotidiano tremembé tornou-se, então, o *dispositivo* por excelência possibilitando, como notei anteriormente, servir-me das *situ-ações*, das *inter-ações* e das *práticas de si* dos *sujeitos* na produção de minhas *cartografias*. Se consideradas na condição de *produtoras de singularizações*, estas práticas são, sobretudo, *artísticas*, porém sob um *conceito de arte* que privilegia os *processos criativos* e que não a reduz aos *objetos de semiotização*, como os denomina Guattari (1996). Trata-se, segundo a perspectiva nietzschiana-deleuziana-foucaultiana, de conceber a *produção das formas de existência social como obra de arte*.

educação indigena CC.indd 78 26/10/2015 11:43:04

revelar as de importância maior. Entre os textos *específicos* sobre os tremembés, destacam-se: Sobrinho (1955), Gomes (1992), Messeder (1995), Novo (1976), Valle (1993), Ratts (1996) e Oliveira Júnior (1998). De modo geral, estabeleci um *diálogo com alguns textos ou pedaços de textos*, e não com a obra toda do autor estudado, pois, em minha metodologia, não se justifica ser *enciclopedista*. Sobretudo a respeito dos tremembés, tentei precaver-me do uso indevido das leituras, evitando impregnar-me das *representações* e *interpretações* produzidas por outros autores, em outras circunstâncias, com enfoques e objetivos diferentes dos meus. Minha intenção era *experimentar* os *tremembés de hoje*, em pleno processo de subjetivação, observando a máxima deleuziana: "Jamais interprete, experimente." (DELEUZE, 1996, p. 109). Assim, ao longo da pesquisa, acerca dos tremembés fui lendo apenas o *que*, o *quanto* e *quando* me pareceu conveniente às minhas cartografias. Por vezes, compus *platôs*[77] com algumas ideias e conceitos dos que haviam anteriormente escrito sobre os tremembés, ainda que não apareçam explicitados neste relatório. Noutras vezes, outras ideias e conceitos apenas serviam para esclarecer a mim mesmo o quanto *os tremembés dos meus colegas não eram, em absoluto, os meus*.

[77] *Platô*, em referência a Deleuze e Guattari, é um pensamento produzido coletivamente, em que as ideias não têm *uma* autoria, mas são *agenciamentos* e *estratificações*, *multiplicidades* de *ressonâncias* visíveis ou não, do movimento produzido *entre* sujeitos.

educação indigena CC.indd 79 26/10/2015 11:43:04

educação indigena CC.indd 80 26/10/2015 11:43:04

Capítulo 2

Cartografias da Subjetivação e da Educação Indígena

educação indigena CC.indd 81 26/10/2015 11:43:04

educação indigena CC.indd 82 26/10/2015 11:43:04

Introdução aos Diários

educação indigena CC.indd 84 26/10/2015 11:43:04

Há almas que nunca se descobrirão a não
ser que se principie por inventá-las.
(Nietzsche, Assim Falou Zaratustra)

Esta introdução foi escrita ao longo do processo de organização do *diário*. À medida que ele ia ganhando a forma em que aqui se encontra, eu tomava notas das observações que considerava serem relevantes para tornar claros meus procedimentos e intenções.

Na versão aqui apresentada, selecionei prioritariamente, dentro do vasto registro realizado, as viagens às localidades e as situações de inserção no cotidiano dos tremembés, com ênfase nas atividades referentes à escola. Considerando, porém – como já o fiz anteriormente – que os processos de subjetivação tremembé e de produção da EDITE se dão em diversos *cenários* de um extenso *território*, descrevo também alguns eventos em que eles estavam presentes e que avaliei como particularmente significativos, por proporcionarem visibilidade à construção do *movimento* mais amplo em que eles estão inseridos. São as Assembleias dos Povos Indígenas, Encontros de Educação

educação indigena CC.indd 85 26/10/2015 11:43:04

ou Saúde, reuniões com o Ministério Público (Procuradoria da República), com o Conselho de Educação, Seduc e outros órgãos de Estado responsáveis pelos serviços públicos disponibilizados aos índios.

Alguns eventos relativos a outras *etnias* estão aqui relatados, porque têm a intenção de ilustrar a existência de uma *tendência*, no movimento indígena regional, com desdobramentos para os tremembés.

Em geral, minhas anotações e reflexões foram realizadas no curso dos acontecimentos. Em diversas circunstâncias, apenas anotei algumas palavras para recordar-me, depois, de descrever algo sobre o qual não era possível no momento, sinalizando-o com um breve *lembrete grafado em itálico* e acompanhado de um *asterisco*: **descrever depois* (ou **descrever melhor depois*). Noutras vezes, o *asterisco e o texto escrito em itálico entre chaves* indicam uma reflexão pessoal sobre algum ponto observado/teorizado: *[*]*.

Servi-me ainda do *itálico* para destacar expressões peculiares ou com significado especial, usados por indígenas e/ou outros agentes, bem como para assinalar tópicos do meu registro ou nomes de pessoas, entre outros elementos.

Alguns *comentários* foram inseridos posteriormente, para complementar as informações do diário, visando melhor articula-lás e torná-las compreensíveis, sendo encontradas *entre chaves*, *mas sem itálico*: [...]

Quando desconhecia ou não conseguia entender o *nome de uma pessoa*, sinalizei-o desta forma com reticências entre parêntesis: [...]

De outro modo, *reticências entre chaves* indicam que excluí naquela parte do texto anotações que considerei irrelevantes ou não pertinentes para os fins a que se destina este *diário*: [...]

Utilizei *aspas* para as falas e expressões dos indígenas e outros agentes.

Ao longo do texto podem ser percebidas *variações na grafia* de alguns nomes de pessoas ou lugares. A intenção é ilustrar minha trajetória de pesquisador e o processo de apropriação da linguagem do grupo. Algumas variações revelam o modo como o grupo escreve e/ou pronuncia esses nomes. Exemplos disso são os nomes Panã (Panan), Calisto (Calixto), Geci (Gessy), Agostinho (Augustinho e Agustinho), Veibe (Weibe), Tarcísio (Tarciso) e Têca (Teka) entre outros.

educação indigena CC.indd 86 26/10/2015 11:43:04

Outras variações ocorrem no modo como grafei algumas falas dos tremembés. No início da pesquisa privilegiei, sobretudo, os *conteúdos* das falas, registrando-as com alterações ortográficas, em consonância com a gramática formal. À medida que eu ia percebendo as sutilezas e *dobras* da língua falada entre eles, o modo como se *apropriaram* e *inventaram* uma *singularidade* para esta língua – que, a meu ver, não se trata simples e grosseiramente do *português* ou da *língua nacional* – optei, em algumas situações, por grafar as palavras o mais próximo possível de como eu as escutava.

Lacunas e *frases telegráficas* serão encontradas nas descrições de alguns (poucos) eventos. São anotações de *seminários de educação* e algumas conversas com tremembés, geralmente realizadas no instante do evento. Minha intenção, ao apresentá-las aqui, é revelar o modo como eu ia registrando, *ao vivo,* o que experenciava, oferecendo alguma mostra do *material bruto* da produção escrita. Talvez, assim, consiga provocar no leitor a sensação de *vertigem*, de *não estar entendendo as coisas direito,* que experimentei inicialmente. Sobretudo, desejo que o leitor perceba que *a produção de dados e minhas análises mais significativas surgiram em pleno movimento da experimentação do objeto*. Acredito que a leitura completa do *diário* irá clarear o que pode parecer confuso, tornando *legível* o que parecia incompreensível e desarticulado.

A *profusão de descrições*, em contraste com a proporção de comentários e análises que poderiam ser feitas, se deve a uma opção que justifica a extensão do *diário*: privilegiar as respostas oferecidas pelos pesquisados a muitas das questões levantadas nos relatos iniciais. Em situações descritas à frente, eles próprios comentam, esclarecem e complementam as primeiras informações. Entendo que o papel do pesquisador, em situações como a minha, deve ser, sobretudo, a de um *articulador* ou *catalisador* no processo de produção/sistematização do conhecimento, fazendo os pesquisados, o quanto possível, falarem o que se quer saber.

Por vezes, livremente ausentei-me da condição de *pesquisador*, e da faculdade *crítica*, permitindo-me imergir no evento observado em plena *contemplação estética*, descrevendo-o como um retratista. Um pouco de suspensão da análise, senão eu sufocava! Noutras vezes, conforme eu havia anunciado no capítulo anterior, minhas descrições constituíram uma produção em *bloco* de relatos, análises e sistematizações.

educação indigena CC.indd 87 26/10/2015 11:43:04

Alguns *nomes de pessoas e agências* foram alterados com o intuito de preservá-los, e a mim próprio, recebendo nomes fictícios, assinalados em notas de rodapé.

Fiz também uso desse tipo de nota em outras situações: para explicitar o significado de siglas, quando apareciam pela primeira vez no texto; para oferecer algum comentário ou informação complementar ao evento relatado; para revelar a fonte original dos registros nos meus cadernos e agendas usados como diários de campo.

Embora tenha desejado revelar o quanto possível as *práticas de si* dos tremembé, algumas *omissões*, relativas a certos *aspectos íntimos* de suas vidas, visam preservá-los. Outras omissões se impuseram como limite a este relatório, já muito extenso. Há, ainda, omissões que resultam da incompletude da pesquisa.

Finalmente, optei, na *organização do diário*, por apresentá-lo sob o *eixo temporal* dos eventos. Fi-lo por achar que esta seria a forma mais didática para o leitor acompanhar a emergência, o desenvolvimento e o aprofundamento das questões e temáticas focalizadas nas descrições.

educação indigena CC.indd 88 26/10/2015 11:43:04

Diários 1ª Parte

educação indigena CC.indd 89 26/10/2015 11:43:04

educação indigena CC.indd 90 26/10/2015 11:43:04

18 e 19 de abril de 1998

Saímos bem cedo, de Fortaleza, eu, Cecília e Zenaide – da *Operação Tremembé*. Chegamos na Praia em torno das 10h30.

O terreiro ao lado da casa da Dijé, uma multidão de umas 200 pessoas, a maioria imensa de crianças se reuniam em uma grande roda. As crianças, algumas bem pequeninas, estavam pintadas e traziam o cocar na cabeça.

Conheci Silvana e Cristina, missionárias da Igreja Presbiteriana que atuam nas escolas indígenas por lá.

Aos poucos, fui reencontrando muita gente já conhecida: João Venança – vice-cacique; Diana da Varjota, a quem quero muito bem, e seu filho Zé Valdir, professor em formação; Luís Caboco – pajé; Zeza da Lagoa; Raimundinha – filha do João, professora; Maria Rosa – que me quer muito bem e que gosta

educação indigena CC.indd 91 26/10/2015 11:43:04

muito de desenhar; *dona* Maria Lídia; Dijé; Amâncio[1], da *Operação Tremembé*, e outros tremembé[2] que conheci em alguma das atividades que desenvolvemos nestes últimos 6 anos, desde que passei a acompanhar o Movimento Indígena no Ceará.

20 de novembro de 1998[3]
II Seminário de educação Escolar Indígena

Promoção: Seduc

Local: Auditório do Centro de Treinamento da Seduc

Participantes: professores e lideranças de diversos povos indígenas, técnicos da Seduc, representantes de entidades indigenistas e pesquisadores como eu.

Objetivos: discutir e encaminhar as principais questões relativas à educação indígena no Ceará.

Palestra de Augusto Laranjeiras (Guga) [antropólogo, ANAÍ/BA[4]]:

[A palestra versou sobre a realidade atual dos povos indígenas no Nordeste, sobretudo, visando subsidiar as discussões e encaminhamentos esperados do Seminário]

- "No dia em que os índios do Ceará aparecerem, vai todo mundo virar índio".[5] *[Aludindo à ideia de que existe uma presença generalizada da "cultura" indígena na população cearense]*
- Há 36 povos, 60.000 índios no Nordeste.
- "Os índios estão aumentando, sobretudo nas regiões antigas de colonização".

[1] Nome fictício.
[2] A grafia no singular sugere a influência da perspectiva antropológica na pesquisa, inicialmente.
[3] Agenda 1998, p. 5-29/Outubro.
[4] Associação Nacional de Ação Indigenista – seção Bahia.
[5] Esta e as duas próximas frases foram anotadas no Caderno de Notas 1998 n. 2, p. 42.

educação indigena CC.indd 92 26/10/2015 11:43:04

- "A gente roubou a imagem do índio" *[Critica a idealização romântica dos índios feita pelos indianistas, como José de Alencar, que deslegitima os índios reais de hoje]*

[...]

Debate:

[Após a exposição inicial, alguns dos presentes lançaram questões ao palestrante, fizeram reflexões ou informaram sobre alguns aspectos da realidade indígena local]

Guga:

- [...] Sobre *identidade cultural*: "A identidade está na consciência de uma história única, própria". "Não devemos procurar elementos de identidade na cultura, mas na consciência de uma história própria".
- [Sobre os direitos constitucionais indígenas]: "Os índios devem ser vistos como *brasileiros* de hoje".
- A construção de um Brasil democrático, diverso, se deveu também à participação dos índios.
- A democracia é a arte de conviver com a diferença, a tolerância e a diversidade.

Pardal [sócio da OT]: como Guga vê a perda da língua e o resgate.

Guga: Não deve ser cobrada. As línguas são históricas, se transformam. O resgate do uso no cotidiano é improvável. [...]

João Venança [cacique tremembé]:

- "Nós *tamo* trabalhando pela nossa autonomia"
- "O índio tem direito a ter carro, avião, se quiser"
- "Nós não falamos português; quem fala é o *português*. Nós falamos a nossa língua, de *brasileiro*".[...]

educação indigena CC.indd 93 26/10/2015 11:43:05

Tarde: Mesa-redonda composta com lideranças e professores indígenas [apresentando a realidade escolar indígena, necessidades e reivindicações]

Bete, professora tapeba:

- "A escola é uma luta de 5 anos. A escola, na área tapeba, funcionava e funciona".
- "Nós somos cidadãos igual a todo mundo. O que nós quer é os nossos direitos". "Remuneração de professores".
- "Uma vez por ano, a Funai doou material didático".

[Ao final, ela revela sua grande expectativa quanto às ações da Seduc relativas à educação indígena]

Dourado, liderança tapeba:

- "Onde tem índio, tem dinheiro envolvido". *[...]*
- "Queremos não só curso de formação para professores. Queremos remuneração dos professores indígenas e construção de escolas, os mesmos direitos da escola do *branco*".[...]

Sinhá, professora tapeba:

- "Se há dinheiro, deve-se investir na construção das escolas e na remuneração dos professores".
- Propõe a "criação de um NEEI[6] no Ceará, com a participação dos índios".[...]

Josué, professor tapeba:

- "Quero reforçar os pedidos: ter dentro de nossas aldeias uma escola que possa atender nossa necessidade, o curso de Magistério *prolongado*, e a remuneração dos professores".
- "Na Ponte, Capueira, Vila Nova não existe escola".

[6] Núcleo de Educação Escolar Indígena

educação indigena CC.indd 94 26/10/2015 11:43:05

- "Esperamos pela Seduc. Pedimos até *pelo amor de Deus*". [...]

Fernando, professor tremembé:

- É professor, tem 5ª série, participa do projeto *Agora eu sei*.
- "O português não é o português do *português* [sic]. Nós temos alguma coisa da língua antiga".
- "Queremos uma proposta definitiva de magistério da Seduc, junto com o governo, MEC. Não queremos só um curso de capacitação, mas o magistério indígena". [...]
- Horário de trabalho como professor: das 11 horas às 14 horas. Salário: R$66,50 [pago pela Prefeitura de Itarema].[...]

Pequena, cacique Jenipapo-Kanindé:

- "O sangue que corre nas veias dos índios é igual. Somos irmãos".
- "Eu sou uma professora, mas não de papel e caneta, de ler e escrever. Sou professora de ensinar as coisas dos índios". [...]
- "Espero que a escola indígena também chegue aos Jenipapo-Kanindé. Principalmente a escola, que é a coisa que mais *tá* dando em nossa cabeça, é o que nós mais queremos". [...]

Daniel, cacique Pitaguary:

- "Espero que não fiquem só ouvindo nossos lamentos. Façam alguma coisa com os papéis nos birôs".[...]

Sotero, cacique Kanindé de Aratuba:

- "Somos os Fernandes de Aratuba". [...]
- São 120 famílias, 950 pessoas. "É uma família só".
- Informa que o jornal *Diário do Nordeste* esteve lá fazendo reportagens. O filho de Sotero foi discriminado, depois da reportagem, entre os colegas, no "colégio dos *brancos*". Mas depois, já por duas vezes, convidaram Sotero para as comemorações do Dia do Índio. [...]

educação indigena CC.indd 95 26/10/2015 11:43:05

Margarida, liderança tapeba:

- Relata a fundação da escola tapeba, como resposta à discriminação sofrida pelo filho, que estudava em uma escola pública do município de Caucaia. Por ocasião dos festejos do Dia do Índio, a professora pediu que as crianças trouxessem fotografias de índios. O filho de Margarida, com sua orientação, levou uma foto dele e outras crianças tapeba dançando o toré. A professora teria contestado que eles não eram *índios de verdade*.
- "Nós queremos que trabalhem *com* nós, e não *para* nós".

Mesa: Rui Aguiar [Seduc] Guga [ANAÍ/BA], Marivânia [Comitê Nacional de Educação Indígena, representando o Maranhão], Josefa Pinheiro[7] [Seduc].

Rui Aguiar, Seduc:

- Diz que estão fazendo o Censo com levantamento geral sobre a realidade escolar e que pretendem reconhecer oficialmente as escolas indígenas.
- Desejam melhorar a estrutura das escolas.
- Querem pôr *bons* professores nas escolas e formar estes professores.
- Confessa que "há também uma discriminação para quem defende os povos indígenas".
- Há uma proposta de municipalização da educação indígena.
- Defende que a gestão seja dos próprios indígenas.
- Acredita que "o grande problema hoje é como encaminhar a criação de mecanismos públicos que permitam a continuidade das ações".
- Informa que "pela primeira vez [no Ceará], a educação indígena é incluída num plano de governo".
- Há recursos disponibilizados pelo Banco Mundial.
- "Não temos nenhuma legislação específica para a aquisição de equipamentos

[7] Nome fictício.

educação indigena CC.indd 96 26/10/2015 11:43:05

para os povos indígenas. É preciso estar legalizado, registrado em cartório".

- Admite que "não é possível colocar uma escola em cada aldeia. Talvez um núcleo de escola".

Josefa, Seduc:

- Promete que no próximo ano a Seduc tratará da habilitação dos professores indígenas.
- Diz que o "norte" das ações da Secretaria é a Escola diferenciada, isto é, com currículo próprio. "Mas precisa aprender tudo o que os outros alunos aprendem". "É a escola que elabora o seu próprio currículo. A Seduc oferece os referenciais básicos, em consonância com os parâmetros nacionais".
- "A escola deve ser vista como o ponto de partida da ação educativa".
- "A gente considera a Francisca Adelaide[8] [secretária geral da OT] uma mentora nossa".
- "Com a Francineide[9], estão dando o tom do nosso trabalho".

Marivânia, Comitê Nacional de Educação Indígena – MA:

- [..] Não se sente especialista, mas *aprendiz*.
- Faz um *resgate* do processo escolar indígena:
    - Inicialmente, a escola surge por imposição do contato e do projeto de homogeneização do estado brasileiro.
    - No Período Republicano, busca a *integração* dos povos indígenas.
    - Surgimento da Funai e o uso do bilinguismo na escola para mais facilmente inculcar os valores da *sociedade majoritária*. Até 1988, o Estado se concebe a tarefa de *civilizar* esses povos.

[8] Nome fictício.
[9] Nome fictício.

educação indigena CC.indd 97 26/10/2015 11:43:05

    - A partir de 1988, admite-se constitucionalmente a diversidade sociocultural do Brasil.

- Critério definidor da "escola diferenciada: que tenha a ver com os projetos políticos de cada comunidade".
- Mudança no plano gerencial da educação indígena, em 1991, passando a responsabilidade da Funai para o MEC.
- Em 1993 se dá a edição de uma cartilha do MEC sobre a educação indígena.
- Escola diferenciada atualmente está relacionada ao processo de *identificação* destes povos.
- Está em elaboração um plano de estadualização das escolas indígenas.
- Importância do Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI): proposta nascida do trabalho dos povos indígenas espalhados pelo país, com as entidades apoiando.

Palavra do Secretário de Educação do Ceará, *Antenor Naspolini* [que veio participar do evento]:

- [...] Ressalta o compromisso do atual governo: "pela primeira vez, a educação indígena faz parte de um plano de governo no Ceará". Expressão, em nível da educação, do respeito à diversidade.

Guga, ANAÍ/BA:

- "A escola indígena no Ceará foi criada há 5 anos pelos Tapeba[10]. Depois, vieram os Tremembé. A educação indígena no Ceará já existe! Os índios já criaram. Não há por que reinventar, nuclear, relocar. Já existem professores, já existe a carreira. O que dependia deles, eles já fizeram".
- O que compete a *nós*:

[10] Pesquisas que realizei posteriormente demonstraram que a experiência dos tremembés da Praia de Almofala era mais antiga, desde 1991 e, portanto, pioneira.

educação indigena CC.indd 98 26/10/2015 11:43:05

- Reconhecer e regularizar
- Dar formação aos professores
- Remunerá-los
- Ajudar a criar as que não foram criadas
- Reconhecer e regularizar a carreira de Magistério Indígena:
- Criar soluções administrativas diferenciadas para escolas diferenciadas

- "Em Minas Gerais, os indígenas são funcionários do Estado. Ganham R$380,00. Os Maxakali têm 3 disciplinas: Maxakali, Matemática e Cultura Maxakali. Não falam Português. E são funcionários do Estado".
- O 1º Seminário de Educação Indígena no Ceará aconteceu em abril de 1997 [...]

Debate [após as exposições iniciais]:

[...]

Pergunto como Marivânia avalia a presença do estado na Educação Indígena, considerando a histórica relação deste com os povos indígenas, se fortalece a autonomia ou o controle dos povos indígenas. Ela responde que "a mediação é o movimento indígena".

Dourado: Quais os recursos financeiros disponíveis?

Francineide, técnica da Seduc, responde que há R$54.000,00. "Inicialmente era R$86.000,00. Mas só foram liberados pelo MEC R$54 mil para formação de professores. Neste ano, foi feito com recursos próprios do estado. Para o ano que vem, há este dinheiro". Diz que o uso do dinheiro foi decidido em reunião com a Pastoral Indigenista da Arquidiocese de Fortaleza, com a *Operação Tremembé* e lideranças indígenas. Os povos contemplados com estes recursos são os Tremembé, Tapeba, Jenipapo-Kanindé, Kanindé e "os índios de Crateús". Os Pitaguary estão fora, por enquanto, porque naquele momento não havia nenhum núcleo escolar funcionando. Informa ainda que estão planejando um curso para *professores infantis*. [...]

educação indigena CC.indd 99 26/10/2015 11:43:05

Guga: "Sobre a *capacitação* realizada em seminários como este, que título traz para os indígenas? Ela deve ser feita em vista a um verdadeiro curso de Magistério Indígena!". "Como se decidiu o currículo destas capacitações?"

27 de dezembro de 1998[11]

[Visita à Área Tremembé]

Encontro-me na casa de Dijé. Cheguei aproximadamente às 10 horas. Encontrei logo João Venança, que se encontrava nesta casa, junto com *dona* Maria Venança, sua mãe, Cosmo, Nina e outras crianças. Raimunda chegou logo. Estão presentes também Zé Raimundo e João Paulino, que me levaram ao local, um bar, onde havia deixado o buggy, que trouxe para o terreiro da casa.

João me falou da "brincadeira" (torém) acontecida no Capim-Açu, no último dia 19. Ressaltou que "até os do contra estavam presentes", e que ele chamou dois dos representantes "mais esquentados" deles e lhes concedeu a palavra na abertura da festa. Analisa que "a situação agora tá calma como nunca". Foi feito um acordo, mediado pela Procuradoria do Estado, onde o Incra[12] retira-se da área, garantindo resolver o problema dos não índios, destinando-lhes outra área. As cercas serão retiradas. As ameaças foram superadas.

Conversamos sobre as escolas. Raimunda estava presente, mas não se manifestou. Digo ao João que no próximo ano estarei vindo mais à área para realizar as pesquisas. Falo que este é meu objetivo em vir aqui hoje: visitá-los, matar saudades e prepará-los para minhas visitas no ano que vem. Falo que, em 99, deveremos conversar sobre muitas coisas referentes à escola, sobretudo

[11] *Diário de Campo* n. 1, p. 001-018.
[12] Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

educação indigena CC.indd 100 26/10/2015 11:43:05

a relação entre 'saber' e 'poder'[13]. Relato-lhe que me marcou a frase que ele dissera no II Seminário de Educação Indígena: "nós estamos lutando pela nossa autonomia". João, então, fez um discurso explicando o que entende por autonomia que, em síntese, "é viver sem discriminação, é ter direito de viver com dignidade, sem a dominação dos brancos ou do Estado".

Conversa com João durante a ida para o Capim-Açu:

Eventos após o II Seminário de Educação Indígena, passado:

Realização de uma reunião do CREDE-Acaraú, com presença de tremembés. Na avaliação de João, foi um grande passo: a escola ajudou no "reconhecimento". *[*Voltar sobre este tema depois]*

Será feito um *questionário-diagnóstico* da Seduc, visando o levantamento da realidade professor-escola em função das reivindicações do Seminário.

Escola e reconhecimento:

João avalia que a escola tem contribuído muito para o reconhecimento. Disse que antes não se sabia bem por onde começar. A escola foi "um poço de petróleo encontrado". O reconhecimento se dá na Seduc, no município, na

[13] Não saberia dizer quando se deu o momento definitivo de *negociação da pesquisa* com os pesquisados. Porque não houve, na verdade, este momento. A credibilidade que eu já possuía, pelas relações de amizade e pelo desenvolvimento de atividades de apoio ao movimento indígena local, há anos, fizeram com que a negociação fosse algo *informal*, *anterior à pesquisa e se estendendo ao longo da mesma*, em diversas circunstâncias, como se pode depreender da leitura destas páginas. Uma destas circunstâncias foi o Projeto Aguaim, de fortalecimento da produção artística e cultural dos Tremembé, o qual, embora não tenha se desenvolvido plenamente, oportunizou alguns momentos mais explícitos de negociação, como as reuniões que realizei com lideranças, na Varjota, em 1999. Quanto à pesquisa sobre as escolas especificamente, até onde perceber João Venança e outros acreditavam que seria um modo de eu contribuir ainda mais, dando-lhes visibilidade e angariando apoio, coisa que eu já vinha fazendo há tempos, de outra maneira. Parecia ser esta também a compreensão dos professores, sobretudo da Praia, por ocasião da organização do curso de Magistério Indígena. Aqui, a *negociação* foi, antes, uma explícita solicitação de apoio da parte deles. Em algumas ocasiões, embora não o tenha revelado nos eventos aqui relatados, lhes falei que minha contribuição com a formação de professores tremembés, por meio do curso, seria uma das formas de *restituição* do que eu estava recebendo deles como contribuição à minha pesquisa. Comprometi-me também de, ao final da pesquisa, disponibilizar às escolas tremembés *cd rom's* com o material produzido.

educação indigena CC.indd 101 26/10/2015 11:43:05

sociedade não índigena. O reconhecimento é a não discriminação. É poder ensinar a história e a cultura tremembé nas escolas.

Escola e autonomia:

João usa uma imagem: um pé de milho crescendo, vão aparecendo as folhas em número de quatro ou cinco, aparece o pendão, depois a espiga, o cabelo e o "coração" (miolo, sementes).

Necessidades da escola:

Remuneração dos professores, com vistas à profissionalização e manutenção financeira.

Formação dos professores, para "ter o que ensinar, com novos métodos".

No mais, a escola diferenciada vai bem. O que a faz diferenciada: os conteúdos, a história e a cultura tremembé (que inclui o torém), a visão de mundo tremembé.

João costuma visitar as escolas e *dar aulas* sobre a cultura e as lutas dos tremembé.

João considera uma "grande conquista o reconhecimento da Seduc".

Implantação da escola:

Segundo João, começou com os missionários da Igreja Presbiteriana, Silvana e Walter, que chegaram na área há mais de dois anos. Apesar de Francisca Adelaide (OT) não concordar com a presença deles entre os tremembé, estes os acolheram. Quando a escola foi-se desenvolvendo, Francisca Adelaide então é que começou o trabalho da OT referente à formação de professores.

Sobre Karla:

João fala sobre o "temperamento" de Francisca Adelaide. Reconhece o trabalho de Karla. Fala do projeto que ela aprovou junto à Igreja Metodista. Diz que ela é acolhida, independentemente da *Operação Tremembé*.

educação indigena CC.indd 102 26/10/2015 11:43:05

O conflito entre Francisca Adelaide e eu:[14]

João não sabia. Francisca Adelaide nunca havia tocado neste assunto. Conto-lhe minha versão. Ele analisa o trabalho, o jeito de trabalhar dela: "às vezes quer decidir as coisas por nós". Conta que ele, inclusive, teve conflitos com ela, e que chegou a dizer-lhe: "desse jeito não aguentamos trabalhar com você". Diz ainda que ela tem ciúmes, que se metia em suas vidas pessoais, por exemplo quando ele estava conversando com alguma mulher.

Sinto que a relação com João se fortalece bastante, baseada numa confiança e cumplicidade mútuas.

Avalio o que foi positivo no conflito: a aproximação mais direta com os tremembés.

Impressiono-me com a capacidade de análise de tomada de posição dele e de outros tremembés, de maneira geral. Confirmam-se minhas intuições da enorme habilidade política que eles possuem.

Projeto CD:

João diz que deseja fazer uma gravação em CD com músicas do torém, suas e do Dandão (da Batedeira). Pede meu apoio! Digo que acho muito interessante que a iniciativa tenha partido deles.

Sinto que aqui pode-se abrir um campo de relações com eles em torno da arte, com desdobramentos futuros muito significativos: uma relação direta com eles. [...]

Visita a Agostinho, liderança tremembé do Capim-Açu:

O momento atual é de euforia pelas conquistas recentes: afastamento do Incra; reconhecimento da terra indígena; apoio das instituições PJE[15], Funai etc.

[14] A origem do conflito foi a posição crítica que assumi à postura de Francisca Adelaide em relação a Karla da Igreja Metodista, com quem ela havia se desentendido e, por essa razão, desejava afastá-la das atividades relativas à educação escolar tremembé. Defendi a permanência de Karla, sob o argumento de que os tremembés a consideravam uma aliada. Acabei engrossando a fileira dos desafetos da secretária-geral da *Operação Tremembé*.

[15] Procuradoria de Justiça do Estado.

educação indigena CC.indd 103 26/10/2015 11:43:05

Conversamos sobre questões referentes ao *desintrusamento*[16]

Visito com João as casas de outras lideranças: Elizete Teixeira (*dona* Mocinha), Noélia, Pedro Teixeira, Bastiana, Zé Agostinho dos Santos (Patriarca). O objetivo das visitas era a articulação de uma reunião 2.ª feira (hoje, quando escrevo este diário), no fim da tarde. A pauta desta reunião é: a preparação para a demarcação da terra indígena; a *seleção* das famílias indígenas (os que vão ficar na terra); a saída dos *contra*[17] da terra; a organização da comunidade.

João revela-se um excelente e habilidoso articulador. Seu discurso junto às pessoas visitadas possui força, consistência, coerência, convencimento.

Minha imagem, quando das apresentações feita por João: "professor, antropólogo, artista, amigo há tempos, pessoa que apoia a nossa luta".

Noite: seresta no terreiro da casa de Agostinho

Agostinho mostra seu talento de repentista, improvisando cantorias em diversos estilos, acompanhando-se ao violão. Na verdade, ele não toca nada. O violão é antes um elemento decorativo, um mediador da identidade assumida por ele, de cantador. João apresenta algumas canções românticas de sua autoria. Faz pelejas com Agostinho, mas não possui sua habilidade, faz versos *de pé quebrado*. Entro na cantoria também, mas sou ainda pior que João. A pedido deles, canto algumas canções minhas, do Zé Vicente e de outros companheiros artistas ligados aos movimentos populares.

Alguns vizinhos vieram nos visitar. A minha presença e a de João constituem uma novidade e, como pessoas de fora, sempre uma possibilidade de notícias, estórias, trocas. A música, então, torna este momento uma coisa rara. Na verdade eles vivem tudo com 'calma intensidade'.

Dona Mocinha tinha uns litros de mocororó guardados, que colocou à nossa disposição, e que fazemos uso nesta noite artística. [...]

[16] No processo de demarcação de terras indígenas, é a retirada dos posseiros não indígenas.

[17] Categoria usada pelos que se identificam como tremembé para designar os que, mesmo sendo parentes seus, posicionam-se contrários à "luta" ou "trabalho" do movimento de afirmação étnica tremembé.

educação indigena CC.indd 104 26/10/2015 11:43:05

28 de dezembro de 1999.

Manhã:

Continuação das visitas, com a presença de seu João Saldanha, um velho agricultor e barbeiro, Agostinho e João Venança.

Visita ao *seu* Raimundo Salu: história do conflito recente

Os acontecimentos recentes, o afastamento do Incra[18], início do processo de demarcação da terra indígena, a saída dos *contra* etc, tiveram como pivô o conflito ocorrido em torno da disputa de uma área de plantação de cajueiros da família de *seu* Raimundo Salu. Seu filho foi ameaçado, teve a casa cercada e isolada das terras do cajueiral, a roça queimada e o cajueiral invadido. Chico Barbeiro, liderança da associação de agricultores ligada ao Incra, foi quem incentivou e comandou a invasão.

Estive no local. A casa do filho de *seu* Raimundo Salu ainda está abandonada. O rapaz afastou-se por um tempo até que tudo se acalmasse. Uma parte das cercas que o isolavam ainda permanece de pé, formando um beco estreito com a cerca original, que servia para apartar os animais. Uma faixa de terra de uns duzentos metros separa o terreiro dos fundos do cajueiral. Era a capueira, que foi queimada, e onde estão espalhados os restos carbonizados das plantações, formando uma paisagem estéril, cinzenta, desoladora.

O cajueiral está viçoso e avança até aonde a vista alcança. Deve gerar uma boa renda, em época de fartura da safra do caju. Este deve ser, com certeza, o motivo da disputa. Logo no início da plantação, uma casa de alvenaria, feita de tijolo de barro roxo cru (de massapê?) está em escombros, semidestruída. Ela fora construída pelos "contra", mas, após a retomada pela família de *seu* Raimundo, com a ajuda da comunidade tremembé, foi derrubada.

[18] O Incra aceitou a reivindicação dos tremembés do Capim-Açu, de disponibilização da sua área – considerada até então como assentamento – para terra indígena. A demarcação oficial se deu em 19 de abril de 2000.

educação indigena CC.indd 105 26/10/2015 11:43:05

Estivemos na casa de De Jesus, nora de *seu* Raimundo, que nos fez tomar um cafezinho.De lá, fomos à casa de *dona* Rosa Suzano, a mais antiga moradora viva da região, com 84 anos. *[...]*

Passamos ainda na casa de Tico e *dona* Inácia, simpáticos ao movimento de afirmação tremembé. Em todas as visitas, João fazia a convocação para a reunião de logo mais, às 17 horas. Ele aproveitava para informar sobre o processo de afastamento do Incra.

A presença do João tem uma intenção clara: fortalecer o movimento indígena local. A saída do Incra e dos "contra" é a maior vitória que as famílias ligadas a Agostinho, "os tremembé do Capim-Açu" já obtiveram em todos os tempos. Há um clima de euforia pelas conquistas, na maioria das pessoas. O desconforto é patente entre os que antes estavam mais ligados ao grupo do Incra. João faz um trabalho de persuasão muito discreto, quase de conversão. Passa confiança e apoio aos que ainda não assimilaram a novidade. Ouve os questionamentos com a calma de um confessor. Não tem ânsia de dizer nada, não interrompe, não se justifica. Fala como quem propõe. Mas sua palavra serena e firme desarma e seduz. Ao menos em sua frente, as pessoas dizem que comparecerão à reunião.

Entrevista com Flávia (Neguinha) e Fábia (Neném), professoras da escola indígena diferenciada. [...].

Tarde:

Almoço: capote com macarrão, feijão de corda, arroz, farofa. Delicioso!

Conversa com João Venança e Agostinho, continuando o papo iniciado no almoço, regado a mocororó. Bebi um bocado, quase uns dois litros. João beberia uns cinco litros. Ele ficou na mesa com Agostinho, quando eu fui fazer a sesta. *[...].*

"Uma coisa importantíssima da escola diferenciada é a pesquisa feita sobre os *troncos velhos*".[19] (João Venança).

[19] Assim são chamados os ancestrais, a quem atribuem o conhecimento das *origens* e das *tradições* tremembés.

educação indigena CC.indd 106 26/10/2015 11:43:05

Reunião da comunidade indígena: 17 horas.

Enquanto as pessoas vão chegando, João permanece à mesa do almoço ainda bebendo o mocororó. Ele parece concentrar-se para a reunião. Atrasa-se propositadamente mais de meia hora para ir ao encontro das pessoas. Parece ter consciência que deve guardar sua aparição para o momento adequado, para causar as reações que planeja. Pergunto-lhe sobre este ponto, ao que ele me confirma a hipótese.

A reunião, realizada no salão lateral da casa de Agostinho, que serve de casa de farinha e de sala de aula, começa com uma palavra de abertura de João saudando os participantes e relembrando o objetivo geral da mesma. *[*transcrever gravação, anexar fotos].*

Depois, João solicita a apresentação dos participantes, que foi feita de forma clara, objetiva, sem delongas. As pessoas pareciam muito acostumadas a participar de reuniões. Compondo um círculo, a partir da direita de João, que se posicionou ao meio do banco localizado no lado oeste do salão. [...]

*[*Transcrever as apresentações na íntegra. Quero perceber melhor como se dá a construção de uma imagem de si para fora, em torno da "identidade" tremembé. Esta comunidade, pela força do momento, vive um processo intenso daquilo que se chama* etnogênese *tremembé].*[20]

Apresentados os participantes, João Venança faz uma *dinâmica de grupo*: distribui folhas de uma mangueira, que ele havia colhido anteriormente, com os presentes, pedindo-lhes que pensem no sentido que a folha suscita ("tem", diz ele) em cada um. Depois de um tempinho, os presentes começam as suas falas. Todos, sem exceção, falaram sobre o sentido da folha para si. De modo geral, as falas se referem a sentimentos de esperança e de união da comunidade. *[...].*

João, agora, detalha os objetivos específicos da reunião: a preparação para os trabalhos do próximo ano e a função de sua visita, que é reforçar a

[20] O conceito de etnogênese se refere aos processos atuais de reorganização étnica de povos indígenas considerados "extintos" (cf. OLIVEIRA FILHO, 1994 e BARRETO FILHO, 1992, entre outros). Presente nos primeiros registros do diário, revelam a influência de partida da Antropologia na pesquisa.

educação indigena CC.indd 107 26/10/2015 11:43:05

união, "e não humilhar ninguém". Fala ainda da relação entre Incra x Funai, do papel do CITA na luta e na organização dos tremembé e da identidade indígena atual.

Palavra facultada aos presentes:

Tico lembra que a sede do Incra (denominada atualmente de Associação dos Tremembé de São José – Capim-Açu, pintado em letras garrafais na fachada e, com letras menores, abaixo, "apoio do Incra"), foi feita com apoio da Alemanha (Grupo 'Acabrasil'?), para os índios tremembé, com apoio de Francisca Adelaide (OT).

*[*A frase "apoio do Incra" fora pintada por ocasião da reunião entre Incra, Funai, PJE e os grupos locais, que decidiu sobre o afastamento do Incra. Era uma tentativa do grupo ligado a Chico Barbeiro de mascarar os conflitos e disputas internas. Não deu certo, como é sabido]*

[...] Justifica a ausência de algumas pessoas "porque talvez não foram avisadas". *[*Na verdade, eram pessoas ligadas ao grupo de Chico Barbeiro, reconhecidamente. A falta de convite parece ter sido proposital].*

João justifica não ter estado mais presente: finalização do trabalho deste ano com 13 famílias.

[...] Observa que para ser índio "não basta dizer sim em uma reunião".

Seu Pedro Teixeira pergunta "se os que não são índios, os de fora, podem ser acolhidos".

João relembra o acordo com a Funai e os critérios estabelecidos: apenas famílias indígenas poderiam ficar na área.

Faço uma intervenção lembrando os critérios de identidade étnica, comparando-a à solicitação de nacionalidade em um país estrangeiro.

Zé Agostinho pergunta sobre os que não são índios mas querem acompanhar a vida da comunidade indígena.

[...] Diz que não é índio, mas que está há muito tempo na área, apoiando, "se sente índio", se assumiu publicamente. Está para o que der e vier.

educação indigena CC.indd 108 26/10/2015 11:43:05

A reunião continua com João explicitando os direitos indígenas à terra e outras garantias constitucionais.

É feita uma avaliação sobre o que mudou com a passagem das terras do Incra para a Funai. Os presentes, de modo geral, avaliam como muito positivo. Apontam o fim dos conflitos como ponto alto. Esperam um tempo diferente para a comunidade. *[...]*.

João fala da possibilidade de distribuição de cestas básicas com as famílias, advindas de programas governamentais.

Seu Agostinho agradece a presença de todos em sua casa.

Neguinha fala de seu trabalho como agente de saúde. Pede a colaboração de todos.

João me apronta uma surpresa. Diz aos presentes que eu sou artista e que vou tocar algumas músicas "para encerrar a reunião com chave de ouro". Meio tímido, pego o violão e faço algumas canções que têm vinculação com a luta dos povos indígenas do Continente.

A reunião se encerra com saudações entre as pessoas.

Um sentimento de esperança e de poder transparece nos gestos, no semblante e nas palavras das pessoas. Parecem experimentar que, juntos, poderão tornar a vida melhor por aqui. Eles sonham e projetam, talvez como nunca.

Noite:

Jantar e aniversário de 15 anos de Lena, filha de Agostinho. Cantamos os parabéns em torno da mesa do jantar, que tinha coca-cola para beber, sinalizando que era mesmo uma noite especial. Fiz algumas fotos. A data, aniversário de 15 anos, não parece ser especial em si. Talvez porque aqui as meninas "debutam" sem esta convenção.

Avaliação da reunião:

João se mostra muito satisfeito com a quantidade de pessoas e com as suas falas na reunião. Todos concordamos que a reunião tenha sido um momento muito importante no fortalecimento do movimento indígena local e que reforçou a posição dos indígenas.

educação indigena CC.indd 109 26/10/2015 11:43:05

Despedidas e viagem para a Tapera/Varjota:

À partida da casa de Agostinho, o sentimento que me vinha era o de saudades antecipadas daquela família tão acolhedora. *dona* Fátima, mulher de Agostinho, foi de uma gentileza e doçura incomparáveis conosco, com simplicidade, sinceridade e alegria verdadeira. Fiquei impressionado como ela estava ligada em tudo que conversávamos e, com muita humildade e espontaneidade, comentava, opinava, analisava. Sempre de forma lúdica, bem-humorada, livre.

No almoço, havíamos iniciado, em tom de brincadeira – que tanto caracteriza os tremembé – uma conversa sobre a vida afetiva do João, seus filhos "feitos pelo mundo afora", suas mulheres. Com muita liberdade e humor, ele relatou as relações vividas e os filhos de cada uma delas. Eu tinha curiosidade particular sobre este ponto – dentre as conversas com o João – porque queria saber como ele se sentia após o esfacelamento da relação de casamento com Lúcia, sua esposa, com quem teve muitos filhos. João transpareceu haver superado. Aliás, nunca percebi – nos contatos que tive com ele durante todo esse tempo – qualquer sinal exterior de abatimento.

O assunto descambou para histórias de moças que engravidaram, escondiam a barriga e até matavam os filhos por ocasião do nascimento, secretamente, para manter alguma relação pública, como noivado ou casamento.

Admirei a posição de *dona* Fátima, de acolhimento da gravidez de uma filha sua, caso isso acontecesse, nos seguintes termos: "não deveria ter feito mas, já que fez, deixa vir ao mundo".

Fiquei sabendo que João não conheceu seu pai e que sua mãe, *dona* Maria Venança, teve dois outros filhos de pais diferentes. João dizia: "a velha era danada, meu sangue vem daí", sempre com muito humor. Para eles, é "normal" que seja assim. Não parecem idealizar o casamento ocidental como instituição privilegiada para ter filhos.

Depois das andanças, de volta à casa de Dijé, irmã de João, onde sempre está *dona* Maria, observei que ela é quem ainda cria netos e bisnetos. Parece que são mesmo as mulheres que criam a família e que, de geração em geração, vão se revezando. A figura do pai não parece ser central na estruturação da família, embora ele contribua como provedor e como 'educador'.

educação indigena CC.indd 110 26/10/2015 11:43:05

Raimundinha, filha de João, não o chama 'pai' mas 'Neném'. E chama *dona* Maria, sua avó, de 'mãe'. Aliás, este parece ser também o termo com que, geralmente, ela é tratada pelos outros netos.

Roteiro de vivências: ***[*descrever melhor depois]***

- Viagem a Tapera: estrada Ducoco.
- Chegada à casa de Calixto: conversas, análises políticas sobre Capim-Açu. Reação do João: não ansioso, ouvinte, moderado, esperançoso. *[Não havíamos dito ainda ao Calisto de onde vínhamos, quando ele começou a nos contar suas novidades. Fez um relato do que tinha ouvido falar sobre os conflitos do Capim-Açu. Durante uns 20 minutos, João o ouviu, sem interrompê-lo. Somente depois que ele encerrou sua fala é que João lhe disse, sentado na rede de tucum, sondando as próprias unhas: "inclusive a gente tá vindo de lá"].* [...]
- Entrevista com Raimundinha. Falamos, entre outras coisas, sobre a escola e a imagem e o trabalho do pesquisador. [...]

08 de abril de 1999 [21]
Seminário de Formação de Professores Indígenas

Promoção: Seduc. [Este seminário era parte das ações estratégicas iniciais da Seduc em relação à formação de professores indígenas]

Local: CETREX[22], Caucaia/CE

Participantes: professores e lideranças dos diversos indígenas no Ceará, organizações governamentais e não governamentais com atuação em populações indígenas. Estive presente, em alguns momentos, na condição de convidado dos tremembés.

[Cheguei em meio à realização das atividades]

[21] *Diário de Campo* n. 1, p. 19-040.
[22] Centro de Treinamento da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural – Emater.

educação indigena CC.indd 111 26/10/2015 11:43:05

Apresentações dos resultados dos trabalhos de grupo:

[...] "Sem a participação do índio na política fica cada vez mais difícil o melhoramento da vida dos índios" (conclusões do grupo 7) [...]

Sistematização apresentada por Eunice, assessora[23], após a apresentação dos trabalhos de grupo:

Características da Escola diferenciada:

- Ligada à luta pela terra
- Resgatar a identidade e a cultura
- Trabalhar com os conhecimentos do povo indígena específico
- Professor deve ser indígena (e não a mulher do chefe de posto, como em muitos casos)
- A comunidade é a fonte da pesquisa
- A comunidade é a *diretora* da escola
- Interdisciplinaridade
- Interculturalidade
- Processos próprios de aprendizagem: aprender fazendo – oralidade
- Uso das línguas na escola
- Construção do currículo como processo em conjunto com a comunidade, os professores e os assessores. [...]

Sobre a *oralidade*:

Eunice ressalta a importância do uso de dramatizações e "atividades orais" para, "inclusive, resolver problemas de indisciplina" [**nunca ouvi nenhuma*

[23] Eunice Dias de Paula, da Secretaria de Educação de Minas Gerais, especialista em Educação Indígena, contratada pela Seduc para assessorar o Seminário.

educação indigena CC.indd 112 26/10/2015 11:43:05

fala, nem observei qualquer preocupação dos professores indígenas, de quaisquer povos, sobre o assunto]

Plurilinguismo:

Exemplo de São Gabriel da Cachoeira-AM: as crianças dos povos Baniwa, Maku, Tukano e Desan aprendem 4 línguas, por imposição das regras de casamentos dos pais, que devem ser de povos diferentes. As crianças, além de aprenderem a língua do pai e da mãe, aprendem também a dos avós. Esta situação parece ser única no mundo.

A leitura e a escrita:

O que importa é o sentido, e não a ação mecânica. Suscitar o desenho e o relato do sentido do que foi desenhado.

Currículo:

Não confundir com "grade curricular". É um processo longo, que deve ser muito discutido com a comunidade.

Enquanto Eunice fala, as pessoas continuam se dispersando. Zé Valdir chama a atenção dos presentes advertindo que "as pessoas têm que prestar atenção ao que o palestrante tá falando, porque depois a gente vai ter que responder ao que ele perguntar".

Max Maranhão, colega de mestrado, está presente. Conversamos sobre nossas impressões do Seminário. A Seduc não tem clareza do que pode propor como pauta para um seminário deste tipo, oscilando entre a não diretividade e a ausência de propostas. Fica cansativo e solto.

Suzy Maciel, especialista em informática, planejamento e *marketing*, está comigo, eu a trouxe para manter contato com os Tremembé, em função

educação indigena CC.indd 113 26/10/2015 11:43:05

do projeto cultural[24] que desenvolveremos. Ela é responsável pela captação de recursos.

Encontrei Karla. Durante o almoço conversamos um pouco. Ela mantém aproximações com Francineide da Seduc, sobretudo depois da ruptura com Francisca Adelaide. Mas me parece que consegue salvaguardar sua autonomia.

Apresentações teatrais de Situações de Aula e cenas do cotidiano:

[Provavelmente proposta pela assessora do Seminário, a atividade parecia ter como objetivo, antes de tudo, subsidiar a própria assessora, neófita em relação à situação da educação indígena no Ceará]

Apresentação teatral de aula dos Tapeba:

Os alunos estão sentados no chão. O professor fala, coordena os trabalhos. O conteúdo são as doenças sexualmente transmissíveis. [**É uma aula tradicional do ponto de vista didático]*

A coordenação avisa que é hora do intervalo para a merenda. Enfatiza o tempo: 20 minutos. Reclama dos atrasos. *[*As práticas destes encontros, desde o modo de organizar a pauta e os horários, não levam em conta as práticas culturais dos povos indígenas quanto o uso do tempo e dos espaços privilegiados de discussão e tomada de decisões.]*

[24] Este projeto – que batizei de aguaí, o nome do maracá na língua tremembé – se constituiu a partir do convite feito por João Venança, para que eu os ajudasse a gravar um cd. Compartilhando a ideia com um grupo de artistas amigos, concluímos que o cd poderia ser parte de um conjunto mais amplo de ações e produtos culturais. Eu intentava, além de difundir a "cultura tremembé" – assim contribuindo para o seu fortalecimento – oferecer um caminho novo para a produção econômica e o beneficiamento financeiro da comunidade. O Projeto significava para mim, neste momento, a possibilidade de atender a várias demandas da minha relação com os tremembés, entre as quais: 1) O fortalecimento/visibilização do meu objeto de pesquisa: fundamentalmente, os processos de autonomização tremembé; 2) A restituição efetiva, e simultânea, da pesquisa aos pesquisados; 3) O fortalecimento das minhas relações afetivas e políticas com eles, anteriores à pesquisa. A inserção progressiva no cotidiano deles, particularmente no mundo da produção da escola indígena diferenciada, me levaria a privilegiar outro projeto, voltado ao fortalecimento das escolas e da formação de professores, adiando a execução do Projeto aguaí, com exceção da gravação do cd *Torém*, em fase de captação de recursos financeiros junto à Secretaria de Cultura do Estado.

educação indigena CC.indd 114 26/10/2015 11:43:05

[Intervalo]

Conversei rapidamente com Fernando, professor Tremembé, que me informou que havia uma coordenação dos índios que preparava a pauta de cada dia. [...]. Perguntado sobre o movimento de professores indígenas, ele me disse que está se iniciando uma articulação.

Indumentárias:

Chama-me atenção o modo como estão vestidos Luís Caboco, Chico Nezinho, Fernando e Zé Valdir, entre outros, pela *elegância*: blusa por dentro da calça alinhada, com cinto, combinando as cores com sapatos sociais (Chico), tênis (Luís) ou sandálias de couro (Fernando).

[continuação apresentações teatrais]

Aula dos Tremembé/Varjota:

Tema: mocororó. Aulas de português, matemática, história e ciências a partir do tema.

A postura do professor é clássica: em pé, ao centro ou na frente, os alunos sentados. Zé Valdir é o que mais intervém.

Aula dos Kariri e Tabajara:

Os alunos participam ativamente. Todos estão sentados, inclusive o professor. Tema: desenho intitulado "Plantio". Fazem conversas livres sobre os diversos elementos do desenho, tematizando o uso da terra, relações de produção, uso das plantas, medicina, nível de organização social da comunidade.

*[*Tenho a impressão que não se discute propriamente* escola. *Reproduz-se* uma *visão de escola e de práticas pedagógicas, sem aprofundamento. Entendo que seria fundamental discutir escola para que os indígenas se apropriassem da discussão e pensassem a* sua *escola.]*

A professora Kariri/Tabajara (Kaká) termina a aula justificando que "na aula se fala tudo: português, matemática, mas sem sintetizar". Enquanto fala, ela olha, sobretudo, para os não índios: Francisca Adelaide e o pessoal da Seduc.

educação indigena CC.indd 115 26/10/2015 11:43:05

Aula Kanindé:

Somente Benício e outro estão presentes. Não há alunos. Assemelha-se mais a um relato de situação de sua comunidade.

A plateia está dispersa e conversa.

O técnico de filmagem, por duas vezes, adverte a plateia sobre a necessidade de silêncio, "para não atrapalhar o que está dando aula" (não faz referência à filmagem). Além disso, ele "orienta" quando os apresentadores/professores devem falar, em função da filmagem.

Aula dos Tremembé/Praia:

Professora em pé, fala.

Nenhum aluno faz qualquer intervenção. Ao final, convida Raimunda e *dona* Neném para cantarem uma música que fizeram: "De manhã cedo eu fui ao mangue e peguei *seri* [sic]".

*[*Sinto o quanto seria útil fazer oficinas de música, trabalhar música com eles. Eles amam cantar, poetizar, dramatizar. Enquanto escrevo, Zé Valdir olha este diário e diz-me "o pessoal é meio acanhado, mas quando vai pra prática, dá conta do recado".]*

A aula termina com o discurso de um aluno em defesa do mangue. Pergunta inclusive se existe alguém do Ibama[25] na plateia. A aula, na verdade, vira uma reivindicação.

Aula Pitaguary:

Não há alunos. A professora chama o cacique Daniel, que relata a situação das turmas. Novamente, a aula é um relato da situação, uma denúncia.

Categorias usadas pelos indígenas:

Índio;

Branco;

[25] Instituto Brasileiro do Meio Ambiente.

educação indigena CC.indd 116 26/10/2015 11:43:06

Resgate da cultura;

Área (territórios onde se localizam as comunidades[26]*)].*

*[*Observei a presença de, pelo menos, um rapaz homossexual, com trejeitos bastante evidenciados (dos Jenipapo-Kanindé)].*

Aula dos Jenipapo-Kanindé:

A professora em pé, coordena, encaminha as perguntas aos alunos, que estão sentados. Ela fala o tempo todo. Questiona os alunos, que respondem monossilabicamente. Termina respondendo a maioria das perguntas que ela mesma faz. Final da aula. Poema sobre a origem dos Jenipapo e alertando para não se deixarem prejudicar pelos empreendimentos empresariais na área. A assembleia acompanha com palmas. Luís Caboco toca o *aguaí* e [...] toca o tambor.

Oposição índio x branco, em algumas falas (por exemplo, professora Tabajara/Kariri).

Professora Kariri/Tabajara retoma no final das apresentações. Mostra como, em sua aula, há uma síntese entre as diversas disciplinas, a partir do desenho/tema utilizado. Fala sobre a questão da língua usada falada pelos indígenas, afirmando que é "nosso jeito de falar, não é errado". Por exemplo 'mio'. "É o nosso dialeto, o nosso jeito de falar".

*[*Penso que há mesmo uma "produção de subjetividade dissidente". A questão é como eles reivindicam, ao mesmo tempo, serem reconhecidos como 'brasileiro' e 'não-brasileiro']*

Aula Tremembé/Tapera:

Professor Fernando, em pé. Alunos sentados. Professor coordena as tarefas, encaminha as atividades. Inicia com música sobre o tema: inverno. Música "A

[26] O conceito de *comunidade* parece ter um duplo significado: *geográfico* e *político*. Por vezes, indica a *localidade*, quando se fala, por exemplo, "o pessoal da comunidade da Praia". Noutras vezes, o termo identifica as *organizações* e *atividades diversas* desenvolvidas pelo grupo dos que participam do movimento de afirmação tremembé. Parece ter sido incorporado à sua linguagem a partir das atividades pastorais da Diocese de Itapipoca desenvolvidas entre eles nos anos 1970 e 1980, quando intentava difundir as Comunidades Eclesiais de Bases (CEBs).

educação indigena CC.indd 117 26/10/2015 11:43:06

volta da asa branca", de Luiz Gonzaga. O músico justifica que "Luiz Gonzaga não é índio, mas falou muito do inverno".

Fernando faz a chamada dos alunos presentes, que é um grupo bastante pequeno! *[...]*

*[*Tenho a impressão de que se tematiza pouco a questão fundamental da escola, a luta pela autonomia e os meios didático-pedagógicos para fortalecer a luta pela autonomia.]*

Almoço:

Fernando conseguiu comida para mim (que, segundo terceiros, o pessoal da Seduc dissera não haver para nós, eu e Max, que não fomos convidados oficialmente). Ele disse que "é importante a gente ter perto da gente as pessoas que têm interesse em nos ajudar". Conversamos sobre a possibilidade de um espaço para Max e eu apresentarmos nossa pesquisa e a metodologia que estamos utilizando. Falei-lhe da nossa presença enquanto Universidade Federal, apesar de não sermos oficialmente convidados para cá. Conversamos também sobre as questões políticas que interferiram nesta ausência de convite. Ele já sabia da ruptura com Francisca Adelaide.

Conversa com Dourado (Tapeba). Falei de como vejo a escola Tremembé e qual a sua problemática, que é a autonomia. Ele disse "é este mesmo o problema, a luta para fortalecer a autonomia indígena". Pensei em entrevistá-lo junto com Fernando. Quero experimentar entrevistas em grupo, tipo debate.

Conversei brevemente com Eunice Dias. Falei da pesquisa que estou realizando com os Tremembé. Fiquei de pegar seu endereço para pedir sugestões e informações bibliográficas sobre escolas indígenas pelo Brasil afora.

Tarde:

Comentários de Eunice sobre as aulas apresentadas. Ela não faz nenhuma avaliação mais crítica. Limita-se a oferecer umas dicas generalizadas.

João Venança, recém-chegado do Mato Grosso, traz abraços enviados pelos 17 povos que estavam reunidos aos professores deste Seminário, "porque eles são os cabeças dos povos indígenas". [*É fundamental analisar com profundidade

educação indigena CC.indd 118 26/10/2015 11:43:06

as mudanças que a escola tem introduzido nas práticas de poder nas comunidades indígenas. Os professores têm assumido um papel inusitado]

Eunice retoma sua fala, afirmando que "não existe escola diferenciada, ela está em construção". [**Acho que ela recai em uma visão 'culturalista' da escola, mitigando a problemática política que define a diferença*].

Avaliação de Eunice sobre as apresentações das práticas pedagógicas: *[*Ela se reduz a considerar e ressaltar* pontos positivos*]*

Tapebas:

- Cartazes muito bons.
- Aulas no campo.
- Tema real: crítico sobre a realidade.
- Escola ajudando a construir a luta pela terra e pela saúde etc.
- Trabalhos de saúde na escola muito positivos.
- A presença de lideranças e agentes de saúde nas escolas.
- Dramatização.

Tremembés:

- Presença de lideranças e agentes de saúde na escola.
- Interligação das disciplinas, a partir do tema mocororó.
- Atendimento às várias faixas de idade. Uso do 'repente'/poesia.

[**A escola indígena não deveria refletir sobre o próprio campo instituinte, analisando-o? Por que não se trabalhar a relação com o Estado, OT etc?*]

Grupo Crateús (Tabajara/Kariri/Kalabaça/Potiguara/Tupinambá):

- Tradição indígena.
- Observação da realidade.
- Escolha do tema pelos alunos.

educação indigena CC.indd 119 26/10/2015 11:43:06

[*Tive de retirar-me para a UFC, onde tinha encontro do Núcleo de Movimentos Sociais e Escola. Pedi a Fábia, de Capim-Açu, para anotar o fim das colocações*]

09 de abril de 1999.

Voltei à tarde ao CETREX, mas os indígenas haviam saído a uma 'excursão'. Soube, depois, que eles foram ao Santo Antônio do Pitaguary. Conversei com Vanilde, funcionária do CETREX. Chamou-me atenção o reconhecimento dela sobre os índios, "embora eles não sejam como os antigos".

Amanheci em casa terminando o projeto do cd *Aguaí*, que trouxe para mostrar ao João Venança. [...]

Conversei com João sobre o projeto. Listei 37 músicas dos tremembé, muitas de autoria dele.

Almoço:

Conversa com Karla sobre a possibilidade dela fazer o mestrado em educação, sistematizando sua experiência em educação indígena.

Gravação com Pequena, cacique Jenipapo-Kanindé. Foram 9 músicas. O convite partiu dela para ajudá-la a fazer um disco "para deixar a memória para as novas gerações". *[...]*

Tarde:

Apresentação por grupos das reivindicações a serem feitas à Seduc. [**Pegar lista dos materiais reivindicados*]

Foram reivindicados computadores, celular rural, tv's de 24", vídeos, antenas parabólicas, máquinas de filmar e fotografar, bebedouro elétrico e fax, além dos recursos didáticos tradicionais. Eles querem recursos modernos.

[**Noto que nas reivindicações falta conhecimento específico sobre as necessidades materiais, de forma mais completa. Por que não reivindicam material para fazer*

educação indigena CC.indd 120 26/10/2015 11:43:06

artes plásticas, teatro, cinema e vídeo, laboratório de ciências e comunicação social, gráfica? Por que não propõem parcerias com a UECE e a UFC para a elaboração de material didático? Falta assessoria para discutir com os índios. As posições da Seduc e da OT são idênticas e oscilam, como já observei, entre a não diretividade irreflexiva e a manipulação travestida de participação]

A assembleia está dispersa, parece cansada, mas não desinteressada. A explicitação e a listagem das necessidades parecem alentar a esperança e o desejo de tempos melhores para as escolas. [...]

Fiz uma intervenção: a reivindicação de materiais deve estar vinculada à cara da escola que se quer criar. Penso que deva ser uma escola em que a arte esteja mais presente no cotidiano das práticas didático-pedagógicas. Porque a todo momento, os índios têm nas artes a linguagem por excelência para manifestarem-se, para criar e transmitir situações de ensino e aprendizagem, como está acontecendo neste Seminário.

Falo também da contribuição que a Universidade, a UECE e UFC, podem dar. Observo que a UFC e a UECE não foram convidadas para o Seminário e que eu e Max somos *penetras;* se não o somos mais é porque os índios mesmos nos convidaram. [...]

16 de abril de 1999[27]
Seminário de Formação de Professores Indígenas

[Encerramento] *[...]*

Francineide, da Seduc, exaltada, defende-se sobre a acusação de ter prendido o documento elaborado sobre as necessidades das escolas indígenas, que foi entregue ao Secretário de Educação.

[27] Agenda 1999, p. 30/Agosto-18/Setembro. Digitado em 5-06 de setembro de 2002.

educação indigena CC.indd 121 26/10/2015 11:43:06

Avaliação:

***Zé Valdir* (tremembé):**

- + Entrosamento com povos indígenas[28]
- + Trabalho dos professores

***Sinhá* (tapeba):**

- + Aulas do professor Oliveira[29] [do Dep. de História/UFC]: datas históricas. [...]
- + Sugestões de práticas didáticas para usar na escola

***Bete* (tapeba):**

- + Estarmos juntos
- + Resgate da realidade e da história de cada povo
- + O que aprendeu para repassar
    - Discriminação dos indígenas: problemas de uso dos equipamentos do CETREX (*urina no bebedouro)
- + Troca de experiência

***Vilamar* (tremembé):**

- = "Vamos correr atrás dos nossos objetivos: lutar, persistir, conquistar a nossa terra, a nossa escola diferenciada".[...]

[...] (da região de Crateús):

- + Ritual religioso a cada manhã

[28] O sinal '+' indica uma avaliação positiva. O sinal '-', negativa. '=' e '*' indicam observações gerais. 'Þ', observações contundentes.

[29] Nome fictício.

educação indigena CC.indd 122 26/10/2015 11:43:06

- + Trabalho da Eunice
- + Referencial Curricular
- + História do Ceará (desenvolvida pelo professor Oliveira)
- + Trabalho em grupo
- + A presença de pessoas com mais experiência, que ajudaram no encaminhamento dos trabalhos.
- + Convivência com pessoas de diferentes idades

***Veibe* (tapeba):**

- + Estarmos juntos, como uma só família

***Evandro* (tremembé):**

- = Agradece às técnicas da Seduc
- + Integração
- + Conhecimento mais amplo
- = A educação é fundamental
- + Presença do Secretário de Educação
- + Quadro elaborado sobre as necessidades [...]

[...] (Região de Crateús):

- "O professor [Oliveira] passou uma tarefa muito pesada pra nós: a elaboração de um texto com muitas páginas. Deu até sono".
- + Cartilha Tremembé

Pede pra ser filmada!

Desculpa-se por ter esquecido de relatar ao Secretário o pagamento de salários aos professores. [...]

educação indigena CC.indd 123 26/10/2015 11:43:06

***Bete* (tapeba):**

- Sobre Oliveira: Sonha muito alto; passou muitas tarefas.

***Dona Virgem* (liderança tapeba):**

- + Muito bom dançar o toré

***Daniel* (cacique Pitaguary):**

⇒ Acusa alguns dos índios de causarem problemas de *indisciplina*

- + Noite cultural
- + Alimentação, diversão
- = Termina com um discurso na linha de agradecimentos, de ver tudo como positivo, no geral.

***Raimunda* (tremembé):**

- + "É sempre bom encontrar todos vocês: vou ficar com uma saudade enorme".
- Agenda muito apertada, pouco tempo pra fazer tudo. Ex: lançamento da Cartilha [dos Tremembé].

***Elenilda* (Tremembé):**

- Pressão para acordar, horário. Atrasou e pagou prenda. (*Fala com muito humor e risos).

Dourado:

Agradece às entidades: Seduc, OT, Ig. Metodista, Funai, Pastoral Indigenista [da Arquidiocese de Fortaleza], Pastoral Raízes Indígenas de Crateús. Faz referência a Lourdes, que batalhou pela educação.

***Netinho* (?) (Tremembé):**

- + Conhecer pessoas novas.

educação indigena CC.indd 124 26/10/2015 11:43:06

***Meire* (?):**

- \+ Momento vivido junto aos Jenipapo-Kanindé: colocação do marco nas terras JK. *[As terras haviam sido objeto de estudo de um Grupo de Trabalho Indígena (GTI) da Funai, iniciando o processo demarcatório. A visita à área fez parte da comemoração desta conquista]*

***Chico Nezinho* (presidente do CITA):**

- \+ O curso ser coordenado pelas lideranças indígenas: "O nosso direito está crescendo dia a dia".

***Luís Caboco* (pajé tremembé):**

- \+ Muito bom: realização do sonho: a juventude entender o nosso jeito de ser.
- \+ Viagem aos JK: marco [na terra]
- \+ Apoio das entidades
- = Agradecimento ao Secretário: "A gente precisa agradecer essa pessoas assim". *[*Ele manifesta sua crença de que o secretário vá realizar o sonho da escola diferenciada].*

***João Venança* (cacique tremembé):**

- = Não tem ponto negativo, tudo foi importante. Mas,

⇒ Houve falta de professores na hora de avaliar os trabalhos;

⇒ Houve dispersão durante os trabalhos do professor Oliveira.

- = Agradece a *Operação Tremembé*, Seduc, Karla e Ivo (pela Cartilha Tremembé).

Finalização:

1) Canto (Neta, Tremembé) [...]:

Com a melodia da música *Triste Partida* [de Patativa do Assaré e Luis Gonzaga]. As pessoas silenciam. As vozes de Neta e suas amigas arrepiam,

educação indigena CC.indd 125 26/10/2015 11:43:06

fazem chorar a muitos. Momento de intensa emoção. As vozes ecoam no silêncio dos presentes, tocam fundo, traduzem a forma como estas pessoas pensam: sentindo! [**Uma escola diferenciada é uma escola dos sentimentos, com certeza! É estética, artística, afetiva, comunitária, com liberdade e prazer, como a flor de lótus].*

*[*Terá razão Chico Nezinho, sobre as conquistas do direito "dia a dia"? Até que ponto eles conseguiram alargar seus espaços em relações de autonomia, neste encontro? O reconhecimento efetivo parece se fortalecer diante do Estado, encarnado nas instituições presentes, e diante das entidades 'intermediárias'. Mas as práticas, o disciplinamento do corpo, a relação como tempo, as relações de disputa entre os 'intermediários' e com o Estado parecem reproduzir uma tendência à dominação].*

*[*A escola diferenciada deve ser uma escola de libertação do corpo, da livre expressão]*

2)Entrega de flores aos professores indígenas. *[Recebi também uma].*

3-4 de junho de 1999
Visita aos Tremembé[30]

Estou no ônibus das 7 horas que vai para Almofala. É a primeira vez que vou lá em um transporte coletivo. Quero vivenciar, inserir-me melhor no mundo dos Tremembé. Por isso, optei por viajar como eles o fazem.

A viagem parece um pouco mais confortável do que tempos atrás, em que os ônibus saíam lotados, não havia fiscalização pública eficiente.

Chama-me atenção o nível de consciência dos próprios direitos de uma senhora de mais de 65 anos, que reclamou do motorista quando este tentou pegar passageiros logo no início da Bezerra de Menezes, fora da rodoviária, portanto. Ela argumentava que teve dificuldades, que quase não conseguiu a única passagem grátis disponível para idosos, enquanto o motorista ficava agenciando passageiros.

[30] *Diário de Campo* n. 1, p. 41-068.

educação indigena CC.indd 126 26/10/2015 11:43:06

Outros passageiros reclamam que algumas passagens foram vendidas mais de uma vez. Parece-me, pelas reivindicações, que há um nível maior de consciência dos direitos. A senhora deixou claro saber quais eram os seus e ameaçou reclamá-los.

Paramos na "rodoviária dos pobres", no bairro de Antônio Bezerra. A entrada de novos passageiros é mais organizada, se comparada com tempos anteriores. Mas ainda há muito desconforto para quem viaja com crianças de colo, que entram literalmente penduradas nos corpos de suas mães, da forma como elas podem pendurá-las. A maneira como isso é feito me dá a sensação de que elas parecem "bonecos" e não gente de verdade.

As montanhas estão cobertas de um verde que chega às margens da estrada. Época rara, abençoada. Estou lendo *O evangelho segundo Jesus Cristo*, de Saramago. Penso no prazer que esta paisagem circunstancial de um bom inverno causa aos meus pesquisados.

No ônibus, reina agora o silêncio, quase meditação ou contemplação da paisagem. Um rapaz à minha direita leva um enorme aparelho de som portátil que, há pouco, tocava alguma canção de Zezé di Camargo e Luciano. Agora toca outra canção que desconheço, estrangeira, em inglês. O volume é baixo e abafado pelo ronco do motor do ônibus. Há algo de diferente sim! Antes, quem levava som punha-o sempre mais alto.

Recordo-me do que me disseram meus mestres antropólogos, que a pesquisa antropológica é, no final, um encontro consigo mesmo, com sua própria cultura, quando observamos o "outro". Pois não é isto que está acontecendo comigo agora? Estou refazendo a memória das viagens que eu mesmo, filho de Acaraú, incontáveis vezes, fiz por essas estradas, nesses ônibus da Empresa Redenção.

No interior do ônibus outras duas novidades: um letreiro com os nomes do motorista e cobrador, J. Rufino e Hélder, respectivamente, e outro letreiro, "proibido fumar neste local", que está sendo rigorosamente cumprido.

Mais uma novidade: o ônibus avança com mais velocidade e faz menos paradas.

Paramos na lanchonete "Los Manos", próxima a Itapipoca. Antes, parávamos no Tururu, parada obrigatória para comer paçoca socada no pilão, com

educação indigena CC.indd 127 26/10/2015 11:43:06

carne-seca, acompanhada de uma coca-cola. Refiz o ritual que fazia desde a adolescência. Mas o ambiente é diferente: é limpo, há mesas de sobra, há muito espaço, aparenta melhor organização e cuidado. O banheiro, por exemplo, não se compara em nada ao de minha época. Neste, há água corrente nos mictórios de louça, em número de seis. Há papel higiênico à vista, além de aparentar higiene e não feder a urina velha. O banheiro da parada de Tururu era o oposto de tudo isso: era um cubículo de aproximadamente um metro por metro e meio, não tinha água, nunca teve papel higiênico e o mictório era uma canaleta feita em alvenaria, amarelada e fedorenta pelo acúmulo de urina. O teto baixo fazia com que o usuário, vez por outra, levasse na roupa as teias das aranhas que faziam ali seu paraíso.

O silêncio das pessoas que viajam comigo, e que agora estão lanchando, desperta minha atenção. Falam baixo. As mulheres, principalmente as que estão acompanhadas de seus homens, quase sussurram. Parece que combinaram uma discrição generalizada. Por quê? Ter-se-ão acostumado à capital? Moram por lá? Terão assimilado esta postura como parte das regras de convivência impostas na cidade? No entanto, ao contrário, a cidade não é onde as pessoas se tornam mais excitadas e barulhentas, por assim dizer? De onde vem, portanto, este silêncio discreto?

Parada em Acaraú.

O ônibus fez uma breve parada em minha cidade. Picila, minha irmã, veio até a rodoviária, me trouxe um boné, que eu esqueci de trazer de casa e que será muito útil para as caminhadas nas comunidades tremembés. Liguei para o papai, do celular. Uma sensação: Acaraú é maior, é uma região, não só a cidade. Sinto o desejo e a necessidade de conhecer melhor esta parte do mundo onde nasci.

Passamos por Juritianha, distrito de Acaraú, distante uns 10km da sede. Achei linda esta cidadezinha onde minha mãe foi batizada. Suas ruas tortas, calçadas, limpas, com as fachadas das casas bem cuidadas dão a aparência de uma espécie de Ouro Preto destas bandas, sem as pompas e circunstâncias da verdadeira, é claro. Deu-me um desejo de passar uma temporada por lá, fotografar a cidade e estudar um fenômeno que, desde criança, me chama atenção: a presença de um enorme contingente de albinos, uma verdadeira tribo, que se casavam entre si, e que chamávamos de "louros gasos". São os Araújo.

educação indigena CC.indd 128 26/10/2015 11:43:06

**Descrever depois:*

Estrada de Itarema: [...]

Caminho da casa de Dijé:

Conversa com Raimundinha:

- Separação de João Venança
- Minha separação
- Conflito com Francisca Adelaide

Conversa com Dijé:

- O que a luta trouxe como mudanças para os Tremembé: "a liberdade".
- O papel da escola: "conhecimento dos direitos".

Raimunda fez questão de me trazer à escola, mostrou que foi ampliada em mais uma sala (na frente). Desenhos novos. Alguns bem elaborados, com búzios, sementes de melancia, palitos e palhas de coqueiro.

***Descrever depois:**

Jantar, conversas livres e piadas.

Dormida: na Escola Maria Venança.

Antes de dormir: conversa com Cosmo [filho adotivo de Dijé, de 15 anos, que, geralmente, me faz companhia nas viagens e nas dormidas na Escola]. Ele fala de suas paqueras. Depois fala do quanto sou importante para ele, junto com Ivo [artista e indigenista que desenvolve atividades diversas de apoio aos tremembés] e Amâncio [missionário da *Operação Tremembé*]. Diz que não sabe o que faria "se algo acontecesse" com a gente. Pergunta-me se não trouxe uma camiseta para ele. Convida-se para vir comigo a Fortaleza, passar uns dias.

educação indigena CC.indd 129 26/10/2015 11:43:06

04 de junho de 1999.

Despertar: conversa com Cosmo: planos de viagem a Varjota.

Café na casa da Dijé.

Começo das aulas na Escola Indígena Diferenciada Maria Venança. Algumas crianças já chegam antes dos professores (Silvana, Raimundinha e Neide).

Sala de Aurineide:

Fico na sala de Aurineide, que escreve desde que chegou. Raimundinha, que cuida da turma de Silvana (que está de resguardo), faz a chamada, na outra sala. É respondida por alguns alunos que estão nesta sala em que me encontro, que é dela e de Neide, pois trabalham juntas.

Chamada:

- Antoniel: faltou (Aurineide pede silêncio a Samires)
- Marronzinha
- Venancinha (tem apenas 1 ano e 2 meses, é a mais nova da sala)
- Silene
- Mateus
- Pedro Henrique
- Maria Miquelane (está no médico, diz Raimundinha)
- Alexsandra (em coro, alguns alunos respondem que faltou)
- Gugu
- Fabinho (Aurineide chama sua atenção para "sentar direito")

educação indigena CC.indd 130 26/10/2015 11:43:06

Aspectos físicos da escola:

A escola é de palha de coqueiro. A estrutura toda é de madeira tosca, de árvores como sabiá. O chão é de terra solta, não batido. As paredes são baixas. Toca-se o teto com as mãos. As portas são também de palha. As janelas são grandes buracos quadrados nas laterais, que podem ser tapados à noite com janelas igualmente de palha de coqueiro.

Na falta de carteiras, os meninos sentam em uma prancha sobre o chão. As salas são escuras. Por isso, privilegia-se a colocação das carteiras junto à janela principal, como na sala em que me encontro, que é a do meio.

Raimunda está na primeira sala. Esta turma em que estou é a junção de duas: Maternal/Jardim e Alfabetização[31]/1.ª série (turma de Raimunda, que substitui Silvana junto às turmas de 2.ª e 3.ª séries).

Minha sala tem 8 carteiras, 1 cadeira, 1 banqueta, 1 lousa de tamanho aproximado 1,00 x 1,10 m.

Desenhos, pinturas e composições com búzios, palhas e outros elementos artesanais disponíveis na região estão expostos, colados nas paredes e no teto.

Um pote d'água e duas canecas azuis de plástico estão disponíveis para os alunos no canto direito da sala.

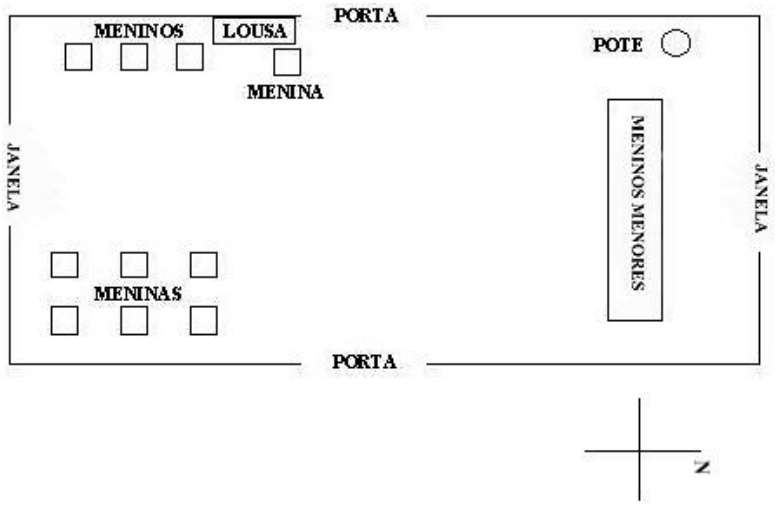
Dois alunos têm colecionadores de plástico azul. Outros dois têm mochila estudantil.

Enquanto os alunos estavam "soltos", Aurineide escrevia as tarefas em cadernos ou em folhas de papel-ofício. Cada aluno(a), no seu ritmo, vai fazendo a tarefa. Inicia com as meninas que estão nas carteiras. Depois, dirige-se para a prancha, onde estão os meninos. Somente uma menina está na "área dos meninos", sentada em uma cadeira pequenina e usando a banqueta como mesa, localizada abaixo da lousa.

[31] Classificações utilizadas por Aurineide.

educação indigena CC.indd 131 26/10/2015 11:43:06

Planta baixa da sala de Aurineide:



Na prancha, um dos meninos pede a Aurineide que desenhe um carro, ao que ela diz: "Vou ter que fazer um curso de desenho. Eu não sei desenhar carro!"

Os *exercícios passados são* de 'cópia'. Na folha consta o nome da escola e a data. Segue-se a tarefa:[32]

Copie:

a	*b*	*c*	*d*	*e*	*f*
__	__	__	__	__	__
1	*2*	*3*	*4*	*5*	*6*
__	__	__	__	__	__
ma	*me*	*mi*	*mo*	*um*	
__	__	__	__	__	

[32] Estas e outras muitas descrições de atividades curriculares realizadas em sala de aula, geralmene não se constituíram objeto de análises imediatas. Optei por descrevê-las como se monta o cenário de uma apresentação teatral, ou o ambiente de um filme, em que a intenção é, em primeiro plano, provocar um *sentimento*, uma *contemplação estética*. Se suspendo o analista que existe em mim é com esta intenção, sobretudo, reservando-o para a ocasião adequada.

educação indigena CC.indd 132 26/10/2015 11:43:06

Mikaeli, uma menina de aproximadamente 4 anos, fez os exercícios, mas não sabe o que esteve copiando. Algumas letras e números que ela copiou lembram garatujas.

Aurineide pede que as crianças repitam o alfabeto que está escrito na lousa. Adverte que não quer ouvir errado. Mikaeli tem dificuldade de pronúncia de alguns sons, algumas letras ou talvez não compreenda ainda a relação entre os símbolos e os sons. Brincando com Venancinha, Aurineide observa: "você também tem que repetir, se não leva zero!"

Agora a tarefa é "desenhar um desenho bem bonito, da sua imaginação". Janiel diz, com força de expressão, "vou desenhar os índios Tremembé de Almofala".

O *material* que os alunos dispõem para os desenhos são folhas de papel-ofício e lápis de cor, um saco deles, que são apontados, vez em quando um deles por Aurineide, com uma faca enorme, tipo peixeira.

Lista dos alunos: Antoneide, Mikaele, Janiel, Joana, Lucas, Marronzinha, Silene, Samires, Antoniel, Pedro Henrique, Gugu, Talita, Ana Magna, Mateus

Outra Lista: Antoniel, Marronzinha, Venancinha, Gugu, Mateus, Pedro, Miquelane, Alexandre, Fabim, Joana, Silene, Lucas

*[*Não estou seguro, mas me pareceu que, a cada dia, Aurineide escreve uma lista com os nomes dos alunos que vêm às aulas. Por isso a lista apresenta variações.]*

Turmas/Faixas etárias:

- -Maternal e Jardim: 2 a 5 anos
- -Alfabetização e 1.ª série: 6 anos

Brincadeiras:

As crianças da prancha, terminadas as tarefas, brincam na areia fazendo os chinelos de carrinhos e barcos. Depois, dispersam-se pelas salas vazias da escola.

Aurineide me fotografa com uma Yashica, cujo flash não funciona. Sinto-me, eu sim, o observado, o pesquisado.

educação indigena CC.indd 133 26/10/2015 11:43:06

*[*Que livros estão sendo usados e qual seu conteúdo?]*

Samires e Janiel parecem os mais ativos da turma: rápidos para desenhar e pintar. Antoneide parece a mais caprichosa nos desenhos e pinturas.

Raimunda e Aurineide são mães de algumas crianças que estão nas salas e tias de muitas outras.

Em geral, as crianças chamam Aurineide de 'tia'. "Às vezes meus próprios filhos me chamam tia, em sala de aula", diz ela.

Aurineide:

Tem 22 anos, é casada, tem três filhos, estudou até a 5.ª série. Teve experiência de magistério com crianças "em um projeto do governo que eu não lembro", substituindo uma prima que era a responsável, por um ano. É natural de Santana do Acaraú. Veio a Almofala trabalhar na Pousada da Lúcia, na cozinha. Vive com Antônio, irmão de Raimunda, com quem teve Antoneide e Antoniel.

Perguntada sobre a importância de ser professora, Aurineide diz que "quanto mais criança, mais eu gosto. É importante pra mim". "Antes, quando eu não ensinava, eu não gostava daqui. Agora, eu não saio daqui de jeito nenhum".

Sobre problemas com a *disciplina*: "Aqui as crianças são soltas, são tudo da família, o mesmo sangue, não tem briga".

Remuneração: Ainda não existe. Faz mais de um ano que trabalha. "Por isso que a primeira professora desistiu, porque dizia que não queria quebrar a cabeça com criança, sem ganhar nada", e completa criticando, "é por isso também que não tem turma de criança na Varjota".[33]

[33] A crítica de Aurineide, entre outras que emergem nos discursos e práticas dos tremembés, revela os conflitos e oposições de uma aliança artificial, tensa, entre a Praia e a Mata (Varjota e Tapera, sobretudo), costurada sob a influência da *Operação Tremembé* como parte da estratégia montada em torno da luta pela terra.

educação indigena CC.indd 134 26/10/2015 11:43:06

Horários da escola:

08 horas – início das aulas

10h15 – merenda

11h30 – término das aulas

Aulas/semana: 2.ª a 6.ª feira

Férias: de acordo com os cursos de formação de professores e reuniões.

*[*Equipamentos didáticos usados?]*

Indumentária: alguns alunos com fardamento de outras escolas

Pontualidade: as crianças começam a chegar meia hora antes de começarem as aulas.

Disciplina:

As crianças interagem bastante, brincam... Aurineide prepara os exercícios. As crianças estão dispersas. Não há imposição rígida de disciplina. Eventualmente, pede a algum aluno para que se sente, mas não muda o tom de voz sereno, tranquilo.

Relação meninos x meninas:

Aurineide retira Marronzinha de entre os meninos que estavam na prancha, porque fez um deles chorar. Diz: "vem pra cá, lá é lugar de menino!"

Uma mãe chega e diz que precisa levar seu filho, pois tem um compromisso na cidade. Neide se oferece para cuidar dele após a aula, até que ela retorne.

São 10 horas. As crianças parecem mais excitadas, relaxadas para as brincadeiras, com dificuldade de concentração para as tarefas de repetição de consoantes que Aurineide escreve na lousa. Os mais novos rolam pelo chão, brincam com a areia. Alguns tomam pedaços de giz e rabiscam a lousa. Aurineide, sem elevar o tom de voz, pede a Raimunda que traga uma calcinha enxuta para Venancinha, ao que Raimunda prontamente atende, deixando seus alunos lendo um exercício na lousa de sua sala.

educação indigena CC.indd 135 26/10/2015 11:43:07

Recreio/brincadeiras:

As crianças brincam dentro da própria escola, "porque quando elas ficavam lá fora, a gente via elas se machucarem", explica Aurineide. Mesmo assim, algumas escapam: Marronzinha está no trapézio improvisado sob a castanheira do terreiro.

Merenda:

Bolacha e leite Tembé que a Igreja Metodista envia. "Cada dia é diferente: tem macarrão, fubá, carne de sol" (Dijé, que preparou a merenda).

Sentadas no chão, na outra sala, as crianças esperam a merenda, sendo servida. Venancinha em primeiro lugar, que aguarda a caneca com uma disciplina inacreditável para uma criança de pouco mais de 1 (um) ano. Aliás, nunca vi, em nenhuma das visitas, crianças 'malcomportadas' em relação aos momentos de repartir comida ou quaisquer outros.

Chica, a soínha de Antoneide, que tem o costume de vir sozinha até a escola, chegou e me faz companhia. Ela, que tem a fama de morder as crianças que a perturbam, repousa docilmente ora em meu braço, ora em meu colo.

Sala de Raimunda:

Sala de entrada da escola.

Há um painel elaborado com palhas de coqueiro e sementes de melancia, formando uma casa, onde está escrito: Escola Indígena Diferenciada Maria Venança. Vizinho à lousa, na parede, um cartaz de campanha governamental informa: "Saiba como se pega AIDS". Diz como se contrai e o que não transmite a doença.

A sala, também escura, tem um pouco mais de iluminação trazida pela porta aberta que dá para a entrada principal.

A lousa é maior: aproximadamente 1,00m X 2,00 m.

A decoração é idêntica à sala de Aurineide, porém com desenhos mais elaborados, apresentando uma maior nível de complexidade e desenvolvimento técnico.

educação indigena CC.indd 136 26/10/2015 11:43:07

São alunos maiores, das turmas de 2.ª e 3.ª séries, perfazendo 13 alunos (6 meninos, 7 meninas).

Encontro crianças que já conhecia e fotografei, com quem tenho uma relação anterior: Tiago, que me chamou para sentar ao seu lado; Nina, filha de Dijé e Zé Raimundo, que está mais próxima, embora seja sempre 'indomável'. Alana, filha de João Venança, que vi ainda bebê em seu colo, com 2 anos, e Babin, seu irmão.

Pergunto sobre o ensino de português. Raimunda diz que ensina assim: "os alunos falam assim, como a gente, mas na hora de escrever, escrevem do jeito certo, ou do jeito dos brancos, ou então, pra nós, escrevem do nosso jeito, e na frente dos brancos escrevem do jeito deles".

Raimunda faz uso da "cartilha dos Tremembé", que lê com limite de fluência.

Os alunos desenham livremente, a partir da história lida por Raimunda.

Remuneração: Raimunda recebe R$ 60,00 (sessenta reais) por mês da Igreja Metodista. A Seduc ainda não remunera os professores Tremembé.

Material didático: São adquiridos por meio de doações da OT, que recolhe e envia, bem como do CREDE 3 (Acaraú) e a prefeitura de Itarema (que doa para as outras comunidades).

Sobre a relação professor/aluno: "Parece quase uma família só. São tudo primo". "Facilita o trabalho". "A maneira como a gente se dedica é diferente".

Problemas de disciplina: Quase não tem. "Se alguém está mais agitado, a gente diz: saia um pouco da sala. Depois de cinco minutos ele volta e já está tudo bem. É a única disciplina".

Intercâmbios com escolas não indígenas: Não têm nenhuma atividade com escolas não indígenas. "Seria bom se existisse contato, as outras escolas iriam nos respeitar". "Aqui é impossível acontecer, eles não consideram que somos área indígena".

À medida que vão terminando os desenhos, as crianças os vão pregando com fita gomada pelas paredes de palha da escola, o que me pareceu um grande e contraditório luxo, pelo preço deste tipo de adesivo. Certamente foi produto de doações.

educação indigena CC.indd 137 26/10/2015 11:43:07

Ao término das aulas, um grupo de pessoas ligadas à prefeitura de Cruz chegou à comunidade fazendo um convite para os Tremembé se fazerem presentes em um evento cultural por lá, "sobre os 500 anos do Brasil". Deixaram claro que queriam os Tremembé "vestidos caracterizados". Intervim argumentando que os Tremembé não são como há 500 anos e que não são penas e colares que os fazem índios, mas um reconhecimento jurídico-constitucional, inclusive. Falei que era importante mostrar os índios com suas lutas hoje, que é o modo de eles serem índios atualmente. O grupo não foi receptivo às minhas observações. Encerrei questionando a visão deles, e me retirei da sala em que estava acontecendo a reunião, na escola.

Almoço:

Na casa da Dijé. *[*Descrever depois comidas, bebidas, instalações]*

Cardápio: arraia no leite de coco, arroz, feijão e farinha d'água. Delicioso! Poucas verduras: só tem coentro e cebolinha. Frutas, só água de coco.

***Descrever dormida:**

- Na escola, numa rede armada no teto.
- Iluminação à lamparina.
- Higiene pessoal: escovação de dentes com um copo d'água. [...]

***Descrever Área física:**

- Distâncias
- Cercas, caminhos (veredas), cancelas.
- Dunas, córregos.
- Flora: coqueiros, ateiras, gravioleiras, mamoeiros, sirigueleiras; mamona, peão-roxo, peão-bravo, castanheiras, roças de feijão, milho e batata-doce.
- Fauna: pássaros de diversas espécies (sobretudo sabiás, galos-campina, bem-te-vis, pardais, sanhaçus, rolinhas), cães, vagalumes, baratas, piolho-de-cobra (lacraia) e soins.

educação indigena CC.indd 138 26/10/2015 11:43:07

João chegou da viagem. Tinha ido a Fortaleza. Conversamos sobre o projeto do CD e da rádio, além da reunião do Pacto de Cooperação dos Jovens Empresários, ocorrida 2.ª feira, 31 de maio, em que ele esteve presente.

Ida a Almofala por caminhos que passam dentro das terras cercadas. Passagem por córregos, veredas, roças, coqueirais, cercas, porteiras e cancelas. A chuva do inverno alagou algumas das passagens que cruzamos, molhando os pés. Estou acompanhado de Raimunda, Aurineide, Nina, Antoneide e Antoniel. Sinto-me ligado a eles, embora não saiba definir exatamente de que modo. Talvez amizade seja a palavra mais apropriada. Sinto também revolta. Por não ter ainda cruzado estes caminhos, não percebia o quanto eles foram cercados e espremidos no lugar em que se encontram.

Visitei a sede do CITA, onde deverá ser instalada a rádio, segundo João, e que é uma casa de alvenaria adquirida com o apoio da OT, através de um desses projetos para conseguir recurso financeiro junto a alguma instituição estrangeira. Está precisando de manutenção. Tem aproximadamente uns 5,0 metros de frente por uns 25,0 de fundo. A fachada tem uma janela e uma porta que se abre em duas partes, superior e inferior, que é uma solução arquitetônica bastante comum entre nós. Há espaço para *puxá-la* para frente, pois está recuada uns três metros. Nos fundos, um pequeno quintal vai se estreitando até a cerca que o separa do caminho que passa por trás da casa. Com uma boa reforma, a casa pode abrigar o sonho da rádio. João justifica a escolha do local por sua visibilidade para os não índios. Ele sabe o quanto é importante tornar visível a presença dos Tremembé em Almofala, que é o centro urbano desta região.

*[*Descrever depois a Igreja, a rua principal, as pessoas, o encontro com Lúcia, ex-mulher do João Venança].*

À noite, já escuro, visita à casa do João. Alana (10 anos) me guia, pois não consigo enxergar nada. Alana toma a minha mão e me reconduz de volta à casa de Dijé. Ela é doce e terna. Quero muito bem a ela. *[...]*

Jantar na casa da Dijé:

Menu: serra assado, pirão, feijão, farinha d'água e limão para pôr no peixe.

educação indigena CC.indd 139 26/10/2015 11:43:07

Enquanto comíamos, fizemos uma sessão de estórias engraçadas e piadas.

João e eu fomos alvos de muitas brincadeiras em torno da vida sexual dele e minha, por estarmos solteiros, as novas conquistas amorosas, as possíveis farras que andamos fazendo etc. *[...]*

Companhia de Cosmo, que me disse: "Babi sabe umas coisas e não sabe outras. Os Tremembé daqui sabem umas coisas e não sabem outras".

Despertamos cedo. Cosmo mais cedo que eu, pois foi chamado por alguém para ir pescar. Levantei sozinho, arrumei a bolsa e tomei o mesmo caminho que fizera na tarde anterior, por dentro das terras cercadas. O dia estava nublado. O sol não nascera plenamente, o que tornava o céu mais cinzento. A solidão da partida combinava com o silêncio do caminho que eu percorria. Estranhamente, sentia fortalecerem-se em mim os laços que me unem àquela gente.

Tomei café na Pousada da Lúcia, onde peguei o ônibus para Fortaleza.

5, 8 e 9 de agosto de 1999
Visita aos Tremembé[34]
5 de agosto de 1999, Quinta-feira.

Viagem a Almofala: Saída de Fortaleza às 7 horas.

Carona a uma jovem cigana, entre Croatá e São Luís do Curu.

Encontro com Amâncio, missionário da OT, em São Luís do Curu, que esperava o ônibus que ia para Almofala. Conversamos sobre alguns assuntos:

- A situação do Capim-Açu. A posição inicial de Francisca Adelaide, desfavorável ao envolvimento das lideranças da Praia e da Mata na questão [o movimento de afirmação tremembé local]. Depois, ela envolveu-se completamente. Atualmente, está mais próxima do Capim-Açu do que da Praia e da Mata.

[34] *Diário de Campo,* n. 1, p. 75-116.

educação indigena CC.indd 140 26/10/2015 11:43:07

- A difícil situação financeira de João Venança, que Amâncio acredita que seja por causa da sua má administração de alguns projetos financeiros que a *Operação Tremembé* tentou desenvolver por lá.
- O conflito entre Francisca Adelaide e eu. Amâncio demonstra discrição: "o que a gente conversa aqui, morre aqui". [...]

Estrada para Itarema: abundância de água.

Parada em Itarema para lanchar caldo de carne com pão.

Chegada à Praia, casa da Dijé, 11 horas.

Encontro a casa movimentada. Um grupo dentre os Tremembé da região da Praia esperava o transporte que os levaria a Uruoca, atendendo a convite para que apresentassem o torém lá.

Saúdo a todos, justifico o porquê de Adélia Pinto[35] [arte-educadora, professora da Faced/UFC, doutoranda em Educação] não ter vindo, conforme eu anunciara na vez anterior em que estivera entre eles. [...]

Tomei a cesta de alimentos que trouxera de Fortaleza e a pus sobre o jirau do fogão de lenha. Esclareci que era minha contribuição, pois eu ia ficar alguns dias entre eles. Dijé disse-me "não precisava se preocupar, Babi, mas é bem-vinda". A cesta permaneceu horas no local em que a deixei. Fiquei me perguntando o porquê ninguém, nem mesmo as crianças, manifestaram qualquer curiosidade. Ninguém tocou na cesta.

Converso com João Venança sobre as atividades desta visita. Como ele iria a Uruoca, decido ir logo também ao Acaraú, visitar meus pais. Marco retorno à Praia no Domingo, dia 8, à tarde, quando João retornaria de Uruoca.

Preparativos para a viagem a Uruoca, para dançarem o torém: Zeza ajuda a costurar as indumentárias feitas em palha de carnaúba: saiotes, corpetes e cocares.

Aproveitando a oportunidade em que o grupo se preparava para ir dançar o torém, puxei a conversa com *dona* Zeza, torenzeira antiga, a respeito das

[35] Nome fictício.

educação indigena CC.indd 141 26/10/2015 11:43:07

antigas canções, cantadas na língua tremembé, e as narrativas ligadas às músicas. Eu trazia uma cópia digitada, feita com a ajuda de Eliane Brasileiro, minha parceira de música, que me ajudara a fazer a transcrição da gravação realizada em abril passado, com o João Venança, no seminário de educação indígena patrocinado pela Seduc.

Não existe nenhum estudo linguístico sistemático da língua tremembé, que já não é mais falada. O que restou da língua está nas canções. Os registros mais importantes destas canções foram feitos pelo professor José da Silva Novo[36] e pelo professor Aluysio de Alencar Pinto[37]. Optei por uma notação livre, sem a influência do tupi, que parece ter pautado o registro dos pesquisadores. A intenção era produzir uma versão atual das palavras, como eles as pronunciam, e que pudesse sugerir/indicar as transformações da língua falada/cantada, ilustrando os processos de subjetivação vivido por eles.

Zeza, João Venança, Dijé, Raimundinha e *dona* Maria Venança são os principais informantes durante a conversa.

Água di manin
Ô manima ecerecê
Água de manin
Ô manima ecerecê
Ô jaimivê, ô jaimivê
Água di manin
Ô manima ecerecê
Ô água di manin
Ô manima ecerecê

Segundo João Venança, esta música conta a história de um tremembé que tinha filha moça bonita, que morreu. Ela foi enterrada e, em cima de sua cova, nasceu uma planta, a manin, da qual os índios extraíram uma deliciosa bebida, a água de manin.

[36] Ver NOVO, José da Silva: *Almofala dos Tremembé*. Fortaleza: Gráfica Editorial, 1976.
[37] Ver PINTO, Aluysio de Alencar: *Torém/Ceará, documentário sonoro do folclore brasileiro, n. 30*. Rio de Janeiro: MEC/Secretaria de Assuntos Culturais/FUNARTE, 1979.

educação indigena CC.indd 142 26/10/2015 11:43:07

Ô jandê
Recôguirá
Gurariipe napurana
Ô mainguê
Ô jandê
Recôguirá
Guarariipe napurana
Ô mainguê
Ai ô manguirá
Ai ô manguirá
Ai ô manguirá
Ai ô manguirá
Ô manguirá
Ai ô manguirá

Segundo Zeza, a canção conta que "uma jandaia tava num pé de pau. Aí um índio viu e 'meteu os canivetes', cantou a mesma cantiga da jandaia".

Lenda do Guajará:

Pergunto quem era o índio e para onde ele ia. Ela responde que não sabe quem era, mas que ia caçar, que é uma coisa que eles faziam muito. Um irmão dela caçava muito. Quando ia caçar, levava sempre fumo e alho. Passava o alho nas ventas do cachorro, para não ser açoitado pelo Guajará. O Guajará "é um encantado das matas, dos mangues, que açoita menino, cachorro, gente, tudo". "O fumo, ele gosta muito dessas coisas, o fumo sergipe ou outro. Ele [seu irmão] deixava em cima dum toco. Aí, ele vinha buscar"

Pegaropê, pegaropê,
Vei xegaca da merunga
Da merunga sarecê
Xegaca da merunga
Da merunga sarecê
Pegaropê, pegaropê,
Pegaropê, pegaropê,
Vei xegaca da merunga

educação indigena CC.indd 143 26/10/2015 11:43:07

Da merunga sarecê
Xegaca da merunga
Da merunga sarecê
Pegaropê, pegaropê,
Pegaropê, pegaropê,
Vei xegaca da merunga
Da merunga sarecê
Xegaca da merunga
Da merunga sarecê
Pegaropê, pegaropê

Zeza explica que "é a garoupa. O pescador vai pescar, põe o anzol, a garoupa garoupeia, vai por acolá, como a gente no torém. É o jeito do bicho".

Dona Maria Venança, que está fora, no jirau, diz que a canção está dizendo que "o peixe que pegaram foi só garoupa".

Zeza chama *dona* Maria Venança para ajudar a contar as histórias das músicas, justificando que "já me esqueci dessas coisas tudinho". "Quando os pesquisadores andavam lá em casa, eu sabia tudinho. Mas nunca mais ninguém foi".

*[*Parece-me que a presença do pesquisador instiga a memória, provoca o pensamento]*

Canhungá
Canhungá madurêcê
Canhungá
Canhungá madurêcê
É aqui madurecá
Dimadura ecerêcê
Canhungá
Canhungá madurêcê
Canhungá madurêcê
Canhungá
Canhungá madurêcê
Canhungá
Canhungá madurêcê

educação indigena CC.indd 144 26/10/2015 11:43:07

É aqui madurecá
Dimadura ecerêcê
Canhungá
Canhungá madurêcê
Canhungá madurêcê

Zeza conta que "os cajus eram maçã, maturi, quando os índios passaram. Quando voltaram, estavam maduros".

Pergunto aonde iam. Ela responde: "ah-bom! Andavam pelo meio do mundo". E arremata: "eles faziam essas músicas de cabeça. A Venança [avó de João] contava uma história: um índio viu uma jandaia e disse: quer ver como eu canto uma cantiga? Aí cantava. Eram um cão mesmo!"

Ai ô prêpê ce guaxuré
Guaxuréxu xã birindó
Ai ô prêprê cê guaxuré
Gauxuréxu xã birindó
Gauxuréxu xã birindó
Ai ô prêprê ce gauxuré
Guaxuréxu xã birindó
Ai ô prêprê cê guaxuré
Gauxuréxu xã birindó
Gauxuréxu xã birindó

Dona Maria Venança explica: "é o guaxinim. Deve ser o andar dele, ele num fala, num canta. Aquele movimento dele é *caqueando* com as mãos. Aí, ele pega o rabo, bota lá (no buraco) pra maria-farinha, que é a própria isca, pra ela se entreter. Aí, quando ela agarra o rabo, ele tira devagarzinho, torcendo o corpo, pra ela não se soltar". Insisto sobre o movimento e Dijé me diz, fazendo a coreografia com o corpo: "ele bota o rabo de banda, do lado dele. Ele sai se dobrando, vendo o próprio rabo, porque ela vem no rabo, que é a isca dele. Aí ele bota as mãos em riba da maria-farinha pra ela não voltar de novo pra o buraco. Aí ele põe na boca, viva. Mastiga tão bem! O cocô tem os ossos bem quebradinhos".

educação indigena CC.indd 145 26/10/2015 11:43:07

Pergunto se ainda tem guaxinim. Zeza responde que "tem! Tem o rastro dele perto da minha casa". E complementa: "o bicho que ainda não comi foi guaxinim, mas um dia ainda como. E o couro dele? É o melhor remédio pra asma!".

Puraí purana étê
Vossa manguirá, iô pendê
Ô gurari, ô gurari étê
Vossa manguirá, iô pendê
Vossa manguirá, iô pendê
Iô gurari, ô gurari étê
Vossa manguirá, iô pendê
Vossa manguirá, iô pendê
Iô gurari, ô gurari étê
Vossa manguirá, iô pendê
Vossa manguirá
(repete toda três vezes)

Segundo Zeza, "É a jaçanã na lagoa, em cima dos matinhos. É a marcha dela. Os matinhos são os aguapé, tem do grande e tem dos miudinhos".

História da Cobra Encantada da Lagoa Verde:

Zeza então me conta que na mesma lagoa, a Lagoa Verde, próxima à sua casa, tem uma cobra encantada, que é uma princesa, e que fica no meio da lagoa. A lagoa é "cheia de uns balcãozinhos feitos pela natureza", onde as jaçanãs costumam pousar.

[**Preciso registrar, em outro momento, as histórias dos encantados. A Betty Mindlin, uma antropóloga do IAMÁ*[38]*, de São Paulo, passou por aqui no passado fazendo isso. Talvez ela possa me arranjar uma cópia do material recolhido, ou mesmo o livro, se já o editou. Isto será muito importante para a montagem do espetáculo do projeto cultural, ou mesmo como subsídio didático a ser utilizado nas escolas*]

Dijé e *dona* Maria Venança oferecem outra explicação da cantiga:

[38] Instituto de Antropologia e Meio Ambiente.

educação indigena CC.indd 146 26/10/2015 11:43:07

"É um pé de gurari, uma planta do mato, medicinal. Nunca vi um pé de gurari, mas sei que faz sombra" (Dijé). "Que tem uma fruta que se come, que Mãe Chica dizia" (*Dona* Maria). "Chegaram os índios, nós, ao pender do sol" (Zeza). "Ainda hoje temos esse costume, de esperar na sombra de uma árvore, horas e horas. Não tinha salão"... "A gente ficava brincando" (*Dona* Maria).

Receita do Manfuê:

João Venança chega com um pedaço de manfuê, tapioca, para mim. Pergunto como se faz o manfuê e ele me dá a receita: "Faz em um caco caseiro. Pega a mandioca, rala, penera, passa num paninho caseiro, torce na mão, esfarela, prepara, bota no caco. Antes, põe o caco pra esquentar. Bota a massa dentro, espalha. Quando começa a arrebitar as beiradas, é só virar".

Canhungadjá indé cunhã
Canhungadjá indé cunhã
Édirí édirí dicanhungá
Canungadjá indé cunhã
Canungadjá indé cunhã
Canhungadjá indé cunhã
Canhungadjá indé cunhã
Édirí édirí dicanhungá
Canungadjá indé cunhã
Canungadjá indé cunhã

João diz que a cantiga "é o mito da mulher negra, cunhã". Zeza completa: "por isso é que a gente diz: 'essa cunhã mode assim, besta'". João continua: "'canungá' é caminho, 'édirí é 'ela virou-se pra olhar'".

[*Tive a impressão que a explicação de João está equivocada. Senti-me desconfortável com a percepção do equívoco dele. Mania de pesquisador! Querer ficar fustigando os informantes! Por que raios é importante saber o sentido exato das palavras? Como é possível desejar que eles o saibam, se seus esquecimentos são o sintoma mais evidente da trágica história de contato com a sociedade nacional não indígena?]*

Zeza conta que tinha 16 livros do torém, que foram distribuídos com várias pessoas:

educação indigena CC.indd 147 26/10/2015 11:43:07

"Peguemos num torém no Acaraú. O Duca da Silveira, o Duquinha, aquela praga matador de gente, que disse: 'Zeza, lá em casa tem um bocado de livro de vocês'. O livro foi escrito pelo Silva Novo mais o Agabaí e o Cândido Teixeira, de Itapipoca".

"Foi a primeira vez que a gente foi na concha acústica [da UFC], em Fortaleza. No dia antes, a gente apresentou o torém pra o doutor Perilo, em Itapipoca. O compadre Tarciso, do Barro Vermelho, ele trouxe muitos livros destes nossos e espalhou por todo o mundo. Foi a tia Chica que fez todas as falas, tudinho, só ela".

Pergunto quem ainda tem o livro. Zeza responde que ela tem. Cita outras pessoas, mas não dá certeza.

Guirará vidju
ô tanhim naguretê
Guirará vidju
ô tanhim naguretê
Ô guirará,
ô guirará, guirará vidju pompê,
Guirá guirará vidju pompê
Ô guirará,
ô guirará guirará vidju pompê
Guirá guirará vidju pompê
Ô guirará,
ô guirará guirará vidju pompê
Guirá guirará vidju pompê
(repete toda)

João diz que o sentido da cantiga é este: "as tainhas pulando dentro do rio, uma barra tipo o Lagamar. Vidju quer dizer muita, muita tainha. Pompê é a tarrafa dando lance nas tainhas. É tirando as tainhas".

Saramussará ô manguê
Prepreprê tem boinguê
Averana guatiá avera tem boinguê

educação indigena CC.indd 148 26/10/2015 11:43:07

Prepreprê tem boinguê
Prepreprê tem boinguê
Averana guatiá avera tem boinguê
Prepreprê tem boinguê
Saramussará ô manguê
Prepreprê tem boinguê
Averana guatiá avera tem boinguê
Prepreprê tem boinguê
Prepreprê tem boinguê
Averana guatiá avera tem boinguê...

Raimundinha adverte que "as escritas nos livros são sempre erradas. A gente nunca acerta. Você pode comparar com os que a gente canta, como o 'ô pipi cê guaxuré', que é 'ô prêprê cê guaxuré'".

João explica que esta cantiga "são as sarassará, estão dentro da cabaça. Aonde elas estão, elas cortam o material. Elas comem igual cupim, só que o cupim faz aquelas coisas e elas fazem um tinido".

Nina entra na conversa e diz que a palavra é 'guatiá' e não 'gotiá', como eu estava pronunciando. *[Fiz as correções, depois, ao digitar, pela indicação de Nina]*

Dijé diz que é 'catiá'. E reflete: "as palavras são tão bonitas! A gente faz um esforço pra lembrar, mas não consegue. Eles faziam assim mesmo. Mas eles sabiam o que *tavam* fazendo. Mas não diziam pra ninguém, só algumas coisas. A mãe Chiquinha dizia lá alguma coisa. De tudo! eles faziam música".[39] Cita como exemplo seu tio Zé Miguel, que dizia um verso de si mesmo:

Ontem eu era Zé Miguel
Hoje sou José somente
Que o mundo tem uma moda
De tomar o que deu a gente

[39] A exclamação após a palavra 'tudo' indica uma ênfase característica da linguagem falada, quando se pronuncia a palavra com mais força e extensão.

educação indigena CC.indd 149 26/10/2015 11:43:07

"Que é a mocidade", explica finalizando a música.

Ariapú nerê nembú,
nerê nembú staquaraquê, oi
Ariapú nerê nembú,
nerê nembú staquaraquê, oi
Ariapú nerê nembú,
nerê nembú staquaraquê,
nerê nembú staquaraquê,
Ariapú nerê nembú,
nerê nembú staquaraquê, oi
Ariapú nerê nembú,
nerê nembú staquaraquê, oi
Ariapú nerê nembú,
nerê nembú staquaraquê,
nerê nembú staquaraquê

Para João, a cantiga fala da "nambú se lavando na areia. Ela se deita assim [faz os gestos], com as asas, fica rebolando na areia".

[*Interrompi as anotações por causa do almoço]*

Almoço: peixe frito com arroz, feijão e farofa, preparado por Dijé.

Conversas com jovens da Associação da Juventude Atuante – AJA, de Uruoca, que fez o convite aos Tremembé para irem à sua cidade. Eles são uma organização autônoma, que tenta movimentar culturalmente a cidade. Buscam apoio da prefeitura, dos comerciantes, de quem possa ajudar a realizar suas atividades. Parecem bem organizados. Vestem-se com camisetas que trazem a logomarca da associação.

Após o almoço, o grupo despediu-se. Permaneci com Dijé e Raimundinha. Retomei as anotações e fiz uso do gravador para registrar "músicas românticas" e "de embalar" dos antigos, que vou transcrever e inserir depois nestas anotações. Elas cantaram "O relógio", "uma modinha cantada por Mãe Chiquinha, embalando os netos", "Serenata da madrugada", "ensinada por Mãe *Veínha*

educação indigena CC.indd 150 26/10/2015 11:43:07

(Venança, mãe de *dona* Maria, avó de Dijé)", "Meu anjo adorado", "A imagem divina" e "Gosto do samba e do pagode". [**Transcrever e inserir*]

[As vozes muito afinadas, harmoniosas, suaves, firmes e agudas de Raimundinha e Dijé (principalmente) me deram a nítida impressão de estar diante de mulheres com muito talento para o canto. Tive imediatamente a ideia de fazer um CD de mulheres cantoras tremembés, com músicas românticas e de embalar. Assim como o CD do torém, tenho vontade de produzir com elas algo que possa evidenciar o potencial musical delas].

Retomei a conversa sobre as músicas do torém, que ainda me faltava saber a história.

Caniñana, caniñana boinguê
Caniñana, caniñana boinguê
É aqui aruiaçú, ariaçú boinguê
Caniñana, caniñana boinguê
Caniñana, caniñana boinguê
É aqui aruiaçú, ariaçú boinguê
Caniñana, caniñana boinguê
Caniñana, caniñana boinguê
Caniñana, caniñana boinguê
É aqui aruiaçú, ariaçú boinguê
Caniñana, caniñana boinguê
Caniñana, caniñana boinguê
É aqui aruiaçú, ariaçú boinguê
Caniñana, caniñana boinguê

Dijé: "É uma cobra feia, grande. Ela tem umas listras. Nunca vi, mas existe, ainda tem aqui. Nunca vi, tenho pavor de cobra!".

Raimundinha: "tinha as 'louvações' com o nome das pessoas, quando chegavam pra visitar a gente".

[Raimundinha canta uma 'louvação' com meu nome. Fiquei emocionado, meio sem jeito até. É que ela me olhou com tanta ternura que, por um momento, tive a sensação de estar ouvindo uma declaração de amor. Administrei a sensação, falei

educação indigena CC.indd 151 26/10/2015 11:43:07

que achei lindo e continuei gravando, que era o jeito mais fácil de me evadir. Pensei também que eu estava sozinho com duas mulheres tremembés casadas, que eram minhas principais informantes. Perguntei-me o que pensariam seus parceiros. Percebi que não havia nenhuma das mulheres tremembés que me despertasse uma atração maior. Talvez eu tivesse incorporado demais o papel de pesquisador, ou de alguém que deve manter-se no nível da amizade, do companheirismo, da solidariedade. A falta de uma convivência mais sistemática e prolongada também pode ser responsável por isso. Sei lá! O fato é que não aconteceu].

Navura ô navura vainchê
Ô navura ô navura vainchê
É di pinima é di verama
Di navura vainchê
Navura, ô navura vainchê
Ô navura, ô navura vainchê
Vamo pra os cuiambá
Ariguê
Vamo para os cuiambá
Vainchê
Qui a suámussará
Tem boinguê
Vamo pos cuiambá
Ô ariguê.

"É a cuia que vai encher de mocororó, 'cuiambá'. 'Suámussará', acho que é 'juntar a gente'. 'Vamo pros cuiambá' é 'chamar o povo'". "Não saber as palavras, é a única coisa que a gente sente a diferença".

Brandim brandim poti
Brandim brandim poti
Tá siripintim
Tá siripintim
Tá siripintim tá
Brandim brandim poti
Brandim brandim poti

educação indigena CC.indd 152 26/10/2015 11:43:07

"É o camarão. Vai e volta, fasta de bunda, como a dança, que volta pra lá e pra cá" (Raimundinha). "Pois eu achava que era fazendo um pote, rodando" (Dijé).

Diparana, ô diparana vidju
diparana, ô diparana vidju
ô vidju diparana, diparana vidju
ô vidju, ô vidju diparana
diparana vidju, vidju diparana
diparana, ô diparana vidju
diparana, ô diparana vidju
ô vidju diparana, diparana vidju
ô vidju, ô vidju diparana
diparana vidju,
ô vidju, ô vidju diparana
ô vidju, ô vidju diparana
ô diparana vidju, vidju diparana
diparana, ô diparana vidju, vidju diparana
ô vidju diparana, diparana vidju

"É um pau que serve pra pancada, é a jiriparana[40]. Ele só larga quando a dor passa. Nunca vi. Tem uma fruta, parece com o birro [de rendeira]. Tem uma flor amarela, parece uma gaitinha aberta no bico. Ninguém come o fruto". [...]

8 de agosto de 1999, Domingo.

Retorno à Praia. Casa da Dijé.

João Venança e os demais não haviam retornado de Uruoca.

Encontro Zé Raimundo sozinho, cuidando de Quiterinha, a filha mais nova, de 4 meses. Agora, ele raspa o coco que será usado na preparação do

[40] Quando cantada, a palavra sofre uma inusitada e intrigante modificação. Que tipo de licença poética é esta que eles se permitem? Que regras justificam essa adaptação? Que tipo de flexibilidade praticam?

educação indigena CC.indd 153 26/10/2015 11:43:07

peixe para o jantar. Na quinta-feira, quando cheguei, foi ele que estava ao fogo, assando peixe na frigideira.

[*Em se tratando de relações de gêneros, acho que a pecha de homens machistas, generalizada sobre os nordestinos e também sobre os povos indígenas, não se sustenta por aqui. Preciso investigar mais, observar se Zé Raimundo é um caso isolado. Desconfio que não. Parece que o comum por aqui é que os homens dividam tarefas domésticas com as mulheres, significativamente*.]

As crianças de Dijé e Raimundinha brincam com livros e cadernos, espalhados pela casa e pelo terreiro. Noto que entre os livros há, inclusive, um exemplar dos evangelhos editado sob o nome *Deus é amor*. Talvez tenha sido doado por Silvana e Walter. Interrogo Raimundinha sobre a relação das crianças com os livros, ao que ela me diz que "sempre foi assim, eles pegam os livros e cadernos, olham, riscam". Insisto, pergunto se depois da escola isto se intensificou. Ela diz que sim, "porque tem mais livros. A prefeitura de Itarema mandou um monte de livros. O CREDE do Acaraú também".

Conversa com Raimundinha e Dijé. Assunto: *primeiras experiências de implantação da escola.*

Raimundinha foi a primeira professora.

A escola funcionava no salão ao lado da casa do João Venança.

A ideia da escola partiu, entre outros, de João Venança e Dijé.

O que motivou a implantação da escola foi a necessidade de oferecer segurança aos pais, que não queriam que seus filhos fossem sozinhos estudar em Almofala, porque era longe de casa.

Os primeiros alunos de Raimundinha foram: Nina, Cris, Cosmo, Vivi, Luciana, Gely, Babin (Albino), Alvino, Alana, João Filho, Dunda, Chico, Zé, Edigrê, Chiquinho, Joice, Raimundo, Caju, Rodolfo e Jaquiele.

A escola foi implantada há aproximadamente oito anos.

Como remuneração, os pais pagavam mensalmente Cr$ 1,00 (um cruzeiro) por cada criança que punha na escola.

educação indigena CC.indd 154 26/10/2015 11:43:07

As aulas acabaram sendo interrompidas por falta de recursos dos pais para a compra de material didático e remuneração da professora, devido à crise da pesca. Esta interrupção durou uns três anos.

A retomada da escola se deu a partir de quando João Venança levou a proposta da escola para discutir nas reuniões e encontros de que participava em Fortaleza.

Francisca Adelaide tomou a iniciativa de enviar uma carta à Igreja Presbiteriana de Maringá-PR, solicitando apoio financeiro. A Igreja respondeu enviando Silvana e Walter, um casal que veio para trabalhar com escolarização na comunidade da Praia.

Francisca Adelaide, porém, não aceitou que eles trabalhassem diretamente na escolarização.

Pergunto se Francisca Adelaide só queria ajuda financeira.

Dijé me diz que Francisca Adelaide enviou a carta pedindo ajuda financeira. O pastor teria dito que não podia ajudar financeiramente, mas que enviaria um casal da Igreja para ajudar.

Tudo teria ficado acertado em uma reunião que houve na casa de irmã Helena [ou Iolanda?], com a presença do pastor Nivaldo, da Igreja Presbiteriana de Maringá. Raimundinha e Dijé não estavam presentes. João estava presente. *[*conversar com ele]*

Após meses, chegou o casal. Francisca Adelaide ficou com queixas, pois o casal veio "sem passar por ela".

Desde o início, Silvana e Walter estabeleceram um contato direto com os Tremembé. Eles chegaram na área, fizeram reuniões buscando aceitação e legitimidade.

Zé Raimundo entra na conversa e diz que a comunidade da Praia os aceitou, mas a comunidade do Panã não os quis. Dijé diz que não aceitaram Silvana e Walter "porque Francisca Adelaide não aceitou. A primeira comunidade que aceitou passar da Francisca Adelaide foi nós aqui". Para Raimundinha, "se não fosse isso, nós estava na maior pindaíba, sem escola".

educação indigena CC.indd 155 26/10/2015 11:43:07

Pergunto por que Silvana e Walter não procuraram Francisca Adelaide, inicialmente, e preferiram entrar em contato direto com os Tremembé. Dijé diz que, depois, eles foram a Fortaleza e procuraram Francisca Adelaide, que não os recebeu bem. Eles, então, conversaram com a comunidade, colocando-a a par da reação de Francisca Adelaide. Perguntaram se a comunidade queria a presença deles. Francisca Adelaide, diante da reação positiva da comunidade, "calou-se para sempre" (Dijé). [...]

Silvana e Walter não haviam ainda começado o trabalho da escola, dada a indefinição criada pela posição da Francisca Adelaide. Eles buscaram encontrá-la, conquistar sua aceitação e legitimação.

Esta indefinição durou mais ou menos quatro meses. Francisca Adelaide não estava disponível: andava muito ocupada, em viagens etc.

Silvana e Walter ficaram hospedados em Itarema, onde alugaram um apartamento. Quando não conseguiam carona, vinham a pé até a Praia.

Dijé "um dia se aborreceu" e instigou João Venança a tomar uma decisão. Silvana havia pedido a Dijé para intermediar junto ao João uma tomada de decisão.

Fez-se então uma reunião *[...]* com lideranças e mães da Praia. O Panã foi convidado, mas não veio ninguém porque não concordavam com a presença de Silvana e Walter. *dona* Zeza teria alegado inclusive "que eles eram crentes". Como resultado da reunião, a comunidade decidiu acolher o trabalho de Silvana e Walter.

Depois disso, aconteceu uma reunião em Fortaleza, entre a OT e pessoas das diversas comunidades. Francisca Adelaide teria dito que "se era assim, ela não tinha nada mais a ver com isso". "Ela até quis se afastar. Botou um *bonequinho*. Foi a mesma coisa quando o João entrou no Capim-Açu".

Foi a primeira vez que os Tremembé (da Praia) tomaram uma decisão que se chocou com a OT (Francisca Adelaide). Dijé diz que "foi as pessoas, mas foi principalmente eu. O João ainda ficava meio balançado com relação a Silvana e ao Walter. Ainda hoje eu *tava* falando com a Nenzinha, ela lembrando: 'Dijé, o João, no começo, ele nem aceitava muito'".

Dijé diz que "a única preocupação era escola para as crianças". "Quando vi a Silvana e o Walter eu achei: aqui está o quê da coisa e aceitei de repente". [...]

educação indigena CC.indd 156 26/10/2015 11:43:07

Karla chegou há quase três anos. Silvana e Walter chegaram um pouco antes. (Raimundinha faz as contas pelo nascimento dos filhos)

Raimundinha deu aula durante um ano e um pouco mais.

Pergunto sobre Karla, se ela fora mesmo enviada por Francisca Adelaide. Unanimemente, Raimundinha, Dijé e Raimundinha Carneiro (vizinha que chegara durante a conversa) afirmam que o objetivo de Francisca Adelaide era neutralizar o trabalho de Silvana e Walter.

"Depois que a Karla foi escorraçada (por Francisca Adelaide), aconteceu a mesma coisa: o pessoal da Mata aceitou ela, contra a Francisca Adelaide".

Sobre a relação entre Silvana-Walter e Karla, eles teriam convidado ela para morar com eles, o que nunca ela aceitou. "Só dizia pra eles 'bom dia'".

Foi chamada uma outra pessoa para substituir a Karla, o Francisco Teixeira, da *dona* Moça do Capim-Açu. Ele é engenheiro. Segundo Dijé, a mãe dele disse que, quando ele percebeu o conflito, não aceitou "porque já conhecia a Karla". É coisa recente. Ele chegou a fazer umas viagens a Fortaleza, reuniu-se com a Seduc.

Conto para elas o conflito que ocorreu entre Francisca Adelaide e eu.

Falo de minha esperança de que, no futuro, os Tremembé não precisem de intermediários.

Dijé diz que "ainda há muita pessoas que só fazem o que ela manda. Eu e o João não, a gente se bate com ela".

Zé Raimundo fala que "só sei que Francisca Adelaide não vai com a minha cara de jeito nenhum, porque digo a ela coisas que ela não gosta". Raimundinha confirma dizendo que "uma vez ele disse que ela ganhava muito dinheiro às nossas custas". Zé Raimundo remata dizendo que "eu ainda acho isso mesmo".

Seu Raimundo Carneiro e *dona* Nenzinha chegam e aumentam o grupo, a presença das crianças: Alana e Babin, filhos de João Venança; Cristiano, Cilene, e Quiterinha, filhos de Zé Raimundo e Dijé; Léo, Marrom, Janiel, Venancinha, Samires, filhos de Raimundinha; e Emanuel, neto de *seu* Raimundo Carneiro.

educação indigena CC.indd 157 26/10/2015 11:43:07

"Tanta lida pra tão pouca vida" (*Seu* Raimundo Carneiro).

Sobre o significado da posição do pessoal da Praia no caso da implantação da escola:

"[Francisca Adelaide] era como uma mãe com os filhos. Ela dizia e a gente tinha que fazer. Era tudo ditado por ela: vocês têm que fazer isso, isso e isso"

"Aqui, do lado de cá, nós perdemos o medo de fazer as coisas sem consultar ela. Muitas coisas nós já fizemos".

Pergunto se isto é importante, não consultar Francisca Adelaide.

"É importante a gente caminhar sozinho. A participação dela é boa mas..."

"Antes não passava ninguém por aqui, sem passar por ela. Ela só faltava passar a mão nos bolsos do pessoal pra saber o que traziam".

"Ela sempre quis que passasse por ela, para ela controlar todos e tudo, em todos os sentidos".

"Antes, qualquer papel ou carta que mandavam para nós passava por ela. Agora, não. O pessoal vem direto. Nós já fomos até o Acaraú. Ela punha aquele medo na gente: esse pessoal [do Acaraú] pode fazer mal a vocês".

"Ela já não se mete tanto como se metia. Ela já não quer controlar tanto como antes".

"Agora vem gente de todo canto, do Acaraú, da Uruoca, da Cruz, do Aranaú visitar a escolinha. Vem esse grupo de gente, professor, e manda as coisas, sacos de coisas, giz. Quando era só ela que dominava não vinha quase nada" (*Dona* Nenzinha).

"Antes o pessoal dizia: nós viemos porque Francisca Adelaide mandou. Agora o pessoal pergunta diretamente à gente se nós temos conta no banco".

"Nós tivemos foi no Colégio [Virgem Poderosa] do Acaraú, só eu e o João. E ela disse: Dijé, vocês foram lá? Esse pessoal é perigoso".

Pergunto se é importante não passar pela intermediação de Francisca Adelaide.

"No meu ponto de vista é" (Dijé)

educação indigena CC.indd 158 26/10/2015 11:43:07

"É bom quando alguém vem porque quer, de livre vontade, sem ser mandado por ninguém" (*Seu* Raimundo Carneiro).

Eles passam a relatar diversos tipos de ajudas e apoios recebidos sem a intermediação da OT.

"Quando o pessoal vinha antes, o pessoal já vinha feito animal encabrestado: ia ali, acolá, assim, assim. E agora não, o pessoal é diferente, chega, vê tudo, visita, conversa" (Dijé).

"Depois daquela decisão [a aceitação de Silvana e Walter] mudou tudo, tá diferente".

"Melhorou muito. A escola tá funcionando, do jeito que eu imaginava. Veio Silvana e Karla e as duas estão aí, ficaram as duas, até hoje".

"Por mais que Silvana e Karla tenham suas vidas, não interessa. O que interessa é o trabalho que elas estão fazendo".

Pergunto se a escola melhorou a vida da comunidade.

"Melhorou. Eles [os alunos] têm merenda escolar, caderno, livro... Não importa se a escola é assim, se é embaixo de um coqueiro".

Pergunto que vantagens trouxe a mudança nas relações com a OT.

"Antes a gente vivia no cabresto. Agora, tiramos as peias" (*Seu* Raimundo Carneiro).

"Uma parcela melhorou, não tudo. Ela [Francisca Adelaide] ainda controla um bocado a questão financeira, os dinheiros dos projetos".

"Um ponto, uma parcela, pode até ser assim, porque uma parte das pessoas quando pega em dinheiro desvia os rumos".

Pergunto se não seria melhor a OT ajudar o pessoal a gerenciar.

Dijé concorda.

educação indigena CC.indd 159 26/10/2015 11:43:07

Sobre o CITA:

Entrando na conversa, Zé Raimundo diz que, com o CITA (Conselho Indígena Tremembé de Almofala) piorou: "as reuniões antes do CITA eram mais participativas. Agora tá esvaziado". Ele acha que "com o CITA [presidente, secretário etc], os sócios, o pessoal que não é sócio não vai às reuniões".

Ele diz que nunca foi feita uma assembleia. Na primeira eleição participou todo mundo. Agora, só os sócios participam.

São mais de 60 sócios só do pessoal da Varjota. Metade não paga a taxa.

"O CITA tem mais de R$ 2.000,00 (dois mil reais) e o compadre João não tem dinheiro pra viajar pra Fortaleza".

"Foi feito um projeto para viagens do pessoal do CITA [João, Chico Nezinho, Fernando, Zé Valdir]. O pessoal não prestou contas ainda, desde fevereiro, quando não houve mais reunião".

"Precisa um pessoal que trabalhe, e não que fique encostado lá".

"O que ficou acertado é que quando o pessoal fizesse uma viagem, prestasse conta".

Pergunto o que é "trabalhar". Zé Raimundo responde que é "andar, procurar trabalho, um serviço, um modo de a gente sobreviver melhor". E arremata: "esse pessoal do outro lado [Varjota e Tapera, sobretudo] só fala agora em projeto. Não fala mais da luta pela terra. Só fala em projeto: vamos fazer um projeto pra plantar cajueiro, comprar um bote, comprar uns burros."

Dijé complementa dizendo que "eles procuram trabalho, só que não em benefício de todos e sim do lado de lá".

Para Zé Raimundo, "as coisas deviam passar pelo cacique, e não pelo presidente do CITA".

*[*Pareceu-me que há um conflito entre representações do poder: cacique x CITA. Sugiro a eles que conversem, discutam, se reúnam].*

Dijé diz que já falou várias vezes com Chico Nezinho [presidente do CITA] "neste dito tucum onde tu tá sentado. Ele ri e diz que sou afobada".

educação indigena CC.indd 160 26/10/2015 11:43:07

Pergunto sobre a história do CITA, como começou.

Zé Raimundo diz que "foi ela (Francisca Adelaide). Nós jamais íamos ter a ideia de criar um diabo destes". Amâncio *[...]* e Zé Valter *[missionário da OT]* ajudaram a discutir.

Os Tremembé tinham a ideia de fundar uma associação, "prá não andar pelas pernas da Francisca Adelaide. No início, ela recuou. Depois, aceitou".

"Quando foi pra fazer esse CITA veio gente do oco da velha. Trouxeram uns desenhos. O pessoal dizia que entendia, sem entender nada."

Continuação da conversa em *off*.

Percebi que eu estava adentrando em um assunto íntimo, reservado, polêmico, que suscitava emoções fortes. Digo a eles que não vou mais anotar. Fecho o caderno. Justifico que o assunto, pelo que percebia, tocava em uma situação delicada. Senti aprovação e confiança deles em meu gesto.

Digo que o que ouvi ficaria ali, entre quatro paredes, que não era mais o pesquisador que estava ali, mas o amigo.

Dijé diz que sim, que confia em mim "como um amigo, alguém de casa".

Talvez preocupada com as consequências da conversa, Dijé assume outra posição, parece querer "pôr panos quentes" no assunto e tenta várias vezes argumentar com Zé Raimundo para fazê-lo ver as coisas por outro ângulo. Chega a alterar o tom de voz ao dizer-lhe: "você não entende as coisas direito".

Zé Raimundo continua a falar de forma contundente sobre o CITA.

Intervenho com uma análise sobre o que penso estar na base do conflito: o choque entre duas instâncias de poder: o cacique e o Conselho. Falo sobre "poderes paralelos". Pergunto se é este mesmo o problema. Unanimemente, o grupo afirma que sim.

Volto a perguntar sobre a história do CITA, como surgiu. Mas percebi que já perguntara isto. Pensei que ainda não o houvesse feito, porque decidira parar de escrever durante a conversa.

educação indigena CC.indd 161 26/10/2015 11:43:07

A conversa continua apontando a aparente necessidade sentida pelos presentes, ou pelo menos mais claramente por Dijé, de reunirem-se em breve para conversar sobre o assunto..

Partilho minha preocupação com os desdobramentos, no conflito que apontei para o projeto cultural. Como seria possível deixar o gerenciamento e o controle financeiro do projeto nas mãos do CITA, que seria a entidade juridicamente responsável, se não havia confiança?

Enquanto falava, chegavam os que haviam viajado a Uruoca trazendo grandes sacos com farinha e outros mantimentos, ovos, galinhas e outros presentes recebidos, e dando notícias dos feitos realizados por lá.

A chegada do pessoal interrompe a conversa. Mas a chegada do João Venança, em especial, provocou o completo silenciamento e mudança de assunto, com a cumplicidade absoluta de todos.

Antes disso, Dijé, Raimundinha e Zé Raimundo avaliavam a postura de João nos conflitos: "demasiadamente calmo". Zé Raimundo diz que "queria ser cacique ao menos um dia ou uma hora, pra resolver as coisas, tomar decisões".

Raimundinha diz que, "se depender do Neném *[é assim que ela chama o João Venança, seu pai]*, as coisas são muito lentas".

Ela acha que "para eles *[o pessoal do CITA]*, o papel do cacique acaba se resumindo a dançar o torém".

Dijé, Raimundinha e Zé Raimundo dizem que, antes, o João representava a comunidade nos momentos de negociar projetos e aquisições *[como os banheiros da FNS[41]]*. Agora, passa tudo pelo CITA. João está isolado, e está acomodado com isso.

[** Analisar o impacto das intervenções da OT em fortalecer outro poder, no caso do CITA, em detrimento do poder do cacique, do João Venança. Seria pelas discordâncias eventuais dele com Francisca Adelaide? Seria pelo fracasso administrativo dos projetos arranjados pela OT e que ficaram em suas mãos?*]

[41] Fundação Nacional de Saúde. Atualmente a Funasa é responsável pelas ações de prevenção em Saúde Indígena.

educação indigena CC.indd 162 26/10/2015 11:43:07

Faço nova análise, recupero o fio da meada da conversa para mostrar como chegamos a conversar sobre o CITA. Comparo a forma de intervenção da OT e do CITA. Digo que o que parece estar em jogo é o papel destas entidades no processo de fortalecimento da autonomia do povo Tremembé. Ressalto que esta é minha preocupação enquanto pesquisador e amigo.

Falo sobre minha preocupação, que surgiu com esta conversa, em deixar o CITA administrar o projeto cultural, que é preciso refletir sobre o conflito, principalmente por causa da administração da parte financeira do projeto.

Mantivemos esta conversa na ausência do João Venança, que saiu logo após a chegada da viagem, para tomar banho.

Jantar:

Jantamos peixe frito com grolado de tapioca, preparado por Dijé e Zé Raimundo.

Enquanto comíamos, João nos contava as novidades da viagem: o excelente acolhimento que tiveram, as visitas às escolas da cidade, as apresentações em praça pública, as despedidas emocionadas do pessoal de serviço "com lágrimas nos olhos", as aventuras afetivas de Cosmo, que teria namorado a filha do prefeito.

Em meio à conversa, Dijé fala ao João sobre a necessidade de reunirem-se com Chico Nezinho e o CITA, "antes de outubro" (tempo de muitos eventos em torno da colheita do caju: torém)

Dormida:

No lugar de costume, na escola, com Cosmo, que me narrou suas aventuras afetivas com a filha do prefeito. *[...]*

Ficamos sempre na primeira sala. Substituí a lamparina por uma lâmpada de emergência para automóveis, que ligo no buggy e estendo, com um fio, até a parte interna da sala.

Desenhos estão sempre expostos, colados nas paredes e nos caibros, no telhado, lembrando às vezes um arraial de festa junina. Noto, desta vez, que os desenhos parecem estar mais elaborados, talvez pela repetição da própria prática de desenhar.

educação indigena CC.indd 163 26/10/2015 11:43:08

Não existem armários. Os livros e materiais didáticos em geral estão pendurados em prateleiras improvisadas sobre as paredes de palha de coqueiro.

O chão estava muito limpo, parecendo que fora varrido, e as cadeiras bem arrumadas. O pote d'água de beber, embora pequeno, dá destaque ao canto direito superior da sala.

Dei ao Cosmo uma camiseta que trouxera de presente para ele. É a terceira camiseta que dou a ele. Faço-o como gesto de amizade, de gratidão por sua companhia, mas também por saber que lhe será útil, que lhe dará alguma opção ao seu restrito repertório de roupas. Além do mais, acho que ele busca nas camisetas identificação e o estreitamento de sua relação comigo. Parece assim ser, pelo que ele me confidencia de suas aventuras amorosas.

9 de agosto de 1999

Asseio matinal:

O tanque do banheiro tem água. Mesmo assim, tomo uma caneca com água do pote, que é suficiente para escovar os dentes e lavar o rosto.

Antes do café, vou à casa do João Venança, que estava aguando as plantas do terreiro e botando água para alguns patos e galinhas que ele está criando "para ajudar", porque está "sem renda".

Na casa de Dijé, o costumeiro café com tapioca quentinha já está pronto. Acompanho João, que não toma café, mas somente chá. Depois do chá, tomo café também, feito por *dona* Maria Venança.

Ela está tossindo, de vez em quando. Já estava resfriada, antes de ir a Uruoca, o que fez contra a vontade de Dijé, que deixou claro sua opinião desfavorável à viagem dela naquele dia. De fato, ela parece frágil. O corpo franzino, sob o vestido surrado, e o cabelo meio despenteado dão-lhe uma aparência de "boneca de pano". Ela é sempre muito afetiva e silenciosa. Está sempre fazendo alguma tarefa da casa ou cuidando dos netos, filhos de Dijé, com quem mora. Gosta de ficar sentada ao chão, ou de cócoras, e sempre

educação indigena CC.indd 164 26/10/2015 11:43:08

está disponível para lembrar algum fato ou nome de alguém quando Dijé ou Raimundinha perguntam-na, nas conversas que temos.

Após as despedidas, João e eu partimos em direção à Mata. Cosmo veio conosco.

Passagem Rasa:

A primeira visita foi à casa de [...], na Passagem Rasa. O acesso é desafiante. Não existe estrada. O caminho é de areia frouxa, em meio à mata rala e ao cajueiral, cheio de conversões, um verdadeiro labirinto. Lá, ouvi umas histórias mais chocantes de assassinatos entre os Tremembé, parentes entre si, dois irmãos e um primo. Foram vítimas de uma emboscada que envolveu, inclusive, o padre de Itarema, famoso por sua violência contra os camponeses da região, como invasor de terras, mandante de assassinatos, entre outros crimes.

Eu estava sem o caderno de anotações. Não consigo recordar agora os nomes das pessoas. Marquei uma nova visita, em que espero recuperar os nomes e aprofundar esta história, ouvir outros relatos de pessoas envolvidas.

A história tem início quando Raimundo Mariano[42] tenta cercar as terras de uma família de tremembés. Os homens se reúnem e derrubam a cerca. "Mas não cortaram o arame. Só botaram a cerca no chão". Criado o conflito, Raimundo Mariano propõe uma reunião com o padre Aristides, em Itarema, para intermediar. Ele manda comunicar aos Tremembé o dia da reunião em Itarema. Ficou acertado, inclusive, o carro que os levaria à reunião. Cinco tremembés foram a Itarema, mas o padre tinha se ausentado. A reunião não acontece. Voltaram no mesmo jipe que os trouxera, como ficou combinado. No meio do caminho, a umas duas léguas antes de casa, numa região de brejo, o motorista para o carro e anuncia que "deu o prego". Ao descerem do carro, os tremembés foram surpreendidos pelo próprio Raimundo Mariano mais alguns capangas que partiram pra cima deles com facas, facões e paus. Três morreram no local. Um outro, bastante ferido na cabeça, fingiu-se de morto. O quinto foi levado e mantido preso na casa dos responsáveis pela chacina. Ameaçaram matá-lo também, mas foram persuadidos a soltá-lo. Segundo o testemunho do que se fizera de morto, a mulher de Raimundo Mariano foi

[42] Nome fictício.

educação indigena CC.indd 165 26/10/2015 11:43:08

ao local da emboscada. Com o cabo de uma vassoura, ela cutucava e revirava os corpos dizendo: este está morto, este também está. Antônio Ferreira[43], que se fingira de morto, conseguiu chegar em sua casa no outro dia, cambaleando e arrastando-se por duas léguas. No grande golpe que ele levara na cabeça, nasceram bichos, pois a mosca da bicheira de cavalo havia pousado. Ele ainda está vivo. *[*Combinei com João Venança de visitá-lo, em uma próxima ida lá]. [...]*

Após tomarmos um copo cheio de chá, preparado enquanto conversávamos, tomamos a estrada de volta, rumo à Varjota.

Varjota e Tapera:

Chegando à Varjota, fomos à casa de Chico Nezinho, para articular a reunião que eu teria no fim da tarde com as lideranças da área, a respeito do projeto cultural, um dos principais motivos de minha vinda.

Depois, fomos encontrar Fernando na escola em que estava dando aulas. Eu havia manifestado ao João minha intenção de fazer algumas observações das escolas da área da Mata.

A escola José Henrique Neto funciona em um prédio municipal, padronizado, pintado de branco com azul escuro. Tem somente uma sala de aula. As outras dependências são a cantina, em que é preparada a merenda, dois banheiros e uma pequena sala que serve de secretaria geral e onde ficam guardados os materiais didáticos, os insumos da merenda e quaisquer outras coisas referentes à escola. Encontramos Joelma, coordenadora, que nos recebeu de forma simpática e discreta. Achei-a muito informal. Ela vestia bermudas e camisa *jeans* desbotadas. Um par de sandálias havaianas completava sua aparência de quem parecia estar em casa.

Sem querermos perturbar, abrimos a porta da sala de aula, onde Fernando escrevia ao quadro uma tarefa de matemática para os alunos. Com os pés descalços, ele vestia bermudas e uma camiseta estampada com a logomarca de um evento em defesa das áreas de manguezais. Sorriu ao nos ver pela porta entreaberta e nos convidou para entrarmos.

[43] Idem.

educação indigena CC.indd 166 26/10/2015 11:43:08

O azul-escuro pintado até meia-parede, a porta fechada e os combogós faziam a sala parecer mais escura do que talvez fosse, sobretudo para mim que estava chegando de fora, às 10h30. As cadeiras, aproximadamente umas 35, estavam distribuídas no entorno das paredes laterais e dos fundos da sala, voltadas à parede da frente, onde estavam a lousa, a mesa do professor e a porta de entrada.

Algumas poucas crianças trajavam-se com fardas de outras escolas, sobretudo de séries iniciais, como o maternal ou pré-escolar. Pareciam ter sido doadas por famílias ou parentes "de fora" que tiveram crianças naquelas escolas. Observei que, entre as crianças da Praia, Antoneide e Antoniel, filhos de Neide, professora, também se vestiam assim. Mas o restante das crianças veste-se com roupas tipo "passeio simples", que no caso deles, podem ser caracterizadas, fundamentalmente, por não estarem sujas e desabotoadas e darem uma aparência de compostura, diferentemente das roupas caseiras, mais despojadas, em que se admite um vestido desabotoado, sujo ou rasgado para as meninas, quando não ficam simplesmente de calcinhas, e apenas calções para os meninos.

Cartazes diversos estão expostos diretamente nas paredes. A maioria é de campanhas governamentais, contra a dengue, a AIDS etc. *[*Entrevistar as crianças, perceber suas reações aos cartazes]*

Fui apresentado à turma como "um professor da Universidade e pesquisador, de Fortaleza". Sentei-me em uma cadeira, no fundo da sala, em meio aos alunos, que me olhavam timidamente. Tentei perguntar os nomes dos que estavam vizinhos a mim. Eles sorriam, baixavam a cabeça, olhavam os outros vizinhos, embaraçados. Pela experiência anterior, aprendi que é preciso um tempo para que as crianças possam vencer a distância e se aproximem de estranhos.

Aceitando o convite de Fernando para contarmos alguma história aos alunos, João Venança foi à frente, na lousa, tomou um giz, e começou a rabiscar as ilustrações de uma história que contou. A história era de uma formiga que encontrou uma víbora morta. Tentou levá-la sozinha ao formigueiro, mas não conseguiu. Chamou então as outras companheiras. Juntas, finalmente, conseguiram transportá-la até lá. Encerrou, observando a moral da história: a importância de lutar juntos.

educação indigena CC.indd 167 26/10/2015 11:43:08

Uma das crianças maiores, depois de demonstração de timidez, cedeu ao pedido de Fernando e da turma para que também contasse uma história. Mas era impossível ouvir e compreender o que ele dizia, pois falava baixo e com um caderno na frente do rosto. Mesmo assim, ao final, foi aplaudido.

[**Tenho a impressão, pelo que observei até agora, que as formas de expressão dos alunos que estão sendo privilegiadas são as artes visuais, como o desenho e a pintura. A expressão verbal, a fala, a narrativa e outras formas de expressão que focalizem a oratória não parecem fazer parte das atividades didáticas nas escolas. *Verificar melhor*].

Terminada a aula, Fernando nos levou à casa de seus pais, Calixto e *dona* Elita, onde íamos almoçar. Encontramos Calixto sorridente, alegre por nos ver. Notei que ele bebera um pouco, pois estava eufórico mais que de costume, embora discretamente.

Antes do almoço, conversei com Fernando sobre a situação das escolas tremembés, obtendo o quadro abaixo:

Local/Escola	**Turmas**	**Nº Alunos**	**Professor(a)**	**Observações**
Praia: EID Maria Venância	-Pré-escolar e Alfabetização -1ª série. -2ª e 3ª séries -Alfabetização de Adultos	*	-Aurineide -Raimundinha -Silvana -Raimundinha, Neide e Dijé	Silvana está de licença maternidade, sendo substituída por Raimundinha. Somente Raimundinha recebe uma remuneração de R$60,00 da Igreja Presbiteriana, conseguida por Silvana. *A ser coletado.

educação indigena CC.indd 168 26/10/2015 11:43:08

Pana	-Alfabetização e 1ª série -Alfabetização de jovens e adultos	*	-Neide	Vilamar, professor, não está assumindo, por enquanto. *A ser coletado.
Mangue Alto	-Alfabetização		-Rosângela	
Varjota: Colégio José Cabral de Souza	-Alfabetização -1ª série -2ª série -3ª e 4ª séries -Alfabetização de adultos -Alfabetização de adultos -Alfabetização de adultos	150* (total)	-Conceição -Cristina -Lucélia -Dadinha** -Zé Valdir e Neta -Ana Lúcia e Graça -Ritinha e Ivonete	*Falta confirmar se esse n. de alunos inclui as turmas noturnas. As turmas de alfabetização de adultos têm uma dupla de professores. **Coordenadora.
<u>Tapera</u>: Escola José Henrique Neto* Casa do Tio Doutor Cabral	-Alfabetização e 1ª série -2ª série -3ª e 4ª séries -Alfabetização de jovens e adultos (noite) -Alfabetização de jovens e adultos (tarde)	97 alunos ±12 alunos ±12 alunos	-Fernando -Henrique -Joelma** -Evandro, Neto e Eudes -Eliésio e Zé Maria	*A escola tem o nome de um morador vizinho ao prédio, que doou o terreno. Ele era o contato dos políticos com a comunidade. É irmão do *seu* Estevão. Trabalha como vigilante na Ducoco. ** Coordenadora.
Passagem Rasa Casa do 'Finado Raimundo Aninha'*	-Alfabetização de jovens e adultos	±15 alunos	-Vilca	*A escola funciona na casa do pai da professora

No seminário de abril passado foi feito um censo sobre as escolas indígenas Tremembé e outros povos presentes, o qual foi entregue à Seduc. [**Pegar estes dados e checar com minhas anotações*]

educação indigena CC.indd 169 26/10/2015 11:43:08

Na *Batedeira* não tem escola indígena. Tem uma escola municipal. Os professores não assumem a luta indígena. Mas as crianças estudam lá. A escola tem crianças indígenas e não indígenas. Os professores são: Lúcia, Ronaldo (coordenador, "de fora", ligado à Ducoco), Naudir (ligado à Ducoco, chegou a dizer que iria mandar a lista de seus alunos à Seduc, para registrá-los como indígenas, mas desistiu) e Fátima.

No *Saquinho*, região da Praia, há um "colégio", mas não é indígena.

Plano de aulas: Fernando informou ainda que Tapera e Varjota elaboraram um plano de aulas neste bimestre, com a assessoria de Karla, que tem trabalhado na formação de professores em todas as comunidades. O plano foi somente "do lado de cá" *[Tapera, Varjota]* e não "do lado de lá" *[Praia, Panã, Mangue Alto, Saquinho, Passagem Alta, Barro Vermelho – que estão nas turmas do Panã]*

Professores efetivados pelo município: Dadinha e Joelma.

Salário: pouco acima do salário mínimo. Professores contratados, como o Fernando, recebem R$ 66,00 por 20 horas semanais de trabalho.

CPI[44] *do Fundef*[45]: Discorrendo sobre a situação da educação na atual gestão municipal de Itarema, Fernando relata a denúncia feita por Leni, vereadora do PSB de Itarema, contra o prefeito, na CPI do Fundef, por desvio de verbas. Ela estaria recebendo pressões e ameaças e, por isso, teria se licenciado por dois meses após as denúncias.

Fala também sobre o lançamento do PT[46] em Itarema e que o pessoal da área (Varjota e Tapera) vai reunir-se para conversar sobre o assunto.

Após uma pausa para o almoço, retomamos a conversa.

História de vida do professor Fernando:

[Alguns temas vão surgindo como importantes na minha compreensão da escola tremembé, de como ela se institui e se produz. As histórias de vida de professores me

[44] Comissão Parlamentar de Inquérito.
[45] Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental.
[46] Partido dos Trabalhadores.

educação indigena CC.indd 170 26/10/2015 11:43:08

permitem perceber como, no emaranhado das ações cotidianas, a escola vai sendo construída. O enfoque micropolítico que pretendo dar a essas cartografias da escola tremembé me impõe captar a construção da escola nos seus movimentos mais sutis, ciliares, e que passam pelas vidas de pessoas como Fernando.] [...]

Fernando tem 28 anos. Ele conta que dá aulas há seis anos. Estudou até a 4ª série na escola Cantinho da Criança, no Urubu (vizinho à casa do ex-prefeito de Itarema, José Maria Monteiro). Em 1988 interrompeu os estudos para ajudar o pai. "Vivia lá direto porque só tinha estrada pelo Itarema".

Já havia a escola José Henrique Neto, desde 1989. A professora Maria do Rosário ensinava 3 turmas. "*Só ela que sabia*". Ela fez até a 4ª série. Antes de ensinar nesta escola, ela ensinava em sua própria casa.

Quando Fernando retornou para a Tapera, os jovens que não tinham estudado se organizaram e pediram ao Fernando para ensiná-los. Calixto, pai de Fernando, também havia estudado, mas não tinha paciência para dar aulas.

Os jovens procuraram a professora pedindo que ela aceitasse Fernando dar aulas para eles na escola. Ela aceitou, mas disse que seria preciso falar primeiro com a Secretaria de Educação do município. Fernando, então, ensinou a 2ª série à sua primeira turma, em 1989.

Os alunos abandonavam a escola porque tinham que ajudar os pais. Havia sido este, anteriormente, o caso de Fernando, que além de ter que ajudar o pai, tinha que comprar farda e material escolar, se quisesse continuar os estudos em Itarema. Por isso, ele abandonou a escola quando terminou a 4ª série, no Urubu.

Os alunos pediram ao Fernando que ensinasse à noite.

Muitos alunos abandonaram as aulas porque foram para Fortaleza, outros porque casaram. Havia também muita opressão da Ducoco sobre as famílias da área, obrigando os jovens a terem que buscar meios de sobrevivência em outros lugares.

[**Os casamentos seriam formas de amenizar os problemas de sobrevivência do grupo familiar, que, naquelas circunstâncias de invasão das terras pela Ducoco, não ofereciam possibilidades de sobrevivência de famílias numerosas, tornando o casamento uma "política de redistribuição de pessoal"? Por que tantas migrações para*

educação indigena CC.indd 171 26/10/2015 11:43:08

*Fortaleza? Por que é muito comum que as moças, sobretudo, migrem para a capital e trabalhem como empregadas domésticas, como escutei de alguns? (*aprofundar)*]

Em 1990, Fernando parou de dar aulas. Foi para Fortaleza. Trabalhou durante cinco meses como servente de pedreiro, no bairro Bom Jardim, na construtora Metro, pertencente ao Grupo Ducoco. Ficou seis meses em Fortaleza e veio embora.

De volta à Tapera, em 1991, casou, constituiu família "para fazer tremembés".

Em 1992 recomeçou a dar aulas, alfabetizando crianças, na mesma escola. A remuneração era feita pela prefeitura, "uma mixaria, mais ou menos meio salário". Foi somente aquele ano. No ano seguinte, era campanha política. Com a mudança do prefeito e a entrada de José Maria Monteiro, Fernando foi cortado. Chegou a fazer concurso mas não passou. Teve que sair.

Ficou 1993, 1994, 1995 e 1996 sem dar aulas.

[*Tenho claro que meu referencial teórico, a Micropolítica, me indica a olhar as relações micropolíticas e não tematizar o Estado, por exemplo. Mas como é possível deixar de lado a análise dos embates dos Tremembé com o Estado, quando este se impõe, em nível da investigação, como um interlocutor decisivo, como foi neste caso em que Fernando deixou de dar aulas exatamente por imposição de fora, da máquina administrativa do Estado municipal, a prefeitura, o prefeito? Talvez o que possa fazer é evitar enfocar, em minhas análises, o Estado enquanto instituído e privilegiar as ações dos agentes individuais, das pessoas que estão no comando destas máquinas. Ocorre-me agora fazer uma separação entre Estado e Governo. Talvez Foucault possa me ajudar em suas concepções sobre 'governo'. (*Ler, aprofundar)*]

Durante o tempo em que ficou sem dar aulas, Fernando trabalhou na "firma" (Ducoco), com o motor de irrigação. Seu trabalho era ligar o motor. Ganhava menos de um salário mínimo e não tinha carteira assinada (pois a "firma" só assinava após três anos). Trabalhou um ano e seis meses, aproximadamente. Em outras épocas, havia trabalhado lá por temporadas, um ou dois meses.

Durante este tempo, em que só trabalhou na Ducoco, Fernando teve dois filhos com sua mulher, Piedade Maria Bezerra dos Santos.

A partir de 1997, Fernando retomou o trabalho de professor. Ensinou a 1ª série para crianças, na mesma escola de antes.

educação indigena CC.indd 172 26/10/2015 11:43:08

Pergunto o que ele fez para retomar o trabalho, se houve influência de Silvana e Valter.

Fernando responde que "*não, porque no começo eles não andavam por aqui, ficaram mais pela Praia*".

Pergunto se teria sido, então, pela influência de Karla.

Ele diz que "*foi pelo apoio da comunidade mesmo*".

Enquanto conversávamos, um jovem, primo de Fernando, evangélico, que chegara após o almoço, fazia uma "pregação" para João Venança, que repousava no tucum da sala mais adentro, e que sequer escutava o que o rapaz dizia, permanecendo silenciosamente indiferente, folheando uma revista que apanhara na estante que se encontra naquela sala. Calixto, que antes se mantivera também em silêncio, começou a interpelar o rapaz, questionando-o sobre sua atitude de querer converter os demais. Disse que o conhecia, que ele era da família, e que ele "não tinha moral" para querer converter ninguém porque fora evangélico, voltara a ser cachaceiro e, agora, novamente, tornara-se crente. Além do mais, dizia ele, "eu sou católico, não sou um ignorante, como você tá pensando". O rapaz se defendeu como pôde, argumentando que fora pelo poder de Jesus que ele havia retornado à vida evangélica. Calixto pediu que ele fosse pregar em outro lugar, porque ele não estava respeitando "o nosso jeito de ser". O rapaz argumenta que ele está pregando por mandado do evangelho, que impõe a missão de pregar a todos. Calixto vai-se irritando cada vez mais. Talvez por causa da bebida, sua paciência e sua doçura costumeira se esgotam e ele, praticamente, mandou o rapaz sair de sua casa. O rapaz passou ao nosso lado, pois estávamos juntos à porta de entrada, sem nos perceber. Seu olhar sisudo só enxergava a saída da casa. Em seu semblante misturavam-se doses de desilusão, indignação, desconforto e, talvez, raiva.

Fernando tentou explicar a atitude agressiva do pai com aquele primo, Domingos Cabral de Souza.

A história começou quando ele formou uma associação contrária às lutas da comunidade indígena, prometendo projetos. Ele havia se aliado à candidata a prefeita de Itarema, Ana Rita. Domingos dizia que se a prefeita ganhasse iria acabar com a comunidade indígena. Quem ganhou a eleição foi o outro

educação indigena CC.indd 173 26/10/2015 11:43:08

candidato, Chico Lagoa[47], apoiado pela comunidade indígena. Chico Lagoa, em contrapartida pelo apoio recebido em sua eleição, enviou o secretário de educação para informar-se e resolver o conflito entre a associação de Domingos e a comunidade indígena.

Joelma, atual coordenadora da escola, era da associação, junto com sua família. Ronaldo, professor da escola da Batedeira, também. Eles foram espertos. O secretário enviara um representante, que não conhecia ninguém na área. Ele trazia uma carta para um professor da comunidade comparecer a uma reunião com o secretário e o prefeito, para nomear o coordenador da escola. Uma antiga professora, Maria do Rosário, soube da carta, mas não quis assumir a coordenação da escola porque ela era da associação, portanto contrária ao prefeito eleito, contra quem fez campanha aberta. Sabia que não seria aceita pelo prefeito. Joelma recebeu a carta, pois ela havia trabalhado em 1996 durante seis meses na escola.

Estes acontecimentos se deram no início de 1997. Era a época de preparação às aulas. De posse da carta, Joelma compareceu à reunião, em que foi nomeada coordenadora da escola e autorizada a contratar temporariamente dois professores. Ela contratou Raimundo Henrique e Ronaldo.

Joelma passou nas casas fazendo nova matrícula dos alunos. Mas o pessoal da comunidade não aceitava. Como ela já tinha a antiga matrícula, de 1996, ela fez uma lista de alunos, mesmo sem o consentimento da comunidade, e a levou à Secretaria de Educação, à revelia do pessoal. "*Ela pensava que a comunidade era desorganizada*".

A comunidade mandou uma carta ao secretário relatando o problema. Ele marcou, então, uma reunião, que aconteceria no colégio da Varjota, com a comunidade e a associação. Mas o secretário atrasou muito. O pessoal da comunidade foi embora. Só ficou o pessoal da associação, que se apresentou como "comunidade" ao secretário.

[47] Nome fictício.

educação indigena CC.indd 174 26/10/2015 11:43:08

No dia seguinte, *dona* Elita, *dona* Júlia, *dona* Vicença e Fernando foram a Itarema. Reuniram-se com o secretário de finanças, representante do prefeito (que estava ausente). Contaram o que havia sucedido. Disseram que não queriam aqueles professores ligados à associação. Fernando foi apontado pelas mulheres como o professor da comunidade. Na presença deles, o secretário de finanças ligou para o secretário de educação, Raimundo Loureiro da Guia, o Didi, colocando o problema: que ele, Didi, esteve lá mas só conversou com um lado da comunidade, a associação; e indicou o nome de Fernando para ser professor.

Joelma foi chamada a Itarema. Ela havia nomeado dois parentes seus [que ainda permanecem trabalhando na escola]: Raimundo Henrique, seu tio, como professor, e "Princesa", sua tia, para zeladora. O secretário solicitou que ela dispensasse um dos professores. Ela dispensou o Ronaldo, que nem chegou a trabalhar. Fernando passou a ocupar sua vaga, desde então.

Interrompi a conversa com Fernando para irmos a Batedeira, visitar o Dandão. Passamos na casa do *seu* Estevão, que foi conosco. A visita à casa de Dandão tinha como objetivo informá-lo de como andavam os preparativos para a gravação do cd e gravar algumas músicas dele que o João não lembrara no dia em que gravei as músicas possíveis, que fariam parte do cd. *[...]*

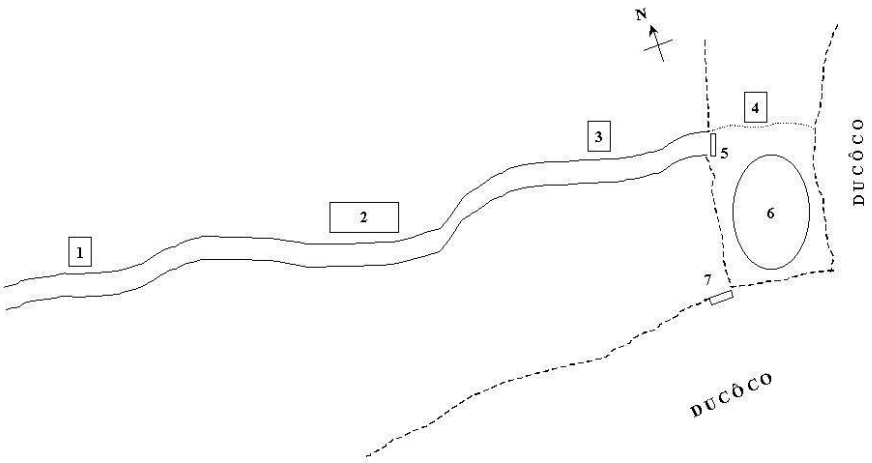
Voltamos da casa do Dandão e fomos direto à casa de Diraína, localizada no final da mesma estrada onde estão as casas de Calixto, a escola e a casa de *seu* Estevão. *[...]*

Diraína havia nos convidado para bebermos água de coco em sua casa. Chegamos no fim da tarde. Ficamos na parte da entrada, que é uma simpática e larga varanda. Plantas diversas, destacando-se trepadeiras como jiboias, embelezam o lugar e tornam a casa de Diraína única. Não lembro de ter visto em nenhuma outra casa tantas plantas na entrada. Estávamos presentes eu, João Venança, Cosme, Fernando, *seu* Estevão e Zé Raimundo, que viera a pé da Praia, chegando por volta das 15 horas. Alguém do grupo havia trazido uma *quartinha* de Colonial, que eu tomava alternando com a água de coco.

[...]

educação indigena CC.indd 175 26/10/2015 11:43:08

Mapa da área da Tapera:



1. Casa de Seu Calixto
2. Escola José Henrique Neto
3. Casa de Seu estevão
4. Casa de Diraína
5. Cancela do terreiro de Diraína
6. Lagoa do terreiro de Diraína
7. Cancela que dá acesso à Ducoco

Escala aproximada: 1cm = 400cm

Provérbios e adivinhações:

A conversa na casa de Diraína foi bastante descontraída. Falei a ela sobre o projeto cultural, avisando-a que uma amiga minha, Adélia Pinto, iria produzir um livro com as histórias dos Tremembé. A um certo momento, começamos a contar histórias engraçadas. Assim é que pude escutar deles algumas adivinhações.

"Sou filha d'uma nêga preta
Sou branca que nem prata
Quem bebe meu sangue morre
Mas quem come minha carne escapa"
Resposta: mandioca.
(Anônimo, por Diraína)

educação indigena CC.indd 176 26/10/2015 11:43:08

"Nasci nos campos queimados
Me criei sem comer pão
Tenho vinte e cinco dedos
Na palma da minha mão"
Resposta: milho.
(Anônimo, por Diraína)

"Nasci nos campos queimados
Me criei sem ter raiz
Quem não souber meu nome
Morre de velho e não diz"
Resposta: cherco de passarinho,
um parasita vegetal que vive em plantas como as ateiras.
(Anônimo, por Fernando)

"Uma Segunda bem feita
Uma Terça com uma Quarta dentro
Uma Quinta bem fulorada
Uma Sexta com um 'Sabão' dentro"
Resposta: A semana
(Anônimo, por Zé Raimundo)

"Eu tenho meu vestido verde
De mangas cocucutadas
Quem souber que assoletre
Babado manga com água"
Resposta: mangaba
(Anônimo, por Zé Raimundo)

[...]

"Tem palmo, tem palmo e meio
Tem beira e tem carapuça
Quando bate no pinguelo
A bola do cu soluça"
Resposta: espingarda.
(Anônimo, por Diraína)

educação indigena CC.indd 177 26/10/2015 11:43:08

"Me levantei à meia-noite
Barbateando no escuro
Caçando o seu buraco
Prá meter meu prego duro"
Resposta: fechadura.
(Anônimo, por João Venança)

[...]

"Verde por fora
Roxo por dentro
Cabelo no meio
Com o pinguelo dentro"
Resposta: flor de maracujá.
(Anônimo, por Diraína)

Já passava das dezoito horas, quando saímos da casa de Diraína, que me presenteou alguns cocos verdes. Prometi retornar em outra visita, para conversarmos mais e registrar outras adivinhações, provérbios e histórias.

Fomos à casa do Chico Nezinho apressadamente, pois já estávamos bastante atrasados para a reunião que havíamos combinado com as lideranças sobre o projeto cultural. Tivemos que ir à casa de Zé Valdir e Diana chamá-los novamente, pois já haviam ido embora. Tinham chegado pelas 4h30 da tarde. Eles retornaram com muita disponibilidade.

Reunião sobre o Projeto Cultural:

Local: Centro Cultural da Varjota

*[*Descrever depois a história de conquista deste espaço e fazer uma planta baixa de suas dependências. Situá-lo em um mapa, que devo elaborar, da área]*

Na sala principal, as cadeiras estão organizadas em um círculo. Uma lâmpada a gás butano está pendurada na tesoura de madeira que sustenta o telhado. As paredes têm pinturas feitas por Maria Rosa e Navegantes (mulher de Chico Nezinho), tendo como motivos flores, plantas e frutos locais. Cartazes de campanhas de saúde pública, como o da AIDS ("Assim pega, assim não pega")

educação indigena CC.indd 178 26/10/2015 11:43:08

também compõem a "decoração" das paredes. O chão é de cimento polido. As portas e janelas são pranchas retas, austeras e rústicas feitas em madeira e estão pintadas de azul-escuro. As paredes são brancas, caiadas.

Compareceram à reunião (a partir da minha esquerda) Zé Valdir, Cosmo, Diana (mãe de Zé Valdir), Chico Nezinho, Marciano, Fernando, João Venança, Maroca, Zé Raimundo, João Marciano, Zé Lagoa, Maria Rosa, entre outros que chegaram após o início da reunião.

João Venança fez a abertura da reunião, após minha intervenção para que ele o fizesse. Eu estava preocupado com a noite que se adentrava e com o atraso que causáramos. João justificou o atraso com verdade e transparência desconcertantes: "estávamos na casa de Diraína, tomando água de coco e contando piadas". Diz aos presentes que eu sou o nome de algum bicho que não consegui entender, mas que sugere astúcia, que sou *danado* de observador, vivo, curioso.

Sobre o projeto: 15 pessoas para o CD e 15 para a rádio.

Nomes sugeridos: Neta, Luís Caboco e Zé Valdir, entre outros.

Relato meu contato com os Tremembé, desde o encontro de *Artistas da Caminhada*, em Itapipoca, em novembro de 1992, passando pelo conflito com Francisca Adelaide e chegando à pesquisa sobre a escola.

Descrevo o projeto, seu histórico, os produtos previstos, a equipe de técnicos e suas funções, as intervenções que o projeto deverá provocar na comunidade. Falo da cultura Tremembé como fonte de geração de recursos financeiros, ao lado das outras funções já existentes.

Respondo à pergunta de Zé Valdir, sobre "se a música Tremembé tem tanta força assim", dizendo das experiências que observei e vivenciei. Ressalto a última viagem que fizera a Salvador para ministrar uma oficina de músicas e danças tremembés e fazer um *show*.

Sugeri que a comunidade refletisse, discutisse o projeto, suas exigências e consequências e que, ao final de agosto, deliberasse definitivamente sobre o projeto.

educação indigena CC.indd 179 26/10/2015 11:43:08

A reunião continuou com os informes de João Venança sobre uns kits de banheiros ofertados pela FNS e sobre a situação da comunidade de Capim-Açu, que vivia uma crise, deflagrada pelo *seu* Pedro Teixeira contra seu irmão, Augustinho Teixeira.

Fernando me pediu para deixá-lo em casa. Na volta, encontrei Diana na porta da sala. Conversamos um pouco. Ela me perguntou sobre minha separação. Contei-lhe o que havia acontecido.

Maria Rosa também veio ao meu encontro. Sinto muito carinho e amizade pelas duas, e sinto também que sou retribuído. Perguntei a Maria Rosa sobre seu novo casamento. Ela disse que não havia casado. Os Tremembé usam a categoria "se juntou" para referirem-se a uniões não oficializadas, como o matrimônio. Por isso, Maria Rosa dissera que não havia se casado.

Finda a reunião, fomos à casa de Chico, que nos convidou para comermos alguma coisa antes de pegarmos a estrada de volta à Praia: algumas pelombetas fritas com tapioca, preparadas por Navegantes. A lamparina sobre a cadeira no centro do alpendre alumiava os peixes, que eu comia tentando me livrar de engasgos com alguma espinha traiçoeira.

Enquanto dividíamos a comida entre nós, - João, Cosme, Zé Raimundo e eu, - Chico Nezinho expressa sua avaliação sobre a reunião, considerando-a muito positiva.

Tomamos o caminho de volta para a Praia, às 21h30. A noite escura revelava, pelo contraste dos faróis do Ataualpa (é o nome carinhoso que pus no meu buggy), a péssima condição da estrada. Saber que estávamos em terras invadidas pela Ducoco suscitava em mim sentimentos de revolta e insegurança, embora não concebesse a possibilidade de uma emboscada, por não existirem sinais explícitos de qualquer ameaça, até agora.

João faz sua avaliação também da reunião, endossando a opinião do Chico. Expressa sua preocupação com o Capim-Açu, reconhecendo que os problemas advêm, em parte, da falta de acompanhamento mais constante por parte dele e das lideranças da Mata. Projeta uma visita "em breve".

Falamos sobre sua ida ao Cantinho, meu sítio na serra de Aratuba, e uma visita aos Kanindé, que moram na região. João manifesta seu desejo de ir a

educação indigena CC.indd 180 26/10/2015 11:43:08

um aniversário que aconteceria entre os Pitaguary. Reconhece que sua situação financeira, porém, coloca obstáculos. Fala de um dinheiro que tem para receber, de umas redes de pesca que vendeu. Eu falo que, se ele precisar de dinheiro para a viagem, posso emprestá-lo. Ele agradece e diz que prefere ir quando estiver "desapertado". A situação financeira de João está realmente precária. Ele não dispõe atualmente de nenhuma fonte de renda e não realiza nenhum trabalho em proveito próprio, que possa lhe dar retorno financeiro, pois quer permanecer livre para o "trabalho de articulação".

Agora estou na escola da Praia, onde dormirei. Zé Raimundo trouxe farofa de peixe e uma leiteira com suco de limão adoçado *no limite*.

Dividi a refeição com Cosmo que, num primeiro momento, agradeceu e recusou. Sua posição talvez traduzisse regras locais de polidez com hóspedes importantes, como imagino que ele me veja. Poderia ser também que a recusa tivesse uma razão óbvia: Zé Raimundo trouxera apenas um prato, uma colher e um copo. A comida seria para mim.

Impressiona-me sua sensibilidade, sua atenção, o bem-querer discreto que ele e Dijé me dispensam. Eu realmente desejava comer um pouco mais, mas não dissera nada, já tinha aceitado que, naquela noite, o cansaço alimentaria nossa fome e o sono reporia nossas energias. Zé Raimundo me revelava, a seu modo, que as aparências podem confundir. Pois quem vê como os Tremembé tratam suas visitas, com naturalidade e descrição que quase beiram a indiferença, por não dispensarem atenção demasiada ou formal aos que chegam, talvez não consigam imaginar um homem que, sem ser interpelado, não permite que seu hóspede durma, depois de uma jornada puxada, sem alimentar-se à saciedade.

10 de agosto de 1999

Manhã

Após o asseio matinal tradicional, escovação dos dentes e lavagem do rosto com uma caneca d'água, arrumo a sacola e me preparo para pegar a estrada. Desarmo a rede, sempre emprestada por Raimundinha, sempre limpa, com cheiro de lavada. Deixo-a dobrada sobre uma das cadeiras dos alunos.

educação indigena CC.indd 181 26/10/2015 11:43:08

Tomei o café de sempre, na casa de Dijé: café com tapioca.

Zé Raimundo decidiu viajar comigo até Amontada para buscar Nina, que fora passar o fim de semana na casa de um casal amigo.

24 de agosto de 1999[48]

Conversa com Karla.[49]

[...]

Envolvimento com a Questão Indígena [Itinerário de Karla]:

É assistente social.

Queria fazer, de sua vida, uma coisa diferente.

Trabalhou na barragem de Itaparica. Sabia que tinha índios em Pernambuco.

Júnior, um amigo seu, foi quem lhe apresentou aos índios. Decidiu, então, trabalhar com índios no Nordeste.

Antes, tinha uma visão exótica: desejava ir à Amazônia, aprender outra língua, morar na selva.

Tinha uma dúvida: o que fez os índios do Nordeste tão discriminados, por não atenderem ao estereótipo.

Fez algumas leituras sobre índios, como o livro de Manuela Carneiro da Cunha [*Antropologia do Brasil*].

Pensou em conhecer os Xukuru, mas acabou por conhecer os Tremembé.

[48] Caderno de Notas 1999-2000, p. 13-20. Digitado em 6-7 de setembro de 2002.
[49] Karla Virgínia Monteiro Cavalcante, missionária da Igreja Metodista. Teve relevante atuação no fortalecimento da EDITE e dos processos de subjetivação tremembé entre janeiro de 1997 e junho de 2002.

educação indigena CC.indd 182 26/10/2015 11:43:08

Pergunto se ela esteve na Amazônia como missionária da Igreja Metodista. Ela diz que não, que foi por conta própria. Mas solicitou apoio da Igreja.

Teve contato com Saulo, pastor da Igreja Metodista, que falou positivamente da OPAM [...][50]

Pergunto como foi trabalhada a questão indígena ao longo de sua formação. Ela responde que se tratava a questão como "coisa do passado", "exótico". Ouvia falar dos *Fulni-ô*, de Palmeira dos Índios/AL. Recorda figuras exóticas, diferentes de sua infância.

Durante a faculdade, fez leituras de Florestan Fernandes sobre mudança social, mas não leu as obras antropológicas.

Leu um livro, *Enterre meu coração na curva do rio*, emprestado por um sociólogo, sobre o massacre dos povos indígenas da América do Norte [...]. Era a primeira vez que tinha acesso a uma reflexão sobre os massacres indígenas.

Peço para retornarmos ao Nordeste.

No segundo semestre de 1996, teve contato com o movimento indígena no Ceará. Foi um encontro de lideranças tremembés na casa da irmã Iolanda[51], em outubro, organizado pela *Operação Tremembé*. (Foi Saulo quem fez a intermediação entre a *Operação Tremembé* e Karla). Neste encontro, os tremembés presentes entrevistaram Karla.

Pergunto sobre o que ela sabia a respeito da situação geral e da questão específica da escola tremembé. Ela responde que "não sabia o que ia fazer". Diz que recebeu uma proposta: começar com um trabalho de educação com eles.

Lembra que a primeira vez em que esteve na Tapera, Fernando e Evandro disseram que viviam *aperriando* Francisca Adelaide pela escola, dizendo que um grupo de rapazes tremembés queria *ensinar*. Constatou que, na verdade, eles queriam *estudar*. Lá, fez reunião com os jovens. Recorda a presença

[50] Operação Amazônia, me parece. Trata-se de um projeto de apoio aos povos indígenas da Amazônia, do qual a Igreja Metodista participa.

[51] Assim é conhecida a Casa de Encontros desta senhora, que tem abrigado inúmeras reuniões do movimento indígena no Ceará.

educação indigena CC.indd 183 26/10/2015 11:43:08

constante dos *velhos* nas reuniões. Finalmente, conseguiu fazer uma reunião somente com os jovens que, avalia, eram muito tímidos. Chegou lá em 31 de janeiro de 1997. Constatou a heterogeneidade da situação: havia alunos em faixas diferentes de escolarização.

Pergunto sobre Silvana e Valter. Ela diz que, no início, "fugiu deles". Já havia um *conhecimento anterior.*[52] Francisca Adelaide comentava que eles queriam, no futuro, abrir uma igreja lá.

No calendário de visitas às comunidades, a última foi marcada na Praia. João Venança marcou, no mesmo horário, uma reunião com Silvana e Valter e a comunidade.

Ela tinha ouvido falar que Silvana e Valter questionavam "como é possível uma pessoa só dar conta de dar aulas em todas as comunidades". Ela percebeu que havia uma *jogada* do João, que não se decidia sobre Silvana e Valter, e propôs que João fizesse uma reunião específica com Silvana e Valter. João, então, desmarcou com Silvana e Valter e fez a reunião com ela e a comunidade, na casa dele.

Na reunião, tratou-se da escola. As comunidades apresentavam a situação e sugestões de nomes de professores. João não sugeriu os nomes de Silvana e Valter. Lizete sugeriu o nome de Raimundinha. Dijé foi contra. Disse que ela tinha meninos.

Pergunto se Dijé já era favorável a Silvana e Valter. Karla responde que acha que sim, pelos benefícios que a presença deles poderia trazer para a Praia [...]

O levantamento inicial apontou 191 adultos querendo estudar. "Todo mundo queria estudar! A princípio parecia que ninguém estudava".

[52] A aceitação de Silvana e Valter, me parece, marcou o início de um movimento de *desobediência* em relação a Francisca Adelaide. Isto se deu na Praia, em fins de 1996. Interessante perceber que a intenção – e as realizações mais significativas – de Silvana se deram em torno da reorganização da escola. Reorganização porque, nos anos anteriores de 1991 e 1992, por iniciativa da própria comunidade da Praia, eles tinham sua escola. Portanto, *é em torno da conquista da escola que se dá início a um processo inusitado de autonomização e singularização Tremembé, no grupo da Praia.*

educação indigena CC.indd 184 26/10/2015 11:43:09

Ela iniciou os trabalhos fazendo uma avaliação da experiência escolar deles. Fazia contas, ditados de números, redação de bilhetes. Descobriu que eles tinham sérias dificuldades na escrita.

Pergunto se havia diferença entre esta reunião, na Praia, e as outras reuniões realizadas nas outras comunidades.

A diferença é que nos outros lugares havia propostas. Na Praia, o processo estava emperrado. "O João emperrava". Ela reconhece que, inicialmente, havia dificuldades com ele.

Pergunto se João estava em conflito interior pela decisão que iria tomar posteriormente: acolher Silvana e Valter. Karla acha que talvez sim, por não desejar *peitar* Francisca Adelaide.

Sobre sua experiência como professora, ela trabalhou no SESI[53], com o Supletivo. Criava condições para o planejamento dos professores se efetivar. Teve também outras "experiências leves" de formação de professores.

Retomando a histórias do processo de *implantação* das escolas, recorda que as primeiras reuniões com as comunidades aconteceram no início de 1997. [...] Em maio, com Evaldo, antropólogo contratado pela *Operação Tremembé*, começam as reuniões de trabalho. Durante as 2ª, 3ª e 4ª feiras, desenvolviam atividades na Praia. A 5ª, a 6ª feira e o sábado estavam na Mata [Tapera e Varjota], que demandava mais trabalho por ser uma região maior [...]

Pergunto sobre o porquê, na visão dela, de Francisca Adelaide não querer Silvana e Valter lá. Ela responde que era porque, formalmente, seria outra *entidade* na área. Sobre o conflito, que estourou depois, ela acredita que tem como pano de fundo Silvana ter tentado estar presente como Igreja Presbiteriana [...]

Pergunto em que, ao ver dela, a escola iria contribuir? Era a mesma expectativa dos tremembés? Ela crê que "a escola proporciona ver as coisas deles como coisas bonitas" e que "a escola legitima, fortalece o próprio torém". Ressalta a *beleza*, o fortalecimento da *autoestima*, e a *valorização* da *cultura* tremembé.

[53] Serviço Social da Indústria.

educação indigena CC.indd 185 26/10/2015 11:43:09

Peço a ela alguns indicativos do fortalecimento da autonomia dos tremembés, proporcionada pela escola. Ela aponta as mudanças na *expressão*, no *comportamento* dos jovens. Cita Zé Maria (professor), que foi indicado para concorrer na chapa do CITA.

Ela avalia que a escola provoca a produção de informação sobre as histórias dos Tremembé.

E, ao ver deles, que contribuições a escola pode trazer? Ela me conta sua experiência com os *Kulina*, no Amazonas, que queriam construir uma escola próxima à ribanceira, apesar do risco, para os *outros* saberem que eles tinham escola. Para os tremembés, diz ela, os professores passam a ser vistos como novas lideranças. Também por órgãos do Estado, como a FNS.

Entre outros efeitos, a escola produz a "recuperação", a reelaboração dos saberes tradicionais; a sistematização dos saberes atuais; visibilidade do povo Tremembé; o fortalecer e a emergência de novas lideranças e mudanças nas práticas culturais relativas à linguagem ("português correto"), saúde etc. [...]

Volto a falar sobre a mudança e pergunto se ela está fortalecendo a *autonomia*. Karla fala da mudança na dinâmica, no tempo. "O povo não tá se dando conta da rapidez com que as coisas estão se dando por lá".

Falo das contradições próprias das mudanças. Pergunto se os benefícios são maiores e fortalecem relações de autonomia. Ilustro a questão com o vínculo entre as escolas e a Prefeitura [através de um relativo apoio que a Secretaria de Educação do Município passou a dar, como uma parte da merenda, algum material didático e a remuneração – embora com uma quantia irrisória – de alguns professores]. Não obstante as contradições e as determinações vindas *de fora*, do Estado e seus órgãos, a escola fortalece a autonomia? Digo que é importante avaliar. Complemento com um desdobramento da questão: partir de *escola nenhuma* para *uma escola*, mesmo não ideal, não é um avanço? Karla afirma que sim. A merenda pode ser vista como indicativo, assim como a construção do prédio da escola? Karla diz que eles reconhecem isto como conquista.

Ela ressalta a capacidade dos tremembés de se relacionar com o *contraditório* da política: "Eles são extremamente estrategistas". Observa a presença do Partido dos Trabalhadores na Área.

educação indigena CC.indd 186 26/10/2015 11:43:09

Sobre a capacidade de determinação dos conteúdos ensinados, ela diz que eles sabem que têm, em princípio, o poder de fazer os próprios conteúdos. Mas falta ainda acreditar em *outra coisa* diferente dos conteúdos da escola tradicional. Talvez por medo das retaliações por parte da Secretaria de Educação de Itarema. Ela reconhece que existem espaços para fortalecer a autodeterminação e a *autogestão,* "mas, às vezes, eles não usam a força que têm" [...]

31 de agosto de 1999

[...] Viagem para Almofala

**Descrever depois:*

- *-Estrada, distâncias, lugares, paisagem [...]*
- -Tour *pela sede de Almofala (Igreja etc)*
- *-Estrada da comunidade da Praia: dunas, cercas, becos apertados [...]*
- *-Apresentação de Adélia Pinto [doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Faced/UFC, que viera comigo conhecer os Tremembé] [...]*

Conversa sobre o Torém

Participantes: *dona* Maria Venança (Quitéria), Dijé, Zé Raimundo, Raimundinha, *seu* Raimundo. Crianças: Nina, Silene, Venancinha, "Marrom", Samires.

Pergunto sobre as músicas do torém com coreografia de animais. Eles me apontam as seguintes: "Ai ô prêprê cê guaxuré" (guaxuré/guaxinim); "Caninana boinguê" (caninana/cobra); "Brandim poti" (poti/camarão); "Aranha tecedeira" (aranha).

Sobre a coreografia da Aranha, particularmente, eles me informam que em roda, qualquer dos participantes, com exceção do *versador*[54], que permanece

[54] Categoria usada por eles próprios para designar a função daquele que *puxa* os versos improvisados.

educação indigena CC.indd 187 26/10/2015 11:43:09

sempre no centro, pega alguém da roda e dança, no lugar em que está esta pessoa. Depois, cada um procura outro par. Assim, vão tecendo a teia. [...]

Chegada de Rosângela e Neide (professoras do Mangue Alto)

Conversamos sobre o Curso Supletivo de formação de professores em Acaraú, coordenado pelo CREDE-03:

Elas informam que o curso *Agora eu sei* não é específico para professores indígenas, que dura dois anos e que tem equivalência ao magistério. O estudo é feito com apostilas, em casa.

Vão fazer no Acaraú por causa da conjuntura problemática nas relações entre os professores Tremembé e a Secretaria de Educação de Itarema. Acaraú acolhe os professores Tremembé. Mas teriam que estagiar lá, não em Itarema. O CREDE não fará visitas aos professores Tremembé, pois não pode passar por cima da Secretaria da Educação de Itarema. [...]

Questionadas por Adélia sobre o assunto, Rosângela e Neide respondem que os professores Tremembé preferem uma vinculação à Seduc do que à Secretaria de Educação de Itarema, por causa dos conflitos atuais [com a nova secretária, que não apoia as escolas tremembés, como o secretário anterior]. Conversamos brevemente sobre os problemas da municipalização da saúde e da educação para os povos indígenas. A reivindicação destes é que aqueles serviços estejam sob a responsabilidade do Estado.

Sobre a continuidade do projeto de formação de professores tremembés, a OT não deu continuidade, após a ruptura de Francisca Adelaide com Karla.

A Seduc ainda não atendeu a reivindicação para implantar o curso de Magistério Indígena. Francineide, coordenadora, prometeu kits escolares (lápis, caneta, papel) para professores, mas ainda não chegaram. Ela esteve em julho passado na área.

Rosângela e Neide não sabem se estão programados novos cursos (mesmos esporádicos) de formação de professores, como o ocorrido em abril passado.

A OT optou por deixar o curso de formação de professores a cargo da Seduc.

educação indigena CC.indd 188 26/10/2015 11:43:09

Rosângela e Neide estiveram em Acaraú, na sede do CREDE. Conversaram com Maria Bianchi[55], diretora. Ela lhes falou do show que fiz lá na segunda-feira passada, dia 30. Elas obtiveram respostas positivas quanto à participação dos professores tremembés no curso "Agora eu sei".

Adélia entrevista Dijé

Sobre o que tem de *diferente*, de *específico*, de *Tremembé* na escola indígena, Dijé acha que é a relação entre os adultos da comunidade e as crianças: são tios, sobrinhos, filhos. Estas relações familiares transcendem o ambiente doméstico são transportadas para o espaço de sala de aula: os acontecimentos, as relações entre adultos e crianças, as brincadeiras. "Parece o torém, é uma brincadeira".

*[*Parece que entre eles esta separação entre o* doméstico *e o* público *não é acentuada, quando não, simplesmente inexiste. Não é que a escola reproduza o ambiente doméstico nas relações familiares. Na verdade, ela é a extensão, a continuidade, uma outra face de um único ambiente]*

*[*Aprofundar o que seja* brincadeira *para eles, seu sentido na vida social dos tremembés. Que eles são muito lúdicos e alegres, isto é evidente. O trabalho do Gerson Júnior, mestre em sociologia pela UFC e atualmente doutorando em antropologia pela PUC/SP, tem como título* Torém: a brincadeira dos índios velhos. *Mas acho que ele não aprofunda o sentido desta categoria. Aliás, Júnior ocupa-se em mostrar que a* brincadeira *tem uma intenção muito* séria*: uma luta política por reconhecimento e usufruto dos direitos vinculados a este reconhecimento.]*

Dijé relata que quando ela vai à sala de aula, as crianças pedem ajuda para as tarefas. Ela ajuda, mas às vezes, diz "se virem"!

Zé Raimundo relata sua experiência de escolarização

Foi em uma escola do município, em Barro Vermelho. Acha que o nome da professora era Maricô. Estudava a cartilha do ABC. Estudou "uns dois meses". Deixou porque "levou uns bolos de palmatória" e revidou com um tapa na cara da professora, após "levar 6 bolos em uma das mãos".

[55] Nome fictício.

educação indigena CC.indd 189 26/10/2015 11:43:09

Antes, passou em outras escolas, mas "pouco tempo: um mês, dois mês, três mês". Acha que "tinha a cabeça de pau". Não sabe "se as escolas não ensinavam direitinho, pra gente aprender, ou se a gente é que era rude".

Ia à escola com uma irmã e uma prima, "que também nunca aprenderam nada". Estas escolas ficavam no Barro Vermelho e Camboa. Escolas do município. As primas deixaram essas escolas e passaram a estudar na escola do *seu* Manuel Sales (assim chamada por ser este o pai da professora), que era também municipal, localizada no Panã.

Zé Raimundo acabou desistindo da escola aos 12 anos, quando passou a pescar.

Ele diz que "a mesma coisa tava acontecendo com estes meninos": estudavam em escolas particulares, nas casas das professoras Vanda, Valdã e Caldevanda, irmãs, e Leonilde. Pagava por mês. Cristiano, Cosme e Nina estudavam nestas "escolas". Pagavam por cada um Cr$ 5,00 (cinco cruzeiros), "que dava para comprar 1 kg de açúcar, 1 litro de querosene e um pacote de café pequeno".

Zé Raimundo aprendeu, finalmente, a escrever seu nome na Escola Maria Venança [...], da comunidade da Praia, vizinha à sua casa. Ele acha que foi seu interesse que o fez aprender. Tanto ele como as crianças "não aprendiam nada nas outras escolas". [Dijé diz que] passaram a aprender depois que entraram na escola indígena.

[Obs: sobrenomes de famílias Tremembé: Nascimento, Marques, Pedro, Catirina, De Barros, Teixeira, entre outros]

Dijé acha que Zé Raimundo aprendeu a escrever "por causa do jeito de ensinar do professor", no caso, ela mesma e Raimundinha, que assumem a turma de alfabetização de adultos da Escola Maria Venância. "Ele até já lê algum papel. Hoje ele tá mais interessado".

Zé Raimundo acha "naquele tempo não havia interesse, não era tão necessário. Agora é preciso ter 2.º grau completo pra arranjar qualquer empreguinho. Hoje em dia, é até obrigado, pai e mãe têm que botar os filhos na escola, pela lei". "Vocês mesmos têm interesse em que a gente aprenda a ler e escrever, a Seduc".

Adélia pergunta por que a escola não poderia servir para ensinar a pescar.

educação indigena CC.indd 190 26/10/2015 11:43:09

Por que a pesca *ou* a escola. Desenvolvo então uma discussão com ela em torno do papel da escola. Adélia diz que em Canto Verde os pescadores também não querem mais a mesma profissão para os filhos. Ela questiona por que a escola não poderia desenvolver/formar para os saberes e práticas específicas da comunidade.

Zé Raimundo argumenta que a pesca não dá mais nada e é muito desgastante, fisicamente.

Eu argumento que a função da escola deve estar vinculada a um projeto político mais amplo que, no caso dos Tremembé, é a conquista da terra. A Escola Diferenciada Tremembé é também um lugar de reinvenção da "identidade", de subjetivação. Não se trata de manter a qualquer custo práticas tradicionais, mas de reinventá-las também em função do projeto político dos Tremembé. De outro lado, a pesca é parte de um complexo econômico. Não pode ser vista isoladamente.

Zé Raimundo reforça minha opinião, demonstrando como a pesca está vinculada a outros elementos, como ter dinheiro para comprar material. É uma cadeia onde os diversos elementos possibilitam ou estão atrelados uns aos outros.

Esclareço que a experiência da Escola Indígena Diferenciada Tremembé é muito recente, que o currículo ainda está em fase de elaboração, mas que percebo que os saberes tremembé já estão presentes nas práticas escolares e que isto vai se fortalecendo cada vez mais.

Dijé reafirma minha posição, exemplificando que João Venança, "que é completamente analfabeto", dá aulas pelas diversas escolas das comunidades, sobre as histórias, a cultura e as notícias das lutas dos Tremembé.

*[Penso que aqui esteja o caráter diferenciador da Escola: 1) Quanto ao projeto político; 2) Quanto ao corpo docente, que possibilita uma interessante articulação entre comunidade e escola, entre os "saberes tradicionais" e os saberes escolares, entre professores – especializados nesta função na escola – e os que detêm saberes diversos na comunidade indígena; 3) O currículo, que inclui conteúdos e práticas específicas do universo deles. *Explicitar os conteúdos e práticas]*

educação indigena CC.indd 191 26/10/2015 11:43:09

Enquanto conversávamos, entrou um piolho-de-cobra pela porta. Pedi que não o matassem. Zé Raimundo o segurou e Dijé – que disse depois que morria de medo do inseto – me ajudou a metê-lo em uma garrafa, que foi tampada em seguida.

À noite fizemos uma bela serenata com as canções do torém, de embalar e nossas (minhas e de Adélia Pinto). Acompanhei ao violão. Zé Raimundo cantou, pediu "A desconhecida". Brinquei dizendo que também não a conhecia. Depois, toquei-a, rememorando os tempos em que me iniciava ao violão, em Acaraú.

Zé Raimundo sempre está por perto nas conversas em que Dijé e Raimundinha são, geralmente, minhas principais interlocutoras e informantes. Mas, desta vez, ele esteve próximo como nunca. Talvez pela presença de Adélia aconteceu que, durante as conversas sobre a pesca, ficarmos nós três. As mulheres – Raimundinha, Dijé e *dona* Maria – conversavam no compartimento imediatamente interno, que mistura cozinha e quarto.

Dormimos na Escola Maria Venância. João Paulino, companheiro de Raimundinha, armou as redes. Antes de adormecermos, eu e Adélia conversamos sobre nossas pesquisas. Preciso ler o livro dela sobre 'as práticas e os sentidos' na escola.

Tive muitos sonhos. O que lembro mais era um em que nossos pertences haviam sido roubados e espalhados no terreiro em torno da escola. Não dormi bem, ouvi barulhos a noite inteira, além de estar com o estômago cheio. Comi demais o delicioso peixe com arroz e farofa que Dijé fez para jantarmos.

1º. de setembro de 1999

Agora é manhã. São 7 horas. Estou sentado na rede, escrevendo o diário sobre os acontecimentos de ontem. Nina entrou, há pouco, com Quiterinha, caçula de 5 meses da Dijé, nos braços. Tenho afeição particular por Nina. Ela faz aflorar minha paternidade.

educação indigena CC.indd 192 26/10/2015 11:43:09

Asseio: não havia água no banheiro. Fiz a escovação de dentes e lavagem do rosto com uma caneca d'água do *pote de beber* das crianças da turma de Raimundinha, na sala de aula da entrada da escola.

As crianças começam a chegar às 7h30 para as aulas na Escola Maria Venância. O primeiro foi Tiago, que me perguntou se trouxe sua foto que fiz em abril de 1998, que eu prometera mas esquecera de trazer.

Tomei o café da manhã, café com tapioca, feito por Dijé.

Fizemos brincadeiras com o piolho-de-cobra. Adélia diz que a troquei por ele, que prefiro antes levá-lo que a ela, no carro.

Muitas crianças vão à casa de Dijé. A proximidade física e afetiva parece criar relações estreitas entre professores e alunos, escola e casa, adultos e crianças, cotidiano doméstico e cotidiano escolar.

Observação da aula de Raimundinha

Local: Escola Indígena Diferenciada Maria Venança, comunidade da Praia.

Meus apetrechos de pesquisador: o diário de campo, máquina fotográfica Olimpus Trip 35 com flash externo, minigravador.

Inicio dando bom-dia, sendo retribuído com outro bom-dia em uníssono dos alunos. Peço licença para ficar entre eles. Explico-lhes o motivo de minhas observações: a pesquisa do mestrado. Pergunto à Raimundinha se a incomodo e como ela se sente com minha presença, observando-a. Ele diz que "antes, ficava tímida. Agora, é natural".

Raimundinha inicia a aula fazendo a chamada. Depois, corrige os deveres feitos em casa, nos cadernos de cada um dos alunos.

A sala reúne duas turmas: a de alfabetização e 1ª série, sob responsabilidade de Raimundinha e a de 2ª e 3ª séries, coordenadas por Silvana, que está de licença-maternidade.

A turma de 2.ª e 3.ª séries trouxe deveres de "estudos sociais". Os exercícios constam de nomes de animais, frutas e lugares da região dos Tremembé.

educação indigena CC.indd 193 26/10/2015 11:43:09

Enquanto faço perguntas, Raimundinha olha os cadernos de deveres e aponta os lápis dos alunos.

A turma de alfabetização e 1ª série fez exercícios de português e matemática. Os exercícios constam de formação de famílias de sílabas e formação de palavras. Os exercícios de matemática foram escrever os números de 1 a 30 e contar elementos de conjuntos ligando-os a números correspondentes.

As cadeiras permanecem arrumadas em filas postadas em frente à lousa. As atividades como "chamada" e "dever de casa" são, à primeira vista, semelhantes a uma "escola qualquer". Pergunto-me, entretanto, se esta "formalidade" não significa antes uma "postura de reconhecimento". Afinal, trata-se de uma escola, e deve ser identificada como tal.

Parece-me que o momento ainda é o de "aquisição" da escola. É verdade que, desde o início desta escola, já há um processo significativo de reelaboração das práticas escolares, que inovam. *[...]*

Enquanto escrevo, Antoneide se aproxima, me observa escrevendo. Pega em meu caderno e pergunta se estou "quase terminando minha tarefa". Escrever em um caderno é algo conhecido e natural neste ambiente. Isto me possibilita escrever, anotar, observar com naturalidade, sem despertar muito a atenção dos alunos e, portanto, observá-los em seu cotidiano escolar "normal".

*[*Algumas crianças, Francisco Gleidson e Nina, colecionam em seus cadernos figurinhas autocolantes da Tiazinha. Ocorre que preciso aprofundar-me em como as crianças estão adquirindo os saberes escolares, reelaborando-os junto a outros saberes ofertados por outras matrizes, como a mídia e as fontes "tradicionais", os saberes da comunidade. Preciso esclarecer o que são os saberes tradicionais dos Tremembé, para não cair em reificações. O tratamento conceitual deve ser o mesmo, o da Micropolítica, que produz um enfoque sobre estes fenômenos como "processos de subjetivação"].*

Samires entrega seu caderno a Raimundinha, dizendo: "toma, mãe".*[* As relações biológicas, de parentesco e afetividade entre eles contribuem de que forma para a produção de uma escola diferenciada, voltada para seus objetivos mais amplos? E como eles entendem estes objetivos? Como os escolhem e definem? Como os categorizam?]*

educação indigena CC.indd 194 26/10/2015 11:43:09

Samires olha e escreve no livro *Matemática 1º grau* (XIMENES, Luiz Márcio Pereira, 1997. São Paulo: Scipione, Coleção Novo Caminho).

Raimundinha escreve nos cadernos da turma de 2ª e 3ª séries, um a um, o exercício de sala, que já escrevera na lousa. O exercício de "estudos sociais" inicia com um cabeçalho a ser preenchido e traz 3 questões:

Data

Escola

Seu nome

Nome da professora

Localidade

1)Escreva os nomes do dia da semana

2)Qual o dia que você mais gosta e por quê?

3)Escreva com suas palavras três frases sobre sua escola.

A distribuição das disciplinas na semana: os assuntos definidos em função dos acontecimentos, das visitas que recebem etc. "Eles precisam crescer sabendo o que está acontecendo, para que amanhã não se percam, sem saber o que conversar". Raimundinha diz que há um plano, porém aberto. "A gente deve se sentir à vontade com eles para tratar os assuntos".

Sobre o uso dos exercícios: em uma semana normal, o comum é ter bastante exercícios. Mas eles gostam de aulas mais abertas.

Importância dos exercícios: alguns precisam ler mais. "As dificuldades de leitura são ruim para eles e nós". As faltas contribuem para causar dificuldades.

Uso dos exercícios também para disciplinar: "eles precisam perceber que há muito para eles aprenderem, que não podem ficar perturbando. Eles não gostam disso, de serem disciplinados".

Outra forma de disciplinamento é isolar o aluno na sala dos fundos, onde há uma lousa, deixando-o fazer exercícios. Lá ele permanece até a hora da

educação indigena CC.indd 195 26/10/2015 11:43:09

merenda, no máximo. Eles retornam mais calmos. Alunos já isolados: Amanda, Greidiane, Tiago, Samires, Leonardo. *[*Entrevistar estes alunos]*

As causas: "Tiago é muito teimoso: não presta atenção na lousa". Uns dizem que não fazem os exercícios, outros saem da sala.

A reação dos pais é de apoio incondicional aos professores.

Reunião com os pais: uma vez por mês. Assuntos: comportamentos, em todos os sentidos, reações, desenvolvimento intelectual, cumprimento das tarefas.

Calendário de aulas semanais:

2ª feira: Português

3ª feira: Matemática e História dos Tremembé

4ª feira: Estudos Sociais

5ª feira: Ciências

6ª feira: Desenho e Brincadeiras (as aulas terminam mais cedo, às 10h30)

Fontes utilizadas:

Português: usam o livro *Alfabetização de jovens e adultos*, de Regina Iára Moreira Nassur (São Paulo: Ática, 1997).

Para Raimundinha, ele "*trata da realidade mais próxima da nossa. Fala de saúde, roça. Mais que em casa, a escola é o lugar ideal pra falar essas coisas*". "*As mães dizem que o tempo é pouco, que não dá pra educar as crianças na família, sobre esses assuntos*". "*Mas a escola, de uma certa forma, não deveria fazer isto. Quem deveria fazer são os pais. Já que muitos não fazem, nós é que temos que fazer*".

Antes da escola, os pais já não educavam os filhos sobre esses temas. A escola não veio substituir o papel dos pais, mas compensar, realizar atividades que não estavam sendo praticadas.

O papel da escola não é resolver tudo. "É fazer os pais compreenderem nossa história e mostrar que eles também são capazes de contribuir com a educação das crianças".

educação indigena CC.indd 196 26/10/2015 11:43:09

De uma certa forma, os pais contribuem a partir do momento em que incentivam os filhos. Além disso, há outras contribuições. Dijé, por exemplo, contribui fazendo a merenda. Outros substituem a Aurineide quando ela precisa ausentar-se, cuidando das crianças. *dona* Maria Lídia, Dijé e *dona* Maria Venança contribuem dando palestra, de vez em quando, "*um pouco de disciplina, que eles têm que respeitar e zelar a escola*".

Retomando sobre as fontes do ensino de português: usam também a *Cartilha Tremembé: A tradição por trás da criação: cartilha do povo Tremembé* (organizada por Evaldo Mendes da Silva, Ivo Sousa e Karla Virgínia C. Monteiro, Fortaleza: Seduc, 1998). *[Professores-alunos coautores da cartilha: Ana Lúcia, Conceição, Cristina, Dadinha, Elídia, Eliésio, Elieudes, Eliézer, Evandro, Fernando, Graça, Ivonete, Jacira, Lucélia, Neta, Neto, Neide, Neidinha, Raimundinha, Ritinha, Vilamar, Vilca, Zé Valdir, Zé Maria].*

Outras fontes auxiliares são ainda os livros do PNLD 98/FNDE/MEC (Plano Nacional do Livro Didático?): *ALP 1: Análise, linguagem e pensamento: um trabalho de linguagem numa perspectiva socioconstrutivista* (Maria Fernandes Cócco, São Paulo: FTD, 1995, edição renovada); *ALP 2* (Idem, 1996); *Livro de Alfabetização* (José De Nicolla, São Paulo: Scipione, 1996, col. Novo Caminho)

Matemática:

- Livro do PNDL 98

História dos Tremembé:

- Memória oral.
- Cartilha do Povo Tremembé.
- João Venança, Dijé, *dona* Maria Lídia e *dona* Maria Venança vão à aula, vez por outra, contar as histórias. *[*Conversar com eles, depois]*

Estudos Sociais:

"O que chamo de estudos sociais, que nem sei mesmo se é, é dizer os nomes dos lugares, das aldeias", algo próximo de estudos de geografia do local. Raimundinha está "esperando a Karla para dar mais informações". Neide

educação indigena CC.indd 197 26/10/2015 11:43:09

tem participado das reuniões de professores que discutem os conteúdos das disciplinas.

Raimundinha sente falta de alguém que contribua para refletir sobre os conteúdos. Falo que estou disponível para contribuir, se precisarem, que é parte da minha pesquisa, que considero importante fortalecer os momentos de troca entre professores e formadores.

Pergunto se houve, como parece, uma interrupção na formação dos professores. A OT delegou à Seduc o papel que desempenhava na formação dos professores, sobretudo após a ruptura de Francisca Adelaide com Karla. A Seduc até agora não assumiu a proposta/reivindicação do curso de magistério indígena.

Ciências:

- Fonte: memória oral.
- Conteúdos: animais que existiam na área, nomes dos animais, "para que servem". Fala também dos rios, da terra, da preservação do rio e do mangue, numa perspectiva ecológica.

"Não sei os outros fazem a aula desse jeito, mas este é o meu jeito".

Merenda:

Neide me traz uma caneca de plástico azul, com mingau de milho e leite Itambé.

Desenho/Brincadeiras:

- -Conteúdos: refletir sobre tudo que aconteceu na semana e passar para o desenho.

*[*Veio-me a ideia de oferecer alguma contribuição na formação dos professores em arte-educação, para trabalharem outras linguagens artísticas, como o teatro, sobretudo com os alunos maiores].*

Sobre o cabeçalho do exercício, com data, escola, nome do aluno e da professora, Raimundinha diz que é "pra eles não esquecerem".

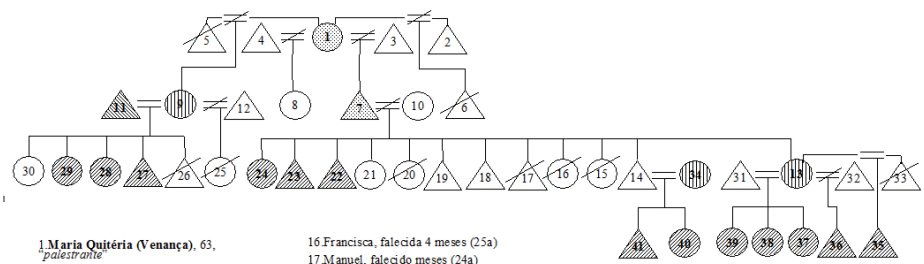
educação indigena CC.indd 198 26/10/2015 11:43:09

Quanto à continuidade da formação de professores, ela diz que "o pessoal da Varjota está se reunindo. O negócio é ir fazendo o que aparecer, enquanto o magistério indígena não chega".

Relações de Parentesco na Escola Maria Venância:

Árvores genealógicas de Raimundinha, Dijé e Neide.

PARENTESCOS DOS PROFESSORES E ALUNOS DA ESCOLA INDIGENA DIFERENCIADA MARIA VENANÇA - COMUNIDADE DA PRAIA



1.**Maria Quitéria (Venança)**, 63, *"palestrante"*
2.Teófilo, ?
3.Chico Alvina, ≅ 63
4.Ra imundo Zé Nêgo, ≅78
5.Antônio Fidelis, falecido c/ 70a (82)
6.Francisco, falecido c/ meses
7.João Venança, 45, cacique. *"palestrante"*
8.Miramar, 42
9.**Dijé**, 35, *professora* e *merendeira*
10.Lúcia, 44, cozinheira
11.Zé Raimundo, 42, pescador, *aluno*
12.Didi, ≅ 4513.**Raimundinha**, 28, *professora*
14.Antônio, 27, pescador
15.Rita, falecida 9meses (26a)
16.Francisca, falecida 4 meses (25a)
17.Manuel, falecido meses (24a)
18.Francisco, 22, garçon em Fortaleza
19.João Filho, 21, pescador
20.Albina, falecida 1,3 anos (18a)
21.Luciana, 19, cozinheira em Fortaleza, *ex-aluna.*
22.Alvino, 14a, pescador, *aluno*
23.Albino, 11a, *aluno*
24.Alana, 10a, *aluna*
25.Ângela, falecida ao nascer, (19)
26.Roque, falecido 1 mês (14)
27.Cristiano, 12, *aluno*
28.Nina, 9, *aluna*
28.Silene, 3, *aluna*
30.Quiterinha,5 meses
31.João Paulino, 42, pescador
32.Júnior, 25
33.João Adelino, falecido, (28)
34.**Neide**, 22, *professora*
35.Leonardo, 10, *aluno*
36.Janiel, 6, *aluno*
37.Samires, 4, *aluna*
38.Saniele (Marrom), 3, *aluna*
39.Venancinha, 1a6m, *aluna*
40.Antoneide, 6, *aluna*
41.Antoniel, 4, *aluno*

= *Professora*
="*Palestrante*"
= *Aluno criança*
= *Aluno adulto*

= *Masc.* = *Fem.* =*União atual* =*Separado* = *Morte*

A partir da descrição da sua árvore genealógica, Raimundinha relatou a história de sua união com João Paulino, que se juntou a ela quando estava com oito dias de resguardo de Janiel, filho de outra relação, com João Adelino. *[...]*

Discorrendo sobre a postura dos homens tremembé, Dijé diz que "nem tem machismo não, eles são uns molengas".

Quanto ao poder da mulher sobre os filhos, Dijé descreve a postura de Zé Raimundo que, quando quer chamar a atenção dos filhos, ralha quase em tom de sussurro: "Cristiano, olha a tua mãe!". Ela diz que "quem manda é ela mesmo".

educação indigena CC.indd 199 26/10/2015 11:43:09

Despedida da Praia:

Dijé insiste para ficarmos para o almoço. Digo que almoçaremos em Itarema.

Faço umas fotografias do interior da escola, das professoras e da turma toda.

Despeço-me das crianças.

Entrego o piolho-de-cobra (que eu *batizara* de Oswaldo) a Leonardo. Digo-lhe que pode fazer o que quiser dele.

Dijé se despede emocionada: "Ô, Babi! Não demore muito a voltar. Você sabe que você tem aqui uma amiga".

Parto com vontade de ficar mais.[...]

**Descrever depois:*

- *Entrada que dá acesso à Varjota.*
- *Estrada: condições, paisagem, casas, vegetação*
- *Cancela.*
- *Terras invadidas pela Ducoco*[56].
- *Coqueiral da Ducoco.*
- *Lagoas.*
- *Postes elétricos ao longo da estrada [indicando a chegada da luz elétrica por lá].*

Chegada a Varjota:

- Tempo gasto de Almofala até lá: 45 minutos.

[56] A empresa Ducoco Agrícola S/A, atuando no ramo de plantação e exploração do coco, protagonizou a maior ocupação de terras do aldeamento tremembé dos tempos atuais, no início dos anos 1980, deflagrando também a organização de um movimento de resistência e de reorganização étnica tremembé. A retomada das terras invadidas e a demarcação oficial têm sido reivindicadas pelos tremembés na Justiça, desde o início dos anos 1990.

educação indigena CC.indd 200 26/10/2015 11:43:10

**Descrever depois impressões gerais, a estrada, o prédio da Escola José Cabral, as casas [...], situação das terras, situação econômica.*

Visitamos a casa de Chico Nezinho, presidente do CITA[...]

Conversamos sobre a situação das escolas:

Adélia se mostra indignada com o fato dos professores não receberem salário. Tento mostrar a ela o momento atual das conquistas e dos impasses do movimento de conquista da escola diferenciada e as especificidades da problemática, entre as quais o problema de regulamentação do magistério indígena, de concurso para professor indígena, e as imposições legais do Tribunal de Contas sobre uso dos recursos públicos. Adélia argumenta que a lei trabalhista está acima de qualquer outra. Diz que tem amigos no Conselho de Educação, inclusive seu pai Edgar Linhares. Contra-argumento dizendo que considero importante que ela conheça o processo, o que os professores já fizeram e que as ações devem ser feitas pelo movimento dos professores, para que se fortaleça, e que não devemos atuar como intermediários. Falo sobre a ação da OT, sobre sua ambígua intermediação, e que nosso caminho deve ser diferente.

Chico me pergunta se quero reunir o pessoal à noite para conversar sobre o projeto cultural. Falo que não, a não ser que eles queiram reunir-se comigo. Digo que prefiro reunir o pessoal na próxima vinda, pretendida para dentro de uns 15 ou 20 dias. A última reunião foi há menos de um mês, em agosto. De qualquer modo, virei à noite à casa dele para conversarmos informalmente.

Visitamos a casa de Fernando, que demonstra alegria ao me ver.

Há botijões de gás na sala.

Ele se disponibilizou para nos acompanhar a outras visitas que faríamos. Ênio, seu filho de 4 anos, vai conosco.

Visitamos a casa de seu Calixto e dona Elita, pais de Fernando:

Encontramos Eliésio, professor, irmão de Fernando, Jamile filha de Eliésio, que fotografei na última vez em que estive aqui.

educação indigena CC.indd 201 26/10/2015 11:43:10

Calixto nos convida para tomar um mocororó novo, que ele fizera no dia anterior. Agradeço dizendo-lhe que tomaria depois das visitas que iria fazer ao Dandão e ao *seu* Estevão.

Visitamos Dandão em sua casa, na Batedeira.

**Descrever depois:*

- *Estrada: areia frouxa.*
- *Cancelas na terra ocupada pela Ducoco.*
- *Coqueiral.*
- *Trechos inteiros de estrada cobertas com capembas de coco.*
- *Acesso à casa do Dandão.*
- *Características gerais do terreno e da casa.*
- *Reação de surpresa dele e o tempo que levou para nos convidar a entrar em casa.*[57]
- *Cômodos da casa.*

Descrição do cômodo de entrada e seus objetos: redes de pesca penduradas do teto, roupas penduradas nas cordas que servem de cabide, caçuás, cangalha, tambor de óleo de 100 litros, um único banco rústico de madeira. Paredes de taipa caiadas, com muitos orifícios feitos por insetos. Armadores de rede: travessa da madeira usada na amarração da parede. Teto de caibros, ripas e telhas rústicas.

Dandão diz que tem umas duas músicas que ele não tinha lembrado na última vez em que estive lá com o João. Tomo o gravador. Dandão se adentra em casa e traz um belo maracá feito de um coité bem redondo e bem escuro, leve e com cabo roliço, polido: "foi a *dona* Francisca Adelaide que me deu".

[57] Durante uns 10 minutos ficamos à porta. Reinava o silêncio. A demora demonstrava, de um lado, a reação de surpresa de Dandão, que parecia se dar o tempo necessário à assimilação do fato da visita inesperada – e muito bem-vinda, como demonstrou. De outro lado, como pude constatar, muitas vezes, os tremembés, de modo geral, mantêm uma relação particular com o tempo, sem demonstrar pressa ou ansiedade. No início da inserção, essa relação ressoava em mim como uma *calma inquietante*.

educação indigena CC.indd 202 26/10/2015 11:43:10

Havia algumas penas brancas na parte superior, que o Dandão mesmo colocara, e que tornavam o maracá mais vistoso.

Fizemos as gravações, precedidas sempre de um ensaio para cada música. Pergunto se eram somente aquelas músicas. Dandão diz que tem mais, mas que "são músicas tipo brega". Peço para escutá-las e gravá-las. Ele deixa o maracá de lado, ensaia um pouco, e deixa gravar.

Enquanto gravávamos, chegaram dois de seus filhos maiores, vindos da escola. As crianças nos olham, sorriem timidamente e permanecem em silêncio. Mesmo brincando, por fora da casa, em torno do meu buggy, que é sempre uma novidade por ali, quase não se escuta gritos, elas não fazem algazarra. São geralmente retraídas e silenciosas.

Sempre que chego ou que vou partir, costumo saudá-las, ofereço a mão a elas. Não parece ser um costume os adultos saudarem as crianças como se saúdam entre si. As crianças parecem constituir um mundo social à parte, embora estejam profundamente inseridas no mundo dos adultos. Eles demandam a maior parte de suas atenções, mas à primeira vista não aparece assim. Os adultos são afetivos e cuidadosos com elas, mas nem sempre isto está exteriorizado.

Quase na saída, Dandão nos oferece café.

Fernando, que permaneceu calado o tempo todo, agora observa se é possível atravessar com o buggy a mata de peão-brabo e a areia das dunas que separam a casa da Lagoa da Batedeira. Adélia está temerosa. Arrisco, pondo o buggy a caminho. A areia nos obriga a parar, fazer uma ré e tentar subir com mais aceleração. Os peões pressionam a carcaça do buggy nas laterais e atrás impedindo que a ré se realize com sucesso. Faço várias tentativas para aprumar razoavelmente o carro no rumo que acredito ser possível vencer a areia e o matagal. Adélia já está fora do carro, por precaução. Acelero e avanço sobre a duna e o mato, logrando sucesso finalmente.

A Lagoa da Batedeira:

A visão da lagoa é paradisíaca e me recorda, de imediato, às vezes em que, criança, andei pelo Espraiado, terra de minha mãe. O sol já havia se posto e a água coloria-se de um cinza-chumbo brilhante. O coqueiral rodeava a lagoa.

educação indigena CC.indd 203 26/10/2015 11:43:10

Uma mata de juncos recobre uma parte das margens. Pela barragem, que tem um sangradouro ao centro, pode-se passar de carro. Do outro lado da barragem a terra está cercada. "Foi o Zé Maria Monteiro, ex-prefeito de Itarema" que cercou. Fernando nos fala também que a lagoa tem um encantamento, que os mais velhos contam que há uma princesa encantada no fundo da lagoa, que ninguém nunca alcançou, mas que emenda-se com o mar. Quando a princesa se desencantar, o palácio que está no fundo da lagoa emergirá e será visto por todos. Quem desencantar a princesa ficará muito rico.

Combinamos uma volta oportuna à lagoa, em uma noite de lua, com o violão.

Na casa do *seu* Estevão:

Chegamos lá por volta das 18 horas, escurecendo. Uma grande lamparina, feita de uma lata dessas de leite em pó, já estava acesa sobre a mesa. Mesmo assim, Estevão e eu tivemos dificuldade de vermos os nossos rostos, de imediato. Apresentei Adélia.

As conversas começaram pela situação de Capim-Açu, do conflito entre *seu* Pedro Teixeira e *seu* Augustinho, que são irmãos. Na avaliação de Estevão, o problema é o "ciúme que o Pedro Teixeira tem do Augustinho". Porque Augustinho é a referência de liderança da comunidade indígena lá. Sua casa é sempre local de hospedagem de quem chega, por ser mais central, mais espaçosa, mas também pela calorosa receptividade que toda a família dispensa a quem chega. Além disso, Augustinho, mais do que qualquer outro, encarnou em sua própria história a resistência e a conquista daquela terra para a comunidade indígena, tendo enfrentado expulsões, perseguições, conflitos com o Incra e o MST.[58]

A outra parte de nossa conversa foi sobre o conflito com Francisca Adelaide, da *Operação Tremembé*. Sempre pensei que Estevão fosse um dos que mais concordavam com as posições e as práticas políticas dela. Fiquei surpreendido com a postura dele, lúcida, serena. Ele disse "*Dona* Maria quer muito bem a gente, mas tem ciúme da gente". Ele também reconhece que, "muitas vezes

[58] Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

educação indigena CC.indd 204 26/10/2015 11:43:10

ela quer mandar no pessoal". Estevão me disse que, por ocasião de uma ida dele a Fortaleza, ela o confidenciou que "ficou muito abalada com o conflito" que ocorreu entre nós.

Jantar na casa de *seu* Calixto e *dona* Elita:

Cozinha: mesa rústica de madeira; toalha (para as visitas?); jirau das panelas e pratos sobre a janela; lampião a gás.

Apetrechos: *aguidá* de barro em que Fernando come e vasilha de plástico de tamanho semelhante para Calixto. Colheres para eles, garfos e facas para nós.

Comida: deliciosa galinha caipira com macarrão, arroz, feijão. Bebida: mocororó novo de caju azedo, feito por Calixto.

Conversas: situação de Capim-Açu: Calixto sobre Pedro Teixeira: "é aposentado, tem o tempo livre para fofocar e fazer confusão".

Retomada da história de vida do Fernando.

Conversas na casa de Chico Nezinho:

A lamparina cambaleante alumia fracamente meu caderno. Tento retomar a conversa com Fernando, iniciada na casa de seus pais, interrompida pelo jantar. Viemos à casa do Chico, conforme havia combinado com ele à tarde.

Conversa com Fernando: retomada do seu itinerário

Em 1997, Fernando retoma a vaga de Ronaldo (irmão do Dedé da Graça). Ele diz que não sentiu muita dificuldade, já tinha experiência. Pegou também uma "turma baixa", de 1ª série.

Pergunto se ele começou a dar aulas antes do trabalho de formação desenvolvido por Karla. Ele diz que "Karla começou a andar por aqui no início daquele ano". O trabalho de formação dos professores, as primeiras reuniões com a comunidade, vão acontecer no mesmo tempo em que se iniciam as aulas do município, em 10 de fevereiro de 1997.

A conversa com Fernando é novamente interrompida pela chegada de *seu* Augustinho, tuxaua tremembé, e sua mulher [...], Zé Alcir, liderança local, e Zé Valdir, professor indígena, e mais uma meia dúzia de meninas-moças.

educação indigena CC.indd 205 26/10/2015 11:43:10

Evandro, professor, está também conosco, além de Navegantes, mulher do Chico Nezinho.

As conversas se direcionam para o projeto cultural-artístico. Zé Alcir puxa as questões. Algumas são bem básicas, como com quem fica o dinheiro da venda dos cds. Irrito-me um pouco, interiormente, e o questiono se não estava presente na reunião que fizemos em agosto. Ele diz que sim, mas que não foi possível entender tudo, que "a gente vai entendendo aos poucos". Percebi que o projeto requer um tempo imprescindível para esclarecimentos e amadurecimento. A irritação deu lugar à serenidade e à paciência. A reunião informal transformou-se em nova ocasião para conversarmos outra vez sobre os procedimentos do projeto e suas grandes linhas. [...]

Ao final da conversa, Navegantes me trouxe umas saúnas com tapioca e café, que comi porque estava gostoso, mas muito mais por saber que Chico fora pescar à tarde para nós. Pus a lamparina bem próxima ao prato dos peixes, para enxergar as espinhas, ao menos as maiores.

Terminando a noite:

A noite terminou na casa dos pais de Fernando, com uma serenata puxada por Adélia, que havia ficado lá, ouvindo as histórias do *seu* Calixto.

Minha garganta estava péssima, com pus inclusive. Estou bastante rouco. Mas peguei o violão e toquei algumas canções minhas. Evandro me pediu *Correnteza*. Raimundinha sempre me pede esta música, quando estou ao violão: "toca aquela que você fez pra o rio Acaraú".

Evandro toca um pouco o violão. É tímido, porém, e diz que não toca nada. Vencido pela insistência de Adélia, ele toca *A casa do sol nascente*, meio inseguro e trocando alguns acordes. Em seguida, com relativa desenvoltura, toca uma canção do Dandão que fala dos Tremembé, do que o mangue tem:

Ô que praia bonita
a praia dos Tremembé
quem quiser que venha ver
tem tudo que a gente quer
tem siri e camarão, guanhamum e sié

educação indigena CC.indd 206 26/10/2015 11:43:10

quem quiser que venha ver
a beleza da praia dos índios Tremembé

Adélia insistia para que *seu* Calixto, Fernando, *dona* Elita e *dona* Júlia (*mãe de Evandro?) cantassem. Achei-a muito insistente. Parece-me que ela sentiu-se muito à vontade rapidamente entre eles. Mas eu preferiria ela mais discreta, nesta primeira vez. Em outros momentos desta viagem senti-a assim também, como nas conversas com Zé Raimundo sobre a pesca e com Chico Nezinho sobre a remuneração dos professores. Fiquei um pouco irritado. Acho que é preciso estarmos conscientes das relações que estamos estabelecendo com eles. Acho Adélia espontânea demais pra tão pouco tempo. Gostaria que ela tivesse uma postura de mais escuta e observação. Se bem que, ao final de um dia puxado, a gente tem o direito de relaxar.

A pedido de Adélia, toquei músicas do Torém. Era a primeira vez que eles escutavam estas canções ao violão, comigo. Fernando já havia escutado alguma coisa em Fortaleza, no encontro de formação de professores indígenas no Ceará, em abril passado, promovido pela Seduc. A reação deles estava condensada na fala de Evandro: "*as canções do torém são lindas mesmo!*". Ou na fala de Calixto: "*tem gente dentro do aldeamento que não sabe cantar estas músicas, mas que ouvindo assim, vão aprender*". Fernando opina que "*bem tocadas ao violão, as canções são muito mais bonitas*". Terminei com a *Aranha*, improvisando versos com o nome de cada um dos presentes.

Risonete *[irmã de Evandro?]*, uma mocinha de uns 10 ou 11 anos cantou a maior parte das músicas, inclusive a *Louvação*. Sabia cantar mais que qualquer um dos presentes. Seus olhos escuros brilhavam junto com o seu sorriso tímido, sob a luz fraca do lampião a gás, enquanto eu tocava. Como os presentes, ela tem uma impressionante facilidade de aprender novas canções. Adélia havia tocado algumas músicas para crianças, que pedia repetição, o que eles faziam com muita naturalidade.

A noite encerrou-se na rede em que estou sentado e escrevo. Uma linda rede branca, larga e macia, de algodão fino, com bordados de flores em tom lilás. Um privilégio de visitante?

educação indigena CC.indd 207 26/10/2015 11:43:10

Não escrevi à noite. Adélia disse-me que repousasse, que eu estava doente da garganta. Disse-me que eu estava exagerando em meu ritmo. Contesto dizendo que este é meu ritmo quando estou aqui. Mas acatei seu pedido e fui repousar.

Agora é manhã. As pessoas da casa levantaram cedo, entre 5h30 e 6 horas. Adélia ainda dorme na rede ao lado, na sala onde estou, que tem somente uma porta para a rua, sem janelas, e que termina em uma passagem que dá para uma sala pequena, onde estão os potes, em número de dois, pousados sobre uma bancada construída em alvenaria, localizada à esquerda da passagem, e que serve também de banco, onde gosto de me sentar, por ser mais fresco. Na parede de frente para quem entra, uma estante abriga o rádio e alguns livros que Calixto gosta de mostrar aos visitantes, doados por estrangeiros que passaram por sua casa. Uma rede de tucum está permanentemente armada ao lado direito, onde está a única janela desta sala. É este o local da casa em que as pessoas se reúnem, conversam, convivem.

As paredes da sala onde me encontro agora são de taipa, caiadas, e estão cheias de pequenos buracos. Um espelho está postado na parede logo à entrada de quem entra pela porta da frente. Na parede à direita há uma pequena exposição de quadros. O primeiro, mais próximo à porta, velho e desbotado, traz uma criança dormindo. O seguinte é uma fotografia pintada de um casal que não consegui identificar com quaisquer pessoas da casa. O próximo é um faraó egípcio, que foi pintado por Fernando, e que sempre me chamou atenção pelos "traços indígenas" dos olhos e uma pena sobre a cabeça do faraó. O quarto quadro é de uma santa católica (Santa Maria Goretti? Santa Rita de Cássia?). Sob este quadro, colado à parede, encontra-se um calendário com propaganda da cachaça Colonial. Imediatamente à esquerda, encontra-se uma telha lindamente decorada com três grandes flores azuis salpicadas de areia prateada. O quadro seguinte é uma moldura de madeira envelhecida, sem verniz e desbotada, com fotos de momentos de apresentação do torém sobrepostas, onde se destacam a figura de João Venança e um "santinho" da última campanha política de João Alfredo, reeleito deputado pelo PT. Um quadro de São Francisco totalmente descorado sustenta, no mesmo prego, sobre si, o menor de todos eles, um quadro dos "corações imaculados de Maria e Jesus". O último quadro, escondido parcialmente pelo lampião, é de Charles Chaplin.

educação indigena CC.indd 208 26/10/2015 11:43:10

Café da manhã:

Dona Elita preparou a mesa com café, tapioca e peixe para o nosso desjejum. Comemos e nos despedimos, prometendo voltar dentro de duas ou três semanas.

Visita à escola de Fernando:

Fomos nos despedir de Fernando na escola em que ele dá aulas.

Encontramos Joelma, professora e coordenadora da escola, que sempre me recebe com simpatia discreta. A convite de Fernando, Adélia conta uma história cantada para as crianças. Despedimo-nos e pegamos a estrada rumo ao Capim-Açu.

Visita à área de Capim-Açu:

Tive um pouco de dificuldade para encontrar a entrada que dá acesso ao Capim-Açu. Quando estive lá, na primeira vez, fui na companhia de João Venança. Estar sem nenhum informante tremembé me dava um pouco de insegurança, mas principalmente de autonomia. Ainda cheguei a percorrer uma estrada errada, mas, finalmente, consegui informações corretas. Um abrigo que serve de parada de ônibus, singelamente pintado em amarelo e azul, marca a entrada do caminho, à esquerda de quem vai para Itarema, uns três quilômetros após a sede da Fazenda Arroz, muito conhecida na região, de propriedade do Duquinha, deputado estadual acusado de ser o mandante do assassinato do seu primo e prefeito de Acaraú, João Jaime Ferreira Gomes, em maio de 1998.

A chegada à casa de Augustinho foi um desafio à minha sorte. O caminho de chão batido, muitas vezes estreito e dominado pelo areal, vez por outra se bifurcava à frente. Apenas por intuição, fui seguindo a direita. Finalmente, avistei a sede da Associação dos Tremembé de Capim-Açu, que, na verdade, não é da comunidade indígena. Por ocasião das reuniões, patrocinadas pela Procuradoria do Estado para resolver os problemas relativos à disputa destas terras entre a comunidade indígena e os assentados do Incra, sócios não indígenas da associação mandaram pintar a fachada do prédio com este nome com duas intenções básicas: a primeira, para tentar esvaziar a luta do grupo

educação indigena CC.indd 209 26/10/2015 11:43:10

ligado a Augustinho, que reivindicava esta terra sob o argumento de que se tratava de área indígena. Se todos são tremembés, a terra seria de todos. A situação permaneceria a mesma, com os conflitos internos entre o grupo ligado a Augustinho e os assentados do Incra. A segunda intenção era passar uma imagem de suposta unidade, de "comunidade", para (im)pressionar as autoridades presentes (do Incra, da Funai e da Procuradoria do Estado) a decidirem pela manutenção das terras na situação em que se encontravam, como assentamento do Incra e sob administração da Associação, que tinha na presidência o principal adversário local dos Tremembé, Chico Barbeiro, o qual comandava as ameaças e invasões das áreas ocupadas por pessoas do grupo de Augustinho, como acontecera recentemente com o sítio de cajueiros do filho de *seu* Raimundo Salu, que detonou o conflito e motivou as reuniões que estavam acontecendo.

Eram umas 9h30 quando, finalmente, chegamos à casa de Augustinho. Encontro Neném (Fábia), professora, sozinha, cuidando da limpeza da casa. *dona* Mocinha, sua mãe, tinha ido a Amontada, "fazer exames de prevenção". Neguinha (Flávia) estava fazendo seu trabalho de agente de saúde, visitando a comunidade. Lena estava na escola. Augustinho e João, que estavam limpando os cajueiros, chegaram pouco tempo depois. Sentamos na cozinha, onde as chamas do fogão à lenha lambiam o caldeirão de feijão, que, de tão cheio, o caldo transbordava pelos lados, contribuindo para *entirnar* ainda mais a panela. "É para os homens que *tão* trabalhando".

Neném nos contou, com olhar triste e voz pesarosa, ela que é sempre tão alegre e bem-humorada, que a escola, que funcionava na casa de farinha, anexa ao lado esquerdo, está desativada. "Os índios *tão* mandando os filhos para as escolas dos brancos". O conflito dividiu a comunidade, enfraqueceu a luta e paralisou as atividades da escola. Pedro Teixeira teria sido o responsável pelo esvaziamento da escola, por tentar colocar a comunidade contra Augustinho e sua família, abalando a credibilidade no trabalho de Neném.

Augustinho me convida para ver o cajueiral limpo, preparado para a colheita da safra, que promete ser farta neste ano. Espera ter muito mocororó. Projeta um grande torém para a temporada da colheita, alimentando suas esperanças de amenizar os efeitos do conflito e fortalecer a unidade da comunidade.

educação indigena CC.indd 210 26/10/2015 11:43:10

Augustinho não comenta o conflito comigo. Apesar da tristeza do olhar, consola-se em dizer que "ao menos nós temos a terra garantida". "Eu já disse pra o João: vocês lá da praia têm dificuldade, falta terra pra plantar. Nós aqui temos a terra. A terra é para nós mesmos, tá à disposição do pessoal".

A serenidade, a firmeza, a doçura e a solidariedade deste homem sempre me impressionaram, desde a primeira vez em que ele me contou sua história de expulsão e reconquista das terras do Capim-Açu. Foi em abril de 1998, nas comemorações da semana dos povos indígenas, na Praia.

A vinda de João Venança para ajudar Augustinho, voluntariamente, parece ter duas intenções claramente políticas, entre outras: marcar presença, fortalecendo o poder de Augustinho e planejar com ele as ações que devem ser implementadas na resolução/apaziguamento do conflito. Em conversas que tive com João, em minha última estada na Praia, ele reconheceu que a falta de visitas mais constantes das lideranças tremembés ao Capim-Açu contribuiu para o acirramento dos problemas. "Era um trabalho novo, precisava acompanhamento".

João me fala dos planos de ir a Fortaleza dentro de poucos dias. Quer conversar sobre o projeto cultural. Pergunta se pode ficar hospedado em minha casa. Fala que precisamos combinar nossa ida ao Cantinho, o meu sítio na serra próximo a Aratuba. Diz estar disposto a trabalhar lá, e sei que ele é sincero. A disponibilidade de João é uma das suas características que mais admiro.

Em meio às conversas "sérias", as brincadeiras e gozações sempre estão presentes. Na Praia ou na Mata (são as comunidades interioranas, como a Varjota e a Tapera) já havíamos brincado sobre o que o João fora fazer no Capim-Açu: "ele foi brocar por lá, só não se sabe se foi brocar um roçado ou outra coisa". O verbo brocar abria espaço para as ambiguidades em torno dos jogos sexuais. O órgão masculino é também chamado de broca.

De volta do cercado, encontramos a merenda preparada por Neném: ovos caipira, tapioca, rapadura, leite. Fabíula, a caçula da família, que eu fotografara quando estive por aqui, em dezembro de 1998, havia chegado. Sua atitude de retração ou timidez é natural, como nas outras crianças. Seus olhos muito negros e seu cabelo preto liso compõem com a tez morena do rosto arredondado

educação indigena CC.indd 211 26/10/2015 11:43:10

uma imagem que me lembra muito meus próprios traços, quando eu tinha a sua idade, embora meu cabelo fosse curto.

Augustinho comenta as fotos que fiz, elogiando meus dotes de fotógrafo, brincando com o resultado alcançado com Lena, que não está presente agora, mas que fizera 15 anos naquela ocasião: "Ah, se a Lena fosse a metade bonita como está no retrato! Você conseguiu um milagre".

Após as despedidas, prometendo voltar no tempo dos cajus, peguei a estrada de volta. Eram umas 11 horas.

Volta a Fortaleza:

Adélia retoma a conversa sobre sua intenção de informar-se junto ao Conselho de Educação a possibilidade de pagamento aos professores tremembés. Argumenta que "não há mal nenhum em buscar essas informações e disponibilizá-las aos Tremembé". Contra-argumento dizendo que é preciso, primeiramente, ela informar-se do que já foi feito por eles. Informo que a Francisca Adelaide já fez inúmeras tentativas junto a pessoas e órgãos ligados à Seduc. Reafirmo, outra vez, que não quero ser um novo intermediário, como o foi e ainda é a OT, e que prefiro que as decisões e iniciativas sejam tomadas em nível do movimento dos professores, que deve ser fortalecido. Ela diz que se sentiu espiritualmente impulsionada a ajudar, a fazer alguma coisa. Falo que eu notei que os sentimentos religiosos dela estão influenciando a sua visão sobre a questão, mas que penso ser necessário não agir por eles nem para eles, mas com eles.

Senti um certo mal-estar durante a conversa. Manifestam-se as diferenças de perspectivas em nossas visões sobre aquela questão. Tentei encerrar a conversar dizendo para Adélia que ela agisse como bem entendesse, que eu não tinha nem queria ter o controle sobre as ações desenvolvidas pelos professores, mas que os anos de contato com os Tremembé produziram minha percepção e meu modo atual de agir, e que, por coerência, eu não iria me antecipar a eles.

Adélia sentiu o clima tenso de nossa conversa e tentou amenizá-lo dizendo que iria informar-se sobre o que já havia sido feito e o que poderia ser feito, mas em acordo com os professores. Mesmo assim, permanecemos um longo tempo em silêncio, antes que retomássemos a conversa, desta vez, sobre música. [...]

educação indigena CC.indd 212 26/10/2015 11:43:10

25 de setembro de 1999, Domingo, 18h30[59]

Conversa com João Venança

Na Pracinha em frente ao Jornal *O Povo*

Sobre a continuidade do Projeto Cultural Aguaí[60]:

João Venança diz que o pessoal já foi todo contatado. Os que vão participar, por comunidade, são[61]:

- Da Praia: além dele, Raimundinha e Dijé;
- Da Passagem Rasa: Chico Isíde e Mané Domingue (filho do Zé Domingue)[62];
- Do Panan: Babi Tremembé e Zeza;
- Da Varjota: Zé Valdir, Luís Caboco e Neta;
- Da Tapera: Evandro;
- Da Batedeira: Dandão;

Achamos importante verificar se Dandão viu mais uma pessoa da Batedeira pois, avalia João Venança, "é importante pra fortalecer ele lá".

Talvez mais alguém da Varjota. Quando o pessoal Tremembé estiver definido, eu e Suzy iremos à área. João Venança vai ligar.

[59] Digitado em 31 de maio de 2002.
[60] Trata-se de um complexo projeto de fortalecimento e de difusão da cultura Tremembé que idealizava há alguns anos, com a finalidade também de fortalecimento da economia através da organização de um *mercado de produtos artísticos e culturais*. O projeto não se realizou por que surgiram outras prioridades para os Tremembé, relacionadas especificamente à escola, como foi o Curso de Magistério.
[61] A ideia de buscar participantes das diversas comunidades era parte da intenção de João Venança de utilizar-se do Projeto como estratégia de fortalecimento do seu povo.
[62] Por causa de conflitos internos na comunidade, acabaram ficando de fora. João Venança ainda chegou a contatar Mané Domingue.

educação indigena CC.indd 213 26/10/2015 11:43:10

Visita de João Venança a Porto Seguro/BA:

Foi uma reunião de lideranças do povo indígena no Nordeste;

A Organização foi feita pelo CIMI[63] e Sesi[64];

O objetivo era avaliar a situação de demarcação das terras;

A APOINME[65] e a CAPOIB[66] estavam presentes;

Outro objetivo era pensar nos eventos relativos aos "500 anos". Os povos indígenas vão fazer uma marcha, que deve sair do Acre, chegando ao Monte Pascoal. A ideia foi do CIMI. Os povos indígenas acataram;

Outra ideia: fortalecer a campanha de demarcação. Mas fazer também retomadas;

Foi elaborado um documento final para FHC;

Sobre o papel do CIMI na articulação, João Venança diz: "a gente hoje, as próprias lideranças, a gente tá informado de muita coisa".

Projetos de ocupação/retomada de terras:

Na área da Passagem Rasa;

Na área da Praia: para fazer escola;

Vão comunicar à OT e aos povos indígenas. Mas vão fazer, independentemente da posição deles;

Vão buscar apoio de outras entidades/organizações.

Diz João Venança que "a solução é fazer as retomadas, não tem outra saída";

[63] Conselho Indigenista Missionário. Órgão da pastoral da Igreja Católica sobre os povos indígenas.
[64] Serviço Social da Indústria.
[65] Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas e Espírito Santo.
[66] Comissão de Articulação dos Povos Indígenas do Brasil.

educação indigena CC.indd 214 26/10/2015 11:43:10

Sugiro buscar apoio junto aos deputados de esquerda para as passagens das lideranças dos outros povos indígenas no Nordeste e fazer também campanhas junto às escolas de Fortaleza para a doação de alimentos.

Situação financeira:

Está difícil: pesca e trabalho estão difíceis;

Há um grupo de 15 homens que trabalham voluntariamente; precisam ter alimentos; ideia: conseguir pessoas que apoiem com cestas; contam comigo. [...];

João Paulino (companheiro de Raimundinha) coordena o grupo.

Situação Capim-Açu:

João Venança diz que "o *véi* Pedro Teixeira não tem presença, nem intercâmbio; nem ele, nem a mulher, nem os filhos; o problema dele é ciúme do Agostinho comigo";

Há um terreno oferecido pelo Agostinho para o pessoal da Praia plantar; já está cercado;

A "escola de adulto" tinha começado, mas "faliu"; vai ser retomada.

Situação OT: Francisca Adelaide fechando os arquivos da *Operação Tremembé* para as pesquisas:

João Venança tem ideia de fazer uma casa, um centro cultural de apoio em Fortaleza; critica o Chico Nezinho: "se eu fosse presidente do CITA já tinha feito, conseguido uma casa em Fortaleza";

João complementa: "também lá, depois desta escola, nós vamos fazer um arquivo de todas as nossas coisas lá".

Novamente sobre a escola de Capim-Açu:

Crianças de 2 famílias (Raimundo Salu e Agostinho): umas 8 crianças e mais ou menos 15 adultos;

Professoras: Neném e Joana (casada com o filho de *dona* Mocinha, irmã de Agostinho);

educação indigena CC.indd 215 26/10/2015 11:43:10

Vão terminar o semestre;

João Venança propôs uma reunião com os professores: Socorro (mulher do Tico), Zé Itamar (filho de Pedro Teixeira), Neném e Joana;

Horários: crianças pela manhã; adultos, à noite.

Situação financeira de João Venança:

Petrônio, administrador da Funai/PB, disse que está tentando conseguir recursos para apoiar a liberação dos Articuladores[67];

João Venança diz que, a partir da experiência do Zé Maria, Jenipapo-Kanindé, que fez um projeto para a Comunidade Solidária, teve a ideia de fazer um projeto ecológico na Praia: limpeza, plantação de capim barba-de-bode, grama, salsa, peãozeiro, ciumeiro;

Sugeri projeto com música, com possibilidade de apoio de irmãs canadenses.

Visita ao Antônio, filho de João Venança, na Cidade dos Funcionários:

O caso de Antônio com uma mulher casada com um primo em 2º grau; João Venança está também envolvido com a irmã deste rapaz, mas já disse que vai deixá-la por causa da luta pelo terreno para construir a escola da Praia, que é da família dela.

Antônio e Aurineide se separaram; parece que é definitivo; Antoneide e Antoniel, os filhos, virão para Fortaleza nas férias; Antoneide ficará na casa de seu Macedo e *dona* Lucileide, seus padrinhos; Antoniel, com sua madrinha. [...]

João parece mais decidido, na volta de Porto Seguro/BA.

Outra coisa que me chamou a atenção nele: sua tolerância em relação à fidelidade das mulheres. Ele admite que uma mulher casada possa dar suas "escapulidas", mas com discrição. O que o chocou no caso de Antônio, seu filho, é que Aurineide teria dito a ele que não gostava mais dele e que gostava de outro homem.

[67] Esta era uma das categorias com que denominavam aqueles que, como João Venança, se dispunham a participar dos eventos do movimento indígena, fortalecendo-o politicamente, além de exercer forte influência nas decisões internas de sua própria comunidade/etnia.

educação indigena CC.indd 216 26/10/2015 11:43:10

João criticou Lúcia, sua ex-mulher, que teria procurado a mulher com que Antônio se envolveu, para repreendê-la. Ele questiona a autoridade moral de Lúcia que, "com mais de 40 anos", largou a família para ficar com outro homem. [**Aprofundar pesquisa sobre comportamento sexual. Como é trabalhado na escola?*] [...]

26 e 27 de outubro de 1999

Encontro Pedagógico de Educação Escolar Indígena – Ceará[68]

[Promoção Seduc]

26 de outubro.

Local: Casa das Irmãs Cordimarianas/Caucaia. [..]

Jardins, flores. Tempo chuvoso, leve, *solene*.

Encontro com técnicas da Seduc (acolhimento inusitado de Iêda, como nunca, inclusive Francineide), com Karla Monteiro e Guga.

Abertura do Encontro: Socorro Leal (Seduc)

Objetivos: Propor ações básicas, planejamento. Na programação que nos foi entregue está escrito: "A partir da realidade do Ceará, propor ações básicas para a implementação de um Programa Escolar Indígena, incluindo o Curso de Formação do Educador". [...]

A sala:

Arrumação das cadeiras em semicírculos.

Mesa ao centro.

[68] *Diário de Campo*, n. 1, p. 155-209.

educação indigena CC.indd 217 26/10/2015 11:43:10

Mensagem religiosa escrita no quadro-negro, que serve de anteparo da mesa: "JESUS CRISTO, o enviado do PAI".

Na parede à esquerda, um painel com o "coração imaculado de Maria" sobre gravuras de potes, enormes, com a frase: "Eles não têm mais vinho". Sobre um dos potes: "Vinho novo, barris novos!" (Mc. 2, 22)

Apresentação dos participantes:

Tremembés.

Tapebas: Bete, Fabiana (?) (comunidade de Capoeira), Elnice (comunidade de Lagoa Doce)

Kanindé de Aratuba: Terezinha,

Região de Crateús: Maria da Conceição[69] (Poranga), Luísa (Tabajara), Maria José (Potiguara), Têca (Potiguara), Kaká (Potiguara), Helena (Potiguara), Cristina (Tabajara-Kariri).

Apresentação dos "parceiros":

Procuradoria de Justiça do Estado: Clarice.

UFC: eu.

OT: Francisca Adelaide.

Igreja Metodista: Karla Monteiro.

Consultores: Guga, Márcia Spyer (UFMG[70]), Darlene Taukane (MT). *[*Márcia questiona a categoria* consultores*].*

Seduc: Beth (núcleo de formação do educador); Iêda Freire, Zumira (núcleo de desenvolvimento curricular); Maria do Carmo, Mariinha Férrer (treinamento); Lenilsa [* diz que quer "contribuir com um caminho bem asfaltado. A Secretaria procura o melhor para vocês"...]; Francineide (núcleo de

[69] Nome fictício.
[70] Universidade Federal de Minas Gerais.

educação indigena CC.indd 218 26/10/2015 11:43:10

desenvolvimento curricular, que elaboram as diretrizes de toda a educação no Ceará) [diz-se "emocionada ao ver as pessoas com os olhos brilhando]; Socorro (conhecida como Pan, de Acaraú, CREDE 3 [diz estar se "sentindo em família", "damos as mãos", "mesmo objetivo"].

CREDE Baturité: Eleni. Representa a coordenadora. [confessa que "não sei nem o que dizer, é a primeira vez que estou aqui"].

Fala de Francineide (Seduc):

Faz a memória das ações realizadas.

Explicita os Objetivos do encontro: Planejamento. "O encontro é a realização de uma reivindicação dos professores e lideranças presentes no seminário de abril passado".

Sobre o material didático reivindicado, diz que já foi distribuído com os povos indígenas próximos à região metropolitana. Os outros povos receberão via CREDE local.

Quanto ao pagamento de professores indígenas, estão sendo celebrados convênios entre Estado e Conselhos indígenas. Situação atual: os povos estão encaminhando a documentação de regulamentação dos estatutos dos seus conselhos.

A construção das escolas, diz ela, exige recursos e tempo. Situação atual: está sendo feito o trabalho de topografia nas áreas. Estão nos ajustes finais. Só falta aprovação do arquiteto. Tremembé, Pitaguary e Tapeba já está encaminhado. Nos outros povos está em fase de realização. Esta é uma das ações em vista do magistério indígena.

Bibliotecas: também estão sendo encaminhadas.

"Todos os encaminhamentos reivindicados em abril estão sendo viabilizados [garante Francineide], inclusive o curso de Magistério Indígena. A Secretaria empenhou-se o máximo". Os problemas seriam de ordem da burocracia.

Ela reforça que o objetivo deste encontro é o curso de magistério, como encaminhá-lo, considerando a diversidade de povos e *caminhada* (ritmo) de cada povo.

educação indigena CC.indd 219 26/10/2015 11:43:10

Relato das experiências do magistério indígena

Motivação feita por Francineide: "é um momento muito importante. A prática é onde está o *fazer* a escola, o fazer pedagógico. Este momento foi pensado *pra* vocês".

Tapebas:

Professores: Bete, Sinhá e Josué.

Sinhá, Bete e Josué vêm compor a mesa, uma grande e forte mesa de madeira, com toalha branca de linho, bordada.

Bete: Põe-se em pé. Manifesta capacidade de fala, de oratória, impressionante. Modula a voz, põe a emoção, gesticula. Seu semblante encarna, dá corpo às suas palavras. Começa seu discurso com as dificuldades anteriores à escola: a discriminação. Repete uma história recorrente: uma criança Tapeba que usava o cabelo comprido, "como os índios", é impedida de continuar em sala instigada a cortar o cabelo, pela professora da escola do município de Caucaia, onde estudava. A criança esclarece que não vai cortar o cabelo, "porque é índio Tapeba". A mãe vai à escola, reivindica seu direito à educação do filho, que é então recebido, sem cortar o cabelo. No outro dia, a criança é novamente impedida de estudar, desta vez por falta de sapatos. Informa que no início da escola fez pesquisas junto aos mais velhos, ao pajé e ao cacique. Fala dos desafios atuais: elaborar a cartilha.

Sinhá: Como Bete, ela fala "muito bem", claro. Põe-se também de pé, fala articuladamente, com a cabeça erguida, fluentemente.

Josué: Como as outras, põe-se em pé. Conta, como Sinhá, o que fazem na sua escola: dança-se o toré. Há um coral de crianças.

Bete ressalta o que entende como preocupação/ação/objetivo da educação diferenciada: "que as crianças não tenham medo de se afirmarem indígenas, de bater no peito e dizer 'eu sou índio'".

Guga pergunta se houve dificuldades no início, se as famílias aceitaram tirar as crianças da escola pública e botar debaixo do cajueiro. Sinhá responde

educação indigena CC.indd 220 26/10/2015 11:43:10

que, no início, muitas crianças ficaram na escola pública. Depois, aos poucos, vieram para as escolas tapebas.

Iêda pergunta se "além do *resgate*, há outras coisas trazidas de fora". [**Ela parece desinformada e ingênua. O problema é que os indígenas abusam da palavra resgate, criando este tipo de questionamento. Acho também que falta discussão com os indígenas, por parte dos assessores, e maior clareza sobre algumas categorias usuais e seus desdobramentos políticos.*]

A resposta dos professores afirma sobre a importância de dominar os saberes dos 'brancos' para não serem novamente vítimas, como têm sido nestes séculos de colonização. *[*A escola indígena é intercultural. Mas me parece que não fica claro nas falas dos diversos o sentido e as consequências políticas desta interculturalidade.]*

Os Tapeba têm 5 escolas, embora haja mais escolas, separadas, porque não há um local específico (Sinhá). São 8 professores. Alunos, são aproximadamente 400, sendo 78 na Comunidade do Trilho. A maioria das crianças ainda está nas escolas do 'branco'.

Elas idealizam construir uma "escola-mãe". *[*o que será que eles pretendem com tal escola?]*

*[*O relato me pareceu muito rápido, meio superficial, apesar das questões feitas.]*

Tremembé:

Zé Valdir, Tapera. *[*'Arrumado', camisa colorida tipo tropical, por dentro da calça, com cinto, sapato social (surrado), com meia branca].* Fala do processo de educação das crianças e adultos para a preservação do meio ambiente.

Preocupação em "não mudar a nossa cultura, o nosso jeito de ser, como dizia a Francisca Adelaide". *[*Sua fala revela o grau de influência de Francisca Adelaide em modelar sua compreensão de "cultura"].* Diana, sua mãe, é quem cunhou a frase que tem sido usada como verdadeiro lema, exposta em faixa de material bem elaborado, presentes nos últimos encontros, desde abril, e que diz: "Queremos uma escola que não mude o nosso jeito de ser".

educação indigena CC.indd 221 26/10/2015 11:43:10

[...], de *Capim-Açu*. *[*Não recordo esta professora. Esperava encontrar Fábia ou Flávia]*[71]. Ela relata a luta pela terra. Fala da dificuldade das pessoas de Capim-Açu de se identificarem como índios. Têm feito um trabalho de resgatar os nomes dos pais, dos antepassados.

Neide, Panã: as aulas de dança e música são feitas pelas próprias crianças. "Sinto que sou eu quem está recebendo aula e não que estou dando". As crianças e adultos se empenham quando vão à praia catar búzios. Trabalha como voluntária. Tem dificuldades financeiras.

Evandro, Varjota: O professor compartilha: "ele dá e recebe ideias".

Após as apresentações dos professores, são feitas algumas questões.

Têca: Como se dá a luta pela terra no cotidiano da escola?

Zé Valdir: É uma preocupação desde o início.

Pergunto quais são as dificuldades. Zé Valdir responde que é a capacitação. Tem acompanhamento de Karla. Mas querem "acelerar o processo", acompanhamento melhor.

Ieda pergunta sobre o "resgate da cultura" e sobre o que querem mais apropriar-se.

Zé Valdir nota que a escola não quer ficar só na cultura indígena, mas busca outras coisas, "aprender a viver no mundo lá fora".

Iêda: Como repassam a cultura "de fora"?

Zé Valdir: "Através de jornal, revista, através de Francisca Adelaide, textos dos parentes indígenas, de outros povos".

Guga: Quantas crianças estão fora da escola?

Zé Valdir: Não tem ideia ao certo. Diz que "nas famílias que estão na luta, as crianças estão na escola". Mas tem muitas famílias que ainda não estão na

[71] Posteriormente fiquei sabendo tratar-se de alguém do grupo ligado a Pedro Teixeira. Sua presença neste seminário era sinal do processo de emergência de sua facção na determinação dos rumos do movimento indígena local, em detrimento da liderança de Agostinho Teixeira.

educação indigena CC.indd 222 26/10/2015 11:43:10

luta e as crianças estão nas escolas do município. Dá números: há 30 professores, 7 remunerados pelo município.

Pergunto sobre o que eles querem, o que falta para avançar. Ele responde que os professores todos devem ser pagos e que as escolas municipais sejam estadualizadas.

Kaká, da Região de Crateús, critica a linguagem demasiado técnica usada pelos funcionários da Seduc ao formularem as perguntas. Iêda reage com humor e humildade. Diz que é bom ouvir isso, "porque a gente *reaprende*".

Povos da Região Crateús:

Professores: Kaká, Helena, Cristina, Maria da Conceição.

Francineide intervém: "a fala dessas professoras são diretrizes para a formação dos professores".

Helena, Crateús: "Cada povo é um povo". A luta começou com a luta por ocupação urbana, na periferia das cidades. Atualmente, têm 11 quadras ocupadas de áreas públicas ou privadas. "Não tinham ainda preocupação com o "resgate do trabalho cultural". Questionavam-se sobre a origem da força das pessoas que lutavam. Uma senhora, Abigail, teria dito ao ouvir as histórias sobre as ocupações: "aqui não há negros, são todos índios".

São 17 ocupações, nem todas têm escolas. "Somos da mesma família, carregamos esse sangue". Há 7 salas de aula de educação indígena em Crateús. Nas ocupações, os lotes são de 4,5m por 20m, nas comunidades mais organizadas, para cada família. A partir da ocupação, começa-se a contar a história anterior à ocupação, antes da vinda para a cidade.

Outro trabalho é sobre a religião, há muita discriminação. Chamam de macumba. Havia mais de 80 terreiros registrados na polícia, em Crateús, pois precisavam de licença.

"Nosso patrimônio, nossa riqueza é nosso patrimônio cultural". "Na escola a gente tá resgatando as danças. Mas queremos uma escola que fale de tudo. Queremos uma escola que não mude nosso jeito de ser, mas que nos faça compreender o mundo, queremos uma escola ampliada". *[*Muito interessante*

educação indigena CC.indd 223 26/10/2015 11:43:10

essa ideia de escola ampliada. *Acho que é uma ótima alternativa à categoria* diferenciada*, muito culturalista para o meu gosto.]*

Kaká, Altamira: Na 5.ª e 6.ª séries os alunos saíam, não vinham às escolas do município. Iam encontrar-se às escondidas com o pessoal da Vila Vitória, para participarem de rituais discriminados.

Não têm terra. Vivem pelos bairros, nas periferias. O pessoal da Vila Vitória é Kalabaça.

Têca fez uma ficha de cadastramento e identificação das pessoas e suas famílias.

"A escola foi de fundamental importância para afirmar a identidade, perder o medo e abrir espaço para os mais velhos contarem suas histórias".

[**A escola indígena, então, é mesmo um espaço instituinte, criador/provocador de institucionalidade.*]

A cultura e a escrita são fundamentais. "A cultura é de suma importância, mas não queremos ficar para trás".

[**A ideia de preservação ou de resgate pode ter um componente religioso não identificado com clareza: o ideal cristão acerca da pobreza do cristianismo, que a vê como virtude. As entidades indigenistas* religiosas *são, sobretudo, hoje, as que insistem na ideia de uma preservação da identidade pela preservação das condições materiais/tecnológicas de carência. *Reformular melhor esta ideia*]

[**Como superar o discurso opositor/dualista 'branco'x'índio'? Como engolir e devorar os dualistas?*]

Cristina, Tabajara-Kariri: "Graças a Deus, tenho sangue de índio". "Minha mãe teve o prazer de morar no mato. Eu não tive esse privilégio".

Ela tem preocupação com o canto. Tem feito versos. Quer fazer canções.

*[*A importância de 'falar bem' parece bastante evidenciada. Eles têm um discurso bastante articulado, coerente, rico de categorias e expressões.]*

Maria da Conceição, Poranga: É o primeiro ano que ensina em Poranga, no Jardim das Oliveiras. Irmã Margareth foi quem incentivou. Ensina com

educação indigena CC.indd 224 26/10/2015 11:43:11

outra jovem, chamada Janaína. Já conquistaram a terra para construírem a escola. Trabalha com o "resgate da cultura" através da arte.

Questões.

Cristina, perguntada sobre a discriminação cultural, observa que, "ainda no ano passado, minha mãe teve que pagar à polícia, para 'fazer o ritual'".

Pergunto sobre a formação delas enquanto professores. Como era antes de assumirem a luta indígena e como está sendo agora, depois do reconhecimento/identificação.

[...]

Helena relata sua própria história: em escola pública, a partir dos 30 anos de idade. Informa que a maioria dos professores indígenas tem o 2.º grau completo.

Em meio à sua fala, disse que Francineide levou brinquedos para Cratéus, e que ela guardou porque "não deu pra todo mundo".

A escola preocupa-se também com a sobrevivência financeira, por isso incentiva pequenos trabalhos.

Sobre a formação dos professores:

Uma vez por mês encontram-se durante dois dias inteiros para partilhar experiências e estudar, com a ajuda de Têca (que faz um curso de Antropologia Aplicada, por módulos, em uma faculdade salesiana).

Estão fazendo pesquisa linguística "sobre o jeito da gente falar e o jeito dos outros".

Há 7 professores em Crateús e 2 em Poranga. São remunerados pelo Estado. Querem reconhecimento e concurso diferenciado. Querem tudo na linha diferenciada. Nem todos são remunerados. Dividem os salários (dos 4 professores remunerados) entre dois professores. Estão contratados temporariamente. "Francineide foi quem arranjou". Francineide intervém, talvez tentando reparar o que fora revelado, dizendo que "foi toda a estrutura da equipe". *[...]*

educação indigena CC.indd 225 26/10/2015 11:43:11

Trabalho da escola em Mundo Novo (Povo Potiguara):

Fazem colagem com materiais naturais; folhas, sementes, fibras.

Estão fixados em um terreno com 120 habitantes, mas são quase 1.000 pessoas do grupo. Tinham 1 (uma) légua quadrada, que foi invadida. Hoje possuem apenas 40%.

"A escola diferenciada tem contribuído demais para a ampliação de nossa cultura". "A nossa escola não é cem por cento diferenciada. Se não tem outra coisa pra substituir isso... Mas ela tá contribuindo muito pra nós se valorizar". [**Transparece um senso quase pragmático de realidade*].

[**Têca, no início da sessão, questionou o uso do gravador que eu fazia para registrar. Disse-me que eu precisava de licença. Então, peço. Ela sorri e concede. Prometo-lhe dar uma cópia da fita ou do cassete transcrito. Na verdade, ao contrário de outras vezes, não havia pedido licença para gravar.*]

Tema das aulas: a colheita. Local. Mapa da terra, feito com ajuda de todos. Contém bichos, plantas, caminhos, estradas, cacimbões, grotas, ervas medicinais, histórias dos antigos, "perambulações", escravidão... Por ele, estuda-se história, geografia, medicina.

A contratação dos professores é de 100 horas-aula. Mas são 3 professores. Têca é quem assina, porque já tem o 2.º grau, "uma exigência da Seduc". O salário é repartido para os três professores.

Trabalham o canto e a pesquisa. "Somos também pesquisadores. Por que só universitários podem fazer?" (Têca). Eles já produzem textos.

Francineide intervém na fala de Têca. Chama a atenção para aprofundar depois as ações desenvolvidas na escola. Pede a Têca um texto elaborado por eles.

*[*Francisca Adelaide não falou nada ainda. Sinto que Francineide roubou a cena dela. Seu poder parece o mais forte. Francineide tem o poder de construir escolas, levar material, além de remunerar professores, criar o magistério e outras ações].*

Na questão linguística, Têca diz que o trabalho feito "é de resgate mesmo. Só temos palavras soltas".

educação indigena CC.indd 226 26/10/2015 11:43:11

Estão registrando tudo. Querem fazer o currículo a partir daí, isto é, "o que correu o ano inteiro". Mas querem ajuda para sistematizar. "É sofrido". *[*É muito interessante este conceito de currículo. * Preciso dar uma olhada depois na proposta de programa, de grade, que inclui Sociologia, Antropologia, Metodologia do Trabalho Científico e História Americana.] [*Até que ponto esta proposta 'engole' antropofagicamente outros saberes, outros modelos de escola, até que ponto os reproduz, simplesmente?]*

"Com a escola diferenciada queremos oferecer subsídios à nossa própria sociedade".

"Não dá pra fazer um magistério diferenciado se antes não tivermos noção de Antropologia, Sociologia".

[**Parecem querer ter disponíveis informações, modelos,* alternativas *para poderem criar. Como uma* colagem. *Pode ser esta – colagem – a categoria fundamental para pensar a diferença cultural indígena. *Escrever um texto, aprofundar: colagem não como imitação, mas recriação. O aspecto artístico-didático-pedagógico estaria bem presente aí.*]

Ensino de Português: meta: em três anos, querem ter sucesso em como escrever português, se é como a comunidade fala (por exemplo "diche", "muié"). É assegurado pela Constituição ter língua própria.

Uma questão: como adaptar a proposta da escola indígena aos que não têm a terra.

Alunos: 53 crianças e adolescentes mais 17 adultos.

Têca apresenta um relatório, escrito à mão, com a pesquisa linguística.

Dificuldades: Sala escura. Fazem um fogo, mas "a fumaça engole os olhos das pessoas". Os mais velhos têm problemas de vista. Falta lápis. O material didático é inadequado (por exemplo, um dos livros traz os tambores do dia 7 de Setembro; há gravuras como sinais de trânsito etc).

Têca está fazendo o curso de Antropologia Aplicada da Faculdade Salesiana (*?). "É bom demais, aconselho a quem puder fazer".

[...] *professora leiga da comunidade* [...] de Monsenhor Tabosa:

educação indigena CC.indd 227 26/10/2015 11:43:11

Ela fala sobre a exigência da Seduc de que os professores tenham o 2.º grau. "São poucos os índios formados. A Seduc tem que repensar isso. Se querem professores indígenas, têm que dar condições".

A escola está funcionando desde maio. Professores não são remunerados. A comunidade é que ajuda a comprar os materiais didáticos.

Fizeram uma pesquisa sobre a história da comunidade. Gravaram e fizeram fotografias. "Foi o primeiro passo da escola".

Dificuldades/necessidades:

- Discutir a saúde, medicina caseira.
- Zelar pela natureza.
- Luta pela terra. Eles só têm pedacinhos de terra para morar. Para plantar, têm que recorrer aos "patrões".
- Organização geral da comunidade, fortalecer a união e conscientização, solidariedade. "A escola veio reforçar tudo isso que a gente já discutia na comunidade".
- Materiais para aprender a ler e escrever. Vêm sendo muito cobrados. Mas como a escola não está registrada (junto à Seduc), não tem como cobrar. "Falta lápis, papel, um caderninho".
- Prédio: cada um traz a cadeira de casa.
- O gás da lamparina ou lampião é doação de um ou outro aluno adulto.
- Falta estrutura, prédio, energia.
- Faltam meios alternativos de sobrevivência para a juventude, que sem emprego ou trabalho vai embora. "Daqui a pouco, vamos ter uma escola só para os velhinhos". "Não sabemos o que fazer para enfrentar isso".
- Problemas de saúde por falta da terra para plantar e ter como alimentar-se melhor.

[**Como a formação dos professores, enquanto processo, o magistério indígena pode contribuir e capacitar os professores para enfrentarem, com a comunidade, estes desafios?*]

educação indigena CC.indd 228 26/10/2015 11:43:11

"Independente de ser reconhecida a escola indígena. Independente da Funai nós nos reconhecemos como indígenas".

"Esperamos que a Seduc cobre das instâncias superiores".

"Para que esse encontro seja diferente, mostre que tá melhorando a vida, é preciso que as coisas saiam do papel e aconteçam na prática".

Almoço: [...]

Conversei com Darlene Taukane. Trocamos endereço. Ela gostaria de fazer o doutorado em educação na Faced/UFC. Seria maravilhoso tê-la entre nós. Ela é Mestra em Educação pela UFMT, a primeira indígena deste país a ter um mestrado nesta área, segundo ela mesma frisou.

Tarde: Continuação dos relatos

Kanindé de Aratuba: Dificuldades: espaço físico, material didático.

Jenipapo-Kanindé: Dificuldades; não têm espaço nem material didático. "Ensinamos mesmo no chão, do nosso jeito".

Pitaguary: Melhorou um pouco mais, têm prédio. "O quebra-cabeça maior é com os idosos: botaram na cabeça que não podem mais aprender". O prédio está sem energia, que foi cortada. A primeira conta foi de R$ 25,00. A segunda conta veio R$ 400,00. [**Como manter os equipamentos das escolas diferenciadas, agora e no futuro?*]

Importância dos jogos nas atividades pedagógicas.

Questões levantadas/respondidas:

- Como se dá a formação de professores: em escola pública.
- Faltam recursos, dinheiro para pagar as passagens (transporte).
- Não há remuneração de professores.
- Falta assinar o convênio com a Seduc.

Francineide faz uma intervenção sobre a "diversificação dos ritmos e caminhadas". *[*Parece uma forma de justificar antes a situação de carência, de precariedade.]*

educação indigena CC.indd 229 26/10/2015 11:43:11

Exposição de Guga (Anaí-BA):

Inicia esclarecendo que sua reflexão estará voltada muito mais para os não índios.

"Todos os professores falaram sobre construir uma educação diferenciada. Quando os de fora, que querem entender, olham para essa realidade, perguntam: 'em que esses índios são diferentes'. Por causa dessa pergunta, os índios do Nordeste são muito importantes para o Brasil como um todo".

O discurso histórico homogeneizador nacional. Os índios foram as primeiras vítimas.

A memória das pessoas no Ceará: "tenho uma bisavó índia".

No livro didático, o índio aparece no começo, depois desaparece.

A ideia de Brasil produzida como "misturado".

A imagem e reconhecimento do índio: "ainda existe na Amazônia".

População atual de índios no Nordeste: 70.000 índios, 42 povos. Como é que, em 20 anos, passou-se de 10.000 para 70.000 e de 12 para 42 povos? Fenômeno da 'emergência étnica': organização pela reivindicação de direitos.

O problema da 'unidade nacional'. Produziu-se um discurso no qual não tem sentido a diversidade. A diversidade é jogada para o passado ou admitida como erro, falha.

Os índios do Nordeste são a maior evidência de que tudo que se aprendeu sobre o Brasil está errado.

A imagem do índio nu e selvagem é confortável, pois pertence ao passado e desautoriza os índios atuais.

O atual processo implica em duplo esforço: de um lado, junto a atual sociedade, para reconhecer estes povos; de outro lado, internamente, superar as desvantagens da afirmação étnica, internalizadas.

A educação diferenciada é uma garantia que talvez valha a pena ser conquistada. O processo passa na contramão do Estado.

educação indigena CC.indd 230 26/10/2015 11:43:11

Um duplo esforço: de um lado, provar a identidade indígena para os "de fora"; de outro lado, internamente, organizar o próprio modo de ser índio.

Sobre a categoria "resgate cultural", lembra do significado do resgate em um sequestro: é o preço pago pela vítima. Resgate é uma exigência dos brancos. É o preço que os índios têm que pagar para serem reconhecidos por nós, "para ficarem mais parecidinhos com índios". "Para os índios, é apenas um esforço para organizarem seu modo de ser: ordem interna, memória etc".

O resgate pela memória: "você sabe quem você é, se você sabe de onde veio". [**Mas aí se recai no* historicismo*! Há que se libertar da história, dessa camisa de força. A identidade deve ser pensada sob uma nova ideia, a de* devir*, de criar. Não há saída voltando ao passado. A porta de saída é o presente como criação de novas possibilidades. Nesse sentido, os povos do Nordeste têm a possibilidade de construir de modo muito instigante, inovador, pois "perderam" a memória, quer dizer, estão livres das sujeições da história, da obrigação de ter que* manterem *sua identidade. Assim, podem ser, efetivamente,* criativos.]

[**Vez por outra, Guga fala dos índios como se traduzisse seus pensamentos e sentimentos. De alguma forma, "representa"-os.*]

[**A sala está fazendo um silêncio que não me convence. Parece um silêncio 'de branco', quer dizer, formal. A audiência parece não estar conectada. Faltam evidências de 'paixão' e de 'intempestividade', para lembrar do Simpósio de Filosofia de que participei recentemente sobre Nietzsche e Deleuze.*]

[Guga está barbado e com o cabelo longo. Sua deficiência visual e seu *look* atual lhe emprestam uma aura quase mística, potencializada pela mensagem em letras garrafais, escrita na lousa que serve de anteparo à mesa: "Jesus Cristo, o enviado do Pai". As palavras de Guga, neste cenário, parecem encarnar o sagrado, enquanto referências para pensar a escola indígena no Ceará. Para isso, afinal, ele foi *chamado* e *enviado* pela Seduc].

Continuando, Guga lembra que a educação indígena está encaixada na estrutura funcional das secretarias. Ela "*precisa inventar uma caixinha nova*". Para formar e contratar professores indígenas, é preciso uma nova lei. Ter magistério, ser formado, é uma exigência de branco. É preciso ter outros critérios de avaliação e de contratação.

educação indigena CC.indd 231 26/10/2015 11:43:11

Dilemas da escola indígena. Um é [...] *[perdi]*. O outro dilema é a relação entre o *tradicional* e o *novo*. "Estamos muito acostumados com a imagem do passado". Os índios do Ceará são vistos assim, como índios, "porque ainda têm alguma coisa do passado". A diferença não está no passado nem no que sobrou do passado. "*A escola indígena é um instrumento para criar no presente, é um instrumento do novo*". Os índios não são depósitos de coisas do passado. Eles estão criando agora. Nós, os brancos, somos *inventores*. Os índios, se querem ter *cultura*, têm que ser o que sempre foram. *[Eles devem ser* repetidores.*]*

A cultura indígena é, por excelência, o lugar da invenção. A escola indígena do Nordeste, para ser reconhecida, precisa ser muito inventiva.

A escola indígena no Nordeste é muito mais moderna do que nós, é muito mais inventiva. Nossa sociedade está demasiadamente estabilizada.

Este momento, agora, é o momento de inventar. Neste momento, os índios estão se reinventando como nunca! Reinvenção não é fraude.

Exposição de Darlene Taukane, Kurâ-Bakairi, mestra em educação pela UFMT:

Itinerário escolar: educação na aldeia, depois em escola pública, universidade particular (Letras) e mestrado em educação indígena.

Trabalhou em escola pública. Era questionada se era paraguaia, boliviana... Respondia: "sou uma mulher indígena".

A ideia do mestrado surgiu como necessidade de escrever algo sobre seu povo. Sentiu-se muito fortalecida. Perguntava-se sobre o que iria escrever.

[**O quadro que servia de anteparo à mesa foi mudado de posição. Agora, isola uma porta ao centro da sala e teve a mensagem apagada.*]

Darlene diz que é a primeira indígena com Mestrado em Educação no Brasil. Isso tem trazido muita responsabilidade.

Ficou feliz com os relatos escutados, pois demonstra que os indígenas do Ceará já têm uma consciência da prática de educação diferenciada. No MT há dificuldade de praticar a educação diferenciada. A educação passou pelas missões e Funai.

educação indigena CC.indd 232 26/10/2015 11:43:11

A escola no Nordeste está preocupada com as lutas, a retomada das terras. Esta escola está ressignificando, mesmo quando não tem ainda a terra.

"Qual a missão que Deus nos deu na terra? Só pedir? Os Xavante são conhecidos como 'pedintes'!"

"Não conheço um povo indígena que não queira escola. O povo Enauenê-Nauê, que só tem trinta anos de contato, já quer uma escola para dominar os códigos, para vender seu peixe, negociar madeira etc".

Preocupação com uma escola que não retire os estudantes das aldeias.

Sobre a participação nos cursos: são dados certificados de participação e não *diplomas*!

O curso de formação de professores em MT funciona em tempo de férias. Atende, em janeiro e julho, os professores que precisam de habilitação. São ministrados em municípios próximos.

São muitas as dificuldades. Mas eles dizem "nós fazemos isso porque queremos melhorar a nossa prática pedagógica".

A maioria é de homens, mas as mulheres estão aumentando.

Território, língua e cultura são os conteúdos do curso.

"Nossos antepassados já fizeram sua parte, fizeram até aqui. Agora é nossa responsabilidade. É dever nosso preservar nosso território".

A língua portuguesa "é um presente de grego".

Se não é possível resgatar a língua, resgatar a autoestima, revitalizar-se, renovar a esperança.

É importante que o curso respeite a diversidade, o nível de cada povo.

Importa saber o conteúdo e a forma. Chama a atenção sobre a arte.

Há mudança nas posturas: valoriza-se o professor. O curso contribui para isso.

"O que nos dá autonomia como professor é uma convicção sobre o que você domina".

educação indigena CC.indd 233 26/10/2015 11:43:11

Tem uma turma que vai se formar em julho de 2000 e outra em janeiro de 2001.

Continuidade: há um projeto de constituir uma universidade para os povos indígenas. Foi encaminhado ao governo e à Unesco[72]. João Pacheco é o consultor.

Exposição de Márcia Spyer (UFMG):

Fez dissertação de mestrado sobre a geografia de 11 povos indígenas no Acre, em 1989.

Fala que está feliz e impressionada, "muito impressionada por escutar, ver, a força das lideranças e professores: a escola e a luta juntas".

Trabalha como professora no Programa de Geografia no Amazonas, Acre, Maranhão, Bahia e Minas.

Sente-se uma aliada.

Tem experiência, em Minas, com os povos Krenak, Maxakali, Xakriabá e Pataxó.

Características gerais do trabalho com a escola indígena:

- Governamental.
- Interinstitucional – Parcerias com SEE/MG[73], Funai, UFMG, IEF/MG[74], IEPHA/MG[75].
- Estrutura flexível.
- Financiamento: Recursos do SE/QE[76], do FNDE[77], da Funai e do MEC.

[72] Órgão das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
[73] Secretaria Estadual de Educação / Minas Gerais.
[74] Instituto Estadual de Florestas de Minas Gerais.
[75] Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais.
[76] Salário Educação / Quota Estadual.
[77] Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.

educação indigena CC.indd 234 26/10/2015 11:43:11

Foram publicados seis livros dos diferentes povos, livros de história. Agora estão elaborando cartilhas. Há onze livros para serem publicados, livros didáticos.

Não basta fazer curso de formação, mas elaborar subsídios (livros).

Fazer diagnóstico (feito em 1999, nas 4 áreas indígenas). Quantos professores nas escolas, quantos alunos, quantos estão fora? Quantos estão nas escolas de *branco*?

A escola tem que dar conta de dois olhares: um, para dentro, e outro, para fora.

A escola diferenciada é uma escola de qualidade, "pra cima", competente.

*[*Me parece que Márcia dá ênfase na organização interna, na racionalização dos processos pedagógicos – diagnóstico, produção de subsídios.]*

Ensino 'Presencial':

- 66 professores dos 4 povos.
- Mês de julho, 30 dias, manhã, tarde e noite.
- Carga horária: 3.860 horas-aula.
- Duração: 4 anos, feitos nas férias.
- Disciplinas: história, português, física, química, biologia.

No Parque (área indígena?), disciplinas: cultura, língua, usos, pedagogia indígena.

O curso é flexível e diferenciado de povo para povo.

Ensino Não presencial:

- Alternativo ao 'ensino a distância'.
- Produção de pesquisa que geram os livros.
- No início, começou com os 4 povos juntos.
- Proposta curricular flexível: única para os 4 povos, mas diferenciada para cada povo.

educação indigena CC.indd 235 26/10/2015 11:43:11

- Cada povo construiu sua proposta curricular dentro da proposta do Estado, que era muito flexível.
- Dentro da SEE/MG tem uma equipe específica para isso.
- Participação de Antropólogo: cada grupo étnico tem um núcleo com um antropólogo.

"Aqui, no Nordeste, *será a primeira vez que se pensará uma proposta de formação de professores de crianças, jovens e adultos*. A estrutura curricular deve permitir flexibilidade"

"O programa de Minas foi decidido em conjunto, a todo momento. *O pessoal da SEE está presente enquanto setor administrativo*". [**Esta ideia é fundamental! O poder não é da Seduc. A ela compete o papel administrativo, mas quem decide são os indígenas.*]

Contratação de professores em processo de formação. Vontade política do secretário de educação. "Em um mês, foram todos contratados".

As escolas indígenas são inviáveis como escolas municipais *[porque os conflitos locais entre índios e poder público são mais acirrados]*. A luta dos professores foi conquistar em 1997 a contratação. Há que fazer uma 'justificativa'.

A experiência dos Xakriabá: ainda dão aulas sob os pés de pequi e lonas. Mas os pais já não discriminam os professores da aldeia. Antes, deixavam seus filhos nas escolas de brancos. Agora, a qualidade, a responsabilidade é a marca da escola.

Defende a construção do currículo *em processo*. Sugere fazer um seminário de formação de professores-formadores, específico para a realidade indígena.

Ações desenvolvidas [em Minas]:

- Elaboração do programa.
- Convênio SEE/MG, UFMG (PAE-CECIMG[78]), IEF, Funai.

[78] Programa Acadêmico Especial – Centro de Ensino de Ciências e Matemática (da UFMG).

educação indigena CC.indd 236 26/10/2015 11:43:11

- Seminário de formação de professores-formadores.
- Construção de material pedagógico.
- Assessoria pedagógica nas áreas.
- Propostas curriculares específicas.
- Projetos arquitetônicos específicos.
- Centros de formação de jovens e adultos (não conseguiram implementar).

Resultados:

- Formação de uma equipe multidisciplinar.
- Relatório técnico sobre situação educacional.
- Elaboração de cartilhas.
- Revista indígena.
- Eficiência.
- Proposta curricular específica.
- Projetos arquitetônicos específicos.
- Documentários.
- Cursos específicos de cultura, língua e uso do território.

"O interessante é que se está junto e separado".

"A parte burocrática é que é o difícil".

Para o fortalecimento da educação indígena no Ceará faz algumas indicações para o planejamento:

1. Realizar diagnóstico sobre a situação indígena no Ceará
2. Formação de professores.
3. Contratação remuneração.

educação indigena CC.indd 237 26/10/2015 11:43:11

4. Estadualização.
5. Construção e reforma.
6. Produção e publicação de material didático específico.
7. Equipar as escolas (carteiras, material didático etc).
8. Articulação escola-comunidade-sobrevivência.
9. Interinstitucionalização: definição de parcerias.

Para cada projeto, explicitar: *O que*? *Como*? *Quando*? *Quem*?

27 de outubro de 1999.

Manhã:

<u>Discussão sobre o registro do encontro</u> (Têca levantou a discussão desde ontem).

Francisca Adelaide chama atenção para o uso do registro: será que o governo do Estado vai-se aproveitar para propaganda?

Helena reforça o questionamento de Têca, mas me "salva", sou "conhecido".

Francisca Adelaide questiona se no Mato Grosso os índios estão exigindo dinheiro e presentes dos pesquisadores.

Darlene não confirma. Lembra também que eu já pedi desculpas por não ter pedido licença anteriormente.

Ivo propõe uma pauta para discutir o assunto, posteriormente.

Planejamento (continuação) – Márcia Spyer:

1) <u>Diagnóstico</u>:

<u>Como</u>: Seduc, Pastoral

educação indigena CC.indd 238 26/10/2015 11:43:11

Fazer um questionário: quantas escolas, situação, alunos dentro e fora, lotação de professores. Fazer parte introdutória: qual o povo. Fazer o mapeamento, o censo.

2) Formação de professores:

- Diagnóstico.
- Definir parcerias.
- Projeto de formação de professores.
- Currículo.
- Envolve projeto administrativo, pedagógico e político.

Francisca Adelaide levanta a questão da formação dos formadores.

Falo que em maio/98, em reunião do Grupo de Trabalho em Educação Tremembé, foi colocada a proposta. Falta implementá-la.

Uma técnica da Seduc fala da competência técnica. Guga reforça. Darlene questiona: a competência política, a "simpatia" não pode ser o critério.

3) Contratação/remuneração:

A secretaria deve compor uma equipe para estudar a legislação. Exemplo dos Maxakali que foram contratados como "r", sem falar português e sem passarem por escolas brancas.

4) Estadualização:

- Há uma abertura por parte do Estado (do secretário) para estadualizar as escolas indígenas. Mas há flexibilidade, caso alguma comunidade não queira estadualizar.
- Vantagens: em geral, os prefeitos municipais são contrários aos povos indígenas.

5) Construção e reforma:

- Casos de comunidades que não têm terreno.
- Problemas relativos à regularidade da posse do terreno.

educação indigena CC.indd 239 26/10/2015 11:43:11

6) Produção e publicação de material didático específico:

- Ligado à formação de professores.
- Pessoal de Crateús pede colaboração para ajudar na seleção ("ampliação") do material para publicação.

7) Equipar escolas:

Junto com construção e reforma.

8) Articulação escola-comunidade-sobrevivência: articulação com diagnóstico e formação de professores.

9) Interinstitucionalização:

Definição de parcerias.

Blocos de Projeto:

A: Formação de professores, Diagnóstico, Produção material didático, Articulação escola-comunidade-sobrevivência, Interinstitucionalização (parcerias).

B: Contratação/remuneração, Estadualização, Construção/reforma, Equipar escolas.

Parcerias/Financiamentos:

- ONGS: Abrinq etc.
- MEC
- FNDE (Seduc)
- SE/QE (recursos próprios do Estado)
- Funai
- Banco Mundial (Seduc)
- FUNDESCOLA[79] (Alagoas)

[79] Fundo de Desenvolvimento da Escola, se não estou enganado.

educação indigena CC.indd 240 26/10/2015 11:43:11

- Unesco
- Comunidade Solidária

A missão do Banco Mundial estará nestes dias em visita ao Ceará, para acertar financiamento.

Francisca Adelaide informa que no Fundef foi incluída uma rubrica para a educação indígena.

Parcerias: [etnias]

- Tapeba
- Tremembé
- Potiguara
- Tabajara
- Jenipapo-Kanindé
- Kalabaça
- Pitaguary
- Kanindé de Aratuba
- Tupinambá
- Kariri

Entidades:

- Seduc/CREDE
- OT/CDPDH[80] (Pastoral Indígena)
- Igreja Metodista
- Igreja Presbiteriana

[80] Centro de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos, órgão da Igreja Católica no Ceará.

educação indigena CC.indd 241 26/10/2015 11:43:11

- Pastoral Raízes Indígenas de Crateús
- UFC/UECE/UVA[81]/Unifor[82]
- Ministério Público Estadual
- FNS

Foi aventada a ideia de se criar uma comissão de Estudo Escolar Indígena. Definir no projeto.

Projeto de formação de professores:

- Fazer convênio.
- Atribuir papéis às partes.

Exemplo de como elaborar o Projeto:

1) O que: Curso de formação professores indígenas no Ceará:

Etapas:

- Definir parcerias
- Formar equipe/coordenação
- Diagnóstico da área indígena
- Definir grupos de professores indígenas com a comunidade
- Elaborar Projeto – Buscar financiamento
- Montar currículo magistério indígena
- Iniciar curso de formação

Diagnóstico: rever. Por exemplo, Tapeba têm muitas crianças fora das escolas indígenas.

[81] Universidade Estadual Vale do Acaraú.
[82] Universidade de Fortaleza.

educação indigena CC.indd 242 26/10/2015 11:43:11

Currículo: habilitação para educação infantil e de adultos/Tempo. É o "que escola queremos". Se se quer uma escola ligada à sobrevivência, se se quer uma escola que olha "pra dentro" e "pra fora".

Pode-se começar o curso de formação mesmo se não se finalizou a proposta de currículo.

2) Como: Parcerias:

- Convocar reunião dos possíveis parceiros: definir tarefas de cada um.
- Formalizar uma equipe.
- Estabelecer convênios.

3) Quem: Seduc (por obrigação legal), no princípio. Após formar coordenação geral, a coordenação assume a responsabilidade.

4) Quando: Até dezembro próximo.

Trabalho em grupos (por etnias) para montar planejamento.

Despedidas de Darlene e Márcia. Socorro, da Seduc, reforça que "elas são doutoras, embora sejam íntimas".

Questões:

- Curso para todos ou para cada povo?
- E a diversidade de níveis (séries) por parte dos professores?
- Seminário de formação de professores.

Tarde:

Continuação das atividades em grupo.

Permaneci com os Tremembé, junto com Karla. Discutimos longamente cada ponto. Optamos por dar ênfase ao início do curso de formação de professores – que previmos para janeiro – porque, acreditamos, puxaria as outras ações. Pensamos algumas disciplinas, as cinco primeiras, que, como sugestão dos tremembé, deveriam ser: matemática, português, história, geografia e prática de ensino tremembé. Seriam dadas em módulos de 60 horas-aula

educação indigena CC.indd 243 26/10/2015 11:43:11

intensivamente nos meses de fevereiro e julho e, durante os outros meses, em apenas uma semana. Não deveriam ser pensadas de forma isolada. A carga horária "presencial" distribuída ao longo do ano seria a seguinte:

Mês	Carga horária	Mês	Carga horária
Janeiro	60h/a	Julho	270h/a
Fevereiro	240h/a	Agosto	60h/a
Março	60h/a	Setembro	60h/a
Abril	60h/a	Outubro	60h/a
Maio	60h/a	Novembro	60h/a
Junho	60h/a	Dezembro	60h/a

Total de horas-aula por ano: 1110. Poder-se-ia ter o curso de magistério indígena em 2 anos, considerando-se as atividades não presenciais.

Para os que já têm uma formação, flexibilidade de currículo, oferecer opções.

Conversa com Darlene (no intervalo). Assuntos: o desejo dela, de fazer o doutorado em Fortaleza. Minha pesquisa. Minhas inquietações. A contribuição do movimento indígena cearense para repensar o Estado e a 'unidade nacional'.

Plenária dos trabalhos em grupo:

Os grupos haviam-se dividido da seguinte forma: 1)Tremembé, 2)Tapeba, 3)Região de Crateús e 4)Jenipapo-Kanindé, Kanindé de Aratuba e Pitaguary. Os "consultores" e entidades se dividiriam entre os grupos. Francisca Adelaide ficou com o quarto grupo.

Na apresentação das propostas, a metodologia usada por Socorro da Seduc pressupõe, sem discussão, uma caminhada comum para os povos indígenas. Faço uma intervenção chamando a atenção para o fato de os povos/grupos apontarem sugestões diferenciadas em alguns pontos. A metodologia é homogeneizadora.

À medida que Socorro avança, volta a questão da diversidade das caminhadas. Agora é Karla quem levanta os questionamentos. Valoriza a proposta de planejamento, seguindo passos metódicos – diagnóstico, projeto etc – mas, recorda que os tremembé já estão em processo de formação já têm um diagnóstico etc. Seria necessário partir dessa novidade. Francineide reconhece

educação indigena CC.indd 244 26/10/2015 11:43:12

a necessidade de levar em consideração a realidade e "completá-la" com um diagnóstico e projeto.

Estranhamente, o grupo que apresenta sugestões mais acabadas e coerentes do ponto de vista lógico é o grupo dos que têm menos experiência escolar e que ainda estão engatinhando: o grupo em que Francisca Adelaide estava presente. É flagrante a influência dela. Karla comentou depois comigo, dizendo: "este grupo não discutiu nada, engoliu tudo que a Francisca Adelaide propôs, pois se tivessem discutido, teriam feito como os tremembé, que só conseguiram apresentar uma única proposta ao planejamento, que foi o início do curso de formação de professores".

Tive que me retirar em torno das 18 horas, pois daria aula logo mais em Fortaleza. Na manhã seguinte, receberia uma cópia do "Planejamento das Ações de Educação Escolar Indígena no Ceará", o resultado da plenária sistematizado pela metodologia de Socorro, propondo 4 ações básicas: 1) Diagnóstico da área indígena, 2) Curso de Formação Magistério Indígena, 3) Montar Currículo do Magistério Indígena e 4) Produção e Publicação de Material Didático. O "Planejamento" detalha o "como", o "quando" e "quem" das propostas, conforme as sugestões de Márcia Spyer. *[...]*

28 e 29 de outubro de 1999

1.º Seminário de Educação Escolar Indígena da Região Nordeste[83]

Local: Casa das Irmãs Cordimarianas/Caucaia

Realização: MEC/SEF/CGAEI e SEE/CE. *[*Assim está escrito no adesivo frontal da pasta de papelão que me foi entregue com o material deste seminário. De cara, chama logo minha atenção terem trocado o nome da Seduc por SEE/CE]. [...]*

[Lideranças e professores de diversos povos indígenas do Nordeste, representantes de órgãos de Estado ligados à educação e de entidades de apoio aos

[83] *Diário de Campo,* n. 1, p. 210-246.

educação indigena CC.indd 245 26/10/2015 11:43:12

povos indígenas vieram somar-se aos participantes do Encontro Pedagógico realizado nos dias 26 e 27, neste mesmo local].

[O objetivo principal deste Seminário era discutir a formação de professores indígenas na Região]

28 de outubro de 1999.

Manhã.

Abertura:

Dança de crianças Tapeba, vestidas a caráter (saia, top, cocar e adereços feitos em fibra de palha, sisal ou coisa parecida). Não cheguei a tempo de assistir. O secretário de educação estava presente, o vi próximo ao refeitório. *[*Causa-me incômodo, verdadeira náusea, esta coisa de "apresentar-se" reforçando o exótico, o 'beau-sauvage'. Estas práticas de 'sensibilização' me dão asco!]*

Leitura da Resolução 14/99:

Esta é a mais recente resolução do MEC sobre educação indígena, reconhecendo as escolas indígenas diferenciadas e dando outros procedimentos.

Ivete Campos, coordenadora do MEC para educação indígena, faz uma leitura velocíssima. O som está inaudível, de tão ruim. É um milagre que algum dos indígenas, como é o caso de Helena de Crateús, consiga compreender e intervir.

O artigo 9.º, parágrafo 1.º, sobre o papel dos municípios, é discutido com ênfase. No fundo, como disse o Guga, os povos indígenas não querem interferência dos municípios, preferem a estadualização.

Ivete defende uma leitura sem maiores discussões. Diz que é uma apresentação em primeira mão. Sugere que a assembleia não se precipite em discutir demais. Esclarece que o MEC estará colaborando na implantação em cada Estado, conforme a realidade e a proposta locais.

educação indigena CC.indd 246 26/10/2015 11:43:12

Têca retoma a discussão sobre a interferência dos municípios. Chama atenção para a conjuntura de 'politicagem'. Cita o *7 de Setembro* como exemplo de manipulação das secretarias de educação municipais sobre as comunidades indígenas [que são pressionadas a somarem-se aos desfiles do *Dia da Independência*].

Helena reforça a fala de Têca. As duas estão sempre juntas.

Arrumei uma paquera ontem. É Maria da Conceição, que tem nome tabajara de Mira Ira[84], mas que gosta de ser chamada de Tânia[85]. Ela é professora em Poranga. Está ao lado de Helena e Têca. Mas não intervém. Gostei do sorriso dela, do olhar terno e aceso, e das curvas arredondadas do seu corpo moreno, acentuadas pela lycra da calça *jeans* que usa.

Uma outra técnica do MEC (?) chama a atenção para a página 13 das diretrizes do documento, para o processo de implantação, regulamentação e apoio às escolas indígenas. Seu discurso busca esclarecer talvez, mas fortalece a posição de Ivete. No fundo, ela pretende esgotar a discussão. Sua fala, o tom de voz, as palavras pronunciadas como que soletradas, a boca teatralmente aberta, larga, vermelha de batom e a voz pausada em reto tom têm um desejo flagrante de "verdade". Lembro-me de Foucault em *A ordem do discurso*.

Fiz algumas fotos. Tentei gravar, mas o som está cansativo. Hoje há outros fotógrafos. Ao menos dois são profissionais, afora Ivo de Souza, companheiro de outros momentos da *caminhada*, que fotografa desde ontem. Ele já tem uma tradição de registrar eventos do movimento indígena local, sobretudo do povo Tremembé, com quem trabalha mais. Alguns dos presentes também têm máquina, inclusive um índio professor (xakriabá ou guajajara?) que chegou desde ontem com a equipe do MEC.

Os técnicos e intelectuais têm tomado a palavra a maior parte do tempo. Eles parecem dialogar entre si. Os indígenas assistem, com raríssimas intervenções, como as de Têca e Helena.

[84] Nome fictício.
[85] Nome fictício.

educação indigena CC.indd 247 26/10/2015 11:43:12

Encontrei Francisca Adelaide, ou melhor, apenas a vi. Ela me saudou com a formalidade e a frieza das últimas vezes. Ainda tentei estender-lhe a mão, mas recuei, pois ela sinalizou que não me daria a sua. Toquei-a, então, levemente no braço.

Permanece a discussão. Parece importante, mas na verdade é estéril. É antes um exercício vocal e uma autocontemplação verbal dos mesmos que já falavam. "O branco fala demais", disse um tikuna quando lhe perguntaram o que mais o impressionou por ocasião do contato inicial com os brancos.

As falas se sucedem. Causam-me bocejos. Ainda bem que Clarice, da PJE, está ao meu lado. Conversamos, brincamos, compartilhamos do mesmo enfado da discussão.

Guga fala mais uma vez... e eu paquero Mira Ira!

Dei-me conta que tenho escrito coisas sérias demais neste *diário*. Penso no Darcy Ribeiro, nos seus *Diários Índios*. Gosto do sarcasmo, da ironia, do bom humor dele. Ainda tenho uma relação mal resolvida com a ciência. Ainda não assimilei o conselho de Rubem Alves em seu livro *Filosofia da Ciência*, que diz que a ciência deveria ser leve, como empinar papagaios.

Sinto falta também de um interlocutor mais definido, mais personalizado, mais real para meus escritos. Ainda não sei quem é você, *caro leitor*. Mas preferia que fosse do sexo feminino. Se for homem, não deveria ser do tipo padrão, ainda em uso. Me dou melhor com as mulheres. Gosto do brilho do olhar delas, de sua linguagem mais total, mais visceral. Gosto de sua sensibilidade aos detalhes.

Nietta Monte fala sobre os "Parâmetros Nacionais Curriculares para a Educação Indígena". Diz que é um documento técnico, deve servir para a formação de professores e não para "enfeitar estantes dos gabinetes dos técnicos". Esclarece que estará à disposição em outro subsídio, "Parâmetros em Ação".

Clarice conta-me um fato ocorrido, uma reunião entre a PJE e a Secretaria de Educação de Caucaia. Há um projeto assinado pelo prefeito Gerardo Arruda que pode ser usado no *reconhecimento* dos Tapeba, que ele contesta no Supremo, em Brasília, depois da demarcação da reserva Tapeba.

educação indigena CC.indd 248 26/10/2015 11:43:12

A discussão estendeu-se e engoliu uma parte da programação para a manhã. Mesmo assim, Ivete tenta salvar a programação.

Exposição do Guga:

Tema: "Aspectos antropológicos dos povos indígenas do Nordeste"

Guga começa apresentando suas atividades: antropólogo da ANAÍ-BA, professor, pesquisador, "aliado" dos povos indígenas.

Ainda de início, faz algumas ressalvas.

Primeiro, esclarece aos índios que o que vai dizer, vai dizer na sua frente, e não pelas costas, coisas que os índios já sabem, talvez com outra linguagem. É uma linguagem para os não índios.

Segundo, o Nordeste indígena, na sua fala, não é o Nordeste geopolítico. Falará dos povos de MG e ES. Não falará do Maranhão, pois tem uma realidade diferente.

Terceiro, sobre o conceito de "emergência étnica" ou "etnogênese". *[*O problema deste conceito é que ele ainda reifica a identidade, referindo-a ao passado, a uma tradição. Até quando os índios, para serem reconhecidos como pessoas com direitos terão que reportarem à memória? A essa camisa de força que continua a obrigá-los a serem* uma *'invenção'?]*

Sobre a população indígena no Nordeste ao longo das décadas deste século, Guga apresenta os seguintes números:

Década	N.º de Povos indígenas NE	População Indígena NE
1920	00	0
1950	06	8.000
1979	12	15.000
1999	42	70.000

Guga impressiona pelo esforço de uso do quadro-negro, já que ele não enxerga nada. Ele tenta escrever alguns dados que cita. Alguém, vez por outra, o ajuda a apagar o quadro. A assembleia como um todo o ajuda a localizar-se e escrever no quadro.

educação indigena CC.indd 249 26/10/2015 11:43:12

Ele acredita que o aumento vertiginoso do número de povos e de população indígena possa ser atribuído a questões de 'reconhecimento oficial' e 'visibilidade'. *[*O problema da visibilidade é: quem vê ou deixa de ver?]*

O discurso generalizado na sociedade é o do "ainda" tem índios na Amazônia". A "mistura" é apresentada como essência da brasilidade conceitual. Reconhece-se a existência de índios em lugares em que a civilização "ainda" não chegou.

O conceito de "volta": volta ao passado? Não, segundo João Pacheco (In *A viagem de volta*), mas volta à indianidade. *[*Até que ponto este conceito, o de índio e o de indianidade, são vantajosos para o fortalecimento da autonomia destes povos?]*

Uma equipe da TVC[86] filma a palestra. O câmera privilegia as pessoas que têm sinais biológicos ou culturais estereotipados. Faço uma intervenção. Tomo a palavra e digo ao Guga, que não percebera as filmagens, que, naquele instante, estava-se reproduzindo e veiculando no imaginário, através da mídia, os estereótipos do "ideal" indígena. A assembleia toda cochichou minhas palavras. O próprio câmera, que escutou o que falei, reconheceu que estava realmente fazendo isso. Algumas pessoas sorriram para mim. Vários, depois, vieram cumprimentar-me pela minha perspicácia.

Guga continua refletindo sobre o índio idealizado no imaginário popular. Nota que "remanescente" é visto, no fundo, como "restinho de índio", algo que sobrou do que já acabou. "Como é remanescente uma população que está aumentando?"

Sobre a perda da língua e da terra. É preciso não tratar essas sociedades como "sociedades da perda", definidas pelo que "deixaram de ser" e sim, pelo que são. Todas as sociedades, porque a cultura é dinâmica, são sociedades "de perdas". Entretanto, nos consideramos "sociedades do ganho": somos "inventivos" e "criativos". Achamos que não vivemos no passado porque "somos criativos".

As sociedades indígenas são vistas como "estáticas". Se mudarem, não são mais autênticas. Nós somos uma sociedade que progride. Para nós, a mudança traz ganhos. Para os índios, a descaracterização.

[86] Televisão Educativa do Ceará.

educação indigena CC.indd 250 26/10/2015 11:43:12

Guga acha que os povos devem lutar pela diferença, pelo direito à diferença e pelas vantagens que o Estado concede à diferença. Lutar também contra a ideia que estes povos são "residuais". *[*Lembrei dos 'Índios Metropolitanos de Roma', que atuavam nas 'rádios dissidentes' de que fala Guattari e Suely Rolnik em* Micropolítica, cartografias do desejo.*]*

O 'resgate cultural' tem dois sentidos. Guga diz que os professores indígenas têm uma ideia: recuperação de dados importantes do seu passado. Preocupação com a memória e o registro. Enquanto nós pensamos de outro modo: sequestro. O resgate é o preço pago pela vítima.

*[*Os livros didáticos produzidos atualmente: tenho a impressão que, do ponto de vista das ilustrações, eles têm uma preocupação muito particular pelas referências culturais do passado. A ideia de identidade indígena como 'criação' ainda é muito incipiente. Quando se colocam referenciais culturais outros, ocidentais, parece que aceitamo-las como uma concessão, com algum desconforto. Ao menos era isso o que eu sentia, antes.]*

O impacto na mídia, a força do movimento indígena atestam que não são sociedades de perda, mas altamente inventivas, que conseguem articular passado e futuro. Se os Tapeba conseguiram mobilizar as forças que desaguaram nas mudanças políticas no município e Estado, então, como podem ser chamados de 'sociedade de perda'?

Nenhuma sociedade é igual a antigamente. Os índios do Nordeste são sociedades inovadoras.

*[*Ao invés de 'inovadoras' poder-se-ia dizer 'subjetivantes'. As subjetividades são produzidas em contextos sociais, políticos, culturais. Mudadas as condições sociais, muda a identidade.]*

Sobre a necessidade/imposição dos índios do Nordeste de provarem que são índios.

Sociedades indígenas como 'rebeldes': estão na contramão da 'sociedade nacional'.

*[*O pano de fundo não discutido: a unidade nacional. O que precisa ser discutido é o poder centralizador de um modelo de organização política, o estado nacional,*

educação indigena CC.indd 251 26/10/2015 11:43:12

inventado há 800 anos. A novidade da escola indígena, como contribuição aos povos indígenas, pode ser o questionamento dos sistemas políticos centralizadores, essas máquinas de modelização e dominação. Há que se pensar o modelo de organização política que estas comunidades querem para si na relação com outras comunidades, sociedades, grupos. O único valor, talvez, como pressuposto seja o reconhecimento da autonomia do outro.]

Exposição de João Carlos, da SEE/MA, sobre a realidade dos povos indígenas do MA:

São 7 povos, aproximadamente 18.000 índios (16.000, segundo o censo de 1996): Guajajaras; Gavião; Krikati; Awá-Gujá; Kanela (Rankokomecrá e Apaniacrá); Kaapor-Timbira.

Há 2 troncos linguísticos: *Tupi*: Guajajara, Awá-Gujá, Kaapor; e *Macro-Jê*: Gavião, Krikati e Kanela

Todos são 'falantes': falam fluentemente sua língua.

João Carlos recorda a diferença entre 'povos indígenas no Brasil' e 'povos brasileiros'.

*[*Ele recoloca uma questão fundamental: como é possível pensar a autonomia dos povos indígenas tendo o Estado, a União, seja o que for, como horizonte último de poder sobre estes povos? Não seria a autonomia atual, presente nos discursos e nas práticas, uma modernização da tutela? A ambiguidade da política indigenista do Estado parece resistir a todos os períodos, tendo-se agravado no atual governo, com o Decreto 1775/96, que modificou a instrução dos processos demarcatórios, concedendo aos posseiros e invasores o direito de contestação da posse dos indígenas sobre os seus territórios.]*

"Os índios não são <u>*do*</u> Estado, estão <u>*no*</u> Estado". *[...]*

Guga responde às questões de João Carlos, sobre os índios serem 'sociedades brasileiras' ou não. *[*O problema da 'brasilidade' coloca novamente, e por outra porta, a questão do Estado Nacional, homogeneizador.]*

"Autonomia absoluta, se existisse não estávamos aqui, discutindo formação de professores indígenas". (Guga)

educação indigena CC.indd 252 26/10/2015 11:43:12

"As sociedades aparecem e desaparecem. Assim também acontece com os índios. Muitos povos são produtos de rearranjos do processo colonial: Tapeba, Truká, Kambiwá, Kaxixó".

Exposição de Nietta Monte: "Formação dos Professores Indígenas"

[...] Ela relata a experiência do Acre: os professores são escolhidos por suas comunidades; não são *concursados*.

Perfil dos professores:

- Membros da comunidade.
- Importantes lideranças políticas: "estão substituindo seus antigos caciques".
- Intelectuais, importantes guardiões da tradição.
- Maioria de homens, na Amazônia. Concepção de que a mulher não deve se ausentar da aldeia porque atrapalha a vida da família.
- Idade entre 30 e 40 anos, embora tenha mais jovens e mais velhos que essa faixa.
- São 70% dos professores nas escolas indígenas.
- Na maioria das vezes não estudaram nada. Não fizeram o 1.º grau. Não passaram pela escola pública. Já são alfabetizados e vão lecionar, simultaneamente.
- São formados em serviço. (Começou há 20 anos com esta característica)
- Fazem também o 1.º grau em escola pública, já ensinando.

[Outros aspectos]

- *Currículo*: intercultural.
- Participam várias etnias: ambiente 'transinterétnico'
- Formadores de múltiplas procedências institucionais.
- Extrema diversidade de tribos. Conflitos.
- Negociação permanente entre comunidade, instituições, assessores.

educação indigena CC.indd 253 26/10/2015 11:43:12

- Construção ao longo da história.
- Participativo: autonomia.
- 'Presencial' e 'À distância'. Uso do 'diário de classe'.

Exposição de América (?):

Tema: *Aspectos Linguísticos dos Povos Indígenas do Nordeste*

Inicia com uma questão: como pensar o ensino bilíngue se para a maioria dos povos indígenas do Nordeste a língua materna é o português? [**Acho um equívoco esta afirmação. Estes povos não falam 'português', e sim, uma língua reelaborada, que mescla, assimila, inclui e exclui, ressignifica, deforma, conforma, cria e recria os códigos de comunicação social e expressão simbólica. A língua não pode ser confundida com sua dimensão 'positiva', sua expressão verbal. A linguística tradicional já reconhecia especificidades entre o 'significante' e o 'significado'.*]

Reflete sobre a questão política e ideológica da oposição 'língua' x 'dialeto'.

Diz que há uma pretensão/imposição de que se fale o português.

Observa a diversidade de modos de falar o português, conforme o espaço e as pessoas com quem se fala. *[*Lembro os tremembé e suas grandes lacunas de silêncio quando estão falando. Eles falam sem pressa, sem ansiedade. O silêncio parece ter um lugar naturalmente especial no 'português' falado por eles, o que faz uma diferença, entre outras.]* [...]

Têca faz uma intervenção: fala sobre seu trabalho de pesquisa das comunidades da Região de Crateús. Vão decidir, em três anos, se vão adotar o português oficial ou o falado no dia a dia.

Fim do dia. Tive que me retirar para dar aulas.

29 de outubro de 1999.

Manhã:

Exposição de Carlotta Novaes: *Formação do Professor***.**

educação indigena CC.indd 254 26/10/2015 11:43:12

[**Carlotta faz uso do quadro-negro. Mas sua forma de esquematizar o que fala parece meio solta. Ela é auxiliada por Lucila, uma psicóloga de Pernambuco, membro de sua equipe. Comenta-se hoje, nos bastidores, disse-me Karla, uma impressão: a equipe do MEC é desnecessariamente grande. Parece que aproveitaram a viagem para passear em Fortaleza.*]

Faz um histórico do papel do professor. O professor antes: Aluno como receptáculo. Professor detentor do conhecimento. Respeitado. Símbolo: uso do guarda-pó. Homens. Depois: Surgimento do livro didático. Perda do status. Mulheres passam também a ser professoras. [...]

[Organiza sua fala na lousa]:

1) Antes: professor detentor do conhecimento:
   - Palco/guarda-pó.
   - Respeito/valorização
   - Aluno = receptáculo
2) Livro didático:
   - Receitas de como dar aulas
   - Desvalorização do professor
   - Deixa de ser professor-pesquisador
3) Processo/produto:
   - Transmissão do conhecimento
   - Planejar-entender
   - Desenvolver-antecipar
   - Avaliar-explicar
   - Formação continuada
   - Construção coletiva

Avalia que o *processo* valoriza a qualidade e o contrapõe ao *produto*, que valoriza o resultado acadêmico do aluno.

educação indigena CC.indd 255 26/10/2015 11:43:12

Têca faz nova intervenção: a escola tradicional chegou sem pedir licença. *[*A escola é apenas parte da sociedade que foi transplantada da Europa e foi implantada aqui. Como poderia ser diferente?!]*

Ela continua, refletindo sobre a escola diferenciada a partir de suas experiências:

- Temas: o que vamos estudar:
    - Colheita: onde se planta e se colhe.
    - Histórico da comunidade.
    - Medicina natural/ciência.
    - Transmissores do conhecimento: mais velhos.

Margareth Malfliet, freira belga radicada há mais de 30 anos no Brasil, da Pastoral das Raízes Indígenas de Crateús, faz uma intervenção sobre a problemática do trabalho. A proibição do trabalho de crianças e adolescentes cria problemas para as famílias do interior, indígenas. *[*Mas as famílias indígenas têm outro estatuto!]*

*[*Enquanto ouço as colocações, reflito sobre o como penso a escola indígena diferenciada:*

- *É um conjunto de práticas sociais.*
- *É contraditória; busca fortalecer a autonomia, porém não é autônoma ainda.*
- *A reivindicação da diferença apresenta problemas: reivindicação de 'igualdade' e 'diferença' a um só tempo (como já refletiu Paula Montero em um texto publicado em* Múltiplos olhares sobre educação e cultura*). Esta é uma questão ainda não discutida no movimento indígena, se é possível e desejável um Estado que atenda a interesses tão diversificados.]*

Trabalho em grupos (proposto por Carlotta): Reflexão sobre as questões:

- Atuação do professor
- Consciência profissional

Não ficou claro se ela deseja saber o que está sendo ou o que os indígenas pensam que deveria ser.

Diante do silêncio do grupo em que estou, que tem gente das várias etnias, Zulmira, da Seduc, tenta puxar a discussão. Mas joga um questionamento

educação indigena CC.indd 256 26/10/2015 11:43:12

vazio: "vocês acham que é importante a atuação dos professores?". Sua postura é, no mínimo, contraditória: ela pergunta e responde em seguida.

Sinhá, tapeba, diz que a atuação se dá na sala e fora dela, que é ampla e necessária.

Evandro, tremembé, entende que é importante na sala de aula. Ele está ensinando e aprendendo. É importante também na comunidade.

Sinhá continua: "é uma troca de experiências entre professores e alunos mais a comunidade".

[...], *professor pitaguary*, reflete sobre a situação de sua comunidade: a escola municipal considera a escola indígena, implantada neste ano, uma "brincadeira". Algumas vezes por semana os alunos da escola indígena vão à escola municipal, pois estão ainda em fase de transição. Mas a escola municipal não leva a sério as atividades realizadas por lá, na escola indígena.

Nietta reconhece que há uma interferência de outros fatores, do município e do estado na prática dos professores indígenas.

Dijé, tremembé, observa a importância dos pais para as crianças irem à escola indígena. Segundo ela, o professor deve conquistar as crianças para a escola indígena (em resposta às dificuldades atuais relatadas pelo professor pitaguary).

Sinhá ressalta que a presença das crianças nas escolas provoca articulação dos pais, através das reuniões, por exemplo.

Para *Zé Maria*, tremembé, a escola ajudou muito a unir e articular a comunidade.

Elisângela, Jenipapo-Kanindé, reconhece que, nas reuniões, os pais e lideranças estão presentes.

Zé Maria faz notar que quando os professores estão reunidos sem as lideranças, sentem a sua falta. "Eles ajudam muito". "Se nesse encontro aqui tivessem presentes o João Venança, Luís Caboco, *Seu* Augustinho. São homens de debate. Ajudariam muito a gente. Os professores precisam muito das lideranças".

Dijé reforça a observação de Zé Maria, dizendo que "há uma união muito grande entre professores e lideranças".

educação indigena CC.indd 257 26/10/2015 11:43:12

[...], *jenipapo-kanindé*, pensa que "o professor é também uma mãe para o aluno. Ele tem o direito de falar e ouvir".

[**A escola tremembé me parece cada vez mais um conjunto de práticas sociais que mobilizam muitos atores. Principalmente nas comunidades indígenas, mobiliza todos. Portanto, há que se pensar as instâncias de produção da escola – aula, seminários, encontros etc – considerando esta totalidade.*]

Tento reanimar as conversas, como o fiz após a fala vazia de Zulmira. Faço uma crítica às questões colocadas por Carlotta, que não deixam claro o que ela quer com a dinâmica de grupo e me parecem meio deslocadas do eixo das preocupações principais. Interpreto sua questão sobre 'consciência profissional' (psicológica? Enquanto categoria trabalhadora?...) como sendo a imagem/avaliação/percepção que os indígenas têm do seu trabalho. Nietta está ao meu lado, endossa minhas críticas, cochichando em silêncio. Percebi que ela não concorda com o modo como está sendo encaminhado este seminário. Que bom senti-la como aliada!

Sinhá diz que sente orgulho da profissão. "Acho que já nasci pra ser professora". Sente que tem capacidade. "O professor une a comunidade". "Sinto-me esplêndida em sala de aula. Não tenho medo de falar nada".

[...], *pitaguary*, me pergunta como eu me sentiria "se tivesse realizado um sonho que sempre sonhou", porque eu perguntara ao grupo o que é ser professor indígena tapeba, tremembé, pitaguary, e como eles se sentiam.

Bete, tapeba, toma a palavra e diz que no início teve dificuldades, pois as crianças corrigiam as palavras que ela, a professora, escrevia no quadro. Ele acredita que "o que vale hoje pra gente é o estudo, o saber" *[*Parece reproduzir uma visão muito otimista do saber escolarizado, além de confundir 'saber' e 'escolarização'.]*

Bete é uma lutadora: "batalhou muito pra chegar lá". Sente orgulho. É uma "líder da classe" que dá muito conselho aos alunos. Tem muito força de vontade para aprender mais. Gosta muito da classe: "os pequenininhos me adoram". "Hoje em dia me sinto mais realizada".

Sinhá diz ter consciência profissional. Sente que precisa voltar a estudar, porque 'por exemplo, sinto-me péssima na matemática". *[*Os tremembé também*

educação indigena CC.indd 258 26/10/2015 11:43:12

têm. Foi a primeira disciplina sugerida por eles para o curso de formação. Será que eles têm dificuldades com operações lógico-formais? Isto poderia ser um componente de suas 'identidades', uma forma de resistência?]

Faço uma provocação: os professores já pensaram em fazer um encontro só deles?

Sinhá diz que estão conversando, neste encontro, com vários professores, de povos diferentes. [...]

Bete, respondendo também à minha provocação, diz que eles pensam em fazer um encontro separado das lideranças, "que nos encontros têm voz altiva".

Plenária do trabalho de grupo:

[...], *xukuru de Pernambuco*, diz que:

- "O professor é um amigo e um pai".
- A atuação se dá "a partir da nossa consciência".
- Há intercâmbio entre professor-aluno, aluno-professor.
- A consciência de que é índio vem em primeiro lugar.
- estudo "deve ser 'mesclado' para não sermos analfabeto no mundo dos não índios, deve ser interdisciplinar".
- Não se pode separar a atuação da consciência do professor.
- "O ensino diferenciado não está acontecendo". [**A questão da diferença: não se trata de 'guetos' ou 'ilhas', não se trata de isolar. A diferença precisa ter claro sempre sua essência, que é política.*]
- O trabalho é lento.
- Questão: até que nível vai chegar o ensino diferenciado?

[**Por que não falaram das precariedades?*]

Intervenho. Chamo a atenção sobre as categorias 'diferenciada', 'autonomia' usadas pelos intelectuais e técnicos e o problema da 'unidade nacional'. Até

educação indigena CC.indd 259 26/10/2015 11:43:12

quando é possível falar em autonomia sem colocar em questão o modelo centralizador de estado que foi construído? Por que não se discute o 'Brasil'? Por que o 'Brasil' aparece como 'dado', 'acabado'? O que os índios pensam sobre isso?

Carlotta tenta intervir. Talvez ela não queira perceber que não se está discutindo o essencial, mas uma pauta imposta pelo MEC, pelos burocratas do encontro. Pergunta-me o que eu desejaria. Falo que, primeiramente, saber o que ela queria mesmo com aquela dinâmica de grupo, que ela não deixou claro.

Minha fala repercute. Eliene, do Centro Luiz Freire, de Olinda-PE, e João Carlos (MA) endossam e complementam maravilhosamente o que falei.

Ivete defende a pauta do encontro, questionada por Eliene sobre o rumo das discussões. *Carlotta* sugere que as inquietações são dos assessores. Quer ouvir os índios. *Agnaldo*, xukuru, lucidamente fala que as inquietações dos assessores "*são provocadas pelos índios, ao pé do ouvido*". *Carlotta*, então, reconhece que está 'perdida'. Propõe um intervalo para o almoço.

Têca convoca uma reunião do pessoal do Ceará.

Eliene e *Ivo* vêm ao meu encontro e reforçam minha fala, dizendo "contemplou o que a gente estava sentindo".

Ontem, falei que há duas tradições culturais no modo de fazer este seminário, em tensão: os tecnocratas x os índios. Esta tensão eclode a todo momento.

Tenho intervindo de forma contundente. Quando inicio minhas falas, tenho começado já dizendo: "*desculpem ser novamente inoportuno, mas gostaria de dizer isso, etc...*"

Reunião do pessoal do Ceará:

Os participantes do Ceará decidiram reunir-se à parte com o objetivo: formação da comissão geral de planejamento da educação indígena.

Têca e Ivo travam uma discussão calorosa sobre o encaminhamento. Ivo questiona se houve discussão anterior e se cada povo vai apontar seus representantes. Francineide sai em defesa dos professores, tentando conter Ivo, que termina por se calar. O discurso de Francineide afirma sempre que "os

educação indigena CC.indd 260 26/10/2015 11:43:12

professores são os sujeitos do processo". Mas ao afirmar isso, ela se legitima como poder, por pretender deflagrar uma ação a partir de sua fala. No fundo, ela permanece poder determinante. Ainda não se autocompreende como 'auxiliar'.

Têca lista no quadro a proposta de comissão geral: Francineide (Seduc); Francisca Adelaide; Margareth; Terezinha (Potiguara); Helena (Tabajara); Professor Oliveira (UFC/Dep. de História)

São indicados nomes, sem preocupações maiores com as instituições que representam. Questiono e esclareço que Oliveira não é pedagogo e não é da Faced, e que a Universidade tem departamentos relativamente autônomos.

Francineide reforça minha fala, mas somente para livrar-se do personalismo com que foi elaborada a lista, que se inicia com seu nome.

Têca parece surda a mim, e a Francineide inclusive. Justifica a escolha de Oliveira por ser um amigo conhecido dos índios e por já haver prestado serviços e desenvolvido pesquisas sobre eles e com eles.

Esclareço novamente que não é isso que estou questionando, mas chamando a atenção para o modo como a UFC, enquanto instituição, se organiza, e que é necessário considerar sua ordem interna.

Ivo retoma a palavra, de modo ainda mais contundente questiona a escolha da lista sem que houvesse discussão dos tremembé e tapeba. Eu me levanto, falo que considero importante que os indígenas cheguem a um consenso sobre o assunto e que vou me retirar, porque considero que as discussões são de foro interno aos índios. Reafirmo o apoio da Universidade no que for seu papel e no que lhe for solicitada, colocando-me à disposição para ajudar nas negociações.

Minha saída causaria muita repercussão. Soube que Francineide teria apelado ao grupo que tivesse "mais maturidade" e não tomasse decisões precipitadas. A reunião se estendeu, tomou todo o tempo do almoço.

Almocei e fui passear pelos jardins e quintais da casa, com Luísa e Tânia. Visitamos a escolinha que as irmãs mantêm na área da casa e tiramos fotos.

educação indigena CC.indd 261 26/10/2015 11:43:13

Na volta, à tarde, Margareth me pega na entrada do auditório e questiona minha atitude. Acha que eu não deveria ter feito isso. Tento explicar-lhe, sem muito sucesso, que minha atitude foi 'institucional': enquanto representante da Universidade, não havia porque intervir tão incisivamente. Têca e Helena também me procuram. Sentiram minha saída. Mas suas falas são muito mais de lamento. Repito-lhes o que disse à Margareth. Elas pareceram mais compreensivas.

Ao final, a lista, que encontrei no quadro, tinha os seguintes nomes sugeridos pelos povos indígenas:

Tremembé: Zé Valdir; Fernando; João Venança; Socorro.

Pitaguary: Vão apontar depois.

Kanindé: UFC: Oliveira; Francisca Adelaide (OT); Margareth (Pastoral das Raízes Indígenas); Seduc; Cacau (UFC, geógrafo); Márcia Resende; Helena (Crateús); Têca (Monsenhor Tabosa); Paulo Guimarães; Darlene; Eduardo Sebastião; Rosa Dias; Gilmar Miller;

Tapeba: Dra. Celeste (PJE); Max Maranhão (UFC); Francineide (Seduc); Dourado; Ivo (CDPDH); Dra. Francy[87] (FNS); Magalhães (Funai); Cláudio (?).

Jenipapo-Kanindé: Francineide (Seduc); Francisca Adelaide; Margareth; Ivo; Dra. Celeste; José Maria

Tremembé (grupo 2): OT; Oliveira (UFC); Seduc; Karla; Ivo; eu (UFC); Artemísia (FNS); Joyciane (OAB); Dina[88] (CREDE Acaraú).

Tarde:

Durante o almoço, o grupo dos técnicos do MEC se encontrou para repensar a pauta do seminário, dadas as pressões e reivindicações da assembleia. Foram propostas, então, reuniões por grupos: ONG's e universidades; SEE's/MEC; Índios.

[87] Nome fictício.
[88] Nome fictício.

educação indigena CC.indd 262 26/10/2015 11:43:13

Fiquei no grupo das ONG's e universidades.

Nietta fala sobre o novo papel das ONG's em relação à educação indígena, postos pela necessidade de titulação: tem-se que trabalhar com as universidades.

[...] lembra que as SEE's não têm pessoal técnico preparado para implantar as escolas indígenas.

Nietta reforça que nenhuma ONG consegue enfrentar os desafios sozinha. É fundamental o convênio com as universidades.

Por chegar após o início das discussões, pergunto qual é objetivo da conversa. Nietta diz que é identificar as dificuldades na implementação das diretrizes sobre educação escolar indígena.

Francisca Adelaide fala que a *Operação Tremembé* não vai assumir, que "não tem sentido". Pergunta a Nietta como é a relação com os índios no Acre. Diz que os índios falam que vão reclamar dos cursos porque não querem perder as horas-aula. Nietta responde que lá é tranquilo. A SEE dá dinheiro, mas não dá as regras. Há problemas quando o professor é da comunidade, mas ligado institucionalmente às SEE's.

Faço uma intervenção analisando o papel da Seduc, que teve seu poder fortalecido através do vazio que se criou com as crises internas da OT.

Francisca Adelaide não reage ao que digo, mas entende que existem dois grupos dentro da Seduc: Rui Aguiar x Currículo (que é quem faz os cursos e que não querem trabalhar com a universidade).

Ivete diz que as SEE's têm trabalhado somente com os recursos do MEC, não têm sequer dado a contrapartida financeira. O MEC é supletivo. Os recursos deveriam ser das SEE's. Diz também que Guga deveria ter dito que os índios do Nordeste precisam de um tratamento diferenciado. A América deveria ter dito o mesmo sobre a língua. Ivete crê que não se deve entrar em confronto com as SEE's, pois são elas que estão responsáveis pela implantação das EI's[89]. "A Seduc tem uma visão equivocada da questão: espera que o MEC venha resolver".

[89] Escolas Indígenas.

educação indigena CC.indd 263 26/10/2015 11:43:13

A questão, então, que se coloca é: quais seriam os instrumentos de controle e superação dos problemas?

Para Ivo, a ação das ONG's leva à cobrança do Estado para assumir suas funções. Sua preocupação é com os instrumentos a serem criados para 'amarrar' e participar da implantação das EI's.

[**A coordenação geral parece ter uma função muito mais executiva que deliberativa. Corre-se o risco da Seduc crescer ainda mais em poder e influência, por várias razões históricas e por controlar os recursos].*

Sugiro que seja criada uma secretaria de educação indígena, que os recursos sejam repassados diretamente a ela.

Francisca Adelaide pergunta como fiscalizar o dinheiro que vem para a Seduc e como ter controle sobre os convênios.

Anelsina (PB) faz notar que os recursos do MEC não são sequer usados pela SEE/PB, e que chegam a ser devolvidos!

Eliene, respondendo à questão sobre os mecanismos de controle a serem criados, sugere a própria formação de professores, que desencadearia os processos de fiscalização por parte dos índios.

Nietta esclarece que o NEI pode fiscalizar. Mas também as ONG's podem, pois os recursos são públicos, estão disponibilizados. Propõe que projetos, programa, planejamentos sejam feitos realmente em parceria.

Ivete insiste que a prática deve ser não a de denúncia, mas a de buscar trabalhar juntos. Buscar o consenso, o diálogo, o trabalho coletivo. *[*Seu discurso sacraliza o poder. A sua proposta de unidade parece ser a mesma de quem pretende botar raposas e galinhas no mesmo chiqueiro, acreditando que por si só se entenderiam harmoniosamente.]*

Intervenho dizendo que os cursos de formação, como propôs Eliene, fortalecerão o movimento de professores indígenas. Eles serão bem mais criativos nas formas de cobrança e fiscalização. Outra sugestão é que sejam mudadas as práticas do seminário: poderiam prestar contas dos recursos que estão utilizados e quanto está sendo gasto. Isto, imediatamente.

educação indigena CC.indd 264 26/10/2015 11:43:13

26 de novembro de 1999

V Assembleia dos Povos Indígenas no Ceará[90]

[...]

Chegada a Almofala

A estrada que dá na praia e leva até às casas dos Tremembé está sendo pavimentada com calçamento.

Encontro Raimundinha e seu filho recém-nascido, Ramón. Apesar de pálida, parecia rejuvenescida. Os seios estão ainda maiores, cheios de leite. Mas ela está mais magra.

As crianças cercam o carro. Disseram que reconheceram o barulho de longe: "é o buggy do Babi!".

João Venança e Dijé tinham vindo para o Panan, onde aconteceria a Assembleia.

Peço ao Léo, filho da Raimundinha, para me acompanhar e indicar o caminho.

Raimundinha me cobrou a vinda, porque eu dissera que voltaria logo, quando estive da última vez aqui, em fins de agosto, início de setembro. Expliquei-lhe as razões que, em síntese, eram de ordem financeira. Ela me disse que o João Venança já havia lhe contado que eu estava sem a bolsa de mestrado desde agosto, e que estava dando aulas para me manter financeiramente.

**Descrever depois*:

- *Estrada até o Panan: areia, buracos, cercas, energia elétrica;*
- *A casa (Centro Cultural) onde funciona uma escola indígena e que serve de sede para a Assembleia: arquitetura, materiais, cores, energia elétrica;*
- *Cartazes pregados nas paredes, elaborados pelos professores e alunos da escola;*

[90] *Diário de Campo,* n. 1, p. 250-283.

educação indigena CC.indd 265 26/10/2015 11:43:13

Pessoas que encontrei: entre outros, *dona* Zeza e seu Raimundo, *dona* Maria Lídia, Pequena (cacique Jenipapo-Kanindé), Dijé, Babi Tremembé (minha "xarapinha", viúva há dois anos, com dez filhos, o mais novo ainda de colo), *dona* Neném Beata (que sempre me traz mocororó ou me promete trazer por que sabe que eu adoro a bebida) e sua caçula, Alberto (cacique) e outros tapeba, Daniel (cacique Pitaguary) e muita gente que já conheço, de todos os povos indígenas.

Abertura da Assembleia: [...]

Dança do Toré-Torém. João Venança faz a saudação inicial.

Tecnologia de encontro: caixa de som, microfone, crachás (João explica a necessidade: identificar-se e ser identificado pelos "seguranças" e também "controle": alimentação, entrada na área etc.

Conversei rapidamente com Fernando, professor da Tapera. Encontro outros professores: Neide, Rosângela, Aurineide. As aulas estão suspensas na Praia, desde que Raimundinha teve filho. Os professores vão compensar as faltas: não vai haver intervalo nem férias.

Jantei arroz, macarrão, peixe (arraia) e farinha.

João Venança me pediu para usar o carro para deixar algumas pessoas que moram distante. Dispus-me. Fui até os Torrões deixar *dona* Neném e outras mulheres.

Voltei à Praia. Na preparação para dormir na Escola, percebi que havia muita muriçoca, o inseto que mais detesto, que mais me perturba o sono. Em compensação, o tanque do banheiro estava cheio. Tomei um bom banho, o melhor que já tomei por aqui.

Conversei com João Náilo, pescador Tremembé, compadre de João Paulino e Raimundinha, animado com "pau-dentro", uma bebida preparada com raízes. Fizemos planos de pescaria e passeios no fim deste ano.

educação indigena CC.indd 266 26/10/2015 11:43:13

27 de novembro de 1999

Em grupo, discussão sobre "O que temos de Espiritualidade de nossos Antepassados, hoje".

A conversa começa de maneira descontraída.

Dona Maria de Lourdes, de Crateús, observa: "Não temos cadeira, não temos sede, sentamos no chão, parece os índios mesmo".

Seu Zé Lapa (?) observa que "naquele tempo em que nós todos trabalhava não tinha fartura; fartura tem hoje", constatando que os jovens de hoje não querem trabalhar na roça.

Dandão diz que "as crianças, depois que vão à escola, não querem mais trabalhar na enxada". Fala de sua experiência, de como foi criado.

Questiono se as crianças não querem trabalhar por causa do estudo. Todos do grupo, unanimemente, responderam que o problema é a falta de terra. [...], Jenipapo-Kanindé, diz que "lá, todos estuda e trabalha". Luiz (?) e Zé Lapa (?) dizem que antigamente era assim também. Trabalhavam até o meio-dia. À tarde, iam à escola. [...], Jenipapo-Kanindé, entende que "a escola diferenciada deve ser assim".

Aos poucos, as falas vão se direcionando para a questão.

A pedido meu, Dandão repete algumas orações que ele recitou no grupo, fazendo a memória de algumas das práticas espirituais dos antigos:

<u>Reza para engasgação</u>:
Homem bom, mulher má,
Peixe grande, peixe miúdo,
Esteira nova, casa barrida,
Hoje aqui não tem o que cear".

"Aí tem a força e os oferecimentos", que Dandão não quer me ensinar agora, "para não matar a força"

educação indigena CC.indd 267 26/10/2015 11:43:13

<u>Reza para dor de barriga</u>:
"Tu não és dor de barriga
As águas são corredias
Aqui passou Jesus Cristo
Filho da Virgem Maria"

"Reza uma Ave-Maria. Repete três vezes. Faz os oferecimento ao santo da devoção".

*[*Coletar outras orações de Dandão]*

Plenária:

As falas juntam espiritualidade e luta pela terra, as práticas sociais de sobrevivência, práticas artísticas e outras. Parecem indicar uma relação profunda entre cultura e espiritualidade.

*[*João Venança, que no início, na abertura, usa aquilo que me parecer ser sua roupa indígena de gala – umas bermudas e uma camisa recobertas de pena e seu cocar – agora trocou de roupa, está com uma bermuda quadriculada e uma camiseta "da luta", tendo na estampa o registro de um encontro ambiental em Cabedelo/PB, além dos colares que usa frequentemente].*

A dinâmica usada por João Venança, que coordena a Assembleia, foi dividir as pessoas em grupos de oito. *Seu* Augustinho, tuxaua, teve um papel fundamental: contava até oito, dividindo as pessoas por grupos específicos: todos os "um", todos os "dois" e os demais.

O modelo de organização da Assembleia, ao menos exteriormente, me parece inspirado nos encontros dos movimentos populares e pastorais [da Igreja Católica].

Os crachás são também um sinal disso.

Não se trata, porém, a meu ver, de imitação ou cópia. Mas indica uma certa *estetização do reconhecimento* e a importância do evento. Evento sério é organizado, parece ser esta a mensagem.

[...]

educação indigena CC.indd 268 26/10/2015 11:43:13

Luís Caboco, pajé Tremembé, declara que "As matas atraem os deuses do céu"; "Nós somos *autônomos* por que vivemos da espiritualidade". *[*surpreendo-me, primeiramente, pelo uso da categoria* autonomia *feita por ele e, ainda, por vir associada à espiritualidade!]. [...]*

Alberto, cacique tapeba, observa os nomes das pessoas "como mudou com a ação da Igreja Católica". No entanto, "hoje, já acompanho a Igreja". *[*parece acreditar que tenha ocorrido uma mudança significativa na práticas da Instituição, talvez baseado no apoio experimentado pelos Tapeba por parte de dom Aloysio Lorscheider e da Pastoral Indigenista da Arquidiocese de Fortaleza].*

Daniel, cacique Pitaguary, analisa que "religião é uma coisa, espiritualidade é outra". "Aqui também tem uma diferença nos índios: a espiritualidade mais forte está nas lideranças". "Queremos que na escola diferenciada seja passada um pouco da espiritualidade das lideranças para as crianças". "Índio não é uma palavra, é uma força, uma cultura, uma forma de vida. *Não é a história*"[91]. "Cada liderança é escolhida por Deus". "A espiritualidade do índio tem a ver com a preservação, que não existe hoje".

*[*Obs: os nomes de alguns dos deuses que aparecem nas falas dos caciques são: Tupã, Tumaí (Tamain?), Jesus Cristo e "Marília" (esta última, citada por Alberto)].*

Cláudio, Tapeba, acredita que "Os antepassados eram mais unidos. Hoje, os índios do Ceará estão fracos. Hoje não estamos dando o sangue pelos nossos irmãos. Estamos esperando pela justiça. Mataram o Chicão, mas ninguém foi preso".

Augustinho, tuxaua tremembé, fala da "importância dos apoios de pessoas como Guga, Ivo, Babi". Não compreendi bem o restante da fala dele. Parecia não querer criticar as igrejas. Faz um meio-discurso da unidade. Luís Caboco foi mais claro quando disse que não queria atingir ninguém em particular, mas precisava dizer o que as igrejas fizeram com os índios. Augustinho defendeu a ideia de que "Quem está trazendo essas pessoas [apoios] é a nossa espiritualidade, o nosso espírito que está chamando, atraindo".

[91] Impressionantemente foucaultiana, esta afirmação!

educação indigena CC.indd 269 26/10/2015 11:43:13

Mazé, Tabajara de Crateús, fala da situação de suas terras "ocupadas pelos americanos". Enfatiza, como se sinalizasse um pedido de apoio dos parentes indígenas, que "os índios são um por todos e todos por um".

Pequena, cacique Jenipapo-Kanindé, diz que "os índios temia a chuva, era tudo inocente". Critica a Igreja Católica "que destruiu a espiritualidade indígena".

Almocei peixe grelhado, feijão, arroz, macarrão, farofa com suco de caju.

Visitei a Igreja de Almofala com Capitão (potiguara) e estudantes, todos da Paraíba, presentes à Assembleia.

Visita à casa do pai de Pequena, Tremembé do Lameirão, que se encontrava enfermo:

Ele estava no *fundo da rede*, com febre. Adélia Pinto, que foi conosco, reza, indica algumas ações referentes à alimentação e manda tomar os remédios "como o médico ensinou; ele sabe".

Discordei da posição de Adélia quanto à confiança demasiada no médico. Ela, no meu entendimento, reforça demais uma posição política, antes de tudo: a crença no médico.

Ela percebe o conflito, tenta manter a posição justificando a importância do paciente crer no médico, crer que ele o pode curar.

Explicito minha posição, de que não deve ser assim. É sensato o paciente (o pai de Pequena, no caso) desacreditar do médico quando, ao tomar os remédios, ao invés de melhorar, piorou.

Adélia Pinto tem formas de intervenção que, realmente, diferem das minhas. Acho-a apressada e ingênua, algumas vezes. Ela parece não ter paciência suficiente para deixar que as pessoas busquem suas próprias soluções para os problemas, como pude perceber em outras circunstâncias.

Palestra do Guga, antropólogo da ANAÍ/BA [*não assisti nem gravei porque estava no Lameirão]

Retomada dos trabalhos em grupo:

A questão a ser debatida pelos grupos, agora, é: O que devemos fazer para aprofundar nossa espiritualidade? Novamente, como ocorreu pela manhã, participo de um dos grupos.

educação indigena CC.indd 270 26/10/2015 11:43:13

Dourado, Tapeba, opina: "Devemos pensar positivo, com seriedade, lembrar os rituais, amar a natureza, pois nós somos a própria natureza".

Pergunto a ele o por quê refletir sobre a espiritualidade, ao que ele responde: "Porque muito da nossa luta depende do nosso espírito. Tem muita gente que não pensa positivo". A espiritualidade, então, é uma força do espírito para lutar? O que fazer para alimentar, para animar o espírito, pergunto. *dona Maria de Lourdes* acha que "já nasce". *Calina*, estudante da Paraíba, questiona se precisa alimentar.

Questiono o que eles fazem para animar pessoas que antes não se identificavam nem lutavam. Dourado responde que trazem "para participar das organizações". Concluo: então, uma assembleia como esta é um momento de espiritualidade, ou seja, sem a dimensão política não existe espiritualidade.

Pergunto ainda sobre o papel das práticas rituais na espiritualidade. *Dandão* diz que "é pra se concentrar, pensar, pensar quando vai cortar um pau pra fazer remédio, ir a uma reunião". *[*Chamam-me a atenção as palavras* concentrar *e* pensar. *Parece que concentrar tem o sentido de* tomar consciência*, isto é, fazer as coisas conscientemente].*

Faço mais uma questão: Quando se concentra é que vem a intuição? *dona Lourdes* diz que "é Deus quem dá; tem que se concentrar, pedir força a Deus".

[...], *pitaguary*, diz que entre os Pitaguary, o pajé (Zé Filismino) é quem cura, faz remédio.

[...] diz que "Na região de Crateús o pai de santo é quem cura todo tipo, malefício, serviço feito no cururu, por exemplo. Dor de barriga, cura através da reza também. É um *baiano* mesmo".

Dourado questiona "Como o pessoal de Crateús convive com um pai de santo baiano, que não é pajé? Vocês têm pajé?" *dona* Lourdes responde: "*Dona* Helena *[*potiguara]* diz que tem".

Intervenho dizendo que há vários tipos de espiritualidade indígena. João Venança, por exemplo, faz menção ao 'Pai Xalá'. *Dourado* ironiza: "ele tem outra espiritualidade". E se justifica: "sou solto e direto".

educação indigena CC.indd 271 26/10/2015 11:43:13

Findos os trabalhos de grupo, a chamada à plenária é feita com a dança do toré e do torém.

Evaldo, Liduína e alguns professores Xukuru presentes à Assembleia, leem mensagens. [...]

Faço outra intervenção: uma solicitação de permissão da Assembleia para fazer o registro fotográfico e algumas gravações. Argumento sobre a importância desses materiais para os estudos antropológicos e para o apoio à luta deles. Prometo dispor de cópia do material para quem o desejar, posteriormente. [...]

Relato dos grupos:

Dourado chama a atenção sobre a "superficialidade de algumas colocações dos grupos". Ele havia sugerido que eu fizesse à plenária as provocações que fizera no grupo menor.

Daniel reflete sobre o papel da escola diferenciada no fortalecimento da espiritualidade.

Aceitando a sugestão de Dourado, reflito sobre espiritualidade, enfocando algumas questões:

1) O porquê da questão ter se tornado tão importante a ponto de ser tema de uma Assembleia;

2) O que entendo por espiritualidade;

3) A diversidade de modelos: Pajé, Centro Espírita etc;

4) Espiritualidade dos antepassados *versus* espiritualidade de hoje. Acerca deste ponto, defendo que deva ser uma espiritualidade nova, de resistência e de luta. Antes, acredito, era uma espiritualidade de acolhimento, de abertura, sem ambições. Era parte da relação com as forças da vida: a natureza, o grupo social etc. Qual é o momento hoje? Qual tipo de espiritualidade a cultivar? *[*Percebo a posição de desconfiança, atualmente, em relação aos de "fora", aos fotógrafos e outros]*. Portanto, de que modo a espiritualidade dos antepassados, que era vivida em um certo modo de vida, pode ajudar hoje, no contexto da luta dos povos indígenas?

educação indigena CC.indd 272 26/10/2015 11:43:13

5) A dimensão política da espiritualidade: fortalecimento/animação das pessoas através das reuniões, encontros, Assembleias etc. [...]

Reunião do grupo de relatores mais assessores para elaborar relatório ao final do dia:

Primeira questão: O quem tem de espiritualidade dos antepassados hoje?

O *grupo 1* respondeu: as rezas, as curas. *Calina*, relatora do grupo, diz que "ficou um pouco confuso: as pessoas começaram a colocar os elementos da cultura, do artesanato". Faço, então, uma recuperação das principais falas e uma síntese no final:

1) Não há separação entre espiritualidade e as outras práticas sociais; até mesmo nas artes, por exemplo, está presente a espiritualidade;

2) A escola pode contribuir com a espiritualidade, quando é diferenciada e desenvolve nas crianças as práticas importantes para a sobrevivência, como trabalhar a terra;

3) Ainda há práticas dos antepassados hoje, como as rezas e curas.

Ivonilde, tapeba, fala das dificuldades do seu povo, da falta de articulação entre cacique e pajé e de suas presenças nas reuniões. Revela que somente três lideranças estão assumindo a luta: ela, Dourado e Cláudio. Está preocupada porque Dourado vai fazer um curso de saneamento. Entende que "ele é um pai de família". Mas fica "preocupada como ele vai acompanhar a luta".

Cláudio, tapeba, chama atenção para a discussão que, ao invés de se dirigir ao relatório, "está aumentando ainda mais o dia", concluindo que "as colocações deveriam ter sido feitas durante o dia".

Dourado e *Ivonilde* contra-argumentam dizendo que "está tudo dentro do assunto".

Durval, Tremembé, fala sobre a manutenção do posto de cacique: "se ele não quer assumir, deve deixar para outro", referindo-se a Alberto, cacique tapeba.

educação indigena CC.indd 273 26/10/2015 11:43:13

Pequena, cacique Jenipapo-Kanindé, relata o acontecido depois da morte do "Tio Odorico[92]". Os homens não queriam assumir. Indicaram Pequena. Ela não queria, insistentemente. Por três vezes insistiram. "Lourdes [da Pastoral Indigenista da Arquidiocese de Fortaleza] é testemunha. Aécio [advogado da Pastoral] disse: "Pequena, não tenha medo. Aonde um homem pisa, mulher também pisa". Complementa: "A espiritualidade do cacique é amar seu povo e a natureza". E ainda: "Depois que eu me entreguei a essa luta, eu recebi muitos dons".

Adélia Pinto apresenta suas anotações ressaltando alguns aspectos que considerou mais relevantes:

1) A espiritualidade como relação com os antepassados;
2) A espiritualidade e a luta, a vida.
3) A espiritualidade e a escola;
4) O papel do cacique e do pajé no fortalecimento espiritual dos povos indígenas.

Grupo 4: "Não mudou muita coisa. Temos a pesca, as danças, o artesanato. O que muda é que tem várias religiões, tem relógio. Mas Deus é um só".

Grupo 5: "Temos muitos rituais, danças, caça, pesca, histórias, remédios". "Nossos objetivos são a terra e a fé". "Antes, tínhamos a terra e a liberdade".

Grupo 6: "A espiritualidade tem tudo a ver com a *ciência*" (Daniel)

Grupo 7:*[...]*

Grupo 8: Ressaltam a influência das igrejas.

[**Não anotei os relatos dos outros grupos*]

A reunião de relatores e assessores termina com uma discussão em torno da estrutura organizativa da Assembleia: falta ampliar a coordenação – que só tem Tremembé – escolher secretário, relatores etc.

[92] Odorico Mateus Pereira, antigo cacique Jenipapo-Kanindé.

educação indigena CC.indd 274 26/10/2015 11:43:13

28 de novembro de 1999

Despertei com as crianças falando alto e brincando no meu buggy.

Dona Tereza e *dona* Mazé, de Crateús, me pediram para deixá-las no Panan, reivindicando dores nas pernas devido a problemas de circulação sanguínea da primeira.

Adélia Pinto me pede que a leve para fazer compra de alimentos para *dona* Maria Quitéria, mãe de João Venança, que se encontrava enferma desde a viagem a Uruoca. Senti, mais uma vez, um certo mal-estar com Adélia. Desta vez, pelo exagero, na minha avaliação, da quantidade das coisas compradas. Por causa de alguns produtos que ela comprou, como refrigerante de laranja, cujo valor alimentar, a meu ver, é bastante questionável. Finalmente, pela recomendação que ela fez a *dona* Maria Quitéria de que aqueles alimentos eram *para* ela, esquecendo talvez, de que entre os Tremembé a comida é, possivelmente, aquilo que mais se partilha com os outros. Com certeza as crianças, netos dela e/ou filhos de outras famílias, dos parentes, iriam adorar!

Abertura do dia:

Orações, rezas, cantos. *dona Tereza* e *dona Mazé* puxam um canto *típico* de Umbanda, em louvação a São Sebastião[93].

Os trabalhos em grupo recomeçam neste novo dia. Desta vez, com a pergunta "Qual é a nossa esperança nessa luta de nós, povos indígenas?"

Chico Nezinho, presidente do CITA, compreende que "a primeira esperança é a demarcação de nossas terras".

Geovane, advogado da Pastoral Indigenista da Arquidiocese de Fortaleza, pergunta se a esperança deve fortalecer as instituições ou o movimento indígena.

[93] As referências à Umbanda, como pude observar, são demonstradas por indígenas das várias etnias, fortalecendo a ideia de vínculos com práticas religiosas reconhecidas como "de índio". Antes do mais, me aparecem como uma das práticas dissidentes à *subjetivação capitalística*, reafirmando outros modos de existência social, em meio aos processos atuais de subjetivação indígena.

educação indigena CC.indd 275 26/10/2015 11:43:13

Dourado analisa que esta é a questão essencial é que os povos devem se organizar para retomar suas terras como "conquista da autonomia".

Augustinho, tuxaua, opina que "temos que trabalhar uma prática nossa... uma política indigenista". Peço ao Augustinho para esclarecer seu pensamento, o que ela deseja: é formar um partido político indígena? Ele tece comentários sobre a importância do PT. Pergunto, então, se ele acha que o PT contempla a questão indígena. Ele responde afirmativamente. Questiono se o caminho é pela via institucional, político-partidária-representativa. Cito o exemplo dos indígenas de Chiapas, no México. Analiso a estrutura política brasileira.

Geovane endossa minha fala.

Faço outra intervenção, questionando se é possível pensar a autonomia com a submissão dos povos indígenas ao Estado.

Geovane continua o bate-bola comigo, informando que o título de sua monografia de especialização é "O direito de desobediência e resistência política". Faz uma análise da tutela do Estado presente no Artigo 231: a terra é de usufruto permanente dos índios, mas, na verdade é do Estado, da União.

Conversei com *Clarice*, funcionária da Procuradoria-Geral de Justiça do Estado. Senti-a muito aberta e simpática a discutir e analisar as questões que lancei sobre o Estado brasileiro.

Itamar fala de sua estada entre os Xukuru nesses dias.

Evandro fala da espiritualidade presente no terreiro do Chicão Xukuru: "Se o Itamar tivesse rodado mais uma vez [no toré], ele tinha ido ao chão".

Agora, o assunto é a retomada de terras.

Os Truká se colocaram à disposição para ajudar os povos do Ceará na retomada de suas terras.

*[*Parece que começa realmente a fermentar a ideia da retomada das terras indígenas. Acho que terá desdobramentos em tempo breve.]*

educação indigena CC.indd 276 26/10/2015 11:43:13

Relatos dos grupos [...]:

*[*A escrita é uma coisa mágica. Encanta-me Sotero, cacique Kanindé, escrevendo, sentado no chão. Ele toca a caneta no caderno como um pianista clássico desliza sobre as teclas seus dedos, com precisão e cuidado. Talvez por falta de mais e intimidade com a arte de escrever.]*

Vilamar, Tremembé, filho de *dona* Zeza e *seu* Raimundo, lê com a voz impostada, com pausas e entonações. Em suma, com teatralidade. Na postura corporal, idem. Ao final de sua fala denuncia que "um vagabundo ou 'malandra' [no feminino] bateu na porta de sua casa à noite e andou dentro de seu quintal. Ele ameaça armar-se: "chumbo pode não matar, mas..."

Alguém relata uma situação de conflito, na noite anterior. Pessoas desconhecidas andavam rondando a casa onde um grupo estava hospedado. Estavam com enxadas e assobiavam.

Vilamar toma novamente a palavra e afirma que reconheceu o "cara, é o Bilunga, um *aleijado*" *[Esta categoria possui um sentido pejorativo entre eles]*. Diz que ele teria quebrado o arame da porteira e descascou cana-de-açúcar na porta de sua casa. Teme pelas pessoas que estão hospedadas lá. [...]

Faço uma fala, a partir da questão "qual a esperança na luta indígena", enfocando os seguintes pontos: 1)A via político-partidária; 2)A discussão sobre o Brasil-Nação, finalizando com 3)Uma questão: é possível pensar verdadeiramente em autonomia no contexto do Estado brasileiro. *[...]*

Capitão fala da experiência deles com a prefeitura administrada por Marcos, parente potiguara, na Paraíba, filiado ao PT.

Alberto, agente sanitarista da Fundação Nacional de Saúde, recém-chegado, se apresenta. Diz que apoia a campanha política indígena.

Seu Augustinho, tuxaua, expõe suas ideias políticas. [...]

Guga reforça a posição jurídica da autonomia, minimizando a problemática. Diz que não há problemas de autonomia sendo a terra da União. [...]

educação indigena CC.indd 277 26/10/2015 11:43:13

Luís Caboco, pajé tremembé, diz ter receios com relação à política partidária. [...]

Ivonilde, tapeba, endossa a fala de Luís Caboco.

Daniel, cacique pitaguary, fala na mesma perspectiva de Ivonilde. Parece incrédulo da política partidária.

Alberto, cacique tapeba, se revela candidato a vereador pelo PL[94].

Na parede que dá para a porta de entrada do Centro Cultural do Panan, há dois cartazes com informações sobre a Assembleia. O primeiro, com os conteúdos de cada dia. O segundo, com o horário*[*somando-se aos crachás, parecem manifestar a intenção de passar uma ideia de organização, por parte dos anfitriões]*:

5ª ASSEMBLEIA DOS POVOS INDÍGENAS DO CEARÁ

Tema: Vida nova, esperança de um Povo.

Programação dos dias e os temas:

26 – Chegada, acolhida e apresentação dos parentes.

27 – O que temos de espiritualidade de nossos antepassados na vida de hoje?

28 – Qual é a nossa esperança nessa luta dos povos indígenas?

29 – O que tem melhorado na vida dos povos indígenas a partir das assembleias?

30 – Avaliação.

Programação das refeições:

7:00 – Café da manhã

8:00 – Começo das atividades

10:00 – Merenda

10:15 – Retorno

[94] Partido Liberal.

educação indigena CC.indd 278 26/10/2015 11:43:13

12:00 – Almoço

13:30 – Retorno

15:00 – Merenda

15:15 – Retorno

19:00 – Jantar

20:00 – Retorno para encerramento

No intervalo do almoço, conversei com *dona* Mazé, *dona* Tereza e Dico, da região de Crateús. Eles me ensinam uma reza para me proteger e vencer meus adversários na reunião de amanhã, no Mestrado *[para tratar da progressão para o doutorado]:*

Oração a São Amâncio:
"São Amâncio te amanse
Jesus te abrandei (Dizer o nome da pessoa)
Tu há de se humilhar
Como o potrinho se amansa
Nos pés da besta.

Dizer os nomes. Bater o pé.

Rezar se benzendo. Rezar o Padre-Nosso seco, sem Ave-Maria, Salve Rainha, nem se benzendo. No final, rezar três Salve Rainha, se benzendo na hora do desterro".

Por causa de compromissos em Fortaleza, não permaneci nos dois últimos dias da Assembleia. Mas soube que entre os agradecimentos, fui citado como um dos que colaboraram com a realização do evento. Na verdade, uma modesta colaboração: uma saca de feijão.

educação indigena CC.indd 279 26/10/2015 11:43:14

2 de janeiro de 2000[95]

Visita à Praia.

Dou-me conta que, mais uma vez, tenho reduzido minhas visitas a alguns poucos locais e casas. Minha desculpa era o tempo curto, porque eu estava cheio de atividades em Fortaleza, seja no mestrado (aulas, por exemplo), sejam relativas à sobrevivência (ter que dar cursos). Por ocasião do doutorado precisarei ampliar minha estada e meus contatos com índios.

Passei o reveillon na Praia do Preá/Jericoacoara. Na volta, conforme o combinado na última visita, retornei à Praia de Almofala. Agora, acompanhado de Carolina, minha namorada, que nunca havia estado antes entre os índios.

Encontro *dona* Quitéria. Estado de saúde agravado: não consegue alimentar-se mais. Vomita até mesmo o remédio do tratamento da tuberculose[96]. Ela não quer mais tomar os remédios. Acha que está piorando com eles. A tosse seca permanece e está ainda mais aguda. Seu semblante está triste e, em seus olhos arregalados, por um instante, contemplei a expressão repugnante da morte.

As crianças estão sempre por perto, ao lado dela, às vezes compartilhando da rede armada próxima à janela do quarto que serve de cozinha, onde está o fogão a gás.

Alguém distribuiu algumas goiabas para as crianças, que comem com avidez. Pareciam famintas. *[*Mas nunca os vi verbalizando fome ou vontade de comer. Elas sempre esperam que os adultos ofereçam a comida.]*

João Venança está em Fortaleza, buscando vaga em hospital para internar *dona* Quitéria, que ainda resiste à ideia. Dijé, com lágrimas nos olhos e choro contido, me fala do estado agravado da mãe. *[*Às vezes tenho que riscar o que escrevo, ao lembrar que algo que estou narrando aconteceu na outra visita.]*

[95] *Diário de Campo*, n. 1, p. 296-300.

[96] A doença foi "diagnosticada" pelo doutor Zezinho, sem a realização de exames. Posteriormente, em Fortaleza, descobriu-se que se tratava de um câncer de esôfago!

educação indigena CC.indd 280 26/10/2015 11:43:14

Reforço, junto a *dona* Quitéria, a necessidade e as vantagens de ela se internar: principalmente para alimentar-se do soro, já que ela não consegue alimentar-se normalmente. Dijé corrobora minha posição.

Carolina é recebida com gentileza discreta, sem *alardes*, como é comum entre eles receberem uma pessoa desconhecida, trazida por alguém já "de casa".

Ida ao Panan, pegar o filho de Babi, para dar carona até Fortaleza. Eles me esperavam no Centro Cultural. Gláucia, filha dela também, de quem fiquei "amigo" na Assembleia, tem os cabelos presos e batom em quantidade e cor salientes. Parece ter se aprontado assim para encontrar-me. Ao me ver com Carolina, seu olhar me transmite, a um só tempo, um misto de alegria e desapontamento. Ela me presenteia com frutos de murici, colocados em uma sacola especial de plástico, demonstrando tratar-se verdadeiramente de um presente: o murici é *mais* que murici.

Babi, já na última visita à Praia (26/dezembro), me havia dito que "ela se apaixonou" por mim. Gláucia tem, calculo, uns 10 ou 11 anos. Ela perdeu o pai no ano passado.

Encontro com Zeza, seu Raimundo e sua filha que mora na Bahia. Conversamos e brincamos em torno dos "homens", dos "machos" dela, que são aqueles, como eu, de fora, que "andam" pelas comunidades.

A filha de Zeza (que não lembro o nome) é lúdica e fala com liberdade e intimidade. Pede a Zeza que arranje "um dos machos" para ela, que está sozinha. [...]. Todos rimos.

Despedimo-nos de todos e tomamos a estrada.

5 de março de 2000[97]

2ª feira de Carnaval.

O chá de capim-cidreira está cheirando sobre o fogão da cozinha da casa de João Venança.

[97] *Diário de Campo*, n. 1, p.291-292.

educação indigena CC.indd 281 26/10/2015 11:43:14

Tento escrever, registrar alguma coisa do dia de ontem, mas Raimunda, João, as crianças e Penélope, minha atual namorada, me chamam à interlocução.

Falo sobre a apresentação realizada, como minha banda, no Dragão do Mar, no dia 12 de fevereiro. Ressalto a força que o torém tem, que arrasta os espectadores à roda. João me lembra da apresentação em Uruoca, em que uma senhora de 75 anos lhe disse que nunca havia dançado em sua vida, mas que não resistiu ao torém.

Pergunto o porquê do nome *torém*. "Já me ocorreu um pensamento do porquê do nome. O torém é como a árvore, cresce, encopa e é fechado", explica João.

Ele fala sobre o 1º Seminário Indígena de Prevenção de DST[98]/Aids, nos dias 1º a 3, passados. *[*Fazer um levantamento sobre a sexualidade entre os Tremembé. Como a escola se vincula a essas práticas?]* João informa ainda que nos dias 12 a 14, próximos, haverá reunião dos povos indígenas para encaminhar ações referentes à prevenção de DST/Aids, promovida pela FNS e *Operação Tremembé*.

9 e 10 de março de 2000[99]

Visita à Praia

[...]

9 de março de 2000

Dijé alimenta Quiterinha. Faz-se silêncio. Há poucas pessoas e pouca atividade na casa. João lava as mãos. Nina está sem a blusa. Dijé diz: "Babi, vê como ela é gordinha". Diz ainda para Nina não ter vergonha de mim, "que já viu índio nu noutros cantos".

Fotografei Cosmo, que chegava do Lagamar com um uru cheio de peixes pequenos. *[...]*

[98] Doenças Sexualmente Transmissíveis.
[99] *Diário de Campo*, n. 1, p. 305-334.

educação indigena CC.indd 282 26/10/2015 11:43:14

Fotografei o jumento de João Venança. *[...]*. Pergunto o preço de um jegue. Ele diz que é R$70,00.

Conversei com João Venança ao longo da estrada. *[Íamos fazer uma visita às casas dos que iriam participar da gravação do CD Torém, em diversas localidades]*.

Ele ainda está muito ressentido pela morte da mãe. Não conheceu seu pai. Foi criado pela avó, que faleceu há três anos. Chamava a mãe de Maria: "era como uma irmã mais velha". "Ela me deu à minha *vó* pra criar". A mãe, Quitéria, era "a pessoa com quem eu desabafava". "Foi uma perda muito grande". "Antes eu tinha alguém pra me abençoar no início do dia, e que rezava por mim, quando eu viajava pelo meio do mundo". "Quando eu precisava pregar um botão, remendar um calção, eu pedia a ela". "Não tenho irmão homem, agora é só eu e a Dijé". "Não se pode contar com os filhos, hoje em dia". "Fui criado no poder de duas mulheres".

Estamos na casa do seu Zé João, na Passagem Rasa. João Venança conta novamente o que me contou no caminho para o seu Zé João. Ele diz que ainda não tá "com o juízo apulumado". Tá sem palavras. Só tem vontade de sair no mundo, sem destino, ir para um lugar "onde só os passarim cantasse". Diz que "não se pode contar com a família". *Seu* Zé João diz que "às vezes a gente se sente melhor no meio de estranhos".

Luiz, filho do seu Zé João, pergunta quando o João Venança para. Ele parece achar que João Venança só vive viajando. *Seu* Zé João pergunta sobre a situação em Varjota. João Venança diz que não sabe, que nunca mais esteve lá.

A conversa agora é sobre Chico Beijo, que quer vender as terras. Binu, irmão do Zé Maria Monteiro, está interessado. *[*O porquê da mobilização da comunidade: não permitir a venda das terras]*.

Sobre o CITA, reunião deverá ser feita para tomar uma decisão: acabar ou não a entidade. O motivo é que os sócios não estão pagando. *[...]*

Visitamos Dandão na Batedeira para pegar seus dados para o projeto do CD Torém. Há somente sete famílias, lá, que se identificam como tremembés.

educação indigena CC.indd 283 26/10/2015 11:43:14

[*Tapera*]

Conversei com Fernando sobre a situação dos professores: a Seduc pediu nome e identidade e o CGC[100] do CITA para regularizar o pagamento dos voluntários. Vão pegar declaração dos que estão fazendo o supletivo, terminando o 1º grau, para fins dessa regularização. Contesto. Falo que não deve ser o critério, fazer o supletivo. Falo da experiência de Minas e Acre, que contrataram professores em formação. No Ceará, a Seduc ainda não implantou o magistério indígena. Sugiro que os professores Tremembé se organizem.[101]

Calisto pergunta pela "minha namorada" (Adélia Pinto). *[*Ele achou que eu a namorava, talvez por que aqui não seja comum uma mulher acompanhar um homem em uma viagem e hospedarem-se juntos, sem que haja alguma intimidade entre eles].*

Ele fala dos marcos da terra que foram arrancados. No Cabecinha tem uma pedra, no mar, que serve de marco. "Nas Almeixeiras tinha uma pedra próxima a uma carnaubeira. Foi arrancada pelo pessoal dos Patos, os Federico". Ele diz que conheceu o velho Quinca Federico, "que era pai do Otávio, Marcelo, esse pessoal. Arrancaram porque eles só mandavam até as extremas da terra, nas Almeixeiras e na Batedeira. Eles arrancaram para mandar mais adiante. São uns três quilômetros". "A outra pedra era no Forno Velho. Lá tem até mesmo um forno velho que os índios fizeram. Também foi arrancada e jogada no fundo da Lagoa da Batedeira. Tem muita lama. Não tem fim, é muito funda".[102]

Fernando conta a história de um mergulhador que esteve pescando por lá. Ele disse que havia um cará imenso, que ele não conseguiu pescar e que baldeou a água, forçando o mergulhador a subir. João Venança diz que "é um encantado".

[*Batedeira*, novamente]

[100] Cadastro Geral de Contribuintes (da Receita Federal).

[101] Acho que foi a primeira vez que sugeri o que iria acontecer um ano depois: a organização do curso de Magistério Indígena pelos próprios Tremembé.

[102] Lembro-me dos mitos de origem, imemoriais; para ressaltar a importância do objeto?

educação indigena CC.indd 284 26/10/2015 11:43:14

O *almoço* na casa do Dandão reduziu-se a água de coco, somente. O acesso difícil à casa me obrigou a ter que sair de ré com o buggy.

Visitamos Luís Caboco, em casa. Uma vereda muito estreita liga a estrada à casa. Encontramos seu irmão doente (Manuel "Caboco" do Nascimento, chamado 'Galeno'). (09/03) .*[Fotografei 'Galeno', a pedido de Luis Caboco. Luis parecia saber que seu irmão estava próximo à morte. Parecia ser este o motivo principal da fotografia: um último registro do irmão, ainda vivo.]*

Agora, estou à mesa, na casa de Calisto. O som do peixe fritando na frigideira – *dona* Elita está fazendo o jantar – mistura-se ao som da chuva que cai sobre o telhado. A lamparina lampeja uma chama *borboletante*, inconstante e cheirando a querosene. Vez por outra, a fumaça aponta um *sendero* de fumo preto e fedorento para mim. São 7h15 da noite. As andanças de hoje foram intensas e renderam bons frutos. Foram contatos e coletas de dados significativos para o encaminhamento dos projetos.

Estou com fome. O almoço de hoje reduziu-se a água de dois cocos, na casa do Dandão, e um cafezinho na casa de Calisto.

Tive que parar de escrever. A chuva forte respingava, molhando meu *diário*.

O jantar era peixe (bagre) frito com arroz, macarrão, farofa e suco de graviola.

João Venança e Calisto comentam sobre a novela. Sabem os nomes dos personagens e suas tramas. Observei que o horário das novelas parece determinar a chegada das pessoas nas reuniões, na hora combinada.

João Venança me fala, no caminho para a casa de Calisto, que tinha "um *gato*" nessas bandas da Varjota. A relação durou um ano e três meses. Ela queria juntar-se com ele. Mas queria que ele viesse morar aqui. Ele queria que ela fosse para a sua casa, na Praia, ou que se juntassem aos poucos: três dias ele ia para a casa dela, três dias ela vinha para casa dele. Queria também que as crianças dela, dois filhos, uma menina e um menino "que já tava engrossando a voz", se "adaptassem" com os outros filhos dele.

educação indigena CC.indd 285 26/10/2015 11:43:14

Reunião na Tapera, 20h20

Assunto: **Política/Eleições/Candidato a vereador pelo PT**.

Zé Valdir abre a reunião. Diz o objetivo da reunião. Fala que "somos todos trabalhadores". Historiciza o PT em Itarema, abordando inclusive o porquê dos fracassos.

Na Varjota, já se reuniram. Vão-se reunir também na Praia. Hoje, em Tapera, a comunidade deveria apresentar nomes.

A questão principal: "será importante para nós lançar pessoas a candidato? Vai ajudar a nossa luta?". Zé Valdir lança a questão aos presentes.

*[*Estão presentes aproximadamente trinta pessoas. A maioria é homem. Na verdade, as mulheres são apenas quatro. A reunião acontece na frente da casa de Doutô Cabral]*

Seu Estevão toma a palavra depois de, inicialmente, incitar os presentes a falar. Alguém observa, diante do silêncio inicial, que "o pessoal não fala!". Na verdade, penso, as pessoas estão refletindo antes de falarem.]Estevão acha que a comunidade deve escolher seu representante "porque nós somos trabalhadores rurais", e também "porque é melhor escolher um da gente do que de fora". Arremata dizendo que "o PT é um partido dos pequenos; somos nós". [...]

Zé Valdir dá um novo pontapé. Fala da experiência do Dourado, Tapeba. Só recebeu 130 votos de uma população de quase 2000 tapebas.

Seu João José diz que "ele tirou foi demais; tem caso que nem tira o voto da mulher". Risos.

Estevão comenta que há pessoas que vendem o voto por um par de chinelos.

João José, agora sério, acredita que a comunidade tem força para eleger um candidato.

Fernando lembra que o município tem 15 anos e que "nunca nenhum vereador fez nada pela comunidade [*Tapera] ou por qualquer comunidade".

Zé Valdir lembra as dificuldades: "a diferença" (parece que o vereador eleito

educação indigena CC.indd 286 26/10/2015 11:43:14

passaria a ser um membro "diferente" do resto da comunidade". Outra dificuldade é a de "não pertencer à panela do prefeito". Lembra de exemplos comuns, conhecidos, existentes. Observa, no entanto, que isto não deve ser motivo para "ficar de fora".

Evandro toma a palavra e diz que não entende muito de política, mas quer ajudar no diagnóstico a ser levantado para ver a possibilidade de eleger um candidato.

Faço uma intervenção: a história do PT. No início: conscientização e articulação, mais que eleger candidatos. Depois, pragmatismo político. A partir daí, pensar o que podem significar as campanhas políticas para a articulação da comunidade e crescimento da consciência política. [...]

João Venança faz um histórico da vida política do município de Itarema:

"Djandira, desde os tempos que era vereadora em Acaraú, nunca conseguiu um poste para os torrões"

"Zezinho[103] [médico em Almofala e vice-prefeito], só agora está conseguindo umas besteiras, depois de muito tempo como vereador e até vice-prefeito. Antes, ele andava de casa em casa, levantava cedo, ia com uma pastinha". Agora, "ele só tá atendendo porque é pago pelo PSF[104]. Mas agora a gente é que tem que acordar cedo, fazer uma fila na porta dele, pra ele atender quando bem quer".

João Venança fala das dificuldades: financeira, política (pouco poder no meio dos outros vereadores, na Câmara); o preconceito da comunidade com os de dentro: "é mais fácil a comunidade eleger os de fora".

Zé Valdir fala das coligações do PT.

Aos poucos as mulheres deixam a reunião, que passa a ser uma 'reunião de homens', como se política não fosse assunto para mulheres.

(Número de famílias da Tapera: 41)

[103] Nome fictício.
[104] Programa Saúde da Família.

educação indigena CC.indd 287 26/10/2015 11:43:14

Debate em torno das estratégias da comunidade nas reuniões/campanha.

A chuva retorna e obriga os presentes a se transferirem para a varanda.

Encaminhamentos: apontar o candidato da Tapera a vereador, numa próxima reunião a ser convocada, brevemente.

*[*Despojamento de João Venança nas viagens dentro da Área: não leva mochila, nada. Nem mesmo uma muda de roupa. Quando teve a camisa molhada pela chuva. Calisto lhe deu uma outra, seca, enquanto a sua secava]*

*[*Condições da estrada: piores do que nunca antes: alagadas, esburacadas, com grandes poças d'água, sulcadas pelas águas que escorrem com as chuvas]*

10 de março de 2000

Tomamos café na casa do Calisto: café, chá de capim-cidreira, bolacha (com manteiga ou qualquer outra mistura).

Observo que a casa de Calisto ainda não tem energia elétrica.

Para dormir, cederam-me uma rede branca, bordada com motivo de flores, em tom lilás. Lençol grande, florido, de casal. Parece ser destinado a visitas *ilustres*. A rede de João Venança era mais simples. A minha estava armada no local 'nobre': a passagem da casa, próximo à porta da frente. A do João Venança, no canto da sala, mais reservada, menos visível.

Para minha higiene pessoal, dispuseram-me uma lata d'água. Apenas escovei os dentes e lavei o rosto e axilas.

Visitamos Diraína, que nos relatou uma *parada cardíaca* que sofrera. Aprendi um termo novo, *assuvelar* (= acelerar?), relativo ao que acontecia com seu coração. João Venança se prontificou para levá-la a Fortaleza, ao Hospital de Messejana.

Fomos à Batedeira. Dei carona para *dona* Marciana Cabral de Souza, idosa, doente, acompanhada de Maria de Fátima Henrique, filha. Deixamos na casa de José Edgar Félix (Zé Bita).

A passagem pelas dunas é difícil por causa do mato.

educação indigena CC.indd 288 26/10/2015 11:43:14

Fotografei o mutirão de construção da casa do Dandão.

Tomei *cachaça com Scalabrini*, o "rabo-de-galo", na bodega do Paulão, na Tapera.

Notei que muitas casas da Varjota são novas e feitas com tijolos. João Venança diz que "só serve para dar briga entre os herdeiros" e que, se fosse ele, "ia comer" o dinheiro das aposentadorias (que parecem ser a principal fonte financeira da comunidade).

Reencontro Dadinha na Escola José Cabral de Souza. Ela me entregou a carta, que redigiu de próprio punho, em nome da escola, apoiando a Rádio. Fiz fotografias com alunos, professores, Calisto e João (que me acompanhavam) e outros presentes.

Tomamos mais uma pinga, *Bacaninha*, na casa de Manuel Cabral de Souza, que não se encontrava.

Na saída da Varjota, João Venança conta uma piada, de um "reis" que queria casar sua filha. O "mistéro" era responder a três perguntas do "reis". Muitos tentaram mas, não tendo conseguido responder corretamente, foram condenados à morte. Um "retardado" decidiu tentar, mesmo com a desaprovação de sua mãe. Ele então "botou a camisa no ombro" e foi ao palácio. O secretário do "reis" foi que o recebeu. Ele informou que queria falar com o "reis". Este o atendeu. Aquele disse-lhe que estava informado que o "reis" queria casar sua filha. O "reis" lhe falou do "critéro". Ele aceitou. O "reis" fez a primeira pergunta: "qual a coisa que Deus fez mais bem feita?". O "retardado" respondeu "pica"[105]. O "reis" perguntou por quê. Ele respondeu que era porque Deus fez em todo mundo, em mim, em você. O "reis" admitiu que ele estava certo. O "reis" lançou a segunda questão: "qual a coisa mais leve do mundo". O "retardado" respondeu "pica". O "reis" surpreendeu-se e perguntou o porquê, ao o que o "retardado" esclareceu que "levantava só com o pensamento". O "reis", admitindo novamente que a resposta era correta, formulou a terceira pergunta: "qual a coisa mais pesada do mundo". O "retardado" respondeu mais uma vez que era "pica". O "reis" novamente pediu que ele justificasse, ao que ele esclareceu: "quando cai, nem Deus levanta".

[105] Um dos termos com que se denomina o órgão genital masculino.

educação indigena CC.indd 289 26/10/2015 11:43:14

Pergunto ao João Venança sobre o fim da história de seu relacionamento amoroso com uma mulher desta área *[o gato ao qual ele havia se referido anteriormente]*. Ele me disse que se chamava Joana. É a pessoa de que a Diraína informou-nos estar bastante adoentada, "com um tumor nas costas, na altura da nuca, do tamanho de um pires". Seu pescoço, na altura da garganta, está inchado, como se tivesse sido mordido por marimbondo. Acredita que ela esteja com tireóide. Ela, que era muito bela, "coxas grossas, bumbum bonito", está magra, fina.

João Venança reafirma o que havia começado a contar ontem. A relação terminou porque ele não queria juntar-se a ela antes de entrosar os filhos de ambos. João Venança fala também das "complicações" da família dela, que foram decisivas para ele não querer mudar para a casa dela.

Calisto informa que o filho dela deu-lhe uma surra, há dias. O mesmo filho do qual João Venança me disse estar "engrossando a voz".

João Venança fala da sua necessidade de ter uma companheira. Pergunto sobre "aquela loura da Praia". Ele, então, me relata o histórico da relação:

> Fim da relação com Lúcia, sua esposa, há 4 anos.
> Morte de Adonias, pai da "loura".
> Envolvimento com a "loura": há 3 anos.
> A mãe da "loura" é prima dele. No início, a mãe era favorável à luta indígena. João Venança conseguiu kit banheiro e bomba manual para ela [com a Funasa].
> Após a morte do Adonias, a situação da mãe muda, por causa da herança deixada aos filhos. Mas a "loura" não havia sido registrada como filha do "velho".
> João Venança diz que gosta dela. Mas sabe, e já disse a ela, que a relação vai acabar.
> Falo sobre o risco de vida, já que, como disse, ele e a mãe dela tornaram-se "inimigos de sangue a fogo". João Venança diz que sabe do perigo, que está tentando se sair da relação e que, quando acontece de dormir na casa dela, vai "protegido".
> Segundo ele, ela diz que, mesmo que ele termine, ela vai *aperriar* a vida dele.
> João Venança diz que há outras "na lista". Mas queria alguém "daqui". Fala da vantagem da "loura", "que é da família". Ele não quer trazer alguém de fora, que tenha um papel importante e que vá fazer falta em sua comunidade.
> Ao descer do carro, na casa do Zé Domingos, na Passagem Rasa, Calisto, sem que João

educação indigena CC.indd 290 26/10/2015 11:43:14

Venança ouvisse, me diz: "o João só quer mulher que tem dono".

Visitamos novamente a casa do Zé Domingos, que estava na roça. Encontramos com Manuel Domingos, seu filho. Conversamos sobre a venda das terras do Chico Beijo; o CD torém (João o convida a compor o grupo dos que iam participar; ele diz que aceita, "se correr tudo bem"); escola da Passagem Rasa (João Venança pergunta se está havendo aula).

*[*Parece que João Venança considera sempre normal a intermitência das aulas, sobretudo nestas escolas "domésticas". A sua visita se torna ocasião de re-animação e rearticulação. Sua fala, ao justificar minha presença nesta visita, inicia-se por afirmar uma "retomada dos projetos"]*

Descrição da "sala" (melhor dizer do primeiro cômodo, considerando a frente da casa):

- Uma bicicleta velha, suja e enferrujada, sem pneus (somente os aros), encostada na parede lateral esquerda à porta. *[*Descrever depois meios de transporte]*
- 5 tamboretes (3 têm assento de couro e 2 de madeira);
- 1 mesa de +/- 0,5m x 1,0m, de madeira crua (pau branco?), com uma gaveta tipo escrivaninha;
- 1 pote com 1 caneco de alumínio e 1 copo de vidro tipo *duralex*;
- 1 máquina de costura Singer, em móvel reforçado com pedaços grosseiros de madeira, e cujo tampo está inteiramente rabiscado com nomes, entre os quais: Vanessa, Tuia, Virlene...
- 1 rede de tiras de *jeans* azul desfiado, presa nos "armadores" (de madeira) das paredes de taipa com cordas de nylon azul;
- 9 peças de roupa (2 bermudas, 3 calções, 1 calça comprida e 3 camisetas de malha) estão suspensas na mesma corda que prende a rede, e que continua esticada para o canto superior esquerdo do cômodo, servindo de varal, e que se estende ainda na direção da parede inferior, que separa este cômodo do próximo, onde se encontra uma rede pendurada. A "sala", assim me parece, só é durante o dia. À noite, vira "quarto".

educação indigena CC.indd 291 26/10/2015 11:43:14

- 2 cangalhas e alguns outros utensílios preenchem o espaço do canto esquerdo superior;
- Na parede de frente à porta de entrada, encontram-se: "Jornal Mural dos Povos Indígenas do Ceará" n. 1, de Abril/98, editado pela OT; cartaz da Semana dos Povos Indígenas 1996, do CIMI, cujo tema é "Índios: cidadãos brasileiros com suas diferenças culturais"; 2 retratos do Papa João Paulo II (1 em moldura *sofisticada*, com vidro; outro pregado diretamente no reboco da parede de taipa, com os cartazes).

João Venança chama Manuel à parte para conversar. Penso que se trata do plano de retomada das terras nesta área, que é "antigo" (desde o ano passado) e que teve que ser adiado por brigas, intrigas pessoais entre filhos do seu Zé João (Luís) e seu Zé Domingos (Manuel? Outro?). A decisão do João Venança, de esperar que as pessoas envolvidas se entendessem, e de "desaparecer uns tempos até as coisas se acalmarem" (como me disse ele), me parece muito sensata e revela, na minha avaliação, compreensão e maturidade política profunda.

João Venança está deitado na rede de tiras e come pitombas, uma bacia cheia delas. Calisto me trouxe um café que, há pouco, fora buscar na cozinha.

Estamos no cômodo da frente ("sala"). Noto que as reuniões, conversas e decisões parecem acontecer nesta parte das casas. A cozinha parece estar reservada à intimidade, decisões e conversas 'de outro nível'. Mas não é assim na casa de Dijé, onde, na verdade, é o local de entrada e de conversa.

História do conflito com Djanira, mulher do Zé Maria Monteiro.*[*A luta dividiu as famílias, rachou-as ao meio, irmãos, primos. É triste e cruel. É inacreditável a força dos que se decidiram a lutar].*

21 de março de 2000[106]

[...] Uma coisa que me chamou muito a atenção durante o *curso de Arte e*

[106] Caderno de Notas 1999-2000, p. 144-146. Digitado em 10 de setembro de 2002.

educação indigena CC.indd 292 26/10/2015 11:43:14

Educação que ministrei pelo NECAD/UECE[107], em Itarema, foram as observações feitas, sobretudo por Evandro, da turma de professores de Almofala (rede municipal), a respeito dos conflitos com seus parentes índios Tremembé. Evandro acha os índios fechados, separados. Penso que devam ser criados espaços de conversa entre professores, principalmente. Os Tremembé podem conquistar aliados entre eles. A ação da igreja (e da OT, concretamente) na organização do movimento Tremembé de luta pela terra criou cisões, deixou sequelas, separou famílias. Talvez o momento atual já possibilite construir espaços de diálogo com alguns setores dos não indígenas.

Perguntei em sala se os professores estão disponíveis para participar de 'encontros pedagógicos' com os professores Tremembé. Eles, com recepção calorosa da pergunta, disseram sim. Antes, eu havia conversado com João Venança, em Fortaleza, na casa da irmã Iolanda, por ocasião da noite cultural do Encontro de Educação e Saúde, promovido pela FNS. Ele percebia a importância estratégica de envolver os professores não indígenas. Fernando, da Tapera, esteve no local do curso na manhã do sábado (18/março), quando conversamos sobre o mesmo assunto, e ele compartilhava da mesma visão do João Venança.

O contato com Evandro e Roberval (que me emprestou o livro *História na mão* e é sobrinho de *dona* Mª Quitéria, falecida, embora seja da facção não tremembé), me alertaram, como nunca fui alertado antes, para fazer a aproximação daquela facção. Eles, junto com Sales, Lúcio e tantos outros podem ser *portas*.

Tenho a impressão que os "contra" têm sido tratados de modo indiferenciado por nós de fora. Na verdade, parece haver uma rede complexa de relações de tolerância, solidariedade e a apoio aos Tremembé entre eles. Lembro de *dona* Raimunda Nenzinha, que leva os recados telefônicos para João Venança e sua família. Ela trabalha no Posto de Saúde e mora na *rua* [que é como chamam a parte urbanizada de Almofala].

[107] Núcleo de Educação a Distância, da Universidade Estadual do Ceará.

educação indigena CC.indd 293 26/10/2015 11:43:14

19 de junho de 2000[108]

Encontro de Saúde Indígena

Local: Casa da Irmã Iolanda/Fortaleza.

[...]

Há 39 participantes, até agora, representantes dos vários povos.

Uma jovem da "região de Crateús" diz que "não sabe de que povo é". Risos dos presentes. Dourado, que preside a mesa, aponta para mim e Ivo, dizendo: "cadê o Babi e o Ivo, que são antropólogos? Eles sabem quem você é". Eu rebato dizendo que a mim compete somente reconhecer, "acreditar" na identidade manifesta pela própria pessoa.

*[*Penso no quanto é artificial e inadequada essa segmentarização de identidade indígena. A questão é: como respeitar e valorizar as diferenças sem segmentarizar?]*

Apresentação dos presentes. [...]

Dourado me apresenta como "representante da universidade". Contesto dizendo que faço o doutorado em educação indígena, mas que neste encontro não estou representando a Universidade. Falo que sou artista, professor e antropólogo e "aliado de vocês, pra o que der e vier".

Jeová, professor Pitaguary, avalia a implantação do Distrito Sanitário Indígena. Ele diz que "está tudo bem, não tem do que se queixar" no que concerne à distribuição dos vales-transporte [...] e o apoio de um carro, coordenados pela OT. *[...]*

Ivo cochicha comigo vez por outra. Ele chama minha atenção para o fato de que, agora, todos os agentes de saúde indígena são funcionários do estado. Critica uma parte da fala de Jeová, quando ele se referiu à "fiscalização" da política de saúde: "como é possível que o pessoal que trabalha para a FNS [Funasa] fiscalize o próprio órgão?".

[108] *Diário de Campo*, n. 1, p. 336-354.

educação indigena CC.indd 294 26/10/2015 11:43:14

Apesar do silêncio da casa da irmã Iolanda, não escuto bem as falas, com exceção do pessoal da mesa. O barulho dos ventiladores não é tão forte, mas causa uma reverberação que enche os ouvidos, mistura-se às falas e as encobre como uma névoa, uma cerração nas estradas de Aratuba. A má iluminação da sala, provocada pela quantidade insuficiente das lâmpadas fluorescentes (4 de 40 watts, mas somente duas estão acesas), e uma parte do telhado escuro, suscitam silêncio e sonolência.

Fotografo os presentes.

Ivo me fala que Pequena está preparando seu filho, Antônio José (?), para ser vereador. Diz-me que ela deu uma entrevista revelando que o está preparando para sucedê-la como cacique. O problema, segundo Ivo, é que o seu filho mora aqui, em Fortaleza, no Bom Jardim [na periferia].

Mocinha, agora, avalia a saúde nos Tapeba: "Tá tudo bem, graças ao nosso pai Tupã". "A Funai e a Polícia Federal chegam lá quando há uma confusão, como urubu na carniça". "Um dia eles me mandaram falar baixo. E aí eu disse: como é que eu vou falar baixo, se eu só sei falar alto? Aí, eles me abusaram, né?".

Jenipapo-Kanindé (Pequena).

Dificuldades: "A saúde é precária. Só tem o dentista que tá indo. Não tem médico".

*[*Obs: ela usa o termo "distração" de dente para referir-se a* extração*]*

"A Funai diz que não tem carro para dar assistência. E a doença não tem hora pra chegar. É a maior dificuldade de entrar um carro lá pra levar pra Aquiraz". ["Funai" = Funasa]

Francy, da Funasa, informa sobre a contratação de carros: está prevista, mas há dificuldades. Podem ser usados carros de aluguel do Iguape, de Aquiraz e o carro da própria Funasa.

Pequena insiste: "A gente tem que ser mais informado, pra gente saber de tudo". "Já ouvi várias vezes a Francisca Adelaide dizer: Povo Tapeba, vocês tão chorando de barriga cheia. É bom mesmo que eles, quanto mais encherem a barriga, mais chorarem, pra ver se veem os outros".

educação indigena CC.indd 295 26/10/2015 11:43:14

Pequena quer saber de fato como vai ser feito o uso do carro. Como é possível um só carro dar conta de atender os Pitaguary e os Jenipapo-Kanindé: "Será que uma só vez por semana basta? Será que vamos adoecer somente naquele dia da semana?" Ela quer saber também se os médicos vão dar assistência: "Até os médicos da família desapareceram".

Situação dos processos [na Justiça, relativos às terras].

Ypióca entrou contestando, dizendo que os Jenipapo-Kanindé já estão extintos. Questiona o trabalho do GTI. Afeta a todos, caso ganhe, pois abre espaço para a anulação dos Pitaguary, que foi o mesmo GTI. A doutora Germana Morais é a juíza responsável.

Geovane chama a atenção para a importância de discutir a questão jurídica. Porque terá desdobramentos em outras modalidades do Direito.

Ivo: a questão do acompanhamento jurídico: "É importante que alguém escute os relatos que vocês fizeram nesta manhã". Propõe a formação de um fórum indígena.

Faço uma intervenção sugerindo: buscar o apoio da Assembleia Legislativa do Estado; ocupar o tempo dos órgãos/serviços de estado com responsabilidade em questões indígenas; deter-se nas questões mais essenciais.

Geovane reforça a proposta do fórum. Propõe fazer também um dossiê.

Daniel sugere "um trabalho antropológico sobre cada povo, seus antepassados, seus costumes e sua cultura, para informar e envolver a sociedade e a imprensa".

Sugiro um seminário de avaliação e planejamento do movimento indígena, como um todo, no Ceará.

Tarde

Apresentações de Francisca Adelaide e Francy (FNS).

Informes.

Dourado:

- Fez uma viagem a Brasília para participar das discussões do Estatuto do Índio.
- A Funai promoveu dois eventos paralelos, um para discutir o Estatuto e o outro, para apoiar a permanência da tutela.

educação indigena CC.indd 296 26/10/2015 11:43:14

- Houve críticas à permanência de 415 índios (com suas famílias) em Brasília.
- Criticaram também o fato da APOINME ser "pau-mandado do CIMI".
- Foi elaborado um documento crítico da ação missionária do CIMI. "As Faces Obscuras do Indigenismo Missionário", pelos povos indígenas no Norte e organizações indígenas como a CAPOIB[109] [...]. [Data do documento: 17 de maio de 2000, Brasília]. Dourado cita a Declaração de Barbados: "Ou a libertação dos índios é feita por eles mesmos, ou não é libertação".
- Avalia que "O CIMI continua insistindo em ser porta-voz e decidir o destino dos povos indígenas".
- Relata que esteve em Brasília. Diz que foi questionado em Recife. Afirmou que havia assinado [o documento].
- Diz que, em Coroa Vermelha, o CIMI estava rindo quando via o movimento rachado. O CIMI também não compareceu à discussão do Estatuto em Brasília. [...]
- *Dourado* pondera que não queria prejudicar institucionalmente a APOINME. Diz que, se for preciso, faz um documento em seu próprio nome [assumindo as consequências do seu ato de apoiar a divulgação do documento] ou, caso seja a posição dos povos indígenas, um documento em nome dos povos indígenas do Ceará.

A hora é do sono. João Venança, entre outros, cochila. Predomina o silêncio. Mas parece uma vigília, não uma fuga ou evasão. Ivo comenta comigo as falas de Jeová e Dourado. Acho que ele me tem como interlocutor. Sinto que eu poderia e deveria estar mais próximo, conversar mais com ele. Ele está a desenhar, sempre. Tem um traço firme, preciso, perfeito.

Jeová faz a leitura de um documento [...] rechaçando os eventos que envolveram os Kaapó funcionários da Funai em Brasília [acusados por índios de outras etnias de estarem se locupletando das benesses do órgão indigenista oficial].

[109] Comissão de Articulação dos Povos Indígenas no Brasil.

educação indigena CC.indd 297 26/10/2015 11:43:15

Mocinha questiona por que Maninha (Xukuru) não ficou em Brasília. Dourado diz que é porque ela estava na Alemanha, em outra conferência. Mocinha insiste. Dourado, então, fala que ela é ligada ao CIMI e que "o CIMI, quando percebe que uma liderança está ficando muito sabida, ele derruba; ele levanta e derruba".

Francisca Adelaide diz que muitas pessoas de fora do Ceará teriam dito que os que assinaram o documento, representantes das suas entidades, eram ladrões, bandidos de suas entidades. Diz ainda que quando Dourado esteve na Alemanha, a imprensa ficou surpresa com suas declarações, que afirmavam a falta de apoio do governo brasileiro aos povos indígenas.

Dourado contesta dizendo que, contra nenhum dos que foram acusados, mostraram-se as provas.

Daniel diz que, nem aqui, no Ceará, o Dourado está por dentro da questão financeira.

Mocinha diz que não sabe, nestes projetos, "quem manda, quanto vem, quanto manda".

Ivo argumenta que é preciso separar "apoio" de "parceria", comentando a "porrada" que deram no CIMI. Diz que o CIMI é quem faz toda a parte jurídica, em nível de Nordeste.

Mocinha [ironiza]: "O Fernando Henrique não dá o nosso dinheiro. Mas até índio ele é".

*[*Zelene Kaingang, Sempé, Cláudio Moura e Jerônimo Makuxi formavam a coordenação do encontro de Brasília que produziu o documento crítico do indigenismo missionário.]*

Perguntei quem havia redigido o documento assinado. Falei que fiquei surpreso com a linguagem e a postura do documento, que demarcava uma nova política. Antes, todo aliado, em princípio era bem-vindo. Mas o documento parece demarcar, selecionar, aliados. O CIMI parece não ser mais reconhecido como era. Avalio como justa e sensata a reivindicação dos povos indígenas de transparência financeira das entidades que, em nome dos povos indígenas, recebem dinheiro: quem financia o movimento indígena? Qual o poder de decisão dos povos indígenas sobre a aplicação dos recursos que chegam às entidades?

educação indigena CC.indd 298 26/10/2015 11:43:15

Conversa com candidatos indígenas a vereador:

Antônio José, Jenipapo-Kanindé. Na comunidade Jenipapo-Kanindé só tem 200 votos. Por isso, vai precisar trabalhar com outros candidatos em Aquiraz.

Dourado. Teve 256 votos na última eleição. Diz que sua "candidatura não vem só do povo Tapeba, mas de outras comunidades de Caucaia", e que "o índio deve participar da luta política porque ele é também eleitor". *[*Parece uma postura muito conformista-legalista]*

João Venança, aconselhando Dourado, diz que "gato escaldado tem medo de água fria; o Dourado vai ser escaldado de novo. Nosso povo é acostumado a votar por um boné, um carro de mão, um milheiro de telha. Não há uma consciência firme. Nosso povo foi acostumado a dar o voto vendido".

Socorro apoia a posição do Dourado. Daniel também.

Faço uma reflexão sobre a história do estado moderno, de oitocentos anos para cá, sobre a forma de representação política da democracia. Analiso a questão da participação dos índios na Campanha: de um lado, a importância de ocupar espaço, da "participação" *[*fiz a crítica desta ideia de participação]*; de outro lado, a 'participação' é uma 'legitimação'.

João Venança faz um discurso forte. Fala que "duas primeiras coisas tem que aprender quando entra na política: uma é mentir, a outra é roubar". E arremata: "a política não presta". Ele se "desculpa dos companheiros que estão na mesa".

Dourado diz que Antônio Ribeiro Martins, da Cerâmica [que ocupa terras Tapeba], teria oferecido R$100 mil para ele se calar e sair de Caucaia.

*[*Uma questão: Antônio José não tem inserção no movimento indígena]. [...]*

Candidatos a vereador(a):

Alberto – PFL[110]/Caucaia

Dourado – PT/Caucaia

[110] Partido da Frente Liberal.

educação indigena CC.indd 299 26/10/2015 11:43:15

Venâncio – PCdoB/Maracanaú

Toínho – PT/Aquiraz

Luíza – PT/Mons. Tabosa

Zé Valdir – PT/Itarema

Zilma – PFL/Maracanaú

Candidato a Prefeito:

Messias – PT/Mons. Tabosa

Zé Valdir: é pré-candidato. Diz que o PT não vai se coligar com o Chico Lagoa nem com o Zé Maria Monteiro. Os três candidatos a vereador pelo PT vão sair sozinhos. Zé Valdir conta o histórico das discussões/reuniões das candidaturas.

Antes da fala de Zé Valdir, interpelei o Jeová, sobre as escolhas dos partidos serem decisões "individuais", dos candidatos. Questionei a representatividade das campanhas. Contestei também sua avaliação, de que "o PT é uma unanimidade".

Pergunto ao Zé Valdir se o Duquinha [deputado estadual, acusado de ser o mandante do assassinato do prefeito de Acaraú e seu primo, João Jaime Ferreira Gomes] estaria apoiando Zé Maria Monteiro. Ele confirmou.

Jeová encerra a discussão política e pergunta a Francy (FNS) "qual o programa da FNS para amanhã". Francy responde que está "trazendo um técnico de Brasília para discutir com vocês".

Francy acabou conseguindo o apoio de uma parte (maioria?) dos presentes para uma pauta que atropela o horário do almoço da quarta-feira.

Faço uma última fala, justificando minha presença (convite do Dourado) e esclarecendo por que eu não estaria aqui: é um encontro da FNS e os índios. Não fui convidado. Peço desculpas por alguma intervenção que possa ter chocado. Chamo a atenção para a proporção das legendas/candidaturas: 4 PT, 2 PFL, 1 PcdoB: o que prova que não há unanimidade e que é preciso discutir melhor, para "que as campanhas não dividam vocês mais do que vocês 'naturalmente' já estão divididos".

educação indigena CC.indd 300 26/10/2015 11:43:15

Mocinha faz uma fala em defesa de Alberto. Critica o PT. Diz que ouve falar "desde menina" sobre o PT", mas "nunca viu nada que o PT fez".

Daniel intervém. Mas Zé Valdir faz a crítica da fala de Mocinha. Diz que sua fala desconsidera as lutas dos companheiros e ações do PFL, que nunca defendeu os povos indígenas.

Mocinha rebate. Altera o tom de voz. Intervém, corta a fala de Zé Valdir. Diz que é filiada ao PT, mas que vai sair e se filiar ao PFL. Tenta defender Alberto, "porque ele está ausente". Mas ri. Mesmo o debate acirrado parece ter uma dose de deboche ou ironia da política.

Alguns aspectos para uma análise da participação dos índios nas eleições[111]

Gostaria agora, a partir destes relatos, sugerir alguns pontos para análise e aprofundamento, apresentados aqui quase sempre sob a forma de questionamentos, porque, antes de tudo, desejo suscitar a reflexão e o debate mais do que apresentar respostas e conclusões. É o mais indicado a fazer, considerando os limites deste breve texto.

Um primeiro aspecto a ser analisado é que a participação indígena nas eleições se dá de maneira diferenciada, *heterogênea*. Cada povo indígena[112], cada candidato, cada campanha se insere dentro de um conjunto de visões e de práticas quase únicos; melhor, *circunstanciais*. Comparem-se alguns elementos dos processos vivenciados pelos Tremembé, Tapeba e Jenipapo-Kanindé.

[111] Este texto é parte de um artigo que publiquei com minhas análises sobre a participação indígena nas eleições ocorridas em 2000, no Ceará. Como situações empíricas para a análise, selecionei a reunião de 24 de março ocorrida na Tapera, e a conversa com os candidatos a vereador, descrita acima. Minha intenção ao inserir essas análises neste diário é ilustrar para o(a) leitor(a) os usos que tenho feito das leituras teóricas, intentando produzir outros *sentidos* às práticas e discursos dos indígenas.

[112] Não é pretensão deste texto discutir a "identidade" ou a "cultura" destas pessoas e seus grupos. Assim, tomo a liberdade de tratá-los ora com o nome – impróprio, bem sei – de 'índios', ora de 'povos indígenas' – politicamente correto para os antropólogos e outros indigenistas. Interessa-me analisar seus discursos e práticas *políticas*, e não as *montagens de linguagem* a respeito de si.

educação indigena CC.indd 301 26/10/2015 11:43:15

Nos primeiros, o *objetivo* da campanha, explicitado por Zé Valdir em forma de pergunta ("Será importante, para nós, lançar pessoas a candidato? Vai ajudar nossa luta?") é o *fortalecimento* das ações políticas do seu povo, das suas "lutas". Este é o critério para julgar a *importância* de participar das eleições com candidatura própria. Quanto à sua *escolha* como candidato, seu nome foi apontado a partir de reuniões realizadas em diversas comunidades em que se buscava refletir a problemática das eleições e qual posição seria adotada em bloco, mais ou menos consensual, pelos Tremembé. A opção da legenda, o PT, foi também matéria importante de análise, decisão coletiva argumentação e justificação ("porque nós somos trabalhadores rurais"; "o PT é um partido dos pequenos; somos nós").

Os Tapeba têm duas candidaturas: uma pelo PT e outra pelo PFL. Desnecessário dizer que, a partir das legendas, constituem projetos, implicam objetivos e formas de atuação políticos muito diferenciados, como indica Zé Valdir ao se contrapor à defesa que Mocinha fez do Alberto ("...PFL... nunca defendeu os povos indígenas"). E embora do PT, nem por isso a campanha de Dourado tem a mesma história, as mesmas motivações e os mesmos objetivos que a dos Tremembé. Sua candidatura, acredita, "não vem só do povo Tapeba, mas de outras comunidades de Caucaia". Mais que representar sua etnia, ele deseja ser "A voz do povo na câmara de Caucaia". Mas que segmentos e classes sociais ele pretende ajuntar sob o conceito generalizado de "povo"? Considerando-se a situação de conflito – jurídico, inclusive – entre o município e população não indígena contra os Tapeba, sobretudo por causa da demarcação de suas terras, como ele vai conseguir "representar" interesses tão generalizados e, pior, tão contraditórios? O Partido dos Trabalhadores – que se autodefine como um partido com princípios político-ideológicos "de esquerda" ou "popular", que é *estigmatizado* por amplos segmentos sociais e que nunca elegeu vereador em Caucaia – seria o partido mais adequado a uma candidatura que pretende alçar vitória, exatamente fugindo da estigmatização (da identidade indígena), do isolamento político (da comunidade Tapeba) e do conflito de interesses com segmentos sociais, políticos e econômicos (em torno da luta pela terra)? Quanto à ideia de participação política presente no discurso de que "o índio deve participar da luta política porque ele é também eleitor" não acabaria por justificar e legitimar a candidatura de Alberto, pelo PFL, com

educação indigena CC.indd 302 26/10/2015 11:43:15

quem terá que dividir os votos dos parentes indígenas e/ou outros eleitores nestas eleições, inviabilizando a possibilidade de eleger um vereador Tapeba? Enquanto a campanha eleitoral é reassimilada na produção e aglutinação das forças político-eleitorais dos Tremembé, entre os Tapeba, ela desagrega e paralisa suas forças.

A candidatura de Toínho, Jenipapo-Kanindé, apresenta também algumas particularidades em relação às demais. Uma questão, entre outras, que chama atenção é o modo como nela se constrói a *representatividade* política. Entre os Tremembé, sabe-se, ela é construída no *processo* – nas reuniões, nas discussões e decisões das comunidades: alguém que goza de prestígio político, que é uma liderança atuante e em que se reconhece o potencial necessário à tarefa é escolhido, com relativo consenso, como candidato. Os Tapeba, deduz-se facilmente, não obtiveram o mesmo consenso em suas escolhas. As candidaturas advêm de situações bem distintas. A de Alberto, só para ilustrar, pode-se supor que seja imposta, de um lado, pelo prestígio político decorrente do cargo de cacique[113], que lhe outorga "naturalmente" o poder de candidatar-se; de outro lado, pela *cooptação* do PFL – consentida plenamente por Alberto; em nenhum dos dois lados está embasada em processos mais democráticos, de debates, discussões e escolha consensual. A construção da representatividade de Toínho se dá, em primeiro plano, *em torno e sob* a autoridade política da mãe, advinda do cacicato. Nepotismo em versão Jenipapo-Kanindé? Aparentemente sim. Talvez não, exatamente, se considerarmos que a própria "escolha" de Pequena como cacique, único caso entre os 180 povos indígenas do Brasil, se deu em uma situação-limite, como esforço supremo para sustentar a busca de afirmação étnica e política da sua comunidade. A candidatura a vereador e a concomitante preparação para a sucessão na chefia indígena não seriam partes da mesma estratégia da cacique para remediar-se, no futuro, do vazio de poder que a obrigou a assumir o cargo em condições excepcionais? [114] O fato

[113] Ele ainda exerce o cacicato, apesar do desgaste sofrido em torno da demarcação das terras, quando se dizia que ele estava "negociando" e capitulando junto aos adversários.

[114] Em inúmeras ocasiões, Pequena já se referiu à sua situação como "exceção", dizendo que só aceitou ser cacique porque nenhum homem aceitou o cargo, revelando o grau de desmotivação da comunidade e de desestruturação das formas tradicionais de exercício do poder político.

educação indigena CC.indd 303 26/10/2015 11:43:15

de, embora sendo *cabeludo da Lagoa Encantada*[115], estar fora da comunidade e não haver tido anteriormente inserção no movimento indígena, ao invés de depor contra ele não seria uma adequação a problemas de *economia simbólica do poder*[116], das concepções e práticas de representação política, sintomatizados na constatação de que "é mais fácil a comunidade eleger os de fora", já experimentados em situações como a votação do Dourado que "só recebeu 130 votos de uma população de quase 2000 tapebas" e outras ocasiões mais desastrosas, em que o candidato "não tira nem o voto da mulher"?

A candidatura de Toínho, também pelo PT, se diferencia da de Zé Valdir e de Dourado, sobretudo pela forma singular, extrema e contraditória de enfrentar a problemática e propor uma resposta (precária?) aos dilemas (insolúveis?) da representação política dos povos indígenas: estar, a um só tempo, *dentro* (porque "é melhor escolher um da gente") e *fora* da política (por saber que ela "não presta"); ser alguém da comunidade *indígena* (exposto à estigmatização e isolamento pelos de fora) e ser *diferente* (porque investido da identidade e do poder inerente ao cargo político); estabelecer com seus parentes relações de poder *tradicionais* (de *cacique ou liderança indígena*) e *formais* (de *vereador*).

Nas campanhas indígenas, portanto, não somente inexiste a "unanimidade do PT", de uma legenda, como não se sustenta qualquer pretensão de homogeneização das concepções e práticas de poder. Como num prisma, cada candidatura tem uma cor distinta, vibra em uma frequência particular, ocupa um espaço determinado dentro do feixe das complexas relações de força dentro da comunidade e entre ela e o "fora".

Um segundo aspecto da participação indígena nas eleições é o que se poderia chamar de *caráter preventivo ou reativo à negatividade e às restrições do poder político formal*[117]. Os índios reconhecem suas desvantagens e dificuldades na

[115] De forma estigmatizada, assim são também chamados os Jenipapo-Kanindé.

[116] Economia simbólica porque se refere à organização, "normalização" e expressão de práticas e discursos.

[117] Em nossa sociedade, o poder político formal é capturado, instituído, reproduzido e distribuído através de grandes máquinas de ressonância social, que dividem (mas também transversalizam) entre si as freqüências de ação e os instrumentos de modulação desse poder – legislativo, executivo, judiciário.

educação indigena CC.indd 304 26/10/2015 11:43:15

correlação de forças dos *jogos do poder*[118]. Há tempos, e de maneira generalizada, os índios sabem o quanto suas vidas são *atingidas* por *esse* jogo[119]. Sentem, sobretudo, seus efeitos *restritivos* e *negativos*. Por isso, a avaliação contundente de João Venança. Avaliação *moral*, com certeza. Porém, sobretudo, avaliação dos *efeitos*: "a política não presta", isto é, não tem préstimo, serventia ou proveito; não *produz*:

> *Djandira, desde os tempos em que era vereadora em Acaraú, nunca conseguiu um poste para os Torrões. Manuelzinho, só agora está conseguindo umas besteiras, depois de muito tempo como vereador e até vice-prefeito.*

Considerando, com Deleuze e Guattari, que "os centros de poder se definem por aquilo que lhes escapa, pela sua impotência, muito mais do que por sua zona de potência" (1996, p. 96), entende-se porque os discursos e as práticas de campanha indígenas, como espectros do teatro de sombra, insinuam-se sob o silêncio, a abstinência, uma *recusa* e uma quase *interdição*, que impedem de ver os efeitos *positivos* do poder[120]. A conquista do cargo político, ao invés de *atualizar* e ampliar a *eficácia* do poder, é percebida como a concretização da sua *negatividade* (imanente?) pela subtração sentida em dois planos. No primeiro, digamos assim, *subtração moral*: "as duas primeiras coisas que se

[118] Chamo de *jogos do poder* a esses dispositivos relativamente 'instituídos' e 'estáveis' em que o poder se cristaliza e se enuncia; eles funcionam como máquinas de captação, reverberação, ampliação e transmissão em cadeia dos efeitos das relações (de força, necessariamente, pois que um conjunto de forças é imanente a toda relação). Uma câmara de vereadores e uma prefeitura são exemplos destes *jogos* ou *máquinas*.

[119] Jogo *macropolítico* certamente, mas que não se define como simples relação de *oposição*, *autonomia absoluta* e/ou *exterioridade* ao informal, residual, enfim aos jogos *micropolíticos*. Ambos se configuram e se definem a partir de relações complexas: uma "multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais" (FOUCAULT, 1988; 88s).

[120] O poder não se faz sentir somente como a força que limita, proíbe, suprime, mas também pelo que possibilita, suscita, cria. É esta a sua *positividade*.

educação indigena CC.indd 305 26/10/2015 11:43:15

tem que aprender quando entra na política: uma é mentir, a outra é roubar". No segundo, *subtração da potência*:

> *Antes, ele [Zezinho] andava de casa em casa, levantava cedo, ia com uma pastinha na mão. Agora, ele só está atendendo porque é pago pelo PSF. A gente tem que acordar cedo, fazer uma fila na porta dele, pra ele atender quando bem quer (João Venança).*
>
> *Nunca nenhum vereador fez nada pela comunidade da Tapera ou por qualquer comunidade Tremembé (Fernando).*

Eles bem sabem, no entanto, que esta *negatividade* não vem somente *de cima*. Ela encontra amplo respaldo e é exercida também a partir *de baixo*, das práticas políticas das comunidades, como a "venda do voto" e a "falta de consciência":

> *Tem gente que vende o voto por um par de chinelos (Estevão).*
>
> *Nosso povo é acostumado a votar por um boné, um carro de mão, um milheiro de telha. Não há uma consciência firme. Nosso povo foi acostumado a dar o voto vendido (João Venança).*

Contudo, esta falta de uma "consciência firme" não deve ser entendida como uma *ausência*, *consciência alienada*, ou como uma imposição do *poder dominante hegemônico*. Tampouco, é uma *superestrutura* ou um subproduto da máquina em que são (re)produzidas as relações de poder entre os indígenas e o mundo da política. Antes, é sua *condição*. Ela é um *acordo*. Como um *acorde musical*, que, longe de opor, estabelece complexas relações entre notas dissonantes e harmônicas em uma simultaneidade de tempo, onde cada uma delas reforça o som das demais e é o pressuposto da sua percepção diferenciada, ao ser ouvida. Porque o poder é sempre um *consenso*, ou, dito de maneira muito mais refinada, elegante, completa:

> [...] o poder vem de baixo; isto é, não há, no princípio das relações de poder, e como matriz geral, uma oposição binária e global entre os dominadores e os dominados, dualidade que repercuta de alto a baixo e sobre grupos cada vez mais

educação indigena CC.indd 306 26/10/2015 11:43:15

> até as profundezas do corpo social. Deve-se, ao contrário, supor que as relações de força múltiplas que se formam e atuam nos aparelhos de produção, nas famílias, nos grupos restritos e instituições, servem de suporte a amplos efeitos de clivagem que atravessam o conjunto do corpo social. Estes formam, então, uma linha de força geral que atravessa os afrontamentos locais e os liga entre si; evidentemente, em troca, procedem a redistribuições, alinhamentos, homogeneizações, arranjos de série, convergências desses afrontamentos locais. As grandes dominações são efeitos hegemônicos continuamente sustentados pela intensidade de todos estes afrontamentos. (FOUCAULT, 1988, p. 90).

Assim, pode-se dizer, possivelmente com o desaprovo de algum leitor, que "votar por um boné, um carro de mão ou um milheiro de telha", é uma das *condições* de possibilidade, e não o produto da participação indígena no jogo das eleições, e um dos sintomas da *negatividade* do poder. Pois é pela instauração de um *regime de restrições* que o poder se justifica e sustenta.

Não seria, porém, por esse motivo, pelo potencial *negativo* do poder, porque ele atua *restringindo*, que é "melhor escolher um da gente do que de fora"? Por que *conquistando* o poder, *domesticando-o*[121], poder-se-ia ao menos prevenir-se melhor de sua *negatividade e restrições*? Em meio à heterogeneidade – dos processos de escolha dos candidatos, das legendas partidárias, do PT, PC do B[122] e PFL, ou dos objetivos explícitos – das campanhas, seria este o ponto de convergência: a conquista dos cargos como forma de prevenir, remediar ou controlar os efeitos "colaterais" do poder? Os cargos a serem conquistados serviriam, então, para pelo menos minimizar esses efeitos sobre os indígenas e suas comunidades. Pois eles reconhecem a própria impotência política por "não pertencer à panela do prefeito" (causa e efeito dessa impotência?) e, por isso mesmo, porque "é precisamente sua impotência que torna o poder tão perigoso"[123], "isto não deve ser motivo para ficar de fora".

[121] Domesticar no sentido de tornar *de casa*, próximo, mas igualmente de *amansar*, fazer *dócil*, *previsível em suma*.
[122] Partido Comunista do Brasil.
[123] Deleuze e Guattari, 1996, p. 111.

educação indigena CC.indd 307 26/10/2015 11:43:15

Um terceiro aspecto da presença indígena nas eleições a ser analisado é o que denomino, provisoriamente, de *identificação política heteroét(n)ica*[124], a qual pode ser caracterizada como o conjunto de *discursos e práticas do político* em torno do engajamento simultâneo e diversificado em sistemas de relações de força heterogêneos (como o conselho da comunidade e a câmara de vereadores ou a prefeitura), contrários, ou mesmo em conflito, ao mesmo tempo autônomos e transversalizados, quando os indígenas se revestem circunstancialmente dos *hábitos específicos*[125] dos múltiplos jogos de poder em que se inserem, selecionando-os, recortando-os, assimilando-os e reelaborando-os ou resistindo e se separando deles e de seus códigos de valores, encarnando papéis ou tomando decisões conforme as conveniências impostas pelos jogos, e a partir de um núcleo mais ou menos estável de referência simbólica, que é a comunidade indígena. Assim, a metamorfose ocorrida no índio que se transforma *ocasionalmente* em candidato ou eleitor, atesta não a perda mas a *plasticidade* da "identidade" indígena[126], a sua "essência" composta, inventada, montada, *estratégica*, e a sua *capacidade quase infinita de mudar para permanecer o mesmo*[127].

No jogo eleitoral, a *identificação heteroét(n)ica* emerge quando, por exemplo, os indígenas, candidatos ou eleitores, se inventam *petistas* em torno da categoria "trabalhadores rurais" e da ideia do PT como "um partido dos pequenos" como eles. Ou quando recorrem ao argumento formal, legalista e legitimador da ordem política formal ao sustentar que "o índio deve participar da luta política porque ele é também eleitor", adequando-se à ideia generalizada e "menos

[124] A grafia do termo *ét(n)ico*, que mescla e diferencia, a um só tempo, o *étnico* e o *ético*, quer chamar a atenção para as transversalidades com que se atravessam, de mil maneiras, os discursos e práticas de identificação (étnicos) e os discursos e práticas de ação (éticos) sobre o ser social.

[125] Os hábitos expressam a conjugação de *práticas* e *discursos*.

[126] Esta "identidade" não pode portanto, ser apreendida através dos jogos epistemológicos binários que opõem categorias, como a de "verdade" x "falsidade", "autêntico" x "descaracterizado", "branco x índio", enfim, "ser x não-ser". Trata-se de *identificação*, termo que suscita a ideia de construção/desconstrução, de *devir* imanente a toda "identidade".

[127] Esta ideia é uma ressonância do conceito de "transfiguração étnica", de Darcy Ribeiro (1997), que "consiste precisamente nos modos de transformação de toda a vida e cultura de um grupo para tornar viável sua existência no contexto hostil, mantendo sua identificação" (p. 193). "Mesmo quando perdem a língua e ainda quando se completa o que se poderia chamar de aculturação, ou seja, mesmo quando eles se tornam quase indistinguíveis do seu contexto civilizado, ainda assim mantêm sua auto-identificação como indígenas de um grupo específico, que é seu povo." (p. 191).

educação indigena CC.indd 308 26/10/2015 11:43:15

politizada" de *cidadão brasileiro*. Pode-se até virar *pefelista*, permitindo-se uma identidade *prêt à porter*, de conveniência política explícita (a candidatura de algum familiar), saltando de um extremo ao outro do espectro das legendas partidárias (do PT para o PFL), lançando mão do pragmatismo político, esse *script* sempre disponível na encenação do teatro eleitoral, detectado em argumentos do tipo: "ouço falar desde menina sobre o PT e nunca vi nada que o PT fez". Tratar-se-iam simplesmente de fenômenos em que se alternam ou contrapõem-se uma "identidade política esclarecida" e uma "identidade política alienada"? Ou, antes, de uma *identificação estratégica*, circunstancial, móvel, flexível, *segmentarizada*, articulada no jogo das relações de poder, em meio a "uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada"?[128]

Em suma, são estes entre outros, os aspectos que considero para a análise da participação indígena nas eleições cearenses de 2000 se dá, entre outros aspectos: *heterogeneidade* dos diversos elementos que estão implicados nas candidaturas; reação ou *precaução* ao *regime de restrições* ou *negatividade* imanente ao jogo da política formal, como ponto de encontro em meio à heterogeneidade; e produção do fenômeno da *identificação política heteroét(n)ica* como *estratégia* de atuação nos jogos do sistema político formal, dos quais as eleições são parte.

24 de julho de 2000[129]

Seduc

[Assinatura do convênio de pagamento aos professores indígenas]

[...]

Encontro com Stephen Baynes, meu amigo antropólogo da UNB[130], e Carlota, sua namorada.

[128] (FOUCAULT, 1988, p. 89).
[129] *Diário de Campo*, n. 1, p. 358-359.
[130] Universidade de Brasília.

educação indigena CC.indd 309 26/10/2015 11:43:15

Chegada à Seduc. Encontro com vários dos presentes: Sotero, João Venança, Zé Valdir, Dandão *[conversamos sobre seu processo na justiça]*, Pequena *[me fez cobrança de fotos e fita com gravação de suas músicas]*, Chico Nezinho *[traz cópias atualizadas dos documentos do CITA]*, Valter e Silvana, Cláudio e outros professores e lideranças. Clarice (ex-Procuradoria) *[faz críticas a Francisca Adelaide, diz que precisa muito falar comigo]*.

Abertura da solenidade:

Toré com crianças tapeba (com músicas Tremembé!)

Falas: 1)Professora Josefa; 2)Teka; 3)Dourado; 4)João Venança (*inicia com canto: "Graças a Deus, meu bom Jesus, foi ele que morreu na cruz"). (*Reação dos que estão ao meu lado: "Gostei! Esse cabra não tremeu de jeito nenhum")

Assinatura do Convênio:

- Chico Nezinho (pelos Tremembé)
- Cláudio (pelos Tapeba)
- [...] (Mons. Tabosa: pelos Tabajara? Por todas as etnias da região de Crateús?)
- Zé Maria (pelos Jenipapo-Kanindé)
- Sotero (pelos Kanindé)

E os Pitaguary?

Toré/Torém de encerramento.

Fala de Naspolini, Secretário de Educação:

- Diz que os nomes indígenas do Ceará o impressionaram, desde que veio morar aqui.
- Sente-se cacique dos colonizadores que exterminaram índios em SC.
- Defende a mudança; propõe aproveitar o fim do milênio.

educação indigena CC.indd 310 26/10/2015 11:43:15

- Acredita que essa solidariedade [com os povos indígenas] se dá com 500 anos de atraso.

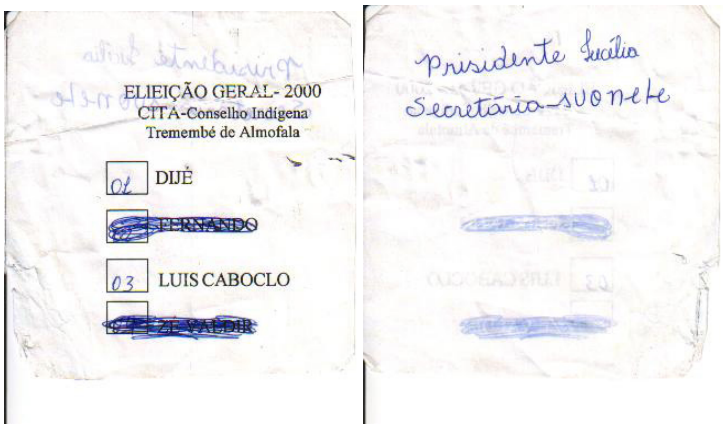
[...]

8 de setembro de 2000[131]

Eleições do CITA

Local: Centro Cultural da Varjota. Horas: 15 horas (no momento).

Cédula de votação[132]**:**



Dijé agradece os 15 votos que recebeu. Considerou que não é da Varjota, que veio pouca gente da Praia. Por isso agradece os 15 votos "de gente que podia votar no Luis Caboco, que é daqui".

Luis Caboco diz que "o povo caiu violento" na votação para ele, que teve 59 votos.

[131] *Diário de Campo*, n. 1, p. 378-385.

[132] Os nomes rasurados, de Fernando (acima) e Zé Valdir (abaixo), indicam que eles desistiram. Preferiram não dividir os votos da "Mata"? Apostaram na polarização Praia x Mata?

educação indigena CC.indd 311 26/10/2015 11:43:15

Houve 74 votos.

Eleitores aptos: 140 (sócios do CITA) Por área: Varjota: 55; Panan: 22; Tapera: 13; Praia: 8; Batedeira: 1; Capim-Açu: 40

Chico Nezinho também faz uma fala. Agradece o apoio "nestes quatro anos de trabalho". Lembra as dificuldades no início: "não conhecia as coisas direito"; "dificuldade de transporte"; "falta de remuneração para o pessoal da diretoria"; "o pessoal morava longe, não tinha remuneração de nada. No início, até tinha força. Depois, ia desanimando". Fala que vai continuar como sócio. Fala também dos 30 hectares de cajueiro. Deseja boa sorte ao que vai continuar o trabalho.

[Eleitos:]

Secretário Geral: Fernando.

Vice-presidente: Dijé.

Finanças: Evandro, Ângela, Neide.

Conselho Fiscal: Aurineide, Manuel Maroca, José Teles Santos, Zé Valdir, Chico Nezinho, Luis Caboco, Dijé, Fernando, Neta, Evandro, Ângela, Neide, Zé Livino, Raimundo Neto de Sousa (Capim-Açu), Raimundinha.

Amâncio chama todos, inclusive a mim e Penélope para o momento do "juramento". Pede para tirar os chinelos e pôr a mão no ombro direito: "Eu, coordenador geral do CITA, Luis Caboco, Dijé, vice-coordenadora geral do CITA, todos nós coordenadores gerais do CITA, todos nós do conselho fiscal do CITA, todos nós conselheiros, nós todos da coordenação, empossados com o compromisso de, para que, [*sic*] o andamento do CITA seja a parte mais importante dos índios Tremembé. E nós, assembleia, temos o poder de botar, tirar e botar quem quiser na direção geral do CITA".

Ele continua a fazer um juramento improvisado. Tenta fortalecer a *cultura*, a *identidade política* dos Tremembé. As pessoas repetem meio mecanicamente,

educação indigena CC.indd 312 26/10/2015 11:43:16

sem reflexão, suas palavras, que mais parecem um discurso. Talvez por isso ele tenha terminado dizendo "muito obrigado".[133]

Calendário de reuniões: Luis Caboco propõe que os sócios do CITA façam assembleias de 2 em 2 meses. A diretoria vai se reunir uma vez por mês.

Fernando chama atenção para que a diretoria busque e aceite a assessoria da antiga coordenação. Propõe que "o Chico Nezinho acompanhe o Luis Caboco por, pelo menos, um mês", para auxiliar na elaboração de atas e projetos.[134]

Seu Agostinho, tuxaua, toma a palavra e fortalece a fala e a preocupação de Fernando.

Zé Valdir e *Neide* fazem a ata da Assembleia de Votação.

Evandro conversa com Penélope sobre o problema das contas de energia e sua falta, os "apagões".

Conversei com Fernando sobre a proposta do *encontro pedagógico* [com professores da rede municipal de Itarema] e a possibilidade de um encontro com professores tremembés a respeito do magistério indígena.[135]

Conversei com seu Marciano sobre o "boi".[136]

[133] Percebo hoje a importância de Amâncio nesta eleição, o papel de destaque que ele teve. Teria feito parte dos planos de Francisca Adelaide para fortalecer/ampliar sua influência no CITA? Tempos depois, as posturas políticas de Luis Caboco, sempre afinadas com a vontade da secretária da OT, sugeriam o que nem a intuição me deu a perceber naquele momento.

[134] O que vai acontecer, porém é que Chico Nezinho vai se vingar de Luis Caboco ter dito uma certa vez que ele não fazia nada enquanto presidente do CITA. Chico nem sequer prestou contas a Luis, travando completamente quaisquer projetos do CITA, deixando Luis imóvel. Talvez tenha querido demonstrar que quem não fazia literalmente *nada*, era Luis Caboco.

[135] Acho que foi aqui, pela primeira vez, que surgiu a ideia do magistério realizado pelos próprios Tremembé.

[136] O "Reso Tremembé". Depois que vi as gravações de Tonio Vargas, do vídeo que ele fez sobre o festejo, no qual participei com a trilha sonora de algumas partes, fiquei muito interessado em apoiar a manifestação.

educação indigena CC.indd 313 26/10/2015 11:43:16

[Noite: em Acaraú]

Fim de noite, neste dia 8 de setembro, sexta-feira. Estou em Acaraú, na casa dos meus pais. [...] O sono e o cansaço já quase tomam conta completamente de mim. Penélope já adormeceu na cama. A rede em que estou sentado escrevendo estas palavras é uma tentação medonha para despedir-me do meu senso de "arquivista" dos Tremembé e entregar-me aos braços de Morfeu. Sinto que, muitas vezes, daqui por diante ainda mais, vou precisar fazer o que fiz hoje: recolher-me para escrever ao final do dia, renunciando ao prazer de jogar conversa fora com as pessoas de casa (ou mesmo os tremembés), para registrar as vivências do dia. Mania de pesquisador! É o preço a ser pago pela opção profissional. Mas é também a certeza e o desejo de poder fortalecer o que está em jogo nas lutas dos Tremembé.

O sono aperta e minha rede branca de algodão puro com varandas delicadas me lança um convite irrecusável: dormir. [...]

9 de setembro de 2000[137]

Noite.

Estou em **Almofala**, sentado em um banco da praça, com Penélope, Antoniel, Aurineide e Gilsa (que está observando agora mesmo o que estou escrevendo). [...]

Fotografei os ônibus das prefeituras de Acaraú e Itarema, que transportavam eleitores.

Fotografei *seu* Zé Livino e outros que estavam com eles.

Encontrei Babi Tremembé e seu grupo, que também fotografei.

Gláucia faz uma "poesia", que Babi faz questão de me mostrar.

[137] *Diário de Campo*, n. 2, p. 85-92.

educação indigena CC.indd 314 26/10/2015 11:43:16

Arrume as malas e pense bem assim
quem vai ganhar a vitória é Dedé e Manuelzinho.
Pegue o ciscador, cisque o lixo dos Torrões
Deixe o Jacaré na lagoa com o povão.
Passe o rodo, está chegando a hora
Dedé na prefeitura, e o outro vai embora.
Os vereadores de Almofala, do papo do Jacaré
Ednésio e Pixico, Biloro que é José
Também vão administrar para os homens e as mulheres.
Arrume as malas e pense em viajar
Nós não lhe demos liberdade
Você não pode entrar.
Quando você for partir peça desculpas ao seu povão
Bate a forquilha no chão e descanse
Depois, viaje então.

Babi me esclarece o sentido de "bater forquilha no chão": quando a gente sai para uma viagem em que nada dá certo, foi só buscar a forquilha.

Os versos acima foram feitos por Babi. Gláucia só anotou.

Babi me conta do fato de que o Chico Lagoa, quando deputado, em audiência na Assembleia, bateu a mão na mesa e disse que em Almofala não havia índios. *[*Ver data do evento com João Venança].*

Babi diz que tem muitos versos, mas que não pode dizer "por aí":

Dedé eu voto em você
Mas não lhe tenho firmeza
Eu não esqueci ainda
O que fez em Fortaleza
Disse que aqui não tinha índio
Bateu em cima da mesa.

Conversei sobre *política* com Dijé, Babi, Rosângela e Neide.

Neide me explica por que vão votar em Chico Lagoa. Faz um histórico dos "4 anos de poder dos Monteiros". "Ninguém tinha o direito de adoecer".

educação indigena CC.indd 315 26/10/2015 11:43:16

Demissão de funcionários qualificados, empregando os sem experiência. "Eles são vingativos". Djanira, mulher do Zé Maria é quem tomava conta da administração. "Ela passa por cima de qualquer coisa para atingir um objetivo". Fez Neide falsificar documento, idade para poder votar na época do plebiscito. O hospital virou um "sucarrão" (um oco, um buraco livre).

Neide entende que o Chico Lagoa não é favorável à luta indígena, mas ao menos é alguém com quem se pode conversar. Além do mais, se ele não foi para os índios, "foi para outras comunidades", por exemplo: qualificação dos professores, estradas etc.

Conversa sobre as intervenções de Marcos Guilherme:[138]

Luis Caboco (que chegou há pouco, e que sempre aperta forte minha mão) conta o fato de que precisaram de um retrato pra um folder e foram procurá-lo. Ele disse que não dava, mas que vendia "porque quem tava por trás dos Tremembé era a Igreja, que tinha uma grana preta".

Marcos Guilherme estaria interferindo nas seguintes questões:

- Tem negado as EI's; questiona a competência dos professores;
- Questiona o poder de João Venança;
- Deslegitima o torém. Luis diz que ele teria dito que "tem poucos passos de torém" e que "agora parece uma macumba";
- Disse que na Varjota não tem índio; "só dois, o Luis Caboco e o Chico Nezinho". [...]

Sugiro uma reunião. Dijé diz que vão preparar "na surpresa", sem ele saber.

[138] Fotógrafo conhecido dos tremembé desde os anos 1970, havia recebido uma bolsa da Fundação Vitae como prêmio e incentivo ao seu trabalho.

educação indigena CC.indd 316 26/10/2015 11:43:16

10 de setembro de 2000[139]

[Acaraú, na casa dos meus pais]

Amanheço com muita vontade de registrar o dia de ontem.

A estrada para Almofala está bem melhor do que da última vez, quando vim sozinho: o inverno estava rigoroso e as chuvas haviam feito sulcos enormes e poças d'água que eram verdadeiras lagoas. Nestes tempos de eleições acontece sempre de quem está no comando da máquina política municipal usar desse tipo de demonstração de "competência administrativa".

Itarema e Acaraú estão asfaltados. E a estrada que liga as duas cidades é nova, o asfalto está ótimo e a sinalização, perfeita.

Os tempos de eleição são especiais, realmente. Talvez seja uma espécie de *natal*. Somente nestes tempos há transporte "sobrando" para levar as pessoas ou trazê-las nos carros dos políticos. Há até ônibus, como o do Aníbal, candidato a prefeito de Acaraú. Os *showmícios* trazem bandas famosas ao interior, conhecidas somente pela mídia. O clima de festa é geral, como um longo carnaval. Pode-se fazer aquela pequena reforma na casa com os tijolos, cimento, telhas ou portas recebidos dos candidatos a vereador, em troca da promessa do voto. Multidões se encontram nas praças, nas carreatas, dando uma dinâmica completamente distinta do cotidiano à vida social, inculcando os sentimentos típicos de *massa* e, talvez por isso, pela disputa partidária, tomando-se partido por um candidato como se toma por um time de futebol. O político mobiliza sentimentos e comportamentos muito peculiares, nestes tempos.

Ao lado da igreja de Almofala está sendo armado o palco para o comício de hoje; uma estrutura enorme, própria dos grandes shows da capital. Apoteótico deverá ser este *showmício* com a *Banda Acaiaca*, como me informou Gilsa. Os Tremembé estão animados e dizem que vão. Combinei com eles de ir também para ver, gravar, fotografar e registrar seus comportamentos no comício. Eles riem de mim, porque eu também ironizo o papel de pesquisador, que tem que se submeter a este tipo de procedimento.

[139] *Diário de Campo*, n. 1, p. 385-397. Digitado em 4 de julho de 2002.

educação indigena CC.indd 317 26/10/2015 11:43:16

Gilsa vai caminhando sob o sol do meio-dia na estrada que leva à Praia. Em meio a um grupo de amigos e amigas adolescentes eu a reconheço e a chamo. De início, ela não me reconhece, até que tiro meus óculos escuros. Mas ela parece também não ter me reconhecido porque eu estava acompanhado de Penélope, que ela não conhecia.

Ela me conta que está "trabalhando nas eleições". Diz que foi convidada por Zezinho [vice-prefeito, candidato à reeleição junto com Chico Lagoa, atual prefeito].

Ganha R$50,00 por mês.

Trabalha há dois meses.

Ensina pessoas a votarem na urna eletrônica.

Faz campanha para Chico Lagoa e Zezinho, mas diz que respeita quando a pessoa tem outro candidato (Robério).

- Relata a forma de abordagem: "Bom-dia, boa-tarde. O senhor já sabe votar? Já tem candidato?" *[...]*

Do dinheiro que recebe: R$25,00 para sua mãe e R$25,00 para ela "comprar as minhas coisas" (quer comprar uma calça jeans e outros acessórios).

Diz que o povo da Praia vota no Chico Lagoa.

Comenta sobre Zé Valdir ter recebido "mais de um milhão" (na verdade mais de R$1.000,00 – mil reais[140]) para apoiar Robério. *[*Fernando já havia comentado comigo a postura de Zé Valdir: "nas eleições é diferente do resto da comunidade; nas outras coisas a gente tá sempre junto"].*

[*Minha percepção sobre as posturas de Gilsa que, em sua "ingenuidade" de 13 anos, parece saber posicionar-se de modo muito estratégico no cenário político: 1) Arranja uma fonte de renda; 2)Apoia Dedé, menos pior que Robério, em sua opinião, mesmo sabendo que ele não tem feito nada pela comunidade da Praia; 3)Arranja*

[140] O exagero parece ter mais a ver com sua dificuldade em matemática, como pude perceber depois, durante as aulas do curso de Magistério Indígena Tremembé, com números grandes.

educação indigena CC.indd 318 26/10/2015 11:43:16

desculpa para "sair de casa", do controle da mãe, e fazer os passeios típicos da idade; 4) Permite-se momentos de lazer, que não existem no cotidiano de sua vida; 5)Fortalece sua capacidade de comunicação; 6)Torna-se reconhecida como "cabo eleitoral", uma certa forma de liderança não desprezível nas comunidades. Em meio às ambiguidades e contradições, Gilsa parece encontrar, formidavelmente, seu próprio caminho de ascensão social. *Se os políticos a usam, ela igualmente faz um ótimo uso deles*].

[...]

A estrada para a Varjota: como a de Itarema/Almofala, apresenta-se em estado melhor do que da última visita. *Vivam as eleições!*

Gilsa vai conosco.

Chegando a Varjota, encontro com Dandão. Conversamos sobre os rumos do processo.

Encontrei amigos/amigas Tremembé diversos: Chico Nezinho, Raimundinha *[*lembrar os outros todos, especialmente Agostinho do Capim-Açu].*

Navegante me traz o almoço: farofa, macarrão e galinha. Deliciosa! Que gentileza! Tinha um brilho no olhar, o sorriso doce e angelical, que me lembra a *Gioconda* de Da Vinci. Às vezes, a senti triste, silenciosa; talvez pelas conversas sobre as aventuras amorosas do Chico Nezinho. Não sei se são verdadeiras. Ele é um *gentleman*, discreto, tranquilo; parece sempre presente e atencioso. [...]

***Anotações do dia 8/setembro, sábado (continuação)**

Após encontrar Gilsa, fomos juntos à Praia. Gilsa já tinha me informado que João Venança estava em Fortaleza e que Raimundinha, Dijé e outros da Praia tinham ido às eleições do CITA, na Varjota.

João Paulino (que Gilsa chama 'Polino') estava deitado e dormia profundamente na rede armada no terreiro da casa de João Venança. Nem com o barulho do motor do buggy e da buzina, ele acordou. Somente depois de algumas tentativas, umas sacolejadas dadas por Gilsa.

João Paulino me conta a história da cerca abaixo da casa de João Venança, que o "carro da saúde" (da Funasa) derrubou por duas vezes. Eles a restauravam sempre. Da última vez, porém, o posseiro fez a cerca junto da casa de

educação indigena CC.indd 319 26/10/2015 11:43:16

João Venança, fechando a estreita estrada que liga a sua casa aos vizinhos do poente.[141] *[...]*

João Paulino desmanchou a cerca e a recolocou no lugar de antes. Agora, aguardava "o pipoco" (foi assim que caracterizou a possível reação do posseiro). Mas demonstrava estar tranquilo. Perguntei sobre os outros homens da comunidade e ele me disse que não tinha o que temer, que ele ia "tirar por aqui, por ali".

Entregamos as cinco caixas com alimentos que Rita de Cássia[142] (do Iprede[143]) enviou para serem usados sobretudo com as crianças mais desnutridas.

Penélope trouxe 2,5kg de nylon, anzóis e 5kg de chumbo em fita: um presente para João Venança que, há tempos, me havia dito que necessitava deste material para reconstruir seus *galões* (rede de pesca). Ela trouxe também biscoitos recheados para as crianças. Da última vez que estivera por lá, na Semana Santa, também trouxe recheados. A presença dela é festa para as crianças, principalmente por que ela brinca com as crianças, leva-as à praia e faz brincadeiras.

Ramón está sozinho no chão e chora. Ponho-o nos braços e ele para o choro. A ternura me invade. Sinto-o especial, embora não saiba por quê. Venancinha não chorou desta vez, ao me ver.

Alana diz que não sentiu mais os sintomas que Raimundinha relatou a Rita de Cássia, há duas semanas, quando estivemos lá. Ela estava desmaiando e espumando pela boca. Pensei em epilepsia. Mas Rita de Cássia acredita em verminose. *[...]*.[144]

<u>Anotações da ida à Varjota</u> (continuação): [...]

- Conversei com Fernando sobre a ideia do encontro com professores da rede municipal de Itarema e professores tremembé e também sobre a

[141] Ver a seção *Instantâneos*, adiante.

[142] Nome fictício.

[143] Instituto de Prevenção à Desnutrição e à Excepcionalidade.

[144] Fiz apenas a árvore genealógica das crianças da Escola Maria Venância. Desisti de fazer das outras escolas: fugia às minhas opções e pretensões.

educação indigena CC.indd 320 26/10/2015 11:43:16

possibilidade de realizarmos encontros de professores tremembé para discutir uma proposta de currículo para a formação de professores tremembés, a ser negociado com a Seduc.

- Conversei com Dandão e Antônio, seu cunhado, coautor do crime pelo qual foram acusados e condenados, do assassinato à faca, em 1984, de um vigia da Ducoco que importunava muitos moradores da Batedeira, constrangendo-os e ameaçando-os. O resultado do julgamento final, ocorrido somente em junho deste ano de 2000, condenou-os à pena de reclusão ao posto policial de Itarema nos fins de semana e prestação de serviços à comunidade da Varjota, na escola, às 4as feiras. Antes deste julgamento, ele já havia sido absolvido por duas vezes, tendo a promotoria recorrido da decisão.

09 de setembro de 2000

O comício de reeleição do Chico Lagoa, em Almofala, é um enorme investimento simbólico e econômico. Há mobilização de energias de todos os tipos: elétrica, criatividade humana, combustível (para o deslocamento), política (para arrasar qualquer pretensão do outro candidato de eleger-se prefeito).

Fico imaginando as pessoas se deslocando de suas casas, por inúmeros meios: algumas caminharam a pés alguns quilômetros; outras algumas dezenas ou centenas de metros, se moravam na sede do distrito de Almofala; muitas vieram nos caminhões, *picapes*, *pampas* e, inclusive, nos ônibus destinados ao transporte escolar que estão sendo usados, como outros instrumentos da máquina administrativa, para a reeleição dos atuais prefeitos.

145

[145] Este sublinhamento em meio ao texto indica o início ou o fim de registros feitos no *notebook*.

educação indigena CC.indd 321 26/10/2015 11:43:16

10 de setembro de 2000[146]

Busco recordar os fatos de ontem, em Almofala, para registrá-los aqui.

**Descrever melhor depois:*

- *Montagem do palco ao lado da Igreja, desde a 6ª feira, quando chegamos;*
- *Tamanho do palco; [...]*
- *Rua principal fechada, próximo à praça;*
- *Bandeirolas, como as de São João, feitas com cartazes de Dedé e Manuelzinho. (Gilsa disse-me que ajudou, ela, Aurineide, Cosmo, dos Tremembé que estão "trabalhando" na "política", além de outros não tremembé. Aurineide e Cosmo estão recebendo R$60,00).*
- *Conversa com Aurineide, que estava trabalhando na Escola Maria Venança e nas barracas da praia e, agora, nesses tempos, deixou as barracas para trabalhar nas eleições.*

A noite é de festa.

22 a 26 de novembro de 2000

VI Assembleia dos Povos Indígenas

Local: Aratuba/CE

23 de novembro de 2000

Manhã:

[...]

[146] *Diário de Campo*, n. 2, p. 92-93. As notas se completam com o arquivo "*2000.09.09comicioDede-Almofala*", gravado no *notebook*.

educação indigena CC.indd 322 26/10/2015 11:43:16

Número de presentes: aproximadamente 150 adultos

Dança do toré/torém

Apresentação dos participantes

Palavra do *Petrônio* (Funai/ADR/João Pessoa/PB): "Estamos tentando corrigir os erros históricos".

Palavra do *Dinarte* (Funai, vice-presidente, Brasília/DF). *[Seu discurso se estrutura em torno de uma vontade de demonstração de algo que poderia ser resumido como "o presente está melhor que o passado". Algumas palavras indicativas desta postura são: "estamos fazendo um esforço" e "são vários parceiros, não é só a Funai, mas a Universidade, a Igreja"].*

Palavra do *Dr. Adonis Coutinho* (Idace, Fortaleza/CE): O Idace coloca seu departamento de cartografia a serviço da Funai para os fins de demarcação das terras indígenas. Há um arquivo com fotografias aéreas de toda a área das Serra de Aratuba. Já sabiam, no Idace, da existência dos Kanindé.

Palavra facultada aos participantes:

Gervásio (?) (Pitaguary) pergunta sobre formas de incentivo da Funai à sobrevivência, nas comunidades indígenas.

Dinarte informa que a comunidade deve fazer projeto e enviar a Brasília: "certamente vamos aprovar".

Venâncio, *[Pitaguary?]* contesta dizendo que já fizeram um projeto e que enviaram a Brasília.

Petrônio diz que os recursos da Funai são pequenos. Têm sido cortados sempre mais no orçamento geral da União. Diz que estão (Funai e direção do Banco do Nordeste do Brasil – BNB) buscando recursos junto ao BNB, através do Projeto Farol do Desenvolvimento. Esclarece que o BNB só investe em culturas economicamente viáveis. Na Paraíba, por exemplo, conseguiram financiamento para a cultura do camarão, da ordem de R$ 100.000,00 (cem mil reais). Só para efeitos comparativos, o Projeto São José libera recursos, em geral, em torno dos R$ 50.000,00 ou R$ 60.000,00.

educação indigena CC.indd 323 26/10/2015 11:43:16

[*Venâncio*?], Tabajara, informa que a Semace tem cobrado R$ 5,00 (cinco reais) por hectare preparado (queimado) para plantio, de membros da comunidade indígena. Pergunta o que fazer.

Petrônio diz que é preciso conhecer a legislação. A competência, neste caso é do Ibama, por se tratar de terra indígena da União. Diz que a Semace[147] não pode cobrar nada em terra indígena.

Pequena, cacique Jenipapo-Kanindé, pergunta pelo processo de demarcação da terra dos Jenipapo-Kanindé: quando vai sair o relatório?

*[*Sempre me impressiona com a beleza dos lugares onde estão localizados os povos indígenas. Escolheram os lugares mais belos do Ceará!]*

Luís Caboco, Tremembé, comenta a questão da estrada do Prodetur[148] em área tremembé. Diz que o governo contratou uma antropóloga de Minas [Dra. Cleonice, da UFMG].

Dinarte responde a Pequena que não há diferença entre demarcações na Amazônia ou no Nordeste, "seja uma comunidade mais 'integrada' ou 'isolada'" *[*Ele trabalha com categorias típicas do indigenismo oficial-estatal!]*. "O processo segue o mesmo rito, passa pela constituição do 'contraditório' etc". Quanto ao caso da estrada do Prodetur, cita o exemplo dos Waimiri-Atroari: os governos federal e estadual indenizaram a comunidade pelos 120 km de uma estrada que foi feita em sua terra.

Francisca Adelaide alerta que a *estrada estruturante* [continuação da Estrada Costa Sol Poente, próxima ao litoral] deverá se desdobrar em muitas outras. Diz que já há um mapa traçado. Lembra que a terra indígena vai além da terra demarcada e engloba a estrada. O mapa apresentado aos Tremembé pela antropóloga exclui a Igreja e uma parte do Barro Vermelho e prevê uma estrada até Almofala. Questiona por que os índios (Luís) não disseram isso.

Luís Caboco fala que os índios não vão aceitar a proposta do governo, mesmo que a estrada passe a 500 metros, "pois é como se passasse dentro; as ameaças já estão por aí!"

[147] Secretaria Estadual do Meio Ambiente
[148] Programa de Desenvolvimento do Turismo.

educação indigena CC.indd 324 26/10/2015 11:43:16

A merenda é servida em meio às falas: um panelão de suco de caju com bolachas doces. As pessoas vão se dispersando. Dourado chama à atenção a assembleia. Inútil. *[*Penso que há uma 'lógica encontrista' que domina o uso do tempo nos encontros do Movimento Indígena local, típica da Igreja e da Academia. A racionalização do tempo, do que privilegiar no seu uso, é cruel e ingênua, a um só tempo. Não se aplica valor positivo ao relax, à alimentação, às conversas mais livres.]*

[...]

Lúcia, Tapeba, pergunta sobre o processo de demarcação da área tapeba.

Dinarte reconhece que a área está muito invadida em algumas partes. As ações na justiça para barrar as invasões devem continuar a ser feitas.

Petrônio faz um apelo para que em 2001 a constituição do GTI de reestudo da área tapeba seja a prioridade da Funai no Ceará.

Dourado lembra o censo da Funasa: são 4.800 tapebas.

149

Dourado completa: "Não dá 1 hectare por índio, sem contar as áreas de manguezal, que são de preservação ambiental". Acredita que, com o novo prefeito eleito, "que foi um dos que assinou a Lei [Orgânica do Município]", a situação vá melhorar. *[...]*

Pequena retoma a palavra. Diz que não são 10, mas 11 povos indígenas com os Paiaku de Paripueira. Fala da visita realizada.

Dourado vem me procurar. Fala que "Pequena é muito precipitada. Além disso, ultimamente, o jeito de perguntar dela é muito agressivo. Se nós queremos ter parceiros, temos que ir com carinho".

(*Tereza*?), de Monsenhor Tabosa, relata a "situação de miséria" do seu pessoal: "não podemos nem vir a um encontro com este, porque os pais de

[149] *Diário de Campo*, n. 2, p. 246-261.

educação indigena CC.indd 325 26/10/2015 11:43:16

família, como o Ciço, não têm 1 quilo de feijão pra deixar pra os filhos. Tem que ir atrás. Nós duas [ela e sua companheira de sempre] só podemos vir por causa do dinheirinho deixado pelos nossos maridos que morreram".[...]

Meyre: diz que a Funasa está tentando mudar o perfil de saúde indígena. Ressalta a importância da terra para a saúde. *[*Há um ranço de "oficialidade", de "governo" em sua fala: há sempre uma sutil justificação do que está fazendo]*

Dinarte: revela que, há 30 anos, trabalha na Funai. Diz que conhece 206 povos indígenas.[...]. Pergunta-se o que o governo, nestes 500 anos, fez para os povos indígenas. Diz que "os índios têm sobrevivido, apesar de tudo, nestes 500 anos. E vão sobreviver. Mas é preciso regularizar a terra".

Itamar, tremembé, pergunta sobre construções nas áreas indígenas.

Dinarte fala que é uma especificidade do Nordeste: as áreas, antes da delimitação, já tinham empreendimentos. Isso dificulta. Reconhece que a posição dos tremembé é "inteligente": contrapropuseram a desativação da Ducoco em troca da estrada.

Solange, companheira de Silas, missionário (?), diz que há uma diferença entre 'pequenos' e 'grandes' empreendimentos. Os grandes são como o conjunto habitacional na área tapeba. Pequeno, quando alguém de fora constrói uma casa: aumenta o problema do lixo e de infraestrutura no município para atender às necessidades da família.

Petrônio discute o "poder de polícia" da Funai, que não pode andar armada. Há incongruências nas leis.

Dourado lembra que há duas contestações nos Pitaguary. Vão acompanhar os tremembé do Córrego do João Pereira para não acontecer o mesmo que aconteceu com os Tapeba: a portaria demarcatória deveria ter sido publicada após 120 dias da publicação da delimitação, em julho/93. A demarcação saiu em 1997.

Geovane: Faz um relato (com relatório) da situação dos processos na justiça relativos a todos os povos. Esclarece que a 12ª Vara é a que expede liminares mais favoráveis aos índios. Na 4ª Vara da Justiça de Caucaia, há três processos que o Dr. Belém insiste em manter lá, por achar que ele tem mais competência

educação indigena CC.indd 326 26/10/2015 11:43:16

do que a Justiça Federal. Ele próprio entrou com um agravo de instrumento junto ao STJ[150], mas até agora ainda não foi julgado. "O juiz parece ter muito poder junto ao STJ". Diz que os povos indígenas têm pedido um calendário único, por parte da Seduc, Funasa, Funai para as atividades (encontros, reuniões etc), porque os índios têm se dividido nos compromissos. *[...]*

Dourado pergunta sobre os encaminhamentos relativos aos processos dos Tapeba: o que vai acontecer se ganhar no STF[151]?

Dinarte fala da morosidade da Justiça. Fala que quem apoia hoje é a Funai, Funasa, igreja, universidade.

Faço um comentário à fala de Dinarte sobre a situação das terras dos Tapeba. Tenho um sentimento: as falas dos representantes da Funai não indicam avanços significativos. Não pela intenção e boa vontade do doutor Dinarte e Petrônio. Mas, a começar do *orçamento* da Funai, cada vez menor, da política de *sucateamento* da Funai. Avalio que o estado brasileiro, ao longo dos séculos, se portou muito mais como "raposa" do que como "cão de guarda" junto aos índios. Atualmente, as lutas dos povos indígenas no País demonstram que o estado brasileiro não *age* nas questões indígenas, no máximo *reage*. Proponho repensar o encaminhamento da luta pela terra dos povos indígenas no Ceará.

Dinarte replica minha fala. [...]

Pequena propõe que, "se as autoridades não demarcarem, vamos nós, índios, fazer a demarcação. Com as nossas próprias mãos".

Dourado esclarece que se trata de *retomada*.

Sílvia, mulher do Dourado, sugere "ir a Brasília reivindicar nossas terras demarcadas".

Fernando retoma a sugestão de *Sílvia*: diz que, antes, escrever a Brasília e dizer: se vocês não o fizerem (demarcar), nós vamos fazer e vocês são responsáveis.

[...] diz que devem "ir organizados, para não ser queimados, como o índio Pataxó".

[150] Superior Tribunal de Justiça.
[151] Supremo Tribunal Federal.

educação indigena CC.indd 327 26/10/2015 11:43:16

Venâncio propõe ir aos deputados.

Dourado sugere fazer um "lobby" na Câmara e Senado, para ver a quantas está a demarcação.

Francisca Adelaide pede uma reunião de lideranças para decidir o que fazer. Parabeniza os índios. Diz que depende deles. "Quem resolve são vocês". *[...]*

[...]

Tarde[152]

Germa (?), alemã que trabalha com pesquisa de ervas medicinais, diz que ouviu falar, na Alemanha, dos índios "que preservavam a terra". Questiona a palavra "explorar" no trato com a terra, "porque ninguém quer ser explorado". Acredita que os índios tenham uma relação de respeito com a terra.

[...] reflete sobre os *desmaios* de alguns: acha que é por que o pessoal é da praia e na serra, "é mais difícil". Aconselha a não saírem andando por aí. Faz um apelo, em tom de sermão, para que as pessoas assumam a responsabilidade de se manterem concentradas nas atividades da Assembleia. Dourado endossa sua fala.

*[*Há um tom de moralização nestas falas. Há um apelo à disciplinarização do corpo, do uso do tempo, do "relevante". Será por causa da influência direta do indigenismo missionário, presente como uma força muito poderosa no campo? Lembrei-me da fala de Margareth, na casa de Zé Vicente, informando sobre Tânia que, por ocasião da Bienal Internacional do Livro, teria vindo "para se divertir, paquerar e namorar". Cristina, que encontrei por aqui, na Assembleia, me confirmou que a ausência delas aqui se deveu a isto. Na seleção dos que participam dos encontros, eles não possuem total autonomia, mas estão – sobretudo em relação a reprimendas em suas práticas afetivo-sexuais – sujeitos aos guardiões do que eu chamaria uma "moral de contenção", de inspiração fortemente missionária católica.]*

[152] Registrado no *notebook*.

educação indigena CC.indd 328 26/10/2015 11:43:17

Encaminhamento dos trabalhos da tarde (Dourado):

Dinâmica: pequenos grupos

Assunto: "Terra e Vida"

Trabalhos em pequenos grupos

[Na metodologia dos encontros sempre me chama atenção o disciplinamento do tempo. No encontro de saúde, em que se discutiu o processo eleitoral, fiquei impressionado com a formalidade: mesa, coordenador, debate etc. Aqui, a mesa dos relatores, situada à esquerda de quem ocupa a frente, sinaliza a importância concedida ao registro, ou seja, à formalização de uma memória]*

Retomada da Plenária:

Germa faz um apelo para a limpeza do lixo: "nós falamos que a terra é nossa mãe e estamos jogando lixo na cara da nossa mãe! Vamos rapidinho, em dois minutos, limpar tudo!" [*não tem jeito: vou sempre estranhar estes dispositivos de disciplinamento do tempo...]

Plenária:

*[*Madalena registra a presença de Lídia, da Secretaria de Cultura de Aratuba. Lembrei que foi dito, no início, que a prefeitura do município estava apoiando esta Assembleia. *Procurar saber qual tipo de apoio]*

Grupo 1: "Nós povos do Ceará precisamos ter nossa terra homologada e desintrusada para que os índios possam ter uma terra livre, porque a gente sem a terra não podemos sobreviver, porque é dela que sobrevivemos e tiramos o pão de cada dia; nós, povo indígena, só temos vida se tivermos a terra; sem terra não há vida humana e nós índios somos humanos, precisamos sobreviver"

Grupo 2: "Terra. Nós, povos do Ceará, sabemos que sem a nossa terra nós somos nada. Nós sabemos trabalhar nela e sabemos da importância dela em cada grão de areia que pisamos. Nossa tão sofrida terra vive muitos problemas: queimadas, retirada de areia e outros que não citamos porque iríamos ficar o resto da tarde citando. É de suma importância a parceria com as entidades que nos apoiam. Estamos de braços abertos para todos que venham nos apoiar.

educação indigena CC.indd 329 26/10/2015 11:43:17

Precisamos de mais apoio da Funai para conter os abusos de invasão da terra que vimos sofrendo. Vida: com a terra garantida. Só temos vida se temos terra. Até para plantas medicinais precisamos da terra, para a medicina tradicional. É muito ruim não viver como nossos antepassados: não somos livres."

Grupo 3: "A terra é vida, nossa luz. Nós precisamos dela. Ela é nossa luz. Precisamos dela. É dela que tiramos nossos alimentos. Feliz o que dela comer. Para ter mais apoio é preciso ter nossa terra demarcada. Nós, sem a terra, é como peixe fora d'água. A terra é nossa mãe. Até na morte ela nos dá colo. Precisamos de terra para trabalhar e sobreviver. A vida é muito importante para cada um de nós. A vida de cada um depende da terra. Para a pessoa viver a vida é preciso muita união. a vida para nós é viver em paz, com união. Nós gostamos muita da vida,mas com a invasão da terra diminui muito a vida". Participantes: Benício, Cristina, Neide e outros.

Grupo 4: "Tema: terra e vida. A terra não é pra ser dividida, pois quando deus fez a terra ele não deixou pra ser dividida por todos. O índio quer a terra para poder cuidar e preservar. Nós, índios, precisamos brigar pela terra. A terra tem coisa boa e coisa ruim. Se a terra faz coisa ruim é porque causamos destruição. A terra nos dá e nos tira. A terra é nossa mãe. Queremos nossas terras. O índio sem a terra é um peixe fora d'água. Nós somos índios e queremos todos os nossos direitos".

Grupo 5: "Não estamos aqui para expor beleza psicológica [?]. Porque o índio luta pela terra: porque chamamos mãe-terra. É dela que tiramos a pesca, a agricultura, a pecuária, o milho, o feijão, mandioca, batata, macaxeira, fava, inhame. Quando os portugueses invadiram, vinham buscar o café, açúcar. Vida: vida é Tupã, é preservar a natureza, preservar a cultura, preservar as raízes, preservar a espécie índio, é lutar sem nunca desistir até vencer. Vida é terra demarcada".

Madalena diz que "foi lindo o trabalho de vocês". Parabeniza a apresentação das crianças no início dos trabalhos, pela manhã. Diz que observou poucas pessoas de Aratuba (Kanindé) no *toré*. Disse que observou muita gente fugindo. "É de a gente ficar triste, porque a gente se desloca de muito longe para ajudar, para estar aqui com vocês. Também vimos algumas mocinhas dizendo que não queriam limpar o lixo de ninguém". Pede a colaboração dos presentes.

educação indigena CC.indd 330 26/10/2015 11:43:17

Mocinha esclarece por que se diz mãe-terra: "porque é ela quem dá nossos alimentos. É bom ter nossa terra, por que se pode dizer: vou já ali pegar uma batatinha. Nós chamamos mãe-terra porque ela é que nos sustenta".

Dourado diz "a Mocinha tá sendo agora filósofa!". Com fins de encaminhamento, diz que ainda têm uma hora para se colocar propostas para encaminhar a questão: o que podemos fazer para conquistar nossa terra de volta. "Sabemos que a Funai e a justiça são muito lentas".

Ana Maria [Iprede] toma a palavra e diz que trabalha com comunidades que não têm nem terra. Diz que há muitas comunidades no mundo que estão em busca de sua identidade e recursos, mesmo com pouca terra, para sair do estado de pobreza e necessidade. Diz que as necessidades são supridas com muito pouco. Diz que a fome, está provado, depende de outras coisas que não são somente a terra. Diz que a negatividade dificulta a credibilidade, a comunicação, a levar nossa mensagem a outras pessoas. Com relação a terra, diz que tem estudado como recuperar a mente das pessoas para serem felizes. Diz que "somos feitos de energia da terra e do sol. Todos os elementos do nosso corpo estão na terra. O medo é o nosso único inimigo: ficamos bloqueados. Quando perdemos o medo, desbloqueamos e tudo acontece. Precisa organização. Precisa uma metodologia de avaliação e organização. Mesmo os caladinhos podem estar pensando algo que os gênios nunca pensaram. É preciso criar uma organização que facilite as pessoas se expressarem".

*Venâncio [*parece ter uma Bíblia debaixo do braço]* diz que quando um exército vai pra guerra ele planeja direitinho o que vai fazer. Lembra um exemplo da Bíblia, há milhares de anos, que pode servir para a vida de todos: o Salmo 133 serve de exemplo para todos: o rico, o pobre, o ignorante e o sábio. "Oh, como é bom viver unidos como irmãos. É como um óleo precioso que desce sobre a barba de Aarão".

Fiz uma fala sobre [as estratégias da luta pela terra, sugerindo diversificá-las e não esperar conquistá-la somente por meio da Justiça]

Francisca Adelaide, refletindo sobre o usucapião, aponta uma questão: seria retomar uma área que já é dos índios. "A gente trabalha com vocês há 16 anos". "Não é fácil os tremembé recuperarem a terra que é invadida pelo próprio

educação indigena CC.indd 331 26/10/2015 11:43:17

governador. Como os juízes vão dar ganho de causa?" Ela defende a ideia de que os índios já avançaram muito. Diz que é preciso fazer a memória dos passos, por que desde de manhã há uma fala que diz não avançaram. Questiona se é um outro grupo que *quer ficar com os índios*. Reconhece que representa a Igreja aqui. Sugere uma reunião dos líderes para encaminhar o que vai ser feito: "são vocês quem vão resolver". *[*O incômodo e as acusações da missionária pareciam endereçadas a mim, por ter criticado em minha fala a o encaminhamento da luta pela terra exclusivamente via judicial, que tem sido a estratégia adotada e reforçada pela OT junto ao movimento indígena local].*

Dourado reflete que querem a ajuda dos parceiros; propõe que os parceiros se entendam. [...]

25 de novembro de 2000

Manhã:

Ritual de Abertura dos trabalhos do dia:

João chama os "parentes que estão *caracterizados*" para comporem a roda. Depois que entram em fila, com a mão sobre os ombros, uns dos outros, pede que todos da assembleia tirem os chinelos, "os que puderem".

Dão-se as mãos, ajoelham-se, puxam o canto: "As matas virge estavam escura".

Daniel: "Venho do pó, venho da terra, pisando na terra santa que é nossa terra sagrada, é um sinal da natureza, nós índios Pitaguary". Diz que "somos nós, todos os índios, não só os Pitaguary".

João Venança: "somos terra, somos vida, somos natureza, somos cultura, somos sagrados, somos filhos da terra. Com nosso pai Tupã, nosso pai Xalá". *[As pessoas repetem o que ele vai falando]*

Luís Caboco: faz uma oração, das antigas, uma oração de pedido de proteção. Pede que ao final, repitam amém. A oração fala de Jesus, de Moisés, do Anjo Custódio, Quatro evangelistas, 3 patriarcas. Uma oração forte, que pede que

educação indigena CC.indd 332 26/10/2015 11:43:17

se quebrem as armas dos inimigos e protejam os índios. Repete a mesma oração por 13 vezes!

Levantam-se e *João Venança* puxa o canto"Que balanço deu as águas e as águas balanceou. Eis aqui o Pai Tupã, que o Pai Xalá é protetor" . Pede salvas: "salve a nossa cerimônia."

Agora, puxam músicas do torém, começando com *Ô Jandê*. O que achei novo é o ritmo, mais veloz, mais "toré". Emenda com outra música:

Vamos, vamos, minha gente
Que uma noite não é nada
Quem chegou foi tremembé
No alto da madrugada
Vamo vamo minha gente
Que uma noite não é nada
Ai vamo se nós termina
O resto da empeleitada[153].

Uma cortina suave de poeira se levanta do chão, como se fosse uma fumaça, contrastando com os raios do sol que penetram por entre as palhas que nos protegem.

Babi Tremembé agradece e homenageia o cacique da aldeia. Pede a presença de todos os caciques. Chama o pajé dos tremembé e o da aldeia dos Kanindé. Diz que chamou os caciques por causa da força que eles dão na luta. Canta a música que compôs. Diz que "tenho dificuldade de letra"

Dourado reconhece o talento de Babi, diz que "ela é uma grande compositora".

Luis Caboco a parabeniza, apertando sua mão *[*ele sempre aperta muito forte]*

Mocinha canta: "Nós sente falta da nossa terra querida, nossa mãe terra é quem nos dá o pão, e mesmo nela nós criamos os *culuminhos*, também tiramos o sustento da naca. Oh, meu Pai Tupã, o que vamos fazer, pra ter ela de volta,

[153] Forma peculiar com que eles, geralmente, pronunciam *empreitada*.

educação indigena CC.indd 333 26/10/2015 11:43:17

aqui em nossas mãos". *[...] [É uma melodia meio triste, melancólica, quase um lamento. Muitas de suas músicas são assim, possuem um sentimento muito profundo]*

Zé Maciel, kanindé, também canta uma canção, um aboio! *[...]*. Canta outra: "Eu tava lá na mata, cortando um sabiá, mamãe ficou reclamando, ela tava chorando. Essa mãe que eu falo, ela não engana ninguém, é a mãe natureza, que não engana ninguém".

Pequena canta: "A natureza divina tem a beleza da vida. A natureza é a casa de todos os coração. Na natureza se vive, tem lugar pra se morar, preserve bem a natureza, não deixe ninguém devorar". *[...]*

[Talvez esses sejam os momentos de maior prazer nestes encontros, quando eles cantam. Quase não querem parar mais]

João Venança informa do encontro da CPT[154]. Informa também do encontro do estatuto dos índios, em Recife: fizeram compromissos de fazer movimentação em cada povo, carta para pressionar os parlamentares para votarem a favor do estatuto. "Esses sacanas estão aí, ganhando com os votos do nosso povo, agora é momento de a gente cobrar deles". " vamos pedir apoio a prefeito, missionário, padre, seja o que for". "É hora de pressionar esses bandidão que estão aí".

Madalena propõe que seja constituída uma comissão neste encontro e que seja feita uma carta aberta, "para pressionar os carrapatos gordos".

João Venança diz que "temos que trabalhar mesmo. Se a gente não se alertar o bicho pega".

Dourado fala da proposta para o local da VII Assembleia, em Poranga.

João Venança apoia a opção de Mundo Novo, em Monsenhor Tabosa, onde "começou a caminhada das assembleias". *[Há então duas propostas: Poranga ou Mundo Novo, em Monsenhor Tabosa]*. Outra questão era sobre se vai se manter a estrutura de assembleia.

[154] Comissão Pastoral da Terra, órgão da Igreja Católica.

educação indigena CC.indd 334 26/10/2015 11:43:17

Dourado diz que sim, porque é nelas que são escolhidas os representantes da APOINME. *[Zé Maria, Alberto, Daniel, Evandro são os coordenadores da microrregião da Apoinme.]*

Manuel Alves de Freitas, de Poranga, agradece Margaret, Francisca Adelaide "porque foram que elas que me trouxeram pra cá". Diz que Poranga aceita acolher a assembleia.

Dourado lembra o Encontro de Pajés: (necessidade de trabalhar a espiritualidade). Ele pergunta a Francisca Adelaide se tem recursos para fazer o encontro. *[*Ela detém o controle econômico, com certeza, do movimento!]*. Ela diz que tem que ser feito um projeto. Uma índia da assembleia diz que deve votar: todos aprovam o encontro *[mas não se discute a questão do financiamento]*.

Ele lembra ainda a data do Encontro de demarcação de terra: 26, 27 e 28 de dezembro. [Não fiquei sabendo mais detalhes deste encontro]

Dourado lembra do apoio: Prefeitura de Aratuba, OT, Igreja Metodista (do Silas), Funai, eu e Rita de Cássia.

Petrônio toma a palavra. Reforça que é preciso rever a posição da Funai. Fala forte contra a "brincadeira de mau gosto" sobre uma foto sua montada, onde ele está falando e alguém dormindo, e onde se diz: a fala da Funai dá sono! Petrônio está profundamente irritado, seu tom de voz beira à vociferação! Solicita providências para que não se repita mais a brincadeira. *[Impressionou-me o autoritarismo embutido em seu discurso]*

A merenda é servida: uma enorme bacia com bananas, que está sendo passada entre os presentes, e outra bacia, ao centro, com bolachinhas secas e um caldeirão de suco. O tumulto foi bem menor. A dispersão foi controlada por Dourado, com voz forte. *[*Dourado havia dito pra deixarem as cascas de banana no chão, que uma pessoa ia apanhar depois. Todos os esforços dele são de não considerar, de não dar importância ao comer!]*

Um dos presentes, kanindé, sugere parar para merendar, mas é contestado por Dourado e outro, que está atrás de mim, justificando que não se tem tempo.

Constitui-se a comissão de elaboração da carta aberta: Tapeba: Nildo; Tremembé: Fernando; Jenipapo-Kanindé: Zé Maria; Pitaguary: Madalena;

educação indigena CC.indd 335 26/10/2015 11:43:17

Kanindé: Zé Maciel; Poranga: Mazé; Crateús: Cristina. Dourado sugere Francisca Adelaide, Marinês e doutor Petrônio para assessorarem a elaboração da carta que deverá ser enviada para os órgãos nacionais e internacionais.

Petrônio diz que não cabe à Funai reconhecer povo indígena: compete a comunidade indígena, à universidade, aos antropólogos. Cabe à Funai *regularizar* a situação. "Não é simplesmente um grupo da Funai que vai reconhecer."

Sotero diz que sabe disso, mas pede a ajuda para estudar os kanindé, falar por eles no meio dos mais poderosos do que ele. *[Acho que eles querem ser estudados. Acho que a estratégia seria solicitar junto as universidades grupo de estudos das comunidades]*

Petrônio diz que eles devem ser reconhecidos pelos estudiosos e pelos outros povos indígenas. Insiste sobre isso. O trabalho dos antropólogos da Funai é assegurar a terra. Mas o estudo deve ser feito pela universidade. Repete que o trabalho da Funai é regularizar a situação, não fazer estudos. *[...]*

Plenária: resultados dos trabalhos em grupos:

Propostas:

1) Resgatar as terras sagradas para a consagração dos índios
2) Assegurar sua identidade jurando até a morte que somos indígenas
3) As lideranças mais velhas apoiarem as mais novas, caciques e pajés
4) Engajar a juventude e a comunidade na luta pela terra
5) Continuar o trabalho de forma mais intensa com as crianças e jovens na escola diferenciada
6) Aprimorar a participação nos eventos usando suas vestes tradicionais. *[esse conceito, de tradição emerge, às vezes, para mim, como um apelo, uma angústia, um desespero e uma tábua para um náufrago! Só apela para a tradição quem quer manter um tipo qualquer de poder, ou quem se encontra perdido na noite das batalhas.]*

educação indigena CC.indd 336 26/10/2015 11:43:17

Avaliação:

Gervásio coordena

Itamar, tremembé: "nos encontros, sofremos porque desconhecemos os direitos indígenas". Propõe se inteirar dos direitos, e não só do que sabem os pajés e caciques.

João Venança sugere que os índios se reúnam por grupo e avaliem.

São feitas algumas falas sobre o respeito, que foi quebrado, por pessoas de fora que "não respeitaram o ritual".

Venâncio, Pitaguary, fez uma poesia *[...]*. Ele diz que observou muitas coisas, vai fazer um livro ou folheto e enviar para os kanindé.

Pequena apela para os jovens usarem a saúde indígena. Cobra do Petrônio, diz que não pode deixar de cobrar: "lá fora, só vão saber se existe uma reserva indígena, se os ministros, o presidente da Funai, o presidente demarcar as nossas terras". Agradece porque encontrou parentes seus por aqui. "Os índios são um povo teimoso: quando se metem a ir em frente, vão mesmo em frente".

Alberto sai em defesa do Petrônio: "é um funcionário publico. O pau quebra em cima do Petrônio e Magalhães e num quebra uma marreta na cabeça do Fernando Henrique Cardoso, que é responsável. O que o Petrônio pode fazer, ele está fazendo. Nós precisamos é se organizar. Se a gente abandonar a Funai? A gente pode rodar, rodar, mas no final procura a Funai".

Avaliação dos *Jenipapo-Kanindé*. O que foi bom: a comida, o toré/torém. Ruim: a discriminação das lideranças: ontem à tarde depois dos grupos, as pessoas foram escolhidas pela coordenação, não houve liberdade de as pessoas se expressarem. Foi o caso da *dona* Mazé, de Poranga, que não foi reconhecida e respeitada. O que pode melhorar: a organização e o respeito. *[...]*

Dourado se desculpa pelo que aconteceu com *dona* Mazé. Diz que "isso às vezes acontece por que Crateús é complexo, tem vários povos". Pede desculpas, diz que não quer continuar no erro. Agradece a acolhida. Reforça a palavra de Petrônio: "quem tem que reconhecer os povos indígenas é a comunidade e os estudiosos". Justifica que ficaram somente ele e Nildo na coordenação porque João, Daniel e outros estavam em Recife.

educação indigena CC.indd 337 26/10/2015 11:43:17

Francisca Adelaide comenta a fala de Petrônio sobre o *reconhecimento*. Diz que esteve em Brasília, conversando sobre o assunto. Tem uma preocupação: há uma série de povos indígenas reivindicando identidade, como os ribeirinhos da Amazônia, quase 70 povos de lá e do Nordeste. É difícil por que há uma campanha pressionando a direção da Funai para não reconhecer mais povos indígenas. Os kanindé receberam cartas prometendo estudos em 1999, que não aconteceram. Marcos Paulo, antropólogo (da Funai?) reconhece as dificuldades de estudos. Há também uma proposta em Brasília: não se falar mais reserva, mas colônia [...]. Marcos lhe teria dito que é urgente fazer um movimento de direitos dos povos ditos *misturados*. Francisca Adelaide diz já enviou cartas para a ANAÍ-BA e ABA[155]. A Funai reconhece a terra, mas não adianta muito, se não está presente nas áreas. Marcos Clemente esteve na luta dos kanindé por suas terras, mas dizendo que eles não eram índios. O Incra só devolveu 265 hectares dos 300 que são deles. Considera que o relatório do Incra sobre os Kanindé é *péssimo*. Diz que o grande medo é a Funai dizer que não demarca mais terra. Quer realizar um grande seminário sobre o assunto. Disse que vai convidar os pesquisadores que já estudaram os índios no CE e outros estudiosos indigenistas.

[...], tapeba, diz que apoia Petrônio, diz que reclamam porque estão já cansados dos 18 anos de lutas. Diz que o que querem é mais apoio a todas as entidades.

Neide, Tremembé diz que estão satisfeitos por terem sido muito bem recebidos. Aproveitaram muito bem. Agradece aos que cozinharam e os que acolheram.

Daniel, Pitaguary, acha que "o trabalho foi *belíssimo* com relação à cultura e resistência". Cobra aos professores indígenas "que não usam sequer um colar de índio no pescoço. Nós temos que provar o que nós somos, caminhar com alguma coisa que faz parte de nossa cultura, ser respeitado pelo próprio povo e pela sociedade, assumir aqui na área e fora da área". Apela aos professores que pensem nisto. Está orgulhoso desta assembleia, "muito rica de sabedoria".

[155] Associação Brasileira de Antropologia.

educação indigena CC.indd 338 26/10/2015 11:43:17

Isabelle Braz Peixoto: saúda a todos. Diz que se ofereceu para falar. Agradece. Lembra: a cultura é toda a forma de viver de vocês: é artesanato, é cultura. Mas é mais: as histórias da Lagoa Encantada, a alimentação, as ostras usadas não só como alimento, mas como remédio etc. Resistência: valorizar o jeito de viver, as coisas simples: assim vão conquistar respeito da sociedade com que se relacionam. Papel dos outros órgãos: sobre a fala do Petrônio: a luta é dos índios. "Vocês são fortes: estão aqui, apesar dos 500 anos. Os principais atores são vocês. Nós apoiamos o que vocês querem. Nisso, a Funai tem também um papel: é dos órgãos mais importantes nesta luta de vocês". Parabeniza Francisca Adelaide. Há outras igrejas. "A Universidade está sendo também conquistada: a luta também acontece na universidade: o preconceito também existe lá. Há um grande trabalho a ser feito". Cita a mim, Roselane Bezerra, Kleber Saraiva, Joceny Pinheiro, Gérson Júnior. Diz que está também chegando.

Cícero, kanindé, fala do nervosismo do Sotero, que chegou a ficar doente de preocupação, "chegou a sair manchas no corpo" *[ontem ele me disse que sofre do coração, me confirmou o que disse o Cícero agora]*. Justifica a ausência do prefeito: tinha muitos compromissos. Avalia a segurança, que ficou meio agitada: [...]

Sotero, kanindé, fala que amanhã estão aniversariando: 6 anos da conquista dos 275hc. Faz um relato de como chegaram a estas terras. Fala do Conselho Kanindé de Aratuba: ajuda do Zé Valter. *[Mesmo processo o Zé Valter fez nos tremembé! O nome conselho é um equívoco, pois é na verdade uma associação]*

[...], kanindé, pede desculpa, diz que esqueceu do pessoal da universidade. *[Realmente, a universidade está ausente dos kanindé]*

Leitura da carta aberta para apoiar luta sobre estatuto. *[...]*.

O representante do prefeito (secretário de cultura), chama Francisca Adelaide de *guerreira*. Reafirma o compromisso da prefeitura, do prefeito Júlio César, à disposição dos kanindé.

Prestações de conta. Projetos da OT: R$ 1.900,00 + R$ 1.350,00. Deixa um saldo como doação de mais de R$ 500,00 para pagar saldo devedor.

educação indigena CC.indd 339 26/10/2015 11:43:17

IDACE[156]: 500 kg de alimento. Funai: 400 kg de alimentos. Dourado sai em defesa da transparência dos apoiadores. *[*Talvez um recado para os que acusaram Francisca Adelaide, por ocasião da ida a Porto Seguro, de ter distribuído R$ 50,00 unicamente aos tremembé].*

Silas agradece por ele e Solange, da Igreja Metodista, serem acolhidos. Querem dar uma contribuição maior. Estão dispostos para a preparação da próxima assembleia. Política de trabalho: autonomia. Acha que a assembleia foi um espaço dessa autonomia. Diz que quer ajudar nesse sentido, de autonomia. *[*Preciso conversar com o Silas, acho que podemos ver juntos como fortalecer esta perspectiva.]*

Professor Elildo, do Sítio Paraíso, acha que a luta dos Kanindé é a mesma de todas as tribos: foram tiradas as terras e a cultura. A luta deve continuar. É professor em Aratuba, está preocupado com a luta deles. *[...].*

Luis Caboco: "nós temos que ser desconfiado: fazer de abestado de um lado". *[Sobre a briga das entidades (o caso da Funai)].*

Gervásio, sobre o conselho distrital de saúde, informa que cada povo indígena reconhecido tem três índios no conselho distrital. Vai trazer mudas de carnaúba dos Pitaguary. Faz o encerramento da assembleia. *[*Ele me havia perguntado antes se eu queria fazer uma fala. Falei que em princípio não. Depois, disse que se houvesse tempo. Até preparei uma fala, que acabei não fazendo porque ele não me chamou, talvez por esquecimento. Achei que devia ter feito uma avaliação enquanto antropólogo. Pena, mas, deixa pra outra oportunidade. Me convenço cada vez mais que as coisas mais profundas acontecem a nível micropolítico. Senti, ao longo de muitos momentos, mas sobretudo depois das *contestações de Francisca Adelaide às minhas colocações, sobre a necessidade de encaminhar a luta da terra por outros caminhos também].*

João Venança interrompe o ritual e o canto de Mocinha, pra registrar a presença do prefeito. Puxa a música: "Quem parte leva saudade de alguém". Fui fotografar. Sotero me pediu para fazer uma outra foto, com ele ao lado do prefeito. Mocinha puxa um samba de sua autoria. *[Parece um momento de*

[156] Instituto de Desenvolvimento Agrário do Ceará.

educação indigena CC.indd 340 26/10/2015 11:43:17

relax da camisa de força dessa identidade indígena, que parece algumas vezes uma das identidades deles; identidade política, uma espécie de cidadania indígena! Babi também puxa uma música sua].

Palavra do prefeito Júlio César: saúda a comunidade indígena, sobretudo os visitantes *[...]*: "é um momento rico para nossa cultura, nossa cidadania. Aratuba se sente no dever, enquanto gestor, de acolher os visitantes, anima as lutas dos povos indígenas. Preservando a cultura indígena, estão preservando a cultura brasileira". Diz que Aratuba vai apoiar. Fala da *mistura das raças do povo brasileiro: povo bom, pacato. [*Sua vinda e apoio com certeza causará repercussão. Os Fernandes saem fortalecidos. Acredito que nenhuma das outras assembleias conseguiu, o povo que acolheu, o apoio da prefeitura local! Sotero aproveita (enquanto escrevo aqui, eu o escuto) para solicitar apoio do prefeito para construir o galpão, sobre o qual havíamos falado ontem à noite. Fiquei de ajudá-lo a tentar conseguir o material de construção e havia sugerido que ele aproveitasse a presença do prefeito no encerramento da assembleia para solicitar a construção].*

Dourado fala da importância do apoio do prefeito. Diz-se esperançoso quanto a Caucaia, depois do novo prefeito eleito.

Julio César se compromete a lutar por uma escola indígena diferenciada. Diz que já conversou com Naspolini. Quer ouvir a comunidade e as entidades. Quer fazer o mais rápido possível, para que as crianças que estão nascendo já sejam educadas segundo a comunidade indígena.

Sotero esclarece que não se trata de *uma escola* mas um espaço, um galpão. Julio César diz que vai escutar a comunidade e as entidades, vai fazer no ano que vem um galpão pensando no futuro.

O grupo das cozinheiras chega agora na assembleia e diz que quer falar, porque antes não pôde participar. Tereza diz que estes dias foram muito bons. Diz que se esforçaram. Apela para que as pessoas quando vierem para os encontros venham participar, não namorar. Diz que as cozinheiras sofrem muito. *[*Que apelação! Parece buscar sensibilizar os presentes com uma estratégia de queimação dos que não se deixam disciplinar totalmente, fazendo seu trono sobre a fogueira das "vaidades" dos outros. O discurso moralizante, disciplinador das práticas sexuais é algo que se repete, vez por outra, nesses encontros. Qual a sua*

educação indigena CC.indd 341 26/10/2015 11:43:17

origem?]. Agora se inicia uma nova sessão de falas dos que trabalharam na alimentação. Falas que tentam esclarecer, mas que são acusações. Pedidos de desculpas que, no fundo, parecem *lavagem de roupa suja*. Outra hora, parece um serviço de recados. A multidão se dispersa. João Venança puxa um canto pra encerrar: "parabéns pra você, meu amor, pelo seu aniversário, marquei a data no meu calendário". Dá viva às cozinheiras.

Finalmente, será servido o almoço.

9 de dezembro de 2000[157]

14 horas. Estou na casa de Calisto, liderança tapera, que é onde João Venança costuma hospedar-se. Eu e João chegamos há pouco, vindo do Capim-Açu, onde fomos buscar Maria Rosa, artista tremembé da Varjota que pinta com o *toá*[158], a pedido de Marcélia, mestranda em Arqueologia pela UFPE, que veio comigo dar continuidade às suas pesquisas sobre esta pintura.

Uma novidade é a luz elétrica. A tv está ligada, sob a estante que antes ficava na cozinha e agora está na sala. Exibição da nova conquista, a eletricidade? Não, Calisto me diz que é porque Eliésio, seu filho, tem uma outra tv, que assiste com a "velha", *dona* Elita. A tv está na sala para não atrapalhar a outra e porque muitas crianças vêm assistir. A sala é o maior compartimento da casa. Outra novidade é a mesa nova, com tampo de fórmica com motivo de granito, de ferro, com quatro cadeiras igualmente de ferro, cor de vinho. É sobre ela que está o *notebook* em que escrevo estas impressões.

João Venança avisa da festa logo mais à noite, na Praia, organizada por Marluce [jornalista da TV Diário], do *Clã da Lua* [que nunca ouvi falar; talvez seja mais uma dessas entidades inspirada no movimento *new age* e que buscam nos índios uma referência para as práticas holísticas do movimento].

Pergunto sobre problemas com contas de luz, que Evandro me havia falado no dia da assembleia de eleição da nova diretoria do CITA. Muitas contas

[157] Registro no *notebook*.

[158] Assim chamam aos afrescos com argila colorida que costumam fazer nas paredes das casas.

educação indigena CC.indd 342 26/10/2015 11:43:17

estavam acima de R$100,00: "muitos pagaram", diz Calisto. *dona* Elita diz que é porque tem televisão, liquidificador.

[...]

Casa do Calisto, após vinda da casa da Zeza.

[Iniciamos uma conversa, com a presença de Luis Caboco, João Venança, Piedade e Calisto, sobre o dinheiro recebido pelos professores tremembés, relativo ao 1º pagamento de salários, fruto do convênio estabelecido em julho passado com a Seduc. Os salários foram pagos retroativamente, desde fevereiro deste ano. O destino dado pelos professores ao dinheiro constituíra-se em motivo de polêmica e conflito entre eles e as lideranças].

O salário recebido pelos professores que davam *um* expediente de aulas [100 horas-aula mensais] foi de R$1.545,00. *Dois* Expedientes [200 horas-aula mensais]: R$3.090,00. *[...]*

Luis Caboco comenta que "Zé Valdir disse que o dinheiro é dele e que dava o quanto quisesse. Aí ele tirou do bolso e deu R$50,00". "O pai de Ivonete deu um escândalo por que foi pedido que desse R$100,00, já que ela trabalhava dois expedientes. Ela acabou dando R$50,00".

João Venança acha que "o dinheiro era para repartir com as lideranças que apoiam a luta, que iam aos encontros em Fortaleza, que davam aulas nas escolas, que lutavam para que os professores tivessem curso para se habilitarem para dar aulas".

Luis Caboco conta que *seu* Valdir, pai do Zé Valdir, defendia a proposta de que o dinheiro ficasse para os professores, que eram jovens e que deviam fazer o que quisessem. Luis Caboco acha que ele só dizia isso por que em sua casa havia duas pessoas que iam receber: Zé Valdir e Ana Lúcia.

Francineide, da Seduc, teria dito (segundo Luis Caboco), que as lideranças podem substituir professores, mudar etc. Só não podia aumentar o número de professores sem comunicar.

educação indigena CC.indd 343 26/10/2015 11:43:17

O problema maior teria sido com Ivonete, que "fincou pé firme, que queria o dinheiro sem trabalhar". Ela estava sendo substituída há um mês por Grosso (Manoel), filho de Luis Caboco. Ela insistiu que o dinheiro era seu, que enquanto ela assinasse o recibo do pagamento, o dinheiro era dela. Por causa disso, os outros professores estão contra ela.

Ivonete ensina apenas um expediente. João Venança acha que o certo seria ela dividir logo que recebesse o dinheiro. Luis Caboco diz que vai se comunicar com Francineide. João Venança avalia que "uma pessoa dessas não tem nada a ver com a luta". Luis diz crê que "ela recebe a força do pai". "A outra fulana de tal do Canaã, Cristina, também dava força a ela". "A *cumade* Dadinha também ficou queimada, revoltada com a Ivonete".

Pergunto se eles já haviam conversado antes com os professores, sobre o que iria acontecer quando entrasse o dinheiro. Luis diz que "o pessoal, uma parte, nem acreditava que o dinheiro fosse sair".

Foi Francineide quem veio trazer o dinheiro, com outra técnica da Seduc. O dinheiro foi entregue no Salão (Centro Cultural) da Varjota.

Neta teria lembrado, durante a entrega do dinheiro, do *acordo* que os professores teriam feito entre si, de tirar uma parte e dá-la às lideranças. Lucélia teria dito: "não me lembro disso".

"É por que, se o cabra for bem... Tem que ter coragem para usar o dinheiro, tem que ser bem..." (Luis Caboco). "Tem que ter nervo" (João Venança)

"Quanto mais recebe, mais desaparece" (João Venança)

Pergunto se o dinheiro ajudou a luta. Luis entende que "ajudou não! Muitos até se afastaram. Alguns, não".

João desabafa: "Nós lutamos pelo pagamento por que achamos que o professor ia se interessar e ter gosto. Mas foi o diverso. A maneira como foi pago não foi ideal. O ideal era as lideranças sacarem o dinheiro e conversar junto com os professores. A coisa foi feita *abocanhadamente*. Não deu tempo".

Luis avalia que "a revolta foi mais em cima do pessoal que recebia pela prefeitura". "A Seduc fez uma coisa muito mal feita: pagar quem estava recebendo

educação indigena CC.indd 344 26/10/2015 11:43:17

pela prefeitura. O dinheiro devia ter sido para os voluntários". Joelma, que já ganhava R$400,00, ganhou também [o dinheiro da Seduc].

João Venança questiona o pagamento dos que estavam recebendo pela prefeitura, incluindo o atrasado, como se não houvessem recebido antes. Até o fim deste ano, eles devem continuar recebendo pelas duas fontes.

Pergunto se ninguém comunicou à Seduc deste caso. Luis Caboco diz que conversou com o prefeito, mas para pagar as merendeiras. O prefeito teria dito que, até o fim do ano, eles continuavam recebendo, porque estão incluídos na *folha*. A Seduc incluiu o pagamento no orçamento do Estado, também. Luis Caboco diz que Francineide teria dito aos professores que *dessem baixa* na prefeitura. [...] João Venança diz que, antes do pagamento, veio uma mensagem do CREDE/Acaraú para os professores decidirem de que *lado* queriam receber: prefeitura ou Estado.

Noite, 9/12/00

No terreiro da Escola Maria Venância. Festa com o Clã da Lua.

**Palavras/categorias* com que os presentes do *Clã da Lua* – um grupo de Fortaleza que veio em visita aos tremembés – usam ao se apresentarem, referindo-se aos índios: "profundo respeito à cultura indígena" e "curiosidade".

[Apresentação dos presentes]

Marluce, apresentadora da TV Diário: Quer promover uma *integração* com os Tremembé, "os nativos". Pretende *instalar* aqui o *Instituto Clã da Lua*, "uma ONG sem fins lucrativos". Avisa que a festa desta noite, iniciada aqui, continua na Barraca da Maricon *[*ela é adversária dos Tremembé!]*. A festa trará também mostra de artes. "A frequência das festas será determinada de acordo com os interesses da comunidade". [...]

Fala do João Venança: "Se todos tivessem a inocência de respeitar a natureza..." *[...]*. "Estamos aqui cobrando a nossa herança, que nossos antepassados

educação indigena CC.indd 345 26/10/2015 11:43:18

deixaram pra nós". Entre outras coisas, comunica ao grupo que tentou "comprar um terreno para a escola, que foi invadido pelos posseiros que chegaram aqui sem nada, enriqueceram e, hoje, querem pisar no pescoço dos filhos nativos dessa terra".

Raimundinha se apresenta e reforça as palavras de João Venança sobre a tentativa de compra do terreno.

Marluce pergunta "com quem a escola fez convênio". João Venança diz: "com a Seduc".

Intervenho explicando o convênio com a Seduc, sobre a Educação Diferenciada Indígena. Sugiro que as pessoas escutem, escutem e escutem as histórias. Digo que estou andando por aqui há 8, 9 anos e que a cada instante sinto que conheço pouco. Lembro da escolha da barraca, analisando o porquê da comunidade não estar animada para ir para lá: porque há um conflito entre a comunidade e a Maricon.

Marluce intervém justificando-se: "a festa pode ser em qualquer barraca". Diz que escolheu a da Maricon porque já tinha contato anterior com ela, mas o *festival* irá acontecer em todas as barracas. *[*Ela parece desconhecer completamente a realidade política da comunidade]*

Dança do torém:

Estranhei que apenas uma parte, a metade dos Tremembé presentes estivesse na roda do torém. Zeza convida os visitantes para entrar na roda.

Reflito novamente sobre minha exposição, à qual Marluce reagiu. Talvez eu não devesse ter me exposto, talvez eu tivesse feito melhor se não dissesse nada. Poderia ter surtido melhor efeito se tivesse dito a ela pessoalmente; mas quis aproveitar.

Dijé entrou na roda. Meu Deus, que voz linda! Que elegância! Ela usa um vestido acima do joelho, mais ou menos justo, cor-de-rosa, que contrasta com sua cor de ébano, realçada pela luz do poste de energia solar e a do luar. Ela parece completamente recuperada da morte da mãe. O corpo está em uma forma, da qual não tenho lembrança.

educação indigena CC.indd 346 26/10/2015 11:43:18

Zeza dança do jeito que sempre me chamou a atenção: o corpo curvado, as duas mãos segurando um bastão artesanalmente trabalhado, lembrando um cetro. *[Símbolo de sua realeza?]*, o movimento dos pés como um xote muito leve, quase estilizado, dois passos para um lado, dois para o outro.

Há pessoas de fora de Almofala. Vieram ver o torém. O grupo *Clã da Lua* certamente é uma novidade na cidade. O jornal *Diário do Nordeste*, há dias, havia publicado uma matéria de página inteira falando deste evento. Lembrei também que durante as apresentações os presentes do Clã, referiam-se à reportagem do DN. Para muitos era o primeiro contato com Almofala e os Tremembé.

Antes da dança, tive uma conversa muito interessante com Graça, Paulo Henrique e Estela. Silvério também chegou no terreiro; saudamo-nos. Ele se integrou ao nosso papo. Fiquei bastante sensibilizado com a consciência de Paulo Henrique. Ele se mostrou bastante aberto à escuta e à aprendizagem com os Tremembé. A uma certa altura, o pequeno grupo manifestou a compreensão de que, como pessoas de fora, precisava conhecer o que a comunidade vem realizando e encontrar a melhor forma de fortalecer o que vem fazendo.

10 de dezembro[159]

[Descrições feitas em ordem decrescente de tempo, das últimas para as primeiras]

Conversei com Marcélia durante a viagem de volta a Fortaleza, sobre a diferença que faz em ser um antropólogo ou etnógrafo tendo nascido no interior do Ceará, profundamente marcado por valores e práticas culturais da *matriz indígena* cearense. Propus escrevermos um artigo a quatro mãos sobre metodologia da pesquisa, a partir deste dado. [...]

[159] Registro no *notebook*.

educação indigena CC.indd 347 26/10/2015 11:43:18

[...]

A história do antropólogo Robert[160], da Funai, em Capim-Açu.

Muito me impressionaram os termos usados por João Venança para se referir ao antropólogo da Funai responsável pelos estudos na área S. José – Capim-Açu: "desgraçado", "sacana", "antropólogo do diabo". Porque não parece, ao menos que eu lembre, o estilo de João Venança. Sua fala estava cheia de agressividade e de *ódio*, como ele mesmo chegou a confessar: "eu sinto ódio desse antropólogo do diabo".

Segundo João Venança, Robert teria desmanchado todo o "trabalhado indígena" que eles vinham fazendo. Primeiro teria tentado neutralizar a ação de João Venança enquanto cacique, dizendo que não havia nada que justificasse [a presença dele no Capim-Açu]. *[Não concluí o registro, no momento. Pensei em gravar a história, que também escutei de Agostinho e sua família.]*

[A luta pelo reconhecimento étnico e a demarcação das terras indígenas da comunidade de Capim-Açu, localizada entre os municípios de Itarema e Acaraú, receberam um grande impulso a partir de 1998[161]. João Venança e outras lideranças prontamente se dispuseram a apoiar o incipiente movimento indígena local, fazendo visitas à área, realizando reuniões, difundindo a experiência do movimento dos Tremembé de Almofala. Entre as conquistas mais imediatas, os Tremembé do Capim-Açu – como inicialmente se autodenominava o grupo – conseguiram a mudança do estatuto jurídico das terras, de *assentamento do Incra* para *terra indígena*, liberada para fins demarcatórios. A Funai atendeu à solicitação do grupo, de constituir um GTI. A intervenção do antropólogo do órgão indigenista não foi o que o grupo esperava. Repetidas vezes, ouvi de Agustinho, liderança do grupo, que o antropólogo teria incitado, insistentemente, alguns dos posseiros a se assumirem como tremembés, além de tentar desqualificar a presença do cacique dos Tremembé de Almofala no movimento do Capim-Açu. Agostinho acredita que o antropólogo tenha

[160] Nome fictício.

[161] No dia 19 de abril daquele ano, por ocasião dos festejos do Dia do Índio, Agostinho Teixeira me procurou para conversar sobre a situação da comunidade. Por saber que eu era professor da Universidade e pesquisador, parecia ensejar meu apoio. Fiz o registro sonoro dessa longa conversa.

educação indigena CC.indd 348 26/10/2015 11:43:18

sido influenciado pela secretária da OT, que inicialmente não queria apoiar a luta dos Tremembé de Capim-Açu, mas que depois tomou posição favorável a Pedro Teixeira, adversário de Agostinho, não obstante ser seu irmão, que defendia a ideia de permanência de alguns posseiros na terra indígena].

24 de dezembro de 2000[162]

Natal na comunidade da Praia

Com Penélope [minha namorada], Sandra Petit [minha orientadora] e Leléu [amiga de Sandra e estudante, que estava morando em sua casa]. [...]

Reunião de professores e pais da Escola Maria Venância.

Fiquei sabendo que há duas novas professoras na Escola Maria Venância:

- Telma Ferreira da Cunha, 15 anos, professora de alfabetização (junto com Aurineide).
- Maria Liduína dos Santos, 23 anos, professora 2ª e 3ª séries (junto com Raimunda).

Conversa com Liduína:

Foi para Fortaleza em 1995; trabalhava em casa de família.

Estudou até a 8ª série no "colégio" Mª José Medeiros, no Papicu.

Voltou em 16/dez/99. Queria ser agente de saúde. Não passou no teste, que era composto de escolaridade (1º grau completo) e entrevista.

Aurineide lembra que uma das perguntas era se a pessoa queria mesmo ser agente de saúde. Ela respondeu que não.

[162] *Diário de Campo*, n. 2, p. 285-299.

educação indigena CC.indd 349 26/10/2015 11:43:18

DiJesus e Ângela são agentes de saúde, mas não terminaram o 1º grau.

Liduína acha que o que pesa é a experiência.

Pergunto por que ela queria ser Agente de Saúde (AS).

Liduína disse que "queria estar mais próxima e ajudar as pessoas. Queria saber como viviam os Tremembé. Por amor". Não passou no teste, mas está muito feliz convivendo com os alunos, vendo as famílias.

Ainda não recebeu salário.

Pergunto por que quis ser professora.

Ela diz que, primeiro, porque Raimunda convidou. Segundo, gostou da ideia, está gostando muito da sala de aula. Na verdade, não imaginava ser professora, mas está adorando. "É uma responsabilidade nova: chegar no horário, transmitir com amor". "Estou amando essa profissão".

Acha ótimo vir à escola. "Você fica convivendo com as professoras. Metade da sua vida fica aqui". "A gente conversa sobre a escola, sobre a vida pessoal". É professora desde novembro de 2000.

O que mudou na sua vida?

"Preencheu um vazio que eu tinha". "Sou mais alegre". "Ajuda a preencher a solidão" (o companheiro é pescador, passa às vezes até 22 dias no mar. Está junta com ele desde agosto. Namora desde janeiro). "Os alunos enchem minha vida".

Pergunto se houve mudança na relação da comunidade com ela

Ela avalia que mudou a relação com os professores da Varjota. Tornou-se mais próxima: sempre soube que era Tremembé, mas queria estar mais próxima.

O que as crianças ganham com sua presença?

"Carinho".

"Satisfação, sensação muito gostosa de passar pras pessoas algo que se sabe".

educação indigena CC.indd 350 26/10/2015 11:43:18

Reunião de Pais [*Mães, sobretudo] e Professores.

[Há 20 adultos, dos quais apenas dois homens]

Raimunda pede que nos apresentemos. Diz, com humor e sarcasmo, que chego de surpresa, não aviso e trago gente nova. As pessoas sorriem.

Sandra se apresenta. Diz que eu a havia convidado outras vezes, mas não teve tempo. Fala que é mulher de Tonio, que fez fotografias diversas vezes por aqui. Diz que gostaria de vir mais, que aproveitou a época de Natal e o convite que lhe fiz. Diz também que pretende trazer alunos seus da Universidade para fazer aula de campo. Diz que estava na casa de João Venança, quando soube desta reunião, e quis vir comigo.

Leléu se apresenta: Eliene, de Salvador.

Eu me apresento também *[...]*

João Venança pede que os demais se apresentem.

Liduína: por enquanto está "treinando com Raimunda". Quer ser professora de 4ª série.

Aurineide: 3 anos, professora de Pré-Escola.

Telma: entrou agora: ensina Alfabetização.

Chica: trabalha com artesanato; tem 4 filhos na escola.

Elenita: 5 filhos; artesã.

Elizete: 6 filhos na escola.

Samanda: tem um irmão na escola.

Vilanir: 2 filhos na escola. "Trabalho só em casa mesmo".

Geci: 1 filho na escola.

Girlane: 2 filhos na escola.

Maria Gê: merendeira da escola, 1 filho na escola. "Tremembé legítima".

educação indigena CC.indd 351 26/10/2015 11:43:18

Claudevanda: 1 filha na escola; merendeira.

DiJesus: "Aqui é DiJesus e Quiterinha": 3 filhos na escola, "irmã do cacique, tia da professora, prima dessas aqui, amiga de todos" e "agente de saúde". [Neide diz que ela é também conselheira. Diz que sente necessidade de, às vezes, conversar com ela].

Lindalva: do grupo de artesanato; 3 filhos na escola.

João Venança: diz que tem 2 nomes, mas não é "marginal"[163]. Tem trabalho de articulação fora. "Sou diretor maior, posso dizer, da escola".

Raimunda: secretária da energia solar; 6 filhos (5 na escola).

Manuel Domingo (Fco. Auricésar dos Santos): "índio Tremembé da Passagem Rasa".

Gilsa: "sou Gilsa e estudo na Escola Maria Venança".

Raimunda esclarece os objetivos da reunião e diz que "é a única coisa que não pode ser diferente das outras escolas: a avaliação de fim de ano". Ressalta que "não é prova, mas é uma avaliação pra as mães saberem com estão os filhos".

Aurineide passa a entregar as *provas [é essa a categoria que ela usa, apesar de Raimunda ter dito que não se tratava de* prova*]*.

Há muitos casos de alunos que não estão bem por que não estão vindo às aulas. A falta à escola parece constituir-se em uma generalidade e causa maior de os alunos não estarem bem nas "provas".

A outra coisa parece ser a "preguiça". Aurineide diz que chama a atenção "e aí, melhora". Diz que precisa de um "voluntário para doar um grampeador". Pergunto pela Seduc. Ela e outras professoras dizem que "ela sumiu; ela some de vez em quando".

Neide (do Panã): entrega os trabalhos. Comenta que alguns [alunos] parecem fazer com preguiça. *[Aurineide me comenta, baixinho, que ela viaja muito*

[163] Francisco Marques do Nascimento é o nome de registro dele. O nome João é uma referência ao pai, que ele não conheceu, e Venança, à avó, que o criou.

educação indigena CC.indd 352 26/10/2015 11:43:18

e deixa uma pessoa substituta, geralmente a Raimunda, mas os alunos não se acostumam. Três alunos são filhos dela, Raimunda: "Mãe ensinando, já sabe, eles não consideram muito"]. Há problemas de ausência dos alunos. [Neide] reconhece os "probleminhas de saúde", mas considera que os "os alunos têm que voltar".

Raimunda: Nina passou em 3 provas, mas ficou em Matemática. "A professora dela é péssima". *[Diz isso de si mesma].* A média da escola é 6. "Não dou a nota se o aluno não tiver condição".

*[Há casos de reprovação! *Ver qual é o percentual, os motivos etc. Acho muito arcaica essa postura. Parece uma política de afirmação da identidade de uma 'escola'. As mães não questionam os resultados. Aceitam as reprovações com uma aparente naturalidade que me espanta! Parecem muito acostumadas às perdas, aos fracassos. Parecem espíritos nobres, serenos mais que apáticos.]*

Raimunda fala sobre férias. Reconhece que há uma "decisão de cima, da Seduc". Fala das faltas, diz que "não pode acontecer isso, é ruim pra escola e pros alunos". Fala do diário *[caderno amarelo]* que a Seduc quer implantar. Diz que o diário não poderia ir para lá com tanta falta. Mas diz que não vai usar o diário.

Diz que há mães que dizem que vão tirar os filhos da escola "porque não aprendem nada". Raimunda acredita que "possa até ser por causa da falta de formação dos professores", mas ressalta também outras razões, principalmente "a necessidade de apoio dos pais". Acredita que, inclusive, problemas de disciplina podem ser resolvidos com o apoio dos pais.

Raimunda diz também que as mães que têm filhos nas duas escolas, "aqui e lá, indígena e do branco, atrapalha a cabeça da criança". Uma mãe presente diz que as duas são a mesma coisa. Raimunda, Neide e Aurineide replicam dizendo que "não, aqui são ensinadas coisas que não se ensinam lá".

Raimunda retoma o assunto das férias: diz que haverá apenas uma semana de férias.

Questiono o poder da Seduc de impor a não existência de férias. Falo que a lei que regulamenta a Educação Indígena reconhece a autonomia de decisões quanto ao calendário e outras.

educação indigena CC.indd 353 26/10/2015 11:43:18

Raimunda explica que, antes que a Seduc impusesse, eles já faziam assim, não davam férias por causa das muitas viagens dos professores. [**Não me convenci. Continuo achando uma ingerência muito grande da Seduc*].

João Venança solicita que os pais acompanhem mais o trabalho da escola, que apoiem o trabalho das professoras. Recorda o caso de um ex-aluno que chegou a agredir a professora (Aurineide). Ele [o pai] foi chamado para conversar com o aluno. Diz que os pais podem ajudar na disciplina.

Neide pede que o "cacique venha mais à escola". João Venança diz que, no início, passava por todas as escolas, mas agora não tem muito tempo.

[Raimunda, Neide e João Venança instigam as mães a perguntarem ou reclamarem de alguma coisa, se quiserem. As mães permanecem passivas]

Dijé diz que quer fazer uma crítica construtiva, "não *derrubativa*". Pergunta por que os professores "que receberam altos salários desde o início do ano", não fizeram uma festinha com a entrega das "provas".

Pergunto a *dona* Geci por que, ela disse que as duas escolas são iguais.

Ela diz que pensava que era.

Raimunda e Neide, com o apoio de Gilsa, dizem que é diferente.

João Venança fala de uma reunião da energia solar. Diz que será feita depois, primeiro porque não está todo mundo aqui, depois porque não se deve misturar os assuntos. *[*Interessante a pedagogia de João Venança. Revela uma sabedoria admirável no trato com a organização política e social de um grupo]*

25 de dezembro de 2000[164]

Serenata para mim, feita por João e Zé Paulino, Germano e João Náilo, às 4h45. Músicas: "Acorda, acorda, meu bem" e improvisações do "Guaxuré",

[164] Registrado no *notebook*.

educação indigena CC.indd 354 26/10/2015 11:43:18

com o responsório "Ê caçador"[165]. Levantei-me, aceitei o convite para ver a barra do Natal, que o João Paulino me fez ao pé da porta da sala da casa de João Venança, onde dormíamos eu, Penélope, Sandra e Leléu.

Manifestação de afeto e amizade do João Paulino por eu ter vindo, dizendo "você é mesmo nosso amigo, pois aceitou nosso convite". Sinto que minha relação com todos eles se estreita a cada dia. Aproveito para reafirmar meus laços de amizade com eles e para lembrar que estarei durante todo este ano muitas vezes em seu meio.

Na praia, mais cantos, *décimas*[166], adivinhações, os quais eles mesmos me observam que deverei gravar depois.

Bebo "pau-dentro" com eles, que é um tipo de cachaça temperada com raízes de cinco diferentes vegetais: sabiá e outras que não lembro agora.

Peço-lhes que cantem novamente a música do *caçador*. Fiquei maravilhado de como eles dançavam ao cantá-la, como crianças, batendo palmas, arrastando os pés como o guaxuré. Senti qualquer coisa que aprendi a definir como *a liberdade de expressão* naqueles corpos talhados pela dureza de suas vidas, por suas idades entre 46 e 55 anos, pela contenção imposta por mil razões. Era um balé espontâneo e sincero, como a brisa suave que chegava com o sol daquela manhã. Outros sentimentos me invadiam naquele instante, entre os quais um que ainda hoje não sei definir, mas tão somente indicar seus efeitos, e que se chama "felicidade", pelo privilégio de estar tão pleno, com tão pouco. Outro sentimento ainda, era o de afeto e respeito verdadeiro por aqueles homens, a um só tempo tão distantes e tão próximos de mim. Senti-me "bando", "espécie" e "humanidade" com eles. Embora o Natal tenha perdido o seu sentido e eu tenha me tornado crítico do cristianismo, acho que aquele instante reinventou seu significado em mim.

Brincadeiras de pôr chifres uns nos outros [com o dedo mínimo e o indicador distendidos, imitando cornos, tentavam pôr a mão sobre a cabeça uns dos

[165] Somente meses depois, eu descobri que se tratava de uma outra dança que não o torém, específica.
[166] A categoria é usada por eles para se referirem a algumas modalidades de produção artística, geralmente poética rimada. Não me detive em aprofundar a razão do nome, se era, por exemplo, uma referência à métrica dos versos.

educação indigena CC.indd 355 26/10/2015 11:43:18

outros]. Nunca vi que eles gostassem tanto dessa brincadeira, que não parecia ofensiva. Antes, poderia ser a celebração do caos, do que fere e estigmatiza, para resistir e precaver-se seus efeitos malévolos.

Café e chá na casa da Dijé, com cuscuz de fubá com coco. Delicioso!

Notícia de que Germano, pescador, batera, naquela manhã, na sua mulher [Panguita, irmã de Elizete, artesã dos adereços de búzios].

Passeio de Buggy.

Banho na praia de Torrões. Conversa com Sandra sobre a pesquisa. Sandra é queimada por uma água-viva.

Jantar: grolado com cação assado no espeto. Divino! [...]

30-31 de dezembro de 2000 a 1º de janeiro de 2001[167]

Visita aos Tremembé

30 de dezembro de 2000[168]

Festa de formatura de 8ª série de Fabilena Teixeira, filha de Agostinho, do Capim-Açu.

[...]

Encontro-me no pátio da escola, com Agostinho, João Venança e Penélope.

Agostinho me conta uns *causos* da *Meleca* ("godobruno"), da *Mulher Comida*, e do *Bêbado*:

Um cara da cidadezinha, que havia passado um tempo em S. Paulo, chamado Nóbrega, chegou *botando boneco* num bar onde estava um bêbado tocando violão.

[167] As anotações relativas às festa de fim de ano foram feitas principalmente no *notebook*, no arquivo "2000.12.30 a 2001.01.01, Campo, Ano Novo"
[168] *Diário de Campo*, n. 2, p. 300-305.

educação indigena CC.indd 356 26/10/2015 11:43:18

Este pediu uma cachaça ao Nóbrega. Antes, perguntou seu nome, ao que ele disse "Nobres", mas o chamavam de "Nóbregas". Pede uma cachaça. Diz que fará um verso para o Nóbregas. Manda ele dar o tema. Faz a seguinte poesia:

Tomé de Souza fundou a Bahia
Casou com uma raposa
Fugiu no outro dia
E lá não voltou mais
Comeram o cu do Nóbrega
E o mundo não presta mais

História do cearense que chegou em S. Paulo. Um paulista percebeu o cearense pela cabeça chata. Tentando acanhar o cearense, pergunta se ele sabe ler, ao que aquele diz que sim. O paulista faz uma letra com as mãos e indaga qual seja ao cearense, que prontamente responde, "é um A". O paulista faz uma outra figura, ao que o cearense responde: "é um O". O paulista contrapõe dizendo "é não, isso é um *cu*!". Ao que o cearense replica: "só se for de paulista, porque o *cu* de cearense é bem apertadinho".

Conversei com João Venança sobre Tereza Cunha, que foi minha professora, e que é *natural de Almofala*. Porque toquei com o marido dela, o Mestre André, que tocava piston na banda *Os Tremembés*. Dei-me conta do quanto a presença Tremembé marcou minha vida em Acaraú. Tereza Cunha [diz João Venança] "é da família dos *Magos*, do finado Zé Mago, pai ou avô dela, que junto com meu avô, Zé Pedro, era vaqueiro de curral de peixe. Ela é irmã do Inácio do Zé Mago e Zé Piri. Da mesma família era o Mané Mago, que foi um grande dono de barcos lagosteiros em Fortaleza, que teve um filho que acabou tudo, tornou-se um marginal. A Margarida é irmã do Mané Mago, prima do velho Zé Mago, casada com meu padrinho, Chico Camila".

João Venança conta uma história, de Mãe Chiquinha, que gostava muito de rezar. Um dia, ao passar perto da casa do Chico Moreira, viu que o velho esbravejava. Espumava pelos cantos da boca: o Chico Camila havia "fudido" a Maria Neusa [sua filha]. "Ainda bem que foi só uma vez!", teria dito o velho.

educação indigena CC.indd 357 26/10/2015 11:43:18

31 de dezembro de 2000

**Descrever com mais detalhes:*

- *A música de toca-fita, a partir das 6 horas. Artistas preferidos tocados: Amado Batista, Bartô Galeno. A altura do som!*
- *Agostinho triste pela partida repentina de João Venança para a Praia. [...]*
- *O banho: novidade: uma bomba d'água, banheiro pintado (paredes de taipa caídas: sinal de limpeza e higiene?).*
- *A casa caiada – para as festas de fim de ano? [...]*
- *Mocororó filtrado, delicioso! Penélope acha bom, pela primeira vez e bebe à vontade. Bebo também.*
- *Gravação de "repentes" de Agostinho, com tímida participação minha e de Penélope, em alguns momentos. [...]*
- *As atividades que realizei e a imagem que, suponho, eles devem fazer de mim.*

Visita a Maria Rosa, artista do *toá* [e que está morando no Capim-Açu desde que *juntou-se* com o Chico Zeferino, agricultor tremembé da comunidade].

Ficamos sentados num tronco velho, sob a árvore da frente da casa de Maria Rosa. Ela me contou a histórias da sua relação de amor com o Chico Zeferino (que dormia sobre a mesa da cozinha, embriagado). Em junho de 2001 vai fazer dois anos. É a sua paixão da maturidade. Ela está rejuvenescida. Diz-se impressionada com o que aconteceu consigo. Não sabe explicar. Se pega "maginando".

Pedi a ela que fizesse o desenho da capa do CD Torém, que gravamos recentemente.

Ela se diz já adaptada ao Capim-Açu [antes, morava na Varjota].

Conversamos também sobre a ruptura entre Francisca Adelaide e eu. Maria Rosa me conta que Francisca Adelaide, por vezes, teria chamado sua atenção sobre a relação dela comigo. Reconhece a tentativa de controle por parte de

educação indigena CC.indd 358 26/10/2015 11:43:18

Francisca Adelaide de sua vida afetivo-sexual. Acha que ela age assim "por não ter uma pessoa". [...]

Ainda estava na casa de Maria Rosa, quando chegou Elisa (?), jovem esposa de Antônio, amigo da família de Chico Zeferino. Achei-a bela, o corpo bem feito, o olhar com brilho, embora vivesse condições de vida que, suponho, não permitem maiores cuidados com a aparência. Notei que ela comentou com uma jovem filha do Chico, que ficou alguns momentos sentada conosco, que eu era "muito bonito, né!", ao que a outra consentira. Ao final, estendi a mão para despedir-me e desejar Feliz Ano Novo. Senti que ela demorava a soltar minha mão, parecendo oscilar entre a realização do rito comum de despedida e o desejo de que eu segurasse a sua mão por mais tempo.

As reações do pessoal da casa de Agostinho ao resultado final do trabalho de digitalização das fotos foi de admiração pela praticidade do *notebook*.

Chico Zeferino [agora lúcido] e Maria Rosa vieram nos visitar na casa de Agostinho. Chico prometeu pegar um *peba* para Penélope.

Fiz uma *peleja de viola* com Agostinho [que improvisa muito bem] *[...]*. Alguns vizinhos chegaram para nos assistir.

Despedimo-nos e fizemos a *última foto do milênio* com os presentes. Viajamos para a Praia [já depois das 22 horas].

À chegada na Praia, tivemos a recepção costumeira das crianças. João Venança dormia na casa de Raimundinha; não parecia haver festejos.

Raimundinha, Dijé, Claudevanda e algumas crianças estão na cozinha de Dijé, formando um grupo à parte, conversando e bebendo vinho e *scalabrini*, uma bebida que lembra o *cinzano*. Pouco depois chegam os homens (João Venança, João Paulino, Zé Paulino e Tio Jaime).

Fico sabendo da morte de *seu* Agostinho Rosa, repentinamente, talvez do coração. No dia anterior ele estivera com aquelas pessoas. João havia voltado pela manhã do Capim-Açu. Chegou a tempo de dar assistência à família do morto e de ir aos funerais. Raimundinha entende que a vinda inesperada de João Venança do Capim-Açu parecia ser um pressentimento do que tinha ocorrido, já que não houve como informá-lo. Parece ter sido este o motivo

educação indigena CC.indd 359 26/10/2015 11:43:18

pelo qual a "festinha de ano novo" anunciada por Raimundinha e Dijé, e que teria sido o motivo do retorno inesperado de João Venança, que sequer avisou a mim a e a Penélope, não tenha acontecido. Me parece que a morte é vivida por eles como o mais sisudo dos acontecimentos. Lembrei também do que o João Venança dissera na festa de formatura de Lena, que enquanto sua mãe não completasse um ano de falecida, ele não dançaria. De fato, ele limitou-se a tomar cerveja e a comer.

Com a chegada dos homens na cozinha da casa da Dijé, decido comprar uns litros de mocororó na casa de Tarciso, já mais de 11 horas da noite. Ele, que já se encontrava dormindo, nos recebeu com o bom humor costumeiro. Comprei 7 litros de mocororó, a R$ 0,70 cada, ganhando mais um litro para beber ali mesmo. Ele sempre faz essa doação quando vende uma quantidade razoável de litros. Agradeci, mas recusei beber ali. Justifiquei-me dizendo que era tarde e que nos esperavam na casa de Dijé. Como não havia troco, fiquei de lhe pagar depois. Pergunto-me por que Tarciso já havia se recolhido: seria por causa da morte de seu Agostinho? Por que a passagem de ano não é um momento especial, mesmo se tratando de um novo século e um novo milênio?

Ao retornar com o mocororó, se iniciam as conversas sobre como foi em Capim-Açu. Falo da peleja com Agostinho. Penélope mostra um repente que fez para a "fuga" do João Venança. Faço-os ouvir a gravação da peleja com Agostinho.

Penélope compara o mocororó de Tarciso com o de *dona* Fátima, do Capim-Açu: o dela é bem melhor, porque, como ficamos sabendo, ela o filtra várias vezes, retirando a borra que se acumula e que, parece, é o que produz fermentação em excesso, envelhecimento e ranço.

O sono é pesado e vamos dormir. Pela segunda vez nesses dias, durmo na sala da casa de Dijé, que parece ser o compartimento mais reservado e mais confortável da casa para as visitas. Zé Raimundo, que está bem melhor de saúde (ele esteve muito mal depois da morte da mãe), é quem arma nossas redes. [...]

1º de janeiro de 2001

[...]

educação indigena CC.indd 360 26/10/2015 11:43:18

Claudionor (?), motorista da Funasa, fez uma *alvorada* para mim, pela manhã, enquanto ainda dormia na sala da casa da Dijé.

Encontrei o banheiro limpo, com água (tanque cheio), com cheiro agradável como nunca antes.

Tomei café com bolo feito por Dijé.

Participei das *brincadeiras* com João Venança, João Paulino, Tio Jaime contra Zé Paulino (irmão de João Paulino), sobre sua paixão pela viúva Babi Tremembé. Eles são muito sutis nas galhofas contra alguém. Conseguem brincar sem ofender, sem *faltar o respeito*, mesmo quando chamam um deles de corno ou fazem prosas em torno da homossexualidade. As mulheres não *entram* muito nas brincadeiras dos homens, por exemplo, não chamam a um deles de corno, mas participam estando presentes e rindo.

Acertei com Raimundinha minha ida ao Encontro de Professores Tremembés, sábado, 6 de janeiro, na casa de Socorro, no Capim-Açu.

Fui informado da morte do *seu* Otávio, que vinha para o velório do *seu* Agostinho Rosa e que, bêbado, caiu do cavalo, vindo a falecer também.

O sino da Igreja de Almofala anunciava o ocorrido, tocando badaladas que se alternavam entre uma e duas, com um intervalo de uns 3 segundos, ininterruptamente. Lembrei-me então desse som, já arquivado na memória de minha infância, no Acaraú, que se repetia por ocasião da morte de alguém, e que intentava estender a todos da cidade os sentimentos e posturas que, mais provavelmente, seriam da família do defunto. Parecia reforçar uma ideia pouco moderna, de que se vive em uma comunidade.[...]

02 de janeiro de 2001

Na tv, a novela *Laços de Família*, que mamãe e papai gostam de assistir. Ela e eu estamos sentados no sofá da nossa casa, em Acaraú. Enquanto digito este texto, ela faz crochê. Parece nem ligar ao dramalhão da novela.

Estou com aquela sensação típica de mudança: inquieto, querendo logo arrumar todas as coisas de uma vez, para entrar no ritmo costumeiro de trabalho.

educação indigena CC.indd 361 26/10/2015 11:43:18

Vim ao Acaraú com a intenção de tornar esta casa e a casa de minha irmã *Picila* pontos de apoio estratégicos para a realização de um ano de inserção junto às comunidades tremembés, em função da tese de doutorado.

Passei o dia de hoje cuidando de coisas práticas, como a capota de chuva do buggy, para enfrentar a quadra invernosa que se aproxima, em meio às estradas até as comunidades tremembés. Arrumei o quarto que me servirá de escritório, na casa de minha irmã. Fica no pavimento superior de sua casa, que é mais arejado e reservado, possuindo condições muito boas de estudo. Os móveis são de uma austeridade franciscana: uma cama de ferro, com todos os sinais de anos de uso pela minha sobrinha Priscilinha; a mesa de pinho usada por Paulo, seu irmão, e uma velha estante de madeira, pesadíssima, que retirei da garagem, limpei a poeira com a ajuda de Francisca, funcionária da casa, e envernizei com a ajuda do Paulinho. Difícil mesmo foi subir com aquele chumbo até o escritório, pela varanda, pois não passava pela escada interna da casa. Arrumei também o quarto onde deverei repousar e estudar, na casa de meus pais, e que era meu antigo quarto, onde morei durante grande parte da infância e adolescência.

Visita-me agora a mesma sensação de um tempo atrás, quando viajava de ônibus de Fortaleza a Almofala (como fazem os tremembés): a pesquisa e a tese sobre a EDITE me lançam em um certo retorno (nietzschiano?) a mim mesmo e às práticas que marcaram o primeiro terço dos meus anos de vida.

Mas as palavras não fluem fácilmente. Há quase uma hora estou nesta página única. Outra sensação singular que esta pesquisa tem me trazido: estou me *parindo* como escritor, com as crises e desafios do ofício!

Paro por aqui. Vou lá fora, na calçada, conversar com meu *velho*, que está tomando uma brisa fresca, antes de se deitar, ao fim deste quente dia de pré-inverno cearense, com nuvens cinzentas e clima abafado. Vim para cá para viver a inserção. Então, vou lá.

4 de janeiro de 2001

A primeira chuva cai sobre os telhados, os coqueiros e as bananeiras que posso avistar da janela do escritório, anunciando a chegada do inverno cearense

educação indigena CC.indd 362 26/10/2015 11:43:19

e criando um ambiente muito propício à arte de recordar e registrar os eventos vividos e observados nos últimos dias, nas minhas estadas com os tremembés.

Ontem, dia 3, descobri que Francisca, funcionária desta casa, é de família tremembé. Observei sua aparência muito próxima ao biótipo de muitos deles, com o cabelo sempre solto, liso, abaixo dos ombros, seu silêncio costumeiro e seu hábito de manter-se sempre descalça. Ela me disse então que nasceu em Itarema e que, ainda menina, foi dada a uma senhora de Fortaleza, onde morou e trabalhou muitos anos como doméstica. Disse também que conhece João Venança e muitos outros que fui citando os nomes, e que seu sobrenome é Marques dos Santos. São sobrenomes comuns às famílias tremembés.

6 de janeiro de 2001[169]

Encontro de Professores Tremembés

Local: Sede da Associação dos Índios Tremembés de Capim-Açu e São José.

[Estes encontros realizavam-se a cada mês, tendo como objetivo principal a preparação e apresentação dos relatórios de atividades das escolas a ser enviados ao CREDE e Seduc. Na ocasião, eram discutidas e encaminhadas também outras questões relativas às escolas.]

Encontro e converso com Karla e Silas, missionários da Igreja Metodista. Pergunto a Karla sobre sua relação com a Seduc. Ela me disse que, por duas vezes, em 1999, a Seduc contratou Ivo e ela para fazerem oficinas com os professores. Disse também. que eles (Francineide?) deixaram claro que a contratação deles era uma exceção, pois não eram "especialistas". Ela acha que, na verdade, eles só fazem esse tipo de contrato por que têm que mostrar serviço e gastar o dinheiro.

Itamar, liderança tremembé local, fala sobre a Funasa. Diz que "ela passa por cima do pessoal", que "ainda não aprendeu o jeito de trabalhar dos índios".

[169] As anotações foram feitas, em parte, no *notebook* bem como no Diário de Campo n. 2, p. 306-309.

educação indigena CC.indd 363 26/10/2015 11:43:19

Conversei com Karla sobre as viagens impostas aos tremembés pelas atividades promovidas pela Seduc e Funasa. Ela acha, porém, que quem mais puxa viagens para fora é o "governo paralelo" (assim chamou a OT).

Abertura dos trabalhos.

Zé Valdir saúda a todos.

Objetivos: calendário escolar, "plano"; levar em conta as férias, por causa das viagens e cursos (supletivo, uns, aos sábados); possibilidade de diferença entre Praia e Mata.

[Apresentação dos participantes] [...]

Feita a apresentação, Zé Valdir pergunta se os professores fizeram seus *relatórios*, *uma cobrança da Seduc, conforme me falou Raimundinha*.

Minha apresentação: falo meu nome, digo que sou professor da universidade, que estou fazendo a pesquisa de doutorado sobre a EDITE. Peço licença para registrar, fotografar o evento. Falo da minha intenção de disponibilizar todo meu material de pesquisa para as escolas e comunidades, ajudando a fazer um banco de dados sobre os Tremembé, que possa permanecer nas próprias comunidades. Senti que a ideia agrada e parece interessar os que a ouvem.

A sala da Associação dos Índios Tremembé de Capim-Açu e São José está repleta de desenhos de alunos. São pintinhos coloridos, com formas e acessórios diversificados, uns com flores, outros com chapéus, rostos de pessoas, tartarugas, plantas, flores, um caracol e até dois foguetes. Páginas xerocadas de uma revista, falando sobre a reforma agrária. Dois velhos cartazes de propaganda do Lula, da última campanha eleitoral presidencial. Um outro cartaz com os dizeres: *15 anos de impunidade – audiência pública de denúncia da não-punição dos assassinos dos trabalhadores rurais em Itarema-Ceará*. Um mapa indígena do Ceará, com os artigos 231 e seguintes da Constituição.

Fernando fala sobre a *Associação de Professores Indígenas*: uma possibilidade de organização dos povos indígenas no Ceará. Diz que Luís Caboco não é favorável porque teme quanto ao papel e autoridade do CITA.

Sobre o Plano de Trabalho, acha que deve discutir com a Seduc, porque entende que eles possuem autonomia para decidir o que fazer, mas, ressalta que a Seduc é cheia de "trique-triques".

educação indigena CC.indd 364 26/10/2015 11:43:19

Propõe que saiam desta reunião dois ou três representantes para participar de um encontro com os representantes dos outros povos indígenas para discutirem a Associação. Diz que Dourado propôs um nome: COPICE, Comissão dos Povos Indígenas no Ceará, em referência a outras semelhantes: COPIAR[170], COPIPE[171] etc. Acha também que a Associação deveria ser uma entidade registrada. Acredita que Seduc não vai bancar este encontro. Lembra que em fevereiro vai haver um encontrão estadual de povos indígenas em Monsenhor Tabosa, que "certamente não será bancado pela Seduc".

Propõe que os presentes decidam o que vão fazer primeiro: o relatório ou o plano (calendário).

*[*A sala está repleta de pessoas das comunidades daqui: jovens, adultos, "lideranças", homens e mulheres. Um deles está vestido a rigor, diacriticamente, com colares e uma borduna ricamente trabalhada, envolvida por fios coloridos de lã... A presença maciça da comunidade seria pela atração sempre renovada que representam os encontros na comunidade? Alguma forma de intimidação disfarçada, neste contexto de faccionalismo entre os Teixeira?]*

Karla reflete sobre as questões práticas do encaminhamento do Plano. Nota que a Seduc "quando vem à área, é sempre apressada e acaba fazendo a gente engolir as coisas". Ela sugere que os professores discutam antes da vinda da Seduc. Lembra que os professores dispõem do RCNEI para preparar seu Plano.

Janete tem dúvidas do que colocar no relatório, porque o último mês foi de avaliação, "sem outras atividades". Fernando pergunta o que foi feito e tenta convencê-la de que a avaliação é atividade da escola.

Dijé pergunta se todos que dão "aula diferenciada" estão de férias.

Zé Valdir diz que é porque antes se levava em consideração o calendário da prefeitura de Itarema, que não era diferenciado. Diz que a Seduc quer que organizem um calendário prevendo férias, diferenciado do município.

[170] Comissão de Professores Indígenas do Acre, Amazonas e Roraima.
[171] Comissão de Professores Indígenas de Pernambuco.

educação indigena CC.indd 365 26/10/2015 11:43:19

Conversa com Karla e Silas:

Karla avalia o contato inicial com Rita de Cássia, superintendente do Iprede. Diz que não gostou de ela ter prometido a Silvana e Valter fazer o trabalho de assistência à saúde das crianças, que não foi cumprido. Esclareço que houve reuniões com Francy da Funasa, que inicialmente estava muito animada com a possibilidade de trabalharem juntos – Funasa e Iprede –, mas que a ideia se esvaeceu, possivelmente por interferência de Francisca Adelaide.

Aproveito para dizer qual a relação com Rita de Cássia e de como vejo sua aproximação do mundo indígena cearense. Falo quais os projetos que estão em andamento, APICE[172], CD Torém, Mutirão, e da importância de compor uma força nova, diferente no campo indigenista cearense. Acertamos de ajudarmo-nos a fazer um banco de dados a ser disponibilizado às escolas e suas comunidades. Eles chegaram a fazer um projeto solicitando recursos à Igreja Metodista. Acho que as relações se fortaleceram com nossa conversa e que deveremos estar juntos muitas vezes este ano. O sinal foi o convite para participar de uma reunião de uma avaliação do trabalho dos missionários metodistas, no próximo sábado e domingo, na Varjota.

Enquanto conversávamos (Karla, Silas e eu), *seu* José Osvaldo dos Santos me diz um poema [...]:

Um dia eu estava lá em casa
Sem ter o que almoçar
Convidei meu cachorro
Tubarão, vamos caçar

Com distância de dez léguas
Vi meu cachorro bradar
Disse meu Deus o que serei
Meu Deus o que será

[172] Associação de Amigos dos Povos Indígenas no Ceará. Trata-se de uma ONG criada por Rita de Cássia (do Iprede) que, tal qual seu desejo de apoiar o mutirão de agricultores ou a venda de artesanato, não se desenvolveu a contento. A empolgação do momento descambou para a desarticulação e abandono destes projetos.

educação indigena CC.indd 366 26/10/2015 11:43:19

Será o bicho onça
Ou gato maracajá
Pela lavra conheci
Que era um cabra tamanduá

Homem esse mambira
Eu mesmo fui consertar
Sentei a faca no peito
Vi a banha abotoar

O sebo desse mambira
Fui à balança pesar
Deu oito arrobas e meia
Não deu mais pra não faltar

O sebo desse mambira
Eu mandei pra o Maranhão
Veio um barco de fazenda
De chita e manapulão

Chiqueiro de boi de era
Era minha estimação
O restinho que sobrou
A mulher fez o sabão.

Disse que aprendeu, faz uns quarenta anos, com um velho que já morreu, de nome João Moreno, de fora, que gostava de improvisar.

[...]

Trabalho em grupos: elaboração do relatório

Raimundinha, que está reunida em um grupo à minha frente, me chama para me oferecer o relatório de novembro da escola Maria Venância para eu fazer cópia. Aproveito e falo novamente do banco de dados que eu, Karla e Silas queremos criar para as escolas.

educação indigena CC.indd 367 26/10/2015 11:43:19

Neta me informa que Francisca Adelaide teria mandado um recado para ela, reclamando das pessoas que saíram da reunião sobre o diagnóstico[173], para a gravação do CD Torém. Foi um momento interessante, porque me possibilitou esclarecer meu ponto de vista e a origem do conflito com Francisca Adelaide. Karla, que ouvia a conversa, endossou as razões do conflito. Evandro, que estava ao meu lado, diz que também entrou em conflito com Francisca Adelaide algumas vezes, inclusive pelo telefone, dizendo-lhe que ela não era sua mãe, que não podia falar autoritariamente com ele.

Almoço: macarrão, feijão, farofa, arroz, galinha.

Momento artístico: pedi o violão e toquei algumas canções. Falei do CD do Unicef, no qual os Tremembé e eu estamos entrando com uma música. Falei também do CD gravado com o torém. Aproveitei e falei que estive aqui, na casa de *seu* Agostinho na passagem do ano. Fiz isso porque soube, logo que cheguei aqui, por meio de Dijé, que havia se espalhado até a Praia uma conversa de que eu só entrava no Capim-Açu "nas caladas da noite". Provavelmente, esse comentário deve ter-se originado do grupo ligado ao *seu* Pedro Teixeira.

Retomada dos trabalhos da tarde

Discussão sobre o calendário: unificação ou não?

Neta observa que deve ser cada comunidade é que tem que decidir, conforme as possibilidades e necessidades.

Karla observa que há diferenças entre adultos e crianças, quanto a horários.

Zé Valdir aponta uma dificuldade: se os adultos tiverem apenas duas horas de aula por noite, ele vai ganhar apenas o referente às duas horas. Diz que é necessário que os professores cheguem a um acordo quanto a essa diferença: a posição dos adultos com relação às crianças.

Faço uma colocação dizendo que, quanto ao calendário, o que importa é garantir datas em comum para os professores, para fortalecer sua organização.

[173] Trata-se da reunião de lançamento do relatório do Diagnóstico Ambiental realizado pelo Departamento de Geografia da UFC. Naquela mesma tarde de dezembro de 2000, coincidentemente, João Venança havia combinado a gravação do CD com alguns dos que também participavam daquela reunião.

educação indigena CC.indd 368 26/10/2015 11:43:19

As escolas poderiam ter calendários conforme o ritmo da comunidade. Quanto à remuneração, exemplifiquei a universidade, que faz contratos de 20 ou 40 horas semanais, mas que o professor só deve estar em sala a metade das horas. Portanto, se um professor vai ficar duas ou quatro horas em sala, é relativo. O trabalho do professor é anterior e ultrapassa a sala de aula.

Karla reforça essa posição, reafirmando a ideia de que os professores têm mesmo que discutir entre si, sem a presença da Seduc, para ter claro quais suas necessidades. Nota que a aula não acontece só na classe, que há reuniões de planejamento, de estudo etc.

Retomo a palavra e lembro da diferença entre hora-aula presencial e aula não presencial.

Karla lembra também que uma hora-aula não são 60 minutos, são somente 50, se for durante o dia. Se for à noite, 45 minutos.

Complemento informando que à noite, o trabalhador recebe o adicional noturno e que, por isso, o professor que dá aulas à noite deveria receber por insalubridade ou trabalhar menos.

Zé Valdir indica a posição a ser tomada pelo grupo de professores: "entender-se internamente e apresentar as decisões como *bloco* de professores à Seduc".

Itamar chama atenção para que não haja divisões entre os professores a respeito das horas de aula, sobretudo diante da Seduc.

Relembro sobre a autonomia da escola indígena diferenciada. Falo que ao estado (Seduc) compete *reconhecer* e garantir, e *não ditar* a educação, como estão tentando fazer, inclusive com a imposição do diário de classe, como bem lembrou o Zé Valdir. Observo que o pessoal da Seduc não tem competência técnica nem legal para ditar o modelo de escola dos Tremembé. A LDB[174] garante isso e foi uma conquista dos povos indígenas no Brasil. Manifesto também que acredito que o motivo pelo qual o magistério indígena ainda não tenha sido implantado não foi somente pela falta de competência técnica ou por descaso, mas proposital. Porque quando os professores tiverem o magistério, sua capacidade de intervir nestas questões será ampliada.

[174] Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 1996.

educação indigena CC.indd 369 26/10/2015 11:43:19

Fernando reconhece que hoje é impossível fazer o calendário. Avisa de um encontro de professores indígenas, "*exigido* pela OT", para discutir escola indígena, entre os dias 18 a 21 de janeiro, em Fortaleza.

Pergunto sobre o objetivo do encontro, quem financia e se conta para o currículo dos professores.

Fernando responde que é a OT que está pedindo o encontro para avaliar as escolas indígenas. Fala que quem está financiando é a OT mesmo. Com o apoio de Itamar, ele diz que é um encontro livre, de férias dos professores.

Pergunto se conta para o currículo porque a Seduc e a OT vivem a fazer reuniões com professores e isso não é contabilizado nas horas de trabalho do professor.

Raimundinha lembra que nem todos os professores estão de férias, como na Praia. Acha também que férias não são necessárias e que "é coisa de filho de *papaizinho*".

Itamar reflete sobre a diferença entre a realidade das crianças da Praia e da Mata, fazendo um contraponto à fala de Raimundinha.

Dijé reforça a ideia de que as férias devem ser em função das atividades da comunidade. "A escola diferenciada tem que ser diferenciada mesmo"! Na mata, que tem farinhada, as férias deveriam ser neste período. "A escola não tem que ser do jeito do município, nem da Seduc, nem como quer fulaninha nem sicraninha. Tem que ser do que jeito que a gente quer"!

Itamar fala da experiência da escola indígena dos Xukuru de Pernambuco: "a gente achava que eles estavam avançados a mil, mas eles estavam era discutindo legislação, igual a da prefeitura. Agora é que eles estão implantando a escola deles, antes era do município".

Karla nota que a escola Tremembé não tem que ser igual a dos Tapeba, nem dos Xukuru.

Faço uma avaliação da tentativa da OT manter o controle sobre a escola indígena, fazendo este encontro para "avaliar" a escola. No fundo, ela quer deslegitimar o trabalho dos outros parceiros: Karla, Seduc, eu enquanto

educação indigena CC.indd 370 26/10/2015 11:43:19

pesquisador. Karla reforça, dizendo que, no fundo, é a deslegitimação dos próprios professores Tremembé e a escola que já construíram.

Silas propõe que se retome a discussão sobre o calendário.

Raimundinha propõe que cada calendário seja adaptado às necessidades de cada região ou comunidade.

Silas endossa a posição de Raimundinha, sugerindo que os professores apresentem à Seduc as diversas propostas de calendário, das diversas comunidades.

Raimundinha arremata dizendo que é assim que já é feito com os relatórios.

Karla solicita apenas que, mantida a diversidade de calendários, os professores se encontrem para discutir e apresentar os calendários como "povo Tremembé".

Dijé fortalece a posição de Karla: diz que nunca foi favorável manter essa distância *[*o excesso de autonomia das regiões, os pequenos conflitos entre Praia e Mata?]*

O encaminhamento sugerido é que em cada comunidade, os professores se juntem para fazer o seu calendário e que, depois, seja feito um encontro geral.

Consultam-se as datas. A melhor se tornou impossível por causa do encontro de professores da OT. Fernando e Itamar tentam minimizar o efeito desarticulador do encontro da OT, sugerindo que não tem pauta, que é livre, que a reunião de professores poderia ser feita lá. Zé Valdir contesta dizendo que, se isso acontecer, o encontro não será livre, mas de trabalho.

Karla fala do encontro de avaliação do trabalho dos missionários metodistas na área. Diz que até reconhece a importância para eles desse encontro da OT, mas que a intenção do encontro de avaliação do trabalho metodista é avaliar, inclusive, a relação com a escola.

Agora, as discussões são sobre a possibilidade de fazer o calendário dentro da programação da Igreja Metodista.

Neta pergunta se cada um vai fazer seu calendário e no sábado se juntam todos, no encontro da Igreja Metodista.

Karla lembra que o mais importante é que seja discutido em comunidade, antes de levar o calendário ao encontro da Igreja Metodista.

educação indigena CC.indd 371 26/10/2015 11:43:19

*[*Os presentes aqui são da Área Indígena Córrego do João Pereira (inclui três localidades: Capim-Açu, São José, Telhas e Cajazeiras)].*

Discussão sobre a criação da Associação de Professores

Itamar acredita que o "conselho de professores" (é assim que ele chama), é importante porque, na maioria das vezes, os professores permanecem calados e são engolidos pelas lideranças. Acha que no início foi assim, mas que agora está na hora da voz dos professores ser ouvida. A discussão é saber se é um "conselho", uma "associação" ou uma outra entidade. O que estão em jogo é a autonomia e a sustentação financeira das atividades.

Fernando diz que Francisca Adelaide não concorda com a criação de uma associação registrada, mas somente de uma organização *[*movimento?]* de professores. A discussão a ser feita é se vai se tratar de uma associação ou uma simples organização de professores.

Silas acha fundamental que os professores tenham seu momento de encontro estadual, inclusive com autonomia. Acha que é importante discutir não somente se vai ser conselho ou associação, mas a autonomia. Fala da experiência da COPIAR. Diz que é uma organização dos professores, que o *branco* só fala quando é solicitado. Não é uma entidade registrada. É um conselho.

Proponho que eles não tenham muita pressa para definir qual o tipo de organização, que se deem tempo para amadurecer as discussões. Falo que os recursos para encontros de professores poderiam ser incluídos no orçamento do estado para a educação indígena de 2002. Seria necessário eles saberem quanto de recursos estarão disponíveis e serem propositivos.

Socorro, professora da escola do Capim-Açu, pergunta sobre o aumento do número de professores. Fernando responde que está vinculada ao número de matrículas, que serão feitas através de um outro sistema, e não mais com as fichas usadas pela Secretaria de Educação do Município.

Zé Valdir lembra que depende do número de matrículas. Diz que a Seduc quer que sejam turmas de, no mínimo, 15 alunos. Diz que isso acontecia antes, mas eram dois professores por turma.

Neide diz que gostaria de alguém para dar aulas na turma da tarde, substituindo-a. Outra pessoa lembra que existem as viagens. Tudo isso sugere a

educação indigena CC.indd 372 26/10/2015 11:43:19

necessidade de mais professores dos que os 22 já contratados. Informo que eles poderiam lançar mão da figura do professor substituto, criando uma vaga para cada comunidade. Quando não houvesse necessidade, os recursos disponíveis à remuneração poderiam ser usados para ajuda de transporte para as reuniões e/ou aquisição de recursos didáticos para a escola.

*[*Os relatórios são entregues no CREDE-Acaraú. Fazer a pesquisa destes relatórios lá!]*

Próximo encontro: 10 de fevereiro, na Varjota.

Fernando puxa novamente o assunto sobre o encontro de professores da OT. Ele diz que é professor indígena, que é autônomo e que está preparado para o que der e vier. Neide diz que já sabe do jeito que ela é e o que vai dizer. Liduína diz que acompanha o pessoal. Joelma diz que vai, porque nunca saiu para esses encontros (mas lembrou depois que já foi ao do CETREX, em Caucaia). Um a um os professores são instigados a se manifestar se vão ou não ao encontro.

Fernando avisa também do encontro de professores indígenas do Ceará, de 2 a 5 de fevereiro, em Monsenhor Tabosa.

As discussões continuam. Agora, o assunto é a construção da Associação dos Professores. Por isso havia sugerido que se chegasse um dia antes ao encontro da OT, dia 17, para discutir sobre o assunto. A reunião seria nos Tapeba.

Zé Valdir avalia que o dia está muito próximo.

Karla chama atenção que, além de a data estar muito próxima, não haverá tempo de discutir com a comunidade.

Fernando esclarece que a reunião será de discussão e não de decisão.

Enfatizo a importância de considerar o ambiente e os convidados de fora para a reunião.

[**Observo que os professores, rapazes e moças, estão próximos, quase se intercalam. Será por que são jovens? Entre os mais velhos, parece predominar uma certa diferenciação e separação*].

educação indigena CC.indd 373 26/10/2015 11:43:19

Fernando avisa que no encontro de professores da OT haverá uma noite cultural e que nos convidará. Acerta comigo e os presentes a data do encontro com professores não tremembés de Itarema, alunos da Pedagogia (NECAD/UECE) que foram meus alunos no curso de Arte-Educação, no ano passado: dia 27 próximo. No dia 13 vão combinar os detalhes: local, comida etc.

Fiz a foto oficial do encontro com os professores[175].

Prestação de contas: despesas = R$ 114,60. A ser rateado por *cabeça* (22) = R$ 5,20 para cada um.

*[*No final deste encontro o grupo ligado a Itamar me colocou na berlinda questionando minha presença na área. Não registrei porque já havia desligado o notebook. Respondi que eu era amigo de Agostinho, que visitava sua família, e que ia continuar visitando os amigos do Capim-Açu e que os visitaria também (os que estavam me questionando) se me fizessem o convite.]*

12 de janeiro de 2001[176]

Praia de Almofala

Escola Indígena Diferenciada Maria Venância.

Cheguei cedo, às 7h45, pensando que haveria aulas na Escola Maria Venância. Encontro Raimundinha à porta de sua casa, que é a 1ª da vila da Praia, depois da curva e do cajueiro que dão acesso ao terreiro onde se encontram a casa dela, a escola e a casa de Dijé.

Tentei comprar em Almofala uma extensão para conectar meu *notebook* e o scanner no sistema de energia solar da Escola Maria Venância. Não a encontrei.

[175] Ver a seção *Instantâneos*, adiante.
[176] *Diário de Campo*, n. 2, p. 310-334.

educação indigena CC.indd 374 26/10/2015 11:43:19

Comprei peixe (arraia), uns 3 quilos, feijão e verduras para o almoço, que vai ser feito na casa de Dijé. Deu uns R$8,00. Sempre colaboro com a alimentação, quando estou aqui.

Cosmo estava comigo, me indicando os lugares em que poderia encontrar o que queria comprar.

Conheci Naldo, que nos vendeu o peixe e que se mostrou bastante simpático.

Encontrei Roberval, professor do município, que foi meu aluno no curso de Arte-Educação do NECAD/UECE, no ano passado. Conversamos sobre o encontro de professores do dia 27, próximo. Senti que é importante conhecer melhor e estreitar laços com pessoas e outros segmentos sociais em Almofala.

No retorno à Praia, dei carona a Neide e Rosângela, professoras, que vinham para a reunião.

Reunião de planejamento:

A reunião [na sala da frente da escola] vai começando aos poucos, enquanto passam de mão em mão as fotos do álbum de Neide. Agora é Liduína quem as olha. Aurineide pergunta pelas fotos que fiz dela em Aratuba, e que ainda não revelei.

Neide me pergunta se tenho um calendário. Acabo encontrando um na agenda, de ótima serventia.

Uma lousa de aproximadamente 1,0m x 0,80m serve de mesa em que Aurineide e Raimundinha se apoiam e depositam folhas de papel-ofício, canetas *hidracor*, cola, cadernos, cartolinas, livros didáticos e tesouras, em função do Planejamento.

Voltam, novamente, a sentir necessidade do calendário, por causa dos feriados.

Raimundinha pergunta a diferença entre "feriado" e "dia santo". Neide explica que "o dia santo é o dia dedicado a um santo e o feriado é simplesmente um dia sem trabalho".

Neide reafirma a diferença entre o calendário a ser pensado para a Praia e o da Mata.

educação indigena CC.indd 375 26/10/2015 11:43:19

Afirma também a decisão de que não haverá férias.

Agora, a discussão é sobre a questão da remuneração de professores que precisam se ausentar da sala de aula por períodos especiais. Aurineide lembra que há casos em que professores foram substituídos por outros, assinaram o recibo de pagamento, receberam e não disseram nem um "muito obrigado".

Aurineide diz que Francisca Adelaide lhe chamou a atenção, que ela teria deixado as aulas e tinha ido "bater as beiras" na Volta.

Pergunto o que Francisca Adelaide tem a ver com isso.

Raimundinha diz que ela é secretária-geral da *Operação Tremembé*, e não da escola. *[*Percebo um maior grau de autonomia frente a Francisca Adelaide]*

Francisca Adelaide teria questionado também a presença de Aurineide no encontro de avaliação do fim do ano passado, promovido pela *Operação Tremembé*. Ela teria dito que Aurineide não é Tremembé. Ela havia perguntado pela "Neidinha" (Neide). Liduína faz uma gozação, dizendo que "é porque a Neide é da mesma cor dela". Risos. Neide replica, negando a semelhança de cor.

Esclareço que a identidade indígena de Aurineide é legitimada por ela ter sido acolhida pela comunidade da Praia, por ser professora da escola, por ter filhos e ter sido mulher de um tremembé nativo. Falo do processo de conquista de nacionalidade em outros países, e que o mesmo pode ser aplicado à identidade indígena: depende da decisão dos que já se reconhecem como pertencentes àquela "identidade".

Aurineide diz que "não se pode dar um peido, que chega lá fora".

Dijé, que chegou e permanece fora, na janela, com Cristiano, observa que já avisou: "cuidado, vocês agora são empregados!". Ela faz um longo discurso sobre o controle de Francisca Adelaide sobre as questões referentes à vida das pessoas daqui, sobretudo das práticas afetivo-sexuais das mulheres. Diz que não sabe quem é e nem quantos são, mas que há informantes que repassam tudo para ela [Francisca Adelaide]. Cita Zé Valdir, que seria um dos informantes. Diz que já o enfrentou "lá mesmo, em Fortaleza, em uma ocasião".

Dijé não concorda com o fato de Aurineide ir à procura do seu namorado na Volta. Acha que ela deveria "esperar" que ele viesse atrás dela. Contudo,

educação indigena CC.indd 376 26/10/2015 11:43:19

ressalta, isso diz respeito à vida dela, mas que é preciso cuidar da vida sexual para não ser motivo de problemas para a escola.

Questiono o controle de Francisca Adelaide sobre a Escola e as práticas sexuais das professoras. Esclareço que entendo que, se a Escola quer fortalecer a autonomia do povo Tremembé, isso deveria ser vivenciado pelas professoras em relação a todos nós, de fora, sobretudo em relação à vida sexual.

Liduína reforça minha observação, lembrando que, "antigamente, os índios eram livres".

Dijé continua, dizendo que há tempos não conversa ao telefone com Francisca Adelaide, que a última vez foi uma confusão por causa de uns remédios que teriam vindo para serem entregues a Elizete. *[...]*. Diz que não tem medo de enfrentar Francisca Adelaide, que "enfia o punhal rindo", dizendo as coisas para ela "bem de mansinho".

*[*Neide expressa também uma posição crítica, autônoma, em relação a Francisca Adelaide. Fico surpreso porque, confesso, acreditava que Neide seria uma das pessoas mais suscetíveis ao controle de Francisca Adelaide].*

Dijé fala da importância "do pessoal daqui mesmo resolver os problemas". Nota que João Venança costuma reunir as famílias para conversar quando há problemas relevantes. Diz que, "às vezes, pega fogo, mas aos poucos vai virando cinza e, no final, fica só aquela areiazinha, como a da praia que a gente gosta, do jeito que a gente gosta". [**Há dispositivos de fortalecimento da autonomia deles, como essas reuniões da comunidade. Mas parecem ainda ausentes do currículo da escola*].

Dijé parece ser a referência feminina, talvez herdando a *função matriarcal* das suas ascendentes, a avó Maria Venança, a mãe Chiquinha. Ela aparece no discurso de Neide como "pessoa a quem pedir um conselho" ou a que pode escutar.

Enquanto escrevo, Neide, Raimunda, e Aurineide principalmente, recortam papel-ofício em pequenos retângulos, improvisando um calendário.

Pergunto para que serve.

educação indigena CC.indd 377 26/10/2015 11:43:19

Elas me dizem que as crianças sempre perguntam: "Tia, que dia da semana é hoje? E do mês?"

Gilsa me esclarece que, na lousa, a professora pede a data, quando põe os exercícios. Aurineide diz que o calendário serve para indicar os dias da viagem. Neide diz que "os alunos não podem crescer sem saber se orientar no calendário, sem saber o dia". [**Parece que a função da educação é preparar para a vida "lá fora"*]

Chegou a merenda: suco de caju com bolachinha seca. As crianças, que brincavam no terreiro, se achegam. Janiel está tão magrinho! Micotina, a cadela, que teve filhotes há pouco, está também muito magra, sentada aos nossos pés, esperando a generosidade de alguém.

Já joguei umas bolachas fora, para que ela se afastasse (quero me livrar das pulgas de bicho-de-pé, que sempre me pegam nas estadas aqui). Ela comeu e voltou.

Raimundinha faz hora com Dijé, dizendo que "agradece a merenda ao Babi Fonteles". Dijé diz que agradece à Seduc, olhando de rabo-de-olho para Raimundinha.

Faço fotos de Venancinha, que se arrumou toda para me ver, "até botou perfume", como disse Raimundinha, e que está sentada com o livro sobre o qual derrama mãos cheias de areia do chão.

Liduína fez charme, não queria ser fotografada. "Porque não fiz nada na reunião".

A chegada de João Filho, companheiro de Liduína, deflagra uma conversa sobre casamento. "Eles precisam casar para poderem ser padrinhos de Ramón" [justifica Raimundinha].

Aurineide diz que quer casar no civil e no padre.

Raimundinha diz que não quer casar aos olhos da comunidade, mas que é casada "aos olhos de Deus".

Opino sobre o casamento civil, que considero "caixão e vela preta". Falo de minha experiência de separação judicial e dos problemas surgidos com ela.

educação indigena CC.indd 378 26/10/2015 11:43:19

João Venança chega e conversa sobre vários assuntos: ida a Monsenhor Tabosa; minha estada no Capim-Açu; boatos; reunião com "lideranças" do Capim-Açu; controle exercido por Francisca Adelaide; decisão de ir à reunião de professores promovida pela *Operação Tremembé*, nos próximos dias 18 a 21; meu projeto de criação de um banco de dados a ser feito em cd rom [com o material da minha pesquisa] [...].

Almocei arraia frita e no molho, com macarrão, arroz, feijão, verduras.

Repousei na casa de João Venança:

Tomei uma verdadeira aula de João Venança sobre tecelagem de rede de pesca (galão). *[...]*.

Entrevistei (com gravador) João Venança sobre a problemática da autonomia. *[...]*

João Venança responsabiliza os políticos (cita Chico Lagoa) por colocarem a população de Almofala contra os Tremembé, na luta pela terra. *[...]*

Visitei brevemente *dona* Nenzinha e *seu* Raimundo Grande. Conversamos em torno da minha presença mais constante na comunidade.

Dona Nenzinha me recebeu com intenso afeto e familiaridade, recordando o que eu havia feito com o Pedro, um ex-genro dela que, embriagado e sentindo fortes dores na próstata e na cabeça, levei ao hospital de Itarema, nas vésperas do Natal passado.

12 a 14 de janeiro de 2001

Evento: Ação Metodista na Educação Tremembé: Avaliação e Planejamento

Local: Centro Cultural da Varjota

educação indigena CC.indd 379 26/10/2015 11:43:19

6ª feira, 12 de janeiro de 2001

Eu e João Venança viemos juntos, no meu Buggy. Antes passamos na casa de Tarciso, onde tomamos mocororó, "prá clarear a visão nas estradas", disse o João.

No Centro Cultural, já estavam presentes, além de Karla, Silas e outras pessoas das redondezas, um grupo numeroso do Córrego do João Pereira (que tenho chamado de Capim-Açu, e que, na verdade é uma das comunidades da área indígena de nome citado).

Encontrei Ivo. Informei-lhe da Associação de Amigos dos Povos Indígenas no Ceará – APICE. Ele lembrou que essa era uma ideia antiga, ao que confirmei. Falei do banco de dados que pretendo criar a partir dos dados da minha pesquisa. Ele me perguntou pelo *site* Indígenas no Ceará e se dispôs a passar seu material para o *site*. Sinto que Ivo é alguém de quem eu deveria estar mais próximo. Acho que temos muita coisa em comum. Atualmente ele não está mais na coordenação do Centro de Defesa dos Direitos Humanos da Arquidiocese. Disse que não aguentava mais e que não quer mais saber de trabalhar para instituições. Pretende morar na Serra (Itapipoca?) e vir de quinze em quinze dias vender seu trabalho artístico em Fortaleza. Convidei-o para vir a Acaraú, para conversarmos, trocarmos ideias, fortalecer algumas iniciativas comuns possíveis, como o banco de dados. Ele disse que aceitava. Agora, preciso articular esta visita. Ocorreu-me de convidar também Karla e Silas para um almoço em minha casa. Eles toparam!

Babi Tremembé, do Panã, chega, me saúda afetuosamente e informa que teve trabalho para me defender no encontro de avaliação promovido pela *Operação Tremembé*, no fim do ano passado. Disse que Itamar, do Córrego do João Pereira, foi o que falou mais fortemente contra mim. Contei a Babi que fiquei sabendo e que estive na área no encontro de professores, sábado passado. Ela me confirmou o que Dijé me havia contado naquele encontro, da história que chegou à Praia, que o pessoal do Capim-Açu tinha dito no encontro de avaliação que "a pior coisa do ano 2000 foi a entrada e saída do Babi Fonteles na área, nas caladas da noite". Explico a ela o que já havia dito a João Venança, a Agostinho e sua família naquela noite mesmo: que eu havia

educação indigena CC.indd 380 26/10/2015 11:43:20

dito ao grupo de *lideranças* de lá, que eu era amigo de Agostinho e sua família, que os conhecia desde antes dos conflitos[177], que eu não estava a trabalho e que, portanto, iria continuar visitando meus amigos, mas também Maria Rosa e Chico Zeferino que eram igualmente amigos. *[*Continuar descrevendo esta conversa depois]*

Fernando e Evandro chegam, me informam sobre a reação dos professores municipais ao encontro de professores programado para o dia 27 próximo: estão muito animados e ansiosos.

Umas oitenta pessoas, das quais poucas crianças, dividem o salão, as portas e janelas do Centro Cultural.

Karla abre a noite, fazendo o acolhimento dos presentes, justifica que está iniciando com atraso porque esperavam outras pessoas que estavam em uma reza (terço). Ela e Silas são os promotores deste encontro.

Apresenta o objetivo do encontro: avaliar o trabalho da Igreja Metodista com os Tremembé no ano 2000, recorrendo também aos outros anos passados, em vistas ao planejamento para 2001.

Propõe a pauta da noite: de maneira descontraída, entrosar, aconchegar as pessoas, preparar para a avaliação de amanhã.

Informa que para este encontro, contam com a assessoria de Ivo Sousa e Solange. Vanéssia vem como convidada, trabalhar com teatro. Diz que também sou convidado, que "sou pesquisador dos Tremembé, não sabe se da escola diferenciada, especificamente; mas é amigo e aliado dos tremembés".

Karla agradece aos tremembés que ajudaram a preparar a infraestrutura.

Vanéssia se apresenta brevemente, lembra que já esteve presente em outros encontros. Põe as pessoas em círculo. Pede que se apresentem dizendo o nome e de onde estão vindo.

[177] Os conflitos internos se acirraram com as intervenções do antropólogo do GTI da Funai, quando do estudo da comunidade para fins de demarcação das terras, e de Francisca Adelaide, apoiando a facção de Pedro Teixeira, contra Agustinho Teixeira, liderança reconhecida e que teve relevante papel na organização do movimento indígena local.

educação indigena CC.indd 381 26/10/2015 11:43:20

Apresentação dos presentes.

Vanéssia pede agora que as pessoas se apresentem com um gesto.

Apresentação "gestual".

As apresentações são feitas com pouca diferenciação em relação à proposta de Vanéssia. Quando acontece de alguém fazer um gesto um pouco mais livre, é motivo de risadas soltas. A ousadia de alguns poucos é acrescentar uma frase à apresentação, tipo "felicidade para todos". João Venança se ajoelha, toca o chão, eleva a mão, fazendo uma apresentação rica de sentido, quase mística, num tipo de saudação reverente à terra e ao céu. Minha apresentação foi a que mais causou risos e surpresa, uma verdadeira palhaçada: dancei um xaxado, rodei e pus-me sobre um joelho.

Vanéssia agora propõe que os presentes expressem seu pensamento sobre o que seja educação. Pede que as pessoas circulem livremente. Depois, que se juntem em grupo de quatro a quatro. Pede novamente que caminhem. Agora pede que parem. Ordena que formem cinco casinhas. Alerta que quem ficar sozinho vai pagar prenda. Depois, pede que formem oito casinhas. Separa os grupos no espaço da sala. Próximo passo: dizer o que pensam: "apresentar uma historinha", usando a expressão teatral ou verbal. Solicita que um dos grupos fale sobre "a educação que queremos"; outro, que fale sobre "a educação que não queremos"; outro ainda, sobre "a escola que a gente quer"; e outro, finalmente, sobre "a escola que a gente não quer". Vanéssia se propõe a passar em cada grupo para ajudar a montar a história, "para dar uma ideia, sabendo porém que a ideia maior é de vocês".

Trabalho de grupo.

Apresentações.

Primeiro Grupo.

Ivonete é a professora, auxiliada por Rita (filha de dona Neném beata). Ela convida os alunos a dançarem o torém. Questiona o atraso de uns alunos, que se justificam por estarem justamente dançando o torém.

educação indigena CC.indd 382 26/10/2015 11:43:20

O segundo grupo, coordenado por Fernando e Neide, tenta entrar em contato com seus alunos. Uma parte está sentada, outros em pé. Ninguém lhes dá atenção. Raimunda, que era do grupo dos que estavam de pé, após a saída frustrante de Fernando e Neide, que saíram reclamando que eles não queriam nada, aproxima-se do grupo sentado e pergunta o que eles queriam. Respondem que não querem a educação de Fernando e Neide (por serem de fora, na encenação), mas a educação deles. Ela diz que concorda. Levantaram-se todos e vão embora.

O terceiro grupo é coordenado por Dadinha, que fala sobre o assunto da aula. *Seu* Zé Maroca é o principal interlocutor. Diz que gostaria que tivesse o torém.

A escola diferenciada
Está do jeito que nós queria,
Pois ela está funcionando
De noite e também de dia.

O quarto grupo é coordenado por Itamar, que começa a aula dizendo que o tema é o descobrimento do Brasil. Pergunta quem descobriu o Brasil. Um grupo de pais de crianças, liderado por Zé Valdir, aproxima-se do professor, pede para lhe falar, diz que o descobrimento não é um tema gerador da escola deles. O professor tenta justificar-se. Diz que tem que passar o que está nos livros. Neta vem em socorro do grupo de pais, pedindo que o professor pare de confundir as crianças. Esclarece que foram os índios, "fomos nós", que descobriram o Brasil, e não Pedro Álvares Cabral.

Agora Vanéssia pede que uma professora relate o processo de construção das apresentações dentro dos grupos.

Ivonete relata que cada um disse o que pensava da escola, que chegaram a uma ideia comum, que ensaiaram e, por isso, até atrasaram um pouco. Zé Valdir comenta que gostou, que achou importante que, mesmo os alunos que chegaram atrasados não foram excluídos, mas que "tiveram uma chancezinha".

Neide fala da discussão do seu grupo (educação que a gente não quer)... Na verdade, faz um discurso sobre a educação que querem, e não propriamente um relato do processo vivido no grupo.

educação indigena CC.indd 383 26/10/2015 11:43:20

Dadinha também não relata o processo de criação das ideias, mas reafirma a ideia apresentada.

Neta explica, desenvolve o conteúdo apresentado por seu grupo, recontando a própria apresentação.

Vanéssia justifica o uso do teatro e sugere que seja utilizado nas escolas como forma de expressão das ideias. Ressalta o que considera a parte importante do teatro: que as pessoas conversem e troquem ideias. Diz que o tema, "a escola que queremos e a escola que não queremos", foi importante porque parte da ideia e da vontade das pessoas presentes.

Vanéssia pergunta se Karla, Silas, Ivo ou eu temos algo a dizer. Aproveito e faço uma reflexão: na minha impressão, o que foi apresentado pelos grupos reporta-se a um momento já superado, quando se buscava a escola que queriam. Acho que os problemas atuais não apareceram nas encenações, tais como o do financiamento da escola, pagamento dos professores, conflitos atuais. Digo que estes problemas devem ser refletidos, pois são como um cupim que vai comendo a madeira por dentro, e que um encontro como este é muito oportuno para tal reflexão.

A dinâmica agora é dizer o próprio nome com uma forte batida de mãos. Depois, Vanéssia pede que seja dito o nome do vizinho.

Sábado, 13 de janeiro de 2001

[...]

Acordo quase às 8 horas, na casa de Calisto. *[...]*

[**Distribuição de crachás. Formalização do encontro? Dispositivo* solenizador *do encontro?*]

Karla saúda os presentes e pede que se apresentem os que não estiveram aqui ontem. Calisto, Estevão, Joelma entre outros se apresentam. Solicita às lideranças tremembés que façam a abertura dos trabalhos.

João Venança pede que todos retirem as sandálias "para sentir a terra fria nesta manhã". Puxa o canto "Na nossa aldeia tem". Depois, entoa "Que balanço

educação indigena CC.indd 384 26/10/2015 11:43:20

deu as águas", "em homenagem a um companheiro nosso professor que já se foi" (Eliésio?). Uma das professoras se emociona e chora em meio ao silêncio solene da assembleia. Agora ele inicia um torém com a música "Ô Jandê". [...]

João Venança lembra que "este é um momento de somar e de *redigir*; este é o momento de falar, de desabafar, de dizer o que entende, e não depois". *[*Parece referir-se a fofocas que se espalham sobre pessoas e atividades, tentando preveni-las].*

Karla lembra o objetivo do encontro e deste dia: Igreja Metodista na Educação Tremembé: Avaliação e Planejamento. Recorda que o trabalho com educação Tremembé foi iniciado com a Igreja Metodista. *[*Parece não considerar as iniciativas anteriores, como a escola da Raimundinha na Praia, no início dos anos 1990. Questiona aos presentes o porquê de estar se falando de educação e não escola].*

Zé Valdir reflete e diz que a educação não se dá só na escola, mas vai muito além. *[*Me impressiono com a clareza do discurso dele, com sua compreensão sobre a educação Tremembé].*

Karla pergunta como as pessoas aprendiam as coisas, quando não havia escola. Alguns presentes, como *dona* Pequena e *seu* Estevão, dizem que aprendiam com os pais, nos trabalhos. Manuel Maroca lembra os mutirões, em que se aprendia uns com os outros, ajudando como mão de obra nas atividades como a farinhada, a limpa do roçado etc. Fala que antes não havia dinheiro e salário.

Karla pergunta se mesmo havendo dinheiro e salários hoje, se pode viver sem se reunir em comunidade. *[*Parece referir-se à situação atual, em que os salários recebidos pelos professores têm gerado novos problemas, que demandam reflexão coletiva].*

Agora Karla chama a atenção ao que acontece na vida e na escola. Fala do torém, que "não deve ser dançado somente na escola, mas nas festas da comunidade, pra não perder as referências de onde se está".

Ivo lembra o início dos trabalhos com Karla. Diz que ela não veio com livros debaixo do braço e que a comunidade esclareceu com ela muitas questões referentes à sua vida: quem a pagava, o que ela queria etc. Lembra a fala de João Venança, que falou que este é o momento de "redigir". Compreendeu que isto significa que este é um momento de fortalecer o jeito de ser Tremembé,

educação indigena CC.indd 385 26/10/2015 11:43:20

"que o pessoal da Seduc não entende muito quando, por exemplo, nas reuniões de professores vem essa *reca* toda de gente. Talvez porque como na comida, se deve misturar tudo, pra ver se fica mais gostoso". "E fica mesmo", endossa Zé Valdir.

"É na Karla em que a gente confia, *apesar* dela ser da Igreja Metodista, porque ela respeita a gente" (*Seu* Agustinho, tuxaua)

Karla propõe uma pergunta de motivação para o trabalho de avaliação: O que aconteceu no ano 2000, que envolveu os Tremembé? O que consideram mais importantes? Qual a atitude dos tremembés diante do fato? Qual a atitude da Karla e Silas diante disso? O que faltou?

Solange propõe a dinâmica: cochicho. Depois, música e bastões (lápis) que vão correr de mão em mão; quando a música parar, o que estiver com um bastão na mão deverá relatar o cochicho.

Enquanto eles cochicham, faço umas fotos. Diana está na janela. Saúdo-a. Pergunto por sua filha gestante de sete meses, que prestei socorro no dia da gravação do CD do torém. Ela me disse estar bem mas, que de vez em quando ainda sente (parece ter sido infecção urinária).

O bastão rola. Para em Zequinha. Ele lembra não só o ano 2000, mas o início, as reuniões de preparação do currículo da escola, que interferiu não só na escola, mas na saúde e na comunidade como um todo. Zé Valdir lembra o diagnóstico socioambiental, ocorrido no fim do ano passado. Outro lembra o trabalho de prevenção de saúde bucal.

Fernando lembra da retirada de um posseiro que existia dentro da área, inclusive com alguns tendo sido presos. O importante é que foi uma decisão da comunidade. Hoje a comunidade sabe que isso não vai acontecer mais [perseguições por parte dele].

Chico Nezinho lembra das "meninas que passaram um tempo trabalhando aqui, de dentista, parece que foi a Karla e Silas que trouxeram". Diz que só não foi melhor porque parou.

Manuel diz que o que mais achou importante foi "essa escola *referenciada*". [**Mais uma palavra interessantemente ressignificada!*].

educação indigena CC.indd 386 26/10/2015 11:43:20

Júnior ressalta a eleição do CITA neste ano, a troca de presidente.

Ritinha enfatiza a ajuda de Karla, dos professores e outros aliados.

Socorro (Córrego do João Pereira) fala sobre a suspensão da venda de bebidas alcoólicas na área. Outra coisa foi a suspensão também de construção de casas na área. [**De gente de fora*].

Dona Pequena observa que, no Saquinho, o importante foi a construção do chafariz.

Itamar fala de um acontecimento em que sentiu que estavam muito unidos e fortes. Quando no final do ano, "uma pessoa perigosa, quebramos a bicicleta de um rapaz". "Quando fomos em Fortaleza *[*qual o evento?]*, havia uma multidão para apoiar a gente, na frente do fórum". Serviu para mostrar o quanto a comunidade está unida e forte.

Alguém lembra a liminar sobre a terra, contra a Ducoco, o embargo à construção da estrada.

Babi lembra a proibição de construção de casas em sua área, conquistada.

Dijé lembra do diagnóstico da Elisa. "O nosso CD, até que enfim gravamos, para deixar registrada a nossa voz, o trabalho de saúde bucal, o trabalho de Karla e Silas, uma nova amiga que está chegando para nos ajudar. O ruim foram as perdas, perdemos cinco pessoas, crianças, a minha mãe". *[*Ela se emociona, chora, mas consegue concluir. Força e sensibilidade se misturam em Dijé, em medidas perfeitas]*

Dona Ciça lembra muitas conquistas, como as estradas, as passagens de água e as pessoas que chegaram para ajudar.

Valda lembra as cestas básicas que estão sendo distribuídas.

Júnior, do Córrego do João Pereira, lembra a conquista da terra *[*na verdade, o fato de não ter aparecido contestadores]*, e a escola diferenciada, "que está começando, mas ainda precisa de muita coisa".

Chico Lagoa ressalta a luz, "que era uma coisa que o pessoal desejava muito. Mas não é geral. Tem gente que não está se dando bem com ela, pois está recebendo contas para pagar de R$100,00".

educação indigena CC.indd 387 26/10/2015 11:43:20

Valdir lembra do dia com a professora Elisa [pesquisadora do Dep. de Geografia da UFC, responsável pelo Diagnóstico Ambiental realizado com os tremembés], "que deixou todos nós fazendo aquele trabalho, aquelas pesquisas, que a gente nem pensava que ela ia trazer de volta pra nós".

João Filho fala da energia solar "que antes a gente não podia estudar à noite, mas agora pode". Ivo brinca com ele, dizendo que agora ele podia estudar, ele responde que agora está pensando mesmo.

Chico Maroca entende que "a coisa boa que entrou na nossa área foi o CITA e a escola diferenciada".

A dinâmica feita por Solange acaba virando uma indução para que muitos falem.

Raimundinha lembra que houve muitas coisas boas e ruins. Lembra da Conferência dos 500 anos. Outra coisa boa foi o pagamento dos professores que eram voluntários.

João Venança lembra a plantação de cajueiros precoces na Varjota. Lembra também a presença de Valter e Silvana, da Igreja Presbiteriana. Lembra do Conselho de Saúde Indígena. Ressalta também a escola diferenciada indígena, mas observa que "ainda não está totalmente aprumada". Outra coisa é a luz na Varjota e a energia solar na Praia, "que é uma vergonha o prefeito não se preocupar, ter que vir uns italianos [alemães] de fora, porque o prefeito não fez o seu papel". Ressalta ainda o pagamento dos professores e a presença da Karla, "que é uma pessoa que há anos trabalha com a gente, agora com o Silas, com a sua esposa". Lembra o Ivo e a mim. Lembra da Teia de Resgate à Vida, "que está entrando agora para trabalhar com a gente na questão das crianças desnutridas, na pessoa da Rita de Cássia, o Iprede".

Calisto cita meu nome, o de Ivo, Karla, Solange, "essas pessoas que se aproximam para dar força à gente".

Graça fala dos salários dos professores "que abalou todo o município", e das assembleias de professores.

Neta ressalta a Assembleia Estadual de todos os Povos Indígenas que aconteceu em Aratuba. "Uma coisa ruim foi a prisão dos companheiros. Mas a

educação indigena CC.indd 388 26/10/2015 11:43:20

coisa boa é que todos se deram as mãos e mostraram que não pararam a luta e que estão preparados para a luta".

Luis Caboco ressalta a Bienal do Livro, "pra mim foi importante demais". Cita duas pessoas que saíram porque não entenderam nada. Ele diz que começou a entender depois. Diz que "toda história mundial, até o livro mais pequeno do mundo estava ali". Percebeu então o valor daquele ambiente. Entendeu também que estavam fazendo parte, "que nós éramos uma autoridade". Acredita que "a classe mais baixa que andava ali era aluno e professor. Tinha gente de toda as entidades". Outra coisa é a Semace[178] com os viveiros de camarões nos rios do Ceará, depois de ter se espalhado pelo Brasil todo. Lembra de nomes de secretários de governo e outras autoridades, que conheceu em um encontro sobre o assunto. *[*Luis Caboco parece assumir um discurso típico de quem assume cargos de representação e passa a conviver com outros representantes de órgãos públicos ou do setor empresarial. Sua fala parece perder o potencial crítico e se torna legitimadora dos discursos dessas "autoridades". Estica a conversa, detalhando momentos da reunião que não parecem relevantes nem apropriados para o momento, para a dinâmica. Parece muito mais aproveitar o espaço para dar informes de suas andanças por aí, intentando mostrar a importância dos eventos que tem participado. Parece também desconhecer os rumos atuais da Semace e da crítica de inúmeros setores sociais contra a atuação do órgão estatal ambiental].*

João Venança lembra ainda os dois poços profundos que estão chegando para a comunidade.

Chico Nezinho agradece à Igreja Metodista, ao trabalho de Karla e Silas, "que não tenho muita certeza, mas acho que ele está vindo pela Karla".

Itamar fala do Estatuto do Índio, das discussões feitas sobre a Lei 6001, das conquistas. Teme pela Casa Civil quanto à aprovação.

Luis Caboco lembra ainda que "um avanço é a participação diretamente dos próprios índios em reuniões técnicas, com poder de decisão e palavra".

Fernando ressalta o encontro acontecido no CETREX de Caucaia, de treinamento de saúde, e que não sabe por que não teve mais.

[178] Secretaria do Meio Ambiente do Ceará.

educação indigena CC.indd 389 26/10/2015 11:43:20

Ivo esclarece que doutora Dijé, da Secretaria de Saúde, está com o material a ser devolvido aos Tremembé. Vai marcar uma data. Possivelmente 9 e 10/fevereiro, como combinamos, para ver se ele vem ao Acaraú.

Solange ressalta a conquista da autonomia de pensamento/compreensão sobre a escola diferenciada, por parte dos professores.

Fernando chama a atenção sobre o Conselho de Saúde Local. Lembra da Conferência de Saúde Indígena a ser realizada em maio, em Brasília.

Seu Agustinho, tuxaua, lembra a importância de continuar a luta "pelas nossas terras, que isso é o mais importante que nós queremos".

Intervalo para a merenda

Segundo momento dos trabalhos: os participantes deverão classificar os depoimentos em quatro grandes temas: Escola; Saúde; Sobrevivência; Organização e luta

[**Essa classificação me aparece muito dura, macropolítica, que ao invés de valorizar a transversalidade, valoriza a separação, a* objetivação. *Parece contradizer o discurso anterior de Ivo, que valorizava a mistura. Acho também que os objetivos deste momento não estão muito claros, nem estão sendo discutidos com a assembleia. Há uma proposta didático-metodológica do encontro trazida pronta de antemão. Esta postura teórico-metodológica não parece muito diferente dos outros tipos de encontros em que eles participam, promovidos por outros atores. Enfim, este encontro, vejo agora, é "com" os tremembés, mas sobretudo "para" eles. Os temas "relevantes" não consideram a festa, o lúdico, o ócio. Eles acabam reforçando uma visão político-religiosa típica do indigenismo missionário filho das "teologias engajadas"*] [**Ver a esse respeito uma obra, que tenho em minhas referências bibliográficas, que avalia essas teologias*[179]].

Ivo coordena o momento. Explica o sentido dos temas. Sobrevivência quer dizer: economia. Organização e luta diz respeito à autonomia. Ele explicita

[179] "A *Operação Tremembé* Calada: Pastoral Indigenista e a Nova Evangelização" In: MONTERO, Paula (coord.). Entre o mito e a história: O V centenário do descobrimento da América. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p.137-202.

educação indigena CC.indd 390 26/10/2015 11:43:20

o que entende por autonomia: "é vocês se organizarem para resolverem os problemas por conta própria, sem precisar pedir a benção ao prefeito". Alerta que muitas falas poderão se encaixar em mais de um tema.

Diante das discussões para classificar as falas por temas, Luis Caboco lembra que está tudo misturado mesmo, sendo endossado por Solange, que lembra que "isso de separar é coisa de branco, que quando o coração está doente, não percebe que tem relação com o fígado".

Silas justifica a mistura dizendo que "é porque o nosso trabalho é maior do que a escola". Coordena agora os trabalhos e propõe que se formem seis grupos: três para discutirem escola e três para discutirem os outros temas.

Com ajuda de Silas, Ivo desenha no chão dois triângulos, um de cor azul e outro cor-de-rosa, que se interpenetram formando uma estrela de Salomão, com círculos nas pontas. Explicam que os círculos azuis são para discutir escola. Os outros círculos têm as mesmas cores usadas nos cartazes com as classificações das falas por temas.

Ivo propõe uma nova questão: Qual a opinião dos tremembés sobre esses temas? Cada grupo recebe uma folha com os assuntos classificados por tema. Pede que eu vá ao centro do salão, onde os grupos já estão organizados, e diz que eu sou músico e que estou disponível para ajudar a preparar apresentações musicais, caso os grupos necessitem ou desejem fazer este tipo de apresentação dos seus trabalhos. Sugiro que usem os artistas tremembés presentes, mas Ivo insiste em que eu me disponibilize. Fala o mesmo com relação a Vanéssia, no caso de apresentações em que desejem fazer com teatro.

Luis Caboco pede que antes de os grupos se dirigirem aos trabalhos, que eu toque alguma coisa para animar o pessoal. Meio acanhado, toco com emoção *Disparada*, de Vandré, precedida de um poema de minha autoria, *Canto de Chão*:

Canto a certeza que trago
Que a vida da gente vai ter que mudar
Trago no canto a esperança
A voz do meu povo
Os sons do meu lugar

educação indigena CC.indd 391 26/10/2015 11:43:20

Corre em mi'as veias o sangue
Da raça de quem construiu a nação
Sou índio, negro, mestiço
Sou raça-Brasil, na cidade e sertão

Cana-de-açúcar, Palmares, Canudos,
Cangaço foi quem me gerou
Sou filho da resistência
Da história escondida do trabalhador

O tempo teceu o meu caminho
De pedra e espinho
De luta e paixão
Mas hoje estou firme na praça
Tangendo as desgraças
O destino nas mãos.

Talvez por ter conseguido fazer ressoar minha emoção, os aplausos foram calorosos.

Trabalho em grupos

Perto da finalização do trabalho em grupo, aproximei-me do grupo formado por Raimundinha, Aurineide, Liduína, João Filho e Socorro. Minha intenção era, principalmente, estar perto e fortalecer meus laços com minhas companheiras de pesquisa da Praia, mas também de Socorro, do Córrego do João Pereira, com quem vou precisar estabelecer uma relação mais estreita, que possibilite a realização da pesquisa por lá. Ela poderá ser um canal de contato com o restante das "lideranças", dos adversários de Agostinho.

Almoço: peixe cozido, macarrão, feijão, arroz, farofa e suco de limão.

Conversa com Vanéssia sobre minha pesquisa e sobre o Festival do CRIA (Centro de Referência da Infância e Adolescência, de Salvador/BA), onde nos encontramos em julho de 1999. Sobre a pesquisa, a conversa girou em torno das categorias e da perspectiva teórico-metodológica com que estou desenvolvendo a tese.

educação indigena CC.indd 392 26/10/2015 11:43:20

Tarde: Retomada das atividades.

Zé Valdir encaminha os trabalhos, pedindo que a comunidade decida entre duas atividades culturais possíveis de serem feitas à noite: o Torém e o Reso. A favor do Reso, trinta e dois levantam as mãos. Oito levantam a mão em favor do Torém.

Silas coordena. Pergunta por onde iniciar as apresentações. Chico Nezinho sugere que sejam os grupos da escola. Zé Valdir se contrapõe, propondo o grupo da Organização, "porque foi o começo de tudo, foi ela quem gerou a escola".

O primeiro grupo a se apresentar é o do tema Organização. Luis Caboco diz que dos vinte assuntos, discutiram dois. "Numa casa, é a primeira coisa que vem, é a organização". "A escola é um dos *caçulos* da organização".

Para Itamar, que apresenta as opiniões do grupo, "em todos os assuntos presentes ficou claro a importância da organização da luta". Ressalta a ajuda dos aliados. Lembra a Conferência de abril, "um passo maior para as coisas funcionar, para o Estatuto do Índio ser *desengavetado*."

Luis Caboco complementa dizendo que o que viram em grupo é que "todo o preparo da organização foi feito pelo povo junto".

O grupo Sobrevivência, apresentado por (?), diz que refletiram sobre a criação de camarões em viveiro, diz que acharam por bem não implantarem a criação, porque iria poluir e eles ficariam dependentes do pessoal de fora *[dos que detêm a tecnologia?]*. Fala do projeto da plantação de cajueiros precoces, que deu certo.

João Venança chama a atenção sobre um ponto da fala do Manuel Maroca: "que todos os projetos, agora a comunidade é que busca, junto com os aliados". Cita o exemplo do projeto Mutirão.

Zé Valdir endossa a fala de Manuel Maroca e de João Venança, ressaltando a importância da organização. "O que importa é incorporar cada vez mais a organização e ir à luta".

educação indigena CC.indd 393 26/10/2015 11:43:20

Solange fala de outros projetos espalhados pelo Ceará, que o Estado está em evidência. Informa que foram 234 voos de fora que vieram diretamente para o Ceará nesse período de férias.

O grupo da saúde é apresentado por Dijé. Diz que conversaram muito, que brincaram, que se divertiram e que fizeram uns versinhos, que são apresentados por Fernando. Diz que além do que foi falado, deve-se acrescentar: agente de saúde, prevenção ao tracoma, agentes do PSF, agentes de saúde básica e vacinação. Prevenção e saúde bucal, chafariz e falta de água, conselho de saúde e vacinação. Fernando diz que não sabe dizer os versos, mas recita:

Aqui em nossa área
todos prestem atenção
tem uma equipe de saúde
que traz a vacinação.

Saúde bucal:

O nosso povo tem
um bonito ritual
o povo todo foi atendido
pela saúde bucal.

Sobre a água:

Eu acabei de almoçar
e agora peço bis
atender a falta de água
conseguindo um chafariz.

Saúde:

Quando estou trabalhando
no suor lhe dá um grude

educação indigena CC.indd 394 26/10/2015 11:43:20

depois de tomar um banho
ele se sente com saúde.

Sobre a formação do conselho:

Todo o primeiro do mês
me junto com os companheiros
prá discutir os problemas
com todos os companheiros.
Minha gente vou lhe contar
e conto com muita fé
pense numa organização
do povo Tremembé!

Apresentação do primeiro grupo sobre Escola

Zé Valdir coordena. Dadinha, *dona* Pequena e Maria Estevão, Ana Lúcia e dois outros rapazes fazem parte. Fazem uma encenação teatral em que a professora entra, dá bom-dia, e avisa que vão estudar sobre o descobrimento do Brasil. Pede licença e senta-se. Alunos iniciam uma conversa sobre identidade indígena. Um deles questiona se uma das alunas, que se afirma índia pode sê-lo se não está nua nem "come calango". Vai ao pai (Zé Valdir), reclamando, dizendo que não volta para aquela escola. Ele diz para filha que "índio é a mesma coisa de qualquer ser humano", e sugere uma conversa com os professores e a secretaria de educação. A professora representando a secretaria, vem à reunião. O pai (Zé Valdir) apela para a lei, que permite e educação diferenciada. A professora diz que "então, com essa conversa, vocês só precisam me enviar os nomes dos professores e alunos dessa escola diferenciada, para vir a remuneração" *[*O tema da remuneração parece muito emblemático para o reconhecimento da escola indígena diferenciada]*

O segundo grupo sobre Escola *[*perdi por causa de um problema no Word!]* foi apresentado por Ivonete (?) *[...]*

O terceiro Grupo *[*Também perdi. Peguei cópia do relatório com Raimundinha, que o ofereceu para mim, e escaneei.]*

educação indigena CC.indd 395 26/10/2015 11:43:20

Falas em torno das apresentações dos grupos

Avalio algo que não apareceu nas apresentações, mas que considero importante refletir: o processo de formalização da escola. Digo que a Seduc tem imposto práticas que já foram superadas mesmo na escola pública convencional, como o diário de classe e a retenção de salários no caso de atraso dos relatórios. Esclareço que a Seduc comete uma atitude ilegal, criminosa, que é vincular o pagamento do salário à entrega do relatório. Comento também a questão da implantação do magistério indígena, que foi tematizada nos grupos sobre Escola. Digo que estarei este ano por aqui, que pretendo montar um banco de dados com o material que eu coletar e deixar disponível para as escolas, desde já, e que estou disponível para ajudar a montar uma proposta de currículo para o magistério indígena. Informo que a competência para assessorar as comunidades indígenas na implantação das escolas diferenciadas é das universidades públicas, que está previsto na LDB de 1996. Informo ainda que na Seduc não existem técnicos especializados em educação indígena; que a Faculdade de Educação da UFC ainda não foi convidada para entrar em convênio com a Seduc, que prefere chamar individualmente o professor Oliveira, do departamento de História, por não estar aberta às críticas que Max e eu, que somos pesquisadores do assunto, fazemos a alguns aspectos das práticas da Seduc.

Solange me pergunta se os professores têm autonomia para elaborar uma proposta de currículo do magistério indígena. Recordo o que dizem as leis que regulamentam a educação indígena, afirmando que os professores têm autonomia para tal e que ao estado compete *reconhecer*, e *não impor* a educação indígena.

Trabalho em pequenos grupos. [...]

Primeiro grupo da escola:

Questão 1. Resposta: Atitudes muito importantes porque ajudaram os professores, a realização do convênio. [...]

Segundo grupo da escola.

O grupo faz uma encenação teatral. Ivonete conversa sobre o que fazer por ocasião do Dia do Índio, com uma colega professora. Alunos chegam

educação indigena CC.indd 396 26/10/2015 11:43:20

atrasados. Professor acolhe assim mesmo. Propõe a dança do torém. Alguns dizem que não querem e se afastam. Uma das que se afastam adoece. Outra solicita ajuda ao grupo dos torenzeiros, que prontamente se solidariza.

A explicação da encenação é feita por Lucélia, que justifica que o trabalho de Karla foi ajudar e apoiar os professores indígenas.

Terceiro Grupo da escola:

Raimundinha apresenta. *[...]*

Questão 1: "A atitude dos metodistas diante dos acontecimentos relacionados à escola foi um trabalho que ajudou muito. Foi com a ideia deles que nos ajudou bastante a chegar onde estamos. Eles nos ajudaram de todas as formas".

Questão 2: "O que falta: estar mais presente nas áreas, principalmente no Córrego do João Pereira. Continuar como era no começo, na Praia, nas atividades de educação, e nos nossos encontros".

Questão 3: "A ideia que nós gostamos de dar para os metodistas é que continuem sendo essas pessoas que estão e sempre foram, que acreditam na nossa luta, e que participem mais dando forças e acreditando em nossa autonomia".

Grupo da saúde.

Questão 1: preocupação com todos nós, que não tínhamos assistência bucal.

Questão 2: a FNS é que não quis trabalhar com os metodistas.

Questão 3: passar mais tempo na área, que troquem mais ideias com os índios sobre a saúde tradicional, que tenham mais metodistas na área.

Grupo Sobrevivência.

Questão 1: O trabalho dos metodistas para nós foi muito bom, no apoio à escola diferenciada, na articulação com os outros parentes, durante a prisão dos parentes tremembés, apoiando, nos cursos com os professores;

Questão 2: O que faltou foi mais presença, pessoas ausentaram-se, às vezes, parando os cursos, as aulas para os professores.

educação indigena CC.indd 397 26/10/2015 11:43:20

Questão 3: Que estejam mais na comunidade.

Chico Nezinho fala em nome das lideranças. Diz que foi através de uma reunião que foi feita aqui que ela decidiu a ficar *[*no conflito com* Francisca Adelaide*]*. "Depende muito da comunidade uma pessoa decidir a ficar".

Luis Caboco endossa a fala de Chico Nezinho. Diz que não acha bom a briga de entidades. "A *Operação Tremembé* sempre é o vínculo, que todo mundo vem por ela". "Karla não aguentava apanhar da Francisca Adelaide. A Francisca Adelaide queria açoitar Karla". "Ela bebeu água dos tremembés. A área tem um ímã". Fala de uma viagem em que encontrou uma pessoa que lhe perguntou como ele conseguiu trabalhar durante 10 anos com Francisca Adelaide. Diz que não quer divergência com ninguém. Fala do conflito e do afastamento do Marcus Guilherme, fotógrafo, que desrespeitou o torém dançado pelo pessoal da Varjota.

Grupo Organização e Luta

Questão 1: Sempre que acontece alguma coisa, a Igreja Metodista na pessoa de Karla e Silas estão sempre apoiando a comunidade. A Igreja Metodista está colaborando no que é possível. Deve continuar.

Questão 2: A presença da Igreja Metodista nas áreas onde deve atuar, como o Córrego do João Pereira. Pedem também o acompanhamento do processo de desenvolvimento da luta.

Questão 3: Pedem mais disponibilidade e mais tempo nas diversas localidades, inclusive no Córrego do João Pereira. Dizem que precisam de mais apoio.

Luis Caboco desdobra a solicitação do grupo anterior, dizendo que necessitam acompanhamento mais de perto, de assessoria nas questões do CITA.

Itamar complementa: mesmo que a Igreja Metodista não possa contratar mais uma pessoa, que faça um calendário para dividir os dias de acompanhamento às áreas.

Fernando observa que "o povo Tremembé é atraente e se atrai pelas pessoas: tem antropólogo, professor da universidade, missionário, artista de teatro". Lembra de Evaldo [antropólogo que desenvolveu atividades de apoio às

educação indigena CC.indd 398 26/10/2015 11:43:21

escolas], que na despedida "saiu lagrimado, apesar do trabalho dificultoso, no dia a dia". Parabeniza a participação dos professores, que antes era sempre cobrada pelas lideranças.

Solange diz que estava acompanhando alguns trabalhos e que notou que algumas observações e críticas não apareceram nos relatos, as faltas dos metodistas.

Ivo endossa a fala de Fernando. Diz perceber que há mesmo uma empatia. Diz que já foi cobrado porque trabalhava com os Tapeba, visitava os Jenipapo-Kanindé e gostava mesmo era dos Tremembé. Ressalta a força da juventude Tremembé atualmente, que antes não se fazia sentir muito. Defende a posição de que "briga de vocês, é de vocês". Considera importante que Karla tenha "peitado" uma entidade que controlava. Diz que o importante é que os Tremembé possam decidir sobre as entidades e pessoas que querem trabalhar aqui.

Luis Caboco *[* Ele tem falado muito, comentado praticamente cada colocação, cada fala, prolongando-se em seus comentários]* fala novamente. Dessa vez, conta um caso em que uma pessoa teria questionado o porquê de um sistema de saúde em separado para os índios.

Socorro complementa dizendo que, antes quem fazia a separação eram os *brancos*, que não queriam se misturar. Hoje, são os índios que querem a separação *[*Parece referir-se aos conflitos internos de sua comunidade]*.

Silas fala da programação para a noite: vídeo, para quem chegar mais cedo, reso e torém. Para amanhã, propostas da Igreja Metodista e discussão dessas propostas.

Zé Valdir lembra do trabalho de elaboração do calendário escolar, do compromisso do último encontro de professores tremembés, no Córrego do JP, de que cada escola iria fazer o seu calendário, conforme sua cultura e suas necessidades. Recorda que antes, havia escolas que faziam seu próprio calendário e outras que seguiam o "calendário do governo". Propõe que se juntem as propostas das diversas escolas e que sejam sistematizados em um único calendário, ou em dois, um da Mata e Outro da Praia, e que deverá depois ser objeto de reunião com o pessoal da Seduc.

educação indigena CC.indd 399 26/10/2015 11:43:21

Os professores decidem ir aos grupos de trabalho agora, antes do jantar.

Zé Valdir propõe que se cante um pouco. Babi do Panan se recusa, parece sem energia. A esta altura do dia, 18 horas, eu mesmo estou cansado. Cheguei a dar um cochilo, sendo acordado por Ivo.

Neta puxa uma música, sendo acompanhada por todos:

Vamos juntos, povo unido
Cumprir a nossa missão
Vamos lutar pela terra
Que é a nossa obrigação.

Zé Valdir interroga Socorro sobre o planejamento da escola do Córrego do João Pereira[180]. Socorro diz que não serão necessários dois meses de férias, mas que serão feitas conforme a necessidade.

Fernando diz que na Tapera vão considerar os feriados do município porque os professores estão estudando lá. Vão se dar férias em julho. Vão considerar os dias santos.

Na escola de Passagem Rasa vão ter o seguinte planejamento: (Vilca) em julho não haverá aula, por causa da farinhada.

Raimundinha apresenta seu calendário. Diz que não farão férias, que as folgas serão conforme as necessidades e viagens dos professores.

João Venança endossa a posição de Raimundinha.

Agora, ela apresenta o diário elaborado pelas próprias professoras da Praia. É um caderno com as matrículas, coberto com uma capa luxuosa, feita de feltro.

Zé Valdir defende novamente a ideia de apresentar à Seduc um calendário único, embora com as diferenças específicas de cada comunidade. Lembra também a discussão sobre o magistério indígena. Propõe que se ponha que

[180] Assim passaram a chamar à localidade Capim-Açu, os que apoiam a facção local ligada a Pedro Teixeira.

educação indigena CC.indd 400 26/10/2015 11:43:21

os adultos que estavam trabalhando sejam considerados em sala de aula, nos relatórios. Que as discussões sobre o magistério sejam encaminhadas como foi a luta por salários. *[*Eu estava cansado e cochilando. Perdi parte da fala do Zé Valdir]*

Noite:

- Jantar
- Vídeos
- Banho
- Conversas com Aurineide e Raimundinha sobre a existência de uma "fã" minha, Tremembé.
- Conversas livres com Karla, Ivo, Vanéssia, Solange e Silas. [...]
- Tomando "pau-nas-coxas" com Evandro, Fernando, João Venança e outros.
- Registro do Reso, com o boi...
- Atentado feito ao meu buggy e reações das pessoas. *[Capota perfurada à faca e retrovisor quebrado].*

14 de janeiro de 2001

Manhã.

Café na casa do Calisto.[181]

Há dois dias estou dormindo na casa de Calisto, no final do dia das atividades do encontro de avaliação e planejamento promovido pela Igreja Metodista.

[181] *Diário de Campo*, n. 2, p. 334-336. Digitado em 16 de julho de 2002.

educação indigena CC.indd 401 26/10/2015 11:43:21

A sala em que João Venança e eu estamos dormindo, além dos quadros que já descrevi uma vez, tem novidades. A primeira delas é que, agora, a casa já dispõe de energia elétrica. Um único bico de luz está situado sobre a parede que separa esta sala da *sala de reuniões* e da cozinha.

Na parede, as marcas da instalação do duto que conduz os fios até os interruptores e tomada elétrica indicam o quanto é recente a chegada da luz por essas bandas: uns seis meses.

Mas o que mais chama atenção de imediato é um grande cartaz, de aproximadamente 100cm x 80cm, impresso com gravuras coloridas e texto intitulado "Sistema Respiratório", em que se vê a anatomia interna dos órgãos da respiração humana.

A presença da escola se faz sentir também no cotidiano deles deste modo: na produção de uma estética nova, pela oferta inevitável de um conjunto de elementos artísticos, como são os cartazes, painéis, livros etc.

Calisto nos chama, dizendo: "Negada, tá na hora da merenda!".

Conversa com João Filho e Liduína sobre o trabalho de pesca dele. *[*Descrever a textura das mãos dele, o trabalho de pesca relatado por ele e as ideias em torno de uma cooperativa de pescadores tremembés, com o controle da cadeia produtivo-distributiva do pescado].*

Apresentação do relatório de atividades da Igreja Metodista. *[*Conseguir cópia].*

Silas e Karla fazem o relato que foi realizado: encontros de formação de professores e de saúde bucal; elaboração da nova cartilha, "Fazendo Escola – livro de textos do Povo Tremembé", feita com textos dos professores, alunos e lideranças, organizados por Karla e Ivo; cartilha "Saúde Bucal", com o trabalho de prevenção odontológica realizado. Silas esclarece que a publicação ainda não foi possível por causa da resposta negativa do MEC, a quem eles solicitaram recursos para publicação. Eles informam ainda que o MEC tem um programa de apoio a publicações de subsídios de educação indígena. Leem a carta-resposta do MEC, que justifica a não concessão de apoio dizendo se

educação indigena CC.indd 402 26/10/2015 11:43:21

tratar de responsabilidade do Ministério da Saúde, embora teça comentários muito elogiosos ao texto.

[...]

Luis Caboco intervém, pedindo para explicar "ao povo" o que é o MEC. [**Ele aponta para as pessoas que estão na assembleia, mas parece colocar-se fora do "povo". Parece, assim, demarcar uma separação entre ele e os outros, pela função política que ocupa atualmente, como presidente do CITA. Ou talvez tenha incorporado uma obrigação que ele supõe ser inerente a esse cargo: a de ter que* se pronunciar *diante das situações. Ou ainda, talvez tenha passado, com o cargo político, a olhar aquilo que o cerca sempre como um apelo ao exercício do seu suposto poder.*]

Silas continua narrando os feitos do ano. Lembra a Assembleia de Aratuba, em que ele esteve presente, e o apoio prestado por Karla quando da prisão dos tremembés, em Itarema. Cita também o acompanhamento às reuniões com a Seduc e o Crede-Acaraú. Fala de um projeto de publicação e criação de um banco de dados. Karla esclarece que o dinheiro para este projeto, bem como sua manutenção e a de Silas vêm da Igreja Metodista, não são recursos do estado destinados aos índios. O ano passado e este ano estão sendo patrocinados pela Igreja Metodista da Alemanha. Karla informa ainda que os recursos solicitados passam pelo crivo do bispo regional da Igreja Metodista. A Igreja Metodista também exige um relatório de prestação de contas do que foi realizado.

[**O relato de Karla e Silas vai-se prolongando e tornando-se cansativo, inclusive porque começou tarde, pelas 10 horas. Enquanto os trabalhos não começavam, um grupo de professores e lideranças se reuniam para discutir a agenda das próximas atividades relativas aos professores. Escutei, da cadeira em que estou digitando este texto, a voz de Fernando falando sobre o encontro com professores municipais, previsto para o próximo dia 27.*]

[**Mesmo diante da monotonia das falas, as pessoas mantêm um nível de atenção heróica. É quase sempre assim. Eles parecem gostar de estar nesse tipo de evento, que junta gente, mesmo se o que está acontecendo não desperta tanto a sensibilidade. Estar junto, como pude observar ontem, durante a apresentação do reso, parece ser um prazer em si mesmo.*]

educação indigena CC.indd 403 26/10/2015 11:43:21

Solange observa que "o povo está dormindo" e propõe uns exercícios de movimentação do corpo.

Prestação de contas do encontro: [...]

Informam que dispõem de R$300,00 por mês para realização das atividades nas comunidades.

Propostas:

- Participar todo mês na reunião dos professores.
- Reunião de avaliação, como esta, a cada ano.
- Aulas para os professores: no começo, havia necessidades específicas. Agora, as necessidades são outras. Até a 4ª série podem dar aulas e conceder certificados, legalmente; mais que isso, não. Podem dar aulas de reforço. Pode ser feito um calendário, "prá ficar arrumadinho, e não aquela coisa solta que era". Há o problema de reconhecimento: não contam como atividades reconhecidas na formação dos professores. Os professores podem conseguir isso por outros caminhos.
- Apoio ao trabalho das escolas: vão fazer um calendário de visitas e acompanhamento.
- Confecção e publicação de material didático: nestes quatro anos, a prática tem sido a de coletar, sistematizar e produzir. Cita o exemplo da cartilha publicada e a que está no prelo. Fala da necessidade de adquirir recursos e equipamentos, como um novo computador. Vão fazer oficinas específicas de alunos para produzir materiais didáticos a serem publicados. Atualmente, os subsídios trazem textos de todos os segmentos: alunos, professores e lideranças.
- Programa do GTME[182] (do qual Silas é presidente) de formação de lideranças: vão tentar fazer duas oficinas com lideranças tremembés.

[182] Grupo de Trabalho Metodista Ecumênico.

educação indigena CC.indd 404 26/10/2015 11:43:21

- Acompanhamento ao CITA, na assessoria a questões financeiras e elaboração de relatórios. Silas justifica que este acompanhamento é um prolongamento do trabalho de formação de liderança, das oficinas.
- Saúde bucal: vão continuar o trabalho de oficina de escovação. Estão negociando a volta de alguém para dar continuidade ao atendimento. Socorro cobra para que desta vez chegue lá, no Córrego do João Pereira. Karla esclarece que o problema foi de organização interna da comunidade, que não veio para a oficina.

Karla justifica o porquê da não realização do trabalho no Panan, com o uso de sabonete antimicótico: por causa de suas limitações de saúde. Diz que vão ampliar o uso das plantas medicinais. [...].

No encaminhamento da discussão das propostas, João Venança sugere que seja feita em grande grupo, discutindo uma de cada vez.

Discussão das propostas

Acompanhar as reuniões mensais de professores. Silas solicita a opinião. Se já fica certo ou se os professores é que devem solicitar a presença dele e da Karla.

Zé Valdir se posiciona que há uma equipe de professores que pode decidir quando eles devem vir: quando eles sentirem necessidade de assessoria. O acompanhamento é essencial. Mas a questão é saber se vai ser necessário eles estarem em todas as reuniões.

Neide acha que "seria importante eles acompanharem todas as reuniões mensais, pois podem surgir dúvidas que devem ser resolvidas naquela reunião, sem ter que esperar para outro mês".

Neta se posiciona de modo igual a Neide: "se eles se dispõem, é importante estarem nas reuniões para esclarecer o que for necessário, sem ter que os professores esperarem uma outra oportunidade".

Zé Valdir diz que há duas pessoas se posicionando a favor do acompanhamento integral e que a decisão já está tomada.

Silas replica dizendo que há duas propostas que devem ser votadas.

educação indigena CC.indd 405 26/10/2015 11:43:21

Luis Caboco pergunta se toda a assembleia pode votar. Silas diz que sim.

Solange diz que a equipe (da Igreja Metodista) não quer estar a todo custo acompanhando as reuniões, mas apenas que está disponível.

Evandro faz uma fala alinhada com Neide e Neta.

Ivonete se posiciona a favor de Zé Valdir.

Silas e Karla tentam puxar a votação. Mas João Venança ainda quer falar.

João Venança observa que Karla já está acompanhando, há tempos, os professores e que tem contatos com a Seduc. Que é preciso ela fazer o acompanhamento sempre, "porque senão ela nem vai ter o que falar".

Fernando fala da reunião no CJP[183], que estava prevista para terminar às 13 horas e que foi até o fim do dia por causa das contribuições de muitos, inclusive as pessoas de fora (Silas, eu, Karla).

Solange sugere que o grupo, sempre que for necessário, "mande a equipe dar uma voltinha lá fora, no terreiro, pra deixar o pessoal conversar à vontade".

Dijé se posiciona a favor da presença de Karla e Silas nas reuniões. Porque "o pessoal não tem vergonha deles". Acha que ainda há muita coisa a ser desenvolvida com os professores e que sempre haverá necessidade de novos conhecimentos e atividades.

Seu Augustinho acha que é muito importante ter sempre nas reuniões "uma pessoa a mais". Cita seu exemplo como agente de saúde *[*ele se tornou funcionário do estado!]*, onde há discussões, mas que é com a Francy (responsável da Funasa) que podem "aprovar" decisões. Diz que muitas reuniões foram feitas e as decisões não foram aprovadas porque ela não está.

Zé Valdir diz "não quer debater com o tio Augustinho", mas esclarece que a educação diferenciada tem um estatuto diferente. A escola indígena possui *autonomia* nas decisões dos professores, diferente do agente de saúde. O acompanhamento é diferente, portanto. "A lei garante a nossa *autonomia*".

[183] Córrego do João Pereira.

educação indigena CC.indd 406 26/10/2015 11:43:21

"O tio Augustinho fala uma coisa, e a Francy desmancha. Onde fica a autonomia da comunidade?".

Manuel Maroca se posiciona apoiando Augustinho, saindo em sua defesa, dizendo que ele falou seu exemplo para ajudar os professores. *[*Me aparece mais claro agora a existência de grupos que se posicionam por* bloco *na Varjota]*

Karla diz que estão aqui para acompanhar, e não para fiscalizar. Pede a votação.

Resultado da votação:

- Acompanhamento mensal. Silas apresenta a segunda proposta, que é: se houver necessidade de reuniões de estudo de temas específicos, nas reuniões de professores. *[*A presença de Karla e Silas torna-se assim intensa e frequente. A Operação Tremembé não tem mais essa potência. Eles se fortalecem e se tornam os agentes mais próximos, atuando diretamente nas comunidades. O contato com os professores, a prioridade ao trabalho com a educação diferenciada é o nervo do poder atualmente, entre outros motivos, porque os professores representam uma força nova, concreta, emergente, com poder político, econômico, intelectual, status de funcionários do estado, com escuta garantida de suas falas, viagens para fora, publicação de ideias e trabalhos etc. Eles agregam em torno de si, pelo caráter mesmo da concepção de escola indígena como escola comunitária, todas as outras lideranças e grupos de poder, mesmo os que disputam espaço e influência. Em torno da produção da escola, todos eles se encontram, discutem, demarcam espaço, se ampliam, se estendem, se fortalecem, ou são engolidos. A estratégia de manter-se junto deste campo é perfeita para garantir influência. O acompanhamento também do CITA complementa o circuito de organização do* poder metodista, *que se fecha com as ações complementares de saúde, como o projeto saúde bucal, articulando uma* máquina de guerra *que ousadamente enfrenta a Funasa, atacando nos flancos, revelando suas brechas. Karla e Silas me olham de vez em quando, como se buscando sustentação às suas argumentações. Talvez sondando se serei crítico, se estou percebendo a estratégia deles e qual a minha posição].*
- Reuniões anuais de avaliação: aprovado.

educação indigena CC.indd 407 26/10/2015 11:43:21

- Aulas para os professores, de reforço principalmente. Silas esclarece que isto depende da articulação de cada local: aprovado.
- Acompanhamento dentro das escolas: aprovado.
- Formação de lideranças. Silas esclarece que serão duas oficinas, uma por semestre, em parceria com o CITA, com promoção do GTME.

Peço esclarecimentos a Silas sobre qual o programa da oficina. Karla é que diz que na verdade o nome do curso é "Programa de capacitação em projetos".

Ivo endossa a proposta, lembrando do projeto do bote, que não deu certo, segundo ele, não por culpa da comunidade, mas porque não houve acompanhamento.

Luis Caboco reforça esta ideia com um verso: "o Rei Salomão era o rei da sabedoria, mas não conseguiu botar três potes numa forquilha". Justifica a necessidade de acompanhamento dos projetos do CITA, que é a argumentação de Silas para a necessidade das oficinas.

João Venança também apoia esta proposta, falando do cuidado que se deve ter com o dinheiro das entidades, da necessidade de se precaver de boatos de má administração e mau uso dos recursos. *[*João Venança falou muito pouco neste encontro, ao contrário de Luis Caboco e Zé Valdir. Ele mantém uma posição admirável, parecendo valorizar sua própria palavra]*. Ele esclarece que o problema foi de organização da comunidade e diz que "houve olho grande" no trato com o dinheiro, sugerindo que a comunidade foi retirando, sem fazer reserva.

Luis Caboco comenta a fala de João. *[*Ele está vestido com uma camisa amarela, com um emblema da Petrobras sobre o bolso direito, por dentro da calça* jeans*, com cinto e sandálias de um tipo de couro sintético. Ontem, ele veio também vestido assim, que parece indicar elegância e status]*. Depois, conta uma exaustiva história para chamar a atenção sobre o uso do dinheiro. Cansei! A assembleia também, pois se dispersa.

- Acompanhamento ao CITA. Solange se dispõe a acompanhar, trazendo sua experiência com outros povos indígenas, de outros conselhos. *[*Solange parece estar somando-se a Karla e Silas nas ações por aqui. Este ano, se eles realizam o que estão propondo e fazendo a comunidade aprovar e legitimar, eles estarão constituindo a máquina mais forte de influenciar os rumos do*

educação indigena CC.indd 408 26/10/2015 11:43:21

movimento indígena local, embora sem tantos recursos financeiros. Agora me aparece mais claro o motivo pelo qual sou convidado oficialmente, como está na capa do programa do encontro, para este encontro. Inicialmente pensei que o convite seria uma inevitabilidade, porque eu estava presente no Córrego do JP por ocasião do convite que eles fizeram aos professores e lideranças para este encontro. Houve uma grande articulação para que as pessoas pudessem estar aqui, em grande número. Mas a mim não foi solicitada nenhuma intervenção ou fala, mais formalmente. O convite a mim, como ao Ivo, parece buscar para os planos deles a legitimação e credibilidade que gozamos junto aos Tremembé].

Luis Caboco, comentando a proposta, se posiciona favoravelmente, dizendo que "sempre é bom contar com a presença dos aliados", citando Vanéssia e me chamando de "pistoleiro".

As outras propostas, como esta última, não foram objetos de votação, ficando acertado que seriam implementadas "quando possível" e, ainda, por constituírem atividades que já vêm sendo realizadas.

Enquanto eu digitava, recebi um bilhete com as iniciais R.M.N (Raimunda Marques do Nascimento?). Lindo! Com uma exuberante rosa vermelha desenhada e com os seguintes dizeres: "Babi, sua pele é tão macia quanto essa rosa. Babi, quando você estiver triste, lembre-se que eu existo. Não sou a felicidade, mas sou melhor que a tristeza. Pegue com carinho, leia com amor, mas não esqueça de mim".

Avaliação final do encontro. Já são 12h40.

Socorro, CJP. "Foi muito valioso o encontro, porque foram repassados os trabalhos realizados aqui nas áreas, foram postos em plenária". Pede que alguém complete, "por favor". (?) Complementa dizendo que "só faltou ter ido trabalhar lá".

Zé Domingos, da Passagem Rasa. Acha que "com o *continuamento* do tempo, vai dá pra fazer as atividades planejadas".

Dandão, da Batedeira, que chegou há pouco, diz que não tem nada a dizer porque chegou agora.

educação indigena CC.indd 409 26/10/2015 11:43:21

Estevão, da Tapera. Veio ontem. Achou muito importante, "relembrando coisas, que não era passado". Acha importante o trabalho da Karla, o que foi falado sobre as propostas, o trabalho com a escola, a oficina (projetos).

Evandro, tapera. Diz que no primeiro dia esteve mais presente, ontem menos. Acha muito bom o debate que se dá, inclusive como avaliação e planejamento, também para a comunidade, pelo acesso à experiência dos metodistas.

Fernando acha que o trabalho "foi muito bem *retirado* de tudo aquilo que passou, embora tenha muitas coisas que não tenham entrado". Valoriza o trabalho da Vanéssia, "muito experiente". Cita o debate de tudo que aconteceu com os professores e suas conquistas. Valoriza mais uma vez a Vanéssia e seu trabalho com o teatro, a minha presença e a de Ivo, a de Karla e de Silas, que estão trabalhando com eles. Nota ainda o trabalho das cozinheiras.

Zé Valdir diz que antes de tudo quer parabenizar a eles mesmos, pela paciência com o horário. *[*Impressiona realmente, a atenção e concentração da assembleia, considerando inclusive que há crianças, e que permanecem atentas, não obstante o avançar da hora]*. Ressalta o que aconteceu ontem à noite, o problema com o buggy, prometendo que na próxima vão estar mais preparados.

Luis Caboco diz que para ele "foi um filme de uma vida passada e, quando acabou a gente gravou outro e no final deste, quando acabar, vamos passar outro". Deseja "que todos estejam com saúde no próximo encontro, para gravar um novo filme". Deseja felicidade e boa sorte a todos.

Chico Lagoa, da Varjota. Diz que tudo foi planejado está muito bom, só não sabe se será daqui para frente.

Neta, da Varjota, achou importante porque tentou relembrar as coisas do passado e planejar para frente. Agradece a presença dos que não são Tremembé. Critica o fato de que ontem, nas apresentações, houve grupos que foram aplaudidos e outros não, lembrando que todo mundo é inteligente.

Chico Maroca, da Varjota, gostou de tudo que se passou aqui. Alerta que "a luta tem que ir em frente, se Deus quiser".

Seu Augustinho parabeniza a Karla e toda a equipe que acompanha: Silas, Ivo, eu *[*Ele me coloca como acompanhante da Karla, da equipe dela]*. Diz, rindo,

educação indigena CC.indd 410 26/10/2015 11:43:21

que Karla pode não ter ficado satisfeita de ele ter-se posicionado contra ela estar em todas as reuniões. Reafirma a importância do trabalho de Karla e da sua equipe *[*Vincula minha presença, portanto, ao trabalho dela]*. Pede desculpas a mim pelo o que aconteceu com o carro, dizendo que a culpa não foi da comunidade.

Dona Pequena, do Saquinho, agradece, mas diz que não tem muito a dizer, notando que conseguiram apenas um chafariz, até hoje. *Seu* Agustinho pergunta pelo professor da *escola*, diz que "há um *germe* [da escola] por lá".

Neide, do Panan, diz que o encontro precisava acontecer mesmo.

Ângela, do Panan, relembra a importância de trabalhar com a farmácia viva, "porque as vezes a gente não tem dinheiro pra comprar remédios".

Raimundinha, da Praia diz que foi bom mais uma vez estar presente. Acha que alcançou o objetivo explicitado no cartaz à frente da sala (avaliação e planejamento).

Liduína parabeniza a "equipe legal que está aqui com a gente". Reconhece que há pouco tempo está de volta, mas achou maravilhoso o trabalho. Acha que esta reunião foi a mais enriquecida que já participou, até agora.

Dijé diz que a única coisa que achou ruim foi uma coisa que foi dita em grupo pequeno, que ela ia discutir no café da manhã, e que ofendeu uma pessoa. Diz que "é pior ficar lá fora, se oferecendo feito cururu, que vai e volta". Pede "que as coisas sejam ditas na presença uns dos outros". A pessoa é "uma professora que deveria estar aqui" *[*acho que foi Rosângela]*. Com ternura, Dijé pede que lhe digam, quando não gostarem. [**Fazer-se entender ainda é um desafio para eles*].

João Venança avalia positivamente o encontro, alerta a comunidade da Varjota sobre o acontecido com meu buggy. Diz que o perigo é a vida dele ou de outra pessoa da comunidade. Diz que falta a confiança agora. Lembra que já houve problemas em um outro encontro, em que foi cortado o *biquíni* de uma pessoa. Sugere que se forme um grupo de segurança. Lembra também que já houve outra vez uma confusão com ele, em outro local. João diz que o perigo é porque sou aliado dele e ele é meu aliado, que alguém poderia fazer

educação indigena CC.indd 411 26/10/2015 11:43:21

a ele, ou a mim, que sou aliado. [**Ele transmite e endossa as minhas reflexões, partilhadas com alguns deles, de que acho que não se tratava de uma agressão diretamente a mim, mas à comunidade. *Escrever sobre isso depois!*]

Cícera, diz que "isso que aconteceu com o rapaz [comigo], é uma vergonha pra nós". Diz que a escola diferenciada "não é para retirar as pancadas, não" *[*parecer querer sugerir que a educação não significa* amansamento *e passividade das pessoas]*. Analisa também a fala da Dijé, a insatisfação com a professora. Diz que queria que a reunião terminasse muito bem amigavelmente, sem problemas. *[*Ela parece considerar que esses problemas devem ser enfrentados e resolvidos, para não aparecerem como "negativos", na avaliação final].*

Manuel Maroca, da Varjota, agradece a todos. Pede proteção a Deus. Reconhece a fala de João Venança e espeta, sugerindo que a segurança deveria acontecer em todo o aldeamento.Acredita que "só Deus do céu pode proteger", pois acha que "isso acontece no mundo inteiro".Agradece a presença de todos.

Vanéssia disse que passou esses dias ouvindo. É a primeira vez que esteve na área. Sente-se muito honrada por estar participando de discussões das coisas íntimas da comunidade. Acha que o importante que ela viu e que serve para fortalecer a vida dela é que a comunidade resolve seus próprios problemas.[...]

Ivo agradece diz que se sente um *mototaxista [*Tenta passar a ideia de autonomia e disponibilidade em sua relação com os tremembés]*

Karla lembra que, desde 1998, quando houve a mudança de entidade *[ruptura com a* Francisca Adelaide*]*, não acontecia uma reunião assim, ampliada, para avaliar o trabalho dela.

Silas agradece a participação de todos. Lembra do reso, ontem à noite.

Ivo solicita que João Venança e Luis Caboco "joguem uma benção sobre a gente, como no início do encontro".

João Venança pede que todos se ponham de pé. Dão-se as mãos. *dona* Lídia puxa um pai-nosso e uma ave-maria, reza o "glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo", "ó meu Jesus, perdoai-me, livrai-me do fogo do inferno", finalizando com uma oração ao Anjo da Guarda.

educação indigena CC.indd 412 26/10/2015 11:43:21

Luis Caboco faz uma oração forte, de proteção contra os inimigos *[*coletar depois essa oração. Aliás, assim como os provérbios, anedotas e trovas, fazer depois a coleta dessas produções].*

João Venança, finalmente, puxa o torém: "Vamos, vamos, minha gente". Enquanto escrevo, vários me tocam, me chamam pra roda. Tento proteger o *notebook*. O som é forte, uníssono, as pisadas formam um som grave, com um tambor, uma *orquestra de pés* que marcam o ritmo, gerando uma frequência de graves muito deliciosa de ouvir.

16 de janeiro de 2001, 3ª feira, 9h15.[184]

Praia, Escola Maria Venância,

***Estrada [Acaraú-Itarema]:**

O asfalto está molhado, formando um espelho nas poças d'água, dourando e difundindo a luz fugidia do sol que, vez por outra, se escondia entre as nuvens.

Sinto o frescor acentuado da brisa, nestes tempos de inverno.

Verde *novinho em folha* na intensidade e pujança das folhas e rebentos recém-chegados com as chuvas, potente, ganhando espaço aos poucos, a cada dia mais, avançando sobre as estradas e os roçados de coqueiros.

A estrada carroçal Itarema-Almofala impõe ser contemplativo; obriga diminuir a marcha, com milhares de poças. Tudo é diferente, mesmo se a estrada é a mesma. Afirma-se o sinuoso, o liso, a necessidade de leveza e calma. Imerso nessa contemplação, emerge um som em minha memória de cantor: "Tocando em frente", ao Almir Sater e Renato Teixeira [...]

[184] *Diário de Campo*, n. 2, p. 336-398 e n. 3, p. 003-064.

educação indigena CC.indd 413 26/10/2015 11:43:22

Ando devagar porque já tive pressa
E levo esse sorriso porque já chorei demais
Hoje me sinto mais forte, mais feliz, quem sabe
Eu só levo a certeza de que muito pouco eu sei
Que nada sei.
Conhecer as manhas e as manhãs
O sabor das massas e das maçãs
É preciso amor pra poder pulsar
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso chuva para florir
Penso que viver a vida seja simplesmente
Compreender a marcha e ir tocando em frente
Como um velho boiadeiro levando a boiada
Eu vou tocando os dias pela longa estrada, eu vou
Estrada eu sou
Conhecer as manhas e as manhãs
O sabor das massas e das maçãs
É preciso amor pra poder pulsar
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso chuva para florir
Todo mundo ama um dia, todo mundo chora
Um dia a gente chega, no outro vai embora
Cada um de nós compõe a sua história
E cada ser em si carrega o dom de ser capaz
De ser feliz.
Conhecer as manhas e as manhãs
O sabor das massas e das maçãs
É preciso amor pra poder pulsar
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso chuva para florir

Passada no César, para comprar filme. Chuva. *[*Descrever relação com César e os serviços que já dispus dele]. [*César e Nilton (?), que vende peixe, podem ser ótimos contatos com "não tremembés". Maricon, da barraca da praia, também].*

Chegada na Praia. Cosmo veio ao meu encontro.

educação indigena CC.indd 414 26/10/2015 11:43:22

Aulas.

Alguém grita: "Babi Fonteles chegou!"

As aulas estão acontecendo em todas as salas. Na sala mais próxima da cozinha, Neide, do Panan. Na sala do meio, Aurineide. Nesta sala em que estou agora, da frente, Raimundinha e Liduína dividiram-se em duas turmas. Do meu lado direito, do nascente, Raimundinha dá aulas para uma turma de 2ª e 3ª séries. Foi ela quem, de todos os professores, me convidou logo para entrar na sala, "apesar do atraso" que cobrou com um sorriso brincalhão e sarcástico, como costuma fazer comigo, *arengando*; no fundo, porque me quer bem, eu sinto. Ela está próxima à pequena lousa verde 1,0m x 0,8m, amarrada com cordões de punhos de rede em um dos caibros da cobertura de palha.

O barulho de um motor de helicóptero me chama à atenção mais do que aos alunos, que permaneceram aparentemente indiferentes em suas cadeiras. Que concentração! Sou eu que me levanto e vou lá fora. É um helicóptero de cor branca com azul. Raimundinha me diz que todo mês ele passa por aqui, às vezes duas, três ou mais vezes. Paira sobre a Igreja, dá uma volta sobre a região e desce rumo a Itarema. Diz que as pessoas de Almofala comentam que é Francisca Adelaide *[*Talvez porque o helicóptero não pouse, fique parado no ar, de cima, observando, fiscalizando, acompanhando.* Francisca Adelaide *não vem a Almofala há tempos, justificando sua ausência por causa das ameaças de morte, segundo afirmação dela].* Outros dizem que se trata de parentes do "finado João Jaime" *[*Assassinado, ex-prefeito de Acaraú]. [...]*

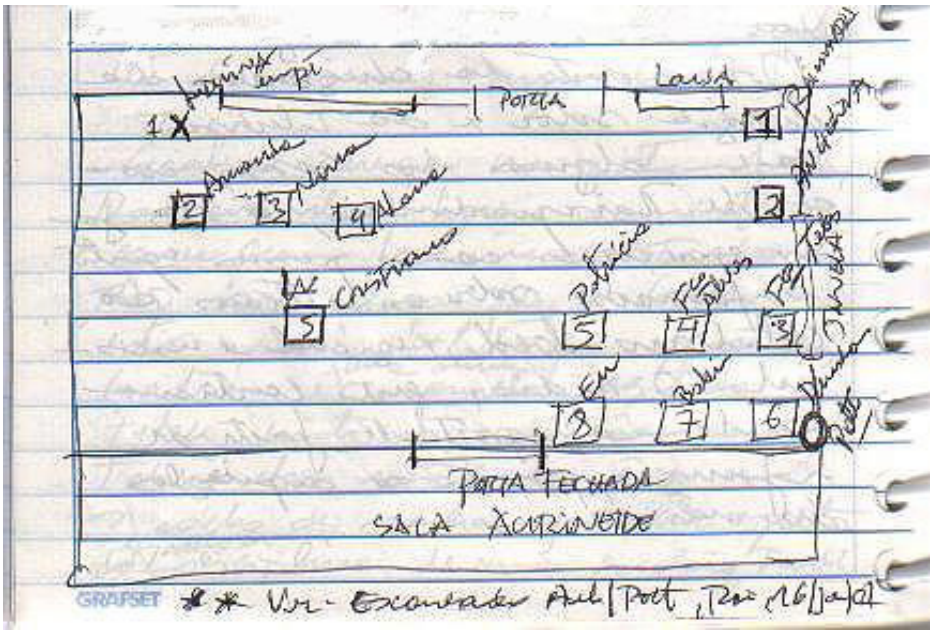
Gilsa chega na porta. Antes, Raimundinha havia comentado com Liduína: "tudo é tão silencioso, quando a Gilsa não está aqui". *[*Ao que parece, Gilsa é uma aluna inquieta, agitada. Talvez, criativa e dinâmica. Ou talvez, ela não caiba em um modelo de escola que tem muito do modelo de disciplina de uma escola tradicional pública, com alunos sentados em cadeiras enfileiradas ante o olhar do professor. O que parece uma vantagem, as turmas serem pequenas, potencializa o controle disciplinar do professor].*

Gilsa comenta o assalto ao Banco do Brasil em Acaraú, ocorrido ontem. Mesmo antes da chegada da energia solar e da televisão em algumas casas, como a de Raimundinha, eles já me apareciam como pessoas muito informadas

educação indigena CC.indd 415 26/10/2015 11:43:22

sobre as notícias do cotidiano local, regional e nacional. O rádio, que continua sendo importante fonte de informações, parecia supri-los das notícias.

Raimundinha, sentada, ditava um texto aos alunos quando cheguei. *[*Pegar o texto]*. Ela está no quinto mês de gravidez. Sua barriga está muito volumosa, projetando-se sobre as coxas, avançando sobre os seios, apertando seu vestido de chita branco com infinitas pintas marrom-escuro. Babim (Albino), Dunda, Patrícia, Francisco Alves, Francisco Teles e Angelina copiam com atenção e aparente interesse o ditado.



Posicionamento de alunos e professores em sala de aula
Escola Maria Venância/Praia, 16/01/2001 – Diário de Campo n. 02, p. 342

Agora, o exercício proposto, escrito na lousa, é: "Escreva uma história sobre um animal de sua região". Babim é o primeiro a entregar seu exercício. Ele é o informante dos nomes dos alunos, que pergunto cochichando.

Dunda pede que Raimundinha leia o que o Babim escreveu na última página do caderno. Há um bilhete que ele fez para João Filho e Liduína, e uma declaração de amor a uma possível paixão sua, de nome Valéria. (que chegou na porta e nos saudou). *[*Pegar depois]*.

educação indigena CC.indd 416 26/10/2015 11:43:22

*[*Palavrão de João Filho. Reação natural de Raimundinha].*

Tento acompanhar o que Liduína está desenvolvendo com sua turma, mas é impossível! Ela escreve bem e rápido. A sua letra é forte, definida. As linhas são firmes e harmônicas. Não parece que ela seja professora há tão pouco tempo (6/novembro/2000). Ela está descalça, pisa na terra fresca e limpa, que é o chão da sala de aula. Veste uma saia bege, um pouco acima dos joelhos, e uma camisa de malha, gola canoa, escrita "Instituto de Educação do Ceará" em cada uma das mangas. Três fitas vermelhas de 1cm, separadas igualmente 1cm, circulam a camisa um pouco abaixo dos seios, curvando-se na altura do seio esquerdo sob o emblema do Instituto. *[*Teria ela estudado no Instituto de Educação do Ceará? Será por essa razão que ela parece tão desenvolta como professora estreante?].* Um gorro de lã do Flamengo, uma gargantilha e uma pulseira de búzios, mais um anel de tucum [complementam sua singela vestimenta].

São 10h30 e na sala da Aurineide, ao lado, as crianças menores se agitam. Parece que a proximidade do horário da merenda contribui para a agitação.

Ramón, caçula provisório de Raimundinha, chora e é introduzido na sala por Aurineide. Ele caminha com seus primeiros passos de neófito do mundo dos bípedes, da nossa espécie. Seus passos lentos, mas firmes, são acompanhados de um olhar distante, para fora da porta, embora sua mãe esteja ao lado, à frente. Como se se consolasse e se alimentasse da visão do terreiro e da liberdade de locomoção, ele para de chorar.

Traz nos pés sandálias que Aurineide comentou, antes, comigo: "tem gente querendo imitar o Babi Fonteles. Essas sandálias são a tua cara!". São pequeninas sandálias de solado de borracha vulcanizada preta, com tiras de um couro sintético marrom-escuro, entrecruzadas, com uma fivela de abotoador na lateral. Um conjuntinho de bermudas *jeans* e camiseta de malha azul completam sua indumentária. Um bico de cor verde-cana é o único acessório, reforçando seu *look* de bebê.

Raimundinha e Liduína continuam passando exercícios na lousa. Raimundinha, em um ritmo mais compassado, se comparado ao *frenesi* de Liduína que, quando cheguei, dava aula de Geografia (ou Estudos Sociais) sobre planícies, planaltos, bacias hidrográficas etc. Agora, dá aulas de Matemática, propondo

educação indigena CC.indd 417 26/10/2015 11:43:22

um exercício de somar, multiplicar e dividir. Raimundinha trabalha com exercícios de formação de palavras a partir de quadrinhos de sílabas trocadas. As duas usam como subsídios didáticos livros dos quais copiam os exercícios. *[*Pegar depois os livros e os exercícios, especificamente, mais os cadernos dos alunos].*

Elizete, mãe de Dunda, chega à janela com a filha caçula Ariane, que "vai fazer 3 anos no domingo" (21/janeiro/2001). Não encontrando Dijé em casa, veio até a escola. Traz uma receita de "remédios para asma", que pede para eu ler. A letra do Doutor Zezinho me lembra um tempo em que os médicos faziam garatujas e rabiscos, talvez propositadamente, para não serem entendidos e, assim, manterem uma ilustrada distância dos outros mortais. É Dunda, que já conhecia os remédios, quem decifra os garranchos que tento, inutilmente, soletrar. Limitei-me a escrever no verso da receita, a pedido de Elizete, o nome dos remédios. Fi-lo com letras de forma. Aproveitei para destilar meu veneno contra o ilegível doutor: *tanto tempo estudando, para ter uma letra horrorosa destas! Ele devia vir tomar umas aulas de caligrafia na Escola Maria Venança*.

São 11 horas e a merenda não chegou. O novo exercício proposto por Raimundinha é:

Escreva 4 frases com cada uma dessas palavras:

feijão, panela, sol, manga e peixe.

Coloque acento agudo ou acento circunflexo:

cafe	rodape
onibus	chapeu
tamandua	transito
maquina	medico
guarana	metro
vitro	album
lampada	logico
	tenis

educação indigena CC.indd 418 26/10/2015 11:43:22

O tempo nublou, a sala escureceu e não consigo enxergar direito a lousa. Peço a Raimundinha que me leia uma palavra não entendida. Ela me diz que é 'vitro'. Pergunto se é esta palavra mesmo. Ela, ironizando, diz: "você está duvidando de uma professora Tremembé?". Mas reconhece: "é uma palavra difícil, que eu nunca vi, mas está aqui", me mostrando o livro. "Peguei esse livro velho". Liduína emenda a crítica, fazendo a mesma observação sobre seu livro.

A palavra, descubro, é vitrô. Raimundinha estranha, "vitrô?". Pergunto aos alunos se conhecem a palavra. Somente Cristiano, brincando, diz que sim, mas sem conseguir descrever o que seja. Sinto que há muito que fazer na produção da EDITE, incluindo, urgentemente, a construção de material didático e a melhor preparação anterior das aulas pelos professores, para evitar situações como esta.

A chuva desaba sobre o teto, produzindo goteiras que me obrigam a mudar minha carteira de local.

Hora da *merenda*. Aurineide serve nossa sala, entregando os pratos e colheres azuis de plástico, com carne de soja, macarrão, arroz e feijão. Sou servido depois dos alunos, antes de Raimundinha. Uma colher de aço, com um refinado cabo de plástico azul-escuro, bem como o fato de ser servido antes de Raimundinha, parece indicar que sou *visita ilustre*. Sinto falta de sal e outros sabores na comida. Mas veio em hora muito oportuna, quando a fome já chegava. Maria Gê Marques do Nascimento e Maria Claudevanda dos Santos fizeram a merenda.

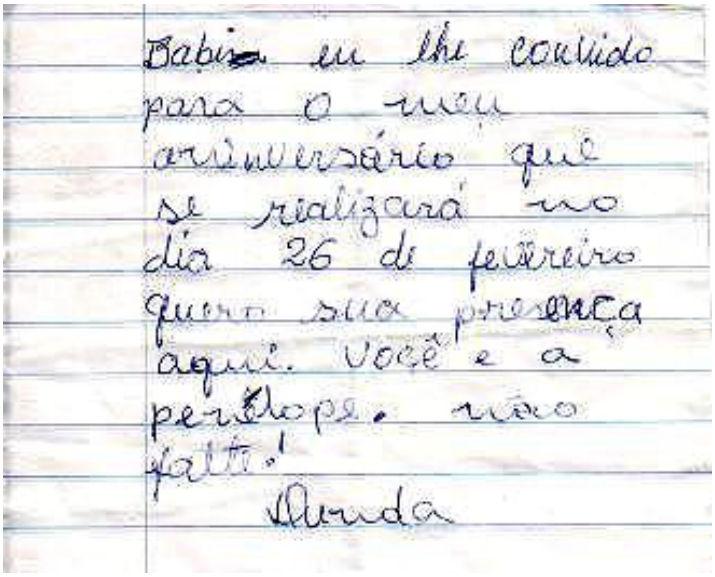
Janiel, ao me ouvir perguntando o nome das merendeiras, me sai com essa: "Janiel Marques do Nascimento nasceu amontado no rabo dum jumento".

Patrícia, Babim e outras crianças, logo após a merenda, sacam escovas, tubos de pasta, e partem para a escovação dos dentes. Raimundinha informa que [passaram a fazer isso] depois das atividades de Saúde Bucal, promovida pela Igreja Metodista.

Junto com a chuva, chegam também uns borrachudos, que parecem gostar muito do meu "sangue doce", como diz mamãe.

Dunda me deu bilhete, um convite para seu aniversário, dia 26/fevereiro:

educação indigena CC.indd 419 26/10/2015 11:43:22


Babis eu lhe convido
para o meu
aniversário que
se realizará no
dia 26 de fevereiro
quero sua presença
aqui. Você e a
penélope. não
falte!
Amanda

Ramón, de 1,3 ano, come com as próprias mãos, segurando a colher, agachado, de cócoras.

As aulas se encerram com a merenda.

Escaneamento de textos:

Raimundinha – 3ª série:

Passos, Luciana; Fonseca, Albani; Chaves, Marta. Alegria de Saber, Português, 3ª série do Primeiro Grau. São Paulo/SP, Ed. Scipione Ltda, 1992. (ISBN 85-262-1787-9)

Liduína – [4ª série]

RAMOS, Lielba M. Alves de Brito; Santos, Aldo Domingos dos. *Viva no mundo dos Estudos Sociais. 4ª série*. São Paulo/SP: Ed. do Brasil, 1992.

A ligação do meu *notebook* e o *escaneamento* dos textos usados por Raimundinha e Liduína se constituíram em evento de grande euforia para as crianças e professoras. Raimundinha comemorou a primeira vez que um computador era ligado na escola. Ela já sabia que o sistema de energia solar era propício

educação indigena CC.indd 420 26/10/2015 11:43:22

ao uso de computadores, porque guardava em sua casa o inversor de corrente, um aparelho que permite a transformação da energia solar acumulada nas baterias para 110 volts, que foi deixado pelos mesmos alemães que instalaram o sistema de energia. No invólucro do inversor há uma estampa com aparelhos que podem ser conectados: *notebook*, computador tipo PC, televisor e furadeira.

O motivo de sua exultação, como ela deixou claro, advinha da "afirmação" (termo usado por ela) do valor da energia solar, que algumas pessoas de Almofala teriam depreciado, dizendo "não valer de nada".

As crianças também sabiam do que se tratava. Pareciam ter se informado através da televisão. Fico cada vez mais admirado do quanto e de como eles conseguem acesso a informações, algumas muito técnicas!

Amanhã, como Raimundinha informou, serão suspensas as aulas em virtude da viagem a Fortaleza para o encontro de professores organizado por Francisca Adelaide, que acontecerá entre os dias 18 a 21. A antecipação da viagem se deveu à dependência da disponibilidade do micro-ônibus [da UFC], que os vem buscar aqui. [...]

[**É impossível não ficar chocado quando, ainda hoje, se sente a ingerência de* Francisca Adelaide *sobre a vida destas pessoas, e sobre a escola particularmente, a ponto das aulas serem suspensas para que eles possam participar de um encontro em que não sabem quando viajam ("pode ser que o ônibus venha amanhã", disse Raimundinha), qual o local do encontro, a programação ou pauta e onde ficarão hospedados].* [...]

Agora é 13h35. Não parei de escrever desde que cheguei. O sono do meio-dia, somado a uma noite maldormida... Além de dormir tarde, despertei cedo com o ranger do armador da rede de mamãe, que faz meia-parede com o quarto em que durmo. Ela levantou-se pelas 5 horas para rezar, como me informou.

Vou dar um cochilo.

educação indigena CC.indd 421 26/10/2015 11:43:22

Conversa com dona Maria Expedita (Geralda Maria de Andrade) artesã.

Pergunto sobre a venda de colares. Ela diz que vende pouco, agora, "às vezes, R$10,00". Antes, a *Operação Tremembé* (Francisca Adelaide) "fazia o pedido" para vender na sede da *Operação Tremembé* e nos eventos.

No começo, havia um grupo de 18 mulheres artesãs:

- Navegante (mãe da Lúcia da Pousada)
- Mª Porfíria
- Eulina (mora nos Torrões, atualmente. "Afastou-se") *[*Por quê?]*
- Luíza ("Agora, mora em Almofala. *Tavam* dentro da luta, mas foram se saindo").
- Maria do Sebastião Ferreira
- Raimundinha, filha da *dona* Mª do Sebastião
- DiJesus
- Alice ("Agora tá também morando em Almofala")
- Raimundinha Marques
- *Dona* Mª Expedita (*)
- Lindalva (*)
- Lizete (*)
- Chica (*)
- Panguita (*)
- "Hipolte" ("Saiu, foi-se embora")
- Dunda ("Também tá trabalhando agora, com a mãe, Lizete")
- *Dona* Raimunda Nenzinha, do *seu* Raimundo Grande
- Lúcia (ex-mulher do João Venança) ("No começo ela trabalhava, a cabeça foi dela")

educação indigena CC.indd 422 26/10/2015 11:43:22

[(*) = permanecem fazendo o artesanato]

"O trabalhou começou mais ou menos um ano depois que ela (Francisca Adelaide) começou a andar por aqui". Foi ela quem sugeriu à Lúcia que fizesse colares, como meio de sobrevivência. Ela passou a levar os colares e a vender. "Formou-se um grupo de mulheres que foram se animando e crescendo".

Francisca Adelaide chegou a encomendar até 50 colares por mulher. Mandava o dinheiro antecipadamente. Os valores eram de R$1,00 ou R$2,00. Ela entregava o valor exato.

Ela queria que as mulheres fizessem os colares juntas, na casa de uma delas. *dona* Mª Expedita diz que não gostava, que preferia trabalhar em sua própria casa.

Lindalva aponta um problema com as mulheres da Varjota, que trabalham com colares e anéis, conjuntamente: dividir igualmente entre todas o dinheiro. "Na Praia, não. Cada uma ganha o que produz".

Outra experiência foi com a CEART.[185] Enviaram uma vez e eles mandaram um cheque de R$249,00, do BEC-Acaraú. Chico Nezinho tinha a conta do CITA e era quem ia tirar. A conta do titular estava encerrada. Ele passou o cheque para Paulo Ribeiro, de Itarema. Ficou uns 10 dias indo lá, tentar conseguir o dinheiro, gastando transporte. Lizete fez confusão por que tinha uma parte sua. Ligou para Francisca Adelaide reclamando. A CEART, depois disso, não mandou mais buscar colar. Lindalva acha que foi Francisca Adelaide que deve ter reclamado à CEART que, por isso, deve ter suspenso. Lindalva disse que não falou com Francisca Adelaide, que nem tem seu telefone.

Dona Mª Expedita desabafa: "Ô mulher chata!".

"O que faltou nesse grupo foi se unir". (Lindalva).

"A questão é que chegava um, dizia uma coisa, outro dizia outra". (*Dona* Mª Expedita)

Pergunto se o problema, então, foi fofoca. Elas confirmam.

[185] Central Cearense de Artesanato.

educação indigena CC.indd 423 26/10/2015 11:43:22

Pergunto se elas já haviam trabalhado juntas. *dona* Mª Expedita diz "Nunca. Não queria aguentar abuso".

Pergunto se cada uma tivesse ficado no seu canto, trabalhando sozinha ou em família, se teria dado certo. *dona* Mª Expedita acredita que "talvez que sim".

A entrega dos colares era feita coletivamente ao Amâncio. Na ocasião, as mulheres avaliavam a arte uma das outras, "condenando os colares com defeito". Este era o "abuso" que algumas não queriam aguentar. Foram aquelas que se afastaram, as que não queriam aguentar abuso.

Pergunto o que seria necessário para fortalecer a venda: "no meu entendimento, se o grupo se unisse, mesmo as poucas mulheres que têm, e que tivesse um lugar seguro para vender. Para nós seria muito bom se fosse assim".

Falo da APICE, da sua constituição, do apoio ao Mutirão de Agricultores, do Iprede, do bazar organizado lá e da possibilidade de usar a estrutura do bazar do Iprede para a venda do artesanato. Informo que Rita de Cássia vai estar na próxima semana na área, que ela tem interesse em desenvolver um trabalho de combate à desnutrição por aqui e que, com certeza, apoiará a venda de artesanato. Proponho que se reúnam com Rita de Cássia sobre o assunto.

Pergunto agora o que o artesanato ajudou ou trouxe de bom.

Dona Maria Expedito diz que "prá mim foi bom; no dia que estou precisando, que chega, ajuda muito. Seria bom poder fazer uma compra em uma bodega sabendo que tal dia chega o dinheiro das vendas". "Francisca Adelaide, nos inícios, ajudou muito nós".

Lindalva: "ajuda; sendo uma coisa garantida, ajuda muito, quando chega no dia certo vinte, trinta, quarenta reais".

"Se tivesse muita saída eu não me aperriava". (*Dona* Mª Expedita)

Pergunto se, olhando pra trás, tem ajudado.

Elas confirmam.

educação indigena CC.indd 424 26/10/2015 11:43:22

Talita já faz colares. Na Lizete, menino e menina fazem colares.

Pergunto se os colares ajudam na luta.

"É, muita gente conheceu a gente e procura nós por causa dos colares".

Pergunto por que, além do "abuso", as outras mulheres, além de deixar o grupo de artesãs, saíram da área.

"Por causa da pressão, das ameaças; quando a luta apertou não queriam ser reconhecidas". (Lindalva)

Pergunto se a Escola já convidou para irem lá, dar aulas sobre a confecção de colares.

"*Ah-bom!* A gente nunca foi convocado não, porque eles [as crianças] veem a gente fazer todo o dia". (Lindalva)

Pergunto se a escola diferenciada seria um bom lugar para ensinar a confeccionar colares.

Lindalva acha que "há espaço sim; é só eles convidarem".

Pergunto se as crianças teriam interesse.

"Tem umas que sim; outras, seria por brincadeira".

Tipos de peças:[186] [...]

Coleta dos búzios:

Pinguelo escuro: "Nas maré grande é que ele sai, nas maré pequena é que ele não sai. Ficam lá, encostado naquela pedra. Fazem aqueles caminzinho, aquelas veredinha, aí a gente já sabe".

[186] Optei por omitir aqui as descrições detalhadas e as imagens *escaneadas* das peças produzidas, com visível complexidade e beleza, planejando fazê-lo posteriormente, em uma publicação sobre esta e outras instigantes produções tremembés, que pude observar durante as estadas junto a eles, em suas comunidades.

educação indigena CC.indd 425 26/10/2015 11:43:22

Pinguelo claro: "Também dão mais nas maré pequena, que vai jogando eles pra terra[187]".

Pergunto se eles são jogados e *dona* Expedita me confirma com um som gutural típico, afirmativo, curto, quase distraído, que parece não demandar reflexão: *hum-hum*. [...]

Faço uma rápida passagem pelo terreiro de *dona* Raimunda Nenzinha e *seu* Raimundo Grande, que me convidam para sentar. Agradeço e prometo que o farei em outra hora, com calma. Reafirmo que agora tenho mais tempo. Samanda está presente e, logo depois que a saúdo com um aperto de mão, ela se retira. Os adultos não costumam propiciar esta atenção toda quando saúdam as crianças. Os apertos de mão parecem estar reservados aos adultos

Tomei banho no banheiro da casa de Dijé. O tanque estava cheio, com aspecto de asseado. A iluminação foi feita com uma vela de parafina. Sinto-me, aos poucos, habituado, preparado inclusive para situações mais desafiantes.

Palavrões:

Pela manhã, João Filho veio até a sala em que me encontrava e, ao comentar sobre alguém que não consegui entender o nome, a chamou de "rapariga". A reação de Raimundinha e das crianças foi de indiferença. Eles não parecem se incomodar com este tipo de *influência* sobre as crianças.

Samyres xingou algum dos meninos de "seu baitola", em um momento de desavença pela manhã. Também não vi que fosse reprimida ou que seu ato desencadeasse reprimenda de algum adulto.

[187] Ao digitar a fala de *dona* Maria Expedita, corrigi minhas anotações, retirando o "s" que fazia o plural de substantivos, pois eles não o usam. Percebo agora que em sua linguagem ela utiliza um dispositivo muito sensato: uma vez dado o plural na preposição, no pronome ou outros conectivos ("nas", "aqueles" etc), o substantivo permanece no singular. Revela uma "economia" de língua que abre caminho para pesquisas para as quais ainda não estou instrumentalizado. Fico pensando no que isso tem a ver com a estrutura de algumas línguas indígenas. Mas o que mais instiga é uma hipótese a ser investigada: a solução que os tremembé inventaram para o problema da relação uno-múltiplo. Tenho a impressão que, na percepção deles, cada objeto e cada pessoa são uma unidade única e irrepetível.

educação indigena CC.indd 426 26/10/2015 11:43:22

Brincadeiras picantes:

Zé Raimundo cavava um buraco sob a nova puxada da cozinha reformada de Dijé, para instalar um jirau. Comentei que o buraco era profundo e ele replicou que era para enfiar um pau tremembé. Correspondi e disse que tinha de ser mesmo um pau tremembé, para ser enfiado tão fundo. Depois ele chama Dijé e Claudevanda para verificarem se o pau está na altura da *testa*. Elas vêm fazer o teste. Pergunto ao Zé Raimundo se era a testa de cima ou de baixo, ao que ele, rindo, acompanhado das duas, confirma se tratar da testa de baixo. Dijé comenta: "na minha opinião, a fraqueza desse homem é excesso daquilo". Eu confirmei que sim, pela quantidade de filhos que os tremembés costumam ter. Eles parecem muito leves quando se trata de falar assuntos picantes, com humor e sarcasmo.

As crianças estão se acostumando e se aproximando de mim, como nunca em nenhum tempo.

Ramón sorriu para mim durante a aula, de manhã. Venancinha veio à aula de tênis, meia *fru-fru* e um conjunto *requintado* para a simples ocasião da aula. Raimundinha disse que ela havia dito que "era pra ver o Babi Fonteles". É assim que todas as crianças me chamam. Ela me deu um pedaço da castanhola verde que estava comendo e falou claramente comigo, se oferecendo para ir pegar uma caneca de água para escovar meus dentes após a merenda. Nunca havia escutado sua voz. Não imaginava que ela tivesse já tanta desenvoltura de linguagem.

Joana, filha de Claudevanda, parece que me adotou hoje como pai. Primeiro, ficou o dia inteiro por perto, perguntando sobre cada coisa que via eu fazer. Depois, aconchegou seu corpinho em mim, ao que retribuí fazendo gestos de acolhida, como um pai, abraçando-a, dando atenção.

Cilene também passou a brincar comigo, desde a última vez que estive aqui. Ela se aproximou *arengando*, enfiando minha camisa por dentro da bermuda; quando me distraía, voltava, fazia a mesma coisa e corria. Hoje ela lanchou comigo e até me deixou brincar com uma bola que ela improvisou com garrafas secas plásticas, de refrigerante de dois litros, depois do jantar.

educação indigena CC.indd 427 26/10/2015 11:43:22

Durante o repouso do meio-dia, tive que avisá-los que ia dormir, para que eles se afastassem. Eles até colaboraram. Mesmo brincando, não me disturbaram em nenhum momento.

Pela primeira vez, vi João Venança com o filho [dele e Claudevanda] no colo, rindo da incapacidade da criança de fazer os movimentos que ele pedia, sendo acompanhado das risadas sonoras por Zé Raimundo. Isto foi depois do jantar, em que ele me acompanhou. Antes, ele deixou a casa de Dijé repentinamente, após dizer algo sobre Claudevanda: "Ela só *tá* cumendo por aqui por causa deche menino".[188]

Fiz o *escaneamento* de materiais do artesanato de *dona* Mª Expedita.[...]

17 de janeiro de 2001

O vento sopra intenso sobre as folhas dos coqueiros fazendo um som semelhante ao da chuva. Mas ainda não choveu neste início de dia. Aliás, o céu está até claro, como posso ver pela cumeeira descoberta do teto de palha da escola, onde estou.

São 7h20. Estou na rede amarelo-ouro, bordada finamente com linha branca, com flores como motivo. As varandas são feitas de croché[189] de linha branca e amarela, apresentando um complexo conjunto de formas: retângulos, sextetos, quadriláteros, articulados e posicionados variadamente ao longo da largura, terminando com pequenos feixes de fios de linha amarela dobrados e amarrados, formando minúsculas e inúmeras polianas.

[188] Novamente tento registrar como ouvi, corrigindo o que havia escrito no diário. Chama minha atenção as palavras "cumendo" e "deche". A primeira, que troca o "o" pelo "u", manifesta o que me aparece como uma *sensatez de linguagem*: dizer as coisas com o menor esforço. Parece ser esta a lógica, pois faz-se menos esforço, abre-se menos a boca, ao pronunciar o "u" do que o "o". A palavra "deche", que também revela menor esforço de pronúncia do que "deste", segundo a mesma lógica, vai mais longe: usa um único vocábulo para designar objetos próximos ("este") e distantes ("esse").

[189] A pronúncia dos Tremembé, que é a que também compartilho é aberta, e não fechada, como o "ê" dos sulistas.

educação indigena CC.indd 428 26/10/2015 11:43:22

Sonhei, entre outras coisas que não lembro, que perdia meu *notebook*, que o esquecia em algum lugar. Quando o encontrei, estava fora da bolsa de proteção, sob o chão do jardim de uma casa que seria a de meu pai que, no sonho, me ajudava a procurá-lo. O *notebook* estava todo arrebentado, mas funcionava. Eu ficava, então, calculando o quanto gastaria para trocar seu gabinete por um novo, considerando meus rendimentos de bolsista da FUNCAP[190].

Escovação de dentes com caneca. [...]

Tecer porta:[191]

Tecedura de palha de coqueiro para servir de parede e porta para as casas.

Enquanto registro a tecedura, Nina entoa uma canção, balançando-se na rede, uma música melodiosa, cheia de sentimento, como se mimasse a si mesma. Parecem aprender música e a cantar desse jeito. [...]

Fiz fotografias de Zé Raimundo tecendo, João filho com desenho seu, Aurineide catando Raimundinha, Janiel e Léo desenhando. [...]

*[*Depois, continuar a coleta de dados]* [...]

*[*Buscar perceber a relação 'tecnologia', 'cultura', 'ambiente' e 'vida social']*

Conversa com Aurineide e Raimundinha sobre a história da implantação da escola 'própria':

[Fiz um roteiro geral dos conteúdos da entrevista, enquanto ocorria].

Local da escola: no *salão comunitário*, próximo à casa do João Venança.

Data do início das atividades: +/- janeiro de 1991.

As motivações/razões da criação da escola:

- "Afastamento" de Almofala. [Embora se trate de uma vila, pareciam querer precaver-se das agitações da vida urbana]

[190] Fundação Cearense de Amparo à Pesquisa.

[191] Idem observações contidas na nota de rodapé relativas à produção do artesanato de *dona* Mª Expedita.

educação indigena CC.indd 429 26/10/2015 11:43:23

- As mães temiam acidentes com as crianças. [Provavelmente provocados pelas brincadeiras típicas da infância, potencializadas com a companhia de outras crianças, na escola]

Como começou:

- Os pais pagavam "um cruzeiro"/mês. Pais não podiam pagar quando eram 5 ou 6 crianças. Compravam materiais para os filhos.
- Eram, aproximadamente, 30 crianças, todos juntos, não havia divisão na sala.
- Horário das aulas: 7 às 11 horas.

Por que a escolha de Raimundinha?

- Tinha um sonho desde criança.
- Passou um tempo em Fortaleza.
- Estudou até a 4ª série.
- Já havia estudado a Alfabetização, mas não aprendeu nada, só as letras.
- Morava na Cidade 2000. Estudava no Colégio Lídia Bezerra. Era uma escola pequena.

Faixa etária dos alunos: de 1,5 anos a 17 anos.

Alunos:

1. Eleni Santos Lima (Dunda), 10 anos, filha de Maria Elizete dos Santos e Luis Rosa de Lima.
2. Fco. Jussiê dos Santos Lima, 8 anos, filho de Maria Elizete dos Santos e Luis Rosa de Lima.
3. Fco. Edigrê dos Santos Lima, 7 anos, filho de Maria Elizete dos Santos e Luis Rosa de Lima.
4. João Marques do Nascimento (João Filho), 11 anos, filho de Francisco Marques do Nascimento (João Venança) e Lúcia Ferreira do Nascimento.

educação indigena CC.indd 430 26/10/2015 11:43:23

5. Luciana Marques do Nascimento, 10 anos, [filha do João Venança e Lúcia].

6. Ângela Ferreira dos Santos ("ou de Andrade, ou uma coisa assim"), +/-7 anos, filha de Raimunda Ferreira e Eudes (não lembra o resto do sobrenome).

7. Viviane (não sabe o sobrenome porque era criada com a avó de Ângela), +/-7 anos. Criada por Maria Ferreira dos Santos, avó de Ângela, e Sebastião Ferreira dos Santos ("era violeiro, cantador")

8. Cosmo Alves Sobrinho, 6 anos, filho adotivo de Maria de Jesus Sobrinho (Dijé) e José Alves de Castro (Zé Raimundo).

9. José Alves Sobrinho (Cristiano), +/-4 anos [filho de Dijé e Zé Raimundo].

10. Gilsa Ferreira Xavier, 4 anos, filha de Inácia Ferreira dos Santos (Lindalva) e Wilson Xavier.

11. Tiago Ferreira Xavier, 3 anos [filho de Lindalva e Wilson].

12. Jakieli Carneiro Sobrinho, 3 anos, filha de Maria Eremita Carneiro Sobrinho e Raimundo (não sabe o sobrenome, chamado "Musquito").

13. Alvino Marques do Nascimento, 6 anos, [filho do João Venança e Lúcia].

14. Jussiê Carneiro ("Caju da Nega, que é mãe dele"), 4 anos, filho de Luíza Carneiro Sobrinho e Luzimar (não sabe o sobrenome).

15. Francisco (não sabe o 2º nome) Carneiro, +/-7 anos, filho de Luíza [e Luzimar].

16. Raimundo Carneiro, +/-10 anos, filho de Luíza [e Luzimar].

17. Geisimar (Geisa) Carneiro, 5 anos, filha de Luíza [e Luzimar].

18. Rodolfo Carneiro, +/-3 anos, filho de Luíza [e Luzimar].

19. Albino Marques do Nascimento [Babim], 3 anos, [filho do João Venança e Lúcia].

20. Alana Marques do Nascimento, 2 anos, [filha do João Venança e Lúcia].

educação indigena CC.indd 431 26/10/2015 11:43:23

21. Ana Patrícia dos Santos, 2 anos, filha de Maria Elenita dos Santos e José Armando dos Santos.
22. Amanda dos Santos ("Beijoca"), 3 anos, filha de Maria Elenita [dos Santos e José Armando dos Santos].
23. Nina Alves Sobrinho, +/-1,5 ano, filha de Dijé [e Zé Raimundo].
24. "Júnior" dos Santos Marques, 17 anos, filho de Maria Alice Carneiro dos Santos e Pedro Cauby Marques.
25. Michele Sabóia ("Sibita"), 4 anos, filha de Luiz Gonzaga Andrade do Nascimento e Marilene Sabóia de Brito.
26. Elias Sabóia, 2 anos, filho de Luiz Gonzaga [Andrade do Nascimento e Marilene Sabóia de Brito].

Descrição do 'salão':

- Materiais: coqueiro, palha [...]

Currículo:

- Disciplinas: Português, Matemática, *História* ("*daqui* e, depois, lá pelo meio do ano, arranjei os livros"), Desenho, Torém ("tudinho dançavam; e vestido de pena")

Materiais didáticos:

- Não tinha lousa nem giz.
- Só tinha caneta e os cadernos, "lápis, porque os pais compravam". Livro não tinha. "Havia dificuldade dos pais: além de pagar, tinham que comprar o material".

Avaliação:

- Critério de aprovação: "quando já sabia ler, emendar as palavras". "Via

educação indigena CC.indd 432 26/10/2015 11:43:23

se estavam escrevendo direitinho, se estavam escrevendo os pedaços de palavras".

- Frequência: uma vez por ano. Mas o acompanhamento era frequente.
- Solicitava ajuda dos pais, pedindo incentivo às crianças.

Tempo de duração da escola: 2 anos.

Nome da escola: *Alegria do Mar* [...]

Evasão escolar: não houve

Razões da permanência:

- As crianças tinham vontade de aprender.
- Os pais incentivavam, não deixavam as crianças ficarem 2 ou 3 dias [sem irem à escola].

Horário das aulas: Manhã

Calendário escolar:

- Havia aula todos os dias, a não ser quando Raimundinha viajava para Fortaleza para deixar colares.
- Semana de aulas: de 2ª a 6ª feira. Quando Raimundinha faltava, ela "pagava" o dia no sábado.
- Não havia férias.
- Festas comemoradas: aniversários de alunos, Dia das Mães e Dia dos Pais.
- Dia Santo: 6ª Feira Santa somente e Dia de Finados (para alguns).

Relação dos pais/mães com a escola:

- Os problemas eram contornados.
- Os pais incentivavam os alunos a irem à escola.

educação indigena CC.indd 433 26/10/2015 11:43:23

- Havia uma boa relação professora/pais.

[**Uma certa* distância *parece importante para manter o respeito entre filhos em relação aos pais, talvez para preservar a autoridade destes*].

(Continuação entrevista Raimundinha sobre história da Escola)[192]

Organização da escola:

- Professora: Raimundinha.
- João Venança funcionava como um conselheiro, "à frente de qualquer decisão"; às vezes, fazia papel de diretor.
- Finanças: pais pagavam; Raimundinha não prestava conta do que recebia.

Reuniões de pais e professores:

- Frequentemente: uma vez por mês, no fim de semana.
- Os pais chegavam a vir à sala de aula, para acompanhar os filhos.
- As reuniões eram abertas aos outros parentes e à comunidade em geral para dar opiniões. Eventualmente, havia esse tipo de participação.

Professor "ajudante":

- João Venança ia para aconselhamento das crianças. *[*Reforço disciplinar?].*
- Não havia outros que viessem dar "aulas" sobre "saberes Tremembé".

[...]

Almocei galo com arroz e pirão, na casa de Dijé. Delicioso! Tempero: tomate, cebola e *Sal Arisco*.

Fiz um breve repouso e, logo depois, *escaneei* colares e desenhos. À metade da tarde, fui visitar dona Maria Expedito, deparando-me com um evento muito inusitado: a construção de uma jangada em seu quintal, sob sua encomenda.

[192] A partir deste ponto, *Diário de Campo*, n. 3, p. 003-064.

educação indigena CC.indd 434 26/10/2015 11:43:23

Construção de uma Jangada média[193]

[...]

Informantes:

- Francisco Edinaldo dos Santos, 32, pescador, filho de Maria Navegante dos Santos e João Antônio dos Santos. *Não se identifica como Tremembé.
- João Marques do Nascimento [João Filho], 22 anos, pescador.

*[*Continuar amanhã pela manhã, se eles forem trabalhar na jangada].*

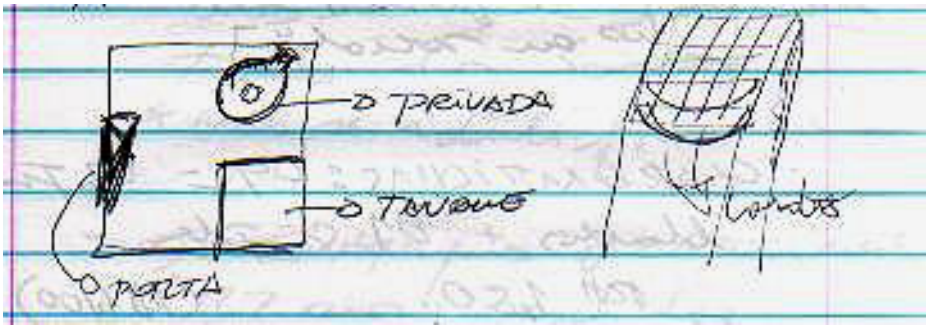
Peguei alguns colares e pulseiras com *dona* Mª *Expedito* para vender. *[*O nome de muitos deles é atribuído como nome de chamar, não registrado, em função do nome dos pais, avós ou parceiros. Isto é, eles se identificam entre si em função de suas relações de parentesco consanguíneo ou "social". Expedito, no caso, é o seu marido].* [...]

[*Comprar: lanterna, isqueiro, espelho, saboneteira, conjunto de chaves de fenda, faca ou canivete suíço*].[...]

Banheiro da casa de Dijé: kits da Funasa. *[...]*

[193] Pelas razões expostas nas notas de rodapé relativas à produção de tecedura em palha e o artesanato de *dona* Mª Expedita, optei por omitir aqui as descrições detalhadas, e que incluem uma meia centena de desenhos, da complexa produção deste artefato, desejando poder fazê-lo posteriormente, em uma publicação específica.

educação indigena CC.indd 435 26/10/2015 11:43:23



Banheiro da casa de Dijé – Diário de Campo n. 3, p. 14

Os cordões no teto servem para acolher vestimentas e toalhas usadas.

Há uma prateleira escorada na parede frontal à porta, sustentada por cordões amarrados nos caibros: um luxo que ainda não vi em outros banheiros.

Havia um rolo de papel higiênico e dois volumes de xampu "Seda Palmolive" (?).

A iluminação era feita com vela de parafina.

Uma lata de leite em pó serve de vasilha para retirar água. [...].

Agora são 21h15. Estou na casa de *Taciso*[194], como João Venança e Cosmo o chamam, conversando e tomando mocororó. Vimos à "rua" (é assim que eles chamam a parte urbanizada de Almofala), fazer umas ligações telefônicas. Eu queria também visitar João Filho e Liduína, que estão morando na "casa da rua", uma casa que foi adquirida com algum dos projetos da *Operação Tremembé*, para servir de apoio às atividades das comunidades tremembés.

Lembrei que em uma das vezes em que estive na casa de Tarciso, ele olhou para o céu, que estava nublado e usou uma categoria que achei muito bela: "O tempo está assim, meio *arrependido*, mas não chora".

[194] A eliminação do "r" antes do "c" e do "i" antes do "o" (Tarcísio) manifesta, a meu ver, a mesma lógica de praticidade da linguagem: menor esforço, mais fluidez.

educação indigena CC.indd 436 26/10/2015 11:43:23

Conversamos um pouco sobre a proposta de João Venança de fazer uma viagem do grupo do mutirão de agricultores da Praia[195] até Fortaleza, com alguns objetivos: 1)Fazer uma reunião com a APICE; 2)Fazer uma festa na casa de Regina e Daniel; 3)Fazer uma reunião com os Pitaguary que estão no Mutirão;

Falei sobre a possibilidade de comercializar produtos agropecuários Tremembé no bazar do Iprede, bem como outros produtos, como o artesanato, cds etc. Informei-lhes sobre a experiência do *Comercio Equo-Solidale*, na Itália. Opinei que considero importante fortalecer as iniciativas que podem ampliar a autonomia econômica dos Tremembé, como a agricultura, a pesca, o artesanato e a *produção artístico-cultural*.

Companhia de Cosmo na dormida, na escola.

A sala em que durmo tem o teto e as paredes de palhas de coqueiro; os caibros são de 'mangue manso' e as linhas são de 'madeira do Piauí', 'piqui'[196], segundo Cosmo.

Ele me pede para perguntar, que ele responde. Parece me identificar com este trabalho de escrevinhar sobre suas vidas e as condições que os cercam.

Ele conversa sobre um velho tema: suas aventuras amorosas. Dessa vez, sobre suas *relações* com a doutora Dijé, da Secretaria de Saúde, responsável pela prevenção e combate às DST/Aids.

As forquilhas da sala são de sabiá. O tamanho da sala é aproximadamente 4,5m, na parede da janela, por 7,0m de largura.

Cosmo me contou, no primeiro dia que cheguei, quando tentei armar a rede para fazer a sesta do meio-dia, que duas pessoas não devem armar uma rede

[195] O grupo era formado por uns 9 homens e 2 mulheres que realizavam tarefas coletivas de plantio, limpeza de roçado, conserto de cercas e construção de casas de taipa, entre outras atividades, além de se constituir eventualmente em uma pequena *milícia*, quando necessário, como ocorreu por ocasião da derrubada da cerca que a facção de Pedro Teixeira levantou uma cerca para isolar seu Raimundo Salu do restante da comunidade, no Capim-Açu.

[196] Novamente a pronúncia me chama atenção. A troca do "e" pelo "i" repete a lógica do menor esforço: o "i" demanda menor abertura da boca.

educação indigena CC.indd 437 26/10/2015 11:43:23

juntas, "que é pra defunto". Se forem duas pessoas, uma delas tem que esperar a outra armar um punho primeiro, para depois a outra armar o seu punho.

18 de janeiro de 2001

Programa do dia. Algumas possibilidades:

- Confecção da jangada (continuação da coleta de dados)
- História inicial da escola
- Pesquisar relatórios e desenhos de Aurineide
- *Escaneamento* de fotos de Raimundinha
- Confecção de redes (continuação da coleta com João Venança)

Eles acordam cedo, para o meu costume, em torno das 6 horas, 6h30. Aos poucos, eu, que gosto de acordar depois das 7 horas, vou-me adaptando.

Ainda na rede, Cosmo, que dormiu na mesma sala da escola, e me saúda perguntando se dormi bem. Depois, admira que eu escreva tão rápido. Diz que é muito ruim olhar para o caderno que escrevo e não entender nada. Perguntei por que ele não vai mais à escola e ele disse que é porque vai pescar. De fato, eles costumam passar até 23 dias embarcados. Ele me informa que Liduína pretende dar aulas à noite e que, assim, ele vai voltar a estudar.

Escuto o som do rádio que vem da casa de Dijé, misturado ao som das folhas de coqueiro que a brisa suave dessa manhã de quinta-feira provoca, quando passa roçando. A voz é de um pastor ou padre fazendo uma prédica contra o espiritismo e a macumba. Depois, quando fui na cozinha de Dijé pegar uma caneca d'água para escovar os dentes, ouvi que era uma rádio de Itarema.

Ontem, quando cheguei da visita ao Taciso, Zé Raimundo escutava futebol. O rádio parece mesmo ser o principal instrumento de informação.

Raimundinha me confirma que o rádio é mesmo a principal fonte de informação deles. Ela diz que "o pessoal daqui escuta mais a Rádio Verdes

educação indigena CC.indd 438 26/10/2015 11:43:23

Mares, de Fortaleza; os jovens gosta de escutar as rádio daqui, por causa das músicas, músicas de apaixonado".

Ontem, quando chegamos na casa de Dijé, ela havia preparado uma macarronada de forno com o resto da carne do galo do almoço, desfiada, ovos e verduras (tomate e pimentão), acomodada num sofisticado *pirex*. Mais uma regalia para mim, de fora, pesquisador, além de seu amigo?

Continuação coleta jangada.[197]

[...]

Funções:

- Mestre (carpinteiro)
- Auxiliares: Edinaldo, João Filho, Fco. Heleno de Sousa (Noé), 14 anos, Bonifácio Carneiro Sobrinho, 22 anos.

[...]

*[*Os ajustes finais de cada peça são feitos com a enxó, que é um instrumento fundamental nesta construção. Ele parece ser o instrumento que traduz a capacidade de ser maleável, flexível, de adaptação dessa gente. Tem-se uma ideia, mas não se sabe o resultado final. Sempre precisa de um toque particular, que foge das medidas, dos cálculos, e que dá a um objeto como esse, a justa denominação de Arte].* [...]

Babi Tremembé chegou entre nós e me pede para dar carona para o filho, quando eu voltar para Fortaleza. Diz que tem sentido uma "tristeza", problemas no coração. Talvez seja a menopausa. Em uma brevíssima conversa sobre sua saúde sexual, me revela que, quando menstruadas, as mulheres tremembés não passam no Salgado; por isso não foi a um encontro na Varjota.

[...]

Enquanto Luís prepara o Banco-de-Mastro com a enxó, Eduardo, com o machado, prepara o pau da Carninga. João Filho afina, com um facão, o

[197] Conferir nota de rodapé anterior explicitando as razões da omissão aqui dos dados detalhados coletados.

educação indigena CC.indd 439 26/10/2015 11:43:23

calçador da lateral esquerda. Vi também que Edinaldo fez os orifícios do Banco-de-popa com a goiva. Cada um deles domina vários serviços!

Observei que João Venança domina os vários ofícios relativos à sua vida: confecção de redes, da casa, de barco. Cada um destes ofícios guarda saberes e habilidades inúmeras!

*[*De que maneira a escola está levando em consideração esta 'multidisciplinaridade' própria da educação destas pessoas?]*

[...]

João Filho foi meu informante desde as 14 horas, quando Luís se foi. Enquanto pintava a jangada, ele me dava as informações com propriedade e conhecimento.

Aprendi com ele a fazer a *costura* da corda. [...]

Zé Raimundo me ensinou a fazer alguns tipos de nós: Cabeça-de-gato; Nó-de-rosa; Costura final; Laço; Boca-de-lobo; Orelha-de-coelho. Infelizmente, por limite de talento para o desenho, não dá para desenhar aqui. [...]

Lembrei de Edinaldo, que me falou de uma dor que sente na perna direita. Ele foi ao *doutor* Zezinho que, sem fazer exames, concluiu, como ele me disse, que "não tem jeito não". Prometi a ele que iria conversar com uma amiga médica que trabalha em Sobral e que, talvez, fosse possível ele se tratar por lá. Disse-lhe que, mesmo não sendo médico, eu não concordava com o "diagnóstico" do doutor Zezinho.

Enquanto tomava banho, escutava Zé Vicente ao longe, no toca-fitas da casa de Dijé. Reconheci serem as música do último cd, "Nativo". Minha amiga e comadre Eliane Brasileiro e Zé Vicente dividiam as vozes de uma canção que ele fez para uma irmã sua. Na música seguinte, ele fala dos Tremembé e do mar de Almofala. A melodia me aparece como um lamento, o ritmo ficou muito próximo de uma guarânia e a letra, às vezes, tem um tom de denúncia. Mas durante a Bienal do ano passado, em que eles ganharam um cd ou uma fita cassete com a música, Raimundinha me comentou, com alegria e lisonja, a "homenagem que o Zé Vicente fez aos Tremembé".

Comento sobre a participação de Eliane Brasileiro e Dijé diz que ela tem uma voz linda. Emenda dizendo que, "aqui em casa, Zé Vicente tem muitos

educação indigena CC.indd 440 26/10/2015 11:43:23

fãs", apontando para Cosmo, Cristiano e as outras crianças que estão próximas ao toca-fitas.

Zé Raimundo está ao pé do fogão à lenha, fritando ao óleo o peixe do jantar: pelombetas e biquaras.

Depois, Léo, que veio me encontrar aqui, na sala da escola, onde organizava meus apetrechos após o banho, me contou que já havia "botado o neném pra dormir". Ele cuida de Ramón, por ser o filho mais velho de Raimundinha.

Há uma maleabilidade profunda nos papéis masculinos, que somente aos poucos vou percebendo. O que em outros locais poderia ser um papel exclusivo de meninas, cuidar do neném, aqui é, circunstancialmente, exercido por um menino. Observei certa vez Zé Raimundo desembaraçando e penteando o cabelo de Cilene. Hoje, pela manhã, quando Dijé havia saído para o trabalho de cadastramento de algumas famílias (pois ela é agente de saúde), era Zé Raimundo quem estava varrendo o terreiro da casa, com a ajuda de Cosmo.

Cosmo reanima o fogo da cozinha de Dijé, para fritar na brasa um espeto de xilas e biquaras. O fogo ganha fôlego novo e avança em direção ao teto. Parece um milagre que tudo não se consuma no fogo, pois todos os materiais que o cercam são altamente combustíveis. Apenas o flandre desfolhado de duas latas de querosene servem de anteparo à parede frontal, protegendo-a do incêndio iminente.

27 de janeiro de 2001[198]

Encontro de Professores Tremembé e do Município de Itarema

Praia de Almofala. Terreiro da Escola Maria Venância. 11h30.

João Venança faz a abertura do encontro:

- Acolhe os presentes ao "pátio da Escola Diferenciada".

[198] *Diário de Campo*, n. 3, p. 66-83.

educação indigena CC.indd 441 26/10/2015 11:43:23

- Apresenta-se como Cacique do Aldeamento; fala de seu trabalho de "articulação com os 10 povos indígenas".
- Diz que espera que as conversas possam [aproximar professores das duas modalidades de educação e esclarecer questões referentes à escola indígena]

Apresentação dos presentes:

- Clésio: CJP[199];
- Célia: CJP;
- Liduína: professora 4ª série, Escola Maria Venância;
- Maria Aldenora dos Santos, tremembé do Panan;
- Raimundinha: "diretora, filha do cacique, professora";
- Socorro: CJP, "professora, liderança, secretária Conselho local de Saúde Indígena e Conselho Municipal [?]";
- Clélia: CJP (filha de Socorro);
- Fco. Pereira: CJP (esposo de Socorro) [Tico];
- Nardo: CJP (filho de Socorro);
- Vilmaci: CJP;
- Zé Livino: CITA (Fiscal), "sou Tremembé";
- Maria Lídia: liderança Tremembé, Panã, membro do CITA e do Cons. Saúde;
- Eva Mª Alves de Lisboa (Babi): liderança, do Panã;
- Rita de Cássia Alves: professora. Em Mangue Alto;
- Rosângela: Mangue Alto, Professora;

[199] Córrego do João Pereira.

educação indigena CC.indd 442 26/10/2015 11:43:23

- Aurineide: professora de Alfabetização;
- Neide: "apesar do preconceito, sou Tremembé"; "não importa a cor, sou Tremembé" [justifica sua tez muito alva, olhos e cabelos claros, fugindo do estereótipo tradicional do indígena];
- Zé Valdir: prof. Jovens e Adultos; "sou coordenador geral do aldeamento todinho";
- Júnior: CJP, "pretendo ser professor";
- Maria Zilmar de Oliveira: CJP;
- Mª Cordeiro Braga: CJP;
- Gilsa; Samanda;
- Amâncio: missionário da Operação Tremembé; "já fez 10 anos que a gente está aqui"; "antes, a gente trabalhava com os Potiguara, da Paraíba"; "trabalho também com os Kanindé de Aratuba";
- Rita de Cássia [Iprede];
- Lúcio Marques: de Córrego da Volta; veio "para conhecer melhor os índios e a cultura";
- Iraneide: professora, "me considero ainda aluna do Babi, porque estou aprendendo com ele; me emocionei com a escola, porque os alunos guardam o que produzem; vim para conhecer melhor a cultura de Almofala";
- Helena: professora do município; "estou muita satisfeita";
- Humberto: "sou daqui mesmo, mas, apesar disso, nunca tinha vindo aqui para conhecer melhor a realidade daqui, a nossa cultura";
- Sales: "me sinto de casa, já estive aqui outras vezes. Fiquei muito alegre, porque aqui vi muita cultura: as crianças gostam, guardam e expõem seus trabalhos, como algo que significa muito para eles. Trabalhei com o filho da Babi e sentia dificuldade de trabalhar a cultura. Vim buscar a interação aqui, para aprender algo novo";

educação indigena CC.indd 443 26/10/2015 11:43:23

- Patrícia: [de Itarema] nunca esteve aqui, em Almofala;
- Demerval: veio em visita; já sabia da comunidade Tremembé; "estou satisfeito porque vi que isso aqui existe, não só de jornal, e merece ser reforçado, apoiado";
- Karla: de Pernambuco; só veio a descobrir os índios do Nordeste depois que veio da Amazônia; trabalha com Educação Escolar Indígena, mas "a escola é junta da luta e reforça a luta, como disse uma liderança";

Zé Valdir fala que sua intenção era que estivessem mais professores da Tapera e Varjota. Diz que "este se encontro se deu a partir das aulas que o Babi deu em Itarema e as aulas que o Fernando fazia por lá"; fala que, depois do almoço, tem três vídeos e cartilha e outras publicações para os convidados "interagirem";

[**Os sinais diacríticos dos Tremembé se reduzem a colares. Zé Valdir fala da diferença dos costumes. Acho interessante que se possa fortalecer a perspectiva política da diferença e da "identidade".*]

Amâncio pede que os professores municipais expressem suas impressões quanto ao convite.

Lúcio fala que, desde que eu fiz o convite, ele disse a si mesmo que viria, independentemente do transporte. "Quem quis vir, veio".

Sales acha que deveria haver um dia marcado, pela Secretaria de Educação do Município, para trocar experiências entre professores tremembés e municipais, "porque os professores municipais têm que trabalhar a cultura indígena". Propõe que seja bimensal. "Que este não seja só o primeiro encontro".

Iraneide diz que "ficou espantada quando o recebi o convite, até comigo mesma; porque as pessoas falam. Nós não conhecemos a realidade de Almofala. Quero passar os conhecimentos para o futuro".

Música de Diana *[*copiar o resto depois!]*

Sentada naquela areia
Mexendo pra lá e pra cá

educação indigena CC.indd 444 26/10/2015 11:43:24

É nossa cultura
Não posso deixar [...]

Chegaram às 12h30, da Tapera e Varjota: Ivonete; Cristina; Neta; Janete; Fernando; Calisto; Dadinha; Navegante; Evandro. Atraso por causa de pneus estourados do carro.

Assistimos e comentamos o vídeo As Caravelas Passam [que discute as noções da população não indígena sobre os índios de hoje]:

Sales ressalta o trabalho escolar da própria cultura; por exemplo, com os animais. Na escola convencional, trabalha-se os animais de fora. Acha importante a interdisciplinaridade dos professores indígenas, que trabalham animais *de fora* e *de dentro*.

Lúcio: sobre a história do soterramento da Igreja, observa que os próprios sujeitos que participaram da história falam sobre o assunto.

Iraneide: "Na escola municipal se trabalha muito o *tradicionalismo*". "Quanto ao vídeo, se eu continuar a lecionar, eu vou trabalhar muito isso, a cultura própria do grupo".

Lúcio acha que a proximidade cria problemas para trabalhar a questão indígena. Diz que lá na sua comunidade ele trabalha as músicas e "o pessoal dança numa boa".

Iraneide continua a analisar que há reações dos pais: "dizem que os professores estão ensinando os alunos a serem índios e a lutarem pela terra".

Sales chama a atenção sobre a ausência de atividades do Dia do Índio. "Na escola convencional, o professor bloqueia. Aqui, o professor incentiva".

Iraneide diz que, com minhas aulas, comemorou o Dia do Índio, confeccionou flechas e outros adereços.

Karla analisa a reação dos que não têm sensibilidade à questão indígena. "O vídeo é um espelho. Há pessoas que negam".

Almoçamos peixe assado, moqueca de arraia, macarrão, feijão, arroz, farofa, suco de abacaxi e guaraná. *[*Ocorreu-me de pesquisar e descrever a preparação de algumas comidas, como o grolado, o bolo de coco de Dijé, o Manfuê etc].*

educação indigena CC.indd 445 26/10/2015 11:43:24

Fizemos, espontaneamente, um momento musical. Toquei o violão. A roda se formou em torno de mim. Eles têm uma sensibilidade especial à música. São uma plateia muito atenta, que manifesta profundo envolvimento comigo, quando canto e toco. Me chama a atenção, sobretudo, a concentração das crianças. Pedro Henrique, de 3 anos, filho de Clélia, do CJP, aproximou-se, estava com os olhos fixos, totalmente atento a mim.

Fez-se a apresentação do "Torém das crianças". Cosmo é quem puxa. Ele incorpora uma *solenidade* particular, que me recorda a postura caracterizada de um *cacique*. Eles cantam as canções seguindo o mesmo roteiro do torém dos adultos, inclusive na hora da dança do *guaxuré*. Alana e Babim fazem os *guaxuré*, no centro da roda.

Assistimos e debatemos outro vídeo, *Conferência 500 Anos* [sobre os fatos ocorridos em abril de 2000, no encontro dos povos indígenas de todo o Brasil em Coroa Vermelha/Porto Seguro/BA]

[**João Venança está nu da cintura para cima, sem usar seus colares indígenas. Parece muito confortável sem os investimentos diacríticos da identidade indígena. O reconhecimento por parte dos professores municipais é evidente e consensual. Parece que se está vivendo um tempo novo, que chegou com brevidade, na compreensão da identidade indígena*].

O debate sobre o vídeo continua com reflexões mais livres e encaminhamentos acerca do fortalecimento da articulação iniciada hoje, neste encontro:

Fernando convoca os professores municipais a participarem da Semana Pedagógica, que discutirá o currículo para este ano. Solicita que intervenham quanto à questão indígena.

Socorro critica a ex-secretária de educação, que "discriminou a escola do Córrego do João Pereira" *[*Teria se negado a reconhecê-la como diferenciada? Ou simplesmente não teria apoiado com material didático e merenda?]*

Intervenho dizendo que a conquista do reconhecimento é uma luta dos índios. Os aliados até podem ajudar. Mas é o próprio índio que conquista. Falo do novo momento que este encontro indica: há grupos/segmentos da sociedade de Itarema que também não querem o modelo implantado e se

educação indigena CC.indd 446 26/10/2015 11:43:24

reelaboram, como estes professores que estão aqui, alguns tendo sido perseguidos e demitidos pelo atual prefeito.

Falei que o momento é para a percepção desses segmentos e para costurar alianças, porque os índios, sozinhos, não vão conseguir mudar tudo. Antes, tinha falado da conversas com os professores sobre o fortalecimento do movimento de professores, da criação de um sindicato ou associação de professores municipais.

Liduína coloca um questionamento, a partir da provocação de alguém de Almofala, que só reconheceria os índios Tremembé se andassem nus, como na novela *Uga-Uga* da Rede Globo.

João Venança fala da revista *Playboy*, argumentando que só tem atrizes nuas, e que não são índias. Portanto, não é a nudez que faz uma pessoa ser índio.

5 a 9 de fevereiro de 2001[200]

5 de fevereiro de 2001, 18h48

Continuação da entrevista com Raimundinha sobre a genealogia da EDITE.[201]

Professores visitantes (continuação):

Presença de outras pessoas a partir do ensaio do torém com as crianças. Primeira vez: [aniversário de] 1 (um) ano do "Grupo de Colares" [artesãs].

Questionamento de Francisca Adelaide sobre a "festa dançante". Raimundinha se dá conta do torém; Francisca Adelaide sugere que fizessem a dança, antes que acabasse.

[200] *Diário de Campo*, n. 3, p. 86-199.

[201] O conceito de *genealogia*, afinado com as perspectivas de Nietzsche e Foucault, é central nas minhas narrativas históricas, como demonstrei no 1º Capítulo. Uso-o aqui para explicitar que o relato sobre a EDITE é uma *narrativa* sem pretensão de *verdade*. Trata-se, antes, de um *fio* condutor, que *pluga* com a *criação de um sentido*, às vezes *estético*, sobre as coisas tematizadas.

educação indigena CC.indd 447 26/10/2015 11:43:24

Raimundinha consulta João Venança; Dijé, *dona* Mª Quitéria e *dona* Mª Venança (ainda viva) ajudaram.

Dia: 10 de dezembro de (1992?); mães ajudaram a fazer os "chapéus" (cocares).

Prêmio de incentivo às crianças que dançassem melhor: uma quantia em dinheiro, cotizada pelas mães.

Depois daí, ficou instituído um grupo de crianças da Praia dançando o torém.

Não se constituiu uma disciplina formal, com horário formal, mas era dançado nas festas e a qualquer momento.

Outros saberes da comunidade ensinados na escola:

História [recente, desde os tempos da Lagoa Seca].

Raimundinha escutava e passava para eles.

Decadência da escola:

Pais sem condição de pagar Raimundinha. Ela se ofereceu para dar aulas e receber quando eles tivessem dinheiro. Eles reconhecem que "não era uma boa" para ela.

Parou no meio do ano. (Era "época da política". Época da candidatura a prefeito do Zé Maria Monteiro, empresário local do ramo da pesca e agricultura). *[1993?]*

[Doação oferecida pelo candidato Zé Maria Monteiro:] Pagamento Cr$40,00 (+- o valor de R$40,00) + material didático para todas as crianças. "Funcionou uns 3 meses assim".

Mudança do local: não mais nas casas. João Venança não tinha tempo, viajava muito. Não queria deixar outra pessoa reformar o salão.

[Raimundinha] Considera um erro não ter registrado. Não pode mostrar aos alunos o que já ensinou a eles no começo. Hoje, estão registrando.

O porquê da falta de condições dos pais: falta da pesca.

Condições atuais: considera que são melhores: buscam apoio. Sabem superar.

educação indigena CC.indd 448 26/10/2015 11:43:24

Aprenderam a enfrentar juntos. "Antes, não tinha força".

A experiência de ter sido mantida pelo político Zé Mª Monteiro: sofreu muito: mais de 20 viagens aos Torrões [onde ele mora]. Não se sentia bem esperando ser atendida. Acabou desistindo.

Pais achavam bom que os filhos tivessem material didático doado pelo Zé Mª Monteiro e a professora paga.

Durante três meses não recebeu nada do Zé Mª Monteiro. Só na 1ª vez, no início, antes das eleições.

Os pais apoiaram parar a escola, por falta do cumprimento da promessa do Zé Mª Monteiro.

Raimundinha sabia que não ia ser contratada, "porque não tinha *nível*". Havia promessa de construção de uma escola.

Raimundinha passou a fazer colar e secretariar o grupo de mulheres do artesanato.

Dijé tentou pagar professora particular. Trabalhou de "botar água"[202] nas casas de Almofala.

Retomada da escola: depois do nascimento da filha Marrom [Saniele], que vai fazer 5 anos; +/-1996-97.

Outros atores de fora não ajudaram, não tiveram iniciativa de ajudar, nem foram solicitados para tal.

Karla: trabalho inicial com a escolarização de adultos.

Silvana veio depois. Após conversa de João Venança com Nivaldo, pastor da Igreja. Presbiteriana.

Antes, alguns alunos estudavam na escola pública.

[202] Em muitas cidades e vilas do interior do Ceará, onde não existe sistema de abastecimento de água, a profissão de vender água em carroças, pipas e em latas, ou vender a força de trabalho (levar água até a casa), é meio de sobrevivência de muitas pessoas.

educação indigena CC.indd 449 26/10/2015 11:43:24

Karla chegou através da *Operação Tremembé*. Lideranças se sensibilizaram "depois da minha conversa, muito debate" com a *Operação*.

Não entende por que Francisca Adelaide não apoiou a escola nos anos em que esteve parada.

Karla recebe apoio, tutela, custódia de Francisca Adelaide. Silvana não, porque não se submeteu ao controle.

A única comunidade a apoiar Silvana foi a Praia. Varjota, Panã e outras não aceitavam, "porque Francisca Adelaide estava à frente".

No início, Karla e Silvana estavam distantes.

"Tem momentos que gente tem que ter *autonomia*. A gente só aprendeu isso com muita luta, com muito sufoco".

Trabalho de Karla: formação de professoras; Silvana, com as crianças de 2ª e 3ª séries; Raimundinha ensinava a 1ª série.

Karla ensinava "História dos antepassados", "Resgate", "História dos mais velhos". Sistematizava o resultado das pesquisas realizadas pelas professoras.

Silvana ensinava Português/Matemática. De vez em quando, palestras proferidas por adultos.

Silvana e Karla nunca trabalharam juntas, por causa de Francisca Adelaide.

Karla continua ajudando, "divulgando lá fora; isso é muito importante pra gente". "Recebe [reconhecimento e apoio] também pra gente".

Retomada da escola:

Karla reanima o trabalho de Raimundinha.

Chega em +/- 1996-97. Esperava que fosse dar aulas para adultos, mas ela revelou que ia dar aulas para professores indígenas.

Critérios de escolha de professores foram definidos por Karla, abalizados pelas lideranças e Francisca Adelaide.

Karla chegou durante a gravidez de Marrom (que nasceu em setembro de 1996). Reuniões na Varjota, Panã. (+/-agosto de 1996).

educação indigena CC.indd 450 26/10/2015 11:43:24

Silvana chegou 13 dias após o nascimento de Marrom (que nasceu em 14/ setembro).

Após o resguardo, +/-16/outubro, Raimundinha recomeça a dar aulas.

Silvana dá o impulso para reorganizar as turmas de aula. Local: sala da casa do João Venança. Dificuldades materiais. Raimundinha dava aulas na cozinha. Problemas: presença de outras pessoas de fora. Depois, passaram a dar aulas na casa de Antônio (casado com Aurineide, na época).

Três dias após o início das aulas, conseguiram 40 carteiras junto à Prefeitura. [...]

Turmas: Raimunda: 1ª série; Silvana: 2ª e 3ª séries.

Samanda passou a dar aulas +/- 1 mês depois: turma de Pré-Escolar e Alfabetização. Ficou uns 3 meses. Por ter que estudar, deixou a escola.

Juliana, sobrinha de Zé Raimundo, assume no lugar de Samanda, +/- 4 a 5 meses. Parou porque não quis mais: Silvana achava que ela não estava "atendendo bem os meninos, não queria mais brincar com os meninos".

Ficou parada um mês (durante o resguardo de Venancinha): "Nossas férias, por necessidade".

Raimundinha tentou juntar as 2 turmas. Dificuldade: não saber o que dar direito, se atendia os pequenos ou os maiores.

[**João Venança chegou, mantém-se à distância, embora eu o tenha convidado a aproximar-se. Ele permanece em absoluto silêncio, como se manifestando compreensão completa de que estou entrevistando Raimundinha*]

Aurineide assume turma dos pequenos, +/- um mês após o resguardo, no início de abril.

Mas a chegada de Aurineide e Antônio implicava no desalojamento [da escola].

A casa da mãe de Zé Raimundo, que havia ido morar em Itarema, se tornou sede da escola.

Mudança em abril/97.

educação indigena CC.indd 451 26/10/2015 11:43:24

Disciplinas: 2ª e 3ª séries: Matemática, Português, História; não era de usar muito livro; Matemática incluía as histórias dos Tremembé.

"O sonho era ter uma escola diferenciada. Ainda não está feita. Estamos caminhando".

Presença do João Venança contando as histórias.

Material didático: faltava. Muita dificuldade. A Igreja [Presbiteriana] de Maringá mandava para Silvana. Depois, ajuda da Prefeitura, do Didi, secretário [de educação].

[**Marrom dorme serena e confortavelmente no chão, ao lado de Raimunda, que veste uma blusa estampada verde e um short cor de vinho*].

Hoje não precisam mais da Prefeitura de Itarema.

João Venança chegou a ir a reuniões a Fortaleza, buscando apoio para a escola.

A escola passa a se chamar Escola Indígena Diferenciada Maria Venância a partir de abril /97, em homenagem a Maria Venança (avó) [que é a Maria Quitéria, falecida em 15/fev/2000].

Organização: "no início não havia diretor, não havia essa palavra". As decisões eram sempre tomadas pela comunidade. Agora, o diretor é o cacique. A vice-diretora é Raimundinha

Remuneração: Diretor não ganha nada.

Autonomia em relação à Seduc: decisões tomadas por João Venança, Dijé e Raimundinha, independentes da Seduc.

[Disciplinas; continuação:]

1ª série (Raimundinha): História; Torém; Música de Torém. A partir disso, entrava Português e Matemática.

Pré-Escola e Alfabetização (Aurineide): Cores; Desenho, Pintura; Torém: dança e canto.

educação indigena CC.indd 452 26/10/2015 11:43:24

Apoio da *Operação Tremembé* com material didático para professores em formação.

Ruptura entre Francisca Adelaide e Karla: não houve repercussões negativas.

Recursos:

Prefeitura de Itarema; Silvana intermedeia negociação entre João Venança/ Comunidade e Secretário de Educação, Didi. (Ela morava no prédio do professor Matos, que era engajado na Prefeitura).

Saída do Didi e entrada de Mazé: novas dificuldades.

Remuneração de professores: Igreja Presbiteriana [de Maringá]; Raimundinha: R$60,00 [por mês]; Silvana (não sabia quanto recebia); Aurineide: recebeu por 2 vezes R$60,00 no ano passado, antes do Convênio com a Seduc. A Igreja Metodista, de Karla, chegou a fazer um projeto para apoiar a escola com recursos financeiros.

Após o Convênio, a ajuda da Igreja foi suspensa.

A Igreja. Presbiteriana (pastor Nivaldo) havia decidido que o dinheiro seria repassado para o cacique, mas até agora não aconteceu. Esperam a sua vinda.

Reconhecimento da Seduc:

- "Mudou e não mudou: mudou por uma parte, porque a gente passou a receber; não mudou porque a gente passa 3 meses sem receber".
- Professores agora se reúnem a cada mês, mas não foi imposição da Seduc.
- "*Peste* do Relatório".
- Disciplinas: não mudaram.
- Recursos materiais: CREDE/Acaraú já dotou 2 vezes a escola com R$600,00 para material didático e material de reforma.
- Material didático: farto.
- Administração: não mudou.

educação indigena CC.indd 453 26/10/2015 11:43:24

- Avaliação dos alunos: mudou um pouco: acompanham o dia a dia das salas de aula, porque estão mais juntos.

Ausência dos alunos nas escolas (que causa reprovação): "crianças levadas"; mães que "não estão nem aí"; crianças não conseguem acompanhar após um mês de faltas.

[**Nina, Alana, Cilene e outras crianças fazem um círculo em torno de João Venança e todos, em silêncio, veem fotos do álbum de Raimundinha*].

Raimundinha acha que a facilidade de recursos materiais causa desinteresse.

[Pergunto] Como a Seduc passou a reconhecer a escola?

Raimundinha, ora acha que sabe, ora acha que não sabe.

Fala do das cartas enviadas por Francisca Adelaide.

[Pergunto] O que não está legal com a Seduc:

"Impõem e desaparecem" (cita o problema da negociação do terreno para a construção do novo prédio da escola da Praia). Diz que já perderam 3 projetos [de construção da sede da escola].

[Conversa sobre o problema da ausência dos alunos, da falta de apoio dos pais].

Finalizando a história da Escola:

Afastamento de Silvana: doença de Valter e gravidez [dela]; há +/-1 ano e 6 meses.

Embora não estivesse em sala de aula, mantinha relação.

Vinda de Neide (do Panã):

Viajava muito; pais retiraram filhos das aulas dela.

[**Enquanto conversávamos, Dijé trouxe um prato cheio de bolo de coco. Maravilhoso! Deliciosíssimo! Uma iguaria dos deuses! Tudo o que ela faz para comer é, simplesmente, único*].

educação indigena CC.indd 454 26/10/2015 11:43:24

Jantar: moqueca de arraia com cuscuz.

Zé Raimundo me conta que Tarciso sabe muitas histórias dos antigos. Uma delas, sobre como faziam para lavar roupa ("que quase não existia", diz ele): pegava-se o pau João-Mole e queimava-se. Punha-se as cinzas na água em que seria lavada a roupa, esta saía limpa.

Ao invés da lamparina, havia um pau (que ele não sabe o nome), que, quando aceso, queimava como uma vela. Era assim que alumiavam. [...]

06 de fevereiro de 2001

Manhã

Dona Mª Expedita e *seu* Expedito estavam catando búzio na praia. Aquele corpinho dela, miúdo, agachado, vestido de uma chita azul estampada, já muito surrado, com bolsos laterais, parecia um grande búzio em meio aos outros. O turbante na cabeça, para proteger do sol, dava um ar de Gênio da Lâmpada. E era genial o seu conhecimento da rotina do búzio. Conhecia cada detalhe do seu comportamento: o caminho que fazia na areia, a altura em que estava enterrado e até o tamanho, pelo rastro que deixava. Trata-se do búzio pinguelo escuro.

Foi Tiago que, ontem à noite, me trouxera o recado de *dona* Maria que, hoje, às 8 horas, estaria na praia catando búzios.

A noite não foi muito boa. Não dormi. Estava muito cansado de dias de atividades e viagens. Eu havia trabalhado até 2 horas do dia anterior, concluindo uma proposta de um curso que estou dando [...] para técnicos da SEEPS[203]/ Governo do Pará.

Cheguei em Almofala às 16h30. Às 18h30 comecei a entrevistar Raimundinha, até as 21h30, concluindo a história da escola da Praia.

[203] Secretaria Especial de Estado de Proteção Social.

educação indigena CC.indd 455 26/10/2015 11:43:24

Agora, quando escrevo, estou sendo, no mínimo, *inadequado*: estou sentado no banco de popa da jangada Ruth, que acompanhei e descrevi nas páginas anteriores a construção e que, a convite de João Filho, pintei os letreiros.

Ele e João "Musquito" *[ou Izaura, nome da mãe]* estão pescando. João Filho me havia visto na praia com *dona* Maria Expedito e acenou para que eu viesse até eles. Eles, então, levantaram o ferro de afundiar e conduziram a jangada até a beira da praia para que eu subisse.

Tive receio, inicialmente, de molhar este caderno e as máquinas fotográficas, mas topei.

O mar está de um verde alencarino, compondo uma paisagem harmônica com os coqueiros das dunas ao longe. Nunca havia visto a costa [de Almofala] desta perspectiva.

Ao poucos, vou encontrando o equilíbrio. João Filho me havia dito que era preciso "amolecer as juntas". Sentado, é a cintura, os quadris, que precisam manter o equilíbrio do resto do corpo, forçando um balanço que, aos poucos, vai-se naturalizando em mim.

João Filho e João Musquito pescam com linha de mão. Já pegaram, desde as 6h30 até agora, 9h45 (acho, orientando-me pelo sol) uns 3Kg de peixes: pirambu, cambuba, carapitanga e arém, que guardam em um surrão de palha.

Vez por outra, pegam um baiacu, que costuma cortar a linha e ocasiona a perda dos anzóis.

Observo que a jangada tem uma zinga, que ainda não havia visto, pois João não a havia feito. Ela é feita de ateira mole (o cabo), mais pequi (a folha).[204] [...]

Peixes pescados: Pirambu, Pirambu-listado-amarelo, Carapitanga, Batoque ("judeus"), Arém ("pomba"), Coró-burro, Boca-roxa, Cambuba.

[204] As descrições detalhadas e desenhos das peças estão omitidos aqui pelas razões apontadas em notas anteriores.

educação indigena CC.indd 456 26/10/2015 11:43:24

7 de fevereiro de 2001

Manhã:

Dormi melhor que ontem. Acordei com a sensação de estar mais refeito, embora ainda esteja me habituando aos sons de um galo que costuma cantar ininterruptamente a partir das 5 horas; do jumento do João Venança, que ele deixa no cercado do Tarcísio, ao lado da escola, e que vez por outra, ao longo da madrugada, costuma relinchar; das crianças de Raimundinha, cuja casa dista uns 12m da escola, e que costumam acordar por volta das 6 horas, iniciando as brincadeiras, os gritos próprios de criança que, em contrapartida, são objetos de admoestações de Raimundinha, mandando-os repetidas vezes que tomem banho para irem à escola. Neste momento, escuto ela ameaçar Janiel com umas "lapadas", pois ele ainda não tomou banho.

Geralmente, pelo que tenho visto até aqui, as ameaças de surras surtem efeito sem que precisem se concretizar. Mas já escutei de Raimundinha que, há algumas semanas, ela teria dado umas lapadas em Samires, "porque estava impussive"[205].

Agora, que estou mais presente no cotidiano, percebo aos poucos que eles se sentem mais à vontade. Talvez seja outra coisa: sou eu que estou podendo observar com mais tempo e densidade. Vi, por exemplo, algumas vezes João Venança assumindo um papel de disciplinador, quando as crianças *exageram* nos brinquedos. Ele imposta a voz, esbraveja, mas sem levantar o volume, como se possuísse o controle da situação e aplicasse o *remédio* na necessidade exata da cura.

Ontem, quando cheguei da pescaria de jangada com Filho, ouvi de Liduína queixas sobre o comportamento de Tiago e principalmente Gilsa, que teria bagunçado a aula, levantado a voz no trato com Liduína e ido embora sem avisar. Ela, Raimundinha, Dijé e João Venança conversavam sobre que medida tomar. Lembravam que já haviam conversado com a mãe (Lindalva) e a avó

[205] "Impossível"? "Impulsiva"? Ou uma palavra única que mescla os dois tipos de comportamento?

educação indigena CC.indd 457 26/10/2015 11:43:24

(*dona* Mª Expedita), e que não obtiveram resultado. Parecia, agora, tenderem à punição de uma semana suspensa das aulas. João Venança fundamentava a decisão com o argumento de que quem vem à escola, vem para estudar, e que os professores devem ser respeitados.

O respeito das crianças aos adultos e mais velhos parece ser um valor realmente importante para eles. De outra vez, quando interroguei o porquê da aparente *distância* entre o mundo dos adultos e das crianças, João Venança me respondeu que era para manter o respeito e a obediência, "na hora de agir". É como se a proximidade excessiva pudesse minimizar a eficácia da intervenção do adulto em *situações limites*.

Raimundinha, quando me contou a história da escola da Praia, também enfocou o assunto ao se referir sobre a posição inicial (que ela acredita ainda atual) do pai, que não queria que ela fosse professora para não perder a autoridade com as crianças. Parecia acreditar que as atividades escolares, que fazem interagir adulto e criança, resultassem no amolecimento da autoridade disciplinar do primeiro.

A autoridade da mulher parece ainda mais importante que a do homem, considerando que são a elas, sobretudo, a quem compete a orientação direta do *que fazer* da criança. A autoridade dos mais velhos, e das avós, particularmente, parece ser o princípio da autoridade social do grupo. Talvez por isso seja dado a elas a categoria de 'mãe' e a tarefa de cocriar (quando não simplesmente a própria criação) dos netos. É o caso de Raimundinha, que chamava *dona* Maria Quitéria de mamãe, que cocriava os filhos de Dijé. Ou de *dona* Maria Expedita, mãe de Lúcia, ex-mulher de João Venança, que criou João Filho, que a chama de mãe.

A distância de gerações entre adultos e crianças na educação cotidiana teria então essa (entre outras) função?: fortalecer (manter) a coesão social baseada na "autoridade" das avós? E que tipo de autoridade é essa, que parece, antes do mais, ser do *regime dos afetos*? Não sei se é exatamente bem assim, mas, até aqui, tenho a impressão que o sistema de coesão social do grupo é uma articulação entre *autoridade afetiva* das avós e *disciplina* das mães e, eventualmente, dos homens. Estes últimos, é o que me parece sempre que vejo Zé

educação indigena CC.indd 458 26/10/2015 11:43:24

Raimundo disciplinar seus filhos, é quase uma *derivação* da função das mães. Ele diz assim: "*Avia*, Nina! Olha tua mãe, não!"

[...]

João Venança chegou no início das aulas de hoje. Está na sala de Raimundinha e faz um discurso *disciplinador*, provocado pelos acontecimentos de ontem, e que envolvem Tiago e Gilsa. Ela sustenta a ideia de que "aqui na escola é diferente de casa; a gente tá aqui p'a aprender, prestar atenção na professora; quem quiser fazer suas danação, faça em casa ou deixe a vontade amarrada num pé-de-pau, antes de vir à escola. Em casa vocês deve obedecer os pai; aqui, a autoridade é da professora. Ela é que manda. Nós lutamos muito para conquistar essa escola. Vocês têm lápi, livro, papel à vontade para desenhar. Quem não aprender, não vai poder culpar a professora, mas às brincadeira. As professora não tão aqui p'a aguentar disaforo de vocês. O minino ou a minina que implicar com o outro, botar apelido, é uma norma qu'eu vou botar a partir de hoje, vou conversar com os pai. Pode ser meu parente. Vai ficar uma semana suspenso. Quem vem pra cá, é p'a isso que as professora tão aqui, é p'aprender as história da gente, as musca do torém, aprender a ser gente, e não a lutar karetê e dar porrada nos outro. A gente precisa aprender é ser unido, e não ser inguinorante. É só isso".[206]

A presença do João Venança, logo pelo início da manhã, funciona como "disciplina", como bem observa Neide, professora da sala em que me encontro agora, chamando atenção de seus alunos sobre a fala de João, escutada em todas as salas.

**Descrever depois o dia de ontem e a manhã de hoje*:

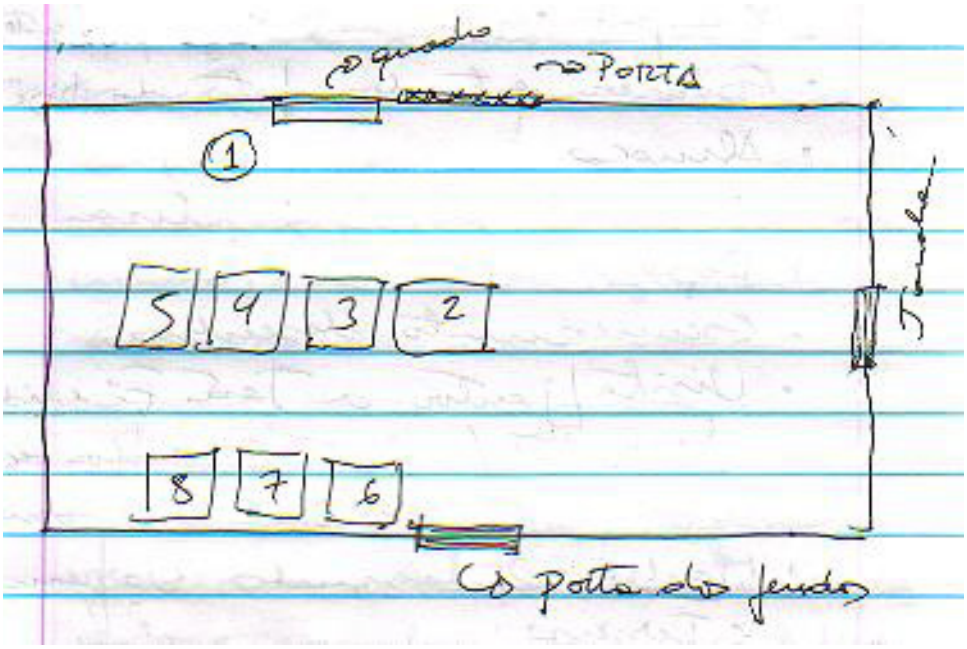
- Pescaria [que fiz com João Filho]
- Distribuição do peixe [...]
- Visita/jantar a João Filho e Liduína.

[206] Optei por grafar as palavras o mais próximo possível de como João Venança as pronunciou, para ilustrar as idiosincrassias da língua falada pela maioria deles, tremembés.

educação indigena CC.indd 459 26/10/2015 11:43:24

- Sugestões/reflexões às aulas de alfabetização de João Filho e Cosmo [dadas por Liduína] [...]
- Crianças chegando à escola antes dos professores. Contato, brincadeiras comigo, com fantoches.

Aula de Neide – 1ª série:



Diário de Campo n. 3, p. 126

1) Neide; 2) Samires; 3) Micaele; 4) Miquelane; 5) Talita; 6) eu; 7) Janiel; 8) Léo.

1º Exercício (no quadro):

[Pôr as sílabas na ordem correta e formar as palavras:]

educação indigena CC.indd 460 26/10/2015 11:43:25

CA RRA[207] BA

NI BO TO

A LA GO

CI MU RI

CA NHO MI

Depois de algum tempo de incentivo aos alunos, Neide escreve a solução à frente das sílabas. A participação dos alunos me pareceu tímida, talvez por não terem conseguido decifrar a ordem de colocação das sílabas – o que poderia revelar dificuldades com o domínio da escrita – ou pouco interesse pela atividade:

CA RRA BA - BARRACA

NI BO TO - BONITO

A LA GO - LAGOA

CI MU RI - MURICI

CA NHO MI - CAMINHO

2º Exercício:

DATA: 7/02/2001

ESCOLA: MARIA VENÂNCIA

NOME:

Neide parece sempre serena, tranquila, em todas as ocasiões em que a encontrei, aqui ou lá fora. Na sala de aula também não se altera.

Janiel não trouxe lápis. Neide para a aula, tenta remediar o problema, trazendo um toquinho de lápis com borracha. Ele está meio inquieto com o problema. Ela lhe apresenta o lápis. Pede que ele faça os exercícios, observando que eu

[207] [Sic]

educação indigena CC.indd 461 26/10/2015 11:43:25

(que estou ao seu lado) vou ficar pensando que ele não quer aprender. Mas o elogia como sendo "um menino inteligentíssimo".

Léo, 11 anos, também está nesta sala. Tenho a sensação de desperdício, talvez por ter visto seus desenhos e reconhecer suas sensibilidades. Percebo também o quanto é importante a competência técnico-didático-pedagógica dos professores indígenas. O "erro" ortográfico na separação da palavra barraca me chamou a atenção sobre isso. (Parece que este exercício havia sido "para casa", passado na aula de ontem. Os exercícios de hoje parecem ter-se iniciado com aquilo que Neide chama de cabeçalho, que é a escrita da data, nome da escola e nome do aluno).

Janiel, e Léo principalmente, poderiam estar em séries mais avançadas? Tenho a impressão que sim. Janiel já terminou seu exercício do cabeçalho e ocupa o tempo fazendo buracos na folha do caderno, que recebeu respingos de uma chuvinha passageira, que penetram pela cumeeira descoberta do telhado de palha da sala.

As crianças levantam-se das cadeiras e transitam pela sala. Miquelane veio até a mim. Aproveitei para pedir seu caderno e anotar o exercício de casa, de ontem. Neide parece não se incomodar com o movimento das crianças, que agora estão juntas a ela na lousa, escrevendo nomes de algumas figuras que ela desenhou:

Diário de Campo nº3, p. 130

Talita é a primeira a ir ao quadro e escrever "escada". Miquelane escreve "cajueiro" sob o desenho da árvore. Janiel questiona onde está o caju. Neide

educação indigena CC.indd 462 26/10/2015 11:43:25

justifica que ela viu na árvore um cajueiro. Miquelane escreveu "borboleta". Janiel escreveu "índio" sob a garatuja do corpo humano. Samires escreveu "caranguejo", com Neide fazendo correções a cada passo, apagando algumas letras diferentes, mas sem deter-se em justificar suas correções. Enquanto Talita escreve "camarão", Miquelane passou pela porta de palha e está na sala vizinha, de Aurineide. Talita a acompanhou. Samires, em cima de uma cadeira, vasculha a bolsa de Neide, pendurada em uma estaca da parede em que se encontra a lousa.

Percebi depois que Samires havia guardado seu caderno e lápis na bolsa de Neide e que, agora, os retomou para fazer o próximo exercício. Talvez para ficar mais livre, sem receios que seus objetos pessoais fossem tomados pelos colegas, usou da estratégia de colocá-los em um lugar aparentemente intocável: a bolsa da professora.

O próximo exercício proposto por Neide é de separação das sílabas das palavras colocadas pelos alunos sob os desenhos [anteriores]:

Para separar:

Camarão
Caranguejo
Pescaria

Neide interrompe para atender Micaele, que apoia sua cabeça e braços sobre o braço da cadeira, perguntando se ela está doente. Léo me diz que ela está assim porque faz os exercícios e a "tia" não dá atenção a ela e não corrige. Enquanto isso, Janiel me cutuca, apontando um camaleão que ele desenhou no espaço em branco inferior da página do seu caderno, deixando o espaço das linhas livres, talvez para os exercícios.

Léo contabiliza que "somo três home e cinco mulher".

Janiel continua a desenhar, desta vez o nome 'Vasco', copiando do estandarte estampado na lateral esquerda da bermuda que veste.

Neide continua a escrever as palavras a serem separadas:

educação indigena CC.indd 463 26/10/2015 11:43:25

Para separar:

Camarão
caranguejo
Pescaria
Barraca
Morro
passarinho
serra
terreno

Ela me pergunta se "passarinho" tem acento. Léo sugere que "ela vai ter que estudar essa lição". Esclareço que "pássaro" tem acento, mas passarinho não.

Janiel saiu e voltou com um cavalo de talo de carnaubeira. A reação de Neide é categórica: "Não, Janiel! Que você não queira fazer os exercícios, tudo bem. Mas o cavalo fica lá fora". Janiel largou o cavalo sobre as cadeiras amontoadas no espaço que já serviu de cozinha deste edifício e senta-se em sua cadeira. Todos os alunos, aliás, estão concentrados na execução do exercício.

Pergunto a Janiel se ele vai fazer o exercício. Ele me diz que prefere ditado. Digo a ele que o exercício ajuda a aprender a ler. Ele revida dizendo que já sabe ler, mas começa a fazer o exercício. Ele não escreve as palavras em seu caderno. Já parte para escrever as sílabas separadas.

Ele, como Léo, que me mostrou seu caderno, estão separando as sílabas segundo critérios não gramaticais, de duas em duas letras. A palavra caranguejo, por exemplo, ficou assim: ca-ra-ng-ue-jo.

Neide faz a resolução do exercício na lousa, enquanto, a seu turno, cada aluno se dispersa de um modo: Samires fez um "papouco" de papel e o estoura em mim; Talita olha outro caderno, que Neide toma e o coloca em sua bolsa; Janiel me cutuca e mostra exercícios anteriores, lendo-os para mim e garantindo que sabe ler. Micaele continua debruçada sobre a cadeira. Miquelane e Léo prestam alguma atenção e corrigem seus exercícios. Samires e Janiel agora saíram da sala, foram ao terreiro, passaram à outra sala, interagem com os alunos de Aurineide dando dicas sobre a atividade que se realiza por lá, e que parece ser desenhar pelo som de lápis sendo revolvidos, como se estivessem em um saco ou uma caixa.

educação indigena CC.indd 464 26/10/2015 11:43:25

Estranhamente (para mim), Léo pede para ir ao banheiro e Neide lhe dá "um minuto para ir e voltar", enquanto parece não se importar com as saídas de Samires e Janiel.

Neide orienta Talita. Disciplina sua atenção, exclamando: "Que bichinha mais desajeitada! Não olha para o caderno, nem para a lousa, e ainda escreve de caneta!".

Janiel pede para pintar e Neide nega, argumentando que não vai fazer o que ele pede porque ele também não faz o que *ela* pede.

Janiel levanta-se e caminha pela sala, com os dedinhos dos pés tensos, flexionados para cima, evitando pisar o chão. Perguntei se era bicho-de-pé, ao que ele respondeu que "são as papoca que estourou".

O próximo exercício proposto é escrever de zero a noventa e nove, ou escrever o alfabeto, com todas as vogais, em letras maiúsculas e minúsculas.

Janiel coloca resistência, quer fazer o exercício em casa. Neide diz que ele não quer fazer o exercício, nem aqui nem em casa. Ele insiste em querer pintar. Reclama que nem em casa nem na escola lhe deixam pintar. Neide justifica dizendo que existe o dia de desenhar.

Antes, Léo havia posto na cabeça o chapéu usado por Neide, de palha fina, com orifícios simétricos na parte superior do bojo para ventilar internamente, e um lenço colorido, de tom bege, amarrado em torno e sobre a aba. Ela veste uma calça jeans azul e uma camiseta de malha, marrom, com decote e mangas discretamente cavadas. Um colar da cor da blusa, de semente, e um anel de tucum no dedo médio da mão direita são os acessórios, complementados com um par de sandálias de borracha-espuma esverdeada, com bordados em tom mais claro sobre os cabrestos e solado de cor branca. As unhas pintadas com esmalte cintilante de uma tonalidade entre púrpura e marrom-escuro emprestam-lhe um visual discreto e elegante, realçado por seu tom de pele claro, diferente da maioria dos Tremembé, e que geralmente provoca questionamentos nas pessoas "de fora", como ela me disse uma vez: "existe índio louro?". Os olhos claros, os cabelos presos por um nó improvisado, e minúsculos brincos em metal (ouro? miçanga?) e pedra (rubi? contas escuras) formam um conjunto estético final agradável, que harmoniza tons concorrentes.

educação indigena CC.indd 465 26/10/2015 11:43:25

Ela desenvolve na lousa o exercício dos números. Seu método consiste em ir colocando situações do cotidiano: "precisamos de vinte e oito lápis, como se escreve?"; "A galinha chocou quarenta ovos" (improvisou sobre a descoberta de Léo, de que havia uma galinha aninhada em um canto da sala, para pôr). As crianças escrevem em seus cadernos os números que ela anota na lousa, indicando os números que constituem nova quantidade.

Janiel havia saído da sala. Neide havia comentado que "certamente ele está em casa, assistindo desenho animado na televisão". Sem aparentar perturbação, Neide foi atrás dele, encontrando-o na sala de Aurineide, em que, penso, a atividade é desenhar.

Lembrei de anotar as idades de alguns autores dos desenhos que *escaneei* ontem, dos alunos da sala de Neide e das professoras: Léo: 11 anos; Janiel: 7 anos; Alana: 12 anos; (João Alex: 13 anos); Talita: 7 anos; Micaele: 7 anos; Samires 6 anos; (Cristiano: 13 anos); (Neide: 32 anos); (Aurineide: 24 anos); (Raimundinha: 29 anos); (Liduína: 23 anos)

Após o exercício dos números, a atividade agora é desenhar.

A merenda começa a ser servida antes que os alunos concluam os desenhos, que são interrompidos ante o momento mais que oportuno (para mim também, que já desejava comer algo).

Os que terminam a merenda já vão se encaminhando ou sendo encaminhados pelo comando de voz de Raimundinha para a escovação de dentes.

Claudevanda e Gê Marques do Nascimento servem as almôndegas ao molho e o arroz enviados pelo CREDE/Acaraú.

Talvez por ser adulto ou visitante, ganhei duas almôndegas, contra somente uma dos alunos.

O último exercício proposto, escrito na lousa, "para casa", é: "Escreva o alfabeto maiúsculo e o m*e*núsculo (sic)".

Neide fez até a 4ª série e, com as aulas de Karla, passou à 5ª série (parece ser este o acordo para fins de reconhecimento da Seduc e estabelecimento do Convênio). [...]

educação indigena CC.indd 466 26/10/2015 11:43:25

Noite, 23h18.

Antes de dormir, tenho vontade de escrever sobre o dia de ontem e o de hoje. São tantas coisas significativas! Mas já é tarde e Cosmo, que está dormindo na rede ao lado, está muito "baqueado", como ele mesmo disse, com o trabalho do Mutirão da roça. [Não quis deixar a lâmpada acesa por mais tempo].

Amanhã, descrevo esta e outras histórias. Não posso esquecer da observação que fiz, sobre Joana, filha de Claudevanda que, hoje cedinho, trazia o pequeno Davino ao colo.

8 de fevereiro de 2001

Manhã.

Dormi bem, com a sensação de ter repousado e recuperado as energias, embora tivesse ido dormir umas 23h30 e de ter despertado cedo com o som dos pingos de chuvas passageiras sobre o telhado da escola. Ficava preocupado com a possibilidade de que se molhassem alguns textos e desenhos que havia deixado sobre uma carteira, e que ainda não havia *escaneado*.

Ramón, que sempre acorda pelas 6 horas, estava inquieto e gritava como nunca.

Ontem, no início da manhã, quando ia tomar café na casa de Dijé, vi Joana levando ao colo o pequeno Davino, de 4 meses. Ela, que tem uns 4 anos, chegou aparentando cansaço, pois respirava fundo e rapidamente. Devia estar vindo da sua casa, que dista uns 100m da casa de Dijé. Claudevanda não demonstrou o menor sinal de ansiedade em relação ao cansaço da pequena Joana, ou quanto à possibilidade de algum acidente, como uma queda de Davino dos braços dela.

Comentei com Dijé o que havia visto e ela me disse "é para ela se acostumar desde cedo e saber que esse é o destino dela, parir e cuidar de menino".

Vi várias vezes que as meninas, ainda pequenas, costumam levar ou cuidar dos bebês. Nunca percebi sinais de preocupação das mães.

educação indigena CC.indd 467 26/10/2015 11:43:25

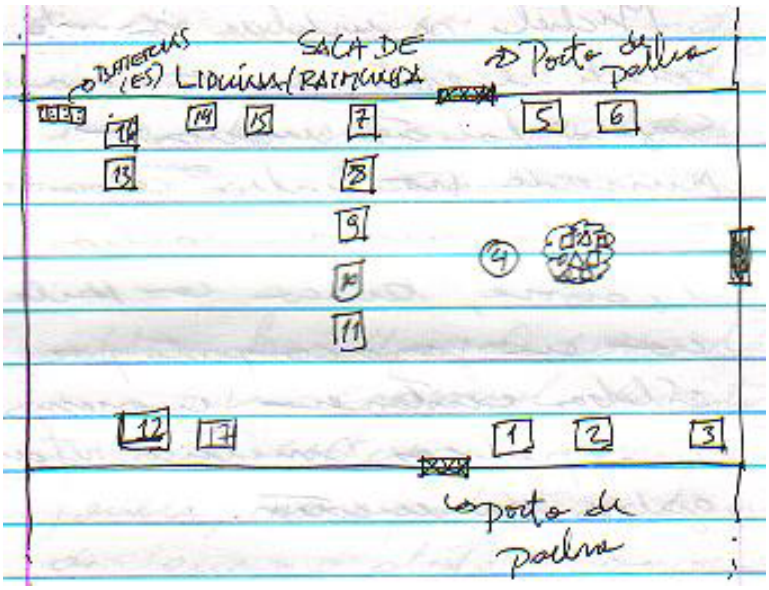
Aula de Aurineide – Pré-Escolar e Alfabetização

Aurineide trouxe seu novo namorado para a sala. Ontem ele esteve também e parece sentir-se à vontade. Ela, inclusive, me pediu para fotografá-lo, quando as aulas haviam terminado.

Ela dividiu a sala em duas alas: a da Alfabetização e a do Pré-escolar, próxima à janela onde estou agora. Venancinha e mais outros três meninos estão sentados nas carteiras, desconfortáveis e inadequadas no tamanho para os pequeninos, que permanecem sentados, as pernas suspensas no ar, indiferentes aos inúmeros círculos, quadrados e triângulos coloridos de algum brinquedo feito com madeira, que Aurineide espalhou no centro desta ala da sala.

Ramón, caçula da turma, que tem 1 ano e 3 meses ("mas ele veio pra minha sala quando se sentou, aos nove meses", me informa Aurineide), foi colocado por ela junto da pilha de formas coloridas e tenta compor uma pilha de pedaços, uns sobre os outros, que desmancha e volta a arrumar, seguidamente.

Os alunos da Alfabetização estão fazendo exercícios que Aurineide traz de casa. "Antes eu fazia aqui mesmo, na sala, quando chegava pra dar aula", me diz ela.



Diário de Campo, n. 3, p. 151

educação indigena CC.indd 468 26/10/2015 11:43:25

Sala de Aurineide:

1) eu; 2) Naila, 3 a; 3) Venancinha, 3 a; 4) Ramón, 1,3 a; 5) Juliana; 6) Ariane; 7) Lucas; 8) Paulo Henrique; 9) Antoniel; 10) Alexandre; 11) Emanuel; 12) Michel [namorado de Aurineide]; 13) Marrom (Saniele); 14) Mateus; 15) Pedro Henrique; !6) Joana; 17) Cilene.

Michel se envolve discreta e efetivamente na aula. Segurava Ramón enquanto Aurineide não havia ainda colocado as formas coloridas no chão e, agora, brinca com Naila, com um jogo composto por sílabas impressas em pedaços simétricos, retangulares, de *eucatex*.

Aurineide acompanha a execução dos exercícios dos alunos da Alfabetização. Ela acompanha a cada um e a todos, com dinamicidade. Está presente em todos os lugares da sala. Repete individualmente com Emanuel seu exercício.

Dá atenção a Ariane, do Pré-escolar, que a chama "tia, olha o A"; uma garatuja que ela faz em uma folha de papel-ofício, que todas as crianças recebem para desenhar, se quiserem.

Um barulho de carro lá fora faz Emanuel levantar-se de sua carteira e correr à janela, sob o protesto de Aurineide, que o alerta: "Agora, todas as crianças vão fazer o mesmo. Senta!". Ante a insistência e permanência dele vendo o movimento do carro, é Raimundinha que, da sua sala, isolada desta pela porta fechada, chama a atenção dele que, finalmente, obedece, fazendo o ritmo da sala ser retomado.

Zé Raimundo chega com Quitéria e a introduz na sala pela janela, animando-a a brincar com Ramón com as formas coloridas. Indiferente, ela olha tudo e fica dançando. Depois, abraça o pai, sinalizando, talvez, vontade de ir embora. *[...]*

Os alunos da Alfabetização que terminaram o primeiro exercício são agora orientados para desenhar. Aurineide oferece um livro para lhes servir de forro para a folha, que eles folheiam com excitação.

Há livros e revistas espalhados por todos os cantos das casas e terreiros. Naturalmente, ficam amarrotados e rasgam. Como suas fotos, os livros são

educação indigena CC.indd 469 26/10/2015 11:43:25

objetos de interesse das crianças. Não parecem ter um valor em si, para eles. A relação parece, antes do mais, lúdica e estética. Dá a impressão, porém, de que se está alimentando e despertando nas crianças a curiosidade sobre este objeto, que se popularizou com a escola entre eles, com abundância tão grande, que pode ser confortavelmente esbanjado e estragado: o livro.

Agora, Aurineide brinca com Ramón, ajudando-o e incentivando-o a manter uma coluna com quadrados, círculos e triângulos.

As formas estão sobre a areia fofa do chão da sala, algumas quase encobertas; vez por outra, uma peça é pisoteada pelas crianças. Como é possível que haja tantas peças (são +/- umas 50) ainda? A areia em nenhum momento parece representar qualquer ameaça a essa gente, à sua saúde, das crianças, ou ao *patrimônio*. A areia é parte de suas vidas. As crianças tomam banho e, logo depois, já voltam a sentar, deitar e até rolar na areia. É uma relação erótica, verdadeiramente lúdica, biológica. Gente-terra. Terra-gente.

Se tudo acontecer como de rotina, todas as formas coloridas, algumas do tamanho de $1cm^3$, em breve serão retiradas do solo, livres da areia que ofusca sua cor e novamente guardadas no grande saco plástico que permanece pendurado em um caibro do baixo teto da sala, no canto à minha esquerda. Amanhã, formas e crianças estarão outra vez no chão, misturando-se à areia, compondo um desenho único em que gente, brinquedo, movimento, educação e terra são misturados nessa aquarela, que é a vida Tremembé.

Aurineide parece atenta a tudo: puxa Venancinha, que estava sozinha no canto da sala, à minha direita, e a coloca junto das formas coloridas, no chão, talvez intentando provocar sua socialização com as outras crianças que, agora, já estão plenamente envolvidas, interagindo com o brinquedo. Ao mesmo tempo, apruma o bico na boca de Naila.

Agora, desenvolve com a turma de Alfabetização a terceira atividade da manhã: pintura do rosto. A partir daqui, as turmas se misturam: alunos do Pré-escolar, como Juliana, pedem para ser pintados, enquanto Antoniel, Joana e Marrom vão juntar-se aos que estão interagindo com as formas coloridas.*[...]*

[O subsídio usado por Aurineide para a Alfabetização é: VILLAS BOAS, Maricéia da Silva. Aprendendo com o Manguezal. Alfabetização. *RJ, digitado, s/d. (Digitação: Apoio gráfico Centro Universitário Moacir Sreder Bastos, RJ)].*

educação indigena CC.indd 470 26/10/2015 11:43:25

Enquanto Aurineide me oferece as informações que solicito, sobre subsídios bibliográficos usados por ela e a relação dos alunos, estes agora desenvolvem uma quarta atividade, integrando as duas turmas: manipulam mamulengos. Tem Papai Noel, Saci-Pererê e outros tipos não definidos, apenas rostos humanos, com cabelos e roupas coloridas.

Agora, Aurineide conduz a brincadeira, pondo os alunos em roda e puxando canções do torém: *Ô Jandê, Índio Balançador, Brandim Poti*. [...]

Aurineide chama a atenção para a hora de fazer a volta, de inverter o sentido da volta, quando cantar o "Tá siripintim tá".

Juliana, Ariane, Alexandre e Cilene apenas assistem, sem dançar. Ramón e Naila estão envolvidos com um tambor: uma lata de leite de leite em pó, em que improvisam um som de tambor, talvez acompanhando Aurineide, que se serve de um tambor de plástico da bandinha que a escola recebeu do CREDE-Acaraú, junto com os mamulengos, em 1999.

Agora, que a dança terminou, Cilene toma um mamulengo e interage com os outros que, a essa altura, fazem o que lhes aprouver sem que Aurineide interfira. Pouco depois, ela pede a colaboração de Emanuel para juntar as peças coloridas, sendo atendida.

Emanuel é o mais envolvido e o que fecha o saco e o leva ao lugar em que permanece *guardado*, próximo às baterias do sistema de eletricidade solar.

A porta que dá para a sala de Neide agora está aberta e os alunos das duas salas circulam livremente; interagem. Os alunos de Neide são pintados, preparando-se para a roda de torém, puxada por Aurineide.

Janiel, com um palito de coqueiro e tinta branca guache, desenha setas nos braços de alguns meninos. Hábil e cuidadosamente, ele movimenta o pincel de palito sobre o próprio corpo.

educação indigena CC.indd 471 26/10/2015 11:43:25

Alunos de Aurineide:

Pré-escolar:

1. João Paulo dos Santos Lima; DN: 30/06/97; Filição: Luiz Rosa de Lima (10/10/57) e Mª Elizete dos Santos (08/05/57).[208]
2. Maria Ariane dos Santos Lima; DN: 21/01/98; Fil: idem.
3. Paulo Henrique dos Santos Lima; DN: 18/06/94; Fil: idem.
4. Francisco Mateus dos Santos Lima; DN: 6/02/96; Fil: idem.
5. Venância do Nascimento Souza; DN: 1/03/98; Fil: João Batista de Souza (João Paulino, 24/06/56) e Raimunda Marques do Nascimento (13/06/71).
6. Saniele do N. Souza (Marrom); DN: 14/09/96; Fil: idem.
7. Ramón do N. Souza; DN: 29/10/99; Fil: idem.
8. R. Marcelina dos Santos; DN:???; Fil: José Armando dos Santos e Maria Elenita dos Santos.
9. Maria Alviana Sezina dos Santos; DN: 25/05/97; Fil: Elves Alves dos Santos e Maria Gislane Sezina de A.
10. Maria Cilene Alves Sobrinho. DN: 19/02/96. Fil: José Alves de Castro (Zé Raimundo, 16/02/57) e Maria de Jesus Sobrinho (23/08/64).
11. Maria Quitéria Alves Sobrinho. DN: 28(?)/03/99. Fil: idem.

[208] Esta lista fazia parte de caderno finamente decorado com uma capa de papel-veludo vermelho e que parecia cumprir a função de livro de matrícula da turma. Anotei os nomes dos pais das crianças para caracterizar melhor as relações de parentesco que perpassam esta escola. A data de nascimento dos pais me chamou a atenção porque não imaginava que relevância este dado poderia ter para a caracterização do aluno.

educação indigena CC.indd 472 26/10/2015 11:43:25

12. Mª Juliana dos Santos Ferreira. DN: 16/01/95. Fil: Fco. Alves Freitas (18/06/75) e Fca. Elizonete dos Santos (06/01/75).

13. Mª Naila Sezino dos Santos. DN: 19/03/98. Fil: Elves Alves dos Santos e Maria Gislane Sezina de A.

Enquanto faço esta lista acima, Aurineide e Neide puxam uma roda de torém com suas turmas, conjuntamente. [Uma nova canção foi introduzida, na verdade, uma adaptação de uma música dos Jenipapo-Kanindé, que transcrevi abaixo, e que possui uma melodia muito envolvente. Foram também cantadas e dançadas o *Guaxuré*, a *Louvação* (de Abertura), *Agua de Manim* e *Navura*]

Tremembé do pé-do-morro
Chama ele que ele vem
Vem dar força no torém
Chama ele que ele vem
Bem que eu não queria vir
Pra que mandaram me chamar?
Tremembé do pé-do-morro
Vem ver a barra quebrar
Tremembé do pé-do-morro
Chama ele que ele vem
Vem dar força no torém
Chama ele que ele vem

[...]

Neide indica a Léo os movimentos do *guaxuré* a serem feitos.

Agora, Emanuel ocupa o centro da roda, enquanto todos cantam: *"Ô sein-ô, dono da casa,*

Licença quero pidir" [209][...]

[209] Tentei grafar de acordo com a pronúncia.

educação indigena CC.indd 473 26/10/2015 11:43:25

Continuação da lista:

Alfabetização:

1. Antoniel Marques do Nascimento. DN: 12/08/95. Fil: Antônio M. do Nascimento (04/07/76) e Mª Aurineide Pequeno (10/11/74).
2. Mª Joana dos Santos. DN: 8/10/95. Fil: Rdo. Carneiro dos Santos e Claudevanda dos Santos (04/02/69).
3. Emanuel Carneiro dos Santos. DN:???. Fil: Raimunda Carneiro dos Santos (18/11/64).
4. Fco. Diego dos Santos. DN: 13/02/93. Fil: Miguel Tomás de Barros e Maria Jandira.
5. Fco. Alexandre Ferreira Andrade. DN: 12/02/96. Fil: (?) Vilani e Neném (apelido).
6. Mª Josiana Cavalcante. DN: 8/07/94. Fil: Rita de Cássia Castro e José Arteiro Cavalcante.
7. Mª Suzane Marques de Andrade. DN: 22/04/94. Fil: Mª Gê Marques de Andrade.
8. Pedro Henrique dos Santos Freitas. DN: 18/11/93. Fil: Fco. Alves Freitas e Fca. Elizonete dos Santos.
9. Fco. Lucas dos Santos Ferreira. DN: 4/04/95. Fil: idem.

[...]

09 de fevereiro de 2001

Manhã

Ontem fui dormir mais de 00 horas. Mas consegui terminar o *escaneamento* das fotos de Raimundinha, que possui um registro fotográfico significativo da primeira fase da Escola.

educação indigena CC.indd 474 26/10/2015 11:43:25

O cansaço não me deixou escrever.

Preferi conversar um pouco com Cosmo. Ele me falou sobre a vida de pescador, seus perigos e medos e os fatos recentes ocorridos em relação à família de seu pai biológico. [**Sua iniciação à pesca em alto-mar, se deu aos 9 anos de idade!*].

Há cinco dias estou querendo escrever sobre a plasticidade de funções masculinas e femininas a partir do que tenho visto em Zé Raimundo. Há alguns meses, observei uma cena peculiar: sentado na rede de fios de seda da cozinha, com Cilene entre as pernas, ele a penteava desfiando cada fio de cabelo, polindo-os. Aquilo durou ao menos uma hora e meia. Muitas outras vezes o vi raspando coco ou assando peixe no fogão à lenha, preparando a merenda. Anteontem, foi ele que preparou peixe com tapioca, que mandou Nina deixar para eu comer aqui, na escola, onde eu trabalhava ininterruptamente *escaneando* fotos. Ontem... [não concluí].

Aula de Liduína – 4ª série

Liduína começa a aula dando "bom-dia" aos alunos e perguntando que dia da semana é hoje. Lembra que é costume no dia de hoje desenhar. Propõe que seja desenhada uma árvore, com suas partes: raízes, caule, folhas, flores e frutos.

Cris diz que não tem mais caderno, que acabou. Liduína pede para ver o caderno e constata que há 10 páginas com um lado em branco. Consulta Raimundinha, que está na mesma sala, ao lado, com as turmas de 2ª e 3ª séries: "O que você diz, enquanto diretora?". Raimundinha é categórica e direta: manda-o escrever nas folhas em branco.

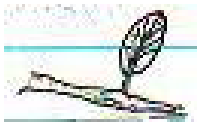
Estou sentado junto à turma de Liduína. Ela, como Raimundinha, fala em um tom suave, baixo, pois dividem o mesmo espaço.

O assunto do caderno de Cristiano volta a ser discutido. Raimundinha reafirma sua posição, esclarecendo aos alunos, relembrando que o caderno deve ser todo preenchido. Enquanto ela discursa para as duas turmas, Cris, que está logo à minha esquerda, distrai-se propositadamente com uma borracha, que está rabiscando, cantarolando baixinho, somente nasalizando *nenhuma* canção. É uma forma de desdenhar, que me lembra muito da minha infância e adolescência em Acaraú.

educação indigena CC.indd 475 26/10/2015 11:43:26

É verdadeiramente um milagre o que acontece nesta sala, onde duas turmas realizam atividades diferentes, simultaneamente. Os alunos parecem já bem adaptados à circunstância e mantêm um nível de atenção admirável.

Liduína descreve na lousa as partes da planta. Cris permanece inerte, o caderno fechado sobre um livro de História, o cotovelo sobre ambos e um lápis na boca, segurando-o com a mão.

CIÊNCIAS 9/02/2001	
AS PARTES DE UMA PLANTA Sabemos que uma planta tem cinco partes, então vamos ver porque é tão importante essas partes para a sobrevivência de uma planta. Caule – é a parte vegetal que tem a função de sustentar a copa das árvores, ou seja, as folhas e flores, além de conduzir as substâncias necessárias aos vegetais, chamada de seiva. 	Raiz – é a parte vegetal que se encontra normalmente dentro da terra e possui a função de prender a planta no solo e absorver água e sais minerais. Folha – é um órgão necessário à respiração dos vegetais. Realiza também a transpiração com a eliminação do vapor-d'água e participa da fotossíntese. 

Diário de Campo n. 3, p. 180

Percebendo que Cris não escrevia, Liduína reage: "Mas, Cris, eu não acredito no que estou vendo!". Ele, mesmo assim, permaneceu inalterado.

Lembrei do que havia me dito Raimundinha, sobre a postura de João Venança, que não queria que ela fosse professora para não correr o risco de perder a moral com as crianças. A atitude de Cristiano, desdenhando dela, embora soturnamente, parece indicar que o espaço de sala de aula é um espaço de confronto e de mudança nas relações adulto-criança. Talvez fosse esse o temor de João Venança. Talvez ele houvesse percebido, com muita perspicácia que, até certo ponto, a relação de poder professor-aluno podia tornar-se uma perversão das relações *tradicionais* de poder adulto-criança na comunidade e na família.

Cris decidiu, finalmente, escrever em seu caderno de 10 meias páginas brancas. E o faz, agora, com aparente capricho e interesse, como se já não estivesse mais importunado com o fato de não ter o caderno ideal, novo e limpo.

educação indigena CC.indd 476 26/10/2015 11:43:26

Liduína lê um livro de ciências e escreve qualquer coisa, enquanto a maior parte dos alunos parecer ter concluído a transcrição para seus cadernos do que ela havia escrito na lousa. *[...]*

Nina ainda escreve. Busca Liduína para a dúvida sobre a palavra "vapor d'água". Liduína pede que ela escreva do jeito que está vendo, assim como todo o texto, "sem mudar nenhuma vírgula".

Agora, Liduína começa a explicar o que escreveu no quadro. Chama atenção dos alunos, "principalmente os homens, têm a mania de escrever e olhar para baixo". Alerta particularmente Cristiano, que se justifica dizendo que ainda está desenhando, dividindo-se entre a escrita e a explicação de Liduína. Na verdade, ela inicia uma leitura coletiva do que está escrito no quadro.

Sua postura lembra uma professora tradicional: em pé, corpo esguio, régua na mão, mãos para trás, voz firme induzindo os alunos à leitura, reclamando das pequenas distrações, cutucando Nina que, por um lapso, baixou a cabeça, mandando Cris tirar o lápis da boca, apontando a regra para as frases a serem lidas e pedindo que leiam mais alto. Reclama da "distração" dos alunos. Diz que a aula é a coisa mais importante para eles prestarem atenção, no momento em que Raimundinha chegava com uma pilha de folhas em branco e livros que havia ido buscar em casa, para seus alunos.

O tom *reclamão* de Liduína talvez busque dar à sua função legitimidade, credibilidade e atenção, mas parece confundir *importância* com *sisudez*.

Esta e outras atitudes pedagógicas clássicas desta escola e dos professores indígenas me levantam algumas questões: Seriam uma *reprodução* da educação escolar, particularmente do modelo de professor, da escola pública e/ou os professores particulares com que estudaram?... Seriam o atestado do "ainda não temos a escola diferenciada que queremos", como me disse Raimundinha nestes dias por aqui? Seriam parte da estratégia da busca de reconhecimento pelos *de fora*, mas também pelos *de dentro da comunidade*, que compartilham de um imaginário de escola assim mesmo, clássico, tradicional? Talvez se a escola, e a postura do professor, for muito diferente, não serão "reconhecidos". [Re-conhecidos]

educação indigena CC.indd 477 26/10/2015 11:43:26

Liduína apagou o quadro e segue descrevendo as outras partes da planta.

Flor – é um conjunto de folhas que se modificam para a reprodução. Na flor encontramos: - O androceu, ao aparelho masculino, constituído de antera que produz os grãos de pólen. 	Fruto – é formado após a polinização da flor. Na maioria dos vegetais, a semente se encontra dentro do fruto, ou fora do fruto.

Os exercícios que Liduína tem proposto, Raimundinha também, como pude observar de outras vezes, encontram-se geralmente nos livros, que elas mantêm sempre à mão, consultando-os durante a aula.

Hoje é 6ª feira. Durante toda a semana não vi qualquer atividade desenvolvida fora da sala de aula. Mesmo ontem, quando se dançou o torém, as turmas de Aurineide e Neide permaneceram em sala. Até mesmo a merenda é servida em sala.

Não há intervalo. As aulas começam em torno de 8h20, 8h30 e vão até 11 horas, quando é distribuída a merenda, seguindo-se a escovação de dentes, finalizando em torno de 11h30, 11h40.

Pergunto a Raimundinha por que não há intervalo. Ela acha que "complica pra nós: vão brincar, acontece de alguém zangar os outros. Além do mais, eles têm a tarde pra brincar. É mais fácil assim, pra nós".

Ontem a merenda foi arroz, macarrão e uma fatia de carne bovina em conserva. Merenda escolar? Haveria possibilidade de valorizar alimentos mais naturais, próximos deles? Ainda não vi legumes ou verduras na *merenda*, que mais parece um almoço. Talvez seja isto mesmo: à escola cumpre uma outra função, sem dúvida também muito oportuna por aqui: alimentar a crianças da comunidade. É a culminância das aulas.

Ela é servida em pratos plásticos, em quantidades repartidas pelos adultos, as merendeiras, e levada às salas pelas professoras, segundo o número de

educação indigena CC.indd 478 26/10/2015 11:43:26

alunos. Aparentemente não existe preocupação maior com o que se come, nem orientação nutricional.

Pergunto a Raimundinha por que não foram realizadas, nesta semana, atividades fora da sala, no terreiro, por exemplo. Ele diz que "a gente ainda precisa chegar lá. No ano passado a gente chegou a ir pra debaixo da castanholeira, contar castanholas. Este ano, a gente ainda não fez isso. A gente usa o terreiro *prá's* crianças sentar e merendar".

Sobre a merenda, há a preocupação de "mudar todo dia, se não eles abusam. São as meninas da cozinha que decidem". Pergunto se já houve reunião para discutirem/decidirem o cardápio, a nutrição. Ela me informa que "já conversaram sobre isso em uma reunião passada. A Francineide da Seduc prometeu que iria mandar um dinheiro pra nós comprarmos o que a gente quiser. Mas ainda não veio. Aí, a gente come o que chega".

São 10h50. Liduína propõe um último exercício, antes da merenda:

CIÊNCIAS	NOSSA ÁRVORE
Dezenhe uma árvore que tem uma importância nossos antepassados, com caule, raiz, flor e fruto e diga cada uma parte dela. (Sic) Nome: Data: Série: Localidade: Escola: Professoura (sic):	Lá no campo nasceu um brotinho foi crescendo, foi subindo e virou uma árvore de perfumes, flores e frutos e ninhos de passarinhos. Árvore você é tão boa. Eu queria ser você Que dá sombra aos animais E uma bebida aos Tremembé. Árvore, você enfeita a vida Lá na mata, tudo é lindo Só por causa de você e seus frutos No torém tudo fica bonito.

O poema é uma criação de Liduína sobre um poema de Maria Lúcia Godoy (*Ninguém reparou na primavera*; Editora Lê. In: CARDOSO, Alcina Maria S. et al. *Ciências – realidade e vida* – 4ª série. Belo Horizonte/MG? Ed. Lê S/AA, 1991. p. 52).

educação indigena CC.indd 479 26/10/2015 11:43:26

A Árvore

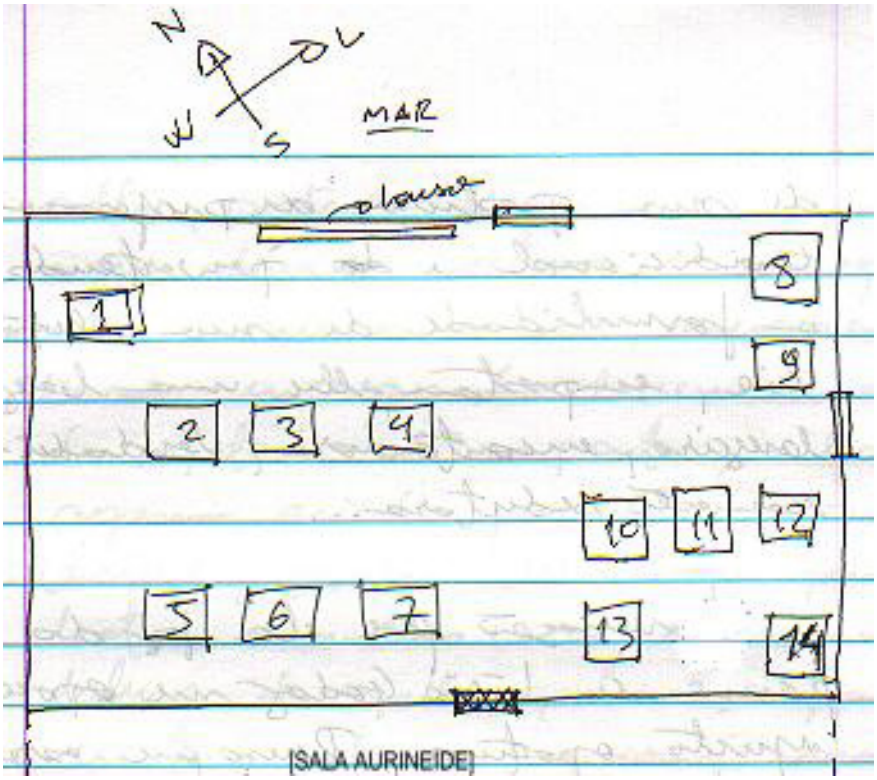
Lá no campo
Nasceu um brotinho
Foi crescendo, foi subindo
E virou uma árvore
De perfumes, flores, frutos
E ninhos de passarinhos.
Árvore, você é tão boa.
Eu queria ser você
Que dá sombra aos animais
E protege os passarinhos
Árvore, você enfeita a vida.
Lá na mata, tudo é bonito
Só por causa de você.

Agora os alunos executam o exercício, observados e acompanhados discretamente por Liduína, sempre esbelta. Hoje ela está particularmente elegante, cabelos ainda molhados, soltos, partidos do lado esquerdo, e que se espalham sobre os ombros, encrespando levemente na metade até as pontas; a boca ainda mantém-se muito visível, delineada pelo batom vermelho vivo; uma blusa de malha, de alças finas, decotada, preta, realça sua pele morena-clara; uma saia de malha bege, e que traz um ramo de flores bordado sobre a coxa esquerda, torneia seus quadris e coxas, acima dos joelhos, marcando discretamente a calcinha, pequena, aparentemente. Os pés descalços, quebrando a formalidade de sua postura de professora tradicional e *pervertendo* a formalidade de sua elegância, emprestam-lhe uma beleza brejeira, encantadora, verdadeiramente sedutora.

A recriação que ela fez do poema de Lúcia Godoy me pareceu muito oportuna. Penso que essa atitude artística, de reelaborar, poderia ser um dos princípios pedagógicos desta escola. É uma reelaboração que parte deste universo, de alguns referenciais já reelaborados e/ou em reelaboração dentro desse processo de subjetivação Tremembé, e que *enraba* e se recria em quaisquer outros saberes *de fora*.

educação indigena CC.indd 480 26/10/2015 11:43:26

[Posicionamento das pessoas na Sala de Liduína e Raimundinha]



Diário de Campo n. 3, p. 194

Turma Liduína:

1) Liduína; 2) Nina; 3) Alana; 4) Amanda; 5) Ismael (Pitaguary); 6) Cristiano; 7) eu.

Turma Raimundinha: 8) Raimundinha; 9) Angelina; 10) Tiago; 11) Patrícia; 12) Francisco Alves; 13) Albino; 14) Dunda. [...]

Ao ver o livro de matrícula dos alunos da Escola Maria Venância, encontrei que há um aluno que *regrediu* de uma série (2ª) a outra (1ª). Raimundinha me esclarece que "é pra *adapitar* o aluno ao que ele pode dar conta".

Entendi, então, que as reprovações que me chocaram na reunião de avaliação com pais e professores, em dezembro passado, parecem ter um caráter diferente;

educação indigena CC.indd 481 26/10/2015 11:43:26

não só *reprova-se*, mas faz-se o aluno *regredir*, "se ele não tem condição de acompanhar a série", como disse Raimundinha. A *adaptabilidade* parece ser um valor por aqui, também no que se refere à avaliação dos alunos.

O livro que serviu de subsídio à aula de Liduína é o que contém o poema, já citado, p.55-56, das quais selecionou algumas partes.

Pergunto a Liduína se sente alguma dificuldade. Ela diz que não sente dificuldade, mas os alunos é que nem sempre fazem as coisas. Ela reconhece [então] que esta é uma dificuldade de fato, os alunos se envolverem nas atividades.

Ela acha que eles não se envolvem, "nem ligam, porque não querem. Fico olhando para os alunos de Raimundinha. Às vezes, tenho que dar dez minutos de silêncio".

Raimundinha diz, sorrindo, que "não se faz mais alunos como antigamente: os métodos mudaram".

Zé Raimundo, que chegou com Quiterinha no braço, diz que "antigamente, quando os alunos fazia danação, chamava pra um cantinho e resolvia na palmatória. Hoje em dia, se fizer isso, o professor é preso".

Liduína e Zé Raimundo acham que a divisão de uma mesma sala para as duas não atrapalha, "pois os alunos de Raimundinha prestam atenção, ficam na deles".

Liduína sente que o problema é sobretudo da Gilsa, que "fica conversando ou no meio da lousa, na *sala* de Raimundinha, ou mandando os alunos calar a boca, ou fica dançando, se rebolando na sala. A Gilsa foi assim sempre. Agora, não tem mais quem segure. Ela está pior. Sente que já tá adulta. Ninguém pode falar".

[Subsídio usado por Dunda para fazer seu desenho, no exercício de produção de desenho e texto sobre A jangada: SILVA, Antº de Siqueira et. Alli. A construção da linguagem. *2ª série. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1997, p.72].*

Lista de alunos da 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries:

educação indigena CC.indd 482 26/10/2015 11:43:26

ESCOLA INDÍGENA DIFERENCIADA MARIA VENÂNCIA ALUNOS MATRICULADOS – ANO 2001[210]

.

Nº	NOME	SÉRIE	D.N.	NOME PAI	D.N.	NOME MÃE	D.N..	LOCALID.	PROFES.
	João Paulo dos Santos Lima	Pré	30/06/97	Luiz Rosa de Lima	10/10/57	Mª Elizete dos Santos	08/05/57	Praia	Aurineide
	Maria Ariane dos Santos Lima	Pré	21/01/98	Luiz Rosa de Lima	10/10/57	Mª Elizete dos Santos	08/05/57	Praia	
	Paulo Henrique dos Santos Lima	Pré	18/06/94	Luiz Rosa de Lima	10/10/57	Mª Elizete dos Santos	08/05/57	Praia	
	Francisco Mateus dos Santos Lima	Pré	06/02/96	Luiz Rosa de Lima	10/10/57	Mª Elizete dos Santos	08/05/57	Praia	
	Venância do Nascimento Souza	Pré	01/03/98	João Batista de Souza (João Paulino)	24/06/56	Raimunda Marques do Nascimento.	13/06/71	Praia	
	Saniele do N. Souza (Marrom)	Pré	14/09/96	João Batista de Souza (João Paulino)	24/06/56	Raimunda Marques do Nascimento.	13/06/71	Praia	
	Ramón do N. Souza	Pré	29/10/99	João Batista de Souza (João Paulino)	24/06/56	Raimunda Marques do Nascimento.	13/06/71	Praia	
	R. Marcelina dos Santos	Pré		José Armando dos Santos		Maria Elenita dos Santos		Praia	

[210] A lista dos alunos de Raimundinha (2ª e 3ª séries) estava incompleta. Acrescentei os nomes dos alunos que estavam presentes à aula do dia 9/fev/2001.

26/10/2015 11:43:27
educação indígena CC.indd 483

	Maria Alviana Sezina dos Santos	Pré	25/05/97	Elves Alves dos Santos		Maria Gislane Sezina de A.		Praia	
	Maria Cilene Alves Sobrinho	Pré	19/02/96	José Alves de Castro (Zé Raimundo)	16/02/57	Maria de Jesus Sobrinho	23/08/64	Praia	
	Mª Quitéria Alves Sobrinho	Pré	28/03/99 [?]	José Alves de Castro (Zé Raimundo)	16/02/57	Maria de Jesus Sobrinho	23/08/64	Praia	
	Mª Juliana dos Santos Ferreira	Pré	16/01/95	Fco. Alves Freitas	18/06/75	Fca. Elizonete dos Santos	06/01/75		
	Mª Naila Sezino dos Santos	Pré	19/03/98	Elves Alves dos Santos		Maria Gislane Sezina de A.		Praia	
Nº	NOME	SÉRIE	D.N.	NOME PAI	D.N.	NOME MÃE	D.N.	LOCALID.	PROFES.
	Antoniel Marques do Nascimento	Alfa	12/08/95	Antônio M. do Nascimento	04/07/76	Mª Aurineide Pequeno	10/11/74	Praia	Aurineide
	Mª Joana dos Santos	Alfa	08/10/95	Rdo. Carneiro dos Santos		Claudevanda dos Santos	04/02/69	Praia	
	Emanuel Carneiro dos Santos	Alfa				Raimunda Carneiro dos Santos	18/11/64	Praia	
	Fco. Diego dos Santos	Alfa	13/02/93	Miguel Tomás de Barros		Maria Jandira		Praia	
	Fco. Alexandre Ferreira Andrade	Alfa	12/02/96	Neném (apelido)		Vilani (??)		Praia	
	Mª Josiana Cavalcante	Alfa	08/07/94	José Arteiro Cavalcante		Rita de Cássia Castro		Praia	

26/10/2015 11:43:27
educação indígena CC.indd 484

	Mª Suzane Marques de Andrade	Alfa	22/04/94			Mª Gê Marques de Andrade		Praia	
	Pedro Henrique dos Santos Freitas	Alfa	18/11/93	Fco. Alves Freitas		Fca. Elizonete dos Santos		Praia	
	Fco. Lucas dos Santos Ferreira	Alfa	04/04/95	Fco. Alves Freitas		Fca. Elizonete dos Santos		Praia	
Nº	NOME	SÉRIE	D.N.	NOME PAI	D.N.	NOME MÃE	D.N..	LOCALID.	PROFES.
	Ana Magna dos Santos	1ª	18/01/94						Neide
	Domingos Teles Mulato	1ª	31/08/86	Francisca Ambrósio Mulato		Maria Nereuda Teles Mulato		Mangue Alto	
	Francisco Gledson dos Santos	1ª	16/12/88					Praia	
	Francisco José dos Santos Freitas	1ª							
	Francisco Marques do Nascimento (Léo)	1ª	10/04/89					Praia	
	Janiel do Nascimento Souza	1ª	31/10/93					Praia	
	Maria Grediane dos Santos Lima	1ª	11/05/90						
	Maria Juciane dos Santos Lima	1ª	25/06/91						
	Maria Mikaele dos Santos Lima	1ª	20/06/91						

26/10/2015 11:43:27
educação indígena CC.indd 485

	Maria Miquelane Ferreira	1ª	23/06/94						
	Maria Samires do Nascimento Souza	1ª	07/11/94					Praia	
	Talita Ferreira dos Santos	1ª	03/04/93					Praia	
Nº	NOME	SÉRIE	D.N.	NOME PAI	D.N.	NOME MÃE	D.N..	LOCALID.	PROFES.
	Albino Marques do Nascimento	2ª	12/11/88	Francisco Marques do Nascimento	01/02/55	Lúcia Ferreira do Nascimento	31/08/56	Praia	Raimundinha
	Francisco José Teles Mulato	2ª	19/12/97						
	Maria Gaudênia Sezino de Araújo	2ª	10/06/89					Praia	
Nº	NOME	SÉRIE	D.N.	NOME PAI	D.N.	NOME MÃE	D.N..	LOCALID.	PROFES.
	Ana Patrícia dos Santos	3ª	19/10/91	José Armando dos Santos		Maria Elenita dos Santos	29/09/72	Praia	Raimundinha
	Mª Eleni dos Santos Lima (Dunda)	3ª	26/02/81	Luiz Rosa de Lima	10/10/57	Mª Elizete dos Santos	08/05/57	Praia	
	Tiago (*??)	3ª (?)		José Avelino dos Santos		Inácia do Nascimento Santos (Lindalva)		Praia	
	Angelina (*??)	3ª							
	Fco. Alves	3ª							

26/10/2015 11:43:27
educação indígena CC.indd 486

Nº	NOME	SÉRIE	D.N.	NOME PAI	D.N.	NOME MÃE	D.N..	LOCALID.	PROFES.
	Alana Marques do Nascimento	4ª	03/03/89	Francisco Marques do Nascimento	01/02/55	Lúcia Ferreira do Nascimento	31/08/56	Praia	Liduína
	João Alex Sezino de Araújo [*Não-índio!]	4ª	23/06/87					Praia de Almofala	
	José Alves Sobrinho (Cristiano)	4ª	15/08/87	José Alves de Castro (Zé Raimundo)	16/02/57	Maria de Jesus Sobrinho	23/08/64	Praia	
	Nina Alves Sobrinho	4ª	15/09/90	José Alves de Castro (Zé Raimundo)	16/02/57	Maria de Jesus Sobrinho	23/08/64	Praia	
	Maria Amanda dos Santos	4ª	11/03/90	José Armando dos Santos		Maria Elenita dos Santos	29/093/72	Praia	
	Maria Gilsa do Nascimento	4ª		José Avelino dos Santos		Inácia do Nascimento Santos (Lindalva)		Praia	

26/10/2015 11:43:27
educação indígena CC.indd 487

Há um total de 48 alunos, sendo:

- Pré-escolar: 13
- Alfabetização: 9
- 1ª Série: 12
- 2ª Série: 3
- 3ª Série: 5
- 4ª Série: 6

10 de fevereiro de 2001

Reunião de Professores Tremembés

Local: Centro Cultural da Varjota

Assuntos da pauta da manhã (segundo Zé Valdir):

- Entrada de novos professores tremembés
- Visita à Seduc
- Presença do CREDE, hoje à tarde
- Calendário escolar Tremembé
- Diário de Classe

Cheguei há pouco, quase 14 horas. O buggy teve defeito na bobina, quando já estava próximo à localidade Camundongo. Karla estava comigo. Cedo, havia ligado para ela, combinando de virmos juntos, conversando. Foi Nelson, um motoqueiro conhecido de Karla, que, passando na estrada, nos socorreu, indo buscar um mecânico em Itarema. Demorou um pouco, mas saímos do *prego*.

Zé Valdir me informou os assuntos discutidos pela manhã, neste encontro.

educação indigena CC.indd 488 26/10/2015 11:43:27

Em relação à entrada de novos professores tremembés, alguns já em franco processo de inserção com o acompanhamento dos mais antigos, a decisão da assembleia é que estes professores não sejam efetivamente incorporados sem que antes sejam informados pela Seduc se existem recursos para remunera-los. Acham que poderia acontecer que, depois que assumam turmas, acabassem por desistir do trabalho, caso não fossem contratados pelo Convênio depois de algum tempo. Decidiram também fazer uma reunião com a Seduc em Fortaleza, para se informarem sobre as condições de novas contratações.

Karla me confirma algumas informações prestadas por Zé Valdir. Diz que houve uma longa discussão sobre a contratação de novos professores. Raimundinha teria lembrado a luta, que passou três anos sem receber nada. Acha que não deveria ser tão fácil para ser professor indígena agora. Não acha correto receber logo após um mês de aula. Zé Valdir acha que o que aconteceu fez parte de um momento, já superado, e que agora é outro momento. Karla acha que a questão mais importante é que se discuta o que é ser professor indígena. Zé Valdir amplia as informações me dizendo que, após a reunião com a Seduc, vão fazer uma reunião com todos os professores e, só então, discutir os critérios e condições para as novas contratações.

Com relação ao CREDE, querem ver com as pessoas da equipe (que lhes procurou para fazer uma reunião) o que acham do assunto. Será uma troca de informações. Querem saber também sobre a merenda, material didático e outras informações que, por acaso, possam lhes trazer.

Quanto ao calendário escolar, apresentaram-se as propostas da Praia e da Varjota/Tapera. A Praia quer fazer um calendário específico, que leve em conta suas necessidades específicas [por exemplo, não formalizar o tempo das férias, mas adaptá-lo às ausências dos professores, em função das viagens]. Nas outras regiões, onde existe farinhada, o calendário permanece basicamente o mesmo [com o mês de férias em julho, por exemplo].

Sobre o Diário de Classe, querem elaborar outro modelo que atenda suas necessidades. Propus que, em dos encontros mensais de professores, se fizesse uma troca de experiências quanto ao registro de atividades e frequência de sala de aula.

educação indigena CC.indd 489 26/10/2015 11:43:27

Tarde:

Fala do Zé Valdir, abrindo os trabalhos da tarde.

Apresentação da equipe do CREDE-Acaraú:

Dina diz que já é conhecida e conhece o pessoal daqui, apesar de ter caras novas. Tem contato com Karla e o pessoal do CITA. Diz que está para conversar e tirar dúvidas.

Imaculada[211] coordena o departamento de ensino do CREDE, trabalha com educação indígena, de assentamentos. Um dia leu algo sobre educação indígena lá pelo CREDE. Foi se apaixonando. Quer acompanhar de perto. Acha uma coisa ímpar, professor reunido dia de sábado. Conhece Raimundinha, de uma frase que ela disse, que saiu num jornalzinho do CREDE.

Davi[212] já esteve por aqui e conhece alguns dos "meninos" [é assim que chama os professores, intentando demonstrar alguma intimidade]. Coordena a gestão das escolas, a questão das construções, aparelhamento de prédios etc. Está disponível para questões. Pergunta se todos os professores estão aqui. Zé Valdir esclarece que Evandro, Rosângela e Vilca não estão presentes.

Imaculada pergunta se as reuniões têm um calendário fixo. Zé Valdir esclarece que não, que cada nova reunião é marcada no final da que acontece.

Zé Valdir expõe o objetivo da vinda do CREDE: 1)Informações da Seduc; 2)

Davi fala que, mesmo trabalhando no setor gestão do CREDE, não sabe informações sobre a construção de prédios na área indígena. Acredita que essa informação possa vir pela Secretaria de Educação do Município de Itarema.

Dina diz que Francineide ligou para ela pedindo que, nesta reunião, fizesse o levantamento de quantas carteiras as escolas estão precisando.

Imaculada diz que até 3ª feira já teria condições de informar quem é responsável pelo material junto à Seduc.

[211] Nome fictício.
[212] Nome fictício.

educação indigena CC.indd 490 26/10/2015 11:43:27

Fernando lembra que não se trata só de carteiras.

Ivonete lembra a merenda.

Davi esclarece que a merenda só se destina à educação infantil e fundamental, e não de jovens e adultos. Informa também que a quantidade está baseada no censo escolar do ano passado. Diz também que estas crianças daqui, que foram matriculados via município, não constam ainda no cadastro de merenda do estado. Diz que precisa dos dados para levá-los à Seduc. Ele pede os quantitativos de alunos por série.

Dina trouxe uma ficha de matrícula para alunos e de cadastro para professores. Diz que, para a Seduc, implica na continuidade do convênio, do pagamento dos professores.

Fernando informa sobre a sala de informática, que soube de que já foi aceita a licitação. Davi diz que realmente o engenheiro esteve aqui e que foi realizada a licitação. Ele informa que, até o próximo mês, será construída ao lado do Centro Cultural da Varjota. Diz também que vai verificar a possibilidade de atender o pedido de que a mão de obra utilizada seja da comunidade e informa que existe uma burocracia quanto à firma que ganhou a licitação, de incluir funcionários não contratados.

Socorro, professora do Córrego do João Pereira, pergunta sobre a possibilidade de construção de novas salas de aula. Davi pergunta se Socorro está aqui (ele não a reconheceu e justifica que é porque ela cortou os cabelos). Informa ainda que as escolas indígenas agora têm uma nomenclatura oficial, que deve ser usada por todas as escolas, inclusive porque já foi publicada no Diário Oficial: Escola Diferenciada de Ensino Fundamental e Médio Maria Venância etc. Socorro insiste sobre carteiras. Davi pergunta quantos alunos ela tinha. Ela se enrola um pouco, fala que não tem ainda os números de matrículas dos outros professores e informa que tem 32 alunos. Davi havia insistido em que ela dissesse o número dos alunos, para que eles pudessem providenciar carteiras o mais breve possível e considerando a dificuldade de comunicação dela, que mora em uma área distante.

Karla pergunta sobre o que será feito em relação à escola da Varjota, que até então era do município. Davi informa que será cadastrada como *paralisada*.

educação indigena CC.indd 491 26/10/2015 11:43:27

Karla continua e pergunta sobre os recursos que já lhe foram destinados. Davi informa que é o caso de entrar em contato com a Secretaria de Educação do Município. Karla propõe que o CREDE negocie com a Secretaria de Educação de Itarema. Davi diz que a merenda, que vem de um fundo do MEC, está garantida. Karla chama a atenção sobre a questão do material didático. Davi e Imaculada dizem que não será uma negociação fácil com a Secretaria. Lembra que os recursos são gerados pelo censo do ano passado.

Karla chama a atenção da assembleia, dizendo que os recursos existem e chegaram à prefeitura de Itarema. Que devem ser buscados.

Davi considera que o convênio foi realizado em uma época imprópria, que deveria ter sido realizado no final do ano, e não em julho, como foi de fato.

Zé Valdir questiona o que vai acontecer com o prédio da Varjota diante do projeto de ampliação das séries, de 6ª a 8ª séries via Telecurso[213]. Sua preocupação é quanto às construções e quanto à oficialização da escola. Davi observa que existe uma diferença entre escola e prédio. Diz que a escola pode funcionar em qualquer lugar, em caráter provisório, por exemplo.

Imaculada chama a atenção de Davi dizendo que a preocupação de Zé Valdir trata antes de quem vai manter os recursos diante da ampliação. Davi insiste em que isso não é problema, que podem existir duas escolas em um mesmo prédio. Acredita que se trate da ampliação do Tempo de Avançar[214] via telecurso. Diz que é um projeto do município.

Davi e Imaculada esperam que, por ocasião da visita de Zé Valdir ao CREDE na próxima 3ª feira, sejam esclarecidas as questões que serão levadas à diretora do CREDE (Maria Bianchi) desde já, e que ela buscará esclarecer junto à Seduc.

Davi pergunta por Vilca, se ela está ensinando. Zé Valdir esclarece que ela deixou uma turma com outra professora, o que equivale a 100h/a, com Ivonete.

[213] Este projeto nunca se concretizou.

[214] Trata-se de um projeto de aceleração da aprendizagem encampado pela Secretaria de Educação Básica do Estado do Ceará.

educação indigena CC.indd 492 26/10/2015 11:43:27

Zé Valdir lembra que o único local em que haverá um convênio com o município será a Varjota *[*por tratar-se da mais antiga e maior escola pública construída na área tremembé, e por isso, auferir melhor das vantagens do reconhecimento/credenciamento?]*. Em todas as demais, será com o Estado. Contabiliza 7 escolas: Praia, Mangue Alto, Panan, Passagem Rasa, Varjota, Tapera, Córrego do João Pereira.

Raimundinha pergunta sobre o material didático que veio para a Escola Maria Venância. Rosângela teria questionado que seria para a Escola Maria Venância e a escola do Panan. Dina esclarece que o material era só para a Escola Maria Venância.

Davi esclarece que os recursos são comprados com o FNDE[215] (Projeto *Dinheiro Direto na Escola*), que opera com matrículas referentes ao ano anterior e com um número maior que 20 alunos. Reafirma que o material foi mesmo para a Escola Maria Venância e sugere que esta escola reparta esse material, se estiver sobrando e assim o desejar. Informa também que, a partir deste ano, o estado é que fará a coleta de informações sobre as escolas indígenas, que passam a pertencer à rede estadual.

Dina apresenta fichas de matrícula de alunos e de cadastro de professores. Vincula o preenchimento das fichas ao pagamento de professores. Impõe que seja enviada o mais breve possível, até a próxima semana. Intervenho e questiono a vinculação entre preenchimento de relatório e pagamento de salário, bem como os dados solicitados nas fichas.

Imaculada se justifica e diz que desconhecia que existia essa vinculação. Diz que está aqui exatamente para ver as coisas. Davi diz que a ficha é apenas para fins de solicitação de recursos, com os dados relativos à matrícula.

Questiono a elaboração de relatório pelos professores. Indico que o relatório seja acompanhado por técnicos do Estado/Seduc.

Imaculada fez uma intervenção depois de minha fala, dizendo que sou um pesquisador, que estou de passagem, que ela gostaria de ouvir diretamente os tremembés.

[215] Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.

educação indigena CC.indd 493 26/10/2015 11:43:27

Tomo a palavra e digo a ela que, pelo contrário, não estou de passagem, que minha pesquisa de tese nasceu de uma relação de quase 10 anos com eles e que espero que ela continue.

Aprofundo o questionamento, dessa vez sobre o relatório obrigatório. Proponho que o relatório, que é uma exigência burocrática do Estado, seja executado e/ou acompanhado por técnicos do estado.

Davi contesta minha fala, observa uma contradição, quando proponho que técnicos venham ensinar a fazer o relatório.

Tomo novamente a palavra e revido dizendo que não propus que os técnicos viessem *ensinar* os tremembés a fazerem relatório. Esclareço que o relatório não era uma prática típica da escola. Pergunto a ele diretamente se ele não consegue perceber a novidade que é a escola indígena diferenciada e do quanto ela, por ser diferenciada, pode trazer de elementos novos para, um dia, o sistema educacional brasileiro *respirar* um pouco mais.

Zé Valdir intervém. Pede que se continuem as atividades da tarde. Pergunta aos representantes do CREDE se há mais algo a ser informado.

Dina pede que os presentes assinem uma lista de frequência, para constar do relatório desta visita que a equipe do CREDE realizou à área.

As atividades finais são encaminhadas por Zé Valdir.

Karla, enquanto começam as discussões, me mostra algo do seu caderno de anotações, que considera fundamental: quando Zé Valdir perguntou o que os presentes esperavam da reunião com o CREDE, fez-se total silêncio. Ela então tentou provocar uma reflexão sobre o *diário de classe*. Fez a leitura de um trecho do Referencial Curricular Nacional Indígena, à página 67, incentivando a produção de diários de classe pelos próprios índios, que reflitam seus processos e não sejam apenas o cumprimento de uma exigência burocrática do Estado.

Temas Geradores das Atividades a serem desenvolvidas nas escolas:

A sugestão de Lucélia é que seja Inverno e Plantação. Zé Valdir questiona se o tema é oportuno para a Praia. A posição dos professores da Praia é afirmativa. Aceita-se, então, a sugestão como tema para os próximos meses.

educação indigena CC.indd 494 26/10/2015 11:43:28

Próxima reunião dos professores: 3 de março, na Tapera.

Após cochichar com Karla, sugerimos que os encontros dos professores pudessem ser enriquecidos com discussões pedagógicas, sobre temas relativos ao trabalho de professor. Falamos também que os relatórios fossem elaborados por escola e que fossem apresentados de forma artística nos encontros de professores, sendo oportunidade de gerar discussões pedagógicas. [...]

12 a 15 de março de 2001

12 de março de 2001[216]

Noite:

São quase 22h30.

O vento está parado. Não escuto nenhum barulho das folhas dos coqueiros do terreiro da escola. De longe me chega o som das ondas da praia; um pouco mais próximo, a voz de Raimundinha, que está em casa e conversa com alguém cuja voz não identifico.

13 de março de 2001

Manhã. 8h15.

Não escrevi mais ontem à noite porque preferi acompanhar Cosmo, que fazia exercícios de Língua Portuguesa. Ele, que estava estudando à noite com Liduína, agora vem às aulas da turma de 4ª série, na escola. Pergunto a ela, que até agora (8h20) foi a única professora que chegou à escola, se Cosmo veio para fazer maior o número de alunos da 4ª série, que é uma turma pequena, de 6 alunos. Ela responde que "foi ele que decidiu. Tem uns alunos que gostam de estudar comigo; fazer o quê?".

[216] *Diário de Campo*, n. 3, p. 201-282. Digitado em 25 a 27 de julho de 2002.

educação indigena CC.indd 495 26/10/2015 11:43:28

Ela reconhece que ele tem dificuldade de escrever, que esquece algumas palavras. "Mas ele já lê". [**Fico cada vez mais admirado dessa flexibilidade de critérios que definem em que série os alunos devem estar. Neste caso, de Cosmo, a sua vontade parece ter sido o fator decisivo. Os critérios de avaliação parecem diferir radicalmente das práticas tradicionais da escola pública regular, onde o desejo e a opinião dos alunos não constituíam absolutamente critérios para avaliar e definir a série a ser cursada*].

**Descrever acontecimentos do dia de ontem, 12/março:*

- [...] Visitei Tarciso, com Dijé. Encontrei Vande, seu filho, envolvido em uma briga de faca, onde furou um outro rapaz.) *[...]*
- Realizei exames de diabetes. Uma constatação que mexeu comigo: estou com início da doença [...].
- Conversa com Zé Raimundo e João Venança: histórias de "encantes". *[*Retomar e coletar depois algumas dessas histórias].*

Aula de Neide (1ª série)

Correção de exercícios de casa: separação de sílabas.

CORRENTEZA = COR – REN – TE – ZA
ENCHENTE = EN – CHEN - TE
CORRENTE = COR – REN - TE
PLANTAÇÃO = PLAN – TA - ÇÃO
COLHEITA = CO – LHEI – TA

Neide me pergunta se "enchente" é com "i". Informo que é com "e". Léo observa que "a professora é que tá perguntando ao aluno". Neide reage com absoluta indiferença, segurança, serenidade. É como se fosse normal professor não saber tudo. Mais que isso, ela parece ter estabelecido comigo na sala uma relação que, aos poucos, vai se naturalizando. Aos poucos, deixo de ser uma novidade (ou mesmo um incômodo provável, por observar e anotar em meu diário). De outro lado, pareço funcionar como um eventual consultor,

educação indigena CC.indd 496 26/10/2015 11:43:28

um auxílio a ela, quando necessário, em questões específicas, como essas de ortografia.

Enquanto Neide acompanha a resolução de exercícios de Talita, Léo, Janiel, Samires e outras crianças circulam à vontade pela sala, vão à janela, à porta que separa a sala da Aurineide e que, hoje, permanece aberta. Aliás, a porta de palha está encostada no canto direito da sala, ao lado da janela, servindo de cobertura ao ninho em que uma galinha choca ovos, nesta sala de aula.

Léo, que me trouxe o desenho em lápis de um bote, feito em seu caderno de folhas pautadas, prega uma folha de papel-ofício sobre a cabeça de Neide, com dois pedaços de fita gomada *[*descrever os materiais didáticos que a Seduc enviou para a Escola Maria Venância]*. Neide, mais uma vez, reage com naturalidade e indiferença. As crianças parecem absolutamente à vontade com ela. Sua paciência e calma parecem infinitas.

Corrigido o exercício de casa, Neide agora faz um ditado. No quadro verde há um cabeçalho:

Data: 13/03/2001

Escola: Maria Venância

Nome:

Ditado

Ela, então, desfila a lista das palavras a serem copiadas pelos alunos em seus cadernos: "Chuva fina"; "Água limpa"; "Lagoa cheia".

Enquanto Neide propõe as palavras, Gleidson permanece com o caderno fechado. É a primeira vez que o vejo em sala. Neide me esclarece que "ele demora mesmo a vir".

Liduína me informou que Amanda não estava vindo mais às aulas e que "Victor vem um dia e falta uma semana".

Ontem à noite, Dunda, que conversou um pouco comigo e me convidou hoje para ir ao Projeto Tamar, me disse que não estava vindo esta semana às aulas "porque tem muito trabalho pra fazer em casa". Lizete, sua mãe, diz que é uma

educação indigena CC.indd 497 26/10/2015 11:43:28

encomenda de colares, que precisa da ajuda de Dunda. Pergunto por que ela não faz os colares à noite, ao que ela contesta que, "à noite eu vou descansar".

A escola não parece constituir-se um *stress* para os alunos, pais ou professores. As faltas e ausências prolongadas de alguns alunos parecem constituir-se em uma prática vista com *naturalidade*, como se fosse natural alguns alunos não terem interesse apurado pelo estudo. Parece ser essa a concepção de Liduína, quando perguntada sobre a ausência de Victor: "ele não tem interesse". Replico perguntando sobre o porquê de seu desinteresse, ao que ela responde, simplesmente, que não sabe o motivo.

Hoje, Janiel está plenamente envolvido nas atividades de aula. Foi ele, inclusive, que pediu o ditado, e o está fazendo. Vez por outra, ele vem mostrar o que está fazendo, escrevendo palavras que, aliás, não foram ditadas por Neide, e de difícil construção (imagino), como *lazanha*.

Samires é que, hoje, está mais dispersa do nunca! Fez bola de papel e batia nela com um bastão de palha de coqueiro, como se jogasse golfe no chão da sala. Circulava pela sala toda. O caderno, que deixou largado no chão, vez por outra rasgava um pedaço de folha. Léo diz que ela está querendo ganhar um caderno novo. Depois, sorrateiramente, ela apagou o cabeçalho na lousa. Agora, rabisca um livro velho, envolvendo Gleidson em seu brinquedo, fazendo do apagador um telefone através do qual fala com alguém enquanto escreve, sentada na carteira, com as pernas cruzadas.

Neide atende aos alunos da 1ª fila (da esquerda para a direita: Léo, Micaele, Talita, Mariana e Miquelane). Ela parece indiferente à dispersão de Samires, como se fosse natural que ela seja assim mesmo, inquieta ou, ao menos, que *hoje ela esteja assim*.

Chama-me a atenção que Léo esteja ainda na 1ª série. Ele está desde o início da escola, há 10 anos! Lembrei também do que João Venança disse na palavra de abertura da festa do aniversário de Dunda, que fez 20 anos no dia 26/fevereiro passado: "é a aluna mais antiga da escola diferenciada, há 18 anos". Na verdade, a escola, pelo que Raimundinha me havia dito, teria iniciado em 1991. De qualquer modo, tenho a sensação de que a escola poderia ter possibilitado a alunos como Léo ou Dunda (que está na 3ª série)

educação indigena CC.indd 498 26/10/2015 11:43:28

terem avançado na aquisição do saber escolar e, particularmente, da leitura e escrita. O que "segura" os alunos? A falta de formação escolar dos professores como Raimundinha ou Neide, que só têm a 5ª série? A falta de competência didática? A falta de reconhecimento efetivo destas séries [mais avançadas] nesta escola? Um pouco de tudo isso?

O *ditado* continua. Pela primeira vez me dei conta do *conteúdo político* desta palavra. Neide continua: "Peixe gordo"; "Muito peixe na pescaria"; "deu lagarta na plantação"; "colher feijão maduro"; "comer milho verde".

Janiel me mostra o caderno em que ele escreveu o alfabeto e números de 0 a 80, deixando o ditado de lado.

Neide tenta envolver os alunos nas atividades, mas permite flexibilidade de envolvimento, comportamento, atividade.

Neide parece trazer para a aula o que foi combinado na reunião de fevereiro, dos professores: que o conteúdo a ser desenvolvido no trimestre seria *inverno e plantação*.

Aurineide me trouxe um belo texto ilustrado, que ela mesma elaborou, para trabalhar a temática do trimestre com seus alunos, e que me pediu para "analisar e fazer as correções". Trouxe-me também umas provas de sua filha Antoneide, que está estudando no Colégio Gênesis, em Fortaleza.

Pergunto a Neide o que ela pensa sobre a permanência de alunos como Léo e Dunda em séries iniciais. Sua resposta, semelhante a de Liduína, considera o desinteresse do aluno. Retomo refletindo que estou intentando ir além do que é afirmado como o óbvio. Questiono se se pode dizer que Léo tem desinteresse, se ele é extremamente competente e envolvido em outros conteúdos, como o desenho. Neide reconhece, olha ao longe, fora da janela, como se ela mesma não acreditasse mais na resposta evasiva que me dera. Digo-lhe então que o problema é da escola como um todo, e não especificamente de um segmento, dos alunos. Ressalto a questão da formação dos professores, dos recursos e das condições gerais da produção da escola.

Ontem, Aurineide e Dijé foram ao 1 º dia de aula de um curso supletivo 1º grau que está sendo oferecido em Almofala. Dijé queixava-se do professor, que

educação indigena CC.indd 499 26/10/2015 11:43:28

escrevia e apagava a lousa muito rapidamente, impedindo que ela acompanhasse seu ritmo. Aurineide tinha dúvidas quanto às perguntas que foram passadas como exercício de casa e sequer sabia de qual disciplina eram. Tratava-se de questões de interpretação de um texto da disciplina Língua Portuguesa. Ela pediu minha ajuda. Contrapropus que conversássemos, eu e os professores, sobre a formação, e que eu estava disponível para ajudar a pôr em prática um programa de estudos, seja em função da preparação para exames do Supletivo, seja em função do magistério indígena. [Marcamos uma conversa com as professoras no dia 15 próximo].

Relembrei minha posição quanto a este último, que é a de que os próprios professores deveriam iniciar/formalizar seu curso de magistério sem esperar pela Seduc, reivindicando depois, quando as coisas estiverem andando, o reconhecimento e apoio ao magistério indígena.

Neide, agora, conseguiu a atenção de todos os alunos da turma, contando histórias. Sentada, os alunos formam um círculo com as carteiras em torno dela. Enquanto conta as histórias, ela aponta lápis de cor com um estilete que eu trouxe.

Janiel se aproxima de mim, observa o que escrevo, põe o braço sobre meu ombro e, com o dedo sobre as palavras, tenta ler o título de um dos textos que Aurineide me pediu para analisar, e que estão sob meu Diário.

Depois das histórias, Neide passa a tarefa de casa:

Para casa

Chuva _____

água _____

lagoa _____

peixe _____

colher feijão _____

comer milho _____

educação indigena CC.indd 500 26/10/2015 11:43:28

Na lousa não está explícita, claramente, a tarefa a ser realizada, que está pressuposta nas lacunas que deverão ser preenchidas, conforme indica Neide.

Espontaneamente, inicio um *feedback* com Neide. Digo a ela que, particularmente, valorizo a flexibilidade de disciplina da sua turma, contrapondo-me à uniformização das práticas, comum às escolas tradicionais. Pergunto se ela sente alguma dificuldade, ao que ela diz que não, que deixa os alunos à vontade para que, quando ela precisar que eles se envolvam, eles possam atendê-la: "Nós mesmos, adultos, detestamos fazer uma coisa forçada! É injusto forçar as crianças a fazer o que não gostam. Às vezes, tem dias que planejo uma atividade, como agora, que estamos com a temática do inverno, e que, logo vejo na cara deles, que eles não estão nem aí. Aí, eu tenho que criar na hora algo que envolva eles. Às vezes, penso se não tem um jeito melhor de trabalhar com eles. Essa é a minha dificuldade".

Neide diz que se sente "totalmente integrada à escola; nem acho ruim vir do Panã pra cá. A relação com as outras professoras é ótima!".

Observo que algumas crianças da 1ª série têm dificuldade de construir sílabas (foi o caso de Gleidson, que não conseguiu ler a palavra *verde*, e Miquelane, que não leu a palavra *Babi*, que escrevi de caneta em sua mão). Neide diz que "já peguei eles assim. Não sei o porquê da dificuldade".

Pergunto sobre o subsídio usado na aula de hoje. Ela diz que não usou nenhum subsídio. Disse que o tema foi planejado no último encontro de professores.

Para a operacionalização dos conteúdos, ela fez aula de campo: pediu que as crianças descrevessem a paisagem: terra molhada, verde das plantas etc.

Pergunto a Neide qual o objetivo da 1ª série [ao que ela responde]: "Segurança de escrever sozinho e dar o pontapé inicial da leitura". "Outra coisa também seria desafiar a si próprio, com o desenho".

Ela considera que um papel seu essencial é incentivar e encorajar os alunos.

Considera também que as condições técnicas e didático-pedagógicas "contribuem bastante para o objetivo". "Quando percebo o desinteresse, mudo, me adapto".

educação indigena CC.indd 501 26/10/2015 11:43:28

Neide está aqui desde julho. Diz que Raimundinha já reclamou que os alunos não estão desenvolvendo muito a leitura. "Mas as coisas não acontecem da noite para o dia. Eles já melhoraram muito".

Samires trouxe a merenda de Neide que, enquanto responde às minhas perguntas, põe *pasta* [creme] nas escovas dentais dos alunos.

Marquei com Neide de continuarmos a conversa na próxima 4ª feira.

Tarde (13/03/2001), 17h20.

Passagem Rasa, casa do Zé Domingos.

Vim com João Venança e Dijé. João Venança veio pegar uma saca de farinha emprestada, que está faltando na Praia. Dijé veio fazer umas pesagens de crianças, parte de seu trabalho de agente de saúde (AS) da Funasa. Trouxemos também material didático para a turma de Vilca, professora daqui.

João Venança relata os últimos acontecimentos referentes ao Córrego do João Pereira (Capim-Açu). Ele e mais 13 homens e 2 mulheres foram até lá e desmancharam a cerca que o grupo ligado ao Pedro Teixeira havia feito, intentando isolar *seu* Raimundo Salu, membro do CITA e amigo de Agostinho Teixeira, apoiado por João Venança. Agostinho, disse João Venança, ligou para Petrônio, da Funai (ADR[217] de João Pessoa), que esteve no local e, buscando resolver o conflito interno, teria tomado a postura de que não seria feita nenhuma cerca separando terras antes da demarcação definitiva. Esta posição fortalece Agostinho Teixeira, o CITA e joga uma ducha de água fria sobre Itamar (filho do Pedro Teixeira) e seu grupo. João Venança me disse, na conversa que tivemos na tarde de ontem, que Francisca Adelaide teria dito que ia abandonar o Capim-Açu. Ele comentou também: "Só agora? Depois que dividiu o povo?".

Fiquei alegre com as notícias do CJP. Pela amizade que tenho a Agostinho e sua família. Também por acreditar que assim será bem mais provável que o Capim-Açu possa se tornar o celeiro da Praia, enquanto não sai a demarcação

[217] Administração Regional da Funai.

educação indigena CC.indd 502 26/10/2015 11:43:28

das terras, com o pessoal do grupo do Mutirão plantando e tornando-se autônomo na produção de alimentos.

João Venança vai atualizando Zé Domingos com as notícias. "Por último", como ele mesmo salienta, "vim lhe pedir um favor. Ouvi falar que você tem uma coisa que eu tô precisando: farinha. Acabou a farinha na Praia. Queria um saco emprestado". Prontamente, Zé Domingos entra pela porta que dá acesso ao corredor desta sua casa de paredes de taipa e chão de tijolo, sem pintura, entrando no primeiro cômodo à esquerda. Pede ajuda ao filho Manuel que, com uma pequena bacia de alumínio, passa a farinha de um surrão (saca grande) para um saco de nylon, menor, com o rótulo *Moinho Dias Branco*, certamente ocupado originalmente com trigo moído.

Chico permanece lá no terreiro, mas já não o avisto. Ele foi quem se ofereceu para ir buscar as cascas de cajueiro-brabo, que vou usar como remédio para controlar o diabetes. Durante uns 40 minutos, acompanhei-o pela mata do lado poente da casa, onde ele já sabia onde encontrar a planta. Com esmero e paciência, ele descascava a casca rosada, que se encontra imediatamente colada à madeira do caule, antecedida da casca mais exterior, seca, de fácil retirada, e uma outra casca, de transição. Juntei um meio saco desses de supermercado.

Informe-me com Zé Domingos sobre o local onde acontecem as aulas. É na casa de Vilca, na localidade de Cabeça do Boi, bem próximo daqui. Deverei passar uns dias por aqui, para acompanhar, descrever e refletir as atividades escolares.

Manuel me informa que são apenas cinco alunos. "Tá tão pouco". Diz também que hoje não haverá aula porque acabou o gás do botijão do lampião e a Vilca avisou que não se conseguiria resolver o problema a tempo. Vilca dá aulas também pela manhã, para uma turma de aproximadamente 10 crianças, heterogênea, com crianças de 2 a 6 anos.

Manuel informa que quando começaram as aulas da turma de jovens e adultos eram uns 22. "Aos pouco *foro* se afastando. Uns dizia que não era índio e *foro* se afastando. Os que se identifica mesmo como índio são pouco".

Pergunto ao Manuel o que ele pensa sobre o porquê de alguns não terem se identificado como índio. Ele diz: "Eu penso que é porque eles prefere ficar do

educação indigena CC.indd 503 26/10/2015 11:43:28

lado dos posseiro. Os que são contra manda a gente tirar os colar, as pulseira, dizendo: tira isso, isso lá vale nada!"

Manuel conta outro caso relatado pela professora, que sucedeu a ela própria. Uma aluna "contra" teria mandado ela deixar de usar uma fivela artesanal, feita com birro pelo Chico Izídio. Ela tirou a fivela e guardou, e teria dito que só voltaria a usar quando fosse para as reuniões, "essas viagens, no meio da gente".

Classifica como besteira a postura dos "posseiros" e "contras". Nota que inclusive os não indígenas usam. Lembra Rita de Cássia, que esteve na Praia, no Carnaval, e que "comprou um monte de colar e botou no pescoço".

João Venança, que havia saído para retirar as caixas de material didático de Vilca, entrou, sentou-se do outro lado da porta, próximo à rede de tucum em que Manuel se encontra deitado, e se introduz na conversa contando um *tête-à-tête* ocorrido entre ele e alguém que usava cordões de ouro e que o questionava sobre seus cordões indígenas. João Venança respondeu questionando por que ele usava cordões de ouro, concluindo que, assim como o outro punha valor em seus cordões de ouro, ele punha valor em seus colares indígenas, "porque é próprio da nossa cultura".

A sala da casa de Zé Domingo parece quase tão somente funcional, não fosse o copo de alumínio excomunalmente polido, brilhando no rústico porta-copos de madeira, sobre o pote de beber, no canto direito posterior, próximo à porta do corredor. Um pequeno, envelhecido e descolorido poster do papa João Paulo II encerra toda a *decoração* e adereçamento das paredes, que contêm incontáveis buracos feitos por insetos sobre a taipa rebocada com barro cru. Um feixe de ripas e caibros se encontra encostado no rodapé da parede posterior da sala. Uma bicicleta está apoiada na parede lateral, à minha esquerda. Há uma rede de algodão armada, mas suspensa ao teto. Uma máquina de costura, que está bem próxima da porta da frente da casa, e sobre a qual se apoia agora a lamparina, é o móvel mais luxuoso da casa, fazendo da sala, além de local de receber visitas, dormitório, galpão e também oficina.

Noite.

Acabei de jantar: peixe frito com farinha d'água. O almoço foi peixe cozido com pirão escaldado. Não tinha arroz, feijão ou macarrão, que sempre havia das outras vezes em que estive aqui.

educação indigena CC.indd 504 26/10/2015 11:43:28

Uma bacia de alumínio repleta de macaxeira que trouxemos da Passagem Rasa foi cozida e, agora, colocada no meio dos presentes: João Venança, Cris, Babim, Nina, Alana, Dijé, Zé Raimundo, Cosmo (a filha de Madalena Pitaguary, que está desde o carnaval) e eu. Cilene e Quiterinha já se encontram nas redes, próximas à porta que dá para o nascente.

Desde ontem, Zé Raimundo e João Venança me contam "história de *visagem*"[218]. Há uma crença convicta entre eles da existência dessas entidades. As histórias me parecem muito reveladoras de um modo de existência social próprio. São histórias *fantásticas*.

*[*Gravar algumas dessas histórias:*

- *A da fortuna de um cara, que estava no Maranhão (chiqueiro das cabras do finado Titônio Adeodato).*
- *Histórias contadas por Mãe Chiquinha.*
- *Histórias com indicações de locais e pessoas conhecidas da região. [...]*
- *História dos "pescadores, estão dormindo?"]*

Zé Raimundo e João Venança se alternam em contar histórias, ininterruptamente. As crianças escutam. Cristiano é o que se mostra mais cético e faz piada das histórias.[...]

Perguntei ao João Venança se o Isaac Mulato se assumia como índio, ao que ele disse que não. Veio-me uma ideia, uma hipótese, de que quando esses parentes não se assumem como Tremembé, talvez seja por causa do conteúdo político que esta categoria vem recebendo nos últimos anos. Conteúdo macropolítico, sisudo, militante, estigmatizante, contestatório. Enfim, da identidade indígena produzida no bojo do movimento indígena encampado pelo CIMI, inicialmente.

14 de março de 2001

Conversei com Neide, professora, intentando fazer sua história de vida. *[...]*

[218] São seres de *outro mundo*. Podem ser almas, encantados, bruxas ou assobiadores, entre outras entidades.

educação indigena CC.indd 505 26/10/2015 11:43:28

Nome: Maria Neide Teles Santos

Data Nasc: 4/12/68 *[não lembrava o ano]*. Nasceu em Camboa da Lama, perto daqui.

Filiação: José Teles Santos (Zé Livino) e Maria Aldenora Santos

Começo da vida de professora:

Estudo: Alfabetização: aos 6 ou 7 anos, na casa da professora Moreninha, no Panã de Baixo. Lembra que dormia muito na escola e levava *cascudos* para acordar. Considera que era uma boa professora. Todos os alunos gostavam dela. Ela ensinava até a 2ª série. *[não tem certeza]* Usava a Cartilha do Povo *[não tem certeza do nome]*. "Era como se fosse a 1ª série de hoje". O local era o Prédio do Barro Vermelho (atual Colégio João José de Almeida). A professora era a Tia Liça. Neide tinha +/- 10 anos.

Não estudou nos anos posteriores à Alfabetização. Acha que foi falta de interesse da avó materna (Maria Paulino, mãe do Zé e João Paulino, de Raimundinha). Foi para Fortaleza, ajudar a cuidar do recém-nascido de sua tia Neusa. Ficou uns 5 ou 6 meses e voltou para casa. A avó disse: "João (o avô), essa menina precisa estudar. Era ela quem decidia onde e se eu devia estudar". Então, começou a 1ª série com a professora Maria Velina (assim como a professora Moreninha, paga pelo município, mas ensinando em casa). Até então os estudos não eram pagos. Comprava-se o livro e o material didático. No prédio, havia farda; na professora Maria Velina, não. Neide tinha entre 11 e 12 anos quando fez a 1ª série.

Fez a 2ª série até a metade. Repetiu a 2ª série com a mesma professora, Dejanira Monteiro, nos Torrões, na casa dela. Uma vez ela lhe disse: "Olha, Neide, eu vou estar com você na 2ª série, pra você terminar, mas você já deveria estar na 3ª série". Fez a 3ª série com a mesma professora (Dejanira), nos Torrões.

Quando ainda estava cursando a 3ª série, Dejanira a convidou para assumir a 1ª série, substituindo uma professora que havia ido embora. Foi sua primeira experiência de magistério, aos 14 anos de idade.

Não recorda se Dejanira era paga pelo município.

educação indigena CC.indd 506 26/10/2015 11:43:28

Considera que Maria Velina e Dejanira eram boas professoras, porque ela (Neide) não sentia dificuldades; acha que "*ela passava bem as coisas*". Mas não sabe se "*eram elas que tinham facilidade de ensinar ou se era eu que tinha facilidade de aprender*".

Lembra que ela (Dejanira), algumas vezes, ia até sua cama (Neide morava na casa dela porque era longe para ir e voltar), ensinar Matemática com palitinhos.

Avalia que ela (Dejanira) gostava dela; até chorou quando Neide veio embora. Diz que deixou de gostar quando "virei índia. Talvez quisesse também meu voto" (quando candidata a vereadora). "*Hoje, mal fala comigo*".

Iniciou a 4ª série ainda nos Torrões, com uma filha de Dejanira, Isabel, com quem se desentendeu. Na Semana Santa daquele ano veio embora, abandonando os estudos lá.

Recebeu um convite de parentes para ensinar voluntariamente na Fazenda Capeba, em Amontada. Alfabetizou durante um mês. Depois, uma prima de Fortaleza, cujo marido era caminhoneiro, a convidou para morar com ela. Neide ficou com ela durante seis meses, que foi o tempo de uma longa viagem do marido.

Voltou a morar com a avó, ficando uns 13 ou 14 anos sem estudar ou ensinar. Nesse ínterim, em janeiro de 1985, foi trabalhar em Fortaleza, cuidando de crianças de outras famílias (como babá). Era um tempo cheio de interrupções, com mudanças de patroas e retornos à casa da avó. Além disso, cuidava de casa, em alguns períodos. Não gostava do serviço: "*Era sempre a mesma coisa todo dia; além disso, tinha folga de 15 em 15 dias. Quando morava com dona Conceição e cuidava de criança, viajava com a família. Gostava mais*".

Nesse período também apareceu Davi (que hoje tem 14 anos) *[*Retomar depois a história]*. Ficou grávida em Fortaleza. Morou com amigas. Veio morar com a mãe nos últimos meses da gravidez, quando nasceu Davi, e até 4 meses de vida, quando retornou a Fortaleza, para continuar trabalhando, cuidando de crianças (*dona* Conceição). Depois de uns 6 meses, decidiu-se não cuidar mais de crianças: "estava cansando". Alugou uma casa com sua prima, que se separou do caminhoneiro, e que já morava com uma amiga, Rosa, "que se tornou uma espécie de mãe pra mim, fora de casa".

educação indigena CC.indd 507 26/10/2015 11:43:28

Arranjou um emprego na Padaria Flor do Vale, no bairro de Parangaba. Nesse período, engravidou da Emanoela *[...]*. Davi ficou com a mãe, em Almofala. Quando a menina estava com seis meses de nascida, trouxe-a para a casa dos pais. Ficou uns 4 meses por aqui. Voltou a Fortaleza. Conheceu uns amigos que trabalhavam no Circo (cujo nome não lembra, a não ser pelo apelido, "Menor-de-Todos", que indicava o quanto era pequeno, simples; era propriedade de uma família). Ficou uns 2 meses. Chegou a fazer um percurso de Caucaia, Catuana, Sítios Novos, Irauçuba, Itapajé e Sobral. Namorava o secretário do circo.

Voltou a Fortaleza. Conheceu Terezinha, de Carvoeiro, que tinha uma confecção infantil e a convidou a trabalhar com ela. Assim como no circo, a renda "era pouquíssima. Mas não queria ficar no zero". Foi morar com a tia Neusa, em Messejana. Deixou Terezinha e passou a trabalhar como diarista, para pessoas conhecidas. A tia a chamou então para trabalhar na cantina da empresa Irmãos Bezerra (de ônibus), durante 4 anos e cinco meses. Recebia um salário. "Foi a fase mais dura, mas a melhor: não precisava pagar transporte e tinha comida". "Ôche! Trabalhava assim: entrava hoje às 7 da manhã, passava o dia, a noite, o dia seguinte, saía as 4 da tarde. Tinha uma noite de folga e voltava no dia seguinte Nesse tempo, eu vivia doente de sono. No segundo ano de trabalho resolvi estudar. Como ia estudar, se não tinha tempo? Mas resolvi tentar no IA Social, um instituto não-sei-de-quê. A gente se associava e tinha acesso a muitas coisas... Rapaz, acho que não estudei um mês. Ainda ficou professor que eu não conheci. Eu tirava um plantão na segunda-feira. Morria de sono. Ia me arrastando. Mas adorei! Se tivesse tido oportunidade, teria terminado meus estudos lá".

"Passei o resto do período sem estudar. Arranjei um namoro que ia dar em casamento. A gente ficou junto um ano e três meses". Era um rapaz de Almofala. Voltou a morar, por isso, em Almofala. "O romance acabou e eu não queria mais voltar a Fortaleza. O que vou fazer pra ganhar dinheiro? Queria vender alguma coisa. Mas comprar como, sem dinheiro? Papai recebeu o seguro-desemprego *[pergunta se é o* "segundo-*desemprego"]* e me deu R$50,00, que comprei de adereços para enfeitar cabeça de criança: presilhinas etc. Isso, há uns 4 anos. Nessas andanças, me perguntaram por que eu não ensinava, uma colega lá do Torrões. Essa amiga conversou com outras, arranjaram uma

educação indigena CC.indd 508 26/10/2015 11:43:29

garagem e alunos para eu ensinar. Fui lá conferir: tinha uns 10 alunos, todos de alfabetização. Dei aula o ano inteiro, em 96 ou 97, não lembro direito. Alfabetizei o ano inteiro. Cada criança pagava R$5,00 por mês. Nesse período, já se falava em escola diferenciada na comunidade. A proposta era que cada comunidade escolhesse seu professor, sua professora. Fui escolhida do Panã. Fizeram uma reunião, me chamaram, fizeram a proposta e eu topei".

21h30 – Cozinha da Dijé: conversa com João Venança e Zé Raimundo

Sabedorias para evitar ou se livrar de pesadelo: cruzar os chinelos e/ou pôr uma faca debaixo da rede. Cruzar os chinelos "porque faz uma cruz, aí o bicho não encosta, e o ferro porque o cabra tem medo de ferro e cruz".

Zé Rdº me pergunta se conheço os "assobiadores".

João Venança me contou a história que aconteceu com o Valdemar Idelfonso, que "ficou respondendo a um assobio, até que apareceu o velho, com a barba no imbigo. Aí, quando os dois se encontraram, o velho deu um assobio. Então, um cachorrão enorme, com um palmo de língua de fora, apareceu do lado do velho. Valdemar desmaiou e largou no chão o cambão de peixe que trazia".

Zé Raimundo conta uma história que aconteceu com ele próprio. Faz tempo, uns 20 anos; ele "ainda era só" (não estava junto com a Dijé). Diz que tem medo. "É um assobio esquisito, fino demais, não é de gente". Zé Raimundo vinha dos Torrões. Anoiteceu por lá. Tinha um jogo de futebol no rádio (neste tempo não tinha televisão por aqui). Ele veio embora, não assistiu o jogo. Quando vinha no caminho, uma parte em que havia um capinzal, viu um pé de vento, um redemoinho, "uma coisa". Quando acalmou, depois de andar uns 200 metros, escutou um assobiador, do lado de baixo. Aí, ele veio vindo. Outro respondeu. De repente, eram muitos assobios. Ele então veio, que nem sentia as pernas. O último assobio já foi bem próximo à sua casa. Diz que, "se o cabra responder, o assobiador vem bater em cima". "Eu tenho medo demais!".

João Venança diz que ele é um "encante, uma visão da noite. É um velho. Ele assobia para chamar o cachorro, quando se distancia dele". Pergunto quem pode ver, se qualquer um pode ver. Ele diz que não. Pergunto se uma pessoa como eu posso ver. Ele e Zé Raimundo dizem que não, mas posso escutar. Posso ver, "se desafiar".

educação indigena CC.indd 509 26/10/2015 11:43:29

Calisto, que chegou de surpresa, entra na conversa e conta uma história de assobiador: "Eu nunca vi, mas aconteceu com meu pai, que ele contou". O pai ficou respondendo o assobiador e, no fim, um pássaro enorme, sem penas, só a carcaça, apareceu e entrou dentro de casa. "Dizem que foram dois compadres que se mataram. Outros dizem que são os judeus errantes. Ou foi Caim que matou Abel. Quem contava era meu pai".

João Venança diz que ele pode se transformar em outras coisas.

Histórias de Lobisomens, Bichos, Encantes.

Zé Raimundo conta a história do Cabra-Cego (Chico-dos-Óião), dos Torrões, que tentou virar lobisomem, e que disse que dá certo:

Durante nove sextas-feiras, a pessoa vai para onde rola um animal. Rola 3 vezes para um lado e 3 vezes para o outro. Antes, tem que "ex-conjurar" pai e mãe.

O Cabra-Cego disse que fez, que na 1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª vezes não sentiu nada. Sentiu na 6ª vez: o seu couro engrossou. Saiu o espírito do cristão e entrou o espírito maligno. Ele viu quando um negrinho, um molequinho, chegou com uma capa preta para cobri-lo. Mas ele não deixou e fugiu.

"Danada mesma é bruxa", diz João Venança. "Ela tira a cabeça", completa Zé Raimundo. João Venança se despede, leva Calisto para dormir em sua casa, prometendo continuar as histórias da bruxa amanhã.

João Venança tinha falado outra história, que não me foi possível registrar, e que dizia que o dia de virar lobisomem era quinta-feira. Pergunto se o dia é 5ª ou 6ª feira. Ele diz que, desde os antigos, se sabe que os dois dias, 5ª e 6ª feira, são os dias de lobisomem.

João Venança e Zé Raimundo reconhecem que hoje já não acontecem mais as histórias, "porque ninguém tem mais medo hoje em dia. Se um cara virar lobisomem, é morto na hora. As pessoas veem um filme na televisão e não estão nem aí".

Zé Raimundo me conta uma outra história que sua mãe contava: eles iam ao Acaraú a pés, para a Festa de S. Sebastião. Um tempo, correu a notícia de que andava uma bruxa pela estrada de Almofala ao Acaraú. Então, na volta,

educação indigena CC.indd 510 26/10/2015 11:43:29

à noite, sua avó teria dito que deveriam ir pela estrada onde hoje é o Pedro Mano, e não pela Central (atrás da Igreja), por onde a bruxa iria passar. Lá pelas tantas, escutaram a cachorrada e o grunhido da bruxa na outra estrada. "Os nossos avós sabiam um pouquinho das coisas! Hoje em dia, um menino sai de casa, não se benze, vê essas *visages*".

22h45

A cada dia, antes de dormir, tenho proposto exercícios de aquisição de escrita a Cosmo. Os exercícios são: Uso de *nh, lh, qua, gua*. Escrita de bilhete/carta. [...]

15 de março de 2001

Cosmo estava lavando a louça no jirau da cozinha. Já havia visto ele fazer outras tarefas, que me foram ensinadas como típicas *de mulher*. Aqui, os papéis e as tarefas específicas de gênero parecem muito plásticas, em certas situações, como as tarefas caseiras e o cuidado das crianças. No Mutirão de agricultores, são as mulheres que ocupam o posto e realizam atividades mais comuns aos homens por aqui, relativas à agricultura e a serviços de construção/reforma coletiva das casas, cercas, limpeza de quintais. Babi e Neném Beata estavam no grupo de quinze pessoas que foram com João Venança ao Córrego do João Pereira e desmancharam a cerca que o grupo de Pedro Teixeira havia feito, tentando isolar *seu* Raimundo Salu.

Café da manhã.

Cosmo me trouxe uma vasilha com café que ele havia feito, um prato de macaxeira e o adoçante Zero Cal. Percebendo minha expressão de desinteresse pelo café, por causa do adoçante, me diz que está com uma panela de chá no fogo.

Fico mais animado.

Ontem à noite, na casa de João Filho, recusei o refresco Q-Suco que Liduína havia feito, para tomar com o peixe frito e a farinha d'água, porque tinha

educação indigena CC.indd 511 26/10/2015 11:43:29

sido adoçado com açúcar. Eu já havia posto o refresco no copo, quando me lembrei do açúcar. Recusei tomá-lo.

Aos poucos, vou me acostumando com a nova situação, a convivência com o diabetes. Até brinco com Zé Raimundo e João Venança. Sempre que Dijé e Cosmo preparam algo para eu comer, brinco dizendo que se trata da *ditadura dos diabéticos*. Tenho tomado água com pedaços de casca do cajueiro-brabo, desde terça-feira.

As dores nas costas estão menores, apesar do esforço físico inconveniente, que fiz por ocasião da pescaria de ontem, com João Filho e Gilmo (de Jardim, amigo da família de Liduína, mulher do João Filho). Hoje estou me ressentindo da pele queimada do sol, ardendo como nunca!

João Venança e Zé Raimundo me esclareceram que "o sol do mar queima mais que o da terra".

Notas sobre a Pescaria.

Horário de saída: 5h50

Tripulação: João Filho, Gilmo [amigo de João Filho, não tremembé] e eu.

Apetrechos preparados:

- mastro com vela;
- bolina
- ferro-de-afundiar
- poita
- zinga
- leme (com o ferro e o cabo)
- surrão (para trazer o peixe)
- linhas, anzóis e chumbadas preparadas em três linhas de pesca
- faca

educação indigena CC.indd 512 26/10/2015 11:43:29

- isca (de peixe)
- e um vasilhame seco de refrigerante, de plástico, para jogar água na vela.

Atividades:

- Rolar a canoa para o mar;
- colocar mastro; desenrolar e amarrar a vela;
- pôr o leme;
- navegar até o local;
- afundiar o ferro;
- desamarrar e enrolar a vela;
- retirar o mastro;
- puxar o ferro do leme e retirá-lo;
- amarrar mastro, tranca e cabo do leme no banco-de-mastro;
- depois de afundiar o ferro, amarrar a poita no banco-de-mastro;
- iscar anzóis;
- pescar;
- mudar de local, quando o peixe escasseia naquele lugar onde se está;
- zingar para mudar de lugar, depois de ter puxado a poita e levantado o ferro;
- Fim da pesca: retirar isca dos anzóis;
- Enrolar linhas
- Guardar tudo no surrão, com os peixes pescados;
- Navegar de volta;
- Encalhar;

educação indigena CC.indd 513 26/10/2015 11:43:29

- Retirar leme;
- Rolar a jangada para o seco;
- Retirar apetrechos;
- Separar peixes (quando há compradores);
- Distribuir peixes pescados entre pescadores;
- Levar apetrechos, no ombro, para casa...

[...]

Aulas

Estava na sala de Liduína, quando chegaram Miguel, Helena e [...] [professores do município, ex-alunos de um curso que ministrei de Arte-Educação pela UECE/NECAD]. Raimundinha está substituindo Aurineide, que foi a Itarema receber o dinheiro (da aposentadoria) de *dona* Maria Expedita. As duas turmas, de Raimundinha e Liduína, formaram uma única turma e está em círculo fazendo cestas e bolsas de palha de carnaúba e plástico de sacolas, do tipo supermercado, usando uma técnica ensinada desde ontem na escola por *dona* Maria Gessy, mãe de Alex e Gardênia.

*[*Descrever a técnica depois]*

De maneira generalizada, os alunos estão envolvidos com a atividade, com exceção de Tiago e Gardênia. O primeiro, porque diz não saber fazer o começo da cesta. Gardênia sugere Alex, porque está com preguiça. Ao escutar isso, ela o replica, toma um saco em que havia material de confecção e retoma uma cesta que havia iniciado.

Dona Maria Gessy foi convidada por Liduína. A ideia de convidá-la é parte do Planejamento, que prevê o desenvolvimento de atividades como o artesanato.

Enquanto pergunto a Liduína sobre esta atividade, Cristiano diz que não tem material para fazer a cesta. Liduína o contesta dizendo que "vocês não têm interesse, não estão nem aí pra fazer nada". Este desabafo, que não me interessa pelo grau de "verdade", me aparece como sintoma das necessidades de formação didática de Liduína, mas que pode ser generalizado com as outras

educação indigena CC.indd 514 26/10/2015 11:43:29

professoras. Exceção talvez seja Aurineide. Ela sempre me traz algum material didático preparado anteriormente, usado com seus alunos do Pré e Alfabetização.

São textos com gravuras, desenhos, exercícios de diversos tipos que, imagino, demandam pesquisa, criatividade e tempo na sua elaboração. Ela costuma preparar exercícios para todos os alunos!

Léo chega à janela e me pergunta: "Babi Fonteles, que horas são?". Zé Raimundo também. já veio à janela e me fez a mesma pergunta, há ½ hora. Antes dele, Raimundinha reclamou: "ô tempo que não passa!". Ela sente calor. Está com a barriga cada dia maior. Talvez por isso tenha me dito "as coisas estão mais ou menos", quando fui à sala em que ela substitui Aurineide e perguntei se estava tudo bem. Encostada na parede do lado oposto à janela, na parte mais escura e sem ventilação da sala, ela se abanava com um caderno.

Ela acaba de me perguntar novamente as horas. Hoje parece ser um dia daqueles, que também já experimentei na condição de professor, que se reza para que o dia passe rápido. Porque se está cansado ou qualquer outra razão.

Dona Maria Gessy não veio à escola, para continuar a aula de artesanato. Os alunos ficaram à vontade durante a maior parte do tempo da aula. Agora, às 11 horas, Liduína dividiu as duas turmas, a sua e a de Raimundinha, arrumou as cadeiras, varreu o chão retirando restos de palha e sacos plásticos e passou exercícios.

Para a turma de Raimundinha (2ª e 3ª séries):

Exercício em 15/03/2001

3) Passe para o plural:
Capim:
Jardim:
Cupim:
Curumim:
Um:

4) Procure no livro 15 palavras com dígrafos.

Alguns alunos reclamam que não sabem o que é dígrafo. Liduína replica dizendo que ouviu Raimundinha explicando o assunto nas aulas anteriores.

educação indigena CC.indd 515 26/10/2015 11:43:29

Raimundinha, que escutava a conversa na sala de Aurineide, entra pela porta que separa as salas, vai até Gardênia e pede que abra seu caderno apontando o assunto escrito.

Cada professora parece conseguir estar a um só tempo concentrada em sua turma e suas atividades e, ao mesmo tempo, nas outras turmas. A escola aparece como um bloco único, plural, diversificado, *misturado*, homogêneo e heterogêneo a um só tempo, sem oposição entre estados aparentemente opostos.

Liduína explica que dígrafos acontecem quando existem letras dobradas que possuem som de uma, como *ss*, *rr*. Ou quando ocorre *nh*, *lh*, *qu*, *gu*, *s* com som de *ç* e *sc*.

O exercício da turma da 4ª série é o seguinte:

Exercício em 15/03/2001
1)Escreva de 1 a 111

Aurineide, que há pouco chegou de Itarema, me trouxe a merenda: arroz, macarrão e carne de soja. Raimundinha, que se sentou ao meu lado, informa que desde a 3ª semana de fevereiro acabou a merenda enviada pelo CREDE--Acaraú. Ela diz que esta merenda de agora foi doada pelo pastor Nivaldo, cuja igreja (Presbiteriana) era quem antes mantinha a escola com a merenda, incluindo o salário dela, Raimundinha.

O CREDE e a Seduc, acredita, estão sabendo que a merenda acabou, pois devem ter sido informados por Zé Valdir, na reunião do dia 3 passado.

Antes, quando o secretário de educação de Itarema era o Didi, vinha muita merenda, informa Raimundinha. "Depois que entrou a Mazé, não mandou mais".

Enquanto conversamos, João Alex é chamado a atenção por Liduína, que o segurou pela orelha, tomou um talo de carnaubeira com o qual ele *arengava* com o Zezinho (filho da Nereuda), e o fez sentar de volta à sala, deixando-o de castigo. Raimundinha brinca com o *castigo*. Explica, rindo, que há dias que os professores estão estressados. Liduína avisa que João Alex vai para sua casa

educação indigena CC.indd 516 26/10/2015 11:43:29

e manda Gardênia e Anália, irmãs de João Alex, irem para casa. João Alex comenta "ô castigo ruim", porque a bela irmã de Liduína, Angelina, motivo de conversas e suspiros de muitos meninos, estará com ele.

[...].

Almocei as biquaras que pesquei ontem e pirão no leite do coco. *[...]*

Dijé desabafou comigo: "Zé Raimundo, faz tempo que não coloca cinquenta centavos dentro de casa. Sou eu pra tudo! Dou graças a Deus quando tu vem e ajuda" (referindo-se aos R$10,00 ou R$20,00 que passo para ela como contribuição para a alimentação da semana).

Reunião com Professoras

15 de março de 2001, 16 horas.[219]

[Presentes: Raimundinha, Neide, Aurineide, Liduína, Rosângela, Rita e Andreína]

Neide lembra a ideia que gerou a reunião: pensar na organização do Magistério Indígena; não esperar pela Seduc, "porque a gente não sabe quando ela vai mandar notícia dizendo quando vai começar".

Raimundinha diz que sua necessidade é aprofundar os conhecimentos, "mas fora desse colégio onde vocês estão fazendo o Supletivo". (Aurineide e Dijé reclamam da didática do professor de sua turma de Telecurso 1º Grau, que estão cursando há alguns dias, à noite, em Almofala).

Lembro da conversa que Aurineide, Dijé e eu tivemos, sobre o Telecurso, como motivo dessa reunião.

Aurineide fala que não se sente à vontade. Conta que o professor costuma chamar atenção dos alunos. Chegou até a chamar um aluno de burro. Além disso, não tem paciência. É o professor Reginaldo. O colégio é o Francisco Alves Neto.

[219] Esta despretensiosa reunião tornou-se um marco na mobilização pelo magistério indígena autônomo e diferenciado no Ceará, com fortes repercussões no movimento indígena local, ainda nos dias de hoje.

educação indigena CC.indd 517 26/10/2015 11:43:29

Raimundinha diz que "o importante seria criar uma coisa específica para nós, indígenas". Diz que não vai ao Telecurso porque sabe que não vai se acostumar.

Rita conta que sofreu discriminação da secretária do Colégio Fco. Alves Neto, quando pediu uma declaração para fins de sua formação como professora indígena.

A proposta de pauta da reunião ficou assim:

1)O Curso de Magistério Indígena Tremembé

2)Outros cursos feitos pelos professores indígenas

[...]

[Ao final das discussões, foram feitas as seguintes reflexões e encaminhamentos:]

- A formação do Magistério Indígena Tremembé já existe; nasceu junto com a própria Escola Diferenciada.
- Não se trata de *implantar*, mas dar continuidade à formação dos professores indígenas.
- Deve-se considerar as atividades realizadas anteriormente – aulas de Karla, Seminários e Encontros de Educação Indígena etc – como parte da formação e contabilizá-las como *disciplina* e *carga horária*.
- Dar continuidade à formação, estruturando o Curso Básico de Magistério Indígena Tremembé.[220]
- Quanto a mim, deverei buscar apoio de professores amigos da Faced/UFC e do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação para ajudar a pensar o curso e lecionar disciplinas para os professores Tremembé.
- A Funai apoia a iniciativa *[chegada inesperada de Magalhães e Acrísio, funcionários do órgão; o último, recém-chegado de Brasília].*

[220] Muito interessante retomar essa categoria *básico*, que fica melhor que *médio*. Neste momento a intenção era mesmo fazer uma formação "inicial". O curso superior, que poderia ser chamado de *Avançado*, não aparecia aí. Foi sobretudo em conversas com a professora Rita Vieira, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faced/UFC, que esta ideia tomou corpo.

educação indigena CC.indd 518 26/10/2015 11:43:29

- Esclarecimentos:
- Rita, Andreína e Liduína perguntaram sobre se deveriam continuar a fazer o "2º grau". Expliquei que o Magistério Indígena independe do sistema de escola pública. O curso básico da escola pública não habilita ao Magistério Indígena.

Encaminhamentos: contatos com professores e possíveis parceiros.

27 de abril de 2001

Escola, 8h10

A sala da entrada, onde Raimundinha e Liduína dão aulas, está repleta de cadeiras trazidas das outras salas.

[...]

09h15

Conversa sobre o Magistério.

Depois da reunião que tivemos, Raimundinha diz que "só ficamos na expectativa de colocar na prática".

Aventamos algumas prováveis parcerias para o projeto: UFC, USP[221], Funai, IMOPEC (Instituto de Memória do Povo Cearense), Igreja Metodista, Iprede (Instituto de Prevenção à Desnutrição e Excepcionalidade)

Ponderamos que somente depois a Seduc será informada e chamada a assumir seu papel institucional.

Neide informa sobre os assuntos tratados na reunião do dia 29 de março passado, na Seduc:

[221] Universidade de São Paulo.

educação indigena CC.indd 519 26/10/2015 11:43:29

Sobre a situação do processo de organização do Magistério Indígena, as técnicas da Seduc disseram que professores vão ter que apontar novamente disciplinas e assessores. *[*De que valeu as indicações feitas nos seminários, encontros e reuniões anteriores?]*

Quanto ao atraso no pagamento dos salários dos professores, Suely Ribeiro[222], da Seduc, informou que o problema era de burocracia. "Com quais professores? Só os da Praia", pergunta-se Neide. *[Porque os professores de outras etnias, como os da região de Crateús, já teriam recebido seus salários].*

Retomando o assunto do curso de magistério a ser feito na Praia, Raimundinha, Liduína, Aurineide e Neide aceitam que os professores da Varjota sejam convidados a participar.

Enquanto conversamos, Condiça, uma senhora de meia-idade, tremembé, muito extrovertida, vende cocadas e manga. Ela me dá, gratuitamente, uma cocada. Compro o resto para as amigas professoras. Zé Raimundo traz coco para Raimundinha, Nina, para mim.

Próximas atividades para a organização do curso de magistério:

- Elaborar calendário
- Fazer reuniões de trabalho: montar o Projeto
- Organizar disciplinas

Data para o início das aulas: após 18 de maio.

Regime de aulas: uma semana por mês, manhã e tarde, das 7h30 às 11h30 e das 13 horas às 17h30

Primeira Atividade do Curso: Seminário de Avaliação e Planejamento do Magistério Indígena Tremembé. Data: 21 a 26/maio, manhã e tarde.

Questões para encaminhar: alimentação e local *[...]*

[222] Nome fictício.

educação indigena CC.indd 520 26/10/2015 11:43:30

Fiz consertos elétricos nas casas de *dona* Maria Expedita, Lindalva e Aurineide. *[A realização de pequenos favores como este ajudam minha inserção entre eles].*

Vi João Venança com Davino no braço. Ontem, durante a visita que fiz à noite, ele também estava cuidando dele. Ele, que eu ainda não via distribuir afeto com a criança, parece mais próximo. Não sei se ele retomou a relação com Claudevanda. [...] Há dias, ele me confidenciou que a relação havia se rompido.

João Venança estava em casa, como tem sido comum desde o início deste ano, cuidando de suas redes de pesca. Desta vez, estava *entraiando* uma caçoeira de malha fina, "que o Babim ta doido p'a levar p'o mar".

Almocei na casa de Dijé com a companhia de Edílson, Vandereide e Margarete, do Iprede. Samanda e Gilsa estavam presentes. Gilsa vendia os colares que *dona* Mª Expedita, sua avó, faz. Samanda me disse que guardou a manga que Neide me trouxe, hoje pela manhã, quando estava na escola, e que eu havia deixado sobre a mesa da cozinha de Dijé. Aproveitei e pedi para ela guardar outra manga, que recebi de Tiago como retribuição pelos serviços de técnico em eletricidade que prestei à sua família.

Repouso. [...]

Outras coisas de ontem, 26/abril: conheci Marta, minha afilhada, filha de Raimundinha.

Noite, 27 de abril.

O diário de Raimundinha está sobre a mesa que serve de bancada, na cozinha-sala-de-visita da Dijé. Vi *dona* Maria Lídia lendo-o. Fiquei admirado de como algo tão íntimo está assim disponibilizado. Parece ter um significado particular, nestas épocas de escolarização. É *[...]* uma produção verdadeiramente literária.

educação indigena CC.indd 521 26/10/2015 11:43:30

28 de abril de 2001

Encontro de Professores Tremembés

Local: Centro Cultural da Varjota

Vinte e três pessoas estão presentes neste início de reunião, às 10h45.

Na parede do lado da cozinha, entre as janelas, na altura dos armadores, uma cartolina verde traz escrito em vermelho e azul, o seguinte conteúdo: "19 de abril – Dia do Índio. Se alguém disse que não tem índio, não dê ouvidos. Índio é gente igual a você. Janete x Neta".

Começa a reunião. Zé Valdir saúda os presentes. Observa que não estão presentes as lideranças, mas somente professores. Espera que chegue algumas delas.

*[*Tenho a impressão que os encontros estão se esvaziando. A última, que estava marcada para o dia 7 passado, foi adiada por que ninguém compareceu, segundo me informou Neide. A chuva parece ter também contribuído com a ausência de todos.]*

Zé Valdir continua sua fala perguntando se algum dos professores trouxe alguma dinâmica para compartilhar com o restante do grupo, para que o encontro não se resuma a falas. Neide informa que a Praia não pensou em nada. A Varjota e a Tapera também não trouxeram nada. "Já que não tem, não tem; pronto", conclui Zé Valdir.

Outro assunto puxado por Zé Valdir é quanto à coordenação dessas reuniões. Ele reflete que o seu papel de coordenação não é pensar tudo. Propõe, portanto, que, para as próximas reuniões, sejam escolhidas coordenações. "Para que as coisas possam ser encaminhadas mais rapidamente, mais animadamente".

Reflete ainda que, nos inícios das reuniões, outro problema é a "disperssura" (dispersão?).

Pede também que as pessoas contribuam com suas falas, "para que as coisas sejam decididas democraticamente".

Lembra ainda a importância de registrar em ata as discussões e decisões desses encontros de professores. Acredita que "o papel vai nos ajudar a lembrar

educação indigena CC.indd 522 26/10/2015 11:43:30

das coisas imediatamente, quando a gente se perguntar o que aconteceu ou foi decidido em tal reunião". Propõe que se comece esta prática a partir de hoje. Reflito sobre a importância desta prática de registrar as reuniões: 1) Reuniões/encontros são instância máxima de tomada de decisões sobre a escola indígena diferenciada Tremembé: o Estado terá que respeitar e apoiar estas decisões; 2) O registro é a formalização de uma atividade formativa e deverá ser contado dentro do curso de magistério, a ser organizado; 3) O registro das discussões contribui para o clareamento e avanço das ideias a respeito do magistério e das práticas pedagógicas.

Informes:

Zé Valdir passou no CREDE-Acaraú e pegou dados de todas as escolas, professores etc. *[*pegar estas informações!]*. Vai fazer o controle de número de alunos.

Merenda escolar: o CREDE é responsável pela merenda, tirando Varjota e Tapera (CJP, Mangue Alto, Praia, Passagem Rasa).

[*Enquanto Zé Valdir fala, penso no quanto está faltando de arte nestas reuniões. As pessoas chegaram, sentaram nas cadeiras, começaram a conversar, tomar decisões. A palavra é o veículo de comunicação. Falta tudo mais!. Penso no *Arte-de-Viver*[223], no quanto ele pode contribuir com uma feição diferenciada de movimento indígena, de movimento de professores, especificamente, e com relação às práticas político-pedagógicas dos professores.]

Socorro, do CJP, pergunta se a merenda vai ficar a cargo do município. Zé Valdir diz que não, até para não haver reivindicação, com a consequente estigmatização dos índios como "causadores de confusão".

Luís Caboco e mais duas outras lideranças da Varjota chegaram há pouco. Luis informa que trouxe um livro para a escola, da reunião que participou recentemente em Brasília.

Zé Valdir fala que recebeu uns panfletos sobre prevenção de problemas vocais dos professores.

[223] A metodologia para intervenções sociais que desenvolvi, cuja linguagem privilegia as artes em todas as etapas do processo, do planejamento à avaliação, passando pela capacitação dos recursos humanos.

educação indigena CC.indd 523 26/10/2015 11:43:30

Neide pede que se informe o assalto sofrido por Evandro.

Júnior informa sua dificuldade em relação ao preenchimento do diário de classe: colocar em forma alfabética ou fazer de sua própria maneira. Ele informa ainda que há alunos que ainda não compareceram à escola. Outros não estão mais vindo. Outros ainda dizem que vão depois. Ele ainda não colocou falta ou presença. Neide acha que ele deve preencher do jeito que ele achar. Zé Valdir faz menção ao censo escolar, informando que a escola do Panan, por exemplo, está fechada. *[*Ele parece atribuir muita importância às exigências formais dos órgãos de estado, como o CREDE]*. Propus que este assunto fosse discutido em outro momento, com mais tempo, como parte de uma discussão mais ampla, sobre as práticas político-pedagógicas da escola indígena. Lembro que, historicamente, a escola tem sido uma instituição de controle social e que, acredito, as escolas indígenas deveriam se diferenciar neste sentido, e não querer controlar a vida de nossos filhos e parentes. Informo ainda que nas escolas da rede oficial a margem de faltas admitidas é de 25%; mas as escolas diferenciadas indígenas podem fazer outras regras, baseadas em outros critérios.

Sobre o assalto sofrido por Evandro, Neide diz que não entende porque ele não está nesta reunião. Não entende também por que não fez nada. Diz que tem a impressão que ele está acomodado, não está se mexendo.

Zé Valdir diz que a acomodação é parte de um tempo para encontrar pistas. Diz que não sabe se ele reconheceu ou não os assaltantes. Diz também que Evandro ainda não solicitou ajuda.

Neide diz que sua preocupação advém da possibilidade de que outros sejam vítimas do que aconteceu com Evandro.

Zé Valdir concorda. Informa que o Evandro tinha R$370,00. Diz que se, ao invés de Evandro, os assaltantes o tivessem procurado, tinha sido muito pior, pois ele estava com o dinheiro de todos os outros professores.

Relembrei o incidente que aconteceu com meu buggy, há poucos meses, neste mesmo local, refletindo que o assalto a Evandro e este incidente não são fatos isolados, mas apontam para a necessidade de a comunidade pensar em como prevenir a violência e fazer sua própria segurança. Reflito ainda que

educação indigena CC.indd 524 26/10/2015 11:43:30

a chegada desses problemas são o outro lado das *benesses* que conquistaram: estradas, salários de professores, telefone, escolas etc.

Neta informa que a mãe de Evandro, dona Júlia, também sofreu agressões. Chegou a desmaiar e ficar muito mal. Ainda está se recuperando. Evandro teria dito que esperava que a comunidade tomasse alguma providência, senão ele mesmo iria dar seu jeito. Ela diz que não sabe o que quis dizer com isso.

Júnior, do CJP, fala de um conflito acontecido no início do ano, com um posseiro, na comunidade dele. Diz que a própria comunidade resolveu: juntou-se, foi à delegacia de Itarema, procurou o posseiro. Resolveu.

Fernando, que o tempo inteiro estava em silêncio, conta os detalhes do assalto... Neta, Ivonete, Luis Caboco e Fernando acabam falando os nomes: Louro (que teria fugido do presídio em Fortaleza) e um outro, de nome Bidi (se escutei direito), de Camundongo. Luis Caboco conta que ele tem uma pistola automática, que sai um raio de luz focando no local em que ele quer atirar, e que ele teria trazido ela do presídio. Diz que ele é perigoso. Fernando diz que ele teria vendido uma moto para poder comprar a arma.

Neide propõe que se pense outra forma de fazer o pagamento.

Pergunto se foi feita uma denúncia por parte de Evandro. Zé Valdir diz que Evandro teria ido a Itarema denunciar, mas que não havia feito exame de corpo-delito.

Defendo que sejam feitas denúncias aos poderes competentes e que se faça uma campanha preventiva de desarmamento na área.

Luis Caboco pergunta qual a posição dos professores.

Neta propõe juntar um caminhão de gente e ir atrás dos caras.

Fernando e Zé Valdir acham que isso é um assunto para não ser conversado com muitos, "porque as conversas se espalham". Zé Valdir diz que não sabe qual a estratégia, mas acha que vai ser feito algo.

Luis Caboco diz que ainda não foi feito nada porque não se tem uma pista verdadeira da história. Diz ainda que há uma reunião amanhã em que vai ser tomada uma decisão.

educação indigena CC.indd 525 26/10/2015 11:43:30

Neta propõe que seja feita uma coleta com os professores para contribuir, "ao menos com a metade", com as perdas de Evandro.

Zé Valdir concorda e diz que tem seu dinheiro para contribuir.

Luis Caboco também concorda, justificando que "era pra ser o dinheiro de todo mundo".

Enquanto as conversas continuam, Evandro passa pela estrada, em direção à sua casa. Luis Caboco vai ao encontro dele. Mas ele não se aproxima da sala em que estamos reunidos. Parece ainda muito abalado.

Encerrado o assunto, Zé Valdir induz os próximos assuntos da pauta (que não foi discutida no início da reunião e, que, agora, ele apresenta): Relatório, Planejamento de Aula, Avaliação, Próxima Reunião. Sobre o Planejamento, após uma breve discussão, decide-se que o último planejamento ainda está sendo desenvolvido nas escolas e que, portanto, não há necessidade de fazer outro.

A título de informe, Zé Valdir perguntou o que foi feito no Dia do Índio. Todos dizem que foram feitas atividades comemorativas. Zé Valdir aproveita para se justificar por que não foi a Fortaleza, para a apresentação no Dragão do Mar. Argumenta que tinha compromissos com as escolas locais por aqui, os quais considerou mais importantes. Diz que outros parceiros (cita a *Operação Tremembé*, entre outros) também convidam para outros eventos. Esclareço que o CD Torém não é iniciativa minha, que foi deles, e que ele não deve considerar que é um compromisso comigo.

Neide apresentou a proposta do magistério indígena, conversada pela Praia. Dei esclarecimento sobre os detalhes do processo. Discorri sobre o papel dos diversos órgãos de Estado na organização e garantia do magistério indígena: Seduc, UFC, Funai e outros. Detalhei a proposta da Praia.

Luis Caboco, endossado pelo pessoal do CJP, defende a posição de que não se deve discutir nada sem conversar com as lideranças. Questiono o processo. Digo que a escola já foi objeto de discussão e decisão das comunidades e lideranças e que acredito seja nadar contra a correnteza rediscutir o magistério com as lideranças. Ao final de um debate rico em argumentação, Luis Caboco e Socorro parecem se convencer da importância estratégica da

educação indigena CC.indd 526 26/10/2015 11:43:30

proposta da Praia. [...]

Almoçamos galinha guisada com arroz e farofa. O macarrão não prestou: virou uma papa sem gosto. Talvez porque a massa fosse velha. As cozinheiras pareciam sem graça, aparentavam constrangimento diante da conclusão possível, velada, de que o problema do macarrão pudesse ser uma questão de competência culinária [em relação à preparação de um alimento que, só há muito pouco tempo, passou a integrar seus hábitos alimentares].

Sentei perto do Luis Caboco durante o almoço.

Tarde: reinício dos trabalhos.

Leitura dos Relatórios preparados pelos professores:

Mangue Alto: Rita lê o relatório, que foi feito em conjunto por ela, Andreína e Rosângela.

Joelma lê o relatório de Fernando. O texto é formal e deixa claro a quem se destina: Seduc. O conteúdo é lacônico, evasivo. Prevalecem o formalismo e a "nadidade".

Socorro lê seu relatório: "a música e a dança Torém acontecem todo dia na sala" *[*É a única que, parece, citou o torém e os direitos indígenas, a luta pela terra!]*. Ela ainda acrescenta e detalha outras atividades realizadas no Dia do Índio.

Graça lê o relatório. Chama-me atenção o nome "Escola Diferenciada de Ensino Fundamental e Médio José Cabral de Sousa", formalizando o reconhecimento do Estado sobre a escola indígena.

Próximo assunto: escolha de dois professores para participarem de uma reunião em Fortaleza, com a Funasa. Zé Valdir não sabe de que se trata. Pergunto a Neide, que também me confessa não saber de nada. A escolha dos nomes, com exceção de Socorro (CJP), é quase uma súplica de Zé Valdir. Cristina aceitou, após recusar por duas vezes.

Prestação de contas:[...]

Zé Valdir considera que o preço dos carros está caro, "por causa dos caminhos". De fato, a situação das estradas está péssima. É uma mistura inextrincável de buracos e lagoas.

educação indigena CC.indd 527 26/10/2015 11:43:30

Fiz uma doação de R$10,00 (dez reais) para contribuir com transporte e alimentação de hoje.

Próxima Reunião: 2 de junho, na Praia. Neide propõe que a Praia fique responsável pelas dinâmicas e uma pessoa de outra localidade, pelos assuntos. Cochichei com Neide para que a Praia assumisse a coordenação integralmente, para garantir outra forma de encontro, mais movimentada.

Avaliação:

( ), do CJP, avalia que o assunto relativo ao Evandro foi um ponto importante, que chamou atenção sobre o assunto segurança. Outro ponto a ser pensado e conversado com as lideranças é o magistério indígena.

Neta, induzida por Zé Valdir, faz a avaliação pela Varjota. Ela ressalta a discussão sobre o magistério. Diz que espera que as lideranças apoiem. Acha importante a decisão de fazer a ata da reunião. Considera que precisa melhorar o horário do encontro, que atrasou por causa da chuva também.

Júnior (CJP), chama atenção que o assunto do diário de classe não foi decidido. Zé Valdir pergunta se ele entendeu o que eu falei. Ele confessa que não entendeu bem. *[*Devo ter paciência e falar sempre mais claro].*

Neide (Praia) avalia: "estamos há tanto tempo fazendo essas reuniões. Agora está começando a se encaixar".

Joelma (Tapera): gostou muito porque houve debate sobre muitos assuntos.

Zé Valdir avalia que o grupo está caminhando, aprendendo a caminhar com as próprias pernas. Fala de uma cartilha que Karla ficou de ajudar a organizar para ser publicada.

Avalio que o desafio é fazer reuniões como essa, mais gostosas, com mais arte, mais didáticas, diferenciadas.

29 de abril de 2001

Reunião do CITA, no Centro Cultural do Panan.

Presentes: Estevão, Zé Livino, *dona* Mª Lídia, Luís Caboco, Evandro, [...], Mané Maroca, Fernando, Zé Valdir, Babi, Dijé.

educação indigena CC.indd 528 26/10/2015 11:43:30

Assunto: decisões em relação à segurança da comunidade, a partir do assalto sofrido por Evandro.

Foi feita uma lista de assinaturas dos professores apoiando Evandro (o conteúdo deste documento – carta? – ainda não foi escrito).

Ao final da reunião, quando quase todos já haviam deixado a sala, Evandro me procurou para perguntar se eu iria ao Acaraú no dia seguinte, segunda-feira. Ele pretendia ir à Delegacia de Polícia Civil, conforme sugeri, com duas testemunhas e a lista de assinaturas dos professores, pedir a apuração dos fatos relativos ao assalto.

Ofereci a ele a mediação de Penélope que, desde o ocorrido, se prestou para entrar em contato com o delegado regional de Acaraú.

16h30:

Visitei Tarciso. Conversamos sobre a situação do filho, Vande, e o inquérito policial militar decorrente da agressão à faca que ele cometeu contra Pedro Jonas Carneiro, um pequeno comerciante de Almofala. [...]

30 de abril 2001:

Raimundinha e suas crianças acordam sempre cedo, por volta das 5 horas ou 5h30, inclusive aos domingos. Acordo quase sempre com suas vozes e outros sons, sinais e suas atividades. Embora eu esteja ainda na rede, dentro da escola, fico imaginando o que deve estar acontecendo: ela, sentada em sua rede preferida, feita de corda de algodão, armada na sala dos fundos, que mistura cozinha e sala de visita a um só tempo, como na casa de Dijé. As crianças em torno dela, brincando, *arengando*, recebendo cuidados, carinhos e admoestações. Este me parece o momento de maior e mais íntimo contato, o momento educativo mais importante dela com os filhos. Às vezes, escuto a voz de João Paulino, quando ele já não foi cedinho à pesca, às atividades do Mutirão da Roça ou ao *dia de serviço* de algum contratante.

educação indigena CC.indd 529 26/10/2015 11:43:30

Esse momento tão comum, informal e cotidiano parece investir-se de importância particular nesse processo de infusão de valores e avaliação das "práticas" de criança, de menino e de menina, enfim do modelo social considerado adequado.

Fiz uma pescaria de caçoeira com Tiago. Desde 6ª feira, Tiago me havia convidado para pescar com ele. *[...]*

Conversei com Aurineide sobre os trabalhos dos alunos, Magistério etc. *[...]*

Conversei com Lindalva sobre sua aposentadoria (que ainda não aconteceu) e a doença na perna: osteomielite (eu acho; concluí pelo relato, pelos efeitos que ela descreveu). Ela era criança.

Tinha 9 anos. Durante uma brincadeira, sentiu estalar a perna. Não conseguiu mais se levantar. Naquela noite não conseguiu dormir, com dores quase insuportáveis. A mãe, *dona* Mª Expedito, pede que ela aguente até pela manhã, quando ela iria à casa de *dona* Nenzinha pedir um pouco de gasolina. Esta substância teria sido usada por um irmão dela, com efeito positivo. Nela, a gasolina não fez nenhum efeito. Durante uns seis meses ficou prostrada, fazendo inclusive todas as suas necessidades na rede. Além dela, a mãe ainda tinha que lutar com outros filhos menores. Em nenhum momento procurou um médico: "Naquele tempo não era como hoje; não existia médico". Ela também nunca foi vacinada contra a poliomielite.

Durante o tempo de convalescença, teve febre alta muitas vezes, chegando a desmaiar de dores. Superada essa fase, não conseguia andar, senão "de quatro". Só depois de adulta chegou a ir a um médico: "Foi o Ezinho, na época que ele se candidatou a vereador".

Antes disso, ela chegou a trabalhar durante anos em casa de família, em Fortaleza, com ulcerações permanentemente abertas. Um médico da casa em que ela trabalhava chegou a aconselhá-la uma cirurgia, desaconselhada por outro médico, ao analisar radiografias que ela fez da perna.

Ela chegou a ir a Itapipoca para tentar aposentar-se. *[...]*

educação indigena CC.indd 530 26/10/2015 11:43:30

11h50

Conversa com Professores

A conversa começa com Neide informando sobre o comportamento de Samires: "Tive que dar umas porradas nela, hoje". Liduína diz que "também tive que dar uma livrada no espinhaço de gente, na minha sala". Neide reconhece que "todo mundo sabe que a Samires é toda *espilicute*. Mas, na sala de aula, ela fica parada, esquece tudo, não sabe de nada".

Reunião Pró-Magistério Indígena Tremembé

Local: Comunidade Tremembé da Praia de Almofala

Participantes: Professores: Raimundinha, Neide, Liduína, Aurineide, Rita e Andreína. Lideranças: Dijé e Zé Raimundo.

Apresentei o esboço de uma *proposta de trabalho* e alguns *princípios norteadores* do curso [...]:

- O Magistério Indígena Tremembé surgiu com a escola diferenciada, embora tenha se constituído de modo heterogêneo, assistemático, não específico.
- Não tem sentido, portanto, falar em implantação do MIT[224], mas em organização e sistematização.
- O MIT é (como deve ser) uma iniciativa de professores, comunidades indígenas e seus parceiros.
- Às instituições de Estado competem obrigações legais de reconhecimento e viabilização do MIT e da escola diferenciada, sempre sob a concordância e em parceria com as comunidades indígenas.

[...]

Enquanto conversamos, Raimundinha come o almoço que João Paulino já deixou feito, antes de ir ao trabalho: arroz, batatinha, carne moída guisada.

[224] Magistério Indígena Tremembé.

educação indigena CC.indd 531 26/10/2015 11:43:30

A soínha, sobre o portal que separa sala-cozinha da cozinha, também come algo dentro de um prato plástico, de cor bege. Dijé traz a balança de teto para pesar Ramón, que reage com um choro convulsivo, engasgando-se até. Raimundinha diz que ele tem medo de cair.

Fizemos uma avaliação da última reunião de professores e do posicionamento de Luís Caboco, da Varjota.

Os professores da Praia estão decididos a começar o curso em maio.

Relembramos os parceiros potenciais: Comunidade/Professores Tremembé; UFC/Faced/PPGE[225]; Igreja Metodista; Funai; IMOPEC; Iprede. Reafirmamos a ideia de que, oportunamente, a Seduc seria convidada a somar-se a este grupo de parceiros para contribuir com suas funções institucionais em relação à educação indígena diferenciada.

Pensamos uma coordenação provisória para o projeto: Funai: Creusa[226]; IMOPEC: Gérson Júnior; UFC: eu; Igreja. Metodista: Karla; Comunidade Tremembé da Praia: lideranças e professores

Fizemos um levantamento dos temas/conteúdos do Seminário de Avaliação e Planejamento do MIT:

- Avaliar a formação anterior dos professores
- Experiências de magistério indígena de outros povos
- O currículo das escolas
- Uma proposta aberta de currículo do MIT

Listamos os convidados ao Seminário:

- Professores e lideranças da Praia, Panã, Mangue Alto, Passagem Rasa. O pessoal do CJP seria convidado também, por razões *estratégicas*. *[Para a Praia não ser acusada de excluir o CJP. De outro modo, seria uma tentativa de fortalecer a unidade do movimento indígena tremembé, buscando superar*

[225] Programa de Pós-Graduação em Educação
[226] Nome fictício.

educação indigena CC.indd 532 26/10/2015 11:43:30

o faccionalismo local do CJP, o que resultaria na minimização da influência da Operação Tremembé sobre as decisões políticas da facção responsável pelos conflitos com a Praia]

- Professores da Praia que vão participar: Raimundinha, Neide, Aurineide, Liduína, Rosângela, Andreína, Rita, Vilca. Quanto à participação das lideranças, vão ver depois.
- Professores do CJP: Socorro, Júnior, Cléia, Valdiberto. Neném deveria ser convidada? [Porque não obstante não estar mais dando aulas, foi ela e sua irmã, Neguinha, que iniciaram a escola em sua casa, posteriormente desativada por causa dos conflitos]. Quais lideranças deles viriam?
- Vão entrar em contato com Varjota e Tapera [para verem professores e lideranças convidados].

A hospedagem será feita nas casas.

Vão buscar apoio para a merenda e o almoço: Igreja Metodista? Iprede? IMOPEC?

18h30

Fiz uma pesquisa documental nos arquivos da Escola Maria Venância.

Parece chegado o momento inadiável de organização de um arquivo da escola. Pastas, armários e prateleiras se fazem necessários. Desde a promessa durante o encontro de professores em fevereiro, o CREDE-Acaraú ainda não enviou armários para suprir essa necessidade.

Em uma bolsa de tecido sintético, e que traz escrito *Escola do Novo Milênio – Ceará*, acumulam-se pastas do tipo *encontro*, onde se misturam desenhos, documentos diversos, textos, correspondências recebidas, bilhetes, dados cadastrais da escola etc. Tudo misturado! Minhas necessidades organizacionais me sugerem ajudar a pôr em ordem estes materiais também.

Material de Pesquisa:

- Desenhos relativos a:

educação indigena CC.indd 533 26/10/2015 11:43:31

    - Inverno
    - Dia do índio
    - Planalto/Planície (Estudos Sociais)
    - Ciências: Árvore
- Textos:
    - Inverno
    - Árvore (Ciências)
- Cadastro alunos e professores (CREDE-Acaraú) *[Nas pastas verdes das professoras]*
- Livros didáticos:
    - Que tenho em minha casa
    - Que estão disponíveis e/ou são distribuídos pelo CREDE
    - Que estão sendo usados pelos professores e alunos (seja em forma de exercícios, seja recortando figuras)
- Relatórios:
    - Relatório de setembro/2000, da Escola Maria Venância, escrito à mão por Raimundinha (*crf. Pasta Verde)
- Bilhetes (cfr. Pasta de Raimundinha)
- Censo Escolar 2000 (cfr. Pastas de Relatórios)
- Calendário Escolar 2001 (cfr. Pastas de Relatórios)
- Cartilhas
- Documentos oficiais
- Correspondência

educação indigena CC.indd 534 26/10/2015 11:43:31

21h15

Estou na Teleceará (que é como ainda chamam por aqui o posto telefônico da Telemar). O caminho que liga a escola à *rua* incute-me apreensão, embora não seja mais que 800m e estejamos em plena lua crescente. Uma abertura feita sobre o arame farpado da cerca é o que separa o terreiro da escola do terreno de Tarcísio. O caminho é cheio de desafios e sobressaltos. Tenho me defendido como posso dos riscos que corro. Sempre que é possível, tenho a companhia de Cosmo e de um canivete. Tenho receio que possam preparar alguma emboscada para mim, pois é uma ideia bastante difundida entre os não tremembés de Almofala, que os pesquisadores apoiam a luta dos tremembés pela terra.

1º de maio de 2001

Conversei com *seu* Raimundo Salu, do Capim-Açu, logo cedinho, na casa de Dijé. Ele havia vindo deixar seu filho em Almofala; aproveitou e veio trazer as novidades.

Depois da reunião de professores, sábado passado, Socorro, Itamar, Tico e outros do CJP teriam feito uma reunião por lá. Itamar teria dito que "na Almofala não tem índio, só uns quatro *ratos* pingados". Também teria dito que, assim como eu não era aceito em Caucaia, não me queriam de jeito nenhum por lá.[227]

Dijé ficou profundamente irritada. Levantou o tom de voz e prometeu pegar o Itamar e ainda dizer "umas coisas" a Francisca Adelaide. Ela, *seu* Raimundo Salu, Agustinho e muitos outros a responsabilizam [Francisca Adelaide] pelos conflitos atuais. Responsabilizam também o "maldito antropólogo", Robert,

[227] Esta ideia foi produzida por Francisca Adelaide, após um artigo que escrevi para o jornal *O Povo*, por ocasião do Dia do Índio, no qual analisava criticamente as práticas do indigenismo missionário católico e do indigenismo estatal. Ela, efetivamente, tentou mobilizar Dourado, entre outras lideranças tapeba, contra mim, obtendo algum sucesso inicialmente. Algumas conversas, como a que tive com Dourado, quando o visitei em sua casa, ajudaram a reabilitar minha relação com eles – até então muito boa.

educação indigena CC.indd 535 26/10/2015 11:43:31

do GTI formado pela Funai. Ele teria sido "engabelado" por Pedro Teixeira e seu grupo de apoio. Francisca Adelaide, que no início recusou-se terminantemente a apoiar a luta do Capim-Açu, acabou por apoiar o grupo de Pedro Teixeira e desqualificar Agustinho e *seu* Raimundo Salu publicamente, em reuniões que aconteceram em Fortaleza.

No ano passado, a facção ligada a Pedro Teixeira levantou uma cerca na frente da casa do *seu* Raimundo Salu, tentando isolá-lo fisicamente da área da comunidade indígena. Naquele momento, eu estava presente em uma reunião em que ele relatou o fato e veio solicitar apoio do pessoal da praia, e que aconteceu na casa do Tarciso Pedro. Mas, depois, João Venança juntou um grupo de apoio e foi ao CJP. Desmancharam a cerca. Agustinho solicitou presença da Funai. Petrônio veio à área e mediou um acordo de não agressão. Ficou acordado que também que não seriam mais levantadas cercas, até que saísse a demarcação definitiva.

Muito recentemente, por ocasião dessa reunião de sábado (?) passado, a facção ligada a Pedro Teixeira teria novamente ameaçado refazer a cerca, isolando *seu* Raimundo Salu. É que no dia 19/abril passado, saiu a Portaria Demarcatória das terras do CJP.

Acertei com *seu* Raimundo Salu de ir ao CJP no domingo da outra semana (dia das mães?), com Creusa, da Funai (se possível), para visitarmos a área e conversarmos sobre o MIT. Seria uma estratégia para fortalecer o grupo ligado a Agustinho. Nessa visita, encontraríamos pessoas dispostas a participar do curso de MIT, ligadas a Agustinho, como Neném e Neguinha, que iniciaram a escola diferenciada por lá. *Seu* Raimundo Salu tem dois filhos. Ele acredita que se interessem pelo MIT. Permanecem abertas as vagas para a facção ligada a Pedro Teixeira (Socorro, Júnior, Cléia) como estratégia para tentar superar os conflitos. *Seu* Raimundo apoia esta estratégia.

Conversa com Raimundinha, Neide, Aurineide e Liduína antes das aulas.

Relatei a elas a conversa com *seu* Raimundo Salu e a consequente possibilidade da não participação do grupo de professores ligados à facção do Pedro Teixeira. Raimundinha diz que já imaginava ser essa a posição da facção. Sugere que sejam chamadas/convidadas outras pessoas, como Neném e Neguinha, "que iniciaram a escola diferenciada no Capim-Açu".

educação indigena CC.indd 536 26/10/2015 11:43:31

Aula de Liduína (2ª., 3ª e 4ª séries):

Exercício: Eu sou _____ índio(a) Tremembé Estudo _____ Moro na aldeia de _____ Sou feliz porque sou _____ Nossos alimentos são: [*pede que desenhem]

As turmas de 2ª e 3ª série estão juntas com a da 4ª série porque Isabel[228] *[*descrever as ações dela e do marido em relação à escola]*, missionária batista recém-chegada, e que está substituindo Raimundinha, não vem à área desde 6ª feira.

Liduína, logo que entrei em sua sala, me confessou que não sabia o que fazer com a turma hoje. "Até mesmo porque é um dia em que não se trabalha" (1º de Maio). Não obstante, ela sentou-se próxima à pilha de livros e pesquisa nos livros didáticos o assunto a ser trabalhado com os alunos. Aproximei-me e perguntei se ela fazia plano de aulas mensal ou semestral. Ela disse que seguia o plano elaborado nos encontros mensais de professores: "mais ou menos, nem sempre". Não segue critérios definidos quanto à proporção de aulas de Português, Matemática, Ciências e Estudos Sociais: "Vou dando os assuntos, conforme eu sinta necessidade". Mas ela disse que faz o registro das atividades em seu diário. *[...]*.

Liduína já me confessou noutras vezes, como hoje, suas necessidades didáticas. Esclareci que o MIT é o espaço oportuno para ela aprimorar/desenvolver sua técnica.

Depois de uns 20 minutos de pesquisa, Liduína propôs o exercício que descrevi anteriormente. Ela havia me dito que "hoje vou passar umas coisas *leve*, vou mandar eles desenharem".

Na sala do Pré e Alfabetização, Aurineide encontra um piolho-de-cobra atrás do filtro. "Por isso eu peço para eles [as crianças] não se encostarem nas

[228] Nome fictício.

educação indigena CC.indd 537 26/10/2015 11:43:31

paredes [de palha]". Justamente, é na sala dela onde me hospedo e durmo! O risco e a iminência do inusitado, da surpresa, da dor e do mal enfim, parece ser parte da vida deles. A convivência com isso parece um imponderável.

As crianças, desinteressadas, continuam sua rotina de brincadeiras na sala, enquanto, sem manifestar nenhum sobressalto, Aurineide vai distribuindo pisadelas sobre o bicho peçonhento, já fora da sala.

[Algumas ideias me ocorrem sobre o Seminário de Avaliação e Planejamento do MIT-Almofala: levantar subsídios didáticos; técnicas didáticas; formas de registro e outros elementos curriculares]

Dijé me mostrou um livro que ganho em uma das recentes viagens que fez a Fortaleza: PREZIA, Benedito e HOONAERT, Eduardo: *Brasil indígena*: 500 anos de resistência. São Paulo: FTD, 2000. Dei uma olhada por cima no livro. As impressões gerais que tive foram:

É uma bela edição, com riquíssima ilustração fotográfica e material estatístico.

A quantidade de informações satisfaz às necessidades gerais de informação sobre o assunto.

O Nordeste tem um destaque relativamente insuficiente em relação às outras regiões.

Os povos indígenas do Nordeste são apresentados como *culturas da perda* ou como *emergentes*.

Parece haver o predomínio de uma Antropologia subjacente da *pureza cultural*. As imagens, majoritariamente, reforçam os sinais diacríticos cristalizados como indígenas. Chamou-me atenção a foto de um índio tapeba *emergente*: era em preto e branco.

A obra parece marcada de um ranço saudosista insuperável, que não consegue enxergar a criatividade, a invenção e ganhos nos povos indígenas atuais. É *conservadora*, neste sentido. Não contribui para avançar sobre as categorias, ainda atuais, com que operam o imaginário social, jurídico inclusive, em relação a esses povos.

educação indigena CC.indd 538 26/10/2015 11:43:31

Contrapondo-se às práticas de *extermínio* e *integração*, o livro deixa transparecer uma *Antropologia da preservação e do resgate* (Survivals).

[Uma ideia que me chega agora: fazer o Estatuto da Criatividade, com os direitos do índio reinventar e abolir a necessidade de se justificar em relação ao passado].

8 de maio de 2001[229]

Viagem a Almofala [...].

[... Tenho a sensação de que, até agora, minha pesquisa foi mais diagnosticadora*; de ora em diante, a intervenção se fará mais* propositiva*, construtiva da EDITE...]*

Conversei com Dijé, Babi, *dona* Mª Lídia e *dona* Neném sobre sexo e práticas sexuais entre os tremembés *[pela primeira vez, participei de uma conversa sobre esse assunto com um grupo de mulheres. Ao contrário do que supunha, não se trata de assunto tão reservado].*

9 de maio de 2001

Visitei lideranças e professores da Varjota e Tapera, com Karla e Silas. [Nosso objetivo era conseguir o apoio das lideranças para o projeto do curso de Magistério Indígena Tremembé e, ao mesmo tempo, minimizar as possíveis reações dos adversários externos, como Francisca Adelaide e Seduc].

Estivemos na casa de Luís Caboco. [...] Ele foi receptivo conosco e com a ideia do curso. [...]

Visitamos Zé Valdir, que sofreu um pequeno acidente, uma chifrada de um boi.

Visitamos Ivonete, Cristina e Conceição, na Escola José Cabral (?).

[229] Diário de Campo n. 3, p. 356-384. Digitado em 30 a 31 de julho de 2002.

educação indigena CC.indd 539 26/10/2015 11:43:31

Visitamos Neta, *seu* Agustinho (tuxaua) e Chico Nezinho.

Conversa com Fernando, Evandro, Calisto, *seu* Dotô (pai de Eudes), Eudes (na escola) e *seu* Estevão. *[...]*

Antes de dormir, na rede, 23 horas:

O dia de visita à Varjota e Tapera foi muito produtivo. Acho que conseguimos provocar o pessoal de lá à reflexão sobre o MIT. Creio que a reunião marcada para depois de amanhã consistirá em um momento lindo de afirmação da autonomia da Varjota/Tapera.

As conversas com Karla e Silas, na Barraca do Naiá, na Praia, *[...]*, trouxeram muitas análises, conclusões e sugestões interessantes para o MIT.

Embora haja um certo ceticismo no olhar e nas palavras sobre o engajamento da Mata no Magistério, professores e lideranças parecem sensibilizados com a proposta. [...]

10 de maio de 2001

Tomei café com pão na casa de Dijé.

Conheci Godofredo[230], marido de Isabel, missionários das "Novas Tribos".[231]

[...]

Visita ao Córrego do João Pereira:

Foi ótima a receptividade e a relação com Pedro Henrique, filho de Cléia. "Ele vive cantando a tua música, Babi", me disse Socorro. A música, *Todo Cambia*, na verdade, não é minha. Fiquei muito impressionado. É como se aquele pequenino ser, de apenas 2 anos, houvesse captado as ondas do

[230] Nome fictício.

[231] Segundo Karla, os membros desta tendência missionária, da Igreja Batista, preconizam a evangelização dos índios por meios explícitos, objetivando sua conversão.

educação indigena CC.indd 540 26/10/2015 11:43:31

meu desejo e fizesse ressoar ali, em meio a eles, a minha presença. Eles são *obrigados* a lembrar de mim, do artista, não do pesquisador a que eles foram induzidos, por Francisca Adelaide, a ojerizar. E a canção de Pedro Henrique, sintomaticamente, é *Todo Cambia*: tudo muda. Sim, *tudo muda*. É isso que sinto agora. É o que senti quando Tico me saudou, apertou minha mão com simpatia. Ou quando Pedro Henrique brincava comigo, mostrando sua coleção de cartões telefônicos, com figuras de bichos, paisagens. Ou, ainda, quando Socorro nos convidou a almoçar em sua casa.

A visita à casa de Agustinho é sempre maravilhosa. Sinto-me tão íntimo deles! Mesmo tendo estado poucas vezes. Mas foram profundas, intensas, verdadeiras. *dona* Fátima, Neguinha e Neném foram de uma abertura admiravelmente ascética, apoiando minha decisão de aceitar o convite para almoçar com Socorro. [Elas estão divididas pelos conflitos]

Acho que o meu papel e o das pessoas que chegam de fora é este: fortalecer e criar laços entre eles, ajudando-os a administrar as diferenças, fazendo-as elemento de riqueza e crescimento da força da comunidade. Preciso aparecer mais por aqui e não fazer o papel de Francisca Adelaide, que termina, como o está fazendo abertamente nos últimos tempos, jogando os índios uns contra os outros. Preciso respirar fundo, não me envenenar com a *queimação* de Francisca Adelaide, reproduzida por Itamar. Uma hora dessas o pego, *olho no olho*, para neutralizar o veneno.

Estes dias por aqui representam um passo novo, diferente. A concretização do curso de MIT significa, desde já, o fortalecimento dos Tremembé, da afirmação de sua autonomia. É um tempo novo para os parceiros, sobretudo, que se somam para tentarmos produzir uma obra coletiva, impossível de ser feita por uma só entidade ou pessoas.

Tem sido o tempo em que, como nunca, a máquina de guerra de Francisca Adelaide se voltou contra mim. Tempo de confusão e envenenamento dos índios. Alguns resistem bravamente e se afirmam, desde o primeiro momento, autônomos. Outros, mesmo sendo amigos meus, se deixam confundir [...], como Dourado Tapeba. Consegui reverter o quadro com Pequena, Zé Maria e outros. Ao me atacar, Francisca Adelaide se expôs. Cláudio Tapeba e Estevão Tremembé notaram a "falta de educação e respeito" comigo, quando estive à

educação indigena CC.indd 541 26/10/2015 11:43:31

noite de 4ª feira, 2 de maio, na casa de Ir. Iolanda. [Eu havia me aproximado da roda em que ela, Amâncio e um grupo de lideranças indígenas estavam para saudá-los. Ela abaixou a cabeça e ignorou a minha saudação].

[Copiei para repassar a Cléia, mãe de Pedro Henrique, que me pediu:]

Todo cambia
(de Julio Numhauser)

Cambia lo superficial
Cambia también lo profundo
Cambia el modo de pensar
Cambia todo en este mundo
Cambia el clima con los años
Cambia el pastor su rebaño
Y así como todo cambia
Que yo cambie no es extraño
Cambia el más fino brillante
De mano en mano su brillo
Cambia el nido el pajarillo
Cambia el sentir un amante
Cambia el rumbo el caminante
Aunque que esto le cause daño
Y así como todo cambia
Que yo cambie no es extraño
Cambia el sol en su carrera
Cuando la noche subsiste
Cambia la planta y se viste
De verde en la primavera
Cambia el pelaje la fiera
Cambia el cabello el anciano
Y así como todo cambia
Que yo cambie no es extraño
Pero no cambia mi amor
Por más lejos que me encuentre
Ni el recuerdo, ni el dolor

educação indigena CC.indd 542 26/10/2015 11:43:31

De mi pueblo y de mi gente
Y lo que cambió ayer
Tendrá que cambiar mañana
Así como cambio yo
En esta tierra lejana.

11 de maio de 2001, 6ª feira, 10 horas

"Por que o coqueiro vive com as palhas tristes? Porque sabe que as suas filhas são quengas"[232]. (Agustinho Teixeira, do Capim-Açu)

São tantas coisas para registrar, que nem sei por onde começar. Talvez por este momento.

Estou sob a castanheira do terreiro. À minha frente, Neide e Liduína fazem uns cartazes relativos ao Dia das Mães, que acontece no próximo domingo.

Enquanto desenhavam os cartazes, Liduína e Neide, alternadamente, leem o diário de Raimundinha. Chama-me a atenção essa atitude, de permitir o acesso à intimidade dela. Afinal, o que está escrito ali, em muitos momentos, é a revelação de uma paixão por alguém secreto, que não é seu marido, João Paulino. O compartilhamento do diário parece cercado de outras intenções e funções, que não a revelação de intimidades e segredos, mas a afirmação de algo valorizado: a escrita, o desenho, a poesia. *A vida como obra de arte*. Me parece ser isso, quando vejo agora Liduína buscar no Diário, frases e versos para ilustrar os cartazes.

Uma boa dose de preguiça e sentimento de desorganização me fazem quase desistir de escrever. É que foram tantas as situações e emoções vivenciadas nestas duas semanas, tantas as atividades, que meu espírito se ressente do ritmo e da dinâmica. Quando paro, como agora, meu corpo inteiro permanece em

[232] A expressão *quenga*, que designa a parte dura, interna, do coco, é usada no sentido pejorativo de *prostituta*.

educação indigena CC.indd 543 26/10/2015 11:43:31

movimento, como quando se freia o carro e as pessoas e objetos são lançados na direção do movimento anterior.

Agustinho estava ao meu lado, há pouco, me contando as histórias que o seu pai lhe dizia, sobre a sua origem indígena. *[...]*

17h30 – Tapera.

Estamos na Quadra do *seu* Estevão. Um espaço de nível desigual, piso de cimento rachado, cercado de muros, com dois portões à metade, de madeira, tipo estrado, na frente de uma casa de cor azul. Um banco único, de madeira tosca, onde estou sentado, no meio da quadra, me dá a impressão que a reunião estará esvaziada. A posição de Estevão, de querer uma reunião exclusiva com a Tapera, separada da Varjota, me aparece como: 1º)Desejo de fortalecer o seu poder de decisão frente ao poder da Varjota, *poder de maioria*; 2º)Desejo de fortalecer a "identidade" da Tapera frente à Varjota, mesmo se tomando decisões em alinhamento com a Varjota, como ele revelou ao afirmar, ontem, quando o visitamos: "O que a Varjota decidir, nós assinamos"; 3º)Desejo de prestígio, atenção particular a ele, sob o argumento da necessidade de discutir o MIT "com a comunidade da Tapera".

Quando vinha, paramos na casa de Maria Rosa. Chamou-me atenção que seu neto, de aproximadamente 2 anos, estivesse com um vestidinho de menina, branco com azul, meio roto. A admiração advém do fato de que os papéis de homem e mulher, em muitas circunstâncias, me parecem muito formais. Na verdade, o que tenho presenciado é que rigidez e flexibilidade não se opõem por aqui, entre eles. Não parece constituírem-se posições absolutas e incompatíveis. Há espaço para tudo. Lembro das atividades desenvolvidas por João Paulino nestes tempos de *resguardo* de Raimundinha. Ele faz todas as atividades típicas da mulher no lar: lava a louça, banha as crianças e todos os outros serviços preventivos de saúde e higiene; faz a comida de Raimundinha e a deixa pronta, quando tem que sair cedo para pescar ou trabalhar na agricultura, de tal modo que, se pode dizer que além das *funções de homem*, ele acumula também as funções de mulher.

[...]

educação indigena CC.indd 544 26/10/2015 11:43:31

Reunião na Tapera (18 horas).

[A reunião se resumiu a um esclarecimento e discussão da proposta do Curso. Nenhuma decisão foi tomada pelos presentes, que pareciam delegar ou permitir a *seu* Estevão o papel de *representante-mor* da comunidade local. Ele se limitou a prometer que iriam conversar melhor entre eles e com o pessoal da Varjota, buscando uma decisão alinhada entre as duas comunidades].

Jantamos peixe, cuscuz e café na casa de Piedade, mulher do Fernando.

Reunião na Varjota (20 horas)

Karla faz um histórico das conquistas dos professores: Convênio, Supletivo. Novo desafio: magistério específico.

Seu Valdir: "Se há professor que tem vontade de aprender, de estudar, a oportunidade é esta".

Luis Caboco pergunta quem são os parceiros. Entende que a Funai tem poder para decidir ou não sobre o MIT. Defende que a *Operação Tremembé* deve estar presente "para não dar impacto".

Seu Augustinho [tuxaua] entende que "os professores têm direito de crescer". "Nós é quem sabemos o que precisa" (a despeito da possibilidade, aventada por Luis Caboco, de Francisca Adelaide se posicionar contra o grupo que se reuniu em torno do MIT).

Dadinha, professora, comenta: "É uma coisa que a gente planeja há muito tempo. A gente não deve desperdiçar".

Cristina, professora, acha que "é uma chance boa pra gente. Tudo o que a gente enfrentou na vida tem dificuldade. A preocupação do Tio Luís é com a briga de entidades, mas a gente tem que enfrentar".

Diana, liderança, reflete que "o que importa é que os professores digam que se querem. Quanto à Francisca Adelaide, muitas coisas já foram feitas dentro da comunidade sem o apoio dela".

Dadinha diz que não sabe se a dúvida é dos professores ou da comunidade.

educação indigena CC.indd 545 26/10/2015 11:43:32

Um a um, os professores vão se manifestando favoravelmente e pedem que as lideranças se pronunciem.

[**Enquanto Chico Nezinho fala algo sobre o MIT, Luís Caboco e seu Augustinho brincam de puxar os cabelos da perna, um do outro. Que legal! Que leveza! O lúdico também está aqui!*]

Zequinha pergunta duas coisas: 1)Quem é da Funai que está no GT[233]; 2)Se os professores só são da universidade. Respondi. Acho que ele tenta desqualificar a presença institucional da Funai e, ao mesmo tempo, defender a importância de Francisca Adelaide enquanto detentora de saberes sobre os Tremembé.

"A vontade de ganhar tira o medo de perder" (Luís Caboco).

"É uma coisa que os professores querem a qualquer custo" (Luís Caboco).

São 22h25. As perguntas se sucedem. Zequinha continua a falar. O que parece estar em jogo é o preço: enfrentar Francisca Adelaide.

12 de maio de 2001

Reunião na comunidade da Praia sobre o MIT.

Presentes: Karla, Silas, Rita, Andreína, Liduína, Raimundinha, João Venança, ( ), Zé Domingos, ( ), Tarciso, Vilca, Neide, Dijé, Condiça, João Naila, Gilsa, Alana, Marrom, Venancinha, Ramón.

Ao final da reunião, foi reafirmada a decisão de começar o MIT com o Seminário a ser realizado nos dias 21 a 25 deste mês.

"Ou vai, ou racha, ou urubu come borracha" (João Venança).

[233] Grupo de Trabalho.

educação indigena CC.indd 546 26/10/2015 11:43:32

20 de maio de 2001

Reunião de Planejamento das atividades do Seminário MIT

Participantes: Neide, Adélia Pinto, Karla, Raimundinha, Dijé, eu.

Escola Maria Venância.

Informes:

- Participação do Panan: Dijé informa que algumas pessoas queriam receber um convite oficial, que ela contestou argumentando que todos eles sabiam do curso e que estavam convidados.
- Karla pergunta se a casa (Centro Cultural) do Panan vai estar disponível. Dijé confirma que Babi e *dona* Maria Lídia sabem e que as pessoas vão poder se hospedar lá. Há, porém, que relembrá-las.
- Raimundinha lembra que João Venança está sabendo, inclusive porque (quase sussurra) "amanhã é o dia do negócio, a derrubada da cerca" *[*trata-se de um mutirão de pessoas que vão derrubar a cerca de um posseiro que cercou um terreno por lá].*
- Outras casas disponíveis: Casa da *Rua*[234]: 4 pessoas; Casa da Hipólite: toda livre para hospedagem; tem energia solar e banheiro dentro de casa; a bomba está quebrada, mas a casa de Lizete é bem próxima; as casas de Dijé e João Venança estão disponíveis também para hospedar algumas pessoas.
- Alimentação: Karla informa que a Funai ficou de bancar a alimentação. Garantiu o recurso. Ela comprou *fiado* em Itarema para, depois, pagar com os recursos prometidos. *[...].* Falta ainda comprar peixe e frango. Ao final do Seminário será feita uma prestação total de contas.

[234] Trata-se de uma casa de apoio às suas atividades, localizada próxima à Igreja.

educação indigena CC.indd 547 26/10/2015 11:43:32

- Comissão de alimentação: Lindalva, Lizete, Panguita, *dona* Geci.[235]

[...].

Convidados: Isabel e Godofredo, missionários da Igreja Batista [convidados pelos Tremembé]; Equipe do Ibama [idem]; Professores tremembés; Candidatos a professores; Lideranças; UFC: Faced: Direção, Coordenação Pós-Graduação, Chefias dos Departamentos; CREDE-Acaraú; Seduc; Funasa; MEC/Dep. Educação Indígena; Funai Brasília/Dep. Educação; Anaí; *Operação Tremembé*; Funai/Posto Indígena Tapeba; Fundação Abbé Pierre; Adélia Pinto, professora da Faced/UFC; IDER[236].

Programação:

Repassamos a programação preparada até aqui.

Falas dos presentes, avaliando a proposta do Seminário:

"O que é diferente no nosso seminário é que não estamos chamando um ou dois professores de fora para falarem para a gente, mas sim, todos os professores tremembés, para construirmos o magistério juntos" (Neide, professora, Praia).

"Eu nem sonhava com uma coisa dessas, que isso poderia acontecer aqui... Espero que seja bom demais". (Dijé, merendeira, agente de saúde).

Adélia Pinto relata a experiência de pesquisa com a comunidade da Praia de Canto Verde e sua escola de pesca. Manifesta preocupação com que a escola não contribua para a migração dos jovens. Sugere que se amplie os instrumentos de participação da comunidade. Karla e eu relembramos que este é um dos princípios do RCNEI e que isso pode se configurar como uma das primeiras atividades pós-seminário.

[235] Apercebi-me ao rever agora esta lista a ausência do conectivo *'e'* na finalização das listas de nomes e na junção das frases, dando a aparência de inacabamento aos discursos. Acabei reproduzindo, na escrita, o modo como eles falam costumeiramente. As reticências parecem estar em tudo, não como ocultamento, mas talvez indicando que aquilo do que se fala é sempre mais amplo do que a sua expressão verbal, obrigando a uma abertura radical aos acréscimos.
[236] Instituto de Desenvolvimento de Energias Renováveis.

educação indigena CC.indd 548 26/10/2015 11:43:32

21 de maio de 2001[237]

Seminário Magistério Indígena Tremembé: Planejando e Consolidando a Escola Diferenciada

Manhã.

[...] A escola está reformada internamente e decorada com fotos de uma exposição preparada por Karla.

Estamos em roda, no terreiro. João Venança faz a abertura: saúda os participantes do Seminário: representantes do CREDE, lideranças e professores tremembés e os parceiros membros do GT-MIT[238]. Canta "Na nossa aldeia tem", depois "Navura vainxê". Justifica que o torém será feito à noite.

Karla apresenta os objetivos do Seminário usando uma rede de caçoeira com elementos do mar, sobre a qual coloca pedaços de cartolina com os momentos propostos para o Seminário.

Conduzi dinâmicas para facilitar o entrosamento, a apresentação dos presentes e o levantamento das expectativas dos participantes.

Merendamos *K-Suco* de laranja – gelado! Uma raridade por aqui – com bolachinhas secas.

Tive uma *conversa de bastidores* com técnicos CREDE-Acaraú: Maria Bianchi, Imaculada, Dina [que demonstravam algum incômodo com a iniciativa do Seminário e com a ausência de representantes da Seduc. Ao final da conversa, pareciam ter-se livrado do incômodo, admitindo somarem-se à iniciativa e prometendo esforços para que a Seduc apoie também o projeto]

Para o registro do evento, foram escolhidos os seguintes relatores: 2ª feira: Cristina e Vilca; 3ª feira: Joelma e Liduína; 4ª feira: Márcia e Andreína; 5ª feira: Ivonete e Neide; 6ª feira: Graça e Rita.

[237] *Diário de Campo*, n. 4, p. 003-061.
[238] Grupo de Trabalho Magistério Indígena Tremembé.

educação indigena CC.indd 549 26/10/2015 11:43:32

A coordenação pedagógica ficou composta pelos seguintes membros: [Parceiros] Karla, eu; [Tremembés] Evandro, Cristina, Raimundinha, Lucélia, Neide.

A coordenação administrativa ficou a cargo de Neide, Neta, Neguinha, Dijé.

João Venança se responsabilizou pelo grupo de segurança.

Foram dados informes sobre o processo de construção do Seminário e Parceiros/pessoas/entidades convidadas.

Almoço.

Preparação de perguntas sobre "A Escola que temos" [...]

Num *primeiro momento*, seria usada uma dinâmica: em uma caixa foram colocadas as perguntas [preparadas pela coordenação pedagógica] e escritas em pedaços de papel enrolados; a caixa iria circular nas mãos dos presentes, até que a música parasse; o que estivesse com a caixa na mão, tomaria um dos pedaços de papel, abriria e leria a pergunta, respondendo-a. O objetivo era produzir uma *tempestade de ideias*, inicialmente. [...]

No *segundo momento*, em pequenos grupos, os presentes deveriam sistematizar suas opiniões sobre a realidade da escola em um texto. A ideia era registrar a reflexão feita sobre *a realidade da escola*, até ali.

Tarde.

Perguntas:

1. Como é a merenda em sua escola?

- "Eu gostava sim. Agora não tem mais".
- "Pra mim era boa demais. Era sopa. Agora, tá com uns dias que estudo, ainda não tem".
- "Quando tinha, era boa. Mas nunca era suficiente para o número de alunos. Quando tinha o suco, faltava o biscoito. Muitas vezes não dava para o mês". (Dadinha)

educação indigena CC.indd 550 26/10/2015 11:43:32

- "Na Varjota, a merenda era boa. Era sopa. Apesar de pouca, era boa".
- "A nossa merenda também era boa. Mas há um mês que a gente não tem, só sopa. Tem um casal que está ajudando a gente". (Aurineide)
- "A merenda que vem do CREDE é muito boa. É deliciosa". (Rosângela)
- "O suco é pouco". (Joelma)

2. A comunidade participa da escola? De que forma?

- "No Mangue Alto, a comunidade participa bem. Vão à escola todos os dias, os jovens e os adultos". (*Dona* Neném)
- "Sim. Dançamos o torém. Fomos à escola da Tapera. Fomos bem recebidos. Recebemos outro convite". (*Seu* Estevão)
- "Os alunos adultos contam história para a professora Rita". (*Dona* Neném)
- "Todos os dias dançamos o torém com os alunos" . (*Dona* Neném)
- "É diferente do passado" (*Dona* Neném)
- "Mudou muito. Antes, não se conhecia quem era índio. Antes, se nós *fosse* falar lá na escola do branco, era detido". (*Seu* Estevão)
- "As lideranças participam. A comunidade é a primeira a dizer quem vão ser os professores dos seus filhos. Outra coisa é que os adultos passam na escola ensinando suas artes, como a pesca. A mudança, desde o meu tempo, é primeiramente uma pergunta: 'quem descobriu o Brasil?'. Hoje, eu não preciso teimar pra responder. A gente não deixa de aprender sobre o mundo lá de fora, porque a gente vive também lá fora, mas aprende as nossas coisas". (Zé Valdir)
- "Outra coisa é que aqui estão presentes pessoas que nem estavam na reunião em que decidimos participar do magistério, mas que foram indicadas para serem professores, para se iniciarem logo". (Zé Valdir).

3. Que matéria você acha mais importante? Por quê?

- "Falar e aprender todas as matérias são importantes. É sempre bom aprender, é sempre importante. Todas são válidas". (Neta)

educação indigena CC.indd 551 26/10/2015 11:43:32

- "Todas são importantes, mas uma muito importante pra nós, índios, é a História. Porque aí, os alunos, nós, vamos resgatar a história. Eu lembro aquilo que, antes, os professores perguntavam quem descobriu o Brasil. Era uma farsa. É importante resgatar a história". (Neguinha)
- "A que eu mais gosto e acho importante é Português. Porque a gente pode escrever uma carta, mandar para alguém". (Vilca)
- "A que menos gosto é Matemática. A que mais gosto é Ciências, porque fala dos seres vivos". (Graça)
- "Matemática mexe muito com os dedos das mãos e dos pés". (Zé Valdir)
- "Minha cabeça não funciona muito com a Matemática". (Graça)
- "A que mais gosto é Matemática, que a gente usa no dia a dia". (Dunda)
- "Todas são importantes. A Matemática é escrita em Português. A Ciência também é escrita". (Ivonete)
- "Todas são importante, mas a História é muito importante, porque todos estamos dentro da história". (Raimundinha)
- "Quando se fala em aprendizagem, todas as matérias são importantes. Mas uma fundamental é Biologia. Somos gente". (Neide)
- "Arte. O artesanato é arte. O *toá*[239] é arte. Na escola indígena existe arte. Na escola indígena tem artista Tremembé". (Lucélia, Neide, Ivonete)
- "Todo mundo é artista. Mas nem sempre sabe executar. Mas quando se fala em arte, todo mundo é artista. Se for pedir pra gente fazer uma arte agora, sai na hora" *[Olha o cartaz, atrás de si, com uma gravura que ele mesmo desenhou e que faz parte da Cartilha]*. (Zé Valdir)
- "Ainda não está sendo bem trabalhada, mas está saindo arte, os artistas estão se revelando". (Neide).

[239] Pintura tremembé, de feição *primitivista*, feita com tintas à base de argila colorida sobre paredes, originalmente.

educação indigena CC.indd 552 26/10/2015 11:43:32

- "Tem diferença da escola de antes. Hoje, nós usamos o *toá*, cascas de árvores, búzios, coisas nossas". (Zé Valdir) [...]

Neide observa que "na aula de história, os alunos fazem uma visita a um lugar e depois desenham o que viram".

4. Quais os pontos fortes da EDITE?

- "No meu entender, o ponto mais forte é a maneira de dançar o torém, falar sobre a cultura e a realidade da gente". (Neguinha)
- "O ponto mais forte é a resistência. Resistência pra fazer uma escola diferente, com altos e baixos, mas vamos conseguindo". (Raimundinha)
- "Pra mim, um ponto forte, positivo, é que a gente parte do princípio da própria localidade, do território, da própria identidade, da comunidade e do município. Isso é básico na nossa história". (Zé Valdir)
- "Um dos pontos mais fortes é que está tudo nas nossas mãos: quem coordena é índio, quem ensina é índio. Entidade só colabora. Mas somos nós que decidimos. Isto é especial. Não dependemos de alguém para decidir ou seguir regras". (Neide)
- "Participação das lideranças na sala de aula. Levo as lideranças para minha sala, para contar as histórias". (Rosângela)
- "A participação das lideranças". (Joelma)
- "O mais importante é nós tudo junto, nós tudo unido. Estamos grudados, ligados aqui e acolá. As lideranças são importantes, mas nós juntos somos mais. Onde tem união, não tem precisão". (*Seu* Estevão)
- "Através da escola conseguimos resgatar nosso sangue indígena. Descobrimos que índio é gente". (Neta)
- "O ponto forte hoje é a questão da luta pela terra, através da escola. Os professores foram alunos dos pais, com quem aprenderam a lutar pela terra. O reconhecimento da luta pela terra é um ponto forte. Com toda a fragilidade que ainda temos, que precisamos fortalecer, como uma estrela que tem cinco pontas e uma ainda está fraca. Então, um ponto forte, é o reconhecimento da luta pela terra". (João Venança)

educação indigena CC.indd 553 26/10/2015 11:43:32

5. O que você aprende na escola está servindo no seu dia a dia?

- "Estou estudando Biologia e Português no Luzia [escola de Itarema]. Estou aprendendo melhor o que já sabia antes. Agora, na escola indígena, através dos encontros, reuniões, estou aprendendo a me unir com o povo, a nossa história. Estou sempre aprendendo alguma coisa". (Vilca)
- "O que estou aprendendo lá fora serve muito bem para o meu dia a dia. Aprendo a ler, escrever e outras coisa que a gente não sabe". (Ivonete)
- "É uma experiência nova, muito importante, aprender dos dois lados". (Rosângela)
- "Falando do Português, sim".
- "A gente aprende uma diferença da escola de fora com a de dentro. Uma vez a gente estava no período das mangas e estava estudando uma coisa que não tinha nada a ver". (Neta)
- "Pra mim, o que aprendi na escola convencional tem servido também, essa facilidade de escrever e entender melhor algumas coisas. A escola indígena é algo forte. A gente tem que estar atento para perceber o seu valor. É uma escola que tem que se tornar ainda mais viva. Este momento que estamos vivendo aqui já é uma escola diferenciada, a gente está aprendendo uns com os outros". (Evandro)

6. Como os professores tratam os alunos?

- "Eu, Neide, nunca tive problemas com professores lá fora. Sempre me relacionei bem. Sempre que tinha necessidade, chamava a atenção pessoalmente. Quanto aos meus alunos... Porque às vezes o temperamento é diferente, de cada um. A gente tem que ter jogo de cintura". (Neide)
- "Estudei com uma professora que não sabia fazer um 'o' com uma quenga". (*Dona* Pequena)
- "Ensinei adultos, quando entrei no cargo de professor. Ensinava como se fosse para crianças, como disse a Neide. A professora hoje tem outra dinâmica. É outro sistema, é outra escola. Quando os alunos estão cochichando, os adultos, eu paro e eles se tocam de que estão atrapalhando". (Zé Valdir)

educação indigena CC.indd 554 26/10/2015 11:43:32

7. Quais são os tipos de punição que existem na escola?

- "Conversar com os pais sobre as medidas possíveis. Lá fora nunca tive problemas". (Liduína)

8. [240] Quem decide na escola?

- "Tem certos momentos que é o professor, tem certos momentos que é o aluno". (Joanita)
- "Os professores decidem, mas têm que falar com os pais dos alunos". (Rosângela)
- "Falando na escola diferenciada, quem decide é professor, liderança, pai de aluno. Somos nós". (Neide)
- "Lá onde eu estudo, em Itarema, é a direção, o núcleo gestor. Quem decide tudo é eles". (Naldinho) [...]

9. Pontos fracos:

- "Os alunos faltam muito à escola no Mangue Alto. Acho que é preguiça. Já conversamos várias vezes". (Rosângela)
- "Algumas mães ficam trocando os alunos de escola, sem avisar *[tiram o aluno da escola indígena para mandar à escola do município]*. Isso acontece de vez em quando. A gente sempre chama a mãe". (Neide) [...]

Trabalho em grupo.

[Tratava-se de tomar pedaços de papel em forma de tijolos e descrever "A escola que temos", os elementos que constituem *os fundamentos mais importantes da EDITE*. Depois, cada grupo ia colando estes papéis sobre um painel em papel madeira, com o desenho de uma casa, na parte referente aos alicerces. Como resultado final, foram apresentados os seguintes elementos][241]:

- "A nossa escola indígena depende da nossa união e a força da comunidade"

[240] No Diário, por falha minha, esta numeração é 8, porque dupliquei o número 7, em dois itens.
[241] Inseri as anotações feitas no *notebook*.

educação indigena CC.indd 555 26/10/2015 11:43:32

- “Os nossos problemas são resolvidos dentro da comunidade”
- “A nossa escola é um ponto forte que ajuda na demarcação da nossa terra”
- “A nossa escola é ligada à luta pela nossa terra”
- “Elaboração do nosso calendário escolar”
- “Resgate da nossa cultura, costumes e tradições”
- “Decisões tomadas por lideranças e professores juntos”
- “A escola e os professores assumidos pelo Estado”
- “A união de todos”
- “A frequência de toda a comunidade”
- “Outro ponto importante é que dentro da própria escola se trabalha a questão da demarcação da terra”
- “E as coisas são decididas em conjunto na própria comunidade”
- “Professores contratados”
- “O grande apoio da comunidade na escola”
- “Professores em processo de formação”
- “A importância da liderança na comunidade”
- “Não há punição, há diálogo”
- “Todos os professores são da área indígena e escolhidos pela comunidade”
- “Para continuar essa escola diferente, precisamos respeitar uns aos outros”
- “Os planos de aula são produzidos pelos professores e complementados pelas lideranças e comunidade”
- “A coordenação da escola é coletiva, envolve toda a comunidade”
- “Outra coisa importante é o nosso próprio calendário, que é do nosso jeito”
- “Temos uma escola com o nosso próprio calendário, respeitando o nosso

educação indigena CC.indd 556 26/10/2015 11:43:32

período de trabalho coletivo: pesca e agricultura"

- "A importância dos nossos encontros que fazemos por mês"
- "A relação dos pais de alunos na escola e com a comunidade"
- "A organização da comunidade"
- "A comunidade voltou a valorizar a própria cultura"
- "A nossa escola Tremembé veio memorizar a história do povo Tremembé e de todos os povos indígenas em geral"
- "A luta ajuda na escola e a escola ajuda na demarcação"
- "Tudo que nós trabalhamos na escola envolve nosso dia a dia, reforça e desenvolve nossa cultura".

Avaliação:

Grupo 1: [Usam uma coreografia, com a música]

"Maria da paz, da paz, da paz
Ela anda pra frente
Ela anda pra trás".

Grupo 2: [Usam uma palavra de ordem]

"Unidos, jamais será vencido, na luta pela terra". *[*Analisar o discurso dos professores, a luta pela terra, como tentativa de legitimarem a escola diferenciada reforçando essa luta, "nasce da luta e se volta para a luta"]*

Grupo 3: [fazem uma coreografia]

"O amor de Deus é tãããão grande
Que me leva prááááááá frente
Me leva pr'uuuuuum lado
Me leva pr'oooooo outro.
E... xô!!!!!" [levantando os braços e soltando-os]

educação indigena CC.indd 557 26/10/2015 11:43:33

Grupo 4:

Raimundinha improvisa um microfone e entrevista o grupo sobre seus sentimentos a respeito do dia: "Ótimo", "Maravilhoso", "Espero que amanhã seja melhor ainda".

Grupo 5:

Aurineide, com uma venda nos olhos, tateia entre os parentes tentando reconhecê-los. No último, o grupo solta um grito: "Queremos a nossa demarcação!" *[*Novamente, o discurso da luta pela terra]*

[...]

Finalização: Pus as pessoas em roda (duas), as crianças ao centro. Pedi que dissessem uma palavra sobre: "Síntese do dia"; "Esperança para amanhã"; "Pensamento para quem não estava presente". Depois, lembrei que a luta pela terra apareceu muitas vezes nas falas dos grupos. Pedi que nos abaixássemos, contemplássemos as crianças, que eram o motivo de nossa luta, e que acariciássemos a terra. Após alisar a terra, a limpeza das mãos tornou-se uma salva de palmas.

[...]

João Filho e Edson, um pescador jovem, amigo seu, me procuraram para dar uma orientação em um conflito entre ele e seu patrão, que o acusou de roubo, injustamente, recusou-se a pagar sua produção de pesca de lagosta e ainda está exigindo R$2.000,00 dele e de seus companheiros.

[...]

3ª feira, 22 de maio de 2001.

Acordei muito cedo, 5h30, com o movimento dos que estavam hospedados na escola. Eu havia dormido na *cozinha-sala* de Dijé.

Tomei café com cuscuz.

educação indigena CC.indd 558 26/10/2015 11:43:33

Visitei Marta, minha afilhada, e Esmeralda, a soínha de Raimundinha.

Iniciamos as atividades com uma *brincadeira*, conduzida pela coordenação escolhida/ampliada ontem: Cristina, Evandro, Neide, Graça.

O *relatório* do dia anterior foi lido por Cristina.

Foram lidos os textos produzidos pelos grupos. [...]

Um novo trabalho em grupo foi encaminhado: complementar os textos e fazer *tijolos* com os *princípios* (pontos fortes) da EDITE.

Após a merenda, reunimo-nos em uma plenária, em que se deu:

- A leitura dos textos complementados dos *tijolos* com os pontos fortes da EDITE e outras falas complementares.
- Uma fala de Ivo Sousa reforçando o vínculo entre EDITE e luta pela terra. [...]
- João Venança: pede para os professores não esquecerem de três coisas: [1]"Uma é gostar, outra é amar, outra é praticar"; [2]A história de Chica da Lagoa Seca e Zé Miguel [sua bisavó e o irmão dela, personagens ilustres, referenciais da memória tremembé atual]; [3]Não esquecer de contar a história deles. *[Parece reivindicar a gênese dos Tremembé atuais para seus familiares próximos]* [...].

Atividade: "A escola que queremos": [Uma dinâmica é utilizada para provocar uma tempestade de ideias inicial, permitindo a fala de todos os presentes, que são postos em uma roda. Um rolo de fio é jogado de um para o outro, que mantém o fio seguro nas mãos, conectando os participantes e formando, aos poucos, um desenho que lembra a *teia de aranha*. Quem recebe o fio expressa o seu pensamento/desejo]:

- "Eu quero uma escola do nosso jeito". (Gilsa)
- "Queremos uma escola em que todos sejamos iguais". (Zé Valdir)
- "Queremos uma escola mais reconhecida em nível estadual e federal". (Joelma)

educação indigena CC.indd 559 26/10/2015 11:43:33

- "Queremos uma escola mais valorizada". (Andreína)
- "Queremos uma escola que junte corpo, alma e coração". (Raimundo)
- "A escola que eu sonho é que continue com a mesma dignidade e carinho, como hoje". (Liduína)
- "A escola que eu quero é que tenha qualidade". ( )
- "A escola que sonhamos já estamos construindo: que atenda a necessidade de cada um de nós". (Evandro)
- "A escola que queremos é aquela em que os alunos nunca esqueçam que são índios". (Rita, Mangue Alto)
- "A escola onde os índios possam decidir o que eles querem". (Ivo)
- "A escola que eu sonho é aquela em que todos participam e tem qualidade". (Sebastião)

Entrei na teia e falei também da escola que eu sonho: *Talvez porque eu não tenha tido uma escola assim, e nem sei se é a escola que vocês querem, mas eu queria que nesta escola tivesse muita arte e comunicação, desenvolvendo o talento que vocês têm, uma escola nascida da vida e voltada para fortalecer a vida, onde a gente percebesse que ser índio é ser criativo, inventivo, capaz de se refazer a cada momento.*

João Venança pega o maracá e faz uma fala sobre a teia, cantando ao final "O nó" e "Vamos, vamos minha gente":

Quem deu esse nó não soube dar (2x)
Esse nó tá dado e eu desato já (2x)
Ô desenrola essa corrente, deixa os índios trabalhar (2x)

[...]

Fizemos uma reunião da Coordenação mais as presenças de Adélia Pinto, Ivo Sousa, João Venança e Creusa.

Creusa informa que o recurso para a alimentação do Seminário está garantido pela Funai. Informa também que a criação do núcleo da Funai foi

educação indigena CC.indd 560 26/10/2015 11:43:33

formalizada[242]. Ela informa ainda que foi feito um novo contato com a Seduc (com a professora Josefa), que mostrou-se muito aberta e se comprometeu a formar parceria com o GT.[243] Foi marcada uma reunião com o Secretário de Educação, na 3ª feira, com representantes dos povos indígenas. Na reunião seriam tratadas as necessidades de uma política para a educação indígena e o curso de magistério indígena. [...]

Tarde:

Fizemos o aprofundamento de algumas falas da manhã, durante a dinâmica da teia. [Eu perguntava o que os participantes queriam significar com as expressões abaixo relacionadas, obtendo seus esclarecimentos]:

1. *"Mais valorizada"*:
    - Professores formados
    - Janete ensina crianças na Varjota. Diz que recebeu uma carta de uma mãe que pedia que ela não ensinasse sobre os índios, pois não existiam mais. Disse que as crianças estavam *desaprendendo*, porque Janete ensinava coisas relativas à história e luta dos Tremembé.
2. *"Responsabilidade e carinho"*:
    - Liduína: "Lá fora, a direção das escolas não têm carinho com os alunos e seus pais, como aqui. Eu quero que não mude, que continue assim". Ela lembra a história contada por Janete, que aconteceu com os filhos de Lizete: os pais dos alunos da escola "lá de fora" acham que "só por que não temos o certificado de professor, não temos capacidade de, sequer, corrigir erros ortográficos.
    - Zé Valdir: defende a criação de um boletim de notas para os alunos. *[*No fundo, há necessidade de uma certa formalização, como parte do processo de reconhecimento].*

[242] Até então, existia apenas um PIN (posto indígena), próximo à área tapeba, em Icaraí. A constituição de um Núcleo da Funai no Ceará parece indicar o crescimento do movimento indígena no Estado e sua importância.

[243] Na prática, a posição da coordenadora-técnica da Seduc responsável pela educação indígena foi bem diferente.

educação indigena CC.indd 561 26/10/2015 11:43:33

3. *"Professor qualificado"*:

    - Raimunda: "professor formado" *[*A titulação é parte da formação e qualificação, mas não deve se reduzir à formalidade].*

4. *"Reconhecida"*:

    - "Do ponto de vista jurídico, mas também pela forma, nos dois sentidos". (Joelma)

    - "A nossa escola e a dos outros povos já é reconhecida. Prova disso é o Censo Escolar". (Fernando)

5. *"Qualidade"*:

    - Neide: "É aquela escola em que o aluno tem vontade de ir à escola e os pais apoiam".

    - Fernando: "Cada escola tem a sua *qualidade*. A do branco tem a sua *qualidade*. Na nossa escola, trabalhamos a nossa pintura, a nossa cultura". *[*Qualidade no sentido de especificidade!]*

    - Zé Valdir: "Qualidade em todos os sentidos: merenda, equipamentos, estrutura física e todos os outros itens, como a escola convencional".

6. *"Cara de índio"*:

    - Rita: "Os alunos nunca devem esquecer que a escola é de índios, que nós somos índios".

    - Zé Valdir: valorizar todos os elementos curriculares tendo como referência a cultura indígena.

Iniciamos uma nova atividade em grupo: "A escola que queremos". Usamos como subsídio um texto organizado por Karla, fruto de um encontro de professores em 1997, sobre currículo.

Finalizando a tarde de atividades, dançamos a *Ciranda* no terreiro.

Tomei banho de praia na companhia de Venancinha, Marrom, Samires. [...]

Tomei cachaça com Dijé, Lizete, Chica [que têm preparado nossa alimentação].[...]

educação indigena CC.indd 562 26/10/2015 11:43:33

Noite.

Assistimos aos vídeos *Alma Fala* e *Diagnóstico Ambiental*. [...]

A coordenação se reuniu e elaborou a proposta para o dia seguinte, 4ª feira:

- Concluir a atividade do dia anterior, "A escola que queremos". Visualizar os resultados em cartazes em forma de tijolos e fazer as "paredes" da escola.
- Tema do dia: currículo. Fazer uma questão provocadora: O que um aluno da escola Tremembé deve aprender?
- Iniciar o dia com um a*quecimento*: fazer a decoração da sala com as crianças, fazer pintura nas crianças e dançar o Torém.

23 de maio de 2001

[...]

Na palavra de abertura, João Venança pede que os parentes silenciem para escutar sua fala. [**Ele parece atribuir à sua própria fala uma importância formal e poder de eficácia típica de quem se acha revestido de autoridade].*

As crianças dançam o torém. Babim toca o maracá sem, absolutamente, qualquer preocupação com o ritmo. Às vezes, para em meio à música. Janiel observa: "o cacique pifou". *[*Os tapeba parecem possuir maior elaboração no seu toré das crianças].* [...]

Foram feitos os encaminhamentos das atividades do dia: continuação do trabalho de grupo: "A escola que queremos". [...]

Tarde:

Iniciamos as atividades com uma *brincadeira* para fazer a divisão da turma em pequenos grupos: músicas do torém foram distribuídas entre os presentes,

educação indigena CC.indd 563 26/10/2015 11:43:33

que saíram cantando, todos ao mesmo tempo, buscando outros que cantavam a mesma canção.

Notas da reunião da coordenação pedagógica: [...]

- Creusa informa que na 3ª feira próxima, 29 de maio, haverá reunião com o Secretário de Educação sobre Formação de Professores Indígenas [...].
- Fernando relata o questionamento de Dourado Tapeba sobre a participação dos outros povos no Magistério. Adélia propõe que cada grupo étnico tenha o seu GT e que exista um grupo de consultores que atenda a todos. [...]
- Karla acha que há um monte de coisas boas acontecendo. Há avanços na reflexão. Cita a discussão sobre currículo: antes, era compreendido como "grade curricular" e, agora, inclui outras práticas: Avaliação, Gestão etc. Acha que, agora, é encaminhar uma "leitura", uma formatação para instituições como o MEC. A posição de Adélia, em sua fala anterior, era de enriquecer as informações para o MEC com vídeo, fotos, textos e vozes dos índios.
- Creusa acredita que o objetivo, enquanto Funai, foi atingido: discussão ampla com todas as comunidades Tremembé.
- Sugiro que se relate que o CJP foi convidado e que se o grupo em dissensão não está presente é por causa de um conflito político anterior, que ultrapassa o Seminário.
- Ivo sugere que seja relatado o processo de construção de discussão em cada comunidade.

[...]

Conversa com parceiros do MIT:

Funai (Creusa):

- Há 17 cursos de formação de professores indígenas apoiado pela Funai, incluindo em universidades do Mato Grosso.
- Além de apoiar cursos de formação com recursos para passagens etc, a Funai faz a fiscalização dos outros órgãos de Estado no cumprimento de suas obrigações legais.

educação indigena CC.indd 564 26/10/2015 11:43:33

- Outro papel é o apoio à "Casa do Estudante Indígena", para alunos que desejem estudar fora das aldeias.
- A Funai financia livros de alunos fora da aldeia e outros elementos do "enxoval", a partir da 5ª série.
- Outra assistência é dada às escolas indígenas, como a suplementação de material didático.
- Há 123 alunos indígenas acadêmicos no Brasil.
- Creusa avalia que "há no Ceará um grande descaso com a educação indígena".

CREDE (Dina):

- Diz que fará a *ponte* entre a comunidade indígena Tremembé e a Seduc.
- É responsável pelo acompanhamento da distribuição de material de consumo e permanente às escolas.
- Podem apoiar as iniciativas de fortalecimento da formação de alunos e professores por meio de oficinas e outros eventos.
- "Acredito que, quando a Seduc tiver uma política bem mais definida, o CREDE cumprirá melhor o seu papel" (Dina).
- Podem, desde já, dar apoio pedagógico.
- Reconhece que não há um grupo/núcleo específico de educação indígena no CREDE, nem na Seduc.

[...]

Creusa faz um contraponto à fala de Dina, sobre a necessidade de definir uma política a partir dos NEI's (Núcleo de Educação Escolar Indígena): "As pessoas que estejam nos NEI's devem ser sensíveis à causa" [Parece reagir à história de uma técnica da Seduc, que teria dito que os professores indígenas mentem quando dizem que não sabem fazer o relatório mensal de atividades exigido pela Seduc. Outra técnica da Seduc teria dito que os relatórios indígenas eram "relatórios de branco"].

educação indigena CC.indd 565 26/10/2015 11:43:33

IGREJA METODISTA (Karla e Silas):

- A Igreja Metodista tem outros GT's com Sem-Terra, Idosos, Crianças de Rua.
- É remunerada pela Igreja: "a gente se paga" (isto é, a Igreja M. paga os recursos dos missionários). "A gente acha que tem uma obrigação em relação à comunidade indígena, mas que é diferente da Funai".
- Silas fala que, além de apoiar concretamente as iniciativas das comunidades indígenas, também tentam instigar o Estado a cumprir seu papel.

Iprede/TEIA DE RESGATE À VIDA (Sílvia Varela): O Iprede tem um trabalho educativo na prevenção à desnutrição.

IVO SOUSA:

- É sócio da ANAÍ. Não tem recursos, mas empresta o nome da Instituição para apoiar o MIT.
- Sua parceria é pessoal, vem da amizade com os tremembés. Cita o vídeo "Alma Fala", feito com recursos captados por ele e Alex Ratts[244].

[...]

[Tarde. Apresentação dos trabalhos de grupo. De modo semelhante à dinâmica usada com *A escola que temos*, os participantes trazem *tijolos* com os elementos d' *A escola que queremos*][245]:

- Mais valorizada
- Com responsabilidade e carinho
- Reconhecida
- De qualidade

[244] Antropólogo, com pesquisa de mestrado entre os tremembé (USP/FFLCH/Departamento de Geografia, 1996).
[245] Inseri as anotações feitas no *notebook*.

educação indigena CC.indd 566 26/10/2015 11:43:33

- Professores qualificados
- Com cara de índio
- Que tenha muita aprendizagem
- Que os alunos frequentem mais a escola
- Uma escola onde o professor entenda a importância do torém
- Uma escola em que todos saibam qual o objetivo: a demarcação da nossa terra
- Que tenha mais respeito entre alunos e professores
- Que tenha artes indígenas
- Uma escola com todos os equipamentos e professores formados
- Que bote no currículo os estudos dos recursos naturais e a forma de aproveitá-los
- Que pesquise e busque a arte dos nossos antepassados: estudar e desenvolver com toda a comunidade
- Uma escola onde possamos respeitar a dança e a música do torém
- Uma escola do nosso jeito, que nunca esqueça nossa tradição
- Que tenha participação com amor
- Que tenha professores contratados
- Que tenha recursos para nossos planejamentos de aula
- Bastante equipada
- Uma escola não com ordem, e sim com acordo
- Que tenha uma comissão da comunidade que deve ter autonomia e controle no uso das verbas da escola
- Uma escola bem organizada
- Que trabalhe o direito e a história indígena

educação indigena CC.indd 567 26/10/2015 11:43:33

- Deve ser importante e tenha uma convivência específica
- Que tenha mais envolvimento
- Que tenha a interculturalidade
- Que tenha mais desenvolvimento
- Queremos uma escola que não mude o nosso jeito de ser
- Que tenha bastante organização
- Que atenda a todas as nossas necessidades
- Deve ser uma escola bem alegre e bem confiante
- Onde se estude a relação dos conteúdos com a vida da criança no seu meio ambiente no dia a dia
- Que possa criar uma farmácia tradicional
- Uma escola que seja uma oficina de arte e conhecimento
- Que tenha a qualificação dos professores
- Uma escola que não negue a nossa origem
- Uma escola onde todos tenham direitos iguais
- Que haja recursos especiais para a escola
- Uma escola mais específica
- Que tenha avaliação mais prática.

Banho: *[Descobri que era Dijé quem enchia os baldes d'água para eu tomar banho].*

Jantei café com tapioca.

[...]

Avaliação Artística (noite, 20h30):

[**Metade dos grupos que se apresentaram utilizaram-se de músicas típicas de Grupos de Jovens: "Da cepa brotou a rama"; "Baião das comunidades" ("somos*

educação indigena CC.indd 568 26/10/2015 11:43:34

gente nova vivendo a união"); "Eu canto como o Rei Davi" e outra que não lembro. Confesso que fiquei surpreso com a presença tão frequente dessa dimensão religiosa nas avaliações. Fiquei pensando que eles queriam expressar gratidão. *Era uma forma de agradecer pela conquista de um sonho, o MIT*[246]].

Teatro: "Tartarugas" (Cleide e Ana Cecília, estudantes de biologia, estagiárias do Projeto TAMAR, de proteção às tartarugas marinhas). A peça não tem grandes atrativos, mas os presentes riem com muita generosidade.

Outras apresentações:

- Evandro canta KLB e Roberto Carlos
- Janete canta Amado Batista
- Cantei "Disparada" e "Como é grande meu amor por você", para Andreína e Neta, aniversariantes.

Durante as questões da manhã de 5ª feira sobre o MIT, perto do meio-dia, João Venança toma a palavra. Reforça a ideia de que o Magistério já começou. Compara o Seminário a uma casa, onde se está cavando os buracos para enfiar as forquilhas. Faz também uma crítica aberta a Francisca Adelaide, dizendo que "ela quer acabar com os caciques e lideranças". Diz que todo mundo foi convidado ao MIT, mas que não se pode obrigar ninguém. Sai em minha defesa, claramente dizendo que estou "levando a peia sozinho". Reconhece que a discussão começou pela Praia e que "o Babi realmente ajudou a unir os parceiros". Observa que há várias pessoas de fora, representando as entidades. [...]

Atividade*: Sistemática do Curso e Disciplinas/Conteúdos* [...]

Sistemática de aulas: uma semana por mês (a última), durante 3 anos (36 semanas).

[246] Posteriormente, me apercebi do quanto a Varjota e a Tapera – de onde saíram essas apresentações – foram marcadas pela nova onda de evangelização, iniciada com o Movimento de Educação de Base, nos anos 1960, tendo continuidade com a organização de Comunidades Eclesiais de Base, no início dos anos 1980, promovida pela Diocese de Itapipoca. As músicas apresentadas evidenciam a influência de um movimento específico destinado aos jovens, a Pastoral da Juventude, organizado nesta mesma época.

educação indigena CC.indd 569 26/10/2015 11:43:34

DISCIPLINAS[247]:

- Legislação
- Biologia (3)
- Química
- Línguas
- Matemática (5)
- História (4)
- Artes (5)
- Ecologia
- Geografia (3)
- Ciências Náuticas
- Biologia marinha
- Computação
- Língua portuguesa (5)
- Língua inglesa (4)
- Língua francesa (2)
- Língua espanhola (3)
- Ciências (3)
- Língua Tremembé (2)
- História dos povos indígenas do Ceará

[247] As Disciplinas e Conteúdos foram registrados, de forma integral no *notebook*, no arquivo *MIT-Disciplinas*, aqui inserido. Os números entre parênteses indicam a quantidade de grupos que sugeriram a disciplina.

educação indigena CC.indd 570 26/10/2015 11:43:34

- Psicologia
- Medicina tradicional
- Antropologia
- Sociologia
- Filosofia

OUTROS CONTEÚDOS:

- Leis
- Corpo humano (3)
- Artes em geral
- Meio ambiente (2)
- História dos Tremembé (2)
- Ortografia (2)
- Caligrafia
- Gramática (2)
- Pontuação (3)
- Teatro
- Ambiente e seres vivos
- Ecossistema
- Higiene
- Nossas medidas (2)
- Receitas de remédios caseiros (2)
- Solos (2)
- Animais

educação indigena CC.indd 571 26/10/2015 11:43:34

- Plantas
- Plantas medicinais
- As 4 operações matemáticas (2)
- Medidas de tempo
- Kilômetro, kilo, hectare
- Globalização
- Mapas
- Altitude
- Relevo
- Climas
- Rios
- Cotidiano
- Pintura com toá
- Linguagens
- Verbos
- Equações do 1º e 2º graus
- Expressões numéricas
- Raiz quadrada
- Potenciação
- Civilizações
- Evolução
- Democracia
- Ditadura

educação indigena CC.indd 572 26/10/2015 11:43:34

- Capitalismo
- Socialismo
- História do Ceará e História Tremembé
- Lendas e Modinhas
- Pintura
- Desenho
- Artesanato
- Ciências que estudam nossa região
- Mente e comportamento
- Nosso mapeamento
- Inglês "para expressar o nome dos nossos animais e frutas" [...]

6ª feira, 25 de maio de 2001

1. *Memória do dia anterior*
2. *Palavra do Petrônio* [Funai/PB]

- [...] Chama de "iluminados" os que organizaram o Seminário.
- Observa a ausência da *Operação Tremembé* e informa que Francisca Adelaide teria dito a ele que "os índios da Praia já não querem a presença da *Operação Tremembé*".
- A Funai vai agir cobrando ações dos órgãos responsáveis.
- Valoriza a presença das ONG's dizendo que "não podemos abrir mão da participação fundamental delas".

educação indigena CC.indd 573 26/10/2015 11:43:34

- Avalia que a mobilização dos povos indígenas é de suma importância. Cita o exemplo dos Xukuru de Monte-Mor, onde o vice-presidente da República, Marco Maciel e cinco parentes seus eram posseiros; não obstante, foi feita a demarcação.

[*Petrônio relata o que considera alguns avanços: demarcação CJP; Núcleo da Funai/CE[248] etc. Tenho a impressão que ele tenta responder à provocação feita no artigo que escrevi para o jornal *O Povo*, por ocasião do Dia do Índio, observando a ausência e imobilidade do Estado].

- Nota que a presença de Creusa e Acrísio[249] são parte de uma política de escolha de qualidade dos funcionários para o novo núcleo da Funai no Ceará: "Nós, da Funai, estamos nos estabelecendo no Ceará para corrigir um erro histórico".
- Faz umas incursões por "critérios de identidade indígena". Acredita que "índio não tem que ser pobre".
- Anima à participação política na gestão do município.
- Chama o aldeamento de "confinamento". Critica o conceito de terra indígena como limitação territorial.
- Informa que os recursos para Saúde Indígena são de R$180 milhões. Avalia que ainda é pouco para a demanda.
- Situação dos GTI[250] para estudo de povos indígenas no Ceará. Informa sobre o processo Tremembé de Almofala/Varjota.
- Parabeniza-me em nome da Equipe (GT-MIT).

Magalhães (PIN/Tapeba):

- Agradece pelo evento.
- Defende a necessidade de alianças

[248] Fundação Nacional do Índio no Ceará.
[249] Nome fictício.
[250] Grupo de Trabalho Indígena.

educação indigena CC.indd 574 26/10/2015 11:43:34

- Observa a questão da divisão dentro da comunidade (refere-se ao CJP?)
- Sobre o núcleo da Funai/CE, diz que o órgão terá autonomia financeira e, assim, capacidade de resposta mais imediata.

João Venança: analisa e critica a postura de Francisca Adelaide e da *Operação Tremembé*. Solicita que a Funai chame uma reunião com a entidade e os índios da Praia. Diz que está magoado com Francisca Adelaide por que ela *destratou* sua irmã (Dijé).

Ivonilde, tapeba: Diz que não só João Venança está magoado, mas também os Pitaguary, Tapeba e Jenipapo-Kanindé. Solicita que a reunião seja ampliada com todos os povos.

Petrônio: Considera que há uma ingerência da OT. Diz que já vem conversando há algum tempo sobre o assunto e que vão puxar a reunião.

Avaliação final

(+) "Vimos a importância do trabalho em grupo". "Gostamos de ver o empenho das entidades". [...]

(+) "Cada momento do encontro foi importante para a nossa formação". [...]

(+) Alimentação: "Nossa própria comida". [...]

(+) "Os nossos objetivos ajudaram a esclarecer o nosso magistério". [...]

(-) "Falha de alguns companheiros professores, que não quiseram juntar-se a nós por causa de brigas internas" [professores do CJP]. [...]

(-) "Ausência da *Operação Tremembé*, que foi convidada". [...]

(+) "Nós temos muito é garra, de fazer isso". (Evandro)

Neide: "A gente tá muito feliz. Graças a Deus, tá todo mundo aqui. Só um grupo não veio. Um dia cai a ficha e eles vão vir". "Em nome da Aldeia da Praia, a gente tá muito feliz. Demos o primeiro passo sozinhos, com a ajuda dos parceiros".

João Venança: agradece e parabeniza a todos. Diz claramente que não esperava que a Varjota viesse. Mas que está muito feliz pela participação. [...]

educação indigena CC.indd 575 26/10/2015 11:43:34

Dijé pede desculpas pela "comida malfeita". Justifica que não tem uma equipe profissional. [Ela tem um brilho no olhar, um sorriso largo, irresistível. Fala com paixão viva, com sinceridade fulminante, como se seu rosto inteiro explodisse da energia mais pura dos átomos]. [...]

28|maio|2001[251]

Reunião Comunidade Tapeba, nos Trilhos|Caucaia.

[...]

São 14h45. Cheguei há pouco. Creusa (Funai) veio logo ao meu encontro sob a mangueira onde a comunidades está reunida. Antes, encontrei Cláudio com seu grupo de crianças dançadoras do toré. Aos poucos fui avistando, reconhecendo e sondando meus conhecidos tapebas. Sílvia, Nildo, Bete, Sinhá, a filha de Dourado. Saudei especialmente Alberto e sua mulher, Mocinha, deslocando-me até onde estavam.

Francineide e outra técnica da Seduc estão presentes e falam a todo momento. Acabam por conduzir e induzir as tomadas de decisão em relação à pauta, que contém uma quantidade de compromissos e assuntos inviáveis.

Os assuntos da pauta parecem ser:

- Publicação de uma cartilha
- O projeto de artesanato (com Cíntia, da Fundação Abbé Pierre)
- Informes.

Após uma certa confusão causada pela coincidência de discussões (livro x artesanato), foi decidido que o livro [cartilha] seria discutido no dia 2, próximo.

Ivonilde pede que eu informe sobre o Seminário dos Tremembé, após justificar o porquê de minha presença: faz tempo que esperam pelo magistério e não foi realizado. Os Tremembé já começaram.

[251] *Diário de Campo*, n. 4, p. 62-071.

educação indigena CC.indd 576 26/10/2015 11:43:34

Após minha fala, Francineide faz outra fala, bem diferente da anterior, logo que eu havia chegado, quando ela tentou desqualificar minha ação e minha presença, atribuindo à presença do professora Oliveira nas reuniões da Seduc "credibilidade" e "competência". Ela agora parece voltar atrás e reconhecer a legitimidade da nossa ação, da Faced, dos parceiros do GT-MIT.

Para operacionalização da pauta, decidiu-se reunir separadamente o grupo de professores. Nesta reunião, fui convidado a relatar o Seminário MIT. Em meio ao relato, algumas perguntas foram feitas. Algumas, claramente, pareciam reproduzir as falas de Francisca Adelaide e foram feitas por Bete e Mocinha: "por que o magistério já começou separando os povos indígenas?".

Expliquei as razões principais:

1. A retomada de um projeto de magistério indígena, como iniciativa da comunidade, surgiu entre os Tremembé.
2. Cada povo tem direito ao magistério específico, conforme está previsto nas diretrizes sobre Educação Indígena.
3. A educação como a posse do território é específica para cada povo.

*[*Ocorreu-me uma imagem e uma analogia da proposta de Seminário da Seduc, generalizante, como a reprodução/atualização da velha ideia colonial do* aldeamento, *onde índios de* etnias *diferentes eram integrados sob um mesmo regime de vida. Embora a expressão seja extravagante, esta proposta de magistério me aparece como um* aldeamento político-pedagógico*]*

Após as questões, passamos a discutir a escolha dos tapeba que iriam à reunião com o secretário de Educação amanhã. A pauta construída/proposta assim ficou:

- Formação de professores e relação com as universidades
- Recursos humanos
- Gestão administrativa
- Construção das escolas

educação indigena CC.indd 577 26/10/2015 11:43:35

- Criação do NEEI[252]
- Merenda escolar
- Material didático
- Aplicação de recursos do MEC

Após a reunião de professores, fui ao encontro de Alberto. Ele me chamou à parte, sob o frondoso pé de cajá, próximo à mangueira em que tradicionalmente acontecem as reuniões da comunidade tapeba. Já era fim de tarde. O sol vazava por entre as folhas e galhos da mangueira, variando a iluminação sobre o rosto de Alberto. Ele, então, foi direto ao assunto: me pergunta como havia feito a gravação do cd dos Tremembé. Pediu-me para ajudá-lo a gravar um cd dos Tapeba. Falou que Mocinha, sua mulher, tinha composto muitas canções, como eu sabia. Senti que parecia haver uma vontade de fortalecer o poder do seu grupo, que nos últimos tempos tem desenvolvido atividades *artísticas*, como as apresentações do toré em muitas ocasiões, quando são convidados.

Claramente, propus que o cd fosse uma ocasião para fortalecer a unidade do povo Tapeba, que ele apresentasse o trabalho dos vários grupos de compositores e dançadores do toré. Ele, que sempre olhava no fundo dos meus olhos, sem pestanejar ou desviar aquele olhar sereno e firme, iluminou-se com um largo e sincero sorriso, completando: "entendi o que você disse; é isso mesmo que tem que ser feito".

Depois, Alberto me disse: "Rapaz, aquela mulher te queimou demais em Brasília", referindo-se a Francisca Adelaide. "Foi tanta *queimação* que ela fez contigo, que eu chorei, eu chorei mesmo. Ela disse que tu não é nada, não é antropólogo, não é nada". Tive a impressão que este parecia ser o principal assunto que Alberto queria falar comigo e que, mais que a gravação do cd, queria aproximar-se e solidarizar-se. Talvez, por ter sofrido nos últimos anos um processo de queimação e de ostracismo dentro do seu próprio povo, assistindo a ascensão de Dourado como liderança mais reconhecida, uma espécie de embaixador oficial dos Tapeba, em detrimento do poder de Alberto, que

[252] Núcleo de Educação Escolar indígena.

educação indigena CC.indd 578 26/10/2015 11:43:35

acabou por tornar-se um cacique apenas por formalidade. Porque não parece ser costume entre eles destituir formalmente as lideranças do seu poder. O tempo parece ser o aliado com que eles contam para obnubilar o poder dos indesejáveis e fazer emergir novas lideranças.

Dourado tem sido, mais que do que em qualquer outro momento de sua vida, o porta-voz do indigenismo de Francisca Adelaide. Tem sido sobretudo ele que tem me desqualificado junto aos índios, principalmente depois que escrevi o artigo do dia 19 de abril [...].

A solidariedade de Alberto nasce também da intenção de me provocar ao enfrentamento desse poder, advindo de Francisca Adelaide, que ressoa e se reproduz em Dourado, e que sempre "ameaçou", ou no mínimo pôs na obscuridade o poder do cacicato de Alberto. Atingido por Francisca Adelaide, eu deveria estar informado e contar com a solidariedade de quem também foi atingido. Resistir e enfrentar Dourado poderia fortalecer e ajudar a restaurar a liderança e influência de Alberto.

A gravação do cd poderia ser um *atalho* muito eficiente para reconquistar prestígio e liderança em meio ao seu povo. Ao invés do poder político formal, do cacicato e da *liderança*, o poder de ser convidado a *representar*, pela *apresentação*, o povo Tapeba nos diversos eventos e lugares em que são convidados. [...] Agora entendo melhor aquilo que, às vezes, aparecia como inadequação das palavras, quando eles falam que vão fazer uma "representação artística", ao invés de usarem o termo "apresentação".

29/maio/2001[253]

Seduc/Palácio do Governo

Reunião de representantes dos professores indígenas, lideranças e entidades parceiras com o Secretário de Educação do Estado.

[253] *Diário de Campo*, n. 4, p. 72-082.

educação indigena CC.indd 579 26/10/2015 11:43:35

Participantes:

- Funai: Magalhães, Petrônio, Acrísio e Creusa
- Igreja Metodista: Karla Monteiro
- Faced/UFC: eu
- Tremembés: João Venança, Zé Valdir
- Tapebas: Ivonilde, Margarida, Nildo, Sílvia, Sinhá, Weber, Adelson, Bete, Silene, *dona* Virgem, Severino.

Fala de abertura do Secretário, Antenor Naspolini:

- Informa que a Educação Indígena, como modalidade específica de educação, foi aprovada no CNE [Conselho Nacional de Educação]
- Pede que os presentes se apresentem. [...]
- *Petrônio*, Funai/ADR/JP[254]:
- Apresenta-se e reflete sobre a *tutela* do Estado sobre os povos indígenas, criada em 1916. Avalia que já foi superada e que os índios não precisam de interlocutores para entrar em *juízo*. *[*Falou muitas outras coisas. Acabou por estender-se demasiadamente, fazendo um histórico do SPI à Funai. Deu a impressão de querer demonstrar erudição ao Secretário, com a intenção de obter atenção e credibilidade*].

Creusa, Funai/CE: "A Seduc não tem uma política definida para educação indígena".[...]

Josefa/Seduc: Acha muito forte dizer que não há política, que não há trabalho com educação indígena. Sai em defesa da Seduc.

Francineide, Seduc:

- Relata os feitos da Seduc

[254] Fundação Nacional do Índio / Administração Regional / João Pessoa (que coordena as ações do órgão no Ceará).

educação indigena CC.indd 580 26/10/2015 11:43:35

- Defende a Seduc. *[Marca posição, somente].*
- Diz que realizou 220 horas de formação com professores indígenas. 174 horas nas *áreas*. Foram feitas também oficinas de jogos pedagógicos.

Pagamento dos professores: uma técnica promete que até amanhã estarão sendo pagos.

Pagamento a auxiliares (merendeira e zeladora) e vigilantes: Naspolini diz que há problemas na rede do Estado, que não disponibiliza vigilantes. Não vai prometer nada, por enquanto. Vai se estudar a possibilidade de incluir os auxiliares de serviço no Convênio. Vai buscar parceria com os municípios para suprir as escolas com merendeiras, zeladoras e vigilantes. Lembra que as matrículas em Educação Infantil e de Jovens e Adultos não geram recursos para o FUNDEF. *[Obs: FUNDEF: 60% dos recursos vêm do estado. 39% vêm dos municípios. 1% vem da União]*

Atrasos na merenda: Holanda (Seduc) justifica que em fevereiro/março foi feito o empenho. Diz que houve atrasos e problemas.

Material de consumo e permanente: Já foi liberado o recurso. Até o dia 15/junho será repassado ao CREDE para fazer licitação. CREDE-Maracanaú, R$25.000,00 para as escolas Pitaguary, Tapeba e Jenipapo-Kanindé. CREDE-Crateús, R$28.000,00. Tremembés (CREDE-Acaraú), R$21.000,00. Kanindé de Aratuba, R$10.000,00. Até agosto o material deverá estar comprado. Será um k*it básico* para as escolas [tv, vídeo, fogão, freezer, birô e armário]. Os índios são convidados a estar presentes por ocasião do dia da licitação.

Material didático especificamente: Francineide diz que "o material atende perfeitamente". [**As falas da equipe, particularmente de Francineide, são de defesa do que foi feito. Não há uma postura de verdadeira abertura. O Secretário parece estar muito mal assessorado*]. Madalena denuncia que o material levado para a escola foi *mínimo* e de *péssima* qualidade, inclusive vencido, como a *cola*, com data de 1999.

Cartilhas: Karla pergunta sobre a cartilha Tremembé. Francineide responde que a situação é a mesma da dos outros povos: em fase de revisão. *[Volta atrás, pois havia dito que estava na gráfica].*

educação indigena CC.indd 581 26/10/2015 11:43:35

[**As falas da Seduc se sucedem e se confundem. As coisas são resolvidas de modo muito penoso. As pessoas parecem sempre armadas. As expressões sérias. Pergunto-me quais são as conquistas que uma reunião dessas possibilita em relação à autonomia desses povos. As conquistas vêm, mas muito lentamente*].

Construção de escolas:

- Somente a construção de uma escola dos Tapeba foi aprovada pelo *Fundo Escola* [recursos do MEC]. As outras têm problemas com terrenos. O cronograma está atrasado, mas vai sair.
- Serão liberados R$150.000,00 de recursos próprios do governo para as construções. [...]
- Naspolini nota que "em terreno litigioso não há condição". Mas promete: "quero acabar este ano letivo com três escolas construídas"[255].
- *Formação professores indígenas*:
- Naspolini promete: "vamos fazer um instituto de formação de professores".
- Informei sobre o Seminário organizado pelos Tremembés da Praia.
- Suely Ribeiro fala que esteve em contato com a coordenação de Educação Indígena do MEC. Diz que falou com Ivete... que não está mais nesta coordenação!
- Diz que Guga vai estar aqui para falar sobre isso.
- Diz que vai solicitar formalmente a presença de Oliveira, "que já vem assessorando o grupo, há tempos". *[*Suely refere-se sempre a pesquisadores de outros estados, com exceção de Oliveira. Parece haver uma intenção deliberada de desqualificar ou não reconhecer os pesquisadores, como eu e Max Maranhão, que estão nas comunidades indígenas cearenses].*

Sala de Informática: Dizem que é difícil até para as escolas da rede estadual *[*Mas as escolas indígenas são da rede estadual!]*

[255] Até este momento, março de 2003, as escolas não foram construídas.

educação indigena CC.indd 582 26/10/2015 11:43:35

Direitos trabalhistas/Transporte para os professores/Plano de Saúde: Dizem que não é possível sem concurso. Vão levar a questão do recolhimento do FTGS para a assessoria jurídica. *[Foi Petrônio quem propôs que fosse recolhido o FGTS para fins de aposentadoria. O recurso iria para a Associação Indígena].*

Josefa fala que a contratação é impossível "porque *vocês não são professores, legalmente*".

Zé Valdir retruca dizendo: "Fui professor voluntário durante quatro anos e minha comunidade me reconhece como professor. Não preciso de diploma. Mas nós queremos a qualificação, é isto que estamos buscando".

Próxima reunião:

- Questiona-se quais são as instituições que devem, que precisam participar da Comissão Interinstitucional de Educação Escolar Indígena (CIEEI).
- Propôs-se uma reunião com um grupo menor, para preparar a reunião de fundação da Comissão Interinstitucional, dia 11/06, 14 horas na Seduc.

A data para o *pagamento do aditivo* (dos professores que não estão recebendo): Ainda não têm data. 6ª feira, 1º/junho, acham que terão uma resposta sobre os aditivos.

[**Sinto a necessidade de fazer uma articulação com pessoas do Conselho de Educação e o próprio Secretário, pessoalmente. Algumas coisas parecem que não vão avançar por aqui.*]

Manutenção das escolas: os recursos vão ser enviados ainda este ano, via CREDE.

Ao final da reunião, são indicados os representantes da CIEEI:

- Etnias: um índio por etnia
- Instituições aqui representadas e mais outras convidadas pela Funai. [...]

Josefa, finalizando, diz que da parte da Seduc há "abertura", "transparência".

educação indigena CC.indd 583 26/10/2015 11:43:35

30 de maio de 2001

Reunião GT-MIT

Local: Faced/UFC

Participantes: João Venança, Zé Valdir, Karla, eu, Rita de Cássia (chegou às 11h30)

Avaliações da reunião de ontem com a Seduc:

Zé Valdir pensa que devem se engajar no magistério proposto pela Seduc, mas fazendo reconhecer o que foi feito até agora.

João Venança acha que a reunião deveria ter falado somente sobre o magistério e não sobre tantos temas. Avalia ainda que a cara das mulheres da equipe da Seduc "tava azeda, como um caju verde".

Fiz uma avaliação da postura assumida pela Seduc: reunir especialistas de fora, sem a presença dos índios; não reconhecem as iniciativas dos índios e seus parceiros.

Karla chama atenção sobre algumas contradições quanto às informações da Seduc na reunião: 1) O seminário do CETREX não foi para todos os professores, mas somente representantes; 2) O magistério não começou com todo mundo, mas com os Tremembé, com um curso iniciado com Liduína, na área.

Lembro da reunião, quando Josefa disse que não havia recursos para o pagamento de passagens para Zé Valdir vir à reunião do próximo dia 11 de junho, da comissão interinstitucional. Mas há dinheiro para pagar passagens de avião e hospedagem de especialistas para uma reunião sem a presença dos índios e parceiros.

Zé Valdir entende que o curso de magistério dos Tremembé já foi iniciado. A Seduc, se quiser, deveria iniciar com os outros povos.

Karla lembra que as 374 horas de curso oferecida pela Seduc em 4 anos, indica um ritmo muito lento.

Falo que há uma decisão a ser tomada pela comunidade Tremembé: aceitar a posição da Seduc, que até o momento parece não reconhecer o percurso

educação indigena CC.indd 584 26/10/2015 11:43:35

feito pelos Tremembé e está construindo (ou não!) uma proposta de cima para baixo, com especialistas, sem a participação efetiva dos índios; ou continuar o caminho realizado, sobretudo a partir das decisões do Seminário passado.

Karla fala que as posturas da Seduc não a abalaram. Fala também da possibilidade da CESE[256] apoiar financeiramente. [...]

Elaboração do Projeto do MIT para o MEC

Recursos materiais [...]

Objetivos Gerais:[257]

- "Serve para a formação dos professores, para os professores terem mais capacidade de ensinar aos seus alunos" (João Venança, cacique Tremembé).
- "Com este curso, ele dá uma capacitação aos professores, a qual eles não têm... Então, para dar aos professores uma formação adequada, eles têm que fazer esse curso". (João Venança).
- "Para que os professores tenham mais capacidade para saberem se portarem frente à sociedade envolvente" (Zé Valdir).
- "Para que nos reconheçamos como diferentes, que somos, e para dar uma formação com mais capacidade para os nossos alunos" (Zé Valdir).
- "Porque, com alguns anos que a escola está funcionando, já temos alguns professores que não têm mais capacidade de ensinar seus alunos, e não queremos mandar nossos alunos para as escolas de fora. No lugar de o aluno sair para a escola convencional, que ele se forme na sua própria escola e na sua aldeia, com o seu professor índio" (João Venança).

Objetivos específicos:

- Capacitar, em nível superior, professores indígenas Tremembé que já atuam nas escolas, de 1ª a 4ª série.

[256] Coordenadoria Ecumênica de Serviços.

[257] Optei por considerar, aqui, as falas dos Tremembé presentes como definidoras dos objetivos gerais, porque seus conteúdos, efetivamente, definem estes objetivos.

educação indigena CC.indd 585 26/10/2015 11:43:35

- Capacitar professores para lecionar em nível Fundamental e Médio
- Capacitar professores potenciais indicados pelas comunidades Tremembé.

Justificativa: [...]

Equipe responsável: [...]

8/junho/2001[258]

[...]

Seminário Pró-Magistério Indígena Tapeba[259]

Lagoa dos Tapeba/Caucaia, 8 de junho de 2001.

[Este seminário, embora de apenas dois dias, seguiu a mesma metodologia do que foi realizado pelos Tremembé. Dada a brevidade com que foi articulado pelos Tapeba, não foi possível aos Pitaguary e Jenipapo-Kanindé estarem presentes, como se havia pensado inicialmente. Aventou-se a ideia de que, posteriormente, haveria seminários específicos com as outras duas etnias. Mas este curso de magistério seria realizado com as três etnias juntas, salvaguardando etapas específicas para cada etnia. Karla, Ivo e eu nos fizemos presentes apoiando o evento e colaborando na condução de alguns momentos. Antes, participei de algumas reuniões com os Tapeba em suas comunidades, conversando sobre a proposta de um curso de magistério autônomo e específico. Ivonilde, que participou do seminário realizado pelos Tremembé, foi quem me convidou. Aceitei o convite e me dispus a apoiar a iniciativa dos Tapeba com a intenção de provocar/fortalecer o movimento pelo magistério específico e autônomo, encampado pelas etnias].

[258] *Diário de Campo*, n. 4, p. 96-097.
[259] *Diário de Campo*, n. 4, p. 88 – 96. Digitado em 5 de julho de 2002.

educação indigena CC.indd 586 26/10/2015 11:43:35

Apresentação dos presentes:

- Dinâmica conduzida por Solange (da Secretaria de Educação de Caucaia): Teia.

Leitura de um texto-mensagem:

- Reagindo ao texto, Nildo faz um discurso sobre a necessidade de *unidade*. *[*Muito interessante este discurso, também feito/sugerido por Solange, buscando fortalecer a unidade do movimento].*

Formação de Comissões:

1. Coordenadoria Administrativa: Josué, Salomé, Elenilda
2. Relatores: Chiquinho, Amélia, Antônio, Iolanda
3. Comissão de Avaliação: Adelson, Weibe, Júnior, Kelly
4. Coordenação Pedagógica: Nildo, Solange, Creusa, Dourado, Bete.

[...]

A escola que temos

Karla coordenou as atividades deste momento, obtendo como resultado a seguinte avaliação da situação das escolas Tapeba:

(-) "Falta amizade" [...]

(-) "Falta uma diretora" [...]

(-) "Falta organização" [...]

(+) Espaço mais confortável

(+) União professor/Liderança: reuniões mensais

(-) Falta o Estado assumir, como nas outras escolas

(-) Falta merendeira, vigia, pagamento professor, como nos outros colégios

(+) Todos os professores estão em sala de aula: "não estamos interessados só em dinheiro"

educação indigena CC.indd 587 26/10/2015 11:43:36

(+) Na Lagoa está muito bom: "tirou as crianças das escolas longe". [...]

(-) "Falta estrutura, ampliar o prédio" [...]

(+) "Está mais avançado do que quando começamos, debaixo de um pé de pau". "Começou com Bete e Sinhá. Depois, foram sendo criadas outras: Capuan, Lagoa. Conseguimos algumas coisas: estrutura física, como este salão, que ainda não é adequado. Queremos melhorar a estrutura, contratar recursos humanos, Farmácia Viva. Avançamos muito, até mesmo em relação ao salário dos professores. Reivindicamos no Ministério Público a construção das escolas. Conseguimos parceiros para nos ajudar a discutir a educação diferenciada". (Dourado)

(-) "Falta união, parceria, compreensão". [...]

(+) Escola diferenciada: "Não importa se o aluno está bem vestido ou calçado, ele é bem recebido. Não há discriminação de raça ou cor".

(+) "Já temos um lugar para ensinar". [...]

(-) "Falta prédio, material, merenda". [...]

(-) "Na Capueira, não estão pagando a professora, não tem merenda, não tem nada. A professora foi quem levou o fogão". [...]

(+) "A coisa boa é que os alunos estão na escola da gente". [...]

(+) Remuneração dos professores.

(+) "Os professores têm consciência e querem ajudar: pagam do próprio bolso a luz, a água e a merendeira. Existe união dos professores". (Sílvia)

(+) "Já temos escola durante nove anos. Foi uma conquista muito grande: da mangueira passamos para o galpão. Conseguimos conquistar a escola diferenciada: passamos a contar a nossa história. Nosso objetivo é conseguir nossa escola, digna para os nossos filhos, *com de um tudo*". (Bete)

educação indigena CC.indd 588 26/10/2015 11:43:36

Avaliação de Nildo:

(+) Escola diferenciada: espaço físico. Criação das escolas indígenas em todo o estado, nas várias etnias.

(+) Temos a união da comunidade, lideranças e professores. "Tudo isso são vitórias da escola diferenciada".

(+) A edição da cartilha.

(+) A construção do magistério.

(+) Parcerias com a UFC, a UECE (através do BC Neto), eu, Solange ("Independente que seja representante da prefeitura de Caucaia"). A vinda do Acrísio e da Creusa: "As coisas estão caminhando melhor".

(-) Negativo: impasse do estado em assumir seu papel: estrutura e tudo mais. "Mas já fomos na Procuradoria atrás dos nossos direitos". "Quanto aos salários, nós vamos conseguir. O que importa é o professor contribuir para o crescimento da comunidade". "O que aprendi na escola diferenciada é que a gente trabalha por amor e companheirismo, acima de tudo".

[...]

Almoço.

Tarde:

Fala da Secretária de Educação do Município, professora Josélia:

- Parabeniza o evento, reconhecendo sua *magna* importância.
- Esclarece que a SEDE[260] quer tomar decisões sempre junto com a comunidade.
- A SEDE está dividida por regiões, animadas por um diretor de escola escolhido para o Comitê de Gestão. Vai ter 11 membros neste Comitê. Solicitou que também fosse apresentado o representante das escolas Tapeba.

[260] Secretaria de Educação (Municipal).

educação indigena CC.indd 589 26/10/2015 11:43:36

- Reafirma que "as grandes decisões e diretrizes não serão decididas de cima para baixo, mas pela comunidade: decisões colegiadas". O Comitê terá poder deliberativo e normativo.

- Sente que o desafio maior é a infraestrutura da educação. Há poucas escolas em Caucaia com infraestrutura. O investimento dos recursos foi para a rede privada.

- "Ter índio no nosso território é motivo de orgulho".

Ela acaba fazendo uma extensa fala sobre o que pensa que índio deve fazer. Demora-se demasiadamente numa discussão vazia sobre "a língua indígena", criticando a proposta Tremembé de estudar Inglês, Francês, Espanhol.

Ivo intervém e lembra que se trata de uma proposta, mas uma proposta construída por um grande grupo de tremembés.

Outro assunto levantado por Dourado foi sobre uma posição que teria assumido o prefeito de Caucaia, de que iria administrar as escolas indígenas "do mesmo modo que as outras escolas do município". Professora Josélia interpreta que a intenção é "não discriminar". Acrísio (Funai) entende que, em outro momento, o prefeito terá a oportunidade de informar-se melhor, numa reunião a ser feita com lideranças tapeba. [...]

Marinês apresenta-se, fala brevemente da participação da Pastoral Indigenista da Arquidiocese de Fortaleza com os Tapeba, Pitaguary e Jenipapo-Kanindé. Entende a importância deste momento dos Tapeba, "até para se contrapor à proposta da Seduc, que está preparando o magistério indígena sem a participação da comunidade indígena".

Arimatéia, professor Tapeba, falando sobre a importância da chegada de Creusa, diz que "Estávamos totalmente desamparados, perdidos, sem apoio de ninguém". *[*Pergunto-me: cadê o trabalho do Max Maranhão? O que faltou ele fazer para marcar a presença e o apoio da Faced/UFC?]*

educação indigena CC.indd 590 26/10/2015 11:43:36

9 de junho de 2001

Encontro de Professores Tremembés

Local: Panan

Pauta:

- Planejamento das atividades das escolas
- Apresentação dos relatórios das atividades das escolas
- Organização de uma escola no Saquinho
- Elaboração de um projeto financeiro para a CESE[261]
- Encaminhamentos do Projeto do Curso de Magistério
- Proposta de atividade escolar do Córrego do João Pereira

[...]

Apresentação dos Participantes:

Fernando propõe uma dinâmica: cada um irá ao meio da roda e se apresentará de modo engraçado, sendo imitado pelos demais.

Proposta do Córrego do João Pereira:

Os professores querem fazer um Manifesto Cultural no dia 12 de outubro. Pretendem publicar o resultado no *Mensageiro*, uma revista que publica atividades desenvolvidas pelos povos indígenas. Convidam os outros professores para se engajarem. Pode ser um grupo de crianças para se apresentar. Informam que já começaram por lá. Fizeram perguntas para as crianças: o que é ser índio? Por que a luta pela terra? Por que a dança do torém? *[*Acho que é*

[261] Coordenadoria Ecumênica de Serviços, órgão ligado às igrejas, que apoia financeiramente algumas atividades sociais na área de educação, entre outras.

educação indigena CC.indd 591 26/10/2015 11:43:36

interessante se o pessoal aceitar – e eles devem aceitar – como forma de ocupação de espaço no CJP. Eles parecem estar buscando apoio e reconhecimento para o grupo deles]. Informam ainda que as crianças vão dançar o torém e fazer suas orações e rituais *[*Haverá algo diferente do torém?]*. O local será nas Cajazeiras.

Zé Valdir pergunta se eles precisam de uma resposta logo hoje. Socorro e Valdiberto informam que sim: "precisamos de tempo, porque queremos trazer turmas de fora, das escolas do Município".

Fernando esclarece que o *Mensageiro* é uma revista.

Dadinha chama a atenção para que alguém seja o relator e tome notas deste encontro.

João Venança diz que há uma diferença: as escolas da Praia e da Varjota já fizeram e continuam a fazer esse trabalho, de dançar o torém e registrar. Diz ainda que talvez esta seja uma necessidade da escola do CJP.

Zé Valdir lembra que o dia 12 de outubro é um dia de festa em Itarema, e, portanto, inadequado.

Valdiberto diz que a escolha do dia é por causa do Dia da Criança.

Clélia diz que já haviam pensado nisto e que a casa de Valdiberto vai estar disponível para as pessoas tomarem banho e trocarem de roupa, para se deslocarem depois a Itarema.

Valdiberto, então, sugere que depois os professores das outras escolas se pronunciem. [**Tenho a impressão que parece haver uma posição não declarada, mas evidenciada nas entrelinhas, no tom de fala, na crítica sutil de João Venança, de não apoiar de imediato este grupo do CJP. Talvez como retaliação pelas posições adotadas por essa facção, os conflitos com ele particularmente e a comunidade da Praia e, mais recentemente, porque boicotaram a participação no Seminário*].

Zé Valdir retoma a palavra e diz que é uma coisa para ser pensada e decidida em conjunto, não somente para uma escola da Varjota ou da Praia.

Raimundinha pergunta, dizendo que não sabe se entendeu direito, de que se trata: Festa das crianças ou Dia da Padroeira.

educação indigena CC.indd 592 26/10/2015 11:43:36

Socorro tenta esclarecer que não é exatamente festa das crianças, "como a dos *brancos,* mas manifesto cultural".

Raimundinha retoma a palavra e alfineta: "se for festa de criança, não tem nada a ver com a Praia; a gente não comemora essa festa por lá, não; a gente tem outras atividades, já realizadas há muito tempo; antes de ser professora, eu já dançava torém com as crianças; tem fotografia e fita gravada".

Socorro recorre, tenta argumentar que "vocês da Praia já tem uma caminhada de mais tempo. A gente está querendo começar".

João Venança completa dizendo que "não sou contra, mas não entendo só por que agora querem botar no jornal; tem muita fotografia, filmagem, de antes e de agora, com o torém feito com as crianças e outros trabalhos sobre a questão da terra, a cultura e outras coisas mais". *[*A expressão séria, sisuda, de Socorro, seu olhar fixo na porta, em lugar algum, faiscando, diz tudo sobre sua aparente decepção, desilusão, mágoa. O conflito se evidencia, sobretudo, no não-dito. Acredito que esse conflito, essa queda de braço, ainda se prolongará por mais um tempo].*

O assunto é encerrado com a proposta de Fernando, de que vão pensar e decidir depois.

Escola no Saquinho:

Rosa, da comunidade, quer iniciar uma escola de jovens e adultos.

Zé Valdir nota as questões referentes ao funcionamento da escola.

João Venança diz que o Saquinho quis escola lá. Diz que quando esteve lá com a Karla e Amâncio, no início da escola diferenciada, "eles diziam que não tinham nenhum problema com a escola. Depois que houve o curso de formação dos professores, feito com a Francineide, no segundo dia eles vieram com uma professora querendo enfiar de goela abaixo. Conversei com *Agustinho* [tuxaua] e a gente viu que não ia aceitar". "No Seminário, conversei com a Rosa que teria que iniciar com a escola de jovens e adultos até o final do ano, quando deve ser feito o cadastramento das crianças. Este ano não tem condições de eles ganharem nada".

Rosa diz que sempre quis ensinar, que sua mãe a chamou quando ela estava em Fortaleza. Diz que conversou com seu Zé Lapa (?). Esteve no Seminário.

educação indigena CC.indd 593 26/10/2015 11:43:36

Começou a ensinar. Mas não tem cadeiras e material didático. Quer recomeçar em agosto, "se todos me ajudarem e me derem uma força".

Zé Valdir entende que a Funai cadastrou o número de pessoas da luta. Agora outras pessoas estão se *achegando*. Explica que cada comunidade é responsável por sua escola. Esclarece questões relativas ao pagamento de professores, dizendo que há muitos que ainda não entraram no *aditivo*. Diz que a escola não pode funcionar só pensando no pagamento do professor.

Karla acha interessante que o Saquinho começou a discutir. Mas lembra que mais importante do que o professor, o quadro, as carteiras, são os alunos. Pergunta se há alunos. Considera que ainda mais importante é saber se a comunidade vem discutindo o papel da escola.

João Venança diz que a importância não é tanto nem os alunos, mas a consciência dos pais dos alunos, de onde querem colocar seus filhos. "Na Praia, se a gente fosse abrir vaga [*para os não índios*], não cabia de tanto aluno. Na escola, a criança aprende a ler e escrever, mas vai aprender a história dos antigos, o torém, a aranha e outras coisas mais. Às vezes chega gente procurando vaga. A Raimundinha manda logo pra mim. Quando digo que a escola vai ensinar essas coisas, a luta pela terra, o pessoal de fora desiste logo. O problema é que falta vaga no município e o pessoal não quer deixar a criança fora da escola".

Rosa diz que a força que está recebendo é da própria comunidade. Diz que não querem que os filhos estudem "do lado da prefeitura".

Evandro reconhece que é um anseio da comunidade. Sugere uma reunião com a comunidade, o cacique, o pajé e as lideranças. *[*Lembro agora que João Venança, na fala feita a Socorro, antes, teria dito que as decisões eram dos professores. Me pareceu mesmo que o poder do cacicato é antes de tudo* moral *e não deliberativo].*

João Venança chama a atenção da importância de ter clareza sobre a escola. Compara com o que está acontecendo com a tentativa de emancipação de Almofala: está passando uma lista onde alguns índios assinaram. Alfineta Zé Maria da Tapera, dizendo que na Bienal do ano passado, ele foi chamado para dançar o torém e disse que "não ia dançar aquela besteira de torém". "Mas é graças a esta besteira que ele tá comendo o salariozinho dele. É uma vergonha alguém que assumiu um cargo, apontado pela comunidade".

educação indigena CC.indd 594 26/10/2015 11:43:36

Neta retoma o assunto da lista de assinaturas para a emancipação de Almofala. Diz que passou nas salas de aula, mas nenhum Tremembé assinou. "A gente decidiu não assinar nada sem falar com a comunidade".

Zé Valdir faz uma fala ainda: lembra que é importante assumir a escola e o trabalho. Lembra o que aconteceu com Neide, quando sua turma ficou sem alunos. Ela foi aceita pela escola Maria Venância e continuou o seu trabalho, "não ficou recebendo sem trabalhar". Defende também que turma de criança, neste ano, não será possível no Saquinho. Pergunta a opinião de Imaculada [do CREDE-Acaraú].

Imaculada lembra a fala de João Venança: as crianças do Saquinho já estão sendo atendidas com a bolsa-escola e podem ser prejudicadas se saírem da escola do município e entrarem na escola diferenciada, por problemas de cadastramento. Acha que a comunidade deve analisar se há outros momentos em que acontece a educação diferenciada dessas crianças, se a comunidade dança o torém, se ensina a Aranha, se conta a história dos antigos etc.

Silas endossa a proposta de que a comunidade se reúna com as lideranças, avalie as questões e decida.

Planejamento:

Fernando informa que tem sido muito convidado para participar de encontros de saúde. Entende que é importante, no Planejamento para os próximos meses, trabalhar com o tema a medicina tradicional.

Zé Valdir pergunta se, além da medicina tradicional, existe outro tema para juntar.

Silas informa que haverá uma semana de curso de magistério por mês. Pergunta se o planejamento não poderia ser feito durante esse período.

Karla esclarece sobre as disciplinas do MIT que permitirão acompanhar de perto o planejamento dos professores: Prática Orientada de Ensino Fundamental Tremembé e Prática Orientada de Pesquisa em Educação Escolar Tremembé. Detalha o procedimento, em termos de carga horária presencial e não presencial. Acrescento o significado: acompanhamento da prática de ensino e do estudo.

educação indigena CC.indd 595 26/10/2015 11:43:36

Sugiro que os encontros de professores continuem a ser feitos por ocasião da semana de curso por mês, um dia antes ou durante as noites.

Dadinha observa que o planejamento servirá para o mês de agosto, porque na Varjota e na Tapera vai ter férias em julho.

Socorro questiona o porquê de férias em julho na Mata. Zé Valdir esclarece que cada local, e cita a Praia, tem um calendário específico, sem férias, prevendo as viagens dos professores.

Karla e eu aproveitamos para enunciar a proposta de incluir as atividades físicas próprias do cotidiano Tremembé na disciplina Fisicultura e Medicina Tradicional Tremembé.

Almoço

Dona Neném Beata, que havia me chamado logo que cheguei para tomar "levanta pau", e eu havia recusado por que Neide pedia minha ajuda para pensar uma dinâmica de abertura, me chamou de novo. Tomei um copo quase inteiro! Depois, comi galinha ao molho com arroz, macarrão, feijão e farofa.

Durante o almoço, tive uma ótima conversa com Clélia, filha de Socorro, que trouxe meu boné – lavado e perfumado! – que eu havia esquecido em sua casa na visita que fizemos ao CJP para discutir o magistério com a comunidade – Socorro e Valdiberto. Conversamos sobre o magistério. Socorro me garantiu que eles iam entrar.

Relatórios: Varjota; Tapera; Mangue Alto; Praia; Córrego do João Pereira. *[*cfr. Gravação, arquivo NT]*

Zé Valdir observa que o relatório de Mangue Alto conta sobre as visitas, mas não sobre as atividades de sala de aula. Rosângela explica que não foi lido todo o relatório, mas que consta o relato de atividades desenvolvidas em sala de aula. [**Vi o relatório de Evandro. Está tão objetivo, sintético, que parece perder o sentido etimológico da palavra relatório. Parece apenas o cumprimento de uma obrigação imposta pelo convênio com a Seduc. Penso que se pode rever esta atividade burocrática e desinteressante, tornando-a parte do registro reflexivo da prática pedagógica dos professores*].

educação indigena CC.indd 596 26/10/2015 11:43:36

Leitura do relato do Encontro de Professores – abril/2001.

*[*Chama atenção o processo, como uma ebulição, de produção textual de quase tudo que eles estão fazendo. Os relatórios fazem parte de todas as atividades que eles desenvolvem. Do mesmo modo, os projetos e planejamentos. Há um processo, muito evidenciado, de racionalização e literalização de suas práticas políticas e pedagógicas.]*

*[*Enquanto Zé Valdir coordena a prestação de contas, observo a afetividade e carinho espontâneo, discreto e singelo entre estes jovens professores: Clélia inclina e repousa a cabeça discretamente sobre o ombro de Júnior. Dadinha, casada, sentada, apoia o braço sobre a coxa de Fernando, também casado, que parece nem se dar conta].*

Aditivo dos novos professores:

Zé Valdir informa, provocado por Valdiberto, o que foi apresentado na reunião com a Seduc. Acredita que até agosto deva sair.

Projeto CESE

Trata-se de um projeto para ajudar no financiamento do MIT.

Necessidade: uma comissão para ajudar a redigir o projeto.

João Venança pede a palavra, pergunta se os professores estão pagando a mensalidade ao CITA. Posiciona-se em termos de que, se os professores não estão pagando a mensalidade, o CITA não deveria contribuir com a elaboração deste projeto, "porque o pessoal só quer que a entidade ajude, mas não contribui com a entidade".

Evandro lê o relatório de atividades do projeto, exercício ano 2000.

[...]

Projeto MIT: discussão da versão atual.

Proposta de participação por localidade

Local	Professores	Candidatos[1]	Total
Varjota	12	06	18
Tapera	06	03	09
P. Rasa	01	01	02
Mangue Alto	03	02	05
Praia	04	02	06

educação indigena CC.indd 597 26/10/2015 11:43:36

Saquinho (?)	-	02	02
C.J.Pereira	05	03	08
TOTAL	*31*	*19*	*50*

Critérios/Procedimentos de seleção de candidatos ao curso:

- A comunidade indica os candidatos a preencher as vagas
- O candidato elabora uma carta ao CITA expondo os motivos pelos quais quer fazer o curso
- O CITA, com as lideranças/comunidades decidem, em última instância, se aceitam os candidatos

Critérios para falta: a ser decidido em julho, na semana de Curso

Avaliação, Critérios: a ser elaborado nas próximas etapas (semanas de Curso)

Escolha do representante para a participação na reunião de criação da Comissão Interinstitucional de Educação Indígena, com a Seduc, 2ª Feira, 11 de junho: Fernando, da Tapera, foi o escolhido.

11/junho/2001[262]

Reunião com Seduc

Objetivo: **Formação da Comissão Interinstitucional de Educação Indígena** (CIEEI)[263]

Local: Auditório Dr. Ubiratan Diniz de Aguiar/Seduc/Cambeba

[262] Diário de Campo n. 4, p. 98 – 102. Digitado em 5 de julho de 2002.

[263] Reivindicação antiga dos povos indígenas, esta Comissão nunca chegou a exercer sua função. A Seduc tratou de desmobilizá-la, exatamente quando parecia mais apoiar a sua criação. O fortalecimento da organização – e controle social – por parte dos índios e dos seus parceiros parecia ser a razão desta prática contraditória. A estratégia usada, como de costume pela Secretaria, era desmarcar por telefone as reuniões agendadas, prometendo posteriormente fazer contato e propor novas datas. Quando acontecia de as técnicas da Seduc marcarem nova data, não comunicavam aos parceiros – outro elemento da estratégia política da Secretaria, que parecia intentar isolar as entidades críticas de sua política e manter a interlocução exclusiva com os povos indígenas.

educação indigena CC.indd 598 26/10/2015 11:43:37

Presentes: Socorro Leal, Josefa, Francineide (Seduc); Karla (Igreja Metodista); Ivo Sousa (ANAÍ); Acrísio e Creusa (Funai); R. Mª (Tapeba); Fco. de Assis ("Novo", JK, prof.), Erasmo (JK, prof.), Zé Maria (JK, vice-cacique, pres. Assoc.), Glaubiana (JK, professora), Eveline (JK, professora); Jeová (Pit., prof., vice-presid. Conselho), Zenaide (Pit., Professora); Nildo (Tapeba, prof.), eu (Faced/UFC), Mazé (Tabajara, professora), Fernando (prof. Tremembé, sec. CITA); Pati (CREDE?).

Pauta:

- Funções da CIEEI
- Instituições representadas
- Papel dos representantes

Funções da CIEEI:

Espontaneamente, os participantes foram apresentando suas concepções:

- Dar cumprimento às diretrizes previstas em relação à organização da Educação Escolar Indígena no Estado do Ceará. (eu)
- Nildo: "Para que o povo indígena tenha acesso a tudo que está ocorrendo, que o índio possa dar a sua opinião, para que não seja uma coisa feita só por técnicos".
- Josefa: "Mas aceitando a discussão, pois isso é a democracia".
- Nildo: "claro, porque essa é a filosofia do trabalho indígena (*diz, fazendo um movimento circular com os braços, sugerindo uma roda*): discutir em grupo, tomar decisões em grupo, desde que não fira os nossos princípios".
- Fernando: "Para acompanhar os gastos das verbas". Cita uma carta feita pelo prefeito de Itarema, queixando-se que a Secretaria de Educação do Município não está assumindo a educação indígena. Entende que "é uma forma de tentativa de controle".
- Favorecer o acesso de todos os povos indígenas, reconhecidos ou não, às discussões e decisões relativas à política de Educação Escolar Indígena no Ceará.

educação indigena CC.indd 599 26/10/2015 11:43:37

- Definir, encaminhar, gerenciar, acompanhar e avaliar políticas de Educação Escolar Indígena no Ceará.

[...]

Instituições Governamentais e Não Governamentais representadas:

Governamentais: Funai; Seduc/CREDE; Funasa; Universidades (4 Universid. – Área/Dep. de Ed. Indígena: URCA[264], UVA, UECE, UFC); MPF[265]; Conselho de Educação do Ceará (CEC).

ONGs: OT; CDPDH (Centro de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos da Arquidiocese de Fortaleza); Igreja. Metodista; Pastoral das Raízes Indígenas – Crateús; ANAÍ-BA; IMOPEC; Fundação Abbé Pierre; APOINME

Povos Indígenas:

Povo	Titular	Suplente
Tremembé	03	03
Tapeba	03	03
Pitaguary	03	03
J. Kanindé	02	02
(Crateús)	03	03*
(Poranga)	02	02*
(Mons. Tabosa)	03	02*
(Tamboril)	02	02*
(Aratuba)	02	02*

*[*A ser discutido melhor entre os povos]*

Próxima reunião: 20/junho, 14 horas

Avaliação desta reunião:

- Ivo acha que houve muita dispersão

[264] Universidade Regional do Cariri.
[265] Ministério Público Federal.

educação indigena CC.indd 600 26/10/2015 11:43:37

- Karl avalia como muito positiva: houve a formação da CIEEI
- Nildo acredita que foi um marco na discussão Seduc/povos indígenas. "Que não pare aqui, que a Seduc aceite o que o povo indígena quer. A Funasa age assim, aceita o que a gente quer".
- Josefa: "Só acho que é via de mão dupla".

Reunião com "especialistas"[266]:

- Data: 21 de junho.
- Assunto: Formação de professores
- Participantes: 5 de cada etnia: 3 professores + 2 lideranças.

1º/julho/2001[267]

22 horas

Gerson Júnior está deitado em sua rede verde, com fundo oliva e punhos brancos, lendo um livro. Ele divide comigo a sala de entrada da "casa dos pesquisadores" da Varjota. Karla arma sua rede no compartimento que serve de cozinha, imediatamente atrás do nosso.

Chegamos há pouco.

O jantar foi improvisado por Navegante, em sua casa: ovos mexidos com cebola e tomate picados e refogados que, junto com um pacote de bolachas

[266] Tratava-se, sobretudo, de Oliveira (o único do Ceará, professor do Dep. de História da UFC), Gilvan Müller (linguista da UFSC), Marivânia (membro do Comitê Nacional de Educação Indígena pelo Maranhão) e, no início, também Guga (da ANAÍ-BA, que posteriormente deixou de ser convidado pela Seduc, ao que parece, por causa de sua defesa dos cursos de magistério indígena organizado pelas próprias etnias). Os discursos e as práticas em torno dos "especialistas", privilegiando pesquisadores de fora do estado, revelava a estratégia das técnicas da Seduc frente às críticas que eu, Karla, Ivo e outros fazíamos à política da Secretaria: a desqualificação dos adversários.

[267] *Diário de Campo*, n. 4, p. 110-140.

educação indigena CC.indd 601 26/10/2015 11:43:37

doces e outro pacote salgado, comíamos com café e que, vez por outra, dividíamos com Vilone, um cão de aproximadamente 6 meses que sinalizava de muitas maneiras, com insistência, seu desejo de comer do que jantávamos.

Está tudo pronto para o curso de História e Antropologia que Gérson Júnior ministrará nesta semana aos professores. De qualquer modo, percebo-me preocupado com o que nos espera esta semana.

[...]

2ªF. 2 de julho de 2001

Curso Antropologia e História

Segunda-feira, 2 de julho de 2001[268]

Apresentação dos presentes:

Lucélia; Manuel; Raimundo; Vilca; Andreína; Getúlio; Henrique; Elardo; Rosângela; Rita; Vângela; Eugênia; Jacinta; Dadinha; Elisnaldo (Naldinho); Júnior; Fernando; Conceição; Analúcia; Manuel; Eudes; Joelma; Robério; Raimundo Félix (Raimundão); Neta; Janete; Zé; Valdir; Graça; Aurilene; Neide; Evandro; Ritinha; Cristina; Ivonete; Aurineide; Michel; Lindalva; Gilsa; Liduína; Imaculada Conceição/CREDE; Ieda Freire/Seduc; Socorro Leal/Seduc; Rosa Carlota/Seduc; Maria Bianchi/CREDE; Gérson Júnior/IMOPEC/; eu/Faced/UFC; Karla Monteiro/Igreja Metodista; *seu Agustinho* (*); Chico Nezinho (*); Silas (*). [(*)=chegaram depois da apresentação inicial.]

Proposta de curso (por Gerson Júnior)

- Trabalhar a Memória Coletiva a partir do Torém, que é o objeto de sua pesquisa de mestrado.

[268] Registrado no *notebook*.

educação indigena CC.indd 602 26/10/2015 11:43:37

- Utilização de uma "mala da memória". Hipótese de trabalho: uma duna voltará a cobrir toda a área Tremembé; o que cada um levaria nessa mala?
- Formas de registro utilizadas por ele: dissertações de mestrado, livros, fotos, entrevistas gravadas. "Há outros elementos que não cabem nestas formas de registro: o cheiro do café, o gosto da tapioca etc".

Vídeo Torém, de Ivo Sousa e Alex Ratts[269]: [...]

[O vídeo, produzido em 1994, tem como argumento principal a dança *diacrítica* com o qual os tremembés vão iniciar o movimento de reorganização étnica atual, contendo depoimentos de alguns expoentes desse movimento, como o ex-cacique Vicente Viana, o atual cacique João Venança, Zeza da Lagoa e Maria Venância, avó do João, falecida pouco tempo depois das gravações]

"Nossa testemunha é o nosso trabalho" (Vicente Viana)

*[*Interessante! Ele trata o torém como 'trabalho', e não como 'brincadeira']*

[*Os adereços de penas dos torenzeiros, e particularmente de *dona* Zeza da Lagoa, que tem tornozeleiras, parecem inspirados no imaginário popular genérico de índio. Parecem escapar a qualquer especificidade Tremembé, deixando margem à dúvida de que os Tremembé tenham qualquer intimidade com esta prática/indumentária].

[*A voz de dona Venança é forte, como um trovão, se comparada à sua fala e à sua memória. Sua boca e seus olhos se arregalam, ganham gravidade e potência. É como se "ô Jandê" tomasse aquele corpo fatigado da idade e das condições de vida e, momentaneamente, o esticasse, como uma velha corda de violino, deixando-o teso e afinado, investido das faculdades necessárias à atualização ou recriação daquela memória].

A reação dos professores-alunos é de atenção extremada, olhos vívidos, pescoço e cabeça ajustados à melhor contemplação da tela iluminada com as imagens de personagens tão comuns à sua história local.

[269] Juntei os registros feitos no *notebook* e no diário.

educação indigena CC.indd 603 26/10/2015 11:43:37

Reapresentação: seu Agustinho e Chico Nezinho:

"Viemos aqui participar deste momento, do início do curso na comunidade. Não queríamos ficar ausentes de um momento tão significativo pra vocês. Estaremos juntos com vocês, como vocês vão estar juntos nos nossos momentos" (Socorro Leal, Seduc) *[*Socorro parece considerar realmente o início do curso com este momento, esta semana de aulas. Parece ter vindo para apoiar e tentar legitimar o Curso, o que reforça politicamente este projeto. De outro lado, ao considerar que os Tremembé estão juntos em outros eventos da Seduc, parece tentar costurar uma relação que estava se fragmentando, tornando-se conflitiva. Fiquei realmente surpreso com a postura de Socorro e sua equipe. Acho que os laços irão se estreitar. A presença do CREDE-Acaraú possui também importância no processo de reconhecimento e legitimação do curso].*[270]

"A gente agradece muito com a presença de vocês, porque a gente vai fazer uma coisa aberta" (*Seu* Agustinho, tuxaua)

"A gente está feliz com a presença de vocês" (Chico Nezinho)

Aprofundamento do Vídeo/História Tremembé: [continuação]

Seu Agustinho explica que a música "ê, Maceió, Maçaiê, quem faz a ronda é os índios da Aldeia" "era porque os índios são quem faziam a ronda daqui [da Mata] até a praia". "As músicas novas, de hoje, são feitas do mesmo modo" [refere-se à música do Dandão "*Tava* sentado na areia vendo a beleza do mar, quando passou uma gajota [gaivota?] e me disse: Tremembé, mandaram te chamar / *Tava* sentando na areia, quando os Tremembé mandaram me chamar pra dançar o torém no salão de frente pro mar". *[*As variações permanecem sendo*

[270] Seria necessário esperar mais de um ano para que, finalmente, a Seduc mudasse sua postura institucional. Somente a partir de julho deste ano de 2002 é que, pela primeira vez, a Secretaria se dispôs a financiar e acompanhar regularmente os cursos de MIT e Magistério Indígena Tapeba, Pitaguary e Jenipapo-Kanindé (MITPJK). Em agosto, em reunião com representantes dos povos indígenas e dos parceiros, o Secretário de Educação Jayme Cavalcante decidiu apoiar os cursos com alimentação e transporte de consultores. Nesta mesma reunião, prometeu criar o cargo de diretor de escola indígena reservado exclusivamente aos índios, talvez intentando reparar a injustiça e o desrespeito cometido quando da imposição de Dina e Maria Néri [nome fictício] do CREDE/Acaraú como coordenadoras pedagógicas (?) às escolas tremembés, feita por meio de um "concurso" viciado.

educação indigena CC.indd 604 26/10/2015 11:43:37

uma marca desta memória musical, que parece admitir a marca pessoal do intérprete. Isto parece esclarecer um equívoco relativo às produções coletivas e anônimas: é como se cada obra fosse apenas uma *certa massa de modelar, que recebe uma marca pessoal de cada intérprete, quando é atualizada. Trata-se portanto de uma recriação, e não propriamente de uma* interpretação. *Esta recriação parece ser imanente a estas produções chamadas de* cultura oral*, em que a ausência de tecnologias de registros definitivos parecem ter possibilitado e induzido a reelaboração da obra a cada execução, a cada* apropriação pessoal. *O oral e anônimo, assim, parecem compostos da* flexibilidade *necessária à* apropriação singular *do que é oferecido dentro do repertório cultural, do universal, do padrão, que é* dobrado*, marcado, imprimido, acrescentado ou distorcido, de qualquer forma,* recriado*].*

Algumas categorias e conceitos:

- A cultura é dinâmica
- Memória: torna presente o que está ausente
- A Memória se ancora em lugares concretos

[...]

Elementos para a pesquisa histórica dos Tremembé:

- Aldeamento: 1702
- Igreja: 1712 (Praia)
- Torém: dança praticada no tempo do caju
- Tear de algodão
- Salão Velho da Mata

[*Gérson Júnior, ao longo de suas falas, dá toques de didática, de como trabalhar a pesquisa na escola]

Outras categorias e conceitos:

- A História trabalha com a noção de *tempo*

educação indigena CC.indd 605 26/10/2015 11:43:37

- O Tempo não é igual para todos os grupos:
    - Tempo do relógio
    - Tempo natural

Exemplifica com as ausências de Raimundinha, que foi fazer farinha, e João Filho, que foi à pesca em alto-mar: é tempo de farinhada e de pesca da lagosta.

- O tempo da Memória é *cíclico*: o passado sempre pode ser ressignificado. "É por isso que a gente faz canções novas para o torém, com novos significados". "É por isso que o Zé Valdir disse que não canta do mesmo jeito as canções do torém. E o filho dele não vai cantar do mesmo jeito que ele".

( ), da Seduc, chama a atenção para a importância da História, do passado, para compreender o presente. Acredita que as próximas gerações de professores deverão ser os formadores de seus próximos professores, que hoje é feita por Gérson Júnior.

Maria Bianchi faz uma fala sobre o treinamento dos alunos para o laboratório de informática: no início pensavam em fazer com dois alunos de cada escola o treinamento em Acaraú. Depois viram que era inadequado, por causa da distância. Decidiram fazer o treinamento aqui mesmo. Diz que ainda não chegaram os computadores, mas que chegarão com certeza. Informa que as escolas indígenas estão sendo as primeiras a receber os cabos de conexão com a Internet[271]. Maria Bianchi agradece a Gérson Júnior, diz que gostou muito e que "vão estar presentes neste projeto, que é o curso de magistério".[272]

"Nem sempre as coisas que a história fez que a gente lembrasse são as melhores" (G. Júnior) *[*lembrei do filme "História Oficial"]*

Gérson Júnior informa, respondendo ao questionamento de Naldinho que disse não saber quem era Tia Chica, que também ele não sabia quem era, mas foi pesquisar e aprendeu com os mais velhos e com pessoas como João Venâncio, Zé Valdir e outros.

[271] Mas ainda não foram conectados.

[272] Até o momento, efetivamente, o CREDE-Acaraú não tem contribuído com o curso.

educação indigena CC.indd 606 26/10/2015 11:43:37

Informa que um dos objetivos deste curso é encaminhar a produção de um material histórico, produzido a partir das pesquisas e estudos.

Iêda, da Seduc, fala novamente e conclama os professores a fazerem grupos de estudo. Agradece e elogia Gérson Júnior. Diz que aprendeu muito. Agradece a mim o convite feito "pela Internet". Esclarece que gostariam muito de passar a semana, mas quando vieram a saber do curso foi na sexta-feira, tendo assumido outros compromissos.

Neide toma a palavra e lembra que "o convite não foi só do Babi, nem é de agora. É desde maio e é de todos nós, convidando vocês que estão presentes. Nós agradecemos a presença de vocês". *[*Amei a fala dela!]*

Socorro Leal toma a palavra e reforça a fala de Iêda, amplia os agradecimentos e elogios à condução das aulas de hoje, "feita com maestria".

Rosa Carlota diz que "lamento profundamente não poder ficar a semana toda".

Iêda retoma a fala, fala efusivamente, emocionada. Me dá um cartão com seu e-mail particular.

Maria Bianchi me pergunta se o magistério está começando com este curso. Diz que não receberam comunicação, porque o computador está com defeito, mas que já providenciaram o conserto.

*[*Parece que o pessoal da Seduc ficou bastante sensibilizado com esta manhã de curso]*

Reapresentação:

Silas Morais, Igreja Metodista

Encerrando a manhã, Silas conta a história da gaivota que fora criada como galinha e que somente depois de se encadear com a luz do sol e ver o mar, aprendeu a voar.

Almoço:

[...]

educação indigena CC.indd 607 26/10/2015 11:43:37

Atividade em pequenos grupos:

"Fazer um texto sobre o Torém. Tomar como referência o vídeo e o que você sabe"

Cada grupo elaborou e depois leu o seu texto.

G. Júnior oferece algumas informações sobre Zé Miguel e Chica da Lagoa Seca. Zé Miguel teria falecido em 1955.

Depois, ele revela seus procedimentos para ampliar as informações que possuía sobre o torém. Diz que leu o que havia sido escrito e que procurou pelos mais velhos. Põe uma gravação feita por ele, uma entrevista com Aristide.

- Descreve os principais registros feitos sobre o torém:
- Pe. Antônio Tomaz, 1892
- Florival Seraine, 1955. Conheceu o Zé Miguel.
- 1955: convite para torenzeiros participarem da inauguração da rede elétrica de Itapipoca.
- José da Silva Novo, 1965. Levou um grupo de 66 torenzeiros para se apresentar em Fortaleza.
- Prof. Aloysio de Alencar Pinto /FUNARTE, 1975. Grupo de Vicente Viana e Geraldo Cosmo. Aloysio esteve em Itapipoca em 1965.
- 1972: morre Tia Chica e o torém deixa de ser dançado.
- [*1991: Torém das crianças na escola da professora Raimundinha. Fiz esta observação dentro da explanação do Gérson Júnior]
- 1997: Gerson Júnior: Torém da Praia e da Varjota.
- Registros do jornal O Povo, de 7, 8 e 10 de dez./1965, sobre o torém.

[...]

Avaliação do dia: sentimentos e impressões.

Fernando: "Há muitos anos que a gente vem lutando pelo magistério". Apresenta uma música, no final.

educação indigena CC.indd 608 26/10/2015 11:43:38

Neide: “Hoje a gente *tá* concretizando um sonho que a gente há tempo esperava”.

( ): “O meu sentimento. Eu não imaginava que um dia a gente pudesse estar no curso de Magistério”.

Eu: Positivo: presença dos técnicos da Seduc e CREDE. Neide e Zé Valdir endossam. Zé Valdir acha que a Seduc vai se aproximar e vai-se integrar “num diálogo muito legal”.

Neta: “A gente está junto, participando do Magistério. Tem poucas lideranças acompanhando”. [...]

Karla: “Fico imaginando o que *tá* acontecendo na cabeça de muita gente: Será que a gente é índio mesmo? Vem o Júnior e arruma a cabeça da gente. Isso é importante, rendeu livros, ganhou prêmio (1965). Fico feliz com essa *arrumadinha*”.

Música de Fernando *[...]*

Sugestões: Convidar mais lideranças (Karla)

- Zé Valdir: “Nós demos o passo, faz mais de mês, mas o pessoal ainda está tímido. Precisamos perguntar mais. É nós que *tem* que fazer, que compreender essa história”.
- Neta: concorda com Zé Valdir.
- Fernando: “O dia de hoje ficou mais assim porque faltou organização e coordenação, logo no início”. [...]
- Sobre a ausência de lideranças, Fernando explica que estão em preparação para a viagem de avaliação da Conferência de saúde. O encontro será nos Pitaguary.
- Karla chama a atenção sobre eventos paralelos à semana de curso. Diz que a agenda foi decidida no Seminário.
- Gérson Júnior pede avaliação da metodologia e conteúdos usados.
- Zé Valdir pergunta se as expectativas do professor/consultor estão sendo atendidas. [...]

educação indigena CC.indd 609 26/10/2015 11:43:38

Data: 3ª feira, 3 de julho de 2001. [...]

4 de julho de 2001

Salão Velho da Varjota.

[Dinâmica] *Mala da Memória*. [Ontem, Gérson Júnior tomou uma mala de viagem e propôs a questão: "Suponhamos que uma duna irá novamente cobrir todo o aldeamento. O que você levaria nessa mala?" Pediu que todos trouxessem seus objetos para a aula de hoje. Um a um, os alunos vão apresentando o que trouxeram].

Zé Valdir:

- Álbum de fotos de um encontro em Cuiabá. Eliézio. Passagem Molhada feita na Varjota. Família. Reso. Time de futebol. Cajueiral precoce.
- Maracá: "porque dá o som para dançar o torém".
- Mapa da área delimitada.
- Cartilha *A tradição por trás da criação,* "porque foi um trabalho publicado por nós mesmos".

Lucélia:

- Fuso: chegou a dormir em rede fiada com ele. Viu a mãe dela fazendo fio neste mesmo salão.
- Cachimbo: usado pela avó, feito de barro; "não fumo, mas..."
- Uru: "É bonitinho. As coisas que a gente faz é sempre bonito, é importante as coisas que a gente faz".

educação indigena CC.indd 610 26/10/2015 11:43:38

Júnior:

- Tarrafa; "porque desde o tempo dos antigos, é a nossa sobrevivência... É com o que a gente tira a nossa sobrevivência, o nosso alimento".

*[*Interessante o receio de Zé Valdir e Júnior em deixarem os objetos na mala; parecem ter receio de não reavê-los, de perdê-los].*

[...]

Dadinha:

- Cabeça de cachimbo: "o pai achou no cercado; é dos antigos".
- Fuso e novelo de fio: "antes usava muito; hoje não usa porque não tem terra pra plantar o algodão".

[...]

Neta:

- Algodão, tufo: plantou muito e apanhou com o pai.
- Fuso: "não gostava de fiar, tinha preguiça, não fazia o resto. Não cheguei a usar roupa, mas dormi em rede de algodão".
- Fio: "guardo na memória".

Raimundo:

- Lamparina: "Muita gente, quando chegou a energia, jogou fora... Não sei se a duna vai cobrir os postes de energia, feito o apagão que *tá* aí. Vou levar pra iluminar, como desde criança, o escuro".

Mundinho (Henrique):

- Cabaça: "levava água pra casa, quando não tinha balde. Também levava no roçado, pra beber água".
- Cachimbo: "o pai achou na praia".
- Pedrinha de resina (breu): "é leve" (mas não sabe por que leva).[...]

educação indigena CC.indd 611 26/10/2015 11:43:38

Evandro:

- Fuso: “é muito importante por que os índios do passado usavam roupa com esse fio”.

Ritinha:

- Fuso: “Foi o primeiro que mamãe fez pra mim, mas eu nunca aprendi”. “O algodão, pra ser plantado, precisava da terra e do mutirão”.
- Cabaça: “papai levava sempre pro roçado. Quebrei muitas, com preguiça de levar na cabeça”.
- Cuinha (cuia): “Bebe-se mocororó, tira água da cacimba”.
- Prato de barro.
- Raiz de *milomi*: “prá dor-de-barriga”.
- Sal em pedra.

Ivonete:

- [...] Xícara de quenga de coco; “antigamente, não existia alumínio”.

Conceição:

- Cabaça: “serve pra levar água pro serviço, pra guardar mocororó, quando é tempo”.

Getúlio:

- Birro: “Antigamente, as pessoas faziam renda através do birro”. (Ivonete acrescenta que serve para fazer anel e Neta diz que serve pra comer).

Aurineide:

- Colares Tremembé, Pitaguary, Tapeba.

Neide:

- Desenho do mapa da área delimitada.
- CD torém: “Talvez eu morresse logo e eu queria dizer que a terra não estava solta”.

educação indigena CC.indd 612 26/10/2015 11:43:38

- Caroços de feijão, milho, urucum, algodão: "Quem sabe, poderia começar tudo de novo, o pessoal poderia voltar a plantar o algodão".
- Colares: artesanato feito na Praia e na Mata.

Cristina:

- Sementes de cabaça: "Aonde eu chegasse, plantaria novamente".

Rita:

- Lançadeira: "Eu, como tecedeira, levaria". [...]

Márcia:

- Pilão: "Serve pra pisar remédio, quando a gente tá doente".

Rosângela:

- Cabaça: "prá gente fazer maracá".
- Foto de artesanato de barro.

Sebastião (Sesinha):

- Colar Tremembé.

Ritinha (Mangue Alto):

- Lamparina: "Os índios usavam antigamente". [**Parece reproduzir uma visão de índio como do passado, sem sentir-se em continuidade. É como se a memória, antes de tudo, demarcasse a separação e a descontinuidade*]. [...]

Eu:

- *Dona* Maria Quitéria: seu gesto de alisar o lençol da cama do hospital, dias antes de falecer.

Karla:

- [...] Óculos: "se eu encontrar vocês e sobreviver depois da duna, vou ter muitas recordações".

educação indigena CC.indd 613 26/10/2015 11:43:38

Silas:

- Anel de birro: "Aliança com os Tremembé".

Seu Valdir:

- Chapéu.

Andreína:

- Colar: "Tem um significado pra mim porque eu lembro daquela semana na Praia (Seminário), que eu sei que não volta mais, mas que foi uma coisa muito boa pra mim".

Rita, do Mangue Alto, oferece objetos para quem não trouxe. Vilca aceita. [...]

Jacinta:

- Leva seu filho: "Só tenho ele".

Lindalva:

- "Não tenho nada pra colocar, mas vou colocar este momento, que é muito importante e que todos devemos guardar na memória".

Reflexões de Gérson Júnior:

- A memória é individual e social.
- Sugere que os Tremembé organizem um lugar da memória Tremembé.
- A memória é seletiva. "O que a memória ama fica imortal" (Adélia Prado). "Olhem este uru, como é velho. Mas ele foi guardado porque a memória o amou" (G. Júnior).
- Propõe que os professores façam uma pesquisa sobre os objetos da memória do grupo. Sugere que o Salão Velho seja um lugar de exposição dos objetos, que devem ser acompanhados de uma breve história.

Gérson Júnior estabelece conexões entre os objetos trazidos e o cotidiano vivido. Sugere que o pesquisador/professor questione o objeto, e por que ele foi retirado do cotidiano.

educação indigena CC.indd 614 26/10/2015 11:43:38

Descrição do processo de tecelagem:

Gérson Júnior leva a turma ao tear instalado ao lado da casa de *dona* Baía, que fica em frente ao Salão, conforme havia sido combinado no dia anterior. O velho tear, abandonado ao sol, resistia bravamente, embora as cordas do mecanismo de separação dos fios estivessem puídas. Provavelmente, nunca aqueles jovens professores se achegaram com tal curiosidade e admiração daquela engenhoca. O olhar lançado por Júnior *desfoca* o olhar cotidiano sobre o objeto, emprestando ao velho tear o *status* de objeto imemorial, despertando na turma a contemplação estética, *est-ética*. Sim, algo de *um ethos*[273] Tremembé se encontra ali cristalizado. De repente, pareceu-me que as velhas forquilhas que sustentavam a máquina eram portais, e que, de repente, havíamos acessado outros tempos.

[Obs: Medida: 'Liva' = Libra?: +/- ½ Liva = 250g]

Dona Baía, *dona* Maria e Ritinha [tecedeiras, dão as informações]. [...].

Notícia de Acrísio/Funai: Funai/Brasília decidiu financiar as despesas materiais do MIT até que o MEC aprove o Projeto.

[Tratava-se de um projeto de solicitação de recursos financeiros enviado à CGAEI – Coordenação Geral de Apoio à Educação Indígena. A ideia do projeto nasceu em meio às dificuldades nas relações com a Seduc, que ainda não havia se decidido a reconhecer e apoiar financeiramente o curso. A Funai, enquanto parceira, comprometeu-se em disponibilizar recursos para a alimentação e transporte. Sandra Petit, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faced/UFC, com sensibilidade e generosidade, aceitou o convite feito pelos parceiros e índios para fazer a cordenação institucional do Curso. Fui eu quem sugeri seu nome, pois, por ser minha orientadora, ela estava acompanhando de perto minhas intervenções junto aos tremembés. Além disso, de sua competência profissional, a presença de Sandra, doutora e docente da UFC, uma instituição federal ligada ao MEC,

[273] O sentido de *ethos*, aqui, se aproxima da ideia de *modo de existência*. As *cristalizações* não devem ser concebidas como estruturas, mas *agenciamentos*, isto é, *articulações situadas*, próprias destes modos de existência.

educação indigena CC.indd 615 26/10/2015 11:43:38

me pareceu estratégica para facilitar e dar credibilidade ao Projeto MIT nas negociações com a CGAEI].

Merenda. [...]

Retomada da aula: [Gerson Júnior]

- "O pesquisador encontra quando procura".
- Vestígios do passado: "A memória guarda fragmentos".
- Propõe novamente a "Casa da Memória".
- Proposta de atividade: cada aluno deve elaborar um texto sobre o objeto que trouxe para a Mala da Memória, para amanhã. [...]

Júnior, candidato da Varjota: "Não conhecia o tear. A gente fica *emocionado*".

Reflito que a Memória e a História são dinâmicas e sempre reelaboráveis. Observo que os conteúdos do curso são criados/produzidos pelos participantes. *[*Pelo consultor, enquanto participante do coletivo, mas pelos professores, principalmente]*. [...]

Zé Valdir (usando um novelo de fio como elemento dinamizador das falas do grupo) [quem pega o novelo fala e joga, depois, para outra pessoa]: "O magistério diferente que eu imaginava é dessa maneira mesmo, na prática".

[Antoniel me mostrou ontem suas sandálias iguais às minhas. Dei-me conta de como eles são observadores e parecem ter um apreço especial pelos pés].

Neta: "Um momento como este é especial no *currículo*". "Não sei por que a gente não para para ver o que temos nas nossas casas. Tem coisa que dá um museu de primeira qualidade. Já era pra ter, há muito tempo, um museu no aldeamento. Lá em casa, quem guarda é a mamãe".

Vilca: "Lá em casa tem muita coisa. Se tivesse um museu...". Diz que, em Itarema, no museu do José de Fátima (do padre Aristides) tem muita coisa, até fotos dos Tremembé dançando.

Neide: "Esse momento aqui, pra mim é o segundo, só vem enriquecer. O primeiro foi em 97. Pra mim, ficou marcado na memória. Vou levar até pra

educação indigena CC.indd 616 26/10/2015 11:43:38

cova. Tinha remédio, artesanato, comida, história, mapas. Se a gente tivesse uma Casa da Memória, este momento só viria reforçar. Facilitaria quando os pesquisadores viessem pesquisar e, principalmente, pra gente mesmo. Seria superinteressante!". [...]

Eudes: Lembra do que diz seu pai: que os mais velhos eram mais fortes, tão fortes que morriam em pé, "Quando ia ver, *tava* morto, agarrado no cabo da enxada, em pé". [Risos dos presentes]

Ana Lúcia: "O que a gente deve ensinar às crianças é as coisas dos antigos".

Liduína: "Ouvi do pai sobre o tear e também que, quem tinha uma tarrafa de nylon era um privilégio. O comum era tarrafa de algodão".

Andreína: Quando criança, viu o pai fazendo tamancos. *[*Lembrei de inúmeros objetos que eram vendidos na bodega de papai, na minha infância: tamancos, lamparinas de zinco, cachimbos de barro etc].*

Ivonete: "É importante repassar isso com os alunos".

Conceição: "Papai pescou muito com tarrafa de fio. Vovó chegou a usar roupa desse fio".

Cristina: "As coisas velhas que a gente tem em casa e quer jogar fora, se tivesse um museu, a gente guardava".

Janete: "Este é um momento muito rico, de conhecimento". *[*Entona/imposta a voz, finaliza as palavras com 'ss'. é uma fala em público!]*

Grosso: "É muito importante esse momento, o que tava esquecido, agora tá na memória; o que tava por baixo, agora tá por cima". [...]

Dadinha: "É muito importante fazer essas recordações das coisas que a gente esquece, que é dos nossos pais. Que a gente possa passar para os nossos alunos, para que eles não esqueçam que é da nossa cultura". [...]

Ritinha: "Tô muito feliz de trazer a memória do passado e de ter recebido a visita de vocês". Convida a Lucélia (que havia se oferecido) para ajudar a erguer uma latada para proteger o tear (que permanece exposto ao sol).

educação indigena CC.indd 617 26/10/2015 11:43:39

Aurineide: “Senti que nem estava aqui, me transportei para outros lugares onde já andei”.

Novinha: “Quando eu era criança, já via dona Baía fazer rede e nem ligava”.

Jacinta: “Aprendi a fiar com minha avó, embora nunca tivesse visto um tear”. [...]

Seu Valdir: “Zé Valdir chegou em casa apavorado: papai, vai ter a *mala da memória* e eu não sei como vai ser isso. Para muitos, achava uma coisa estranha. Só que é uma coisa que é nossa, coisa que se usa, coisa que já se usou, coisa da nossa convivência que a gente tem que preservar”. “Outra coisa que chama a atenção é nós todos, de vários lugares, estarmos aqui, unidos”.

Sandra Petit:

- De memória, recorda o Natal com os Tremembé, na Praia. Considera o Natal mais interessante, passado nos últimos anos. Foi muito bem recebida, não tinha família aqui.
- Quando viu a atividade de hoje, lembrou que se está trabalhando na Universidade, na disciplina Movimentos Sociais que ela leciona, uma visão da história como essa trabalhada aqui.
- Acha superlegal a ideia da mala, que pode ser trabalhada com qualquer grupo. “Ninguém fica indiferente à mala. Todo mundo tem uma história para contar”.
- Com museu ou sem museu, acha que se pode fazer muita coisa. “Com crianças se pode levantar muitas histórias”.
- Está muito feliz em estar aqui.

Gérson Júnior: Propõe fazer a experiência de ter um museu por um dia. Defende uma ligação entre passado e presente a partir dos objetos.

educação indigena CC.indd 618 26/10/2015 11:43:39

4|julho|2001, 4ª feira.

Noite cultural.

Fez-se apresentação da *Quadrilha [*Impressionaram-me as evoluções dos passos, com dificuldades que não lembro ter visto por esta região do antigo Acaraú.].*

O Torém foi puxado por Zé Valdir e Evandro. Os professores estavam mais *envolvidos*. Parecia uma resposta à provocação feita no Seminário, de que os professores não haviam dançado. Foi a primeira vez que fui convidado a tocar violão acompanhando o torém (por Evandro).

[...]

Leitura do relatório do dia anterior (Neta)[274]

Leitura dos textos individuais sobre os objetos da Mala da Memória

Dicas de Gérson Júnior: Não ter vergonha de falar: são professores. Não ter vergonha da história: são Tremembé.

Avaliação:

Zé Valdir: valoriza a Mala da Memória, o trabalho do tear. Sente-se orgulhoso e feliz de ver cada um envolvido, desempenhando seu trabalho.

Lucélia: já começa a avaliar o Júnior: "é uma pessoa maravilhosa, tem muito a dar a gente". Acha que os trabalhos estão muito bons, dos alunos. Ficou emocionada com a visita à *dona* Baía: vai visitar mais os velhos.

Gilsa: chama a atenção de Naudinho que disse na frente do pessoal da Seduc que não conhecia a Chica da Lagoa Seca.

Naudinho: agradece a Gilsa pela crítica construtiva. *[...]*

[274] Registrado no *notebook*.

educação indigena CC.indd 619 26/10/2015 11:43:39

Atividade:

Em grupos, os participantes vão ler um texto escrito por Gerson Júnior sobre a igreja e retomar o texto do torém, incorporando as informações de ontem à tarde e outras mais sugeridas pelo texto da revista.

Gerson Júnior diz que Zé Miguel era tido também como pajé: fazia garrafadas e outros remédios e atendia muitas áreas do aldeamento.

Leitura dos textos pela equipe e apresentação de questões: [275]

[As questões eram propostas por Gérson Júnior, para o aprofundamento dos textos produzidos, após a sua apresentação pelas equipes, que retomavam os trabalhos em grupo, refletindo sobre as questões com o intuito de reelaborar os textos, ampliando as informações. Aqui, estão inseridos os textos iniciais. Não consegui anotar as questões feitas a todos os grupos].

Grupo 1: Joelma, Zé Valdir, Lucélia, Eudes, Evandro, Cesinha, Márcia

O que vimos no vídeo foi diferente um pouco de hoje. 1º dona Zeza falando sobre a invasão que os posseiro compravam um pedaço e cercavam muito mais. Antes, tudo era aberto e poderiam morar onde quiserem, pois não existiam proprietários.

Depois presenciamos que ela falava muito da tia chica da lagoa seca, que era uma índia mais velha e puxava a dança do torém e morreu em 1972 e outros mais como: Zé Miguel, Pé de Caco e tia Calata. E também falava dos marcos da terra que era: Lagoa do Moreira, Banbuzeiro, a onde fica a Passagem Raza, Corrégo da Benvindas, Forno Velho, almeixeira e cabecim. Foi reconhecido o aldeamento em 1993.

Depois apareceu dona Venância cantando a música do torém e que contou uma história como se fosse uma conversa de dois compadre que dizia que era capaz de cantar uma música do passarinho que estava em cima do coqueiro e rápido cantou,depois apareceu a roda do torém. Eles dançavam o torém em frente a igreja. nas noites da novena de Nossa Senhora da Conceição. tal como foi registrado pelo Pe. Antônio

[275] Digitado por Silas Moraes, que manteve a ortografia original dos textos.

educação indigena CC.indd 620 26/10/2015 11:43:39

Tomaz, no final do século XIX. no ano 1892. E como era rico naquele momento, João Venâncio disse quem puxa o torém. chega até ficar concentrado.

Não só dançavam o torém em frente a igreja e sim toda vez que se juntava em baixo de cajueiros e principalmente na época da retirada da areia de dentro da igreja. Deixamos de dançar o torém quando os posseiros chegaram e tomaram conta e não aceitaram mais e passaram a ser mais dominante do nossa aldeamento.

Vicente Viana fala que quando Zé Miguel e Chica da Lagoa seca morreram o torém chegou a ficar fraco, mais juntou-se, ele Vicente e Geraldo Cosmo fortaleceram cada vez mais e deram continuidade e até as crianças também a se envolver a companhando os mais velhos. se envolvendo com os seus pais nos próprios rituais e assim até hoje continuam participando.

Todas essas pessoas têm um grande significado que através dele é que hoje estamos na mesma caminhada, além desse trabalho dos mais velho e que o nosso torém estar envolvendo mais pessoas. Como jovens e crianças, vivendo na mesma tradição.

Além das musicas antigas, também temos músicas novas e também somos mais reconhecidas tanto aqui, como lá fora.

Questões:

Chica da Lagoa Seca e seus relatos: Quem era Chica da Lagoa Seca e outros mais?

Extensão da terra: da Lagoa Luis de Barros à Lagoa do Moreira: Além destes marcos, quais são os outros marcos da terra? Em que época o aldeamento foi demarcado?

Cercamentos: Como era a vida antes das cercas?

[...]

Roda de torém na frente da igreja: O que o texto diz sobre o torém dançado em frente da igreja? Em que outras vezes o torém foi dançado em frente à igreja? Quando e por que o torém deixou de ser dançado em frente da igreja? O que você sabe sobre a participação de crianças no torém?

Reconhecimento.

educação indigena CC.indd 621 26/10/2015 11:43:39

Grupo 2: Joelma, Zé Valdir, Lucélia, Eudes, Evandro, Cesinha

Texto sobre o torém

O que vimos no vídeo foi diferente um pouco de agora ou seja de hoje.

1º D. Zeza falando sobre a invasão que os posseiros compravam um pedaço e cercavam muito mais depois presenciamos que ela falava muito da Chica da Lagoa seca e outros mais falava também dos marcos da terra que era da lagoa do Luís de barro a lagoa do Moreira. Depois apareceu D. Venância contando a música do torém e que contou uma história como se fosse uma conversa de dois compadre que um dizia que era capaz de cantar uma música do passarinho que estava emcima do coqueiro d rápido cantou, depois apareceu a roda do torém na frente da igreja e o torém e como era rico aquele momento, disse até que quem está cantando o torém chega até ficar concentrados, isso quem disse foi João Venâncio.

Vicente Viana fala que quando Zé Miguel e Chica da lagoa seca morreram, o torém chegou a ficar fraco, mais juntou-se ele e Geraldo Cosmo fortaleceram cada vez mais e deram continuidade e até crianças também a se envolver.

Todos essas pessoas têm um grande significado que através dele é que hoje estamos na mesma caminhada, além desse trabalho dos mais velhos e que o nosso torém estar envolvendo mais pessoas tantos os mais velhos como jovens e crianças estão vivendo na mesma tradição.

Além das musicas antigas, também temos músicas novas e também somos mais reconhecidos tanto aqui, como lá fora.

Questões:

Sobre a sacralização do torém: O que é um ritual sagrado? Por que o torém é um ritual sagrado?

Karla lembra o relato de Zeza da Lagoa, que teria dito que cada torenzeiro tinha um caboclo, que não era revelado. Karla acha que era possível, e que o escondimento se daria por força das circunstâncias. Gérson Júnior faz uma leitura a partir do mito: o torém, como dança da colheita do caju, celebraria o mito da gênese do grupo. As questões a serem feitas, diz Gérson Júnior

educação indigena CC.indd 622 26/10/2015 11:43:39

são do tipo: se as lagoas tinham encantes, o que aconteceu depois das cercas? Para onde foram os encantes?

Karla se mostra preocupada com uma parte do texto que, na leitura dela, parece induzir à ideia de que somente a partir da escola de Raimundinha as crianças passaram a dançar o torém. Observo que os relatos bibliográficos não se pronunciam sobre o assunto, com exceção da dissertação de Carlos Guilherme, sobre a participação de crianças no Saquinho. Acredito que antes não se poderia falar em "juventude" Tremembé. Parece haver uma reelaboração do papel social e político dos segmentos sociais, particularmente dos jovens e crianças. A escola diferenciada parece ser sintoma desta reelaboração.

O que você sabe sobre a participação, no passado, de jovens e crianças no torém?

Além do torém, em que outros momentos e espaços os jovens e crianças participam, atualmente, da vida da comunidade?

Sobre a invasão das terras: além da plantação de coqueiros e cercamento das terras, que outros métodos foram utilizados pelos posseiros? Quais as consequências dessas invasões para os Tremembé?

<u>Grupo 3</u>: Neide, Neta, Rita, Lindalva, Vângela, Henrique

TEXTO: MEMORIZANDO O VÍDIO

Um momento do torém é como o João Venâncio falou. Quem dança o torém como se fosse so uma brincadeira não sente nada, mas eles puxando o torém se consentram e sente algo diferente.

Os mais velhos chamaram o torém de uma brincadeira, mas na verdade o torém é um ritual sagrado No vídio vimos que o ex cacique disse que o torém poderia um dia acabar mas eles não deixaram acontecer. na época só dançavam os mais velhos, hoje não temos a preocupação de acabar. por que todos estão envolvidos, jovens e criança junto com os mais velhos.

Um dos objetivos da escola diferenciada é fortalecer os jovens e as crianças na luta, para que não aconteça o que a conteceu quando a Chica da lagoa Seca morreu. Vimos no vídio como a Zeza falou: Quando alguém comprava o lugar da casa, plantava

educação indigena CC.indd 623 26/10/2015 11:43:39

um pé de coqueiro e cercava uma boa parte da terra e foi assim que começou a invasão de nossas terras.

Algumas pessoas dizem que perdemos a nossa língua, mas devemos lembrar que a língua Tremembé é encontrada nas músicas do torém, nas mais antigas.

Para nós professores, que só conhecemos os nomes gostariamos de saber quem era:

Chica da Lagoa Seca?

Zé Miguel?

Pé de Caco?

Antes da vinda do padre Antônio Tomas, sabemos que os tremembé dançavam o torém de frente a cabana de palha. Quando a igreja foi construida continuaram dançando e foi então que o pe. Antônio Tomas presenciou, após a morte da tia chica foi que parou a dança do torém por algum tempo. Surgiu novamente um grupo de Tremembé liderado por ex-cacique Vicente Viana e Geraldo Cosmo e continuaram dançando em frente a igreja, não sabemos por que não se dança mais o torém em frente a igreja e gostariamos de saber

1º Para nós o ritual sagrado é a dança do torém.

Porque dançamos nos momentos de comemorações, serve para chamar forças e afastar os males e este ritual sagrado vem de geração em geração.

2º Não sabemos.

3º Construções de casa, pontos comerciais, barracas, na praia, emplantações de empresas, rede de pesca no lagamar, currais de pesca, os esgotos e os lixos de Torrões no rio e nas dunas.

As consequência são:

Falta de moradia, doenças, alcoolismo, prostituição, droga, assalto, diminuição dos alimentos, poluição dos rios e do mar, não tem lugar para o plantio.

Questões:

Diferenças do torém de antes e hoje: além do torém, que outras coisas mudaram na vida dos Tremembé? O que mudou para melhor?

educação indigena CC.indd 624 26/10/2015 11:43:39

<u>Grupo 4</u>: Vilca, Rosângela, Liduína, Elisnaldo, Getúlio, Elardo, Andreína

TEXTO SOBRE A IGREJA

Por volta de 1702, a igreja de Almofala era de taipa e coberta de palha. Depois de alguns anos a igreja foi construída de tijolo. Esse material era transportado por navios que vinham da Bahia. Cada tijolo pesava mais ou menos 10 quilos e cada telha pesava mais ou menos 8 quilos.

Com um certo tempo já depois dela construída por alvenaria, por causa de mudanças na natureza, uma duna soterrou a igreja e grande parte da povoação de Almofala, que passou 45 anos totalmente enterrada por essa duna. Certo dia depois de todos esses anos, os índios de Almofala descobriram a torre da igreja um pouquinho descoberta pelas areias da duna. A partir desse dia eles se juntavam em todas as noites de lua para desenterrar um pouco da igreja. Eles juntos a cada noite iam tirando aos poucos toda a areia usando cuias, e aos poucos eles desenterravam a igreja completamente.

Em 1892, Pe Antônio Tomás presenciona pela primeira vez os índios dançando torém em frente à igreja, que já era de costume eles comemorarem as festas de Nossa Senhora da Conceição com novenas e depois dançavam o torém em frente à igreja. Onde hoje isso não acontece mais, Por que depois da chegada de posseiros os índios foram perdendo os seus direitos, principalmente o direito de rezarem suas novenas e dançarem na igreja. Essa dança tão falada que se chama torém era o ritual sagrado dos índios que eles a praticavam somente na época do cajú e que se estendeu até hoje, mas que só – mudou o período da dança, porque hoje se dança o torém em qualquer período do ano.

Depois de muitos anos de sofrimentos e lutas dos índios eles começaram a ter alguns direitos como: A saúde, escola diferenciada e o apoio de muitos órgãos como: Funai, MISSÃO TREMEMBÉ, IGREJA METODISTA, UNIVERSIDASE, Seduc e outros. E com isso essa luta está cada vez mais forte.

"Nem todos dançam, mas nem por isso deixam de ser índios".

[**Me lembro da apresentação realizada no Dragão do Mar, em abril do ano passado, quando os índios não estavam usando indumentárias de pena, com exceção*

educação indigena CC.indd 625 26/10/2015 11:43:39

do João Venança e Pequena, se não me engano. Acredito que o que está em jogo é uma reelaboração e redefinição dos sinais diacríticos. *Assim quando os jovens professores deixam de se integrar à roda do torém – e por isso são muito cobrados pelos mais velhos e lideranças, às vezes com um discurso moralizante – acredito que se trate de um vácuo criado em meio ao processo de desfocamento de um dos sinais diacríticos, sem que outros tenham sido reconhecidos e universalizados. *Ver dissertação do Alex Ratts sobre o tema*]

Questões:

Além de dançar o torém, que outras práticas são fundamentais para identificar, atualmente, um Tremembé?

A dinâmica da língua: Hoje as pessoas não têm facilidade de imitar os pássaros? Como elas criam as canções do torém?

<u>Grupo 5</u>: Raimundo, Dadinha, Fernando, Manezinho, Ivonete, Aurineide, Roberio.

As diferenças do torém

Falando sobre o vidio do torém nós vimos algumas diferenças como por exemplo a pronuncia de algumas palavras na <u>música do torém</u>, o jeito de dançar.

Uma possibilidade daquela época era que as pessoas tinham facilidade de troduzir o som de alguns pássaros. Porem raramente hoje podemos contar com essas musica desse tipo.

A participação do povo no torém no nosso ponto de vista não mudou, pois na quela época existia um grupo que puxava o torém e que hoje também existe e que nem todos dançam mais nem por isso não deixar de ser índio.

falando sobre as mudanças que na quele tempo não existia temos: algumas músicas, a cultura que está sendo muito explorada exclusivalmente na escola, a criação da escola deferenciada, e foi criado também o conselho endígena Tremembé de Almofala "CITA"

conselho de saúde local nas areas indígenas, conselho distritais entre povos indígenas e funasa, conselhos municipais, ampliação de conhecimento da luta Tremembé tanto fora como aqui, e foi construindo colégio, centros culturais(Varjota e Pana) estrada

educação indigena CC.indd 626 26/10/2015 11:43:39

energia elétrica e laboratório de informatica etc...Em fim podemos dezer que nosso luta está ficando cada vez mais forte

Questões:

Sobre os remédios: Que outras pessoas fazem remédios e rezas, hoje, na comunidade?

Sobre a participação das crianças no torém: Como se dá essa participação?

Grupo 6: Raimundo, Manoel, Dadinha, Ivonete, Fernando, Aurineide, Robério

Em 1702 quando a igreja de Almofala era de taipa e coberta de palha os índios tinha vez, lá eles podiam dançar o torém e rezar suas novenas. Já apartir de 1712 ela foi construída com alvenaria e nos ultimos anos soterrada, após a retirada da areia os posseiros começam a chegar e a se aproximar da igreja e também da terra e comecaram a expulsar as famílias tremembé e foi apartir daí que eles perderam uma boa parte de suas terras, mas com todo o sofrimento os tremembé não abriram mão da igreja pois eram religiosos e porque eram um dos principais marcos do aldeamento.

Depois de tudo isso os tremembé passaram a viver dispersos em localidades diferentes e conforme o relatório elaborado pela Funai em 1992 o aldeamento era composto de 2.247 índios e distríbuidos em 332 familias.

E na quela época as pessoas tinham mais facilidade de troduzir o som de alguns pássaros e hoje raramente elas sabem o que os passaros dizem pois a maioria de nossas músicas são criadas de acordo com a nossa convivencia pessoal.

Ja a participação do povo no torém não mudou pois na quele tempo existiam grupos que puxava o torém e que hoje ainda existe e os outros acompanham nem todos dançam, mais nem por isso vão deixar de ser índio pois nós temos nossos costumes, histórias, tradições e somos filhos de índios etc...

porém com o decorrer do tempo foram acontecendo várias mudança algumas delas são: a nossa cultura que está sendo muito explorado exclusivamente na escola, a criação da escola diferenciada, o conselho indígena tremembé de Almofala(CITA) conselho de saúde nas áreas indígenas conselhos distritais entre povos indígenas e funasa

educação indigena CC.indd 627 26/10/2015 11:43:40

ampliação do conhecimento da luta tremembé tanto fora como aqui, construções de centros culturais estradas, laboratório de informática energia etc...

enfim podemos dizer que a nossa luta está ficando mais forte.

Questões:

Sobre a diferença: Além do torém, que outras coisas mudaram na vida dos Tremembé? Antes da Chica da Lagoa Seca existia torém? Por que o torém se tornou uma arma para os Tremembé? No torém de hoje são dançados os mesmos passos do passado?

[**Sobre a perda do sentido das palavras nas canções, particularmente acho este fato pode ter um novo significado, a ser reelaborado com os Tremembé, conferindo a estas canções a penumbralidade comum às práticas simbólicas dos mitos de origem, cercados de alguma impenetrabilidade típica do "desconhecido". Nesta caso, a perda pode redundar em um ganho para os tempos atuais*]

<u>Grupo 7</u>: Cristina, Ritinha, Aurilene, Ana Lúcia, Conceição e Gilssa.

O torém

O que vimos no vídeo foi muito interessante.

A música da jandaia e seu significado, o vestir das pessoas que estavam dançando o torém, a história sobre as casas de antigamente. Contada pela dona Zeza, a história de João Venâncio sobre a importância que tem o torém para os tremembé, a dança das criancas no torém, como sendo o futuro do amanhã, elas tem uma participação muito importante, porque é um momento em que elas vão se integrando mais na nossa luta, A conversa do ex-cacique sobre o torém no qual ele contava que se eles que sabiam o torém não contasse, essa história ia acabar, por que passa de geração por geração, também a conversa de dona Venância sobre as pessoas que puxavam o torém e a pessoa mais procurada como rezadeira Chica da lagoa seca,

Mas hoje ainda existe pessoas que curam, rezam fazem remédios caseiros, como o pajé, o cacique. dona Maria Júlia, Marciano, Elita Maria Ana e outras pessoas,

educação indigena CC.indd 628 26/10/2015 11:43:40

usando casca de jatobá, raiz de Janaguba casca de cajuí, raiz de ameixa, malva, hortelã mangirioba, raiz da angelco milome etc.

Mesmo sendo tudo isso muito importante para nós, hoje vimos uma diferença sobre a dança do torém, nossas vestes que hoje algumas pessoas não tem por completo, a pronuncia de vária palavras nas músicas que algumas mudaram.

Nós tremembé tendo como ponto referencial da nossa luta A igreja de Almofala. Por que ela é muito importante em nossa história, é o marco principal de nossa área e antigo aldeamento.

<u>Grupo 8</u>: Janete, Júnior, Jacinta, Grosso. Graça. Eugênia.

O vídeo relata muitas coisas inportantes. Zeza contando História sobre Chica da lagoa seca, e João Venâncio. Contando História sobre o torém. Vimos que os mais velhos cantam o torém de uma maneira diferente de nós hoje.

Não só o torém mais muitas coisas mundaram na vida dos Tremembé.

Como. uma entidade Conselho indígenas Cita almofala, escolas, laboratório de informática, Prédios, energia elétrica estradas e rezo.

Vimos também que o torém já existia e foi passando de geração em geração.

As músicas do torém todos nós sabemos do significados que é o mais inportante. Eles começaram a dança do torém como brincadeira, que no qual essa brincadeira ficou na memória dos Tremembé. E tornou-se uma das armas mais inportantes e forte do Povo tremembé. Porque o torém foi o ponto inicial da nossa historia. O torém para eles só era praticado no período do cajú Nós hoje dançamos o torém quase frequentimente não esperamos que chegue a época do caju.

Quanto o torém do passado para o de Hoje existe diferência nos passos, nas músicas e na línguagen. Mas com todo essa mundança não podemos perder e esquecer nossas tradições e também esperamos que nossas crianças sigam os mesmos rítmas de nossas raízes.

Grupo 9: Equipe: Janete, Júnior, Grosso, Graça, Eugênia e Jacinta.

O vídeo retrata muitas coisas importantes. Chica da Lagoa Seca.

educação indigena CC.indd 629 26/10/2015 11:43:40

Vimos que uma maneira diferente de nós hoje. Vimos também que o torém foi eniciado pela tia Chica da Lagoa Seca e seu irmão Zé Minguel e foi apartir desse momento que o torém ficou passando de geração para geração e o torém tem uma grande importancia para nós Tremembé.

As músicas do torém todas nós sabemos mas não sabemos do significado que é o mais importante.

Eles começaram a dançar o torém como brincadeira, que no qual essa brincadeira ficou na memória dos Tremembé e tornou-se uma das armas mais forte do povo Tremembé.

O torém para eles só era praticado no período do caju. Mas hoje dançamos o torém quase frequente não esperamos que chege a época do caju.

Quanto o torém do passado para o de hoje, não vimos nenhuma diferencia na dança, achamos diferencia nas músicas e na linguagem mas com a toda mundanca não podemos perder e esquecer nossa trandição e também esperamos que nossas crianças sigam os mesmos ritmos de nossas raízes.

[...]

Apresentação dos textos reelaborados a partir do artigo de Gérson Júnior e questões levantadas:

Grupo de Joelma:

- Acrescenta lugares de referência da área demarcada.
- O torém deixou de ser dançado por causa dos posseiros, que se tornaram maioria.
- "Vivemos na *mesma* tradição" *[*Penso que o que está em jogo é uma* reelaboração *da própria tradição]*

Grupo de Neide:

- O torém é sagrado porque serve para concentrar, chamar força e manter a tradição do passado.
- Outros métodos de invasão: construção de casas, comércios, barracas na praia, rede de pesca, lixo.

educação indigena CC.indd 630 26/10/2015 11:43:40

- Além do torém, as crianças e jovens participam no plantio, na pesca, na escola.
- Consequências das invasões: doenças, alcoolismo, drogas, prostituição, assaltos, poluição, falta de área de plantio...

Grupo de Andreína:

- Construção da igreja: tijolos pesavam 10kg, as telhas pesavam 8kg e foram trazidas da Bahia.
- Por que não se dança mais diante da igreja: posseiros. Os índios perderam o seu direito de fazer sua novena e dançar.

Grupo de Dadinha:

- "Em 1702, quando a igreja era de taipa e palha, os índios tinham vez" [**Idealização do passado?*]
- "Nossa cultura está sendo muito explorada na escola".

Grupo de Cristina:

- Participação de crianças no torém: "é o futuro, o amanhã".
- Mudança nas indumentárias e nas palavras das canções do torém
- Remédios são cultivados. [...]

Reflexões de G. Júnior:

- [...] Os lugares em que a Memória se ancora: o Torém, o Tear, a Igreja, os Marcos ("O lugar da Memória é o lugar em que a memória se situa e se ancora")
- Noções de datação por séculos.

Almoço:

Ciça, Diana e suas companheiras nos fizeram uma linda surpresa: puseram a mesa arrumada para o almoço no salão do Centro de Cultura. As portas e janelas estavam fechadas. Diana entoa a canção de abertura do Reso, "Ó de casa, ó de fora".

educação indigena CC.indd 631 26/10/2015 11:43:40

Antes de iniciar as atividades da tarde, Ivonete nos trouxe uma garrafa com caldo de *cana da hora*. Delicioso!

Tarde:

Atividade: Gerson Júnior propõe fazer um texto sobre os objetos trazidos para a Mala da Memória. Metodologia: em duplas, formadas por uma pessoa mais experiente com outra menos experiente.

Chegada de Visitantes: Nicolas, jovem estudante francês que desenvolve atualmente pesquisa entre os tremembés, sua namorada e seus pais.

Avaliação:

Dadinha: gostou muito. "É cansativo mas é proveitoso. A ideia de reescrever o texto é muito boa porque vai ampliando o conhecimento. Tá dando pra todo mundo entender", pelo menos ela.

Joelma: gostou muito do dia de hoje. Viu muita coisa que não sabia. "É cansativo, mas a gente tá aqui pra isso mesmo. É um sonho que a gente tá realizando".

Vilca: esttá gostando muito. Pede que as pessoas participem mais. Que falem e deem sua opinião.

(...?, do Saquinho): está gostando. É a primeira vez que está participando.

Andreína: acha que se todos os outros dias forem como hoje, acha que vai ser muito bom.

Neide: é bom quando a gente faz o que esperava. Preocupa-se quando vê pessoas dispersas: "o Gérson Júnior e a Karla não vão trazer o curso prontinho, mas é a gente que faz juntos. É diferente dos cursos lá de fora, onde tá tudo prontinho".

Zé Valdir: diz que não tem o que acrescentar. Acha que está ótimo. Acredita que as pessoas, como as que estavam lendo revista, vão tomar consciência do que estão fazendo.

Gérson Júnior: todo trabalho é cansativo. O trabalho com o texto, naturalmente é cansativo. Agradece a participação especial do Zé Valdir sobre os

educação indigena CC.indd 632 26/10/2015 11:43:40

marcos da terra. Serve para ver como os próprios Tremembé podem falar de sua realidade. Serve também para compor subsídios didáticos para a escola. [...]

Noite

Reunião Pedagógica[276]

Retomamos as discussões sobre os critérios de *admissão dos candidatos* ao Curso.

Diana considera importante que façam uma carta ao CITA, formalizando o pedido.

Seu Valdir endossa a posição de Diana e observa que o candidato deve ter também uma certa idade para ser professor.

Evandro acha importante que os candidatos façam a carta ao CITA e que haja uma idade mínima, que tenha mais maturidade, que seja mais vivido.

Neide acha superinteressante a carta, sobretudo "porque somos funcionários do CITA". Acha que cabe ao CITA dar o aval final na aprovação de cada candidato. A idade deve ser também considerada, por causa "lá de fora".

Neta acha bom fazer a carta ao CITA, porque muitas pessoas foram escolhidas pelas comunidades mas não expuseram suas intenções. A carta permitirá esta exposição. Quanto a idade mínima, acha que uma pessoa muito nova, de 12 anos, não tem a mesma responsabilidade de um de 18 ou 20 anos. Exemplifica com o fato de que Zé Valdir mesmo tendo somente a 4ª série tem uma responsabilidade maior do que uma pessoa de 12 que já tem uma série mais avançada.

Lucélia acha que candidato com menos de 15 anos de idade não deveria ser admitido.

Uma sugestão de Karla e Diana: discutir mais o critério de idade, até o início do próximo curso, em agosto.

[276] Registrado no *notebook*.

educação indigena CC.indd 633 26/10/2015 11:43:40

Propus que os alunos que tenham menos de 15 anos que não forem indicados ao magistério, se quiserem, podem participar do curso como ouvintes, com possibilidade de serem indicados/selecionados ao magistério por ocasião da constituição de uma segunda turma do MIT.

Discutimos ainda acerca de como deverá acontecer a *avaliação* no curso, a começar dos princípios norteadores. Cristina entende que a avaliação "serve para saber se o aluno aprendeu e em que o professor tem que melhorar". Lucélia diz que é importante para o professor melhorar cada vez mais. Proponho que um princípio da avaliação do MIT seja a promoção e o aperfeiçoamento de todos os envolvidos no processo. [...]

Ao final, ficou acertado que as discussões continuariam nas comunidades e que, até o início do próximo curso, seriam decididos os pontos abordados.

10 de julho de 2001[277]

Reunião Pró-CIEEI [Comissão Interinstitucional de Educação Escolar Indígena]

Local: Centro de Treinamento da Seduc (Bairro Edson Queiroz)

Umas 50 pessoas se fizeram presentes à reunião. Eram lideranças e professores indígenas e representantes de organizações governamentais e não governamentais que atuam no campo indigenista local.

Encontrei, logo de cara, Amâncio, missionário da OT que, como das últimas vezes, me pareceu desconfiado, meio sem jeito, ao me saudar. Talvez por causa das ações de Francisca Adelaide, secretária geral da OT, em relação a mim. Se ele não concorda com as suas posturas, acaba sendo omisso ou, pior, capacho de seus caprichos.

[277] Diário de Campo n. 4, p. 142-148.

educação indigena CC.indd 634 26/10/2015 11:43:40

Itamar, Socorro e outros Tremembés do Capim-Açu estavam também na sala de entrada. Itamar conversava com Fernando e Evandro. Desta vez saudei Itamar, coisa que não fiz na reunião de 6ª feira, quando estive no fim de tarde nos Pitaguary, na reunião de avaliação da participação na Conferência de Saúde [por saber que ele estava falando mal de mim, na minha ausência]

A Faced não foi convidada a estar nesta reunião. Rita Vieira e Ana Iório Dias, coordenadoras do Programa de Pós-Graudação, e Sandra Petit, coordenadora do curso de MIT, confirmaram que não receberam comunicação alguma. [...]

Sobre a representação da Faced, esclareci que não a represento, que seria necessário o convite formal à Faculdade. Josefa, coordenadora de Ensino Fundamental da Seduc, informou que o Secretário decidiu encaminhar a solicitação ao reitor. Esclareço que a Universidade é um mundo e que o reitor não tem informação de todas as pesquisas e outras atividades relativas à educação diferenciada indígena. De outro lado, desde o Seminário de 1999, os índios indicaram nomes dentre os professores que mantêm pesquisas e outras atividades com eles. Josefa se comprometeu a encaminhar, junto ao Secretário, uma carta ao reitor da UFC indicando os nomes apresentados pelos índios.[278] [...]

Senti um constrangimento enorme ao perceber a estratégia da comissão da Seduc, de não convidar a Faced e sim, *genericamente*, a Reitoria da UFC, talvez como nova tentativa de neutralizar a Faculdade.

Helena, professora Potiguara, faz uma fala sobre o magistério, acusando a Funai de tê-los forçado a escolher entre um projeto de magistério do MEC (*sic*) e outro, da Seduc.

Ivo Sousa esclarece como aconteceu o processo de construção da proposta do MIT e do MITPJK[279]. Diz que a ANAÍ, que ele representa, não faz distinção entre povos reconhecidos e não reconhecidos.

[278] Até onde eu saiba, isso nunca foi feito.
[279] Curso de Magistério Indígena Tapeba, Pitaguary e Jenipapo-Kanindé.

educação indigena CC.indd 635 26/10/2015 11:43:40

Acrísio sai em defesa da Funai. Esclarece que, legalmente, não podem utilizar recursos destinados aos povos reconhecidos a outros, não reconhecidos. Helena retoma a palavra, provoca Ivo, que acaba se envolvendo com a provocação e fala forte com Helena. Oliveira, professor de história da UFC, se mete na discussão, acusando a Funai também. Acrísio rebate sua crítica. O clima fica tenso. Tive a impressão que Oliveira e Helena eram porta-vozes das posições de Francisca Adelaide que, desde as primeiras críticas aos cursos, parece ter interesse em produzir a ideia de que estamos dividindo os povos indígenas. Josefa tentou intervir pedindo calma e serenidade nas discussões. Mas o seu tom de voz estridente, autoritário, me parecia alguém tentando apagar fogo com gasolina.

Nos encaminhamentos finais, Oliveira faz nova provocação: a Funai mantém ou não o apoio financeiro para deslocamentos? [*A questão emergiu a partir da indisposição da Seduc de financiar as passagens dos índios para as reuniões da CIEEI, questionada por Ivo, sob o argumento de que se a CIEEI era articulada pela Seduc, esta deveria arcar, no mínimo, com as passagens dos índios*]. Oliveira minimiza a discussão levantada por Ivo. Tenta parecer prático. No fundo, parece não querer aprofundar a questão política. [...]

Josefa diz que "a Seduc não separa povos reconhecidos de não-reconhecidos" e que a Secretaria assume as despesas de deslocamento de todos os povos. Diz ainda que "os índios escolheram o projeto de magistério que queriam fazer".

Karla Monteiro, da Igreja Metodista, lembra que muitos dos conflitos advêm do adiamento da última reunião marcada da CIEEI e da exclusão dos parceiros da reunião da Seduc com professores, no dia 9 de junho. Propõe que se faça uma reunião da CIEEI para esclarecer.

Marinêz, da Pastoral Indigenista da Arquidiocese de Fortaleza, endossa a fala de Karla. Lembra que alguém da Seduc chegou a classificar como "traição" a realização dos projetos de magistério indígena. Sugere que se faça uma reunião para esclarecer.

*[*As falas de Karla e Marinêz são tranquilas, seguras, fortes. A fala de Marinês, sobretudo, cobrando maturidade das pessoas para discutir e aparar as arestas].*

educação indigena CC.indd 636 26/10/2015 11:43:41

15 de julho de 2001

Viajei sábado ao Acaraú. A rodovia estruturante está muito conservada, além de ter uma paisagem das mais belas, sempre muito verde. Karla não veio comigo, como das últimas vezes, desde que começaram as articulações em torno do magistério Tremembé. Despendemos muita energia. Ela diz que precisa de uns dias de férias.

Vim dar acompanhamento pedagógico aos professores-alunos. Deverei desenvolver atividades relacionadas às disciplinas Prática Orientada de Ensino Fundamental Tremembé, que seria desenvolvida por Karla, e Prática Orientada de Pesquisa em Educação.

Fiz uma breve pausa, enquanto escrevia, para matar uma muriçoca enorme que me picava ao braço direito. Este inseto se constitui no único desafio considerável nesta minha vida de *pesquisador-artífice* [..]. Por isso, entre meus apetrechos de pesquisa na área, o repelente é o mais importante e que lembro antes de qualquer outro.

Aproveitei a vinda para visitar meus pais e encontrar Dimas Carvalho, amigo de infância, intelectual, com quem divido (e muito mais recebo) informações e reflexões sobre nossa *sui generis* cidade. Sempre conversamos alguma coisa sobre minha *pesquisa-arte [...].* Sempre lhe falo dos Tremembé. Foi Dimas quem me disse que o padre Antônio Tomaz morreu em 1941. Falei a ele das histórias que escutei de alguns de mais idade dentre os tremembés da Praia, que me relataram cenas e detalhes do translado das imagens da Igreja de N. S. da Conceição de Almofala, mesmo não tendo participado deste evento, que aconteceu ainda no século passado, por volta de 1898, e relatado pelo padre poeta. Observei que muitas narrativas Tremembés sobre fatos do passado invertem, trocam, reconfiguram no tempo e no espaço personagens e acontecimentos.

Fui visitar Viêdo, meu primo, que leva uma vida muito diferente do convencional. Não havia ninguém em sua casa, mas as portas de sua modesta casa estavam abertas. Animais, objetos e tudo mais se encontravam absolutamente disponíveis a quem chegasse. Tive vontade de vir embora, mas não resisti à contemplação de um casal de guaxinins que se encontravam presos a coleiras, como a dos cães. Foi o contato mais íntimo que pude obter até hoje com o animal, por excelência, celebrado no Torém. Um macho e uma fêmea ("uma

educação indigena CC.indd 637 26/10/2015 11:43:41

gauxela", me diria mais tarde a Raimundinha) pareciam muito acostumados com a presença humana e com as coleiras. Suas mãos são excepcionais. Acumulam funções múltiplas, como andar e correr, subir em árvore ou apalpar muito suavemente qualquer coisa que toquem. Parecem ser os instrumentos mais importantes de sua morfologia corporal. Viêdo destaca a versatilidade do animal: "ele é uma mistura de mucura com urso e macaco: sabe pescar, sobe em árvore com uma rapidez incrível, come fruta, carne e peixe". Sobre o comportamento do animal, nota que "ele mexe em tudo, rasga, não deixa nada quieto". Observei que seu focinho está sempre molhado, pingando às vezes. Tem audição e faro muito sensíveis. São brincalhões e afetivos entre si. Não chegam a ser como os cães, mas parecem bastante amigáveis com os humanos.

[...]

16 de julho de 2001[280]

Praia.

Observação de aulas.

O ambiente é cinematográfico: a brisa suave, constante, envolvente desta manhã de 2ª feira nos engloba, este pequeno círculo de gente miúda, como o pequeno Davino, e gente grande, como João Venança, eu, Godofredo (missionário evangélico) e Isabel (sua mulher), que dá aula sob o pé de castanha, no pátio que batizei de "terreiro da Dijé".

Isabel põe um exercício na pequena lousa verde:

MATEMÁTICA
ACHE O VALOR DO TERMO DESCONHECIDO
__ + 8 = 20 __ + 6 = 28 __ - 6 = 4
__ + 5 = 15 __ + 23 = 56 __ - 17 = 32
__ + 4 = 10 __ + 28 = 38 __ - 8 = 52

[280] *Diário de Campo*, n. 4, p. 149-207.

educação indigena CC.indd 638 26/10/2015 11:43:41

Estão presentes os alunos: *Corujinha* (Angelina), Babim, Tiago, Gardênia e Francisco.

Godofredo, simpático, me saúda e puxa uma conversa. Retribuo a saudação com igual postura e entro na conversa. Pergunto sobre o porquê de as aulas estarem acontecendo neste espaço. Ele justifica que o espaço dentro da escola estava pequeno, além de misturar todas as turmas.

Por duas vezes, Godofredo observa que Isabel não é professora. Enfatiza isso sobretudo quando pedi permissão para observar sua aula.

Gardênia vai ao quadro e tenta resolver um dos problemas propostos, com a ajuda de Francisco e Babim.

Isabel, sentada ao lado de Angelina, faz apontamentos e atende Tiago, personalizadamente.

O exercício no quadro me parece baseado em um conceito e uma didática que mais dificultam do que facilitam o aprendizado da Matemática. É abstração demais! Sinto necessidade, antes um incômodo, de métodos mais vinculados às práticas culturais dos Tremembés, dessas crianças. Talvez por essa razão a Matemática seja considerada pelos alunos e professores o *bicho-papão* das disciplinas.

A conversa com Godofredo girou, em grande parte, em torno do magistério. Falei do processo recente e o tempo em que já estava pesquisando a EDITE, antes que surgisse esse momento. Mais uma vez, Godofredo esclarece que Isabel nunca havia dado aulas antes e que sua experiência de magistério começou com os Terena, no Mato Grosso, quando uma professora indígena pediu que ela a substituísse em uma turma.

Convidei-os a participar do próximo curso, em agosto. Ele justificou que não esteve no Seminário de maio por que seu carro havia quebrado.

Esta conversa serviu para me aliviar do incômodo que eu sentia em relação à presença deles na escola. Eles são evangélicos de uma linha explicitamente missionária. Karla me disse que eles são das "Novas Tribos". De modo sutil, às vezes, noutras vezes menos sutil, eles deixam claro seu ideal de evangelização dos Tremembés. Sintoma disso é a aula de Bíblia, incluída no currículo da Escola Maria Venância, desde a chegada deles.

educação indigena CC.indd 639 26/10/2015 11:43:41

Nem sei bem a razão da mudança dos meus sentimentos, do porquê agora me encontro sereno, sem preocupações em relação a Godofredo e Isabel. Talvez porque saiba que a vida dessas crianças comporta muitas mudanças. Tudo é muito flexível.

Continuação dos exercícios

FAÇA AS SUBTRAÇÕES

251	121	409	348	
-129	-21	-209	-121	
482	1545	482	3333	
-369	1223	-12	-2121	

FAÇA AS MULTIPLICAÇÕES

122	45	12	80	340
x7	x7	x7	x8	x8
412	122	510	1111	
x8	x9	x9	x9	

Finalizei agora uma boa conversa com Godofredo sobre critérios de identidade étnica. Porque ele me observara que a cultura dos tremembés é a "cultura regional".

A relação de Isabel com as crianças é amistosa, gentil, atenciosa. Embora ela permaneça sentada a maior parte do tempo, está sempre atenta e solícita aos apelos dos alunos.

Agora ela propõe um "ditado": "FUZIL" *[Tiago reclama que não sabe o que é e que não sabe como escrever]*; "BARRIL"; "ANEL"; "ANZOL"; "CARACOL"; "HOTEL"; "CORONEL"; "ALUGUEL"; "LENÇOL"; "VIAGEM".

Tenho a impressão que Isabel não tem a preocupação de selecionar palavras do universo das crianças. E se tem, não deixa clara a intenção de introduzir novas palavras em seu universo. Ela diz que "quem errar, fará 5 vezes a palavra".

As crianças a tratam como "Tia Isabel".

Continua o ditado: "NUVEM"; "HOMEM"; "SOM"; "ÁLBUM"; "IRMÃO"; "VULCÃO"; "MANHÃ"; "ROMÃ".

educação indigena CC.indd 640 26/10/2015 11:43:41

Sobre o local da aula e a opção de tirar a turma da sala de aula para este local, lamento que a decisão de Isabel não traga outros efeitos, muito mais positivos, desta mudança.. A saída da sala não traz acréscimos didáticos, parece não influenciar significativamente as situações de aprendizagem. O ambiente ao ar livre, as plantas e outros elementos não contribuem com os procedimentos/conteúdos teórico-metodológicos da professora.

Intuitivamente, fui escrevendo as palavras com maiúsculas. Agora, que ela está escrevendo na lousa, me dou conta que ela escreve em maiúsculas. A palavra barril ela escreve "bARRIL", com 'b' minúsculo e o resto das letras em maiúsculo.

Além de escrever na lousa, ela passa a vista no caderno de cada aluno. Antes, ela havia proposto que os alunos trocassem os cadernos para fazerem as correções, coisa que eles se recusaram a fazer.

A relação das crianças, de modo generalizado, com Godofredo parece amistosa, afetiva. Uma estratégia utilizada por ele para aproximar-se, no início, foi trazer refrigerantes e biscoitos em alguns dias especiais, como as 6ªs feiras, servindo este raro lanche após as aulas de Bíblia. Tiago, Babim e outros hoje comentavam o quanto haviam comido em um desses momentos, que parece ter-se dado recentemente, em Itarema. Tiago, brincando, observou que o tamanho da barriga de Godofredo era por causa do quanto ele comia.

Godofredo compactua com a brincadeira, prometendo buscar comida naquele instante. Francisco pede que ele traga pizza, "uma não, mas cinco pizzas".

Uma novidade nas brincadeiras: Léo e outro garoto, irmão de Gardênia, mais Janiel, brincava de beisebol com uma bola de tênis e tacos feitos de talo de palha de coqueiro. Léo improvisou uma luva com uma caixa de leite longa-vida. O garoto batia as bolas jogadas por Léo. Janiel aparava as bolas, posicionando-se atrás de Léo. Eles brincavam na parte mais próxima à escola, entre as traves do campinho de terra, improvisado recentemente com a colocação de duas traves feitas com estacas longas, amarradas na parte superior com um barbante, que serve de 3º pau da trave.

Sentada, Isabel, chama os alunos para apresentarem seus ditados, começando com Babim, mandando que escreva uma palavra.

educação indigena CC.indd 641 26/10/2015 11:43:41

Angelina apresenta seu exercício. Trata Isabel por "muié" [mulher], pedindo para ela sair do sol. Esta variação de tratamento, de "tia" para "muié", parece indicar a flexibilidade ou, antes, a pluralidade de posturas que podem se estabelecer nas relações sociais dentro das práticas de escola. Há um espectro de posturas, como um arco-íris, que garante variações circunstanciais.

O espaço de relações de intimidade se confunde, ou admite, por vezes, o distanciamento e a formalidade. O termo "muié", assim, vira "tia", dependendo da comunicação a ser feita. Quando Angelina apresenta seu ditado, chama-a de "tia", pois se trata de atender a uma expectativa gerada dentro da relação professor--aluno. É o professor quem tem a autoridade, que diz a hora de começar a aula, que passa os exercícios, que os corrige, que orienta, enfim que realiza todas as ações de *comando* do que fazer, das posturas, do *disciplinamento* do corpo e da aprendizagem. O poder emana do professor e se distribui sobre os corpos de cada um e de todos. A reação dos alunos, embora permeada de resistências, de pequenas dispersões, de improvisos pessoais, de fugas momentâneas, de *tomada-de-si* nas mãos ao pegar a bicicleta e ficar passeando no pátio em plena aula, por exemplo... apesar de toda essa aparente flexibilidade, no final das contas, as posturas dos alunos são de corroboração do poder administrado pela professora. É a professora quem suscita a fala dos alunos, cobrando que respondam às questões que elabora no quadro, neste último exercício de "Dar o aumentativo das palavras".

A aula agora se apresenta a mim como um dispositivo de reprodução de um conceito de poder, o mesmo que parece dar sustentação às relações sociais mais amplas em uma sociedade autoritária, dependente e conivente dos centros catalisadores/gestores de poder.

Palavras para dar o aumentativo: Amigo; Animal; Casa; Chapéu; Voz; Gato; Homem; Muro; Pé; Rapaz.

Como a lousa havia sido apagada, pedi a Angelina que lesse as palavras para mim.

11h20. Já merendamos arroz com feijão e 3 bolas de carne de soja com molho, que possui um gosto muito característico de conserva.

Agora, Isabel brinca de "forca" com os alunos. É hora do recreio, que acontece no final da aula.

educação indigena CC.indd 642 26/10/2015 11:43:42

Formaram-se dois grupos. Angelina e Gardênia levavam a "tia" a uma certa distância em que não podiam ser escutadas pelos meninos, para combinarem as palavras a serem compostas na brincadeira. Se, de um lado, o envolvimento da professora na brincadeira, no recreio, parece fortalecer os laços afetivos entre estes dois segmentos sociais das práticas escolares, de outro lado, a presença de Isabel parece indicar que, até o momento da livre expressão, do lúdico, do "fora" parece ser apreendido, englobado, assimilado e "disciplinado", constituído como "currículo". Sintoma disso, Isabel conduz a brincadeira, escrevendo as palavras na lousa e sendo tratada pelos alunos por "tia".

Isabel pede que os alunos respondam "rapidinho, porque tá acabando a aula", sinalizando, corroborando a minha observação de que o *lúdico* e o *fora* se tornaram *disciplina*.

No intervalo, puxo uma conversa com Isabel. Pergunto quais subsídios ela usou em sua aula. Ela me diz que "usou livros da escola". Acha que "Os livros são fracos, estão todos no mesmo nível".

Raimundinha, segundo Isabel, não teria indicado nenhum conteúdo nem algum plano.

Pergunto qual o critério de escolha dos conteúdos. Isabel diz que "tô pegando os conteúdos básicos da 2ª série".

Há três meses que substitui Raimundinha.

Teve experiência de magistério. "Estávamos fazendo missiologia no Mato Grosso do Sul... Era pra filhos dos alunos companheiros missionários, para crianças de 3ª série", diz Godofredo. Enquanto escrevo, Isabel reclama dos borrachudos e formigas que a picam.

Formação: estudou até a 8ª série. Fez *prática de ensino*. Pergunto por que parou de estudar. "Porque casei, há 25 anos, com 18 anos".

educação indigena CC.indd 643 26/10/2015 11:43:42

Desde 1997 recebe *formação para atividades com povos indígenas*. Mas, ainda não fez *estudos de "Análise Cultural" e "Linguística"*. Citam o SIL[281]. Godofredo diz que vão ser avaliados entre outubro e novembro. Se for constatado que o trabalho é "deficiente", eles voltam, vão a Anápolis/GO fazer os cursos. Eles admitem que não fizeram nenhum curso de História e Antropologia Tremembé.

São membros da Igreja *Batista da Convenção*.

Pergunto quais são os pontos positivos das aulas. Ela diz que são os relacionamentos com as crianças. O desafio é que "são distraídas; no início, não queriam fazer nada".

Pergunto como foi feita a avaliação. Ela fala que fez uma prova, "sem nota, só para conhecimento". Não se orienta por nenhum sistema de avaliação de notas. "Não sei se eles têm um sistema de avaliação e notas". Godofredo esclarece que é porque Isabel imaginava ficar só um mês, e Raimundinha pediu a ela para ficar todos os meses de sua licença gestante.

Isabel diz que os conteúdos que escolhe partem das necessidades maiores deles, dos alunos.

São naturais de São Paulo.

Este é o primeiro trabalho com comunidade indígena.

Têm dois filhos. A filha faz Missiologia no Mato Grosso do Sul. A escolha pelo Nordeste se deu pela facilidade de zona urbana, cidade. A filha tem dificuldade em regiões de difícil acesso.

Godofredo fez até a 8ª série. Foi ferramenteiro por 22 anos. Também é proprietário de uma drogaria.

Retomo o assunto da "distração" das crianças. Ela diz que "elas não têm interesse, às vezes. Os pais não incentivam".

[281] *Summer Institute of Linguistics*. Trata-se de uma organização presente em vários países das Américas, que preparava sobretudo missionários, entre outros indigenistas, para atuarem em *campo*, ensinando-lhes as línguas dos povos indígenas em que iriam desenvolver suas atividades, mormente de conversão evangélica desses povos.

educação indigena CC.indd 644 26/10/2015 11:43:42

Volto ao tema da escolha dos conteúdos. Ela confessa que não fez nenhuma sondagem com os alunos.

Pergunto qual o conteúdo do Estudo bíblico. Eles me dizem que é *História do Povo de Deus*: *análise do contexto histórico, cultural, linguístico, como surgiu o Povo de Deus e o plano em relação ao homem*. Dizem ainda que as crianças manifestam interesse, "sobretudo as maiorzinhas".

Godofredo, admite que veio aqui "pregar a palavra de Deus". Diz que falou com João Venança e Raimundinha. Diz que Raimundinha teria conversado (com quem?) e teria recebido autorização.

Godofredo diz que se o estudo bíblico não tivesse sido na escola seria em outro espaço, inclusive com os adultos.

Pergunto como a disciplina "Estudos Bíblicos" pode contribuir com a formação intercultural. *Interculturalidade*: como fazer na prática isso, nessa disciplina? Outro desafio: como vão diferenciar sua intervenção, em relação ao outros missionários ao longo da história dos Tremembé, considerando que suas ações não impediram todas as perdas vividas?

Godofredo diz que: "Estamos em desvantagem porque não queremos oferecer nada de concreto, de material, mas espiritual". "Meu propósito não é que eles vão para uma igreja lá fora, mas que eles constituam uma igreja própria, com as características e a roupagem deles". "Me preocupo com a situação deles. Não sei o que fazer em relação à terra. Se pudesse, mandava fazer um decreto". "Antes, eu não amava. Agora, aprendi a amar estas pessoas".

A despedida de Godofredo, Isabel e seu filho é, sinceramente, amistosa. Sinto-me ainda mais aliviado. Dentro do espaço que tivemos, pude dizer-lhes em forma de questionamentos, das concepções e valores que tenho em relação à EDITE e aos rumos da vida do povo Tremembé.

Acredito que eles vão aprofundar sua visão sobre sua intervenção aqui, a partir dos questionamentos sobre interculturalidade, escola, história das intervenções missionárias por aqui, conceito de evangelização etc.

Gostei da sinceridade e da transparência com que ele revelou seus propósitos. Senti ampliar-se minha capacidade de tolerância e de respeito à diferença. [...]

educação indigena CC.indd 645 26/10/2015 11:43:42

São 13h15, agora.

Tarde.

Encontro pedagógico das disciplinas Prática Orientada de Ensino Fundamental Tremembé (POEFT) e Prática Orientada de Pesquisa em Educação Escolar Tremembé (POPEET), com as professoras e candidatas da Praia[282].

[Estes encontros mensais, de 5 horas/aula cada um, desenvolvidos nas localidades onde há escolas, foram assumidos como parte da estratégia de acompanhamento da prática de ensino e de pesquisa dos participantes do Curso de MIT]

Participantes: Liduína, Neide, Andreína, Rita, Raimundinha, Aurineide, Gilsa e Alana.

Fiz a apresentação dos Objetivos e Procedimentos da Disciplina.

Fiz uma sondagem e tomei nota das principais dificuldades sentidas pelos professores na sua prática de ensino:

- Neide: despertar o interesse para a leitura.
- Rita: valorizar a própria história dos Tremembé.
- Aurineide: como desenvolver temas como "plantas medicinais" com alunos da alfabetização e pré-escolar.
- Raimundinha: como envolver mais os pais nas atividades da escola e como conquistar a credibilidade da comunidade.
- Liduína: como despertar o interesse dos alunos e como melhorar as técnicas de ensino (didática).
- Andreína: como melhorar a aprendizagem.

[...]

[282] As anotações acerca deste evento foram feitas originalmente no NT e, por ocasião da digitação do Diário, inseridas aqui.

educação indigena CC.indd 646 26/10/2015 11:43:42

Desenvolvi, brevemente, algumas técnicas de planejamento e de registro das práticas pedagógicas, visando fortalecer estas práticas entre as professoras/candidatas.

Como encaminhamento deste encontro, fiquei de trazer um texto de didática da Vera Candau e outros (para Andreína, particularmente). [...]

Ao final, na avaliação, Neide achou que este encontro "abriu mais as ideias, eu não sabia fazer um planejamento". [...]

17 de julho de 2001

Manhã.

Levantei depois das 7 horas. Dormi como uma pedra, por causa da "pau-dentro" e da Colonial que comprei em Itarema para tomarmos – eu, Dijé e Lizete – enquanto esperávamos os telefonemas de Penélope com notícias e de dicas sobre a detenção do Luís Rosa, pescador, marido de Lizete.

Senti dores de barriga. Tomei um chá de capim-santo. Zé Raimundo, sempre solícito, é quem muitas vezes prepara comida e remédios para mim, quando raramente preciso destes.

Zé Raimundo está com uma aparência bem melhor, mais forte, até com barriga! Está mais corado e o olhar mais vívido.

Viajei com João Venança à Passagem Rasa. Parei em Itarema para abastecer o Ataualpa, meu velho buggy, que está novinho, pintura nova, motor recondicionado. Vim também para pagar Nazion, do mercantil onde Karla fez as compras (fiado) para a etapa passada do curso de MIT.

A Passagem Rasa é uma região da área Tremembé sempre muito bela, verde, agradável de se ver, sem cercas, a terra livre, muita mata, poucas habitações. João Venança sempre comenta algo, como hoje: "É um lugar maravilhoso para se fazer uma retomada de terra indígena. Mas tem pouca gente e o pessoal é medroso". Diz que chegaram a fazer uma reunião para combinar a

educação indigena CC.indd 647 26/10/2015 11:43:42

retomada, mas o projeto falhou porque ninguém do local aceitou ocupar a casa do posseiro, habitada por um único morador que está no local. "O posseiro é o Binu Monteiro, irmão do Zé Maria Monteiro. Ele já tá velho e tem dois filhos que não tão nem aí pra nada".

Trouxemos um kit de energia solar para a casa de Zé Domingos, onde o instalei com a ajuda muito oportuna de Zé (Zerivan). Fiz fotos do momento da "inauguração", quando Zé Domingo puxou o cordão que liga o interruptor da luz da sala. Pedi que *dona* Alba (?) testasse do mesmo modo a luz da cozinha.

Tarde.

Farinhada na casa de Vilca, professora, na Passagem Rasa.[283]

Rotina da Farinhada, segundo Arlindo, forneiro, meu informante [neste trecho]:

O forneiro levanta a 00h00 para fazer o fogo e esquentar o forno. Dorme (?) novamente até 1 hora, quando levanta pra assar a farinha, até as 16h30. "Se o forno estiver muito aquecido, a gente tem que se esforçar e trabalhar mais, pra não queimar a farinha. Se a gente deixar o forno mais brando, se esforça menos, mas o trabalho termina mais tarde".

O almoço é feito às 11 horas, quando o prenseiro substitui o forneiro.

Às 16h30 para, dá um tempo para esfriar o corpo e tomar banho. "Se tomar banho com o corpo quente tem problema, pode *estoporar*, dar um *derrame*". [Estoporamento: ficar vermelho, botar sangue pelo olhos, pelo nariz].

Tempo livre: depois das 16h30, até deitar-se [cedo, para acordar à 00h00].

Jantar: 18 horas – 18h30.

"Para forneiro é pesado se for namorar. O sono fica mais difícil".

Semana de trabalho: 3ª feira a sábado. O domingo é utilizado para o transporte da mandioca para a Casa de Farinha, feita pelos comboieiros.

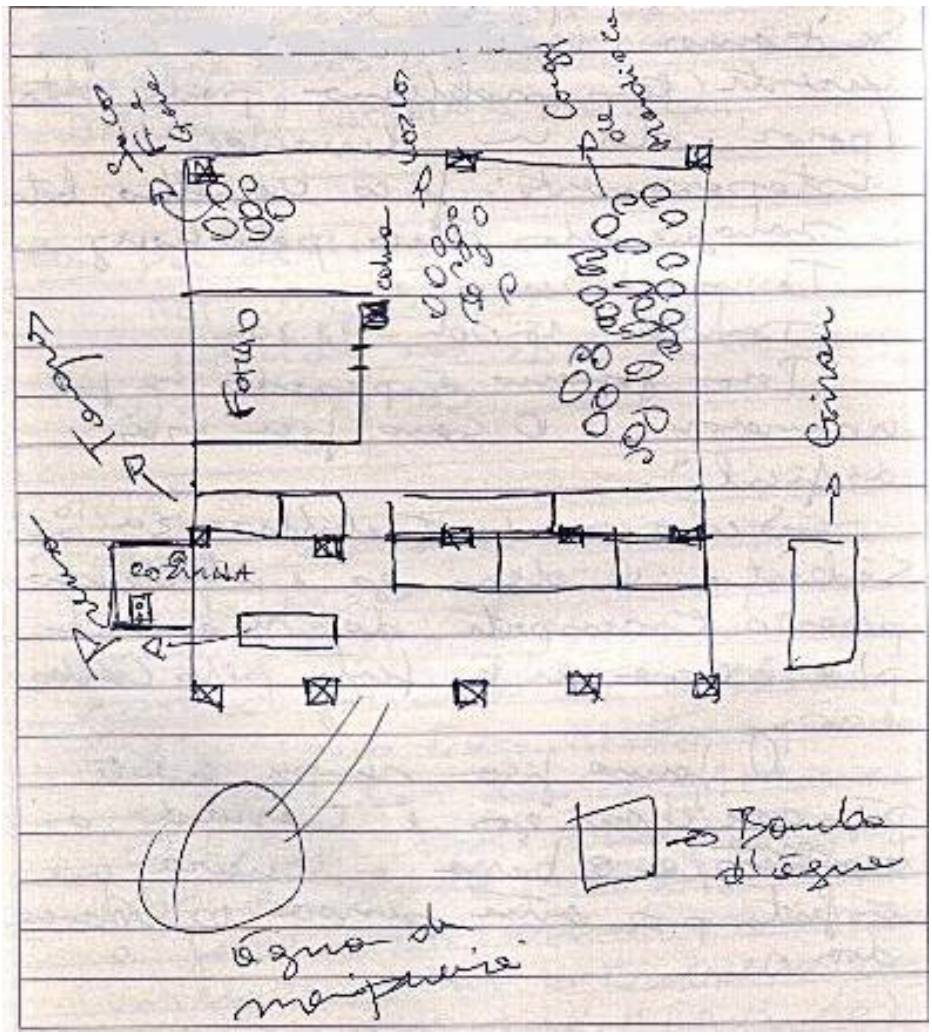
[283] Optei por omitir aqui a quase totalidade das descrições detalhadas desta coleta, por entender que, assim como outros processos produtivos dos tremembés que observei e registrei, ocupariam muito espaço neste diário, aguardando a oportunidade adequada para publicá-los.

educação indigena CC.indd 648 26/10/2015 11:43:42

O forno fica sempre quente porque aos domingos são torradas a goma, a borra e a crueira, o que é feito por outras pessoas, os arrancadores.

Após a janta, se houver alguma atividade, geralmente participa.

Quando conclui o tempo da farinhada, volta ao trabalho de agricultor.



Diário de Campo, n. 4, p. 186

educação indigena CC.indd 649 26/10/2015 11:43:43

Noite.

Reunião na Casa de Zé Domingos, liderança tremembé local.

João Venança abre a reunião falando que "trouxe uma nova tecnologia", referindo-se à energia solar, que fornece eletricidade para a sala de entrada da casa de Zé Domingos, onde estamos reunidos.

João Venança pede que eu me apresente. Digo que sou professor da Universidade, pesquisador da escola Tremembé, amigo dos Tremembés, atualmente trabalhando a formação de professores pela Universidade, com apoio da Funai, MEC, Igreja Metodista e outros.

João Venança dá alguns informes sobre:

- Reunião com os Pitaguary.
- Vinda do PSF [Programa Saúde da Família], que começou o trabalho hoje.
- Reunião de pajés e lideranças que deverá acontecer aqui, na Passagem Rasa, "como forma de movimentar as coisas por aqui".

João Venança apresenta informações básicas sobre a aquisição dos kits de energia solar:

- Critério: ser associado ao CITA.
- Administração: pela Escola Maria Venância, "que foi por meio dela que veio o benefício". *[*João Venança parece pretender manter o controle e a influência da Praia sobre a Passagem Rasa, e não entregá-lo ao CITA, que tem um peso maior de pessoas da Varjota].*
- "Não dá choques".
- "Não pesa no bolso, como a outra [a da COELCE[284]]".

Manuel questiona se "só pode receber quem for do CITA". João Venança argumenta que, embora a administração deva ficar a cargo da Escola Maria

[284] Companhia de Eletricidade do Ceará.

educação indigena CC.indd 650 26/10/2015 11:43:43

Venância, acha que deve ser um critério a pertença ao CITA, pois os projetos devem beneficiar primeiramente os sócios.

"Até quando tem que pagar?", pergunta Manuel. João Venança esclarece que depende do acordo feito com o IDER[285]. *[...]*

Saí da reunião para atender Vilca, que viera conversar comigo, como parte da orientação do curso de MIT prevista nas disciplinas POEFT e POPEET. Ela não havia participado do encontro, na Praia. [...]

Ao final da orientação, ela avaliou como sendo pontos positivos o modelo *de plano de aulas* que desenvolvi com ela, as dicas sobre o *diário de frequência* e o fato de a orientação ter sido feita em "casa". Achou, porém, que o tempo foi pouco. [...]

Após comentar a reunião com João, dormi no mesmo cômodo, de entrada da casa, onde se deu a reunião.

18 de julho de 2001

Manhã, durante o café.

João Venança comenta a respeito da atitude de Francisca Adelaide, que "quando uma pessoa vem à área, já vem com o mapa feito, as casas que vai visitar, onde vai comer, com quem vai falar. Quem deveria decidir é a gente". E, noutro momento: "Ela quer mandar demais. Quando se aperta muito uma coisa, ela se quebra". Refere-se talvez à ruptura que parece se evidenciar cada vez mais entre ele e esta postura autoritária de Francisca Adelaide.

Estávamos conversando sobre o fato de que Fernando pretende fazer os dois cursos, o "da Seduc" e o MIT, como João Venança me disse que ele mesmo havia confessado. *[*Posição crítica de João Venança em relação à Seduc: 1) "Trazer professor de fora, que não conhece a realidade das comunidades indígenas no Ceará"; 2) "Faz as coisas sem conversar"; 3)As caras das técnicas: fechadas].*

[285] Instituto de Desenvolvimento de Energias Renováveis.

educação indigena CC.indd 651 26/10/2015 11:43:43

Visita ao Sistema de Irrigação da Passagem Rasa:

João Venança, Zé Domingo e sua filha adolescente e eu, passamos pelo Córrego Grande, com água nos joelhos. O buggy foi deixado à margem da lagoa, que ganha água sempre por ocasião do inverno. O terreno é muito propício à olaria. À margem e em partes mais altas, secas, do "corgo" [como eles o chamam], há sinais de trabalho com tijolos e, às vezes, pilhas inteiras deles. [...]

[De longe, me chamou logo atenção a presença de torneiras espalhadas pelos terreiros das casas e os esguichos de irrigação distribuindo abundantemente água sobre as fruteiras (bananeiras, mamoeiros, laranjeiras etc). Uma enorme caixa d'água azul e o catavento usado para bombear a água do poço garantiam o abastecimento suficiente para umas 15 famílias beneficiadas com o sistema, que foi instalado pela Funasa. Senti o quanto soluções simples, com tecnologia rudimentar, podem mudar a qualidade de vida das comunidades tremembés. Chico Izídio, um dos moradores beneficiados, nos ofereceu coco, banana e mamão, sinais da fartura presente ali].

Na ida à Varjota, João Venança me guiou por uma nova estrada, que atravessa a terra da Passagem Rasa. Há muito tempo eu não via tanta terra livre, sem cerca, tomada pelas espécies vegetais nativas da mata litorânea cearense.

Chegando à Varjota, encontramos Luís Caboco e *seu* Mané Maroca, no prédio da escola. Dandão também estava lá, cumprindo pena[286].

Por problemas de comunicação com Zé Valdir, não ficou esclarecido o horário em que iriam acontecer as orientações (POEFT e POPEET). Zé Valdir havia convocado os professores pela manhã. Eles acabaram por ir embora, depois de me esperarem até às 10h30, quando cheguei.

[...]

Conversei com Dandão com sua situação criminal:

Antes da condenação, ele já ficou preso por alguns períodos:

- Em Acaraú: 2 meses, em 1984 (início: 11/março/84)

[286] Além do recolhimento durante todo o final de semana, Dandão foi obrigado, por decisão do juiz da Comarca, a cumprir trabalho voluntário na escola da Varjota, às 4ªs feiras, como relatei anteriormente.

educação indigena CC.indd 652 26/10/2015 11:43:43

- Em Itarema: 4 dias (2 dias antes dos julgamentos anteriores, nos quais ele foi absolvido)
- Depois da condenação: 7/agosto/2000 até hoje.

Tempo de pena: 6 anos e 8 meses (80 meses)

Advogado atual: Dr. João Acioly. Dandão o viu uma vez, no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Itarema, quando assinou uma procuração.

Diz que fala sempre e somente com a Francisca Adelaide sobre o processo. Diz que é ela quem fala com o doutor João Acioly e que o manda vir.

Diz também que Amâncio teria andado pelo Fórum, "ajeitando uns papéis".

Dandão estranha: "dizem que esse advogado é uma camaradagem danada com o juiz".

Diz que Francisca Adelaide está meio chateada porque ouviu uma conversa, que ele, Dandão, teria dito que "o advogado é lento". Ela teria dito que se ele quisesse, podia procurar outro advogado. Ele teria dito a ela que não tinha dinheiro para pagar outro advogado.

Diz que ela ajuda, "facilita o transporte com o Chico Nezinho". Ela é quem paga.

Avalio com Dandão o que pode ser feito: entrar em contato com Francisca Adelaide para ela solicitar ao advogado que faça uma petição ao juiz para cumprimento do restante da pena em liberdade, uma vez que foi cumprido 1/6 da pena.

Ele me pergunta se posso entrar em contato com João Acioly. Esclareço que não vou fazer isso, por amizade a ele próprio, Dandão, que poderia sofrer retaliações de Francisca Adelaide, caso soubesse que eu o estou orientando no processo. João Venança concorda comigo.

Dandão tem receio de perder o apoio no transporte. João Venança acredita que não seja Francisca Adelaide que, propriamente, esteja pagando o Chico Nezinho, mas que a despesa faça parte do convênio da OT com a Funasa para o transporte dentro da área. [...]

educação indigena CC.indd 653 26/10/2015 11:43:43

[...]

Conversa com seu Valdir sobre a Farinhada:

[A conversa se deu na varanda de sua casa, no fim da tarde. Eu não havia tido a menor intenção de conversar com ele sobre o tema, muito menos, de dar à conversa a forma de uma entrevista semiestruturada, como acabou acontecendo].

Pergunto sobre o que *vale* na farinhada, considerando o pouco retorno financeiro, como pude perceber nas informações obtidas com Vilca. Ele diz que vale por que fazem em família, isto é, não têm muito gasto. Gastam com a comida. Mas não com o feijão. Gastam com a "mistura": a carne, o peixe. *[*A mistura parece ser a parte nobre do alimento, o que é mais caro e aquilo que dá o sabor a todos os outros elementos da refeição. Lembro que quando perguntam "o que tem para comer", a resposta reduz-se a essa "mistura": peixe, galinha etc. O feijão, a farinha e outros elementos não possuem status de definição da categoria de cardápio].*

Então, se a farinha não tiver preço, serve para o sustento da família; senão, teriam que comprar. "A farinha é igual ao peixe. Tirou o *tramambé* [sic] do peixe, está-se morto. Não se come todo tipo de carne".

Como era a farinhada no passado?

"Não mudou muito não: faziam o mutirão e cada família ajudava as outras a fazerem sua farinhada. Assim, a gente passava o verão". "Cada mulher ganhava uma cuia de manipueira. Ninguém pagava ninguém". "A gente ajudava para também ter a ajuda dos outros". "Não se pagava a ninguém". "A gente vendia uma parte da farinha, se tivesse que comprar um sapato, uma roupa, ir ao médico". "Cada Casa de Farinha tinha um grupo que cuidava. Tanto fazia arrancar uma carga, como dez". "As mulheres que não podiam, por alguma razão, raspar mandioca, mandava uma filha". "Tinha muita mulher".

Como mudou, quando se passou a pagar?

"A gente passou a pagar trabalhadeira quando uma pessoa da família não podia ir ajudar à outra família e, do mesmo modo, a da outra família não podia ajudar". "Faz uns 15 anos que se começou-se [*sic*] a pagar".

educação indigena CC.indd 654 26/10/2015 11:43:43

Por que parou-se de ajudar?

"Começaram a casar com os de fora. Antes, casavam com primo, primo-irmão". "Tem trazido um desastre, essas pessoas de fora que os filhos trazem. Porque eles não querem entender o nosso jeito" *[*Lembro o caso de Damião!]*[287]

Por que passaram a casar fora?

"Esse bicho moço é perigoso. Chega a simpatizar outra criatura. A gente não pode mesmo governar nossa parte de amizade, de amor". "A gente ouve falar de mulher que apanha, que o marido judia, e não tem coragem de deixar".

Quando passaram a casar mais com os de fora?

"Há uns 10 ou 15 anos. Daqui mesmo, já tem 3 meninas casadas com homens do Camundongo. *Pratrasmente* [sic] era mais difícil". "Tem uma filha minha que um rapaz do Camundongo pediu ela. Foi na semana passada. Ele queria levar ela de muda". [Conta os detalhes de como se deu: o rapaz o procurou e disse que sua filha estava grávida]. O rapaz queria levá-la, e levou de vez para a farinhada do Camundongo. Diz que, agora, ficou sem uma pessoa, mas que há muita gente pra raspar.

O que teria causado o aumento nos casamentos com os de fora?

"O pessoal esquentou muito. *Pratrasmente*, as mulheres daqui casavam com mais idade. Os homens, com mais de 25". Falo que fui padrinho de Robério, de 17 anos. João Venança casou com 15 ou 16 anos. *Seu* Valdir confessa que casou com 19 anos. Diz que aconselha às filhas a "não se encostarem muito em homem não, porque mulher é palha e homem é fogo".

Pergunto se essas mudanças estariam ligadas a outras mudanças em suas vidas.

Ele diz que não saberia muito como dizer. Observa que os jovens já não gostam muito de trabalhar. "Eles estão um pouco desobedientes. Isso mudou muito". "Antes, quando uma moça saía, antes de escurecer estava em casa. Hoje, sai pra noite afora, chega no outro dia".

[287] Trata-se de uma pessoa de fora, casada com uma tremembé, que insistia em apropriar-se individualmente de um terreno comunitário, oportunizando um grave conflito, redundando em sua expulsão da *comunidade*.

educação indigena CC.indd 655 26/10/2015 11:43:43

O que tem de melhor nos jovens de hoje?

"Só um ponto que melhorou: hoje, qualquer jovem, precisando ele ajuda numa escrita, numa leitura".

E a mudança do trabalho, como ele vê o trabalho de professor desenvolvido por muitos jovens na comunidade?

"Isso adiantou muito! Mas o que trabalha, não deixou. Tem que ver quem são os que estão trabalhando e os que não estão".

Pergunto se as mudanças têm a ver com o problema da terra.

"Os jovens não estão interessados na luta pela terra". Acha que estão mais interessados na televisão, telefone, estrada.

Se há uma diferença entre os professores e os jovens, em geral:

"Até agora, ainda não. O interesse ainda é pouco. É preciso eles se esforçarem um pouco mais. É preciso saber onde ficam os marcos da terra, saber o que fazer". "Eu sou aluno de uma professora que mudou mais de 80% na luta pela terra". (Filho do *seu* Valdir, que assiste à conversa).

Seu Valdir, sobre a *influência da TV nas práticas sexuais dos jovens*:

"Essa tal televisão influencia muito". Aponto elementos para analisar as mudanças: problemas de terra e meios de comunicação, estradas etc. [...]

23 de julho de 2001[288]

Local: Escola José Alexandre/Capuan/Caucaia.

Curso MITPJK

Grande festa! Articulação impressionante. Presença da tv, jornais, Conselho Estadual de Educação – CEC (Soraia?), Jean Alves (CGAEI/MEC), Estér

[288] *Diário de Campo*, n. 4, p. 208-213.

educação indigena CC.indd 656 26/10/2015 11:43:44

(Funai/Brasília), SEDE-Caucaia, povos indígenas e suas lideranças, Sandra Petit (Faced/UFC), entre outros.

Dei entrevista para a TV Verdes Mares. [...]

Foi feita a abertura com o *toré* das crianças, puxado pelos tapeba, Cláudio e o filho de Dourado, que é professor. Entre as músicas que eles cantaram, as que achei mais belas foram: "É Deus no céu e os índios na terra"; "Comida de caboco":

[Solista] É Deus no céu
[Coro] E os índios na Terra (bis)
[Solista] É Deus no céu
[Coro] E os índios na Terra (bis)
[Solista] E vamos ver quem pode mais
[Coro] É Deus no céu
[Solista] E vamos ver quem pode mais
[Coro] É Deus no céu
Comida de caboco
É samambaia, é samambaia, é samambaia.

Outros representantes e suas instituições:

- Socorro Leal: Seduc
- Prof. Guerra: UECE/Dep. de História
- Ted Pontes (?): Prefeito de Caucaia.

Foi feito o hasteamento da bandeira nacional e canto do hino nacional.

*[*Ambíguo! Sensacionalmente solene! Politicamente "genial"! Servem-se dos símbolos da "identidade" nacional, mas para reivindicar o direito à diferença e à autonomia]*

Em sua fala de abertura, João Venança fala da "honra", da importância do evento, e do apoio das muitas entidades presentes: "A coisa bonita é quando se constrói uma casa. Quando vai se construir uma casa, deve-se escolher o canto certo. Pela madrugada, ver onde sopra o vento mais frio: ali haverá paz". "Tremembé, Pitaguary, Jenipapo-Kanindé e Tapeba estão construindo essa casa juntos. Os povos indígenas junto com os parceiros".

educação indigena CC.indd 657 26/10/2015 11:43:44

Madalena serve água de coco gelado, na quenga do coco, para os convidados de honra.

O representante do prefeito de Caucaia fala de um "novo tempo, de reconhecimento e apoio aos tapeba".

Soraia Gentil[289], diretora de auditoria do CEC, diz que o Conselho quer "fazer as coisas com base no pensamento indígena. Queremos aprender com sua realidade. Queremos fazer valer o estudo dos alunos e a formação dos professores".

Estér (Funai/Brasília): "Queremos atender e zelar pela educação indígena". "Queremos levar este trabalho de vocês a uma efetivação". Parabeniza pela iniciativa. Vai estar durante a semana toda, vai trabalhar legislação.

Dra. Sandra Petit: "Estou feliz em estar aqui hoje. É um momento muito importante para a Faced e os povos indígenas. Um projeto construído com a participação. Que tem a cara dos indígenas. Estou feliz por atender uma reivindicação antiga – que ainda não havia sido atendida. Houve uma articulação de anos, mas só agora estamos vendo se realizar. Espero contribuir". "Outro ponto importante: a visibilidade do projeto para toda a sociedade". [...]

Socorro Leal (Seduc):[290] *[...]*

- Agradece o convite para o evento.
- Lembra do curso com os tremembés.
- Usa as palavras do João Venança e diz que "aqui já soprou o vento frio".
- Manifesta empolgamento.
- Parabeniza a coordenação (cita meu nome, Karla, Ivo e da Faced).
- Diz que é um momento rico porque estão criando a CIEEI. Diz que já houve duas reuniões, que estão concretizando o sonho.

[289] Nome fictício.
[290] Registrado no *notebook*.

educação indigena CC.indd 658 26/10/2015 11:43:44

- "A gente vai somando todas essas ações e tendo uma educação de qualidade. A Secretaria também tem um curso de educação indígena. O que a gente *tá* vendo é o fortalecimento da educação indígena". [...]

Jean Alves, CGAEI/MEC *[...]*

- Agradece o convite.
- Parabeniza os organizadores.
- Avalia que "cursos desse tipo é [*sic*] fundamental não só para cumprir a LDB, mas melhorar a educação indígena".
- Deseja sucesso a todos.[...]

Sra. Mirtô (?), SEDE-Caucaia (representante da doutora Josélia, secretária de educação) *[...]*:

- Diz que a SEDE está apoiando o evento, que disponibiliza transporte, xerox e uma técnica para acompanhar o Curso.

Dourado, APOINME:

- Diz que está feliz: um sonho de três anos
- Agradece as participações das pessoas (cita nomes)
- "Muito importante a participação da mídia"
- "Durante três anos pedimos e esperamos. Decidimos arregaçar as mangas"
- Cita entidades que apoiaram: Funai, SEDE/Caucaia, Faced/UFC

[...]

[*Enquanto Daniel fala, observo a parede que serve de anteparo à mesa, ricamente ornada, com uma toalha de fina renda, sobre a qual foram postos arranjos feitos com cocos verdes, folhas e flores de mangueira e cachos de coquinhos. Na parede, uma imagem de N. S. das Graças, sobre a qual se pode ler "Ave-Maria rogai por nós" (*sic*)].

educação indigena CC.indd 659 26/10/2015 11:43:44

[...]

Tarde

Mesa-Redonda

Jean Alves: exposição sobre legislação indígena: formação e recursos *[...]*:

- Recursos financeiros para formação de professores: "podem e devem ser usados recursos do FUNDEF (cita lei - ? – artigo 7º)"
- Papel da universidade
- Seduc: criar Núcleo de Educação Indígena
- Na semana passada foi criada a comissão de Professores Indígenas ligada ao MEC, que irá estabelecer políticas e analisar projetos/programas de formação de professores.

Dourado:

- Historiciza como o projeto de magistério TPJK e Tremembé foram elaborados.
- Denuncia *[...]* que a Seduc foi morosa em relação ao magistério e que, por ocasião da mobilização em torno destes projetos, teria dito que "não era banco", para financiar os cursos MIT e MITPJK. Questiona, citando a fala de João Venança, qual o critério para apoiar somente o projeto elaborado por ela mesma para os "povos não-reconhecidos".
- Informa que os Tapeba foram ao Ministério Público denunciar a Seduc.

Jean:

- Informa que 60% do FUNDEF é para a formação de professores e 40% para a manutenção. Diz que é repassado para os municípios e que varia de ano a ano e em conformidade com a série em que o aluno está matriculado. Diz que os Estados, portanto, têm recurso para isso.
- Com relação ao salário, existem recursos destinados pelo Orçamento. O FUNDEF assegura parcela desses recursos.

educação indigena CC.indd 660 26/10/2015 11:43:44

[**A resposta de Jean é técnica, asséptica, quase evasiva. Talvez prefira esta posição, por não conhecer ou por não querer se intrometer nas questões internas a esta realidade*]

Nildo: Denuncia a Seduc: "só vive enrolando, enrolando e não paga os nossos salários". "Aonde a gente deve ir?". "Só tem documentos bonitos!"

Jean: Que se leve essas reivindicações à Seduc, ao Conselho de Educação do Estado, ao Conselho da Infância e Adolescência.

Vários, além de Dourado, reagem dizendo que já foram, que estão de mãos cansadas.

Soraia Gentil, do Conselho de Educação do Ceará (CEC): *[...]*

- Pede perdão pelo atraso com que estão chegando junto à realidade indígena.
- Diz que o papel do CEC é fiscalizar.
- Informa que chegou ao CEC uma denúncia vinda do Ministério Público.
- Sugere que façam um relatório e façam uma audiência com o presidente do CEC. Diz que o presidente tem esperado um convite.
- Informa que até agora o CEC não recebeu nenhuma legislação ou cadastro sobre escolas indígenas no Estado.
- Considera que seja muito importante o contato com o Colegiado do CEC.
- Diz que o CEC é um órgão deliberativo, normativo e fiscalizador da educação.
- Diz que o CEC vai ajudar a legalizar a educação indígena no Estado e vai cobrar da Seduc seu papel.

Jean sugere que se leve uma proposta de regulamentação das escolas, da carreira indígena e dos cursos de magistério. Acha que seria uma primeira aproximação.

Dourado:

- Diz que parece que há má-fé por parte da Seduc. Cita Francineide, "coordenadora da educação indígena".

educação indigena CC.indd 661 26/10/2015 11:43:44

- Informa que desde 1992 dão aulas como voluntários, "por amor, mas só o amor não enche barriga".

Jean:

- Acha que o importante é a criação da carreira de magistério indígena, como condição para obter os recursos do FUNDEF. Plano de carreira, concurso público, remuneração, formação continuada: são as ações a serem implementadas.

Mocinha, tapeba:

- Fala da necessidade de remuneração para ajudar em casa, porque o trabalho de professora toma tempo que deveria ser destinado às coisas de casa e o cuidado das crianças.
- Diz que Francineide teria sugerido que ela esperasse pelo atraso do pagamento, caso demorasse 3 ou 4 meses.

Jean:

- Sobre Merenda Escolar, informa que o governo federal disponibiliza recursos.
- Quanto ao pagamento de merendeiras, amanhã vai se reunir com a Seduc e se informar sobre o que está acontecendo com o atraso de pagamento dos professores.

Mocinha insiste em querer que Jean informe o que pode estar acontecendo com o atraso, se o dinheiro fica em caixa para criar juros, "porque quando é pra pagar, eles pagam tudo de uma vez!". Pede desculpas.

Estér (Funai/Brasília): Acha importante que se crie o Conselho Estadual de Educação Indígena, que é deliberativo. Esclarece que não é o NEEI [Núcleo de Educação Escolar Indígena], que não é deliberativo.[291]

[291] Os NEEI's foram organizados em alguns estados, nos primórdios da organização do sistema nacional de escolas indígenas, ligados diretamente às secretarias estaduais de educação e, quase sempre, como uma especialização de suas funções. A ideia do Conselho – que no Ceará tomou o nome de Comissão Interinstitucional de Educação Escolar Indígena – era a de constituir um espaço de participação efetiva dos povos indígenas e seus parceiros nas decisões das políticas de educação escolar indígena.

educação indigena CC.indd 662 26/10/2015 11:43:45

Jeová (Pitaguary):

- Informa e questiona o porquê de os professores da região de Crateús terem começado a dar aulas em abril e já estão sendo pagos.
- Pergunta a Jean "o que o MEC tem pra nós que vamos iniciar o magistério?"

Jean:

- Considera de grande importância que instituições como a Funai e a Universidade estejam presentes neste projeto. Diz que deve ser levado às câmaras superiores, ao CEC, ao Conselho Universitário, à Faculdade de Educação. *[...]*

Bete, professora tapeba:

- Diz que têm escolas diferenciadas há 9 anos. Pergunta o que fazer diante do convênio que paga somente 9 professores e deixa de fora os outros 30 professores Tapeba.
- Denuncia que a Seduc está colocando computadores nas escolas, sem possuir infraestrutura. Tem receio da segurança, "porque se trata de um patrimônio público".

Soraia Gentil (CEC):

- Diz que o que está se vendo aqui é uma aberração da lei, referindo-se à contratação de professores indígenas. Cita a lei dizendo que enquanto não houver concurso público, as Secretarias podem fazer contratos temporários, sem determinar prazo de tempo.
- Acha que o caminho é conversar com o presidente do CEC, que pode chamar os secretários de educação e resolver de vez esta questão.
- Reafirma a aberração.

Jean:

- Endossa a fala de Soraia Gentil.
- Fala da resolução n. 3, que fala da carreira de magistério indígena.

educação indigena CC.indd 663 26/10/2015 11:43:45

- Diz que se pode fazer o contrato temporário ou o convênio, que teria que ser completado com um "aditivo".
- Tenta amenizar as incompetências e descasos do poder público dizendo que "muitas vezes não se trata de má vontade dos gestores, mas entraves burocráticos".

Tereza (SEDE/CAUCAIA):

- Diz que há sete conselheiros que deliberam o que deve ser feito com os recursos.
- Afirma que há transparência nos gastos e nas prestações de conta.
- Diz que ainda não foi repassado ou não tem conhecimento da verba de formação de professores para a SEDE.

Nildo pergunta se o FUNDEF pode apoiar o magistério financeiramente

Tereza:

- Esclarece que o repasse só poderia ser feito às escolas indígenas conveniadas com o município.
- Considera que todo o município cresce com este projeto de magistério indígena.
- Diz que estão contribuindo com xerox, papel-ofício. Reafirma que só podem repassar recursos às escolas cadastradas no município.

Dourado: Sugere que busquem os recursos junto ao município e ao Estado

Tereza: Afirma que o que estiver dentro da lei, e com a boa vontade do prefeito de Caucaia, será feito.

Max: O que fazer para encaminhar o Conselho Escolar Indígena?

Jean:

- Cita a Resolução 14/2001
- Informa sobre a existência de um *Manual* na Internet, na página do FNDE[292] *[...]*

[292] Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Parece ser este manual o documento que Jean lia, oferecendo informações sobre legislação indígena.

educação indigena CC.indd 664 26/10/2015 11:43:45

Estér:

- Informa que vai distribuir um texto sobre como formar Conselhos
- Diz que o Conselho é interinstitucional. Tem a presença da Universidade. É ligado à Seduc.

[...]

Jean:

- *[Dirige-se diretamente a mim]* Diz que espera, em breve, ter diretrizes para a formação de professores indígenas, para as Universidades e Secretarias. Afirma que o MEC vai apoiar o nosso projeto de magistério.

Estér (Funai):

- Papel da Funai: 1)Edição e distribuição de material didático; 2)Funcionamento de escolas indígenas: apoio quando as secretarias de educação não conseguem atuar: recursos financeiros e técnicos; 3)Casa de Estudantes indígenas, em nível médio e superior; 4)Capacitação de professores indígenas, como aqui, no Ceará; 5)Assistência a estudantes indígenas fora da aldeia. A Funai apoia onde os outros órgãos não conseguem ou não podem apoiar, apesar de receber poucos recursos.
- Provocada por Soraia Gentil (CEC), esclarece que a Funai trabalha, em nível de educação, também com os povos não reconhecidos.

João Venança:

- Reflete sobre "as quatro culturas diferentes com as quais o índio tem que se bater": 1)Civilização; 2)Democracia; 3) (?); 4)Globalização.
- Diz que não está aqui para falar mal da Seduc, mas que tinham que fazer alguma coisa para formar os professores...
- Diz que a professora. Josefa "deu uma punhalada no meu coração" quando disse que os professores indígenas sem diploma não valiam nada. [...] Conta que foram eles, Tremembé, que decidiram fazer alguma coisa. Convidaram pessoas que pesquisavam lá: eu, Karla, Ivo, Júnior, "que conhecem nossa realidade".

educação indigena CC.indd 665 26/10/2015 11:43:45

- Diz que ainda há pessoas que estão tentando desqualificar este curso e que até estão dividindo o povo Tremembé. Pergunta qual a posição do Jean, "como vossa excelência está vendo esta parceria, que estamos chamando, para caminhar".

Jean:

- "A parceria de várias instituições da sociedade civil, de apoio aos povos indígenas, e organizações do Estado em um projeto como este tem toda a possibilidade de ser recomendado ao Conselho".
- "É um direito". Vê a iniciativa com muitos bons olhos.

Estér: sobre a questão dos índios não reconhecidos, acha preocupante a forma como tem sido dito. Diz que a Funai não exclui, mas apoia. "Ainda é um pouco complicado: porque ainda não têm a terra demarcada, não foram reconhecidos. Houve casos de apoio a povos não reconhecidos na questão da fiscalização da terra. Até que a questão da terra se resolva, muita coisa não pode ser feita. Outra coisa: é importante considerar que se precisa planejar as ações, nada é feito de um dia para o outro".

Eu:

- Lembro o Parecer do CEC, de novembro/96, reconhecendo a educação indígena, embora sem detalhar formação de professores.
- Sugiro a constituição de um GT para encaminhar as sugestões de Jean e Soraia Gentil.
- Argumento que o caminho a ser feito é primeiramente fazer as coisas, depois buscar o reconhecimento, que é o que acontece na relação dos índios com o Estado, ao longo da história.

Daniel (cacique Pitaguary):

- "Já começamos este caminho há tanto tempo e não vimos nada!".
- Denuncia que "não tem construção de escola, merenda escolar, livro didático". "Isto é um verdadeiro massacre".
- Diz que talvez tenham que usar outra estratégia para os índios do Ceará serem vistos em Brasília.

educação indigena CC.indd 666 26/10/2015 11:43:45

João Venança:

- Endossa a fala de Daniel sobre a merenda: diz que a mãe deixou de se preocupar com a merenda dos filhos, quando as escolas passaram a dar merenda. O problema é que falta a merenda e não sabe quando ela chega. Diz que isso está atingindo as escolas públicas e indígenas: as mães acostumaram as crianças com a merenda das escolas, não fazem mais merenda.

Dourado:

- Lembra o massacre de Coroa Vermelha, na Marcha Indígena a Porto Seguro, por ocasião dos festejos dos 500 anos do Brasil.
- Diz que há entidades indigenistas que querem colocar os índios do Nordeste contra os do Norte. Cita as organizações indigenistas. Diz que têm que ter cuidado. "Quanto mais parceria conseguirmos pra ajudar nós melhor, porque nós estamos aqui para juntar e não para dividir".

Mocinha comenta a fala de João Venança: diz que antes tinham terra, rios livres. Hoje em dia têm o rio poluído: se forem comer, vão pegar doenças.

Jean: Fala do Programa Nacional da Merenda Escolar: encaminha recursos para todas as crianças. Idem em relação ao livro didático, para escolas que constem do Censo Escolar realizado pelo INEP[293]. Trata-se de programas universais, para todos os alunos matriculados em escolas públicas.

Estér: Diz que o curso de magistério indígena do Ceará está sendo bem visto pela Funai. Prova disso é o apoio financeiro às etapas realizadas até agora.

Eu historicizo a mobilização em torno do magistério, particularmente, a tentativa de envolver a Seduc.

Max: Endossa minha fala. Fala que há uma inversão de papéis: a Seduc é que deveria buscar o diálogo e os parceiros. Têm sido os povos indígenas que têm nos convidado.

[293] Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas em Educação.

educação indigena CC.indd 667 26/10/2015 11:43:45

Jacinta (Funai/PB): "Fiquei muito triste quando a Socorro (Leal, da Seduc) disse que agradecia o convite. Ela foi convidada! Os papéis estão invertidos! Eles é que deveriam organizar as parcerias".

Soraia Gentil (CEC): sobre a legalidade do curso, diz que a UFC é federal. "O diploma tem validade, porque a Universidade tem autonomia. Depois que tem que ser registrado junto ao MEC. A Seduc não tem competência para dar diplomas, pois é um órgão de governo do Estado. Se quiser dar diploma, tem que fazer um convênio com uma Universidade. Se o curso for dado pela UVA ou UECE, o curso tem que ser submetido ao CEC. Se o curso é em nível médio, tem que ser submetido ao CEC".

[...]

Margarida (tapeba):

- Dificuldades, mas também vitórias foram alcançadas: "não imaginava nunca que a gente pudesse estar aqui"
- Fica feliz com as parcerias. No início, houve polêmica entre estado e prefeitura [mandato anterior, contra os tapeba], "não tinham nenhum compromisso com a educação". Com a mudança de gestor, resolveram manter a parceria com o município.
- "Apesar de haver crianças desnutridas, a gente está nutrido de fé e de esperança".

Dourado: Diz ao Jean: em relação às denúncias feitas sobre a Seduc: quer saber se haveria um espaço para ir alguma liderança na reunião que ele fará com a Seduc.

Jean:

- Vai telefonar para saber se é possível.
- Agradece aos parceiros.
- Reafirma o apoio da CGAEI a este projeto de magistério.

Soraia: Agradece o convite. Diz que aprendeu muito. Quer continuar participando de momento como estes, com o qual está encantada. [...]

Daniel: Pede desculpas se falou alto demais em relação ao governo: "o que a gente quer é ação". "Se a gente não colocar aqui, não vai conseguir nunca". [...]

educação indigena CC.indd 668 26/10/2015 11:43:46

[As atividades foram encerradas com uma grande roda de toré, com participação massiva dos presentes, incluindo os representantes das instituições].

24 de julho de 2001

Reunião GT's MIT e MITPJK[294]

Local: Escola de Ensino Fundamental José Alexandre – Caucaia/CE

Participantes: Solange (CEC), Creusa (Funai), Soraia Gentil (CEC), Zé Maria (Jenipapo-Kanindé), João Venança (Tremembé), Madalena (Pitaguary), Nildo (Tapeba), Karla (Igreja Metodista), Ivo (ANAÍ), Max Maranhão (Faced/UFC), eu (Faced/UFC).

INFORMES:

- Soraia apresentou um documento elaborado por professores e lideranças denunciando a Seduc *[*cfr. Cópia do documento, intitulado "Comunicado ao conselho de educação do estado do Ceará (sic)– Sra. Sônia Nobre"]*
- Reunião marcada pelo próprio presidente do CEC, Marcondes Rosa, com professores, lideranças indígenas e seus parceiros: amanhã, às 9 horas.

25 de julho de 2001[295]

Reunião com o Conselho de Educação do Ceará

Local: Plenária do CEC

[294] Respectivamente: Magistério Indígena Tremembé e Magistério Indígena Tapeba, Pitaguary e Jenipapo-Kanindé.
[295] Registrado no *notebook*.

educação indigena CC.indd 669 26/10/2015 11:43:46

Estamos atrasados. Um grupo que está vindo com Creusa ainda não chegou. Enquanto isso, assistimos a um vídeo com uma reportagem com os Tapeba sobre o Estatuto do Índio, que há anos está em elaboração e discussão no Congresso e que, nos últimos tempos, tem mobilizado o movimento indígena nacional. O presidente do CEC assiste ao vídeo.

A continuação do vídeo é uma matéria da TV Diário sobre o *show* que eu fiz no dia 19 de abril, no Centro Dragão do Mar, com a participação de tapebas, tremembés, pitaguarys, jenipapo-kanindés e paiakus, além de outras reportagens da TV Jangadeiro, TV Verdes Mares e TV Diário sobre a questão indígena.

[**O professor Marcondes Rosa, sem muita discrição, comenta com uma de suas assessoras a aparência física de Jeová, alto, de pele e cabelos claros, questionando a autenticidade de sua identidade indígena. Soraia se aproxima de Jeová e, em tom de brincadeira, diz que ele terá que se justificar. Uma outra técnica, sem nenhum pudor, chega até Jeová e o chama de "misturado"*.]

[...]

Após mais de uma hora de atraso, com a chegada do outro grupo, a reunião se inicia com a dança do toré/torém. *dona* Raimunda, Adelson, Weibe e Cláudio (Tapeba), João Venança (Tremembé) e Daniel (Pitaguary) puxam a dança, rodeados pelas crianças do grupo Tapeba de toré.

[Umas duzentas pessoas estavam presentes, entre crianças, professores, candidatos ao magistério e lideranças indígenas, representantes das instituições parceiras e de apoio aos cursos de magistério e/ou do movimento indígena].

Dourado explica a dança. Convoca os adultos a formarem uma roda de toré/torém, para se iniciar os trabalhos.

João Venança puxa uma música. Antes, pede que todos se coloquem de pé e se deem as mãos. Pela primeira vez, nesses últimos tempos, ouço-o puxar uma música diferente, mais próxima dos cultos de jurema e umbanda. A anterior dava "graças a Deus, meu bom Jesus, foi ele quem morreu na cruz".

Daniel e Mocinha, um de cada vez, puxam músicas. Mocinha apresenta uma música que me parece inédita. Pela falta de acompanhamento, acredito que seja também inédita para os demais.

educação indigena CC.indd 670 26/10/2015 11:43:46

Os gritos e gestos largos dos que puxam, em uma roda constituída ao centro, me parecem mais largos que os de costume. É a primeira vez que eles ocupam este espaço, a plenária do CEC. Parecem querer *tomar posse* do lugar, torná-lo familiar, talvez mais do que simplesmente afirmarem suas identidades ao presidente do CEC, que assiste ao *espetáculo* sem evidenciar suas emoções. Ele permanece com uma revista nas mãos, observando a evolução da roda e escutando as canções que se sucedem.

Nildo, e depois Mocinha com o Maracá na mão, descem até a cadeira de Marcondes Rosa. Mocinha parece tê-lo convidado a subir até o elevado em que se encontram as poltronas dos conselheiros e onde está se dando a dança. Ele se deixa conduzir meio sem jeito, com o constante apoio de Mocinha, que o introduz e informa sobre como dançar o "Brandim Poti", sobretudo por causa da inversão feita durante o verso "ta siripintim ta". Mocinha permanece abraçada com Marcondes, acompanhando seus passos tímidos, curtos, mas que manifestam alguma vontade de aproximar-se *deste* mundo:

Brandim, brandim poti
Brandim, brandim poti
Taaaa... [inverte-se o sentido da roda]
Siripitim ta
Siripitim ta
Sripitim ta
Brandim, brandim poti
Brandim, brandim poti

Aplaudido efusivamente ao subir ao palco, Marcondes desce, ao final da dança, com um colar Tapeba ao pescoço. Toma a palavra, saúda o grupo que acabou de chegar, diz que já conversou com algumas das lideranças. Informa que o governador do estado está sabendo desta reunião e diz que vai levar até ele os resultados desta.

Dourado fala sobre a situação geral dos povos indígenas e suas terras. Convida os caciques a falarem.

João Venança, Tremembé, faz suas colocações: "Senhor Presidente, bom dia. Vimos com uma *carência* chegar até vossa excelência." *[*Seu tratamento*

educação indigena CC.indd 671 26/10/2015 11:43:46

formal ao presidente revela a formalidade esperada deste evento]. "Não quero jogar pedra na Seduc" *[mas apresenta as situações de desassistência: falta de formação de professores, salários atrasados]*. "Fomos desconsiderados pela própria professora Josefa" [coordenadora de Ensino Fundamental da Secretaria, responsável pela Educação Indígena]. Informa que é uma iniciativa com apoio de parceiros. Fala que o magistério foi iniciado com os tremembé e que não foi possível incluir todo mundo por causa das distâncias [em que se encontram os povos Tabajara, Potiguara, Kalabaça, Kariri, Tupinambá – na região de Crateús, sudoeste do Ceará. Os Kanindé – de Aratuba e Canindé – foram convidados a participar do Curso, mas não haviam ainda se manifestado]. Pede o apoio e que seja reconhecido o curso de magistério.

Daniel, Pitaguary, saúda primeiramente o presidente, depois a Funai. Agradece o acolhimento nesta Casa. Pede o apoio governamental, a ajuda financeira para as escolas diferenciadas: merenda escolar, livro didático, formação diferenciada de professores. Diz que o governo tem obrigações e que tem que cobrar, se não, nada é feito. Fala que os povos *não reconhecidos* [sic] também estão reivindicando *[...]*.

[**As crianças ocupam a primeira fila, antes de nós todos, que estamos sentados. Elas estão sentadas no batente à nossa frente. Suscitam-me um sentimento religioso antigo, uma imagem dos tempos de criança: anjos da guarda que velam o caminho. Aqui eles parecem servir de anteparo, suavizando as falas tão sérias dos caciques, que nos atingem de cheio, a mim, a Estér (Funai/*Brasília*), Marcondes Rosa, caciques e outras lideranças*].

Zé Maria, Jenipapo-Kanindé: Como os demais, saúda solenemente o presidente do CEC. Lembra a situação de massacre e as desassistências da Seduc. "Vejo falar que tem professor tapeba que faz um ano que ensina e não recebe nada. Por que a Seduc não se responsabiliza pela merenda? A Seduc cobra que sejam 200 horas-aula [dias, na verdade]. Cobra do índio o que é do *branco*".

Ivonilde, presidente da Associação das Comunidades Tapeba: *[Mocinha articula, cochichando com Dourado e depois com Ivonilde]* Aponta diferenças, positivas, entre a escola do branco e as escolas indígenas. Reivindica merenda. *[Nildo também se aproxima de Ivonilde e cochicha]*. Diz que há crianças que pedem esmolas para ajudar em casa. Diz que a escola diferenciada começou quando

educação indigena CC.indd 672 26/10/2015 11:43:46

um filho seu foi obrigado a cortar o cabelo para poder entrar em sala de aula (do município). Diz que começou a escola debaixo de uma mangueira, com Bete. *[*Marcondes escuta Ivonilde com aparente atenção e interesse. Seus óculos nas mãos, mão ao queixo, levemente cobrindo a boca, ele balança a cabeça afirmativamente, como que concordando ou compreendendo as situações relatadas]*. Ivonilde continua falando que a Seduc está enviando computadores e televisão, mas não têm merendeiras e vigilantes. Questiona até quando vão ter que trabalhar como voluntárias. Fala de como foi feito o projeto de magistério, citando meu nome e o de Karla. Fala do magistério Tremembé. Lembra que cada povo é um povo, é diferente.

Raimunda, Tapeba, vice-presidente da Associação. Diz que a situação de hoje é melhor, por causa dos apoios. Lembra que o apoio inicial foi de *dom* Aloísio e que devem todo o apoio recebido depois a ele. Deseja que na Ponte tenha escola indígena, e que seja gerida pelos próprios índios, inclusive com pagamento de professor. Diz que se as terras tivessem sido demarcadas, não precisariam estar aqui, reivindicando. Diz que sua grande luta é pela demarcação das terras. Culpa o governo federal.

Após as palavras de Raimunda, as crianças se retiram.

Jeová, vice-presidente do Conselho Pitaguary, fala de um documento que teriam feito para esta reunião. Chama o convênio de pagamento de professores com a Seduc de "fajuto", pois são considerados "cursistas" e não professores no contrato. Diz saber que os professores poderiam ser contratados enquanto professores. *[Como professores temporários? Ou como professores indígenas em formação, como a Secretaria de Educação do Estado fez em Minas Gerais com os Maxakali?]*

Nildo, representante dos professores: Informa que estiveram reunidos com o Secretário de Educação. Diz que ele está informado do que está acontecendo. Diz que como os poderosos, na frente do povo eles dizem uma coisa, depois, nada fazem. Diz que querem educação não de quantidade mas de qualidade. Entende que, como povos indígenas, são diferentes, mas querem qualidade. Diz que não está aqui para *baixar o pau* na Seduc. Mas apresenta as desassistências do Órgão. Diz que a Seduc considera que os professores Tapeba não têm condição de serem professores e que não sabem elaborar um

educação indigena CC.indd 673 26/10/2015 11:43:47

relatório, que seus relatórios são de *branco*. "Existem coisas que estão acontecendo com os técnicos da Seduc que nós não estamos aguentando mais". Diz que talvez tenham que fazer um movimento, mas que esta reunião já ajuda... Diz que não fomos eu e Karla que fizemos o curso de Magistério, mas que foram eles que quiseram e fizeram o projeto do curso. "Há professores que estão passando necessidade porque abraçaram a causa da educação". Diz que sempre envolveram a Seduc, com convites, ofício. "Em momento algum a Seduc ficou fora". Diz que ela se mobilizou somente quando eles começaram este projeto de magistério. Diz que eles trouxeram técnicos de fora, de outros estados, que não conhecem sua realidade, e que preparam um projeto para eles, sem escutar os povos indígenas. "Nós somos povos fortes, poderosos, vamos vencer". Frisa, várias vezes, que não deixaram a Seduc fora em nenhum momento. Diz que o Órgão obrigou a escolher entre os projetos, o que ela preparou ou os dos povos indígenas, bem como que iriam financiar somente o projeto da Seduc. Pergunta pelas verbas do FUNDEF. Diz que a Seduc "pouco se lixa com a nossa educação". "É preciso a gente estar se humilhando para conseguir algum material didático". Diz que a Seduc, na frente do Secretário, desmentem os índios. Diz que faz vergonha o material didático enviado: cola vencida, papel amassado. "Eu acho que estamos no lugar certo, no momento certo". "Muitas pedradas estamos levando". "São povos, são índios que estão à frente deste projeto". "Estou quase caindo, mas não é de emoção, é de cansaço de tanto trabalho por causa deste projeto". Pede ajuda do presidente do CEC, para que o massacre não continue, não o massacre de sangue, mas de alma e de espírito. Insiste mais uma vez que a Seduc foi convidada sempre. Diz que foram obrigados mendigar à Seduc "um feijãozinho" e que receberam uma negativa. Mais uma vez cita meu nome e diz que estão aqui não porque eu os chamei, mas porque eles estão organizados e fortes. Finaliza convocando os caciques para puxarem a música "Quem deu esse nó não soube dar", referindo-se a todos os que secularmente tentaram e tentam atar nós na vida dos povos indígenas.

[A fala longa de Nildo, 30 minutos, é plena de emoção, de força, de convencimento, de denúncia e esperança a um só tempo, suscitando momentos de profundo silêncio e atenção da plateia].

educação indigena CC.indd 674 26/10/2015 11:43:47

Quem deu esse nó
Não soube dar
Quem deu esse nó
Não soube dar
Esse nó tá dado
Eu desato já
Esse nó tá dado
Eu desato já
Oi, desenrola essa corrente
Deixa os índios trabalhar
Oi, desenrola essa corrente
Deixa os índios trabalhar
Quem deu esse nó
Não soube dar
Quem deu esse nó
Não soube dar

Depois da música entoada pelos caciques e lideranças, Nildo retoma a palavra e complementa que nas reuniões com o secretário e "sua cúpula", foi informado que o CEC estaria sendo informado do que estava acontecendo em relação à educação indígena. "Nós, professores, estamos sendo ludibriados pela Seduc". Diz que ficou sabendo por Soraia que o CEC não recebeu quase nenhuma informação sobre as escolas indígenas.

Petrônio, Funai ADR/PB: Lembra a trajetória da política indigenista do Estado brasileiro, classificando-a de "perversa" em alguns momentos. Agradece a participação da sociedade cearense no apoio aos índios. Diz que acredita que o Presidente do CEC será um aliado da educação indígena.

Marcondes Rosa: "estamos discutindo não só ideias, mas paixão". Diz que ficou emocionado com o depoimento de Ivonilde, quando seu filho teve que cortar o cabelo. Lembra Darcy Ribeiro e a LDB, que criou o direito de ser diferente em educação. O Congresso Nacional e o Brasil aprovaram o direito à diferença. Capítulos da LDB reconhecem a diferença. Fala que o papa e dom Aloísio pediram perdão pelos desrespeitos à diferença. Fala do seu pecado: diz que participou de várias reuniões. Ouviu reivindicações há tempos, citando Francisca Adelaide que esteve algumas vezes com ele. Diz

educação indigena CC.indd 675 26/10/2015 11:43:47

que ouve as reclamações dos povos indígenas a partir de fora. Diz que quer fazer uma ponte com os povos indígenas. "Eu não vou dizer que o CEC vai resolver todos os problemas, mas vamos fazer o que vocês fizeram comigo: vamos colocar todos na roda".. Diz que vai chamar todas as instituições para conversar. Fala que esteve em uma conferência com povos indígenas em que a merenda, em alguns povos da Amazônia, era distribuída com toda a aldeia, e não só a escola. "Quero sair daqui com o sentimento de que vamos trabalhar juntos". "Há algumas pessoas que vocês citaram que fazem parte do CEC". "Vamos conversar diretamente com o governador do Estado". Lembra que há uma comissão na Assembleia Legislativa. Sugere estabelecer uma linha de conversa. Diz que dentro de alguns dias vão ter reuniões específicas sobre educação indígena no CEC. Pede que sejam superadas as intolerâncias. Fala sobre identidade e mudança, com uma imagem telúrica: um rio começa com uma gota e termina com uma foz enorme, nem por isso deixa de ser um rio e de ter uma identidade. Fala dos espíritos, do Espírito Santo e dos outros espíritos que os índios trouxeram para cá. Pede que seja feito um pacto. Pede que sejam valentes, que lutem para afastar e derrubar os espíritos maus e as barreiras. Promete fazer um relato de tudo para o próprio governador do Estado. Diz que ele está muito interessado na educação indígena. "Se vocês não tiverem escola, nós vamos para a cadeia, o secretário e eu depois". Pede às lideranças que forneçam subsídios. Diz que prefere depoimentos vivos. Diz que é fundamental que os meios de comunicação escutem os índios. "Os próprios repórteres, tem que ser feita a cabeça deles". "Vamos pôr todo mundo em uma mesa, *em choque*, não precisa todo mundo se entender". Lembra que uma das coisas que mais o impressionaram uma vez foi um maestro que fez uma sinfonia com os barulhos de uma obra de reforma de um teatro. "Vocês mesmos são uma orquestra no mosaico da cultura do Brasil. Esse povo todinho é que faz a riqueza do Brasil, e a educação tem que refletir isso". "Vamos aqui aprovar o que for pactuado por todo mundo". "Palavra final: trabalhar juntos, negociar juntos não pode ser 'só é do meu jeito'". "Nós dos conselhos, estadual e nacional, falo em nome dos conselhos". "O CEC está aberto". Diz que o governador está abrindo novas vagas para conselheiro. Convida a Funai para uma assessoria permanente. Diz que vai usar a influência do CEC junto à imprensa e ao governo. Diz que este movimento não é só local, é nacional e planetária.

educação indigena CC.indd 676 26/10/2015 11:43:47

Dourado diz que estas denúncias que estão fazendo aqui, já foram feitas ao Ministério Público.

Marcondes diz que o próprio Procurador pediu, por sua vez, informações a ele.

A audiência é encerrada com uma canção entoada por Mocinha:

25 de julho de 2001

Curso de Magistério Indígena Tapeba, Pitaguary, Jenipapo-Kanindé

Tarde

Memória do Movimento Indígena Nacional e Local

Dourado, liderança Tapeba: *[*conseguir cópia do texto lido por ele, elaborado pela Comissão Executiva da CAPOIB[296]]*

- Fala da CAPOIB, criada em abril de 1992.
- Avalia que não tinham experiência acumulada.
- Informa que o estatuto da Entidade ainda está sendo discutido.
- Relata as ações da Entidade. Diz que ela não representa nenhum povo especificamente, mas a luta geral dos povos indígenas.
- Aponta alguns desafios: realizar uma assembleia geral da Entidade, formar lideranças, elaborar propostas viáveis a partir da realidade histórica e cultural, divulgação das ações, articulação com setores avançados da sociedade e fazer a articulação de diferentes povos.
- Ele fala que neste momento não participava do movimento em nível nacional, tendo vindo a fazê-lo a partir de 1995, quando viajou a Luizi-ânia/GO para discutir uma proposta de Estatuto do Índio. Foi nesse

[296] Comissão de Articulação dos Povos Indígenas no Brasil.

educação indigena CC.indd 677 26/10/2015 11:43:47

momento também que conseguiu trazer um posto indígena para a aldeia dos Tapeba, cujo primeiro chefe foi Hamilton.

- Lembra que o posto cresceu bastante, até se tornar o núcleo da Funai/CE, recentemente implantado.
- Recorda que ainda neste momento (1995) foi criada a APOINME[297], da qual ele é um dos coordenadores locais.
- A APOINME articula 42 povos indígenas, com 65.000 índios. Cita João Venança, Raimunda e Mocinha (Tapeba), membros da Entidade.
- Fala do fortalecimento da luta alcançado com essas articulações.
- Informa que já pediram apoio inclusive do *G-7* para a demarcação de suas terras. Não obstante, permanecem os desafios.

João Venança, cacique Tremembé:

- Saúda a todos os que estão presentes e que apoiam o movimento indígena no Ceará.
- Diz que o Movimento Indígena começou a partir de uma visita ao Monte Nebo, em Monsenhor Tabosa [região centro-oeste do Ceará]. Cita o apoio de irmã Margarete [freira belga radicada no Brasil que criou a Pastoral das Raízes Indígenas, da Diocese de Crateús].
- Nesta visita fizeram o sepultamento de muitos ossos encontrados em uma furna neste monte. Decidiram também lá não mais fazer visitas ao Monte Nebo, mas assembleias indígenas. A primeira foi feita em Poranga [região noroeste do Ceará].
- A segunda Assembleia dos Povos Indígenas foi feita nos Pitaguary. A terceira nos Tapeba. Nesta última, começou a participação maior dos jovens. Depois, a quarta foi feita nos Tremembé. A quinta foi realizada em Aratuba, com os Kanindé. A próxima está marcada para Poranga, novamente.

[297] Articulação dos Povos Indígenas no Nordeste, Minas e Espírito Santo.

educação indigena CC.indd 678 26/10/2015 11:43:47

- Diz que a APOINME tem dado uma grande força para as lutas dos povos indígenas no Ceará.
- Cita conquistas como agentes de saúde em todos os povos indígenas reconhecidos, lembrando que os ainda não oficialmente reconhecidos estão lutando também por estas conquistas.
- Novamente fala das "quatro culturas que vieram para acabar com os povos indígenas".
- Lembra que "há 10, passando para 11, os povos indígenas no Ceará".
- "O que nós não temos hoje, não foi perdido, foi roubado: o nosso jeito de falar, de comer, de dormir".
- Contra as "quatro culturas", estão mostrando sua luta.
- Lembra que o professor não deve querer somente remuneração, mas que preste serviço à comunidade "Porque é da comunidade que ele nasceu". E "a comunidade apoia, mas também acusa".
- Diz que está tendo bastante cuidado: quando foi para terem agente de saúde, quase ninguém se pronunciava, porque seria voluntário. Quando apareceu o pagamento, muita gente queria ser, deu até briga. Outra coisa questionável: a indicação dos que têm maior escolaridade ("mais estudo").
- Há que ter três coisas para ser liderança e professor: amar, gostar e praticar.
- Diz que perde muitas noites de sono pensando no amanhã dos jovens e das crianças e no "desembeste dos órgãos públicos, que eram pra dar o apoio à gente... muitas vezes a gente tem que partir para o confronto, como neste magistério indígena". Diz que houve muita luta por causa de pessoas que estão inclusive no meio indígena e lutaram contra este magistério.
- Diz que os primeiros guerreiros desta luta eram os Tapeba, mas que os Tremembé vinham "por baixo do pano, pesquisando". Lembra o livro que fala da Chica da Lagoa Seca, sua bisavó.[298]

[298] Trata-se do livro de Silva Novo, *Almofala dos Tremembés*, sobre o torém e outras "danças folclóricas" da região de Almofala.

educação indigena CC.indd 679 26/10/2015 11:43:47

- Diz que o futuro é a juventude, que ele e os outros já estão caindo na idade.

- "Precisa cada um de nós tem empenho e abraçar essa luta".

- Reclama que a juventude cansa fácil, não aguenta um dia inteiro de reunião. Diz que, como Daniel, Ivonilde, Dourado e outros, passavam de mês sentados numa cadeira de ônibus ou em reuniões, sem remuneração ou salário inclusive. Cita a força de *dona* Virgem, que apesar da idade, "não se encosta na parede, mas não perde nenhum ritual". Diz que está apenas alertando a juventude. [**Sua fala encarna, em tom solene, forte apelo moral. Parece ter clareza que em seu papel político e seu discurso o uso deste expediente é "natural" ou, talvez, esperado. Talvez para ele, educar seja antes de tudo "valorar", isto é, desenvolver nas gerações jovens os valores fundamentais embutidos no projeto geral dos povos indígenas*.]

Daniel, Pitaguary:

- Recorda fatos da visita a Monte Nebo.

- Reafirma que ele e as lideranças não têm salários e reforça o valor das suas ações.

- Reflete sobre a importância da espiritualidade para a formação das crianças e jovens.

- Pede para que os jovens não pensem muito no dinheiro, "no emprego que é coisa de *branco*. Meu avô não tinha emprego, não tinha salário nem aposentadoria e morreu bem assim. o que tinha era repartido com os vizinhos".

- Denuncia que o governo age empurrando os povos indígenas para fora de suas terras, obrigando muitos, hoje, a viverem nas favelas. Acredita que se as coisas fossem diferentes, a maioria da população brasileira seria índia.

- "Mesmo aqui, nós não temos nossa liberdade total, porque o meu tempo de fala está acabando. Mas agradeço o espaço para nós e os nossos parentes".

educação indigena CC.indd 680 26/10/2015 11:43:48

Jeová, liderança Pitaguary:

- Lembra a expressão de João Venança, "intercâmbio", e avalia a mudança e a conquista desejada com a escola diferenciada: "falar um português melhor do que falamos". Diz que antes nem isso falavam, falavam o tupi. *[Embora ele não tenha explicitado, sua fala sugere que uma das condições do reconhecimento da diferença – e da superação das discriminações – possibilitada pela escola é o domínio da língua portuguesa].*
- Acentua a luta pela terra e pela gestão dos recursos.
- Cita os Paiaku de Paripueira[299], em Beberibe, região leste do Ceará, e diz que "mais dias, menos dias, eles vão estar também no nosso meio".
- Entende que a luta pelo magistério indígena causou impacto junto aos "chefões" da sociedade. Avalia a reunião de hoje com o CEC. Acredita que a partir de hoje começou um tempo novo para a educação indígena.
- Admoesta os jovens a permanecerem na luta pelo magistério, lembrando que já são três anos de luta.
- Diz que têm brigado por tudo que é direito humano e constitucional.
- Acha que hoje começou uma nova era: "a educação em nossas aldeias passará por uma transformação". Mas não sabe se as estruturas, como a Seduc, vão contribuir.
- Lembra que foi com luta que conquistaram o galpão que transformaram em escola, na aldeia Pitaguary.
- Enfatiza o apoio da Funai nesta luta.
- Acredita que "após o curso teremos um mundo novo, temos chances melhores de sermos advogados, doutores, porque precisamos ter dignidade, soberania, autonomia".

[299] É a mais recente etnia em emergência no Ceará. Seu processo de autoidentificação tem seguido um caminho distinto em relação ao movimento indígena local. A questão da terra, por exemplo, não se constitui sua reivindicação mais imediata. A partir de outubro do ano passado, a convite deles, iniciei estudos antropológicos sobre o grupo.

educação indigena CC.indd 681 26/10/2015 11:43:48

- "Agora a coisa é outra: estão reconhecendo que temos capacidade... se não tivéssemos, não teríamos elaborado este magistério".

- "Espero que todos continuem, porque tivemos alguns casos de pessoas que abandonaram o curso, porque não estavam no lugar certo, na hora certa, mas vamos vencer". *[Refere-se a uma parte dos professores Jenipapo-Kanindé, que, provavelmente por causa das pressões da Seduc e OT, decidiram não se somar aos seus parentes que estão no Curso?]*

[*A comida está muito bem servida. Água de coco servida a cada momento a quem está falando e aos convidados de honra. Café também não falta]

Nildo toma a palavra e faz um apelo aos cursistas e outros que vieram visitar e prestigiar este momento, para que deem atenção e façam silêncio. Ameaça fechar o portão se o barulho persistir. Diz que querem mostrar a todo povo de Capuan/Caucaia que o índio tem valor.

Zé Maria, Jenipapo-Kanindé:

- "Hoje não estamos pedindo favor, estamos reivindicando o que é nosso direito. Não tem sentido a Funai falar mais em tutela".

- Recorda a luta do povo JK.

- Classifica como uma grande vitória uma portaria delimitando as terras JK, barrando os empreendimentos dos empresários.

- Informa que até se falou que iriam tirar o sangue dos JK para ver se eram índios.

- "Não culpo a Funai do Ceará. Mas não estou defendendo também. A coisa vem mesmo lenta é por Brasília. Ainda não foi publicado o relatório da antropóloga Fátima (Brito, Funai/PE)".[300]

- "O que vamos conseguir, só depende de nós e de nosso povo".

- "Estamos lutando contra serpentes poderosas".

[300] A publicação do relatório no Diário Oficial da União, que formaliza a *delimitação* da área indígena, é uma das etapas do processo de *demarcação* de terras.

educação indigena CC.indd 682 26/10/2015 11:43:48

- "Vamos pedir que entre um presidente da República que olhe pelos povos indígenas do Brasil".

- "Fomos a Porto Seguro [por ocasião dos festejos dos 500 anos do Brasil] não pedir favor, mas cobrar nossos direitos. Estava lá às bombas e os aviões preparados do Fernando Henrique Cardoso".[301]

- "Alguns perguntam quantos salários nós ganhamos para defender essa luta. Não ganhamos salário nenhum. Quando Dourado, Tapeba, sai para Brasília para defender os povos, são todos os nossos povos, porque ele é nosso irmão da APOINME".

- "Este é um momento que a gente mais esperou, mesmo sem o apoio da Seduc".

- "Vamos mostrar ao pessoal do Ceará e a todos os parentes do Brasil que quando a gente quer, a gente consegue". [**Acho que sua frase sintetiza e expressa, sintomaticamente, simbolicamente, o sentimento que pude observar durante a audiência no CEC, com o presidente: força, efusão, convencimento de que podem fazer muito, que podem vencer e conquistar tudo*]

Cláudio, liderança tapeba:

- Lembra Lourdes (da Pastoral Indigenista da arquidiocese de Fortaleza). Embarga a voz, silencia, destoando do início de dispersão que a plateia vivencia.

- Pede que os cursistas prestem atenção, que haverá muito trabalho, mais reuniões.

- Endossa a reclamação dos outros, sobre o cansaço fácil dos jovens professores, lembrando novamente dos esforços que ele e as outras lideranças têm feito, participando de muitas reuniões e encontros.

[...]

[301] A imprensa noticiou amplamente as agressões e violências sofridas pelos índios durante uma de suas manifestações, como tentativa de reprimir seus protestos, quando da visita de FHC ao local.

educação indigena CC.indd 683 26/10/2015 11:43:48

Bete, professora Tapeba:

- Lembra dos inícios da escola, dos encontros no Seminário da Praínha, das muitas reuniões e discussões de que participou.
- Apela aos professores para que tenham ânimo. "Não desistam! É com a nossa perseverança que a gente vai conseguir". "É importante esquecer até que tem casa... Este magistério é muito importante para nós. Nós ainda vamos ver nossas escolas totalmente equipadas. Temos orgulho de chegar até aqui, sem o apoio da Seduc. Estamos dando um exemplo para esses jovens e essas crianças".
- "Sofremos muitas humilhações. Hoje nos sentimos um pouco melhor"
- "Ensinamos durante sete anos sem ter um tostão. Ensinamos por amor à nossa comunidade. Pensei em desistir, não tinha sequer um lápis para cada criança, a gente tinha que partir um lápis para dois, não tinha merenda, não tinha salário".
- "Vejo comentários por aí, muita gente querendo que os professores desistam. Nós queremos os professores formados, como a gente já vê por aí, professores fazendo vestibular."

Sinhá, pioneira na educação diferenciada tapeba:

- Pede que os "que estão entrando agora, não desistam". "Uma comunidade só consegue as coisas quando as pessoas se dão as mãos". "Vamos nos erguer e ir em frente!". "Apesar das dificuldades, está melhor".
- "Este magistério é a coisa que a gente mais quer".
- Agradece a Funai, "que nunca abandonou a gente, nunca deixou a peteca cair".

[**A fala de Sinhá, como a de Bete e os demais, conclamam e explicitamente buscam produzir uma atitude nos cursistas: perseverança em meio aos desafios, robustez, coragem. O momento, me parece, intenciona constituir uma* couraça moral *nos cursistas, uma atitude, um* pressuposto *fundamental para quem pretender ser professor indígena*]

educação indigena CC.indd 684 26/10/2015 11:43:48

Fernando toma a palavra e sugere uma dinâmica para animar os cursistas, antes do jantar. É uma canção:

Esta é uma história de uma serpente
Que desceu do morro para procurar
Você também é um pedacinho
Do pedação do meu rabão

Enquanto Evandro canta, Fernando puxa um cordão que a cada vez incorpora novos membros, à medida que ele toca as pessoas.

17 de agosto de 2001[302]

Manifestação dos povos Tapeba, Jenipapo-Kanindé e Pitaguary, em frente ao Cambeba [Centro administrativo do Estado].

[...]

[Karla e eu fomos levar água. Encontramos todos eles sob o sol do meio-dia, sem qualquer infraestrutura, nem mesmo água. Não somente não foram recebidos, foram destratados. Josefa veio apenas encontrá-los à entrada, sob um cajueiro, para mandá-los retornar às suas comunidades. A organização me pareceu absolutamente falha, ingênua, frágil, pois conforme me informaram, não haviam agendado nenhuma reunião com qualquer representante da Seduc. Não informaram nem mesmo aos parceiros ou à imprensa que estariam vindo ao Centro Administrativo do Estado fazer tal manifestação. Não trouxeram nenhum provimento de água e alimentação ou qualquer equipamento necessário à proteção do sol causticante. Depois de muitas ligações à imprensa, realizadas já no local, um fotógrafo do jornal *O Povo* veio até ali, perto das 13 horas. Fez algumas fotos de poses preparadas por ele próprio, realçando os elementos diacríticos indígenas, como as bordunas. Até hoje não vi as fotos ou qualquer matéria publicada no jornal].

[302] Diário de Campo, n. 4, p. 233.

educação indigena CC.indd 685 26/10/2015 11:43:48

27 de agosto de 2001[303]*, 00:05h*

Talvez seja a excitação da semana de aulas do curso de Fundamentos Históricos, Filosóficos e Sociológicos da Educação (FHFSE), que vou ministrar aos professores e candidatos Tremembés, e que começa hoje, que me dá energias para querer registrar algo desses dias neste diário.

Não me lembro de me ter detido tanto sobre esta disciplina, quando a ministrei para as diversas turmas de Pedagogia em regime especial, da Universidade Estadual do Vale do Acaraú – UVA. Mas aqui, os desafios me parecem maiores. Sobretudo o tempo, que é mais curto, e os desafios de infraestrutura: acomodações da turma na Escola Maria Venância e recursos didáticos, tais como cópias de textos para os alunos, entre outros subsídios didáticos. É bem verdade que estamos municiados com computador, impressora (trazidos por Silas), caixa de som, pedestal e microfone Le Son (emprestado por Isabel, de alguma pastoral social da Arquidiocese de Fortaleza), tv de 20" (emprestada por Sandra, de Itarema, amiga de Karla e, há pouco, também minha), vídeo, CDs, *notebook*, câmeras fotográficas, gravador portátil, cabos de conexão e extensão, chaves de fenda, multímetro, cordas para armar rede, fita isolante e um sem-fim de itens relativos à pesquisa, melhor dizendo, ao funcionamento de alguns aparelhos para registrar/coletar dados. Fazem parte de minha bolsa vermelha, que chamo de *kit antropológico de campo*. Lanterna, isqueiro, canivete, papel higiênico, alguns remédios básicos e repelente para muriçoca (que são a minha maior fragilidade) entre outros itens, complementam a lista do kit.

Nem bem comecei a escrever, o sono chegou. Preciso descansar para dar conta das aulas.

*Descrever melhor depois:

- Conversa com João Venança, por telefone, na 6ª feira passada, 24, sobre sua ida a Poranga, a reforma feita na cozinha da Escola Maria Venância (que ficou imponente, grandiosa!) e os preparativos para a semana de

[303] Diário de Campo, n. 4, p. 258-321.

educação indigena CC.indd 686 26/10/2015 11:43:48

aulas. No sábado falei novamente com ele, que me pediu para dar um recado ao João Paulino: articular o "pessoal" para derrubar a cerca é no Barro Vermelho na 6ª feira, 31 de agosto, por que o Procurador vai estar aqui, na área. *[Não sei exatamente onde, mas acho que se trata de uma cerca levantada por um posseiro sobre terras ocupadas por parentes do João Paulino].*

- Conversa com Jeová e Madalena sobre reunião com o subsecretário de educação da Seduc, Josefa e outras técnicas. "Lágrimas de crocodilo", foi assim que classificaram os lamentos de Josefa pedindo que reconsiderassem uma carta assinada pelos cursista do MITPJK contra a permanência de Francineide, técnica da Seduc, nas atividades da Secretaria ligadas à educação indígena. Prometeram que todos os professores em exercício seriam contratados num prazo de 15 dias. Nem esta promessa, segundo me disseram, os fizeram reconsiderar a carta.
- Com Jeová, sobretudo, conversei sobre as posturas assumidas por Fernando, da Tapera que, ao que parece, tem falado contra o MIT e o MITPJK desqualificando-os ou, no mínimo, com ceticismo e pessimismo.

[...]

Tarde

Vídeo: "Educação no Brasil dos jesuítas ao ano 2000". [A fita traça um percurso histórico dos aspectos mais relevantes da educação no País]

[...]

Debate: [questões de esclarecimento do vídeo feitas pelos cursistas]

- Qual a contribuição da Escola Baiana de Antropologia?
- O que é 'cidadão pleno'?
- O que é 'contraste'?

educação indigena CC.indd 687 26/10/2015 11:43:48

- O que é 'política getulista'?
- O que são 'emendas constitucionais' e qual o processo de fazer emendas? [...]
- Qual o tipo de educação nas guerras e no Período Militar? (Neide)
- O que é "hegemonia"? (Andreína)
- O que é "antropofagia" (Naldinho)
- O que é "paço imperial"?

[...]

[Apenas tomei nota das perguntas que me chamaram mais atenção, por indicar o nível de informação e os interesses da turma, para melhor direcionar minhas reflexões]

21 horas

O sono vem chegando, neste fim de dia. Estar escrevendo na rede ajuda a chamá-lo.

Estou na "suíte *master*" da casa da Dijé, que é como Karla chama ao quarto minúsculo, que faz meia-parede com o compartimento de entrada da casa.

Este é um dos dias mais difíceis de minhas estadas por aqui. Estou vivendo a síndrome da reinserção. Fiquei quase um mês sem vir. Na semana passada, quando eu deveria estar passando pelas comunidades para fazer o acompanhamento do estudo e da prática de ensino, adoeci. Deixei Karla me substituindo, fazendo a minha parte, além da dela, e voltei para Fortaleza, para cuidar de uma infecção violenta na garganta. Foi mais uma semana fora daqui. *[O acompanhamento da prática de estudo e da prática de ensino foi considerado uma estratégia pedagógica fundamental do Curso de MIT, tendo-se constituído duas disciplinas para tal, Prática Orientada de Ensino Fundamental Tremembé (POEFT) e Prática Orientada de Pesquisa em Educação Escolar Tremembé (POEET), assumidas por Karla e eu, com uma carga horária presencial de 5 h/a e não-presencial de 20h/a, cada uma].*

educação indigena CC.indd 688 26/10/2015 11:43:49

Talvez a gravidez de Penélope e a vontade de estar mais junto dela, também contribuem para este sentimento de desconforto e deslocamento, embora eu ame estar aqui.

Encontrei Cilene, filha de Dijé, de 4 anos, melhor de sua alergia de pele. Já não apresenta a pele encaroçada das coceiras, às vezes ferida, mas ainda apresenta manchas. Dijé disse que a doutora (?) passou "três qualidades de remédio para ela tomar".

Dijé ficou o tempo inteiro na cozinha, preparando as refeições. Ontem, quando cheguei pelas 22 horas, ela fazia as tapiocas para o café da manhã de hoje. Desde cedo começou a labuta. Há pouco, ainda estava fazendo um bolo para amanhã.

Ela está resfriada, com o nariz *fungando*. Zé Raimundo também compartilha de seu estado de saúde.

Dijé não tempo de participar das aulas. Lamento por ela. Queria ter ela presente. Ela manifestou, desde o início, vontade de participar deste curso. Mas suas atividades na cozinha, para servir ao coletivo, não lhe têm permitido acompanhar as aulas.

Fernando não estava presente hoje. Observei, em particular, sua ausência porque tenho me tornado mais crítico de sua postura, que considero oportunista, de querer participar dos dois cursos de magistério, porém desqualificando o MIT e não participando das atividades pedagógicas.

A cozinha da escola está bastante ampliada, com um novo fogão a lenha, reformas no banheiro, que foi incluído na cozinha, *jirau*, mesa nova (emprestada de Raimundinha), paredes de palha trançada por Zé Raimundo e porta de madeira, com fechadura.

Sobre a organização dos professores, sinto falta de uma coordenação pedagógica e outra administrativa, mas *de verdade*, que exerça funções de articulação e preparação dos cursos. As coordenações que são escolhidas durante as etapas, e que valem apenas durante uma etapa, não dão conta das exigências crescentes de organização, condução e execuções do MIT.

educação indigena CC.indd 689 26/10/2015 11:43:49

28 de agosto de 2001

Início das atividades:

- Mensagem (lida por Dadinha) *[...]*
- Leitura do relatório do dia anterior (Lucélia e Getúlio)

[O dia de atividades sempre começa assim, com alguma mensagem e/ou brincadeira e a leitura do relatório do dia anterior. Às vezes, faz-se também a avaliação do dia anterior, quando não foi possível realizá-la no final do dia].

[...]

Brincadeira: Joelma e Dadinha distribuem pequenos pedaços de papel entre os presentes, com metades de frase em cada um deles. Depois que cada pessoa tomava seu papel, dobrado, abria-o e lia a metade de sua frase. Outro completava:

Eu sou a mesa sem pernas
-Eu sou as pernas da mesa
Eu sou o Lagamar sem peixe
-Eu sou o peixe do Lagamar
Eu sou a mulher sem calcinha
-Eu sou a calcinha da mulher
Eu sou o magistério sem formação
-Eu sou a formação do magistério
Eu sou o Babi sem óculos
-Eu sou os óculos do Babi. [...]

Reunião à noite

Assunto: Questões Pedagógicas do MIT

Seleção definitiva:

Ao final da noite de discussões, decidiu-se que um dos critérios seria a idade: ter, no mínimo, 16 anos. Não houve tempo para discutir outros assuntos.

educação indigena CC.indd 690 26/10/2015 11:43:49

*[*Eles se demoram, às vezes, muito tempo para decidir algo que, à primeira vista, me parece simples. Aos poucos, vou entendo que a lentidão aparente com que eles discutem ou decidem certos assuntos em relação à escola revela o processo de aquisição, de apropriação desta instituição. Revela também outro conceito de tempo, no qual se insere sua cotidianidade]*

29 de agosto de 2001

[...]

Desenvolvimento das atividades

Mensagem: "Você é muito importante para mim". (Andreína) [**Tem conteúdo religioso. Sinto um certo incômodo com a mensagem, com a inculcação desses valores cristãos pentecostalistas. Talvez porque sinta que este é um espaço, ou deveria ser,* acadêmico*, crítico. Acho, porém, interessante a liberdade de expressão como princípio também deste espaço*].

Brincadeira:

Andreína propõe que todos os presentes retirem seus calçados e os coloquem ao centro da roda. Pede-se que sejam misturados. Depois, todos ao mesmo tempo tentam encontrar os seus próprios calçados, gerando uma grande e divertida confusão. [...]

Avaliação do dia anterior:

Rita: (+) Ideia de formar a cartilha: "Acho muito bom porque é com aquela cartilha que a gente vai trabalhar na escola". [..]

Relatos sobre as atividades de elaboração de um texto que sugeri: "Minhas memórias de estudante". Após os relatos, pedi que ampliassem os textos individuais. Os professores continuariam a redigir o texto, agora com um novo conteúdo: "Meu percurso de estudante a professor". Os candidatos continuariam acrescentariam reelaborariam o texto assim: "Meu percurso de estudante ao magistério indígena".

[...]

educação indigena CC.indd 691 26/10/2015 11:43:49

Antes de retomarem os trabalhos, a palavra foi facultada aos recém-chegados: Fernando, Zé Valdir, Augustinho Tucum, Chico Lagoa, Valdir, Ciça, Chico Nezinho, Marciano.

Chico Nezinho: "Estou muito feliz de ver tantos professores. Acho que vai fazer crescer nossa luta".

Fernando: "Tô chegando. Não participei do Seminário aqui. Não participei do seminário na Varjota. Tomei outra decisão, mesmo sem conversar com os *monitores*. Vou participar do outro, que não perdi nenhum dia. Vou participar do outro, organizado com uma parte dos outros povos e uma parte dos Tremembé do Córrego do João Pereira. Passei o Projeto para o professor Jean. Pedi a ele que tivessem encaminhamento os dois, o organizado pelo Estado [*sic*] e o organizado pela Seduc. Participaram o doutor Naspolini e o presidente do Conselho de Educação do Ceará". *[A decisão de Fernando, embora tenha surpreendido a mim e, acredito, a todos os Tremembés, era esperada. Seus vínculos com a Seduc e com a OT devem ter pesado em sua decisão. Acho que ele esperava obter melhores vantagens de suas relações com estas instituições, do que com o nosso grupo de parceiros, iniciando uma articulação independente, tendo que resistir a toda sorte de pressões destes agentes poderosos do campo indigenista local. Não obstante a franca posição de dissidência, Fernando foi acolhido por todos, aparentemente, com a mesma amizade e companheirismo enquanto esteve entre nós].* [...]

[...]

Tarde

Visita de uma turma de estudantes de Itarema[304].

[Este tipo de visita acontece com frequência. São pessoas vindas de municípios da região, mas também de mais longe, de Fortaleza, Crateús e outros. Geralmente, estão curiosos sobre os Tremembés e as atividades da escola indígena].

[304] Registrado no *notebook*.

educação indigena CC.indd 692 26/10/2015 11:43:49

Uma turma grande, de umas 50 pessoas, alunos de uma escola pública de Itarema, chegaram para visitar a Escola Maria Venância. Os corpos das moças estão mais vistosos, se comparado aos das Tremembés, por causa da predominância de roupas majoritariamente mais curtas, bem como por parecerem de melhores cuidados de alimentação e conforto. Mas os rostos, a cor da pele, o tipo físico geral, deixam evidente que as fronteiras entre quem se identifica e não se identifica como Tremembé não existem.

Após o intervalo da merenda, professores, candidatos, lideranças e parceiros presentes nos reunimos na escola para uma conversa com os visitantes. Zé Valdir, que coordena o momento, se apresenta. Andréia, professora da turma, informa que são duas turmas de Ensino Médio. Disse que tinham curiosidade. Agradece, enfaticamente, a receptividade dos Tremembés e passa a palavra aos estudantes, para apresentarem suas questões.

Questões dos visitantes:

- *Qual o número de indivíduos da aldeia*:

Zé Valdir: 273 famílias. Umas 3.500 pessoas.

- Quem é o cacique?

Zé Valdir: Francisco Marques do Nascimento (João Venança).

- Vocês frequentam a Igreja?

Zé Valdir: "sim, mas não muitos. Queríamos ter uma noite na Festa da Padroeira. A Igreja fez muito mal a gente, mas acreditamos que vai mudar".

- Vocês são discriminados?

Zé Valdir: "sim, sobretudo nós mais jovens, que não temos a cara com as características, como os mais antigos. Se eu disser que sou índio tem gente que questiona".

- Energia solar, quando chegou?

Zé Valdir: "Há pouco tempo, através de um grupo da Alemanha. Em toda a aldeia deveria ser assim, como aqui".

- Há perseguições dos posseiros?

educação indigena CC.indd 693 26/10/2015 11:43:49

Zé Valdir: “sim, estamos em luta na Justiça”.

- Como é a alimentação?

Zé Valdir: pesca e agricultura (mandioca, sobretudo).

- Vocês têm ajuda de fora?

Zé Valdir: “sim, como a energia solar”.

- Quando fazem torém?

Zé Valdir: “não tem data prevista. Tava marcado para hoje [me pergunta, pedindo para confirmar]. Mas a gente dança mais frequentemente na época do caju”.

- É o mais característico?

Zé Valdir: “sim, mas a gente dança também forró e outras coisas”.

- Para quem?

Zé Valdir: “para todo mundo da tribo, mas tem momento para todo mundo entrar”.

- Há outros tipos de dança?

Zé Valdir: “na noite que dançamos o torém só dançamos o torém. Mas em outras ocasiões, dançamos forró etc. O torém é a nossa dança sagrada”.

- Vocês dançam o torém para algum deus?

Zé Valdir: *[*Ciça, que se encontra presente, dá uma gargalhada, das suas características, larga, sonora, englobante]*: “não, é uma brincadeira”.

- Quais são as roupas para dançar?

Zé Valdir: “dançamos às vezes com essas roupas, noutras vezes, com os trajes. No nosso lugar, dançamos assim, com essas roupas. Quando saímos, com os *trajes*”.

- Têm associação?

educação indigena CC.indd 694 26/10/2015 11:43:49

Agostinho: Dá boa-tarde; saúda "com grande respeito. Somos adultos, mas vocês são jovens. Represento a tribo inteira. Sou um líder da *Igreja* [!] e do povo Tremembé todo, sou um *tuxá* [*sic*]. Você estão num barraco de palha. No tempo dos nossos pais e avós era assim. Sim, existe sim uma associação, chama-se CITA – Associação Indígena dos Tremembé". Fala das conquistas do CITA: centros culturais; sala de computador, poço profundo. "Em cada local temos uma coisinha plantada". Aponta para o Chico Nezinho e diz que ele foi presidente durante quatro anos. "Agora é o Luís Caboco, o pajé".

- O que é *tuxá*?

Agostinho: "como no colégio, tem os representantes, tem também aqui, na comunidade".[305]

- Quem foi o primeiro cacique?

Agostinho: Vicente Viana.

- Por que deixou de ser?

Agostinho: "quando o cacique deixou de cumprir as normas, quis passar por cima das leis, mandar nos índios".

- Ele ainda faz parte da tribo?

Agostinho: "não, ele não quis ser mais nem sócio".

- *Como é a eleição* [para a Associação]?

Agostinho: "a escolha é através de todos os índios do aldeamento".

- Na Almofala, é verdade que tem índio que não quer ser índio?

Agostinho: "sim, por causa dos posseiros. Se se indentificar como índio, o Tarciso [posseiro com maior quantidade de terras cercadas na Praia] bota pra fora. Para onde vai a pessoa?"

[305] O *tuxaua* é um *chefe político* indígena. A atribuição desta categoria de poder indígena a Agustinho Tucum, liderança reconhecida da Varjota, me aparece como uma estratégia de *equilíbrio de forças* entre a Mata e Praia, que detém o poder do cacicato, em meio aos processos de *reorganização étnica* dos tremembé.

educação indigena CC.indd 695 26/10/2015 11:43:50

- Por que perderam as terras?

Agostinho: "a gente vivia muito oprimido, na época dos meus pais. Meu pai ajudou a desenterrar a Igreja de Almofala, mas nunca me disse que era índio. Tinha medo".

- Mas a terra não era dos índios?

Agostinho: "era, mas o pessoal trocava os coqueiros por um litro de farinha e os posseiros cercavam a terra".

- As autoridades de Itarema dão algum apoio?

Agostinho: "não".

- A prefeitura não dá nenhuma assistência?

Agostinho: "só em época de política. Mas dá uma mão para colher duas. Faz que se entrega mas não se entrega. Até fizeram um prédio e uma estrada. Nós não tem carro. Mas, agora, tá servindo para os nossos filhos vir estudar. *Ele* só aparece em época de campanha. Depois desaparece, não volta nunca mais".

- Vocês têm artesanato?

Agostinho: "alianças e outras coisas mais, que estão ali expostos" [aponta uma mesa próxima à porta, onde Aurineide e Dunda expõem colares e outros artesanatos].

- Itarema é terra Tremembé?

Agostinho: "não, o limite é a Lagoa do Moreira".

- Os Tremembés são daqui ou vieram de outros lugares?

Agostinho: "são legítimos daqui".

- Vocês enfrentam preconceitos das crianças, nas escolas de fora?

Agostinho: "hoje em dia temos uma escola diferenciada, nossa. Meus filhos, antes, eram discriminados e sofriam a maior opressão. Eram discriminados pelos alunos e pelos próprios professores. Minha filha chegava em casa chorando, havia sido discriminada, batiam nela, diziam que ela não era índia.

educação indigena CC.indd 696 26/10/2015 11:43:50

Hoje ela é professora do Estado, da escola indígena. A escola diferenciada é nós resgatar aquilo que era de nossos pais e nossos avôs. Desejo que nossos alunos sobrevivam, para acabar a discriminação. Eu fui discriminado. Meu pai, para fazer o alimento, era de metade, ele não tinha a terra dele mesmo: tinha que pagar de metade. A escola é isso, é resgate, é aprender aquilo que é do passado. A ciência diz pra vocês que isto é uma besteira".

Conta uma história, do macaco: Vem viajando. Encontra a onça. Diz que tinha que almoçar naquele dia. Diz que andava tirando cipó, porque precisava se amarrar, porque vinha vindo uma grande ventania. A onça pede que ela o amarre também. Ele diz que não, que precisava se amarrar também. Ele a amarra, e com outro cipó, dá-lhe uma surra. Depois, quando ela se solta, persegue-o até pegá-lo. Ele pula pra dentro de um buraco. Diz para a onça que ela não vai ter como comê-lo, que ele está dentro do buraco. A onça chama o urubu para vigiar, enquanto ia buscar um ferro para cavar. O macaco então diz ao urubu para vigiar, deveria abaixar mais a cabeça. Quando o urubu o atende, ele joga areia nos seus olhos, puxa-o para dentro do buraco e o deixa em seu lugar. Decepcionada com o urubu, a onça resolve comê-lo no lugar do macaco. Agostinho conclui com um convite à reflexão, sugerindo um paralelo entre a lenda e a *forma* de ser Tremembé. [...]

30 de agosto de 2001

[...]

Avaliação do dia anterior:

Zé Valdir:

(+) [...] Lançamento do CD *Cantar*, produzido pelo UNICEF[306], com participação dos Tremembé

[306] Fundo das Nações Unidas para a Infância.

educação indigena CC.indd 697 26/10/2015 11:43:50

(+) Presença de pessoas de fora (turmas de estudantes de Itarema e convidados da noite)

- "Que a gente não se envergonhe da *identidade tremembé*"

Evandro:

[...]

(+) Informações sobre Idade Média: dominação da Igreja. "*Eles* passam só o lado bom. Quando a gente pesquisa, descobre que foi outra coisa".

(+) Lançamento do CD: presença do UNICEF. "Temos uma parceria com uma música, *Ô Jandê*".

[...]

Neide quer entender por que desde o 1º dia está todo mundo calado. Diz que na 1ª disciplina [Antropologia e História] todo mundo participava, "tava de parabéns".

Joelma contesta e diz que "isso não é avaliação, é reclamação".

Vídeo "Olhar de Índio" (de Adélia Pinto):

[O vídeo busca retratar o olhar de alguns Tremembé, sobretudo Evandro, professor, sobre suas histórias e seu cotidiano].

Trechos do vídeo:

"Esses são os cajueiros, onde a vida se reconstitui" [**A fala de Evandro me parece dizer que o cajueiro tem uma importância muito grande no processo de reinvenção dos Tremembé. Talvez por causa do* mocororó *tomado no torém, ritual midiático mas diacrítico, neste movimento recente de afirmação dos Tremembé*].

Saudação (*Louvação*) (cantada por Raimundinha):

Quando eu aqui cheguei
Nesta casa de alegria
Eu cheguei aqui doente
Já me acho com saúde
Ai ô vevê teim manimbóia

educação indigena CC.indd 698 26/10/2015 11:43:50

Ainda não tinha escutado essa menção explicita aos efeitos curativos do Torém, embora já tivesse experimentado diversas vezes, quando puxava uma roda de torém com cursistas de aulas que tenho ministrado em diversas ocasiões, os efeitos da dança sobre dores de cabeça e nos membros em geral.

Desperta, Brasil
Pequenina eu sou
Brasileira também
Desperta Brasil
Não queremos perder pra ninguém[307] *[...]*

Já ouvi Dijé entoando, afinadíssima, esta canção algumas vezes. Parecia-me muito "patriótica" quando escutava. Percebo-a agora por outro viés. Diz muito, a meu ver, sobre os sentimentos de Dijé em relação a isto que chamamos de *país* e da relação dos povos indígenas com o Estado.

Dandão:

Eu sou índio
Por nome selvagem
Moro na selva
E a selva é meu lugar [...]

Vi Fernando, e agora Luis Caboco, no vídeo. São pessoas que, em relação ao MIT, têm assumido posições questionadas pelos próprios tremembés. A reação de alguns dos presentes ao vê-los, como Dadinha, é um sorriso breve, discreto, constrangido.

Debate sobre o vídeo:

Raimundo, emocionado, altivo, toma a palavra e se pergunta como é possível que as pessoas vejam a cultura Tremembé e passem a não valorizar e discriminar.

[307] Parece-me ser uma música do cancioneiro popular brasileiro dos anos 1960 ou início dos anos 1970.

educação indigena CC.indd 699 26/10/2015 11:43:50

Comento que ainda está para ser elaborada uma história da desorganização, da desarticulação e do saque feito aos tremembés. Afirmo que a dominação sobre eles foi feita com cumplicidade de grupos e pessoas dentre eles próprios.

Zé Valdir critica o vídeo, dizendo que ele não mostra as conquistas, mas ressalta mais os problemas. Informa que não dormiu direito nestes dias, pensando na perda da questão da terra, no Supremo Tribunal de Justiça, em Brasília.[308]

Neta reflete sobre a questão de *quem* conta a História: os jesuítas aprenderam a língua e as histórias tremembés. Por isso, puderam dominar. Nas escolas lá fora, os professores falam que índio era um bicho que comia gente. Reforça a ideia de Zé Valdir, de que ser índio não está associado à pobreza: "casa ruim, pote com boca quebrada, rede rasgada". [...]. "Nós vivemos no tempo moderno, e temos que acompanhar".

Evandro explica por que privilegiou os "resquícios" [*categoria usada por ele*] no vídeo: "uma *tese* precisa mostrar os vestígios". Observa que, mesmo mostrando as dificuldades, o vídeo mostra o sorriso das crianças. Diz que fez essas imagens para a tese de Adélia Pinto. [*Então, na verdade, Evandro tenta atender à expectativa da pesquisadora!*].

Silas: "antes, os Tremembé precisavam afirmar sua identidade retomando os elementos do passado: torém, penas etc. Agora, vivem outro momento. Não precisam atender tanto às expectativas do povo de fora".

Tarde.

[...]

Após a leitura do relatório do dia anterior, feita excepcionalmente no início da atividades da tarde, foi organizada uma *mesa-redonda* sobre *Legislação, Política Educacional e Movimento Indígena*, com a participação de Karla (da Igreja Metodista), Madalena (professora Pitaguary visitando o Curso), Creusa e Estér (da Funai). [A ideia de realizar mesas-redondas durante as etapas tinha a intenção de tornar o curso um espaço de reflexão e atualização nas questões mais significativas do movimento indígena local e nacional]. *[...]*

[308] Na verdade, uma perda provisória, do direito à realização da *perícia antropológica* na área tremembé, uma das provas fundamentais no processo de demarcação de terras indígenas.

educação indigena CC.indd 700 26/10/2015 11:43:50

[...]

Karla conta sua participação na história da educação diferenciada Tremembé[309]

"A história da EDITE começa bem antes de 1997, quando cheguei aqui. Ontem foi dito que alguém fez uma viagem aos Kiriri, da Bahia, visitando as escolas deles".

Ela chegou em 28 ou 29 de janeiro de 1997. Foi à casa de Fernando. Não havia estrada, telefone. Ficou na casa de Calisto e *dona* Elita.

A primeira atividade de que participou foi a construção de uma *passagem molhada*[310] para o Saquinho, em mutirão.

Começou o trabalho por lá, onde ficou até o começo de março. *[...]*

Começou pela Varjota porque tinha escutado em Fortaleza que havia uma turma de jovens lá que queria estudar.

Ficava hospedada na casa do pessoal.

Os exercícios eram feitos a mão.

Ficou durante todo o mês de janeiro fazendo visitas.

Trabalho patrocinado pela OT e pela Igreja Metodista.

Lembra das primeiras aulas. Um dos assuntos foi "o que é ser índio para você".

Ensaiavam como dar aulas. Local: Salão Antigo da Varjota.

Junto com Evaldo, antropólogo que desenvolvia atividades de apoio à educação, preparam aulas de 1ª a 4ª série.

[309] Registrado no *notebook*.

[310] Trata-se de um tipo rudimentar de ponte, um elevado sobre o leito de córregos e rios para dar passagem às pessoas e transportes, e que durante a época do inverno, quando há abundância de água, ficam submersas, porém permitindo a passagem.

educação indigena CC.indd 701 26/10/2015 11:43:50

Com os recursos do FUNDEF, muita gente passou a estudar em Itarema.[311]

Evaldo foi embora em dezembro.

Em abril, houve a ruptura com a OT. "Eu não tinha nome aqui, era de fora, e tinha brigado com quem tinha nome [Francisca Adelaide]". *[Esta ruptura se deu por razões múltiplas, embora penso que a mais decisiva de todas foi a ingerência da secretária geral da Operação Tremembé sobre a vida pessoal de Karla, que ficava hospedada em sua casa, quando vinha a Fortaleza]*

Foi feita uma reunião para avaliar a permanência de Karla na área tremembé. Os índios concordaram. O trabalho de formação de professores parou porque não tinha estrutura.

Continuou acompanhando, mas com intermitências, embora "soprando uma brasa que havia pegado fogo".

Feira/Exposição, em 1997: "escuto de vocês e acho também que foi um momento muito importante: vocês puderam se mostrar de uma forma bonita. Mostraram as coisas mais corriqueiras: as comidas, os pratos, as músicas. Alguém disse que estava igual ao Museu de Canindé, isto é, algo organizado e bonito. Houve a presença de personalidades do município".

Diz que não fica angustiada com o quanto ainda falta fazer. Não pode nem quer substituir o estado. "Não sei se vale a pena fazer por vocês. Se não for uma conquista de vocês, a gente pode até atrapalhar".

Trabalho nas aulas: produção de texto, cartas, recibos, cheques.

Acompanhou Francisca Adelaide em uma reunião à Seduc.

A OT chegou a enviar um projeto ao MEC, solicitando apoio à educação escolar tremembé.

Problemas com a OT [Francisca Adelaide] por ocasião da organização do Seminário de 1998: desconsideração da proposta elaborada com Cecília Lacerda.

[311] Estes recursos, destinados para o apoio ao magistério no País, possibilitaram a organização de cursos supletivos em Itarema visando a formação contínua de professores em exercício, dos quais se beneficiaram também os tremembés, enquanto ainda não se cogitava um curso de magistério indígena específico.

educação indigena CC.indd 702 26/10/2015 11:43:50

Outras atividades: educação para a saúde bucal: apoio da Igreja Metodista.

Produção de uma cartilha de saúde bucal, mas ainda não foi publicada.

Considera que o fato de ser igreja, atrapalha a credibilidade: "vocês são malhados por que são índios, e nós porque somos *crentes*".

Para além de tudo, atualmente, há um grupo de pessoas que quer se juntar. Resultado disso é o MIT.

Relato sobre o exercício de registro da história da EDITE:

Joelma: Lembra a viagem de Augustinho e Fernando aos Kiriri (BA)

Zé Valdir: Viagem a Cuiabá com Eliézio (que faleceu). Diz que já haviam tido a iniciativa de começar a escola indígena.

Raimundinha, Praia: Já estão bem adiantados. Acredita que sejam mesmo a 1ª escola indígena diferenciada no Ceará [cita a minha pesquisa].

Neném (Capim-Açu): 1998, com João Venança e Fernando.

Vilca: Passagem Rasa e Mangue Alto: Karla fazendo reunião na Passagem Rasa. Já escreveram o 1º capítulo

Rosângela: Já escreveram o 1º capítulo. Começaram com sua mãe, Neném Beata; não houve trabalho de Karla.

Fala de Petrônio (Funai/ADR/João Pessoa-PB), recém-chegado, acompanhado de Acrísio *[...]*: ressalta a importância de os tremembés estarem juntos, organizados. Conclama todos a remarem o barco no mesmo rumo. Parabeniza-nos e conclama à perseverança.

Fala de Acrísio (Funai/CE): "A luta deflagrada pelos professores indígenas da Praia causou uma revolução no movimento indígena, nas escolas. Ultrapassou até mesmo o que estes professores esperavam". [...]

Após um breve intervalo, retomamos os trabalhos da Mesa:

educação indigena CC.indd 703 26/10/2015 11:43:51

Madalena, Pitaguary *[...]*:

- Informa sobre o início do curso de MITPJK, no dia 23/julho passado e a reunião com o presidente do CEC, no dia 25/julho.
- Fala da manifestação que fizeram, há 15 dias, no Cambeba [Centro Administrativo do Estado]: foram barradas umas 80 pessoas, fora dos recintos.
- O jornal *O Povo* esteve lá, fez fotos, mas não saiu nada nos jornais.
- Josefa veio receber os índios debaixo de um cajueiro. "Não conseguimos chegar na sala da Educação Indígena, que a gente sabe que existe lá, que é nossa".
- Foram a uma reunião com o Subsecretário, escoltados pela polícia. "Pra vocês verem como a Seduc está tratando a gente". "Eles estão se sentindo pressionados".
- A partir do Magistério, apareceram "novidades" nas escolas. Só nos tapeba.
- Sobre salário: o Subsecretário disse que iam fazer contratos individuais, quando terminar o convênio, com todos os direitos trabalhistas, mas sem assinar a carteira *[Contratação temporária? O governo parece não querer assumir os encargos sociais trabalhistas, como o tem feito com outras categorias profissionais. Ou então, só quer contratar definitivamente os professores indígenas após a realização de concurso público, como já foi mencionado em outras ocasiões pelos técnicos da Seduc]*. O Subsecretário assumiu pessoalmente a responsabilidade. Deu o número do seu telefone.
- Sobre a carta dos cursistas e lideranças dos povos que participam do curso MITPJK, pedindo para tirar a Francineide,"que não serve mais para trabalhar com a gente": não voltaram atrás. Reafirmaram o documento. Houve "chororô" por parte das técnicas.
- Dourado solicitou zeladoras e vigias para as escolas. Uma técnica disse que ele podia esquecer. Ele disse que *jamais* ia esquecer.

educação indigena CC.indd 704 26/10/2015 11:43:51

Célia (Funai/CE) *[...]*:

- Recorda a presença do Jean P. Alves no início do curso de MITPJK.
- Lembra também a presença da técnica de auditoria do CEC, Soraia Gentil. [...]
- Classifica o aditivo da Seduc [para pagamento dos professores em exercício não conveniados] de *promessa enganosa*.
- Avalia os ganhos da reunião com o Subsecretário de Educação (Jayme Cavalcante):
    - Pagamentos dos professores: o fim do convênio e a conquista de direitos trabalhistas [que não existiam no convênio].
    - Construção de escolas: Banco Mundial financia
    - Pagamento de aluguel para edifícios provisórios [enquanto não são construídas as escolas]
- Revela que as técnicas da Seduc pediram que a Funai não viesse às reuniões com a Secretaria. Os índios reafirmaram que queriam a Funai presente.
- Houve uma reunião do presidente do CEC com Josefa (Seduc) e Oliveira (UFC). Josefa teria dito que todos os índios tinham a Cartilha Tremembé. Na auditoria, o presidente constatou que não.
- Os Tapeba apresentaram uma denúncia à Procuradoria da República no Ceará, contra a Seduc, que respondeu que "está tudo sendo atendido". Dourado desmentiu com uma carta ao Dr. João Carlos[312], da Procuradoria da República. Cursistas e lideranças do MITPJK estão preparando um dossiê ao Procurador.
- Ressalta os ganhos: CEC como parceiro. Inclusive, doou 250 carteiras as Tapeba. [...]

[312] Nome fictício.

educação indigena CC.indd 705 26/10/2015 11:43:51

Petrônio informa que "temos [a Funai] assegurado para os próximos meses os recursos financeiros [para os Cursos]". [...]

Zé Valdir, reagindo a uma provocação que eu fizera durante a aula, faz uma breve reflexão sobre o verbete Tremembé no dicionário Aurélio: "Povo extinto". Ele avalia o impacto negativo dessa expressão.[313]

Debate:

Neta: Pergunta-se por que a Seduc não apoia o MIT e o MITPJK.

Raimundinha: menciona os conflitos com Francisca Adelaide, e revela que esta exigia que ela usasse cocar quando vinha dançar o *torém* em Fortaleza. *[...]*

31 de agosto de 2001

Um *painel* foi constituído durante a manhã de atividades da 6ª feira, último dia da semana de aulas, com a presença de representantes de algumas das mais importantes instituições que atuam no campo indigenista local, com o intuito de discutir questões ligadas ao Curso e outras pertinentes: Marcondes Rosa (presidente do CEC); Soraia Gentil (diretora de auditoria do CEC); Solange (técnica do CEC); João Carlos (Procurador da República/CE, responsável pelos Direitos Indígenas); (?), técnico agrícola da Funasa; Rui Darlan (odontólogo, representante da Funasa/Saúde Indígena); Imaculada Conceição da Silva (técnica representante do CREDE/Acaraú); Estér Silveira (representante da Funai/Brasília/Setor de Educação); Creusa (Funai/CE); Acrísio (Funai/CE); professor Timbó (Pró-Reitor/UVA, representando a reitoria).

João Venança informa da derrubada de uma cerca no Barro Vermelho, neste exato momento. [**Muito estratégico! Aproveitaram a presença das autoridades para criar um fato*].

[313] Literalmente: "Bras. S. 2 g. Etnôn. Indivíduo dos tremembés, povo indígena extinto que habitava o município de Itarema (CE)".

educação indigena CC.indd 706 26/10/2015 11:43:51

Neide pergunta por que a Justiça é tão lenta.

Evandro pergunta-se como as gerações futuras irão avaliar estas gerações e suas lutas por terra, saúde e educação. *[*Ele fala forte, como nunca vi antes. Talvez pelo clima recente, de perda da questão da terra tremembé na 1ª Instância do STJ, em Brasília. Talvez ainda, aproveitando a presença das autoridades]*

Raimundinha reclama dos caibros do teto da Escola Maria Venância, "que estão quase caindo na cabeça dos nossos alunos". [**Mas, em muitas ocasiões, ela reforça a ideia de que* esta *escola deve permanecer. Seu discurso, aparentemente contraditório e conservacionista, talvez se justifique como efeito e estratégia típica da* reivindicação*]*. Diz que se desse o dinheiro do mundo não pagaria o massacre que sofreram e continuam sofrendo. Avalia que "esta corrente do MIT serve, ao menos, para trazer as presenças dessas autoridades" [aponta e se dirige a eles, diretamente].

Zé Valdir: Tenta amenizar o "tom de desabafo", como ele classifica, da fala de Raimundinha.

João Venança: Fala do veneno que espalharam em Poranga, contra o MIT. Diz que o MIT é fruto da luta pela terra. [...]

Debatedores:

Petrônio: [**Cometeu um deslize tremendo! Ao tentar esclarecer que a Procuradoria da República não é Justiça, acaba por dizer que o Ministério Público pertence ao Executivo!*]

Dr. João Carlos, MP[314]: "Vocês não devem perder a esperança, mas lutar até o fim". "Pode-se lutar até o fim sem se fazer justiça com as próprias mãos". Está responsável pela 6ª Câmara [Direitos Indígenas], com "absoluto entusiasmo".

João Venança reclama da Polícia em Itarema.

Petrônio: Esclarece que estão encaminhando reuniões com a Delegacia de PM para que haja acompanhamento da Funai. Diz que pretende (sem prometer) colocar um funcionário da Funai "morando no meio de vocês". Projeto de Sistema de comunicação de rádios nas comunidades indígenas.

[314] Ministério Público (Federal).

educação indigena CC.indd 707 26/10/2015 11:43:51

Professor Marcondes Rosa:

- Revela que é filho de tabelião e que brincava com os livros.
- Conta a história da luta pela terra de uma área chamada Tucum.
- Pondera que as leis do País são bonitas, mas...
- Comenta acerca de um certo conselheiro do CEC que o mandou, Marcondes, que não se fizesse de antropólogo, criando identidade para os índios.
- Informa da lista de discussão sobre Desafios na Educação, na Internet, da qual ele e doutor João Carlos participam.
- Confessa que *alguém* chegou ao Conselho e disse que "agora, os índios deixaram de ser meus e são de outros" *[...]*
- Avalia que os índios estão bem assessorados. Diz que é um dos últimos, mas que está chegando.
- Entende que há relação entre Educação e Terra.
- Fala do CD que ele editou e multiplicou, com os depoimentos feitos durante a reunião dos índios e seus parceiros no CEC, no dia 25 de julho passado. Entrega-o solenemente a mim.
- Fala da UVA, do convite que fez ao reitor, Teodoro.
- Fala da necessidade de ampliar este grupo de interlocutores do MIT.[. .]

Petrônio: informa que a rubrica anual da Funai é da ordem de R$6.000.000,00, a serem divididos com todos os povos indígenas no Brasil, 350.000 índios, o que dá o montante irrisório de R$17,00/índio/ano.

Zé Valdir solicita uma auditoria da questão da educação indígena na área Tremembé.

Neide solicita outra forma de pagamento, com cartão, para cada professor. [Atualmente, o dinheiro de todos os professores vem para uma conta única, do CITA]

educação indigena CC.indd 708 26/10/2015 11:43:51

Neta reflete que os direitos indígenas conquistados não estão efetivados plenamente. As escolas indígenas, ilustra, não estão *registradas* [credenciadas].

Madalena denuncia que a Seduc mandou deixar umas carteiras em uma escola Tapeba, por ocasião da visita do professor Marcondes Rosa. Logo depois, mandou pegar de volta. Diz que é assim que a Seduc tem agido com eles.

Dr. João Carlos: pede que Madalena descubra quem foi o responsável por este fato e o informe. Ele disse que vai ver o que é possível fazer. *[...].*

Evandro recorda a "recepção" que tiveram no Cambeba, por ocasião da reunião com o Subsecretário de Educação.

Raimundinha:

- Fala claro que as escolas não estão *reconhecidas*, nem no CEC, nem na *prática*.
- Diz que a Seduc (uma pessoa da instituição) teria dito que, com o MIT, os Tremembés eles estavam "separando" os povos indígenas.
- Defende que "o MIT não é um curso do Babi". Diz ter consciência que eu sou "um professor da universidade". *[Esta é uma das categorias com que eles me apresentam e me reconhecem em suas reuniões, além de* artista*]*
- Esclarece que buscaram aliados: Karla, eu, Gerson Júnior.
- Critica a Seduc por dizer que o MIT não vai dar certificado, nem tem validade. Quer saber se o MIT é válido ou não.

João Venança:

- Explica a diferença do MIT para o curso da Seduc: neste, participam crianças, velhos, lideranças.
- Observa que "a Seduc, em ponto nenhum, considerou os pesquisadores dos Tremembé. Foram considerados incapazes pela Seduc".
- Defende-se das acusações: não fizeram nada para dividir ninguém. A ideia nasceu de uma necessidade. O que fizeram foi juntar os parceiros.
- Nota que a Seduc começou a pressioná-los depois do Convênio [de pagamento dos professores]: não respeitava os professores.

educação indigena CC.indd 709 26/10/2015 11:43:51

- Muitos professores ainda têm dúvida por causa das conversas. Diz que é uma vergonha que companheiros indígenas releguem este curso, sem querer inclusive "pisar na areia da Praia".

Marcondes Rosa:

- Reclama de Imaculada Conceição [que já se tinha ido], representante da Seduc, que não o saudou, não apertou sua mão.
- Conta uma história sobre a humildade do mar, de Confúcio. Ele disse que o mar era o mais humilde de todos, porque se colocava mais abaixo de todos, até mesmo dos rios, para receber as águas de todos. Os governos deveriam ser assim.
- Lembra que "serpentes e rios andam em curva" e que "o melhor caminho entre dois pontos *não* é uma reta".
- Fala da reunião do CEC, à qual vieram Josefa e Oliveira (UFC).
- Informa que participou do curso da Seduc, realizado no hotel de Porto da Aldeia. Lá, conversou com Marivânia, Oliveira e Gilvan.
- Diz que só aprova o que vem da *roda* dos índios.
- Observa os sentimentos revelados pelos índios no curso da Seduc: estavam alegres pelo curso, mas diziam que "a nossa alma não está aqui, as nossas lideranças não estão aqui. Estamos divididos do nosso povo". Contou uma história, de uma índia tabajara que, gaguejando, disse ter medo de alma e que não estava dormindo direito no hotel. Precisava colocar um ferro embaixo da rede.[315] [...]
- Diz que para ele "as coisas valem pelo *sentido*". [...]
- Quer que este seja um curso que coloque o saber que venha do chão. Acha que o curso da Seduc está dividido.

[315] Também entre os Tremembés, encontrei esta prática para livrar-se dos pesadelos e do medo das almas. Outro dispositivo utilizado é a colocação dos calçados em cruz, sob a rede.

educação indigena CC.indd 710 26/10/2015 11:43:52

- Esclarece que o *reconhecimento* é o credenciamento de escolas e cursos [...] e que nenhuma escola indígena do CE está credenciada, ainda. Conta outra história, de um curso que levou cinco anos para ser reconhecido. Diz que o que importa é caminhar. Sobre o reconhecimento deste, "está e não está; vai acontecer no processo". [...]
- Diz que a Seduc prometeu que as comunidades indígenas vão participar das discussões sobre arquitetura das escolas.
- Propõe um pacto: fazer as coisas em regime de colaboração.
- Pede que não fiquem preocupados.
- Sobre a validade do curso, diz que "vale se fizer dentro do círculo, da *roda* que nós fizermos".
- Propõe a continuidade das parcerias.
- Lembra que o CEC tem muita força, que é órgão consultivo e deliberativo.
- Propõe que se aumente a articulação e o papel das universidades. Faz menção, mais uma vez, à importância da participação da UVA.
- Lembra a importância da imprensa.
- Diz que vai mandar o CD que ele editou para o Governador.
- Conclama todos à unidade, como uma *orquestra*.

[...]

Petrônio: demonstra suas preocupações com o *faccionalismo*.

Marcondes Rosa: diz que o ciúme é comigo e que a questão indígena é uma desculpa para os *ciumeiros.[*Quem são os ciumentos?]*

Professor Timbó (UVA): Justifica a ausência do professor Teodoro, reitor da UVA, que ele representa. Garante a UVA como parceira e aliada do MIT. Quer conversar comigo, João Venança e Marcondes Rosa sobre como a UVA pode contribuir.

educação indigena CC.indd 711 26/10/2015 11:43:52

Avaliação [...]:

Textos produzidos pelos cursistas sobre suas memórias de estudante e de professor[316]

Minhas memórias de estudante

Ana Cristina Cabral

Comecei a estudar em 1986 em uma escola municipal, cursando a alfabetização. Na época não tinha colégio, então a escola acontecia no salão comunitário de Varjota. Passei dois anos me alfabetizando e nesse tempo o que mais me marcou foi uma festinha de despedida no final do ano de alfabetização. Em 1988 iniciei a 1ª série na mesma escola e me marcou muito uma festinha de comemoração no dia do índio em Abril. Em 1990 comecei a 2ª série, estudei até Junho e desisti, no ano seguinte iniciei novamente a 2ª série. No ano de 1993 comecei a estudar a 3ª série, em Julho as aulas pararam e a professora não pode mais ensinar, por problema contra a comunidade.

Quando foi em 94 estudei novamente a 3ª série. No ano de 95 comecei a 4ª série na escola José Henrique Neto em Tapera e nesse tempo nossa turma fez a festinha das crianças, que foi maravilhoso.

No ano de 1997 comecei a estudar em Itarema cursando a 5ª série, estudei até 1999 normal e logo em seguida cursei também o curso da UNICE e depois o curso da Rita Nilse, terminei o fundamental e o médio. E agora estou fazendo o magistério Indígena Tremembé, que pra mim foi um grande passo que dei em minha vida, já tive muitos momentos emocionantes, felizes e que me marcaram bastante, como os momentos que nos juntamos para nossos encontros de professores e muitos outros que nos quais sentimos o calor humano.

[316] Digitado por Silas Moraes, da Igreja Metodista, que manteve a ortografia e a formatação do manuscrito original. Fiz uma seleção dos textos que considerei mais ilustrativos das histórias de vida dos professores.

educação indigena CC.indd 712 26/10/2015 11:43:52

Meu percurso de professor

Ana Cristina Cabral

Eu sempre sonhei em ser professora, era um grande sonho trabalhar com crianças. Então no ano de 97 surgiu uma turma e a comunidade me escolheu para ensinar. Nesse tempo eu tinha apenas 16 anos e me achava nova para começar a ensinar, mas como era um sonho eu sentia muita vontade, eu aceitei. E também como a comunidade tinha me escolhido e depositado grande confiança em mim, eu confiei e acreditei em mim mesma.

Então, no dia 3 de março de 1997 comecei a ensinar a 1ª série, eram 35 crianças, comecei numa casa de família. A sala era pequena e as crianças se sentavam no chão, mas tivemos grandes momentos gostosos.

Ensinei do dia 3 de março de 1997 até outubro de 2000 por conta da prefeitura municipal de Itarema, mas sempre voltada para nossa luta, ou seja, a questão Indígena Tremembé. Mas, ainda do mês de outubro comecei a trabalhar por conta do estado.

Agora continuo trabalhando com crianças, mas este ano com a 3ª série. Estou fazendo o magistério Indígena Tremembé para aprofundar meus conhecimentos e trabalhar melhor com meus alunos.

As minhas memórias de estudante

Ana Lúcia Jacinto

Na minha infância tudo era diferente de hoje. Quando comecei a estudar eu tinha mais ou menos uns oito anos, porque nessa época as escolas eram mais difíceis e a gente sentia muita dificuldade.

Eu lembro que na época eu tinha uma tia em Itarema e queria que a mamãe me botasse para a casa dela para eu estudar e a mamãe nunca deixou. Mas, como o papai trabalhava no jardim me levou para fazer comida e lá me botou na escola e quem pagava essa escola eram os pais.

Merenda não tinha e o material escolar os pais era quem dava. A professora era ótima e ensinava muito bem. Fazia foguinho para os alunos e nós, alunos, dávamos a lição na cartilha da Ana e do Zé. Todos os meses os pais tinham que se preocupar com dinheiro da professora que era *dona* Maria Holanda.

educação indigena CC.indd 713 26/10/2015 11:43:52

Essa parte de estudante me marcou muito porque foi onde eu comecei estudar e aprender muita coisa. Depois de muito tempo que estudava com essa professora o papai deixou de trabalhar lá e eu passei a estudar no lameirão com a professora Erismar.

Lá havia merenda, caderno, borracha e etc. Mas a professora era muito malvada, além de sair de casa de manhãzinha com fome, passava o lagamar e chegava lá, ela (a professora) ia ensinar e dizia: "só sai hoje daqui quando derem a lição e se não derem levam uma dúzia de bolo meia em uma mão e meia na outra mão".

Com essa professora eu estudei uns cinco meses e desisti. Com um ano que eu tinha parado de estudar, voltei a estudar novamente mesmo na Varjota com a Marlúcia e com ela eu também aprendi muita coisinha, mais estudei pouco com ela e fiquei muito tempo parada sem estudar.

Até que me animei para casar. Com cinco anos que eu tinha casado foi a época que Karla e Evaldo chegaram em nosso meio pra dar inicio a formação dos professores. Passou a dar aula junto com Evaldo apesar de que Evaldo foi embora, mas vieram mais companheiros como Ivo, Liduína e outros. Karla sempre continuou e com essas aulas me adiantou muito que hoje me sinto mais adiante. Até porque ainda estou estudando no magistério indígena e espero não haver nem um tropeço, todo mundo forte e corajoso.

Como sou professora

Ana Lúcia Jacinto

Sou professora por conta da comunidade e sempre sonhamos em ter uma escola que não mude o jeito de nós sermos, uma escola sempre diferente da do branco e foi por isso que a comunidade resolveu a dar início a essa escola.

Portanto o povo se juntou e escolheu as pessoas para ensinar e uma dessas pessoas sou eu. A comunidade achou que eu tinha um pouco de saber e dava para ensinar aqueles que não sabiam nem seu nome.

Perguntaram-me se eu me prontificava e fiquei em dúvida, até que resolvi aceitar. Depois eu imaginava e falava para os outros como é que chegava á sala para dá aula e os outros também comentavam o mesmo. Começamos a

educação indigena CC.indd 714 26/10/2015 11:43:52

nos juntar, estudar, discutir e chegou o dia de juntar o povo e ver quem queria estudar e formamos as turmas para cada professor.

Era de dupla e trio, eu fiquei no trio. Quando era a vez de eu ensinar ficava meio envergonhada, mas ensinava e fui perdendo a timidez. Hoje, dentro da sala, me sinto uma outra pessoa que não era antes.

Às vezes eu ainda sinto um pouco de dificuldade porque não sei de tudo, mas estou assumindo meu papel como professora, pretendo continuar e fazer o que a comunidade quiser.

Minhas memórias de estudante

Maria Andreína dos Santos

Idade: 22 anos

Comunidade: Mangue Alto

Quando se fala na minha vida estudantil, eu sempre me lembro de uma companheira que estudou comigo desde a alfabetização até os dias de hoje, que é a minha irmã mais velha, Liduína. Por isso vou ter que envolvê-la na minha história.

Ao começar nosso percurso de estudante, a nossa alfabetização, por sermos muito pequenas e o colégio muito longe, nossa mãe pagava professoras para nos ensinar. Isso aconteceu até ficarmos um pouco maiores para podermos ir estudar no colégio.

Começamos estudar a 1ª série na escola "O Cantinho da Criança" que ficava na localidade de Urubu. Lá estudamos até a 3ª série. E nessa escola sempre fomos elogiadas e consideradas, pelas nossas professoras e pela diretora, como as alunas mais inteligentes e calmas do colégio.

Quando passamos para a 4ª série tivemos que nos mudar para o colégio Francisco Rodrigues, na localidade de Torrões. Esse colégio foi muito bom para nós, porque ficava mais próximo de nossa casa.

Passamos para a 5ª série, aí já ficou mais difícil, porque só tinha essa série no colégio Francisco Alves Neto que fica na localidade de Almofala. Nossa mãe, eu acho que por nos achar ainda muito pequenas para irmos sozinhas para esse colégio, resolveu falar com uma professora para nos ensinar particular.

educação indigena CC.indd 715 26/10/2015 11:43:52

Ainda estudamos com três professores: O Rodolfo, a Rochele e D. Gerusa. E mesmo passando de ano ainda estudamos a 5ª série assim, particular, durante dois anos.

Depois disso, nossa mãe decidiu nos matricular no colégio de Almofala. Lá não quiseram fazer nossa matrícula porque não tínhamos boletim de 5ª série. Aí então a mamãe voltou e foi até a casa da Rochele nossa ex-professora, e ela lhe deu uma declaração para comprovar no colégio que tínhamos cursado a 5ª série e assim ela conseguiu nos matricular para 6ª série. Mas tivemos uma surpresa desagradável durante a uma semana de aula.

Iríamos estudar com o professor Rodrigo, mas ele não nos aceitava na sala de aula. Dizia que não tínhamos as notas da 5ª série, ou seja, o boletim. Ainda passamos uma semana nesse sufoco. A cada dia nos sentíamos cada vez mais desprezadas.

Mamãe totalmente revoltada com essa situação procurou a D. Djanira que era a diretora da nossa 1° escola e falou que iríamos acabar ficando sem estudar por causa desse professor. D. Djanira que sempre teve muita admiração por nós, disse que ela arranjava uma escola pra nós, mas tinha que ser no Itarema e pra ir pra lá tinha que ser de ônibus. Mamãe aceitou, pois não queria era que a gente ficasse sem estudar.

No outro dia logo cedo fomos para Itarema e lá nos matriculamos, mas na 5ª série. Falaram que seria até melhor, porque a gente não iria ter dificuldades. E lá nesse colégio, Centro Educacional José Aniceto Sales, estudamos um ano e passamos sem nenhum problema ou dificuldade. Logo quando começamos a estudar no Itarema, muitas pessoas se admiravam, porque elas achavam eu e a Liduína muito crianças para estudar tão longe! Mas o problema que nós achávamos era ter que acordar cedo, 4h00 ou 4h30 da manhã, tomar banho, trocar de roupa, andar mais ou menos meia hora par poder pegar o ônibus escolar. Ah, e no inverno, às vezes, pegávamos chuva no caminho e as lagoas enchiam. Por causa disso íamos com um shortinho, depois que passávamos todas as lagoas, vestíamos a calça comprida que era a farda do colégio.

Quando começamos estudar a 6ª série, mudamos para o colégio Luzia Araújo Barros. E lá no primeiro dia de aula tivemos uma surpresa desagradável. Eu

educação indigena CC.indd 716 26/10/2015 11:43:52

e a Lidú nos separamos, quer dizer, tivemos que estudar em salas diferentes, ela numa e eu noutra. Foi horrível nos primeiros dias, porque nunca tínhamos estudado em salas separadas. Mas com o passar dos dias acabamos nos acostumando. O problema é que na época eu não conseguia me concentrar bem nas matérias e quase fiquei para recuperação.

Na sétima série, voltamos a estudar de novo na mesma sala, mas no meio do ano a Lidú foi embora para Fortaleza, e por causa disso, eu não conseguia passar. Fiquei para recuperação e não fui nem fazer a prova, porque na época dessa prova eu também fui pra Fortaleza. Lá passei um ano sem estudar, depois repeti a sétima série no colégio Santo Inácio e cursei também a oitava. Esse foi o colégio que eu mais gostei durante toda a vida de estudo. Depois, estudei o primeiro científico e o segundo, mas desisti no começo do ano no Instituto de Educação do Ceará. Decidi voltar para Almofala e comecei de novo a estudar de com a Lidú que logo desistiu e eu continuo sozinha. Mas de qualquer maneira eu estou estudando com ela de novo. Fazendo o curso de Magistério Indígena. Além disso, tem também alguns colegas nesse curso que eu já conhecia: O Henrique, a Joelma e a Dadinha. Na época em que eu estudava a sétima série, eles também estudavam e a gente ia para a escola no mesmo ônibus. A Márcia também. Hoje todos eles fazem a mesma coisa que eu: são professores indígenas.

Bom, esse foi meu percurso de estudante que passou e que ainda vai continuar por algum tempo.

Meu percurso de estudante a professora indígena Tremembé

Maria Andreína dos Santos

Idade: 22 anos

Comunidade: Mangue Alto

Ser professora sempre foi um sonho meu muito antigo. Mas eu já havia ensinado muito tempo atrás, na minha casa. Eu ensinava meus irmãos, meus primos e outras crianças que moravam por perto. As mães dos alunos me pagavam para eu ensinar seus filhos.

Eu gostava muito, mas sempre tinha vontade de ensinar em uma escola onde pais de alunos não precisassem me pagar ou em uma escola que fosse reconhecida.

educação indigena CC.indd 717 26/10/2015 11:43:53

No ano de 1996 eu decidi ir embora para Fortaleza. Falei com os pais dos meus alunos sobre minha decisão e fui tentar uma vida longe de casa.

Durante todo o tempo que passei em Fortaleza, como sempre eu só pensava em voltar para ensinar novamente, mas não por minha conta. Eu sentia uma saudade enorme dos meus alunos e por muitas vezes me arrependi de tê-los deixado.

No final do ano de 2000 eu voltei de Fortaleza pra ficar aqui para sempre e sempre com a esperança de ainda ser professora. E quando foi em dezembro de 2000 eu arranjei um emprego na colônia de pescadores. Fiquei feliz com esse emprego, mas ainda sentia que não era realmente o que eu queria, mas mesmo assim, por não ter outra coisa pra fazer continuei trabalhando lá.

Em janeiro de 2001, tive a surpresa maior e melhor da minha vida!

Junto com a comunidade de Mangue Alto, a professora Rosângela me apontou como professora para ensinar a 2ª série na escola indígena de Mangue Alto, porque estava precisando de duas professoras para a escola e eu fui uma das indicadas.

Essa foi a minha maior felicidade. Mesmo sabendo que seria um trabalho voluntário, eu não pensei duas vezes em deixar o outro trabalho para fazer o que eu sempre quis na minha vida. Além disso, eu iria está prestando serviço para a nossa comunidade e me engajar de uma forma mais direta na luta pela nossa terra.

Para reforçar ainda mais a minha alegria, no primeiro encontro de professores indígenas que participei na Varjota, percebi que tinha muitas pessoas que eu já conhecia e muitos parentes meus que ainda não conhecia.

Daí pra cá fiquei e estou ensinando desde fevereiro. E agora sinto que ser professora, como já havia sentido antes, é muito apaixonante e principalmente quando se trata de professora indígena Tremembé.

educação indigena CC.indd 718 26/10/2015 11:43:53

Minha memória de estudante

04 de setembro 2001

Maria Aurineide Pequeno.

Idade-24 anos

Comunidade. Praia de Almofala.

Comecei a estudar aos meus sete anos, nesta época eu morava em Fortaleza. No meu tempo de estudante nunca tive a sorte de estudar em um colégio. Meus pais não deixavam, por que eles tinham medo que eu me perdesse no caminho e eles sempre falavam isso para mim.

E então minha mãe falou com Rogério, ele foi meu Primeiro professor, mas eu não queria estudar em minha casa, sempre quis estudar em um colégio bem grande, que tivesse muitas crianças para eu brincar. Na minha casa era só eu e o Professor.

Eu era filha única, meus pais não tinham outros filhos, só nos meus onze anos é que tive a minha irmã que se chamava Anarileide, ela era irmã por pais de criação.

Meu primeiro professor não ficou nem um mês e minha mãe falou com outro professor, mas foi a mesma coisa e ele nem ficou um mês, então minha mãe ficou me ensinando, ela mesma era minha professora, mas ela não tinha tempo por que trabalhava.

Então minha mãe me colocou em um colégio que tinha lá pertinho de casa e lá fiquei estudando até meus treze anos e de Fortaleza eu vim morar na Lagoa do Carneiro. Lá eu continuei estudando na 4ª série.

Foi o tempo que voltei para meus pais de verdade, minha prima ensinava no colégio que eu estudava e ela adoeceu, eu fiquei duas semanas ensinando no seu lugar o Pré-escolar.

Quando completei meus 14 anos, vim morar em Almofala e continuei estudando, mas eu confesso que não gostava muito de estudar, mas era o jeito. Para onde eu ia alguém me botava para estudar.

educação indigena CC.indd 719 26/10/2015 11:43:53

Aqui em Almofala eu estudei com o Helaque, ele era muito malvado, dava muitos bolos de palmatória em mim, por que eu era muito desobediente e não dava a lição.

Fiquei só um mês e três semanas e parei de estudar e só aos meus vinte três anos é que voltei a estudar com a Karla.

Meu Percurso de estudante a Professor Indígena Tremembé

Maria Aurineide Pequeno

Pra ser Professora foi muito emoção, porque não esperava esta profissão e porque tinha pouco estudo. Eu me lembro de que minha mãe um dia me falou que eu nunca ia ser ninguém na vida, porque eu não quis estudar, ela era professora e hoje está aposentada.

Então, estava com um ano e seis meses que eu e meu companheiro, que neste tempo era o filho do seu João Venâncio, seu nome é Antônio, que é pai dos meus dois filhos: Antoneide e Antoniel. Nós estávamos morando em Fortaleza.

Voltamos para Almofala e na casa de seu João Venâncio estava funcionando a escolinha e quem estava ensinando era Raimunda, Silvana e Juliana, e com um mês que eu tinha chegado a Almofala, Juliana, que era uma das professoras, tinha desistido de ensinar, pois não tinha Paciência com as crianças, isto faz uns três anos. Foi o tempo que a escola foi mudada para escola Maria Venância, perto da casa da Maria De Jesus que era a casa da mãe do José Raimundo.

Foi aí que fui tendo amizade com as crianças e elas foram gostando de mim. Raimunda e Silvana falaram com as mães dos alunos que estavam sem professora e como eu estava na aldeia e todos gostavam de mim, elas falaram comigo pra ensinar o Pré-escolar, eram umas 20 crianças e eu aceitei o convite com muito amor.

E neste momento fui me dedicando, meu amor e carinho com as crianças e eles também foram me dando carinho, eu gosto muito de crianças por isso é que eu consegui conquistar esse espaço tão maravilhoso.

educação indigena CC.indd 720 26/10/2015 11:43:53

Ser Professora pra mim agora é como um sonho que não sonhava. Hoje eu posso falar para minha mãe com orgulho: "mãe, eu sou como a senhora, professora", e vou me dedicar mais ainda para chegar aonde minha mãe chegou.

Eu não tenho ninguém, além do meu filho Antoniel, mas meus alunos e minhas colegas de trabalho são minha família. Seria uma tristeza muito grande para mim se um dia me tirassem de perto de todas estas pessoas que é minha história, graças a eles é que hoje estou contando esta historia tão bonita que sempre vou levando na alma e no coração.

As minhas memórias de estudante

Francisco Elisnaldo de Souza

Na minha memória, tenho muitas coisas marcadas do meu percurso de estudante. Quando comecei a estudar tinha seis anos de idade. A minha escola era muito simples, estudava na casa da minha professora. Era uma casa feita de taipe, parede de barro, piso de barro e nós sentávamos no chão, porque não havia carteira. Os materiais eram apenas um caderno e um lápis com uma borracha.

Mas o que me marcou nesse percurso foi uma dúzia de bolos, com uma palmatória, em um de meus colegas, e que eu dei. Fui até obrigado, por que quem não batia nos outros colegas era punido pela professora, com o mesmo tanto de bolos que ia dar no colega. A mão dele ficou inchada e vermelha e ele chorou. Isso por que nós ficamos de par para aprender a lição, eu dei a lição e ele não.

Outro fato marcante na minha memória foi que eu não soube soletrar uma palavra e fiquei de castigo o resto da aula, em cima de caroços de milho, ajoelhado e ainda estudando a lição.

Depois fui estudar no salão com a Marlúcia, lá também era muito bom, apesar dela ser muito ignorante, ensinava muito bem. Lá, na I série, também houve outro caso. Eu estudei a lição, mas na hora de ler fiquei nervoso e errei, ela bateu com a palmatória na minha cabeça e me chamou de dente de cavalo e eu chorei muito e fui embora. Quando sai de lá fui estudar na Vila Ducôco com o Fernando, ele também era ótimo, mas desistiu antes de terminar. Fui

educação indigena CC.indd 721 26/10/2015 11:43:53

estudar no Lameirão, e de lá, outra coisa marcada na minha memória, no dia 7 de setembro, todos os alunos fardados fizemos uma marcha da escola até a beira do rio. Quando passei da 2ª para a 3ª série fui estudar na Vila Ducôco novamente com a Rosário e terminei a 3ª serie lá. Passei para a 4ª série e voltei a estudar no salão com a Marlúcia novamente. Mas a escola não durou muito, antes de terminar o ano, nos anos de política, a professora Marlúcia, em partido ao contrário da comunidade, trouxe carteiras para o salão sem consultar a comunidade a qual não aceitou. E ela, que foi botada para ensinar pela comunidade, foi tirada do emprego, a escola parou e nós ficamos sem estudar o resto do ano. E isso também foi um fato marcante.

No outro ano seguinte, tivemos que repetir a 4ª série em outra localidade, Lameirão, e o outro ano fomos para a Vila Ducôco. Daí quando passamos da 4ª, fomos estudar em Itarema. Lá também era ótimo, mas tínhamos medo de falar que éramos índios.

Meu percurso de candidato ao magistério indígena Tremembé

Francisco Elisnaldo de Souza – Naldinho

18 anos.

Comunidade indígena Tremembé de Varjota.

Estudei em Itarema desde 1997, quando comecei na 5ª série, sentia vergonha de me identificar como índio no meio dos meus colegas de classe, na rua e em qualquer outra parte de ocasião, pois tinha medo de ser discriminado. Mas sempre tive a vontade de me engajar e participar dos acontecimentos dentro da comunidade. Mas como era criança, não entendia de nada, mesmo assim participava de toréns.

Em *1999* participei de uma assembleia que acontece no Panã e que foi importante para eu estar mais por dentro da luta. Quando soube que iria acontecer assembleia e ouvi lideranças dizerem que era bom que jovens participassem, fiquei furioso e queria participar. Daí nenhum outro jovem se manifestou além de eu e Robério, perdi dois dias de aulas, mas isso para mim não importava, e sim estar por dentro do grupo e entender mais sobre o que acontecia. Passaram-se alguns anos e apareceu a historia da escola diferenciada e depois o curso magistério indígena. A comunidade se reuniu, discutiram sobre o assunto e

educação indigena CC.indd 722 26/10/2015 11:43:53

também sobre os candidatos que iriam escolher. Indicaram algumas pessoas, entre elas eu, que já esperava por outra oportunidade para entrar de vez na luta. Decidi colocar meu nome e participar do curso.

As minhas Memórias de Estudante

Evandro

O primeiro passo foi quando tinha (08 anos), quando fui à primeira vez a escola, lembro bem da professora. Usava um argumento e eu que estudava, ficava com muito medo de errar. A Palmatória era um instrumento, usado na sala de aula, para os alunos terem medo. Nas experiências dos primeiros dias se falava em bolos, pensava que era para comer, mas depois descobri, o valor era para que nós aprendêssemos a lição, pois quem não desse a lição, era castigado. Depois de algum tempo, estudei na localidade de Batedeira e a professora não usava mais a palmatória, já era em outro ritmo. A professora tinha recebido uma preparação, em colégios de Fortaleza, até que não tão rígida, mas também não era mil maravilhas, quando chegava ao fim do ano, a avaliação era uma prova e quem fosse reprovado não teria mais nenhuma chance, voltaria no ano seguinte, para o mesmo nível de estudo.

Anos depois, em torrões, um ano completo na quarta série, com um professor muito legal, não fui reprovado, pois o interesse pelos meus estudos crescia. Anos depois fomos para Itarema fazer a Unice, mas não deu muito certo e parou. Demos inicio a outro curso, o curso Rita Nilce Amorim Vasconcelos, nesse terminei o 1º Grau e 2º Grau, foi muito legal, aproveitei bastante, claro sempre depende do meu interesse.

Meu percurso como professor

Evandro

Para mim, o primeiro passo como professor foi muito importante. Já nasciam ideias vindas de outros estados, como na Conferência dos professores indígenas no Estado da Bahia, em que tivemos representantes tremembés, vendo as experiências de nossos parentes na educação diferenciada. Um ponto importante da escola nascia da própria comunidade, onde têm, até os dias de hoje, uma frase: queremos uma escola que não mude o jeito da gente ser. (Dona Diana. Tremembé.) Quando comecei a expor e exercer as aulas, foi um momento

educação indigena CC.indd 723 26/10/2015 11:43:53

que marcou a minha vida. Ser professor, conhecer, falar, expor suas ideias. O diferenciado, sempre vem passando de geração em geração, essa cultura é ligada com o nosso próprio povo. Como professor, esse pensamento de ver, analisar e ser critico, me torna uma pessoa que pensa as ciências, a educação diferenciada e o que é ter interculturalidade.

Minhas memórias de estudante

José Getúlio dos Santos

Quando comecei estudar, eu era muito pequeno. Lembro que minha primeira professora foi a Andreína e eu era o melhor aluno que tinha na classe, era o mais inteligente, mais interessado. A professora possuía uma palmatória feita pelo meu pai, então eu me interessava muito para não levar bolo dos outros alunos, principalmente do meu primo Jean.

A escola era mesmo na minha casa, tinha plantinhas e era muito lindo, mas na escola não tinha merenda e nem cadeira pra gente sentar, só tinha uns banquinhos que meu pai fazia.

Certo dia a Andreína mandou nós estudarmos a tabuada em casa eu estudei e decorei rapidamente, quando foi no outro dia, na hora da professora perguntar para nós, eu fiquei com o coração na mão, mas para minha sorte alguns alunos erraram.

Quando eles iam errando, a professora ia me perguntando e eu acertando e dando bolos neles, mas depois só teve um problema: os alunos que eu dei bolo ficaram com raiva de mim, mas depois a raiva passou e a gente continuou sendo amigo.

Quando foi em 1995 minha mãe me matriculou e meu irmão no colégio de torrões, lá no colégio tinha merenda, cadeira e era muito animada. Às vezes os alunos insultavam um com o outro e quando um chorava o outro chorava também. Eu e meu irmão estudamos juntos até a 5ª série, mas quando chegou na 6ª a gente se separou, porque ele só esperava por mim e às vezes não fazia os exercícios, depois me pedia e eu dava o caderno pra ele.

Na 6ª houve um problema comigo e um professor, nós discutimos duas vezes na classe e ele falou que eu ia ficar reprovado, mas não fiquei e hoje estou na 7ª e continuo inteligente como sempre.

educação indigena CC.indd 724 26/10/2015 11:43:53

Meu percurso de estudante ao magistério indígena Tremembé

José Getúlio dos Santos.

Eu sempre tive muita vontade de um dia participar de um curso, desde quando eu estudava a 5ª série, hoje estou cursando a 7ª e no inicio do ano ouvi alguém falar num curso para os professores indígenas e que o curso iria acontecer na praia, mas eu pensei que seria somente para os professores.

Mas, certo dia eu estava em casa, estava esquecido do curso quando a dona Neném Beata e a Andreína me falaram que eu ia também participar do curso e eu falei que não estava entendendo nada, perguntei pra elas se o curso não era somente para os professores e elas falaram que não e que outras pessoas candidatos a professores podiam também participar, eu fiquei muito animado, depois a minha mãe e a Liduína me falaram de novo que eu ia participar desse curso.

Quando estava na semana do seminário eu me desanimei e falei que não ia mais participar, mas minha mãe, a Andreína, a Liduína, dona neném e a Rosângela me animaram falaram que seria muito bom pra mim e eu decidi participar.

Participei da semana do seminário e gostei muito, mas quando chegaram os dias pra nós irmos para a Varjota eu desanimei de novo e falei que ia desistir da vez, mas minhas irmãs falaram que não era pra eu desistir, então eu resolvi ir e lá, conversando com Júnior, ele me falou umas coisas e que não podia desistir que esse curso era muito importante e que um dia ia me ajudar bastante e pelo que ouvi e aprendi lá na Varjota não desisto mais por nada. Eu parei e pensei que nesse curso eu vou aprender muito sobre a nossa terra e, com o apoio de todas, um dia vou ser professor e vou ajudar mais na luta pela terra.

Minhas memórias de estudante

Manuel Xavier do Nascimento "Grosso".

O meu inicio de estudo foi dado a partir dos meus oitos anos de idade. Nessa época eu estudava diariamente, ou seja, os professores sendo pago pelos pais. Meus seguintes professores foram: Valdecir, Neta, Valdinha e a Cristina, todos sendo pagos pelos pais. Nesse tempo, pouco se estudava matemática, o estudo mais frequentado era a carta do (abc) ABC.

educação indigena CC.indd 725 26/10/2015 11:43:54

Naquela época tudo era dificultoso, tinha o alfabeto todinho passado numa folha e tinha outra folha furada, que botava encima de uma das letras e perguntava para os alunos que letra era. Os alunos que não acertassem, às vezes levavam só uma palmatorada, mas tinha vezes que levava até de uma dúzia de bolo e todo esse processo era o chamado argumento.

Depois de todo esse processo eu só fui frequentar a escola a partir de 1992, que foi na época que comecei estudar com a tia Marlúcia, com a Lucélia, com a dadinha e com o João Gomes que estou estudando ainda hoje.

Desde 1992, as coisas facilitaram muito e tem escola em todas as localidades, tem merenda e tem transporte. Uma coisa que facilitou também foi a palmatória, que naquela época era o mais usado nas escolas e hoje em dia, graça a Deus, não existe mais.

Meu percurso de professor

Manuel Xavier do Nascimento "Grosso"

Eu comecei ensinar no dia 21 de outubro de ano 2000. Meu inicio foi substituindo a vaga da Janete que foi na época que ela ganhou bebê. Aí quando ela voltou a ensinar eu continuei a ensinar com ela e ficamos ensinando juntos.

Aí José Valdir programou uma reunião com todas as lideranças, professores e alunos presentes, que foi iniciada as 7h00minh. E nessa reunião foram colocadas muitas propostas dadas pelas lideranças, até que as lideranças falaram que os alunos podiam dar a proposta deles: ai todos os alunos falaram que não tinha nada contra mim.

As lideranças completaram que se os alunos estavam achando bom eu podia ficar. E eu continuei ensinado junto com a Janete.

Ai foi o tempo que a Seduc falou para Zé Valdir que cada professor tinha que ter sua turma e que não tinha mais esse direito de dois professores substituir uma só turma. Então nos separamos e hoje estamos cada um com sua turma, eu ensinando jovens e adultos e a Janete ensinando crianças.

Sempre dizendo que não fui ensinar por minha conta e sim apoiado pela comunidade. Esse é o meu percurso de professor.

educação indigena CC.indd 726 26/10/2015 11:43:54

As minhas memórias de estudante

Maria Ivonete dos Santos (Nete)

21 anos

O que eu guardo na minha memória são algumas recordações. Minhas primeiras professoras foram Neudinha e Conceição elas ensinavam em suas casas que eram feitas de taipa e quando tinha argumento na escola da Conceição eu sempre acertava e dava bolo nos colegas que erravam.

De 1989 a 1991 cursei a 1ª série e repeti a 2ª duas vezes com tia Marlúcia, as aulas aconteciam no salão velho, tinham dois bancos de cimento e outros de pau de cajueiro, não tinha merenda. As festinhas que ela promovia eram bastante animadas, mas para mim eram emocionantes e ainda neste ano a Ducôco andou no salão e foi um alvoroço muito grande de nós que lá estávamos estudando, eles tentavam acalmar dando bombons e dizendo que iam fazer nada.

Em 92 e 93 estudei no Lameirão a 2ª e a 3ª série na casa de José Maria Monteiro que era feita de tijolo comum e lá ensinava vários professores, mas a minha professora era Maria Clarice, foi um pouco complicado estudar lá devido o Lagamar. Quando as marés eram grandes, nós não íamos. Lá participei de um desfile no final do ano no qual eu fui vencedora.

Em 94 não estudei por não ter 4ª serie por aqui, somente tinha na Ducôco e meu pai quis tentar me colocar lá, mas muitas pessoas disseram pra ele que era melhor desistir, porque lá só estudava os filhos dos empregados de lá. Em 95 voltei a estudar num espaço que eu sempre sonhava, em um colégio e com a professora de sempre: tia Marlúcia, o local foi na Tapera e o colégio é o mesmo de hoje só mudou a cor que era branca e azul.

Em 96 e 97 estudei em Itarema 5ª e 6ª série no colégio Luzia Araújo Barros, em 96 no dia 27 de maio houve uma batida com o carro que nos levava (D40) e o caminhão do lixo perto da residência do Bino Monteiro, foi terrível, mas graças a Deus não morreu ninguém só ficou uma de nossas colegas ferida e logo foi para o hospital. Lá nós usávamos farda e a dela não prestou mais, nesse tempo o nosso motorista era irresponsável.

educação indigena CC.indd 727 26/10/2015 11:43:54

Em 98 desisti de estudar normal, por que achava cansativo por ser dona de casa, trabalhar em artesanato, dar aula pra jovens e adultos e também frequentar as aulas de Karla, Evaldo, Ivo, Liduína e Karine. Não era diretamente, mas acontecia e foi por esse motivo que resolvi sair e fazer parte do supletivo da UNICE que acontecia finais de semana e nas feiras de 2ª a 5ª.

Em agosto de 98 o curso foi denunciado e várias pessoas saíram. Com alguns dias, estas pessoas foram chamadas para fazer o curso, mas já foi outro curso de Rita Nilce Amorim que tive a oportunidade de terminar o 1º e 2º grau e agora estamos fazendo a habilitação, quando eu ensino pela rede municipal recebia uma ajuda de custo, mas agora não.

Nesse ano comecei a cursar o magistério indígena Tremembé que tem previsão para três anos e está sendo muito bom com professores e os colegas, a gente se dá muito bem.

Meu percurso de estudante a professor indígena Tremembé

Maria Ivonete dos Santos (Nete)

21 anos

Localidade: Varjota

Quando eu comecei a ensinar eu tinha 17 anos. Foi em 1997 que a comunidade indígena de Varjota me indicou para ser professora voluntária. Eu não sabia do que estava se tratando, mas só depois fiquei sabendo que a comunidade estava lutando por uma escola diferenciada. A comunidade havia se juntado a noite e escolhido pessoas que não estavam presentes para serem professores voluntários de jovens e adultos e eu era uma das pessoas indicadas, me senti insegura por não saber nada, mais ao mesmo tempo me senti querida pela a minha comunidade e ainda nesse ano tivemos a presença da Karla e do Evaldo que lutaram junto e tudo foi enfrente. Eles conseguiram material didático para nós e a partir daí a nossa escola indígena diferenciada se iniciou.

No dia 9 de setembro de 1997 começamos a ensinar em nossas casas com ajuda de uma lâmpada que os alunos eram quem compravam o botijão.

Passei três anos convivendo com os adultos. Em 2000 surgiu uma vaga para professor de criança na minha localidade e eu mais uma vez fui escolhida pela a comunidade para ensinar três séries, pois já estava terminando o supletivo.

educação indigena CC.indd 728 26/10/2015 11:43:54

As minhas memórias de estudante

Maria Joelma Félix
Localidade: Tapera

Quando comecei a estudar, foi em uma casinha que não tinha carteiras, se sentava em bancos ou no chão. A minha professora se chamava Júlia, iniciei numa cartilha de A B C.

Nesse tempo tinha argumento, castigo. Na parede da sala da casa tinha foto. Tinha também um caixão e em cima tinha uma sela. Nesse tempo já tinha merenda e eram boas.

Da cartilha de A B C passei a estudar em uma cartilha do Zé e da Ana, com a mesma professora. Dessa cartilha passei para um livro de João e Maria e mudei de professora. O nome dela era Rosária. Eu nunca repetia um ano, sempre passava de série.

Já nesse período do livro de João e Maria, a escola funcionava em colégio. Desse colégio passei e fui estudar em Ducôco na 2ª série com a professora Vânia, ela era uma ótima professora. Nesse colégio eu estudei três anos: 2ª, 3ª e 4ª série.

Nesse período, eu comecei a ter uma experiência como era o trabalho de uma professora. Porque na minha sala, a tia Vânia me escolheu para ser uma líder da sala. Quando ela saia para atender um telefonema, me deixava passando algum dever e dando uma olhada nos alunos.

Daí por diante, comecei ter muitos sacrifícios, eu passei para 5ª série e aqui não tinha e só tinha em Itarema e foi o jeito eu ir, uns da minha turma desistiram. Então eu e meu irmão Maurício tínhamos que nos acordar às 4h00 horas da manhã porque quando chegava à Ducôco, tinha um carro que ia nos deixar na beira do rio, muitas vezes perdia e tinha que ir a pé. Passava na jangada e esperava o ônibus passar em urubu, às vezes ia de caminhão. Sofria muito, levava chuvas, passava fome, vinha a pé. Eu fiquei nesse sofrimento até a 7ª série, quando chegou na 6ª, o meu irmão desistiu. Também vinha com a gente Dadinha e Lucélia de Varjota e os meninos de Ducôco.

Quando eu estava fazendo a 7ª série, no final dos das provas fiquei muito triste, chorei porque não tinha passado para a 8ª, fiz uma recuperação e passei.

educação indigena CC.indd 729 26/10/2015 11:43:54

Desse tempo desisti, passei um ano sem estudar. Comecei a ensinar, fiz um supletivo chamado (AGORA EU SEI) esse curso só teve início, mais não deu fim. Iniciei outro curso (UNICE), teve início e não teve continuidade. Iniciei no outro curso chamado Rita Nilce Amorim, nesse curso eu terminei o 1º e 2º grau. Iniciei o 3º, mais não dei continuidade.

Meu percurso como professora

Maria Joelma Félix
Localidade: Tapera

Quando eu entrei em uma sala de aula, para estrear como professora, eu tinha 15 anos de idade. Então quem ensinava naquela época era a D. Rosária, ela falou comigo para ensinar crianças, eu aceitei. Nessa mesma época eu passava por muitas dificuldades, porque eu estudava em Itarema e todos os dias me acordava 4h00 horas da manhã para pegar o transporte em Torrões, devido à dificuldade que aqui tinha de estrada e transporte.

Esse período que comecei a ensinar, era na candidatura de Zé Maria Monteiro. Findou o mandato e teve outra eleição. Que era Dedé Rios e Ana Rita.

O Dedé venceu e teve sempre aquelas mudanças. Ficou fora uma auxiliar de serviço e uma professora, que nesse caso foi a D. Rosária.

Houve uma reunião em Tapera, mais antes dessa reunião, já tinha ido uma pessoa lá em minha casa, fazendo perguntas, se eu não queria ser a coordenadora do colégio, eu aceitei, essa pessoa me levou para Itarema e me apresentou o Senhor Prefeito e a Primeira Dama e o Senhor secretário de educação, teve um debate, pediram para eu escolher dois professores e auxiliares de serviço. Foi a partir daí que marcaram uma reunião com toda a comunidade de Tapera. Nessa reunião houve muitas discussões. E ficou decidido que eu ficasse trabalhando como professora e coordenadora.

Por isso, eu agradeço a Rosária e a comunidade.

Minhas memórias de estudante

Maria Piedade dos Santos (Dadinha)

Na minha vida de estudante, todas as datas foram marcantes, pois todos me chamaram atenção sejam eles bons ou ruins.

educação indigena CC.indd 730 26/10/2015 11:43:54

Quando comecei estudar eu tinha mais ou menos uns oito anos de idade e na época eu morava na Lagoa do mineiro, mas ia para a escola no córrego das moças que não é tão perto. Quando saí de lá vim morar aqui na Varjota com a Neudinha numa Cartilha que se chamava a Cartilha da Ana e do Zé, era uma escola que não era muito confortável, a gente sentava no chão ou então em cima de uma carnaúba.

Quando eu saí de lá, fui estudar no salão com a professora Maria Lúcia e lá foi a escola que me marcou mais, porque foi nela que eu aprendi a ler e escrever, a professora também era muito divertida e gostava muito de fazer comemorações, principalmente do dia das mães.

Quando foi em 1993 eu passei a estudar em Itarema e na época eu fazia a 4º série e o professor era o Mattos, por sinal ótimo professor, que ensinava no colégio Marieta Rios.

Nessa época aconteceu um fato muito marcante, as dificuldades eram tantas para mim, que naquele tempo não tinha tanta certeza se continuava meus estudos ou não, pois não tinha estrada e os transportes eram muito raros por aqui. Mas mesmos assim continuei, me levantava às 4 horas da manhã para pegar ônibus e chegava à casa a 13 da tarde e ia ensinar.

Depois eu comecei estudar no colégio Luzia Araújo Barros e lá todos os acontecimentos foram importantes, mas teve dois fatos que me marcaram muito, primeiro foi quando eu desfilei pela primeira vez no dia 7 de setembro e o segundo foi uma tragédia que a aconteceu com a turma que ia para escola no caminhão dirigido pelo Batista, o fato a acontecido foi assim: era manhã e nós saímos para a escola e ao chegar ao colégio o carro bateu em outro, ficamos todas apavorados, mais só uma pessoa saiu ferida.

Os anos se passaram e quando foi em 1997 eu terminei o meu 1º grau, que também foi muito importante para mim, aí passei a estudar o 1º cientifico e não concluí Me matriculei no supletivo e foi aí que eu terminei meu 2º grau e agora estou aqui fazendo o magistério.

educação indigena CC.indd 731 26/10/2015 11:43:55

Meu percurso de aluno a professor

Maria Piedade dos Santos (Dadinha)

Quando foi em 1994 surgiu a necessidade de uma professora na área e a única pessoa que tinha o nível de estudo mais alto era eu, então fui indicada pela comunidade para ensinar uma turma de mais ou menos trinta crianças. Era difícil porque não tinha local suficiente para acomodar todas, mas comecei ensinar debaixo de uma casa de farinha.

Na época eu ensinava a 1ª série, era tudo muito difícil, pois não tinha material para atender todas as crianças, um dos exemplos era carteira que não tinha, também não tinha lousa e a única solução era escrever todos os exercícios a mão, ou então escrever no chão para os alunos tirarem mostra. Era uma escola pública, dava-se o nome de escola isolada, por isso não recebia quase nada dos materiais que precisava.

Merenda não tinha como ser feita, porque a prefeitura não queria pagar merendeira, mas as mães se reuniram e chegaram a uma conclusão que cada uma se responsabilizava pela merenda de seus filhos, então cada dia da semana iam umas mães diferentes para fazer a merenda.

Os anos se passaram e quando foi em 1996 eu passei a ensinar 3ª e 4ª série por uma necessidade, tinha muita gente que queria estudar e não tinha com quem, então a comunidade se reuniu e lançaram a proposta para mim, e nesse mesmo dia foi escolhida outra professora para assumir a turma da 1ª série e eu passaria ensinar a outra turma.

A situação era mais fácil, pois já tinha uma lousa e a experiência era maior. Quando foi praticamente no final de 1997 eu passei a ensinar no prédio e venho ensinando até os dias de hoje, só que agora eu ensino só 4ª série. Tudo está diferente daquele tempo, pois muitas dificuldades acabaram.

As minhas memórias de Estudante

Raimunda Marques do Nascimento
30 anos
Comunidade Praia de Almofala / Aldeia Tremembé
Data 6/9/2001

Já se passaram muitos anos do tempo que eu estudava, mas basta fechar olhos para ver e sentir todos os momentos que vivi naquele tempo.

educação indigena CC.indd 732 26/10/2015 11:43:55

Eu lembro cada momento que passei quando estudava, um desses momentos que até hoje não esqueço, foi dos argumentos que tinham naquele tempo, até posso lembrar a professora que colocava os alunos em uma roda com uma carta de abc. Na mão, tinha um pedaço de papel furado no meio, e colocava sobre a letra, que muitas vezes mal dava para ver, e saía perguntando na roda toda, eu lembro. Mas antes ela dizia: "quem errar, leva um bolo". E começava dizendo: "quem puxa a mão eu tomo a palmatória e dou bolo de verdade". Ela ensinava na pequena sala de sua casa, não tinha merenda, mas na hora do recreio a gente gostava de brincar no quintal.

Naquele tempo, para estudar era muito difícil, porque eu estudava pela manhã, mas muitas vezes não tinha merenda e a gente ficava o fim da aula com fome.

Eu nunca levei bolo, nem dos alunos e nem da professora, no tempo que eu estudava, teve aluno que ficou mau de mim por causa do argumento e só agora, depois que viremos pai e mãe, foi que voltamos a nos falar. Eu toda vida gostei de estudar e nunca fui de passar por muitas escolas, só tive duas professoras. Quando era menina, uma foi a Iracilda a outra foi Alice, que estudei com ela na escola que hoje se chama Maria Clarice de Andrade, em Almofala. Lá era um lugar com três compartimentos, mas tinha espaço para nós brincarmos na hora do recreio e as brincadeiras daquele tempo eram bandeira, pula de corda, pula de macaca... Esses foram os momentos que passei, quando menina que estudava na aldeia.

Mas passei muito tempo sem estudar, depois foi para fortaleza, lá voltei a estudar e foi uma nova experiência e um novo acontecimento. Para começar, fui estudar em um colégio que tinha o nome de escola de Primeiro grau Lídia Bezerra e que ficava situada na cidade 2000. Lá em fortaleza era um lugar simples é agradável, com três salas de aula e os nomes das minhas professoras eram Odília, Eliane é Gorette.

Passei muitos momentos bons e um desses melhores momentos que passei foi por que só lá aprendi a ler e escrever, porque antes de estudar lá eu não sabia agradecer aquelas professoras que tiveram paciência comigo e com todos os outros alunos, lá fui líder da classe três vezes e gostava das minhas professoras.

educação indigena CC.indd 733 26/10/2015 11:43:55

Eu estudava a noite porque durante o dia eu trabalhava em casa de família. A professora foi quem me ajudou a tornar meus sonhos em realidade, pois quando voltei de Fortaleza e tive meu filho, eu voltei novamente para Fortaleza, mas não continuei a estudar e passei um tempo lá e quando voltei disse para mim mesmo "eu não quero passar minha vida toda trabalhando na cozinha dos brancos, queria realizar meu sonho", que era ensinar e com a ajuda da minha comunidade botei meu sonho para frente, mas com o passar do tempo e por motivo financeiros, fiquei sem ensinar, fiquei parado, mas com a chegada da Silvana, Karla é Evaldo, eu continuei com a profissão e com meu sonho e hoje estou com cinco anos que estou ensinando e agora tem uma responsabilidade e um carinho maior. Hoje estou estudando no Magistério Indígena Tremembé, e quando penso que aquela menina que quando criança falava e brincava de professora, hoje é mulher e mãe de 7 filhos, e é com muita dificuldade que está o dia a dia na sala de aula, agora com mais alegria, estou concluindo meus estudos.

Foi muito difícil chegar, mas essa dificuldade me deu mais força para continuar. Se naquele tempo eu tivesse a coragem e a força que eu tenho hoje, não tinha deixado de ensinar uns tempos, porque hoje eu sei lutar pelos meus sonhos e minha realidade e foi assim que mm tornei essa professora que hoje sou.

As minhas memórias de estudantes

Vilca

Comunidade de Passagem Rasa

No começo da minha escola, era em uma casa familiar, não tinha carteira, não tinha merenda, mas mesmo assim eu amava minha escola, minha professora, minhas amigas e amigos.

Meu primeiro livro foi uma cartilha do Zé e da Ana, esse era o nome da minha primeira cartilha de minha infância.

No início da minha aula, eu só cobria as letras do alfabeto e lendo por etapa, as vogais, as consoantes e as outras letras do alfabeto maiúsculo e minúsculo.

Essa casa que eu estudava era uma casinha branca, não muito pequena, tinha uma salinha que era lá que eu estudava, tinha mais ou menos umas 15 crianças

educação indigena CC.indd 734 26/10/2015 11:43:55

em nível de alfabetização à 3º série, era uma escola que eu nunca esqueci, ela ficava no meio dos coqueiros, cajueiros e outras plantas, passava uma estrada em frente à escola e tinha uma janela que ficava na frente da estrada.

Ainda tenho essa escola na minha memória, estudei lá durante 4 anos junto com os mesmos alunos e a mesma professora.

Ainda hoje eu a chamo de tia eu gosto muito dela, como que ainda seja minha professora, ela se chama Safira. A professora de Passagem Rasa, todos os alunos dessa localidade passaram pela escola dela, a Tia Safira.

Eu comecei estudar com 11 anos porque não tinha escola perto de minha casa, aí minha mãe estava esperando que a minha outra irmã crescesse para podermos ir juntas para essa escola, que eu acabei de descrever.

Estudei lá durante 4 anos. Eu ia para aula com minha irmã, terminei a 3º serie com 15 anos. Passei a estudar no Itarema, saia de casa às 5h00 da manhã para chegar à pista as 6h00, para pegar o ônibus. Estudei no Marieta a 4ª série durante dois anos, com o professor Matos. Eu também gostei muito dele, era um ótimo professor.

Quando eu completei 19 anos, fui estudar no Ginásio de Itarema. Estudei lá durante 4 anos, passei dois anos sem estudo, por dificuldades de transporte. Quando terminei o 2º grau no Ginásio, passei a estudar no Luzia Araújo Barros, que estou cursando o 2º grau, desde 2001, fazendo o tom.

Minha memória de estudante

José Valdir de Holanda.
Comunidade Varjota.
15/09/2001

Eu comecei á estudar com seis anos de idade, a minha primeira professora se chamava Maria do Mané Hilário.

O local da escola era na casa do Chico Lagoa, aqui mesmo em Varjota. Depois estudei em Jardim e a professora se chamava Maria Holanda, isso eu já tinha meus nove anos de idade. Nesse tempo eu morava lá.

educação indigena CC.indd 735 26/10/2015 11:43:55

Depois voltei novamente para morar em Varjota, comecei estudar com a professora Marlúcia, não me dei bem, porque ela era muito malvada para todos os alunos.

Nesse tempo tinha palmatória e ela dava castigo. Botava cadeira na cabeça, puxava as orelhas, botava de joelho, em cima de caroço de milho e dava bola na cabeça.

Essa escola era na casa da Bahia, nesse tempo não tinha merenda e nem se ganhava material.

Saí da escola da Marlúcia e fui estudar com Francisco Zabel na Tapera. Que era um professor muito bom.

Depois voltei novamente para estudar com a dita Marlúcia, onde terminei á 4ª série, aí parei de estudar.

Meu percurso de professor

José Valdir de Holanda.
Comunidade Varjota.
15/09/2001

Começou a partir da chegada da Karla quando a comunidade se juntou para escolher pessoas para serem professores.

Daí por diante comecei a ensinar uma turma de jovens e adultos junto com Neta e Ana Lúcia, isso a partir de 1996.

Passei 3 anos ensinando voluntário, mas mesmo assim eu tinha fé que um dia eu era remunerado e até que se fez um convênio com o estado e comecei a receber. Atrasado sim, mas estou recebendo.

E assim foi meu percurso de professor e continuei ate hoje. Tenho 38 anos. Nasci dia 29/09/1963.

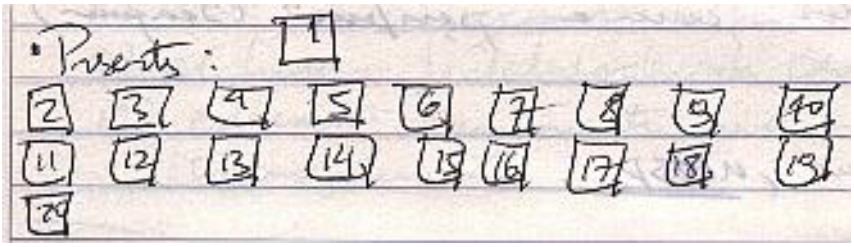
educação indigena CC.indd 736 26/10/2015 11:43:55

17 de setembro de 2001[317]

Reunião Lideranças Indígenas com Ministério Público (Dr. João Carlos)

Local: Auditório da Procuradoria da República/CE

[Anotei no diário a posição em que se encontravam os presentes, distribuídos nas cadeiras e fileiras do auditório]



Diário de Campo, nº5, p. 46

1)Dr.João Carlos (Procuradoria da República/CE); 2)Magalhães (Funai/CE); 3)Acrísio Alencar (Funai/CE); 4)João Venança (Cacique Tremembé); 5)Dourado (Tapeba); 6)Toínho (Jenipapo-Kanindé); 7)Raimundo Salú (Tremembé); 8)Valdiberto ("Tremembé do Córrego do João Pereira"[318]); 9) Júnior (?) ("Tremembé do Córrego do João Pereira"); 10)(?) ("Tremembé do Córrego do João Pereira"); 11) Agostinho Teixeira (Tremembé); 12)Ana (Tabajara); 13)Helena (Potiguara); 14)Ciço (Tabajara); 15)(?) (Tabajara/Kalabaça); 16)"Preá" (Jenipapo-Kanindé); 17)Pequena (Cacique Jenipapo-Kanindé); 18) Ivonilde (Tapeba); 19)Nildo (Tapeba); 20)Eu

Resumo das falas:[319]

Dr. João Carlos:

Informa que, agora, é responsável pela 6ª Câmara.

[317] Diário de Campo n. 5, p. 46-065.

[318] Assim se autoidentificam em eventos públicos a facção Tremembé da localidade de Capim-Açu.

[319] Por ter chegado um pouco depois de a reunião ter se iniciado, não pude fazer anotações desde sua abertura.

educação indigena CC.indd 737 26/10/2015 11:43:55

Em reunião realizada com o MPF em Brasília, chegou-se à conclusão que um problema crucial dos indígenas no Ceará é que a sociedade não reconhece os índios como tal. Cita João Venança, quando disse que os direitos dos índios não são respeitados, ao contrário dos direitos dos *brancos*.

Informa ainda que está responsável não somente pelos direitos dos povos indígenas, mas também pelo Patrimônio Cultural, Meio Ambiente etc. No entanto, os direitos indígenas são sua prioridade.

Planeja realizar caravanas, viagens de 15 em 15 dias, até as localidades onde existem povos indígenas, com o objetivo de sensibilizar a sociedade local para reconhecer a identidade dos povos indígenas.

Havia solicitado a Acrísio (Funai/CE) que preparasse 16 artigos a serem publicados sobre a identidade atual dos povos indígenas no Ceará, como parte de uma estratégia de mídia para dar visibilidade aos índios. Outra estratégia é a organização da Semana do Índio, em 2002, no Centro de Arte e Cultura Dragão do Mar, com feiras, exposições etc. O objetivo é "pressionar os juízes para perceberem a identidade indígena".

[**Tenho a impressão que Dr. João Carlos está atrasado, ele e o MP de Brasília, em suas análises. Ele chegou a dizer explicitamente que percebeu que a maioria dos índios é católica. Disse que os índios não precisavam retornar aos rituais antigos para se afirmarem como índios. Disse também que a fé não tem nada a ver com a identidade indígena. Ele, me parece, de um lado compreende a* atualidade *da "identidade" indígena mas, por outro, parece induzir os índios ao catolicismo, ao afirmar, por duas ou três vezes, que é católico. Observei que, no papel timbrado, impresso com notas de um* Relatório da Viagem do dia 21 de agosto de 2001 *(a Brasília?), está escrito acima do brasão do Ministério Público Federal:* Jesus Cristo ressuscitou. Aleluia!*]*

Esclarece, finalmente, que o objetivo desta reunião de hoje é conversar com lideranças indígenas sobre novas estratégias para dar visibilidade à identidade dos povos indígenas no Ceará.

[**Parece haver um pressuposto, por parte dele, de que a problemática indígena no Ceará seria por falta de visibilidade dos povos indígenas, de um lado. De outro, falta de informação da sociedade envolvente*]

educação indigena CC.indd 738 26/10/2015 11:43:56

Dourado (Tapeba) introduz o assunto do momento: os conflitos e faccionalismos entre os povos indígenas. Historiciza o apoio da Igreja, de *dom* Aloísio Lorscheider, inicialmente, e, depois, da *Operação Tremembé*. Afirma que, atualmente, esta entidade está dividindo os povos indígenas, reconhecidos e não reconhecidos. Cita também a Seduc, "não todos, mas algumas técnicas: dizem uma coisa pra uns e outra coisa pra os outros, causando a divisão, não falando a mesma linguagem".

Helena (Potiguara) diz que não foi informada de que a Funai iria enviar um GTI à sua região (Crateús), que Têca sabia, mas "as decisões ficam lá, por cima".

Tomo a palavra, informo que fui convidado à reunião por Acrísio (Funai) e peço permissão para me retirar "por entender, agora, que se trata de uma reunião do Procurador com as lideranças indígenas, sem as entidades". Justifico meu pedido ainda por saber que minha presença em meio aos índios, nesses últimos tempos, tem sido objeto de ciúmes de algumas entidades.

Dr. João Carlos diz, então, que quer escutar as lideranças indígenas "para evitar essa ciumeira". Pede que eu permaneça na reunião.

[**Pediu-me para sentar-me na grande mesa, à frente, ao seu lado! Pode ter sido um sinal de respeito a mim, enquanto professor, ou porque já me havia conhecido no último curso realizado com os tremembés. Antes, louvou minha atitude, ao me disponibilizar para me retirar ao saber que a reunião havia sido combinada somente com as lideranças. Louvou ainda a transparência com que me coloquei e disse que era "objeto de ciumeira". Diz que minha postura é a mesma dele. Fez um gesto com os dedos indicador e médio da mão esquerda, sobrepondo-os, simbolizando identidade ou igualdade. Pequena, JK, também sai em minha defesa, dizendo que sou bem-vindo. Valdiberto e seu grupo abaixam e torcem a cabeça para os lados*].

Afirma que não teve ainda contato com as entidades indigenistas. Diz que não quer se promover pessoalmente e que não vai atrapalhar quem quer ajudar. Disse que "se houver quinze mil entidades querendo trabalhar, não tem problema". Retoma o assunto *estratégias de visibilidade*. Sugere "feiras com comida típica, música indígena etc". [**Parece deslocar o eixo da problemática do reconhecimento, que é política, para a cultura*].

educação indigena CC.indd 739 26/10/2015 11:43:56

Helena posiciona-se sobre as sugestões do doutor João Carlos. Diz que os eventos deveriam ser programados em nível local, com as lideranças, "inclusive porque estamos pouco representados aqui, somos somente quatro".

Dourado retoma o tema do faccionalismo. Cita a questão Tremembé como exemplo, no Capim-Açu.

Valdiberto ("Tremembé do Córrego do João Pereira") retruca a fala de Dourado, corrigindo o nome da localidade para Córrego do João Pereira e afirmando que a divisão não foi causada pelas entidades, mas "por causa da organização, são duas comunidades separadas [geograficamente]".

*[*A reação de Valdiberto dá o tom do conflito. A disputa em torno do nome da localidade tem-se constituído uma estratégia, entre outras, de afirmação do seu grupo, a facção ligada a Pedro Teixeira. Historicamente, são conhecidos como Tremembé do Capim-Açu, tendo em Agostinho Teixeira a principal referência de luta pela terra indígena. O apoio da Operação Tremembé a Pedro Teixeira, mais o relatório – contestado por Agostinho e seu grupo – elaborado pelo antropólogo da Funai coordenador do GTI/Capim Açu, foram decisivos no fortalecimento do grupo de Pedro Teixeira que, a partir de então, passou a investir no nome Córrego do João Pereira como estratégia de desvinculação do nome de Agostinho Teixeira à luta por aquelas terras. O apoio dado pela Operação Tremembé unilateralmente à facção de Pedro Teixeira, associado à conquista da demarcação oficial da terra no ano passado, levaram o conflito ao seu ponto de ebulição atual: os Tremembés do Córrego do João Pereira não reconhecem o Conselho Indígena dos Tremembé de Almofala – CITA como órgão máximo representativo de sua etnia, nem a liderança do cacique].*

Dr. João Carlos prossegue sugerindo duas ações: 1)Publicar artigos sobre "O índio no Ceará, hoje" e 2)Encontros locais com os indígenas mais segmentos sociais diversificados, com Seminários, Apresentações artísticas dos índios etc.

João Venança (Cacique Tremembé) reflete que "já houve uma luta muito grande por reconhecimento. Depois, outra luta danada para ser publicado no Diário Oficial [o Relatório de Delimitação da Terra Tremembé]". Diz que foram feitas "com os Tapeba e os outros povos inúmeras passeatas em Fortaleza. Todo mundo caracterizado, dançando o toré e o torém. Fizemos não sei quantas ações públicas. Vamos fazer tudo de novo, como se nada houvesse ocorrido?

educação indigena CC.indd 740 26/10/2015 11:43:56

Se eu for juntar todas as cartas de entidades, inclusive internacionais, que tenho em casa, dá um caminhão!". Informa que possuem um documento da terra "dado pela Rainha *Majestá*" e se pergunta "até quando vamos trabalhar desse jeito? Se faz uma coisa, não dá certo. Se faz outra, também não. A terra está mais invadida do que antes do reconhecimento". Finaliza dizendo que "o início da luta se deu com os Tremembé de Almofala, os *legítimos*".

[**Sua fala me soa como uma contestação a Valdiberto. João se utiliza deste dispositivo, recorrer ao argumento da legitimidade ou originalidade para afirmar a preponderância dos Tremembé de Almofala sobre a facção de Valdiberto, fortalecendo, em decorrência, o poder do CITA e o seu próprio*].

Dr. João Carlos instiga João Venança a propor coisas concretas: "e aí, João, o que vamos fazer? Vamos ficar de braços cruzados? O que precisa ser feito para você ser reconhecido como índio?"

João Venança sugere que "uma coisa é partir para ações concretas, pequenas ações".

Dr. João Carlos: "por exemplo, a derrubada da cerca que tu fez por lá?"

João Venança: "é... pra Procuradoria ver e tomar posição, com o apoio de entidades nacionais e internacionais".

Dr. João Carlos passa a questão a Dourado, pedindo que "diga sugestões novas, não comente a fala do João Venança".

Dourado defende que "o índio só é reconhecido quando tem a terra. Os Tapeba só são reconhecidos quando é pra ir aos colégios. Quando se trata da luta pela terra, não são reconhecidos". Culpa a Funai pela invasão do Picuí "porque não enviou recursos para a demarcação da terra". Finaliza reafirmando que "o reconhecimento vem da demarcação da terra".

Júnior (?) ("Tremembé do Córrego do João Pereira") apela para a unidade dos povos indígenas, "independente das divergências", argumentando que "as coisas só vão pá frente a partir da união". Acredita que "é importante as entidades ajudarem a gente".

*[*Surpreende o discurso dele, quando a prática de seu grupo tem sido, ao contrário, a de alargar as divergências e acirrar rupturas entre os tremembés. A defesa das*

educação indigena CC.indd 741 26/10/2015 11:43:56

entidades *parece reduzir-se à defesa da Operação Tremembé e da Seduc, uma vez que nos discursos e práticas de sua facção eles contestam as ações das outras entidades e órgãos oficiais, inclusive, que atuam no campo indigenista. Sua facção foi signatária de uma carta recém-enviada à Funai/Brasília com acusações à Funai/CE e ao trabalho desenvolvido por pessoas ligadas à UFC, Igreja Metodista e ANAÍ, entre outras*].

[...], ("Tremembé do Córrego do João Pereira") comenta que "é importante começar de baixo pra cima". Sugere reuniões entre autoridades locais com a Procuradoria, nos municípios.

Ivonilde (Tapeba) faz notar que "em toda a Caucaia os Tapeba já são reconhecidos".

Nildo (tapeba) sugere "uma forte campanha publicitária". Acredita também que "nós [índios] podemos produzir material e divulgar em todas as escolas".

Pequena (cacique Jenipapo-Kanindé) reforça a sugestão da campanha publicitária e sugere "publicação de cartilhas com a história própria dos índios". Com uma metáfora, defende que "devemos começar arrancando os tocos da areia, pra fazer o alicerce". Diz que no Ceará "tem muitos povos indígenas, e não somente esses que estão aqui". Cita os Paiaku de Paripueira. [...]

"*Preá*" (Jenipapo-Kanindé) relata uma passeata ocorrida em Aquiraz, quando alguns populares diziam não haver índios em Aquiraz, enquanto outros afirmavam o contrário, que "existem índios no buraco da Lagoa da Encantada".

[...] (Tabajara/Kalabaça) endossa a ideia de que há que se demarcar a terra para que o índio possa ser reconhecido.

Ciço (Tabajara, presidente do Conselho Indígena) informa que no município já se reconhece os índios. Considera importante a realização dos Seminários locais propostos.

Ana (Tabajara) apela para a "união, urgentemente", dizendo que, pela primeira vez que esteve aqui, "no curso da Seduc, percebi a desunião[320]".

[320] Talvez por causa da carta que mencionei anteriormente, endereçada à Funai/Brasília, acusando diversas entidades e pessoas que atuam no campo indigenista no Ceará, elaborada durante um encontro de professores indígenas de algumas etnias, organizado pela Seduc, no mês passado.

educação indigena CC.indd 742 26/10/2015 11:43:56

Aponta a importância da imprensa ao noticiar aquele evento. Mas diz que houve reação do prefeito do seu município (Poranga) e de professores da rede pública. Considera, ainda, "muito importante a fala do Dr. Paulo quando diz que o índio não precisa de colar e pena para ser reconhecido, nem dançar o toré no meio da rua".

Agostinho Teixeira (Tremembé de Capim-Açu[321]) propõe que "nós devemos nos organizar, lutar, acabar com os conflitos de índio contra índio, fazer umas açõezinhas, não de índio contra índio, mas contra os posseiros".

Ivonilde lembra de pesquisadores que, antes, passaram por lá e não traziam nada de volta. Observa que "quando há outros pesquisadores que, sem dinheiro, querem ajudar e fazer alguma coisa, são acusados por entidades que colocam liderança contra liderança, índio contra índio". Reafirma a necessidade de união. Acusa a Seduc de usar "o dinheiro que os índios conquistaram para a educação, e somente com parentes indígenas que fizeram um documento contra os Tapeba, Tremembé, Jenipapo-Kanindé, Pitaguary, Creusa, Acrísio, Babi, Karla e Ivo". Diz que estas pessoas "não fizeram o magistério, mas ajudaram porque a gente pediu" e que "não são somente eles". Defende que "Babi estudou os Tapeba, acompanha os índios antes de serem reconhecidos. Muitos que assinaram o documento, foi sem saber".

Valdiberto considera importante o fórum em Itarema. Diz que eles ("Tremembé do Córrego do João Pereira") já se reconhecem, mas que é importante que as autoridades de Itarema e Acaraú os reconheçam.

Raimundo Salú (Tremembé do Capim-Açu) reflete sobre o papel da escola indígena diferenciada no processo de visibilização da identidade indígena.

Doutor João Carlos, após escutar as sugestões e reflexões, faz uma síntese das mesmas, em forma de recomendações:

1. Fortalecer a união entre os índios
2. Publicar artigos nos jornais locais

[321] É esta a forma de autoidentificação originária dos membros daquela comunidade, antes da intervenção da OT nos conflitos.

educação indigena CC.indd 743 26/10/2015 11:43:56

3. Elaborar e divulgar cartilhas com história dos povos indígenas nos municípios
4. Constituir fóruns locais nos municípios
5. Desenvolver uma campanha publicitária em todos os meios de comunicação social
6. Realizar um seminário em Fortaleza, para todo o Ceará
7. Propor mudanças no currículo das escolas convencionais, em relação às informações sobre os povos indígenas

Dourado, com o endosso de João Venança e outros, relembra que "o reconhecimento vem da demarcação das terras".

Doutor João Carlos ratifica a importância de "mudar a estratégia para sair da estaca zero" e propõe encaminhamentos práticos:

a) "Cada povo deve redigir a sua história e mandar uma cópia para mim"
b) "O povo que quiser que seja feito um fórum em seu município, deve me informar"
c) "Indiquem quais as autoridades deveriam ser convocadas ao fórum"
d) Organizar uma reunião com todas as entidades indigenistas, indicadas pelos povos indígenas.

Informa ainda que vai "manter um colégio de lideranças indígenas" e que "vamos manter também reuniões, às vezes, somente com lideranças, outras com as entidades, outras com antropólogos". Finaliza afirmando que "existe uma vontade de minha parte de trabalhar e acertar, para ao menos uma vez, escutar o João Venança dizer que se fez alguma coisa".

Compromete-se a encaminhar a "caravana de reconhecimento dos povos indígenas" e a buscar entidades que publiquem as cartilhas com histórias dos povos indígenas. Pede que sejam enviadas propostas de cartilhas com ilustrações e formato adequado.

Dourado informa ainda que a Assembleia Legislativa se comprometeu, há tempos, através de uma carta encaminhada pelo deputado Welington Landim,

educação indigena CC.indd 744 26/10/2015 11:43:57

a apoiar as lutas pela demarcação das terras indígenas no Ceará. Sugere que a Assembleia Legislativa seja contatada.

Doutor João Carlos, novamente, pede que sejam apontadas as entidades que deverão ser convocadas à reunião proposta.

Helena informa que, no próximo dia 11 de outubro, às 14 horas, haverá reunião com a Seduc para tratar da construção da parte física das escolas indígenas. Sugere que a reunião com as entidades se realize neste mesmo dia "prá economizarmos passagens". Com o consenso de todos, ficou marcada para o dia 11 de outubro de 2001, às 9 horas, no auditório da Procuradoria, a reunião com as entidades. [...]

20 de setembro de 2001, 22h25[322]

Estou em Acaraú, na casa dos meus pais. Há, não sei quantos anos, não passava um aniversário com eles, aqui. Mamãe preparou um jantarzinho simples, muito gostoso: uma sopa tradicional de carne com macarrão e verduras, e camurupim assado com arroz de cenoura e farofa.

Comi de tudo, acompanhado do mocororó que havia ganhado de Gonçalo, Tremembé, ainda no mês passado, e que esquecera na geladeira desta casa. Estava delicioso! Verdadeiramente, um nobre vinho de caju, frio. [...]

Luzia, minha irmã, me deu castanha assada artesanalmente, como fazíamos desde a infância, e me presenteou com dois litros de cajuína e um saco de caju. Dei-me conta do quanto a *cultura do caju* marcou e ainda marca nossas vidas neste pedaço do Ceará. Quando vinha na estrada, ao longo de quase todo o percurso, o cheiro doce do caju impregnava o ar. Somos ainda qualquer coisa dos Tremembé, o *povo dos cajus*.

Mário Júnior, meu sobrinho, trata o caju de modo arcaico, artesanal; por isso reclama que é trabalho demais. É que ele realiza sozinho uma tarefa que

[322] *Diário de Campo*, n. 5, p. 70-097.

educação indigena CC.indd 745 26/10/2015 11:43:57

é, originalmente, realizada em comunidade, com *mutirão*. Talvez seja esse o seu grito, quando diz que "não sei por onde ir, não *enxergo* uma saída". Ele precisa de um *mutirão*, de uma *comunidade*, uma *associação* para *ver* e *viver*. Ele sempre trabalhou tão sozinho, coitado! [...]

21 de setembro de 2001

Encontros de POEFT e POPEET – Praia de Almofala

Avaliação dos efeitos do MIT na prática de Ensino:

Andreína: Sente que mudou: repassou informações para os alunos. Sente-se mais segura.

Raimundinha: Sente-se motivada, vibrante. Considera muito importante rever conhecimentos já esquecidos.

Aurineide: Tem o maior cuidado com o registro da prática de ensino. Planeja, agora, as aulas. Sente-se, agora, "uma professora em formação".

Rita: Aumentou muito seu interesse. "A gente pode dizer que tem o próprio curso da gente".

Liduína: Acha muito importante porque está clareando muita coisa: "estou resgatando uma história que não conhecia"[323]. "Valorizo mais os trabalhos dos alunos. Sei que têm importância para os pesquisadores e para nós".

Jacinta (Saquinho/Lameirão): "Tive aula de História Geral, já sabia de tudo, tinha visto na disciplina do Babi. Fiz o exercício com facilidade".

Neguinha: Clareia a mente da gente. [...]

[323] Instigante o sentido atribuído por Liduína à categoria "resgate". Seria este o sentido também atribuído nas falas de muitos deles, de todas as etnias: não se trata de recuperar o que foi perdido, mas, na verdade, o que não se teve?

educação indigena CC.indd 746 26/10/2015 11:43:57

Tapera.

POEFT e POPEET.

[...]

Tema: Elementos do Planejamento: Atividades; Conteúdos; Metodologia; Recursos; Objetivo; Duração; Realização.

Exercícios de elaboração de planejamento.

Avaliação do MIT:

Lucélia: (+) Achou ótimas as três semanas. Está "apaixonada pelas aulas do Gerson Júnior".

Raimundo: (+) Melhorou a capacidade de planejar.

Lucélia: (+) Aproveitamento do tempo com os alunos.

Dadinha: (+) A experiência em sala de aula cresce cada vez mais.

Raimundo: (+) Melhorou o "tremelique" [o medo, provavelmente resultante da insegurança]

Rita: (+) Melhorou o planejamento. (+) Venceu mais a timidez.

Joelma: (+) Experiência de sala: sente que tem mais conhecimento; ampliou o uso de dinâmicas.

Gracinha: (+) Orientações em sala de aula.

educação indigena CC.indd 747 26/10/2015 11:43:57

24 de setembro de 2001, 2ª Feira

MIT – Curso de Introdução às Ciências do Mar[324]

[...]

Memória do dia:[325]

Carta à minha Amada mais amada.

Meu amor,

O vento que tira música das folhas dos pés de roça do quintal e das telhas do Centro Cultural da Varjota é o que preenche os espaços deste silêncio profundo e solene. São 22h30 e te escrevo da rede, com minha lanterna atada ao pescoço.

Silas dorme em sua rede, ao meu lado direito e, depois dele, Miguel, que veio, muito gentil e disponível, ministrar o curso de Introdução às Ciências do Mar.

Na parte anterior do salão, estão armadas as redes de Alana, Vilca, Gilsa e aquela em que dormem juntos Liduína e João Filho.

Entrei há pouco. Estava conversando com Raimundinha, sentado sobre o poço, no quintal. A lua crescente nos alumiava o suficiente para cobrir de prata os cajueiros, coqueiros e as outras plantas próximas.

O tema da conversa, fundamentalmente, foi a criação de uma associação específica da Praia. Raimundinha disse – e eu já escutei várias vezes, e percebi noutras tantas mais – que eles da Praia estão insatisfeitos com o CITA e que desejam ter uma entidade própria, fortalecendo sua autonomia para a realização de projetos e captação de recursos. Dessa vez, a necessidade se apresentou em decorrência do micro-crédito oferecido pela Teia da Vida, do Iprede, no valor aproximado de R$1.700,00, para a construção de uma estrutura de pousada na casa de João Venança.

[324] Registrado no *notebook*.

[325] Optei por fazer um registro não utilizado até agora, em forma de carta para minha companheira, que estava grávida.

educação indigena CC.indd 748 26/10/2015 11:43:57

Avaliei com Raimundinha as questões implicadas na organização e registro de uma entidade própria na comunidade da Praia. O cuidado fundamental é não deixar que apareça e se efetive como uma divisão. *Disse-lhe que, pessoalmente, sou favorável à organização de entidades por comunidades, salvaguardando uma entidade geral como o CITA.*

Falei a ela do Cd, da possibilidade concreta de a SECULT[326] *financiar, e da necessidade de que uma entidade assine o Projeto: o que torna extremamente atual a discussão [...] de constituírem uma entidade própria ou de se entenderem com o CITA. Ficamos de conversar de novo sobre o assunto, aprofundando-o quando João Venança aparecer nestes dias por aqui.*

Meu amor, descobri mais um bicho-de-pé. Agora são quatro, desde a sexta-feira, quando estive na Praia [...]. Nossa comadre Raimundinha foi quem tirou este último, usando o broche da fralda de Marta Chiara, mais um cotonete e um pouco daquele perfume que você me deu, e que eu trouxe comigo.

Raimundinha dedicou-me atenção especial durante todo o dia: me chamou para comer, preparou meu prato, descascou pessoalmente o ovo que comi com o baião no jantar e puxou um balde d'água pra meu banho. A todo momento ela lembra teu nome.

Ela disse que sabia desde o início que nosso filho era um menino, pois ela, João Venança e Nina haviam feito experiências, obtendo o mesmo resultado.

Meu amor, uma saudade muito forte de você e do bebê, de nossa casa me preencheu desde o início deste dia e até neste momento.

Parei um pouco de escrever. Estava pensando no nome do nosso filho. [...] Acho que agora, meu amor, encontrei definitivamente o interlocutor para os meus diários indígenas.

[...] Meu filho, te escreverei de hoje em diante, a história do que tenho vivido junto aos tremembés principalmente, mas também junto aos outros povos indígenas nestas terras. É a você, sobretudo, e à sua mãe, que quero contar essas histórias, para que você conheça um pouco da minha – sem medo de faltar à modéstia – interessante vida.

Até amanhã, meu amado. Meu amor, até amanhã. Adoro você. [...]

[326] Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto do Ceará.

educação indigena CC.indd 749 26/10/2015 11:43:57

25 de setembro de 2001[327]

[...]

Avaliação:

Júnior: achou tudo muito bom, "vimos o vídeo, vimos que há coisas que não fazemos aqui na comunidade, como o desperdício de peixe". Ponto negativo: "a coordenação pedagógica não fez brincadeira: estávamos cansados".

Evandro: achou muito importante o vídeo: "falava das espécies de peixe, que não conhecíamos na comunidade". Outro ponto muito importante também foi saber que a vida começou no mar, com os micro-organismos. Chamou a atenção a perda do peixe (da pesca do camarão).

Zé Valdir: "não sabia que no mar existia plantinhas que só se viam ao microscópio". "O mar é igualzinho à terra, como se tivesse insetos, onça, macaco. É importante ter sido não escrito, mas em vídeo, dá mais realidade". Ponto negativo, "não achei muito não; só que levamos muito tempo para fazermos as coisas". Cita minha observação, feita em alguns momentos, que o professor trabalha com fala, escrita e leitura.

Rosângela: adora os animais; considera muito importante o que foi ensinado. [...]

Raimundinha: foi tudo muito proveitoso, pois "enriquece a nossa luta tudo o que diz respeito à nossa comunidade". "O ponto negativo é que no primeiro dia a gente fica sempre meio murchinho".[...]

Almoço

Fiz um passeio com Miguel aos limites da terra tremembé delimitada (Lagoa Luis de Barros)

Iniciamos as atividades da tarde com uma brincadeira: em duas filas, frente a frente, cada um observava e relatava as mudanças pequenas na indumentária

[327] Registrado no *notebook*.

educação indigena CC.indd 750 26/10/2015 11:43:58

do parceiro da frente, que eram feitas durante um breve momento, de costas um para o outro.

Aulas: O Litoral Cearense [...]

[**Raimundo, Ivonete, Joelma, Zé Valdir perguntam se o mar tem fim, se o mundo tem fim. Parece que, talvez como nunca antes, se deparam com algo que surpreendeu os homens no início da Modernidade. Experimento, de alguma forma, como uma máquina do tempo, ver as reações de surpresa e descrédito vivenciado pelas pessoas na virada da Idade Média para a Idade Moderna*]

[**Eles fazem perguntas "básicas", tais como: o que é "alegar", "siderúrgica", "satélite"*]

Reunião da Coordenação Pedagógica: Neide, Evandro, Cristina, Raimundo, Zé Valdir.

Pauta:

1. Papel da coordenação: à medida que a questão financeira for solucionada, a coordenação vai assumindo mais seu papel.
2. Análise dos acontecimentos:
   - Zé Valdir faz a memória do curso. Cita o Seminário. [...]
   - A "questão Fernando": Neide contou-nos o que Evandro já me havia contado no final do dia da orientação, no sábado passado: que Fernando teria dito que a carta contra mim, Karla, Ivo, Max, Creusa e Acrísio ia sair bem mais pesada, se não fosse ele, que havia participado da equipe que a elaborou, mas que assinou sem saber o que continha, já que foi passada no final do curso da Seduc, sem tempo para ser lida e discutida. Neide observou a contradição de Fernando: "como é que ele participa de uma comissão para escrever a carta e não sabe o que está escrito nela?".
   - Evandro confessa que ele e Fernando estão "em polêmica" por causa do curso, pois este continua a divulgar na comunidade que o MIT não tem validade.

educação indigena CC.indd 751 26/10/2015 11:43:58

- Observo que a postura de Fernando em relação ao MIT não é algo isolado. Historicizo algumas práticas recentes em que ele tentou obter vantagens de situações caracterizadas pela indefinição.
- Zé Valdir nota que "ele está se complicando".
- Ao final da conversa, ficou claro que a reunião com as lideranças deveria usar a estratégia de informá-los sobre o MIT e suas conquistas, conclamando o maior apoio das lideranças e das comunidades, em geral...
- Ofereci-me para ir com Karla, em comissão, se eles achassem por bem. Zé Valdir retruca dizendo: "deixe com a gente, que isso é problema nosso" [...].
- Por fim, ficou claro que o objetivo da reunião seria aproximar mais professores e lideranças.

[...]

25 de setembro de 2001, 22h50

Memória do dia:

Meu amor, meu filho:

O sono está quase me derrubando de vez nesta rede. Mas a saudade de vocês é tanta, que não quis dormir sem dizer que vocês estão aqui comigo, que sinto saudades e que desejo estar logo com vocês, embora esteja feliz por estar aqui.

Acho que o mocororó, que bebo desde a hora do banho, lá pelas 18 horas, está me trazendo o sono, junto com uma noite de poucas horas de sono e – novidade – uma caminhada de 45 minutos junto com Miguel e Silas, às 6:20 desta manhã, até a entrada da "Firma" (que é como eles chamam a empresa Ducoco Agrícola).

educação indigena CC.indd 752 26/10/2015 11:43:58

Tenho muito a lhes contar. Até amanhã. Beijos mil.

*[*A linguagem é um tema instigante para a pesquisa, que não cabe em minha tese, bem sei. Observei o uso de verbos por João Venança: "levei-los"; "pegou-la". Como estas, algumas soluções inventadas por ele e os outros parecem revelar sua percepção de beleza e praticidade da língua falada].* [...]

26 de setembro de 2001[328]

[...]

Informes de João Venança:

Assembleia dos povos indígenas: vai ser nas Mongubas, nos Pitaguary: 30 tapebas, 30 tremembés e 5 participantes de cada povo. Têm que levar roupa de frio e uma ajuda da comunidade.

Foi ganha a causa da Batedeira: vão derrubar a cerca: o juiz deu ganho de causa final: "vamos derrubar a cerca, queimar as estacas, cortar arame".

Doutor João Carlos: assumiu no lugar do doutor Adônis. "Apresentou um plano de trabalho não muito cabível. Para os povos não reconhecidos é uma boa, mas para nós, que já estamos na estrada há mais tempo, não é". Apresenta a proposta, brevemente: "O João Carlos já trabalhou muito e pouca coisa conseguiu; apenas embargou uma obra na Praia".

"Outra notícia boa sobre o curso de magistério, mas não vou falar ainda". Participou do curso dos Tapeba. Preocupação com o horário: atraso, perda

[328] Registrado no *notebook*.

educação indigena CC.indd 753 26/10/2015 11:43:58

de aulas etc. Tem uma carga horária de trabalho não cumprida. "Por trás do curso, tem uma briga enorme, gente querendo queimar o curso, esperando só uma brechinha. Um Tremembé daqui, da Tapera, da Varjota, tá ajudando isso". Diz que "a responsabilidade é dos professores, de lutar e zelar pelo curso. O curso é de vocês, foi uma exigência de vocês, até por causa da macieza da Seduc. Os companheiros que estão vindo aqui, ensinar vocês, estão vindo de graça, rachando as despesas do próprio bolso"[329]. Informa que Creusa da Funai e Soraia, do Conselho de Educação do Ceará ainda não vieram, mas deverão vir com a Funai. Estão esperando um carro que virá de João Pessoa.

[...]

Seu Estevão pergunta se doutor Paulo ainda não *baixou* na causa indígena. João Venança responde que "ele quer fazer um seminário para dar visibilidade aos povos indígenas. Para os povos não reconhecidos é uma boa. Para nós não tem fundamento. Propus que se fizesse ação concreta, ele não concordou. Ação concreta como essa da Batedeira".

Questões/dúvidas dos assuntos do dia anterior:

[...] Pessoas como Vilanir, que antes praticamente não falavam, agora já perguntam: "professor, eu queria saber quantas qualidades de água tem no mar, se é tudo azul, verde".

Atividade em grupo (por comunidade):

- Leitura e Discussão de uma cartilha sobre o meio ambiente
- Anotação das palavras e assuntos novos
- Elaborar uma proposta de ações a serem desenvolvidas (Cartilha Tremembé, Ações na comunidade, Pesquisas com alunos etc)

[329] De fato, os consultores são voluntários. Aceitaram contribuir com o curso por desejo de apoiar a iniciativa do povo Tremembé e seus parceiros. Todos eles, no entanto, sobrevivem de outras atividades profissionais. Desde agosto de 2002, com a aprovação do projeto financeiro enviado à CESE, uma ajuda de custo é disponibilizada aos consultores para transporte e material didático.

educação indigena CC.indd 754 26/10/2015 11:43:58

Almoço

[...]

Propostas de ações a serem desenvolvidas no conhecimento e preservação do meio ambiente nas comunidades tremembé:

- Cartilha de conscientização sobre o mangue
- Rosângela (Mangue Alto): Vão conversar com as lideranças, "fazer uma reunião para nos conscientizarmos de como preservarmos o ambiente; vamos levar as discussões até as escolas do Município também para pensarmos o que fazer. Além disso, quanto ao óleo, vamos falar com o presidente da Colônia para conscientizar os pescadores, ou até distribuir um folheto para conscientizarmos".
- Neide (Praia): "já fazemos com alunos: conversamos sobre o mangue, que é cortado muito verde e seca. Além da escola, vamos levar para a comunidade a discussão. Vamos arranjar um lugar para onde levar o lixo".
- Júnior (Varjota): "vamos falar com o presidente da Colônia. Vamos procurar o Projeto Tamar, para ajudar na preservação das tartarugas".[330]

Faço uma síntese das propostas de ações, organizando-as em quatro tipos: a) Pesquisa; b)Informação; c)Publicações; d)Políticas e sociais. Propus uma reflexão, em forma de questionamento: Quem dos professores e candidatos conhece a Lagoa Luis de Barros? E o marco da terra Tremembé, na Passagem Rasa? Complemento perguntando como é possível preservar o que não se conhece. Liduína propõe que os professores e candidatos façam um plano de estudos por comunidade. Proponho ainda que, até o final deste curso, eles discutam e esbocem um plano de ações, até o final deste curso, e que será complementado até a segunda etapa, as outras 60h/aula do curso de Ciências. Relembro ainda que um dos produtos finais deste curso é a produção de uma cartilha.

[330] Trata-se de um projeto do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente – Ibama, para a preservação de tartarugas marinhas. Na praia de Almofala existe uma base de operações do projeto.

educação indigena CC.indd 755 26/10/2015 11:43:58

Aulas: [...]

[**Um desafio que me aparece cada vez mais claro neste curso: é preciso avançar sem pressa. Cada palavra, cada nova informação, cada conceito é uma nova aquisição para os alunos. Seu aparente ceticismo e estupefação diante de "novidades" como a redondeza da Terra, os satélites artificiais, a profundidade abissal do mar, o tamanho e peso das baleias e dos porta-aviões dos EUA posicionados no Golfo Pérsico etc, não me parecem serem causados simplesmente por* falta de informação*, como pode parecer à primeira vista. Penso que, antes de tudo, é* presença de outras informações*, é uma questão "cultural". Parecem possuir* uma *"cultura" muito antiga, arraigada em suas entranhas, que possibilita assimilar novas informações e tecnologias, mas reelaborando-as em função de uma forma de subjetividade mais ou menos permanente. Às vezes tenho a impressão que as últimas informações* atualizadas*, isto é, que atuam significativamente em suas vidas, são anteriores à Colonização, ou seja, à Modernidade. É a partir delas que eles reelaboram e assimilam as novidades*].

Reunião com lideranças: [...]

Salão Cultural da Varjota, 26 de setembro de 2001

Zé Valdir faz a abertura, perguntando se todos convidaram as lideranças de suas comunidades. Raimundo confirma que sim.

Zé Valdir fala dos objetivos: "uma prestação de contas do que viemos construindo desde o Seminário até hoje". "A gente sabe que não é por má vontade". Além de informar sobre o curso, diz que há outros encaminhamentos e decisões a serem feitos com as lideranças, sobre as escolas. Informa que a Cristina irá dar informações maiores sobre os acontecimentos e financiamento.

Cristina informa sobre o Seminário da Praia. Lembra algumas pessoas presentes: Dina, do CREDE/Acaraú, Creusa, da Funai; Sílvia Varela, do Iprede; Petrônio, da Funai, entre outros. [...] Fala também da primeira etapa, "que foi o curso História Tremembé, com o professor Júnior, contando as presenças dos representantes das entidades. A segunda etapa, diz, foi com o professor Babi Fonteles". Ressalta as presenças do professor Marcondes Rosa, presidente do CEC e doutor João Carlos, procurador da República, entre outros.

educação indigena CC.indd 756 26/10/2015 11:43:58

Zé Valdir reafirma a importância das autoridades presentes; ressalta Marcondes Rosa. Sobre o financiamento, diz que 80% dos recursos vêm da Funai e 20%: "dos parceiros que estão acompanhando conosco no curso". "Estamos esperando aprovar o projeto [financeiro] feito ao MEC".

Karla ressalta o trabalho dos professores, entre outras questões financeiras, que não estão sendo pagas. Nota que há uma separação entre aprovação dos recursos financeiros e aprovação do curso pelo MEC.

[...]

Chico Nezinho: "é um sonho que estamos realizando. Ouvíamos falar há uns dois ou três anos atrás. Tomara que dê certo. Só não estou mais feliz porque não estou fazendo. Estou aqui para colaborar para o que depender de mim".

Seu Zé Valdir: "quero agradecer este povo que *estão* nos ajudando".

Agostinho: "estamos vendo uma coisa preparada por um lado, e por outro uma coisa tão despreparada: as lideranças não estão participando diariamente. Mas eles estão vindo dá uma força. Eles estão vendo e acompanhando. No mesmo instante a gente vê que a gente está asseguro deste povo, é uma garantia. É um povo que a gente sente que tem capacidade. Os mais despreparados somos nós. A gente sente que esse povo tem mais obediência do que a nós" [**refere-se aos que não apoiam?*]. [**Cita Luis Caboco, que não apoia o curso*]. "Era bom que a gente tivesse tudo agarrado, junto, e não uns do lado e outros do outro".

Evandro: "a Tapera tem assistido". Cita *seu* Estevão. Diz que teve que se ausentar por falecimento de um irmão dele.

Conceição: "estou vendo muita gente, muita gente nova, que está participando *dessas coisas*. Os velhos não tão participando de nada". *[Parece referir-se às lutas pela escola diferenciada e, concretamente, pelo magistério específico tremembé]*

Zé Valdir pede para "não ficarem chocados", pois de vez em quando vão convidar as lideranças. Convida já para o próximo curso, em outubro. "Precisamos de *vosmiceis* conosco. Estamos abertos para a parceria da comunidade, para levar esse barco junto com a gente".

João Venança *[*fala por último]:* Critica os que não quiseram falar: "vocês têm filhos neste curso, que mais tarde vai garantir uma vaga como professor

educação indigena CC.indd 757 26/10/2015 11:43:59

na comunidade. Cada um de nós que somos pais, que temos filho, tem um assunto para conversar. Cada um sabe as *demanda* que tem por aí contra este curso. Dizem que estamos dividindo, fazendo um racha no povo, neste curso. Quando a gente pensou, não tínhamos condições de juntarmos todos os outros povos, mas achamos que íamos passar as informações para os outros povos. As condições foram criadas pelos fatores. Foram quase três anos de batalha, esperando pela Seduc, que nada fez. Depois que os professores deram seu pontapé, a Seduc se apressou para fazer o seu. Lamentamos que tenha parceiro que esteve no início, que até ajudou a criar o curso e que hoje está contra a Funai e a comunidade. É completamente diferente trazer um professor de fora para dar um curso de magistério aqui, onde a realidade é completamente diferente. Temos pesquisadores que pesquisaram aqui, a comunidade, da própria cultura e experiência com o povo. A ideia nasceu pela Praia... Quando fizemos o convênio com a Seduc, começou as exigências com os professores. Então, com isso nasceu essa preocupação. Fomos buscar os parceiros que estavam com a gente. Se a gente não fizesse isso, a Seduc não teria feito o curso dela. Ela fez pressionada. Os Tapeba e os outros povos pressionaram também. É diferente o curso que Seduc faz do que curso que a gente faz na própria aldeia. Lá é uma conta X, só participa um certo número. Aqui, as pessoas participam, as crianças, as pessoas de idade. É diferente. Quando tem um evento em Fortaleza, muita gente tem vontade de ir, mas não pode, e aqui, pode. Uma coisa eu digo: mesmo com as barreiras que tivemos, mas agora, se tem uma garantia é que o curso é um curso formal e que, no final das contas, vai dar um resultado para cada professor... Os professores viram a palestra do professor Marcondes Rosa.. Ele deixou bem claro: a Seduc pode fazer o curso dela, mas o nosso é superior no mesmo critério do que o que a Seduc tá fazendo. Não é a Seduc, mas o MEC e outras vias têm valia, sem passar por dentro da Seduc. Tem gente chateando aqui. É o Fernando, né [**diz, sem meias palavras*]. Ele saiu falando mal, ele e o Zé Maria. Ficamos horrorizados, eles, como Tremembé! A Seduc quer dizer que só o dela é que vale. Muita *grilage* na cabeça do povo. Uma reunião como a que aconteceu na Praia foi fundamental! Era importante muita gente que tá aqui estar lá, *para matar de pau de vez a grilage na cabeça*. Vocês estão de parabéns por mais uma etapa. Ficar de braços não funciona. a gente tem que se mexer mesmo. Amanhã queria ter uma conversa particular com as lideranças, um horariozinho, para juntar seu Chico Lagoa, *seu* Agostinho, dona Diana, Soiza (Souza).

educação indigena CC.indd 758 26/10/2015 11:43:59

Por conta desse magistério, jogaram os cachorros em cima da gente e estamos fazendo a Assembleia dos Povos Indígenas nos Pitaguary. O período é de 25 a 29 de novembro. Outra coisa é que a Funai está designando um casal, um senhor do Mato Grosso que já trabalhou na Funai. Sua mulher vem reforçar a educação, junto com Creusa. Outra ação muito boa é que a gente ganhou a questão da Batedeira. Estamos esperando vir o pessoal pra fazer a derrubada da cerca e todo troço que tiver pela frente".

Neide lembra da mesa-redonda que aconteceu na 6ª feira, no último dia do curso da Praia. Diz que "O Babi tem as fitas gravadas, né, Babi? No próximo curso a gente traz para vocês ouvir".

João Venança agenda logo o horário da reunião, pois cada uma das lideranças, espontaneamente, a começar de seu Chico Lagoa, começam a sugerir horário: amanhã, 5ª feira, às 14 horas. João dá outro informe: vai reunir os *artistas*: "temos notícias do CD Precisamos falar com o Luis Caboco. Precisamos dele enquanto presidente. Se não, vamos buscar por outros meios".[331] *[Trata-se do* CD Torém*, com as músicas que gravei com um grupo coordenado por João Venança, em dezembro de 2000]*

Zé Valdir: sobre o material permanente para as escolas, vindo do CREDE, ele impôs que viesse o material todo, e não desfalcado, por exemplo, fogão com o botijão. Quanto à construção de escolas, haverá reunião no próximo dia 11 de outubro, à tarde. Haverá também outra reunião, com as entidades, no mesmo dia, pela manhã.

João Venança: "o dinheiro que a Seduc gasta não é dela, ela é uma secretaria, o dinheiro é do MEC. Ela faz sua obrigação".

Eu esclareço o processo de validação do curso nas universidades federais; esclareço também a diferença entre aprovação do projeto financeiro e aprovação do curso. [...]

Miguel diz que está extremamente feliz de estar aqui. Jamais havia visto algo assim, diferente de tudo que havia imaginado e vivenciado. Muito animado coma turma, com o interesse e o desenvolvimento. Entende que é uma etapa

[331] João Venança estava encontrando dificuldades em conseguir a assinatura do presidente do CITA no projeto do CD a ser enviado à Secretaria de Cultura do Estado.

educação indigena CC.indd 759 26/10/2015 11:43:59

de desafios, mas que estão indo em frente. "São as comunidades indígenas que primeiramente têm que se reconhecerem".

Zé Valdir agradece a presença de todos e faz o convite para a noite cultural de amanhã. Saúda e dá boa-noite aos presentes.

27 de setembro de 2001[332]

[...]

Avaliação:

Naldinho: "aprendi muito importante sobre os peixes e a biologia marinha em geral. Ponto negativo: atrasos. O resto está ótimo". [...]

Rosângela: gostou muito mesmo, "foi muito importante, moro na Praia, tenho pai e mãe pescadores e não conhecia. Vou trabalhar para o meu pessoal ter mais consciência da preservação". [...]

João Filho: está achando muito bom; "não havia passado ainda três ou quatro dias em uma reunião com gente jovem".

Liduína: está mais interessada nos assuntos: João Filho e seu pai são pescadores mas, antes nunca teve curiosidade. Hoje está bastante curiosa e motivada. "Estou com uma riqueza dentro de casa". "Foi preciso uma pessoa do Tamar para eu poder descobrir, pela primeira vez, a riqueza dentro de casa". [...]

Zé Valdir, sobre a cartilha: "na prática, parece que cada um de nós tem um conhecimento muito elevado, porque ficaram poucas dúvidas para serem esclarecidas. Foi uma boa discussão em grupo". Ficou curioso e pensando. Em relação à metodologia, "está atendendo, estou me situando muito bem".

[...]

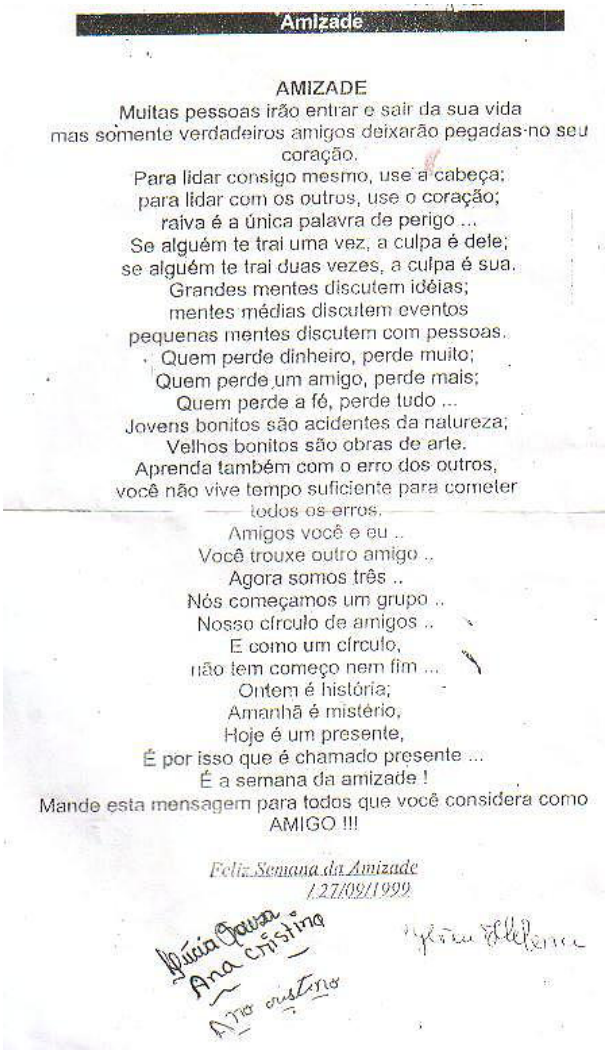
[332] Registrado no *notebook*.

educação indigena CC.indd 760 26/10/2015 11:43:59

28 de setembro de 2001[333]

[...]

Mensagem: *A amizade* (lida por Cristina)



Amizade

AMIZADE
Muitas pessoas irão entrar e sair da sua vida
mas somente verdadeiros amigos deixarão pegadas no seu coração.
Para lidar consigo mesmo, use a cabeça;
para lidar com os outros, use o coração;
raiva é a única palavra de perigo ...
Se alguém te trai uma vez, a culpa é dele;
se alguém te trai duas vezes, a culpa é sua.
Grandes mentes discutem idéias;
mentes médias discutem eventos
pequenas mentes discutem com pessoas.
Quem perde dinheiro, perde muito;
Quem perde um amigo, perde mais;
Quem perde a fé, perde tudo ...
Jovens bonitos são acidentes da natureza;
Velhos bonitos são obras de arte.
Aprenda também com o erro dos outros,
você não vive tempo suficiente para cometer todos os erros.
Amigos você e eu ..
Você trouxe outro amigo ..
Agora somos três ..
Nós começamos um grupo ..
Nosso círculo de amigos ..
E como um círculo,
não tem começo nem fim ...
Ontem é história;
Amanhã é mistério,
Hoje é um presente,
É por isso que é chamado presente ...
É a semana da amizade !
Mande esta mensagem para todos que você considera como AMIGO !!!

Feliz Semana da Amizade
27/09/1999

Maria Clara
Ana Cristina
Ana Cristina

[333] Registrado no *notebook*.

educação indigena CC.indd 761 26/10/2015 11:43:59

Leitura do relatório do dia anterior (Andreína)

Trabalho em Grupos:

Soraia, do CEC, que chegou ontem, trouxe uma cartilha, pediu que fosse lida e que fosse preparada uma encenação sobre seu conteúdo, em grupos.

Depois dos trabalhos em grupo, foram apresentadas as encenações, que me pareceram um pouco deslocadas dos objetivos deste curso. Sinto que é preciso também dar uma maior formalidade ao plano de aulas. As contribuições do inusitado podem ajudar, mas sinto que, nesta etapa, intervenções nas aulas de Miguel foram excedentes.

Naldinho e Raimundo interpretam, com surpreendente capacidade técnica, um diálogo entre o caranguejo e o camarão.

Evandro fez versos relacionados com os conteúdos das aulas.

O grupo de Jacinta termina a apresentação de modo inacabado, como Jacinta mesma confessa no final. Gilsa leu sua fala. Rita, Claudevanda e Zenaide fazem suas intervenções de modo mecânico. Parecem não ter ainda adquirido algumas técnicas básicas de representação teatral. [...]

Parabéns aos Aniversariantes do Mês:

Soraia (dia 10), eu (dia 20) e Miguel (dia 10) ganhamos bolo com cobertura de chocolate, confeite e velinhas cor-de-rosa. Cantaram os parabéns, uma canção muito antiga, que eu escutava pelo rádio, ainda criança: "Chegou a hora de apagar as velinhas, Vamos cantar aquela musiquinha, parabéns pra você...". É a primeira vez que vejo esse tipo de coisa na Varjota. Parecem ter se sensibilizado com a Praia, que se permite mais essas expressões, como observou Karla.

[...]

Aulas: Cartografia

Miguel retoma as noções de cartografia desenvolvidas ontem com os alunos e os encaminha a uma atividade de grupo: identificar, em uma carta náutica, as convenções cartográficas.

educação indigena CC.indd 762 26/10/2015 11:43:59

Os alunos participam ativamente, observando as cartas, identificando convenções, questionando e pedindo esclarecimentos. Uma verdadeira festa! Sentados ao chão, eles conversam animadamente, debruçando-se sobre as cartas, apontando com o dedo algum elemento identificado. [...]

[*Uma das coisas mais desafiantes para mim é quando preciso defecar. As condições são sempre muito precárias, para o padrão com o qual me acostumei. Acabo ficando dias sem evacuar. Levo sempre um rolo de papel higiênico comigo quando venho para cá. Na casa de Agostinho Teixeira, do Capim-Açu, nunca consegui. Não há banheiro para isso. Faz-se no mato mesmo, como era costume em muitas casas da zona rural de Acaraú, e mesmo algumas em zona urbana, na minha infância].

Síntese Final:

- Miguel faz um apanhado geral dos assuntos trabalhados: Biologia Marinha, Navegação, Ecologia, Náutica, Cartografia.
- Diz-se muito satisfeito com o resultado das atividades desenvolvidas.
- Reforça que algumas informações serão melhor desenvolvidas em outras disciplinas, como Geografia.
- Apresenta uma proposta de atividade de pesquisa, para o aprofundamento de sua disciplina.

[...]

Zé Valdir coordena uma breve discussão sobre a construção dos novos edifícios para as escolas, explicitando os critérios de escolha adotados pela Seduc: maior número de alunos.

O grupo discute o local em que será construída a escola. Raimundinha pede que João Venança dê a sua palavra. Ele, com categoria, justifica que só vai se pronunciar depois que ouvir os professores, lideranças e alunos do curso. Parece ter assimilado profundamente a ideia de quem fala por último fala com mais sabedoria. Diz ainda que se fosse para ele decidir sem ouvir as pessoas, já teria trazido a decisão da Praia. Fala ainda dos critérios.

educação indigena CC.indd 763 26/10/2015 11:44:00

Evandro se posiciona pela Praia, "que foi a primeira escola Tremembé e a primeira escola indígena do Ceará, e tem mais alunos".

Cristina defende que deveria ser no Mangue Alto, "porque a Rosângela dá aulas na casa dela; quando chegar carteira e os outros materiais, onde ela vai colocar?"

Neta acha que todas as três comunidades são necessitadas. Sua posição é neutra. [...]

Avaliação Geral:

Zé Valdir reconhece que eles estiveram um pouco parados em termos de dinâmica. Quanto às aulas do Miguel, achou ótimas. [...]

Raimundo acha que "cada momento foi muito importante". Uma grande surpresa: dentro do mar existia uma grande paisagem que viu no filme. Ficou muito admirado do homem ter coragem de ir ao fundo do mar e domar peixes ferozes como o tubarão. Gostou muito do Miguel, inclusive porque jogou bola com eles. [...]

Vilca diz que gostou de todas as atividades. Tinha o objetivo muito grande de conhecer as coisas do mar, as embarcações. Gostou muito do professor. Achava que só se estuda mapas em Geografia.

Miguel esclarece que a Geografia é tão ampla, que foi subdividida. Mapas pertencem ao campo da Cartografia. Diz que isso é bom porque uma disciplina traz um conhecimento mais superficial e outra, o conhecimento mais profundo de um assunto.

Márcia achou maravilhoso o curso por causa dos conhecimentos. Achou muito legal a forma de passar os conhecimentos do professor. Aprendeu muitos conhecimentos sobre o mar, considerando-os "um bom começo".

Robério ficou se perguntando como é que um professor explica as coisas tão bem, a partir do Miguel.

Ivonete acha que fez mais amizade com os próprios amigos. [...] "Cada curso, avalia, está melhor que o outro".

Andreína: "a semana foi legal. Cada professor é ainda melhor do que o outro. Cada um tem um entrosamento legal com a gente". Sobre o Torém,

educação indigena CC.indd 764 26/10/2015 11:44:00

dos que participou, foi o melhor: "todos estavam juntos, pessoas que tinham medo de errar os passos, dançaram. Todos tiveram consciência que esse é o nosso jeito de fazer".

Neta: "teve umas coisas que mexeu com a gente: o desperdício de peixe. Aqui, quando uma pessoa pra pescar, a gente fica rezando pra pegar um peixinho. Cada professor tem assuntos que deixa a gente impressionada". Sobre o Torém, concorda com Andreína. "Até o Mundinho (Raimundinho) dançou com a gente".

Liduína pede desculpas *[*publicamente!]* a Neide.

Neide diz que não vai considerar o que disse o João Filho. Pede desculpas também a ela. Reconhece o momento delicado de Liduína. *[*ela parece estar com um caroço no seio]*. Reunião com lideranças: muito importante elas terem vindo. Quanto às refeições, estavam caprichadas, mas atrasavam. Quanto à disciplina, já é bastante motivada para o assunto. O que achou mais complicado foram os mapas, mas deu pra entender. "Cada disciplina ajuda a melhorar o conhecimento". Chama a atenção em relação ao atraso dos horários. "Graças a Deus, diz, ninguém adoeceu".

Karla achou o Torém muito bonito: escutava as vozes das pessoas, de fora do salão. "Muito bonito ver vocês dançando e cantando". Parabeniza também pela reunião com as lideranças. Reconhece o entrosamento de Miguel com as pessoas: entrou no clima. Pede desculpas pela invasão do espaço das aulas com as mudanças causadas pela interferência das visitas. Quanto à alimentação, sugere exercitar o uso de "algumas palavras mágicas": *obrigado*, *por favor*, *bom-dia*. Percebe que em todas as localidades as pessoas que preparam a alimentação não são bem tratadas, como deveriam. Nota que essas pessoas não estão ganhando nada, vêm para colaborar. Reconhece que o tempero da comida é sempre algo que não agrada a todos. Propõe, mais à frente, discutir o cardápio. Chama atenção ao receber as pessoas: água para o banho e outros pequenos confortos, como um banheiro limpo. Achou muito legal o João Filho participar. [...]

Miguel: agradece o convite. Surpreendeu-se com o que viu. Pede desculpas por não saber ainda o nome de todos. Sobre o torém, acha "muito gratificante, muito importante. Uma das danças mais democráticas: até quem não sabe dançar, dança". Ficou muito gratificado com o que viu da participação dos alunos. Como falou no dia em que chegou: aprendeu muita coisa com todos [...].

educação indigena CC.indd 765 26/10/2015 11:44:00

Informes Finais:

A Funasa[334] se comprometeu com o transporte no próximo mês.

[...]

Palavra de encerramento: João Venança [...]

- Fala que temos que fazer as coisas acontecerem.
- Observa que só faltou o Miguel dizer sobre navegação à vela e sobre a ação dos ventos na navegação à vela. Mas diz que ele é um homem do mar mesmo.
- Fala do curso de História Tremembé que aconteceu aqui: toda a história que se está vivendo atualmente, partiu da Chica da Lagoa Seca.
- "Apesar das pedras do caminho, estamos aí".

Pede que todos se levantem e deem as mãos. Faz um silêncio solene, típico de oração e puxa, de mãos dadas, a música "Vamos, vamos minha gente", enquanto a roda se bala...

6 de outubro de 2001[335]

Curso MITPJK

Caucaia, Escola José Alexandre

Levantei mais cedo do que o costume, umas 06h30. Combinei com Sandra de pegá-la e levá-la ao curso. Ao longo da viagem, conversamos sobre minha pesquisa e sobre os cursos de magistério indígena.

Sandra me pergunta o que mudou em minha pesquisa. Ela acha que estou trabalhando bastante e pergunta se isso não está atrapalhando o que me propunha inicialmente a coletar. Digo-lhe que, na verdade aconteceram

[334] Fundação Nacional de Saúde.
[335] *Diário de Campo*, n. 5, p. 100-128.

educação indigena CC.indd 766 26/10/2015 11:44:00

mudanças, mas que considero muito positivas em relação ao meu objeto de pesquisa: processos de autonomização e singularização em torno do campo de produção da escola indígena diferenciada. Uma questão sempre desafiante era determinar os indicadores, as referências do meu objeto, mesmo em se tratando de uma metodologia aberta, como a cartografia. Antes, eu estava dando ênfase, entre outros eventos, à observação e descrição do cotidiano escolar e das histórias de vida dos professores. Imaginava fazer isso em todas as escolas e com todos os professores Tremembés. Agora, com o curso, a ênfase recai sobre a formação dos professores e todos os outros elementos implicados/desencadeados no processo de desenvolvimento do curso. O curso fez aflorar e deu visibilidade, tornou-se o mais importante indicador dos processos de autonomização e singularização, sobremaneira na dimensão política. A redefinição do papel dos intermediários, instituições de Estado e das igrejas é significativo. A Universidade também sofre mudanças em seu papel tradicional: fortalece-se a ideia dela como parceira.

Quanto ao curso, avaliamos fatos recentes na Universidade: Piérre Blanche[336], diretor da Faced, propôs, na reunião do dia 1º passado, que o curso se encaminhasse à Pró-Reitoria de Extensão, para ser assumido como um dos projetos de extensão da UFC. Isso implica que a Universidade, institucionalmente, como um todo, assumiria o curso. Manifestei minha positiva surpresa com o nível de envolvimento de Piérre. Sandra me esclareceu, porém, que ela havia antes conversado com ele e que, por isso, ele teria agido.

Chegamos à Escola José Alexandre, em Capuan/Caucaia. Encontramos Adélia Pinto com uma câmera à mão. Foi logo me pedindo para ajudar a manuseá-la. Conversamos a três, um pouco, sobre a relação com os técnicos da Seduc. Adélia se ofereceu para, pessoalmente, conversar com Suely e Josefa. Mas diz que não quer fazê-lo sozinha. Digo que uma comissão sugeriria algo mais formal, institucional, que já tentamos desde o início e que não deu resultados esperados. Ela insiste e eu manifesto ceticismo. Digo-lhe que o presidente do CEC está pronto para fazer estes contatos ao mesmo tempo pessoais e institucionais com Josefa.

[336] Nome fictício.

educação indigena CC.indd 767 26/10/2015 11:44:00

Nildo nos apresenta à turma, reunida já na sala de aula. Sandra diz que veio observar como vão as coisas, mas não controlar, e que vai estar mais presente aos sábados. Na fala, digo da emoção de vê-los reunidos aos sábados, apesar das dificuldades. Informo que o MEC já enviou a carta com a resposta do pedido de financiamento do curso, mas que Sandra ainda não a recebeu. Há promessas de resultados favoráveis.

Agora, estamos sentados em roda, no pátio da escola. Ao meu lado, Eveline, Jenipapo-Kanindé, modela argila, que é o tema das aulas de hoje, nesta turma. A outra turma está em sala de aula e trabalha a produção de unguentos e outros remédios naturais indígenas.

Eveline compôs um lindo prato, me parece, com um grau de refinamento considerável. Ela tem 17 anos. Tem sempre um sorriso na boca pequena e bem desenhada. Os olhos castanhos dão um tom particular ao rosto, de cor morena do bronzeado do sol. As roupas que ela usa geralmente realçam suas formas bem delineadas, manifestando a sensualidade padrão das jovens de sua idade, embora ela aparente ser mais velha.

Dona Socorro é a mestra louceira que orienta as atividades dos alunos. Ela é uma senhora de aproximadamente uns 55 anos, de pele morena e cabelos pretos lisos, cortados à altura do pescoço. Mantém-se concentrada, com uma atitude sempre serena e disponível. Passa por cada aluno, ajudando-o a dar o acabamento final. Ela traz um cordão de sementes de linhaço (ou lincem) e pau-brasil ao pescoço e brincos de contas de plástico, onde os de cor verde ganham realce particular. Uma blusa de cambraia salmão, com discretos arranjos de linha perfurados e flores pequeninas, e umas bermudas de cor magenta completam sua estética harmoniosa e refinada, dando a entender que ela se preparou intencionalmente para esta atividade, que a torna o centro das atenções.

Adélia faz o registro com a câmera. Antes, fez uma longa introdução sobre a "importância desta atividade e seu significado para o resgate do imaginário coletivo do grupo e sua reelaboração".

Sandra está na roda e modela argila com o resto da turma.

A trilha sonora que roda no cd *player* é o cd que gravei com Adélia na 1ª semana de curso. Depois, um outro cd, de música japonesa, *Contos em cantos do Japão*, produzido por Mário Lima Brasil.

educação indigena CC.indd 768 26/10/2015 11:44:00

Cláudio, *dona* Virgem, Ivonilde e Dourado, lideranças Tapeba, estão presentes. Eles acabam exercendo atividades pedagógicas muito importantes. Ivonilde fotografa. Cláudio faz o trabalho típico de "coordenador pedagógico" [...], chamando os alunos às atividades, intermediando a relação Adélia-alunos, fazendo cumprir os horários. Noutras vezes, contribui com a mestra louceira, levando a água e os instrumentos de acabamento final das louças produzidas pelos alunos.

Neste momento, em que o grupo desenvolve outra atividade, com o tucum (a fibra da palha de carnaúba), Cláudio, além de ajudar a encaminhar as necessidades práticas pedagógicas, ainda opina e dá dicas sobre a atividade da mestra.

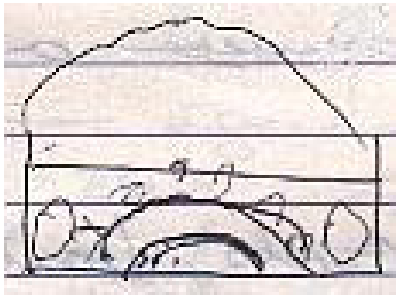
O trabalho de louceira segue os seguintes passos, segundo dona Mª Socorro Lopes da Silva, Pitaguary:

- A argila ideal é a amarela. "Tá difícil", diz ela. O preto é o massapé, usado hoje, misturado com o amarelo, se não, não presta: "ele levanta a louça, mas papoca; o amarelo sozinho também papoca". A mistura correta é de ¼ do massapé para ¾ do amarelo, conforme aprendeu com sua mãe. Agora, ela mistura de igual para igual, "porque o amarelo tá mais fraco".
- Pode ser coletado a qualquer momento. Mas evita o sol quente, "porque é muito trabalhoso, a gente tem que cavar muito". Prefere cavar pela manhã ou fim da tarde.
- A areia serve para curtir o barro e para forrar o chão, para não pregar. Tem que ser areia lavada do riacho, "pois areia que tem poeira não presta".
- Outros materiais importantes são o caco de cuia, o couro, o sabugo e a pedra [seixo] para alisar, após colocar o barro vermelho como acabamento. Tem o "ferro de cortar louça" ainda.
- O caco de cuia serve para fazer o molde da louça, para modelar. Seu tamanho varia com o tamanho da louça. Por isso há vários cacos.
- O sabugo serve para "sabugar" depois de "cortar como ferro". Tem o sabugo grosso, que serve para "azunhar a louça", que é vincar a louça.

educação indigena CC.indd 769 26/10/2015 11:44:00

Isto é feito com as marcas naturais do sabugo. Depois, usa-se o sabugo fino para alisar.

- O alisamento final é feito com a pedra sobre o barro vermelho, preparado como uma tinta grossa.
- A função do ferro é retirar o excesso de barro, raspando as partes mais grossas, buscando dar simetria à peça.
- A tinta é preparada em quantidades aproximadas de 1/2kg de barro para ½ litro d'água.
- O próximo passo é, finalizada a louça, pôr para secar de um dia para o outro.
- Após secar, passa-se a tinta à sombra e alisa-se com a pedra.
- Após alisar, leva-se ao forno.
- O forno é preparado especialmente. O fogo fica sob a terra, inicialmente. A louça recebe calor indiretamente. É arrumada entre os arcos internos do forno, na primeira queima. Saem "entirnadas" [carbonizadas]. A cobertura é feita com cacos de outras louças, até que tudo esteja coberto. Uma segunda queima, diretamente sob o fogo, é feita desta vez para garantir o processo de consolidação final da cerâmica, deixando-a vermelha.



Diário de Campo, n. 5, p. 111

Dona Socorro diz que "*isso é uma trabalheira danada; não compensa vender tão barato como a gente vende*".

educação indigena CC.indd 770 26/10/2015 11:44:01

Enquanto conversamos, ela olha o trabalho com o tucum, diz que quer aprender, que tem uma saia de tucum que está precisando ser reformada. Libero-a da conversa. Ela senta-se no chão, a perna esquerda dobrada para fora, a direita no mesmo movimento, para dentro. Toma uma faca e começa a desfibrar o tucum.

O vigilante desta escola pública do município, Dante, está sempre por perto. Observa e se envolve nas atividades dos alunos. É solícito em atender às necessidades dos alunos e mestres. Seu tamanho avantajado, sua pança exuberante e sua indumentária, que inclui o revólver como acessório, contrastam com sua alegria e sensibilidade. [...].

Ana Kátia Matos Teixeira, 25 anos, Tapeba, mestra do tucum, é a minha informante do processo de manufaturação da fibra.

A primeira coisa a ser feita é cortar a palha da carnaúba *quandu*[337], somente o olho, mas o olho de dentro, com o talo. Se retirar o olho sem o talo, mata a planta.

Usa-se um facão ou faca grande e se põe em um balde com água para não murchar; se murchar, não presta para desfibrar. Só presta para fazer vassoura.

Tira-se por feixe de 100 palhas. Se o olho for grande, o tucum retirado de 100 palhas dá 1,0kg de tucum. "Antigamente, havia um homem que comprava a R$2,00 o quilo". A média de produção de uma pessoa é de 1,0kg por dia.

"Agora a gente não vende mais, o homem do depósito de Fortaleza não vem mais comprar. Era um trabalho que as mulheres tinham e não têm mais. Agora a gente faz saias". "A gente vende as saias quando as pessoas encomendam. Uma saia é R$3,00. Pega uns 30 'móis' de tucum. Uma palha dá um 'móis'. 1,0kg dá uma 3 saias".

O tempo gasto para fazer uma saia é de +/- 60 minutos, com a corda. Adriana de Matos Soares, auxiliar da mestra, diz que faz 15 saias por dia.

Depois de retirar da água, corta para retirar o tucum.

[337] A *quandu* é um tipo pequeno de carnaubeira, abundante na área Tapeba, "mas tá difícil porque está cercada pelos posseiros", lamenta Kátia.

educação indigena CC.indd 771 26/10/2015 11:44:01

Para retirar o tucum, usa-se uma faca tamanho médio (+/-5 polegadas) e uma cuia de coité. Pega-se a palha ainda molhada, separa-se as folhas, abre-se a folha, corta-se superficialmente a 1/3 do talo, sobre a coité. Com as costas da faca, força-se o levantamento da parte dura da palha, separando-a do que resta, as fibras de tucum. Após cortar todas as folhas, passa-se à retirada do tucum, que é feita assim:

- A palha está presa sob o pé dobrado para dentro (está-se sentado). Tomam-se as fibras de cada folha e puxa-se arrancando-as definitivamente da palha. As fibras todas da palha formam o *mói*.
- Amarra-se o *mói* na parte superior e leva-se ao sol para secar, pendurado em uma corda. Se se colocar em um monte, fica preto. Tem que deixar solto e ventilado ao sol. Em 20 minutos está seco. Dentro de casa, precisa de dois dias.

Usa-se a fibra para fazer uma corda ou cordão, para vender ou fazer saia, espanador, cocar e outros adornos (colar, brinco, pulseira, rede).

O pó da palha é aproveitado. "A gente risca a palha em cima de um saco. A gente junta o pó, põe dentro de um saco e vende para fazer cera. Vende no quilo".

Aula de Medicina Natural.

(Consultora: Débora Rios[338])

A mesa de professor é um laboratório improvisado com sacos cheios de ervas, panela com água, uma garrafa de álcool e vidros vazios, entre outros objetos.

Débora apresenta algumas ervas: [...]

[*Denise somente passou a escrever depois que Sandra, que veio assistir à aula comigo, pediu que ela escrevesse na lousa. A parte didática parece ser a mais fraca nas aulas de hoje. No curso de Arte-Educação, Argila e Tucum, também observei lacunas na didática. Senti falta de uma maior mediação entre Ângela e as mestras, além de falta de uma lousa onde registrar informações

[338] Nome fictício.

educação indigena CC.indd 772 26/10/2015 11:44:01

básicas, como os passos a serem dados nas atividades artísticas. O processo de aprendizagem e ensino acabou ficando espontâneo demais. Já aqui, sinto falta do registro, na lousa que seja, dos passos e dos procedimentos no tratamento das ervas medicinais].

Débora passa a indicar o preparo de alguns medicamentos [...]:

Entrega umas fichas muito bem elaboradas ao Nildo, que contêm, em cartolina, a folha da planta, seu nome comum e científico, a parte utilizada, suas propriedades químicas (princípios ativos) e propriedades terapêuticas. [...]

[*Ela fala e escreve em um ritmo que não facilita os alunos perguntarem. Eles escrevem. Às vezes, perguntam ao colega do lado alguma palavra que não entenderam. Ela propõe, explicitamente, que os alunos escrevam. "Quando vocês terminarem, a gente passa para a próxima receita"].

A sala está organizada de forma *tradicional*, embora as filas das laterais estejam com as cadeiras voltadas para o centro e as filas do meio sejam menores. De qualquer modo, pouco facilita a comunicação. Seis lâmpadas fluorescentes de 40w estão acesas, mas, mesmo assim, a claridade deixa a desejar. Apenas um ventilador, fixado no teto a 1/3 da parede traseira, não atende à demanda de ventilação, embora a parede lateral direita tenha combogós a partir de 1m do chão até quase o teto, a uns 3,5m do chão. Do piso até a altura de 1 metro, uma faixa de cor cinza claro abraça toda a sala. Acima dela, e até o teto, a cor salmão completa a pintura das paredes. O piso é de mosaicos verde-água e vermelho-ocre, encardidos e desbotados, de aspecto piorado pelo estado de sujeira aparente. Um ventilador pregado à cruzeta de madeira que sustenta o teto sobre mim, está transbordando de poeira e não funciona. A mesma poeira que toma conta dos cantos das paredes e do teto de telhas de argila e caibros de madeira. As carteiras são surradas e duras. Arranquei um prego do assento de uma delas que, se não o fizesse, teria rasgado minha calça. O birô do professor tem os cantos do tampão de fórmica branca arrancados e uma parte da tábua frontal tomada por nomes de supostos alunos, escritos com "error-ex" e a outra parte da tábua, com lâminas arrancadas do compensado, incluindo um rasgo.

Débora fala enquanto escreve de costas aos alunos, de frente para o quadro, em seu próprio ritmo, sem demonstrar maiores preocupações com o nível de

educação indigena CC.indd 773 26/10/2015 11:44:01

aprendizagem dos alunos. A uma certa altura, quando escreveu uma nova receita no quadro, recebeu uma reclamação de alguns alunos que dizem que não estão entendendo. "A letra tá clara demais". Era o pincel, já sem cor. [...]

Depois, pergunta se o pessoal terminou de copiar, para levá-los à cozinha. O registro escrito acaba sendo reforçado, imposto, fortalecido em sua importância, demasiadamente. [*Fico pensando se é possível pensar uma escola em que a escrita possa ter um lugar diferente, um outro status].

Débora retira-se para a cozinha sem maiores preocupações com os alunos que, como eu, ficaram retardatários na sala de aula. *[*Em certo momento, na sala de aula, ela falou que "nem todos vão despertar para a medicina; cada um nasce com o seu dom". Parece não se dar conta de que o curso tem um outro papel, que é parte da formação de professores, e não de médicos, mesmo indígenas].*

Na cozinha, Débora continua sua aula, preparando-se para a realização prática das receitas. Continua falando no mesmo tom e, ao invés do quadro, tem como anteparo de suas falas as panelas e os outros utensílios para preparar os remédios.

Os alunos não trazem os cadernos para anotarem as dicas. Pergunto a Eveline e Glaubiana por que não trouxeram os cadernos. Elas dizem que "tá tudo na cabeça aqui: quando faço relatório, lembro de tudo".

26 de outubro de 2001[339]

Viagem à praia de Almofala com João Venança.

[**Entre outras coisas, descrever melhor depois a conversa com João Venança sobre a reação de Calisto, por Fernando ter assinado a famosa carta contra mim, endereçada à Funai/Brasília. Por três vezes João Venança esteve em sua casa (de Calisto) e nenhum deles tocou no assunto. Admiro sua profunda discrição e lealdade em relação a Calisto*].

[339] *Diário de Campo*, n. 5, p. 129-150;152-158.

educação indigena CC.indd 774 26/10/2015 11:44:01

Tive uma ótima receptividade dos professores-alunos. Nunca os senti tão afetivos em relação a mim. Lembro Liduína que, na presença de João Filho, me disse que "tudo está ótimo, o curso é maravilhoso, mas estava faltando um pedaço muito importante: você". Abracei-a, com liberdade e afeto, e puxei João também para o mesmo abraço. Cristina, Neta, Getúlio e outros foram também particularmente acolhedores, manifestando afeto e saudade.

Fiz a gravação de um CD com as músicas compostas pelos professores-candidatos durante o curso de Artes, ministrado por Adélia Pinto, nestes dias. Gravei também *O Caçador*, um tipo de folguedo com dança e versos de *embolada*, inventado pelo *seu* Raimundo dos Santos, conforme disse. *[*Ele improvisava com muita criatividade, incluindo nos próprios versos as* quebras *que fazia, em tom irônico, lúdico, como se mangasse de seus próprios erros, ou como se errar fizesse parte do improviso, tornando-se um momento de ritornelo do lúdico e da não seriedade, que são elementos estéticos centrais no* Caçador*]*:

O bicho tem um rabão
-Meu cumpade caçador
Não premete p'a faltar
-Meu cumpade caçador
E balança meu cassaco
-Meu cumpade caçador
Cassaco do Ceará
-Meu cumpade caçador
Cassaco do Maranhão
-Meu cumpade caçador
Vamo vê se dá iguá
-Meu cumpade caçador
Eu tando tomando cana
-Meu cumpade caçador
Eu sou uma sussuarana
-Meu cumpade caçador
Que mordeu o belo na pá
-Meu cumpade caçador
Também é o caçador
-Meu cumpade caçador

educação indigena CC.indd 775 26/10/2015 11:44:01

Cassaco do Ceará
-Meu cumpade caçador
Cassaco do Maranhão
-Meu cumpade caçador
Cassado do Almofala
-Meu cumpade caçador
E os índios tremembés
-Meu cumpade caçador
Fica do lado de lá
-Meu cumpade caçador
Tô na beira da maré
-Meu cumpade caçador
Meu louro dê cada o pé
Quem te ensinou a falar
-Meu cumpade caçador
Eu bebendo a cachaça
-Meu cumpade caçador
Dô em riba tremembés
-Meu cumpade caçador
Pisa aqui pisa acolá
-Meu cumpade caçador
Eu me lembro da passada
-Meu cumpade caçador
E aguentem a pisada
-Meu cumpade caçador
Se aguenta no tambô
-Meu cumpade caçador
Ô senão no violão
-Meu cumpade caçador
Tambéim no maracá
-Meu cumpade caçador
E o Raimundo do José
-Meu cumpade caçador
Dá danado p'a errar
-Meu cumpade caçador
Pisa aqui pisa acolá

educação indigena CC.indd 776 26/10/2015 11:44:02

-Meu cumpade caçador
Do jeito que implacar
-Meu cumpade caçador
Vamo vê se dá iguá
-Meu cumpade caçador
Já passô pulos Torrão
-Meu cumpade caçador
Se arredou, perdeu a lão
-Meu cumpade caçador
Quem perdeu p'a tua são
-Meu cumpade caçador
Eche bicho é do bom
-Meu cumpade caçador
Rá butei uma budega
-Meu cumpade caçador
Com sessenta luz acesa
-Meu cumpade caçador
Sem nenhuma se apagá
-Meu cumpade caçador
Rá passei p'a Fortaleza
-Meu cumpade caçador
Que eche nêgo é do bom
-Meu cumpade caçador
Num pode neguciá
-Meu cumpade caçador
Rá peguei aruanã
-Meu cumpade caçador
Só num posso nem pegar
-Meu cumpade caçador
Rá butei o meu curra
-Meu cumpade caçador
Tinha um peixe lá no mar
-Meu cumpade caçador [...]

*[*Fiquei meio incomodado com a postura pedagógica de Ângela. Desde a reunião de preparação do curso, em Caucaia, durante as aulas do curso de MITPJK, ela*

educação indigena CC.indd 777 26/10/2015 11:44:02

mostrava-se constrangida por ter que "se limitar" (expressão dela) *à ementa e ao programa decididos em conjunto com a coordenação do MIT, representada naquela reunião por João Venança, Raimundinha, Karla, Ivo e eu. Depois, conforme observei durante este último dia do curso de Artes, ela induzia demasiadamente as letras, temas, refrões e solistas das músicas. Ela mesma reconheceu isso a mim, quando eu estava executando a gravação, feita no Ícaro, meu notebook. O tema das canções foi o que mais me chamou a atenção: o namoro. Não sei que razões levaram-na a eleger esse tema como central nas composições. Não desejo fazer interpretações também. De qualquer modo, fiquei a me perguntar o porquê dela fazer essa opção, quando o eixo do curso gira em torno de questões mais politizadas (terra, mar e cultura) e as produções devem se voltar mais a atender as necessidades didáticas da escola].*

O ritmo de trabalho das gravações foi puxado: das 11 horas (na "hora antiga") até 18 horas.

O estado de saúde de Karla tem se agravado nos dois últimos cursos: ela tem sentido enxaquecas fortes, a pressão tem subido e ela passa muitas horas na rede. Minha preocupação com a saúde dela está também vinculada à importância desta na coordenação das atividades do MIT. Ela é fundamental. [...]

Avaliação:[340]

Junior: "Apesar de a gente estar aqui ainda a essa hora, é um trabalho que vale a pena.A gente tem muitos artistas. Agradeço a Adélia a gente aprendeu muito". [...]

Andreína: Primeiro pede desculpas por durante a parte da tarde não ter podido participar. Amou muito: "as músicas são cada uma mais linda, têm a nossa cara. Foi totalmente proveitoso".

Raimundinha: "Queria dizer poucas coisas. Mas uma das coisas que são importantes: cada professor é uma nova experiência, um novo ritmo de

[340] Registrado no *notebook*.

educação indigena CC.indd 778 26/10/2015 11:44:02

trabalho. É cansativo, mas é um cansaço gostoso, porque a gente reparte entre a gente. Agradeço neste momento aos antropólogos, aos pesquisadores que têm passado por aqui. Um dia alguém me perguntou se os antropólogos ganham à custa dos tremembés. Graças a vocês, pesquisadores e antropólogos, que o magistério aconteceu, senão a gente estava *engavetado*. Graças a vocês estamos aqui. Nós somos um povo diferente, uma *diferença saborosa*" *[*Estética, tem sabor, cor, forma, e não somente "poder"!].*

João Venança: "Só queria dar um boa-noite pra todo mundo. Estava fora cuidando de outros interesses dos povos indígenas. A próxima Assembleia está de pé, nas Mongubas, nos Pitaguary. Queremos levar uns professores e uns alunos da escola diferenciada. Uma novidade boa: o projeto de vocês, dos Tapeba, Jenipapo-Kanindé e Pitaguary: foi aprovado. Uma coisa de vocês. Uma coisa muito interessante que eu presenciei: a Feira dos Tapeba, Pitaguary e Jenipapo-Kanindé: estão apresentando o que aprenderam na escola diferenciada, no curso de magistério. Teve artesanato, torém feito com as crianças nas escolas diferenciadas. Vocês têm que fazer também e mostrar para o povo. Foi na beira do mato, numa lagoa, uma coisa incrível. No ano que vem quero fazer a Festa do Caju, na época do Mocororó. A gente merece fazer alguma coisa pra chamar a atenção do público. Tem que cumprir as tarefas: o trabalho de vocês tá cumprindo como carga horária de trabalho na formação".

Augustinho, Tuxaua: "Não tenho quase nada a falar e a dizer. Tenho só que esclarecer, eu como uma liderança, dos primeiros lutadores dentro do aldeamento: acho muito importante ver a juventude engajada: quando eu comecei, comecei quase sozinho: hoje vejo todo mundo engajado. A gente tem que primeiro agradecer a essa equipe que trabalha com vocês: a Karla, o Babi, o Silas, essa moça que tá aqui, ensinando vocês. É o futuro de vocês, o trabalho. Vocês, só, vocês não têm a capacidade de fazer um trabalho como esse que vocês estão fazendo hoje aqui. No dia de amanhã, vai ter uma facilidade para vocês. Não vão ter tanta dificuldade como eu tive, o cacique, que tínhamos até dia contado pra morrer. Hoje vocês podem andar de peito aberto. Nunca pudemos fazer isso. Tinha impacto o nosso trabalho. Amanhã vocês vão ter um tempo livre, um tempo melhor, vão poder andar de peito aberto. Agradeço mais uma vez essa equipe, a Karla, o Silas, o Babi". [**faz uma pausa e pega em meu ombro*] [...]

educação indigena CC.indd 779 26/10/2015 11:44:02

3 de novembro de 2001[341]

Viagem a Almofala [...]

O caminho de acesso ao terreiro da escola agora está sendo feito por baixo, por dentro do terreno cercado por Tarcísio Aguiar, aberta mais ou menos um mês atrás. Foi João Venança que me disse, em Fortaleza, que o "o próprio filho do dono foi quem fez". Zé Raimundo me diz que não sabe como foi, mas que houve uma conversa entre Arnoldo (filho de criação do Tarcísio) e João Venança.

Uma nova cerca começou a ser feita, a uns 8 metros de distância da anterior. Antes, no quintal de Dijé, Zé Raimundo já havia afastado essa mesma distância, para alargar o espaço dos canteiros de verdura. O momento coincide com as derrubadas de cerca no Barro Vermelho/Panan. Indicaria uma nova relação dos Tremembé com a terra e os posseiros? Seria o início de um processo lento e localizado, mas de grandes proporções simbólicas, de "reconquista"[342] da terra? A cerca que separa o terreno que dá acesso à praia também está sendo refeita. Ela cedeu aproximadamente 1 metro da posição anterior; em compensação, parece mais forte, com estacas grossas e arame novo. Cosmo e Zé Raimundo pareciam eufóricos, como que considerando de certa forma uma conquista. Eu, particularmente, tendo a ver como uma antecipação do posseiro às ações de alargamento das fronteiras Tremembé: ele se antecipa e cede um mínimo, para demarcar de modo renovado e fortificado as fronteiras antigas, limitando o avanço dos Tremembé. Resta ver o que eles vão fazer, na esteira deste movimento expansionista. [...]

[341] *Diário de Campo*, n. 5, p. 129-150;152-158.

[342] "Reconquista" entre aspas mesmo porque, na verdade, não se trata do retorno a uma situação anterior de posse da terra – que nunca tenha existido – mas de reelaboração de uma relação de pose sobre a terra indígena, como parte da subjetivação atual.

educação indigena CC.indd 780 26/10/2015 11:44:02

9 de novembro de 2001

Ouvindo a gravação d'*O Caçador*, do *seu* Raimundo José dos Santos, percebi que se trata de uma dança cujo animal central é o *cassaco*, que é verdadeiramente o caçador. Os passos da dança fazem uma alusão ao movimento do *cassaco*. Os animais a que os versos se referem, e que pertencem à fauna da região, contribuem para ambientar o universo do Personagem. Chama-me muito atenção um aspecto do animal: seu cheiro, que é usado para defender-se. É uma estratégia quase cômica, sutil, mas fatal, uma arma *de fuga*, que desconcerta o adversário não pela força. Não é bélica. É *estética*: aniquila, ou pelo menos afasta, pelo *feio*, no caso, pelo *odor fétido*, irresistível.. Lembro-me que o *cassaco* e o guaxinim possuem aproximações em seus hábitos: caçam à noite, preferencialmente. *[...]*

10 de novembro de 2001[343]

Reunião com professores do MITPJK

Assunto: curso de extensão/UFC

Participantes: Max, Acrísio, Adélia Pinto, Sandra P., Daniel (cacique Pitaguary) e professores.

*[*Antes de começar a reunião, pensava no* Caçador, na *expressão* cumpade, *ligada ao caçador, que é repetida como ritornelo, o tempo inteiro pelo coro: relação de compadrio, de proximidade afetiva e de parentela social, com algumas implicações mútuas. Que parentesco é esse com o cassaco? Qual a função do* ritornelo *e do* ditirambo *nessa opereta? *Ver Nietzsche,* Nascimento da Tragédia*]*

Informes de Sandra P. sobre a aprovação do Projeto pelo MEC e encaminhamentos.

[343] *Diário de Campo*, n. 5, p. 187-190.

educação indigena CC.indd 781 26/10/2015 11:44:02

Estamos em círculo, sob as árvores, paus-brancos, à beira da Lagoa dos Tapeba. O chão permanece limpo, desde o último evento aqui ocorrido, a Feira das Escolas Indígenas Tapeba, Pitaguary e Jenipapo-Kanindé, no mês passado.

Palhas de coqueiro, já ressecadas, aproveitadas das barracas que foram desmanchadas após a feira, servem de anteparo à areia marrom, da cor da pele da maioria dos presentes. Gente e terra, irmanados na cor, nas lutas, em tantas relações simbólicas e materiais.

A metade, pelo menos, dos professores usa uma camiseta com a logomarca atual da prefeitura de Caucaia, trazendo a frase: *Curso de Formação de Professores Índios do Ceará*. À frente, uma figura maior, em tons azuis, lembra duas ondas do mar, sobrepostas, sobre as quais, no lado superior esquerdo, o nome Caucaia em maior destaque e, sobre ele, uma flor estilizada em tom verde e laranja.

Sandra detalha a carta enviada pela CGAEI/MEC. Explicita as exigências do MEC. Historiciza a realização do Magistério Indígena e as tentativas de articulação com a Seduc.

Faço uma fala sobre a questão e sobre as reuniões com CEC e MPF. [...]

12 de novembro de 2001

Reunião com o Ministério Público[344]

Local: Sala de Reuniões da Procuradoria da República no Ceará.

O local da sala foi mudado devido ao pequeno número, na avaliação do doutor João Carlos, que esperava entre 60 a 70 pessoas. Antes, era o auditório.

Participantes:

João Carlos, MPF; Helena, Potiguara; Francisca Adelaide, OT; Ivonilde, Tapeba; Teka, Tabajara; Francineide, Técnica da Seduc; Dina, CREDE/

[344] Registrado no *notebook*. Um pequeno trecho, ao final deste texto, foi transcrito do *Diário de Campo*, n. 5, p. 191-193, que foi utilizado como instrumento auxiliar de registro durante uma falha do *notebook*.

educação indigena CC.indd 782 26/10/2015 11:44:02

Acaraú; Suely, Técnica Seduc[345]; Genivaldo, Iprede; Acrísio, Funai/CE; Creusa, Funai/CE; Kleber, Antropólogo, Mestrando em Ciências Sociais, UFC; Ivo Sousa, Antropólogo, ANAÍ; eu;

Sandra Petit, Coordenadora Curso de Magistério Indígena, Faced/UFC; Daniel, Cacique Pitaguary; Oliveira, professor de História, UFC; Socorro, "Tremembé do Córrego do João Pereira"; Magalhães, Funai/CE

Abertura:

Doutor João Carlos faz uma introdução, historicizando essa campanha de visibilização dos índios. Informa que, entre os convidados, encontram-se alguns antropólogos estudiosos dos povos indígenas no Ceará.

Francisca Adelaide informa sobre uma reunião que teria acontecido na sede da OT. Refere-se aos índios de Paupina. *[*Parece ter sido esta sua motivação principal para estar aqui: dar visibilidade a esse grupo, como forma de legitimar sua ação missionária e a de sua entidade. É a primeira vez que a vejo desde o acidente doméstico em que ela ficou paralisada, sem andar [...]. A blusa de estampas verdes, violeta e roxo, a blusa branca de cambraia (?) e alguns colares de sementes costumeiros compõem sua indumentária habitual].*

As discussões caminham. Agora, Oliveira opina sobre o formato dos artigos. *[...].*

Kleber considera importante a discussão porque os índios seriam confundidos com a população rural. Preocupação com a "não-permanência do projeto, com a continuidade". Acredita que não serão 3 ou 4 meses de artigos que irão resolver a questão.

João Carlos acredita que os direitos indígenas não são reconhecidos, não obstante todas as ações (jurídicas, inclusive) em curso, por falta dessa "visibilidade". Avalia que "vimos malhando em ferro frio".

Ivonilde acha que os povos indígenas são reconhecidos "como povos miseráveis, como qualquer um". Lembra que são 19 anos de luta. Acha que são os

[345] Com algum atraso, chegou outra técnica da Seduc, ao que me pareceu, e que não fiquei sabendo o nome porque ela não se apresentou.

educação indigena CC.indd 783 26/10/2015 11:44:03

índios que lutam pela visibilidade. Diz ainda que se existisse justiça, não teria havido a invasão do Picuí. Acredita que enquanto não houver demarcação da terra, os índios do Ceará vão continuar tendo suas terras invadidas e serão considerados os miseráveis do Ceará [...].

Daniel avalia que a divulgação sobre os índios é como uma "coisa *privada*", "que não é levada a sério". Denuncia mais uma vez as invasões de suas terras.

João Carlos responde a Daniel com um exemplo: se alguém quiser dar um tabefe em outro, apesar da proibição e punição da lei, ele o faz. Atesta que, "até agora, nem o Ministério Público, nem os índios, nem as entidades conseguiram fazer valer os direitos indígenas".

Teka, Tabajara, diz que acha "interessante esse assunto aí". Acha também que a luta é para conhecer e conquistar os direitos.

Helena, potiguara, sobre a "visualidade", diz que é importante. Acha que tem que começar com a terra, que é a necessidade mais forte. Diz, inclusive, que "os jovens estão vivendo na malandragem porque falta a terra".

Emerge um debate entre Helena e João Carlos sobre os artigos. O questionamento de Helena é de como os que vão escrever vão fazê-lo, se não conhecem a realidade específica. João Carlos esclarece que se trata de artigos gerais, não específicos.

Finalmente, Teka e Helena concordam que "clareou". *[...]*. João Carlos tenta esclarecer mais uma vez que a função dos artigos seria preparar as discussões locais, nos fóruns.

Daniel propõe publicar uma história com um "reconhecimento geral".

Kleber acha que não somente os pesquisadores, mas os próprios índios devem publicar artigos nos jornais. [...]

Teka elogia a iniciativa do MP. Entende que a visibilidade deve se estender às outras lutas dos povos indígenas. [...]

Minha fala:

- Elogiei a iniciativa do MP.

educação indigena CC.indd 784 26/10/2015 11:44:03

- Defendi que o programa de visibilidade é mais amplo que um projeto, pois envolve mais ações do que publicar artigos, cartilhas e realizar fóruns. É um amplo trabalho pedagógico, de contribuir para a reelaboração do "imaginário" da sociedade, como parte dessa reelaboração das "identidades" dos povos indígenas no Ceará.

- Avalio que o reconhecimento é multicomponencial: é cultural, é político, é jurídico.

- Em nível político, é, antes de tudo, uma iniciativa dos índios. Nos últimos 20 anos, no Ceará, conseguiram conquistar setores tradicionalmente ostensivos, como a Igreja e alguns órgãos de Estado.

- Em nível cultural, há dois elementos a considerar: 1)Há um processo de reelaboração da "identidade" dos povos indígenas, e isso é muito visível; as dificuldades jurídicas advêm do modo como se tem pensado essa *visibilidade*, como *resgate*. Há um trabalho intenso a ser feito no sentido de redefinir no "imaginário" popular as categorias com as quais se pensou o índio, até hoje.

- Em nível jurídico, depende do cumprimento das obrigações institucionais dos órgãos de estado; deve uma preocupação destes órgãos.

*[*Perdi o registro das falas de Francineide, Ivo, Daniel, Suely e João Carlos porque o disco rígido do* notebook *encheu!]*

Francineide, da Seduc, fala das cartilhas *[*marketing *e legitimação do seu trabalho?]*. Ivonilde pergunta a *Francineide* pelas cartilhas, que ainda não foram distribuídas. *Francineide* responde que estão buscando uma data com os povos indígenas *[*não é bem assim... Ela está dizendo meias verdades]*

Suely sugere uma campanha de rádio, argumentando que tem maior penetração no interior, bem como a publicação de suplementos especiais nos jornais, semanal ou quinzenalmente.

Kleber sugere campanha na TV, que tem maior alcance no interior do que os jornais.

Suely se dispõe a conquistar espaço na TVC para a campanha, com alcance para 150 municípios.

educação indigena CC.indd 785 26/10/2015 11:44:03

[**Pessoalmente, acho que a melhor forma de a Seduc contribuir para dar visibilidade aos povos indígenas seria repassando recursos financeiros técnicos e materiais às escolas indígenas e ao curso de Magistério organizado pelos Tremembé, Pitaguary, Jenipapo-Kanindé e Tapeba, fortalecendo a autonomia político-pedagógica destes povos, tornando-os mais* visíveis *no conjunto da sociedade cearense*].

Ivo sugere que os CREDEs dos municípios indígenas distribuam nas escolas municipais e estaduais os vídeos e outras matérias já publicados sobre os povos indígenas no Ceará. Lembra a produção dele próprio e do Instituto Nosso Chão.

Sandra Petit propõe discussões dentro das universidades. Reconhece que "também dentro das universidades temos dificuldades de avançar nessa discussão". Propõe, concretamente, debates dentro da UFC, após a greve.

Francisca Adelaide sugere também ações na Unifor, a partir do Departamento de Direito e do Centro de Apoio (ou assessoria) Jurídica – CAJU. Na mesma fala, faz o marketing da Campanha da Fraternidade 2002, da CNBB[346], "A Fraternidade e os índios", mostrando um cartaz. *[*Ao meu lado, Ivo, que disse já ter lido o Manual da Campanha, comenta que "o texto-base está horroroso!"]*. Diz que os bispos fizeram uma carta apoiando os índios. Sugere uma carta do Ceará, da igreja (?), fazendo o mesmo. [**Essa Campanha da CNBB parece chegar em um momento muito oportuno para a OT, como possibilidade de recuperar-se dos desgastes cada vez mais acentuados, junto aos povos e comunidades indígenas no Ceará [...]*].

Helena informa que foi sugerido que nas cartilhas das novenas e nos sermões das missas constem menções de apoio aos índios.

Dr. João Carlos, finalizando, agradece a presença de todos. Avalia que "as sugestões são excepcionais". Pede que se faça, aqui, uma parceria. Diz que vai cobrar dos que se manifestaram suas contribuições e que quer contar com todos. Esclarece que esse projeto de visibilidade em favor dos índios não é seu, mas dos índios. "Quem quiser ajudar, seja quem for será bem-vindo. O Ministério Público está aberto a acolher".

[346] Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

educação indigena CC.indd 786 26/10/2015 11:44:03

[*No final da reunião, sinto um clima de leveza, como se estivéssemos, de alguma forma, em um tempo novo e que pode ser caracterizado por uma certa postura dos atores que aqui estiveram, com interesses e práticas diferenciadas no movimento indígena local: se não estamos em acordo entre nós, não é o que vale; precisamos ser tolerantes e conversar [...].

14 de novembro de 2001[347]

Reunião no Conselho de Educação do Ceará com lideranças, professores indígenas, representantes da Funai, UFC, UVA, Igreja Metodista.

[...]

Discussão anterior de representantes dos parceiros sobre programa e falas a serem feitas: [...]

Acrísio faz uma fala, que contesto claramente, sobre a "obrigatoriedade de nos articularmos com a Seduc, imposta pelo MEC". Defendo a posição de que não existe essa obrigatoriedade, que ele, Acrísio, está equivocado. Ele reage e eu vou à réplica. Karla e Sandra Petit endossam minha posição.

Acrísio está cada vez mais tenso e indutor dos encaminhamentos. Considero agora importante investir no fortalecimento da autonomia dos Tapeba em relação à Funai, representada por ele e Creusa, senão a Funai vai substituir a entidade missionária católica autoritária, em breve. [...]

[347] Registrado no *notebook*.

educação indigena CC.indd 787 26/10/2015 11:44:03

16 a 23 de novembro de 2001[348]

Área tremembé [...]

16 de novembro de 2001

Visita ao Mangue Alto

[Karla e eu viemos fazer o acompanhamento pedagógico dos professores e candidatos, em suas localidades, como parte das atividades das disciplinas POEFT e POPEET. Ainda não havíamos estado nesta comunidade, desde o início do curso]

Estamos na sala de aula de *Andreína*, que funciona na casa de seus pais. Elardo, candidato, do Panan, está com ela. [...]

- Ela ensina nos dois horários. No ano que vem, quer ensinar em sua própria casa (ainda em construção).
- Há novas demandas de mães que querem matricular seus filhos.
- Não há lousa.
- Nove alunos de Andreína compõem a turma de 2ª série.
- Ela começou a dar aulas neste ano, em 19/fevereiro.
- Ainda não recebeu o pagamento do Convênio.
- Condições da sala: chão de cimento verde, paredes azuis desbotadas, teto de telha com madeira. Tem energia elétrica.

Uma tv de 20" está no canto mais visível da sala. Na parede frontal à porta de entrada, cinco pequenos "quadros" pintados em bandejinhas de isopor, com motivos variados: pêra, maçã, caju, flores e Horácio (personagem de desenhos do Maurício de Souza, da Turma da Mônica). Acima, à direita, um quadro da Assunção de N. Senhora e outro, da Santa Ceia. Mais à direita, um pouco

[348] *Diário de Campo*, n. 5, p. 196-242.

educação indigena CC.indd 788 26/10/2015 11:44:03

abaixo, um pôster emoldurado em papelão do time do Palmeiras, *Taça Libertadores da América – 1999 – Campeão*. Na parede lateral esquerda, no canto direito, um pôster gigante do Palmeiras, antecedido de um retrato dos pais de Andreína, feito em pintura, emoldurado em alumínio, tipo *tradicional*. Ao lado deste, um pôster de Regina [sua irmã], quando criança, capa de "Pais & Filhos". Um barquinho, de aproximadamente 60cm, tipo bote, está pendurado no teto por cordões, na altura do canto direito da sala.

As crianças estão sentadas no chão, onde desenham. Outras ocupam a mesa do que parece ser uma *sala de jantar*. Uma criança de uns 10 anos vem perguntar a Andreína se pode ligar a tv. Esta diz que, após terminarem os exercícios, liga "por meia horinha". Explica que hoje é 6ª feira, que eles adoram a aula, que parece ser marcada por atividades mais lúdicas como o desenho, brincadeiras...

Nomes dos alunos *[*pegar ficha depois]*:

Euriam, 9 anos; Geovane, 14 anos; Angélica, 10 anos; Luziane, 10 anos; Paulina, 8 anos; Maria José, 11 anos; Davi, 10 anos; Willame, 8 anos; Meiriane, 8 anos

Uma doce água de coco foi-nos servida ao fim da visita. Recebi o convite para comer uma galinha (que já haviam me prometido antes).

Agora estamos na casa de Rosângela, que está acompanhada de Getúlio, candidato, irmão de Andreína:

- As aulas acontecem na sala da frente da casa.
- Condições da sala: chão de tijolo, com paredes de tijolo furado, sem reboco. Teto de telhas e madeira.
- Há muitos cartazes pregados, alguns sobrepostos na parede frontal à entrada. Cartazes feitos com búzios e sementes, saudando os que chegam à sala com as frases *Sejam bem-vindos* e *Bom dia*. Cartazes distribuídos pelo MEC, com motivos sobre a Merenda Escolar. Detalhe: *há 3 meses a escola está sem merenda*. Há uma semana, finalmente, chegaram alguns móveis para a escola: birô, armário, fogão, freezer, tv e vídeo. "Mas não trouxeram nada de merenda e nenhuma fita de vídeo. O *freezer*, para entrar na cozinha, quebraram a parede e retiraram a porta". O armário

educação indigena CC.indd 789 26/10/2015 11:44:04

está danificado, devido a uma queda no transporte. Foi entregue assim mesmo. Rosângela diz que aguarda Zé Valdir para mostrá-lo.

- A turma é de Alfabetização e 1ª série. São 17 alunos. O mais novo é Joel, de 3 anos. Célia, de 7 anos, é mais velha.
- Acabavam o exercício de desenhar, quando chegamos. Depois, espontaneamente, pediram os instrumentos musicais a Rosângela para dançarem o torém: maracás e pandeirolas de plástico e um ganzá de alumínio. *[*Pegar lista de nomes com Rosângela]*
- Há muitos cartazes com desenhos dos alunos. Alguns motivos: bandeira do Brasil, crianças indo à escola, peixes, fruteiras, casa.
- Há também cartazes com exercícios de alfabetização (ta-te-ti-to-tu, ma-me-mi-mo-mu...) e cartazes com vogais e desenhos:
    - 'a' (árvore)
    - 'e' (estrela)
    - 'i' (igreja; a de Almofala! Portas verdes e paredes brancas)
    - 'o' (olho)
    - 'u' (está tapado por outro cartaz com as partes do caju/fases da maturação)
- Somente na semana passada é que chegaram as carteiras (em número de 18). Há 3 anos a escola funciona. Antes de as carteiras chegarem, as crianças sentavam em bancos improvisados com tijolos e tábuas.
- A energia elétrica chegou somente em outubro do ano passado.
- Há um ano Rosângela é professora *reconhecida*, conveniada.
- Já mediram (a Seduc) o terreno ao lado para construir a escola, desde fins de 1999. Até agora, não foi construída. Colocaram até os marcos no terreno. [...]
- Rosângela diz que trouxeram os móveis mas não deram nenhuma instrução de como usar o fogão industrial, o *freezer*, a tv e o vídeo. *[...]*.

educação indigena CC.indd 790 26/10/2015 11:44:04

Fotografei as áreas onde a prefeitura está jogando o lixo. *dona* Neném me acompanhou. Trouxe-me uma garrafa de mocororó temperado "com sete tipo de fruta", me disse ela.

Sugeri que se fizesse uma carta denunciando a agressão ambiental à área indígena ao Procurador da República. Vou juntar as fotos que fiz hoje com um breve relato da situação. Quem faz o transporte do lixo é a carroça do Zé Gino. O lixo é proveniente dos Torrões.

Karla propõe um primeiro contato com a prefeitura, via Secretaria de Obras; depois, diretamente ao prefeito.

Outra questão séria é a dos viveiros de camarão. Rosângela e *dona* Neném dizem que os viveiros dos Monteiros secarem a Lagoa da *Camboa*; chegou a *esturricar*.

Uma iniciativa deles, Tremembé: vão fazer uma comissão com os agentes de saúde, pais e mães de alunos, e ir à prefeitura. Entraram em contato com o presidente da Colônia de Pesca, que quer participar.

Foram com os alunos, depois do curso de Ciências, na outra semana, até o mar e o mangue dos Torrões. Viram muito lixo, óleo. Decidiram fazer essa reunião depois do que encontraram nessa aula de campo.

Colocam também animais mortos, causando grande incômodo para os moradores. *[...]*.

[*Purica, uma leitoa de uns 8 meses, entra e sai livremente da sala de aula. Coça-se nas carteiras. É bastante habituada com o ambiente e as pessoas. Embora Rosângela peça que ela saia da casa, a leitoa não parece levá-la a sério. Acho que o fato de ela ter nome "próprio" indica o grau de intimidade das relações entre humanos e ela].

Rosângela conta que, na 3ª feira passada, no Dia da Família na Escola, o grupo de teatro de Itarema apresentou uma peça com a música *Ô Jandê*, do Cd *Cantar*. Rosângela acha que eles conseguiram o cd comprando-o da Praia. Diz que eles teriam pedido autorização ao cacique para fazer a peça. Diz que "eles falaram bem dos Tremembé". [...]

educação indigena CC.indd 791 26/10/2015 11:44:04

[*Notei que Andreína e Rosângela encontravam-se desenvolvendo atividades nesta 6ª feira, feriado nacional decretado em função da redução no consumo de energia].

[...]

Visita à escola da Varjota

Turma de Lucélia, 2ª Série

Lucélia orienta individualmente os exercícios dos alunos, recebendo-os em sua mesa.

Uma menina de 11 anos, Raialy (me disse José, 10 anos, um dos alunos que logo veio ao meu encontro e observa o que escrevo) está varrendo o chão da sala, que foi reformado e, agora, é de cerâmica clara.

Enquanto ajuda Raimundo, 10 anos, a fazer seus exercícios, Lucélia o adverte: "Tu sabe, rapaz, mas tu fica brincando".

São 17 alunos matriculados na turma, mas só 15 estão vindo. 1 se mudou e outro não se sabe bem por que, não está vindo.

Os alunos estão sentados com as cadeiras arrumadas em 'L'.

Samuel, 10 anos, deitado no chão, atrás de todos, parece o mais indisciplinado. Tenta chamar a atenção, mas sem sucesso.

Leonato, 11 anos, também está deitado no chão, mas, ao contrário de Samuel, não quer chamar atenção. Pergunto por que ele prefere o chão e ele diz que "é porque é mais friozinho".

Lucélia escreve um exercício de Português na lousa, indiferente à postura de Samuel e Leonato, embora reconheça que "Samuel está se mostrando".

Exercício:

1. Coloque no *almentativo* (sic) as *palavra* (sic):
   Caneca _____
   Pacote _____
   Macaco _____

educação indigena CC.indd 792 26/10/2015 11:44:04

Menino _____
Tomate _____
Caneta _____

2. Agora forme frase com as palavras.
   a) Pena
   b) Terra
   c) Lagamar
   d) Índio

3. Separar as sílabas:
   Comunidade: _____
   Animado: _____
   iluminou _____
   Menina _____
   Vitamina _____

Uma aluna pede para a professora afastar-se da frente do exercício, dizendo: "Com licença, Lucélia". *[*Não a chama de 'tia', nem de professora! Andreína me havia dito que, também em sua turma, alguns a chamam pelo nome 'Deína'].*

Lucélia, que nos últimos tempos tem sofrido rouquidão quase crônica, hoje está com a voz relativamente boa.

Alunos mais novos: Ilaneide, 8 anos; Marcineide, 8 anos

Alunos mais velhos: Leonardo, 15 anos; Nedina, 14 anos (completa no próximo domingo, 18/nov)

Maiores dificuldades: 1º. Matemática; 2º. Português

Lucélia comenta comigo sobre "Clebe" (cujo nome é Francisco), de 9 anos, com o qual ela enfrenta dificuldade de comunicação: parece extremamente tímido. Não se envolve bem com os colegas. Não faz as atividades. Se chega atrasado, fica na porta e só entra quando Lucélia o toma pela mão.

Digo a ela para permanecer insistindo em manter contato com ele, convidando-o a fazer as tarefas. Mas, com paciência, tratando-o como uma pessoa em particular. Sugiro também manter um contato fora da sala de aula, na casa

educação indigena CC.indd 793 26/10/2015 11:44:04

dele, com seus pais. Ela disse já ter feito uma visita aos pais, que disseram "ele é assim mesmo". Diz que quando ele a vê, muda o caminho. E se sabe que vai à sua casa, foge.

Lucélia vem ao encontro de Samuel, deitado no chão. Abaixa-se, observa o que ele escreve, em que altura realizou as suas tarefas. Somente depois, toca o papel com os exercícios e o lê. Em nenhum momento pediu que ele viesse sentar-se ou criticou sua postura.

Hoje é 6ª feira, feriado decretado por causa do racionamento de energia. A escola funciona. O calendário é *diferenciado* mesmo[349].

Sobre a merenda: alguns meninos acham que hoje tem leite e cuscuz. Dizem que gostam, que nunca falta merenda, "só quando falta o bujão" *[o gás de botijão]*, que dá para todos e que podem repetir.

Tomei leite com cuscuz. Os meninos tinham razão.

Encontro Neta no pátio. Está grávida.

Antes, na sala, quando Raialy e outra se aproximam para ver o que estava escrevendo, os meninos as antagonizavam: "vocês não sabem ler". Demarcam território.

A turma de Dadinha, de 4ª série, tem 21 alunos. Hoje tiveram aula de Ciências. "Não tem dia marcado para dar aula". Tem um plano, mas vai adaptando conforme o ritmo.

Ciências, Matemática, Português, História. "No lugar de Estudos Sociais, eu chamo História, desde o ano passado. Desde que a gente começou a fazer esses planos. Os meninos também passaram a criar mais. Tem tudo mais a ver do que Estudos Sociais".

A média de idade: de 11 a 17 anos.

Por sexo, a maioria é do sexo feminino.

[349] Diferenciado sobretudo pelo aspecto político da diferença, que é o caráter de autogestão e de autonomia da escola; no caso, em relação ao calendário.

educação indigena CC.indd 794 26/10/2015 11:44:04

Visita à escola da Tapera

Alunos da turma de Eudes, Tapera, 1ª Série: Denise, 7 anos; Alex, 8 anos; Renata, 7 anos; Lívia, 6 anos; Naziane, 6 anos; Viviane, 9 anos; Vivian, 9 anos; Paulo, 7 anos

As paredes encontram-se recobertas de desenhos elaborados com refinamento nas formas e conteúdos.

Trabalhos do Lagamar, feito pela turma de Henrique, 2ª série estão expostos por todas as paredes. *[...]*

Trabalho "Desenhos *referente* (sic) à Invasão da Ducoco" *[*lindo!]* . Turma de Joelma, 3ª e 4ª séries.

Na lousa, uma frase: Pensamento do dia:

As melhores e mais linda
coisas do mundo, elas não
devem ser tocadas elas devem
ser sentida no coração. (sic)

Eudes diz que foi ele quem escreveu, que toda 6ª feira ele escreve um pensamento no quadro.

A escola tem apenas uma sala. Por isso, as 4 turmas se revezam ao longo do dia, com turmas de 3 e 2 horas de aula (2 pela manhã, de 3 horas, e 2 pela tarde, de 2 horas).

Tarde: 3ª e 4ª séries e 2ª série

Horários: 7 às 10 horas; 10 às 13 horas; 13 às 15 horas; 15 às 17 horas

Há merenda para todas as turmas.

Birôs, armários, fogão vieram para todas as escolas. Vídeo, tv e freezer somente para as que têm energia elétrica ou solar (Praia).

Os desenhos desta sala são estupendos, de uma riqueza incomparável!

educação indigena CC.indd 795 26/10/2015 11:44:05

A rede elétrica interna está instalada, mas não ligaram ainda a energia ao poste. Esperam há 6 meses!

17 de novembro de 2001

POEFT e POPEET – Praia, Mangue Alto e Saquinho (Capim-Açu não compareceu).

Resultados do estudo, em grupos, de um texto sobre relações professor-aluno em sala de aula:

Andreína acha que o aluno se torna autoritário às vezes por causa do professor. Também acha não se deve demonstrar mais carinho por um, em detrimento de outros.

Neide avalia que o texto traz informações que ela vivencia em sua prática, ao longo de quatro anos de magistério.

Jacinta entende que se deve tratar os alunos com carinho, não ser bruto, nem confundi-los. [...]

Zé Raimundo, que se encontra presente, formule uma questão: "Se a gente fala *português*, como dizem, por que a gente tem que estudar o Português para falar?" [...]

[...]

Conversei com João Venança sobre a ação *evangelizadora* de Godofredo, missionário batista. *[*O ponto de ebulição, que me fez procurar João Venança, foi a recente* conversão *de Liduína, conforme me disse João Filho, quando perguntei sobre o casamento dos dois].*

Conversei com João Filho, na cozinha da casa de Dijé: ele não sabe mais se vai acontecer o casamento, pois Liduína teria se convertido à igreja de Godofredo, após ler um folheto que ele lhe dera. Expressei minha opinião clara e contundentemente, como talvez nunca o haja feito: eles são objeto de interesses diversos de todos nós que chegamos de fora. Alguns grupos de evangélicos continuam querendo convertê-los e usam presentes e agrados – como dinheiro para as crianças, como o faz Godofredo – para aproxima-se. [...]

educação indigena CC.indd 796 26/10/2015 11:44:05

Visitei *seu* Raimundo *Caçador* na casa dele. Levei o CD, que o deixou muito contente. Gravei uma entrevista com ele. Bebi mocororó de caju doce, que ele me ofertou.

Tive uma nova conversa com João Paulino, João Naila e Raimundinha, nas altas horas da noite, após chegar da casa de *seu* Raimundo *Caçador* sobre o significado do *Caçador* para eles e outros temas.

19 de novembro de 2001

MIT – Curso de Matemática[350]

1º dia, 2ª Feira.

O pessoal da Praia, Mangue Alto, Passagem rasa e Saquinho (Jacinta) ainda não chegou, às 9h10 na "hora velha". Rosa (do Lameirão) já está aqui. Neta não veio ainda. Zé Valdir, disseram, está em Acaraú.

Apresentação dos presentes, com sondagem sobre história de escolarização em Matemática:

Ana Lúcia: tem material para ensinar, mas sente muita dificuldade em Matemática. Ia bem, quando Liduína, professora da rede pública em Fortaleza, voluntária da OT, ensinava Matemática [**No início da escola diferenciada, quando a OT apoiava*]. Diz que não recebeu treinamento sobre o uso do material.

Ivonete, professora de 3ª série. Tenta usar problemas daqui; usa também contas e sementes.

Graça, 2ª série. Tem muita dificuldade em Matemática. Usa livros. Passa problemas "com continhas baixinhas". Os alunos também não gostam, sobretudo as mulheres. Os homens ainda gostam um pouquinho. [...]

Lucélia, 2ª série. "Em Matemática, sou muito mau mesmo. Tinha abuso do professor. Ainda não gosto". [...]

[350] Registrado no *notebook*.

educação indigena CC.indd 797 26/10/2015 11:44:05

Joanita, candidata. "Primeiro abuso é o professor. Mas a culpada sou eu mesma". "Fiquei traumatizada, fiquei reprovada na 1ª série". *[Vagner alerta para mudar essa realidade: se o professor não gosta de matemática, o aluno também não vai gostar. "A gente tá aqui para mudar isso".]*

Fábia, candidata. Tem dificuldades de aprendizagem. [...]

Robério. "Sou ruim em Matemática".

Janete, 1ª série. Não tem dificuldades sérias para ensinar. [...]

Neide, 2ª série. Até certo momento não gostava. Agora quer aprender.

Getúlio. Gosta e não tem dificuldade.

Andreína. Acha que a Matemática depende do professor. Chegou a tirar inclusive notas boas.

Raimundinha. Não gosta e não sabe de Matemática. [...]

Aurineide. Acha um pouco difícil, mas seu sonho é ser professora de Matemática. [...]

Cristina, 3ª série. Não sente muita dificuldade de ensinar, porque ainda é série inicial, "baixa".

[...]

Avaliação das falas (Vagner):

"O primeiro passo é desenvolver ideias matemáticas, depois as técnicas de resolução de problemas".

"O fato da maioria não gostar de Matemática, é reflexo da educação matemática que receberam. Disseram que não éramos aptos para aprender Matemática. Disseram inclusive que os homens têm mais facilidade que as mulheres".

"Quem tem mais facilidade, deve ter se deparado com situações que ajudaram a gostar".

"A forma atual de ensinar Matemática, tem como referência estudos desenvolvidos na UFPE, com meninos que vendiam coco nas ruas de Recife.

educação indigena CC.indd 798 26/10/2015 11:44:05

Pegaram as crianças, que eram muito hábeis em cálculos, e levaram à escola. Resultado: reprovação geral. A partir daí, começou-se a pensar um novo modo de ensinar Matemática".

"Aprender Matemática é uma questão de pensar sobre situações. O nosso Curso vai de encontro a desenvolver a reflexão ante situações que serão apresentadas. Vamos tentar desenvolver uma Matemática relacionada com vocês, tremembés. Vamos trabalhar com música, para ver onde existe matemática na vida".

"Outro detalhe: muitos que dizem não gostar de matemática, usam-na na sua vida, mesmo não percebendo. Outros que acham que gostam, acabam deixando de aprender coisas novas. O que importa não é aprender tudo, mas o que serve para a vida". [...]

Neide, Evandro, Cristina e Raimundo, da coordenação, me procuram para reunir-me com eles, "porque Karla e Silas não estão aqui". Sinalizam preocupação com o bom andamento do curso. Manifestam também preocupação com as faltas e ausências. Citam Zé Valdir, que foi a Itarema resolver questões burocráticas, entregar documentos. Avaliam que ele poderia ter feito isso antes ou depois do curso. Observam também que há alunos que se ausentaram durante as aulas de Arte, no mês passado, e outros que estão faltando às aulas da POEFT e POPEET. Acertamos de, em algum momento ao longo do curso, discutirmos o assunto com a turma.

Vagner orienta a leitura do texto *Avaliação em Matemática* [Brasil/Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática. Brasília: MEC/SEF, 1997: 58-59.]

Cita exemplos de descoberta de alunos que sabiam aplicar fórmulas, mas não entendiam o processo. Esclarece que o objetivo do curso não é aprender fórmulas para simplesmente aplicá-las.

Defende a importância da contestação, do questionamento diante do que não foi entendido como condição fundamental para o desenvolvimento do conhecimento matemático.

Reflete sobre o desafio que é ser professor: além de identificar o erro no aluno, identificar as causas dos erros, para ajudar a superá-las. [...]

educação indigena CC.indd 799 26/10/2015 11:44:05

Almoço

Retomada das atividades

Antes, Karla me ligou para dizer que conseguiram com a Igreja Metodista R$ 2.000,00 para o curso [...]

Merenda: *[*Refresco e bolacha, novamente! Bem que a gente poderia variar, enriquecer, usar o caju, que está no tempo dele.]*

Atividade de produção intelectual:

Em grupos, Vagner propõe à turma elaborar um texto sobre o assunto: *A matemática nos povos indígenas*: 1)Como surgiu? 2)Quais as formas de registro? 3)Qual a escrita? 4)Quais as aplicações práticas?

[Solicitei e Vagner atendeu: explicou com detalhes e exemplos cada uma das questões. Explica, por exemplo, que a escrita é a simbologia].

Relato dos trabalhos de grupo: [...]

Grupo 7: "Surgiu com a prática do dia a dia, com a preparação do roçado, construção de canoas etc".

Grupo 6: "Não sabiam escrever mas faziam traços e separavam objetos quando plantavam, para marcar".

Grupo 5: "Há uns 70 anos, não escreviam".

Grupo 4: "Usavam o coco contado de dois em dois, talo de carnaúba marcando as quantidades de palha etc".

Grupo 3: *[*perdi]*

Grupo 2: "Surgiu da ideia dos mais velhos: palmo, braça. Registravam na memória. Pesavam um quilo de peixe baseado no quilo de sal".

Grupo 1: "antigamente era muito difícil, não se sabia o que era isso. Existiam o palmo e a braça. Para medir o roçado, o faziam nos passos". Registro: marcos enfiados no chão. Aplicações práticas: medir terra, pesar castanhas.

educação indigena CC.indd 800 26/10/2015 11:44:05

[...]

*[*Sinais de autonomia crescente da coordenação: Evandro, Cristina e, principalmente, Raimundo assumiram, com brilho, as atividades de coordenação deste dia. Isto se torna ainda mais importante por que Zé Valdir, que exerce uma liderança muito forte, coordenando e tomando à frente das falas e dos eventos ligados às escolas, esteve ausente todo o dia].*

20 de novembro de 2001, 3ª feira[351]

[...]

Atividades de aula: [...]

Finalmente, o calor destes dias cede agora a uma inesperada, mas profundamente desejada, chuva. Breve, mas forte. O cheiro de terra molhada invade a terra, depois que a água dos pingos grossos invade a porta do lado do sertão, obrigando Cristina e Neide a retirarem suas cadeiras e fecharam a porta. Vagner também celebra. Ontem ele me havia dito que esperava, em vão, que tivesse chovido. Agora, o frescor já começa a ser sentido na brisa que, suave, penetra a sala. Ao meu lado, Estevão, que chegou há pouco, avalia que a chuva serve para refrescar o tempo. [...]

Seu Valdir e *dona* Diana chegaram e permanecem entre nós. *Seu* Chico Lagoa e *seu* Marciano também chegaram e estão entre nós. Eles são lideranças antigas, que iniciaram o movimento indígena na Varjota.

Merenda

Proposta de atividade em grupos: "Jogo das Trocas".

Material necessário: dado e sementes ou pequenos objetos (como conchas) de quatro espécies.

[351] Registrado no *notebook*.

educação indigena CC.indd 801 26/10/2015 11:44:05

Regras: 1) Cada espécie corresponde a um valor: a segunda semente corresponde, em valor de troca, a três sementes da primeira; a terceira equivale a três sementes da segunda; a quarta, a três sementes da terceira; 2) Cada jogador joga o dado quantas vezes for decidido pelo grupo, trocando suas sementes imediatamente; 3) Ganha a rodada quem primeiramente chegar à quarta semente.

Gilsa tinha dificuldades, inicialmente, em seu grupo. É que todos já dominavam operações de soma e subtração mais complexas. Ela ainda se baseia em cálculos com dedos, sobre unidades. Depois, conseguiu encontrar e fazer respeitar seu próprio ritmo pelos demais.

Comentários de Vagner:

- Os vencedores verdadeiros do jogo foram os que aprenderam alguma coisa.
- Enfatiza a importância da partilha no aprendizado.
- Observa o papel ambíguo da *ajuda ao outro*: impede que ele mesmo elabore, vivencie seu próprio processo de aprendizagem.
- Nota que há diferença entre vencer o jogo e aprender: é possível vencer o jogo sem aprender nada.
- Estabelece bolinhas coloridas para as sementes, com os valores diferenciados entre elas.
- Propõe agora um exercício diferente: fazer a troca entre a semente de maior valor e a de menor valor, buscando identificar a proporção entre elas. Propõe o número 3 como valor de troca. *Seu* Valdir diz que a quarta semente equivale a nove sementes da primeira. Zé Valdir concorda com a proposta de resultado. Tentam solucionar, com as sementes, o problema. Descobrem que o resultado é bem superior: 27.
- Explica o que é um *sistema com base 3* a partir do exemplo anterior.

[...]

educação indigena CC.indd 802 26/10/2015 11:44:06

Almoço

Atividades da tarde:

[...]

Estevão me pergunta sobre Fernando. Diz que a comunidade tem tentado se reunir com ele, mas ele vem fugindo. Diz também que ele teria recebido R$1.000,00 – dos R$2.000,00 prometidos – de Francisca Adelaide para a construção da "Casa de Cultura" e que, até hoje, não prestou conta, nem fez a casa. Ontem, Evandro me disse que Fernando andava dizendo que o MIT não tem validade, invocando a LDB. Disse também que tentou levar pessoas da comunidade para o curso da Seduc, mas que só conseguiu levar o próprio pai, Calisto.

Continuação do Estudo de Sistema de Base 3: [...]

Vagner visualiza a resolução com o jogo de *Escala Cousinaire*.

Zé Valdir se oferece para resolver o exercício, com peças do jogo da Escala... Na lousa, Andreína escreve a operação. Sesinha resolve o exercício com desenvoltura impressionante, segurança e clareza. [...]

Na avaliação de Vagner, os grupos superaram as expectativas de compreensão da ideia de Sistema de Base. Ainda mais: corrigiram os exercícios uns dos outros. Amanhã, indica, os alunos irão trabalhar o Sistema Numérico Decimal, sentindo como se torna bem mais fácil, após os exercícios de hoje.

Avisos:

Proposta de, na Noite Cultural[352], fazer o Jornal da Fofoca. Zé Valdir, Lucélia e alguns outros se posicionam contra, gerando debate. Tomo a palavra e proponho que este momento se torne uma reflexão sobre o lugar da crítica, da arte, do rir-se de si próprio na "cultura" tremembé.

[352] A noite cultural é realizada durante uma das noites da semana de aulas, geralmente na 4ª feira, e tem como conteúdo a dança do torém e apresentações artísticas, visando fortalecer as práticas culturais dos professores e da comunidade presente, o lazer e o entrosamento com os parceiros e visitantes.

educação indigena CC.indd 803 26/10/2015 11:44:06

[...]

Jantar: Sopa [*A mesma de ontem!]

Noite.

Vídeo: *Donald no País da Matemágica* [Desenho animado muito instigante sobre a presença das relações matemáticas em todos os aspectos da vida e da natureza]

Plenária dos professores sobre assuntos relativos às atividades das escolas e do curso de magistério:

Discutimos sobre o que fazer em relação às *faltas*:

Zé Valdir lembra que foi discutido e decidido por eles a porcentagem de faltas: 10%. Chama a atenção que há pessoas saindo durante as aulas. Outras, não estão vindo às aulas de Orientação. Lembra que, em dezembro, quando se completam as 6 primeiras etapas, serão contabilizadas e apresentadas. Cita Rosa Helena, pedindo desculpas, como exemplo de pessoas que já esgotaram os 10% de falta. [...]

Quanto às *cartas de solicitação de matrícula ao CITA*, feitas pelos alunos, Zé Valdir diz que o processo está parado, que não conseguiram agendar uma reunião com o presidente do CITA para analisar as cartas e formalizar a entrada no Curso. *[A dificuldade principal parece ser o presidente, Luís Caboco, que passou a opor-se ao Curso, provavelmente por pressão de Francisca Adelaide]*

Sugiro que até dezembro seja encaminhada essa reunião e pergunto se até lá há condições de agendá-la. Sugiro também que a comissão seja formada por duas pessoas do CITA, não alunos do MIT, mais um representante da coordenação e mais Sandra Petit, coordenadora.

Zé Valdir se propõe a, com mais alguém, encaminhar. Mas diz claro que não vai ao encontro de Luis Caboco porque ele é contra o MIT, declaradamente.

educação indigena CC.indd 804 26/10/2015 11:44:06

Sugiro que, se não for o presidente, que indiquem outras pessoas, de preferência ligadas ao CITA, para compor a comissão.

Neta se propõe a falar com Luis Caboco.

Comissão: 3 do CITA + Coordenadora (Sandra Petit) + Representante dos Alunos (Neide)

Lucélia justifica sua escolha por Neide: "eu não quero dizer que é por competência, mas é quase isso". *[*A clareza e a sinceridade com que ela se coloca, mais a reação absolutamente tranquila de Neta, me dão a medida exata e surpreendente, a um só tempo, do refinamento político dessa gente, que se manifesta em momentos excepcionais, com toda sua força*].

Foram dados alguns *informes*:

Zé Valdir informa sobre a reunião com o CEC, em Fortaleza, no dia 14 de novembro passado, com a presença de lideranças e professores indígenas, parceiros dos cursos MIT e MITPJK e Seduc. Ele diz que percebeu que, "para o presidente do CEC, está tudo genial. Agora, a Seduc não está se empenhando em apoiar este curso". [...]

Sobre o pagamento de professores, Zé Valdir nota que há dois meses, mais uma vez, estão sem receber. Os Tapeba, professores antigos e novos, já receberam. Propõe esperar até 6ª feira pelo pagamento. Independentemente de chegar ou não, sugere "dar um alerta ao subsecretário", que se comprometeu, pessoalmente, com os povos indígenas e suas reivindicações sobre a escola, chegando a dar o número de seu celular, quando precisassem resolver os problemas. Sugere que, por ocasião da Assembleia dos Povos Indígenas, os professores dos diversos povos se organizem e decidam ações coletivas. [...]

[...]

educação indigena CC.indd 805 26/10/2015 11:44:06

21 de novembro de 2001, 4ª feira[353]

[...]

Atividades em grupo:

Comentários e correções dos exercícios:

Alguns comentários e expressões dos alunos indicam que, aos poucos, uma nova postura começa a emergir. Rosângela, que reagiu tão fortemente no início, diz que está "entendendo direitinho os exercícios". Admite que a dificuldade advém das aulas de matemática que recebeu, em que o professor não explicava direito, escrevia com rapidez, passava os exercícios e mandava os alunos se virarem. Liduína confessa que já matou "uma das cabeças do bicho-de-sete-cabeças". Raimundinha avalia que ainda precisa fazer uma faxina na cabeça, como o Donald do desenho animado de ontem à noite, mas que, aos poucos, sente que vai clareando. Rosa Helena, que antes estava com dificuldades no grupo, atesta que está entendendo bem, agora.

Almoço

Atividades da tarde

Brincadeira: Dança com a música "Maresia": *"A maresia foi se rebolar/ E o povo todo quis olhar (2x)/ (Refrão) Olha a fulô da maresia (4x)/ A maresia quis se divertir/ E o povo todo quis ouvir (2x)/ (Refrão)/ A maresia quis se remexer/ E o povo todo quis ir ver (2x)/ (refrão)/"*. Todos formam pares e executam uma coreografia alegre, com giros, inversões e palmas ao longo da música.

Durante toda a tarde, Vagner desenvolveu, com os cursistas, exercícios com o Sistema Numérico Decimal, exemplificando situações e comentando os resultados dos trabalhos em grupo.

No final, fez-se a *avaliação* do dia, por grupos:

[353] Registrado no *notebook*.

educação indigena CC.indd 806 26/10/2015 11:44:06

Grupo 5:

Zé Valdir: "Pra falar sincero, matemática sempre foi uma coisa ruim pra minha cabeça; mas tô gostando. A gente sai das sementes e vai pra o papel, sai do papel e vai pra prática. Acho que estou entrando no clima. Do nosso grupo, os sete (*sic*) estão se esforçando". [...]

Grupo 4:

Eudes: "O nosso grupo se ajuntou, tinha gente que não sabia muito, tinha uns que não sabiam fazer, mas outros ajudavam, davam um toque para o outro perceber. É muito importante trabalhar em grupo, pra ajudar o outro a perceber".

Robério: "Também em matemática não sou muito bom... No nosso grupo tem uns mais inteligentes que os outros, feito a Andreína, que parecia uma professora (*sic*), explicando bem direitinho... Aprendi mesmo".

Grupo 6:

Evandro: Vai avaliar o desempenho do grupo: todo mundo esteve bem envolvido. Houve muito interesse do professor e dos cursistas, dos candidatos também. "Eu achava que a matemática, eu vinha de uma tradição que o professor passava o exercício e que queria que o aluno resolvesse o problema sozinho. O professor aqui está mostrando a matemática de duas formas, com facilidade para a gente aprender. Eu quero dizer que estou me apaixonando pela matemática. Estou vendo que a matemática tem uma função muito importante na vida de cada um".

Raimundo: "estou achando o desempenho muito grande das pessoas, pra saber o significado dos jogos, de cada coisinha. Estou achando que o nosso grupo está indo muito bem. Se eu não sei, pergunto ao Evandro. Se acho que ele não está certo, pergunto a outro. Se achamos que ninguém sabe, perguntamos ao professor".

Grupo 2:

Rosângela: "no grupo as pessoas estão se esforçando e entendendo. Pra mim, que não gosto, estou achando legal, estou compreendendo. Estou gostando. Gostei muito de hoje".

educação indigena CC.indd 807 26/10/2015 11:44:07

Dadinha: "o que eu aprendi desde o início, é uma coisa bem prática, apesar das dificuldades que a gente tem, está se tornando fácil, devido à paciência do professor. Outra coisa, a forma da gente trabalhar em grupo: as experiências de uns ajudam aos outros. Todo mundo está se empenhando no grupo. Quem sente mais dificuldade é a Gilsa, mas se ela tenta e a gente ajuda, aos poucos, ela consegue".

Grupo 7:

Sesinha: "Até agora, nestes dias que estamos juntos, não achei nada difícil. No início, logo que a gente vê o exercício, acha difícil. Depois, vê que não é assim e consegue. Quanto ao grupo, a gente tira dúvidas uns dos outros". [...]

*[*A questão didática parece se revelar, realmente, fundamental no processo de aprendizagem da matemática].*

Vagner: cada dia fica mais surpreendido com os resultados. Nota que nas falas as pessoas ressaltam que o segredo é a força do grupo: "vocês tem muita força por causa da força do grupo". Faz um agradecimento especial aos colegas que estão nos grupos e que gostam de Matemática. "Sem estes, seria impossível atingir a todos, porque seria impossível, em uma semana, tirar todas as dúvidas". Tem uma bagagem que vai passar à medida que o grupo for solicitando.

Eu: enfatizo a importância da didática, que o grupo, como um todo, ressaltou em sua fala. Defendo a ideia de que não existe disciplina difícil, mas falta de didática de certos professores. Finalmente, que desconfio que os traumas com a matemática tenham ocorrido por essa causa: falta de didática dos professores que os alunos, antes, tiveram.

Visitei o sítio arqueológico de Lagoa da Praia, ou Lagoa do Toco. [...]

Noite cultural

Chegada de Sandra Petit e Tonio Vargas, marido de Sandra, fotógrafo e cineasta, conhecido por suas produções junto ao movimento indígena local.

educação indigena CC.indd 808 26/10/2015 11:44:07

Tonio fez a apresentação do vídeo *Reso Tremembé*, de sua autoria, sobre o famoso e divertido folguedo organizado por *seu* Marciano, Zé Valdir e outros da Varjota, e que manifesta uma leitura particular de uma das manifestações mais populares do Nordeste, que é o *Boi-Bumbá* ou *Reisado*.

Tonio fez também uma exposição de fotos que ele fez na época da filmagem do *Reso*. No final, fez a doação do vídeo e das fotos. Justifica que o vídeo era para ter sido entregue à comunidade, há 3 anos.

João Venança tenta falar, mas o barulho e dispersão não permitiram. Sugeri que ele falasse depois que o barulho encerrasse. Não deu certo. Acho que foi a primeira vez que isto aconteceu.

Os professores, todos, com os candidatos, fazem uma "homenagem", cantando "Vamos, vamos, minha gente". Depois, saem todos. Quando já estavam fora, Evandro os chama novamente. Há dispersão, lacunas. Não se deram conta ou então pareciam não se incomodar que as pessoas esperassem e os observassem. Tenho a impressão de que necessitam se fortalecer com algumas técnicas do teatro. Pequenas *cenas* acabam demandando muito tempo.

Eu estava escalado para cantar uma música, mas acabei falando da exposição que montei com os artefatos trazidos do sítio arqueológico da Lagoa da Praia. Disse que, ao invés de cantar, eu ia contar uma história muito, muito antiga: a história do povo que habitava esta terra. *[...]*. Disse que muito antes de Jesus pisar esta terra, ela já era habitada pelos Tremembé. Disse mais [me referindo a Godofredo e Isabel, mas sem citá-los] que o nosso papel, os que viemos de fora, deveria ser lutar para que os Tremembé permaneçam sendo donos de suas terras.

O primeiro grupo apresenta uma peça sobre *A Escola Bagunçada*, uma reprodução desses programas de tv, tipo *Escolinha do Barulho* ou *Escolinha do Professor Raimundo*. As pessoas observam, se envolvem, riem com muita facilidade.

Duas coisas me chamaram atenção: a primeira, a liberdade com que encenaram cenas picantes, como a em que Aurineide desenhou um jumento com um falo enorme, simbolizando o verso do Hino Nacional "gigante pela própria natureza". Isso, considerando que um grande número de crianças estava presente, além de mulheres, mães de família, e velhos também. Os

educação indigena CC.indd 809 26/10/2015 11:44:07

risos foram generalizados. A segunda coisa, como os eventos como este são ainda a grande *mídia* que reúne, diverte, educa, satiriza, enfim estabelece referências de sociabilidade.

O 2º grupo encena *A Empregada Atrapalhada*.

Zé Nel faz um solo de lambada ao violão, acompanhado de Evandro no tarol, como intervalo para a próxima peça.

O 3º grupo encena *A Alma e a Botija*. Uma mulher casada começa a ter visões: uma alma lhe aparece dizendo que tem uma botija na casa da velha Chica, dentro de um pote. Ela deve ir buscá-la sozinha, à meia-noite. O marido xinga a mulher, diz não acreditar em alma. Reclama. Andreína e Robério assumem seus papéis com *arte*. Dão mostras de terem talento para o teatro. O marido minimiza e despreza o medo da mulher. Vai pescar. A mulher procura o padre, que tenta convencê-la da não existência de alma. Mas, por insistência da mulher, decide acompanhá-la ao suposto local da botija. Lá, a mulher volta a ver a alma. O padre e a mulher caem por terra. A plateia ri à beça. Os próprios atores também. Cristina, a alma, é a que mais se diverte.

Os grupos demonstram ter-se dedicado a pensar as indumentárias. Lucélia, por exemplo, no grupo da *escola atrapalhada*, vestia botas cano longo, blusa tipo cacharrel e um colete desses que uso em show. Fazia um tipo que só falava gíria.

O salão está concorrido, como é costume nessas ocasiões. Sempre me impressiona como essa mídia popular, sem rádio, tv ou jornal, o boca-a-boca consegue arrastar multidões. Aqui, é sempre assim. Não sei bem ao certo como isso acontece, mas impressiona: ficam sabendo do que vai acontecer, sem *marketing*, sem meios de comunicação de massa.

Um simples pulo ou um gesto mais largo são motivos de risada.

Há um cuidado essencial com a indumentária, mesmo! Agora, um outro grupo, com Zé Valdir, Joelma, Joanita, Rita, Ivonete, Getúlio e (?), bem caracterizados, encenam uma família que trabalha na roça e que tem um filho que não quer estudar. O pai acha que o filho deve continuar em casa e ajudar no serviço da roça. *[*A peça acaba fortalecendo a dualidade entre "estudar" e "trabalhar na roça"].*

educação indigena CC.indd 810 26/10/2015 11:44:07

Sempre fiquei pensando como que peças aparentemente tão desprovidas, em geral, pudessem ser apreciadas com tanto gosto por essa gente. Talvez, por serem "naturalmente" silenciosos e retraídos, como se se resguardassem para alguns momentos, como o torém, tomar a palavra, falar, dar ao corpo outra função, descolada do papel social *instituído*, *sério*, é, literalmente, uma *arte*.

Cristina chama João Venança para cantar uma música. Parece intentar rever a situação desagradável, anteriormente. João canta *O Siri da prima*, e *Ela ficou pelada no salão*. Depois, *O vento balança o mar:*

O vento balança o mar
O mar balança a areia (bis)
É no tronco da jurema
Que os índios balançam a aldeia (bis).

As condições de preparação para a arte são precaríssimas.

O horário avança. As peças, a meu ver, são demoradas, desnecessariamente. Mas elas funcionam com outra medida de tempo, outra temporalidade.

Estou com sono e cansado. Sequer tive tempo de tomar banho. Karla está ausente, participando de um encontro de sua igreja. As responsabilidades se multiplicam. Ontem, gravamos o CD de música infantil. Fui dormir à meia-noite. Hoje acordei cedo para pegar *seu* Estevão e irmos ao sítio arqueológico da Lagoa da Praia.

Roupas velhas, palha de aço, cartolina, alguns utensílios domésticos são peças usadas na indumentária e no cenário das apresentações.

Outras peças apresentadas foram *João Besta* e *Camões e o Rei*.

Risonete, que veio me procurar, nestes dias, para ajudá-la a compor uma paródia para um exercício da escola, vai apresentar-se com a sua "banda". Veio me pedir que fizesse uma foto da apresentação.

Embora as condições sejam precárias, a apresentação de algumas peças, como *Camões e o Rei* mobilizam um grande esforço e trabalho para encontrar

educação indigena CC.indd 811 26/10/2015 11:44:07

ou fabricar os elementos cenográficos. O sucesso dessas apresentações junto ao público se dá, talvez, pela materialização de estórias que, há tempos, eles escutam.

Apresentação da *Banda Brilho de Amor*, com Risonete e Leidiane, e as dançarinas Glória e Jeiciane. A entrada delas, com indumentárias a rigor, causou um verdadeiro *frisson* entre os presentes. Elas parecem as mais novas representantes do *talento da terra*.

22 de novembro de 2001, 5ª feira[354]

Acordamos cedo, Vagner e eu. Hoje, eu levantei mais cedo do que ele da rede. Fomos ao encontro de *seu* Estevão, que nos levou à Lagoa da Praia, para conhecermos o sítio arqueológico descoberto há uns cinco anos. Lembro que foram alguns alunos meus que, primeiramente, vieram até a este sítio e o fotografaram.

[...]

*[*Enquanto estamos em plena aula, ao fim da manhã, Joaninha, de 5 anos, filha de Claudevanda embala o pequeno Davino, de 12 meses, seu meio-irmão, filho de João Venança, na rede da sala ao lado. Ela canta a Louvação de abertura do Torém:* Ó senhor, dono da casa, licença quero pedir... Quando eu aqui cheguei, nesta casa de alegria... Se abriu as portas da frente... *Troca algumas palavras, enrola outras. Mas a melodia é clara. Ela está sempre a embalar e cuidar dele, carregando-o escanchado em sua cintura. Suas perninhas oscilam com o peso do bebê. Mas aguenta firme. Reage com a mesma naturalidade com que brinca. Entre eles, parece absolutamente normal uma criança cuidar de outra. Cantar parece ser uma aquisição naturalmente componente do ser mulher e ser Tremembé. Esta iniciação é feita a partir da infância, ninando-se as crianças. Mas é como se Joaninha cantasse para si própria, para dar alguma ludicidade e estética a essa tarefa, certamente menos interessante do que brincar. Cantar alto parece ajudar a escutar a si próprio e, desse modo inclusive, como uma função técnica específica à arte do canto, ir-se afinando].*

[354] Registrado no *notebook*.

educação indigena CC.indd 812 26/10/2015 11:44:07

Atividades de aula:

Vagner propõe outro exercício: *Dois* pais e *dois* filhos foram à mercearia juntos e pediram *três* cocos para todos. Cada um deles bebeu um, e somente *um*, coco. Como o fizeram? Raimundo acerta a resposta: Era *um* avô, *um* filho [que também é pai] e *um* neto [que é também filho].

Resposta ao *exercício da balança*: Andreína diz que separou as bolinhas de 3 em 3. Colocou 3 em um prato e 3 em outro prato, fazendo a primeira pesagem. Deixou 3 bolinhas fora. Se algum dos pratos pender, será o que tem a bolinha mais leve. Basta então separar as 3 bolinhas deste prato, colocando 1 bolinha em cada prato e deixando 1 fora. Se um prato pender, será o que tem a bolinha mais leve. Se houver equilíbrio, a bolinha mais leve é a que ficou de fora. *[*A criatividade de Andreína revela sua excelente habilidade intelectual. Percebi nos olhares dos outros qualquer coisa parecida com admiração, embora sequer aplaudissem e, quando o fizeram motivados por Vagner, que iniciou a salva de palmas, o fizeram com discrição]*

Almoço

Brincadeira: *Zebra ou Elefante*. *[*Descrever depois]*

Resolução dos problemas anteriores:

(? *ouvinte*), Joanita e Evandro vão à lousa, resolver os problemas. Vagner pede que expliquem passo a passo as operações que realizaram e pede, ao final, que escrevam a solução do problema. Observa que se faz necessário, às vezes fundamental, adquirir essa didática, de explicar claramente e passo a passo as operações aos alunos, na escola. [...]

educação indigena CC.indd 813 26/10/2015 11:44:08

23 de novembro de 2001, 6ª feira[355]

Brincadeira: Música *"Era uma raposa que gostava de comer capim/ De tanto comer capim seu(sua)* [diz a parte: boca, perna, bunda...] *ficou assim* [entorta a parte cantada]"

Avaliação do dia anterior:

Zé Valdir: "quando a gente trabalha a matemática entendendo seus personagens, é outra coisa, é muito mais fácil o trabalho em sala de aula. A gente tem que levar em conta isso, o que as coisas significam".

Júnior: sobre a semana toda: achou impressionante essa matemática. "Pensei que ia ser como a gente sempre estudou. Lá fora, os professores começam uma coisa lá pelo alto, mais alto do que a gente. Deixavam na lousa um monte de coisa pra gente resolver. Os alunos nunca tiravam nota boa, mas muitas vezes eram reprovados. Aqui a gente começa lá de baixo, lá de baixo, pra depois ir subindo aos poucos. O professor Vagner vai ser sempre lembrado por isso".

Eudes: "a cada dia a gente vai aprendendo mais, tenho aprendido muito, é muito importante".

Rosângela: "gostei muito, entendi as continhas. Se continuasse assim, mas sei que vou chegar no colégio na segunda-feira e vai ter um monte de conta. Estou gostando muito. Tem gente que tinha uma visão ruim e que já mudou. Gostei muito".

Evandro: "para mim é muito importante participar da construção dessa matemática. Enquanto lá fora[356] o professor passa somente as contas, aqui, não, o professor coloca na vida, na prática. É importante para a formação profissional da gente. Para mim, tem sido de muita aprendizagem. A partir desse curso vou me interessar mais ainda pela matemática. A gente entendeu

[355] Registrado no *notebook*.

[356] Evandro parece referir-se aos professores das escolas públicas de Itarema onde alguns professores Tremembés fizeram ou ainda fazem cursos supletivos de nível fundamental ou médio.

educação indigena CC.indd 814 26/10/2015 11:44:08

que a matemática é construída. Eu e o grupo estamos de parabéns por ter uma pessoa importante dessa ensinando matemática pra gente".

Vagner: "quanto a ontem, vocês se saíram superbem. Parabéns de novo! A questão colocada por Rosângela, de quando chegar segunda-feira, volta tudo de novo. A questão é saber o que se pode fazer, se é possível questionar o professor, não sozinho, mas o grupo todo. Talvez o professor lá não tenha tido a oportunidade de estudar como vocês estão fazendo aqui. Outra coisa é formar grupos de estudo com os colegas. Não pode deixar de dar continuidade". [...]

Informes:

Zé Valdir informa sobre os contratos que serão feitos com os professores em exercício que não estavam recebendo pagamento [pois o Convênio Seduc-CITA celebrado em julho de 2000 paga apenas uma parte destes professores]. Informa que Dina, do CREDE, teria exigido uma série de documentos como condição para o pagamento: comprovação de residência, atestado de saúde, exame de sangue.

Raimundinha diz que acha isso uma *cachorrada*, uma falta de respeito, considerando inclusive a falta de responsabilidade deles com os professores e escolas indígenas.

Zé Valdir informa que Davi, Dina, Valéria[357] e outros estarão aqui na segunda-feira, que é o momento de esclarecer as coisas.

Outro problema é a falta de merenda, há dias. [...]

Escolha dos professores que vão à Assembleia dos Povos Indígenas:

Um interessante debate ocorreu em torno do nome de Raimundo. Algumas pessoas diziam ser importante ir alguém com experiência, "prá responder quando for feita alguma pergunta sobre a Seduc". Instiga-me, primeiramente, o cuidado em enviar alguém bem informado. Em segundo lugar, supor que perguntas sobre a Seduc sejam o principal desafio que este representante

[357] Nome fictício.

educação indigena CC.indd 815 26/10/2015 11:44:08

enfrentaria. Pareceu-me que a Seduc se tornou, neste momento, o adversário mais forte deles, professores. Entre as posições que mais admirei, Dadinha defendeu a ideia de que "a gente aprende fazendo, que ninguém nasce sabendo, e que só nos tornaremos experientes, se experimentarmos". Disse ainda que "estamos neste Curso para, ao final, todos sermos considerados competentes e experientes". Zé Valdir, Lucélia, Raimundinha e Liduína, entre outros, defenderam esta mesma posição. A aparente demora deles discutindo revela, para mim, um processo de amadurecimento das ideias. Demonstra avanço na capacidade de solucionar suas próprias questões. Fortalece a autonomia deles, individualmente, e enquanto coletivo.

Almoço

Visitei o Sítio Arqueológico Lagoa da Praia, com Sandra e Tonio *[*Mais que ontem, percebi a grandeza e a riqueza diante da qual me encontrava. Deu vontade de embarcar fundo na pesquisa arqueológica sobre os Tremembé, realizando um sonho antigo: mapear a ocupação pré-histórica destas terras, comprovando cientificamente minha intuição de que os Tremembé estão aqui há pelo menos 20.000 anos].*

[...]

26 a 29 de novembro de 2001[358]

Assembleia dos Povos Indígenas no Ceará

26 de novembro de 2001

"O Pai é Tupã, o Filho é Oxalá, o Espírito é Tumaim, do guerreiro lutador" (João Venança, na oração de abertura).

Estamos em Santo Antônio do Pitaguary, debaixo da *mangueira sagrada* onde, há muitos anos, antes mesmo da organização indígena local, os Pitaguary

[358] *Diário de Campo*, n. 5, p. 242-265.

educação indigena CC.indd 816 26/10/2015 11:44:08

fazem a concorrida festa, com participação de muita gente da região. A natureza exuberante, a profusão de água do açude, com a barragem que sangra durante o inverno, lembrando uma cachoeira, o relevo montanhoso tornam esta região um dos locais mais belos do Ceará, na minha percepção.

A roda de gente de todas as tribos do Ceará é englobada pelo silêncio e os sons da natureza. Os maracás que Daniel e João Venança balançam, suave e constantemente, fazem um *contratempo* com o canto da cigarra, em intervalo de *mínima*.

As orações dos caciques e pajés – João Venança, Luis Caboco, Pequena, Alberto, Mocinha, Barbosa – têm como tema principal a conquista da terra e o agradecimento.

Barbosa, Pajé Pitaguary:

Pai das águas, ó Tupã
Pai dos índios, ó Tupã
Daí o que preciso até o fim
E quando me faltar a fé no meu senhor
Role essas pedreiras sobre mim
Tupã, Tupã abençoe esses índios aqui
O Pai Tupã está falando
Abençoando os índios aqui.
Quando entrei na mata santa
Fugiu o sangue das veias
Grande é a luminária do sol
Que é o pai da natureza
No céu só cantam os anjos
No mar cantam as sereias
Na terra, cantemos nós
Pra Mãe Natureza

João Venança:

Tupã é o filho das selvas
Oxalá é o filho das águas
Tumaim é o filho... (?)
Vieram pra curar todas as doenças

educação indigena CC.indd 817 26/10/2015 11:44:08

Depois, da oração, João puxa o *Ô Jandê*:

Ô jandê recôguirá
Guraripe napurana
Ô mainguê (bis)
Ai ô manguirá, ô manguirá (bis)
Ô manguirá, ai ô manguirá (bis)

A música é profundamente harmônica, suave, as vozes quase em sussurro. Os maracás são uma orquestra de sementes, coités e cabaças, uma chuva de sementes sutilmente aguda sobre a massa do ar.

Agora, Mocinha, tapeba, interrompe a suavidade com a força de seu canto guerreiro:

Na tapera, eu sou governador
Óia eu lá, na tapera.

Os corpos, aos poucos, são tomados pelos movimentos do toré.

Mocinha faz um dueto com Alberto, cacique Tapeba, enquanto Barbosa roda em círculos, agitando seu maracá, tendo os olhos fechados, absolutamente imerso em um mundo qualquer, entre este e outros mundos.

O tempo nublado e a brisa, mais fresca que a costumeira, dão a este momento um ar solene, cerimonial. A serra, embora não esteja verde nesta época do ano, que é o verão cearense, constitui um cenário que aconchega, formando em um anteparo em forma de nicho.

Os temas desta Assembleia são:

- Demarcação em terras indígenas
- Saúde e Educação
- Espiritualidade
- Participação e Avaliação das entidades (Ogs e Ongs)
- Eleição APOINME

educação indigena CC.indd 818 26/10/2015 11:44:08

Apresentação dos presentes: [...]

João Carlos, procurador da República, se aproxima e me saúda. Comenta suas estadas em Novo Oriente e em uma reunião da Câmara de Caucaia. Sobre a identidade dos povos indígenas, diz que se trata "do aspecto *psicológico*, da necessidade do homem se diferenciar, ser original". Ao final, comenta que faz dez dias da reunião na Procuradoria da República e que até agora não recebeu nada dos que se comprometeram a contribuir. Disse que conta comigo, com minha ajuda.

Padre Amorim está representando o presidente do CEC. Diz que este tem grande apreço pela causa da educação indígena. Em sua apresentação, diz que "todos temos o sangue indígena: somos todos irmãos, contem conosco. Queremos tudo fazer para reparar o que foi feito nestes 500 anos. Falamos de todo o coração e com todo o entusiasmo". [...]

27 de novembro de 2001

Resultado das reflexões em grupo sobre o tema Espiritualidade Indígena

Grupo 8:

- "A Igreja Católica foi o principal agravo na espiritualidade indígena".
- "É importante manter vivos os cantos, orações, danças e outros rituais indígenas".
- "Manter vivos plantas e bichos, que são a fonte da espiritualidade indígena".
- "Perdemos as nossas terras porque nos dividimos".

Grupo 9:

- "O torém é a nossa dança sagrada".
- "Primeiro de tudo é a união de cada povo. Nem todos respeitam".

Daniel, Pitaguary, ressalta a importância do perdão entre os povos indígenas, na luta. Diz que há uns que ficam caluniando outros, sem saber o que é verdade. Defende que os índios que trabalham para posseiros se tornam piores que os posseiros. Avalia que as religiões são também uma coisa que

educação indigena CC.indd 819 26/10/2015 11:44:09

atrapalha a espiritualidade indígena. Acredita que dentro da aldeia indígena há também espíritos maus, que é preciso saber separar. "Quando o índio age por causa dos espíritos dos posseiros, age por causa dos espíritos dos antigos posseiros que agem nos índios".

Contato com Juliana, antropóloga colombiana. Conversa, hoje, sobre a possibilidade dela conhecer o curso de formação de professores tremembés.

Dourado:

- "Começamos a nos desunir desde que a Funai inventou associação, presidente, onde cada um queria ser presidente. Há comunidade em que cada família tem uma associação".
- "Esses projetos de autossustentação só sustentam algumas famílias".
- "Nós temos que dar um basta nessa questão de Tremembé do Córrego do João Pereira e Tremembé de Almofala. Reconhecemos que o Tremembé do Córrego do João Pereira é um grupo e Almofala é outro. Mas não pode existir um cacique num canto e outro noutro".
- "Aquele que chega para o rebanho, nós temos que apascentar".

Alberto: "Que nós saiamos desta Assembleia de mãos dadas. O que nós queremos é paz e alegria. Esqueçamos o que trouxemos de lá e demos as mãos".

Barbosa, pajé Pitaguary: "Valente é um enxame de abelhas, que bota uma pessoa pra correr. Isso é união!".

Visitamos *seu* Zuza, (José Marques do Nascimento), tio-avô de João Venança, irmão de Maria Venância, avó do João, que mora próximo à área Pitaguary, em Maracanaú. O acesso à sua casa se dá através de uma estrada de piçarra, outrora asfalto, que vai de Maracanaú a Maranguape, na região metropolitana de Fortaleza. Depois, toma-se outra estrada mais estreita, mais acidentada, menos habitada, que revela o quanto ainda existe de inexplorado e de original em algumas regiões próximas da Capital. Surpreso, *seu* Zuza nos recebeu com um largo sorriso, fazendo logo *prosa* com Tarciso, [...], João Venança e eu. Somente depois de meia hora é que nos informou o assassinato de sua filha, Maria dos Santos Nascimento, pelo companheiro Antônio Marques Dias dos

educação indigena CC.indd 820 26/10/2015 11:44:09

Santos, há um mês. Seu semblante, então se transfigurou, transparecendo momentaneamente sua dor. O olhar se fixou ao longe, no etéreo, em direção aos escombros do que fora uma casa, a uns 20 metros da varanda onde estamos. Ele diz que não suportou a dor, por isso desmanchou a casa. Enquanto fala, os quatro órfãos, todos meninos entre 4 e 10 anos, nos olham silenciosa e distraidamente. Maria vinha tentando separar-se do companheiro, que insistia em manter a relação. Ela não suportava os maus-tratos e acusações de traição que Antônio lhe fazia. Uma vez, já fora atingida à faca por ele, tendo ficado com sequelas em um dos braços. Mas não o havia denunciado à polícia. Desta vez, desfechou-lhe um golpe fatal na cabeça, em um campo de futebol de terra próximo, em plena luz do dia, quando voltavam de Maracanaú. Antônio está preso. Seu Zuza, desgostoso. Quer voltar para Almofala. [...]

28 de novembro de 2001, 4ª feira.[359]

Foram constituídos grupos com pessoas de etnias diversas e representantes de instituições que atuam junto aos povos indígenas, que apresentaram, depois, os resultados das reflexões sobre a situação da saúde indígena:

Grupo 1:

- "Hoje não há atendimento no posto indígena, com exceção de dentista. Com a implantação do PSF, piorou. Temos um convênio com o hospital, que não cumpre o atendimento indígena. Com exceção de alguns, os funcionários não fazem um bom trabalho. No CJP não temos posto de saúde, nem DSI [Distrito Sanitário Indígena], mas a agente faz um bom trabalho".
- Tabajara: "temos que sair de madrugada para conseguir uma ficha, mas nem sempre conseguimos. O dentista, temos que dormir na fila do consultório".

[359] Registrado no *notebook*.

educação indigena CC.indd 821 26/10/2015 11:44:09

- Proposta: "que o convênio seja redimensionado para uma entidade indígena"[360].

Grupo 3:

- Dificuldades: a equipe do PSF não tem médico, só existe enfermeira, para atender 5.000 índios tapeba cadastrados. [...]
- Jenipapo-Kanindé: as equipes do PSF atendem dentro das aldeias. Existem hospitais, mas particulares: só atendem quem vota no prefeito. Não há transporte para os doentes (somente moto). [...]

Avanços:

- Jenipapo-Kanindé: a existência de dentista, transporte, vale-transporte, equipe de saúde básica, poço profundo, atendimento prioritário [na rede pública].
- Tremembé: água encanada e agente de saúde indígena; também a relação com a rede pública municipal de saúde. [...]
- Pitaguary: têm carro, vale-transporte, transporte, poço profundo.

Proposta: que a Funasa apoie a medicina indígena. Que as entidades indígenas assumam [gerenciem] o pagamento das equipes do PSF. [...]

Grupo 6:

- CJP: o plano de saúde está dando certo em algumas coisas: a vacinação em dia; o deslocamento de pacientes. Solicitam dentista para atender no posto do município. "Temos necessidade de um posto e do PSI [Programa de Saúde Indígena]. A questão do oculista não foi resolvida. O trabalho de saneamento básico não foi concluído em todas as aldeias, nem no CJP, nem Almofala, nem nos Tapeba".
- "Foram perfurados os poços mas não foi realizado o trabalho de saneamento básico. Temos necessidade desses trabalhos".

[360] O convênio existente atualmente foi feito entre a Funasa e a OT, e não com as associações dos povos indígenas.

educação indigena CC.indd 822 26/10/2015 11:44:09

- A dificuldade dos índios *não reconhecidos*: "não são atendidos pela Funasa. Queremos ser reconhecidos. O município discrimina". *[O não reconhecimento oficial agrava a situação de preconceito e descaso com os indígenas pelo poder público municipal, geralmente vinculado aos interesses de posseiros e outros agentes poderosos adversários do movimento indígena local. Por sua vez, Funasa e Funai argumentam que não podem disponibilizar recursos públicos para comunidades às quais não são reconhecidas como indígenas]*

Grupo 7:

- A saúde indígena no Ceará a cada dia está avançando. "Desde a organização, a saúde é uma estratégia de organização e força mostrando para toda a sociedade e o município. Muitos não respeitam, ainda. Temos necessidade da demarcação da terra, para o reconhecimento. A saúde está razoável, mas tem que melhorar". [...]

Grupo 4:

Avaliação:

- Tapeba: as condições de saúde mudaram, mas ainda não estão boas. Tem posto de saúde, mas não atende às necessidades. O atendimento não tem êxito: famílias que tinham quatro crianças, só podem ter uma atendida; falta médico para atender a todos; O convênio com [da Funasa, responsável pela saúde indígena] com o hospital do município não deu certo: os índios não são bem recebidos e atendidos.

- Na Lagoa do Tapeba 2, estão usando medicina indígena; iniciaram uma farmácia viva, mas faltam recursos para produzir medicamentos caseiros. Houve uma *melhoria*: o atendimento odontológico, que não tinha; mas ainda é difícil o atendimento, pois: atendem poucas pessoas por dia e têm que marcar a consulta muito antecipadamente. Com o oculista, é da mesma forma.

- Pitaguary: dificuldade: *descentralizar* o posto de saúde, pois o mesmo está fora da aldeia. Contam com médico *obstreta* para atender *todos* os casos na área de saúde. [...]

educação indigena CC.indd 823 26/10/2015 11:44:09

- Tremembé: "Antes, não estava bem. Morriam crianças de diarreia e fome e os índios não eram bem vistos. Depois do Conselho [Distrital de Saúde Indígena], as pessoas começaram a nos ver como índio e ver a realidade da comunidade". Há um posto de saúde na aldeia. De oito em oito dias, têm a presença de doutora Edna. Há vacina e transporte para levar o doente para outra unidade.

Grupo 8:

- [...] Dificuldades: Falta PSF nas áreas tremembés. Falta gente para atender: número muito grande de índios e não índios [que são atendidos juntos no posto de saúde Almofala]. Faltam remédios tremembés. É alto o custo de medicamentos farmacêuticos.

- Tapeba: faltam medicamentos constantes nos postos. [...]

- Proposta: a equipe do PSF deve trabalhar só com índios. Colocar posto de saúde nas áreas indígenas. Dividir medicamentos de índios e não-índios, baseado na demanda das populações. Criar farmácias vivas e associações indígenas para administrar o PSF. [...] Desenvolver hortas nas aldeias, com assessoria técnica especializada.

Grupo 9:

- Proposta: [...] "Os recursos devem ser repassados diretamente às organizações indígenas: temos conselho local e distrital de saúde; que os problemas menos sérios sejam resolvidos diretamente na aldeia". [...]

Após as apresentações dos grupos, inicia-se um debate:

Jeová, professor Pitaguary, entende que "os povos *não reconhecidos* devem ser atendidos"; peque a Funai colabore; avalia que "os GTIs não vieram ainda para fazer o estudo da terra e o reconhecimento; mas isso não deve ser obstáculo maior, a exemplo da educação". [...]. Pede agilidade no reconhecimento dos povos não reconhecidos oficialmente.

Uma questão polêmica: desmatamento dentro da água Pitaguary [...]

educação indigena CC.indd 824 26/10/2015 11:44:09

Venâncio, Pitaguary, diz que teve gente, não indígena, que faz carvão dentro da área pitaguary, que mandou um recado: querem ver quem vai impedi-los. *[Há algum tempo, os pitaguary têm desenvolvido esforços para preservar suas áreas de mata nativa]*. Venâncio propõe ir hoje à tarde ao local onde estariam fazendo carvoarias. É apoiado por uma mulher tabajara, que diz: "embora não sejamos ainda reconhecidos, sou reconhecida pelo sangue que corre nas minhas veias. Se cortaram a lenha, nós vamos buscar o carvão".

Outra denúncia: Ciço, que tem uma churrascaria à beira do açude do Santo Antônio do Pitaguary, está aterrando parte do açude; mandou tirar o capim para aterrar. Antes, chegou a ameaçar uma funcionária sua, por ter se assumido como Pitaguary, mostrando um revólver a ela. Ele a demitiu e pagou pela indenização apenas R$100,00 a ela.

Um índio Pitaguary chama a atenção dos presentes sobre ameaças que correm, refletindo: "Um formigueiro só presta bem assanhado, para nós lutar pela nossa área". Reafirma que tem escutado muita ameaça desde domingo [quando começou a Assembleia]. [...]

Lançamento do Cd Desembaraçando os Caminhos, do presidente do CEC. [...]

Soraia, do CEC, agradece a vivência e a aprendizagem ao lado dos índios. [...] Coloca o Cd com a fala do Marcondes Rosa, que recorda na gravação o objetivo de estarem ali, naquela reunião do dia 14 de novembro passado. Fala que a tarefa dele é *desembaraçar os caminhos*, com ou sem ritual: "O CEC também tem o seu torém, diferente dos índios: na mesa, sentados quase em círculos. Não estamos partindo de ideias preconcebidas, mas do chão, literalmente do chão. Todas as instituições que podem ajudar estão aqui. Juntar as mãos é o apelo que deixo a todos responsáveis pela educação no Ceará".

Dourado repassa cópias do CD a Bete, professora Tapeba, e outros presentes, representantes dos povos indígenas e das instituições que atuam no campo indigenista local. [...]

educação indigena CC.indd 825 26/10/2015 11:44:10

Tarde.

Avaliação sobre a Educação Indígena no Ceará:

Helena, Potiguara, professora:

- "A situação da região de Crateús começou em 1997 com duas salas de aula, em Crateús ela e o Héctor. Em 1999 passaram para 6 salas. Em 2000, 15 salas em toda a região. Há professores que estão nos dois turnos. [...] Estão todos fazendo o curso [organizado pela Seduc], mais os novos professores e lideranças. Para o futuro, queremos novas escolas e professores".

- No dia 18 passado houve visita do procurador João Carlos e Magalhães, da Funai, junto com Alberto, cacique Tapeba, que visitaram todas as salas de aula. "Foi muito rápido. Não houve contato demorado com todas as pessoas. Eles viram o local. Já temos material pedagógico usado em sala de aula. Os prédios são emprestados. Há outros alugados (Marapuã e Poranga)". Urgências: "recebemos todo o material permanente, mas não tem segurança; o material da Vila Vitória tem que ficar nas casas porque nem porta o prédio tem". Existe uma reivindicação para melhoria das escolas.

- Outra dificuldade: algumas escolas estão funcionando ao lado de uma escola do município, como em Vila Vitória, uma escola é ao lado da outra. Professores ficam disputando alunos para a escola convencional. Em Poranga se vive a mesma situação, com escolas do estado e do município. Há uma luta junto aos professores para respeitarem a autonomia da escola indígena. "É um desafio muito grande manter escolas indígenas na periferia".

- Os professores indígenas se reúnem uma vez por semana, na 6ª feira: avaliam, trocam informações, material e planejam as aulas direitinho, "porque somos inclusive fiscalizados por professores do estado e do município". "Uma vez de dois em dois meses fazemos um encontro para trocar experiências".

educação indigena CC.indd 826 26/10/2015 11:44:10

Jeová, Pitaguary, professor:

- "Há pessoas que acham que a educação não tem seu valor, que é ainda fraca, sem qualidade, desorganizada, sem estrutura pedagógica e não tem organização. Escutamos isso de uma técnica responsável por educação *[*Josefa]*. Temos os cantos, os mitos criados pelos povos, sua cultura. Criamos as escolas indígenas. Vemos muitas mudanças nas escolas e nas comunidades".

- "É nosso objetivo resgatar nossa língua mãe, que desapareceu pela ação dos colonizadores. Agora existe esse trabalho de resgate. É uma obrigação nossa. É preciso trabalhar em sala de aula a língua tupi e outras, como o Jê. Recuperar a língua em sala de aula. Há índios que ainda falam palavras no dialeto. Temos que trabalhar para ser reconhecida e ensinada em sala de aula. Temos que resgatar o que é nosso. O tupi é mais difícil que o inglês".

- "Aqui, começou com a escola Cuaba, que significa conhecimento, começou no prédio da antiga EPACE[361]. Fizemos a solicitação através da Procuradoria. Quando a EPACE saiu da área, pediu o comodato para resguardar os prédios que estão aí fora. Ocupamos os prédios. A polícia tentou invadir várias vezes, vinham com revólver na mão. Há duas escolas: Cuaba e Chuí (No Olho D'água). Na área existe uma escola de Ensino Fundamental, do município, que tem uma maioria de crianças indígenas. O agravante é que ela trabalha a escola convencional e não diferenciada: a criança aprende a cultura do *branco*, a cultura indígena é esquecida e apagada. A professora, que é indígena, disse que não tem como reverter esse processo. Então, isso depende do município".

- "Precisamos melhorar a estrutura física das nossas escolas. Precisamos trabalhar de maneira mais confortável. Brigamos desde o inicio do ano por merenda, material didático, material permanente. Conseguimos. O governo tem a obrigação".

- O Magistério, infelizmente, tem tido polêmica. Porque tem dois cursos de magistério: um curso projetado por índios e outro por técnicos. Ou

[361] Empresa de Pesquisa Agrícola do Ceará.

educação indigena CC.indd 827 26/10/2015 11:44:10

seja, os índios receberam apoio de pesquisadores, de professores para elaborarem. Existe o outro, o da Seduc, que foi feito por técnicos, que não critico, nem acho ruim. O nosso é apoiado pela Faced, da UFC. Não queremos ser chamados de despreparados. A gente vem fazendo isso não é de agora, a gente vem trabalhando há tempos nossas raízes. Solicitamos várias vezes o curso e não fomos atendidos. Diante disso, da demora, resolvemos juntos dar continuidade logo e iniciativa por si próprios. Começamos o curso e estamos vendo resultados positivos. Estamos adquirindo experiência com professores que atuam. O que está colocado em sala de aula está servindo para melhorar. O curso visa a melhoria do professor para atuar melhor em sala de aula, para levar a educação diferenciada a seu devido lugar. Porque temos, infelizmente, pais e mães que não entenderam ainda que suas crianças têm que estar na sala de aula indígena. Uma vez na escola do *branco*, ele esquece quem é e sua cultura. Portanto, os cursos de magistério, sejam de onde for, visam ajudar nisso aí. A educação indígena vai chegar onde merece".

Bete, tapeba, professora:

- Dificuldades iniciais: faziam as aulas debaixo de árvores; havia 9 professores voluntários; não tinha material didático nem nada. "Com o tempo, com a caminhada e a perseverança, fomos à luta reivindicar nossos direitos. Começou aí a cobrança. Começamos reivindicando da Seduc. Começamos devagar. Do Cajueiro, passamos a uma sala de aula, um prédio. As dificuldades foram tantas, que não vou lembrar".

- Aos poucos, estão com uma grande conquista. Agora, já têm salas de aula formais, que antes não tinham, embora não estejam muito bem. Outra conquista: 9 professores começaram a ser pagos. Atualmente, "os 30 professores que estão atuando em sala de aula estão recebendo salário digno. Temos 8 escolas funcionando em Capueira, Trilho, Lagoa 1, Centro Cultural, Jardim do Amor e Capuan".

- "Uma grande caminhada, foi a nossa formação. Cansamos de levar o nome de professores não formados, apesar de que o nosso ensinamento vem de longe, não precisa ser *formado*. Esperamos terminar o nosso curso [MITPJK] dentro de três anos".

educação indigena CC.indd 828 26/10/2015 11:44:10

- "Estamos trabalhando não só para garantir o salário. Houve professor que trabalhou sete anos sem receber salário. Hoje tem 30 recebendo salário. Nunca esqueço as palavras de uma pessoa [Lourdes] que me dizia 'Bete, não desista, persevere'. No trilho, temos 150 crianças estudando". "Queremos tapar a boca de quem nos chamou de *professorinho* sem formação e sem capacidade".

- "Espero que nós professores indígenas tenhamos nossa própria organização, que tenhamos o nosso próprio *conselho*, para os professores se juntarem, para nós não dependermos de ninguém".

Veibe, tapeba, professor:

- "Boa tarde aos parentes. Quero explicar que a Escola Diferenciada Tapeba começou em 1990, funcionando debaixo de um pé de pau. Não tinha estrutura. O material didático foi doado por pessoas que nos visitavam. O ensino não era muito bom por causa disso: chovia, não tinha sala. Depois, com a organização do povo, foram conquistando. São oito escolas. Tinha uma na Ponte, acabou não sei o porquê".

- "Temos 35 professores tapeba no Magistério, mais 30 professores suplentes. [...] Temos 90 professores no total [considerando as duas turmas, com Jenipapo-Kanindé e Pitaguary]. Tem os Tremembé, que estão fazendo lá porque é muito longe pra fazer com a gente".

- "Fizemos uma capacitação com a Seduc, mas depois eles falavam que não tinha verba. Quando a gente *meteu as caras*, a Seduc disse que já tinha verbas. Foi algo *para quebrar a corrente*. É bom que tenha dois cursos [o organizado pela Seduc e o MIT-MITPJK]". "Nosso curso é em nível superior[362]". "A resposta do MEC [com a carta na mão] sobre

[362] A proposta inicial, de fato, era que o MIT e o MITPJK fossem cursos em nível superior. Não somente eu, mas também um grupo de professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faced/UFC entendíamos que não havia razões justificáveis, nem jurídica, nem pedagogicamente, para obrigar os professores indígenas a seguirem as mesmas etapas da formação de professores da rede pública, impondo o nível médio como condição para cursar o nível superior. Acreditávamos ser parte da autonomia constitucional (e pedagógica, portanto) dos povos indígenas decidirem sobre a organização da formação de seus professores. À UFC, enquanto instituição do Estado, competiria o apoio e a assessoria à iniciativa destes povos.

educação indigena CC.indd 829 26/10/2015 11:44:10

o curso, foi aprovado, está aqui nas minhas mãos. Muita gente dizia que não ia ser aprovado".

Liduína, tremembé, professora:

- [...] Avanços: escola e material didático na Praia. Dificuldade: professores passam de três meses sem receber.
- "O Curso de Magistério, a gente resolveu fazer porque muita gente criticava a gente, dizendo que não tínhamos formação. No início, o curso foi difícil, fomos buscar parceria, mas o MEC aprovou. É um grande avanço".
- "Sou uma professora *voluntária,* mas trabalho com muito amor" [ainda não recebe o pagamento pela Seduc].
- Chama Ivonete, professora tremembé, para ler uma carta sobre umas exigências que o CREDE-Acaraú está impondo aos professores tremembés em processo de contratação: exame de sangue, atestado médico, comprovante de residência. *[*Ivonete lê a carta que escreveram para o presidente do CEC, Marcondes Rosa, questionando as exigências]*
- Pede o apoio da Assembleia, a sua contribuição assinando a carta. Questiona se é justo tirar seu sangue, "que é precioso como ouro". Diz que não vai se submeter de jeito nenhum a essa exigência. É aplaudida efusivamente.

Valdiberto, "Tremembé do CJP":

- Explica as exigências do CREDE: o exame de sangue é sobre o tipo sanguíneo.
- Dificuldades: só tinham uma escola na área. Tem 5 professores. Tinham 16 alunos em 1999. Hoje, têm 105. É um avanço. "Com a escola, vamos dar continuidade à nossa cultura. As crianças vão saber o sofrimento dos nossos antepassados. Com a escola vamos aprender a nos defender dos nossos adversários. Antes, ensinávamos em uma casa de farinha. Agora, temos carteiras e merenda".
- No século passado, os portugueses usavam a escola para acabar com os índios. Hoje é um ponto fundamental para dar continuidade ao que

educação indigena CC.indd 830 26/10/2015 11:44:10

eles tentaram destruir. Estamos mostrando ao povo que estamos firmes e fortes. *[*não faz menção ao curso da Seduc].*

Suzenildo, Kanindé de Aratuba, liderança:

- Começaram com duas salas de aula. Agora tem mais três na Gameleira e no Kanindé.
- "Sobre o Curso [da Seduc], a primeira etapa foi em Fortaleza, a segunda na Serra de Meruoca. Fizemos pesquisa sobre a comunidade".
- "Graças a Deus [a educação] está bem. Os prédios escolares são as casas de famílias nossas, emprestadas. Os prédios das escolas indígenas ainda não foram construídos. O engenheiro não foi lá ainda. Temos dificuldades com os terrenos, com altos e baixos". [...]

Sotero, cacique Kanindé:

- [...] Têm 4 salas de aula e não 3, pois há mais uma, nos Kanindés de Canindé, que foram convidados, mas não vieram. Ao todo, são 5 salas. Os professores estão recebendo pagamento.
- "O não reconhecimento é um grande sofrimento, ainda sofremos muito. Mesmo que não sejamos reconhecidos, só a presença da Funai já é uma força grande".
- Com o município, têm uns entendimentos, mas têm dificuldades. [...]

Pequena, cacique Jenipapo-Kanindé:

- [...] "Quando a gente começou, foi debaixo das mangueiras e dos cajueiros, com as criancinhas, com um papelzinho. Não tinha material. A gente, as mães, é que compravam os cadernos. A Seduc apareceu pela primeira vez em 1999. As crianças já haviam começado a ter aula. A Seduc chegou e viu o *fracasso* em que nós vivia lá e se ofereceu a dar assistência aos Jenipapo-Kanindé. Foi quando a gente viu material didático pela Seduc. Ela fez um trabalho lá. Depois foi escolhido 16 alunos para um curso no CETREX. Deles se escolheu 4 para serem professores, que começaram muito antes da Seduc andar por lá. No ano 2000 a escola do município foi conquistada por nós, Jenipapo-Kanindé, apesar de ser

educação indigena CC.indd 831 26/10/2015 11:44:11

do município, conquistamos os professores Jenipapo-Kanindé botarem o pé lá dentro. Porque na época das chuvas não tinha aonde estudar. Mas o que nós desejamos é que cada povo tenha sua escola, seu teto dentro das comunidades indígenas, escolas estruturadas".

- "Sobre o magistério, tem uma parte que faz parte do *magistério indígena mesmo*, só com a ajuda dos órgãos não governamentais. Eu mesma aconselhei a uma parte deles que, se tivesse *talento*, que fizesse este magistério. Chegou o momento em que a Seduc sentiu na pele que eles estavam faltando. Quando eles viram que os índios estavam fazendo mesmo, *com gosto de gás*, a Seduc decidiu fazer. Não sou contra Seduc nem vocês. Outro grupo de professores me pediu apoio para o magistério da Seduc. Estou acompanhando por causa do pedido dos professores do curso da Seduc. Não estou do lado da Seduc. Não tenho divisão, sou a mesma pessoa para trabalhar com vocês".

- "Sobre a escola, todos queremos. Sobre merenda, ainda não temos pelo Estado. Com confiança em Deus, na Mãe Natureza, no Pai Tupã, tudo vai se realizar do jeito que nós queremos e que nós pedimos. Eu não quero ser mais ninguém, eu sou a cacique. Eu não tenho diferença. Maior do que todos nós é Deus". *[...]*

Nildo:

- "Boa tarde a todos os parentes e entidades presentes. A Educação Diferenciada Tapeba vem desde 1993. Diferenciada, porque tivemos alunos que foram discriminados na escola do *branco*. Estamos lutando por uma escola indígena diferenciada de qualidade. De 1996 a 97, chegando a 2001, estamos com mais ou menos 800 crianças distribuídas em 8 escolas. Ano que vem, mais uma escola na Ponte, que já existiu e acabou por *motivos pessoais* da comunidade".

- "Os avanços são muitos: auditoria do Conselho de Educação nas escolas indígenas, o mesmo nas escolas Pitaguary, verificando como estão funcionando. Nos Tremembé, estiveram em uma das escolas [Praia]. Outra melhoria a Seduc está prometendo construir 2 escolas nos Tapeba. A prefeitura também prometeu 2 escolas construídas e mais uma reformada.

educação indigena CC.indd 832 26/10/2015 11:44:11

Outro ganho foi a contratação [dos professores indígenas], com muita dificuldade. São 48 professores, apenas 9 recebiam. 31 estavam à mercê da Seduc, esperando que a mesma fizesse um convênio e pagasse estes professores".

- "Sobre o magistério indígena Tapeba, Pitaguary, Jenipapo-Kanindé e Tremembé, não queremos dizer que não aceitamos o da Seduc. Nem sei se o magistério é mesmo da Seduc. Estive em Brasília, com Jean Paraizo Alves [coordenador da CGAEI], conversando sobre o reconhecimento. Temos a resposta da própria CGAEI: o nosso é legítimo. Tivemos o nosso curso aprovado pelo MEC: a carta está aqui conosco; faremos uma cópia para quem quiser. Temos o reconhecimento do Conselho de Educação, da Funai, temos muitas entidades nos apoiando. O curso não é da Funai, é do índio. Não importa, seja pra quem for, se ele não for legitimado. O que importa é que para nós ele importa. O que importa é que nós lutaremos. Não temos recursos da Seduc. O nosso curso e o dos Tremembé é com recursos da Funai. Estamos lutando. Não importa o que *a* ou *b* digam. O que importa é que nós estamos conscientes".

- "A educação indígena na nossa área nunca teve acompanhamento técnico pedagógico. Agora, com a mudança na prefeitura de Caucaia, a SEDE está dando o apoio. Temos também o setor de educação. Queremos o apoio de todos os órgãos: da Secretaria de Educação do Município, da Seduc, de todos. Ainda hoje temos dificuldade: escolas sem estrutura. De quem é a responsabilidade? Da Seduc, da Secretaria de Educação do Município".

- "Os órgãos não têm uma política para a educação indígena no Ceará. A senhora Josefa [da Seduc, responsável pela Educação Indígena] disse que existe, mas não existe"

- "Esse magistério nós decidimos fazer por isso. Esperamos quanto tempo por isso? A Seduc começou e parou. Ela diz que serve como carga horária: como pode servir como carga horária, se 90% dos que participaram daqueles encontros não estão nem em sala de aula. Desde 98 estamos tentando publicar um livro e nada. Ninguém aqui está contra a Seduc, estamos lutando pelos nossos direitos, resguardando os nossos

educação indigena CC.indd 833 26/10/2015 11:44:11

direitos. Ela tem os recursos: 60 % dos recursos do FUNDEF para a formação de professores. Não estamos pedindo; é um direito que nos assiste e que está sendo negado. O magistério é um processo, é uma *filosofia*, não do Ceará, mas nacional. Então o que a gente pede é que Seduc cumpra seu papel no setor da educação, aplicando os 60% para a formação indígena. Nós precisamos dessa verba".

- "Precisamos nos organizar: qual o nosso papel na sala de aula? Na escola? Precisamos botar os pingos nos *is*. Para exigir nossos direitos, como falou o Jeová, temos que nos organizar na base. Os avanços que precisamos: melhoria. Primeiro passo: criarmos um conselho de educação indígena no estado do Ceará, que deve sair de nós índios, uma COPICE. Quando vai todos os professores do Ceará, é uma coisa difícil de ser derrotada. Precisamos crescer enquanto *categoria* de professores indígenas".

Francisca Adelaide pede que Veibe leia a carta do MEC aprovando o Magistério.

Ivonilde pede a palavra [...]. Historiciza novamente a escola Tapeba. Recorda o fato ocorrido nos tapeba, sobre a ameaça que sofreram por parte dos posseiros, que iriam mandar fazer exame de sangue nos tapeba. Diz que foi *dona* Raimunda, mulher do cacique, quem segurou a resistência: entrou no mato, passou o dia inteiro por lá. Diz que Francisca Adelaide sabe disso. Diz que às vezes o povo está dividido, que tem gente que só quer o poder *[*refere-se a Dourado, com quem disputa poder, por ser presidente da Associação Tapeba*]. Diz que gostou de ver o que os Tremembé fizeram, no seminário de maio. Pergunta a Francisca Adelaide por que ela diz que o nosso magistério não tem validade.

Francisca Adelaide desconversa: "eu nunca disse que o curso não tem valor; disse que a carta deve ser lida e que, quem souber interpretar, saberá que o curso depende de uma série de providências".

Creusa, da Funai, tenta pedir que o resto da carta não seja lido, por se tratar, sobretudo de questões financeiras; Francisca Adelaide insiste. Dourado encaminha a questão à Assembleia, que solicita que seja lida a carta.

Soraia, do CEC, dá boa-tarde e pergunta se todos já almoçaram. [*Tenta*

educação indigena CC.indd 834 26/10/2015 11:44:11

produzir alguma descontração ao clima tenso]. Diz que a falta de informações de competências parece estar gerando confusão na cabeça de alguns. Diz que muitos dos que estão já estiveram no CEC e que viram o presidente do CEC na escola Maria Venância, de Almofala, e em visita às escolas Tapeba. "Então, a relação entre escolas indígenas e CEC está muito íntima e não há como duvidar da aprovação deste curso. O CEC é o órgão competente, do qual faço parte e aqui estou representando, é quem diz que o curso que vocês estão fazendo é válido ou não, para a vida *civilizada*; pra vocês é a vida, não um papel. A LDB diz que o órgão competente para dizer o que é válido em educação é o CEC. Toda e qualquer educação é da competência do CEC. O presidente vem acompanhando esse processo pessoalmente, não é um pedaço de papel que chega lá. O MEC aprovou porque vocês precisam de dinheiro. Quem aprova o projeto financeiro é o MEC. O diploma quem aprova é o CEC. Se for uma universidade oficial do Estado, é o CEC quem reconhece o diploma. Fiquem tranquilos: não existe problema nenhum em relação à formação de vocês, está tudo sendo acompanhado. Eu sou pequenina lá dentro, sou apenas a diretora do Departamento de Auditoria. Estou acompanhando pessoalmente. Queria que, ao invés de os professores e lideranças se preocuparem, se ocupem da formação de vocês".

Alberto: "Estou muito feliz com a notícia que Soraia deu a vocês, professores. Essa história de escola começou na Ponte. Estou feliz porque a base fundou e subiu. Estou feliz com vocês porque tenho filho estudando. Parabéns a todos vocês". [...]

29 de novembro de 2001, 5ª feira

Avaliação das Entidades [...]

[...]

Tapeba: Alberto: "A realidade é essa que os companheiros falaram. Existe uma falha. Falha de recursos humanos que falta nas áreas. Fui votado para ser

educação indigena CC.indd 835 26/10/2015 11:44:11

um representante da APOINME[363], mas não tinha recurso para me deslocar. Às vezes ficava com vergonha. A APOINME somos nós. Aqui veio um pessoa que disse que a gente não sabe o que é a APOINME. A APOINME somos nós. Às vezes nós não temos dinheiro. Não vou criticar meus irmãos, nem defender ninguém. O que tem que fazer é chamar o presidente da APOINME e dizer 'fui criticado numa assembleia, porque não tinha dinheiro para fazer o trabalho'. Eu não fico *odiado*, mas me sinto cobrado". *[...]*

Mocinha toma a palavra e interroga "como é que quer que se comunique com as comunidades distantes, se falta comida em casa?" [...]

Helena, *Potiguara* do Ceará *[*outra representação? Ela já disse, anteriormente, representar a Pastoral das Raízes Indígenas]*: "Lá na nossa região, a gente, nestes últimos dias, dia 18, recebemos a visita do Cláudio [liderança tapeba]. Ele visitou todas as escolas e lideranças. Foi rápido porque só foi dois dias. A visita foi boa, porque quando há entrosamento, conversa, fortalece os grupos. O Daniel [cacique Pitaguary] e o Luis Caboco [pajé tremembé] também estiveram presentes no dia 27. Considero muito válida essa troca, o encontro nosso. A questão financeira é um fato real. Existe muito boa vontade, mas o fato financeiro é um dos maiores. Não digo que é o maior, mas é um dos maiores. A gente sabe que não dá mais pra andar a pé, agora. Porque gasta muito tempo e porque há mais facilidade de transporte. Se existe diálogo na aldeia e conversação sobre vários assuntos, as coisas se resolvem mais fácil. É uma responsabilidade grande, mas essa responsabilidade tem que ter condições". [...]

[...], Tabajara: "Represento a aldeia de *Poranga*. Estamos com muita dificuldade, porque não temos, eu mesma, muito conhecimento nesse *trabalho [*categoria usada ao invés da categoria luta]*. Temos fé e força de vontade que tudo seja alcançado". [*Ela usa um adorno de cabeça, uma tiara, tipo Kaapó*]. [...]

Caboclinho, liderança Potiguara da Paraíba: "Cada noite, analisamos a situação de vocês do Ceará. Um índio nosso quase chorou. Se a gente não se unir, se a gente não lutar pelo que a gente quer, o nosso povo vai morrer. A

[363] Articulação dos Povos Indígenas no Nordeste, Minas e Espírito Santo.

educação indigena CC.indd 836 26/10/2015 11:44:11

preocupação maior que nós temos é que tem entidades que trabalham com os índios e os índios não sabem de um centavo, e ficam jogando índio contra índio. Dourado mesmo trabalha não para os Tapeba, mas todos os povos. Eu tiro o chapéu para ele. Não vamos brigar, companheiros. A situação dos Tapeba da Ponte e Capueira não é de índio, mas de miséria mesmo. Então, vamos se unir". *[...]*

*[*A avaliação se dá das entidades, mas não do* modelo *organizacional do movimento indígena e suas articulações. Falta isso].* [...]

364

Daniel, cacique Pitaguary: O movimento indígena exige "negociação a todo momento". "Se a gente não cobrar, ninguém vem deixar: se tá doente e ficar na rede, morre, ninguém vai lá, se não falar". Se tiver confiança nessas entidades que nos ajuda e nos apoia sobre demarcação de terra, sobre a educação e a saúde, vamos buscar um pouquinho em nome da APOINME, um dinheiro só p'a aquilo. No nosso trabalho não podemos se queixar de um só coordenador, nem o Dourado, nem nenhum parente de Minas, do Pernambuco. As dificuldades muitas vezes é que não vai buscar ajuda. Nossa luta é uma questão de sobrevivência. Por que nós lutamos pela terra? Porque a gente tem amor. Estamos aí p'a cobrar, nós lideranças fomos colocados aí p'a isso. Temos que conversar". *[...]*

[*Antes de voltar à plenária, Cléia, do CJP, me procurou para fazer uma foto. Acho que era uma tentativa de se aproximar, desculpar-se por ter assinado a carta dos professores contra mim e outros, enderaçada à Funai-Brasília. Perguntou por que tirei o cavanhaque. Não sei se fazia um sincero jogo de sedução, ou se foi somente parte da estratégia de aproximação. De qualquer modo, ela está realmente linda, hoje, com um vestido de ponto feito artesanalmente, branco, cor de algodão, longo, que modela seu corpo de cima abaixo, à altura dos pés, com abertura na altura dos joelhos, na parte da frente. Na

[364] Todo o trecho seguinte foi registrado no *notebook*.

educação indigena CC.indd 837 26/10/2015 11:44:12

orelha, traz o antigo brinco de penas, que já elogiei e fotografei uma vez; a boca, como sempre, muito vermelha do batom forte que ela costuma usar; sua estatura, baixa, lhe dá maior graciosidade e feminilidade, segundo meus critérios e gosto]

Uma senhora pede a palavra, diz que estava se sentindo um peixe fora d'água e que agora, quem quiser aceitá-la como índia, ela é Tabajara. [**Dá a impressão que a* representação *dos Tabajaras e outras* etnias *daquela região de Crateús, como eles se denominam, até agora tem encontrado dificuldades no processo de identificação, por causa dos* conceitos operacionais *baseados na categoria do resgate utilizado pelos que induzem este processo, e que resulta em confusão, lamentos e sentimento de inferioridade em relação a outras pessoas e etnias que se autoafirmam com mais convicção e argumentos].* [...]

Itamar, liderança "Tremembé do CJP", diz que "é uma pena que não podemos ficar até o fim; a pessoa que trabalha com a gente vai ter que ir a Sobral. A assembleia foi muito proveitosa, que muito nos ajudou a pensar, vamos levar à nossa aldeia. Estamos felizes por estarmos aqui. Sabemos que teve muitas dificuldades de vir. O movimento do Ceará só tem a ganhar com assembleias como essa. Temos que ir por um motivo justo, não que nós queremos nos retirar".

Dourado agradece a participação do CJP. Avisa que o assunto em pauta agora é a avaliação das entidades indigenistas.

Alberto despede-se dos "tremembé do CJP", pedindo "que Deus acompanhe de mãos dadas, que acabe com o rancor, Deus que te ilumine, te abençoe, que bote num bom caminho, para no próximo encontro chegue melhor do que chegou agora". *[*Enquanto fala, Francisca Adelaide vai pessoalmente ao local em que eles se encontram, saudá-los].* [...]

Dourado informa que nunca foi feita uma avaliação como esta. [...]

Daniel dia que acha muito importante essa avaliação pelo povo e que "gostaria que todos os parentes, quando forem se despedir uns dos outros, tenham um pouco de educação, *educação diferenciada* com os outros parentes". Critica os "tremembé do CJP" que saíram sem usar microfone, dando as costas. Pede o respeito ao que foi dito sobre união e a espiritualidade.

educação indigena CC.indd 838 26/10/2015 11:44:12

Dourado esclarece mais uma vez que se trata de avaliação das entidades que trabalham conosco: *Operação Tremembé*, Pastoral Indigenista, Funai, Funasa, Universidade e outras.

Barbosa, pajé Pitaguary, fala que "mesmo levando *chicada*, piada, vejo no rosto desse povo vontade de trabalhar, que não quer somente ganhar dinheiro, somente". Diz que fez um *trabalho [*categoria usada para composição musical]* "para *dona* Francisca Adelaide, para reconhecer seu trabalho" *[...]*. Diz que "o povo critica muito essa tia, essa avó, que fica no cantinho dela, mostrando a garra dela, mesmo *antipática*". Ressalta também "esse povo da Funai, o direito deles é receber o dinheiro no fim do mês, mas não, eles se preocupam". Canta, então: *a Funai não é fumaça, ela está aqui; amostrando sua garra para os índios aqui*. "Para esse povo todo, que estudam tanto, ficam ali quietinhos, mais tarde vou mostrar o trabalho".

Sotero: faz uma fala dizendo que escuta conversas que não parecem claras. Acha que se uma entidade está trabalhando com os índios, está tudo bem.

Dourado esclarece a Sotero que a avaliação das entidades é de *como* elas estão trabalhando *com* os índios, que é algo que sempre houve teve necessidade de avaliar, e que não havia sido feito ainda, até hoje.

Pequena diz que agradece de coração essa avaliação. Avalia que a Funai está dando uma força grande mesmo. Diz que "a Pastoral [Indigenista da Arquidiocese] é uma *pessoa* que está sempre ao lado da gente". Agradece a Francisca Adelaide "que apesar de não trabalhar com a gente, mas quando a gente precisa de uma informação, ela informa". Diz que tem "uma grande admiração por ela, porque ela tem uma idade avançada", ressalvando que não se sabe "se ela gosta de ouvir isso, não". "Ela vai passar para a outra vida dentro dessa causa, como a Lourdes, que ela passou aos 61 anos dentro dessa causa". Agradece "em primeiro lugar a Deus e as entidades que trabalham com nós, que trabalham no dia a dia" e a todos os órgãos, também governamentais.

Alberto retoma a palavra e diz que "agora nós vamos falar das entidades. A Funai: é um órgão que trabalha em benefício dos índios, na demarcação da terra". Gosta da Funai, "mas ela tem que ser mais veloz um pouquinho. É lenta, mas já foi mais. Temos companheiros: Acrísio, Creusa, Magalhães".

educação indigena CC.indd 839 26/10/2015 11:44:12

Pede que dê mais velocidade à Funai. "A Pastoral Indigenista também tem que ter mais velocidade. No início pegou uma carreira, depois atrasou. Mas foi a situação financeira". [...]

Um índio, que não sei quem é, sai em defesa de Francisca Adelaide, diz que é um grande prazer conhecê-la, ressaltando a idade dela e o trabalho. *[*A questão da idade, como pensei, dá uma vantagem e um ar de imputável a ela junto a esses índios, que têm um grande respeito pelos mais velhos].*

Mocinha, avaliando a Funai, diz que "todos queremos que a Funai se movimente mais na demarcação". Cita como exemplo o que aconteceu ontem, com um agricultor não pitaguary que estava cortando a mata, e que a Polícia Federal agiu com rapidez. Diz que os índios chamam a Federal, falam que é área indígena, que não pode construir ali. Quando os policiais saem, os invasores continuam a construir, à noite. Critica a proposta da Funai, que questiona os índios por que não chegaram e não derrubaram a construção. "A Funai tinha que mandar [o invasor] ir embora, juntar o que era dele". [...]

Ceiça, professora Pitaguary: sobre a avaliação, diz que "não é muito boa. Se fosse avaliar, passava o dia todo. A Pastoral, antes, era direto nos Pitaguary. Agora não recebe nem ligação a cobrar. Deixaram de aparecer. Marinêz *embarrigou* várias vezes. Geovane prometeu um *curso de liderança* e sumiu. Entrou frei e saiu frei. A Funai é lenta, mas aqui no Ceará só tinha o Magalhães. Com a nova equipe, com Creusa e Acrísio, conseguimos botar pra frente, trouxemos até a Estér [técnica da área de Educação da Funai] de Brasília".

Liduína, professora tremembé, observa que o que vai dizer "na verdade não é bem uma avaliação. A *Operação Tremembé* sempre falou que a gente caminhasse com os nossos pés. Não sabemos o que está acontecendo. Junto com os nossos parceiros, fizemos um projeto [do curso de MIT]. Enviamos vários convites à *Operação Tremembé*. Queria perguntar a *eles*, à *Operação Tremembé*..." *[*Não conclui, mas deixa subentendido final da pergunta: por que a Operação Tremembé não apoia o MIT]* [...]

Daniel: "em primeiro lugar agradeço aos parentes que aqui se encontram das outras etnias, que é a nossa família, inclusive os povos *não reconhecidos*. Não adianta baixar o pau na Funai, tem ir que atrás. Se o índio não se esforçar,

educação indigena CC.indd 840 26/10/2015 11:44:12

disser o que está sentindo, ir a Brasília, buscar seu reconhecimento. Isso é importante. Muitas vezes os índios são acomodados. Eles têm que ir atrás, têm que lutar por isso". [...] Elogia Francisca Adelaide, diz que "sempre fez um trabalho excelente". "A Funai, é preciso pressionar, sempre pressionar, *ir em Brasília buscar o reconhecimento*".

João Venança faz sua avaliação:

"A gente começou com a *Operação Tremembé*. Hoje, a gente tem outras entidades. Tem uma *ciumeira* das entidades. A gente vai entrando em confronto uns com os outros. Estamos um pouco desviados da *Operação Tremembé* com algumas coisas que aconteceram. Todos lembram o que a *Operação Tremembé* disse na nossa cara, desrespeitando, o desrespeito com a coordenação, na nossa cara. Foram pontos que foram fazendo a gente ir se afastando, que vão fazer a gente não trabalhar mais junto. Espero que ela [Francisca Adelaide] me convoque pessoalmente para conversar com ela, que é coisa para dizer pessoalmente a ela. Acho que cada entidade que vem trabalhar com a gente, vem respeitando a gente, entra porque a gente permite. As pessoas que trabalham com a gente na Praia, até hoje não faltou. Ela também não, mas agora a gente sabe que vem falando contra a gente. Chegou o ponto que a gente sabe que não dá para trabalhar mais. O pessoal do Capim-Açu, a *Operação Tremembé* tinha ódio do trabalho. Comecei com o Chico Nezinho. A maioria do pessoal que vocês viram aqui [do CJP], a maioria era associado a uma associação *branca*. Foram essas coisinhas que foram magoando. [Francisca Adelaide] Disse que eu tinha acabado com vários projetos [financeiros] que vieram para a comunidade. Não fui eu, foi a comunidade. Tem um caderno com os nomes dos que ficaram devendo. O *freezer* tá lá, numa casa [na zona urbana de Almofala] que nós temos carregado nas costas [pagando as despesas de manutenção, como a luz]. Prefiro que me dê um murro, do que falar de mim por detrás. Já falei muitas coisas, na frente".

"A Funai: antes andava se arrastando. Hoje, temos uma ajuda, como no curso do magistério, mesmo recebendo críticas, piadas, da própria *Operação Tremembé*. A Funai, *mesmo fazendo as coisas mal feitas*, é o órgão que ficou para cuidar dos índios [*Mocinha dá um grito de viva, muito efusivo*]. Cortou um dedo, fica com mais quatro. Vejo que as entidades não estão se respeitando.

educação indigena CC.indd 841 26/10/2015 11:44:12

Uma liderança tem que respeitar o cacique. Não fazer picuinha. Queria que o pessoal do Capim-Açu estivesse aqui, mas foram embora, foram espertos. Fizeram uma carta por baixo do pano, pensaram que a gente não ia pôr a mão, no outro dia tava nas nossas mãos. Entidade botando liderança contra liderança, povo contra povo. Hoje temos vários parceiros [...]".

Dourado:

Avaliando a Pastoral Indigenista, diz que "a gente tava muito acostumado com a Lourdes, que sempre estava com a gente". *[*Pede uma salva de palmas].* Mocinha toma a palavra e lembra que Lourdes pediu que não se deixasse o trabalhar se destruir. "Sobre o magistério, diz *dona* Virgem [uma senhora de idade, liderança tapeba], que a gente não perdesse o magistério, que a gente lutasse pelo magistério". Dourado continua dizendo que começaram a caminhar com os próprios pés. "A Pastoral Indigenista sumiu das comunidades, até por causa das brigas internas das comunidades". Diz que acha "positivo que a Pastoral Indigenista não tenha interferido nas brigas".

Quanto à *Operação Tremembé* acha que "*Dona* Francisca Adelaide merece estar numa posição elevada pelo trabalho que começou com os Tremembé. Fico meio sem jeito de falar, como coordenador da APOINME. Não sei o que aconteceu, que ocorreu a divisão no Capim-Açu. Não se pode pegar feijão e arroz e dar somente para um filho e deixar o outro com fome. Ontem à tarde, a *Operação Tremembé* se juntou só com o pessoal do Capim-Açu e deixou os outros de lado. As entidades não podem ficar só com um lado". [...] Diz que os índios são diferentes. Propõe uma reunião com as entidades e as lideranças, "para os índios dizerem como é que queremos o trabalho, e não escutar o que temos de fazer". Pede "que as entidades façam o uso da palavra para se colocarem quanto às críticas, que são construtivas".

Marinêz, da Pastoral Indigenista, justifica que a Pastoral está vivendo um processo de transição (Carmen, Hilda, Socorrinha e outra são a nova equipe). Diz que estão preparando as pessoas para não chegarem na área de qualquer jeito. Reconhece que teve também o problema financeiro, desde o falecimento da Lourdes. Informa que o planejamento é para no próximo ano ser uma presença mais direta. Concorda com as indicações de que a Pastoral Indigenista deve escutar dos índios o que eles querem. Vai levar as observações à equipe.

educação indigena CC.indd 842 26/10/2015 11:44:12

Carmen, da Pastoral Indigenista, entende que "esse processo deve ser feito devagar, para estudar a questão indígena no Ceará. Uma equipe está estudando nas 6ªs feiras, para não intervir sem conhecer a história dos índios no Ceará". Informa que Igreja está fazendo uma campanha de coleta de assinaturas para a demarcação das terras. Está feliz com as conquistas na área da saúde e educação, mas avalia que a questão da terra merece atenção.

Acrísio, da Funai/CE, admite que "A Funai estava sem estruturas". Ressalta as conquistas dos últimos tempos. Diz que a intenção é levar apoio a todos os povos, inicialmente os *reconhecidos*. Vai cobrar o reconhecimento dos povos ainda não reconhecidos. Diz que o papel da Funai agora não é estar à frente ou atrás, mas ao lado dos povos indígenas.

Éster, Funai/Brasília: "A Funai não vai dizer que entidades devem trabalhar com os índios. Se há entidades que estão sendo reclamadas pelos índios, a Funai vai buscar conversar com ela". Diz que vai "falar em Brasília que a Funai é lenta, que precisa ir mais rápido, mas que também, aqui no Ceará, está caminhando a passos largos". Diz que o Departamento de Educação parabeniza os povos pelo curso de magistério e por que os povos estão buscando sua *autonomia*.

Helena, Potiguara:

"Falo em nome da Pastoral das Raízes Indígenas, porque sou membro desde a primeira reunião, que ocorreu no quintal da minha casa, onde estava dona Tereza". [...] Ela reconhece que "errar, a gente erra, todos os órgãos erram e acertam, porque é um processo de caminhada, de construção. Como mãe de família, acerto mais do que erro na criação, mas erro também. Os próprios filhos, tenho três, apontam meus erros".

"Sobre o relato da carta[365] que nós fizemos", assume que foi membro do grupo que ajudou a fazer a tal carta, "que tinha representante de todos os povos, e

[365] Trata-se de uma carta preparada durante uma das etapas do curso de magistério organizado pela Seduc, endereçada à Funai/Brasília, acusando a mim, Karla, Ivo, Creusa e Acrísio (Funai/CE) de estarmos dividindo os índios "por interesse". A carta parecia constituir-se a revanche contra a solicitação do afastamento da *Francineide* (Seduc), feita por professores Tapeba, Pitaguary e Jenipapo-Kanindé ao Secretário de Educação do Estado.

educação indigena CC.indd 843 26/10/2015 11:44:13

não só o Capim-Açu". Reafirma que essa carta foi feita pelos representantes das etnias que estavam lá. "Um só grupo não pode assumir, mas todos. Não foi feita por baixo dos panos. Foi às claras, lida e assinada. Cair para um grupo só seria injusto".

Dourado pergunta se ela achou correta a decisão. Ela responde que, segundo eles souberam ou leram pelo jornal, o curso de magistério [MIT e MITPJK] só favorecia os índios *reconhecidos*. Diz que está só colocando o assunto, não está dizendo se é certo ou errado terem feito a carta. Dourado diz que gostaria que a Seduc estivesse aqui [para se justificar], pois receberam o convite. [...]

Luis Caboco: "Só queria dar as minhas desculpas. Não sou muito chegado a microfone. Quero tentar tirar umas dúvidas e dizer uma coisa para as pessoas e a assembleia. Não posso estar do lado da Maria, contra Francisco e apoiar a todos, porque não queima a qualquer um, mas a mim. Não sou manipulado por ninguém". [...] "Minha posição é de justiça, não é de interesse, de vigarista, de vaidade. Não posso defender uma entidade e atacar outra. As entidades sabem. Tem muita gente sabida. E triste do sabido se não fossem os bestas. Há muito tempo é assim. A mãe natureza perdoa a todos".

Francisca Adelaide, secretária geral da *Operação Tremembé*:

*[*o vento sopra forte neste momento, ressoando no microfone, produzindo o som de uma ventania, habitando o silêncio que e faz enquanto ela se dirige à mesa].* Inicia sua fala dizendo que "Eu não vou me defender, eu não tenho do que me defender". Responde à questão de Liduína *[que confunde o nome chamando-a de Raimundinha]*, diz que não apoiou o projeto do curso "por que está muito claro: o projeto não foi aprovado. Tenho a liberdade de acreditar ou não acreditar". "Trabalho há 16 anos com os índios [tremembés] e 8 no Sergipe [com os Xokós]. É muito fácil hoje, que não tem mais perseguição". *[*Ela agora usa a sua muleta, que me lembra um cajado, produzindo uma figura de si que mistura autoridade e debilidade, buscando talvez sensibilizar os presentes].* Cita o CJP como exemplo das perseguições sofridas. "Um grupo pequeno daqui resolveu matar a *Operação Tremembé*. A gente sabe de todos os passos. O Acrísio, se puder matar, mata a *Operação Tremembé*". *[Ele reage no mesmo instante dizendo que ela não sabe o que se passa dentro da cabeça dele].* Sobre a reunião de ontem, justifica que não foi com o pessoal de CJP, mas com o

educação indigena CC.indd 844 26/10/2015 11:44:13

pessoal da região de Crateús: "O pessoal da *facção de Capim-Açu* estava"[366], cita Agostinho e *seu* Raimundo Salu.

Mocinha toma palavra, cortando a fala da secretária da OT, e diz que "*Dona* Francisca Adelaide só trata de botar os índios uns contra os outros. Ela botou o CJP contra os outros tremembés, mandando [para esta Assembleia] a quantia de gente que não foi combinado".

Francisca Adelaide, defendendo-se, desmente Mocinha. Dourado confirma a versão de Mocinha. A secretária pede que Amâncio, missionário da OT, venha esclarecer a questão.

Amâncio diz que "cada um fala o que quer". Informa que a *Operação Tremembé* havia disponibilizado passagens para os tremembés virem à Assembleia, mas foram recusadas por João Venança. "*Era* só 13 vagas", diz ele.

Dourado o desmente, porque vieram 25 pessoas do CJP, com o apoio da *Operação Tremembé*.

Sandra Petit, coordenadora do curso de MIT, diz que a informação dita por Francisca Adelaide, de que o Projeto MIT não foi aprovado, não era uma *boa* informação. Diz que os projetos estão aprovados, que há um prazo, que não é imediato, que têm que ser feitos alguns ajustes. *[...]*. Diz que "o projeto é modelo nacional, apesar não estar demonstrando toda a sua força. Não quero entrar na briga contra a *Operação Tremembé*. A *Operação Tremembé* não tem que apoiar. Nós não temos nada a ver. Peço, porém que não faça ataques desnecessários, colocando informações incorretas. Particularmente, não tenho problemas com a *Operação Tremembé* e com *dona* Francisca Adelaide, nem pretendo ter. Peço mais uma vez que ela não divulgue informações incorretas". [..]

Madalena, professora Pitaguary, diz que respeita a *Operação Tremembé* e a pessoa de Francisca Adelaide. Observa que "a carta do MEC, aprovando o curso, não foi lida de cabeça para baixo". Pergunta "o que a *Operação Tremembé* vê, que atrapalha? Todas as explicações foram dadas. A Sandra veio e explicou. Isso não vai queimar nossa imagem, nós vamos vencer".

[366] Ela, agora, chama de facção àqueles que iniciaram a luta naquela localidade. É a primeira vez que a ouço referir-se assim a eles.

educação indigena CC.indd 845 26/10/2015 11:44:13

Acrísio se justifica: "foi falado que Acrísio quer acabar com a *Operação Tremembé*. Meu trabalho com a Funai é dar apoio aos índios. Até hoje nós não fomos chamados para formar uma parceria. Quando os índios reclamam de uma entidade, nós temos que verificar. Eu não estou aqui para acabar com nenhuma entidade. Quando a *Operação Tremembé* quiser trabalhar com a Funai, ou quando os índios quiserem, nós vamos conversar com a *Operação Tremembé*".

Nildo, professor Tapeba: "representando todos os tapeba, quero pedir que, se a OT não quiser ajudar, por favor não atrapalhe. Nós temos *um* respeito por ela, então que ela nos respeite".

Francisca Adelaide reage. Pede os nomes dos Tapeba que haviam dito que ela teria falado que o MIT e o MITPJK não tinham validade, sugerindo que seriam Adelson e Veibe. Nildo confirma dizendo que ela mesmo disse os nomes. Ela, então, diz que apenas falou que a carta não dizia que o projeto estava aprovado. [...]

Caboclinho, Potiguara da Paraíba, toma a palavra, agradece a acolhida dos 10 potiguaras que vieram com ele. Diz que na próxima assembleia vão estar, "se o Senhor e vocês quiserem", com uns 20 ou 30 índios. "Quero deixar meu abraço a esta juventude, principalmente os professores que, junto com os velhos, vão conseguir alguma coisa. Não vamos nos deixar levar por picuinhas, por entidades que estão aqui representadas. Elas só existem, porque existem vocês. Eu sou índio. Jamais, os potiguara jamais aceitam qualquer entidade trabalhar com a gente. Nós não queremos. Até a Funai se vier, a gente manda embora, se não quiser. Já mandamos vários missionários, de várias Igrejas irem embora. É um alerta pra vocês. Nós somos organizados. Jamais a gente aceita qualquer *política* atrapalhar a gente".

Outra índia, potiguara, diz que reafirma as palavras de Caboclinho, diz que sentia a mesma coisa, que eles não queriam se meter porque era uma coisa interna. "Vocês professores têm uma ideia e um projeto brilhantes. Me solidarizo porque também sou professora. Já chega de engolir tudo prontinho que vem lá de fora. O professor não é tudo, é uma ponte através da qual vão caminhar as próximas gerações. São as sementes que caíram das árvores que já se foram. Têm que semear direitinho, senão vão ser cúmplices de tudo o que acontecer no futuro. Os antepassados não têm culpa do sofrimento de

educação indigena CC.indd 846 26/10/2015 11:44:13

hoje. Os professores não têm que ouvir *a* ou *b* que não querem ajudar. Porque a divisão já foi feita. Se o projeto foi aprovado ou não, não vem ao caso, mas é a decisão que vocês tiveram. Não é Funai, não é MEC, não é governo, são os índios que vão dizer o que querem, e *eles* vão ter que aceitar. Minha preocupação maior é que, quando sair daqui, alguém ocupar o lugar dessa pessoa que quer atrapalhar. [*É aplaudida*]. Levantem a cabeça! Lá também, nos Potiguara, tem pessoas que estão com as mãos na cabeça por que no ano que vem vão ter que sair. Se o projeto tiver errado, o MEC é que tem que vir ajudar a consertar. As próximas gerações serão mais unidas, diferente do que está acontecendo aqui. Vai acabar as intrigas de quem só quer derrotar vocês. O Nildo me conhece, conhece a minha história. Estou falando por experiência própria. Vocês, colegas professores, não têm noção do sofrimento que já passei para implantar a educação diferenciada. Vocês estão de parabéns. É assim que se faz! Vocês decidiram. Os pareceristas do MEC vivem em cima da ideia do povo. Quanto mais demora, mais esses pareceristas ganham em cima do nosso suor". [...]

16 a 21 de dezembro de 2001[367]

Viajei com Karla no meu velho buggy, que tem aguentado heroicamente as viagens de Fortaleza até aqui.

Chegamos na 6ª feira à noite e dormimos na escola da Praia, como de costume.

Antes de dormir, fui tomar banho no banheiro de Raimundinha. João Paulino havia saído e conversei um pouco com ela, antes que ele retornasse. O assunto principal foi os sonhos que ela tem para a sua vida. [...]

Percebi, como nunca, a presença de carteiras escolares e livros espalhados por todos os espaços, dentro e fora das casas, com exceção dos banheiros. Aqui, a *escola* está presente em tudo, tornou-se onipresente, *naturalizou-se* e passou a constituir-se parte da *paisagem* e das *práticas-de-tremembé*.

[367] *Diário de Campo*, n. 5, p. 283-297.

educação indigena CC.indd 847 26/10/2015 11:44:13

Há uma abundância, certamente inédita, destes dois materiais. Aqui, não sei até que ponto, a escola tomou conta de suas vidas, ou foi tomada por suas vidas, antropofagicamente, *enrabadamente*.

Nas madeiras que ligam as forquilhas da escola, há quadros feitos pelos alunos, fruto de uma oficina organizada por Júlia Manta, ex-aluna minha da História (UECE) [...], que esteve aqui no dia 8 passado. Dois quadros com fotos em miniatura da paisagem local também foram afixados próximos à porta principal. Chegam-me esses elementos todos como as marcas de uma instigante *interculturalidade da escola*. *Ela é desterritorializada e reterritorializada pelos diversos conjuntos de sujeitos que contracenam no campo de produção dessa subjetivação político-pedagógica Tremembé*.

Mais uma vez, tenho a impressão que aqui se *enraba* o que chega *de fora*, de um modo particular. Vi a foto de Marcondes Rosa reelaborada por Aurineide em forma de um pequeno cartaz, feito em folha de papel-ofício, depois de recortada do jornal, de uma outra matéria, *desterritorializada/reterritorializada* nos dizeres que informavam a estada do presidente do CEC entre eles.[368]

[368] Na legenda original, impressa: "Posição – Marcondes Rosa diz que a qualidade do ensino superior das universidades privadas é satisfatória". A legenda criada por Aurineide informa: "*Marcondes Rosa visita a escola Maria Venância*."

educação indigena CC.indd 848 26/10/2015 11:44:14

17 de dezembro, 2ª Feira

Curso de Magistério Indígena Tremembé – Seminário de Organização e Gestão Escolar Tremembé

[O seminário estava previsto na proposta curricular do curso. Seu objetivo era fortalecer a organização das escolas, particularmente a gestão]

Local: Escola Maria Venância/Praia de Almofala.

João Venança faz a abertura do evento, pedindo que todos deem as mãos e cantem "Na nossa aldeia tem":

Na nossa aldeia tem
Semente para plantar
Ai, temos flecha e temos pajé
Que serve para curar
Graças a Deus, graças a Deus
Meu bom Jesus, foi ele quem morreu na cruz (bis).

Zé Valdir justifica o Seminário pela "necessidade de domínio de todas as coisas que dizem respeito à escola, e não somente pela formação de professores, como está ocorrendo bem". [...]

Algo que me chamou atenção há tempos e que hoje registro: Gilsa, Neide e outros estão usando adornos que chamam *jade*, em referência ao adereço da personagem da *novela das oito*, da Rede Globo. Elas têm feito suas *jades* de búzios. Há, me parece, neste como em outros produtos de tv, um *consumo criativo*. Trata-se de uma forma de consumo não passivo, nem mesmo *de resistência*, mas *artístico*, *artífice*. *[*Ver Michel Certeau[369]].*

[369] Sobretudo o volume 1 de *A invenção do cotidiano*, Ed. Vozes, 1994.

educação indigena CC.indd 849 26/10/2015 11:44:14

[...]

19 de dezembro de 2001[370]

Tarde:

Soraia Gentil e Tereza Neuma, do CEC, chegaram entre nós.

Como parte da programação do Seminário, Soraia havia se disponibilizado para desenvolver atividades relativas à elaboração dos regimentos das escolas, que são fundamentais para seu credenciamento junto ao Conselho de Educação. Ela distribui com os participantes o livro *Regimento: a cara de cada escola (Roteiro para elaboração)* (Col. vida & educação – vol. 3, Fortaleza: CEC, 1996). Depois, solicita que cada grupo, por escola, registre e entregue a ela os dados básicos de suas escolas. [...]

[**O subsídio foi elaborado para as escolas públicas nacionais, não indígenas. Na parte "Anexo: Grades Curriculares" (p.67ss), aparece explicitamente que se trata das escolas nacionais. Há que se servir dos PCNEI*[371] *para elaborar as grades curriculares das escolas Tremembé*].

Soraia esclarece que Educação Básica inclui Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Observa que a Educação Infantil diz respeito ao pré-escolar. Nota que *Alfabetização* não define uma modalidade ou série, mas um processo ao longo da vida de estudos. Diz que eu, fazendo o doutorado, ainda estou me alfabetizando. [...].

Ela distribui também uma pequena apostila, *Orientações para os cursistas professores: Como Elaborar um Regimento Escolar para uma escola de Educação Indígena Diferenciada*.

[370] Registrado no *notebook*.

[371] Parâmetros Curriculares Nacionais para as Escolas Indígenas.

educação indigena CC.indd 850 26/10/2015 11:44:14

No primeiro ponto, o texto manda "Selecionar, na Constituição do Brasil, na Constituição Estadual e na Lei Orgânica do Município, os títulos, capítulos, artigos e parágrafos que dispõem sobre o assunto". Alerta para que, se a Lei Orgânica do Município não contemplar os direitos indígenas, a comunidade deve reclamar junto aos vereadores.

Leu-se a parte "Título I – Da Identidade da Escola". Discussão sobre a colocação da palavra *Diferenciada* no nome da escola,. Defendi a proposta de que a palavra *Diferenciada* venha antes de *Indígena* para demarcar a diferença como característica mais importante da escola. diferença *política*, *autonomia*, sobretudo. Argumento ainda que a palavra Indígena é genérica.

Soraia discute as condições para que as escolas emitam diplomas para os professores em formação em nível médio. Sugere que sejam escolhidas não todas mas uma, duas ou três escolas que tenham condições gerais de serem aprovadas pelo CEC, considerando as posições dos conselheiros. Sugere ainda que todas as outras escolas façam regimentos contemplando todas as séries do Ensino Fundamental.

Pergunto se o CEC, que não tem tradição e experiência em relação a escolas indígenas, vai utilizar os mesmos critérios das escolas nacionais, se tem competência para aprovar as escolas indígenas e se terá critérios flexíveis.

Soraia responde que "sim, porque o Presidente esteve aqui, pisou este chão e, pela primeira vez, mandou técnicos do CEC contribuir com a construção do regimento. *A competência do CEC está também em construção*. Por isso, o CEC está participando diretamente deste processo". [...]

Sobre a exigência do exame de sangue, feita pelo CREDE-Acaraú, Andreína disse que houve ameaça de não receber o pagamento de salário caso não se apresentasse o exame.

Liduína disse que, ao questionar a técnica do CREDE argumentando que os Tapeba e Pitaguary não tiveram que se submeter a esse procedimento, aquela teria dito que "para receber o pagamento, vocês têm que fazer isso bem bonitinho; recebo ordens de cima".

educação indigena CC.indd 851 26/10/2015 11:44:14

Raimundinha disse que já fez exame de sangue, quando esteve gestante. Mas se recusa a fazer este exame pela forma como chegou aqui: "Muitas companheiras se sentiram oprimidas com esta situação". Disse que se pronunciou na Assembleia dos Povos Indígenas e classificou de *cachorrada* este procedimento. Acha que é necessário saber quais são os direitos indígenas em relação a este assunto. Reflete também sobre a exigência que Francineide, da Seduc, teria feito em uma reunião, na Varjota, que as turmas tivessem acima de 15 alunos.

Soraia pergunta o que os pais [lideranças] disseram sobre o assunto.

Liduína disse que não comunicou isso aos pais.

Andreína disse que os pais também se apavoraram. Perguntaram desde quando isso era uma exigência para assumir um emprego. Mas disseram que se submeteriam para não perderem o emprego.

Zé Valdir informa que os pagamentos estão atrasados há três meses. Diz que já não sabe como vai fazer para comprar cartão telefônico para ligar para Marilse [?], secretária do subsecretário de Educação.

Andreína informa que Rosângela, antes mesmo que fosse solicitada, já pegou o atestado médico exigido e que vai fazer o exame de sangue.

Soraia pede que não façam nenhum exame, mesmo os que não têm problema em fazê-lo, porque o exame pode não atender às especificidades do que foi solicitado pelo CREDE, além do que pode perder o prazo de validade.

Neide acha que "perder uma gota de sangue é como perder um pedaço de mim". "Além da minha alma, meu corpo é isso. Quero saber o que vão fazer de um pedaço do meu corpo".

Em uma outra ocasião, relata Soraia, uma índia teria dito que "meu sangue é minha alma, não quero entregá-lo a ninguém".

Eu faço um apanhado histórico sobre a relação entre a recorrência ao sangue e a identificação étnica, que redundou, generalizadamente, em decréscimo de direitos indígenas. Recordo o ocorrido com os Tapeba, que sofreram ameaça de terem o sangue retirado à força por capangas da família Arruda de Caucaia. *dona* Raimunda, dizem, teria pego seus filhos e se escondido no mato por

educação indigena CC.indd 852 26/10/2015 11:44:15

dois dias. Defendo a ideia que o que está em jogo é uma interessante disputa jurídica: a de saber se o Estado tem a competência legal de exigir informações consideradas interditadas – por diversas razões, inclusive simbólicas – a uma nação indígena, que goza de direitos constitucionais específicos em relação a seus costumes e crenças.

Zé Valdir informa que entrou em contato com os professores do CJP, que disseram que iriam fazer o exame, para não perder os salários ameaçados de retenção, caso não satisfizessem a exigência do exame.

Soraia propõe que as discussões não se encerrem, mas continuem amanhã.

Karla propõe que hoje à noite se discuta a formação da COPICE e a participação dos Tremembé que, após uma discussão, foi aceita.

A avaliação será feita amanhã.

Jantar

Noite

Discussão sobre a criação da COPICE[372]:

Proponho que as pessoas que participaram da Assembleia ajudem a contar como foram as discussões, bem como que se recupere a história dessa ideia, que já *rola* há um tempo. [...]

Ivonete diz que já haviam conversado na Casa da irmã Iolanda. Como proposta, foi decidido que os professores iriam discutir nas aldeias e que depois iriam se reunir, duas pessoas de cada etnia. A Funai se propôs a ajudar. [...] A proposta foi modificada para que todos os professores participassem, e não somente dois representantes.

Zé Valdir pergunta se houve uma discussão dos objetivos, "em que sentido seria preciso criar essa comissão".

[372] Comissão de Organização dos Professores Indígenas no Ceará.

educação indigena CC.indd 853 26/10/2015 11:44:15

João Filho disse que quando Dourado perguntou se todos concordavam, Itamar, do CJP, não apoiou, não levantou o braço. Raimundão diz que Helena de Crateús também levantou o braço inicialmente, mas depois *deu pra trás*, dizendo que não podia representar os professores da região, ausentes.

Ivonete informa que foi sugerido também que as lideranças, e não somente os professores, estivessem presentes.

Raimundão diz que não sabe quais são os objetivos da COPICE.

Zé Valdir diz que os objetivos da COPICE são como os de um conselho: "buscar parceria, com *documentos*. Seria uma entidade, uma associação".

Recupero uma fala de Nildo na Assembleia, em que ele fala da urgência de se criar uma organização para os professores se fortalecerem enquanto categoria, enquanto movimento.

Silas reflete que a associação poderia ter muitos objetivos, não necessitaria especificamente de um CGC, de ser legalizada, para realizar muitas coisas importantes. Cita o exemplo da COPIAR.

Neide avalia que a vantagem de estarem juntos com outros professores, de outras etnias, é poder ter mais conquistas. Cita algumas que conseguiram junto com os Tapeba.

Zé Valdir endossa a posição de Silas. Diz que o que importa é fortalecer as entidades indígenas, como o CITA. Diz que o mais importante é se juntar com os outros professores na hora de ir às entidades reivindicar direitos.

Silas diz que o que importa é o movimento e que a COPIAR demorou dez anos para discutir se valia a pena se institucionalizar.

Karla endossa a posição de Silas. Diz que o que importa é fortalecer o movimento. Recorda que tem visto choques entre lideranças antigas e novas. Entende que o momento atual é de buscar recursos para os professores se encontrarem, mas que se deve fortalecer o CITA e as organizações do povos indígenas. Deve-se fortalecer o que já existe de organização e arranjar recursos para se encontrarem.

educação indigena CC.indd 854 26/10/2015 11:44:15

Raimundão diz que "o pagamento quando vem é pelo CITA. Os professores devem fortalecer isso. Acho que o presidente ficaria chateado se os professores não fortalecessem isso".

Opino que o importante é que todos participem, que não sejam somente os representantes dos professores, mas um movimento que favoreça, inclusive, o desenvolvimento de professores que estão chegando na atividade docente. Defendo que a união dos professores na hora das reivindicações pode trazer mais frutos para todos. Os Tapeba sozinhos foram ao MP denunciar a Seduc. Se os Tremembé e os outros povos tivessem ido com eles, talvez os Tremembé não tivessem os salários atrasados. Curiosamente, os Tapeba estão entre os primeiros que receberam seus salários.

Neta lembra que esta história está *rolando* há mais de um ano, que mesmo o Zé Valdir não quis encaminhar a discussão com a comunidade. Disse também que algumas lideranças não queriam a associação dos professores. [...]

20 de dezembro de 2001[373]

O dia começou cedo, umas 6h30, com Raimundão acordando as pessoas com sua voz ampliada na caixa de som e um pouco de música ao violão. A coordenação se reuniu e elaborou cartas ao presidente do CEC e ao procurador da República informando sobre o atraso nos salários e pedindo providências.

Conversei com Soraia sobre seu projeto com fins de entrada no mestrado em educação. Combinamos que eu acompanharia seu processo. Sugeri que ela e Karla estudassem juntas em alguns momentos e que nos encontrássemos os três.

Às 8h30, depois de um justo tempo para a coordenação tomar café, iniciamos com uma dança, *A Maresia*, acompanhada ao violão por Evandro. [...]

[373] Registrado no *notebook*.

educação indigena CC.indd 855 26/10/2015 11:44:15

Avaliação do dia anterior:

Dadinha: está gostando muito: "Não... é... assim... [*sic*] Sobre o dia de ontem, estou gostando muito. Há oito anos que trabalho e que nunca tinha debatido este assunto. A gente vai ficando mais informada sobre o trabalho da escola. Sobre a questão do sangue, faz parte da nossa cultura. O bom é que a gente vai discutindo aos poucos e que vamos chegando a um ponto final para nós. A discussão do currículo é boa porque vamos nos informando, trocando experiência, se informando sobre o trabalho uns dos outros".

Evandro: "Não... assim... né... [*sic*] Ontem eu não pude estar presente porque estava numa reunião do CITA. Eu vejo que essa situação do pessoal do Estado querer o sangue dos índios, não sei se está dentro da Constituição, se é direito. Mas acho que eles não explicam pra gente. É uma questão *ética* [*sic*] pra gente". "Os dias têm sido muito *aproveitativos* [*sic*]. O currículo é muito importante pra nós. No ano que vem, vai ser ainda mais importante para nós".

Neta: "o que a gente tem trabalhado nestes dias é muito importante, muito proveitoso. A gente está discutindo uma coisa importante, como o magistério. Um ponto negativo foi o exame de sangue. Joelma disse que trabalhou uns anos pela prefeitura e não foi exigido exame de sangue. As pessoas daqui não têm o costume de tirar um pedaço do *eu* e jogar fora".

Joelma: "também sobre o regimento escolar, a gente nunca teve oportunidade de discutir, a gente nem sabia que existia. Está valendo a pena".

Neide, reforçando as palavras de Joelma, dia que "a escola está ficando do jeito que a gente quer. É claro que a gente não ia aceitar vindo tudo pronto de fora. O bom é que a gente faz o próprio trabalho e a gente pode explicar para as pessoas de fora como fez. Eu sei que dá trabalho pra fazer, a gente não tem experiência, mas o melhor é que Soraia está aqui para ajudar. Assim como o magistério a gente é que construiu, assim o currículo, a gestão e outras coisas da escola. Este ano a gente tem muito o que comemorar, sobretudo este último mês. Demos grandes passos. Apesar de alguns passos apertados aqui e acolá. Temos muito o que comemorar".

educação indigena CC.indd 856 26/10/2015 11:44:15

Liduína: "faço minhas as palavras da Neide, acho que temos muito o que comemorar. Tem gente se levantando, querendo ver a realidade. Tem gente querendo impor as coisas pra gente, mas a gente tá vendo, tá se levantando. Eu passei uma semana com outros povos, vi que eles têm uma força, não ficam esperando por uma pessoa só. Temos várias conquistas. Estou tentando colocar estas coisas na minha cabeça, estas coisas de escola, mas estou vendo que a gente é que está fazendo".

Zé Valdir: "vejo que é uma coisa boa, uma coisa importante. Estamos discutindo a oficialização da escola, apesar de estar publicado. Mesmo com os avanços fico meio *repreendido*, porque vejo que nós, mesmo organizados como professor, fomos escolhidos pela comunidade. Mas neste momento sinto falta das lideranças da comunidade. Quando discutimos se a escola ia ter, se ia ser estadual, foi junto. Eu queria ao menos uma liderança de cada canto, da Varjota, da Passagem Rasa, da Tapera. Sei que não vamos fazer coisas pra nos prejudicar. Mas as lideranças nos dão força. Nós não temos argumento pra dizer as coisas e as lideranças baixarem a cabeça. Nós estamos um pouquinho abaixo do que eles. É o único que eu vejo alguma coisa a melhorar. Nos outros cursos tinha liderança ajudando, discutindo. Mas não é por isso que vamos deixar de fazer. Vamos ter que nos mobilizar. Tá chegando um? [*Seu* Zé Livino] Oi! *A gente começa a fazer o espírito e as coisas vão acontecendo*".

Eu: ressalto a importância de manter a unidade do grupo, os contatos entre lideranças antigas e novas, de fazer todos os esforços para os professores não avançarem sozinhos, mas junto com as lideranças antigas. Comprometi-me de, pessoalmente, sentar com cada liderança para esclarecer e desfazer mal-entendidos.

Seu Zé Livino, liderança do Panan: "Andei estes dois dias por aqui. Tive na Varjota. As lideranças de lá estão se organizando pra vir aqui. Vocês estão de parabéns. Dúvidas, alguém pode ter. Estive na Assembleia. Gostei das palavras da senhora [Soraia] e do Babi".

Zé Valdir parabeniza *seu* Zé Livino porque está sempre presente também. [...]

educação indigena CC.indd 857 26/10/2015 11:44:16

21 de dezembro de 2001

[...]

Reunimo-nos em plenária para tomar decisões sobre algumas discussões realizadas anteriormente:

Projeto CESE

Karla e Silas sistematizam as propostas dos grupos. Depois de pronto, o projeto foi lido e aprovado pela plenária. Uma carta foi assinada por todos, acompanhando o projeto.

Gestão das escolas:

Após discussão de esclarecimentos, ficou decidido pela plenária que seriam estes os procedimentos:

- Criação de Conselhos Locais por Escola/Comunidade, composto de pais, professores, lideranças, alunos.
- Criação de um Conselho Geral das Escolas Tremembé, com representantes dos Conselhos Locais, responsável pela captação dos recursos públicos e distribuição entre as escolas, por número de alunos.
- Uma agenda de atividades foi organizada para implementar os Conselhos [..]

[A criação dos Conselhos tinha, entre outras intenções, possibilitar que os recursos financeiros disponibilizados pelo governo, pudessem ser repassados diretamente às escolas tremembés, e não mais pelo CREDE-Acaraú, como o é atualmente. Uma das vantagens, como foi ressaltado, era a de poder suprir a falta de gêneros alimentícios para a merenda escolar, o que acontece com frequência, sob a responsabilidade do CREDE].

[...]

educação indigena CC.indd 858 26/10/2015 11:44:16

Seu Valdir diz que os professores devem esclarecer aos alunos e pais as regras de como gerenciar os recursos.

Neta: "não é justo deixar o dinheiro por aí, se perder".

Dadinha: lembra que há pais e lideranças que são também alunos [as turmas de alfabetização de adultos]. "O Conselho tem pais, alunos, lideranças. Com o tempo, as pessoas vão entender".

Esclareço que o dinheiro não ficaria nas mãos dos professores, mas de todos do Conselho, incluindo a representação dos alunos.

Zé Raimundo, da Praia, demonstra preocupação com a possibilidade de as pessoas não levarem a sério.

Raimundão: "O erro é comum, mas não é pelos outros errarem que vamos errar também. Nós estamos vendo e aprendendo com os erros".

Ivonete: "Tá na hora de botar os pés na frente e caminhar. Se a gente pode fazer, por que não fazer?"

Zé Valdir: "Temos que saber quanto está vindo para cada aluno. Quando vem o recurso é porque há dinheiro. Não é do bolso deles. Nós vamos ter essa informação quando gerenciar. A partir dessa discussão em cada local, em cada comunidade, a gente vai entender".

Evandro: "O Conselho é de suma importância. Quanto ao gerenciamento, nós vamos levar às lideranças. Quanto ao CITA, há umas pendengas e tem gente dizendo que nós somos remunerados pelo CITA. Tá na hora da gente dar um basta na Seduc e no CREDE. Nunca nos explicaram quanto vem para cada aluno. Zé Raimundo tem razão, mas pode ficar tranquilo". [...]

Agenda de estudos (tempo não presencial)

Em grupos, por escola, foram elaboradas agendas de estudo, das 20 horas/aula não presenciais, para todo o ano 2002. *[...]*

educação indigena CC.indd 859 26/10/2015 11:44:16

Dentre as 20 horas/aula foi sugerido que 4 horas/aula fossem dedicadas a uma oficina de leitura e escrita, com o intuito de fortalecer estas técnicas entre os professores e candidatos.

Depois do almoço, tivemos um tempo de lazer, até 15 horas, quando retornamos à plenária.

Como parte das brincadeiras de final de ano, fizemos a revelação do "Anjo da Guarda"[374]. *[*Por ocasião da brincadeira, noto que os abraços e afagos são mais intensos, mas explícitos do que em tempos anteriores]*

Depois da brincadeira, fizemos a avaliação das conquistas deste ano.

20/Fev/2002[375], 19 horas

Lançamento da Cartilha Tapeba

[Trata-se de uma cartilha produzida pelos professores, alunos e lideranças tapebas, para servir de subsídio às suas escolas, publicada com recursos da Seduc. A Funai é quem preparou a festa de lançamento da cartilha, o que foi muito inusitado, considerando que o interesse imediato deveria ser da própria Seduc. Além disso, existem conflitos entre a Funai e a Secretaria. Que fatores teriam levado Creusa e os outros funcionários da Funai/Ceará a mudarem sua postura? Alguma *imposição* da Funai de Brasília, como resultado das pressões exercidas por gente da Seduc e da OT sobre a direção do órgão indigenista oficial?]

Karla, Ivo, Juliana e eu fomos no meu buggy. Sandra Petit, que iria representar a Faced no evento, me ligou quando eu já estava a caminho. Creusa, que havia se comprometido em arranjar o carro da Funai para levá-la, ligou para ela em cima da hora, para dizer que o carro havia quebrado. Sandra queria saber se

[374] Brincadeira semelhante à do "Amigo Secreto".
[375] *Agenda* 2002, n. 1, p. 5-21/abril.

educação indigena CC.indd 860 26/10/2015 11:44:16

podia pegar carona comigo. Tive a impressão que a história do carro quebrado era uma desculpa. Não era a primeira vez que, em cima da hora, Creusa se desculpava pelo descumprimento de compromissos marcados com Sandra.

O evento se deu no Centro Cultural de Aquiraz. Professores e candidatos das etnias Tapeba, Pitaguary e Jenipapo-Kanindé, autoridades e professores municipais, representantes de instituições governamentais e de entidades de apoio ao movimento indígena estavam presentes, compondo um público que estimei em torno de 250 pessoas.

A banda de música estava perfilada, logo à entrada do Centro Cultural, sob o gramado aparado dos jardins. Um trio elétrico lá fora sinalizava o apoio explícito da prefeitura ao evento. Tudo parecia apontar a vontade de fazer daquilo um evento marcante, solene. O presidente do Conselho de Educação, Marcondes Rosa, a prefeita do Município, Ritelza, o presidente da Câmara de Vereadores, a coordenadora do Ensino Fundamental da Seduc, Josefa Pinheiro, entre outros, estavam presentes e compunham a mesa comigo, pois acabei representando Sandra.

Nildo, Tapeba, que fazia a função de cerimoniário, chamou os professores indígenas, majoritariamente tapebas, para autografar e entregar exemplares da cartilha aos membros da mesa, que ele havia chamado a compor, antes. A Funai compunha a maior comitiva representada.

[...]

Ritelza saúda a todos, e a Marcondes Rosa especialmente. Diz que este lançamento representa um marco na história do Ceará, na luta pelo *resgate*, respeito, solidariedade e valorização do índio. [...] Chama os índios de *verdadeiros patriotas* e *donos desta terra*.

Ela acredita que, apesar da globalização, eles ainda conseguem manter uma identidade forte. Diz sentir-se honrada de receber o livro autografado e de ser anfitriã desse curso, nestes dias, que representam para ela "sonhos e fantasias como os que só a natureza nos pode dar". .[...]

Marcondes Rosa recorda que os índios estiveram no CEC e pediram para desembaraçar os caminhos. Ele fez CDs ("disquinhos") com os depoimentos

educação indigena CC.indd 861 26/10/2015 11:44:16

dos índios e seus parceiros e os mandou para o governador. Diz que eles rodaram o Brasil. "Desde então, os caminhos têm se desembaraçado". Cita meu nome e a minha "ajuda". Revela que houve "arranhões no caminho": conselheiros que eram reticentes. "Quando foram discursar no CEC, se engasgaram e mudaram o discurso".

Ele diz que acredita, quando vê o Procurador da República, Seduc, Igreja Católica (através da Campanha da Fraternidade 2002 que tem como tema a questão indígena), o a Funai e outros envolvidos, que, apesar dos 500 anos, algo novo está acontecendo.

Acha que estamos vivendo tempos diferentes. Enfatiza a presença de Nildo no México, participando de um seminário sobre interculturalidade e bilinguismo, promovido pela Unesco, em dezembro de 2001.

Revela que o Presidente da República tem mandado representantes seus ao Ceará. Entende que "este livro [cartilha] é o resgate da cultura, lançado para todo o Brasil". [...].

A banda interrompe a fala de Nildo, quando informava que o "cd do professor Marcondes está na Unesco".

Josefa, da Seduc, justifica a ausência de Naspolini, que está em reunião com o governador, mas "mandou um abraço e disse da satisfação de estar participando deste processo".

Em nome da Seduc e da equipe que representa, diz ter muita satisfação em estar se colocando a serviço, com boa vontade e alguma competência.

Enumera este como sendo o quinto livro produzido pelos povos indígenas no Ceará, sendo que dois são dos Tremembé. "O importante é que foi produzido pelos índios".

Confessa que "ainda estamos aprendendo nesta área. A educação escolar indígena é uma novidade".

Diz que "estamos incentivando que outros povos produzam seus livros".

Fala que "a Seduc continua aberta desde 1996", e pede "Que a gente continue junto, com todas as dificuldades e percalços. Que a gente reconheça o trabalho de muita gente".

educação indigena CC.indd 862 26/10/2015 11:44:16

Ressalta que o "importante é que a comunidade seja atora (*sic*) de sua própria história". [...]

Finalizando refletindo que "colocar-se à disposição, é compartilhar o processo".

[...]

No final da noite, tive uma discussão com Acrísio, da Funai, na presença de Soraia (CEC), com o aval (ou no mínimo a omissão) de Creusa, da Funai, sua mulher. Ele me chamou de mentiroso e disse que quem faz confusão sou eu, Sandra e Karla. [Tudo começou quando, pegando uma carona no carro deles, sugeri que precisávamos de uma reunião de avaliação da equipe de coordenação. Usei como argumento o testemunho de alguns professores do "curso de Caucaia"[376] que me confidenciaram insatisfações, além de alguns consultores, em relação à organização e condução das aulas. Acrísio disse que minha fala era mentirosa e falaciosa. Perguntei se ele estava me chamando de mentiroso e falso, ao que ele repetiu o que dissera. Perguntei novamente, ao que ele silenciou. Retirei-me do carro. Soraia, que compartilhava comigo o banco traseiro do automóvel, permaneceu em silêncio, assistindo a tudo.

20/Mar/2002[377]

Seminário "A situação do índio no Estado do Ceará".

Promoção: Procuradoria da República no Ceará.

[A organização do Seminário era parte das estratégias do procurador responsável pelos direitos indígenas, João Carlos, para dar visibilidade à questão indígena na sociedade cearense e, particularmente, junto à Justiça].

A preparação anterior deixou muito a desejar. Em parte, porque João Carlos

[376] É assim que se passou a chamar o Curso de Magistério Indígena Tapeba, Pitaguary e Jenipapo-Kanindé (MITPJK), por economia de palavras e, mais que tudo, porque as etapas iniciais haviam se dado na área Tapeba, em Caucaia.

[377] *Agenda* 2002, n. 1, p. 25/junho a 16/julho.

educação indigena CC.indd 863 26/10/2015 11:44:17

apenas enviou ofício à UFC comunicando que neste dia haveria o Seminário, solicitando o apoio da UFC. Não ficaram claros os detalhamentos e responsabilidades da preparação. Sandra, me disse, foi contatada três dias antes, pela Pró-Reitoria de Extensão, que havia recebido o ofício desde dezembro. A greve da UFC foi, possivelmente, o fator mais decisivo na falta de um melhor encaminhamento do evento. Não obstante, um ônibus de Tapebas compareceu ao local e, para surpresa minha, Francisca Adelaide, da *Operação Tremembé*, veio ao Seminário. A presença de uma representante do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, também pode ser vista como termômetro da importância que o evento poderia ter tido, não estivesse visivelmente esvaziado da presença dos segmentos da comunidade universitária, público-alvo do debate, segundo as intenções de João Carlos.

O Procurador, que preside a mesa, iniciou os trabalhos "em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo", como o fez em outras ocasiões em que pude participar. Após uma breve e objetiva introdução, ele passa a palavra a mim, para que eu expusesse o meu tema, sobre o movimento indígena no Ceará. Antes, ele fez questão de frisar que todos poderiam se expressar ali, mas que iria evitar o bate-boca. [...]

[As cadeiras do auditório estariam vazias, não fosse a presença dos Tapeba, além de alguns poucos não índios: Francisca Adelaide, a representante do IPHAN, Ivo Sousa, da ANAÍ, Carolina e Valeska, alunas da Pedagogia, Isabelle Peixoto, professora do Departamento de Sociologia da UFC, Paulo Ramos, ator de TV radicado no Ceará, de quem eu me tornara amigo há pouco tempo, Rita de Cássia, do Iprede e Magalhães, da Funai, entre outros. Esse esvaziamento do Auditório Castelo Branco – aparentemente produto da falta de articulação de João Carlos e/ou da Pró-Reitoria de Extensão, responsáveis pela organização do evento – me aparece como algo que pulsa subterraneamente: de um lado, a questão indígena nunca conseguiu criar nenhum *frisson* na maioria dos que têm passado nesta Casa. De outro lado, para mim e Sandra Petit, para nós do projeto *Cuaba*[378], é um sinal de que – mesmo com

[378] *Cuaba* em tupi significa *saber*, *conhecimento*. Foi este o nome com o qual passou a se chamar o Projeto de Extensão de apoio aos cursos MIT e MITPJK, sob a coordenação de Sandra Petit.

educação indigena CC.indd 864 26/10/2015 11:44:17

limites – estamos dando nossa contribuição para dar visibilidade à questão indígena na UFC, embora muito inicialmente]. [...]

Enquanto fazia minha conferência, perguntava-me para quem estávamos falando ali. Para nós mesmos, representantes das instituições que atuam entre os índios? A presença dos Tapeba, com atenção resistente, serena, fatigada, me dava a sensação de que ainda temos muito que aprender com eles. Eles pareciam apenas nos *assistir*. [...]

Perguntei ao João Carlos qual a visibilidade que o Ministério Público queria para os povos indígenas [como já o havia questionado outras vezes, argumentando que ações como este Seminário extrapolam o papel do MP]. Ele respondeu dizendo que "na verdade, o Ministério Público quer os direitos dos índios respeitados". Diz que "no movimento indígena recente, a luta foi 'temos direitos'" e que acha que se deve mudar de estratégia: "reconhecer os índios como tais, para que, a partir daí, se efetivem seus direitos, como vimos fazendo, com as prefeituras, entidades e a própria UFC".

João Carlos avalia que fatos recentes, como a caravana de visitas que tem feito aos municípios onde existem populações indígenas, têm produzido resultados: representantes dos segmentos sociais destes municípios, que eram refratários à questão indígena, se mostram agora mais abertos. Cita como exemplo uma carta que recebeu de Poranga, em que "uma pessoa e sua família passaram a engrossar as fileiras do movimento indígena". "Nós sabemos de toda uma luta dos povos indígenas para se afirmarem. Mas sabemos também da luta do Império Português para extinguir os povos indígenas". Cita a Declaração da Câmara de Aquiraz: os índios, apesar de se vestirem como gente, de parecerem gente, não eram gente. Cita também outros fatos históricos, etnocidas, que sofreram os índios. Por conta disso, há dificuldade os índios de se afirmarem e de se serem reconhecidos pelos não índios. Enquanto Procurador, quer evitar ações judiciais. Por isso, a comunidade é chamada a debater. "Infelizmente, aqui não tem muita gente". Finaliza enfatizando que busca a "mudança de mentalidade" dos presentes.

[*A estratégia de João Carlos me parece ilustracionista, iluminista: dar visibilidade, tornar visível. Acredita – ingenuamente? – que se a população *ver* os povos indígenas, estes conseguirão maior poder de barganha em suas reivindicações. Atribui à esfera da *informação* o que parece ser uma competência e responsabilidade das instituições jurídicas. Num contexto em que o "imaginário" coletivo nacional e regional não favorece

educação indigena CC.indd 865 26/10/2015 11:44:17

ao reconhecimento dos povos indígenas e respeito aos seus direitos, a Justiça e o MP não deveriam contribuir de modo mais incisivo, corajoso, provocando, através de ações concretas, a sociedade a *rever* seus saberes e suas práticas acerca dos povos indígenas? Não é este o caminho apontado pela Constituição, que vincula e obriga a sociedade inteira à prática da tolerância, do respeito e da Justiça em relação a estes povos? Não deveriam os responsáveis pelo zelo da Lei, o cumprimento destes preceitos? João Carlos, então, em sua leitura particular de sociologia do Direito, desejando "mudar a estratégia", acaba por atribuir à sociedade genérica aquilo que é obrigação específica sua e de seus pares. Como bem o disseram Dourado e João Venança: o reconhecimento, vale dizer a visibilidade que o Procurador parece ensejar, é produto, antes do mais, do cumprimento da lei e do atendimento das justas reivindicações dos povos indígenas, sobretudo o direito aos territórios. Suas ações parecem intencionar, ao reunir "todos os segmentos sociais e entidades interessadas", a constituição de um pacto em torno da questão indígena. Ao invés do enfrentamento dos conflitos e do encaminhamento, em nível das ações jurídicas, prefere o diálogo como solução para os conflitos. Talvez por isso, ele tenha engavetado, como admitiu depois, uma denúncia dos Tapeba contra a Seduc. Parece ser mesmo esta a sua estratégia, quando frisou, ao iniciar o debate de hoje, que não ia admitir "conflitos" e nem "baixar o nível". E, embora viva dizendo que quer dialogar com todas as entidades e segmentos sociais interessados na questão, alguns destes não estão sendo convidados para participar dos eventos promovidos pelo MP. Noutro momento, privilegia a assessoria e interlocução de atores vinculados ao *bloco OT*, como o professor *Oliveira* e a própria secretária geral da Operação Tremembé].

22 de abril de 2002[379]

Reunião com Sandra Petit e Cláudia Robéria (bolsista do Projeto Cuaba).

[O objetivo da reunião era avaliarmos os acontecimentos recentes em torno da coordenação dos cursos MIT e MITPJK e os problemas surgidos na relação com Creusa, da Funai e Nildo, professor Tapeba]

[379] *Agenda* 2002, n. 1, p. 2-05/setembro.

educação indigena CC.indd 866 26/10/2015 11:44:17

Sandra inicia situando novamente a questão: tem-se sentido deslegitimada junto ao "Curso de Caucaia", pois não tem sido informada de eventos e ações que têm ocorrido. Outra questão desafiante é o financiamento dos cursos. Avalia que sua motivação, já que não é a remuneração, é o prazer de desenvolver as atividades junto ao Projeto Cuaba.

Informa também que, por telefone, conversou com Nildo. Ele disse que estaria indo ao Mato Grosso e a Brasília resolver outras questões e que iria aproveitar para conversar com Jean Paraízo.

> *[*A decisão tomada na reunião da Coordenação Geral dos Cursos, com representantes das etnias e dos parceiros, realizada em 13 de março passado, foi a de que uma comissão de representantes dos povos indígenas participantes dos cursos iria conversar com o coordenador da CGAEI. A Funai havia se comprometido em arranjar as passagens. A ida de Nildo, sozinho, e sem que Sandra fosse ao menos informada, era mais um sintoma da crise de comunicação que ele e Creusa, sobretudo, haviam criado dentro da coordenação dos cursos].*

Nildo informou a Sandra, ainda nesta conversa, sobre o Seminário *Ceará Terra da luz, Terra dos índios*, promovido por João Carlos, Procurador da República[380]. O evento iria acontecer no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, em Fortaleza, como parte das comemorações da Semana do Índio. Sandra lhe disse que não estava informada e que não havia sido convidada a participar. Nildo, então, sugeriu que ela se *inscrevesse* para participar, em suas próprias palavras, "para aprender mais sobre educação indígena".

Outra questão polêmica em relação a Nildo e Creusa é quanto à carga horária dos cursos. Sandra lembra que um dos encaminhamentos da última reunião da coordenação geral, realizada no CEC, foi que os participantes iriam estudar a legislação citada por Jean Paraízo, que agora estava exigindo que os cursos MIT e MITPJK tivessem 3.600h/a na etapa de Nível Médio, e não as

[380] Este seminário, organizado pelo Ministério Público em parceria com o IPHAN e a Funai, e com o apoio do Governo do Estado, da CNBB, da Operação Tremembé e do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, encerraria a série de outros seminários e reuniões que ele havia organizado como parte de sua estratégia de querer dar visibilidade aos povos indígenas no Ceará.

educação indigena CC.indd 867 26/10/2015 11:44:17

1.200h/aula previstas no projeto para esta etapa[381]. Nildo disse que, naquela reunião, os Tapeba já tinham decidido reformular o projeto para 3.600h/aula. Sandra o interpelou, lembrando que isso não foi objeto de discussão e decisão naquela reunião, até porque deveria ser discutido com os cursistas, lideranças e parceiros das etnias participantes do MITPJK. [...]

Por causa dos problemas de comunicação existentes, Sandra havia tentado marcar uma reunião de avaliação com a coordenação, parceiros, professores e lideranças indígenas ligadas ao MITPJK. Ela queria aproveitar a realização da etapa de aulas, nos próximos dias 26 a 29. Creusa, em conversa ao telefone, teria lhe dito seria ruim tirar um tempo das aulas para reunião de avaliação, por causa dos consultores de fora. Nildo havia apresentado o mesmo argumento para não querer a reunião. *[...].* Nildo e Creusa propuseram não se reunir com todos os cursistas, mas fazer uma reunião menor. Creusa, finalmente, concordou com a reunião de avaliação, mas somente após as 17 horas, no último dia de aulas, dia 29/abril. Nildo reafirmou que não era a favor da reunião no dia 29, sem uma reunião prévia com Sandra, "porque Sandra poderia dizer uma coisa e Creusa outra, e isso ficar ruim para os cursistas". *[*Dessa vez, usou os* cursistas *como escudo, talvez intentando evitar que os problemas fossem socializados e discutidos com o conjunto dos professores e lideranças das etnias parceiras do MITPJK, e, dessa forma, proteger-se dos inevitáveis desgastes de uma avaliação que, possivelmente, revelaria os permanentes problemas de comunicação e de centralização das decisões, demonstrados em sua atuação e de Creusa junto à coordenação do MITPJK].* [...]

[381] Os projetos enviados ao MEC, em sua primeira versão, traziam uma carga horária de 3.600h/aula de curso, sem explicitar se tratava de nível médio ou superior. Nossa intenção era realizar o curso já em nível superior, como pode ser percebido pela análise da proposta curricular. Sabíamos que a ideia poderia ser objeto de polêmica, por isso optamos por, num primeiro momento, omitir este dado. A carta enviada por Jean aprovava o projeto financeiro, mas com algumas ressalvas. Entre elas, pedia que fosse explicitado qual a titulação que os cursos dariam aos indígenas, o que nos obrigou a rever a proposta inicial de carga horária, dividindo-a em duas etapas, destinando 1.200h/aula ao nível médio e as outras 2.400h/aula ao nível superior. Desde então, Jean passou a se mostrar reticente em relação ao apoio financeiro da CGAEI aos cursos, exigindo que os cursos tivessem no mínimo as 3.600h/aula na etapa de nível médio, porém baseando-se na legislação que regulamenta o ensino médio público, não diferenciado, portanto.

educação indigena CC.indd 868 26/10/2015 11:44:18

29 de abril de 2002[382]

Encerramento das aulas de uma etapa do curso de MITPJK

Local: Pátio da Escola de Santo Antônio do Pitaguary. 17 horas.

Conforme ficou acertado, seria realizada uma reunião de avaliação da coordenação do curso, com a presença de Sandra e os outros membros da coordenação geral dos cursos MIT e MITPJK, por ocasião do encerramento das aulas.

Nildo, cumprindo as funções de cerimoniário, toma o microfone e convida a tomar lugar na mesa preparada para a solenidade. *[*Em todas as ocasiões em que pude presenciar, o encerramento das aulas do curso MITPJK repetiam este tipo de ritual, com a composição de uma mesa com representantes das etnias e das instituições e parceiros presentes.]*

A mesa é composta por Veibe (professor Tapeba), Madalena (professora Pitaguary), Eveline (professora Jenipapo-Kanindé), Dourado (liderança Tapeba), Nádia Gurgel (representante do COREN/CE[383]), Luís Otávio (consultor, da Funai/Brasília), Estér (da área de educação da Funai/Brasília), Sandra Petit e eu (que, por distração, acabei me sentando à mesa quando Nildo apenas havia registrado minha presença, classificando-me como "antropólogo e historiador").

A palavra é facultada aos membros da mesa, começando por mim, que saudei os presentes e, com brevidade, lembrei que minha presença e a de outros membros da coordenação geral, ali, tinha como objetivo contribuir na avaliação a ser feita.

Quando Sandra inicia sua fala, Nildo intervém lembrando que é só uma "palavra inicial". É a única pessoa a que ele lembra isso. Sandra, então, apenas pontua as questões. [...]

[382] *Agenda* 2002, n. 2, p. 01-07/Janeiro.

[383] Conselho Regional de Enfermagem/Ceará, que, a convite da coordenação local, tem participado, apoiando o curso MITPJK.

educação indigena CC.indd 869 26/10/2015 11:44:18

Após as falas dos presentes à mesa, Nildo convida todos a dançarem o torém e, logo em seguida, a jantarem, acabando por inviabilizar a avaliação desejada por Sandra, que o interpela sobre a continuação da "reunião". Ele desconversa, prometendo que a reunião continuaria após o jantar, argumentando que "os alunos estão com fome".

São 19h30, agora. Após jantarem, muitos dos cursistas tomam sua bagagem para ir embora. Questionada por Sandra, Creusa, evasivamente, justifica que "os alunos estão cansados". Sandra pede, então, o microfone para poder falar com a multidão dispersa entre o jantar, as despedidas e a partida de alguns. Creusa não somente desconsidera o pedido de Sandra como ainda a chama de "grossa", quando esta insiste em seu direito de comunicar-se com as pessoas. Dourado, que estava próximo e que a tudo assistiu foi quem, finalmente, tomou a defesa de Sandra e fez ligar a caixa de som, que já havia sido desligada. A fala de Sandra, carregada de sentimento, é contundente. Historiciza o conflito, embora não faça acusações nominais contra Creusa e Nildo e, ao final, anuncia sua renúncia à coordenação daquele curso, sustentando que "nunca fui tão desrespeitada em toda a minha vida". Reafirma, contudo, seu interesse e disposição de manter contato e intercâmbio com os cursistas.

Após a fala de Sandra, tomo a palavra em apoio à sua decisão. Avalio que sua renúncia é pessoal e que não implica em uma postura institucional da Faced, de abandonar o curso MITPJK. Mas, se eles ainda desejassem a participação da Faculdade, deveriam buscar outro professor da Instituição que aceitasse assumir o cargo de coordenador.

26 de maio de 2002

Conversa com Raimundinha Marques, em minha casa

Raimundinha veio a Fortaleza para um encontro, na sexta-feira, dia 24 de maio passado, sobre Parâmetros em Ação de Educação Escolar Indígena,

educação indigena CC.indd 870 26/10/2015 11:44:18

promovido pela Seduc[384]. Ela achou que o que foi proposto e apresentado, os Tremembé já fazem na prática: a pesquisa da história e da cultura do Grupo. [...]

Como proposta final, foi sugerido que fosse discutido na *comunidade* se esta queria participar do Programa Parâmetros em Ação de Educação Indígena. Receberiam um kit com materiais didáticos, se participassem.

Raimundinha diz que não entendeu direito o que *eles* querem. Fica "meio assim". Mas, ao mesmo tempo, reconhece a importância de obter novas informações.

Sobre a palavra *parâmetros*, Raimundinha diz que entendeu que se trata "do nosso jeito, do que a gente já faz, do modo de dar as aulas, a nossa cultura".

Sobre a Reunião da comunidade tremembé com Dina, do CREDE-Acaraú

[Há tempos, o CREDE e a Seduc questionavam a atividade de coordenador pedagógico desenvolvida por Zé Valdir junto às escolas tremembés, pois o Convênio previa somente o pagamento de professores em sala de aula. Zé Valdir, além de não estar em sala, recebia o pagamento equivalente a 200h/aula mensais. Mas a agudização das pressões se deu depois que Dina e Maria Neri foram "aprovadas" em um "concurso" realizado pela Seduc, para preenchimento das vagas de coordenador pedagógico das escolas Tremembés].

Raimundinha diz que a reunião, realizada no Saquinho, "foi pra discutir se Zé Valdir ficava como coordenador, se ficava com as 200 horas, se ele ia dividir com as meninas [as outras professoras], se ele ia sair da coordenação, porque ele não estava em sala de sala. Tinha a possibilidade de ele não receber mais como coordenador, porque não estava em sala de aula."

"Essa história começou lá no CREDE *[*refere-se à reunião do dia 10/maio passado]*. A gente não sabia que estava acontecendo isso".

[384] Trata-se de um projeto do MEC, cujo objetivo é o desenvolvimento dos conteúdos dos Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Indígena – PCNEI, junto aos professores indígenas de todo o País.

educação indigena CC.indd 871 26/10/2015 11:44:18

"Elas foram [à reunião no Saquinho], eles conversaram. Tinha professor da Varjota, tinha liderança, tinha a Neide da Praia. A gente não concordava em que ele saísse. Que ele ficasse como coordenador. Elas diziam que na lei [no Convênio] não tinha isso, de coordenador. Mas Zé Valdir disse que leu também, que dizia que a comunidade podia fazer a lei. Quando se trata de um Povo, nós somos diferentes. A nossa maneira de trabalhar é diferente. A gente não vai abrir mão do que fez. Então, mesmo que não aceitem, ele vai ficar como coordenador, mesmo assim, se fica sem receber, até a gente buscar informação, até saber como fazer para pagar ele. Ele fica lá. Só sai se quiser e a gente arranjar outra pessoa."

"Elas acham que como tem elas duas lá [Dina e Maria Neri], é suficiente. A gente acha que não é o suficiente". "Mas não é só isso. A gente tem uma maneira de trabalhar. Quando uma coisa acontece em nossa comunidade, a gente tem o nosso jeito de resolver. A gente não quer que elas se envolvam no nosso jeito".

"O resultado da reunião foi que elas iam levar a nossa decisão ao CREDE--Acaraú pra resolver por lá. Ela [Dina] perguntou baseado em que a gente tomava essa decisão. A gente disse que tava na lei, em se tratando de índio era outro jeito e que a gente não abria mão, que a gente estava querendo uma coisa que a gente tinha direito, era nossa, era justa".

[Pergunto em que ajuda e em que atrapalha a presença de Dina e Marta]

"Acho que ajuda um pouco, porque estão vindo a cada mês, e a gente não tem que ir lá [em Acaraú]. Ajuda um pouco, não tudo, porque a gente ainda tem que ir lá. O que atrapalha, e é culpa nossa, é que o jeito como elas entraram, a gente não sabia direito e aceitou. Até porque elas não disseram que iam ser coordenadoras, mas que iam nos ajudar, que iam ajudar a nossa causa. Elas, com certeza, em momento nenhum deixaram claro o que iam fazer lá [nas escolas], que era ser coordenadoras. Disseram que iam a ajudar a fazer planejamento, a Maria Neri; e a Dina, por exemplo, disse que quando fosse faltar merenda, ela ia olhar. Em nenhum momento elas disseram que estavam indo lá como coordenadoras. Em momento nenhum elas disseram que tinha havido um concurso. Ninguém comunicou sobre o concurso, nenhuma delas".[385]

[385] Este concurso foi realizado sem nenhuma consulta formal ou informação aos Tremembé e sem respeitar o processo e a forma atual de sua organização escolar. Comenta-se que se tratava de um jogo de cartas marcadas.

educação indigena CC.indd 872 26/10/2015 11:44:18

[O que acha de ter havido um concurso, sem que tenha havido comunicação aos tremembés?]

"Como nós somos um povo diferente, a nossa presença incomoda, eles ter que aturar a gente. Se a gente tivesse sabido antes que ia haver esse concurso a gente tinha agido melhor. A gente sabia que ia acontecer. Mas a gente, se tivesse sido comunicado, tinha mandado um, dois, três ou quatro para ir discutir. Se a gente tivesse tido a informação, a gente tinha agido diferente".

[Se é justo o Estado, neste caso a Seduc/CREDE, tomar essa postura?]

"Eles continuam atropelando a gente, depois chegam e dizem, é *isto* e *isto*. Eles fazem as coisas do jeito deles porque a gente não tem informação, porque está em sala de aula".

[O que já está sendo feito para resolver isso?]

"Acho que a gente deve ter mais gente nossa informado sobre educação. Tendo mais gente nossa, fica mais fácil. Quem tá na Seduc não é índio. Deveria ter uma pessoa nossa".

Sobre a reunião com Zé Valdir, dia 10 de maio:

"Ele disse que elas disseram que não queriam mais ele como coordenador, mas que desse aula. Queriam que ele decidisse naquele dia mesmo, mas ele disse que não podiam decidir sozinho, mas com a comunidade. Porque foi muita luta que a gente construiu junto. Ele disse que assim como a comunidade tinha decidido que ele fosse coordenador, a comunidade tinha que decidir também se ele ia sair. Foi uma pressão muito grande sobre o Zé Valdir. Elas aproveitaram o dia do pagamento dos professores, chamaram ele sozinho, as quatro, numa sala trancada, fazendo pressão, não chamaram os outros professores, nenhuma liderança".

[O que acha dessa postura?]

"Eles estão sendo mandados por alguém que está mais alto do que eles; eles estão lá pra cumprir. Eles não estão nem aí se vai prejudicar os Tremembé. Eles cumprem o papel que acham que estão atendendo direito". "A partir do momento que eles são mandados, passam por cima da gente. Se tivessem

educação indigena CC.indd 873 26/10/2015 11:44:19

um laço de amizade, conversariam de verdade com a gente. Eles ficam com a cabeça muito cheia, confusa, e não respeitam a gente".

"Elas disseram que era possível então que Zé Valdir não recebesse mais como coordenador. Mesmo assim, sem receber, nós vamos fazer questão que ele fique. Por outro lado, elas mesmas sugeriram, no passado, que tivesse uma pessoa da gente. Como é que agora elas querem tirar o que é da gente?"

"Acho que elas querem tirar o Zé Valdir por que é a pessoa que vai lá, que fica ligando perguntando se chegou dinheiro, se o pagamento foi correto. É uma maneira que facilitou mais. Elas querem se acomodar e fazer do jeito delas".

[O que vão fazer, além de não aceitar?]

"A gente ligou pra Karla, ela nos deu a informação. A gente vai abrir a boca, caso elas venham com a história do Zé Valdir não ganhar mais, escrever cartas, falar mesmo".

Sobre a reunião com Fernando, fevereiro/2002:

[As insatisfações com Fernando, professor da Tapera, foram se avolumando desde há algum tempo, mas sobretudo depois que ele assinou a carta enviada à Funai/Brasília com acusações aos parceiros do curso MIT e, dessa forma, contribuindo com os que queriam desqualificar o curso].

"Ele foi pra reunião, chegou lá todo de óculos escuros, ficou no canto dele. Primeiro foi o Zé Valdir que falou que havia boatos, que eles estava contra a gente. Perguntou por que ele estava do outro lado, se desligando da gente, fazendo o curso de computação e só depois é que a gente ficou sabendo. O Zé Valdir explicou quem indicou ele, que foi um dia em que ligaram de Brasília dizendo que a passagem já estava comprada e que estava já tudo pronto; depois, teve curso no Acaraú e ele fez e não comunicou a ninguém. Aí o Fernando disse que tinha errado, que tinha perdido uma semana do curso de magistério, por isso ele foi fazer o outro. O Neném [João Venança] perguntou por que ele assinou uma carta que era contra o povo dele. Antes, o Fernando disse umas coisas que a Seduc tinha feito lá e que ninguém reconhecia. O Neném disse que a gente entendia sim, que não era abestado, mas que perguntava também onde tinha feito e deixado de fazer. Disse ainda que se ele quisesse caminhar

educação indigena CC.indd 874 26/10/2015 11:44:19

com a comunidade, tava de braços abertos, mas senão, que ficasse afastado. E aí tiraram ele do curso de computação. Ele só disse que se o povo não queria, o povo sabia, se tinha perdido a confiança, o que se há de fazer? Ele acatou".

"Na reunião de sexta-feira [sobre os Parâmetros em Ação], ele *tava*".

"Ele continua dando aula na Tapera. Ouvi dizer que ele também tá dando aula na Batedeira. Lá é pelo município".

"O que foi feito com Fernando ajuda a crescer, porque é um passo pra resolver as coisas da nossa forma, botando as cartas na mesa, jogando direitinho, de acordo com o problema e a pessoa."

[Quais as reações das lideranças da Tapera e de outras localidades presentes?]

"*Seu* Estevão, que estava lá, disse que uma pessoa que tinha feito aquilo precisava realmente dar um tempo, afastado, pra ver se se *curava*. Que podia ser com ele ou com qualquer um de nós". [...]

"Em nenhum momento ninguém reagiu contra. Se não me engano fizeram uma ata da reunião. Em nenhum momento discordaram, e tinha muita gente, do Neném e do Zé Valdir. Acho que ele nem fala com o Neném. O Neném disse que não tinha nada contra a pessoa dele, mas contra as decisões que ele tinha tomado".

"Isso ajuda a fortalecer a comunidade. No momento que a comunidade se junta, que considera os problemas, isso fortalece cem por cento. Naquele momento, não é a Praia que tá vivendo, mas todo mundo, o Panan, o Saquinho. Porque tava todo mundo sentindo. Ele participava da noite cultural [do curso] e, no dia seguinte, saía falando mal. Tava todo mundo sentindo. E isso ia continuar, se não tomasse uma decisão".

Sobre a reunião com a Seduc, em fevereiro passado:

[Esta reunião foi realizada na Varjota, com a presença dos técnicos da Seduc, e tinha como objetivo discutir o apoio concreto da Seduc ao curso MIT].

"O pessoal do Capim-Açu [que não participa do curso MIT, mas do organizado pela Seduc] *tava* presente. Se sentiram ofendidos. Só falamos nós

educação indigena CC.indd 875 26/10/2015 11:44:19

quatro: eu, Neném, Silas e a Karla. O pessoal se sentiu ofendido por que são contra a gente, fazem o outro curso, falam mal da gente. Eles acham que nós tava ressentido, e nós tava mesmo, mas eles acham que era sem razão, como se a Seduc tivesse sempre agido certinho com a gente. Eles não falaram, ficaram na deles. A gente olhava e sentia que eles não gostavam. Eles foram convidados pelo povo do CREDE, da Seduc, que ia haver uma reunião com todos os professores. Eles queriam uma reunião só com os professores, mas a gente chamou todo mundo, porque a gente queria ter mais segurança, e pra mostrar que a gente não decide as coisas sozinho, que as lideranças respeitam as nossas decisões e nós respeitamos as decisões eles. A gente achou que era bom que eles verem isso".

"A reunião era pra discutir, pra explicar esse negócio do curso, que não tinha nenhuma diferença entre o curso que eles faziam lá e o nosso, e pra dizer mais uma vez que a universidade nunca tinha convidado eles a nenhuma reunião, isso que você já sabe, que eles alegam, o de sempre. Que a gente tinha querido dividir o povo".

"Primeiro eu disse que em momento nenhum a gente tinha querido dividir. Agora eles em momento nenhum apoiam a gente. A Maria [Bianchi, diretora do CREDE-Acaraú] e uma outra loura lá, que eu não lembro, disse, quando a gente convidou, que não tinham nenhum compromisso com o nosso curso. Eu disse que não queria dividir, mas que as coisas foram por esse lado porque uma pessoa que deveria apoiar a gente jogou uma coisa dessas na nossa cara. Por isso a gente procurou outras parcerias. A gente queria gente pra ajudar e não pra atrapalhar. Eu disse que achava uma cachorrada o que haviam feito com a gente, que a gente esperava há quatro anos esse magistério, que sabia que havia recurso, que ficamos esperando, que não foi feito nada. Só depois é que a gente decidiu fazer alguma coisa. E ainda ficavam dizendo que o nosso curso não tinha valia".

"Quando eu terminei de falar, disseram que tinha se sentido muito ofendida. A Suely disse que não tinha vindo de tão longe pra ser maltratada daquele jeito, que tinha vindo pra resolver os conflitos, dizendo com aquelas palavras lá, desse povo que quer se mostrar muito educado. Aí o Neném falou que em nenhum momento as minhas palavras tinham ofendido elas. Mas que o nosso

educação indigena CC.indd 876 26/10/2015 11:44:19

tom de voz era aquele mesmo. Que a gente já tinha passado por muita coisa e que quem tinha sido ofendido era nós. Disse que o jeito da gente trabalhar era esse, que a gente não sabia falar baixo dentro de cumbuca, que tinha uma força dada pela própria natureza e que quem quisesse trabalhar com a gente tinha que compreender a gente, que o nosso pique era aquele, dando sentido de que quem não topasse caísse fora".

"Aí elas foram pegando a bolsa e dizendo que se a reunião fosse dando naquilo, iam embora. Aí a Karla disse que não era assim, que não era só dizer o que pensavam e se sentir ofendida ouvindo não, que se acalmassem e procurassem se entender. Aí foram se acalmando mais e começaram a falar sobre a cartilha [Tremembé, recém-publicada]".

"A reunião terminou assim, meio fria, sem sal, sem gosto. Falaram sobre a cartilha, que já estava sendo distribuída nas áreas, que a gente pensasse no lançamento. Deram boa-noite e foram embora. O pessoal do Capim-Açu não disse nada". [...]

11 de julho de 2002.

Visita aos professores Tremembé presentes ao "mês de aulas" com os Tapeba, Pitaguary e Jenipapo-Kanindé

Local: Neuza's Buffet – Fortaleza/CE.

[O "mês de aulas" era uma etapa intensiva do curso de MITPJK, correspondendo a uma carga horária de aproximadamente 240h/aula, organizado pela coordenação do curso e, particularmente, a Funai. Os professores Tremembés aceitaram o convite para participar do evento, entre outros objetivos, ensejando fortalecer suas relações com os professores das outras etnias. Quanto às disciplinas a serem desenvolvidas, até o último momento da preparação anterior, ainda não tinham certeza de quais seriam ministradas e quem seriam os consultores. Esperavam estudar Língua Portuguesa, Matemática, História e Antropologia Tremembé e Organização e Gestão Escolar. Pela primeira vez, a Seduc se propôs a apoiar efetivamente o curso, disponibilizando recursos para a alimentação, a locação do espaço e transporte. Isto só foi possível graças

educação indigena CC.indd 877 26/10/2015 11:44:19

à intervenção do presidente do CEC, Marcondes Rosa que, há tempos, vinha tentando sensibilizar os responsáveis da Seduc, sobretudo o subsecretário Jayme Cavalcante, para que reconhecessem e apoiassem a iniciativa dos povos indígenas e seus parceiros. A escolha do local para a realização das aulas, um *Buffet* conhecido de Fortaleza, parece ter se dado, entre outras conveniências, pelo fato de a Seduc já ter se servido em muitas outras ocasiões do espaço].

Havíamos combinado, eu, Sandra Petit e Cláudia Robéria, bolsista do Projeto, ir ao encontro dos Tremembé para apresentar a versão final do projeto do curso de MIT enviado à Seduc, bem como conversar sobre uma reunião prevista para o próximo dia 17, com uma equipe da Secretaria. *[A revisão do Projeto e esta reunião eram parte das negociações com os técnicos da Seduc responsáveis pela Educação Indígena que, mesmo ainda com muitas resistências, sinalizava reconhecer e apoiar o curso. Na prática, porém, este reconhecimento e apoio estavam condicionados a modificações a serem introduzidas no Projeto, sugeridas pelas técnicas, em relação à carga horária e disciplinas, entre outros elementos da proposta elaborada ao longo de um rico e participativo processo pelos Tremembés e seus parceiros].*

Cheguei um pouco antes. O ambiente é paradisíaco: imensos jardins, muito verdes e bem cuidados, piscina, áreas de lazer, tudo incluído em um quarteirão inteiro.

Zé Valdir foi o primeiro a me avistar e a vir ao meu encontro, de calção azul, desses de time de futebol, a camiseta sobre o ombro, exibindo ao pescoço um terço feito de pequenos quadrados de madeira clara.

Entramos em cheio na conversa sobre as atividades que estavam sendo desenvolvidas ali. As disciplinas previstas, mais uma vez, tinham sofrido mudança. A que mais estranhei, desde que soube, e que não é propriamente uma disciplina, é o que ele chamava de "uma semana de COREN". Sim, uma semana, com técnicos do Conselho Regional de Enfermagem. O COREN tem estado presente, apoiando o curso MITPJK.

Observo ao Zé Valdir a importância de obterem declarações de participação em todas disciplinas que eles fizerem neste mês, junto com as outras etnias. Sugiro que busquem estas declarações ainda nestes dias, enquanto os consultores estão com eles, antes que viajem. Junto com as declarações, anexar o programa da disciplina desenvolvidas, com os conteúdos.

educação indigena CC.indd 878 26/10/2015 11:44:20

Raimundinha vem ao meu encontro. Eu havia avistado Nildo e outros professores do "curso de Caucaia". De longe, percebi que me viram. Os gestos permaneceram contidos, quase frios. Fui ao encontro deles e os saudei. Depois, fui ao encontro dos professores Tremembé, que se encontravam espalhados nas mesas sob o grande *deck* ao lado piscina, saudando-os um a um, uma a uma. Alguns diziam "finalmente, você apareceu", mas reagiam como se eu não tivesse passado alguns meses sem participar das etapas do MIT realizadas na área Tremembé [entre outras razões, por estar envolvido com os afazeres da tese, a construção de uma casa e o nascimento do meu filho].

Sentia ainda algum incômodo ao pensar na relação com os professores do outro curso. Perguntava-me se a minha relação com eles teria sido realmente abalada com os conflitos que desaguaram na renúncia de Sandra da coordenação do curso. Mas a saudação e o abraço caloroso – como nunca antes – de Sinhá, professora Tapeba, me serviram de bálsamo, desanuviando as tensões. Muitos outros professores também me receberam com cordialidade. Eveline e Glaubiana, da coordenação, poderiam ter sido mais afetivas, como sempre foram. Mas compreendo que sobre elas e os outros da equipe devam se voltar as avaliações mais negativas – e as mais antigas – de Creusa (Funai) sobre a presença de Sandra e, quiçá, também sobre a minha presença, por causa das minhas relações com Sandra.

Os Tremembé, quase unanimemente, se queixavam da metodologia do professor de Língua Portuguesa, que havia pedido que fizessem um *livro*, individualmente. *[Pareciam incomodados com o esforço a ser despendido e com a metodologia proposta pelo professor]*. Disseram ter argumentado em favor de fazerem em dupla, mas não foram atendidos. Raimundinha parecia a mais insatisfeita com as aulas, e não somente por causa da metodologia.

A presença das crianças, divertindo-se enquanto suas mães trabalhavam, davam a impressão de que se estava em uma *colônia de férias*. Encontrei Marta Chiara, minha afilhada, filha de Raimundinha, Samires, sua irmã, Antoniel e Antoneide, filhos de Aurineide, que trazia sua bebê mais nova aos braços. Neta também me disse que trouxera seu filho, de três meses. Claudevanda trouxe Davino e Joaninha. [...]

educação indigena CC.indd 879 26/10/2015 11:44:20

Algum tempo após o almoço, e com a chegada de Sandra e Cláudia, nos reunimos.

Zé Valdir, como sempre, toma a palavra, faz a abertura da reunião, sugere pauta. Levanta uma questão, como uma bomba: "Creusa disse que a Universidade não é mais a proponente do nosso projeto. É verdade?". [...] Tomo a palavra e classifico a informação como boato. Reafirmo que a Universidade se mantém como proponente. Esclareço que uma mudança de postura teria que passar pelo Conselho Departamental da Faculdade e pelo Colegiado. [...] *[A postura de Creusa, confundindo os Tremembé, talvez objetivasse fortalecer o arranjo institucional induzido por ela após a renúncia de Sandra da coordenação do MITPJK: a criação da APROINT – Associação dos Professores Indígenas Tapeba?*[386]*. Por isso, provavelmente, ela teria dito também que os tremembé deveriam criar sua própria associação de professores].*

Soraia, presente à reunião, informa sobre uma portaria emitida pelo diretor da Faced, indicando Adélia Pinto para acompanhar o "curso de Caucaia". Fiquei surpreso com o grau de intervenção dele na questão. *[Nos últimos tempos, diante dos impasses na relação com a Seduc/CGAEI/MEC e da crise com a Funai (Creusa), Pierre Blanche tem feito algumas intervenções, utilizando-se da função de diretor da Faced, as quais, infeliz e equivocadamente, acabam desautorizando Sandra das suas funções enquanto coordenadora do curso de MIT].*

Eis o texto da portaria, na íntegra:

> *Portaria n. 11/02, de 26 de junho de 2002. O diretor da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, no uso de suas atribuições legais e estatutárias, resolve: Indicar as professoras Sandra Haydée Petit e Adélia Pinto para prestarem assessoria, representando a Faced/UFC, respectivamente nos cursos Magistério Indígena Tremembé e Magistério Indígena*

[386] A criação desta Associação, com o apoio decisivo de Creusa/Funai, entre outros objetivos imediatos, visava suprir a necessidade de que uma outra entidade jurídica assumisse formalmente a responsabilidade do Projeto de Curso do MITPJK, após a renúncia de Sandra, que deixou um vácuo momentâneo da presença formal da Faced naquele projeto.

educação indigena CC.indd 880 26/10/2015 11:44:20

Pitaguary, Jenipapo-Kanindé e Tapeba, acompanhando a elaboração, implementação e desenvolvimento dos projetos, cabendo à Seduc a aprovação dos cursos e certificação dos concludentes. Certifique-se, publique-se e cumpra-se. Piérre Blanche. Diretor.

Chama-me atenção o verbo *indicar*, que diz bem sobre o poder que, no máximo, Piérre pode dispor, e do equívoco que é a tentativa de definir competências da Seduc que, por força da lei, são do Conselho de Educação.

Zé Valdir apresenta um convite enviado pela equipe da Seduc para participarem de algumas reuniões com o objetivo de implementar a Comissão Interinstitucional de Educação Indígena. Estranha os três dias consecutivos propostos de reuniões e a solicitação explícita da presença somente dos índios nos primeiros dias, além da coincidência com os dias e horários das aulas deste mês. [...]

Zé Valdir [...] faz ressalvas à participação nessas reuniões, recordando que, em recentes reuniões a que foram convocados, tiveram que desembolsar o dinheiro das passagens, pois a Seduc não os quis ressarcir, alegando falta de recursos.

A reunião é encerrada, já pelas 14h20, para a retomada das atividades didáticas da tarde. Ficou acertado que Neide, professora Tremembé, entraria em contato com Sandra informando uma proposta de data para o grupo se reunir novamente. Desta vez, para discutir o projeto enviado à Seduc, pois Sandra havia trazido uma cópia deste projeto e esperava conversar sobre ele nesta reunião, o que não ocorreu. Ela informou que havia entregado, pessoalmente, o projeto nas mãos dos técnicos da Seduc, além de ter deixado outra cópia, no Protocolo da Seduc. [...]

educação indigena CC.indd 881 26/10/2015 11:44:20

14 de julho de 2002, domingo, 9 horas[387]

Visita aos professores Tremembés no Neuza's Buffet.

Raimundinha me liga, preocupada com os desmaios de vários dos professores Tremembés, "um atrás do outro". Começou com Lucélia, que já estava com a saúde fragilizada, uma "moleza nas pernas". Piorou quando foram relocados para a Casa de José de Alencar (porque iria haver uma festa no Neuza's Buffet, onde estavam hospedados).

Raimundinha diz que sentiu logo que chegou no portão da casa. "Há alguma coisa, alguém que tá acompanhando a gente. Muita gente sentiu". Diz que um tem tentado dar força ao outro. Reconhece, porém, que "não temos muita experiência". Ela e Evandro têm tentado socorrer os que vão desmaiando, mas sente as forças fraquejarem. "Precisamos de um pajé", diz. Fala que pediram a Creusa que fosse buscar um pajé. Mas ela recusou alegando a distância, mesmo tendo acompanhado o fenômeno desde as primeiras manifestações.

Analiso que podem ser manifestações de inadequação ao local.[388]

Logo à entrada, ouço o canto da roda de torém, com destaque para as vozes de Zé Valdir e Raimundinha. Sob o grande *deck* próximo à piscina, eles dançam com uma intensidade maior do que a me que acostumei a presenciar. Eu havia sugerido a Raimundinha que se cercassem das suas referências culturais, sobretudo do Torém, para enfrentarem a situação desconfortante.

Na mesa sob a mangueira, Dadinha, Conceição, Neta, Lucélia, Júnior e Naldinho fazem companhia a Janete, completamente tomada ainda pelo fenômeno. Seus olhos estão inchados, resultado do *mix* do brilho das lágrimas

[387] *Agenda* 2002, n. 2, p. 9/2-11/2.
[388] Encerram-se as anotações da Agenda.

educação indigena CC.indd 882 26/10/2015 11:44:20

com o torpor da insônia e o pânico da visão de "uma pessoa". Inerte na cadeira, não fala. Às vezes, reage quando alguém lhe faz perguntas, meneando a cabeça. Noutras, deságua a chorar copiosamente. Recusa-se a ir a qualquer outro lugar. Não quer comer, nem beber.

Relatam que tudo começou quando adentraram no portão da Casa de José de Alencar[389]. Mas tive impressão que esta é uma leitura tardia, produto da interpretação do fenômeno, buscando sua origem em um tempo mítico, do tipo "era uma vez". Reforçam essa minha impressão quando dizem que "era meio-dia, quando começou". Estavam lá desde o início da manhã, desenvolvendo atividades didáticas.

Parecem ter sido os desmaios de Lucélia o que deflagrou a sucessão dos outros. Pois assim teria sido sua reação a uma injeção que tomara, há pouco, para tratar da fraqueza das pernas. Dadinha, Conceição, Sesinha, Vicente, Vilani, Cristina, Jacinta, Raimundinha e Zé Valdir, inclusive, entre outros, apresentaram sintomas de desmaio. Raimundinha teria desmaiado por três vezes.

Todos eles falavam de haver "sentido algo". Esta "sensação" era marcada por um "não sentir o corpo", ou, de outro modo, "sentir um frio muito grande" e "o corpo todo arrepiado". Alguns relatam ter visto um homem aleijado no local da antiga senzala da Casa, e que, com acenos de mão, chamava o vidente ao local em que estava. "Ele tava todo de branco", dizem. As reações foram do "apenas senti", de Gilsa, aos desfalecimentos múltiplos de Raimundinha, radicalizando-se no transe ainda permanente, 24 horas depois, em Janete.

Durante o resto do sábado, não sossegaram. A noite foi às claras. "Ninguém dormiu", diz Zé Valdir. "E a luz do quarto ainda tava queimada", lembra.

Pela manhã, tomava corpo uma *decisão*: ficar ou ir embora. Alguns, já decididos, arrumavam a bagagem. Outros queriam que a decisão fosse para todo o grupo.

[389] Local de nascimento do famoso romancista indianista cearense, sua casa tornou-se um centro cultural que acolhe a realização de atividades e eventos diversos. A proximidade do Neuza's Buffet tornava o local muito conveniente para o desenvolvimento de algumas atividades do "mês de aulas" do MITPJK.

educação indigena CC.indd 883 26/10/2015 11:44:21

Acho que Raimundinha me ligou porque, talvez, desejava que eu desse uma força ao grupo, "para não fracassarem", como disse.

Manifestei minhas opiniões sobre o ocorrido. Vali-me da "identidade" de antropólogo em meus comentários, intentando compartilhar com eles o exercício de produzir algum *sentido* para o fenômeno, analisando-o e, dessa forma, buscando fortalecê-los ante os seus efeitos desestruturadores.

Analisei que os desmaios e a visão de seres do *outro mundo* tinham alguns significados. Antes de tudo, deveriam ser vistos como um dos elementos constitutivos da "identidade" Tremembé atual, como modo de reagir *naturalmente* a certas situações específicas. Do ponto de vista pedagógico, considerei a importância da experiência, sugerindo aprofundá-la para aprenderem a tratar com situações desestruturadoras. Avaliei o impacto que pode ter ocorrido, em *nível simbólico*, o encontro deles, indígenas de hoje, com a *Casa de José de Alencar*, isto é, com as *representações* criadas por ele, que forjou a imagem de índio romântico e idealizado, presente no imaginário da população regional, e que tem servido muitas vezes de argumento para *deslegitimá*-los. Assim, os desmaios e as visões poderiam expressar a *fuga* como efeito e *estratégia*, a um só tempo, desse enfrentamento. Sobre a repetição do fenômeno "de um para o outro", opinei que se tratava de uma reação previsível em grupos como o deles, que compartilham das mesmas crenças, da mesma *cultura*, de relações sociais marcadas pela *solidariedade de bando*.

Aos poucos, todavia, fui sendo informado de outros elementos que pareciam muito mais evidentes e decisivos no fenômeno, e que manifestavam a leitura deles próprios, muito mais simples, convincente, lógica e próxima dos fatos. Alguns dentre os mais atingidos pelo fenômeno, como Janete, e que estavam decididos a irem embora, nunca haviam estado em Fortaleza. Janete tinha mais um agravo: estava adoentada. Após uma semana de atividades intensas, eles estavam cansados e saudosos de casa. Sentiam-se muito distantes da família. Manifestavam preocupação com a saúde das pessoas de casa, sobretudo dos pais.

A relação deles com os pais me pareceu muito mais estreita do que nunca, quase beirando ao que grosseiramente se denomina de "dependência afetiva". Até quanto pude observar do cotidiano deles nas localidades, aparentavam possuir mais autonomia.

educação indigena CC.indd 884 26/10/2015 11:44:21

Vitória, professora Pitaguary, da coordenação do MITPJK, também expressava inquietação profunda por não ver os pais "há duas semanas", envolvida com os preparativos deste mês de aulas. Estava com os nervos à flor da pele. Repetiu inúmeras vezes aos que estavam ao meu lado, que precisava de uma resposta, se iriam ou não ficar para as aulas, pois precisava desmarcar com os consultores, caso fossem embora. Dizia que não queria "jogar na cara de vocês, mas faz duas semanas que não vejo meu pai, duas semanas". Ao final, não conteve o choro.

Na avaliação de Zé Valdir, a causa da "comoção" (foi esse o termo usado por ele) era a saudade de casa, dos parentes ou da namorada, citando o caso de Júnior, que "todo o dia via a namorada" e que "não tá aguentando a distância".

Conceição estava preocupada com a saúde dos pais. Dadinha, que sempre me pareceu muito reflexiva, serena e disciplinada, era uma das que falavam em ir embora. Provavelmente, por causa da saudade da sua filhinha de dois anos, da qual ela nunca se distanciou tanto fisicamente, nem por tanto tempo.

"Um teve a comoção, aí se espalhou pelos outros; é isso aí!", constata Zé Valdir.

Quando estive lá, na quinta-feira, eles já haviam me confidenciado suas insatisfações e inadequações. Seus questionamentos atingiam objetos variados: a metodologia do professor de Língua Portuguesa, o local, a falta de informações da coordenação do evento, a imposição de aulas aos sábados e domingos, as atividades desenvolvidas em separado das outras etnias, a alimentação inadequada para uma grande parte do grupo, e ainda, a ausência de lideranças e dos amigos como eu, Karla e Ivo.

Uma reação se afigurava. Cheguei a imaginar que eles utilizariam uma reunião com a coordenação do evento como dispositivo para dar vazão aos sentimentos de *inadequação* e, quiçá, conquistar uma situação mais favorável. Enganei-me. O caminho feito foi o da *contestação em nível simbólico*. Conseguiram legitimar, de forma irresistível e inquestionável, sua insatisfação e abandono do curso, minimizando possíveis desgastes políticos com seus anfitriões. Alimentada pelas insatisfações e inadequações, a nostalgia e, até a debilidade física, a reação teve como dispositivo catalisador o enfrentamento, em nível simbólico, da subjetivação indígena alencarina.

educação indigena CC.indd 885 26/10/2015 11:44:21

Júnior, Lucélia e Vicente entre outros, decidiram tomar a *topic* e ir para casa. Janete foi, literalmente, levada nos braços. Chegou a esboçar uma forte reação, tentando livrar-se de Zé Valdir e outro que a seguravam, tornando mais dramática sua partida. Reforçava, com o gesto incontido, o argumento em favor de sua ida.

Depois do Torém, Raimundinha, Zé Valdir e os demais pareciam mais reconfortados. Raimundinha avaliava seu estado, dizendo sentir-se muito melhor. Sugeria aos que não haviam dançado por receio de agravar-se ainda mais a suscetibilidade, que era preciso "dançar se deixando levar, sem querer controlar", como remédio ao desconforto do fenômeno.

Zé Valdir ponderava pela permanência do grupo. Achava que ninguém devia ir embora. Acreditava que o que haviam sentido ia passar e que conseguiriam se recompor. "Se tentar um dia e repetir, mais outro dia e repetir, aí a gente pega o ônibus e vai tudo embora".

Fiquei surpreso com o grau de autonomia dos que decidiram partir. Sempre achei que Zé Valdir, por falar muito e *puxar* as decisões do grupo de professores, exercia grande influência nas ações destes. Qual foi a minha surpresa com a partida daqueles que nem ao menos tentaram argumentar ou justificar-se perante Zé Valdir! Simplesmente arrumaram sua bagagem e partiram. Pareciam revestidos de um poder "do outro mundo", intocável, inquestionável. Pareciam exercer um direito absolutamente seu e sobre o qual nem o grupo, nem qualquer liderança efetivamente podiam nada, a não ser respeitar. Revelavam assim um dispositivo clássico, ainda muito eficiente nos tempos atuais, de utilizar-se das *coisas do outro mundo* para *demarcar* aquilo que, *neste* mundo, deve ser *inexoravelmente* acatado.

26 de setembro de 2002

Algumas notícias recentes, ao encerrar a *digitalização* deste diário:

- Conforme fui informado por João Venança em conversa na semana passada, Chico Lagoa, prefeito de Itarema, comprou o terreno pretendido pela

educação indigena CC.indd 886 26/10/2015 11:44:21

comunidade da Praia para a construção da escola. Conquista inédita, que parece sinalizar um avanço na relação Tremembés-poder público local, mais especificamente, Tremembés-Chico Lagoa. Antes, há uns dois meses, ele já havia prometido a Raimundinha que iria colocar energia elétrica na Escola Maria Venância.

- Os Tremembé ganharam no STJ uma questão jurídica que se arrastava, há anos: o direito à realização da perícia antropológica, no dia 20/09 passado. *[*Esta perícia é uma das provas fundamentais a serem apresentadas no processo de demarcação de terras indígenas].*
- A Seduc, em reunião realizada em 9/09 passado, com presença do secretário e de Soraia, do CEC, entre outros, aprovou: 1) O apoio ao curso de MIT (alimentação e transporte); 2) A criação do cargo de Diretor de Escola Indígena (a ser preenchido pelos próprios indígenas); 3)A construção da escola da Praia (dentre outras).

(Footnotes)

[1] Assim são chamados aqueles que estão iniciando sua formação docente.

educação indigena CC.indd 887 26/10/2015 11:44:21

educação indigena CC.indd 888 26/10/2015 11:44:21

Instantâneos

educação indigena CC.indd 889 26/10/2015 11:44:21

educação indigena CC.indd 890 26/10/2015 11:44:21

Alunos da escola Tremembé Alegria do Mar dançando o Torém com a professora Raimundinha (à direita). Praia de Almofala, dez/1992. (Álbum particular de Raimundinha)

O autor desta tese (ao centro) em sua primeira visita aos Tremembé. Gilsa, atualmente aluna do curso MIT, é a primeira criança à esquerda; Alana, filha de João Venança, é a que está em pé e mais próxima a mim. Praia de Almofala. 17/jan/1993. (Andréa Pereira)

educação indigena CC.indd 891 26/10/2015 11:44:22

Crianças tremembé caracterizadas participam dos festejos do Dia do Índio. Praia, 19/abr/1998. (Babi Fonteles)

Caminho que leva do terreiro da Escola Maria Venância à casa de João Venança, cacique. A cerca é feita com talo de coqueiro. Praia, abr/1998. (Babi Fonteles)

educação indigena CC.indd 892 26/10/2015 11:44:22

A casa de farinha, parede-e-meia com a casa de morada em que Neném (à esquerda, alto) e Neguinha (direita) davam aulas às crianças do Capim-Açu. Dez/1998. (Babi Fonteles).

Ivonilde (à esquerda), Cláudio e *dona* Virgem, lideranças Tapeba, durante o Seminário de Formação de Professores Indígenas realizado no CETREX, em Caucaia. Abr/1999. (Babi Fonteles)

educação indigena CC.indd 893 26/10/2015 11:44:22

Dona Zeza faz(se) o guaxuré no Torém de abertura da V Assembleia dos Povos Indígenas no Ceará. Panan/Almofala, nov/1999. (Babi Fonteles)

educação indigena CC.indd 894 26/10/2015 11:44:22

Igreja de Almofala e Casa de Apoio (com seta vermelha). Fev/2000. (Geörg Dieter)

Escola José Cabral de Sousa, na Varjota, que pertencia à rede municipal, quando da passagem à categoria de Escola Indígena. março/2000. (Babi Fonteles)

educação indigena CC.indd 895 26/10/2015 11:44:22

Cancela à entrada das terras invadidas pela empresa Ducoco Agrícola, na Tapera. Mar/2000. (Babi Fonteles)

Debate com indígenas candidatos às eleições 2000. A partir da esquerda: Zé Valdir (Tremembé), Dourado (Tapeba), Jeová (Pitaguary, não candidato) e Toínho (Jenipapo-Kanindé). Jun/2000. (Babi Fonteles)

educação indigena CC.indd 896 26/10/2015 11:44:22

Visão da porta de entrada da casa de João Venança. Praia de Almofala, ago/2000. (Babi Fonteles)

Reunião de avaliação com pais e professores da Escola Maria Venância. Sandra Petit (ao fundo) está presente. Dez/2000. (Babi Fonteles)

educação indigena CC.indd 897 26/10/2015 11:44:22

Dona Maria Expedito e seus apetrechos de artesã. Praia, jan/2001. (Babi Fonteles)

educação indigena CC.indd 898 26/10/2015 11:44:23

Colares "simples" (de uma volta) elaborados por *dona* Maria Expedito. Praia, jan/2001. (Babi Fonteles. Técnica: escaneamento)

Encontro de professores Tremembés. Capim-Açu, jan/2001. (Babi Fonteles)

educação indigena CC.indd 899 26/10/2015 11:44:23

Zé Raimundo fazendo paredes de palha de coqueiro. Praia, jan/2001. (Babi Fonteles)

A primeira vez em que uma tv e um vídeocassete são ligados na Escola Maria Venância, graças ao sistema de energia solar. Jan/2001. (Babi Fonteles)

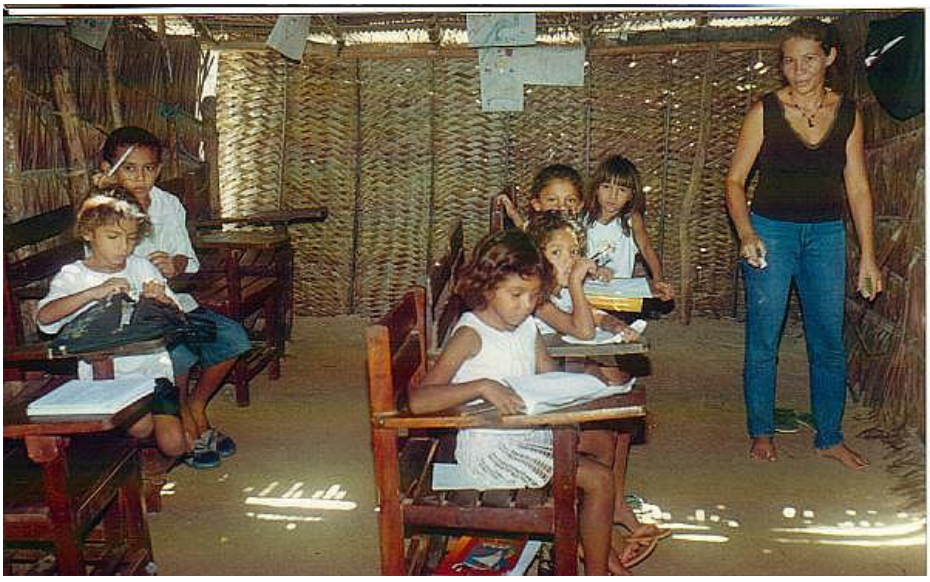
educação indigena CC.indd 900 26/10/2015 11:44:23

Alguns alunos da Escola Maria Venância, ladeados por Aurineide (à esquerda) e Raimundinha, preparados para dançar o Torém. Jan/2001. (Babi Fonteles)

Apresentação do Reso. Centro Cultural da Varjota, jan/2001. (Babi Fonteles)

educação indigena CC.indd 901 26/10/2015 11:44:23

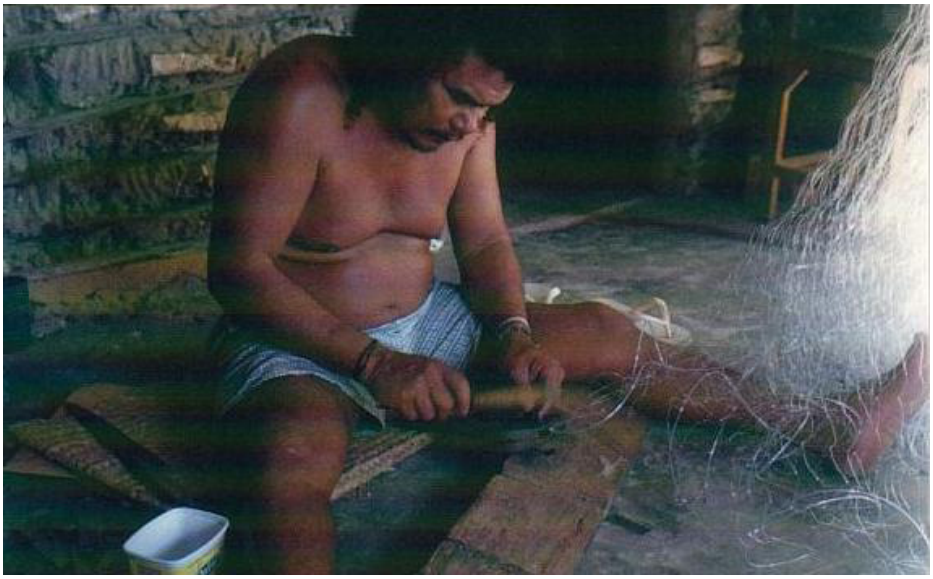
Aurineide e seus alunos da Alfabetização. Escola Maria Venância, fev/2001. (Babi Fonteles)



Neide e sua turma de 1ª série. Escola Maria Venância, fev/2001. (Babi Fonteles)

educação indigena CC.indd 902 26/10/2015 11:44:23

Tiago (à direita), aluno da Escola Maria Venância, seu avô Expedito (ao centro) e Zé, companheiro atual de sua mãe, em pleno mar. Praia, mar/2001. (Babi Fonteles)



João Venança, o cacique, chumbando seus galões de pesca. Praia, abr//2001. (Babi Fonteles)

educação indigena CC.indd 903 26/10/2015 11:44:23

Momento de entrosamento durante a abertura do Seminário Magistério Indígena Tremembé. Terreiro da Escola Maria Venância. Em primeiro plano, Karla Monteiro, da Igreja Metodista. Mai/2001. (Babi Fonteles)

Gérson Júnior (à esquerda), consultor do curso MIT, durante uma das atividades de sua disciplina, Antropologia e História: visita ao tear de *dona* Baía, na Varjota. Jul/2001. (Babi Fonteles)

educação indigena CC.indd 904 26/10/2015 11:44:23

Vilca (ao centro), professora de Passagem Rasa, e companheiras de farinhada. Jul/2001. (Babi Fonteles)

Escola Maria Venância, ago/2001. (Babi Fonteles)

educação indigena CC.indd 905 26/10/2015 11:44:24

Sistema de irrigação. Passagem Rasa, jul/2001. (Babi Fonteles)

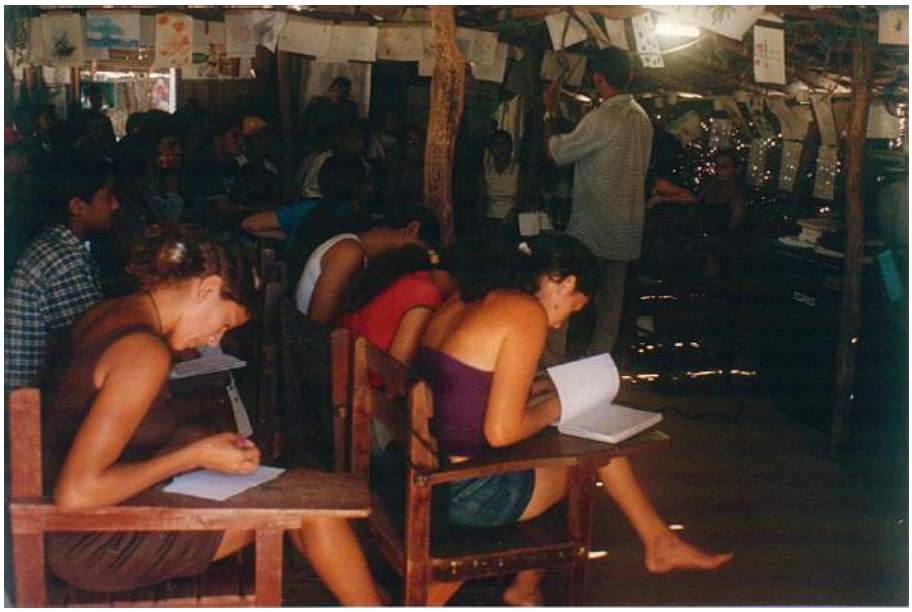
educação indigena CC.indd 906 26/10/2015 11:44:24

Atividades do curso de Magistério Indígena Tremembé. Ao microfone, Dadinha, professora da Varjota. Ago/2001. (Babi Fonteles)

Participantes do curso de Magistério Indígena Tremembé durante o almoço. Escola Maria Venanância, ago/2001. (Babi Fonteles)

educação indigena CC.indd 907 26/10/2015 11:44:24

Apresentação artística durante a Noite Cultural de uma das etapas do curso de MIT. Da esquerda para a direita: Jacinta, Aurineide, Dijé, Evandro (ao violão), Zé Valdir e Liduína. Escola Maria Venância, ago/2001. (Babi Fonteles)



Cursistas do MIT. Praia, ago/2001. (Babi Fonteles)

educação indigena CC.indd 908 26/10/2015 11:44:24

O presidente do Conselho de Educação do Ceará, Marcondes Rosa (ao centro), faz um brinde, com mocororó, ao sucesso do curso de MIT. Escola Maria Venância, ago/2001. (Babi Fonteles)

Cursistas estudam carta marítima durante aulas de Ciências Náuticas. A partir da esquerda: Vilca (da Passagem Rasa), Rosa Helena (do Lameirão), Andreína (do Mangue Alto), Jacinta (do Saquinho), Ana Lúcia (da Varjota) e Márcia (da Tapera). Centro Cultural da Varjota, set/2001. (Babi Fonteles)

educação indigena CC.indd 909 26/10/2015 11:44:24

Seu Valdir, liderança local, participando das atividades das aulas de Matemática. Centro Cultural da Varjota, nov/2001. (Babi Fonteles).

Centro Cultural da Varjota, com telefone público recém-instalado. Out/2001. (Babi Fonteles)

educação indigena CC.indd 910 26/10/2015 11:44:24

Apresentação teatral durante Noite Cultural de uma etapa do Curso de MIT. Naldinho (à esquerda) utiliza-se de uma tarrafa como indumentária. Ao seu lado, Neta. Centro Cultural da Varjota, nov/2001. (Babi Fonteles)

educação indigena CC.indd 911 26/10/2015 11:44:24

A escola de Andreína (à esquerda): o cômodo de entrada de sua casa. Estagiando com ela, o candidato ao magistério Elardo (ao fundo), do Panan. Mangue Alto, nov/2001. (Babi Fonteles)

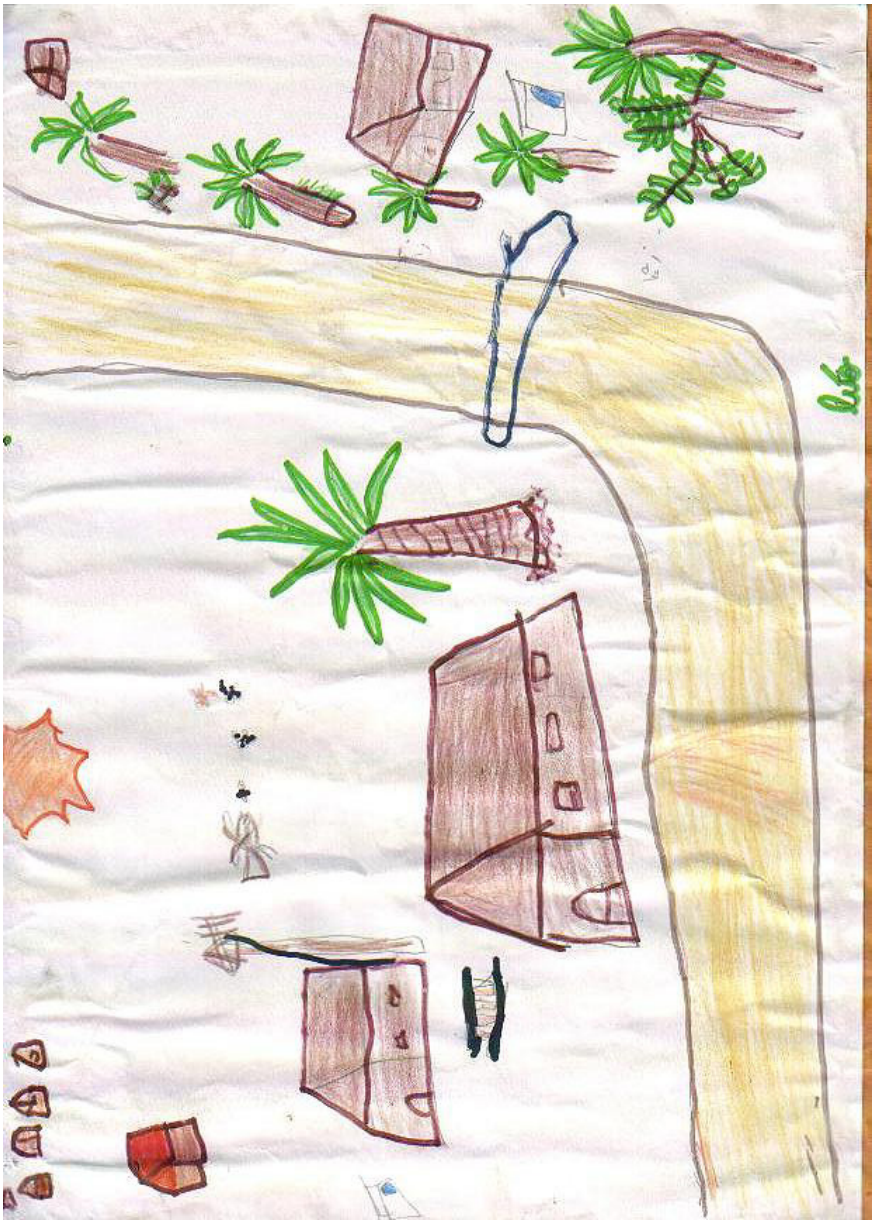
A produção intelectual e artística dos alunos da Escola Maria Venância em exposição permanente. Dez/2001. (Babi Fonteles)

educação indigena CC.indd 912 26/10/2015 11:44:25

Plástica

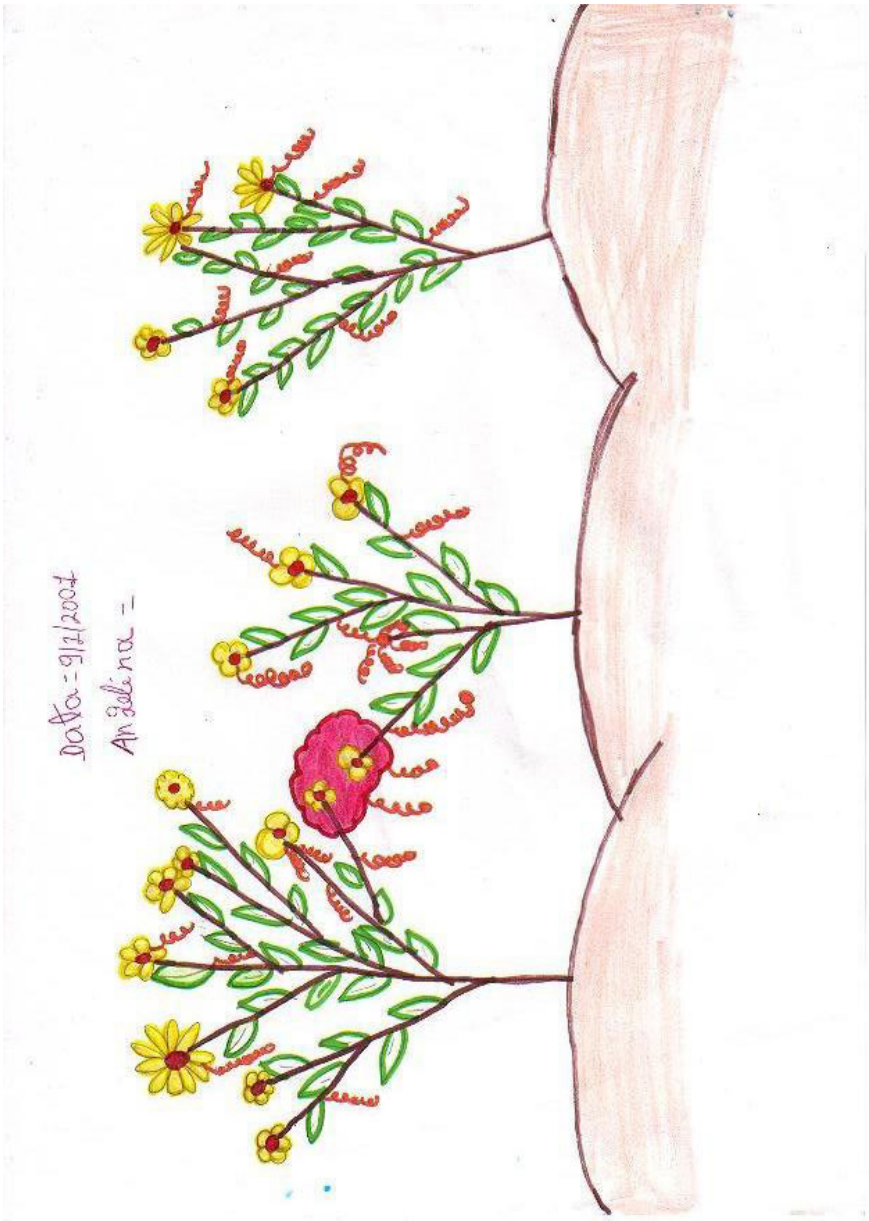
educação indigena CC.indd 913 26/10/2015 11:44:25

educação indigena CC.indd 914 26/10/2015 11:44:25



Léo, 11 anos, 1ª série: *A Comunidade da Praia no inverno*. Mar/2001.

educação indigena CC.indd 915 26/10/2015 11:44:25

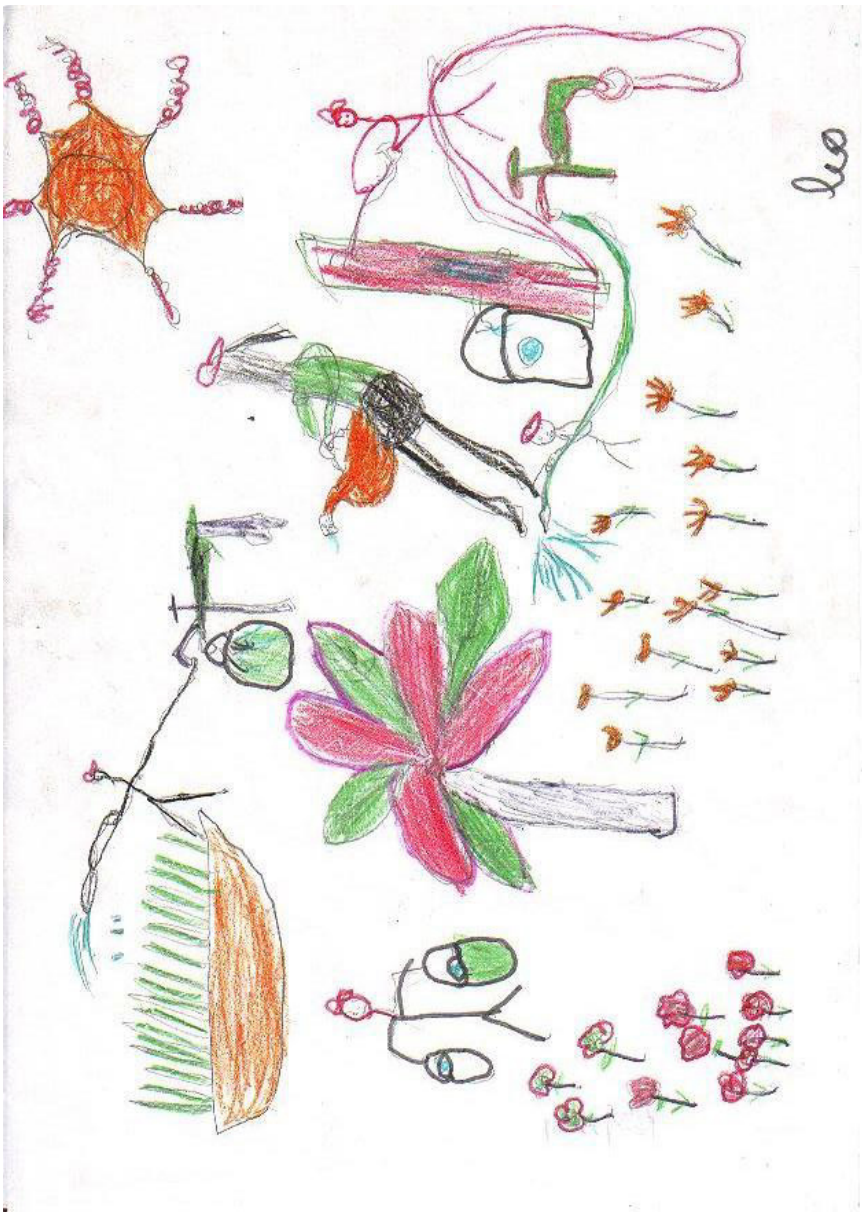


Angelina, 10 anos, 3ª série: *Flores*. Fev/2001.

educação indigena CC.indd 916 26/10/2015 11:44:25

Léo, 10 anos, 1ª série: *Semeadura*. (?)/2000.

educação indigena CC.indd 917 26/10/2015 11:44:25

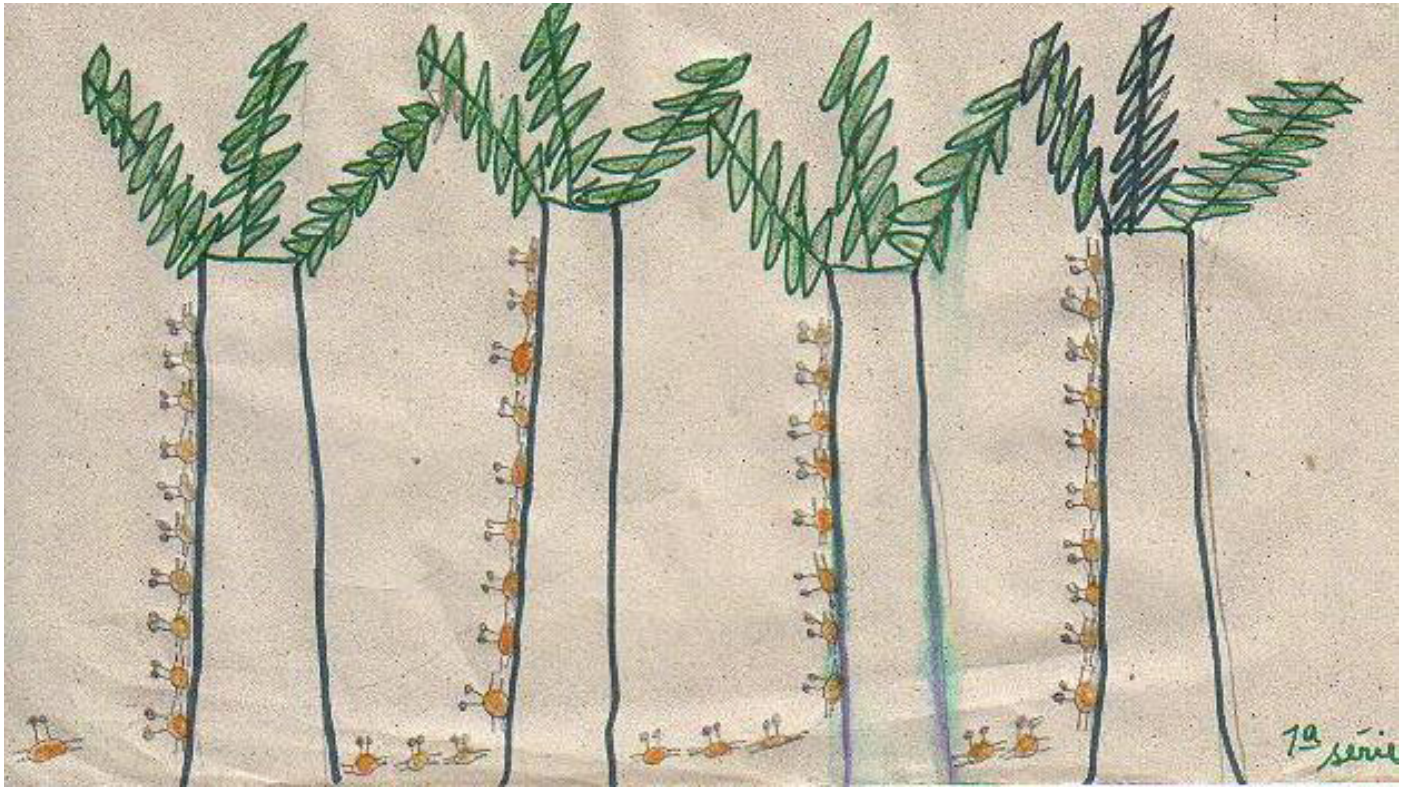


Léo, 11 anos, 1ª série: *Plantação.* Ago/2001.

educação indigena CC.indd 918 26/10/2015 11:44:25

Léo, 10 anos, 1ª série: *Pesca*. (?)/2000.

educação indigena CC.indd 919 26/10/2015 11:44:25



Juciane, 9 anos, 1ª série: *Mangue*. (?)2000

educação indígena CC.indd 920 26/10/2015 11:44:26

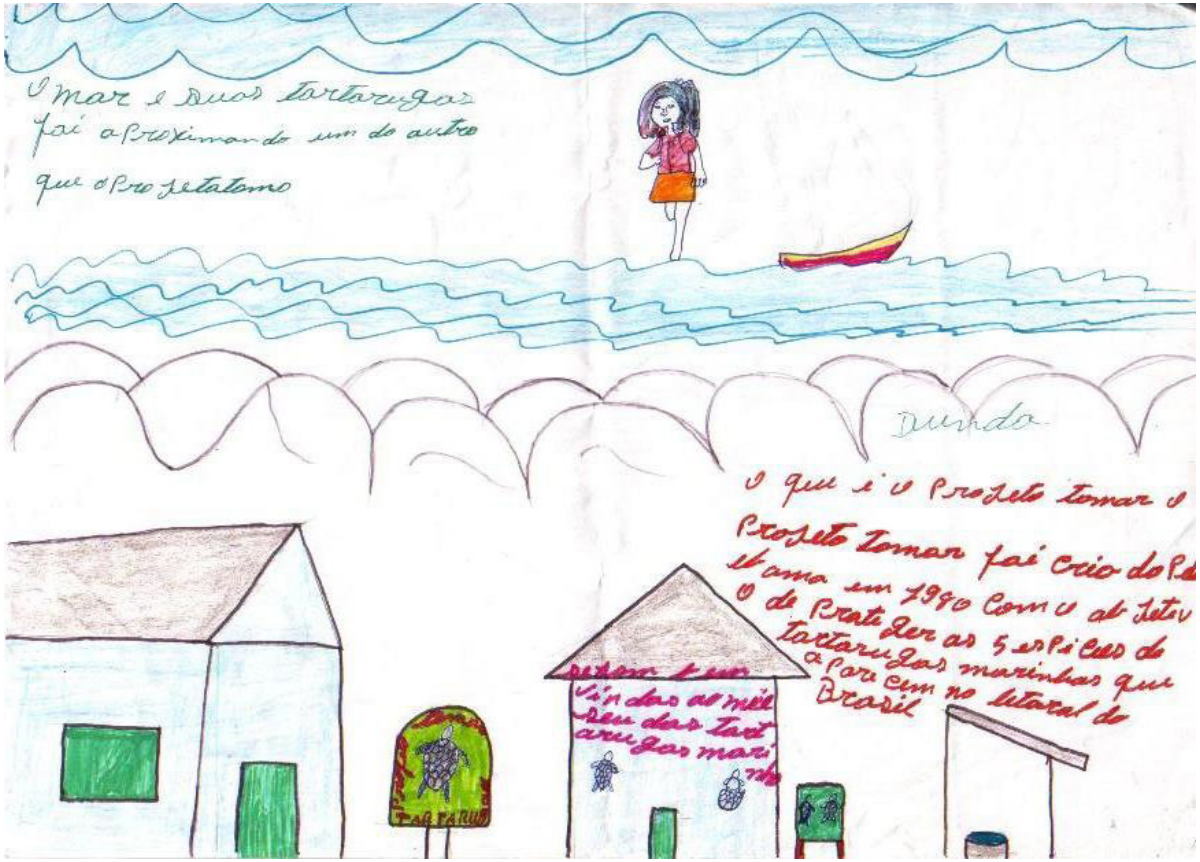
Léo, 10 anos, 1ª série: *Pastoreio*. (?)/2000.

educação indigena CC.indd 921 26/10/2015 11:44:26

Miquelane, 10 anos, 1ª série: *Profissão de Professora*. 1º/Maio/2001.

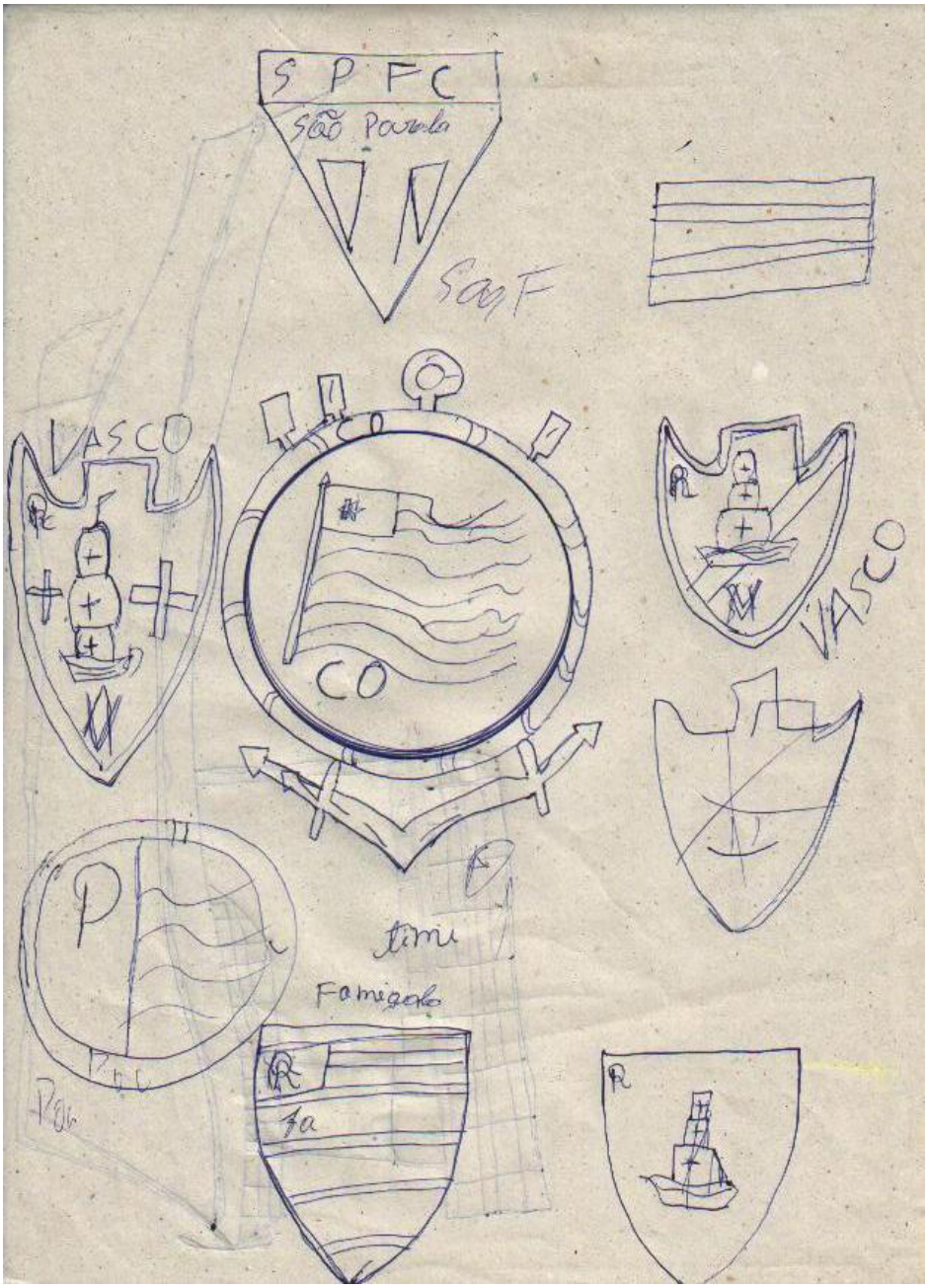
educação indígena CC.indd 922 26/10/2015 11:44:26

educação indígena CC.indd 923



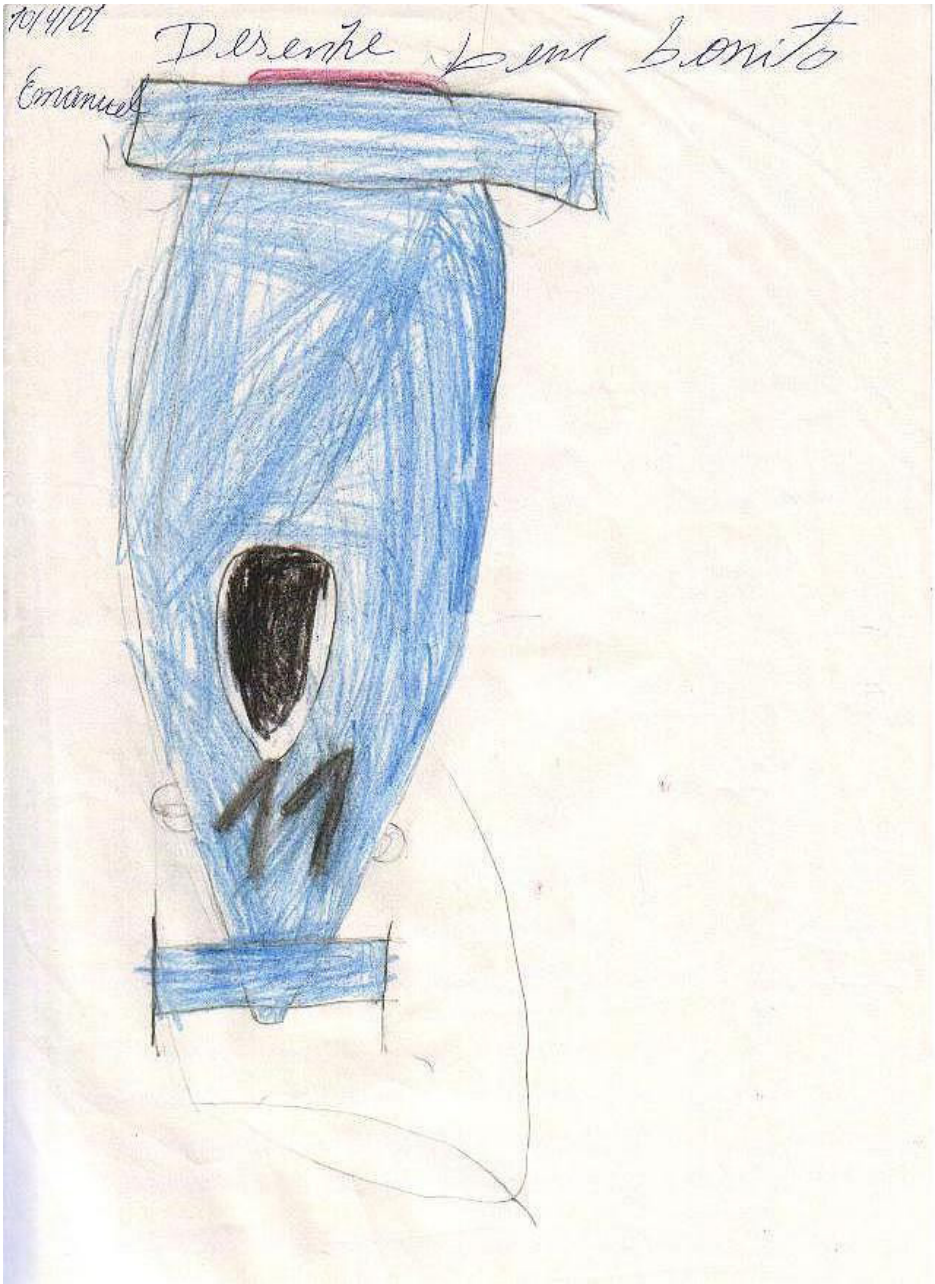
Dunda, 19 anos, 4ª série: *Projeto TAMMAR*. (?)/2001.

26/10/2015 11:44:26



Janiel, 8 anos, 1ª série: *Times de Futebol*. (?)/2001.

educação indigena CC.indd 924 26/10/2015 11:44:26



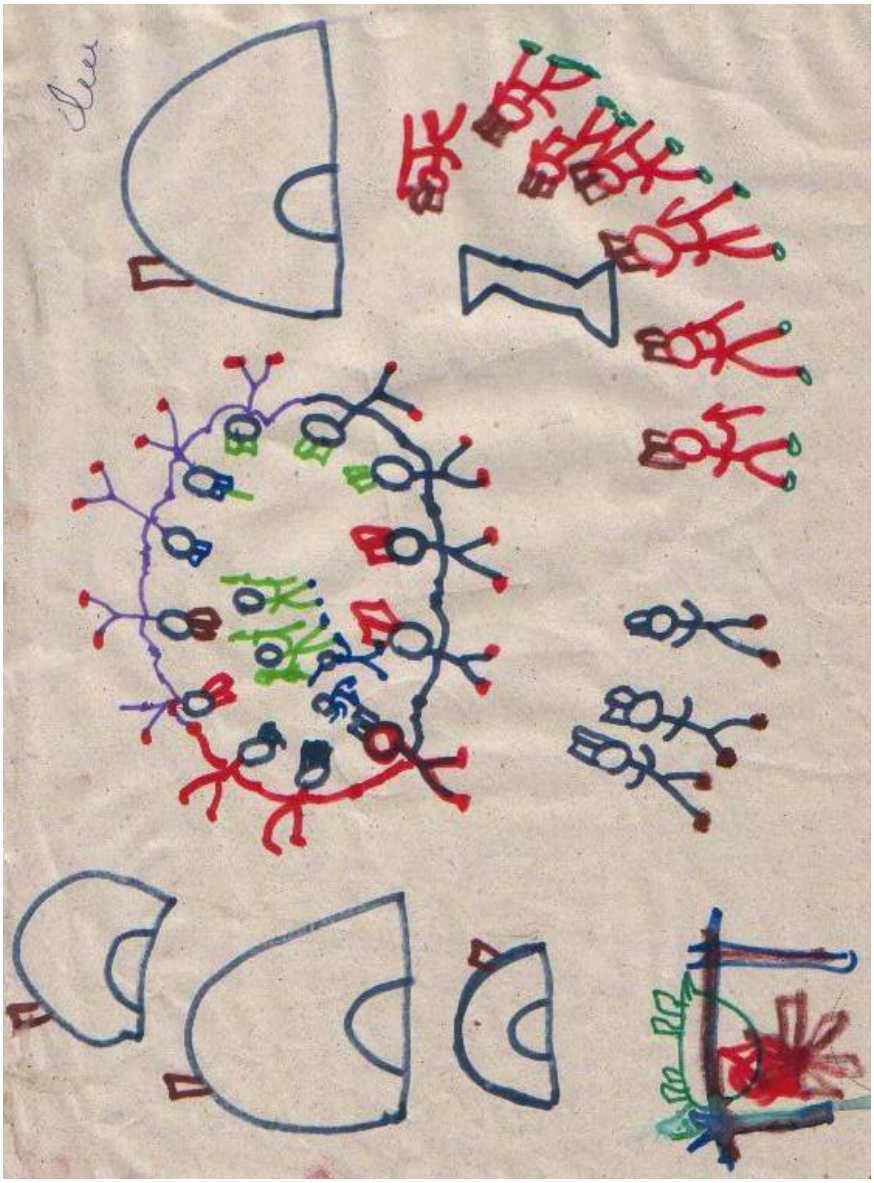
Emanuel, 8 anos, Alfabetização: *Fórmula 1*. Abr/2001

.

educação indigena CC.indd 925 26/10/2015 11:44:26

Janiel, 6 anos, Alfabetização: *Praia de Almofala*. Out./1999.
*[*Observe-se o helicóptero: uma presença quase diária nos céus de Almofala]*

educação indígena CC.indd 926 26/10/2015 11:44:26

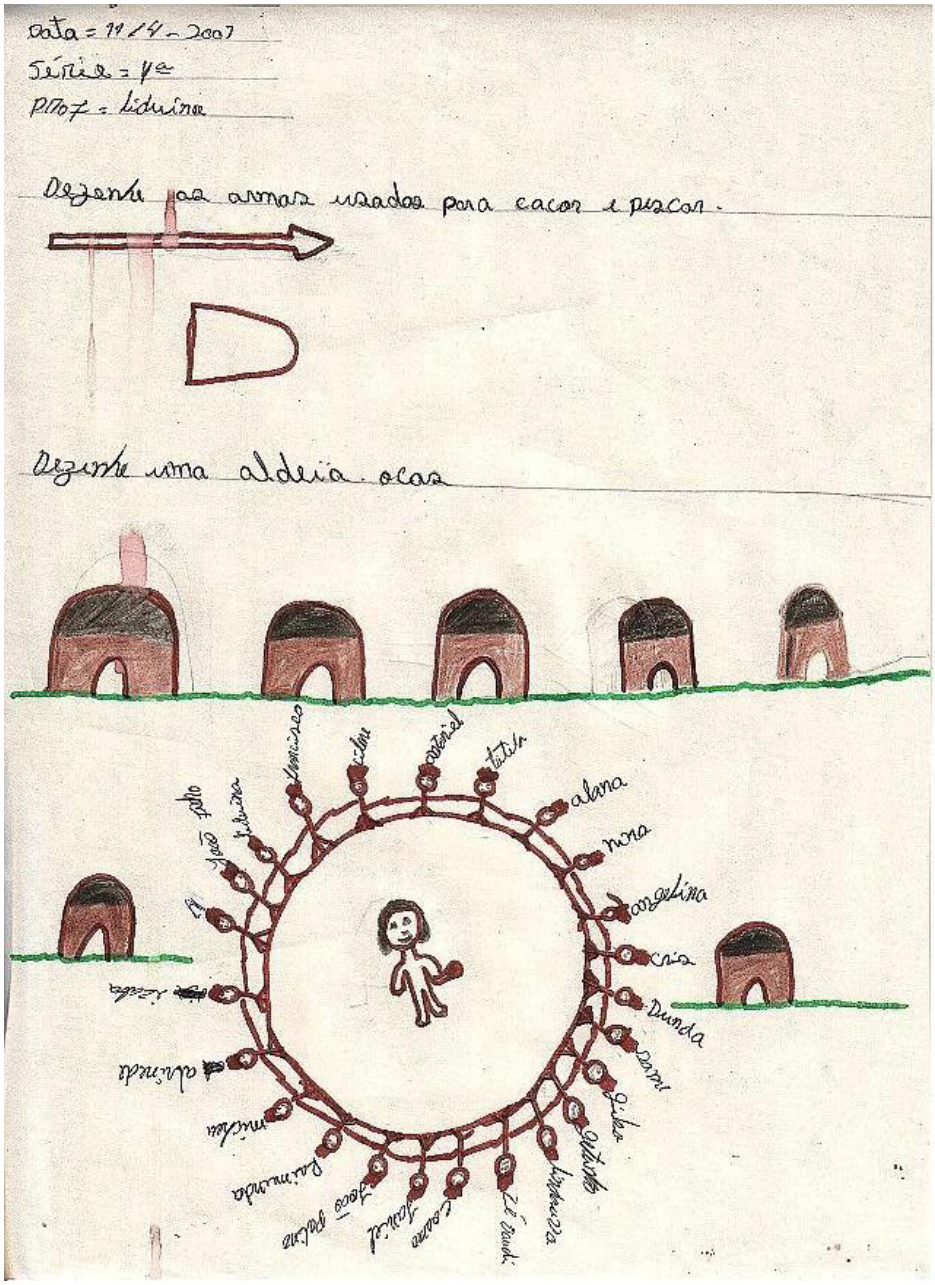


Léo, 10 anos, 1ª série: *Como viviam os Tremembé no passado*. (?)/2000.

educação indigena CC.indd 927 26/10/2015 11:44:27

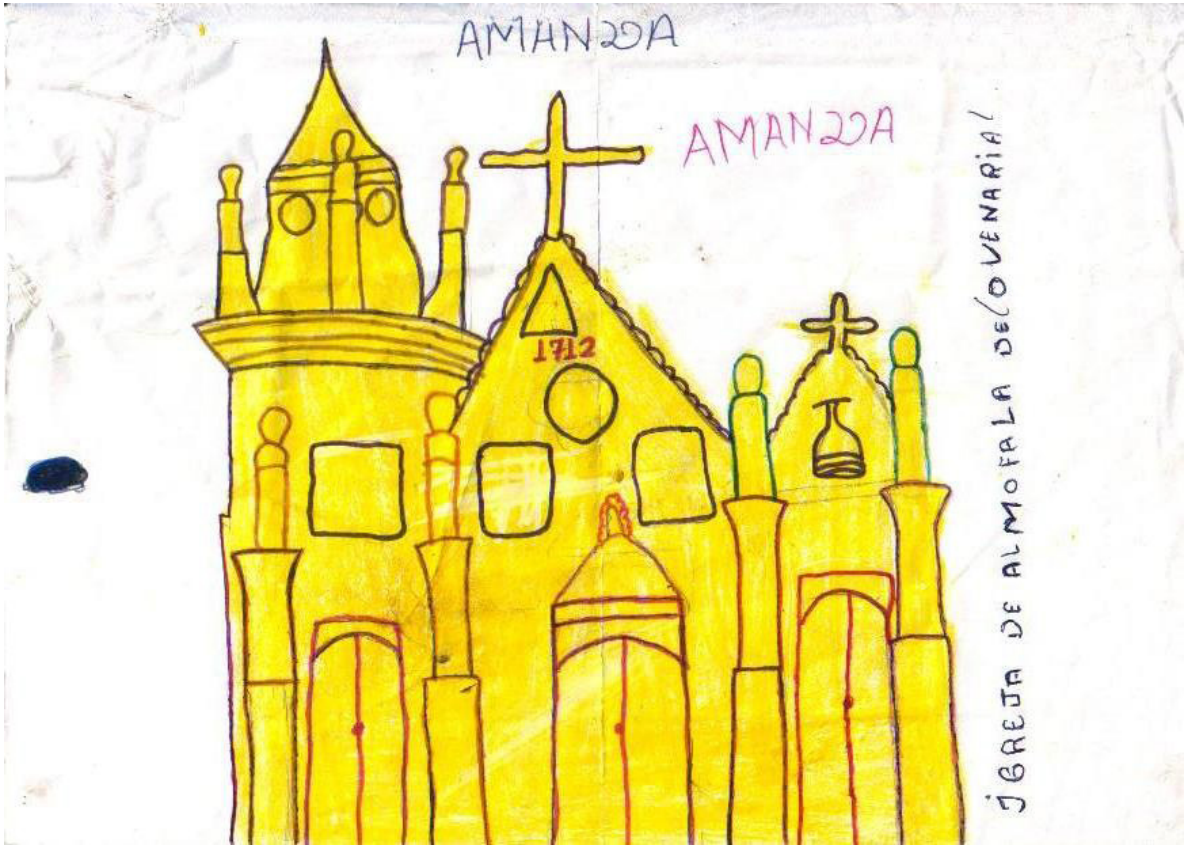
Antoneide, 7 anos, 1ª série, *Comunidade da Praia*, 09/05/2000

educação indigena CC.indd 928 26/10/2015 11:44:27



Gilsa, 13 anos, 4ª série, abr/2001.

educação indigena CC.indd 929 26/10/2015 11:44:27



Amanda, 11 anos, 4ª série: *Igreja de Almofala, de Alvenaria*. Ago/2001.
*[*A primeira construção, de 1706, era de taipa]*

educação indígena CC.indd 930 26/10/2015 11:44:27

educação indígena CC.indd 931

Léo, 11 anos, 1ª série: *A Comunidade da Praia, no futuro*. Set/2001.

26/10/2015 11:44:27

educação indigena CC.indd 932 26/10/2015 11:44:27

Considerações Finais

educação indigena CC.indd 933 26/10/2015 11:44:27

educação indigena CC.indd 934 26/10/2015 11:44:27

A gente começa a fazer o espírito *e*
as coisas vão acontecendo.
(Zé Valdir, professor Tremembé, 20/12/2001)

Esta reflexão final não deve ser tratada propriamente como uma *conclusão*. Primeiramente, não seria *elegante*, pois não combina com o método das *cartografias*. Depois, porque, de certo modo, minhas "conclusões" estão espalhadas ao longo do *diário*. No entanto, como exercício final de cartografia, fazendo uma revelação das coordenadas do mapa que inventei e usei para me *localizar* em meio aos emaranhados *processos de subjetivação indígena* e de produção das escolas Tremembés, desejo assinalar alguns dos pontos mais significativos. Não pretendo esgotar as possibilidades de análise a serem feitas das descrições contidas neste relatório. Pelo contrário, quero deixar o texto aberto para mil possibilidades de descobertas e a construção de outras *cartografias* sobre as minhas, favorecendo a multiplicidade de perspectivas sobre o objeto da pesquisa.

Reafirmo que existe, efetivamente, um intenso e *criativo* processo de *subjetivação indígena tremembé*, manifestado no conjunto das ações micro e

educação indigena CC.indd 935 26/10/2015 11:44:27

macropolíticas descritas nos meus diários, desde as *práticas de si* dos sujeitos à elaboração de *novas tecnologias de organização da vida social*, como a *escola diferenciada*; da produção estética, aos aspectos formais – político-jurídicos – de sua reinvenção *étnica*. Tudo parece estar *atravessado* por uma *vontade de autonomização e singularização*.

A *autonomização*, todavia, não deve ser vista como um *continuum* ou um processo cumulativo, como se fosse uma posição a que se chega como resultado de uma *conquista* ou de alguma forma de *evolução*. Entendo-a como *circunstancial* e *habitada*, pois ela é *imanente às relações sociais*, isto é, *só se efetiva em uma relação*. Deve-se evitar cair em *reificações* e *substancializações conceituais*. A presença de Godofredo e Isabel, missionários evangélicos, utilizando-se da Escola como *front* de sua obra de conversão dos Tremembé da Praia, com o aval de lideranças como João Venança e Raimundinha, é bem ilustrativo de uma *pragmática da autonomização* Tremembé: a autonomia é sempre *singular*, *contextualizada*, *negociada*, admitindo inclusive "contradições" e recuos estratégicos, pois não tem *uma* moralidade. Aparentemente contraditórias, as ações de Godofredo e Isabel, de um lado, se realizam à revelia ou à margem dessa nova subjetivação Tremembé e do movimento de afirmação étnica (que inclui a luta pela terra e a produção da escola *diferenciada*), reeditando uma proposta de *subjetivação pentecostalista*, historicamente conhecida por seus objetivos, métodos e consequências para os povos indígenas.

Por outro lado, essas ações suplementam, *circunstancialmente*, alguns aspectos da produção da vida social: o *trabalho das professoras* na Escola Maria Venância, como quando da substituição de Raimundinha em sua licença-maternidade, feita por Isabel; a *alimentação*, o *lazer* e até as *finanças* das crianças, pela disponibilização de pizzas e refrigerantes (geralmente após as aulas de Estudos Bíblicos, às 6ªs feiras), organização de festinhas na casa dos missionários em Itarema, distribuição de algum dinheiro com as crianças etc; o *transporte* de pessoas para Itarema e para as comunidades Tremembés, através do uso de automóvel particular; a *comunicação*, pelo envio e recebimento de recados por meio do telefone da casa deles, em Itarema; a *ampliação da rede de apoio* a algumas ações e pequenos projetos sociais, pelos vínculos com a Igreja Batista; a instalação de *novos equipamentos físicos* da comunidade da Praia, como a construção de uma casa de alvenaria, recém-construída por eles e na qual se hospedam durante as idas à Praia etc.

educação indigena CC.indd 936 26/10/2015 11:44:28

Quanto à *singularização* atual de um *modo de existência social Tremembé*, ela se configura como uma *dobra* à ideia abstrata e genérica de *índio* e, até mesmo, em contraste com os *arquivos* produzidos acerca dos Tremembés, impondo a revisão de categorias como *tradição*, *preservação*, *natureza*, *primitivo*, *originalidade*, *resgate* etc, associadas, ainda hoje, ao *dizer sobre índios*, inclusive em nível jurídico. Tome-se como exemplo o discurso sobre o *resgate*, muitas vezes presente nos discursos de algumas das agências que atuam no campo indigenista local e reproduzido eventualmente por alguns indígenas. Na prática, constitui-se num dispositivo que, *longe de reinstaurar o passado, demarca-o, delimita-o, para melhor afastar-se dele e superá-lo*, exatamente porque retira deste os elementos convenientes à construção da *resistência* e dos sonhos, o presente e o futuro: o *devir*. O *resgate* torna-se, assim, *reelaboração criativa* e *ressignificação*, que pode incluir elementos de repetição e reprodução, mas como um *ritornelo* ou *estribilho da existência social*, para introduzir novas práticas, ou, como um ponto de apoio para novos saltos, novas *improvisações sociais*. A introdução do torém no currículo da primeira experiência de escola *autônoma* Tremembé, a Escola Alegria do Mar, ilustra adequadamente esta postura: da "brincadeira dos índios velhos." (OLIVEIRA JR., 1998), o torém é *resgatado* como *disciplina* ensinada às crianças, com alguma *formalidade didático-pedagógica*, como é próprio das *práticas de escola*, e *com vistas à constituição dos novos tremembés*.

Outro aspecto dessa singularização é o *consumo* de novos elementos, práticas "culturais" e tecnologias diversas, em todos os âmbitos, que nunca é uma simples assimilação ou reprodução (CERTEAU, 2000). Como o fabrico artesanal e o uso das "jades" de Gilsa e outras jovens da Praia, objetos, práticas e tecnologias sofrem uma *contextualização*. Portanto, servindo-se de elementos da tradição (resgate) ou do presente (novas aquisições), a singularização é sempre marcada pela *criatividade* e *plasticidade*, provavelmente as categorias mais apropriadas para perceber a subjetivação tremembé atual.

Elemento componente dessa subjetivação é o uso *de dispositivos religiosos*, como as orações e cantos, principalmente *cristão-católicos*, na abertura de solenidades públicas – inclusive ao iniciar o torém e nos discursos a ele referidos, reinventando-o como "dança sagrada" –, demarcando assim o espaço do *sagrado*. Parecem servir-se destes dispositivos, entre outros usos, em função do *reconhecimento* pelos *outros*, num nível mais amplo que o especificamente étnico

educação indigena CC.indd 937 26/10/2015 11:44:28

(pois a vida parece ser mais que *um discurso sobre si de segunda ordem*, como o é o *étnico*). Trata-se, de certa forma, de uma *prática bilíngue ou intercultural*, isto é, do manuseio de *símbolos compartilhados*, sob os quais existe, em princípio, a possibilidade de estabelecer uma *interlocução*. Por vezes, como na música *Na nossa aldeia*, cantada por João Venança nessas ocasiões, e cujo refrão dá "Graças a Deus, meu bom Jesus, foi ele quem morreu na cruz", tenho a impressão que, para além dos sentimentos religiosos que podem mover o cacique, ele usa seu canto como se usa uma *senha* para abrir um arquivo de computador ou uma conta de banco. Instaurando o clímax do sagrado, parece intentar revestir o evento de uma *imputabilidade*, como efeito da sua *sacralização*, precavendo-se das resistências, oposições, críticas e outras posturas desintegradoras, latentes nas práticas dos agentes que interagem na produção do campo indigenista.

Com relação à EDITE, desde os primórdios, esta tem se constituído como um *rizoma*, sendo produzida e produtora, em um mesmo movimento, dos processos de subjetivação Tremembé, como expressão de sua autonomia e voltada para a ampliação desta autonomia, segundo a perspectiva apontada anteriormente. Porque, para além dos benefícios adquiridos com as ferramentas da leitura e da escrita, próprios da cultura escolar, a escola tem contribuído para a constituição de *Tremembés intensamente mobilizados, social e politicamente*.

Esta mobilização tem-se dado em dois níveis: *internamente*, através de atividades diversificadas de produção desta escola: reuniões de lideranças, pais e professores sobre assuntos da escola, especificamente pedagógicas, como as reuniões de avaliação realizadas ao final do ano, ou políticas, como as discussões relativas à construção de novos edifícios para as escolas.

Em *nível externo*, esta mobilização compreende um conjunto também diversificado de ações: reuniões de negociação com o CREDE/Seduc, participação de encontros e seminários com organizações de Estado (entre as quais as universidades) e *ONGs* as mais diversas; articulações com outros povos indígenas; acolhida aos inúmeros grupos de visitantes, pertencentes a uma vasta gama de segmentos e entidades sociais etc. Neste nível, a EDITE tem revelado sua importância e eficiência enquanto dispositivo provocador de articulação com todos os "outros".

educação indigena CC.indd 938 26/10/2015 11:44:28

Nos últimos tempos, entre esses outros, estão alguns segmentos sociais não indígenas de Almofala, como os professores da rede municipal, ou famílias que têm buscado as escolas Tremembés para matricular seus filhos. Pela falta de vagas nas escolas municipais de Almofala? Pela proximidade de suas casas? Pela *qualidade*, em algum aspecto, que julgam possuir estas escolas? Quaisquer que sejam as conveniências, trata-se de um fato muito significativo para os Tremembés, sinalizando mudanças e possibilidade de alianças locais – há bem pouco algo impensado, por causa das fissuras provocadas pelo movimento de afirmação étnica. A aquisição do terreno para a construção da nova sede da Escola Maria Venância, feita pelo representante do poder público municipal, e a promessa de instalação de energia elétrica na Praia reforçam também esta impressão.

Do ponto de vista das *práticas de escola* propriamente, isto é, dos componentes curriculares e das atividades pedagógicas de rotina, os *conteúdos didáticos* desenvolvidos com os alunos demandam uma análise particular, porque encarnam e dão visibilidade imediata à ação e à importância da escola na constituição das novas gerações Tremembés. Para os conteúdos também se voltam os questionamentos e avaliações sobre a *diferença* da escola, feitas sobretudo por agentes não tremembés.

A vontade de lideranças e pais, muitas vezes explicitada em suas falas, é de que as escolas preparem as novas gerações para saberem viver "dentro" e "fora" do mundo Tremembé. Com relação aos conteúdos didáticos da tradição ou de "dentro", como o torém e outros saberes *locais*, não há polêmicas significativas, havendo um aparente consenso generalizado entre tremembés e todos os outros agentes, de que eles devem constituir a "identidade" dos novos tremembés e a *diferença* da escola. Os questionamentos emergem quando se trata dos conteúdos de "fora". Para os indígenas, no entanto, estes conteúdos, em parte retirados e reproduzidos de livros usados nas escolas públicas nacionais, mesmo se estranhos à realidade dos alunos – e por isso mesmo! –, visam atender à necessidade de municiar as novas gerações de *instrumentos de bordo para a navegação social além-tremembé*. Parece ser este o significado concreto da *interculturalidade* como *categoria* definidora e como *prática político-pedagógica* da escola Tremembé.

educação indigena CC.indd 939 26/10/2015 11:44:28

A *diferença* da escola é percebida, antes do mais, como *autonomia*, como se pode auferir da fala de Neide, referindo-se a "uma escola da gente mesmo", isto é, uma escola nascida da iniciativa deles próprios, na qual eles possam tomar decisões acerca da gestão ou do currículo e orientada para seus interesses e projetos sociopolíticos; para além, portanto, de uma perspectiva *estética* ou *conteudista-culturalista* da *diferença*. Por isso mesmo, a *diferença* se apresenta como o grande desafio desta escola, principalmente nos últimos anos, quando da reivindicação do seu reconhecimento e apoio junto às agências estatais sobretudo, tornando-se objeto de intensas e contundentes negociações e disputas. Os fatos ocorridos em torno da organização do curso de Magistério Indígena Tremembé são o termômetro atual deste desafio.

Foi por conceber esta *diferença* como a questão central da EDITE, que me propus chamá-la assim, dando primazia à categoria *Diferenciada*, situando-a antes da categoria Indígena, invertendo a terminologia consagrada nos documentos oficiais das agências estatais e em muitos estudos sobre Educação Indígena.

Quanto à *diferença étnica ou cultural* – isto é, a *singularização* no plano dos discursos e práticas de *semiotização* ou de *inscrição* de um modo de existência social –, as categorias *referenciada* e *ampliada*, expressas respectivamente por Helena, Potiguara de Crateús, e Manuel Domingos, Tremembé da Passagem Rasa, são bastante sugestivas para a compreensão desta modalidade de *diferença*.

A primeira categoria parece indicar um movimento *ad intra*, de reelaboração dos *sinais diacríticos* a partir dos referenciais de símbolos e práticas *tradicionais* ou *específicas* do grupo indígena, objetivando a preparação das novas gerações para a vida "dentro da própria cultura". Essa *especificidade*, contudo, não deve ser confundida com *originalidade* ou *ineditismo*, pois mesmo o que pode parecer a um observador de fora como de pertença "exclusiva" do grupo, é resultado de um processo de incessantes *atualizações* e "interpretações", incorporando novos elementos a partir de uma *matriz*[1], como acontece em relação às letras das canções do torém, já observadas no *diário*. Por sua vez, a categoria *ampliada* sugere o movimento *ad extra* da escola, como prática da *interculturalidade*,

1 Esta matriz não significa a existência de uma *essência*, mas simplesmente de outras elaborações realizadas anteriormente.

educação indigena CC.indd 940 26/10/2015 11:44:28

preparando as crianças e jovens, mas também os adultos, para "o mundo lá fora", *ampliando* suas visões e possibilidades no trato com todos os *outros*.

Provavelmente, a mais importante conquista dos últimos tempos da EDITE para o fortalecimento dos processos de subjetivação tremembé, foi o curso de Magistério Indígena Tremembé. A fala de Acrísio, da Funai, quando disse que o MIT "provocou uma revolução no movimento indígena", revela a amplitude dos seus efeitos, com repercussões que ultrapassam as escolas e as comunidades Tremembés. Em âmbito local, o Curso tem fortalecido sua autonomia, desde os primeiros momentos de sua criação, como uma iniciativa de professores e lideranças. Em âmbito regional e nacional, tem produzido um intenso e contundente processo de *negociação política* com todos os *outros* não tremembés, ora se constituindo como *enfrentamento político* das agências de Estado responsáveis pela execução das políticas na área da Educação (como a Seduc e o MEC), ora angariando o apoio e a parceria de algumas destas agências com papel decisivo, como o Conselho de Educação do Ceará e, há bem pouco tempo, ainda com tibieza, a Seduc.

Os efeitos têm repercutido também na relação dos tremembés com outros agentes poderosos não governamentais, sobretudo a *Operação Tremembé*, como *posicionamento crítico frente às suas práticas contraditórias de apoio, controle e tutela* a um só tempo, junto aos povos indígenas no Ceará.

Não obstante tratar-se de uma experiência recente, o curso tem disponibilizado ferramentas importantes ao trabalho docente dos professores Tremembés, fortalecendo sua prática profissional e, por conseguinte, contribuindo significativamente para a *qualidade* das escolas.

Deve-se também ressaltar o papel do curso na constituição de novas lideranças das comunidades, que são os professores, injetando um *plus* imprescindível às lutas de afirmação étnica. Os relatos pessoais de professores sinalizam também a importância do curso para a ampliação de seus horizontes intelectuais, sua autoestima, suas perspectivas profissionais e econômicas.

Pode-se assim afirmar, sem exageros ou ilusões, que entre eles, a *escolarização* tem contribuído, eficazmente, para o fortalecimento de um processo muito mais complexo, que ultrapassa tudo o que pode ser desenvolvido em torno da escola: a *educação*.

educação indigena CC.indd 941 26/10/2015 11:44:28

Quanto à avaliação dos próprios Tremembés em relação ao que consideram a *qualidade* das suas escolas, a fala de Dijé sobre a experiência de escolarização de Zé Raimundo e das crianças, "que não aprendiam nada nas escolas de fora e passaram a aprender depois que frequentaram a Escola Maria Venância", parece indicar, de modo mais ou menos generalizado, uma tendência crescente entre eles. Parece que, além de autoafirmação da escola Tremembé como parte da autoafirmação *étnica*, a existência de um ambiente menos coercitivo, inserido no contexto social e "cultural" dos Tremembé favorece a aprendizagem, apesar de toda sorte de deficiências das escolas, que repercutem na qualidade dos resultados de aprendizagem, e das aparentes contradições empíricas, como é o caso de Dunda, que frequenta a escola desde a primeira turma, em 1991, e que ainda cursa a 4ª série[2]. Por outro lado, a *definição do que seja qualidade*, presente no discurso de Zé Valdir, quando diz que "cada escola tem a sua qualidade: a do branco tem a sua, nós temos a nossa", situa a problemática não exatamente no plano da eficiência, mas da *especificidade*. Assim, não obstante ensejarem escolas bem equipadas, com formação de professores e os demais componentes curriculares necessários ao bom desempenho das atividades didático-pedagógicas, como explicitaram por ocasião do Seminário de Maio de 2001, a *qualidade* mais importante da escola Tremembé é a *diferença*, de acordo com a perspectiva já apontada.

Outro aspecto muito instigante da subjetivação Tremembé atual são as relações alimentadas com as agências de estado, como o CREDE/Seduc e Funai, e não Estatais, como a OT e a Igreja Batista (na Praia), marcadas por uma tolerância inesgotável diante das *ambiguidades* e *contradições* de suas práticas políticas. Não parece tratar-se apenas de uma preocupação com as vantagens a serem obtidas, mas uma tendência à *interculturalidade como diplomacia*[3], manifestada na abertura radical à negociação com todos os *outros*, incluindo estas agências.

2 Mas há que considerar que esta era a série mais avançada oferecida pela Escola Maria Venância até o ano de 2001. A permanência de Dunda nesta série pode indicar, mais que a deficiência, a importância atribuída à escola.

3 Parece ser este o sentido último da interculturalidade: não se trata somente de *conhecer* o mundo além-tremembé, mas *operar* nele, o que requer uma ação sobremaneira *política*.

educação indigena CC.indd 942 26/10/2015 11:44:28

Um exemplo dessa *ambiguidade* são as *ações da Seduc/CREDE*, enquanto agência estatal responsável pela assistência às escolas Tremembés. Como acontece com outras agências de governo e de Estado (como a Funai, já estudada por Sousa Lima, 1987), a Seduc, por um lado, concretiza a face da *ingerência do Estado* e suas administrações (local e nacional) sobre a vida das escolas e, por conseguinte, das comunidades indígenas, "cobrando do índio o que é do branco", como apontou Zé Maria, Jenipapo-Kanindé. A polêmica em torno da exigência do exame de sangue feita pelo CREDE-Acaraú aos professores Tremembé, entre outros fatos, é exemplar. Por outro lado, a Seduc é a esfera da sociedade nacional não indígena em que se *efetiva o reconhecimento* das escolas tremembés como *escolas* e *diferenciadas*, admitindo e, por vezes, *favorecendo sua relativa autonomia* (por exemplo, em relação ao currículo), disponibilizando suporte financeiro, técnico e material para o seu funcionamento e manutenção (inclusive com contratação de professores indígenas e pagamento de salários).

Entre as *contradições* das práticas políticas das agências não estatais, sobressaem as da *Operação Tremembé*. Ao designar a si própria a defesa dos direitos indígenas, sobretudo frente às agências estatais, chamando-as à responsabilidade na execução de direitos e de políticas favoráveis aos indígenas, a OT acabou constituindo-se em *porta-voz* dos índios, atualizando as formas tradicionais da *tutela*: *ora representa os índios junto às agências estatais*, como por exemplo, no convênio estabelecido entre *Operação Tremembé* e Funasa, em que a primeira, substituindo as associações e entidades dos próprios indígenas, administra recursos financeiros e materiais relativos a ações de prevenção de saúde nas comunidades indígenas; *ora representa o Estado junto aos índios*, desenvolvendo, a um só tempo, ações de assistência e de controle, exaustivamente descritas nas páginas do *diário*.

Finalmente, um último aspecto dessa subjetivação, produzida desde a escola, me enche os olhos: a efusividade das cores, a multiplicidade dos elementos, a exuberância, a força e a delicadeza das formas dos *desenhos e pinturas das crianças tremembés*. Eles me aparecem como a expressão mais refinada da *resistência criativa* dos Tremembés e de sua subjetivação atual, invadindo paredes, portas, janelas e teto da escola, talvez querendo nos apontar o sentido último da EDITE e de suas atividades: *a produção da vida como obra de arte*, segundo a perspectiva nietzschiana-deleuziana. Irresistivelmente, me torno

educação indigena CC.indd 943 26/10/2015 11:44:28

cúmplice dos sonhos de futuro de Léo para a comunidade da Praia e me descubro arrastado à crença de melhores dias para Janiel, Gilsa, Amanda, Nina, Silene, Marronzinha, Ramón, Quitéria, Venancinha, Kiara e tantos outros *novos Tremembés*.

educação indigena CC.indd 944 26/10/2015 11:44:28

Bibliografia Geral

educação indigena CC.indd 945 26/10/2015 11:44:28

educação indigena CC.indd 946 26/10/2015 11:44:28

Bibliografia Citada

educação indigena CC.indd 947 26/10/2015 11:44:28

educação indigena CC.indd 948 26/10/2015 11:44:28

AIRES, J. MAX MARANHÃO P. *A escola entre os índios Tapeba:* o currículo num contexto de etnogênese. Dissertação (Mestrado) - Fortaleza, Faced/UFC, 2000. (digitado).

ALENCAR, José M. de. *Iracema*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

ALVES, Rubem. *Filosofia da Ciência*. São Paulo: Ars Poética, 1993.

BARBIER, René. *La recherche-action*. Paris: Economica, 1996.

BARRETO FILHO, Henyo Trindade. *Tapebas, tapebanos e pernas-de-pau*: Etnogênese como processo social e luta simbólica. Dissertação (Mestrado), UFRJ/Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1992. (Digitado).

BEOZZO, José Oscar. *Leis e regimentos das missões:* política indigenista no Brasil. São Paulo: Loyola, 1983.

CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição imaginária da sociedade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CAVALCANTI, Ricardo A. da S. *Presente de branco, presente de grego? Escola e escrita em comunidades indígenas do Brasil*. Dissertação (Mestrado) - Rio de Janeiro, MN/PPGAS/UFRJ, 1998.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. artes de fazer. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. (Tradução)

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 2. morar, cozinhar. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. (Tradução).

COSTA, Sylvio de Sousa G. *Subjetividade e menor-idade*: acompanhando o devir dos profissionais do social. São Paulo: Annablume; Fortaleza: SECULT, 1998.

COULON, Alain. *Etnomedotologia e educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

educação indigena CC.indd 949 26/10/2015 11:44:28

CUNHA, Manuela Carneiro. *Antropologia do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DAYRELL, Juarez (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora UGMG, 1996.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988. (Tradução).

_____., Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs:* capitalismo e esquizofrenia, v. 2. (trad). Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

_____. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*, v. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. (Tradução).

_____. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. (Tradução).

_____. *A dobra – Leibniz e o Barroco*. 2ª ed. Campinas/SP: Papirus, 2000. (Tradução).

FACED/UFC et al. *Curso de Magistério Indígena Tremembé – nível médio* [projeto]. Fortaleza, 2002. (Digitado).

FOIRN – FEDERAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO RIO NEGRO. *Informativo Educação*. Manaus, 1996.

FONTELES FILHO, José Mendes. Sociedade nacional e política indigenista: elementos para uma compreensão dos fatos recentes do Movimento Indígena no Ceará. *Cadernos de Ciências Sociais*, Fortaleza, UECE/CH/DCS, n. 2, 1996.

_____. Autonomia e escola entre os tremembé de Almofala-Ce. *Educação e Debate*, Fortaleza: Faced/UFC, ano 21, v. 2, n. 38, 1999, p. 170-177. 1999.

_____. *Plano de Trabalho para o Doutorado*. *Dossiê*. Fortaleza/CE: Programa de Pós-Graduação em Educação/Faced/UFC, 1999. (Digitado).

educação indigena CC.indd 950 26/10/2015 11:44:28

_____. *Projeto de tese*. Fortaleza/CE: Programa de Pós-Graduação em Educação/Faced/UFC, 2000. (Digitado).

_____. Heterogeneidade, negatividade e identificação heteroét(n)ica: a participação indígena nas eleições 2000 no Ceará. In: VASCONCELOS, J. Gerardo (Org.). *Ditos(mau)ditos*. Fortaleza: LCR, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 2. ed. (Tradução de Roberto Machado.) Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. *História da sexualidade I*: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.(Tradução).

_____. *História da sexualidade 2:* o uso dos prazeres. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.(Tradução).

GALLO, Silvio. *Educação anarquista*: um paradigma para hoje. Piracicaba-SP: Ed. Unimep, 1995.

GAUTHIER, Jacques. *Sociopoética – encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais, enfermagem e educação*. Rio de Janeiro: Editora Escola Anna Nery/UFRJ, 1999.

GOHN, Maria. da Glória Marcondes. *Movimentos sociais e educação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. *Teoria dos movimentos sociais*: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997.

GOMES, Jussara V. (Cord.). *Relatório do Grupo Técnico criado pela Portaria do Presidente, n. 1366, de 04/09/1992*. (GT Tremembé). Rio de Janeiro: Museu do Índio/ FUNAI, 1992.

GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. *Micropolítica:* cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

educação indigena CC.indd 951 26/10/2015 11:44:28

HAGUETTE, Teresa M. F. *Metodologias qualitativas na sociologia*. 5. ed. Petrópolis: Vozes 1992.

HESS, Rèmi. *Perspective de l'Analyse Institutionnelle*. Paris: Editora Méridiens. Klincksieck, 1988.

JUNQUEIRA, Carmen., CARVALHO, Edgard de A. *Antropologia e indigenismo na América Latina*. São Paulo: Cortez, 1981.

_____. *Antropologia indígena*: uma introdução à história dos povos indígenas no Brasil. São Paulo: EDUC, 1991.

LACERDA, Cecília R. *O Índio e a Educação*. Jornal o Povo, Fortaleza, 15 abr. 97.

LAPLANTINE, François. *Aprender antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*: ensaio de antropologia simétrica. (Trad). Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LEONARDI, Victor Paes de Barros. *Entre árvores e esquecimentos*: história social nos sertões do Brasil. Brasília: Paralelo 15 Editores, 1996.

LINHARES, Ângela Bessa. *O pensamento criador ou narratividade enquanto ato criador*: processos criativos na crítica da cultura. Tese (Doutorado). Fortaleza: Faced/UFC, 2001. (Digitado).

LOURAU, René. *Análise institucional e práticas de pesquisa*. Rio de Janeiro: UERJ, 1993.

_____. *A análise institucional*. (Tradução de Mariano Ferreira). 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

MACLAREN, Peter. *Multiculturalismo crítico*. São Paulo: Cortez, 1997.

educação indigena CC.indd 952 26/10/2015 11:44:29

MALINOWSKI, B. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril S.A, 1976. (Tradução).

MARTINIANO, Edna Maria. *Visibilidade étnica e cultural*: um olhar da imprensa sobre os Pitaguary. Monografia (Graduação em Ciências Sociais). Fortaleza: DCS/CH/UECE, 2001.

MESSEDER, Marcos L. *Etnicidade e diálogo político*: a emergência dos Tremembé. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Salvador: UFBA, 2001.

MONTE, Nietta L. *Escolas da floresta*: entre o passado oral e o presente letrado. Rio de Janeiro: Multiletra, 1996.

_____. Os outros, quem somos? Formação de professores indígenas e identidades interculturais. *Cadernos de Pesquisa*, n. 111, p. 7-29, dez./2000.

_____. *Subsídios para pensar os programas e currículos de formação de professores indígenas – proposta seminário nordeste*. [s.l: s.n, s.d.]. (Digitado).

_____. *Quem é o autor nos projetos de formação de professores indígenas – o caso do Acre*. [s.l: s.n, s.d.]. (Digitado).

MONTERO, Paula (Coord.). *Entre o mito e a história*: o V centenário do descobrimento da América. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

NIETZSCHE, F. W. *Obras incompletas*. São Paulo: Abril S. A Cultural, 1974. (Coleção os Pensadores, v. XXXII.)

_____. *Genealogia da moral*: uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (Tradução).

_____. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2000. (Tradução).

_____. *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*. São Paulo: Editora Viveiros de Castro, 2000. (Tradução).

educação indigena CC.indd 953 26/10/2015 11:44:29

NOVO, José Silva. *Almofala dos tremembés*. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1976.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. A viagem de volta: reelaboração cultural e horizonte político dos povos indígenas no nordeste. In: _____. *Atlas das Terras Indígenas* /Nordeste. Rio de Janeiro: PETI, Museu Nacional/UFRJ, 1994.

_____. *Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ/Marco Zero, 1987.

OLIVEIRA JR., Gerson Augusto. *Torém*: brincadeira dos índios velhos. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desportos, 1998.

OLIVEIRA, José Cordeiro. *Os índios no siará, massacre e resistência*. Fortaleza, 1989.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *A sociologia do Brasil indígena*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

_____. *A crise do indigenismo*. Campinas: Unicamp, 1988.

OT [pseudo]. *Segundo relatório do programa de formação de professores Tremembé de Almofala* – II Semestre/97. Fortaleza, 1997. (Digitado).

PALADINO, Mariana. *Educação Escolar indígena no Brasil Contemporâneo*: entre a "revitalização cultural" e a "desintegração do modo de ser tradicional". Dissertação de Mestrado, PPGAS, Museu Nacional, UFRJ, 2001.

PAULA, Eunice Dias. *Escola Tapirapé*: processo de apropriação de educação escolar por uma sociedade Tupi. Monografia (Graduação). Luciara/MT: UNEMAT, 1997.

PORTO ALEGRE. Educação indígena colonial: ironias de um projeto. *Revista Educação e Debate*, ano 20, n. 35, p. 82, 1998.

educação indigena CC.indd 954 26/10/2015 11:44:29

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade – seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras, de Fredrik Barth*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PREZIA, Benedito e HOORNAERT, Eduardo. *Brasil indígena*: 500 anos de resistência. São Paulo: FTD, 2000.

RATTS, Alecsandro J. P. *Fronteiras invisíveis*: territórios negros e indígenas no Ceará. Dissertação (Mestrado). São Paulo: USP, 1996.

RIBEIRO, Berta G. *O índio na história do Brasil*. São Paulo: Global, 1983.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*: evolução e o sentido do Brasil. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.

_____. *Confissões*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

SCHERER-WARREN, Ilse. *Redes de movimentos sociais*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

SILVA, Aracy Lopes da, e GRUPIONI, Luís. Donisete B. (Orgs.). *A temática indígena na escola:* novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

SILVA, Evaldo Mendes da, SOUSA, Ivo, MONTEIRO, Karla V. C. (Orgs.). *A tradição por trás da criação:* Cartilha do povo Tremembé. Fortaleza: Seduc, 1998.

SILVA, Márcio Ferreira. *A conquista da escola*: educação escolar e movimento de professores indígenas no Brasil. *Em Aberto*, Brasília, Mec, ano 14, n. 63, MEC: Brasília, jul/set. 1994, p.38-52, 1994.

SILVA, Rosa Helena Dias da. *A autonomia como valor e a articulação de possibilidades*: um estudo do movimento dos professores indígenas do Amazonas, Roraima e Acre, a partir dos seus Encontros anuais. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da USP, São Paulo, 1997.

educação indigena CC.indd 955 26/10/2015 11:44:29

_____. Balanço dos movimentos dos povos indígenas no Brasil e a questão educativa. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED 21, Caxambu/MG, setembro/99. (Digitado).

SOBRINHO, Thomás Pompeu. *Pré-história cearense*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1955.

SOUSA LIMA, A. C. Sobre indigenismo, autoritarismo e nacionalidade: considerações sobre a constituição do discurso e da prática da Proteção Fraternal no Brasil. In: PACHECO, João (Org.). *Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil.* Rio de Janeiro. Ed. UFRJ, 1987.

TAPEBA, Povo. *Memória viva do povo Tapeba – terra demarcada, vida garantida*. Caucaia/CE: SEDUC, 2000.

TAUKANE, Darlene. *Educação escolar entre os Kurâ-Baikairi*. Dissertação (Mestrado). Cuiabá: PPGE/UFMT, 1996.

THIOLLENT Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

VALLE, Carlos Guilherme Otaviano. *Terra, tradição e etnicidade*: os Tremembé do Ceará. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Rio de Janeiro: PPGAS/MN/UFRJ, 1993.

Videografia:

RODRIGUES, Guaracy e OLIVEIRA JR. Edmar. *Resistência Tremembé*. Fortaleza, 1993.

SOUSA, Ivo e PASSERINI, Marcos. *As Caravelas passam*. Fortaleza, 2001.

_____. e RATTS, Alex. *Torém*. Fortaleza, 1994.

_____. *Alma Fala*. Fortaleza, 2000.

VARGAS, Tonio. *Reso*. Fortaleza, 1998.

educação indigena CC.indd 956 26/10/2015 11:44:29

Discografia:

PINTO, Aluysio de Alencar. *Torém/Ceará, documentário sonoro do folclore brasileiro, n. 30*. Rio de Janeiro: FUNARTE/MEC/Secretaria de Assuntos Culturais, 1979.

SOUSA, Marcondes Rosa de. *Escolas indígenas... não indignas!* Fortaleza, 2001a.

_____. *Desembaraçando caminhos*. Fortaleza, 2001b.

FONTELES FILHO, José Mendes. *Torém*. Almofala, CE, 2000.

TREMEMBÉ, Povo. Ô jandê. In: _____. *Cantar*. Fortaleza: UNICEF, 2001.

educação indigena CC.indd 957 26/10/2015 11:44:29

educação indigena CC.indd 958 26/10/2015 11:44:29

Bibliografia Consultada

educação indigena CC.indd 959 26/10/2015 11:44:29

educação indigena CC.indd 960 26/10/2015 11:44:29

ALMEIDA, Liduína Vidal de. *Relatório do programa de formação de professores Tremembé – Almofala/Varjota – Oficinas de Matemática*. Fortaleza, janeiro/1998. (Digitado).

BAGNO, Marcos. *Pesquisa na escola – o que é, como se faz*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

BARROS, Regina Duarte Benevides de; LEITÃO Maria Beatriz Sá; RODRIGUES Heliana de Barros Conde (Org.). *Grupos e organizações em análise*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. (Tradução).

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987. (Tradução).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. *O que é educação*. 22. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRASIL. *Constituição 1988*. Rio de Janeiro: FAE, 1989.

_____. MINISTÉRIO PUBLICO FEDERAL/CEARÁ. Processo n. 0.15.000.000727/2001 – 53. *Construção de escolas, professores, área indígena, disponibilidade, remuneração, fornecimento de material, merenda escolar*. Fortaleza, 2001. (Digitado).

CADERNOS DE SUBJETIVIDADE/Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP, v. 1, n. 1, 1993.

CARDOSO, Ruth (Org.). *A aventura antropológica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

educação indigena CC.indd 961 26/10/2015 11:44:29

CALDART, Roseli S. *Educação em movimento*: formação de educadoras e educadores do MST. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

CEARÁ/CEC. *Regimento*: a cara da escola (roteiro para elaboração). Fortaleza: [s.n.], 1996.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 1995.

CIMI. *Novo estatuto:* direito dos povos indígenas – Projeto de Lei nº 2.057/91. Brasília: CIMI/CNBB, 1998.

COMITÊ DE EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA. *Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena*. 2. ed. Brasília: MEC/SEF/DPEF, 1994.

COPIAR. *Declaração de princípios*. Manaus-AM: [s.n.], 1991.

De ANDRÉ, Marli Eliza D. A. *Etnografia da prática escolar*. 2. ed. Campinas: Papirus, 1995.

De MAIS, Domenico. *A economia do ócio*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001. (Tradução).

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988. (Tradução).

_____. e GUATTARI, Félix. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*, v. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. (Tradução).

_____. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*, v. 4. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997. (Tradução).

_____. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*, v. 5. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997. (Tradução).

_____. e PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Ed. Escuta, 1998. (Tradução).

educação indigena CC.indd 962 26/10/2015 11:44:30

DIÓGENES, Glória. *Cartografias da cultura e da violência*: gangues, galeras e movimento hip-hop. São Paulo: Annablume; Fortaleza: SECULT, 1998.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

FONTELES FILHO, José Mendes. *Notícias do magistério indígena no Ceará* [e-mail]. Fortaleza, 20/06/2001. (Digitado).

_____. *Indígenas no Ceará*. Fortaleza/CE, 2002. Disponível em: <http://www.indigenasnoceara.hpg.com.br>.

_____. *História da sexualidade, 3*: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 5. ed. Trad: Luiz Felipe Baete Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. *A ordem do discurso*. 4. ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1997.

_____. *Vigiar e punir*. 19. ed. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *Em defesa da sociedade*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *As palavras e as coisas*: uma arqueologia das ciências humanas. 8. ed. Trad: Salma Tannus Muchail. Petrópolis: Vozes, 1999.

FUNAI/DAS/DEE. *Educação intercultural indígena – Legislação*. Brasília (digitado), 1999.

GAUTHIER, Jacques. *O que é sociopoética*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1988.

educação indigena CC.indd 963 26/10/2015 11:44:30

GONÇALVES, Luiz A. e SILVA, Petronilha B. G. e. *O jogo das diferenças*: o multiculturalismo e seus contextos. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

GONÇALVES, Marco A. (Org.). *Diários de campo de Eduardo Galvão*: Tenetehara, Kaioá e Índios do Xingu. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Museu do Índio – FUNAI, 1996.

GUATTARI, Félix. *Caosmose*: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 1992.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HESS, Rèmi et SAVOYE, Antoine. *L'Analyse Institutionnelle*. Paris: Ed. PUF, 1992.

IBGE. *Mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju*. Rio de Janeiro: IBGE; Brasília: MEC. II: mapa color, 2002.

LAPASSADE, Georges. *Grupos, organizações e instituições*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.

LES CAHIERS DE L'IMPLICACION, n. 1, hiver 97/98.

LIBÂNEO, José C. *Organização e gestão da escola*: teoria e prática. Goiânia: Ed. Alternativa, 2001.

LINS, Daniel (Org.). *Cultura e subjetividade*: saberes nômades. Campinas: Papirus, 1997.

_____. Nietzsche e Deleuze: pensamento nômade. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE FILOSOFIA, 2000, Fortaleza/CE, Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: SECULT, 1997.

educação indigena CC.indd 964 26/10/2015 11:44:30

_____., COUTO, Sylvio de S. G. e VERAS, Alexandre, (Orgs.). Nietzsche e Deleuze: intensidade e paixão. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE FILOSOFIA, 1999, Fortaleza/CE, Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: SECULT, 2000.

LOUREIRO JR., Eduardo. *Uma coisa leva a outra*. Dissertação (Mestrado) FACED/UFC. Fortaleza, 1996. (digitado).

LÜDKE, Menga e De ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação*: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U, 1996.

MATO GROSSO/UNEMAT. *3º grau indígena*: projeto de formação de professores indígenas. Barra do Bugres, MT: UNEMAT; Brasília: DEDOC/FUNAI, 2001.

McCABE, Maria Alice. *História na mão*. [s.l.], 1994.

MEC/INEP. Educação Indígena. *Em Aberto*, Brasília, ano 3, n. 21, abr./jun. 1984.

_____. Educação Escolar Indígena. *Em Aberto*, Brasília, ano 14, n. 63, jul./set. 1994.

MINAS GERAIS/SEE. *A dimensão política do projeto*: implantação de escolas indígenas em MG.

MOREIRA, Antônio F. e SILVA, Tomaz T. (Orgs.). *Currículo, cultura e sociedade*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

NIETZSCHE, F. W. *O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992a.

_____. *Além do bem e do mal*: prelúdio a uma filosofia do futuro. São Paulo: Cia das Letras, 1992b.

educação indigena CC.indd 965 26/10/2015 11:44:30

_____. *Ecce homo*: como alguém se torna o que é. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Crepúsculo dos ídolos, ou, Como filosofar com o martelo*. São Paulo: Relume Dumará, 2000.

_____. *Humano, demasiado humano*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

_____. *O Anticristo*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

OLIVEIRA, João P. e LEITE, Jurandyr. C. F. (Orgs.). *Atlas das terras indígenas do Nordeste*. Rio de Janeiro: PPGAS/Museu Naciona/UFRJ, 1993.

PAIVA, Cristian Saraiva. *Sujeito e laço social*: a produção de subjetividade na arqueogenealogia de Michel Foucault. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: SECULT, 2000.

PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PETIT, H. Sandra *Rapports de pouvoir dans deux écoles communautaires au Brésil*. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Universidade de Paris VIII, Saint-Denis, 1995.

PELBART, Peter Pál e ROLNIK, Suely (Orgs.). *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da USP-SP, v.1, n.1, 2002.

PINHEIRO, Joceny (Org.). *Ceará terra da luz, terra dos índios*: história, presença, perspectiva. Fortaleza: Ministério Público Federal, FUNAI; IPHAN, 2002.

PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. Fontes inéditas para a história indígena no Ceará. *Caderno do NEPS*, Fortaleza, UFC, n. 20, 1992.

RIBEIRO, Darcy. *Diários índios*: os Urubu-Kaapor. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

educação indigena CC.indd 966 26/10/2015 11:44:30

SANTOS, Antônio Raimundo dos. *Metodologia científica*: a construção do conhecimento. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000.

SANTOS, Milton. *Território e sociedade:* entrevista com Milton Santos. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *O sujeito da educação:* Estudos Foucaultianos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. *Nunca fomos humanos:* nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SINGER, Helena. *República de crianças:* sobre experiências escolares de resistência. São Paulo: HUCITEC, 1997.

TARDIF, Maurice e LESSARD, Claude. *Le travail enseignant au cotidien*: Contribution à l'étude du travail dans lês métiers et lês professions d'interactions humaines. Québec: Lês Presses de l'Université Laval, 1999.

VERÍSSIMO, Maria Elisa Z. *et al*. *Projeto*: diagnóstico ambiental e da qualidade de vida dos Tremembé de Almofala – Município de Itarema – CE. Fortaleza: Departamentos de Geografia e Saúde Comunitária/UFC, 2000.

Documentos Gerais:

CAPOIB. *Capoib – avaliação de um caminho percorrido juntos*. Luziânia, GO, 1995.

CEARÁ. Governo do Estado. Decreto n. 25.970, de 31 de julho de 2000. Cria as escolas indígenas e dá outras providências. *Diário Oficial do Estado*, Fortaleza, série 2, ano III, n. 147. 02 ago. 2000.

_____. SEDUC. *Termo de convênio que entre si celebram, de um lado, o governo do Estado do Ceará, através da Secretaria de Educação Básica e do outro lado, o Conselho Indígena dos Tremembé de Almofala, para o fim que nele se declara*. Fortaleza: SEDUC, 2000.

educação indigena CC.indd 967 26/10/2015 11:44:30

_____./CEC – Câmara da Educação Superior, Planejamento e Legislação, 1996. *Parecer 1464/96 – Responde à consulta da Secretaria de Educação do Estado do Ceará sobre o conteúdo do "Projeto: Educação Escolar Indígena"*. Fortaleza, novembro/1996.

_____. SEDUC. *Planejamento das ações de educação escolar indígena no Ceará*. Fortaleza, 1999. (Digitado).

_____. CDTP/NFE/NDC. *Projeto do curso de formação para o magistério indígena – versão preliminar*. Fortaleza, 2001. (Digitado).

_____. Coordenadoria de Desenvolvimento Educacional. Parecer n. 58, de 16/07/97. *Discorre sobre a abertura de concurso para professor indígena*. Fortaleza, 1997. (Digitado).

_____. Coordenadoria de Planejamento e Modernização Institucional. *Educação Indígena* [projeto financeiro]. Fortaleza, 1997. (Digitado).

FACED/UFC. Diretoria. Portaria n. 011/02, de 26 de junho de 2002. Fortaleza, 2002. (Digitado).

FUNAI – FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. *Conclusões da OFICINA DE EDUCAÇÃO do I Workshop Sobre Práticas Indigenistas no Leste e Nordeste*. Carpina-PE, 16 a 21 de março de 97. (Digitado).

LACERDA, Rosane F. *O município de Pesqueira e as escolas na área indígena Xukuru*. Recife, 1994. (Digitado).

MATO GROSSO/SEE. Coord. de Assuntos Indígenas. *Projeto Tucum – programa de formação de professores indígenas para o magistério*. Cuiabá, MT, 1995. (Digitado).

MEC/SEF. *Referencial curricular nacional para as escolas indígenas*. Brasília, 1998.

_____. DPEF. Diretrizes para a política nacional de educação indígena. *Cadernos de Educação Básica*. Brasília, 1994. (Série Insitucional, v. 2).

educação indigena CC.indd 968 26/10/2015 11:44:30

MENDES, Evaldo e MONTEIRO, Karla V. C. *Discussão sobre funcionamento, gestão e concepção de educação escolar indígena*. Almofala, CE, 1997. (Digitado).

MONTEIRO, Karla V. C. e SOUSA, Ivo (Orgs.). *Formação de professores tremembé – Saúde da criança tremembé*. Almofala, CE: CITA, 1998. (Digitado).

_____. *Relatório da III etapa do programa de formação de professores Tremembé*. Fortaleza, 1997. (Digitado).

_____. *Carta ao Bispo Adriel*. Fortaleza, 07 de maio de 1998. (Digitado).

_____. *IV etapa do programa de formação de professores Tremembé – Período: 20/02 a 28/03/98*. Fortaleza, 1998. (Digitado).

_____. *Relatório sobre o 2º período do curso de Matemática do programa de formação de professores Tremembé*. Fortaleza, 1998. (Digitado).

OT [pseudo]. *Programa de formação de professores Tremembé* – Caderno de orientações pedagógicas do professor. Fortaleza, 1997a. (Digitado).

_____. *Programa de formação de professores Tremembé de Almofala – II Semestre/97*. Fortaleza, 1997b. (Digitado).

_____. *Relatório do Programa de formação de professores Tremembé de Almofala – I Semestre/97*. Fortaleza, 1997c. (Digitado).

PORTO ALEGRE, M. Sylvia. *Parecer técnico*: projeto educação escolar indígena. Fortaleza, 1996. (Digitado).

SÃO PAULO/SEE. *Educação indígena em São Paulo*. São Paulo: SEE-SP/MEC, 1999.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS –SEE. *Implantação de Escolas Indígenas em Minas Gerais:* a dimensão político-pedagógica do projeto. Belo Horizonte: [s.n.s.d.].

educação indigena CC.indd 969 26/10/2015 11:44:31

TAPEBA/PITAGUARY/JENIPAPO-KANINDÉ, Professores. *Carta ao Secretário de Educação de Educação Básica no Estado do Ceará*. Fortaleza, agosto/2001 (digitado).

Universidade Federal do Ceará et al. *Projeto Magister*. Fortaleza, 2000. (Digitado).

Documentos Tremembés:

CITA. *Estatuto do Conselho Indígena dos Tremembé de Almofala – CITA*. [Registrado no 1º Cartório de Acaraú/CE, sob n. 258, fls. 459 do livro A-3b]. Almofala, 15/06/96.

CITA. *Ata da assembléia extraordinária do dia 08/06/2000* [pedido de prorrogação de mandato da diretoria]. [Registrada no Cartório Felipe Rocha, de Acaraú/CE, sob n. 506, fls. 200 do livro A-5]. Almofala, 2000.

MARCIANO, J. Evandro *et al. Carta aos parceiros do curso de Magistério Indígena Tremembé*. Fortaleza, 2001.

NASCIMENTO, Francisco Marques *et al. Carta aberta dos povos e organizações indígenas no Ceará pela revogação do Decreto 1775/96*. Fortaleza, 1996.

_____. *Carta ao Procurador da Procuradoria do Estado do Ceará* [sic]. Almofala, CE, 2002.

NASCIMENTO, Raimunda Marque do. *Diário pessoal*. Almofala, CE, 1992. (Manuscrito).

NASCIMENTO, Tarcísio *et al. Relatório do Grupo Tremembé da Praia de Almofala*. Almofala, CE, 2001. (Manuscrito).

S/A: *Regimento interno do Conselho Distrital de Saúde Indígena do Ceará*. [s.l, s.d.]. (Digitado).

educação indigena CC.indd 970 26/10/2015 11:44:31

SANTOS, José Getúlio *et al. Carta dos professores e lideranças tremembé à Coordenação Geral de Apoio às Escolas Indígenas (CGAEI)/MEC*. Almofala, CE, 2001.

SANTOS, José Vicente *et al. Carta dos professores tremembés aos consultores do Curso de Magistério Indígena Tremembé*. Almofala, CE, 2002.

TREMEMBÉ/TAPEBA/PITAGUARY/JENIPAPO-KANINDÉ, Povos. *Comunicado ao Conselho de Educação do Estado do Ceará – Sra. Sônia Nobre* [sic]. Fortaleza, 2001.

Jornais Locais:[1]

JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE. *Estado tem projeto para educação do povo indígena*. Fortaleza, 17 abr. 97.

_____. *Obstáculo:* Analfabetismo entre Tremembés. Fortaleza, 17 abr. 1997.

_____. *Encontro discute educação indígena*. Fortaleza, 11 abr. 1999, Seção Cidade, p. 13.

_____. *LBV doa 79 kits escolares para crianças da tribo Tapeba*. Fortaleza, 11 abr. 1999, Seção Cidade, p. 13.

_____. *Escolas indígenas recebem kits escolares da LBV*. Fortaleza, 18 abr. 1999, Seção Mensagem da LBV, p. 6.

_____. *Curso de magistério forma cem professores indígenas*. Fortaleza, 24 jul. 2001, Seção Cidade.

[1] Esta relação de jornais constitui-se tão somente uma parte dos artigos consultados, privilegiando as versões impressas, deixando praticamente fora as versões disponíveis na Internet, conforme havia anunciado no capítulo 1. Entre outras razões, por ainda não ter organizado todo o banco de dados produzido na pesquisa.

educação indigena CC.indd 971 26/10/2015 11:44:31

_____. *Romaria dos Pitaguary homenageia Santo Antônio*. Fortaleza, 13 jun. 97.

_____. *Tribos indígenas discutem as metas para os próximos anos*. Fortaleza, 19 nov. 1998, Seção Cidade.

_____. *Raízes:* Educação indígena é debatida em seminário. Fortaleza, 22 nov. 1998, Seção Cidade.

JORNAL O POVO. *Resgate secular.* Fortaleza, Editorial, 08 abr. 1997.

_____. *Educação indígena e a importância das diversidades culturais, foi o tema discutido durante a sessão*. Fortaleza, 12 abr. 1997.

_____. *Índios usam educação para tentar resistência*. Fortaleza, 05 maio 1997.

_____. *Balé Edisca ajuda a arrecadar alimentos*. Fortaleza, 05 maio 1997.

_____. *Cenas do cotidiano na tribo Tapeba*. Fortaleza, 05 maio 1997.

_____. *Exposição Tremembé*. Fortaleza, 15 jun. 1997.

_____. *Gengibre dos Tupinambás*. Fortaleza, 22 jun. 1997.

_____. *Tremembés estudam para manter tradições.* Fortaleza, 23 jun. 1997, p.14A.

_____. *Escola preserva cultura indígena*. Fortaleza, 05 jul. 1997.

_____. *Escola ensina crianças a preservar cultura indígena*. Fortaleza, 05 jul. 1997, Seção Cidades.

_____. *Experiência pretende resgatar auto-estima*. Fortaleza, 05 jul. 1997, Seção Cidades.

educação indigena CC.indd 972 26/10/2015 11:44:31

_____. *Histórias e rituais são repassados aos alunos*. Fortaleza, 05 jul. 1997, Seção Cidades.

_____. *Escola Diferenciada Tapeba em Caucaia funciona precariamente*. Fortaleza, 26 set. 1998, Seção Cidades, p. 17A.

_____. *Do jeito dos índios*. Fortaleza, Disponível em: *www.opovo.com.br*. Acesso em: 28 nov. 1998, Seção Vida & Arte.

_____. *Identidade*. Fortaleza, 29 out. 1999, capa.

_____. *Cidadania:* Tribos investem em educação para defender cultura indígena. Fortaleza, 29 out. 1999, Seção Cidades, p. 9A.

_____. *Comunidades são pesquisadas*. Fortaleza, 29 out. 1999, Seção Cidades, p. 9A.

_____. *Seminário aborda ensino para índios*. Fortaleza, 29 out. 1999, Seção Cidades, p. 9A.

_____. *Todo dia é dia de índio*. Fortaleza, 15 abr. 2000, Caderno Clubinho, capa e p. 15 a 18.

_____. *Educação*: Em busca de identidade. Fortaleza, 16 abr. 2000, p. 12A.

_____. *Educação:* Liderança tapeba resgata a cultura e tradições indígenas. Fortaleza, 16 abr. 2000, p. 12A.

_____. *Educadores indígenas terão salários a partir de R$200,00*. Fortaleza, 25 jul. 2000, p. 5A.

_____. *Escola indígena iluminada com energia solar*. Fortaleza, 07 out. 2000, capa.

educação indigena CC.indd 973 26/10/2015 11:44:32

_____. *Projeto instala energia nas casas dos Tremembés*. Fortaleza, 07 out. 2000, p. 8.

_____. *Índios terão curso de magistério*. Fortaleza, 22 jul. 2001.

_____. *Escola, um programa de índio*. Fortaleza, 29 jul. 2001, caderno Vida & Arte, p. 4-5.

_____. *Pitaguarys I – Ensino diferenciado para resgatar memória*. Fortaleza, 04 mar. 2002, p. 7.

_____. *Magistério indígena oferece formação específica*. Fortaleza, 04 mar. 2002, p. 7.

_____. *Escola para manter cultura*. Fortaleza, 21 mar. 2002, p.11.

_____. *Precariedade no ensino de crianças indígenas*. Fortaleza, 19 abr. 2002, capa.

_____. *A guerra dos curumins*. Fortaleza, 19 abr. 2002, p. 8.

_____. *Passos na marcação da maraca*. Fortaleza, 19 abr. 2002, p. 8.

_____. *Preservação*. Fortaleza, 19 abr. 2002, p. 9.

_____. *Atenção à saúde desde cedo*. Fortaleza, 19 abr. 2002, p. 9.

_____. *Seminário discute terra dos índios*. Fortaleza, 19 abr. 2002, p. 10.

_____. *Reze-se pelos curumins*. Fortaleza, 20 abr. 2002, Editorial.

JORNAL TRIBUNA DO CEARÁ. *Salário – Educação indigenista pede concurso para professores*. Fortaleza, 08 jul. 1997, 16B.

_____. *Índios querem concurso*. Fortaleza, 14 jul. 1997.

educação indigena CC.indd 974 26/10/2015 11:44:32

_____. *Educação*: Escola resgata cultura indígena. Fortaleza, 16 mar. 1998, Caderno B "Dia-a-Dia", capa.

_____. *Índios debatem educação e pedem posse da terra*. Fortaleza, 20 nov. 1998, capa.

_____. *Projeto de Educação*. Fortaleza, 20 nov. 1998, p. 14B.

LACERDA, Cecília. *O Índio e a Educação no Brasil*. O Povo, Fortaleza, 15 abr. 1997, Seção Opinião, p. 7A.

_____. *Índio nas escolas do branco*. O Povo, Fortaleza, 16 abr. 2000, Seção Opinião, p. 7A.

MARSHALL, Regina: *Dia de Índio*. Diario do Nordeste, Fortaleza, 18 ago. 1999.

MINDLIN, Betty. *A diferença cultural como questão política*. O Povo, Fortaleza, 15 abr. 1997, seção Opinião, p. 7A.

MOSER, Pe. Chico. *Educação indígena como referencial*. O Povo, Fortaleza, 15 abr. 1997, seção Opinião, p. 7A.

OLIVEIRA, José Cordeiro: *uma escola para os índios*. Diario do Nordeste, Fortaleza, 24 fev. 1997, p. 2.

Sites Na Internet:

INDÍGENAS NO CEARÁ: www.indigenasnoceara.hpg.com.br

Funai: www.funai.gov.br

MUSEU DO ÍNDIO: www.museudoindio.org.br

educação indigena CC.indd 975 26/10/2015 11:44:32

INSTITUTO SÓCIO-AMBIENTAL: www.socioambiental.org

MEC: www.mec.gov.br

Seduc: www.seduc.ce.gov.br

educação indigena CC.indd 976 26/10/2015 11:44:32

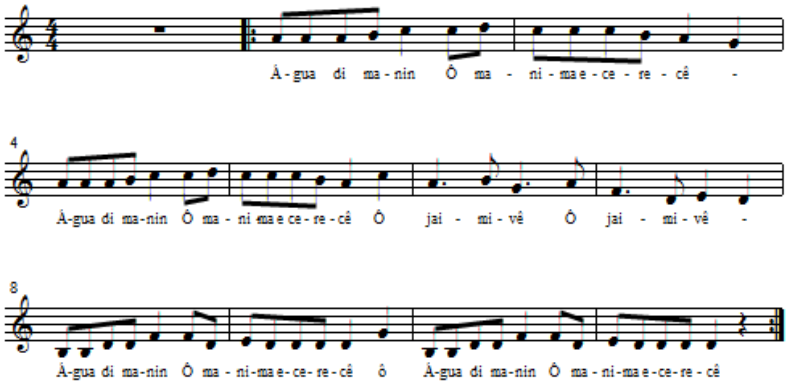
Anexos

educação indigena CC.indd 977 26/10/2015 11:44:32

educação indigena CC.indd 978 26/10/2015 11:44:32

Partitura da Música Àgua di Manin

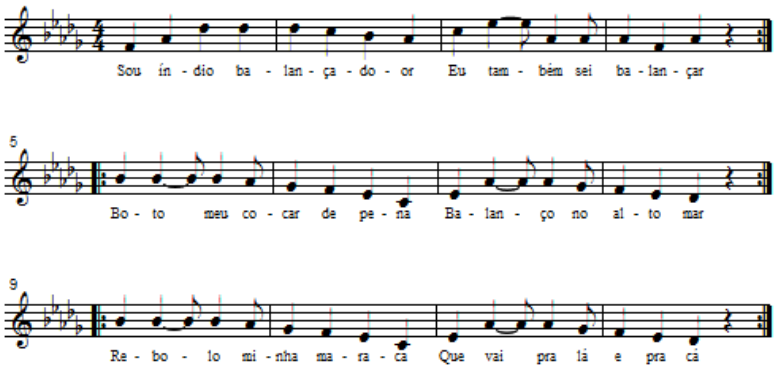
Água di Manin

Autores: Tremembé de Almofala
Transcrição: Lucile Horn e Luciana

educação indigena CC.indd 979 26/10/2015 11:44:32

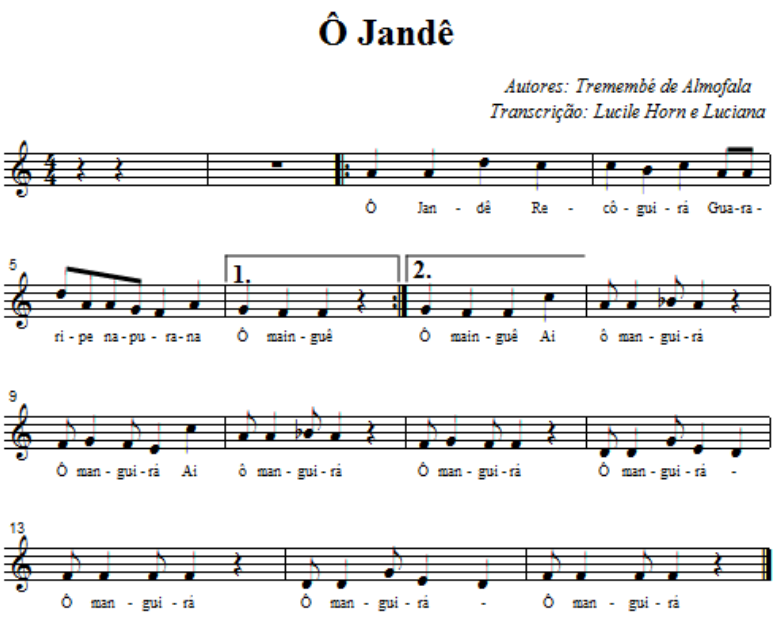
Partitura da Música Indio Balançador

Índio Balançador

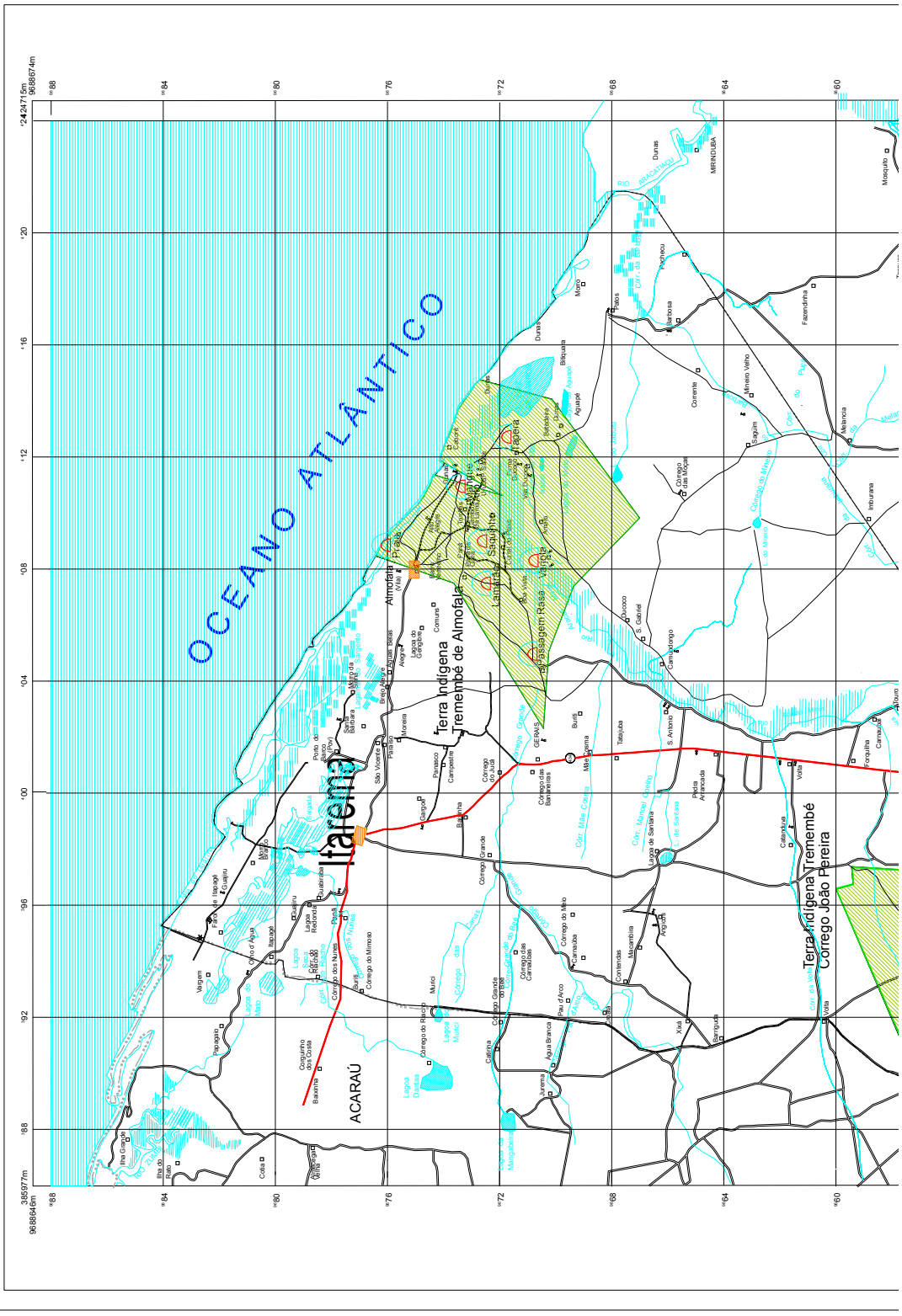
Autores: Tremembé de Almofala
Transcrição: Lucile Horn e Luciana



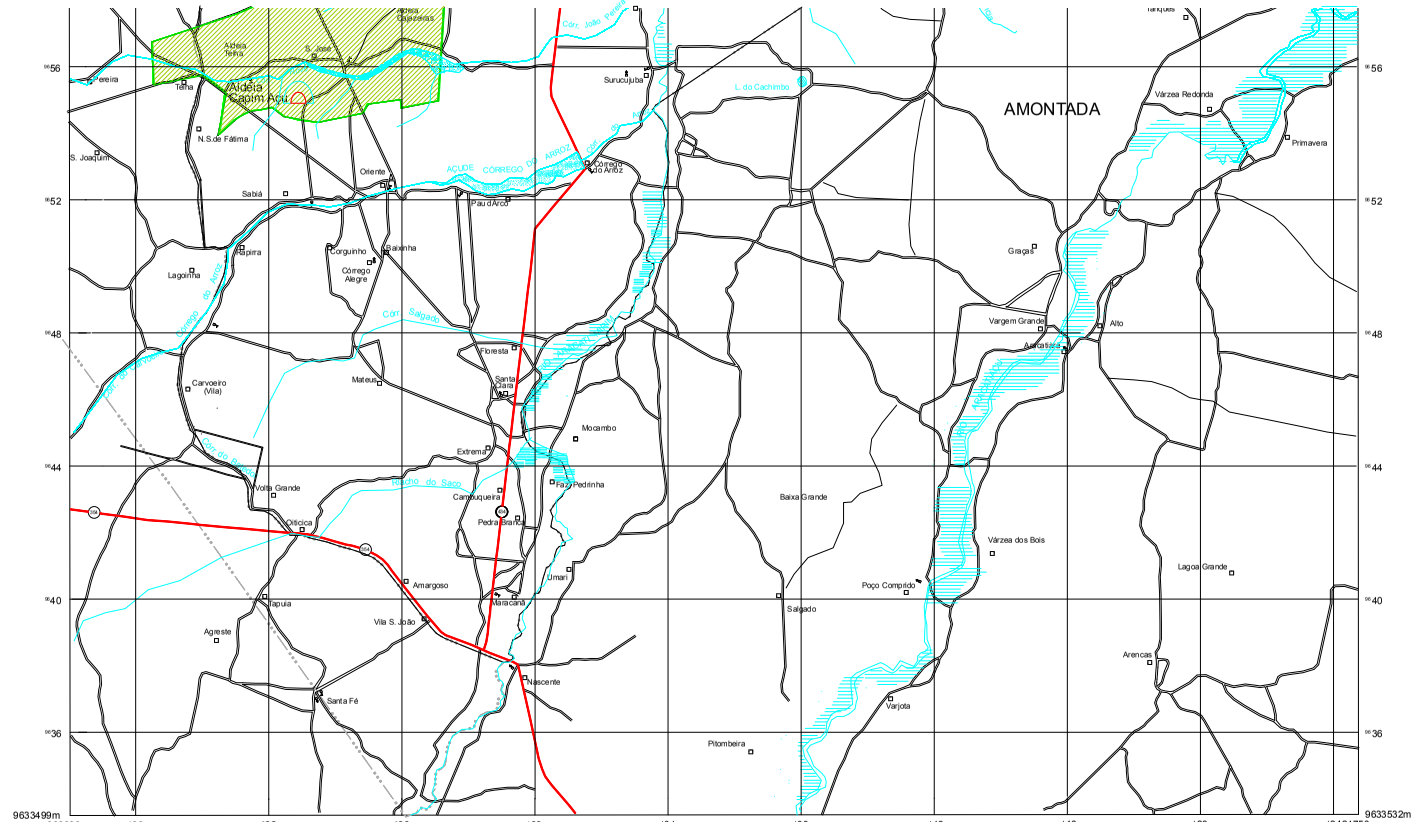
educação indigena CC.indd 980 26/10/2015 11:44:32

Partitura da Música Ô Jande

educação indigena CC.indd 981 26/10/2015 11:44:32

Mapa Das Escolas Tremembés


ESCOLAS INDÍGENAS TREMEMBÉ Município - Itarema - CE
OCEANO ATLANTICO
Itarema
ACARAÚ
Terra Indígena Tremembé de Almofala
Terra Indígena Tremembé Córrego João Pereira
Almofala (Vila)
Praia
Lagoa Grande
Lagoa Redonda
Lagoa Dantas
Lagoa Muriçi
Lagoa do Meio
Lagoa de Santana
Córrego Grande
Córrego do Meio
Córrego do Mineiro
Córrego das Moças
Córrego das Bananeiras
Córrego dos Carnaúbas
Córrego do Mimoso
Córrego do Riacho
Córrego das Panelas
Córrego dos Nunes
Córrego da Baixinha
Córrego do Mangabeira
Rio Aracatiaçu
Rio Munguba
Rio Jacaré
Rio Guaju
Rio Jaguaribe
Rio Coreaú
Rio Acaraú
Rio Parnaíba
Rio Timonha
Rio Ubatuba
Rio Ipu
Rio Poti
Rio Gurguéia
Rio Piauí
Rio Canindé
Rio Longá
Rio Itapecuru
Rio Mearim
Rio Pindaré
Rio Grajaú
Rio Tocantins
Rio Araguaia
Rio Xingu
Rio Iriri
Rio Curuá
Rio Amazonas
Rio Negro
Rio Solimões
Rio Juruá
Rio Purus
Rio Madeira
Rio Tapajós
Rio Jamanxim
Rio Tapirapé
Rio Javaés
Rio Formoso
Rio Urucuia
Rio Paranaíba
Rio Grande
Rio Paraná
Rio Paraguai
Rio Tietê
Rio Paranapanema
Rio Iguaçu
Rio Uruguai
Rio Ibicuí
Rio Jacuí
Rio Taquari
Rio Caí
Rio Pardo
Rio Vacacaí
Rio Ijuí
Rio Piratini
Rio Camaquã
Rio Negro
Rio Branco
Rio Tacutu
Rio Mucajaí
Rio Uraricoera
Rio Parima
Rio Orinoco
Rio Caroni
Rio Paru
Rio Jari
Rio Oiapoque
Rio Uaupés
Rio Içana
Rio Vaupés
Rio Papuri
Rio Tiquié
Rio Apaporis
Rio Caquetá
Rio Putumayo
Rio Napo
Rio Marañon
Rio Ucayali
Rio Urubamba
Rio Madre de Dios
Rio Beni
Rio Mamoré
Rio Guaporé
Rio Paraguai
Rio Pilcomayo
Rio Bermejo
Rio Salado
Rio Colorado
Rio Negro
Rio Chubut
Rio Deseado
Rio Santa Cruz
Rio Gallegos
Rio Chico
Rio Grande
Rio Cullen
Rio Pinturas
Rio Baker
Rio Aysen
Rio Cisnes
Rio Palena
Rio Yelcho
Rio Futaleufu
Rio Puelo
Rio Petrohue
Rio Maipo
Rio Mapocho
Rio Aconcagua
Rio Loa
Rio Salado
Rio Lauca
Rio Desaguadero

educação indígena CC.indd 983 26/10/2015 11:44:35



CIDADE

NOME LOCAL

Localidade, propriedade rural

Igreja. Escola. Cemitério

Farol

Escola Indígena

Rodovias

pavimentada

sem pavimentação

sem pavimentação

caminho carroçável

trilha, caminho e picada

prefixo de estrada: federal, estadual

permanente
periódico

CONVENÇÕES TEMÁTICAS

Limite Municipal

Limite Reserva Indígena

ELEMENTOS DE HIDROGRAFIA

Curso d'água intermitente

Lago ou lagoa intermitente

Terreno sujeito a inundação. Salina

Brejo ou pântano

Poço (água). Nascente

Rápidos e cataratas grandes

Rápidos e cataratas

Rocha submersa e a descoberto

Molhe e represa: terra e alvenaria

Ancoradouro. Rio seco ou de aluvião

Recife rochoso

ESCALA 1:100.000

2.000 m 0 2.000 m 4.000 m 6.000 m

LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO

DIVISÃO ADMINISTRATIVA

DISTRITO

ITAREMA
ALMOFALA
CARVOEIRO

ASPECTOS FÍSICOS

Mesorregião : NOROESTE CEARENSE

Microrregião : LITORAL DE CAMOCIM E ACARAU

Coordenadas da Sede

Latitude : -2°55'12.0 Longitude :-39°54'54.0

SISTEMA DE PROJEÇÃO UTM
DATUM HORIZONTAL: SAD69

Mapa Municipal elaborado em ambiente digital pela junção das folhas do mapeamento sistemático em formato matricial (raster) e referenciado pelo método "projetive".

Data de Execução : 18/05/2001
Data de Atualização: 11/02/2003
Impressão : 13/02/2003

RESPONSÁVEIS PELA ELABORAÇÃO

Planejamento,organização e elaboração Washington Luiz / Geraldo Landovsky

Estrutura territorial : DETRE

Atualização : Washington Luiz / Geraldo Landovsky

FONTE: IBGE / FUNAI.

MÚSICAS TREMEMBÉS

ANEXO DA TESE **SUBJETIVAÇÃO E EDUCAÇÃO INDÍGENA**
POR: *JOSÉ MENDES FONTELES FILHO*

Maio/2003

CONTEÚDO:

1. *ÁGUA DI MANIN*
2. *Ô JANDÊ*
3. *CANUNGÁ*
4. *DJIPARANA VIDJU*
5. *BRANDIN POTI*
6. *ÍNDIO BALANÇADOR*
7. *O NÓ*
8. *O CAÇADOR*
9. *LAGOA DA CAMBOA*
10. *MATURIS VÃO FLORAR*
11. *NO SOM DO MARACÁ*
12. *PANCADA DO MAR*
13. *VEM COMIGO NAMORAR*
14. *ANJO LINDO*
15. *BRINCAR DE RODA*
16. *PEGA-PEGA*

ESTE CD CONTÉM UMA PEQUENA AMOSTRA DA PRODUÇÃO MUSICAL TREMEMBÉ, EM PERÍODOS E SITUAÇÕES DIVERSIFICADAS DA EXISTÊNCIA SOCIAL DO GRUPO.

AS FAIXAS DE Nº 1 AO 5 SÃO MÚSICAS ANTIGAS DO TORÉM, CANTADAS NA LÍNGUA TREMEMBÉ. AS FAIXAS 6 E 7 SÃO PARTE DA INESGOTÁVEL PRODUÇÃO ATUAL DE CANÇÕES PARA O TORÉM, COMPOSTAS SOBRETUDO POR JOÃO VENANÇA, CACIQUE, E DANDÃO DA BATEDEIRA. TODAS ELAS FORAM GRAVADAS EM DEZ/2000, POR TONIO VARGAS, COM O APOIO DE ANDRÉ MOURA, SOB MINHA DIREÇÃO MUSICAL. AS OUTRAS FAIXAS, 9 A 16, SÃO CRIAÇÕES COLETIVAS DOS PROFESSORES, REALIZADAS DURANTE A DISCIPLINA ARTES, DO CURSO DE MAGISTÉRIO INDÍGENA TREMEMBÉ, SENDO QUE AS TRÊS ÚLTIMAS FAIXAS SE DESTINAM À ANIMAÇÃO DE CRIANÇAS, ESPECIFICAMENTE.

A PROFª ÂNGELA LINHARES, QUE MINISTROU A DISCIPLINA, E EU FIZEMOS A DIREÇÃO MUSICAL DA GRAVAÇÃO DAS FAIXAS 9 A 13. FUI O TÉCNICO DE GRAVAÇÃO DESTAS FAIXAS, BEM COMO DAS FAIXAS RESTANTES, DAS QUAIS FIZ TAMBÉM A DIREÇÃO MUSICAL. FIZ A EXECUÇÃO DO VIOLÃO, COM EXCEÇÃO DA FAIXA 13, EM QUE É EXECUTADO POR EVANDRO, PROFESSOR TREMEMBÉ. A PERCUSSÃO FOI FEITA POR VÁRIOS DOS TREMEMBÉS, COM A PARTICIPAÇÃO ESPECIAL DE SOLANGE PEREIRA, DA IGREJA METODISTA, NAS FAIXAS 9, 12 E 13, E MINHA NA FAIXA 11.

BABI FONTELES

Este livro é resultado de minha tese de doutorado, defendida em maio de 2003, tendo se constituído o primeiro trabalho do gênero no Nordeste e um dos pioneiros no Brasil. Nela, são analisados *os processos atuais de* subjetivação dissidente, *isto é, de autonomização e singularização experienciados pelos povos indígenas no Ceará*, tendo como referência o campo de produção das escolas diferenciadas. Meu objetivo prático era realizar *uma ação concreta de apoio às lutas do movimento indígena local*. Assim, desde os primórdios, ainda em nível das idéias, este trabalho teve intenções e desdobramentos éticos e políticos, quais sejam, a contribuição direta no fortalecimento das lutas dos povos indígenas. Neste caso, por meio de intervenções na *educação diferenciada indígena*, e mais especificamente, na formação de professores das escolas indígenas, em pleno movimento de gestação.

Este livro quer ainda se constituir como registro de um capítulo recente da história da educação e das lutas desses povos no Ceará e no Brasil. Mas pretende ir além: deseja fortalecer no leitor a convicção de que a educação pode contribuir *nos processos de subjetivação dissidentes*, que potencializam os sujeitos e suas coletividades para se assumirem como protagonistas do próprio destino, transformando suas vidas, como reza a máxima do poeta quando diz: "Gente é prá brilhar, e não prá morrer de fome" (C. Veloso).

Babi Fonteles

9 878857 286686